

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC**

**CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**LITERATURA BRASILEIRA E TEORIA LITERÁRIA**

**A INVENÇÃO DO INIMIGO**

Literatura e fraternidade

**Raul José Matos de Arruda Filho**

Florianópolis, SC, 2008.

**RAUL JOSÉ MATOS DE ARRUDA FILHO**

**A INVENÇÃO DO INIMIGO**

Literatura e fraternidade

Tese apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras – Literatura Brasileira e Teoria Literária, da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, visando a obtenção do título de Doutor em Teoria da Literatura.  
Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Tânia Regina Oliveira Ramos.

**Florianópolis, SC, 2008.**

Tudo o que escrevo é para o Dmitri, síntese do meu relato:

*i carry your heart with me (i carry it in  
my heart) i am never without it.*

## **AGRADECIMENTOS**

Sem a existência de algumas bibliotecas, bem como a paciência e o conhecimento dos que nelas trabalham, este estudo não poderia ter sido concluído. Impossível aquilatar a importância da ajuda que recebi na Biblioteca Central da UFSC, na Biblioteca da Universidade do Planalto Catarinense (Uniplac), na Biblioteca Pública de Lages e na Biblioteca do Serviço Social do Comércio (SESC) – Centro de Atendimento de Lages.

Sem a paixão de alguns professores de literatura parte de minha vida teria sido em vão. Guardo – como se fosse uma benção – alguns dos conselhos que recebi de Vânia Albuquerque e Anamari Hauffe Teixeira. Em especial, tenho dívida particular com Nereu de Lima Goss (1924-2004), que, embora nunca tenha exercido cátedra acadêmica, foi o meu grande Mestre.

Carlos Fernando Agustini, pela amizade, pelo estímulo intelectual e pelas centenas de livros que me emprestou, merece mais do que duas linhas de agradecimento.

Sem a ajuda de alguns amigos – que discordaram de algumas idéias e, combinando o óbvio e o complexo, me mostraram erros e caminhos –, escrever este texto seria uma aventura inconseqüente. Gratidão eterna é o mínimo que posso oferecer para Márcia Frozza, Edson Vanderlei Rosar, Cleimon Eduardo Amaral Dias, Laeticia Jensen Eble, Salete Lópes Antônio, Luis Carlos Cancellier Olivo, João e Maria Rath de Oliveira, Márcio Camargo Costa e Paulo Ramos Derengoski.

De significativa importância foram as diversas sugestões efetuadas pelos Professores Doutores Cláudio Celso Alano da Cruz e Pedro de Souza, membros da banca de qualificação. Grato.

O carinho e o incentivo que recebi de Elba Maria Ribeiro, meu anjo da guarda favorito, jamais poderei retribuir. Mesmo assim, continuarei a lhe dizer, sem me cansar: muito obrigado!

Orientar é mostrar caminhos e armadilhas, discutir, discordar, desconstruir e incentivar. A Professora Doutora Tânia Regina Oliveira Ramos consegue reunir todas essas virtudes (e muitas outras!), possibilitando tranquilidade e amizade para aqueles que com ela trabalham.

## RESUMO

A história das relações familiares revela que a hostilidade, a agressão e a insensatez são práticas cotidianas, banalizadas pela frequência com que ocorrem. Em sentido oposto, o discurso social nega essa retomada à barbárie e sustenta a unidade familiar através da solidariedade e da amizade.

A literatura costuma representar essa contradição de uma forma pouco espessa, quase que a querer fugir da discussão. No entanto, poucas vezes consegue omitir o quanto há de desencontro entre os integrantes do universo familiar: o conflito entre o indivíduo e o Outro está aquém da divergência de linguagens ou de objetivos.

Na cronologia dos conflitos familiares, as fratrias compõem um especial recorte. Na literatura brasileira e portuguesa o tema é abordado inúmeras vezes, destacando algumas particularidades fraternas: a rivalidade, o egoísmo, a inveja, a disputa pela progenitura, a figura paterna,...

*A invenção do inimigo – literatura e fraternidade* se concentra em três romances escritos em língua portuguesa, *Esau e Jacó* (Machado de Assis), *Pedro e Paula* (Helder Macedo) e *Dois irmãos* (Milton Hatoum), procurando comprovar uma questão que é constantemente negada: cada um dos irmãos inventa no outro o inimigo.

## ABSTRACT

The familiar relations history discloses that the hostility, the aggression and the foolishness are daily experiences, trite for the frequency that they occur. In other hand, the social speech denies this retaken to the barbarism and supports the familiar unit through solidarity and friendship.

Literature use to represent this contradiction in a little thick form, almost that to running away from the discussion. However, few times get to omit how much it has of failure in meeting between the familiar universe integrants: the conflict between the individual and the Other is on this side of the language or objective divergencies.

In the familiar conflicts chronology, the brothers and sisters relationship compose a special clipping. In Brazilian and Portuguese literature the subject is innumerable times boarded, detaching some fraternal particularities: the rivalry, the egoism, the envy, the progeneration dispute, the paternal figure...

*A invenção do inimigo – literatura e fraternidade* is concentrated in three novels written in Portuguese language, *Esau e Jacó* (Machado de Assis), *Pedro e Paula* (Helder Macedo) e *Dois irmãos* (Milton Hatoum), looking for to prove a question that constantly is denied: each one of the brothers and sisters invents in the other the enemy.

– *Costumo pensar nesta casa como um barco. Um velho navio a vapor cortando a custo a lama pesada de um rio. A floresta imensa. A noite em volta.* – Félix disse isso e baixou a voz. Apontou num gesto vago os vagos livros: – *Está cheio de vozes, o meu barco.*

**José Eduardo Agualusa:** *O vendedor de passados.*

– *Sozinho?*  
– *Não. Tenho um irmão.*  
– *Onde ele está... esperando pelo piquenique?*  
– *Isso mesmo... é exatamente isso. (...) Talvez eu lhe conte algum dia, quando puder contar e você quiser ouvir.*  
– *Vou querer ouvir. Devoro histórias como se fossem uvas.*

**John Steinbeck:** *Vidas Amargas (A leste do Éden).*

*Ter um irmão ou uma irmã, senhora, não suaviza a alma, é o que me ensinou a vida. Eu tinha oito irmãos, alguns eram tímidos, outros desembaraçados, uns bons e outros não tão bons. Nós estávamos sempre roçando uns nos outros como pedras dentro de um balde, mas arenito continuou sendo arenito e quartzo continuou quartzo.*

**John Updike:** *Gertrudes e Cláudio.*

*“Sou favorável à heresia de Caim”, costumava dizer com frequência.*  
*“Deixo que meu irmão vá para o inferno à sua maneira.”*

**Robert Louis Stevenson:** *O médico e o monstro.*

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>09</b>
<b>CAPÍTULO I – Estabelecendo as bases da fraternidade .....</b>	<b>19</b>
1 – Notas sobre o mito .....	20
1. 1 – Uma história .....	21
1. 2 – Mitologias .....	27
2 – A usurpação da identidade e a literatura .....	49
3 – Os duplos do duplo .....	57
4 – Elementos da tragédia: a família e os irmãos .....	67
<b>CAPÍTULO II – Inventário (a fraternidade na literatura brasileira) .....</b>	<b>85</b>
1 – A disputa pela primogenitura .....	87
2 – Os gêmeos .....	161
3 – Diferenças sexuais (irmão x irmã) .....	183
4 – Fraternidade feminina .....	212
5 – O meio-irmão.....	247
<b>CAPÍTULO III – Três romances, três histórias, três desencontros .....</b>	<b>266</b>
<b>ESAÚ E JACÓ .....</b>	<b>271</b>
a) Pedro e Paulo .....	272
b) Do Império à República .....	334
<b>PEDRO E PAULA .....</b>	<b>364</b>
<b>DOIS IRMÃOS .....</b>	<b>420</b>
a) As marcas da diferença .....	421
b) Ruínas de outra ordem .....	462
c) Procurando pelo pai .....	501
<b>O QUE AINDA NÃO FOI DITO (ou as Considerações Finais – dessas que nada consideram, tampouco são finais) .....</b>	<b>516</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>538</b>



## INTRODUÇÃO

Se a vida pudesse ser recortada e em um fragmento fosse possível visualizar toda uma sequência de eventos, a cena em que a Consulesa Elisabeth Kröger Buddenbrook, personagem do romance *Os Buddenbrooks* <sup>1</sup>, observa – mais uma vez – o quanto existe de desencontro entre os seus filhos Thomas e Christian, seria suficiente para mostrar que algumas das questões mais significativas da estrutura familiar estão amalgamadas nos pequenos detalhes. Em um rápido monólogo interior, a Consulesa, preocupada com o valor agregado às palavras que são pronunciadas, <sup>2</sup> exprime um pouco da repugnância que a realidade gera nas pessoas mais sensíveis: *Existem muitas coisas feias neste mundo* <sup>3</sup>. Em seguida, como compete a uma senhora educada pelos valores da ética e da etiqueta burguesa, complementa a linha de pensamento, confirmando que preservar algumas ligações familiares constitui significativos elementos de um compromisso e de uma postura social: *É até possível que irmãos se odeiem e se desprezem; isso acontece, embora pareça horroroso. Mas não se fala nisso. Dissimula-se. Ninguém precisa saber dessas coisas* <sup>4</sup>.

Na visão da Consulesa pouco importa se a fraternidade está (esteve ou estará) em crise, ou se a discórdia que envolve dois de seus filhos possui correção: quem vê um conflito, não o vive; quem vive um conflito, quer omiti-lo. *Ninguém precisa saber dessas coisas*, destaca a Consulesa, certa de que o melhor procedimento para preservar aquilo que ela entende como unidade familiar é aceitar, assim como no teatro, que duas “verdades” se sobrepõem: a de cena e a de bastidores.

Independente de noções de valor sobre o caráter da Consulesa, a forma com que ela raciocina e ordena o mundo familiar dos Buddenbrooks segue um padrão: para não destruir o frágil equilíbrio em que a sua família se move, prefere esconder as aflições embaixo do tapete – junto com as demais sujeiras.<sup>5</sup> A Consulesa acredita que a felicidade está na segurança, não na revelação.

---

<sup>1</sup> MANN, Thomas. *Os Buddenbrooks*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

<sup>2</sup> No entrecruzamento entre lingüística e psicanálise, não sobra espaço para o arrependimento uma vez que os indivíduos pronunciam as palavras que os condenam: *É por meio da palavra que as representações inconscientes ganham acesso (precário) à consciência. A palavra – que depois de pronunciada, não pode mais ser recolhida, porque já foi escutada por alguém – é que força o analisando a se responsabilizar pelo que diz* (KEHL, Maria Rita. *Sobre ética e psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 108-109).

<sup>3</sup> MANN, 1981: 264.

<sup>4</sup> MANN, 1981: 264.

<sup>5</sup> Essa política de tolerância com as fraquezas humanas, principalmente com os defeitos dos filhos, está conectada intimamente com o reino das aparências. A imagem, para se manter como projeção de uma idéia que não se

Nesse sentido, aquele que encobre os conflitos familiares, aceitando a dissimulação – essa arte patética que é o negar que a verdade de cena é instituída pela verdade dos bastidores, institui um método muito particular de administrar a economia afetiva doméstica. A adoção de uma política baseada em elementos que não estão integralmente conectados com a realidade, quando propõe o adiamento constante do confronto, demanda por uma nova forma de fantasia: muitos indivíduos gostam de proclamar que o projeto de construção de uma família perfeita, composta por seres domesticados, consiste em um ideal a ser perseguido – independente das concessões que se tornam necessárias para montar esse cenário diante da própria ilusão.

Construída como uma instituição vertical, a família delegou aos pais, mantenedores da ordem e da segurança tribal, o exercício da autoridade e, por conseguinte, da Lei. No entanto, o direito de determinar a diferença entre o certo e o errado (ou seja, a aplicação da “justiça”) implica em justificar algumas ações, em circunstâncias específicas. E isso, muitas vezes, se aproxima da impossibilidade. Por maiores que sejam as sutilezas semânticas que envolvem o discurso da autoridade, cada conflito reparte o mundo em duas facções antagônicas: aquela que foi contemplada em suas demandas e aquela que, arcando com o peso da derrota, precisa cumprir com o que foi determinado pela maioria ou pelos que possuem maior força (física, emocional, persuasiva, argumentativa,...)

Em função dessas situações nebulosas é que, historicamente, como parte do legado romântico, para tentar evitar algumas rebeliões intrafamiliares – e a prole sempre se mostrou como um grupo social instável –, estabeleceu-se uma diretriz política horizontal: todos os filhos são iguais, todos são amados igualmente, nenhum deles é menos importante.

Sintomaticamente, os irmãos – particularmente aqueles que possuem algum senso crítico ou que estiveram/estão/estarão envolvidos com os litígios frateros – não possuem o mesmo entendimento. Conscientes de que a fraternidade está edificada na desigualdade, eles utilizam-se de parâmetros particulares para medir as distâncias afetivas. Cada um dos envolvidos em algum tipo de incompatibilidade familiar desenvolve uma percepção particular sobre a maneira com que se

---

sustentaria em si-mesma, necessita que algumas “verdades” sejam surrupiadas do “real”, através de um mecanismo de negação comportamental. O que em outras pessoas seria denunciado e, em caso extremo, punido, é ignorado ou louvado como uma característica peculiar, inofensiva. Nesse sentido, cabe lembrar que, o tom crítico e satírico de Camilo Castelo Branco que, em um trecho da novela *Maria Moisés*, relata o comportamento de um pai ao saber que o filho fora visto namorando à beira do rio:

– *Antes por lá que pelas criadas da casa – disse o assisado fidalgo. – É rapaz, e precisa divertir-se.*

*No último quartel da vida, os pais... e até as mães – santo Deus! – dizem aquilo. Precisam divertir-se os filhos: levem a desonra onde quer que seja; mas não corrompam a disciplina doméstica, não embarrem as criadas, não perturbem o serviço de casa* (BRANCO, s/d: 26-27).

deve romper com algumas fronteiras – que, na maioria dos casos, são fracas demais para suportar a pressão.

Seja por instinto de sobrevivência, seja por consciência de que o conflito inevitavelmente será deflagrado, todos os membros de uma família estão preparados (ou deveriam estar) para os perigos que existem por trás das portas fechadas – perigos que, no transcorrer dos dias, resultantes da maturação de alguma combinação alquímica imprevisível (talvez o fermentar silencioso do ódio) se transformam em venenos sibilinos que, de forma vagarosa e inexorável, vão corroendo corpos e mentes até que o projeto de harmonia familiar – que deveria contribuir para alguma forma de unificação humana – se transforma em apenas uma lembrança embaçada.

Paradoxalmente, em alguns núcleos familiares, como uma tentativa irracional de obstruir o esclarecimento das questões que estão em jogo, talvez para facilitar a administração das tarefas diárias, predomina a visão distorcida de que não existem crimes imperdoáveis – apesar de haver um entendimento tácito de que, em alguns casos, as feridas mais profundas demoram um tempo extra para cicatrizar. E isso significa que as relações familiares estão ancoradas na premissa ingênua de que o esquecimento existe e de que é o melhor remédio para os males que assolam o núcleo familiar: há quem acredite que, como um avatar, em algum momento impreciso, os escombros dos conflitos familiares – especialmente os fraternos – se transformarão em uma forma muito especial e estreita de amizade e união.

No caso específico da fraternidade, mesmo diante de provas significativas e inquestionáveis de que as relações afetivas entre irmãos estão envoltas em uma série complexa de problemas, o imaginário costuma estar contaminado por uma noção muitas vezes equivocada de que irmãos são amigos de seus irmãos. Esse pensamento está expresso em expressões populares como “parecem irmãos”, “para mim, você é como um irmão”, “irmãozinho postiço”, que são utilizadas em diferentes contextos como sinalizações positivas para reforçar laços de amizade.<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> Entre as inúmeras possibilidades de constatar esse postulado, pode-se citar, aleatoriamente o conto *Assombração*, de Heloisa Seixas: *Clarice. Era engraçado pensar que só a conhecia havia... quantos meses? Junho, julho, agosto, setembro. Quatro. Só quatro meses. Sentia como se fossem amigas de infância. As crianças também. Pedro e os dois meninos se entendiam e desentendiam como irmãos. E de certa forma o eram. Pelo menos Pedro e Paulo. Os dois, o filho de Clara e o filho mais novo de Clarice, haviam nascidos na mesma época, com uma diferença de apenas dois dias* (SEIXAS, 2000: 94) (**grifo meu**) e a novela inglesa *As avós*, de Doris Lessing: *Elas eram resolutas, rápidas nas respostas, e não demorou para vencerem as intimidações com que as novatas eram recebidas; sabiam se defender, lutavam pelas próprias causas e pelas da outra também. “Como irmãs”, diziam as pessoas, e até mesmo: “Como gêmeas”. Bonitas elas eram, com seus rabos-de-cavalo brilhantes, as duas, ambas de olhos azuis, e rápidas como peixes, mas, no fundo, se você olhasse, não muito semelhantes. Liliane – ou Lil – era magra, com um corpinho duro, as feições delicadas, e Rozeanne – Roz –, mais encorpada; ao passo que Lil olhava o mundo com um olhar puro e severo, Roz fazia piada de tudo. Mas era bom pensar e dizer “como irmãs”, “elas poderiam ser gêmeas”; é*

Infelizmente, poucos estão atentos ao fato de que esse tipo de pensamento enseja significativas contradições:

- 1) embora não sejam excludentes, a fraternidade e a amizade são elementos distintos; enquanto a fraternidade é algo imposto pelo agrupamento familiar, a amizade é consequência de afinidades eletivas.<sup>7</sup> Enquanto as relações consanguíneas geram obrigações e comportamentos “em nome” da família (entendida como um grupo que abriga várias correntes discordantes, mas unidas pelos “laços de sangue – o que serve de atenuante para a defesa de diversas situações moralmente discutíveis), no âmbito da amizade não há espaço para ambigüidades, nem para a negação de direitos ou de posições (políticas, comportamentais, culturais...). Para Marco Túlio Cícero: (...) *a amizade, estou convencido, só pode existir nos “homens de bem”* <sup>8</sup>.
- 2) ao contrário do que sustenta o senso comum, a fraternidade não constitui situação exemplar para determinar modelos de procedimentos sociais. As tensões geradas no interior da família raramente são solucionadas internamente (seja porque uma das regras básicas do gerenciamento familiar – principalmente nos conflitos fraternos – é a omissão, seja porque aclarar algumas situações implica em desgaste para que necessita agir dessa maneira), o que permite que os conflitos sejam armazenados e ressurgam nas situações mais inapropriadas – gerando a violência.

Por isso, não é surpresa que muitos estudiosos do assunto, talvez estimulados pela fantasia utópica proposta pela Revolução Francesa (*liberdade, igualdade e fraternidade*),<sup>9</sup> tendam a

---

*agradável encontrar semelhanças onde talvez não exista nenhuma, de modo que elas continuaram ao longo dos meses e dos anos, duas garotas inseparáveis, o que era muito bom para as famílias, que moravam na mesma rua e fizeram amizade por causa delas, como tantas vezes acontece, conscientes da sorte em ter duas filhas que escolheram uma a outra e tornaram a vida mais simples para todos* (LESSING, 2007: 22). (**grifos meus**). Duas páginas depois, o pensamento que une fraternidade e amizade é reforçado: **Irmãs, ou, no caso, gêmeas, até mesmo melhores amigas, passam por rivalidades intensas, quase sempre dissimuladas, mesmo uma da outra** (LESSING, 2007: 24). (**grifos meus**).

<sup>7</sup> Uma entre as muitas metáforas sobre a amizade é fornecida pelo conto *Oriente próximo*, de Nélida Piñon: “Amigo deve surgir igual planta, a gente sabe que foi difícil crescer, mas a gente não viu. Só colhe e aprecia, leva para casa se quiser, pondo no vaso” (PIÑON, 1981: 90).

<sup>8</sup> CÍCERO, Marco Túlio. *Saber envelhecer; Lélis ou a amizade*. Porto Alegre: L&PM, 1999. p. 83.

<sup>9</sup> A impossibilidade da existência simultânea da trilogia *liberdade, igualdade e fraternidade* raras vezes é percebida pelos analistas que, por diversos motivos, inclusive os ideológicos, se deixam levar pelo idealismo e pela utopia. Os símbolos, assim como as palavras, tendem ao vazio – em determinadas circunstâncias perdem a sua capacidade de estar conectados com o mundo objetivo. Tomados isoladamente os três elementos são conflitantes: a liberdade (circunstância em que não há quaisquer tipos de impedimentos para a ação humana) se opõe à igualdade (que é o momento em que as ações estão niveladas pelos interesses coletivos) – e isso significa que, neste caso, a fraternidade não tem aplicação, porque em algum momento vai violar a liberdade ou a igualdade.

confundir os conceitos de fraternidade (*fraternitas*) e amizade (*phílos, amicitia*),<sup>10</sup> inclusive fornecendo-lhes significado aproximado. Esse equívoco está alicerçado na negação de que o contexto familiar, estruturado e amarrado na fantasia dos “laços de sangue”, não sobrevive às pequenas mediocridades do cotidiano e à ausência de distanciamento físico. No dia-a-dia, onde a interação constante e imediata resulta em perdas e ganhos, a soma dos detalhes (aqueles elementos que contextualmente uma das partes considera insignificantes) resulta proporcional ao irracional. E a irracionalidade é irmã gêmea da violência – que aparece como uma forma primitiva de celebração ritual e/ou como um rastro de sangue, fruto simultâneo do ressentimento e do ódio.

Por um conjunto múltiplo de razões, a fraternidade é um tema universal e atemporal. Além disso, em todos os lugares do mundo uma liturgia ideológica envolve o entorno das relações afetivas fraternas: como se ter irmãos fosse uma espécie de salvo-conduto contra as iniquidades do mundo. Por analogia, historicamente os agrupamentos humanos sempre dispuseram de “mecanismos de defesa” contra os bárbaros.<sup>11</sup>

---

No momento em que a igualdade for instrumentalizada como paradigma social (como propõem o socialismo e o comunismo), a liberdade já não é mais possível e, conseqüentemente, não haverá fraternidade.

A fraternidade, como nível “igualitário” das relações humanas, especialmente as familiares (entendidas, nesse contexto, como a humanidade), despreza violentamente qualquer tipo de liberdade de escolha.

Nos momentos em que os conceitos são considerados em duplas, o terceiro comprova a impossibilidade.

Liberdade e fraternidade não constituem uma igualdade (aquele que celebra com o Outro a igualdade não é livre). Liberdade e igualdade não resultam em fraternidade (aquele que se julga livre não está “igualado” com seu irmão; aquele que está “igualado” com seu irmão não é livre).

Igualdade e fraternidade são conceitos que parecem estar próximos, integrados, mas não produzem liberdade: produzem, sob a forma de interdições, o cerceamento e o compromisso de manter a ordem igualitária e fraternal. Em outras palavras, é apenas mais uma forma de opressão.

<sup>10</sup> A amizade, virtude celebrada nas reflexões de alguns dos mais importantes filósofos gregos (Sócrates, Platão, Heráclito, Eurípides, Empédocles, Epicuro, Aristóteles) como um dos momentos mais sublimes da condição humana, sofreu, no decorrer do curso histórico, significativas mudanças conceituais. Para um entendimento epistemológico, ver, entre outros: BALDINI, Massimo (Org.). *Amizade e filósofos*. Bauru, EDUSC, 2000; ORTEGA, Francisco. *Para uma política da amizade*: Arendt, Derrida, Foucault. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000; ORTEGA, Francisco. *Genealogias da amizade*. São Paulo: Iluminuras, 2002.

<sup>11</sup> Para a civilização helênica, “bárbaros” são todos aqueles indivíduos que estão fora do perímetro geográfico das Cidades-Estados. Ou seja, todos aqueles que não comungam historicamente com os conceitos sociais, políticos e culturais da civilização grega.

Na interpretação de Julia Kristeva, O termo “bárbaro” torna-se então freqüente para designar os não-gregos. Homero aplicava a palavra “barbarófonos” aos naturais da Ásia Menor que combatiam com os gregos e parece ter forjado o termo a partir de onomatopéias imitativas: bla-bla, bara-bara, balbucios inarticulados ou incompreensíveis. Ainda no século V, o termo se aplica tanto aos gregos como aos não-gregos que têm um discurso lento, pesado ou incorreto. Bárbaros, todos os que têm pronúncia pesada e empastelada. Todavia, na Antigüidade, podia-se usar de glossolalia nos santuários e as preces dos bárbaros eram entendidas. As guerras médicas acentuam a rejeição do bárbaro, mas podemos compreender esse fenômeno também como uma conseqüência do maravilhoso desenvolvimento da filosofia grega, fundada no logos, ao mesmo tempo idioma dos gregos e princípio inteligível na ordem das coisas. Os bárbaros são estranhos a esse universo pelo ridículo de seus discursos e trajes, por sua adversidade política e social. Entre os três autores trágicos, Sófocles, Ésquilo e Eurípides, que utilizam sistematicamente o termo bárbaros, Eurípides se distingue de seus predecessores por um emprego freqüente dessa palavra num sentido mais pejorativo, indicando que a estranheza, para ele, é mais intolerável e, de um modo geral, torna-se mais perturbadora com o tempo. Para os três autores,

Nas questões fraternas, em muitos casos, os maiores perigos são internos, são intrafamiliares. Contra essas ameaças, pouco ou nada é possível prevenir. Motivados por algum mecanismo de alienação social, os indivíduos costumam esquecer que as relações familiares são complicadas, sutis e perigosas. Para poder entendê-las é necessário analisar o que está abaixo da superfície ou escondido nas entrelinhas de um discurso que reluta em clarificar suas necessidades. As aparências enganam. E a perda de qualidade nas relações afetivas se acentua. Diante da necessidade de solucionar algum tipo de impasse, poucas vezes os envolvidos escolhem por formas honestas de comunicação, capazes de articular sentimentos, boa educação e vontade política para resolver o conflito. Além disso, freqüentemente a territorialidade – que é um elemento atávico em todas as espécies animais – se manifesta como um determinante (demarcar os limites da “propriedade” é uma tentação a que poucos conseguem resistir).

As narrativas que abordam (diretamente ou de forma tangencial) as relações entre irmãos (e por extensão, com os demais componentes do núcleo familiar) delineiam uma paisagem afetiva que é comum a quase todos os escritores e leitores – a identificação é imediata, porque, historicamente, todos os grupos sociais elaboraram um padrão de referência sobre o tema. E, na modernidade, o que deveria ser apoio, compreensão e fraternidade se transforma em ressentimento, ciúme e ódio – inclusive porque as bases dessas relações estão sedimentadas na desigualdade (primogenitura, força física, inteligência, ciúme, inveja, ressentimento, afetividade e/ou formas subjetivas de sofrimento). Desta forma, seja como comprovação do que está inscrito no inconsciente coletivo, seja como uma tentativa de negar um estereótipo, as relações afetivas entre irmãos despertam

---

“bárbaro” significa: “incompreensível”, “não-grego” e, finalmente, “excêntrico” ou “inferior”. O sentido de “cruel” que lhe atribuímos deverá esperar as invasões bárbaras de Roma para se manifestar. Entretanto, já em Eurípides, “bárbaro” indica uma dimensão de inferioridade que inclui a inferioridade moral, não se referindo mais à nacionalidade estrangeira, mas exclusivamente ao mal, à crueldade e à selvageria. Quando Andrômaca se dirige aos gregos, dizendo “barbara kaka” (Tro., 764-765), a expressão pode ser traduzida por “males [suplícios] inventados pelos bárbaros” ou então “males [suplícios] selvagens”. O termo se aplica tanto aos gregos como aos troianos. Longe de indicar qualquer aceitação do estrangeiro, essa interiorização da barbárie marca a perenidade do sentimento de hostilidade em relação a ela, assim como a importância desse sentimento de apreensão dos outros, no interior do grupo pretensamente homogêneo. Em compensação, em Ésquilo, a palavra se aplica à conduta estranha para com os gregos de Argos, do arauto egípcio que acompanha as Danaides (As Suplicantes, 825-902) e tem valor, sobretudo, o de se opor aos benefícios da civilização democrática grega. De fato, quando Ésquilo avança o conceito de “democracia” (“poder do povo”) em Agamemnon (458), o leitor supõe que o autor dos Persas é sensível à diferença entre a própria civilização e a do Grande Rei persa. Em suma, é o contraste com o estrangeiro que faz surgir a consciência da liberdade grega e o bárbaro será, desde então, identificado como o inimigo da democracia (KRISTEVA, 1994: 57-58).

Modernamente, o sentido utilizado para conceituar a expressão “bárbaro” é fluído. Segundo Francis WOLFF (*Quem é Bárbaro?* In: NOVAES, 2004: 19-43), as palavras “bárbaro” e “barbárie” são aceitas unanimemente quando empregadas como oposto de “civilizado” e “civilização”. Interpretações mais aprofundadas sobre as variações propostas ao conceito podem ser encontradas em CASSIN, Barbara; LORAUX, Nicole; PESCHANSKI, Catherine. *Gregos, bárbaros, estrangeiros: a cidade e seus outros*. São Paulo: Editora 34, 1993; MATTEI, Jean-François. *A barbárie interior: ensaios sobre o i-mundo moderno*. São Paulo: Unesp, 2002.

interesses e olhares: torna-se impossível desviar o olhar da imagem fornecida pelo espelho cultural – inclusive em casos de dismorfofobia.<sup>12</sup>

Mesmo quando há concordância com Maria Rita Kehl, que *não é exato dizer que as relações fraternas estão condenadas à rivalidade e aos ciúmes insolúveis*<sup>13</sup>, é preciso estar atento ao fato elementar de que, como uma benção, e, simultaneamente, uma maldição, a fraternidade é um estado emocional difícil de ser administrado – independente do ângulo com que a questão é percebida e interpretada, as relações entre irmãos comportam muitas sutilezas a serem detectadas.

As narrativas que gravitam entre as desavenças e os afetos que envolvem as relações fraternas carregam um grande potencial literário – ricas em tensão dramática, essas histórias articulam significativa carga emocional, revelam situações surpreendentes e desfechos inesperados. Além disso, possibilitam um significativo grau de “reconhecimento” entre o que está sendo narrado e a realidade do leitor.

Infelizmente, caminhando na direção contrária a essa análise, está a crítica literária – que trata a fraternidade como se fosse “apenas” um dos muitos elementos que constituem a produção discursiva sobre os embates familiares. Diante de temas mais “significativos”, como os conflitos entre homens e mulheres, pais e filhos (Complexos de Édipo e Electra) e as heranças atávicas, a fraternidade consanguínea – exceto em casos muito especiais – tem sido relegada a um segundo plano. Motivados por um pudor mal resolvido, diversos estudiosos da literatura sobre as relações familiares costumam não revolver alguns dos miasmas mais perigosos. Esse anacronismo colide frontalmente com a premissa de que cada tema literário está conectado “em rede” com os demais. Literatura não rima com exclusão.

Além disso, as narrativas sobre as relações afetivas entre irmãos, ficcionais ou não, são quase inesgotáveis. Seja através de relatos orais, da mitologia religiosa, da ficção moderna ou dos relatos autobiográficos, os embates fraternos atravessam a história cultural da humanidade. Muitos exemplos são paradigmáticos na mitologia greco-romana: Castor e Pólux, Herácles e Íficles, Acrísio e Preto, Atreu e Tiestes, Egíptio e Dánao, Polinices e Etéocles, os Boréadas. Na tradição

---

<sup>12</sup> O “medo de não se reconhecer no espelho” é uma patologia da modernidade, embora suas origens remontem ao mito de Narciso. A cultura do “Eu” está atrelada às referências da moda, do consumo e da rapidez. A necessidade de uma resposta social à imagem que o indivíduo fornece sobre si mesmo é alimentada pela insegurança e pela dinâmica dos valores descartáveis do capitalismo. Em muitos momentos, o indivíduo, vítima de uma crise de identidade, não se reconhece em meio desse tumulto. Esse instante de infelicidade, gerador de sofrimento, é o que muitos gostariam de evitar – mas isso não é possível, pois para que aconteça necessário se faz romper com os padrões de comportamento que edificaram essa crise.

<sup>13</sup> KEHL. Maria Rita. *Existe uma função fraterna?* In: KEHL. Maria Rita (Org.). *Função fraterna*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000. p. 42.



católica há, no mínimo, quatro momentos significativos: Caim e Abel, Esaú e Jacó, José e seus irmãos e a parábola do filho pródigo. A literatura de ficção nos fornece inúmeros modelos indeléveis: *Os irmãos Karamázov* (DOSTOIÉVSKI, 2001), *Os irmãos Corsos* (DUMAS, 1987), *O máscara de ferro* (DUMAS, 2003), *Os Thibault* (DU GARD, 1986), *Vidas amargas (A leste do Éden)* (STEINBECK, 1990), entre muitos outros. Um olhar mais atento em *Hamlet, príncipe da Dinamarca* (SHAKESPEARE, 1956) aponta, mais uma vez, para o fato de que há toda uma tradição relacionada com a tragédia – e, conseqüentemente, com a literatura sobre a fraternidade.<sup>14</sup> No Brasil, diversas incidências temáticas são relevantes (ver Capítulo II).

Diante desses fatos, cabe perguntar do porque desse distanciamento analítico. Diversas respostas são possíveis, mas uma se destaca pelo seu potencial significativo: a aproximação afetiva que o tema provoca. A representação literária das ligações emocionais entre irmãos mostra o quanto há de permeável no território dos relacionamentos familiares: muitas vezes o estabelecer conexões com esses sentimentos implica em reavaliar posturas diante do mundo objetivo que circunda a identidade humana – poucos estão preparados para enfrentar o sofrimento que tal atitude acarreta.

---

<sup>14</sup> Aspectos significativos desta tese podem ser encontrados em UPDIKE, Jonh. *Gertrudes e Cláudio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

Estruturalmente, *A invenção do inimigo* (literatura e fraternidade consangüínea) está composta por três capítulos.

O primeiro capítulo delimita os elementos fundadores da relação fraterna, tomando por base as mitologias greco-romana e cristã. Em patamar próximo, a psicanálise possibilita um olhar crítico. Ao largo, um olhar sobre o duplo e o espelho. Algumas observações sobre a violência complementarão a argumentação inicial.

Para o segundo capítulo foram feitas algumas leituras sobre incidências do conflito fraterno na literatura brasileira – entre a regra e a exceção, a fraternidade opera como um fator de articulação humana, revelando nuances que o imaginário social muitas vezes gostaria de encobrir.

Por questões metodológicas, essas narrativas estão agrupadas em cinco situações identificadoras: irmãos de diferentes idades, irmãos gêmeos, irmão e irmã, a fraternidade feminina e o meio-irmão. Esse critério não invalida a possibilidade de haver outras formas classificatórias.<sup>15</sup> Também não elimina circunstâncias em que uma categoria se confunde com outra.

O terceiro capítulo propõe leituras de três narrativas basilares sobre a fraternidade: *Esau e Jacó*<sup>16</sup>, *Pedro e Paula*<sup>17</sup> e *Dois irmãos*<sup>18</sup>. Transitando por três elementos axiais (a fraternidade, as ruínas familiares e as transições políticas), esses três romances instituem uma leitura substantiva sobre o tema da fraternidade e suas variações.

Nas Considerações Finais estão depositadas as últimas argumentações sobre o tema, pontuando algumas das questões que envolvem a representação literária do afeto (ou da falta de afeto) entre irmãos e a fragmentação das relações sociais e familiares. Também procurar-se-á verificar a correção desse conjunto de idéias.

---

<sup>15</sup> Irmãos “adotivos” (órfãos, agregados, filhos de relações parentais anteriores,...) constituem uma importante categoria nas relações familiares, mas foram excluídos desta análise por não compartilharem laços de sangue (laços biológicos).

<sup>16</sup> ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Esau e Jacó*. 3. Ed. São Paulo: Ática, 1990.

<sup>17</sup> MACEDO, Helder. *Pedro e Paula*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

<sup>18</sup> HATOUM, Milton. *Dois irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

## **CAPÍTULO I**

### **ESTABELECENDO AS BASES DA FRATERNIDADE**

*Todas as famílias felizes são parecidas entre si. As infelizes são infelizes cada uma a sua maneira.*

**Leon Tolstoi:** Ana Karenina.

*Todas as famílias felizes são mais ou menos diferentes; todas as famílias infelizes são mais ou menos semelhantes.*

**Vladimir Nabokov:** Ada ou ardor.

## 1 – NOTAS SOBRE O MITO

*Tudo precisa ser arrumado. Ponho as mesmas coisas juntas, separando o parecido do diferente. É o que fiz a vida inteira. As pessoas misturam tudo. Jogam tudo fora no mesmo lugar. É assim que produzem o lixo. Lixo é a confusão que fazemos ao jogar as coisas fora.*

**John Berger:** “O dia do casamento”

## 1.1 – Uma história.

Contam algumas das lendas gregas<sup>19</sup> – dessas que se caracterizam por discordar entre si em vários detalhes – que Anfitrião, filho de Alceu (rei de Tirinte) e de Astidameia (filha de Pélops, o fundador dos Jogos Olímpicos), somente conseguiu consumir o seu casamento com Alcmena, filha de Eléctrion (rei de Micenas), depois de superar grandes dificuldades.

Anfitrião, para provar do corpo virginal de uma esposa jovem e cheia de vitalidade – que lhe havia prometido o usufruto de todas as doçuras possíveis entre um homem e uma mulher –, precisou fazer algo mais doloroso do que apenas garantir vingança contra aqueles que haviam assassinado os irmãos de Alcmena. Logo após a cerimônia nupcial, antes de haver consumado o relacionamento carnal, partiu em longa e demorada expedição punitiva contra os Teléboos, deixando Alcmena em Tebas.

Enquanto durou a viagem, o desejo, como se fosse uma doença sem cura, corroeu o corpo de Anfitrião. Por mais cansativos que fossem os dias, as noites pesavam como mil pedras e o mantinham acordado. O sono demorava em chegar – e quando chegava, o corpo era sacudido por pesadelos indescritíveis.

E, como se toda essa inquietação fosse pouca, ainda havia o dilaceramento causado pela angústia relacionada com os perigos que podem atingir uma mulher quando o marido está ausente. A possibilidade de algum sátiro ou ciclope ou deus ou homem invadir a casa e violentar Alcmena era uma fantasia que o assombrava como uma maldição eterna.

A ilusão de que o amor é a sustentação para todos os sacrifícios não gerava satisfação oblíqua suficiente para amainar o desassossego que o estava atormentando.

Mal amanhecia e Anfitrião era dominado por uma vontade obsessiva de voltar para casa e aninhar-se nos braços da esposa.

A dor era tamanha que, em alguns momentos, movido por sentimentos incômodos, Anfitrião acreditou que os deuses estavam conspirando para que ele não conseguisse cumprir com sua missão – depois de tanto tempo fora de casa, as lembranças físicas e amorosas da esposa começavam a ficar enevoadas na mente, como se fossem agulhões que subtraem a beleza.

---

<sup>19</sup> Esta é uma versão *ad hoc*, baseada em diversos textos mitológicos. Para comparações ou discussões temáticas, ver, entre outros, o *Dicionário da mitologia grega e romana* (GRIMAL, 2000), que, na medida do possível, agrupa algumas das inúmeras variantes das lendas gregas sobre os amores de Zeus.

As espadas ensanguentadas, os cadáveres povoando as planícies, a solidão e o medo da morte – independente da quantidade de vezes em que Anfitrião implorou aos céus, e aos deuses, para voltar para Tebas, para poder saciar o desejo que o estava enlouquecendo, o tempo escorria pela ampulheta na forma de tortura: dia após dia um novo obstáculo, um novo impedimento, uma outra batalha, um outro inimigo que surgia no horizonte, sedento de sangue e cego pela vontade de obter através do combate um punhado de glória e honra. Enquanto as lâminas da espada e as flechas cortavam o ar e os corpos dos gregos e dos inimigos, Anfitrião se lamentava: a tarefa primeva estava sendo adiada mais uma vez – o corpo de Alcmena estava se transformando em névoa e esquecimento.

No Olimpo, Zeus, o Todo-Poderoso, estava impaciente. Enquanto proporcionava distrações para Anfitrião, fazendo-o se cansar em lutas intermináveis, contemplava o corpo de Alcmena. E a cada vez que olhava para aquela que era uma das mais belas mulheres que nasceram entre os humanos, sentindo o ardor causado por apetites vorazes e devassos, Zeus confirmava a repetição de uma tragédia particular: estava, outra vez, apaixonado por uma mortal.<sup>20</sup>

Impossível resistir diante da graça solene com que Alcmena realizava as tarefas domésticas. Inigualável era a forma carinhosa com que ela falava com as criadas. Dádivas da beleza eram as linhas do rosto que emolduravam sorrisos embriagadores. Transcendia o divino não desejar o jeito doce com que a fêmea sonhava com o marido. O corpo nu mergulhando no rio era uma visão celestial.<sup>21</sup>

Zeus possuía uma libido inigualável entre os deuses – o que lhe causou muitos problemas. Inúmeras vezes precisou conter a cólera de sua esposa, Hera, que queria, de maneira exemplar, destruir todos aqueles(as) que estavam lhe roubando o amor do marido: os filhos bastardos, as amantes (Io e Calisto foram as que mais sofreram).

---

<sup>20</sup> Na visão de Roberto Calasso, o principal argumento contra os mitos gregos sempre foi de caráter moral – e, antes de tudo, sexual: os mitos pareciam condenáveis porque estavam cheios de histórias inconvenientes, nas quais os atores eram os próprios deuses (CALASSO, 2004: 74). Depois, fazendo uma reflexão histórica, o mesmo autor aponta para uma questão significativa: *Vinte e cinco séculos de moralidade – pagã, cristã e leiga – parecem afundar diante dessas palavras. Será que para serem deuses é preciso que eles realizem atos inconvenientes? Será que aquele vasto repertório de feitos inomináveis que encontramos nas fábulas antigas é, ele próprio, o código de manifestação divina? Uma visão teológica dessa natureza mereceria longa reflexão. E, no final, poderia até revelar-se mais clarividente do que as desaprovações às quais estamos habituados, pelo menos se a entendermos como um desconcertante prelúdio a algum tipo de mistério* (CALASSO, 2004: 75). Nesse sentido, a mitologia possibilita um reflexo da moralidade humana, através da representação divina. Quando os deuses infringem algumas normas da conduta social, abrem precedentes para que os humanos também possam romper com essas barreiras – e não serem castigados.

<sup>21</sup> Uma versão mais contida em relação à luxúria de Zeus sustenta que o senhor do Olimpo escolheu Alcmena porque desejava gerar um filho que reunisse em uma única pessoa o divino e o humano. Esse semideus teria como missão proteger os deuses e os homens contra as ameaças que estavam se espalhando sobre a Terra.

Apesar do ciúme doentio de Hera, Zeus frequentemente conseguia satisfazer as suas vontades sexuais com todos(as) os(as) mortais que o atraíam. Muitas vezes usou do truque de fechar os céus com nuvens repentinas – ao encobrirem o sol, as nuvens impediam que os mortais e os deuses soubessem de seus encontros amorosos. Quando não alcançava obter o consentimento da pessoa por quem estava apaixonado, usava de algum artifício e, tributário dos direitos que advém da força, sem muitos escrúpulos ou discussões sobre o que significa uma moral corroída, promovia a pilhagem do afeto.

Consumou a sua união com Europa metamorfoseando-se em touro; Leda estava a banhar-se em um lago e ficou encantada com um belo cisne – quando o colocou em seu regaço, foi fertilizada; para se aproximar de Dánae, que estava presa em uma câmara subterrânea de bronze, transformou-se em uma chuva de ouro; quando raptou o efebo Ganimedes, assumiu a forma de uma águia.

Independente das aflições causadas pela cobiça sexual ou pelo medo da ira de Hera, em determinado momento, Zeus foi tomado pelo sentimento de que Alcmena estava fora do seu alcance. A esposa de Anfitrião possuía, entre outras, uma virtude muito específica: a fidelidade. Zeus, triste como um filósofo, ou momentaneamente atingido pela sensibilidade que caracteriza aqueles que estão apaixonados, percebeu que a virtude,<sup>22</sup> uma das filhas da verdade, possui valor simbólico. Ou seja, seu valor está ligado potencialmente com o que representa. Isso significa (inclusive para um deus que adorava agir como se fosse um humano – e muitas vezes Zeus se comportou como se fosse um adolescente mimado) que existem algumas situações que estão acima dos caprichos divinos.

Dito de outra forma, mesmo que Zeus abdicasse da vontade de obter o amor de Alcmena e obtivesse satisfação apenas com o prazer físico, há que se considerar que Alcmena não entregaria para Zeus, de livre e espontânea vontade, o que havia prometido solenemente apenas ao marido. Zeus estava consciente de que o prazer que advém da sedução se perderia no uso da força física.<sup>23</sup>

---

<sup>22</sup> *A virtude, repete-se desde Aristóteles, é uma disposição adquirida de fazer o bem. É preciso dizer mais, porém: ela é o próprio bem, em espírito e em verdade. Não o Bem absoluto, não o Bem em si, que bastaria conhecer ou aplicar. O bem não é para se contemplar, é para se fazer. Assim é a virtude; é o esforço para se portar bem, que define o bem nesse próprio esforço. (...) A virtude ou, antes, as virtudes (pois há várias, visto que não se poderia reduzir todas elas a uma só, nem se contentar com uma delas) são nossos valores morais, se quisermos, mas encarnados, tanto quanto quisermos, mas vividos, mas em ato. Sempre singulares, como cada um de nós, sempre plurais, como as fraquezas que elas combatem ou corrigem* (COMTE-SPONVILLE, 1995: 9-10).

<sup>23</sup> O ato da sedução está intimamente ligado ao gozo, no sentido psicanalítico. A “completa” satisfação sexual é fruto de um jogo de forças (imaginárias ou reais) que interagem – e que, muitas vezes, confundem dominado e dominante. Para aumentar/alimentar o grau de excitação sexual, o sedutor utiliza-se do engodo como uma ferramenta para a

Eis o impasse, pensou o senhor do Olimpo. Na procura por uma solução, Zeus mergulhou em pensamentos profundos por um átimo (ou por um século, pois no Olimpo o tempo é relativo). Foi a lembrança erótica das noites e dos dias que desfrutou com a ninfa Calisto que proporcionou uma luz nessas trevas passionais. A ninfa vivia nas montanhas e havia adotado o celibato como prova de sua devoção à deusa Ártemis. Para quebrar tal barreira, Zeus metamorfoseou-se em Ártemis:<sup>24</sup> foi o suficiente para que a ninfa se entregasse.

Consoante com o péssimo hábito dos deuses de serem cruéis com os mortais, Zeus imaginou que semelhante ardil poderia resultar em sucesso.

No momento em que abriu a porta da casa e viu o marido, com as vestes sujas e rasgadas, o cansaço estampado no rosto, as feridas sangrando nas mãos e nas pernas, Alcmena sentiu em algum lugar entre o cérebro, o coração e o sexo que o universo havia sido recomposto. Imaginou, naquele instante, que havia recebido dos deuses o direito à felicidade, um dos elementos da cartografia do sagrado. Com o coração apreensivo, apesar de inflado pelo desejo, escutou com atenção as façanhas heróicas que lhe foram contadas pelo marido. Depois de haver relatado alguns episódios sangrentos, Anfitrião presenteou a esposa com uma taça de ouro, que pertencera a Ptérelas, o rei dos Teléboos.

Durante aquela noite,<sup>25</sup> os corpos dos dois amantes se completaram, sem que se possa dizer quem se entregou e quem possuiu, tamanho foi o esforço mútuo para saciar a volúpia. Dominados pelo arrebatamento, Alcmena e Anfitrião celebraram a comunhão amorosa com júbilo e alegria.

Na manhã seguinte, Alcmena, enlanguescida, acordou com o som de fortes batidas na porta principal da casa. Depois de constatar que estava sozinha na alcova, levantou-se e foi atender a quem parecia estar desesperado, tamanha era a intensidade das batidas. Surpresa, descobriu que era o marido que estava a fazer todo aquele barulho. “*Os homens são animais de difícil trato, quem consegue entendê-los?, por que será que ele me deixou sozinha na cama e saiu para dar uma volta*

---

persuasão (mesmo quando o dominado tem consciência do ardil, a força do argumento é tão poderosa que derruba impedimentos). Para satisfazer as suas necessidades (perversas ou não) de conquista sexual, o dominador impõe, em lugar da verdade, uma nova ética: (...) mediante a noção da promessa, que, para ser plausível, precisa eludir a desconfiança da vítima: esta só perceberá a traição quando o laço se fechar sobre ela. E, para a vítima, o resultado da sedução é a morte ou a desonra: desonra que se estende no tempo, pois é mancha que não se apaga, ferrete que jamais cicatriza, marcando indelevelmente a superfície do corpo seduzido. Mesmo que a caça consiga escapar da armadilha, deixará nela uma parte de si, que é o troféu do caçador – hímen da donzela ou pata do lobo –, e carregará para sempre a falta que advém de sua derrota. O seduzido aqui é alguém que se torna portador de um “a menos”, qualquer que seja a modalidade em que imaginemos, física, moral, social, etc. (MEZAN, 1993: 19).

<sup>24</sup> Em algumas versões, Zeus utiliza-se de uma imagem de Apolo, o deus da beleza, que era irmão gêmeo de Ártemis.

<sup>25</sup> Uma variante significativa refere-se a três noites de amor. Durante os embates amorosos, o tempo foi suspenso e o sol não apareceu no horizonte.



*pelos arredores da casa?, talvez alguma espécie de comemoração particular pelos prazeres embriagadores desfrutados durante a noite?, essas coisas ninguém nunca conseguirá me explicar”*, balbuciou para si mesma a bocejante Alcmena. Então, sem ter motivos para agir de outra forma, acolheu o homem com indiferença.

Anfitrião, que acabara de voltar do campo de batalha, com o coração cheio de afeto e esperança, mostrou-se descontente com a esposa. Tentando equilibrar o cansaço e o desejo reprimido por meses de separação, sonhava com uma recepção entusiasmada e carinhosa. Em vez disso, encontrou uma mulher distante, fria e sonolenta. E isso o levou a acreditar que Alcmena, por algum motivo fútil, estava tentando diminuir a importância das privações que ele havia superado para poder voltar: todo o trabalho realizado para vingar a morte dos cunhados esvaneceu instantaneamente. Para confirmar, ou negar, essa sensação, iniciou um detalhado relato de suas aventuras, destacando as diversas vezes em que escapou da morte. Alcmena, querendo voltar para a cama e dormir mais um pouco, disse-lhe que já sabia de todas aquelas histórias e que não entendia porque ele as estava repetindo.

Foi então que, agindo como um marido ofendido – porque em questões delicadas como o amor, qualquer tolice é motivo para o desentendimento –, Anfitrião fez questão de obter imediatamente o que até então lhe havia sido negado.

Alguns meses depois do nascimento dos filhos gêmeos, Herácles e Íficles,<sup>26</sup> Alcmena e Anfitrião constataram o quanto eles eram diferentes (e isso se tornaria cada vez mais evidente no futuro, pois a fama de um refletiu na obscuridade do outro<sup>27</sup>). Os gêmeos, lado a lado, produziram uma revelação: Herácles era forte, voraz e rápido; Íficles era franzino, apático e lerdo.<sup>28</sup> Olhando para os filhos, Alcmena e Anfitrião compreenderam que algo de estranho havia acontecido.

Alcmena se lembrou dos episódios ocorridos no dia em que os meninos foram concebidos. Sem precisar fazer muito esforço, compreendeu que alguém, possivelmente um deus, assumira as

---

<sup>26</sup> Íficles nasceu um dia depois do irmão.

<sup>27</sup> Em todos os momentos em que Íficles aparece nos eventos mitológicos, o nome de Herácles o supera em bravura, força física e importância mitológica. Ciente de que era impossível competir contra a divindade do irmão, Íficles aceitou ser uma espécie de pagem de Herácles – tanto que o acompanhou e ajudou em alguns dos doze trabalhos. Participou, como personagem secundário, da Guerra de Tróia. Morreu na guerra que Herácles travou contra os filhos de Hipoconte (Ver GRIMAL, 2000: 245).

<sup>28</sup> Quando os gêmeos tinham oito meses, Hera, a esposa de Zeus, tomada pela cólera, resolveu se vingar de Zeus e de Alcmena. Depois que Alcmena colocou os meninos no berço e foi dormir, Hera introduziu no quarto das crianças duas enormes serpentes – que imediatamente se enroscaram nos corpos dos gêmeos. Íficles começou a chorar de dor. Herácles segurou firmemente as duas cobras, uma em cada mão, e as estrangulou. Quando Anfitrião, de espada em punho e assustado pelos gritos de Íficles, entrou no quarto dos filhos, nada mais era necessário fazer.

formas físicas de seu marido. Através desse stratagem, o impostor obteve o que pertencia somente a Anfitrião. Os gêmeos, como se fossem reflexos da verdade, tinham pais diferentes.

Cantam os aedos – esses poetas que, através da arte, fornecem pistas para o descortinar dos inúmeros véus que turvam os acontecimentos – que Anfitrião, quando olhou para os filhos, foi tomado pela *týkhe*, a incerteza. Certo de que não poderia fugir ao que lhe havia sido designado pelos deuses, resolveu acolher o *pathos*, o sofrimento, e conhecer a verdade. Coube a tarefa inglória do amargo revelar a Tirésias, o célebre adivinho de Tebas. Ao obter ciência que havia sido vítima de uma trapaça divina, Anfitrião resignou-se. Precisando escolher entre a *hybris*, a cólera, e a *phrónesis*, a sensatez, Anfitrião, sabedor de que qualquer luta contra a prepotência dos deuses seria vã, aceitou a paternidade adotiva de Herácles – e, por extensão, a infidelidade involuntária da esposa.

## **1.2 - Mitologias**

A mitologia é *topos* para farto material sobre as relações entre o humano e o sagrado. Em especial, a teologia greco-romana é rica em histórias sobre a fragilidade da condição humana e as

relações muitas vezes conflitantes entre os homens e os deuses. É através de diversas histórias arquetípicas – relatos aparentemente descolados do real – que o mito, reflexo secular do mundo divino, surge como uma ilustração da civilização humana. É a palavra, instrumento rudimentar da expressão cultural, que proporciona esse entrelaçamento:

*Este vínculo originário entre a consciência lingüística e a mítico-religiosa expressa-se, sobretudo, no fato de que todas as formações verbais aparecem outrossim como entidades míticas, providas de determinados poderes míticos, e de que a Palavra se converte numa espécie de arquipotência, onde radica todo o ser e todo acontecer. Em todas as cosmogonias míticas, por mais longe que remontemos em sua história, sempre volvemos a deparar com esta posição suprema da Palavra.<sup>29</sup>*

Unindo a Palavra com o imaginário, num mundo continuamente dessacralizado, *regido pelo discurso mais do que pela palavra, é preciso que busquemos (movidos por qual desejo obscuro?) aquilo que de nosso habita o mundo das sombras*<sup>30</sup>, o mito ajuda na construção de formas e aparências para uma realidade que as pessoas sentem intuitivamente: *uma consciência profunda da dimensão espiritual da vida*<sup>31</sup>.

Através da narrativa mitológica – deuses, semideuses, monstros, animais fantásticos e seres mortais – o exercício fabular migra de uma elaboração teogônica para a representação literária. E esse salto mimético, *porque o mito é sempre um jogo de luz e sombra, descoberta e recobrimento, ao mesmo tempo ingênuo e complexo, transparente e enigmático*<sup>32</sup>, não seria possível sem a intermediação de uma *realidade que parece incluir “algo mais”*<sup>33</sup>. No entanto, a mitologia não está restrita aos seus aspectos religiosos ou ao exercício de negação da razão lógica (que elabora explicações para parte da experiência humana).

*(...) a mitologia participa de um construir do mundo; tomando como ponto de partida permanente a constatação de que o homem da sociedade burguesa se encontra, a cada instante, imerso numa falsa Natureza, a mitologia tenta recuperar, sob as inocências da vida relacional mais ingênua, a profunda alienação que essas inocências têm por função camuflar. Esse desvendar de uma alienação é, portanto, um ato político: baseada numa concepção responsável da linguagem, a mitologia postula deste modo a liberdade dessa linguagem. É indubitável que, nesse sentido, a mitologia é uma concordância com o mundo, não tal como ele é, mas tal como pretende sê-lo (Brecht utilizava para designar*

---

<sup>29</sup> CASSIRER, Ernest. *Linguagem e mito*. São Paulo: Perspectiva, 1972. p. 64.

<sup>30</sup> BRICOUT, Bernardet (Org.). *O olhar de Orfeu: os mitos literários do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 14.

<sup>31</sup> ARMSTRONG, Karen. *Breve história do mito*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 18.

<sup>32</sup> BRICOUT, 2003: 14.

<sup>33</sup> ARMSTRONG, 2005: 20.

*essa concordância uma palavra eficazmente ambígua: Einverständnis, simultaneamente inteligência do real e cumplicidade com ele).*<sup>34</sup>

Composta por diversos episódios entrelaçados, que expressam o que é tangível aos novos territórios do imaginário e agregam ao mundo natural alguns aspectos da metafísica, a mitologia reflete as *emoções humanas mais intensas – amor, ódio ou paixão sexual*<sup>35</sup> e pode ser traduzida como um momento em que a transcendência entre o profano (que é a base fundacional da experiência cultural humana) e o sagrado (que é a base fundacional da mitologia) adquire visibilidade.

Desta forma, ao fornecer valor e significado para as atividades humanas, contrastadas com as ações divinas,<sup>36</sup> o mito estabelece sentidos de compreensão para o que é único, mas que se repete todos os dias – a experiência arquetípica se apresenta como reinvenção no deslocamento espaço-temporal (o que está próximo no tempo pode ser apresentado como ocorrendo em lugar distante, assim como algo distante no tempo pode ser apresentado como próximo no espaço).

Na história humana – e mitológica – todos os acontecimentos constituem, em maior ou menor grau, versões de outros acontecimentos. São essas traduções, repletas de detalhes em desacordo e pontos obscuros e elementos que precisam ser esclarecidos, que iluminam a aproximação humana com a verdade – seja qual for essa verdade ou a imagem daquilo que os indivíduos acreditam ser a verdade. A dificuldade epistemológica está justamente em estabelecer qual dessas versões se aproxima da indeterminação que é conceituada como “a” verdade. E isso, em outras palavras, significa que *um mito não transmite informações factuais, é antes de mais nada um guia de comportamento. Sua verdade só se revela se ele é posto em prática – em termos rituais ou éticos*<sup>37</sup>.

Em outras palavras,

*(...) o mito escapa, (...) de todos os entraves conceituais bem como das clivagens sociológicas: seu reino é “sempre um local provisório, uma praça aberta, um lugar nômade”. A despeito da relativa perenidade de suas estruturas, oferece possibilidades de jogos e efeitos “em abismo” que fazem dele uma quimera em que todos se reconhecem.*

<sup>34</sup> BARTHES, Roland. *Mitologias*. 8. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1989. p. 175-176.

<sup>35</sup> ARMSTRONG, 2005: 11.

<sup>36</sup> Em via de mão dupla, as ações divinas estão conectadas com as humanas. Homero, no início da *Odisséia*, fornece voz a Zeus, que faz questão de ressaltar o quanto discorda do costume humano de culpar os deuses por todos os acontecimentos: “Ah!, de que maneira os mortais censuram os deuses! A dar-lhes ouvidos, de nós provêm todos os males, quando afinal, por sua insensatez, e contra vontade do destino, são eles os autores de suas desgraças (HOMERO, 1981: 12).

<sup>37</sup> ARMSTRONG, 2005: 25.

*Atravessa gêneros literários e hermenêuticas, reverte as divisões retóricas, abre-se à diversidade de culturas. Inscrito na longa duração, ele se oferece à leitura através da sobreposição de imagens e do mosaico sempre mutante de seus motivos, tal qual um caleidoscópio, um pretexto para infinitas variações. Jogo de espelhos, ele traz a visão de antigas fantasmagorias. Laboratório onde se operam as tergiversações míticas, ele atrai e anuncia obras por vir.*<sup>38</sup>

Parte de um conjunto de elementos culturais, elaborados pelos mais complexos mecanismos intelectuais, a mitologia sofreu, ao longo da história, milhares de transcrições, diversas alterações e inúmeras adaptações. Nas sociedades ágrafas, a literatura oral preservou parte dessas narrativas, ao mesmo tempo em que foi introduzindo modificações, consoantes com os grupos sociais que foram se formando:

*houve um tempo em que os deuses não eram apenas um costume literário. Eram sim um evento, uma aparição súbita, como um encontro com um bandido ou a chegada de uma nau.*<sup>39</sup>

Os elementos do sagrado foram adaptados ao imaginário humano – que moldou circunstâncias, revelou interpretações, deformou elementos, escondeu detalhes, inventou o que não dispunha e anexou o que não estava ao seu alcance (inclusive acrescentando novas situações e personagens que não integravam o texto original).

*A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte que recorrem todos os narradores. E entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas por inúmeros narradores anônimos.*<sup>40</sup>

Foi a literatura que estabeleceu uma ponte entre cada uma dessas estruturas: *as sombras somente ganham vida quando são carregadas pelo desejo*<sup>41</sup>. O mundo divino foi incorporado ao mundo humano através do ato narrativo – *a faculdade de intercambiar experiências*<sup>42</sup>.

Nesse sentido, o imaginário, a religião e a literatura travam um diálogo cultural bastante próximo:

*Os deuses são hospedes fugidios da literatura. Deixam nela os rastros de seus nomes. Mas logo a desertam também. Toda vez que um escritor esboça um texto, tem de reconquistá-*

---

<sup>38</sup> BRICOUT, 2003: 17-18.

<sup>39</sup> CALASSO, Roberto. *A literatura e os deuses*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 10.

<sup>40</sup> BENJAMIN, Walter. *O narrador* (Considerações sobre Nikolai Leskov). In: BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. v. 1. São Paulo: Brasiliense, 1985. P. 198.

<sup>41</sup> BRICOUT, 2005: 16.

<sup>42</sup> BENJAMIN, 1985: 198.

*los. A mercurialidade, que anuncia os deuses, sugere também a sua evanescência. Mas nem sempre foi assim. Pelo menos enquanto existiu uma liturgia. Aquela trama de gestos e palavras, aquela aura de controlada dramaticidade, aquele uso de certas substâncias e não de outras: tudo isso aplacava os deuses, até o momento em que os homens deixaram de invocá-los. A seguir sobraram apenas, restos esquecidos num acampamento abandonado, as histórias dos deuses que haviam sido o substrato de todo gesto. Arrancadas do seu solo e expostas a uma luz áspera, na vibração da palavra, elas chegaram a parecer impudentes e tolas. E tudo termina como história da literatura.*<sup>43</sup>

Apesar de não ser possível recuperar algumas das narrativas originais, tamanha é a distância cronológica entre o momento primevo e a contemporaneidade, a reinvenção da literatura mítica que se processa através do ato narrativo contribui para criar novas tradições, novos *insights* sociais: *a mitologia (...) é uma forma de arte. Qualquer obra de arte intensa invade nosso ser e nos muda para sempre*<sup>44</sup>.

A transcendentalidade mitológica, envolta pelas novas embalagens fornecidas pela arte, continua a pulsar no imaginário humano, iluminando situações e indivíduos. Essa interação, mesmo sem renovar a essência, possibilita o desdobramento do mito e, conseqüentemente, novas interpretações.

De forma específica, a atualidade da narrativa mitológica que envolve o triângulo amoroso formado por Anfitrião, Alcmena e Zeus e o nascimento dos gêmeos Herácles e Íficles está no retratar – de forma singular – uma das maneiras com que o mito reinventa o sentido profundamente humano das paixões, que se desdobram em mistério e assombro, em insensatez e revelação, em volúpia e amor.

Complementando esse pensamento, a história humana está repleta de situações em que alguma divindade usurpou a identidade de algum mortal. No cristianismo, por exemplo, uma leitura crítica sobre a paternidade de Jesus pode derivar para esse raciocínio.<sup>45</sup> O “aparecimento”

---

<sup>43</sup> CALASSO, 2004: 09.

<sup>44</sup> ARMSTRONG, 2005: 124.

<sup>45</sup> *Ora, o nascimento de Jesus Cristo foi assim: Maria, sua mãe, estava prometida em casamento a José e, antes de passarem a conviver, ela encontrou-se grávida pela ação do Espírito Santo. José, seu esposo, sendo justo e não querendo denunciá-la publicamente, pensou em despedi-la em segredo. Mas depois que lhe veio esse pensamento, apareceu-lhe em sonho um anjo do Senhor, que lhe disse: “José, Filho de Davi, não tenhas receio de receber Maria, tua esposa; o que nela foi gerado vem do Espírito Santo. Ela dará à luz um filho, e tu lhe porás o nome de Jesus, pois ele vai salvar o seu povo dos seus pecados.*

*Tudo isso aconteceu para se cumprir o que o Senhor tinha dito pelo profeta: Eis que a virgem ficará grávida e dará à luz um filho. Ele será chamado pelo nome de Emanuel, que significa: Deus-conosco.”*

*Quando acordou, José fez conforme o anjo do Senhor tinha mandado e acolheu sua esposa. E, sem que antes tivessem mantido relações conjugais, ela deu à luz o filho. E ele lhe pôs o nome de Jesus (Mt., 1: 18-25).*

*Quando Isabel estava no sexto mês, o anjo Gabriel foi enviado a uma cidade da Galiléia, chamada Nazaré, a uma virgem prometida em casamento a um homem de nome José, da casa de Davi. A virgem se chamava Maria. O anjo entrou onde ela estava e disse: “Alegra-te, cheia de graça! O Senhor está contigo”. Ela ficou muito confusa com*

do “arcanjo” Gabriel, mensageiro de Deus, comunicando à Maria que ele está grávida e que o seu filho foi “gerado” pelo Espírito Santo, somente permite duas interpretações: como dogma ou como farsa. Diante da recusa dos cristãos em aceitar a segunda alternativa, e da pergunta formulada por Maria, *Como acontecerá isso, já que eu não convivo com um homem?*<sup>46</sup>, não é incorreto considerar o “Espírito Santo” como um usurpador.

Mas, um tipo especial de usurpador, pois conta com a aquiescência das “vítimas”: *“Eis aqui a serva do Senhor! Faça-se em mim segundo a tua palavra”*<sup>47</sup>. E assim foi feito, pois José aceitou a paternidade em lugar de “outro” e a Virgem Maria continuou “virgem”.

De forma análoga, porém mais humana, o mito indígena amazônico do boto cor-de-rosa fornece explicação e paternidade para os filhos das mulheres que foram seduzidas às margens do rio Solimões.<sup>48</sup>

Esses dois episódios, entre outros, reiteram que algumas narrativas míticas transcendem o momento em que surgiram no imaginário humano e são reatualizadas/ritualizadas no mundo contemporâneo.

Como consequência do embate entre o divino e o humano, o mito se desdobra em outro mito, que, por sua vez, se desdobrará em outro e assim sucessivamente. A história de Anfítrio é uma amostra da fragilidade humana diante de um conjunto superior de forças.

---

*estas palavras e começou a pensar qual seria o significado da saudação. O anjo, então, disse: “Não tenhas medo, Maria! Encontrastes graça junto a Deus. Conceberás e darás à luz um filho, e lhe porás o nome de Jesus. Ele será grande; será chamado Filho do Altíssimo, e o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai. Ele reinará para sempre sobre a descendência de Jacó, e o seu reino não terá fim.*

*Maria, então, perguntou ao anjo: “Como acontecerá isso, já que eu não convivo com um homem?” O anjo respondeu: “O Espírito Santo descenderá sobre ti, e o poder do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra. Por isso, aquele que vai nascer será chamado santo, Filho de Deus. Também Isabel, tua parenta, concebeu um filho na sua velhice. Este já é o sexto mês daquela que era chamada estéril, pois para Deus nada é impossível”. Maria disse: “Eis aqui a serva do Senhor! Faça-se em mim segundo a tua palavra”. E o anjo retirou-se (Lc., 1: 26-38).*

<sup>46</sup> BIBLIA Sagrada. Lc., 1:34.

<sup>47</sup> BIBLIA Sagrada. Lc., 1:38.

<sup>48</sup> *A mitologia dos ribeirinhos estava repleta de casos de botos. Diziam que o mito vinha dos índios, mas ele não acreditava. Quando a lua cheia, enorme e laranja, despontava nos paranás, o boto saía das águas e transformava-se em sedutor mancebo. Na cabeça um panamá de abas moles, e procurando as festas, escolhia a moça mais bonita. Dançava como Nijinski, e quase sempre conseguia satisfazer os seus desejos, levando a donzela sob encanto para os ermos prateados de luar. Se ela afagasse a cabeça do amante, notaria um furo na moleira, que ele explicaria como o instrumento que falta aos que morrem afogados. E sem outras palavras, ele a abandonaria apaixonada, e nunca mais seria visto. A lembrança de amor tão vigoroso não se apagava facilmente. A enfeitiçada punha-se à margem do rio, engravidada e triste, pois paciência e sebo de grilo era o único remédio praquilo. O Boto era um importante personagem na expansão demográfica do Amazonas. Um Dom Juan anfíbio e não menos prolixo em seus gestos de sedução e galanteria. Tinha pinta, técnicas amorosas avançadas, moderado espírito libertino e a promiscuidade natural de um sementeiro em campo vasto demais para ser lavrado apenas pelos homens. Sem falar de sua generosidade ao oferecer a paternidade a muitos bacurinhos nascidos, digamos, fora do tálamo matrimonial, livrando as mães solteiras do vexame da leseira ao exporem o ventre fecundo em público, sem outra explicação que a lenda para encobrir os minutos de prazer sob o peso de algum vetor a preferir o anonimato (SOUZA, 1982: 32-33).*

Por trás da tragédia passional que envolve Anfitrião, Alcmena e Zeus, e que estabelece a desigualdade entre os deuses e os humanos, está o embate fraterno – que é um dos momentos transcendentais da história social da humanidade.

Tenha uma explicação divina, que sacraliza privilégios para determinados indivíduos, ou como consequência da luta pelo poder intrafamiliar, a desigualdade entre irmãos introduz um novo aspecto no relacionamento social familiar. E parte da queixa universal sobre o quanto as relações afetivas entre irmãos são difíceis de serem administradas está sedimentada na disparidade com que cada uma das partes interage com o mundo.

Ou seja, as diferenças entre Herácles e Íficles ultrapassam a deidade do primeiro e a mortalidade do segundo. Em um outro contexto, um dos personagens de *Abel Sánchez*, de Miguel de Unamuno, verbaliza parte do ressentimento que é alimentado pela disparidade entre dois indivíduos:

*Ah, então você acha que os afortunados, os agraciados, os favoritos não têm culpa de nada? Eles têm culpa, sim, por não ocultar, e ocultar como uma vergonha, que é isso que é, todo o favor gratuito, todo o privilégio não alcançado por méritos próprios, por não ocultar a graça ao invés de ostentá-la. Não tenho dúvida de que Abel esfregaria no focinho de Caim a sua graça, o provocaria com a fumaça de suas ovelhas sacrificadas em nome de Deus. Aqueles que se creem justos costumam ser uns arrogantes que oprimem os outros com a ostentação de sua justiça. Alguém já disse que não há canalha maior do que uma pessoa honrada...* <sup>49</sup>

Idêntico sentimento está visível em parte do discurso da narradora do romance brasileiro *Pérolas absolutas*:

*Marcados somos todos nós – essa imensa confraria de anônimos e esquecidos – que ficamos em segundo. Alguns estiveram perto, tão perto que chegaram a arranhar a história com seus nomes. (...) A história não registra os fracassados. (...)*  
*Eu os amo, a todos. Às mulheres, como Camille ou Zelda, porque enlouqueceram. Mas há também os irmãos que quase chegaram juntos, que disputaram espaço, que fingiram e sofreram, muitas vezes imitando um sorriso de desdém quando na verdade se afogavam em mágoa – mas que sempre, sempre, saíram perdendo. Heinrich, Gerald, Tiago. Todos devem ter guardado, em algum ponto recôndito de suas almas, a marca do rancor. O rancor que se vai sedimentando aos poucos, que é como um câncer, silencioso e traiçoeiro. O rancor que é pior do que o ódio, porque é um ódio em conta-gotas. São esses os meus irmãos. Todos fracassados, esquecidos, nulos – como eu. Porque não perderam, não chegaram em último, mas em segundo, o lugar maldito. Sou como eles. Sou, fui e sempre serei a segunda. Desde criança, minha irmã sempre foi melhor do que eu, sempre me venceu. Era a mais bonita, a mais inteligente, a mais brilhante.* <sup>50</sup>

<sup>49</sup> UNAMUNO, Miguel de. *Abel Sanchez*: uma história de paixão. Rio de Janeiro: Record, 2004. p. 82-83.

<sup>50</sup> SEIXAS, Heloisa. *Pérolas absolutas*. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 28-29.



O romantismo – que, muitas vezes, edulcora as relações sociais – costuma encobrir as adversidades que ocorrem entre irmãos. Por exemplo, no mito fraterno derivado do triângulo amoroso entre Anfitrião, Alcmena e Zeus há uma tendência em ignorar o fato de que Herácles é irmão gêmeo de Íficles. Embora os gêmeos tenham pais diferentes, eles são irmãos. Ou melhor, meio-irmãos. O elemento distintivo está na disparidade entre eles – e que está escorada em tamanha dimensão que Íficles sequer é lembrado como uma sombra tênue de Herácles.<sup>51</sup>

O imaginário social, em lugar de colocar Herácles e Íficles como modelos das relações entre irmãos, encontrou em um outro mito os elementos capazes de promover o ideal da harmonia fraterna: Castor e Pólux. Com uma origem semelhante a de Herácles e Íficles, Castor e Pólux são resultantes de uma relação extraconjugal de Zeus. Ao ver a bela Leda banhando-se em um lago, Zeus metamorfoseou-se em cisne. Quando Leda, seduzida pela beleza do cisne, o recolheu ao regaço, Zeus a fecundou.<sup>52</sup> Na mesma noite, Leda teve relações sexuais com o marido, Tíndalo, rei de Lacedémon. Contam os rapsodos que Leda deu à luz a dois ovos (óvulos). De um deles nasceram os semideuses Pólux e Helena (filhos de Zeus), do outro nasceram os mortais Castor e Clitemnestra (filhos de Tíndalo). Na adolescência e na vida adulta sedimentou-se a amizade entre os meio-irmãos Castor e Pólux, também chamados de *Dióscoros* ou *Tindáridas*, cujas aventuras – baseadas na honra e na coragem – se tornaram épicas.<sup>53</sup>

No entanto, a mortalidade de Castor se apresentava como um sério obstáculo. Uma das versões sobre a sua morte conta que, por ocasião das bodas de seus primos Idas e Linceu, Castor e

---

<sup>51</sup> A disparidade em importância mitológica entre Íficles e Herácles pode ser percebida, por exemplo, na simples constatação que Pierre Grimal, no seu *Dicionário da mitologia grega e romana*, dedica quarenta e quatro linhas para Íficles (p. 245) e quinze páginas para Herácles (p. 205-221).

<sup>52</sup> Esse episódio mitológico tem encantado diversos escritores ao longo dos séculos. Para alguns críticos, a interpretação de William Butler Yeats (1865-1939), no poema *Leda and the swan*, é a mais bela: *A sudden blow: the great wings beating still / Above the staggering girl, her thighs caressed / By the dark webs, her nape caught in his bill, / He holds her helpless breast upon his breast. // How can those terrified vague fingers push / The feathered glory from her loosening thighs? / And how can body, laid in that white rush, / But feel the strange heart beating where it lies? // A shudder in the loins engenders there / The broken wall, the burning roof and tower / And Agamemnon dead. // Being so caught up, / So mastered by the brute blood of the air, / Did she put on this knowledge with his power / Before the indifferent beak could let her drop?* (Um baque súbito: ei-lo em forte ruflar de asa / Sobre a jovem que oscila, a coxa lhe acarinha / Com a membrana escura, a nuca lhe atenua, / E o peito sobre o peito sem amparo aninha. // Que podem suas mãos, vagas de horror, perante / O emplumado esplendor que aparta as coxas dela? / Que pode o corpo, sob alvura avassalante, / Senão sentir que o estranho coração martela? // Um tremor dos quadris ali vem conceber / A muralha fendida, a torre a se queimar / E o morto Agamenão. // Enquanto sob o impasse, / Enquanto a dominava o sangue bruto do ar, / Tomou o saber dele com o seu poder / Antes que o bico indiferente a abandonasse? *Tradução de Paulo Vizioli*) (YEATS, 1992:110-111).

<sup>53</sup> Castor e Pólux participaram da expedição dos Argonautas e foram importantes no episódio contra Amico, o rei dos Bébrices. Também participaram na caçada de Cálidon e ajudaram Jasão a saquear Iolco. Não participaram da Guerra de Tróia porque já haviam sido divinizados.

Pólux raptaram as noivas Febe e Hilaíra (que eram irmãs). Descobertos os autores do crime, os quatro guerreiros entram em luta corporal e Hades acolheu Castor e Linceu. Desgostoso com esse desfecho, Zeus fulminou Idas e levou Pólux para o Olimpo. Diante da possibilidade de separação – Pólux no Olimpo e Castor nos Infernos – o filho de Zeus ficou inconsolável e pediu ao seu pai que lhe permitisse trocar a sua vida pela do meio-irmão.<sup>54</sup>

Zeus não aceitou essa hipótese e divinizou os irmãos, permitindo que eles vivessem alternadamente um dia na Terra e outro no Olimpo. Segundo outra versão, Zeus colocou-os entre as estrelas – a Constelação de Gemini<sup>55</sup>.

Uma questão significativa, neste mito, está no fato de que a força da amizade entre Castor e Pólux encobre questões ideológicas sobre a fraternidade: a mitologia greco-romana está repleta de exemplos pouco amistosos entre irmãos. Os modelos “negativos” projetam-se como representações das condições que alicerçam a fraternidade, como exemplos emblemáticos da face humana: crueldade, vingança, inveja, ciúme, mesquinhez, ódio... Sintomaticamente, o imaginário social prefere esquecer que alguns desses sentimentos são produzidos por motivos torpes e prefere celebrar apenas o exemplo “positivo” de Castor e Pólux.

De qualquer forma, para tentar lançar alguma luz sobre o contraditório, as situações mitológicas que envolvem Acrísio e Preto, Atreu e Tiestes, Egípto e Dánao, Polínicos e Etéocles, dos Boréadas, entre outros, merecem um olhar – mesmo que fugaz.

Embora não esteja relacionado nos poemas homéricos, o desentendimento fraterno que nutriram Atreu e Tiestes, filhos de Pélops e Hipodamia, é conhecido como um dos momentos mais

---

<sup>54</sup> Provavelmente inspirado no mito de Castor e Pólux, Alexandre Dumas escreveu o romance *Os irmãos Corsos*, um dos clássicos mundiais sobre o afeto fraterno. Os irmãos gêmeos Luis e Luciano de Franchi, 21 anos, possuem grande semelhança física, temperamentos bastante diferentes e estão separados fisicamente (Luis está em França, para estudos de advocacia; Luciano continua em casa para aprender a ser “um corso”). Embora mostrem um entendimento do mundo completamente diverso, na essência compartilham mutuamente de um afeto muito estreito (*Que estranho irmão era esse que sentia as mesmas dores e aflições de seu gêmeo, embora trezentas léguas os separassem?* [DUMAS, 1987:31]). Em Paris, Luis envolve-se em uma desavença com Château-Renaud. De acordo com as normas da etiqueta (“a pequena ética”), um duelo com pistolas é acordado entre as partes (*Luís de Franchi fez meia-volta sob o impacto da bala e caiu sobre um joelho* [DUMAS, 1987:154]). Cinco dias após o enterro de Luis, Luciano de Franchi, com uma marca exatamente no lugar onde seu irmão fora baleado, se apresenta ao narrador, contando como havia tomado conhecimento da morte do irmão (*O senhor esqueceu a balada de Bürger, meu caro Alexandre; os mortos andam depressa* [DUMAS, 1987:159]). Ao desafiar Château-Renaud, Luciano exige um novo duelo, pois deseja vingar a morte do irmão. No momento derradeiro, Luciano de Franchi acerta um balaço na têmpora do adversário. Em seguida, deixa cair a arma e chora: *Meu irmão! Meu pobre irmão! – dizia entre lágrimas. Talvez as primeiras derramadas por aquele bravo filho da Córsega* (DUMAS, 1987:172).

<sup>55</sup> GRIMAL, Pierre. *Dicionário da mitologia grega e romana*. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p. 123; FRANCHINI, A. S.; SEGANFREDO, Carmen. *As 100 melhores histórias da mitologia: deuses, heróis, monstros e guerras da tradição greco-romana*. Porto Alegre: L&PM, 2003. p. 158-162.

violentos da mitologia greco-latina.<sup>56</sup> Esse ódio possivelmente teve origem em uma maldição lançada por Pélops quando soube que Atreu e Tiestes, movidos pelo ciúme, foram os responsáveis pela morte de Crisipo (fruto de uma relação extraconjugal de Pélops com a ninfa Axíoque). Banidos pelo pai, Atreu e Tiestes foram morar em terras de um tio, Euristeu, rei de Argólida. A situação se complica após a morte de Euristeu, quando um oráculo aconselhou aos habitantes de Micenas, cidade situada na Argólida, escolher como rei um dos filhos de Pélops. Os dois irmãos imediatamente recusaram um consenso. E embora a questão exclua um ato bélico declarado, as manobras militares envolvendo conquista e perda de parte do território em disputa foram intensas. Diante do impasse, Tiestes elaborou um ardil: propôs que fosse escolhido rei aquele que apresentasse um velo de ouro. Atreu, que tinha um velo escondido (embora tivesse prometido sacrificar à deusa Artemis o melhor animal de seu rebanho, reservou para si esse cordeiro e o velo foi escondido em um lugar seguro), acreditou que estava em vantagem, e aceitou imediatamente a oferta. O que ignorava é que sua esposa, Aérope, era amante do irmão e que faria de tudo para que Tiestes assumisse o trono. Vítima de uma conspiração familiar, Atreu teve o velo roubado pela esposa. Em seguida, Tiestes apresentou o velo de ouro em público e exigiu o trono de Micenas.

Zeus, descontente com esse desfecho, impediu que Atreu fosse prejudicado. Logo depois que assumiu o trono de Micenas, Atreu fingiu estar reconciliado com o irmão e lhe ofereceu um banquete. Depois que Tiestes se fartou em saborear as iguarias que lhe foram servidas, Atreu revelou a composição da refeição. Com as cabeças de três dos filhos de Tiestes (Aglau, Calilente e Orcómeno) na mão, Atreu tornou público o quanto de crueldade compõe uma vingança. Para completar a lição, expulsou perpetuamente Tiestes de Micenas.

Egipto e Dánao, filhos de Belo e de Anquínoe, tinham, cada um e de diferentes mulheres, cinquenta descendentes.<sup>57</sup> Depois de um desentendimento, Dánao precisou fugir para a Argólida. Procurando resolver o conflito, os cinquenta filhos de Egipto procuraram pelo tio propondo o esquecimento da desavença: como sinal de amizade, pediram em casamento as suas cinquenta filhas (conhecidas como *Danaiides*). A proposta foi aceita e os casais foram formados. Na noite de núpcias, Dánao ofereceu para cada uma de suas filhas uma adaga de presente. Em seguida, ordenou às noivas que matassem os maridos durante a noite de núpcias. Todas, com exceção de Hipermnestra (que poupou Linceu), cortaram a cabeça dos maridos – cujos corpos receberam

---

<sup>56</sup> GRIMAL, 2000: 55-56.

<sup>57</sup> GRIMAL, 2000: 110-111, 131-132.

honras fúnebres. Egípto, consumido pelo desgosto e chorando a morte dos filhos, retirou-se para Ároe e morreu.

Acrísio e Preto são gêmeos, filhos de Abas (ou Abante), rei de Argos, netos de Egípto e Dánao.<sup>58</sup> O ódio recíproco que nutrem entre si iniciou no útero materno, como se fosse parte do legado sangüíneo dos avós. Adultos, logo depois da morte do pai, declaram uma guerra particular para decidir quem ocuparia o trono de Argos. Depois de muitos combates e muitas mortes, Acrísio conseguiu expulsar o irmão para a Lícia. Uma versão adicional deste mito atribui a Preto a sedução de sua sobrinha, Dánae, filha de Acrísio e Eurídice<sup>59</sup> – essa aventura amorosa, que em nada contribuiu para diminuir o desentendimento fraterno, resultou no nascimento de Perseu (um oráculo havia previsto que se Dánae tivesse um filho, Acrísio seria morto pelo neto – o que acabou ocorrendo).

Os irmãos Polínicos e Etéocles foram unidos e separados por diversas maldições. Filhos de Édipo e Jocasta,<sup>60</sup> nasceram sob o signo do inominável e em algumas versões deste mito, a progenitura é atribuída a Polínicos, em outras a Etéocles.<sup>61</sup> A rivalidade fraterna surge da conjunção de várias maldições que Édipo lançou contra os filhos porque eles não se compadecem do pai ao descobrir que ele havia cometido incesto e parricídio. Uma dessas maldições previa que os irmãos acabariam matando um ao outro. Polínicos e Etéocles decidiram partilhar o poder: cada um reinaria durante um ano. Mas, ao final do primeiro governo, Etéocles se recusou a transferir o poder ao irmão. Expulso da cidade, Polínicos foi para Argos. Depois de desposar Argia, filha de Adrasto, rei de Argos, obteve do sogro a promessa de que governaria Tebas. Na luta que se seguiu, nas portas de Argos, os irmãos se enfrentaram e cada um feriu o outro mortalmente.

Os irmãos gêmeos Calais e Zetes, filhos de Bóreas (deus do Vento do Norte) e de Oritia, constituem uma espécie de representação mítica da dialética grega; ao mesmo tempo, permitem uma instrutiva alegoria sobre o contraditório e a inseparabilidade fraterna. Assim como Bóreas, eles são divindades eólicas e os seus nomes estão relacionados com o verbo “soprar”. Enquanto Calais significa “aquele que sopra docemente”, Zetes significa “aquele que sopra com força”. Movendo-se com rapidez, mas discordando na intensidade, Calais e Zetes produzem tempestades e

---

<sup>58</sup> GRIMAL, 2000: 4-5, 393.

<sup>59</sup> Uma das versões mais conhecidas desse episódio atribui a Zeus, sob a forma de uma chuva de ouro, a sedução de Dánae – e a conseqüente concepção de Perseu.

<sup>60</sup> Polínicos e Etéocles, portanto, são frutos do mais famoso caso de incesto da história cultural Ocidental – mas, há dúvidas sobre isso: há versões mitológicas que consideram que Polínicos e Etéocles são filhos de Euriganeia, segunda esposa de Édipo.

<sup>61</sup> GRIMAL, 2000: 386.

calmarias, alternam placidez e violência, deslocam objetos e indivíduos – é através do desentendimento fraterno que eles se aproximam e se afastam da missão que lhes coube no mundo mitológico.<sup>62</sup>

Todos esses exemplos vão em direção contrária ao do mito da fraternidade utópica, representada por Castor e Pólux. Por alguma razão, que beira o inexplicável, raras são as oportunidades em que algumas dessas histórias são lembradas nas discussões (seja mitológicas, sejam isentas de caráter religioso) relativas às relações fraternas. A mitologia (e seus estudos derivados) tratam a discórdia fraterna como interdito, como barreira – e desse limite poucos conseguem ultrapassar.

Em uma outra área religiosa, o cristianismo, quatro dos mitos mais significativos sobre a fraternidade são negativos: Caim e Abel, Esaú e Jacó, José e seus irmãos e o filho pródigo – e apenas um, o de José e seus irmãos, apresenta uma solução conciliatória entre os envolvidos.

O primeiro caso, *Creio que se trata da história mais conhecida do mundo porque é a história de todos. Acho que é a história que simboliza a alma humana*<sup>63</sup>:

*O homem se uniu a Eva, sua mulher, e ela concebeu e deu à luz Caim, dizendo: “Ganhei um homem com a ajuda do SENHOR”. Tornou a dar à luz e teve Abel, irmão de Caim.*<sup>64</sup>

A convivência pacífica entre os irmãos termina quando os meninos, cumprindo com os ritos de passagem para a vida adulta, precisam escolher uma profissão, ou melhor, um meio de subsistência. Segundo o Gênesis (4:2), *Abel tornou-se pastor de ovelhas e Caim pôs-se a cultivar o solo.*<sup>65</sup> A natureza que até então se manifestava como uma representação unificadora da criação

---

<sup>62</sup> GRIMAL, 2000: 61.

<sup>63</sup> STEINBECK, John. *Vidas amargas* (A leste do Éden). 3. Ed. Rio de Janeiro: Record, 1990. p. 262.

<sup>64</sup> BÍBLIA Sagrada. Gn., 4:1-2.

<sup>65</sup> Literariamente, esse recorte do episódio bíblico serviu de motivo para diversas releituras. Uma das mais significativas está no romance *Vidas Amargas* (*A leste do Éden*), de John Steinbeck. Em cena emblemática, os personagens Adam Trask, Samuel Hamilton e Lee estão conversando sobre qual nome devem dar aos gêmeos, filhos de Adam, que estão com mais de um ano de idade e ainda não foram batizados.

– *É melhor continuarmos na tarefa de escolha dos nomes – sugeriu Samuel. (...).*

– *Não consigo pensar em bons nomes – disse Adam.*

– *Não tem algum nome de família que esteja querendo... nenhuma armadilha sedutora para um parente rico, nenhum nome orgulhoso que queira restabelecer?*

– *Não. Eu gostaria que eles comessem sem quaisquer restrições, na medida em que isso é possível.*

*Samuel bateu na testa com as articulações da mão.*

– *Mas que pena! É lamentável que eles não possam ter nomes mais naturais.*

– *Como assim?*

– *Falou em começar sem restrições. E eu tinha pensado ontem à noite... – Samuel fez uma pausa. – Já pensou em seu próprio nome?*

– *O meu?*

---

– *Isso mesmo. Seus primeiros filhos... Caim e Abel.*

– *Oh, não! Eis uma coisa que nunca poderíamos fazer.*

– *Sei que não podemos. Seria tentador demais, o que quer que o destino possa reservar. Mas não é estranho que Caim seja provavelmente o nome mais conhecido no mundo inteiro, embora eu só tenha conhecido até agora um homem que o ostentasse?*

*Lee interveio:*

– *Talvez seja porque o nome nunca mudou de ênfase.*

*Adam olhou para o vinho tinto no seu copo.*

– *Senti um calafrio quando você falou* (STEINBECK, 1990: 257)

*Depois de uma leitura da Bíblia (Dêem-me uma Bíblia usada e acho que poderei falar sobre um homem pelos lugares que estão marcados por seus dedos a procurar [STEINBECK, 1990: 258]) e discutirem com bastante interesse algumas das variações do mito de Caim e Abel, Adam faz um pedido para Samuel:*

– *Indique-me alguns nomes.*

– *Da Bíblia?*

– *De qualquer lugar.*

– *Hum, vamos ver... Entre todas as pessoas que partiram do Egito, apenas duas chegaram à Terra Prometida. Gostaria desses nomes como um símbolo?*

– *Quais são?*

– *Caleb e Josué.*

– *Josué foi um soldado... um general. E não gosto da vida militar.*

– *Caleb era um capitão.*

– *Mas não um general. E gosto de Caleb... Caleb Trask.*

*Um dos gêmeos acordou e sem qualquer intervalo começou a chorar.*

– *Você chamou o nome dele – disse Samuel. – Não gosta de Josué e Caleb é chamado. Ele é esperto... o mais escuro. O outro também está acordado. Sempre gostei de Aaron, mas ele não conseguiu chegar à Terra Prometida.*

*O segundo menino começou a berrar, quase que alegremente.*

– *Acho que está ótimo – comentou Adam.*

*Subitamente, Samuel riu.*

– *Em dois minutos e depois de uma cascata de palavras. Caleb e Aaron ... agora que vocês são gente e se juntaram à fraternidade, possuem o direito de serem amaldiçoados* (STEINBECK, 1990: 263)

*As últimas palavras de Samuel (possuem o direito de serem amaldiçoados), assim como a indicação dos nomes dos meninos (Entre todas as pessoas que partiram do Egito, apenas duas chegaram à Terra Prometida. (...) Sempre gostei de Aaron, mas ele não conseguiu chegar à Terra Prometida), devem ser interpretadas como uma espécie de profecia (ratificada no desfecho do romance), remetendo ao mito de Caim e Abel – cuja comprovação do desfecho ocorre quando Samuel, alguns anos depois da escolha do nome dos meninos, visita Adam. Em conversa com os gêmeos, Samuel consegue “visualizar” uma nova versão da tragédia:*

*Os gêmeos entraram em silêncio e ficaram olhando timidamente para o convidado.*

– *Já se passou muito tempo desde a última vez que vi vocês. Mas escolhemos seus nomes muito bem. Você é Caleb, não é mesmo?*

– *Sou Cal.*

– *Pois então é Cal. – Adam virou-se para o outro. – Já encontrou um meio de projetar o caráter de seu nome?*

– *Como, senhor?*

– *Seu nome é Aaron?*

– *Sim, senhor.*

*Lee soltou uma risada.*

– *Ele escreve com um “a” apenas. A repetição parece um exagero para os amigos.*

– *Tenho 35 lebres belgas, senhor – disse Aaron. – Gostaria de vê-las? A coelheira está perto da fonte. E tenho oito filhotes bem pequenos... nasceram ontem.*

– *Eu gostaria de ver os seus bichos, Aron. – A boca de Samuel se contraiu. – Cal, você por acaso é jardineiro?*

*Lee virou a cabeça bruscamente, olhando fixamente para Samuel. E murmurou, nervosamente:*

– *Não faça isso.*

*Cal disse:*

– *Papai vai me deixar cuidar de um acre na parte plana no ano que vem.*

*Aron disse:*

divina, emerge deste episódio como uma divisão entre a pecuária e a agricultura. Ou seja, por meio de uma das formas misteriosas com que os designios divinos se manifestam, a discórdia fraterna surge quando Deus escolhe o seu “favorito”. Ao privilegiar um dos irmãos, em detrimento do outro, Deus estabelece as condições básicas para que o ciúme se transforme na alavanca que promove a tragédia. Contrariando as regras propostas pela sucessão patrilinear, o eleito não é o primogênito.<sup>66</sup>

*Aconteceu, tempos depois, que Caim apresentou ao SENHOR frutos do solo como oferta. Abel, por sua vez, ofereceu os primeiros cordeirinhos e gordura das ovelhas. E o SENHOR olhou para Abel e sua oferta, mas não deu atenção a Caim com sua oferta.*<sup>67</sup>

Essa escolha provavelmente está conectada com o fato de que, em tempos ancestrais, em sociedades nômades como a dos Hebreus, a agricultura era considerada como uma ocupação social de menor importância, mais ligada às atividades femininas. Ato “heróico”, como a caça e as guerras, eram mais valorizadas: o ordenamento cultural da época considerava cultivar os frutos da terra uma tarefa que não fornecia honra para quem a executasse.<sup>68</sup>

---

– *Tenho um coelho que pesa mais de sete quilos. Vou dar a papai como presente de aniversário* (STEINBECK, 1990: 287-288).

Ao ouvir a pergunta sutil, *Cal*, você por acaso é jardineiro?, a reação de Lee é imediata: “Não faça isso.” Com repulsa e, ao mesmo tempo, com sabedoria – o que muitas vezes também significa medo – Lee sabe que alguns fantasmas não devem ser evocados frivolamente e que a cautela muitas vezes é o melhor antídoto contra os venenos que atormentam as relações fraternas.

O contraste entre agricultores e pastores surge mais uma vez, sinalizando embates e destinos atávicos. Ignorando estar revivendo uma história conhecida, os irmãos Caleb e Aaron, em troca da bênção do Pai (ou de Deus), que é uma forma de alcançar a “Terra Prometida”, mostram-se, nesse episódio, dispostos a sacrificar os seus bens mais preciosos.

<sup>66</sup> Northrop Frye observa que nos primeiros livros bíblicos, *o desprezo do filho mais velho, que normalmente guarda os direitos legais da proleitura* (FRYE, 2004: 218), é um tema recorrente. A Bíblia está repleta de casos similares. Na décima praga do Egito: *Moisés disse: “Assim diz o SENHOR: À meia-noite farei uma incursão entre os egípcios, e morrerão todos os primogênitos do Egito, desde o primogênito do faraó, o herdeiro do seu trono, até o primogênito da escrava que gira a mó do moinho, e até os primogênitos do gado* (Ex., 11: 4-5). E esse filicídio se cumpre: *Era meia-noite quando o SENHOR feriu todos os primogênitos no Egito, desde o primogênito do faraó, herdeiro do trono, até o primogênito do prisioneiro do cárcere, bem como todos os primogênitos dos animais* (Gn., 12: 29). Não satisfeito com a quantidade de sangue derramado, Deus faz mais um pedido a Moisés: “*Consagra-me todo primogênito: todo o primeiro parto entre os israelitas, tanto de homens como de animais, será meu*” (Gn., 13: 1-2).

Frye anota que *o tema do primogênito relegado parece ter alguma relação com a insuficiência do desejo humano por continuidade, que subjaz ao costume de passar a herança ao filho mais velho. Todas as sociedades humanas manifestam ansiedade por uma linha de sucessão clara e estável: a intensidade desse sentimento se explicita com clareza em todas as peças de Shakespeare. Se a forma que Shakespeare deu a essa ansiedade não está mais entre nós, a própria ansiedade ainda está. Na doutrina da sucessão apostólica vemos como é importante para a Igreja o sentido de uma continuidade sem interrupções. Segue-se daí que a escolha deliberada de um filho mais moço representa uma intervenção divina em negócios humanos, uma descida vertical da intervenção na continuidade que rompe o seu padrão, mas, ao fazê-lo, dá uma nova dimensão à vida humana* (FRYE, 2004: 219-220).

<sup>67</sup> BÍBLIA Sagrada. Gn., 4: 3-5.

<sup>68</sup> Essa interpretação possui críticos. Mas, estudiosos como Frye, entendem que Deus (mostrando que um dos elementos fundacionais da religião hebraica é o seu caráter “sanguinário”) valorizou o pastoreio em detrimento da agricultura quando rejeitou a oferta de Caim: *Disputas entre lavradores e pastores já se encontram na literatura suméria muitos séculos antes, mas nesta o lavrador fica pontos acima do pastor, como seria natural numa terra*

Descontente com essa perspectiva, Caim entende que estar em segundo plano não constituía opção. Sentindo-se rejeitado, com a mente alimentada pela perda do que nunca possuiu, Caim não consegue se conter – apesar das implicações morais e religiosas.

*Caim ficou irritado e com o rosto abatido. Então o SENHOR perguntou a Caim: “Por que andas irritado e com o rosto abatido? Não é verdade que, se fizeres o bem, andarás de cabeça erguida? E se fizeres o mal, não estará o pecado espreitando-te à porta? A ti vai seu desejo, mas tu deves dominá-lo”.<sup>69</sup>*

A advertência de Deus não resulta em solução: encontrar o irmão significa aumentar o ódio, reviver – mais uma vez – o pesadelo. Deus é, de uma forma ou de outra, o “Pai” – e a aprovação que oferece a um dos filhos rebaixa o outro. Embora Caim deseje o fim da tortura, também quer o que ao irmão foi outorgado: a graça divina.

Sem conseguir equacionar – que, de uma forma ou de outra, significa entender – as diferenças resultantes entre o desprezo divino e a humildade humana, Caim deixa-se levar por sentimentos pouco nobres: *quando estavam no campo, Caim atirou-se sobre seu irmão Abel e o matou.*<sup>70</sup>

Como um pai vingativo, que não consegue compreender o que ocorreu entre os seus filhos, Deus resolve punir Caim eternamente com a culpa:

*O SENHOR perguntou a Caim: “Onde está teu irmão Abel?” Ele respondeu: “Não sei, acaso sou o guarda do meu irmão?” – “Que fizestes?”, perguntou ele. “Do solo está clamando por mim a voz do sangue do teu irmão! Por isso, agora serás amaldiçoado pelo próprio solo que engoliu o sangue de teu irmão, que tu derramaste. Quando cultivares o solo, ele te negará seus frutos e tu virás a ser um fugitivo, vagueando sobre a terra”. Caim disse ao SENHOR: “Meu castigo é grande demais para que eu possa suportar. Se hoje me expulsas deste chão, devo esconder-me de ti, quando estiver fugindo e vagueando sobre a terra; quem me encontrar vai matar-me”. Mas o SENHOR lhe disse: “Por isso, se*

---

*dependente da irrigação e de um sistema de rotatividade nas plantações. Entretanto os escritores bíblicos tendiam a idealizar o período pastoral da vida israelita, e não o período agrícola. Neste era frequente e penetrante a contaminação com os cultos cananeus vizinhos. Daí que a oferenda de Abel, um cordeiro, “não sem sangue”(Epístola aos Hebreus, 9: 7), fosse aceita; e a de Caim, primícias sem nenhuma gota de sangue, não. O sacrifício de Abel era do tipo do festival antigo da Páscoa, entre os judeus, e o próprio Abel, o pastor sacrificado, era o tipo de Cristo, para a religião cristã. A Paixão coincidia com a Páscoa, da mesma forma que Abel, com sua morte, se identifica com o objeto de seu sacrifício.*

*Aparentemente uma das razões para que a oferenda de Caim não seja aceita era a de que Deus amaldiçoara a terra depois de Adão cair em pecado (Gênesis, 3: 17). A maldição foi suspensa depois do dilúvio, e ficamos sabendo que a razão desse gesto era de que a deidade ficara de muito bom humor depois que Noé promoveu um tremendo massacre de animais, queimando-os em sua honra e que ele muito apreciara o “suave cheiro” do sacrifício (Gênesis, 8: 21) (FRYE, 2004: 176).*

<sup>69</sup> BÍBLIA Sagrada. Gn., 4: 5-7.

<sup>70</sup> BÍBLIA Sagrada. Gn., 4: 8.



*mataram Caim, ele será vingado sete vezes”. O SENHOR pôs então um sinal em Caim, para que ninguém, ao encontrá-lo, o matasse. Caim afastou-se da presença do SENHOR e foi habitar na região de Nod, a oriente de Éden.<sup>71</sup>*

O “estigma de Caim” passa, desta forma, a constituir um dos elementos identitários da fraternidade, evidenciando o quando há de disparidade nos relacionamentos entre irmãos.

A relação fraterna, fraturada em sua essência, sinaliza para o desentendimento, como comprova-se pela história protagonizada por Esaú e Jacó – que estavam condenados a brigar entre si desde o momento em que foram gerados:

*Isaac suplicou ao SENHOR por sua mulher, que era estéril. Foi atendido pelo SENHOR, e Rebeca concebeu. Mas os meninos chocavam-se no ventre. Ela disse: “Se é assim, o que adianta viver?” E foi consultar o SENHOR, que lhe respondeu: “Duas nações trazes no ventre, em tuas entranhas dois povos se dividirão. Um povo será mais forte do que o outro, e o mais velho servirá ao mais novo”. Quando chegou o tempo de dar à luz, ela tinha gêmeos no ventre. O primeiro saiu todo ruivo, peludo como um manto de pele, e foi chamado Esaú. Depois saiu o irmão, segurando com a mão o calcanhar de Esaú, e foi chamado Jacó.<sup>72</sup>*

Os meninos cresceram divergindo diametralmente na visão sobre o mundo.

*Esaú tornou-se um hábil caçador e homem rude, ao passo que Jacó era pacífico e morava em tendas. Isaac gostava mais de Esaú, porque comia da caça, mas Rebeca preferia Jacó.<sup>73</sup>*

Mais uma vez, o conflito se apresenta como resultante da forma com que os irmãos enfrentam o futuro: o agricultor e o caçador, a fixação dos indivíduos em agrupamentos sociais em oposição à vida nômade. O progresso, visto como o momento em que as forças da natureza são subjugadas pela técnica, não se apresenta como resposta para algumas das questões mais instigantes da humanidade, mas como instrumento de dominação política, na medida em que impede a liberdade do caçador, aquele que, em função de múltiplos deslocamentos geográficos, é capaz de contrabandear o novo para além das fronteiras (geográficas, religiosas, culturais).

O ponto crucial da relação fraterna ocorre quando, por força de um artil e da ingenuidade de Esaú, Jacó consegue ludibriar Esaú e “compra” a primogenitura do irmão. Nesse momento, os valores políticos familiares são invertidos: aquele que nasceu primeiro – caçador que despreza o

---

<sup>71</sup> BÍBLIA Sagrada. Gn., 4: 9-16.

<sup>72</sup> BÍBLIA Sagrada. Gn., 25: 21-26.

<sup>73</sup> BÍBLIA Sagrada. Gn., 26: 27-28.

determinismo territorial – abre mão, voluntariamente, de seus direitos em favor de um irmão que ele despreza (ou que, no mínimo, considera inferior – porque não exerce uma atividade “heróica”, ou seja, não se utilizam das armas como instrumento de trabalho).

Um dos elementos cruciais dessa situação está no fato de que Esaú mostrou desprezo pelas responsabilidades socioculturais e pelo direito ancestral, valorizando o agora em detrimento do amanhã. Tamanha irresponsabilidade política com o povo hebreu encontra reflexo na ambição política do irmão<sup>74</sup> (que, de maneira transversa e transgressora – e com a ajuda de um deus punitivo, vingativo –, “corrigiu” a história do povo judeu).

*Um dia Jacó preparou uma sopa de lentilhas. Esaú chegou do campo muito cansado e disse a Jacó: “Dá-me de comer desse negócio vermelho, pois estou exausto”. Foi por isso que Esaú recebeu o nome de Edom. Jacó respondeu: “Vende-me agora mesmo o teu direito de primogênito”. Esaú respondeu: “Estou morrendo de fome, e de que me serve a primogenitura?” Jacó insistiu: “Jura-me agora mesmo!” E Esaú jurou e vendeu o direito da primogenitura para Jacó. Então Jacó deu-lhe pão com sopa de lentilhas. Esaú comeu e bebeu, levantou-se e foi embora. Desprezou assim a sua primogenitura.”<sup>75</sup>*

Provavelmente o maior erro de Esaú ocorreu quando ele não considerou a possibilidade de ser traído pela mãe, Rebeca – que ajudou Jacó a articular uma conspiração contra Esaú.

*Quando Isaac ficou velho, seus olhos se enfraqueceram e já não podia ver. Chamou, então o filho mais velho, Esaú: “Meu filho!” Este respondeu: “Aqui estou!” Isaac lhe disse: “Como vês, já estou velho e não sei qual será o dia de minha morte. Pega as tuas armas, as flechas e o arco e sai para campo. Se apanhares alguma caça, prepara-me um assado saboroso, como sabes que eu gosto, e traze-o para que eu coma e te dê a benção antes de morrer”.*  
*Rebeca escutava o que Isaac dizia a seu filho Esaú. Esaú saiu para campo à procura de caça para o pai. Rebeca disse a seu filho Jacó: “Olha, ouvi teu pai falar com teu irmão Esaú e dizer-lhe: ‘Traz-me uma caça e prepara-me um assado saboroso para que eu coma e te abençoe diante do SENHOR, antes de minha morte’. Agora, meu filho, escuta bem o que te mando: vai até ao rebanho e traze-me dois cabritos gordos. Com eles farei para teu pai um assado saboroso como ele gosta. Depois, leva-o a teu pai para que ele coma e te dê a benção antes da sua morte”. Jacó respondeu a Rebeca, sua mãe: “Mas meu irmão Esaú é um homem peludo, enquanto minha pele é lisa!” Se o pai me tocar, vai me considerar um impostor, e atrairei sobre mim a maldição em vez da benção”. A mãe lhe disse: “Caia sobre mim tua maldição, meu filho, mas obedece-me. Vai pegar os cabritos para mim”.*  
*Ele foi pegar os cabritos para a mãe, e ela preparou um assado saboroso como o pai gostava. Rebeca tomou as melhores vestes que o filho mais velho, Esaú, tinha em casa e vestiu com elas o filho mais novo, Jacó. Com as peles dos cabritos cobriu-lhe as mãos e a*

<sup>74</sup> Muitos interpretes bíblicos entendem que a estória do caçador Esaú, cuja herança é tomada por Jacó, assinala a superação de uma economia de caça e coleta por uma de assentamento (FRYE, 2004: 184). O percurso da valorização da caça, ou melhor, da sociedade nômade, simbolizado pelo ícone Abel, encontra oposição em Jacó (e na usurpação da identidade). O fim da errância geográfica significa, também, o início de um novo ciclo socioeconômico, caracterizado pela agricultura.

<sup>75</sup> BÍBLIA Sagrada. Gn., 25: 27-34.

*parte lisa do pescoço. Pôs nas mãos do filho Jacó o assado e o pão que havia preparado. Este os levou ao pai e disse: “Meu pai!” Isaac respondeu: “Estou ouvindo! Quem és tu, meu filho?” E Jacó respondeu ao pai: “Eu sou Esaú, teu filho primogênito. Fiz como me ordenaste. Levanta-te, senta-te e come de minha caça, para me abençoares”. Isaac disse ao filho: “Como conseguiste achar a caça tão depressa, meu filho?” Ele respondeu: “O SENHOR teu deus me deu sorte”. Isaac disse a Jacó: “Vem cá, meu filho, para que eu te apalpe e veja se és ou não meu filho Esaú”. Jacó achegou-se ao pai Isaac, que o apalpou e disse: “A voz é a voz de Jacó, mas as mãos são as de Esaú”. E não o reconheceu, pois as mãos estavam peludas como as do irmão Esaú. Então decidiu abençoá-lo. Perguntou-lhe ainda: “Tu és, de fato, meu filho Esaú?” Ele respondeu: “Sou”. Isaac continuou: “Meu filho, serve-me da tua caça para eu comer e te abençoar”. Jacó o serviu e ele comeu. Trouxe-lhe também o vinho e ele bebeu. Disse-lhe então seu pai Isaac: “Aproxima-te, meu filho, e beija-me” Jacó se aproximou e o beijou. Quando sentiu o cheiro das suas roupas, abençoou-o dizendo:*

*Este é o cheiro do meu filho:  
é como o aroma de um campo  
que o SENHOR abençoou!  
Que Deus te conceda o orvalho do céu  
e a fertilidade da terra,  
trigo e vinho em abundância.  
Que os povos te sirvam  
e as nações se prostrem diante de ti;  
sê o senhor de teus irmãos,  
e diante de ti inclinem-se os filhos de tua mãe.  
Maldito seja quem te amaldiçoar  
e bendito quem te abençoar”.*

*Apenas Isaac tinha acabado de abençoar Jacó, que logo saíra da presença do pai, quando seu irmão Esaú voltou da caça. Também ele preparou um assado saboroso, levou-o ao pai e disse: “Que meu pai se levante e coma da caça de seu filho para abençoá-lo”. Isaac, seu pai, perguntou-lhe: “Quem és tu” E ele respondeu: “Sou teu primogênito Esaú”. Isaac ficou profundamente perturbado e disse: “E quem, então, foi caçar e me trouxe a caça. Eu comi de tudo isso antes que viesses. Eu o abençoei, e abençoado ficará”. Ao ouvir as palavras do pai, Esaú pôs-se a gritar e chorar amargamente e lhe disse: “Abençoa-me também a mim, meu pai”. Mas Isaac respondeu: “Teu irmão veio com disfarce e usurpou tua benção”. Esaú lhe disse: “É com razão que se chama Jacó, pois com esta já são duas vezes que levou vantagem sobre mim; primeiro tirou-me a progenitura e agora usurpou a minha benção”. E acrescentou: “Não reservaste nenhuma benção para mim?” Respondeu Isaac e disse a Esaú: “Olha, eu fiz de Jacó o teu senhor, e todos os parentes o servirão. Eu lhe garanti o trigo e o vinho. Que poderia fazer por ti, meu filho?” E Esaú disse ao pai: “Não tens mais do que uma benção, meu pai? Abençoa-me também a mim, meu pai”. E chorou em voz alta. Então Isaac o atendeu e disse:*

*“Longe da terra fértil será a tua morada  
e sem o orvalho que desce do céu.  
Viverás da tua espada  
e servirás ao teu irmão;  
mas logo que te soltares,  
sacudirás o jugo de teu pescoço”.* <sup>76</sup>

Logrado por Jacó, e pela mãe, Esaú perdeu a progenitura e a benção paterna. Foi o segundo episódio que forneceu legitimidade para o primeiro. O espúrio tornou-se autêntico, subvertendo a História. Nesses termos, a troca artificial da ordem cronológica de nascimento por um prato de

---

<sup>76</sup> BÍBLIA Sagrada. Gn., 27: 1-40.

lentilhas não é apenas um episódio isolado na mitologia judaico-cristã e sim uma alegoria sobre a importância social, econômica e cultural da primogenitura<sup>77</sup> (independente de quem detenha essa distinção): um futuro mais glorioso, mais significativo do que o do caçula.<sup>78</sup>

Com o acréscimo – ou uma espécie de ensinamento “moral” –: aos olhos de Deus, a troca da progenitura distinguiu Jacó e rebaixou Esaú.

*Depois que Jacó voltou de Padã-Aram, Deus apareceu-lhe de novo e o abençoou, dizendo: “Teu nome é Jacó, mas já não serás chamado Jacó; teu nome será Israel”. E deu-lhe o nome de Israel. E Deus lhe falou: “Eu sou o Deus Poderoso: sê fecundo e multiplica-te. De ti sairá uma nação, uma comunidade de nações, e de tuas entranhas sairão reis. A terra que dei a Abraão e a Isaac darei a ti e a tua descendência”.*<sup>79</sup>

---

<sup>77</sup> Em alguns instantes o mito e a realidade se unificam, tornando difícil distinguir um do outro. Como um reflexo do mito bíblico, Alberto Manguel conta a seguinte história: *Além da leitura, colecionar livros tornou-se uma necessidade vital para [Aby] Warburg [1866-1929]. No aniversário de treze anos, decidido a não seguir nem a carreira do pai nem a religião de sua família, o adolescente voraz ofereceu ao irmão Max os direitos da progenitura: estava pronto a trocar o privilégio de entrar, como filho mais velho, para a firma familiar pela promessa de que Max compraria todos os livros que Aby quisesse. Max, de doze anos concordou. Daí em diante, os muitos livros adquiridos com recursos fornecidos pelo fiel Max tornaram-se o cerne da Biblioteca Warburg* (MANGUEL, 2006:167-168).

<sup>78</sup> Essa posição não é consensual. O assunto comporta diversas interpretações divergentes. Um exemplo do tratamento literário decorrente do tema está na discussão travada entre dois dos personagens do romance *Desvarios no Brooklyn* (AUSTER, 2005)

“Pense em Esaú e Jacó. Lembra deles?”

“Ah, sei. Certo. Agora está começando a fazer sentido.”

“É uma história horrenda, você concorda?”

“Claro que sim. Tenebrosa. Tive problemas com ela, quando criança, que não acabavam mais. Eu era um sujeitinho tão moralista, tão certinho, na época. Eu não mentia nunca, não roubava nunca, não colava, não dizia uma palavra para ofender ninguém. E lá estava Esaú, um baita de um palerma como eu. A se acreditar no que é certo, todas as bênçãos de Isaac deveriam ir para ele. Mas Jacó monta um embuste para que assim não seja – e com a ajuda da mãe, ainda por cima.”

“Pior, meu caro, porque Deus parece aprovar esse arranjo. O desonesto, o trapaceiro Jacó vai ser o líder dos judeus e Esaú é largado para trás, um homem esquecido, um ninguém sem o menor valor.”

“Minha mãe sempre me ensinou a ser bom. ‘Deus quer que você seja bom’, ela me dizia, e já que eu era jovem o bastante para acreditar em Deus, também acreditava no que ela me dizia. Ai um dia topei com essa história na Bíblia e não entendi nada. O mau vence e Deus não o pune. Não me pareceu certo. Continua não me parecendo certo.”

“Mas claro que é. Jacó tinha a centelha da vida dentro de si, ao passo que Esaú era um bocó. Um coração de ouro, verdade, mas um bocó. E, se você precisa escolher um deles para liderar o seu povo, vai optar por aquele que luta, por aquele que sabe lançar mão de estratégias, pelo esperto, pelo que tem energia para superar os reveses e dar a volta por cima. Você sempre escolhe o forte e o inteligente, nunca o fraco e bondoso.”

“Isso é de uma brutalidade impar, Nathan. Leve o seu argumento um pouco mais adiante e daqui a pouco estará me dizendo que Stalin deveria ser venerado como um grande homem.”

“Stalin foi um bandido, um assassino psicótico. Eu estou falando do instinto de sobrevivência, Tom, sobre a vontade de viver. Eu prefiro um malandro ardiloso a um caxias consciencioso a qualquer hora do dia ou da noite. Talvez o malandro não jogue segundo as regras, mas ao menos tem espírito. E onde houver homens com espírito haverá esperança para o mundo” (AUSTER, 2005: 60-61).

<sup>79</sup> BÍBLIA Sagrada. Gn., 35: 9-12.

Alguns anos mais tarde, depois de vários episódios temperados pela mistura venenosa que combina ciúme, ódio e ressentimento, Esaú se reconciliou com Jacó – mas jamais recuperou o que perdeu (direito legítimo e dignidade).

Confirmando que todos os ciclos se repetem em intervalos imprecisos, um dos filhos de Jacó foi vítima da perseguição de seus irmãos.<sup>80</sup> Aos dezessete anos, José, filho de Raquel, tinha sonhos premonitórios. Esse dom, além do fato de ser o filho predileto de Jacó, atraiu a inveja de dez de seus onze irmãos (filhos de Bala e Zelfa).<sup>81</sup> Um dia, no deserto, os irmãos planejam matá-lo. Rúben intervém e José é jogado dentro de uma cisterna vazia. Algum tempo depois, quando Rúben se afasta, os irmãos vendem José por vinte moedas de prata para uma caravana de ismaelitas – que, mais tarde, o revenderam para Putifar, chefe da guarda do faraó do Egito. Quando Rúben regressa, os irmãos encharcam a túnica de José em sangue de cabrito e a levam para Jacó, que ao reconhecer as vestes do filho, imaginando que José havia sido devorado por um animal feroz, *rasgou as vestes de dor, vestiu-se de luto e chorou a morte do filho por muitos dias* <sup>82</sup>.

José, que *tinha um belo porte e era bonito de rosto* <sup>83</sup>, possuía um grau de inteligência superior a dos egípcios de sua época. Logo *conquistou as boas graças de seu patrão, que o pôs a seu serviço e fez dele o administrador de sua casa, confiando-lhe todos os seus bens* <sup>84</sup>. Em razão de uma trama armada pela esposa de Putifar, José perde seus privilégios e é encarcerado. Algum tempo depois, o Faraó teve um sonho e os adivinhos e sábios do Egito não souberam explicar o seu significado. José foi levado até a presença do Faraó e forneceu uma interpretação inteligente. Deslumbrado com tamanha sabedoria, o Faraó nomeou José vice-rei do Egito.

Em consequência de um período de grandes dificuldades, pois a comida era escassa, Jacó mandou seus filhos ao Egito para comprar trigo. Quando eles chegaram ao palácio do Faraó, *José reconheceu os irmãos, mas eles não o reconheceram* <sup>85</sup>. José trata os irmãos com hostilidade, mas fornece o trigo e não aceita o pagamento. Em troca, exige a presença do irmão mais novo, Benjamin – enquanto isso não ocorre, um dos irmãos (Simeão) fica na corte como refém. De volta

---

<sup>80</sup> Uma adaptação literária significativa desse episódio bíblico pode ser encontrada na tetralogia *José e seus irmãos*, de Thomas Mann (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000).

<sup>81</sup> São doze os filhos de Jacó. De sua união com Raquel nasceram José e Benjamin (ou Benoni, “o filho da dor”). “O filho mais moço”, Benjamin, é o único que não participa da venda de José para os ismaelitas.

<sup>82</sup> BÍBLIA Sagrada. Gn., 37: 34.

<sup>83</sup> BÍBLIA Sagrada. Gn., 39: 6.

<sup>84</sup> BÍBLIA Sagrada. Gn., 39: 4.

<sup>85</sup> BÍBLIA Sagrada. Gn., 42:8.

a Canaã, os filhos de Jacó contam para o pai o ocorrido e que gostariam de voltar para resgatar o irmão. Jacó suspeita de alguma coisa, mas é convencido por Judá:

*“Deixa ir comigo o menino para que possamos pôr-nos a caminho e conservar-nos nós, tu e nossos filhos. Responsabilizo-me por ele, de mim tu o reclamarás. Se não o trouxer de volta, colocando-o em tua presença, serei culpado para sempre diante de ti”.*<sup>86</sup>

*Um pouco de bálsamo, um pouco de mel, especiarias, resina, terebinto e amêndoas.*<sup>87</sup> Foi com esses presentes, o dobro do dinheiro para pagar pelo trigo e Benjamin, que os irmãos voltaram ao Egito. Foram recebidos com festas. Depois de um lauto banquete e uma noite de repouso, receberam o trigo – José, que queria colocar à prova a lealdade dos irmãos, mandou esconder uma taça de prata entre os pertences de Benjamin. Quando os irmãos estavam iniciando a volta para Canaã, foram detidos pelo exército egípcio. Comprovado que a taça estava entre eles, regressaram à corte. José decidiu que aquele com quem foi encontrada a taça seria seu escravo. Nesse momento, Judá lembrando da promessa que fizera a Jacó, argumenta:

*“... Se eu voltar agora para teu servo meu pai, sem o menino, a quem está intimamente afeiçoado, quando der pela falta do menino, morrerá. E nós teremos feito descer, de tristeza, à morada dos mortos teu servo de cabelos brancos, nosso pai. Eu, teu servo, me tornei responsável pelo menino ao tirá-lo do pai e disse: ‘Se não o trouxer de volta, serei eternamente culpado perante meu pai’. Deixa, pois, que teu servo fique como escravo de meu senhor em lugar do menino, para que ele possa subir de volta com os irmãos. Do contrário, como poderei voltar para junto de meu pai sem o menino? Não gostaria de ver meu pai atingido pela desgraça”.*<sup>88</sup>

Comovido com tamanho desprendimento fraterno e filial, que comprovava que os filhos de Jacó haviam mudado o entendimento sobre as relações familiares, José revela a sua identidade e pede notícias do pai:

*“Eu sou José, vosso irmão, que vendestes para o Egito. Entretanto, não vos aflijais, nem vos atormenteis por me teres vendido a este país, pois foi para conservar-vos a vida que Deus me enviou à vossa frente”.*<sup>89</sup>

---

<sup>86</sup> BÍBLIA Sagrada. Gn., 43:9.

<sup>87</sup> BÍBLIA Sagrada. Gn., 43:11.

<sup>88</sup> BÍBLIA Sagrada. Gn., 44: 30-34.

<sup>89</sup> BÍBLIA Sagrada. Gn., 45: 4-5.

Os irmãos ficam atônitos. José providenciou presentes para todos, que puderam regressar à Canaã, onde relataram para Jacó que José estava vivo e governava o Egito. Jacó, na companhia de seus descendentes (filhos, noras, netos), sessenta e seis pessoas, viajou para o Egito, onde todos passam a viver um tempo de fartura.

O mito do filho pródigo abrange um tipo diferente de relacionamento e oferece a oportunidade de um novo enfoque nas relações fraternas:

*Um homem tinha dois filhos. O filho mais novo disse ao pai: 'Pai, dá-me a parte da herança que me cabe'. E o pai dividiu os bens entre eles. Poucos dias depois, o filho mais novo juntou o que era seu e partiu para um lugar distante. E ali esbanjou tudo numa vida desenfreada. Quando tinha esbanjado tudo o que possuía, chegou uma grande fome àquela região, e ele começou a passar necessidade. Então foi pedir trabalho a um homem do lugar, que o mandou para seu sítio cuidar dos porcos. Ele queria matar a fome com a comida que os porcos comiam, mas nem isso lhe davam. Então caiu em si e disse: 'Quantos empregados do meu pai têm pão com fartura, e eu aqui, morrendo de fome. Vou voltar para meu pai e dizer-lhe: Pai, pequei contra Deus e contra ti; já não mereço ser chamado teu filho. Trata-me como a um dos teus empregados'. Então ele partiu e voltou para seu pai. Quando ainda estava longe, seu pai o avistou e foi tomado de compaixão. Correu-lhe ao encontro, abraçou-o e o cobriu de beijos. O filho, então, lhe disse: 'Pai, pequei contra Deus e contra ti. Já não mereço ser chamado teu filho'. Mas o pai disse aos empregados: 'Trazei depressa a melhor túnica para vestir meu filho. Colocai-lhe um anel no dedo e sandálias nos pés. Trazei um novilho gordo e matai-o, para comermos e festejarmos. Pois este meu filho estava morto e tornou a viver; estava perdido e foi encontrado'. E começaram a festa. O filho mais velho estava no campo. Ao voltar, já perto de casa, ouviu música e barulho de dança. Então chamou um dos criados e perguntou o que estava acontecendo. Ele respondeu: "É teu irmão que voltou. Teu pai matou o novilho gordo, porque recuperou seu filho são e salvo". Mas ele ficou com raiva e não queria entrar.<sup>90</sup>*

A retidão de ações e pensamentos do primogênito conflita com a conduta aventureira e inconseqüente de seu irmão. Em consequência de uma discussão não-formalizada sobre o significado de justiça, sobre o quanto de comprometimento se faz necessário para integrar o contexto familiar, o filho mais velho protesta de forma veemente:

*(...)“Eu trabalho para ti há tantos anos, jamais desobedeci a qualquer ordem tua. E nunca me destes um cabrito para eu festejar com meus amigos. Mas agora que chegou esse teu filho, que esbanjou teus bens com as prostitutas, matas para ele o novilho gordo”.*<sup>91</sup>

O primogênito não consegue entender o que está acontecendo. A situação parece ser um grande absurdo, como se as trevas fossem capazes de substituir o sol. Envolto por uma série de

---

<sup>90</sup> BÍBLIA Sagrada. Lc., 15: 11-28.

<sup>91</sup> BÍBLIA Sagrada. Lc., 15: 29-30.

sentimentos dolorosos (rancor, inveja, ciúme), ele se sente lesado não só pela irresponsabilidade do irmão, mas também pela ingratidão do pai que (submetido ao julgamento de um filho desprezado) não alcança distinguir entre aquele que se mostra leal e aquele que foi corrompido pelos prazeres do mundo exterior à família. Para o filho mais velho, justiça implica em igualdade e o tratamento oferecido ao filho pródigo destoa de qualquer correlação de forças – na visão do primogênito, o filho pródigo, em lugar de ser punido, é premiado (“*É teu irmão que voltou. Teu pai matou o novilho gordo, porque recuperou seu filho são e salvo*”<sup>92</sup>).

Em contrapartida, na análise do pai, que não consegue – ou não quer – entender as razões que fundamentam esse ressentimento,<sup>93</sup> o traço de identidade que caracteriza a família – e, por extensão, os irmãos – é a celebração do encontro e não a da ruptura.

*Então o pai lhe disse: “Filho, tu estás sempre comigo, e tudo o que é meu é teu. Mas era preciso festejar e alegrar-nos, porque este teu irmão estava morto e tornou a viver, estava perdido e foi encontrado.”*<sup>94</sup>

Infelizmente, são poucas as histórias que ensinam esse nível de compreensão.<sup>95</sup> Mesmo nas sociedades mais primitivas, como as dos índios Kamaiurá (habitantes do Xingu), há inúmeras narrativas sobre a disparidade fraterna. Conta a lenda que Karanaverê estava insatisfeito com seu irmão mais moço Kanaratê: *ele estava querendo matar Kanaratê, porque este andava mexendo com suas mulheres. Estava com muita raiva disso.*<sup>96</sup> Então, Karanaverê solicitou que Kanaretê executasse várias tarefas: transportar um pedaço de madeira, buscar um filhote de arara, conseguir folhas de tabaco, jenipapo, cana-brava para fazer flechas, colares... Cada uma dessas empreitadas envolvia grandes perigos. Aconselhado pelo avô, Kanaratê conseguia evitar todas as ciladas – e

---

<sup>92</sup> BÍBLIA Sagrada. Lc., 15: 28.

<sup>93</sup> *É a face imaginária do Outro, à qual se endereçam demandas de amor e reconhecimento, que determina que o ressentido se represente não como faltante, mas como prejudicado* (KEHL, 2004: 15).

<sup>94</sup> BÍBLIA Sagrada. Lc., 15: 31-32.

<sup>95</sup> Em sentido oposto, para quem quer confirmar expectativas sobre os próximos passos do primogênito, a parábola termina com as palavras do pai – que também significam as palavras da lei. A continuidade da história está restrita aos domínios da ficção. A reação final do primogênito não está registrada – uma leitura mais contemporânea possivelmente contemplaria, apesar da serenidade do desejo paterno, outros instantes de ruptura. Embora o caçula tenha “confessado seus pecados” e obtido o perdão paterno – simbolicamente, o perdão religioso – o primogênito nunca conseguirá esquecer que foi o irmão – e não ele – quem experimentou a luxúria e o esbanjamento. Esse perdão, que significa “apagar” a memória e, conseqüentemente, a história, o caçula nunca obterá.

<sup>96</sup> VILLAS BOAS, Orlando; VILLAS BOAS, Cláudio. *Xingu: os índios, os mitos*. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1976. p. 183.



sempre regressava à aldeia. Para desgosto do irmão, quase todas as manhãs, tomava banho com as mulheres.<sup>97</sup>

Um dia, Kanaratê revidou. Cansado das artimanhas de Karanaverê, conseguiu que um animal prendesse o irmão entre os chifres: em disparada, o animal levou Karanaverê para o interior da floresta – e assim Karanaverê nunca mais voltou. Diante do avô, depois de ter assumido as mulheres do irmão, Kanaratê declara: *Ele gostava de fazer coisa ruim para mim. Eu agora fiz com ele a mesma coisa*<sup>98</sup>. O avô, chorando, sem entender porque um irmão não consegue viver em harmonia com o outro irmão, enunciou, como se fosse uma maldição: *Agora vai ser sempre assim. O marido vai ter ciúme da mulher, e irmão vai brigar com irmão*<sup>99</sup>.

Como um observador privilegiado, o avô dos irmãos Kanaratê e Karanaverê chora porque visualizou as dimensões do Mal. Com o rosto carregado de emoções, conclui que aos irmãos resta apenas trilhar por caminhos diferentes, muitas vezes antagônicos – guiada pela arqueologia da memória, onde a lembrança de cada detalhe (amalgamado pela linguagem do medo) constitui um empecilho na vida daqueles que nasceram sobre um mesmo teto, nada mais resta à fraternidade senão adotar a estratégia do ouriço: espinhos eriçados para aumentar as distâncias.

---

<sup>97</sup> *No outro dia cedo Kanaratê saiu para o banho. As cunhadas fora atrás para banhar com ele* (VILLAS BOAS, O.; VILLAS BOAS, C., 1976:183). O eufemismo “tomar banho com as mulheres”, evidentemente, remete aos relacionamentos sexuais – o que explica, em parte, o comportamento de Karanaverê. Aceitar que essa situação se perpetue significa dividir suas mulheres com o irmão – o que, para ele, seria intolerável. Então, o ciúme é, neste caso, um dos elementos que deflagram a discórdia fraterna.

<sup>98</sup> VILLAS BOAS, Orlando; VILLAS BOAS, Cláudio, 1976: 192.

<sup>99</sup> VILLAS BOAS, Orlando; VILLAS BOAS, Cláudio, 1976: 193.

## **2 – A USURPAÇÃO DA IDENTIDADE E A LITERATURA**

*A maioria das pessoas não dá atenção aos detalhes – disse Samuel. – Mas são os detalhes que me espantam.*

**John Steinbeck:** *Vidas Amargas (A leste do Éden).*

A usurpação da identidade se caracteriza pelo momento em que um indivíduo substitui outro – por força de um estratagema em que o jogo especular instituído pela imagem permuta o elemento que retrata, o substituto obtém as vantagens que somente deveriam ser usufruídas por aquele que é substituído. Além dos episódios mencionados anteriormente (Zeus e Anfitrião, Esaú e Jacó), a ficção desenvolveu esse tema em variações de grande poder literário. Alguns desses exemplos, longe de esgotar as variações temáticas ou de mapear as ocorrências do duplo na literatura, possibilitam um olhar seletivo sobre as nuances que permeiam esse tipo de ardil. E sem esse olhar não é possível estabelecer alguns parâmetros de análise.

*A semelhança traço a traço com um personagem vivo, a ponto de confundir os que os freqüentam, é argumento das comédias que remontam a Plauto.*<sup>100</sup> O primeiro texto literário significativo sobre a usurpação da identidade foi escrito por Titus Maccius Plautus (255-184 a.C.): *Anfitrião* (ou *Amphitruo*), onde focaliza, em tom de farsa teatral, o triângulo amoroso constituído por Anfitrião, Alcmena e Zeus.

Seguindo o exemplo de Plautus, foi a dramaturgia, entre os gêneros literários, que apresentou o melhor e mais significativo índice de aproveitamento do tema. A história que envolve o sofrimento do esposo de Alcmena conta com cerca de 80 versões e adaptações teatrais. Essa diversidade de abordagens fornece os elementos necessários para que possam ser discutidos inúmeros detalhes do mito, além de efetuar confrontações e releituras de um dos mais significativos momentos da mitologia greco-latina. As versões mais conhecidas são: *Auto dos Anfitriões* (ou *Auto dos Anfatriões*), de Luiz Vaz de Camões; *Anfitrião*, de Antônio José da Silva (versão para teatro de bonecos); *Anfitrião outra vez*, de Augusto Abelaira (versão para a teledramaturgia portuguesa); *Um deus dormiu lá em casa*, de Guilherme Figueiredo, e *Uma nuvem sobre a cama*, de Norberto Ávila.

Na literatura de conteúdo picaresco, a usurpação da identidade aparece como uma das artimanhas com que o sedutor consegue enganar a sua vítima. Um exemplo canônico encontra-se na segunda novela da quarta jornada (Filóstrato) do *Decamerão*, de Giovanni Boccaccio. O frei

---

<sup>100</sup> BRUNEL, 1997: 264.

Alberto de Imola, *um homem de existência desregrada e corrupta*<sup>101</sup>, se apaixona pela bela e tola senhora Lisetta de Cá Quirino. Com o corpo tomado pela possibilidade de desfrutar de prazeres somente possíveis no paraíso, Alberto de Imola inventa um ardil. Em conversa com Lisetta, relata que teve uma visão com o anjo Gabriel. Depois de elogiar as muitas qualidades da senhora, Frei Alberto revela:

*Foi isso o que me pediu o anjo Gabriel que lhe fosse comunicado: que a senhora é mulher tão do seu agrado, que muitas vezes ele teria descido do céu para passar a noite em sua companhia, na cama, se não temesse assustá-la. Agora, ele ordena que eu diga, em nome dele, que quer vir ter com a senhora, uma noite, para ficar algumas horas em sua companhia. Visto, contudo, que ele é anjo, e que, se vier na forma de anjo, a senhora nele não poderá tocar, esclareceu que, para deleite e prazer da senhora, ele pretende vir na forma de um homem.*<sup>102</sup>

Diante de tamanha honra, Lisetta fica encantada e não somente aceita “receber” o anjo Gabriel, como permite que o anjo “utilize” o corpo de Frei Antonio:

*A senhora, porém, poderá conceder-me uma graça, que, afinal, não lhe custará nada; a graça é que a senhora deseje que o anjo lhe venha com este meu corpo. Agora, escute no que consistirá a graça; retirará o anjo a alma do meu corpo e colocá-la-á no paraíso; ele entrará no meu corpo; e o tempo em que estiver com a senhora será o tempo em que eu, por minha alma, ficarei no paraíso.*<sup>103</sup>

Na alcova de Lisetta, que era pouco instruída e muito vaidosa, como um “anjo” Frei Antônio *muitas vezes voou sem asas*<sup>104</sup>.

Embora sejam um pouco mais raros, há casos em que a troca de identidades resulta de consentimento mútuo. Dois exemplos são significativos.

No romance infanto-juvenil *O príncipe e o mendigo*, escrito em 1882 por Mark Twain,<sup>105</sup> o enredo se desenvolve em torno de uma interessante coincidência: o Príncipe de Gales e um menino pobre, que vive vagabundeando pelas ruas de Londres, são muito parecidos. Na tentativa de fugir da tirania familiar (que aflige a cada um deles de forma diferente), trocam de lugar: o menino pobre assume o lugar do príncipe e o príncipe vai viver nas ruas de Londres. Essa rotação econômico-cultural permite uma visão crítica sobre as diferenças que envolvem a sociedade inglesa (e mundial).

---

<sup>101</sup> BOCCACCIO, Giovanni. *Decamerão*. São Paulo: Abril Cultural, 1971. p. 220.

<sup>102</sup> BOCCACCIO, 1971: 222.

<sup>103</sup> BOCCACCIO, 1971: 223.

<sup>104</sup> BOCCACCIO, 1971: 223.

<sup>105</sup> TWAIN, Mark. *O príncipe e o mendigo*. Rio de Janeiro: Record, s/d.

No romance mexicano *Amphitryon*, de Ignacio Padilla,<sup>106</sup> dois homens, durante a Iª Guerra Mundial, estão jogando xadrez em um vagão de trem. O prêmio do vencedor é assumir a identidade do perdedor. O vencedor se transforma em um pacato funcionário ferroviário; o perdedor é condenado à morte, na frente de batalha.

Um dos recursos literários que caracteriza o tema é a incidência de gêmeos e/ou sócias. Exemplar é o caso de *O máscara de ferro*, de Alexandre Dumas,<sup>107</sup> extraído de um romance maior, *O Visconde de Bragelonne*, escrito em 1848, e que trata das oscilações políticas na corte de Luís XIV. A possibilidade do trono de França ser dividido entre irmãos gêmeos determina, através das “razões de Estado”, as regras do jogo: um dos gêmeos, Felipe, desde a adolescência, é trancafiado em uma masmorra da Bastilha. O que movimenta o tempo narrativo desse episódio é a especial circunstância política em que o prisioneiro é resgatado, para, em lugar do rei, reformular a história de França. A conspiração, liderada por Aramis (que junto com Athos, Porthos e D’Artagnan constituem o grupo denominado “Os três mosqueteiros”), fracassa e Felipe, depois de ser preso, é exilado em ilha distante, condenado perpetuamente a usar uma máscara de ferro para que ninguém possa ver o seu rosto e descobrir que ele é idêntico ao rei de França.

Na comédia shakespeariana *Twelfth night or what you will*, denominada no Brasil, *A noite dos reis, ou o que quiseres*, de William Shakespeare,<sup>108</sup> a questão da identidade entre gêmeos se apresenta de forma caricata – procurando explorar alguns dos lugares-comuns que, no imaginário social, caracterizam a gemelaridade.

A semelhança entre os gêmeos Sebastian e Viola, nobres de Messalina, impressiona a todos. Quando os irmãos estavam viajando pela costa da Ilíria, o navio naufragou. Viola, que foi salva pelo capitão da embarcação, fica inconsolável quando é informada que Sebastian desaparece durante o acidente. Ao saber que a princesa Olívia também havia perdido um irmão, Viola decide que quer viver na companhia dessa “irmã em sofrimento”. Como Olívia recusava-se a receber a todos que a ela se apresentavam, inclusive o príncipe Orsino, Viola assume a identidade de Sebastian e vestida de homem – com o nome de Cesário – é aceita como pajem do príncipe Orsino, que imediatamente o(a) transforma em confidente: Orsino conta-lhe sobre a dor que sente por ser rejeitado por Olívia. Essas histórias servem para fomentar o amor que Viola passa a sentir por

---

<sup>106</sup> PADILLA, Ignacio. *Amphitryon*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

<sup>107</sup> DUMAS, Alexandre. *Os irmãos Corsos*. São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Adaptação: Míriam Campeio).

<sup>108</sup> Para uma versão adaptada, ver LAMB, Charles; LAMB, Mary. *Contos de Shakespeare*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970. p. 185-198; para uma paródia “pós-moderna”, ver: VERISSIMO, Luis Fernando. *A décima segunda noite*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

Orsino – mas há um impedimento para que Viola se declare a Orsino: ele pensa que ela é um homem. A ambigüidade que surge nesse contexto é rica em desentendimentos e em situações embaraçosas: Orsino envia Cesário até Olívia, para tentar convencê-la de seu (dele) amor. Olívia se apaixona por Cesário e manda uma mensagem a Orsino: que ele não a mais importune. O príncipe, contudo, reluta em aceitar decisão tão drástica.

Em sua segunda visita à casa de Olívia, Cesário é surpreendido com a declaração de amor que lhe é endereçada por Olívia. Para tentar se livrar da situação, Cesário/Viola declara que decidira jamais amar mulher alguma e vai embora. Ocorre que, na saída, um pretendente rejeitado por Olívia, sabendo que a princesa estava interessada em Cesário, o desafia para um duelo. Sem saber esgrimir com habilidade, Viola/Cesário é salva(o) por um estranho que intercede em seu favor. Infelizmente, antes que possa agradecer pela proteção, o estranho é feito prisioneiro pelos soldados do príncipe Orsino. Ao ser conduzido para o cárcere, o estranho, cujo nome é Anthony, chama Viola pelo nome de Sebastian. Viola imaginando que o estranho havia salvo o irmão, e receando o reinício do duelo interrompido, correu para o palácio.

Quase ao mesmo tempo, o desafiante do duelo ao ver o desafeto, o chamou para a luta, novamente. Ocorre que, desta vez, era Sebastian – que estava procurando por Anthony. Sebastian reage à provocação e desembainhou a espada. O duelo é mais uma vez interrompido – desta vez por Olívia – que confunde Sebastian com Cesário/Viola. Convidado para entrar na residência de Olívia, Sebastian aceita. Aceita igualmente as promessas amorosas da mulher. O casamento se realiza em seguida. Sebastian se retira momentaneamente para procurar Anthony.

Orsino, quando estava se aproximando da residência de Olívia, encontra com os soldados que haviam detido Anthony. O prisioneiro, ao ver Viola, mais uma vez a confunde com Sebastian e relata para Orsino como o havia salvo do naufrágio.

Diante de Olívia, Orsino se recusa a continuar ouvindo Anthony e ordena aos soldados que o levem. Mas, para seu desagrado, todas as palavras de carinho de Olívia são dirigidas para Cesário. Orsino, movido por ciúme e cólera, ameaça o pajem. Por fim, pede que Cesário o acompanhe. Olívia, percebendo que a história estava se encaminhando para um fim trágico, impede que Orsino leve consigo aquele que julga ser o seu marido. Como prova disso, chama o padre – que declara ter efetuado o casamento. Por sua vez, Viola declara que não casou. Orsino, diante dessa situação absurda, fica enfurecido e quando tenta se retirar da sala, depois de ter condenado a ingratidão do pajem – que o havia traído ao se casar com Olívia – foi impedido pela

presença de Sebastian. Diante de duas pessoas idênticas, com as mesmas vestes, a mesma voz, todos os presentes ficam atônitos.

O enigma é desfeito no momento em que Viola revela sua identidade: não era Cesário, mas sim a irmã de Sebastian. Esclarecidos os equívocos e aceito o fato de Sebastian e Olívia estavam casados, Orsino perde, por definitivo, as esperanças de seu amor ser retribuído por Olívia. Como seu pajem, Cesário, se revelou uma bela mulher, Orsino se apaixona por Viola e a pede em casamento. O padre que havia realizado a cerimônia de Sebastian e Olívia também une Orsino e Viola.

Em *O prisioneiro de Zenda*, de Anthony Hope Hawkins,<sup>109</sup> que imita os “romances de capa-e-espada”, a questão se apresenta de uma forma um pouco mais problemática. Rudolf Rassendyll, ao aceitar o cargo de adido da Embaixada inglesa em Streslau, capital do reino de Ruritânia, na Europa Oriental, descobre que apresenta grande semelhança física com Rudolf, futuro rei daquele país longínquo (as diferenças: Rassendyll usa barba e é cerca de dois centímetros mais alto do que o rei). Para ludibriar Michael, Duque de Streslau e irmão de Rudolf, que ambiciona assumir o poder de Ruritânia, o Coronel Sapt, chefe da guarda do rei, pede para que, na cerimônia de coroação, Rassendyll substitua o rei (que estava narcotizado por uma garrafa de vinho, enviada por Michael). Ao constatar que o seu plano dera errado e que Rudolf V fora coroado, Michael deflagra uma espécie de guerra civil em todo o território de Ruritânia. O jogo especular prolonga-se por diversas cenas: Rassendyll, travestido de Rudolf V, assume os compromissos reais, inclusive o de cortejar a princesa Flávia, futura esposa de Rudolf V (o que ocasiona diversos momentos de crise de identidade). A situação se complica quando Michael aprisiona o verdadeiro rei no castelo de Zenda. Michael propõe que Rassendyll (travestido de Rudolf V) abdique do trono de Ruritânia. Ajudado por Sapt e Tarlenheim, Rassendyll elabora um mirabolante plano resgate. Depois de inúmeras aventuras, o rei Rudolf V é reconduzido ao trono, casa-se com Flávia, e Rassendyll, como compete a um gentleman inglês, retira-se de cena – apesar de estar enamorado de Flávia.

Na prosa contemporânea, a usurpação da identidade é um tema recorrente na literatura policial. No romance *The talented Mr. Ripley*, de Patrícia Highsmith,<sup>110</sup> que no Brasil recebeu o título de *O sol por testemunha*, Tom Ripley foi contratado para encontrar Richard (Dickie) Greenleaf em algum lugar remoto da Itália. Depois de encontrar Dickie, Ripley, em vários

---

<sup>109</sup> HOPE HAWKINS, Anthony. *O prisioneiro de Zenda*. São Paulo: Tecnoprint, s/d.

<sup>110</sup> HIGHSMITH, Patrícia. *O sol por testemunha*. São Paulo: Nova Cultural, 1986.

episódios, revela uma espécie de admiração obsessiva por Dickie.<sup>111</sup> Em cenas de significativa ambigüidade sexual, Ripley percebe não ser possível transformar a sua vida medíocre na vida glamourosa de Dickie – por isso precisa recriar *a própria identidade de forma nebulosa* (ZIZEK, 2004: 6).<sup>112</sup> Sem conseguir construir um amparo para suas dúvidas, Ripley decide eliminar a imagem que não se adapta ao que foi projetado. Dickie é assassinado e Ripley assume a identidade do morto.<sup>113</sup> Pelas artimanhas do mimetismo humano, o jogo especular é invertido: a imagem de Dickie ganha vida, enquanto o corpo de Ripley se desmancha em sombra e esquecimento. Ao final do romance, quando o real recupera a consistência, o leitor precisa contemplar uma espécie de “segunda morte” para Dickie, através de um suicídio forjado por Ripley – e a conseqüente ressurreição de Tom Ripley.

Uma das abordagens mais radicais do duplo na literatura contemporânea pode ser encontrada na novela *O corpo*, de Hanif Kureishi.<sup>114</sup> Recuperando o mito visionário proposto pelo personagem médico Victor Frankenstein, o sexagenário Adam aceita que uma equipe médica transporte o seu cérebro para o corpo de um homem de 25 anos. A reconstrução física, motivada pelos avanços tecnológicos e médicos, amplia os anseios humanos de imortalidade.<sup>115</sup> Sob a forma

---

<sup>111</sup> O comportamento de Tom Ripley, sob a ótica da psicanálise, comporta assunto para diversos trabalhos teóricos. Uma abordagem de caráter sexual, por exemplo, implica em estabelecer, por exemplo, conexões especulares entre a obsessão de Tom por Richard e a forma íntima com que Greenleaf é nomeado: “Dickie”. A expressão “dick”, em linguagem coloquial inglesa e norte-americana, é sinônimo para pênis, de acordo com *The Concise Oxford Dictionary* (1989: 266).

<sup>112</sup> A leitura fornecida por Slovej Zizek projeta o duplo como complementariedade, como uma forma de supressão de demandas: *Toda a conversa sobre a homossexualidade de Tom é descabida: para ele, Dickie não é o objeto de desejo, representa antes um modelo, um ideal de sujeito, “capaz de saber como desejar”. Em suma, torna-se seu ego ideal, a figura com quem se identifica imaginariamente: quando disfarçadamente lança a Dickie olhares cobiçosos, Tom não está manifestando um desejo erótico pelo outro, quer é ser igual a ele. Para tanto, Tom monta um plano elaborado: durante um passeio de barco, mata Dickie e, por algum tempo, assume a identidade do morto. Fazendo-se passar por Dickie, organiza tudo de modo que, após a morte “oficial” da vítima, herde sua fortuna. Quando isso acontece, o falso Dickie desaparece, deixando uma carta na qual anuncia o próprio suicídio e elogia Tom, que então reaparece, engana os desconfiados investigadores e até conta com a gratidão dos pais do “suicida”. Depois deixa a Itália e vai para a Grécia.* (ZIZEK, 2004:6).

<sup>113</sup> Uma possibilidade de leitura é ver em Ripley uma espécie de anjo, que vive num universo anterior à lei e sua transgressão (o pecado), isto é, anterior ao círculo vicioso da culpa gerada pela própria obediência à lei (...). Daí ele não sentir nenhum remorso, não ter consciência culpada depois dos assassinatos. Não está totalmente integrado à lei simbólica (ZIZEK, 2004: 6).

<sup>114</sup> KUREISHI, Hanif. *O corpo*. In: \_\_\_\_\_. *O corpo e outras histórias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 7-152.

<sup>115</sup> O subtítulo de *Frankenstein*, “o Prometeu moderno”, remete à uma significativa leitura: *Depois do Romantismo, Prometeu tornou-se para a cultura ocidental, o símbolo por excelência da revolta na ordem metafísica e religiosa, como se encarnasse a recusa do absurdo da condição humana*. (BRUNEL: 1997, 784). Escrito em 1818, o romance de Mary Shelley projeta, através da “construção” de um novo corpo físico, uma sociedade que seja capaz de promover, através dos avanços tecnológicos, o bem. A tentativa de substituir Deus fracassa – o que foi projetado como conquista científica se mostra pleno na forma de pesadelo.



de projeção inconsciente de criação de um Peter Pan<sup>116</sup> pós-moderno, que recusa a transitoriedade da vida, Adam (transformado em Léo), unindo a experiência de um velho e a vitalidade física de um jovem, reinventa a si mesmo, recupera o tempo que perdeu sendo adulto e foge de todas as responsabilidades familiares.

*Desde a operação, sentia-me eufórico; a segunda chance, o adiamento que me fora concedido, fazia com que eu me sentisse bem e feliz por estar vivo. A idade e a doença nos exaurem, mas nunca nos apercebemos da energia que consomem, de quanto preparo mental dedicamos à morte.*

*O que eu não conhecia, e estava para descobrir, era a sensação de voltar a ser jovem, num corpo novo. Estava gostando de experimentar minha nova persona com a cabeleireira, me reinventando. Conteí a ela que era solteiro, que fora criado na região oeste de Londres e que estudava filosofia e psicologia; tinha trabalhado em bares e restaurantes e, no momento estava decidindo o que fazer da vida.*

*“E em que tipo de coisa você anda pensando?”, ela perguntou.*

*Disse a ela que pretendia cair fora; estava cheio de Londres e queria viajar. Só estaria na cidade por mais uns poucos dias antes de partir. Enquanto eu falava, sentia uma espécie de susto, um grande impulso dentro de mim, mas não fazia idéia de para onde, a não ser que a direção geral era a do prazer.<sup>117</sup>*

Evidentemente, há um preço para esse retorno ao paraíso perdido – que Adam/Léo não hesita em pagar, apesar da dor.

---

<sup>116</sup> Alguns homens, em certa fase da vida, principalmente na fase de pós-adolescência e na proximidade dos 40 anos, entram em um processo de negação existencial e etária, como se a vida adulta (e tudo o que lhe é conseqüente) configurasse um fardo. A recusa em assumir uma vida de deveres e de cerceamento do prazer, e que pode ser interrompida a qualquer instante com a morte, encontra em Peter Pan, personagem criado por James BARRIE, o seu representante ideal. Ver BARRIE, James. *Peter Pan*. 14. ed. Rio de Janeiro, 2002. (Adaptação: Paulo Mendes Campos). Uma interpretação mais elaborada sobre o “efeito Peter Pan” na modernidade pode ser encontrada em KILEY, Dan. *Síndrome de Peter Pan*. 20. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1987.

<sup>117</sup> KUREISHI, 2004: 54.

### **3 – OS DUPLOS DO DUPLO**

*Sabemos o que é sagrado para nós quando o sacrilégio nos horroriza.*

**Tobias Wolff:** “Meus dias de escritor”.

Quando António Claro (também denominado Daniel Santa-Clara) em conversa com Tertuliano Máximo Afonso, no romance *O Homem duplicado*, de José Saramago, afirma *Pelo vistos, para seres quem és, a única possibilidade que te resta é a de que pareças ser outro*<sup>118</sup>, coloca em xeque a questão do reconhecimento físico e emocional – a percepção da existência do Outro<sup>119</sup> implica em aceitar a própria incompletitude e a necessidade de alguma substância volátil (e, portanto, de complexa definição) que venha a preencher o vazio que está instalado nos/dentro dos indivíduos.

No início do século XX, a psiquiatria, inicialmente, e a literatura, logo a seguir, passaram a empregar o conceito *bovarismo*<sup>120</sup> para designar os casos em que o(a) paciente é acometido(a) do delírio de “tornar-se um(a) outro(a)”<sup>121</sup>. Ou seja, o *bovarismo* resulta de crises de déficit emocional e narcísico, que implicam no desdobramento – muitas vezes múltiplo – de personalidade.<sup>122</sup> Visando alcançar um território onde o Outro se confunde com aquele que está em fuga, o psiquismo do indivíduo prefere abandonar um contexto que não lhe garante satisfação imediata<sup>123</sup> e migra para uma região do imaginário, onde acredita estar a salvo das demandas que

---

<sup>118</sup> SARAMAGO, José. *O homem duplicado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 156.

<sup>119</sup> O “Outro” é um conceito fluído e a sua significação específica depende do contexto em que está inserido. A leitura de Hélène JOFFE aponta para a questão política: *a palavra “outro” geralmente se aplica somente àqueles que estão excluídos e, implicitamente subordinados ao grupo de pessoas que supostamente se consideram possuidoras e donas das idéias dominantes* (in: ARRUDA, 1998: 109). Para a psicanálise lacaniana, o “Outro” designa um lugar simbólico – o significante, a lei, a linguagem, o inconsciente ou, ainda Deus – que determina o sujeito, ora de maneira externa a ele, ora de maneira intra-subjetiva com o desejo (ROUDINESCO, PLON, 1998: 558). Para Lacan, seguindo os princípios freudianos, a alteridade, expressa pelo Outro, fundamenta-se na *relação do homem com o seu meio, o seu desejo e com o objeto, na perspectiva de uma determinação inconsciente*. (ROUDINESCO, PLON, 1998: 558). O uso da inicial maiúscula indica oposição a um “outro”, com minúscula, que é um elemento do imaginário ou um lugar de alteridade especular. De qualquer forma, a expressão *Outro* é um indicativo da alteridade.

<sup>120</sup> Referência ao destino de Emma Bovary, personagem do romance *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert.

<sup>121</sup> KEHL, Maria Rita. *Sobre ética e psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 135.

<sup>122</sup> Essa posição de análise não é consensual. Tomando o foco da literatura, Andrea Saad Hossne afirma: *O bovarismo não me parece (...) ser simplesmente o poder de conceber-se outro que não se é realmente. Mesmo porque, tal definição pode caber confortavelmente em mais de uma expressão, está presente, explicitamente ou não, na cunhagem de mais de um termo. Bovarismo é (...) esse movimento interno por que passa a leitora Emma, de se cumprir como má consciência no seio da consciência aceita por sua época. Não é conceber-se outro, mas carregar o outro de uma época*. (HOSSNE, 2000: 276).

<sup>123</sup> Mário Vargas Llosa, que escreveu um excelente estudo sobre Flaubert (*Orgia perpétua: Flaubert e Madame Bovary*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979), também utilizou o *bovarismo* na sua ficção. No romance *Travessuras da menina má* (Rio de Janeiro: Alfaguara, 2006), a protagonista feminina, inicialmente denominada Lily, mas que percorre a narrativa sendo chamada genericamente de *menina má*, se desdobra em diversos personagens, de acordo

não são supridas pelo contexto em que estão inseridas. Assim, “ser outro” é uma forma artificial de articular as carências do indivíduo através de projeções do imaginário. Procurando por uma forma transversal de gozo, não é o indivíduo que obtém satisfação e sim a representação do Outro, como comprova a fábula *O médico e o monstro*, escrita por Robert Louis Stevenson.<sup>124</sup> O conflito que surge entre Henry Jekyll e Edward Hyde representa a bipartição da identidade e a consequente liberação de elementos (“kill”) da personalidade que usualmente são sublimados (“hide”) pelo comportamento social. Mais do que uma discussão sobre o terror advindo do Mal – que, neste caso, não necessariamente se opõe ao Bem filosófico –, a história escrita por Stevenson revela que,

*Em nossos dias, já não estamos tão aptos a ver o mal que tudo ofusca como a ruína moral de um homem bom, mas como um close, quase em estilo tablóide, de um homem cujo intelecto está sendo dilacerado e dividido ao meio. A maldade de Mr. Hyde é uma sinistra estrela negra para dentro da qual o bondoso Dr. Jekyll está sendo arrastado com uma rapidez cada vez maior. O terror, para o leitor moderno, é o horror universal da degradação da mente.*<sup>125</sup>

Segundo António Claro, *quanto mais te disfarçares, mais te parecerás a ti próprio*<sup>126</sup>. Desafortunadamente, é a possibilidade de ser diferente do que causa aflição que motiva a migração da identidade. Querer ser outro, um ser diferente daquele que se apresenta como indivíduo, constitui uma maneira de tentar eliminar deficiências – apesar dessa tarefa estar edificada na impossibilidade.<sup>127</sup>

---

com as circunstâncias. A facilidade camaleônica com que adota uma nova personalidade (*persona*, em grego, significa máscara) impressiona – assim como a persistência de Ricardo Somocurcio, o narrador, que percorre o mundo durante quatro décadas, sempre a procurar pela Lily primeva. Esses encontros ocorrem em diversos lugares (Peru, França, Inglaterra, Japão, Espanha), configurando que o espaço também pode se metamorfosear em variedade e diferença. Em cada um desses lugares, a *menina má* revela-se outra mulher, proprietária de uma biografia imaginária que adentra o real com tal força que supera o real. E para tanto, a personagem anterior se dissolve na indeterminação temporal, como se nunca tivesse existido. Por isso, a cada vez que Ricardo Somocurcio, o *bom menino*, encontra Lily – ou o travesti em que se transformou a mulher de seus sonhos – desmascará-la é apenas uma forma de voltar no tempo e reiniciar a história de amor que eles compartilham.

<sup>124</sup> Ver SHELLEY, Mary Wollstonecraft; STOKER, Bram; STEVENSON, Robert Louis. *Frankenstein, Drácula e O médico e o monstro*. 3. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002. p. 627-697.

<sup>125</sup> KING, Stephen. *Introdução*. In: SHELLEY, Mary Wollstonecraft; STOKER, Bram; STEVENSON, Robert Louis. *Frankenstein, Drácula e O médico e o monstro*. 3. ed. Rio de Janeiro: ediouro, 2002. p. 12.

<sup>126</sup> SARAMAGO, 2004: 157.

<sup>127</sup> O uso contemporâneo de tatuagens e piercings, além da banalização das correções cosméticas (cirurgias plásticas), comprovam que não podendo ser o Outro, o indivíduo não hesita em modificar a si mesmo, na tentativa de camuflar o que em si se caracteriza como falta. A noção de que o bem-estar individual é tributário da estética dominante processa o comportamento humano de tal forma que o indivíduo resulta marcado pelas exigências decorrentes das demandas de consumo – como uma mercadoria exposta na prateleira do sempre igual, a natureza é superada pelo artificial na medida em que não corresponde ao lugar ou ao contexto que o indivíduo idealizou como o seu.

A grave crise da identidade que atormenta o existir humano contemporâneo revela um indivíduo infeliz e carente – que, assim como Drácula,<sup>128</sup> “dorme” durante o dia e procura satisfazer as suas necessidades mais elementares durante a noite. A “dupla” personalidade – dividida entre o possível e o desejado – comprova, em determinadas circunstâncias, que a utopia atrelada à linearidade de conduta. Por isso, sem querer ou poder encontrar uma solução para esse impasse, muitos indivíduos preferem compartilhar a existência com elementos indeterminados pela lógica cartesiana (fantasmas, sombras, carências ou manifestações complexas de medo e culpa). Essa revelação, que equívale a descobrir um novo continente – que estava submerso nas águas do inconsciente – em muitos momentos se aproxima perigosamente do misticismo e resulta em situações problemáticas, de difícil equação na prática diária.

Nesse sentido, o paradoxo não se encontra na noção de que a contemporaneidade fez do indivíduo um cativo das imagens, mas sim no poder do olhar que se detém nas miragens – e as aclama como se fossem capazes de suprir o que está em falta. *Nada é mais frágil do que a faculdade humana de admitir a realidade, de aceitar sem reservas a imperiosa prerrogativa do real.*<sup>129</sup>

Historicamente, parte da fundamentação cultural humana oscila em torno da figura do duplo, que é uma maneira de realçar o conflito social, político, econômico e intelectual. Ninguém (nem mesmo os deuses) está a salvo das complicações resultantes do embate entre os diversos elementos que, circunstancialmente, se apresentam em discordância ou em antagonismo mútuo. Por exemplo: homem/animal, divindade/mortalidade, masculino/feminino, bem/mal, liberdade/opressão, espírito/matéria, antagonismo/complementariedade,....

Esse embate, em seu grau mínimo, costuma ser representado pelo maniqueísmo dicotômico: repartir o mundo em dois, opondo cada um dos segmentos ao outro e incentivando a competição, a superação do adversário e a implantação do domínio de “pensamento único”.<sup>130</sup>

---

<sup>128</sup> Ver SHELLEY, Mary Wollstonecraft; STOKER, Bram; STEVENSON, Robert Louis. *Frankenstein, Drácula e O médico e o monstro*. 3. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002. p. 227-626.

<sup>129</sup> ROSSET, Clément. *O real e seu duplo*. Porto Alegre: L&PM, 1998. p. 11.

<sup>130</sup> A dicotomia deve ser visualizada apenas como um estágio na evolução da dialética. A etapa seguinte deve ser a da polifonia, situação em que a múltipla escolha surge como um fruto natural da História. Ou seja, compreender que a soma do passado e do presente deságua na diversidade que é o futuro – momento em que o múltiplo, aliado ao conhecimento disponível pelas lições e fracassos do passado e do presente, mais do que um constructo intelectual, surge como uma possibilidade de defesa contra algumas das normas instituídas (principalmente, o autoritarismo). Escolher – e arcar com essa ação política – configura uma postura ética. Nesse sentido, cabe lembrar Isaiah BERLIN: *Somos escravizados por déspotas – instituições, credos ou neuroses – que só podem ser afastados pela análise e compreensão. Somos aprisionados por espíritos maus que nós próprios criamos – ainda que não conscientemente – e só podemos exorcizá-los conscientizando-nos e agindo apropriadamente: na verdade, para Marx, compreender é a*

Infelizmente, nessa perspectiva, onde impera o embate entre o “certo” e o “errado”, as nuances políticas ficam excluídas – e a diversidade fica restrita ao “ou isso ou aquilo”.<sup>131</sup>

No terreno religioso, a dualidade é uma constante. Um exemplo emblemático está no mito cristão sobre o surgimento do homem na Terra: o homem, que compartilha a imagem e semelhança de Deus,<sup>132</sup> foi dividido em dois – Eva nasce da costela de Adão.<sup>133</sup>

Na mitologia greco-romana e no cristianismo o ciclo da vida continua depois da morte: paraíso e inferno são nomenclaturas geográficas dicotômicas de um território existente no imaginário religioso.

*(...) antigas lendas nórdicas e germânicas contam o encontro com o duplo; a libertação do duplo é um acontecimento nefasto que muitas vezes pressagia a morte. As lendas da alma viajante que sai do corpo do adormecido e assume o aspecto animal constituem, nesses relatos, uma das representações do alter ego. O duplo é também schutzgeist (espírito protetor).<sup>134</sup>*

No século XVII, com o advento do racionalismo, e da relação binária sujeito-objeto, que se opõe ao pensamento unitário, o mito do duplo surge como uma formulação do pensamento da subjetividade.

*Desde a Antigüidade até o final do século XVI, esse mito simboliza o homogêneo, o idêntico: a semelhança física entre duas criaturas é usada para efeitos de substituição, de usurpação de identidade, o sócia, o gêmeo é confundido com o herói e vice-versa, cada um com sua identidade própria. A tendência à unidade prevalece também quando um personagem desempenha dois papéis.*

---

*ação apropriada. Sou livre se e somente se planejo minha vida de acordo com minha vontade; os planos acarretam regras; uma regra não me oprime, nem me escraviza, se a imponho a mim mesmo conscientemente ou se a aceito livremente depois de tê-la compreendido, quer tenha sido inventada por mim, quer por outros, desde que seja racional, isto é, desde que se conforme às necessidades das coisas. Compreender por que as coisas devem ser como devem ser é querer que assim sejam. O conhecimento não libera oferecendo-nos mais possibilidades abertas de escolha, mas preservando-nos da frustração de tentar o impossível (BERLIN, 2002: 247-248).*

<sup>131</sup> Habitualmente, para o psiquismo se desdobrar em um outro constitui aventura suficiente. Manifestações mais complexas da Síndrome de Personalidade Múltipla são interpretadas como formas mais elaboradas de doença. Ver ROUDINESCO; PLON, 1998: 583.

<sup>132</sup> Deus disse: “Façamos o ser humano à nossa imagem e semelhança (Gn., 1: 26).

<sup>133</sup> Então o SENHOR Deus fez vir sobre o homem um profundo sono, e ele adormeceu. Tirou-lhe uma das costelas e fechou o lugar com carne. Depois, da costela tirada do homem, o SENHOR Deus formou a mulher e apresentou-a ao homem. E o homem exclamou:

“Desta vez sim, é osso dos meus ossos  
e carne da minha carne!

Ela será chamada ‘humana’

porque do homem foi tirada.” (Gn., 2: 21-23).

<sup>134</sup> BRUNEL, 1997: 262.

*A partir do término do século XVI, o duplo começa a representar o heterogêneo, com a divisão do eu chegando à quebra da unidade (século XIX) e permitindo até mesmo um fracionamento infinito (século XX).<sup>135</sup>*

No momento em que o indivíduo entende a noção de heterogêneo, o “Eu” se desdobra no “Outro”, em outros, rompendo com a dualidade unificadora corpo/imagem.<sup>136</sup>

Diversos estudiosos, como o psicanalista Otto Rank, vêem no duplo uma forma de manifestação psicológica, resultante do conflito produzido pela incapacidade de amar (alguma forma de interdito sexual) e pelo desejo da morte (a culpa gera a necessidade de punição). Como sintoma de desordens íntimas, resultantes de projeções especulares,<sup>137</sup> o duplo surge como uma manifestação inconsciente e pendular da psique.

Keppler, que estudou os duplos literários, é taxativo ao afirmar que

*o duplo é ao mesmo tempo idêntico ao original e diferente – até mesmo o oposto – dele. É sempre uma figura fascinante para aquele que ele duplica, em virtude do paradoxo que representa (ele é ao mesmo tempo interior e exterior, está aqui e lá, é oposto e complementar), e provoca no original reações emocionais extremas (atração/repulsa). De um e outro lado do desdobramento a relação existe numa tensão dinâmica. O encontro ocorre num momento de vulnerabilidade do eu original.<sup>138</sup>*

O duplo se caracteriza como *uma parte não apreendida pela imagem de si que tem o eu, ou por ela foi excluída: daí o seu caráter de proximidade e de antagonismo. Trata-se das duas faces complementares do mesmo ser.*<sup>139</sup> Ou, em alguns momentos, dois seres que se complementam através da mesma imagem (real, simbólica, projetada, imaginária,...).

Keppler, na tentativa de classificar o tema, e torná-lo mais próximo daqueles que desejam entendê-lo, fez um inventário de sete diferentes modalidades de duplo: *o perseguidor, o gêmeo, o(a) bem-amado(a), o tentador, a visão do horror, o salvador, o duplo no tempo.*<sup>140</sup> Outras incidências podem ser acrescentadas a esta lista, inclusive as que envolvem as diversas modalidades especulares.

---

<sup>135</sup> BRUNEL, 1997: 263-264.

<sup>136</sup> No momento em que as fantasias se transformam em elementos da distorção produzida pelo imaginário, rompendo com as fronteiras físicas, é o Outro que se apresenta como imagem especular, como parâmetro sensorial, como objeto do desejo. O real comparece como complemento, como suporte para a execução do que está sendo projetado. Ao mesmo tempo, no momento em que ocorre a exclusão do corpo, o gozo também está sendo interdito – porque sem o gozo corporal não há possibilidade de haver satisfação psíquica.

<sup>137</sup> *Apud* BRUNEL, 1997: 262-263.

<sup>138</sup> *Apud* BRUNEL, 1997: 263.

<sup>139</sup> *Apud* BRUNEL, 1997: 263.

<sup>140</sup> *Apud* BRUNEL, 1997: 263.

*O tema do espelho se confunde com o do sócia, do outro, do duplo. O reflexo, no entanto, não é apenas uma sombra: em algumas narrativas, o duplo se rebela contra sua matriz; em outras, o sócia se liberta de uma dimensão paralela existente através do espelho. Em outras podemos observar a idéia de passagem da realidade para a fantasia e em boa parte delas, a idéia da imagem refletida, do duplo como um veículo do Eu para viagens imaginárias, um “corpo astral”. É como contemplar no espelho: a forma e o reflexo se observam. Tu não és o reflexo, mas o reflexo és tu.*

*Mesmo nas estórias onde o sócia se rebela contra o protagonista e adquire vontade própria, existe esta relação, pois o outro se revolta contra sua função original que é a de representar a forma no mundo dos reflexos, de duplicar o ego em uma imagem que possibilita o autoconhecimento.*<sup>141</sup>

O espelho<sup>142</sup> (ou a imagem que o espelho reflete ou a imagem que é refletida para dentro do espelho ou a imagem que – de dentro do espelho – é reproduzida fora do próprio espelho), modernamente, é um dos grandes elementos de diálogo do duplo – embora, a imagem refletida, muitas vezes alimentada por deficiências imaginárias, raramente se revela como uma possibilidade de interlocução: parte da deficiência desse mecanismo de representação está no fato de que as poucas possibilidades de correspondência entre o que reflete e o que é refletido estão esvanecendo no fluxo da modernidade.

No momento em que há percepção de que um corpo não é semelhante ao outro corpo (evidência comprovada, primariamente, pela biologia) são adicionados novos significados ao código de articulação social que consagra a imagem e o objeto refletido como partes canônicas da estrutura psíquica. Nesse sentido, não é possível dissociar o duplo do espelho, porque, assim como o foi para Narciso, a imagem especular transfigura-se no instrumento em que o indivíduo encontra (ou não) o que está a procurar. O desejo não se reduz a uma satisfação momentânea ou ao preenchimento de algum vazio: entre o dentro-de-si e o fora-de-si, o indivíduo precisa mediar a mítica do enquadramento focal, que está submetida aos ditames da imagem.

*A imagem é, pois, condição sine qua non para o espetáculo da cena social e para a captação narcísica do outro. A imagem é a condição de possibilidade da sedução e do fascínio, sem a qual o ideal de captura do outro não pode jamais se realizar nesse festim diabólico do exibicionismo.*<sup>143</sup>

<sup>141</sup> GOMES, Marcelo Bolshaw. *O espelho no tempo: representação signica & imaginação simbólica*. Disponível em [www.facom.ufba.br/pretextos/bolshaw1.html](http://www.facom.ufba.br/pretextos/bolshaw1.html). Acesso em 09 fev. 2003.

<sup>142</sup> O “espelho” não precisa, necessariamente, ser um objeto óptico que reproduz a imagem focada. Pode ser, por exemplo, o inconsciente, a consciência, a culpa, a história ou o duplo.

<sup>143</sup> BIRMAN, Joel. *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 188.



Enquanto o duplo é visualizado como uma materialização da dicotomia que sofre o corpo, a fantasia<sup>144</sup> é um instrumento mimético psicológico utilizado para camuflar o inacessível (ou o que aparenta ser inacessível). O objetivo dessa manobra é, grosso modo, contornar os obstáculos emocionais e a frustração. O hiato psíquico, resultante de um tipo significativo de insuficiência, revela abrigo para a adoção de ações compensatórias – que embora não disfarcem adequadamente o problema originário, atuam como uma rota de escape, evitando o confronto e mascarando soluções. Assim, ao não encontrar um correspondente igualitário ou complementar para um desejo, abre-se uma fenda nas relações que o indivíduo trava consigo mesmo e, por extensão, com o Outro: entre uma imagem e outra, o abismo da indeterminação. Não podendo satisfazer essa(s) necessidade(s), muitos indivíduos procuram substituí-la(s) por construções imaginárias, que anulam as carências e estabelecem uma ponte de acesso ao(s) objeto(s) do desejo.

Esse desencontro se torna possível no momento em que o indivíduo aceita a valorização do “Eu” acima de todas as coisas (manifesto no olhar que somente se conecta com o objeto desejado) – e isso significa que o indivíduo muitas vezes não manifesta preocupação em desdobrar a existência egótica e corporal em algo que se aproxime das necessidades do coletivo, dos ideais que constituem a essência que caracteriza um grupo social.

A necessidade de atender demandas particulares (originárias de demandas ainda mais particulares) afasta qualquer possibilidade de compreensão afetiva: na sociedade competitiva, onde o império da agressão é reconhecido como qualidade, a figura do herói mítico que se sacrifica por um ideal (e, conseqüentemente, pelo Outro – cuja causa lhe é complementar) identifica o anacronismo ideológico que caracteriza a modernidade capitalista – valorização do sucesso individual e da acumulação de bens em detrimento de valores menos materiais e mais afetivos.

Diante de tamanha dispersão frente aos objetivos que ajudaram a instituir o coletivo social, uma nova imagem se destaca: o espelho está quebrado – da imagem resultou fraturas, fragmentos, instantes sem conexão com a totalidade. Mesmo se fosse possível reunir todos os estilhaços –

---

<sup>144</sup> A fantasia (no original grego, *phantasia*) é um mecanismo inconsciente de defesa do ego e *designa a vida imaginária do sujeito e a maneira com que este representa para si mesmo sua história ou a história de suas origens* (ROUDINESCO; PLON, 1998: 223). Havendo desejo e uma situação objetiva desfavorável, o momento adverso é substituído por uma estrutura imaginária. Ou seja, um constructo idealizado, que surge como uma forma de negar a sublimação, se impõe como uma projeção do desejo. Mas isso não significa apenas uma transposição de uma realidade adversa para uma situação favorável – é uma construção interpretativa dessa realidade (que não está, evidentemente, compromissada com o que, ordinariamente, se entende por “verdade”). De qualquer forma, a verdade inventada pela situação imaginária precisa estar integrada com a verdade “real” e com a crença de que a verdade inventada é “mais real” do que a verdade “real” – somente assim a fantasia adquire legitimidade: *nada funda a Lei a não ser sua própria enunciação* (KEHL, 2002: 68).

visando recuperar o registro imagético inicial e, simultaneamente, esconder as emendas –, ainda assim o fracionamento se destacaria, mostrando que há diferenças, detalhes, arestas, ausências, que não correspondem ao sistema proposto pela unidade: o indivíduo não encontra em outro indivíduo (e vice-versa) um correspondente igualitário para a imagem que quer projetar no espelho que alimenta o seu olhar. A representação não se completa porque a imagem que instaura a identificação não encontra correspondente na imagem que institui a diferença: inexiste um elemento compartilhado pela dualidade objeto/imagem. Por isso, o elemento básico para a compreensão do movimento afetivo que determina o afastamento especular é o desencontro (ferramenta com que a disjunção é incorporada ao conjunto de experiências que constituem o relacionamento entre os indivíduos).

Será que um espelho consegue refletir a imagem proposta por um outro espelho? Havendo essa possibilidade, será que a imagem refletida é igual, ou aproximadamente semelhante, à imagem que reflete? Qual é o grau de desencontro entre uma imagem e a outra? *Morrem juntos os que são iguais, (...) A imagem virtual daquele que se olha do espelho, A imagem real daquele que do espelho o olha.*<sup>145</sup> Enquanto uma imagem reproduz outra imagem, na indeterminação do infinito e na repetição incessante do sempre igual, uma alternativa é tentar a transgressão, olhar para o outro lado, fora do enquadramento focal. Ver o que está além da margem – o que não foi contemplado pelo campo de visão. No mundo paralelo, excluído pelo olhar, surgem possibilidades, alternativas, alternâncias, errâncias, recusa pela instituição passiva do resolvido por outrem. O duplo, nesse caso, se apresenta como transgressão, como uma possibilidade excluída pelo campo visual.

Dilema de Alice: (...) *há a sala que você pode ver através do espelho, só que as coisas trocam de lado.*<sup>146</sup> Diante do espelho, o observador constata que os objetos invertem suas posições: o que era direito torna-se esquerdo, o acima fica embaixo, o leste não é mais leste e, de certa forma, o açucareiro também não é mais o açucareiro e sim um outro objeto, algo impreciso e indefinido e que se perde – e se encontra – no espaço da representação. Uma sensação de ausência das referências traduz a consequência imediata do deslocamento óptico. A territorialidade se dissolve na névoa que corporifica o impreciso. Todos os objetos se modificam, porque integram um novo jogo de imagens – somente é possível apreender essa nova visão constituindo um novo olhar, um novo “duplo”.

---

<sup>145</sup> SARAMAGO, 2004: 182.

<sup>146</sup> CARROL, Lewis. *Alice*: edição comentada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002. p. 137.

O mundo das aparências antecede o real – ou seja, o momento em que as imagens trocam de lugar. Assim, as diferenças que fundamentam a imagem anterior (que não encontra correspondente ao tempo presente) e a imagem que se sucede (embora não corresponda ao tempo futuro) não possuem conexão no presente, pois há um desencontro entre o real e o imaginário (os sentidos perdem o sentido, pois estão impossibilitados de sentir o que deveriam sentir – o jogo especular configura a representação do objeto perdido na/pela busca). A inquietude causada pela negação das referências (ou pela eliminação das bases em que estão edificadas as certezas) se projeta como ameaça, como uma espécie potencial de medo (entidade que não possui forma, não ocupa espaço e a sua substância, constituída pelo nada, invade a mente e a dilacera).

Há uma imensa dificuldade em fugir da imagem, aquela que está presa no espelho (ou que imagina-se estar presa no espelho ou que algo ou alguém induz à crença de que esteja presa no espelho) e que assusta porque, como um fantasma ficcional, constitui a possibilidade da imagem saltar do espelho para o mundo, contaminando a vida com a sua presença.<sup>147</sup> É difícil *enfrentar o estranho que existe em nós, age em nós e com o qual não queremos nos identificar*.<sup>148</sup> Psiquicamente, muitos indivíduos mostram-se relutantes em aceitar que o “eu” esteja dividido e que as partes que constituem essa divisão – o Eu fragmentado – não são aquelas que, por inúmeros motivos, gostariam que fossem.

A imagem, instante em que a representação transmuta o indivíduo em algo que não é mais o indivíduo, mas sim a lembrança do que em dado momento foi o indivíduo, constitui uma miragem especular formada por reflexo, fugacidade, ubiquidade, disseminação, polissemia, dispersão. O indivíduo se transforma em passageiro do fragmento – a unidade perde as referências e encampa a transitoriedade, que está circunscrita ao não-lugar. A aura e a identidade se separam do indivíduo e isso significa que a diferenciação entre o indivíduo e a imagem se torna muito difícil (em alguns momentos, impossível): a fragmentação liquida com a identidade e substitui a experiência de vida. Entre a presença e a ausência, o vácuo produzido pela imagem multiplica o vácuo produzido pela ausência do indivíduo.

---

<sup>147</sup> A inversão do mito de Alice, quando o mundo paralelo, descolado de suas raízes fundacionais, migra para o “real”, consagra-se através da literatura – entre outras formas de interpretação e concepção contextual. Todas as criações ficcionais, situações narrativas, personagens e confluências espaço-temporais são representações do real. Em outras palavras, na medida em que a representação do mundo concreto recebe aceitação, investida de verossimilhança ou de algum mecanismo que possibilite algum tipo de correspondência entre o imaginário e o real, o mundo ficcional migra do espaço narrativo e adquire substância social: *A ficção não representa a verdade mas tem por ponto de partida o que criadores e receptores têm por verdade* (LIMA, 1995:306).

<sup>148</sup> KEHL, 2002: 32.

Para poder dissolver as diversas armadilhas interpostas no contexto em que se desloca o indivíduo, urge recusar a reprodução, ou seja, não aceitar que a imagem possa substituir o indivíduo.

#### **4 – ELEMENTOS DA TRAGÉDIA: A FAMÍLIA E OS IRMÃOS**

*Brigas de família são coisas amargas. Não seguem nenhuma regra. Não são como dores ou feridas; são mais como farpas na pele, que custam a sarar porque não há substância suficiente.*

**Francis Scott Fitzgerald:** “Babilônia revisitada”.

Modernamente, o modelo clássico de família, com estrutura patriarcal, de uma forma ou de outra, está intimamente vinculado com a imagem da autoridade (“o” Pai) e com a produção acumulativa de bens materiais (o patrimônio).

*O patriarcado é a sociedade em que todas as pessoas se aparentam conscientemente por laços consangüíneos. Cada pessoa define a sua relação com qualquer outra na sociedade em termos de linhagem (...) Num patriarcado, os homens são os laços de união dessas relações familiares. Eles decidem quem se casa com quem, a propriedade passa pela linhagem masculina e assim por diante (SENNETT, 2001: 75).*

Essa posição concorda que *a família patriarcal está baseada na atribuição não igualitária de poderes aos pais* <sup>149</sup>. Ou seja, a relação é construída/constituída pela verticalização da autoridade familiar – aos pais (na verdade, ao Pai) é delegado o exercício onipotente, onisciente e onipresente da autoridade. E isso significa que ao Pai cabe todo o poder emanado do exercício/execução da Lei (o estágio mais elevado da normatização social, visando estabelecer a justiça <sup>150</sup> – ou algo que desse objetivo se aproxime).

Historicamente, para entender o que ocorreu no processo de formação do contexto intrafamiliar, principalmente no que tange aos embates fraternos – e suas seqüelas –, necessário se faz ouvir a palavra de Freud, que foi um dos mais significativos intérpretes da questão. Em *Totem e tabu*, o conflito é descrito em sua gênese:

*(...) na horda primeva de Darwin. Tudo o que ali encontramos é um pai violento e ciumento que guarda todas as fêmeas para si próprio e expulsa os filhos à medida que crescem. (...) Certo dia, os irmãos que tinham sido expulsos retornaram juntos, mataram e devoraram o pai, colocando assim um fim à horda patriarcal. Unidos, tiveram a coragem de fazê-lo e foram bem sucedidos no que lhes teria sido impossível individualmente. (Algum avanço cultural, talvez o domínio de uma nova arma, proporcionou-lhes um senso de força superior.) Selvagens canibais que eram, não é preciso dizer que não apenas matavam, mas também devoravam a vítima. O violento pai primevo fora sem dúvida o temido e invejado modelo de cada um do grupo de irmãos; e, pelo ato de devorá-lo, realizaram a identificação com ele, cada um deles adquirindo uma parte de sua força. A refeição totêmica, que é talvez o mais antigo festival da humanidade, seria assim uma*

---

<sup>149</sup> LAJONQUIÈRE, Leandro de. *Psicanálise, modernidade e fraternidade*. In: KEHL, Maria Rita (Org.). *Função fraterna*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000. p. 54.

<sup>150</sup> Neste contexto, a “justiça” se apresenta na forma restritiva: um conjunto de normas jurídicas capazes de aplicar distributivamente penalidades em razão do que foi estabelecido como certo e errado, lícito e ilícito, permitido e negado.

*repetição, e uma comemoração desse ato memorável e criminoso, que foi o começo de tantas coisas: da organização social, das restrições morais e da religião.*<sup>151</sup>

O texto freudiano ressalta a fraternidade como um elemento agregador na luta contra o despotismo paterno (*retornaram juntos, mataram e devoraram o pai (...) tiveram a coragem de fazê-lo e foram bem sucedidos no que lhes teria sido impossível individualmente*<sup>152</sup>). Mas não esclarece se, em circunstância outra, essa aproximação afetiva ocorreria. Provavelmente não – porque é a opressão paterna, que suprime os direitos e acentua as penalidades, o elemento catalisador da revolta filial. Sedimentado na celebração de um ritual primitivo (*Selvagens canibais que eram, não é preciso dizer que não apenas matavam, mas também devoravam a vítima*<sup>153</sup>), esse momento revela que em situações significativas o emocional se desvencilha da razão e retorna ao seu estado mais primário. Ou seja, nas circunstâncias em que atitudes ponderadas refreiam a violência contra o pai, a possibilidade de acordo entre os filhos diminui sensivelmente. A horda somente encontra um denominador comum quando a agressividade é capaz de absolver a todos, indistintamente de quem promoveu as ações violentas. A impunidade coletiva é o traço identitário, acrescido da constatação de que o anestésico fraterno surge com a pulverização da culpa.

*(...) cabe ressaltar contudo a originalidade do contrato imaginado por Freud: o totemismo uma espécie de contrato passado com o pai (...). é a presença/ausência deste parceiro que funda a igualdade entre os irmãos; e esta não consiste na decisão de alienar sua liberdade, mas na responsabilidade comum pelo crime cometido. O crime é assim o inaugural, e o contrato derivado, sendo suscitado pelo sentimento de culpabilidade e pela necessidade de impedir a reiteração do crime.*<sup>154</sup>

Impossibilitados de compreender que não é possível transferir do Pai para os filhos o exercício material da autoridade – porque a autoridade somente se concretiza no seu exercício –, os filhos saciam a sua sede por “justiça” através do ritual antropofágico: “devorar” o Pai estabelece o momento em que a violência atua como um elemento agregador, de superação das adversidades. Cada pedaço do pai, devorado pelos filhos, identifica a revolta contra a repressão paterna, mas também acena para a tentativa de incorporar simbolicamente um pouco da autoridade destituída. A carne e o sangue do homem morto simbolizam a ressurreição dos ideais de autonomia.

---

<sup>151</sup> FREUD, Sigmund. *Totem e tabu*. Rio de Janeiro: Imago, 2005. p. 145-146.

<sup>152</sup> FREUD, 2005: 146.

<sup>153</sup> FREUD, 2005: 146.

<sup>154</sup> MEZAN, Renato. *Freud, pensador de cultura*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 347.

*Mas é preciso que não se esqueça que a figura onipotente do pai da horda continua sempre presente no imaginário social, não obstante o assassinato do pai onipotente. Não apenas pela culpa dos filhos, pela morte que perpetraram de maneira sangrenta, resultando disso que aquele que passou a ser reverenciado como totem e sacralizado, sendo permanentemente evocado nos rituais comunitários como signo da origem de uma tradição. Além disso, no entanto, a evocação da figura do pai se presentifica regularmente no imaginário coletivo, para recordar a todos os membros da sociedade humana que todo aquele que tiver a pretensão de ser e funcionar como fizera o pai primordial terá infalivelmente o mesmo fim desse, isto é, a destruição e a morte. O que implica dizer que o perigo de que alguém se arvore a ocupar a posição onipotente em relação aos demais e que se retire da rede de igualdade está sempre presente.*<sup>155</sup>

Transitório, esse ritual sangrento – nenhuma quebra da autoridade é pacífica – pouco modifica a situação que originou a violência. Ao contrário do que Birman e alguns marxistas, (por exemplo, Canevacci <sup>156</sup>) defendem, a administração prática das questões familiares implica que o Pai seja substituído por um outro Pai, apesar do aviso histórico de que *todo aquele que tiver a pretensão de ser e funcionar como fizera o pai primordial terá infalivelmente o mesmo fim desse, isto é, a destruição e a morte.*<sup>157</sup>

*Para Freud, a culpa pelo assassinato do pai, assim como a rivalidade fraterna e a inveja da onipotência paterna, jamais serão completamente resolvidas. A inveja preexistente ao assassinato tende a se exacerbar com o crime e a renúncia coletiva ao excesso pulsional é a única forma de evitar que se reinstale o caos anterior. Torna-se necessária, ainda, enquanto legado do pai morto, a sobrevivência de alguns traços da autoridade paterna na demarcação hierárquica de lugares, o estabelecimento de alguns valores e regras e de alguns limites que regulem as trocas.*<sup>158</sup>

Independente da culpa fraterna pela morte do Pai ou de elementos preexistentes, é necessário assinalar que o processo civilizatório – que é atemporal – sempre esteve em marcha e que a normatização social, a Lei, continuou seguindo o seu curso de castração simbólica dos indivíduos. No mundo darwiniano, marcado pela competição e pela agressividade – e que está mais próximo da realidade do que imaginam os filósofos escapistas –, questões psíquicas sucumbem diante de questões políticas. E a luta pelo poder institui o risco. O elemento unificador

<sup>155</sup> BIRMAN, Joel. *Insuficientes, um esforço a mais para sermos irmãos*. In: KEHL, Maria Rita (Org.). *Função fraterna*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000. p. 200.

<sup>156</sup> Pela interpretação marxista, aquele que propõe um substituto para o “Pai” morto aceita a perpetuação do autoritarismo e, conseqüentemente, nega a possibilidade de toda e qualquer mudança. Canevacci defende que o vazio instituído pela morte do pai não pode mais ser preenchido – urge instituir um novo parâmetro social, que esteja consoante com os ideais de liberdade e democracia. Para um melhor entendimento dessa tese, ver *Introdução*, in: CANEVACCI, 1985: 13-52.

<sup>157</sup> BIRMAN, 2000: 200.

<sup>158</sup> CAVALCANTI, Ana Elizabeth; CARDOSO, Cármem; ROCHA, Paulina Schmidtbauer. *Reflexões sobre a instituição psicanalítica na contemporaneidade*. In: KEHL, Maria Rita (Org.). *Função fraterna*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000. p. 122.



da fraternidade é a desigualdade. A fraternidade não está fundamentada em relações isonômicas ou em alguma forma primitiva de democracia. Ou seja, a regra cultural se perpetua com a institucionalização de um sistema de trocas simbólicas para a ausência (física, emocional ou simbólica, de forma forçada ou espontânea) do Pai. A representação propõe suprir o vazio institucional, causado pela vacância paterna.

*A sociedade de irmãos sustenta-se num acordo de solidariedade, fundamentado na interdição do pai e na impossibilidade de outro assassinato. É, porém, um acordo frágil, ameaçado continuamente pela inveja, pela competição e pela hostilidade. A sociedade de irmãos é uma sociedade assentada simultaneamente na similaridade – todos têm em comum a interdição de ocupar o lugar do pai onipotente (o pai assassinado) – e na diferença – cada um constrói um destino próprio em torno de seus movimentos desejantes e representações peculiares associadas aos valores e ideais no campo simbólico referido ao pai morto.*

*Por isso, o pacto civilizatório requer um trabalho incessante de renovação, sempre em confronto com a ameaça do desejo de onipotência e de retorno da violência. Também é possível admitir a possibilidade de que o desejo de onipotência de uns se associe à demanda de proteção de outros, pondo em risco o acordo de interdição do acesso ao lugar do pai. Só se pode ocupar esse lugar simbolicamente, pelos mecanismos da representação, permanecendo interditada a possibilidade de reeditar o pai, que significaria o retorno da opção despótica e da violência.*<sup>159</sup>

É o interdito que identifica o tabu – e isso significa zelar para que o legado paterno não seja violado.<sup>160</sup> A morte do Pai é um fato significativo, de grande poder simbólico – e a culpa atua

<sup>159</sup> CAVALCANTI, CARDOSO, ROCHA, 2000: 122-123.

<sup>160</sup> Renato Mezan, assim como diversos interpretes da teoria freudiana, faz questão de apontar que *o resultado do contrato freudiano não é a instalação do Estado, e sim uma comunidade de iguais* (MEZAN, 1985: 348). Para esses analistas, matar o pai apenas para substituí-lo por um outro indivíduo, representante do autoritarismo, em nada resultaria de significativo para a evolução social. Em seguida, como uma espécie de *mea culpa*, retifica esse pensamento, escrevendo que *É certo que as páginas finais de Totem e tabu pressupõem uma continuidade entre as sociedades arcaicas, historicamente menos distantes do parricídio originário, e as nossas sociedades, providas de um aparelho estatal* (MEZAN, 1985: 348). Avançando na discussão, Mezan, leitor de Pierre Clastres e de Marcel Gauchet, não consegue evitar a exposição de uma tese significativa: *Observando que nas tribos indígenas da América do Sul o cacique não dispõe de autoridade alguma, limitando-se a servir de chefe ocasional na guerra, a arbitrar (embora sem nenhum poder de coerção) as disputas individuais, e a reiterar quotidianamente a excelência das instituições ancestrais, Pierre Clastres propõe a noção de que a sociedade arcaica é estruturada para impedir o surgimento de um foco autônomo de poder, separado do corpo social. A autoridade mínima do cacique não é assim o embrião do aparelho estatal, mas a negação dele, como se as sociedades ameríndias tentassem deliberadamente – por uma escolha inconsciente, diz Clastres – evitar que delas se separe o poder real. Da mesma forma, a guerra seria o meio de preservar a independência dos pequenos grupos isolados, impedindo a formação de unidades mais amplas, que viriam a requerer a constituição de um governo acima e além da sociedade. Onde reside, então, o foco do poder? Marcel Gauchet tenta responder a esta questão em seu artigo “Sens de la Dette et Racines de l’Etat”. Deste trabalho, resulta que a característica mais notável das sociedades arcaicas – sua extraordinária estabilidade – pode ser explicada a partir da recusa em atribuir a si mesma a origem de suas instituições. Elas são pensadas como emanado dos Ancestrais, e por isso intocáveis, já que nenhum homem poderia se designar como portador de uma autoridade que se define por ter na morte a sua origem. Gauchet vê nesta noção, sequer abalada pela constatação de modificações do porte das introduzidas pela revolução agrícola, o cerne da religião, e a explica como esforço da sociedade arcaica para manter-se coesa e não permitir o surgimento de um poder separado dela. O presente social é legitimado exclusivamente pelo passado mítico: isso significa que só no passado se situa o fundamento do social, e*

como um constante relembrar dessa tragédia –, mas se conseguir com que os irmãos o aceitem (pacífica ou violentamente) como representante do pai morto, ao primogênito corresponde estabelecer de forma inequívoca, aos demais componentes da horda, a representação da tradição/interdição cultural.

*Esse modelo, mítico enquanto representação de um chefe primário, de um grupo indiferenciado, aponta uma enorme fragilidade desse tipo de sociedade entre pares (mais iguais que propriamente pares). É o ideal narcísico (o poderoso Chefe das massas) que fascina a todos com a fantasia do amor interminável e igual para todos. Se confrontados uns com os outros, os irmãos sucumbiriam ao pânico e à desagregação. Sem a fascinação pelo líder, prevaleceria a hostilidade, a aversão e a agressividade, evidências da narcísica intolerância à diferença; a sociedade só se mantém enquanto a diferença é projetada para fora e só há duas opções de imagem do outro – o igual (igualmente mirado no líder e igualmente amado por ele) e o estranho, diferente.*<sup>161</sup>

Mas, por que o primogênito? No processo de sucessão patrilinear, a parte mais significativa da herança cultural cabe ao “filho dileto”, que é aquele que, depois do Pai, detém a experiência e, por isso mesmo, no tempo adequado, se mostrará capaz de superar as dificuldades e dar provimento às demandas familiares.<sup>162</sup> Dito de outra forma, cabe ao filho mais velho suceder ao pai na função de operador simbólico do poder.

*(...) o pai exerce uma função essencialmente simbólica: ele nomeia, dá seu nome, e, através desse ato, encarna a lei. Por conseguinte, se a sociedade humana, como sublinha Lacan, é dominada pelo primado da linguagem, isso quer dizer que a função paterna não é outra coisa senão o exercício de uma nomeação que permite à criança adquirir sua identidade.*<sup>163</sup>

O legado paterno (muitas vezes aquém das forças físicas, emocionais, psicológicas..., do herdeiro, porque fundamentado pela cronologia e pela nomeação e não pela habilidade ou pela liderança) fornece, no seu nível mais elementar, uma garantia de continuidade da potência paterna

---

*que portanto toda inovação é forçosamente ilegítima, se pretender desembocar no confisco da autoridade coletiva por um indivíduo ou por um grupo* (MEZAN, 1985: 348-349).

<sup>161</sup> CAVALCANTI, CARDOSO, ROCHA, 2000: 123-124.

<sup>162</sup> Na estrutura de acumulação capitalista, o direito de sucessão é a forma com que as relações de posse e usufruto do patrimônio se imiscuem nas conexões sociais, políticas e econômicas que permeiam a estrutura familiar. Ao instituir a legitimidade da representação nomeada da autoridade paterna, o Pai – que simboliza a Lei – procura impedir – a qualquer custo – a divisão do patrimônio (que, de certa maneira, corresponde ao relato histórico da vida paterna). Essa atitude autoritária, baseada em critérios pouco justos como anterioridade etária ou afinidade afetiva, resulta, no interior da família, em acentuada desigualdade, pois a distribuição dos bens contempla o herdeiro e exclui os demais familiares do benefício. Nestes casos, a erosão afetiva familiar está baseada nos conflitos econômicos, que são uma forma de perpetuar a relação autoritária vertical do “Pai” – e, por extensão, de seu representante: o herdeiro.

<sup>163</sup> ROUDINESCO, Elizabeth; PLON, Michel. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p. 142.

(física, psicológica, sexual, emocional, econômica...).<sup>164</sup> Sobre os ombros do filho mais velho está a guarda da tradição/interdição cultural e a proteção do patrimônio que compõe essa ilusão territorial chamada família. O primogênito carrega a responsabilidade de zelar pela segurança do totem: os “bens” materiais e imateriais que constituem os elementos identificáveis de um grupo consanguíneo (o nome de família, as lembranças de um passado comum, as áreas de influência social, as propriedades móveis e imóveis, as movimentações econômicas,...).

Cercado pelo impedimento cultural, o primogênito dificulta – inúmeras vezes, contra a sua própria vontade – qualquer tipo de alteração das práticas do absolutismo paterno. Reverenciar a memória do Pai, repetindo algumas de suas práticas autoritárias, constitui uma forma de diminuir a culpa do primogênito. A lição mais significativa (e talvez a mais difícil de ser apreendida) que o Pai fornece ao primogênito é a de que a sobrevivência familiar depende da tradição. São as regras resultantes da evolução histórica que sedimentam as práticas culturais.

Freud destaca a herança do primogênito, chamando a atenção para um elemento particularmente significativo:

*o pai morto tornou-se mais forte do que o fora vivo – pois os acontecimentos tomaram o curso que com tanta frequência os vemos tomar nos assuntos humanos ainda hoje. O que até então fora interdito por sua existência real foi doravante proibido pelos próprios filhos, de acordo com o procedimento psicológico que nos é tão familiar nas psicanálises, sob o nome de “obediência adiada”. Anularam o próprio ato proibindo a morte do totem, o substituto do pai; e renunciaram aos seus frutos abrindo mão da reivindicação às mulheres que agora tinham sido libertadas. Criaram assim, do sentimento de culpa filial, os dois tabus fundamentais do totemismo, que, por essa própria razão, corresponderam inevitavelmente aos dois desejos reprimidos do complexo de Édipo. Quem quer que*

---

<sup>164</sup> Flora Süssekind, analisando um poema de Carlos Drummond de Andrade, relaciona algumas das condições que fundamentam o processo de sucessão patrilinear: *Como no poema “Comunhão” de Drummond, incluído em A Falta que Ama, os rostos familiares estão apagados, mortos, até que um descendente agarre o bastão da continuidade. Caso contrário, desaparecem os rostos e ruí, com maior ou menor estrondo, a casa paterna. Veja-se o poema:*

Todos os meus mortos estavam de pé, em círculo / eu no centro. / Nenhum tinha rosto. Eram reconhecíveis / pela expressão corporal e pelo que diziam / no silêncio de suas roupas além da moda / e de tecidos; roupas não anunciadas / nem vendidas. / Nenhum tinha rosto. O que diziam / escusava resposta, / ficava parado, suspenso no salão, objeto / denso, tranqüilo. / Notei um lugar vazio na roda. / Lentamente fui ocupá-lo. / Surgiram todos os rostos, iluminados. É quando o herdeiro ocupa o seu “lugar vazio na roda” que surgem “todos os rostos, iluminados”. Permaneceriam condenados à obscuridade caso o lugar permanecesse vago, a descendência interrompida, a continuidade cortada. Repete-se Tal pai, tal filho com a segurança de uma descendência assegurada pelas gerações que se sucedem. Pelos que ocupam seu lugar na “roda” familiar. Rompida a repetição geracional de um tal após o outro, ficaria em risco a família.

Não são “de sangue” os laços familiares só porque seus membros têm nas veias o mesmo sangue e idênticos traços hereditários. Sobretudo porque, se rompidos, o resultado costuma ser violento. Esterilidade e finitude para o pai, orfandade e impotência para o filho. E a simetria da máxima retorna, tendo por eixo a morte para ambos os lados. Quando do Tal pai, tal filho passa-se para o Tal pai, qual o filho? Desfazem-se simetrias, laços e descendências. E, metaforicamente ou não, o corte dos laços e semelhanças com a família é que costuma ser “de sangue” (SÜSSEKIND, 1984: 27-28).

*infringisse esses tabus tornava-se culpado dos dois únicos crimes pelos quais a sociedade primitiva se interessava.*<sup>165</sup>

Freud faz questão de destacar que a rebelião filial está condenada ao fracasso.<sup>166</sup> Os objetivos que orientam a insurreição contra o pai estão aquém do que é possível: *Anularam o próprio ato proibindo a morte do totem, o substituto do pai.*<sup>167</sup> Um novo Pai sempre estará a postos para substituir aquele que foi imolado pelos filhos. Seja o valor simbólico do totem, seja o destino político do primogênito, a execução do poder não se resume à troca de um indivíduo por outro, mas identifica o percurso de indivíduos limitados que, embora capazes de pensar e desejar, possuem dificuldades para avançar em direção a uma sociedade mais igualitária.

Simultaneamente, a responsabilidade de “guardar” o nome do pai e conviver com a noção de que a culpa é mais forte do que o desejo, anula, no primogênito, quaisquer propostas de alteração do comportamento social – mesmo que ele, o filho mais velho, agora investido da condição de “Pai” (e ciente de que essa investidura não altera a sua condição de, em um primeiro instante, “irmão” e, em um outro momento, de “irmão mais velho”), considere essas mudanças imprescindíveis.

A interdição, instante em que o desejo – qualquer desejo – é bloqueado pela norma social, se impõe como elemento perpetuador de uma prática cultural que objetiva se eternizar como instrumento de dominação.

Por isso, a interdição se expressa, fundamentalmente, como uma das manifestações mais traumáticas da impotência. O objeto do desejo, o desejo e o indivíduo desejante instituem as condições identificadoras da rebelião contra o Pai – é a necessidade física e psicológica de obter potência (física, psicológica, sexual, emocional,...) que impulsiona as revoluções, que gera a procura por condições mais favoráveis, menos opressivas. Mas, saber quando, como e porque isso ocorre não é o suficiente: a impossibilidade do gozo é revelada quando a norma social se impõe

---

<sup>165</sup> FREUD, 2005: 147.

<sup>166</sup> Ironicamente, Freud teve que administrar diversos casos de rebeldia “filial”. Um exemplo clássico está relatado em uma das muitas cartas que enviou para Carl-Gustav Jung. Neste texto, significativamente, é a voz do “Pai” que cobra, entre queixas e lamentos, uma postura mais filial, mais comprometida com a responsabilidade cultural herdada por aquele que foi “coroadado príncipe herdeiro”: *É estranho que, na mesma noite em que eu o adotei formalmente como filho primogênito, como meu sucessor e príncipe herdeiro, o senhor tenha me despojado da dignidade paterna, o que lhe parece ter dado tanto prazer como a mim sua investidura (...). consequentemente, ponho novamente meus olhos paternos de aros de chifre e advirto meu querido filho para que mantenha a cabeça fria (...). Também abano minha sábia cabeça quanto à psicossíntese e penso: é, os jovens são assim mesmo; os únicos lugares que gostam de visitar são aqueles onde não podemos acompanhá-los, aos quais nossa respiração curta e nossas pernas bambas não podem segui-los* (FREUD, *Apud* MEZAN, 1985: 285). (grifos meus).

<sup>167</sup> FREUD, 2005: 147.

como condicionante para dar sentido à morte do Pai. Para Freud, o ponto fulcral desta análise ocorre quando os indivíduos descobrem que:

*os desejos sexuais não unem os homens, mas os dividem. Embora os irmãos se tivessem reunido em grupo para derrotar o pai, todos eram rivais uns dos outros em relação às mulheres. Cada um queria, como o pai, ter todas as mulheres para si. A nova organização terminaria numa luta de todos contra todos, pois nenhum deles tinha força tão predominante a ponto de ser capaz de assumir o lugar do pai com êxito. Assim, os irmãos não tiveram outra alternativa, se queriam viver juntos – talvez somente depois de terem passado por muitas crises perigosas –, do que instituir a lei contra o incesto, pela qual todos, de igual modo, renunciavam às mulheres que desejavam e que tinham sido o motivo principal para se livrarem do pai.<sup>168</sup>*

A lei contra o incesto implica em castração simbólica, em aceitar um interdito para as práticas sociais.

*É importante aqui dissipar um mal-entendido comum: o crime não corresponde aos desejos edipianos; mas estes são estruturados por ele. Matar o pai e dormir com a mãe são tendências que existem no inconsciente sob a forma de repressão, e esta, praticamente, é instituída a partir do crime, e não o inverso. A originalidade da tese freudiana consiste em associar a emergência do complexo de Édipo e o surgimento da sociedade civilizada por meio do mesmo ato.<sup>169</sup>*

Incapazes de resolver a situação de forma razoável, os irmãos realizam uma espécie de pacto social. Ao primogênito cabe lembrar aos irmãos desse limite – em momentos de conflito, quando algum dos irmãos questionar a autoridade moral da investitura patrilinear, o uso da violência, legitimado pelo grupo fraterno, se fará presente.<sup>170</sup> A estabilidade familiar implica em repressão.

Nesse jogo, em que o simulacro do poder permite a obtenção de uma espécie de gozo transversal – e, por isso mesmo, insatisfatório –, o filho mais velho ambiciona (consciente e inconscientemente) corresponder às expectativas que lhe foram delegadas pela transmissão hereditária, pela sociedade e pela cultura. Isso significa, no seu nível mais elementar, que o primogênito, *a despeito de sua insignificância pessoal (ou seja, embora ele não seja rei, sábio, santo ou guerreiro)*<sup>171</sup>, nunca conseguirá conviver com a perspectiva de que fracassou na sua

---

<sup>168</sup> FREUD, 2005: 148.

<sup>169</sup> MEZAN, 1985: 347-348.

<sup>170</sup> Infelizmente, essa violência inicialmente consentida pelo agrupamento familiar, com o desdobramento das demandas sociais, migra para outras situações. A manutenção do poder (e essa não é uma prerrogativa exclusiva da primogenitura) transforma-se em autoritarismo político.

<sup>171</sup> KEHL, 2002: 72.

missão de substituir condignamente ao “Pai” – é a noção de “cumprir com o dever” que projeta o filho mais velho na direção abissal do sofrimento (seja porque não conseguirá substituir a imagem do Pai “morto”, seja porque vítima da ambição/inveja dos outros irmãos). Apesar disso, no momento em que o primogênito aceita perfilhar o Pai – ou a imagem do indivíduo que ele acredita ser o Pai – objetiva substituí-lo, como se ele, o filho mais velho, um novo Pai fosse.

No inconsciente do primogênito, a “figura exemplar” do Pai constitui, neste processo, uma trilha segura, um parâmetro inquestionável a ser seguido.

Kehl esmiuça essa situação e aponta para a ferida:

*A face contemporânea do desamparo consiste nessa impossibilidade radical de restaurar a imagem onipotente do Pai, impossibilidade intrínseca à própria linguagem, em sua incapacidade de revelar a verdade.*<sup>172</sup>

O futuro emocional do primogênito (seja como filho, seja como irmão, seja como homem, seja como integrante de um grupo social) está condicionado ao legado do imperativo social inscrito na cultura. Todos os seus embates estão relacionados com uma luta de poder – poder de representar o poder do Pai, poder de conduzir a família (e, conseqüentemente, ser amado pela mãe e pelos irmãos), poder de determinar as diferenças entre o bem e o mal e, por fim, poder de ter poder. O filho mais velho, inclusive por autopreservação, tudo fará para não ser esmagado pelo peso da herança paterna (embora pouco possa fazer para evitar essa catástrofe). Incapaz de fixar o domínio cultural e político como uma expressão da verdade, é através da violência que imporá o seu poder (repetindo, mais uma vez, as ações que condenava no Pai – mas que, para se manter no poder, as reproduz).

---

<sup>172</sup> KEHL, 2002: 68.

Ampliando o foco, e, simultaneamente, possibilitando um outro enquadramento interpretativo, dentro da família cada um dos seus integrantes vê o mundo de maneira significativamente diferente – e reage aos acontecimentos de modo particular, de acordo com os diferentes elementos que constituem a sua história pessoal – muitas vezes isolada da história familiar. Por isso, a vontade de autonomia e de negação ao determinismo histórico e emocional causa um curto-circuito nas relações familiares e fraternas – e impulsiona os irmãos que anseiam por mais direitos à revolta contra a autoridade outorgada pela tradição cultural.

Essa reação encontra a sua força axial no fato de que alguns indivíduos advogam a preservação do fantasma onipotente do Pai. Em outras palavras, o conflito se estabelece contra o indivíduo que *se recusa a desfrutar dos privilégios de sua relativa orfandade – privilégios de viver num mundo em que o Outro é vazio de intenções a seu respeito*<sup>173</sup>. Aceitar que o poder pode ser outorgado para outrem significa aceitar a ressurreição da figura paterna – que adquire substância corpórea, através de seu representante.

É nesse instante que o irmão mais velho (que projeta o ressurgimento incessante – e a perpetuação – da figura paterna) transforma-se no inimigo. Como todas as revoltas são contra o “Pai”, o conflito forma e fixa o estatuto psicológico, emocional, imaginário e simbólico da luta que será travada a partir de então. De posse do emblema paterno, e de tudo o que está expresso nesse símbolo, o primogênito (ou aquele que detém o poder) perde o seu lugar igualitário dentro da estrutura familiar – ou seja, não mais é aceito como se fosse “apenas” um irmão: aquele que aceita o exercício de uma posição de poder recebe dos outros irmãos, como um bônus, o ódio destinado à figura paterna.<sup>174</sup>

---

<sup>173</sup> KEHL, 2002: 83.

<sup>174</sup> Evidentemente, o filho mais velho também se revolta contra o “Pai” – instituindo uma situação que anseia por mudanças significativas na estrutura de poder. Ele também sonha com a liberdade e com o fim do império paterno. No entanto, em situações em que necessita utilizar o escambo político para dirimir algumas questões com os outros irmãos, surge um paradoxo: conciliar a revolta fraterna, a manutenção do poder e a responsabilidade outorgada pela tradição histórica. Incapaz de resolver esse nó górdio, e ciente de que não deve mostrar diante dos Outros algum tipo de fraqueza (ato que significa, simbolicamente, a própria morte), o primogênito se sente impotente – e em diversos sentidos. Para tentar “corrigir” essa situação (e encobrir suas múltiplas contradições), encontra na fantasia da “potência masculina” um estímulo irresistível. Em lugar de usar os recursos da conciliação, da negociação e da tolerância, adota, como um escudo protetor, a violência. Sem perceber, no momento em que se deixa “embriagar” por condutas autoritárias transforma-se em um substituto da figura paterna e do despotismo que dela emana. Todas as

Os irmãos mais novos se sentem ou se reconhecem incompletos diante do exercício da autoridade paterna, que “castra” simbolicamente o indivíduo na medida em que cerceia as suas ações e pensamentos. É a noção de desencantamento com a desigualdade do mundo familiar e a perda da “potência” (emocional, simbólica, imaginária, real, sexual ...) que estabelece as condições em que o indivíduo se sente desamparado do poder advindo da autoridade (e/ou por quem a exerce). E isso significa que é na valoração semântica do discurso que envolve a autoridade que o poder assume a instância de poder e é reconhecido como poder (é através do discurso, ou melhor, da linguagem que emoldura o discurso do oprimido que o indivíduo inferiorizado incorpora psicologicamente a opressão).

Nesse momento, a intimidação perde a sua forma inicial de elemento aterrador e transforma-se em poder real, efetivo, destruidor: é o machucar além do machucado que diminui as resistências do inimigo; a morte física é dor menor se comparada ao renovar incessante da tortura. Aquele que detém o poder precisa estar atento às demandas de quem lhe é subalterno, seja para liquidá-las antes que se tornem incontroláveis, seja para atender uma parcela das reivindicações – ignorá-las implica em insurreição e no conseqüente uso da violência como um elemento de castração simbólica da potência do(s) revoltoso(s).

Essa castração é reatualizada/ritualizada totemicamente pela figura do primogênito – ou daquele que controla o poder. Simultaneamente, essa posição contrasta com a noção de inferioridade daqueles que, dentro da estrutura familiar, estão em posição subalterna. Para esses indivíduos, o “discurso da servidão voluntária” constitui uma negação do existir e dos princípios emancipatórios do indivíduo.<sup>175</sup>

---

restrições que os filhos acumularam contra o pai passam então a serem canalizadas ao primogênito, legítimo representante da paternidade sobre a terra.

<sup>175</sup> No início de seu livro clássico sobre o tema, La Boétie utiliza-se de um poderoso exemplo: *Homero conta que um dia, falando em público, Ulisses disse aos gregos: “Não é bom ter vários senhores; tenhamos um só”. Se tivesse dito apenas: não é bom ter vários senhores, teria sido tão bom que nada poderia ser melhor. Mas em vez disso, e com mais razão, deveria ter dito que a dominação de vários não podia ser boa, já que o poderio de um só é duro e revoltante quando este toma o título de senhor; ao contrário, vai acrescentar: tenhamos um só senhor. Todavia, é preciso desculpar Ulisses por ter mantido essa linguagem – que lhe serviu para apaziguar a revolta do exército – adaptando seu discurso, creio eu, mais à circunstância que à verdade. Mas com toda a consciência, não é uma extrema infelicidade estar-se sujeito a um senhor de cuja bondade nunca é possível se certificar, e que sempre tem o poder de ser mau quando quiser? E obedecer a vários senhores não é ser extremamente infeliz?* (LA BOÉTIE, 1986: 73).

A liberdade, como um bem social, não pode ser reduzida pelo despotismo ou pelas lideranças impostas. O discurso adaptado *mais à circunstância que à verdade* aparece como uma expressão sutil da violência – que é o oposto da política (uma atividade social estruturada na negociação). Cabe ao indivíduo, movido pela necessidade de recuperar a razão política, impedir que o Estado, ou os seus representantes (*o tirano subjuga os súditos uns através dos outros* [LA BOÉTIE, 1986: 101]), obtenha a legitimidade do monopólio da violência. A revolta surge como uma forma de dizer não ao discurso da servidão voluntária.



Clastres entende que somente é possível haver algum tipo de análise sobre a liberdade se o diálogo resultar de um patamar igualitário – porque essa abordagem é essencial para um melhor funcionamento das relações sociais. A discussão deve gravitar em torno do conjunto de contradições em que está estruturado o grupo social, fornecendo visibilidade aos pontos críticos que formatam a escravidão (afetiva ou resultante de alguma forma de abuso da força):

*Em uma sociedade dividida segundo o eixo vertical do poder entre dominantes e dominados, as relações que unem os homens não podem se desenrolar francamente, na liberdade. Príncipe, déspota ou tirano, aquele que exerce o poder só deseja a obediência unânime de seus súditos. Estes correspondem à sua expectativa, realizam o seu desejo de poder, não devido ao terror que ele lhes inspiraria, mas porque, obedecendo, realizam seu próprio desejo de submissão. A desnaturação exclui a lembrança da liberdade e, por conseguinte, o desejo de reconquistá-la. Toda sociedade dividida está, portanto, fadada a durar. A desnaturação exprime-se ao mesmo tempo no desprezo que aquele que manda sente necessariamente por aqueles que obedecem e no amor dos súditos pelo príncipe, no culto que o povo dedica à pessoa do tirano. Ora, esse fluxo de amor que incessantemente brota embaixo para jorrar cada vez mais alto, esse amor dos súditos pelo senhor também desnatura as relações entre os súditos. Exclusivas a qualquer liberdade, elas ditam a lei nova que rege a sociedade: deve-se amar o tirano. A insuficiência de amor é a transgressão da lei. Cada um vela pelo respeito à lei, cada um só avalia o próximo por sua fidelidade à lei. O amor à lei – o medo da liberdade – faz de cada um dos súditos um cúmplice do Príncipe: a obediência ao tirano exclui a amizade entre súditos.<sup>176</sup>*

No embate fraterno, o advento da violência (caracterizada por ações pouco espessas e diluídas em um turbilhão de emoções inconscientes como a coragem, a covardia, a agressividade, o ódio, o ciúme, a inveja, a cobiça, a vingança, a insurreição,...), surge como uma alternativa emocional, como uma forma irracional de construir um projeto político racional – e que, por isso mesmo, sempre se revela inconsistente.

O advento de uma razão prejudicada, uma razão sem substância corpórea, implica em projetar a agressão (física, psicológica, simbólica,...) como uma forma de legitimar a violência. Como uma ferramenta de sobrevivência social, na medida em que é utilizada na defesa de interesses desrespeitados pelas normas sociopolíticas impostas pelo dominador (o Pai), a violência obscurece qualquer instância que possa resultar em lucidez. Mas, haverá outra forma de combater a opressão?

A razão (expressa como linguagem da racionalidade e, por extensão, do coletivo) sucumbe quando a força (expressa como linguagem do dominador) se apresenta na forma de destruição ao que a ela se opõe. De uma maneira geral, a violência é a não-linguagem, é o não-discurso (embora

---

<sup>176</sup> CLASTRES, Pierre. *Liberdade, mau encontro, inominável*. In: La BOÉTIE, Etienne de. *Discurso da servidão voluntária*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 122.

também seja um discurso – e que, de forma contraditória, recusa a racionalidade, além de conjugar a negação do discurso que envolve a razão).

A violência é o resultado explícito do império da barbárie – subtração e/ou acréscimo do gozo, domínio da insatisfação, submissão ao supérfluo, necessidade premente de criar novas experiências para tentar anular a ausência da libido e/ou a impotência. A pulsão da/pela morte reflete o momento de falência de todas as outras alternativas, de todos os outros instrumentais da convivência humana.

Desta forma, todo ato violento representa uma (per)versão emocional. O discurso que envolve esse entendimento, e que nega a polifonia necessária para que a identidade possa determinar os elementos que constituem a alteridade, está carregado por um esforço (algumas vezes – não todas – inconsciente) em afastar o que, de alguma forma, se aproxima: irmãos lutam contra irmãos não porque almejam coisas diferentes, mas porque compartilham de um mesmo objeto do desejo – e não o desejam dividir com o Outro.<sup>177</sup> A lógica desse proceder reside no fato de que esse objeto, seja qual for,<sup>178</sup> nas mãos do Outro – que se apresenta como antagonista –, por força de mecanismos comportamentais, se transforma em algo abjeto ou então, em situação extrema, em dejetivo. Não podendo ter para si, procura evitar que o Outro possa tê-lo.<sup>179</sup>

---

<sup>177</sup> A lógica da acumulação encontra um registro significativo na sociedade de consumo quando coloca bens e prazeres (prazeres que, simbolicamente, adquirem o estatuto de bens) como parâmetros para a supressão de demandas reprimidas. O medo da castração, ou seja, o medo de não possuir “bens” – ou de mantê-los – acarreta, inicialmente, a angústia e, posteriormente, a neurose. E, desta forma, quando o foco do desejo está conectado com a necessidade fática de demonstrar poder, as relações afetivas se transformam em relações aflitivas. Para KEHL, *A posse dos bens não responde à sua necessidade, à sua utilidade, mas a seu valor imaginário: o de garantir, àquele que os possui, o privilégio de privar o outro dessa posse. Segundo a lógica fática que rege a circulação de mercadorias na sociedade de consumo, o gozo de um bem, o desfrute de um prazer, não significaria nada se não representasse o gozo de um poder: poder de privar o outro desse bem, desse desfrute* (KEHL, 2002: 102).

<sup>178</sup> O objeto do desejo consiste em um meio ou uma situação capaz de suprir/alimentar algum tipo de falta ou pulsão emocional, sexual ou espiritual. O objeto do desejo carrega em si (imaginariamente, simbolicamente) uma projeção da felicidade – ou, no mínimo, a promessa de um instante de prazer. Ao mesmo tempo, também representa a falta no Outro: é o Outro que está impossibilitado de gozar com o que causa gozo no indivíduo. O sentimento de posse, exercício máximo da atividade egótica, demanda por acumulação e como essa atividade nunca se completa, impedir que o Outro possa desfrutar da posse vale como compensação para o que se manifesta como falta. Entre os diversos objetos do desejo, os mais frequentes são a mãe (projetada no seio que alimenta e conforta), o pai (certeza de proteção, de autoridade, de limites), objetos físicos, projeções do imaginário, o proibido,...

<sup>179</sup> O discurso que fornece sustentação para a inveja é muito peculiar, muito ligado às questões pessoais, aos conflitos que raramente são detectados por terceiros, por aqueles que estão à margem da relação de antagonismo que se forma entre o par opositivo: aquele que é invejado e aquele que inveja. Na visão de Kate Barrows: *Muito antes do surgimento da psicanálise, a inveja era tida como um dos maiores problemas da humanidade. É, afinal, um dos sete pecados capitais e, segundo Geoffrey Chaucer – escritor inglês do século XIV – “o pior pecado que existe. Isso porque, na verdade, todos os outros pecados são cometidos contra uma virtude específica, mas a inveja se volta contra todas as virtudes e toda bondade (...) e é como o demônio que sempre se regozijou com o mal do homem”.* Chaucer dizia que a inveja se entristece com a bondade e a prosperidade dos outros, mas se deleita com a desgraça alheia. A característica singular da inveja é esta: não ter nenhum fim positivo. Os outros pecados têm o objetivo,

Independente de quem detém o controle do exercício da violência, o discurso que a emoldura apresenta uma característica significativa:

---

*embora equivocado ou interesseiro, de conquistar um objeto do desejo. Gula, avareza, luxúria, orgulho, todos são motivados a seu modo por algo desejável, ainda que em detrimento de outra pessoa. Só a inveja não traz vantagem alguma, pois ela destrói o objeto da admiração e, assim, o torna indesejável. A única vantagem óbvia seria o prazer sádico – “a alegria com o mal de outro homem” (BARROWS, 2005: 5-6).*

Um exemplo significativo desse proceder está na forma com que o protagonista do romance norte-americano *Homem comum* (ROTH, 2007) rompe com o seu irmão. O que o faz afastar-se de Howie é um motivo banal, ridículo, porém de considerável importância para um homem que passou parte de sua vida precisando de ajuda médica:

*Ao longo dos anos, felizmente, continuara sempre em contato com Howie. Ao aproximar-se dos sessenta anos, Howie, como quase todos os sócios da Goldman Sachs que chegavam a essa idade, com exceção dos três ou quatro chefões, aposentou-se; a essa altura já tinha tranquilamente cinqüenta milhões de dólares. Pouco depois já era membro de uma série de diretorias de empresas, e terminou sendo nomeado presidente da Procter & Gambler, para a qual fizera arbitragem anos antes. Na casa dos setenta, ainda vigoroso e com muita vontade de trabalhar, tornou-se consultor de uma firma de aquisições de Boston, especializada em instituições financeiras, e passou a viajar para pesquisar aquisições potenciais. No entanto, apesar de todas as suas responsabilidades e encargos, Howie e seu irmão tinham continuado a se telefonar cerca de duas vezes por mês, telefonemas que por vezes se estendiam por meia hora, em que um deles fazia o outro rir com lembranças dos tempos de infância e episódios cômicos vividos na escola e na joalheria.*

*Agora, porém, quando falavam, uma frieza injustificada o dominava, e sua reação à jovialidade do irmão era o silêncio. A causa dessa frieza era ridícula. Ele odiava Howie por ter uma saúde tão boa. Odiava-o porque nunca em sua vida fora internado em um hospital, porque não sabia o que era ficar doente, porque não havia em seu corpo nenhuma marca de bisturi, nem tampouco havia seis stents de metal enfiados em suas artérias, juntamente com um sistema de alarme cardíaco embutido no abdômen, uma engenhocia chamada desfibrilador, uma palavra que, quando ele a ouviu pela primeira vez, dita por seu cardiologista, pareceu-lhe um termo desconhecido, aparentemente inócuo, como se dissesse respeito à correia de uma bicicleta. Ele o odiava porque, embora fossem filhos dos mesmos pais e tivessem tanta semelhança física, Howie havia herdado a invulnerabilidade física e ele, as deficiências coronárias e vasculares. Odiá-lo era ridículo, porque Howie não podia fazer nada a respeito de sua boa saúde a não ser aproveitá-la. Era ridículo odiar Howie apenas por ele ser quem era e não outra pessoa. Jamais lhe invejara a disposição atlética nem o talento acadêmico, a genialidade em matéria de finanças nem a riqueza, jamais o invejara, mesmo quando pensava em seus filhos homens e suas esposas e depois pensava na família de Howie – quatro filhos crescidos que ainda o amavam e uma esposa dedicada com quem estava casado havia cinqüenta anos, e que claramente era tão importante para ele quanto ele para ela. Orgulhava-se daquele irmão musculoso e atlético que raramente tirava nota abaixo de A na escola, e o admirava desde a mais tenra infância. Sendo ele próprio um menino com talento artístico cuja única capacidade física digna de nota era a facilidade de nadar, ele sempre amara Howie abertamente e o seguia para todos os lados. Porém agora odiava-o, invejava-o, sentia um ciúme venenoso dele e, em seus pensamentos, quase chegava a atacá-lo, porque a força que Howie investira em sua vida jamais encontrara qualquer obstáculo. Embora naqueles telefonemas suprimisse tanto quanto possível tudo o que havia de irracional e indefensável em seus sentimentos, à medida que os meses foram passando, seus telefonemas foram ficando mais breves e menos recorrentes, e depois de algum tempo quase não se falavam mais.*

*Ele não conservou por muito tempo o desejo invejoso de que seu irmão perdesse a saúde – sua inveja não ia tão longe, pois se seu irmão adoecesse isso não teria o efeito de fazê-lo recuperar a saúde. Nada poderia restaurar sua saúde, sua juventude, nada poderia revigorar seu talento. Assim mesmo, em momentos de raiva, quase chegava a acreditar que a saúde de Howie fosse responsável pelas mazelas que o afligiam, muito embora soubesse que isso não era verdade, muito embora possuísse, como qualquer pessoa civilizada, uma compreensão tolerante do enigma da desigualdade e do azar. Anos antes, quando o psicanalista diagnosticara como inveja, com a maior tranquilidade, os sintomas de uma crise séria de apendicite, ele ainda era o filho de seus pais, alguém que mal conhecia os sentimentos causados pela idéia de que as posses de outra pessoa deveriam na verdade ser dele. Porém agora ele os conhecia; na velhice havia descoberto o estado emocional que rouba do invejoso a serenidade e, pior ainda, o realismo – ele odiava Howie por aquela herança biológica que deveria ser sua.*

**De uma hora para outra, não conseguia suportar o irmão, da mesma maneira primitiva, instintiva, como seus filhos não conseguiam suportá-lo (ROTH, 2007: 74-76). (grifos meus).**

a violência constitui uma noção incerta, infalivelmente ligada ao ponto de vista de quem fala. (...) O que uns denominam de “manutenção da ordem”, outros vêem como uma manifestação de legítima violência. (...) A palavra jamais compreende, portanto, duas experiências comparáveis porque representa, de qualquer forma, o significante flutuante de todo processo social antagônico.<sup>180</sup>

Nesses termos, a retórica que garante sustentabilidade para a violência está fundamentada em uma contradição insolúvel: a violência somente obtém resistência consistente quando passa a ser combatida com mais violência – momento em que o embate não mais apresenta possibilidades de haver algum vencedor. O aniquilamento dos obstáculos satisfaz o emocional, mas não fornece solução para as demandas – é essa a sua tragédia.

*A discussão mais bárbara aflora amiúde de uma razão dilacerada.*<sup>181</sup> Como complemento desse raciocínio, Lins explica que:

*“fazer violência” pode, em certas circunstâncias, delinear o único caminho de uma racionalidade possível, a solução de um impasse no qual a inação constitui um tipo de decisão equivalente à morte. Trata-se de uma linha que separa, com frequência, a teoria e a prática e, se divide os homens, parte de uma região onde as diferenças já se acham estabelecidas. Na contraditória aventura em que nos vemos mergulhados, muitos estragos provêm daí. Para defender a vida, chegamos a perdê-la, o que significa pouco, se considerarmos como nos aflige, por vezes, assistir e participar do inferno que encontramos em nossa volta.*

*A demarcação da fronteira, o momento em que passamos de um lado para outro e “pegamos em armas”, física ou metaforicamente, em geral não se ostenta com a clareza necessária. Isto porque vivemos cercados de fantasmas (fantasmas do passado, do presente e do futuro) e erguemos um mundo à imagem e semelhança desses seres horríveis que nos obcecamos e nos assaltam no sono e nos seus intervalos.”*<sup>182</sup>

Os fantasmas identificados por Ronaldo Lima Lins costumam causar graves problemas sociais, principalmente nas relações familiares. A história que é comum aos integrantes do núcleo familiar pressupõe uma série de incidentes e momentos de tensão. Enquanto aquele(s) que obtém com suas demandas costuma(m) superar o momento de tensão, esquecendo suas circunstâncias e vantagens; aquele(s) que precisa(m) conviver com o insucesso acumula(m) ressentimentos – neste caso, o passado atua como um fantasma, impedindo o esquecimento.

Sócrates Nolasco chama a atenção para uma questão significativa: *um sujeito que não encontra para si formas de reconhecimento e inserção social tende a se envolver mais diretamente*

---

<sup>180</sup> LEENHARDT, Jacques. *O que se pode dizer da violência?* (Prefácio). In: LINS, Ronaldo Lima. *Violência e literatura*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990. p. 13-14.

<sup>181</sup> LINS, Ronaldo Lima. *Violência e literatura*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990. p. 20.

<sup>182</sup> LINS, 1990: 20.

*em situações de violência, contra terceiros ou contra ele mesmo.*<sup>183</sup> Em outras palavras, é preciso estar atento ao fato de que, segundo Nolasco, *para um homem, a violência é uma possibilidade de resposta à demanda de desempenho de seu papel social.*<sup>184</sup>

Há momentos em que somente o efeito devastador do ódio, gerado pela/na violência e pela/na estética da destruição, é capaz de impedir a continuidade do sofrimento daqueles que estão submetidos ao sistema hierárquico produzido/instalado/instaurado pela autoridade (paterna, social, estatal,...). Mas, diminuir um sofrimento não significa a conquista da felicidade, muitas vezes é apenas o início de novas formas de sofrimento – que, por sua vez, resultarão em novas tentativas de superação e de sofrimento.

Mesmo estando ciente de que as relações coletivas estão intimamente entrelaçadas, seja no âmbito familiar, seja em um contexto mais abrangente (o Estado, por exemplo), o conflito e a violência que as instituem (em um contexto de insatisfação, carência ou opressão) muitas vezes se apresentem como uma proposta libertadora, como um instrumento de (tentativa de) mudança política. Em determinadas circunstâncias o conflito e a violência exercem esse papel – embora seja extremamente difícil distinguir quem é quem em meio às inúmeras formas de cooptação ideológica que são “vendidas” nas lojas varejistas da Utopia. De qualquer forma, é preciso estar atento para um fato elementar: as práticas “libertadoras” também são constituídas por elementos opressores, ferramentas do poder.

Em meio a essas ruínas emocionais, a existência da fraternidade fica prejudicada, porque raras vezes os seus integrantes recorrem à negociação política para gerenciar os conflitos. Usualmente, preferem a agressão, confiantes no conceito primitivo de que quem ataca primeiro se defende melhor – infelizmente esse tipo de golpe tático, inspirado no egoísmo, não permite arrependimento ou pedidos de desculpas.

Além disso, o despotismo paterno (ou de seus representantes) entra em atrito com os anseios libertários de quem se encontra em posição subalterna. Independente do vencedor, ações

---

<sup>183</sup> NOLASCO, Sócrates. *De Tarzan a Homer Simpson: banalização e violência masculina em sociedades contemporâneas ocidentais*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001. p. 62.

<sup>184</sup> Abordagem sobre a importância da “demanda do desempenho de sua função social” na masculinidade implicaria em um desvio no ordenamento proposto por este trabalho. Para maiores informações sobre o tema, ver, entre outros, ARILHA, Margareth; UMBEHAUM, Sandra G.; MEDRADO, Benedito (Org.). *Homens e masculinidade*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2001; BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999; NOLASCO, Sócrates. *O mito da masculinidade*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1993; NOLASCO, Sócrates. *De Tarzan a Homer Simpson: banalização e violência masculina em sociedades contemporâneas ocidentais*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001; NOLASCO, Sócrates. *O primeiro sexo e outras mentiras sobre o segundo: as questões que mais estão mexendo com a cabeça dos homens*. Rio de Janeiro: Best Seller, 2006.

agressivas raramente consegue sufocar as demandas – todos os resultados advindos do uso da violência são transitórios.

Como alternativa, não é possível negar que a família contemporânea (caracterizada pela implosão das relações perpétuas) está sendo reinventada a cada dia<sup>185</sup> – o(s) pai(s), a(s) mãe(s) e os filhos desempenham novos papéis no contexto social e, confiantes que estão construindo práticas sociais menos opressivas, procuram realizar o que é necessário para evitar um acréscimo significativo no índice de desacertos e de confrontos. Resta saber se novas relações familiares não acarretarão novas formas de conflitos.

De qualquer maneira, ainda não apareceu uma solução política adequada, capaz de resolver os múltiplos impasses produzidos pelos laços consangüíneos, pelos arranjos sociais e pela procura da satisfação emocional. Canevacci, adicionando um pouco do pessimismo marxista, propõe uma alternativa:

*A família é o local onde o fascismo, o novo e o velho, tenta restaurar, mediante a figura do pai, as relações autoritárias que o Estado socializado está “democraticamente” avocando para si. Contra essa dupla mas estruturalmente idêntica posição, trata-se de construir uma nova autoridade, fundada sobre novas relações de produção, que coloque num posto central, em decorrência da superação autoconsciente do complexo edipiano, a consciência de um novo Édipo – ou seja, da geração dos filhos – como artífice da ultrapassagem da “pré-história”, e terá no centro ainda o homem, como na solução do enigma histórico e na consequente morte do monstro mitológico, que ressurgiu na moderna e monstruosa esfinge da “ratio” irracional da era tardo-burguesa.*<sup>186</sup>

---

<sup>185</sup> Os aspectos “objetivos” da convivência familiar cedem o passo a aspectos “subjetivos”, por definição mais instáveis e flutuantes, decorrentes do dinamismo que as relações familiares assumem na vida moderna. Verifica-se uma desinstitucionalização da família, no sentido de considerá-la como uma realidade privada, relevante apenas para o percurso existencial dos próprios membros. Prevalece a legitimação da família como grupo expressivo de afetos, emoções e sentimentos, diminuindo o seu significado público. Reduz-se, assim, a importância da família como instituição, assentada na dimensão jurídica dos vínculos familiares. Aumentam as separações e os divórcios, os jovens casam mais tarde, em comparação a duas décadas atrás, diminui também significativamente o número de casamentos, aumenta o número de famílias reconstituídas, as uniões de fato, as famílias monoparentais e as chefiadas por mulheres (PETRINI, 2005: 43-44).

<sup>186</sup> CANEVACCI, Massimo. *Dialética da família: gênese, estrutura e dinâmica de uma instituição repressiva*. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 37.

## **CAPÍTULO II**

### **INVENTÁRIO**

#### **(A FRATERNIDADE CONSANGÜÍNEA NA LITERATURA BRASILEIRA)**

*Nunca estamos infinitamente longe daqueles que odiamos. Pela mesma razão, portanto, poderíamos crer que nunca estaremos absolutamente perto daqueles que amamos. Quando embarquei já conhecia esse princípio atroz. Mas há verdades que merecem a nossa atenção, e há outras com as quais não nos é conveniente dialogar.*

**Albert Sánchez Piñol:** “A pele fria”.

Múltiplas são as incidências do conflito fraterno na literatura brasileira. Oscilando entre o relato de aparência banal (caracterizado por apresentar a tensão narrativa através do embate – ou do encontro – entre duas ou mais personalidades antagônicas e que – ignorando as nuances características de situações particulares – se apresentam como representantes do maniqueísmo social que divide os indivíduos em bons e maus) e a narrativa complexa (diversos temas entrelaçados, o que possibilita estruturas literárias mais elaboradas, com narradores sofisticados, múltiplos focos narrativos, sutilezas de linguagem, fragmentação narrativa, jogos de cena psicológicos, teatralizações do enredo,...), estabelecer as particularidades que constituem a cartografia da fraternidade consangüínea na Literatura Brasileira é tarefa de difícil execução, inclusive porque o assunto não se esgota na enumeração de ocorrências. No entanto, para que o tema possa ser delineado com alguma nitidez necessário se faz mencionar algumas situações e circunstâncias exemplares.

As narrativas citadas neste capítulo não excluem a possibilidade de haverem outros exemplos – e, talvez, mais apropriados – para situar a fraternidade no contexto da literatura brasileira. A escolha dos textos não representa uma tentativa de historiografar a literatura brasileira. É, no máximo, o reflexo de um conjunto de leituras temáticas.

Por questões metodológicas e para que seja possível entender os processos de afastamento e aproximação que envolvem as relações emocionais, psicológicas e políticas na fraternidade consangüínea, uma tipologia necessita contemplar, no mínimo, cinco casos básicos (embora, muitas vezes, os temas estejam entrelaçados): a disputa pela progenitura; os gêmeos; irmão x irmã; a fraternidade feminina e o meio-irmão.



## **1. A DISPUTA PELA PROGENITURA**

*“É possível – disse Samuel. – Mas Caim viveu e teve filhos, enquanto Abel vive apenas na história. Nós somos os filhos de Caim”.*

**John Steinbeck:** “Vidas Amargas (A leste do Éden)”.

## 1.1– Nós, que brigamos tanto

O *sibling*<sup>187</sup> é o território em que estão inscritas as questões mais significativas que unem e separam a fraternidade: ciúme, inveja, ressentimento, poder, dinheiro, amor (ou ódio) paterno, amor (ou ódio) materno, modelo a ser seguido, violência e insensatez.

O irmão mais velho freqüentemente exerce função “dominante”. Raros são os casos em que deixa de utilizar a força para impor a sua vontade. E a expressão elementar dessa atitude está expressa na territorialidade. O espaço físico constitui um elemento da identidade – representação de poder – e de cuja inviolabilidade dependem os demais elementos da relação afetiva estruturada com os integrantes da família (principalmente os irmãos).

Rufo alerta para os problemas de territorialidade, na infância e na adolescência:

*Os assuntos de discórdia quase sempre giram em torno dos problemas de território – em primeiro lugar, o quarto, inviolável nessa idade –, depois, os objetos – roupas, canetas, bicicleta ou patins – pegos sem autorização ou jamais restituídos. Conflitos, discussões, portas batidas e brigas são muito freqüentes e naturais. Eu chegaria até a dizer que são necessários. O adolescente, mal consigo mesmo e em busca de sua identidade de adulto, é particularmente odioso com seus parentes; não há razão alguma para que os irmãos escapem a seus humores.*<sup>188</sup>

Neste sentido, a semente do poder (que não se restringe na posse dos objetos ou na privacidade), vai germinando dentro da fratria. O irmão mais velho adota medidas que forçam os irmãos aceitarem a sua liderança – algumas vezes essa imposição resulta de uma técnica inconsciente de defesa preventiva, para que os irmãos menores não tenham tempo ou vontade de se organizarem. Diante de qualquer transgressão, o primogênito costuma adotar punições imediatas e exemplares.

Portador de um estigma que o condena à danação eterna, o primogênito que ambiciona o poder familiar necessita superar a importância simbólica do Pai – que atua como se fosse um

---

<sup>187</sup> Palavra do inglês arcaico, utilizada por psicólogos e sociólogos, que designa indistintamente irmãos e irmãs que não são gêmeos. Para *The Concise Oxford Dictionary* (1989: 980): **SIB** *a & n.* **1. a.** (*esp. Sc.*) Related, akin. **2. n.** Brother or sister; hence. **~LING** *n.*: one of two or more children having one or both parents in common. **~SHIP** *n.*: group of children having the same two parents.

<sup>188</sup> RUFO, Marcel. *Irmãos: como entender essa relação*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003. p. 127.

norteador de conduta – e a revolta do(s) irmão(s), que representa(m) a oposição aos seus planos de dominação.

Por esses motivos, o irmão mais velho mostra ansiedade para ser aceito no mundo “adulto” – que é o mais próximo que chegará do “Pai”. A necessidade psicológica de encontrar um lugar no contexto social – momento em que estará “livre” de alguns resquícios da adolescência – implica em algumas ações comportamentais. Não podendo se impor “placidamente” aos irmãos como “adulto”, resta “construir” situações em que resulte inconteste a sua superioridade – e isso implica, muitas vezes, por diferentes razões, em burlar regras éticas e morais.

Simultaneamente, a cada instante em que proclama a sua superioridade física, psicológica ou política, o primogênito também está colocando em jogo a questão do conhecimento. Em consequência da idade, o filho mais velho detém maior experiência – embora esse fator não seja suficiente para que obtenha mais sabedoria. Tampouco menos idade significa alguma coisa. No entanto, o poder conjugado com a experiência resulta, muitas vezes, em um mundo competitivo e agressivo, no cerceamento de quaisquer manifestações que resultem em algum tipo de reflexão sobre o estabelecido. Então, promover níveis de interdição implica em uma forma transversa de “dominar” o conhecimento, não permitindo que ele se expanda e, conseqüentemente, contribua para, de alguma forma, alterar as relações de pertença que instituem a tradição cultural. A ignorância resulta da tranquilidade, enquanto o conhecimento é irmão gêmeo da dor e da frustração – a luta entre a ignorância e o conhecimento permeia as relações fraternas, independente do nível dos relacionamentos afetivos ou dos objetos do desejo que estejam em jogo.<sup>189</sup>

Como a democracia é uma figura de retórica nas relações fraternas, o exercício da dominação, calcado em ações políticas totalitárias (autoritárias), resulta no estreitamento do(s) conflito(s) e na negação da alteridade. A estrutura familiar, alicerçada na coibição, não aceita pacificamente qualquer tipo de rebeldia e procura punir imediatamente a transgressão. Com essa postura, o primogênito, embriagado pela ilusão auferida pelo poder, omite que a construção da

---

<sup>189</sup> Entre todos os temas paralelos à fraternidade, as situações que resultam em adultério merecem registro especial. Normalmente, seduzir a esposa do irmão (o marido da irmã) é consequência de uma crise moral, onde as fronteiras entre o certo e o errado são constantemente violadas. Mesmo nos casos em que há algum tipo de envolvimento amoroso inquestionável, não é possível ignorar que parte das relações adúlteras envolvendo irmãos são motivadas pela vontade de magoar o “inimigo” (e, por extensão, a todos os envolvidos). Ressentimento familiar somado com adultério resulta inevitavelmente em tragédia.

individualidade implica em dependência com o coletivo e, em última análise, com o Outro – mesmo que o Outro, por “n” motivos, se revele ameaçador.

Ao(s) irmão(s) mais novo(s) cabe aceitar a verticalização da relação (*o irmão mais velho sempre é um pouco um “pai pequeno” para o mais novo, sobretudo se a diferença de idade entre eles for grande* <sup>190</sup>) ou rebelar-se contra o arbítrio do primogênito – colocando em xeque a liderança imposta por critérios opressores e que desconsideram participações paritárias na tomada de decisões.

Nessa análise, também deve-se considerar que o(s) irmão(s) mais novo(s) alimenta(m) um problemático “complexo de inferioridade”, na medida em que, primeiro, canalizam – direta ou indiretamente – para a figura do primogênito (lídimo representante do “Pai”) todas as responsabilidades sobre quaisquer fracassos ou insatisfações pessoais; segundo, em alguns momentos, o(s) irmão(s) se revela(m) carente(s) afetivo(s) e transferem para o irmão “mais forte” a responsabilidade de “administrar” as relações de domínio familiar. Nas duas situações, a desmaterialização do afeto se apresenta como uma prática das relações familiares: o irmão menor, quando não encontra no Outro um sentido de continuidade ou um espaço para a projeção de suas necessidades, projeta um inimigo – e, na tentativa de resolver esse impasse, adota, de forma similar, os métodos violentos do irmão mais velho.

O irmão caçula, para poder escolher um caminho diferente daquele que é imposto pela verticalização familiar ou por decisões que não correspondem às suas expectativas, precisa encontrar formas de romper com a tradição, ou melhor, com os rituais da servidão. Invariavelmente, esse movimento de busca pela liberdade resulta em conflito – seja porque a insurreição não é socialmente aceita, seja porque implica na diminuição do poder familiar (e, por extensão, do Pai ou de seu representante). A outra alternativa possível consiste em abandonar a luta, abrindo mão de quaisquer direitos que, por ventura, possa ter – hipótese que poucos indivíduos levam consideração, visto que implica na dissolução do conflito.

*A fratria é um lugar de competição: os menores querem se igualar, até mesmo superar os mais velhos que, por sua vez, tudo fazem para conservar sua supremacia.* <sup>191</sup>

Desta forma, o choque entre os irmãos torna-se inevitável, pois há uma colisão entre as diferentes interpretações sobre o ser/estar no mundo.

---

<sup>190</sup> RUFO, 2003: 64.

<sup>191</sup> RUFO, 2003: 68.

*Embora as noções de mais velho e mais novo tenham evoluído consideravelmente em nossas sociedades, o fato é que eles continuam tendo que conviver. Cada um exprime seu caráter e, embora tenham os mesmos pais e compartilhem o mesmo patrimônio genético, não é obrigatório que pensem a mesma coisa, nem que tenham a mesma opinião sobre tudo. Cada um tem seu ritmo próprio de desenvolvimento; algumas crianças podem encontrar dificuldades e outras não.*<sup>192</sup>

Iniciada na infância, alimentada pelas crises da adolescência, a rivalidade fraterna – ao contrário do que muitos gostariam de acreditar – não se esgota na idade adulta.

*Enquanto os irmãos mais velhos interpretam o mentor, os mais novos observam-no, procurando mensagens sobre como se relacionar com os outros homens, e, como na relação pai-filho, vão da reverência à revolta e desta à reconciliação. Primeiro, ele idolatra seu irmão, brincando de “macaco-vê-macaco-faz”. Sente-se lisonjeado por ser aceito no grupo de amigos de seu irmão mais velho. Durante esse período, ele aprecia ser o aluno.*

*A certa altura, no entanto, o irmão mais novo revolta-se e começa a defini-se como indivíduo. O ponto decisivo sucede quando o irmão mais novo consegue, finalmente, subjugar fisicamente seu sibling mais velho; ou quando encontra uma área na qual ele se sobressai e o irmão não. Isso pode acontecer (...) quando o irmão mais novo se torna bem-sucedido numa carreira.*<sup>193</sup>

Os atritos ocorrem na medida em que a história comum entre os irmãos e a estrutura familiar se desenvolve:

*(...) como, à proporção que amadurecem, os irmãos são mais profundamente doutrinados pelos seus pais e mentores quanto ao mundo dos homens, não é surpresa que a competição entre eles se torne mais intensa. (...) Bert Adams observou em Kinship in an urban setting que os homens adultos relatam menos intimidade e contato com os irmãos do que as mulheres com as irmãs, mesmo quando as diferenças de proximidade geográfica são levadas em consideração.*<sup>194</sup>

Homens relatam menos suas histórias fraternas porque são experiências traumáticas, carregadas de violência e dor. As mulheres também se sentem bloqueadas, embora ambicionem encontrar soluções para o conflito. No entanto, em qualquer conjuntura, raras vezes há resolução pacífica para os embates que envolvem irmãos – a cólera, o destemper, o iniquidade, a competitividade e a falta de caráter são, em muitas circunstâncias, atributos necessários para vencer uma disputa. Apesar desses elementos não serem considerados capazes de proporcionar

---

<sup>192</sup> RUFO, 2003: 65-66.127-128.

<sup>193</sup> GARFINKEL, Perry. *No mundo dos homens: pais, filhos, irmãos, amigos e outros papéis que os homens desempenham*. São Paulo: Melhoramentos, 1988. P.

<sup>194</sup> GARFINKEL, 1988: 116-117.

honra e/ou glória, a questão moral se impõe: para vencer todas as armas são permitidas. *Inter armas silent leges* (“Entre as armas, a lei silencia”).

Em direção contrária ao idealismo romântico, a fraternidade consiste em uma mistura potencialmente inflamável – e a qualquer instante há o risco de surgir uma fagulha. Acostumada a silenciar os conflitos através de diversos métodos de coação (emocionais, físicos, socioculturais, econômicos, sexuais,...) e a alimentar a ilusão de que todos os problemas podem (e devem) ser solucionados intramuros, a família se dissolve ou esbarra na inoperabilidade quando há alguma espécie de choque entre duas forças antagônicas. Como toda instituição repressiva, o esfarelamento de seus alicerces decorre da falta de solidez na estrutura. Em diversas circunstâncias, são os conflitos fraternos que comprovam o quanto de debilidade esgarça o núcleo familiar.

Em situações especiais, muito raras, há que se considerar, também, que, muitas vezes, o conflito entre irmãos se justifica por razões extrafamiliares.

Por fim, há os inúmeros casos de afeto entre irmãos. Mesmo que eles precisem ultrapassar por grandes dificuldades no relacionamento fraterno, as questões de sangue prevalecem: seja porque os irmãos – mesmo que procurem esconder – se amam, seja porque a fraternidade é um escudo contra as iniquidades de um mundo hostil. Contra algum tipo de ofensa de terceiros, por exemplo, a união fraterna surge instantaneamente – superando quaisquer impedimentos anteriores. O mesmo ocorre em situações de luto familiar ou de alguma perda comum.

## 1.2 – A gaiola de Faraday, de Bernardo Ajzenberg.<sup>195</sup>

Júlio e Enzo são inimigos declarados. Embora as minúcias que causaram o desentendimento não sejam explícitas, é possível perceber que os irmãos fizeram da vida fraterna (e, por extensão, familiar) uma luta constante, pontuada por ressentimento, irritação mútua, intriga e competição. Essa circunstância – que, em muitos instantes, simula jogadas de um esporte sangrento – está refletida, de maneira impactante, na vida de cada um dos dois irmãos: a solidariedade é a primeira vítima quando o pacto familiar apresenta fadiga e/ou rachaduras.

*Nunca tinham sido poucos os seis anos que os separavam, ao menos até Enzo atingir os trinta – idade na qual se perde o direito à inocência –, e as coisas começaram a se inverter. Existia, entre os dois, um fosso de dimensões elásticas. Júlio jamais deixou de encarar a existência de Enzo como um estorvo.*<sup>196</sup>

Além das questões ancestrais de disputa pelo poder familiar (representadas simbolicamente na primogenitura e no sucesso profissional de Júlio), a estrutura narrativa de *A gaiola de Faraday* está centrada em uma premissa axial: as formas de opressão que atuam sobre os indivíduos (principalmente em circunstâncias em que o contexto social emerge como um constructo intelectual edificado pela razão econômica) são constituídas por elementos de exclusão – social, psicológica, cultural...

O sucesso profissional e econômico do professor universitário Júlio perturba emocionalmente o engenheiro civil Enzo – que, ao longo da vida, somente acumulou fracassos. Consciente de que, durante toda a sua vida, foi incapaz de fornecer para sua família os totens da classe média (telefone celular, carro do ano, cartão de crédito, frequentar bares e restaurantes da moda,...), Enzo se descobre vítima das obrigações e inseguranças que caracterizam uma classe social que coleciona privilégios e detesta cumprir com suas obrigações éticas e morais.

Enzo percebe que a sua vida está ancorada em uma espécie de mar morto. A vida, para ele, se apresenta – nitidamente – como um obstáculo. Enzo apresenta uma incapacidade obstinada para apre(e)nder as regras de bom comportamento social. Apesar de saber que são essas regras que garantem a sobrevivência e a manutenção da estrutura familiar, Enzo sente ser

---

<sup>195</sup> AJZENBERG, Bernardo. *A gaiola de Faraday*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

<sup>196</sup> AJZENBERG, 2002: 30.

necessário dizer não para situações que o oprimem. Ao mesmo tempo, Enzo precisa escolher entre a convicção política e as obrigações familiares. E talvez seja esse conflito que o obriga a tomar uma decisão extrema.

Mas não é “apenas” a conjuntura econômica que agride Enzo, o intolerável é que isso ocorra – com a força de uma epifania mitológica – como mais um elemento da competição que trava com o irmão. Voyeur da própria desgraça, Enzo se sente agredido pelo conjunto de contingências que gostaria de rejeitar: enquanto Júlio é um novo-rico, Enzo concebe em si mesmo a imagem de um novo-pobre.

De qualquer maneira, essa espécie potencializada de “luta de classes”<sup>197</sup> possibilita (de forma transversa, complexa e confusa) uma releitura patética e desastrada do mito bíblico do filho pródigo: Enzo, em dado instante, mostrando estar desconectado com a realidade que o cerca, abandona a mulher, os dois filhos e vai viver nas ruas, à margem dos acontecimentos, como se em nenhum momento tivesse responsabilidades familiares e/ou laços consanguíneos.

*Teve um sobressalto quando, ao atravessar um beco, deu de cara com o cartaz branco-e-preto. “Desaparecido. Em 21 de fevereiro de 1992, em São Paulo. Quarenta e seis anos de idade. Pele clara. Olhos castanhos (ninguém da família lembrava que ele tinha olhos verdes?). Cabelos castanho-escuros.” Por que agiam assim? Onde acharam aquela foto? Nem ele se reconhecia nela!*<sup>198</sup>

Como um imigrante da família, Enzo retrata a dimensão trágica do homem de meia idade que, em crise, deixa para trás a história que construiu com a sua família e passa a negar todos os valores agregados pela sociedade burguesa, constituindo um exemplo do instante de

---

<sup>197</sup> Não é fato explícito na narrativa de *A gaiola de Faraday* que Enzo se considera uma espécie de “anjo decaído” nas estruturas “proletárias” e, portanto, uma vítima da ambição desmedida da burguesia ascendente (simbolizada na figura de Júlio). No entanto, o pensamento de Enzo caminha, com passos trôpegos, nessa direção. Uma das causas que o personagem encontra para justificar a sua fuga de casa (como um adolescente assustado, desses que não podendo – ou não querendo – entender o que está a ocorrer, preferem culpar ao Outro) está na percepção de que a sua inadaptação aos esquemas de exploração capitalista da força de trabalho o está levando para um beco sem saída: aceitar como verdade a sua incompetência profissional ou adotar procedimentos inescrupulosos guiados pelo primado básico do lucro sem culpa (e nessa situação, é a imagem especular e, portanto, abominável do irmão – seja porque inescrupulosa, seja porque é a “imagem do irmão” – que o faz retroceder na responsabilidade social de prover a sua família). O medo do fracasso é o que o faz fracassar. Nesse sentido, Enzo não é um *sujeito da história* (no sentido marxista, que evolui do pensar para o fazer), mas é o fruto de uma estrutura capitalista que desaba porque inapta para resolver as suas próprias contradições. É essa noção de decadência (que se opõe ao conceito de consciência socioeconômica) que o torna incapaz de reagir aos desacertos de um mundo que exige dos homens outras qualidades além do mero talento profissional – e esse preço Enzo recusa pagar.

<sup>198</sup> AJZENBERG, 2002: 12.



irracionalidade em que, nos relacionamentos familiares, o *personae sanguine coniunctae* (os “laços de sangue”) é substituído pela agressividade e pelas soluções de caráter pessoal.<sup>199</sup>

Enzo envolto em uma espiral de depressão e angústia (talvez porque se mostre perplexo com a interdependência entre as relações sociais e o econômico; talvez porque o sucesso do irmão o assuste e isso motive reações de violência) perde o controle sobre a realidade no instante em que admite que foi derrotado por um conjunto de eventos superiores às suas forças físicas e emocionais – e que, paulatinamente, foram sendo construídos pela sua incapacidade de sobrevivência (psíquica, social, econômica, ...) em uma sociedade capitalista predadora.

Alguns suicidas resolvem o problema em uma única ocasião; outros, um pouco a cada dia. Enzo escolhe a segunda alternativa – na sua análise, a forma mais eficiente de desistir da vida é entregar os pontos e sair de casa (como se isso fosse uma forma de redenção, uma autorização para encontrar uma nova identidade, um salvo-conduto contra as suas aflições). Sem entender que fugir de casa (como se fosse um adolescente revoltado contra a estrutura repressiva da família) não constitui resposta adequada ao problema, Enzo procura no anonimato da multidão uma nova vida, outras relações afetivas e a avaliação do passado que renegou.

Sonhando com a utopia da ressurreição – a possibilidade de adquirir um corpo novo onde as dores do mundo ainda não estão inscritas –, Enzo defende a sua postura com uma argumentação mística e isso contraria a lógica cartesiana de sua formação profissional: prefere o vôo sem destino, escorado em uma fê cega (quase religiosa). Nesse sentido, sair de casa não é um ato revolucionário – não pode ser traduzido como um momento histórico capaz de produzir mudanças socioeconômicas e culturais; ao contrário, tudo permanece insolúvel e mais triste.

Simultaneamente, aos olhos de Enzo, os filhos e a esposa se mostram estranhos, como se fossem pessoas inaptas para compreender o câncer emocional que o devora.

Além disso/ou por causa disso, ele adquire ciência, de forma dolorosa, que a insanidade que o está rodeando se estende até o corpo de Queila, sua esposa. O ciúme corrói suas entranhas:

---

<sup>199</sup> Na modernidade capitalista, há uma tendência, cada vez mais freqüente, nos indivíduos que encontram dificuldades em se relacionar com o meio que os circundam – e, conseqüentemente, de se enquadrarem nos padrões fornecidos pela ideologia da massificação do consumo, que acena com a possibilidade irrestrita de “realização pessoal” – de adotar soluções individuais para problemas coletivos. Sem encontrar saída para satisfazer as necessidades geradas pelo ego ou pelos sistemas de persuasão capitalista, o indivíduo escolhe por condutas ditadas pelo irracionalismo, possibilitando – sem pesar as conseqüências – a implosão das normas civilizatórias. O sentimento autodestrutivo, gerado pela violência e pela insatisfação, não constitui solução para a angústia – embora seja um sintoma desse tipo de dor.

a suspeita de que o irmão está tendo um caso com Queila é uma tormenta infindável no imaginário de Enzo. Esse é mais um motivo para desistir de tudo.

Quase ao final de *A gaiola de Faraday*, quando conversa com o filho, Lúcio, Enzo não perde a oportunidade e faz a pergunta acusadora:

– Vou perguntar só mais uma vez, Lúcio: qual é a relação entre a mãe e o teu tio?  
– Bom, não sei, pai...  
– Não sabe...  
– Não sei... são cunhados, ora...  
– Não sabe...  
– Não sei, pai.  
Nesse momento, Enzo deixou as lágrimas escorrerem pelo rosto.  
– Tudo bem. Está tudo bem, filho. Nada importante. Nada importante acontece comigo também. Nada importante acontece com ninguém. Importante? Nada. Só os carros, essa merda de cidade, só essa fumaça, esse barulho, esse museu... Só essas coisas são importantes. O que vai aqui dentro não é, claro. O que vai dentro de você também não é...<sup>200</sup>

O que complica ainda mais a situação é que a suspeita de Enzo não pode ser resumida em uma fantasia persecutória: Júlio alimenta desejo sexual pela cunhada:

*(...) Júlio conseguia enxergar a si próprio na cama, como se recompusesse a cena: e em todos os movimentos de prazer, em todos os cheiros que penetravam até o coração, até mesmo no decorrer infinitesimal da aspiração radical que antecederia o gozo, viu-se, na verdade, aquele tempo todo, enlaçado com Queila. Gozara dentro da esposa – Mariza, as trompas amarradas – como se despejasse todo o fulgor na mulher, ainda fértil, do irmão.*<sup>201</sup>

Nesse momento de conflito, em lugar de lutar pela esposa, pelos filhos e contra o irmão, Enzo compreende, através de uma metáfora dolorosa, baseada no ideal burguês de que é de exclusiva responsabilidade do *pater familias* a proteção e a manutenção da prole, que a gaiola de Faraday que construiu para proteger a sua família fracassou – e de maneira vergonhosa.<sup>202</sup>

Incapaz de ter percebido, no devido tempo, a proporção da tragédia burguesa que ajudou a encenar, Enzo, em algum momento, acreditou que o diário exercício de sobrevivência o faria

---

<sup>200</sup> AJZENBERG, 2002: 118.

<sup>201</sup> AJZENBERG, 2002: 96.

<sup>202</sup> CARNEIRO aponta para o fato de que *as gaiolas vão se revelando, no correr do romance, como círculos dentro de círculos. A cidade de São Paulo é a gaiola maior para a qual Enzo foge em busca de liberdade mas que, aos poucos, vai se revelando apenas como uma prisão mais espaçosa, e nem por isso menos perversa. Um segundo círculo (...) é a própria família, a “casa” que ele pretende proteger e acaba por aprisioná-lo.* (CARNEIRO, 2005:151).

mais forte. Ao contemplar as ruínas que o cercam é que compreende a magnitude da catástrofe – mas já tarde para tentar corrigir alguma coisa.

*– É uma malha de cabos de cobre instalada em cima do telhado – continua Enzo. – Nos pontos altos se instala uma espécie de antena, e antenas menores são colocadas em outros pontos, dependendo do tamanho do telhado. Em cada canto da casa descem cabos também, conectados a outros cabos subterrâneos, percebe?, que contornam o edifício. Dessa maneira, toda carga elétrica vinda do céu, faça chuva ou faça sol, é canalizada e diluída ao longo dessa rede de cabos.*

*– É um pára-raios, pai.*

*– Mais ou menos. Só que a Gaiola de Faraday é um pára-raios ultrapotente, sofisticado e, com certeza, mais eficiente do que um pára-raios tradicional. Um tradicional, desses que você diz, pode falhar na função primordial se a descarga elétrica for muito forte, e também tem uma área de abrangência e de proteção bastante reduzida.<sup>203</sup>*

Através de telefonemas para Júlio e de cartas para Júlio, Queila e Célia (a filha menor), Enzo realiza uma parte dessa avaliação. Imagina que o seu gesto (sair de casa) constituiu (de forma atabalhoada, anárquica) um instante de resistência ética, de negação a determinados valores – como se o assim proceder o carregasse para longe daquilo que o oprime e, ao mesmo tempo, ajudasse a mudar a ordem do mundo.

É a voz do filho mais velho que destrói toda a argumentação de Enzo. É a voz de Lúcio (*luce, lux*) que invade a irracionalidade do pai, como um facho de lucidez (iluminando o que até então era escuridão, cegando o que até então era visível):

*Essa tal gaiola não existe no mundo dos homens, pai. Você devia saber disso. Bobagem. Pode funcionar na natureza, mas existe uma parte da natureza, nós, os homens, que é diferente. A gente nem sempre se submete às leis da natureza. A gente cria novas leis, a gente interfere nessa natureza.<sup>204</sup>*

Enzo recusa o entendimento. Recusa, porque não mais domina a estrutura que alicerça o sistema emocional que o aprisiona. Recusa, porque quer inscrever no drama que está vivendo uma outra versão – e que não pode ser controlada pelos argumentos do filho ou pelos ditames do destino. A mágoa elimina qualquer tipo de racionalidade. Ao contrário da parábola do filho pródigo, recusa-se a voltar para casa, recusa-se a admitir ter cometido um erro. É com amargura que adoça a doença emocional.

Como um contraponto a essa situação-limite, o narrador apresenta Júlio como um personagem que ignora a responsabilidade ética dos fortes em relação aos fracos. Cobiçando cada

---

<sup>203</sup> AJZENBERG, 2002: 114-115.

<sup>204</sup> AJZENBERG, 2002: 116.

vez mais a cunhada, Júlio, assim como o irmão do filho pródigo, externa, da forma mais violenta que lhe é possível, o seu desagrado para com o irmão:

*Por que o idiota não desaparecia em definitivo? Por que teimava em azucrinar a vida do irmão mais velho, como se Júlio já não tivesse as próprias e insistentes rugas para suportar, as tentações de um quase sexagenário a bolinarem os próprios engodos e os engodos daqueles que o cercam, seu sangue ruim, tomado de alergias, a impotência em tirar uma flor da dor?*

*Papai e mamãe sofriam mais do que todos a ausência do caçula, pensava Júlio. Não se via, porém, no papel de pessoa capaz de lhes poupar feridas. Ao contrário: mantinha a convicção de que a presença de Enzo perto de todos seria sempre nefasta, por mais que fizesse ou pudesse fazer falta. E assim raciocinava: “Caia fora, irmão! Caia fora!”, e repetia a exclamação, baixinho, “por favor, caia fora”, como já fizera inúmeras vezes, ao longo dos dias ou antes de adormecer (um mantra), no carro, na sala dos professores. “Mas caia fora decentemente, de uma vez por todas, não em partes. Pare de hesitar. Pare de ficar esperando empurrões dos outros, Enzo. Por que não desaparece de uma vez por todas, aberração da natureza?”*<sup>205</sup>

Ao mesmo tempo, cheio de cinismo ou de má-fé, determinado a desenvolver uma espécie de consciência do mal, Júlio prepara uma conferência: “Brasil, terra de heróis”:

*Pouco tinha o assunto a ver com a sua especialidade. Chamado as pressas, teria que cumprir uma tarefa extraordinária. Mas os estudantes estariam ali para ouvir um professor de renome; colegas também passariam lá ou bisbilhotariam para saber como as coisas tinham se desenvolvido. (...) Pesava também a remuneração inesperada, plausível embora simbólica. Nas circunstâncias do momento, contra uma “ajuda de custo”, ele, que nisso também teria motivos para se sentir herói – e que, ainda por cima, estava à véspera de se tornar professor titular –, contra um “cachê razoável”, então, ainda que ornamental, como ousaria alguém se rebelar? Conclusão mais uma vez assentada por Júlio na bergère: uma boa paga nos torna especialistas em qualquer coisa, do dia para a noite, em qualquer centro de estudos do mundo!*<sup>206</sup>

Durante a leitura desse texto na universidade, de forma surpreendente, Júlio é arrastado pela vertigem/voragem dos acontecimentos políticos<sup>207</sup> e consagra-se como uma referência de conduta política, quando, instigado pela fala de alguns alunos, esquece o que havia escrito e faz um discurso empolgado, cheio de lugares-comuns, mas que legitima as reivindicações estudantis.

*Como se estivesse num palanque dos anos sessenta, elogiou os “caras-pintadas”, abominou a “apropriação do Estado por um bando, uma quadrilha de yuppies e velhacos”, defendeu o impeachment. Acoplou gracinhas, monitorou com perícia a altura da voz, lançou interrogações no ar.*<sup>208</sup>

---

<sup>205</sup> AJZENBERG, 2002: 27.

<sup>206</sup> AJZENBERG, 2002: 32-33.

<sup>207</sup> A narrativa ocorre em 1992, o ano do *impeachment* do Presidente da República Fernando Collor de Mello.

<sup>208</sup> AJZENBERG, 2002: 82.

Durante meia hora encanta *uma assembléia de meninos e meninas tão combativos quanto ingênuos, até poucos minutos antes declaradamente hostis* <sup>209</sup>. Meia hora é tempo mais do que suficiente para que a sua auto-estima alcance níveis estratosféricos. Nesse momento de gozo, em que a perversão se confunde com potência sexual, Júlio gostaria de dizer para si mesmo, cheio de orgulho juvenil: “meu irmão é que é o fracassado oficial em nossa família”.

O contraste entre duas personalidades tão díspares resulta em grandes doses de agressão verbal: cada um dos dois irmãos almeja a morte simbólica do outro irmão. As palavras são armas, com devastador poder de destruição. É a interdição cultural, resultante da compreensão de que matar é um ato bárbaro, que retém no plano imaginário o desejo de eliminar fisicamente o irmão. Por isso, como uma forma de compensação (insatisfatória) pela ausência do prazer causado pela supressão do irmão, a tortura mental é utilizada como se equivalesse ao poder bélico. Enzo, quando telefona para Júlio, pronuncia um rancor aflitivo, delirante, febril, excitado – instante em que a loucura manifesta sinais de aproximação.

*Tenho você, Júlio. Um irmão a gente nem sabe como esquecer! Nem que quisesse! E devo te dizer que nunca te segui. Até agora não tive coragem de te seguir, sabia? Estranho, não? Acho que você não acredita nisso. Claro que não acredita. Mas deveria acreditar. Você sabe que eu te adoro, e eu sei que você me adora. Mesmo que desminta. Não adianta. É esse amor, oh, o amor!, não me mande tomar no cu, que é isso mesmo, seu membro de merda do corpo docente universitário de merda, o amor, isso é o que acaba me dando vontade de continuar a te contar coisas, minha nova vida! Minha nova vida cheia de febres também, sabia disso? Descobri só agora que a febre faz parte das estratégias de sobrevivência do meu corpo. O que, aliás, não é de todo mau. Hoje, quando apanho uma gripe fico excitado facilmente, e a vontade de me masturbar é irresistível, quando há febre, então, faço isso seguidamente. A febre é para mim um ambiente de excitação, meu irmãozinho.* <sup>210</sup>

Júlio, quando recebe os telefonemas de Enzo, esculpe verbalmente o medo e o desprezo – o irmão é abjeto, problemático, uma nódoa.

*– Some de vez, Enzo – diz Júlio, ao telefone. – É o melhor que você tem a fazer. Cai fora, vai para o interior, pega um ônibus, vai para o Nordeste, Enzo. Se joga de uma ponte. Você e as tuas fantasias, a tua imaginação louca. Cala essa boca, que quem quer matar os outros de verdade não avisa, imbecil. Faz o que você quiser, caralho. Mas some, Enzo. Some de vez.* <sup>211</sup>

---

<sup>209</sup> AJZENBERG, 2002: 83.

<sup>210</sup> AJZENBERG, 2002: 56.

<sup>211</sup> AJZENBERG, 2002: 127.

A ironia de toda a situação resultante desse jogo de agressões verbais se revela através de um questão básica: Enzo não consegue fugir, não consegue se afastar das pessoas que gostaria de ter abandonado. A rua não é capaz de o libertar. Muito pelo contrário, seus fantasmas se renovam sob a forma de ameaças (imaginárias ou não – todas beirando a loucura paranóica). Enquanto Júlio, sentado em sua confortável *bergère*, conjectura se o lugar mais adequado para o irmão não seria uma clínica psiquiátrica (ou seja, a neutralização definitiva), Enzo se perde entre as muitas barreiras que construiu ao seu redor.

*Uma luz girava sobre um carro cuja cor não lhe parecia definida. De repente viu se agigantarem três ou quatro homens de uniformes imprecisos. Logo já não tinha dúvidas de que caminhavam, arfantes e sóbrios, em direção a ele, com objetos nas mãos.*<sup>212</sup>

A gaiola de Faraday não é capaz de proteger Enzo ou Júlio ou as famílias dos dois irmãos – as tempestades se renovam, eletrizando, eletrocutando, destruindo, como se fossem desígnios, desejos, rancores, punições de um Deus primitivo. *Mal sabia ele que fora de casa, aparentemente livre da gaiola familiar, o esperavam não respostas mas apenas novas, e mais capciosas, perguntas*<sup>213</sup>.

---

<sup>212</sup> AJZENBERG, 2002: 129.

<sup>213</sup> CARNEIRO, Flávio. *No país do presente: ficção brasileira no início do século XXI*. Rio de Janeiro: Rocco, 2005. p. 152.

### 1.3 – Na estrada, de Heloísa Saraiva.<sup>214</sup>

As relações econômicas são decisivas para o desfecho do conto *Na estrada*: a conspiração arquitetada pelos irmãos Bruno e Bernardo contra um terceiro irmão (inominado, como se estivesse situado em um patamar abaixo dos demais personagens), que gerencia os negócios da família. A ameaça de que o irmão ausente esteja preparando uma forma de ludibriar Bruno e Bernardo (e Anabel, a irmã) exige providências imediatas e eles preparam uma cilada, marcando uma reunião no sítio da família.

Na caminhonete, enquanto estão indo para o sítio da família, Bruno e Bernardo conversam – em função desse diálogo a narrativa se desdobra em uma espécie de acerto de contas familiar. Ressentimento, inveja, ciúme: a combinação das palavras trocadas entre Bruno e Bernardo revelam uma série de sentimentos aparentemente complexos – mas que não passam de trivialidades típicas de quem está procurando por motivos para odiar e que somente sossegará quando conseguir encontrar alguma desculpa que justifique o comportamento que estão adotando.

A conversa entre os irmãos simula o flutuar em águas turvas: sinais inequívocos do perigo.

*– Lembra, Bernardo, quando a gente era pequeno e ia para o sítio com papai? Você e ele brigando para ir na frente, eu e Anabel quietinhos no banco de trás...*

*O irmão não disse nada. Bruno prosseguiu:*

*– ...No sítio, em casa, vocês viviam se pegando feito cão e gato. Papai dava razão a ele, mamãe ficava do teu lado. Chegavam até a discutir, os dois...*

*Bernardo fez que sim, lembrava. E das outras coisas também:*

*– Quando mamãe morreu, por exemplo. Onde estava você, Bruno? De farra na caserna. E Anabel? Na casa do namorado com medo de ver a morta...*

*Uma moto passou a toda velocidade. Bernardo continuou:*

*– ... Nas reuniões, quem ia? Eu e ele. Você dizendo que não tinha o que fazer lá. Anabel, porque eu marquei na hora do tal filme. Inventário, quem cuida? Eu, para que ele não metesse a mão. Agora chega: basta!*<sup>215</sup>

---

<sup>214</sup> SARAIVA, Heloísa. *Na estrada*. In: COSTA, Flávio Moreira da (Org.). *Crime feito em casa: contos policiais brasileiros*. Rio de Janeiro: Record, 2005. p. 445-450.

<sup>215</sup> SARAIVA, 2005: 448.

O comportamento sangüíneo de Bernardo, que se opõe frontalmente ao distanciamento dos irmãos mais novos, Bruno e Anabel, é a argamassa que sedimenta uma aliança transitória contra o irmão ausente. Mas, como todos os envolvidos sabem, trata-se de um arranjo temporário, algo que não vai durar muito.

– ...Ele me ameaçou de morte, o safado. Disse que se eu insistisse na auditoria...  
– E ele seria capaz? Não sei...  
– Que dúvida, meu irmão. Ele disse que me sangraria aos poucos, e jogaria meu corpo aos urubus.  
– Lembre-se que quem contou foi o advogado. E a gente não sabe até que ponto...  
Bernardo interrompeu o irmão. Gritava, quase.  
– E não foi só a mim que ele ameaçou, sabia? Falou de você, até de Anabel, com aquele ar de pombinha desgarrada. Ela que ousasse se meter....  
Mais uma vez, silêncio.  
– ...A diferença é que não quero pagar para ver. Ou melhor, não sou covarde...<sup>216</sup>

A participação de Bruno na conspiração é fundamental: ele prestou serviço militar; ou seja, sabe atirar. E, quando eles chegam ao sítio, é essa habilidade que o distingue:

*O coração gelou, a mão tremeu. Outra vez: um, dois, três... Pronto. O irmão deu um gemido, desabou na laje da varanda. Mais um tiro, o de misericórdia. Outro gemido. E mais nada.*<sup>217</sup>

Bruno e Bernardo estão se preparando para enterrar o corpo do irmão, quando ouvem *um barulho de motor*<sup>218</sup>. A presença inesperada de Anabel serve para distrair Bernardo:

*Por trás dos faróis acessos, a frente branca e arredondada do carro de Anabel. A irmã saltou, apontou para um dos pneus:  
– Bernardo...  
O irmão se virou, as mãos ainda sujas de sangue. Outro tiro cruzou o ar frio da serra. Bernardo caiu sem um som.  
Bruno largou a arma, respirou fundo.  
Anabel sorriu, os dentinhos brancos na noite escura.*<sup>219</sup>

A cena final mostra que a aliança fraterna pode ser realizada através dos elementos menos prováveis. Os irmãos “omissos” no gerenciamento dos negócios familiares (Bruno e Anabel) se aproveitaram da rixa entre os outros dois e, incentivando a ganância e o medo que eles sentiam

---

<sup>216</sup> SARAIVA, 2005: 449.

<sup>217</sup> SARAIVA, 2005: 450.

<sup>218</sup> SARAIVA, 2005: 450.

<sup>219</sup> SARAIVA, 2005: 450.



um pelo outro, conseguem criar uma situação em que o medo fraterno é utilizado contra os irmãos, contra aqueles que realmente estavam criando obstáculos.

A cumplicidade entre Bruno e Anabel, por outro lado, beira ao envolvimento sexual (mais um motivo para eliminar os irmãos).

#### 1.4 – Caim, Caim e o resto, de Mário de Andrade.<sup>220</sup>

*Caim, Caim e o resto* não perde tempo com sutilezas e revela a profundidade da ferida. Consequência do Modernismo, que na literatura procurou alcançar uma linguagem capaz de traduzir/transcrever os conflitos psicológicos e os fatos mais realistas (*a linguagem [é] parte integrante e ativa [da] realidade e não um mero ornamento*<sup>221</sup>), o conto *Caim, Caim e o resto* preserva o trocadilho fonético e descreve o mundo-cão. Sem muitas preocupações com o edulcorar dos relacionamentos fraternos, descreve as circunstâncias em que os irmãos Aldo e Tino entram em um processo ensandecido de destruição mútua. É difícil entender o porquê de tamanha agressividade.

Tudo começa em uma quermesse, quando os irmãos se encantam, ao mesmo tempo, com o “olhão de jabuticaba rachada” de uma “mulatinha esperta” chamada Flora.<sup>222</sup> Depois que a Flora foi devastada pelos olhares fraternos, as ações dos dois irmãos se voltam para apenas uma e exclusiva atividade:

*Lá estão os dois discutindo, ninguém sabe o porquê. De repente, tapas. E Tino não apanha mais que o outro, não pense, é duma perversidade inventiva extraordinária. O irmão acaba sempre sofrendo mais do que ele. Porém paciência se esgota um dia, e quando se esgotava era cada surra no irmão! Tino ficava com a cara vermelha de tanta bofetada. Um pouco tonto dos socos. Aldo porém tinha sempre uma mordida, uma alfinetada, coisa assim com perigo de arruinar.*<sup>223</sup>

O que assusta é o resultado de tamanho esforço: sangue e dor.

---

<sup>220</sup> ANDRADE, Mário de. *Caim, Caim e o resto*. In: \_\_\_\_\_. *Os melhores contos de Mário de Andrade* (Seleção de Telê Ancora Lopez). 5. ed. São Paulo: Global, 1988. p. 27-34.

<sup>221</sup> ABDALA JR., Benjamin; CAMPEDELLI, Samira Youssef. *Tempos da literatura brasileira*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2001. p. 198.

<sup>222</sup> Uma questão paralela, porém intrigante: por que Mário de Andrade escolheu o nome “Flora” para a personagem que deflagra o estopim de ódio entre os irmãos Aldo e Tino? Embora não haja uma resposta conclusiva para essa pergunta, impossível resistir às múltiplas alusões sobre as inúmeras “floras” disponíveis (amazônica, medicinal, vaginal) e se perder no vasto caudal de mistérios que envolve a literatura. Por outro lado, será que Mário de Andrade pretendeu estabelecer alguma forma de diálogo com o romance “Esaú e Jacó”, de Machado de Assis, onde a disputa pela personagem Flora separa os irmãos Pedro e Paulo?

<sup>223</sup> ANDRADE, 1988: 29-30.

*Mas, e o desespero, então? onde que leva? Reagiram contra o sentimento bom. Uma raiva do irmão... uma raiva iminente do irmão. Dali, iam só procurar o primeiro motivo e agora que tinham mais essa tristeza para descarregar, temos tapa na certa.*<sup>224</sup>

Em dado momento, superando as restrições éticas e sociais, o ódio se impõe e o mito bíblico de Caim e Abel é reatualizado: sem perceber que está entrando no inferno, Aldo aperta o pescoço do irmão até que ele (Aldo) sinta a ausência da vida. Simples assim. Sem remorsos, sem medo, como se não houvesse outra possibilidade.

Em seguida, como manda a normatização social, o assassino vai para a cadeia. A grande ironia da história é que Aldo, logo depois, é libertado por conta de um singular atenuante: o irmão morto havia lhe arrancado um dedo, a dentadas, durante a briga.

*O julgamento. Aldo saiu livre. Pra quê vale um dedo perdido? Caso de legítima defesa complicada com perturbação de sentidos, é lógico, art. 32, art. 27 § 4º... A medicina do advogadinho salvou o réu.*<sup>225</sup>

Contrariando (ou confirmando) o “estigma de Caim”,<sup>226</sup> Aldo um dia aparece morto. O assassino, marido de uma vizinha, alegou ter sido provocado pelo morto. O narrador faz um

---

<sup>224</sup> ANDRADE, 1988: 30.

<sup>225</sup> ANDRADE, 1988: 32.

<sup>226</sup> É interessante confrontar o texto bíblico com os comentários que surgem em uma das mais impressionantes discussões teológicas efetuadas no contexto da literatura. Em *Vidas amargas (A leste do Éden)*, os personagens Adam, Samuel e Lee estão conversando sobre o mito de Caim e Abel. Depois de lerem o texto bíblico:

– “Que fizestes?”, perguntou ele. “Do solo está clamando por mim a voz do sangue do teu irmão! Por isso, agora serás amaldiçoado pelo próprio solo que engoliu o sangue de teu irmão, que tu derramaste. Quando cultivares o solo, ele te negará seus frutos e tu virás a ser um fugitivo, vagueando sobre a terra”. Caim disse ao SENHOR: “Meu castigo é grande demais para que eu possa suportar. Se hoje me expulsas deste chão, devo esconder-me de ti, quando estiver fugindo e vagueando sobre a terra; quem me encontrar vai matar-me”. Mas o SENHOR lhe disse: “Por isso, se matarem Caim, ele será vingado sete vezes”. O SENHOR pôs então um sinal em Caim, para que ninguém, ao encontrá-lo, o matasse (Gn., 4: 10-16).

Os três homens concluem, como se fossem “doutores da lei”:

Adam interveio:

– Vocês dois estudaram o assunto, mas eu me limitei a absorvê-lo e não ficou muita coisa. Caim foi depois expulso por assassinato?

– Isso mesmo... por assassinato.

– E Deus marcou-o?

– Não prestou atenção? Caim ostentava a marca não para destruí-lo, mas para salvá-lo. E há uma maldição reservada para qualquer homem que matá-lo. Era uma marca de salvação.

– Não consigo superar a impressão de que Caim levou a pior nessa história – murmurou Adam.

– É possível – disse Samuel. – Mas Caim viveu e teve filhos, enquanto Abel vive apenas na história. Nós somos os filhos de Caim. E não é estranho que três homens adultos, neste século, tantos milhares de anos depois estejam discutindo esse crime, como se tivesse ocorrido ontem em King City e ainda não tivesse sido levado a julgamento?

(...) Lee disse:

– (...) É claro que as pessoas estão interessadas apenas em si mesmas. Se uma história não é a respeito do ouvinte, ele não escutará. E aqui faço uma regra... uma história grande e duradoura é sobre todos ou não vai sobreviver. O estranho não é interessante... apenas o que é essencialmente pessoal e familiar (STEINBECK, 1990: 261).

comentário irônico: *o criminoso estava com todos os dedos. Foi condenado a nem sei quantos anos de prisão*<sup>227</sup>.

---

<sup>227</sup> ANDRADE, 1988: 33.

### 1.5 – Por causa de um par de tênis branco, de Wander Pirolí.<sup>228</sup>

Neste conto, característico de um realismo mimético que, durante algum tempo (principalmente nos anos 70 e 80), se impôs como modelo literário, a narrativa se concentra em retratar da maneira mais crua (e cruel) possível a violência urbana.

*José Francisco chegou do serviço de noite e foi logo perguntando pelo irmão José Geraldo, com quem começara uma discussão de manhã cedo por causa de um par de tênis branco. Donana levantou-se do tamborete, encolhida, o rosto silencioso.*  
– *Quedê ele, mãe?*<sup>229</sup>

José Francisco está fora de si: *Filho de uma puta, filho de uma puta – voltou rosnando para a cozinha. – Eu acerto aquele filho da puta*<sup>230</sup>. Tomado pelo ódio, o único interesse de José Francisco é impedir que o irmão continue usando o par de tênis branco. Provavelmente, houvera anteriormente, outros confrontos, outros episódios em que a fraternidade foi colocada à prova.

José Francisco procura por José Geraldo no botequim do seu Deco: *Sim, o irmão havia passado por lá com o gaúcho, coisa de meia hora, se tanto*<sup>231</sup>.

O encontro acontece no parque: *De longe, José Francisco avistou o tênis nos pés do irmão*<sup>232</sup>.

– *Tire esse tênis – disse ele, aproximando-se.*  
– *Que é isso, irmãozinho!* – José Geraldo riu.  
– *Tira agora.*  
– *Está bem. – José Geraldo continuou rindo. – Quando chegar em casa eu tiro.*  
*José Francisco deu uma cabeçada no peito do irmão. Os dois se atracaram, rolaram na terra vermelha. Gaúcho interferiu na briga, segurando José Francisco. José Geraldo levantou-se do chão e enfiou um soco no meio da cara do irmão.*  
– *Isso é para você aprender a respeitar seu irmão mais velho.*  
*Gaúcho soltou José Francisco com um conselho: ficasse bonzinho e voltasse para casa. Cuspindo o sangue que escorria do nariz e da boca, José Francisco respondeu:*  
– *Vou espetar vocês dois. – E foi embora sem o seu tênis.*<sup>233</sup>

<sup>228</sup> PIROLI, Wander. *Por causa de um par de tênis branco*. In: \_\_\_\_\_. *É proibido comer a grama*. Belo Horizonte: Editora Leitura, 2006. P. 28-31.

<sup>229</sup> PIROLI, 2006: 29.

<sup>230</sup> PIROLI, 2006: 29.

<sup>231</sup> PIROLI, 2006: 29.

<sup>232</sup> PIROLI, 2006: 29.

Depois desse confronto físico, a situação se torna irreversível. Mesmo se José Geraldo devolvesse o calçado, José Francisco ainda procuraria uma forma de se vingar da humilhação que sofreu. Suas atitudes imediatas confirmam um enredo tantas vezes repetido nas estruturas fraternas:

*Sentada à mesa da cozinha, a velha mãe reparou de soslaio o filho entrar apressado, com a cara lambuzada de sangue, e sair logo em seguida ajeitando qualquer coisa na cintura, por dentro da camisa.*

*João Francisco não achou José Geraldo e Gaúcho no parque. Um amigo viu a cara sangrenta e quis saber o que acontecera. José Francisco entreabriu a camisa e mostrou o cabo da peixeira.*

*– Vou espetar o Zé e o Gaúcho.* <sup>234</sup>

Como se fosse o protagonista de uma história de duas mortes anunciadas, José Francisco volta a procurar pelos dois homens.

*José Geraldo e Gaúcho palestravam tão animadamente com duas moças no ponto final do ônibus que nem notaram a aproximação de José Francisco. Gaúcho foi o primeiro – um golpe fundo nas costas. E em seguida, como se fosse a continuação do mesmo e igual movimento, a peixeira encontrou o pescoço do irmão José Geraldo. As duas moças saíram gritando e correndo, apavoradas. Não viram José Francisco retirar o tênis dos pés do irmão caído na calçada (PIROLI, 2006:30-31).* <sup>235</sup>

---

<sup>233</sup> PIROLI, 2006: 29-30.

<sup>234</sup> PIROLI, 2006: 30.

<sup>235</sup> PIROLI, 2006: 30-31.

O encontro/desencontro entre irmãos nem sempre se efetua de forma tão bárbara ou explícita como as retratadas em *A gaiola de Faraday*, *Na estrada*, *Caim*, *Caim e o resto* e *Por causa de um par de tênis branco*. Em alguns casos, a dramaturgia fraterna se apresenta como elemento de transformação cultural, fruto da experiência humana. É a perda (fraterna, familiar, social), unida com a aproximação afetiva (fraterna, familiar, social), que permite identificar no Outro o que, em si, é falta. E assim, pelos caminhos tortuosos e torturantes da superação emocional, compete aos protagonistas da fraternidade, ou melhor, da saga familiar transformar a ausência em complemento, refreando o confronto, as demonstrações de força física, a brutalidade subjetiva, a exclusão, o ódio, o ciúme e todos os outros tipos de violência. É o momento humano da identificação – onde o desejo não é falta ou encontro, mas o resultado de uma situação particular, única, bilateral – que permite a construção de um paradigma fraterno.

Para que a fraternidade se revele mais do que um fardo, mais do que um prenúncio crescente da violência, mais do que uma arenga vazia, ultrapassando a fase em que é um projeto utópico, necessário se faz ignorar alguns dos arquétipos ancestrais de legitimação do discurso social. Somente assim haverá espaço para a experiência, para o novo e para o reciclar das emoções: compreender que a diferença não é uma forma de agressão – a diferença é acréscimo.

## 1.6 – À margem da linha, de Paulo Rodrigues.<sup>236</sup>

Os dois irmãos adolescentes (o narrador e o Mano) estão caminhando pelos trilhos do trem, depois de terem fugido de casa para procurar pelo pai desaparecido. Os dois meninos fazem desse percurso insensato um ritual de passagem: o mundo repartido entre o antes e o depois.

*Se eu perguntasse ao Mano para onde a gente ia, para que lugar, para encontrar o quê, ele por certo me diria que os trilhos sempre levam as gentes para a mesma parte, e que todos que seguem por eles acabam se encontrando de qualquer modo. Mas eu já aprendera os seus códigos e decifrava-os prontamente, mesmo quando ele usava esse jeito tão confuso de se expressar. Porém, eu nunca perguntava quase nada. De costume, o meu falar se limitava a poucos e inevitáveis monossílabos (para que falar, se o Mano, à sua maneira, falava por ele e por mim?). Mesmo porque uma pergunta como essa, supérflua e inoportuna, devia com certeza ser evitada, pois fosse qual fosse a resposta dele eu já sabia de antemão aquilo que seus olhos nunca me esconderam: a gente seguia ao encontro do pai.*

*Ele mal conhecia o pai mas, embora a mãe só falasse desse tempo muito pouco e de má cara, o Mano devia ter idéias muito claras sobre o que fazer quando a gente o encontrasse.*

*Era-me impossível entender que vantagem ele via nesse encontro. O que me fazia acreditar que sempre valeria a pena era a total confiança que eu tinha no discernimento do Mano.<sup>237</sup>*

Construído como um *Bildungsroman*,<sup>238</sup> repleto de imagens sensíveis e procurando atenuar até o último instante o conflito, *À margem da linha* consagra uma das formas em que o crescimento emocional, histórico e temporal dos personagens deságua em atos que constituem a maturidade: a transformação dos meninos em homens ocorre na ocasião em que eles compreendem o significado da responsabilidade e da honestidade – e, por extensão, do quanto esse entendimento afeta (afetará) as suas vidas.

Dito de outra forma, é a percepção intelectual dos dois personagens – caminhando pela retidão dos trilhos da linha férrea –, diante das adversidades e do convívio fraterno, que resultará na consciência de que o ato de romper com condições preestabelecidas por outrem celebra o sempre necessário instante de engrandecimento humano em que o embate das idéias supera o

<sup>236</sup> RODRIGUES, Paulo. *À margem da linha*. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.

<sup>237</sup> RODRIGUES, 2001: 8-9.

<sup>238</sup> Para uma conceituação teórica de *Bildungsroman*, além de alguns exemplos históricos, ver: MAAS, Wilma Patrícia Marzari Dinardo. *O cânone mínimo: o bildungsroman na história da literatura*. São Paulo: Unesp, 2000.



medo. Por isso, o pai desaparecido, mais do que uma estrutura balizadora, mais do que um porto distante a ser alcançado depois de longa viagem, é a garantia de que há um sentido para a caminhada empreendida pelos dois irmãos.

*Eu nunca extraíra da palavra pai um exato sentido, mas é certo que ela mexia comigo de maneira incômoda. Eu não conseguia entender como é que ela conseguia ganhar, na boca de outros meninos, um significado estranho, quase místico. Que mais poderia ser o pai, além daquele vulto assobiando na noite, arrancando telhas e batendo portas e janelas? Que mais poderia ser, além daquele arrepio de medo que trespassava as fibras gastas do cobertor quando envolvia a casa num prenúncio de temporal? Que mais poderia ser o pai? Por que essa palavra se abatia sobre mim, pesada como um insulto, ao ganhar um corpo físico na boca de outros meninos? Por que, quando me forçavam a assistir a missa, na cantilena chata do padre eu só conseguia perceber a palavra mil vezes repetida: Pai... Pai... Pai... que, dita daquela forma tão confusa e poderosa, fazia com que eu me contorcesse, como se um réptil me ferisse as entranhas?* <sup>239</sup>

A necessidade de estabelecer um sentido e um corpo para a figura do pai é o que une os dois irmãos nessa viagem insólita. O Pai, ou a sua representação, é uma necessidade, uma motivação, um acerto de contas entre aqueles que foram abandonados – e que querem encontrar quem os abandonou, para poderem ser reconhecidos como filhos – e aquele que abandonou os filhos - e que, com o seu desaparecimento, evita ser encontrado.

O irmão mais novo é, simultaneamente, o narrador do texto. Três ou quatro anos mais moço do que o Mano, desde as primeiras linhas de seu relato prepara o leitor para um desfecho surpreendente: embora ele, assim como o Mano, esteja procurando por uma identidade familiar (momentaneamente amputada pela ausência paterna), seu propósito maior é outro: a liberdade. E essa condição – um ato dramático preliminar à estética da coragem – somente será possível através da ruptura com o irmão mais velho (que, em última análise, significa a ruptura definitiva com o pai).

Esse desfecho – que tangencia o trágico, pois identifica o instante em que a viagem se transforma em confronto – está pontuado por uma contradição muito especial: em nenhum momento o narrador postula violar a estrutura da autoridade patriarcal (os direitos da paternidade e da primogenitura não estão em discussão: o menino nem mesmo sonha alterar o propósito maior da aventura fraterna, ao longo dos trilhos: ele também deseja encontrar o pai.) O irmão mais novo, quando rompe com o Mano, quer um caminho outro que não seja aquele que eles estão percorrendo:

---

<sup>239</sup> RODRIGUES, 2001: 25.

*Foi mesmo uma emoção muito forte contrariá-lo assim desse modo decidido. Andávamos calados como sempre, ele um pouco mais à frente, os olhos pregados no horizonte, certo de que eu viria logo atrás. Foi quando num rompante, e não sei o quanto isso me custou, vendo chegar o desvio eu não pude evitar o grito: Vamos seguir por aqui, Mano!*

*O Mano quase perdeu o passo, mas mantendo a custo o equilíbrio fez que não escutou.*

*– Vamos mudar de rumo, Mano! – eu tornei a gritar. Mas dessa vez ele não se conteve. Os ombros sacudidos por uma raiva surda, ele falou mastigado, sem voltar o rosto:*

*– Cala a boca, guri, a gente vai sempre em frente.*

*Eu podia sentir no tremor do pano da camisa o esforço que ele fazia para segurar a indignação, como se segurasse um potro selvagem prestes a escoicear. Mas se o Mano estava indignado com a minha petulância, eu era invadido por uma emoção nova, uma espécie de orgulho pela audácia de interpelá-lo daquele modo. E foi levado por essa emoção que eu esqueci do respeito que lhe devia e prossegui:*

*– Que é que tem de errado num desvio, Mano? É um caminho tão bonito quanto o outro. Talvez mais. Quem te disse que não foi por ele que o pai se perdeu um dia? Ao que ele grunhiu encolerizado:*

*– Só existe um caminho.*

*Mas aí fui eu quem perdeu o controle, e sem pensar nas conseqüências, nem medir a cólera do Mano, já fui enveredando pela variante e gritei:*

*– Tá certo, Mano. S'ocê não vai, eu vou!* <sup>240</sup>

O que motiva o ato de rebeldia do irmão mais novo, mesmo que ele não tenha consciência disso, é a procura por um novo posicionamento político e familiar nas relações fraternas: quer que o irmão mais velho aceite que a autoridade (advinda da experiência e/ou da progenitura) não constitui infalibilidade. Ficar preso ao sempre seguir em frente é negar a amplidão espacial do horizonte. Diante de uma epifania, o menino percebe que restringir-se ao caminho demarcado pelos mapas do medo é uma forma de não querer encontrar o pai.

*(...) o respeito que eu tinha por ele era maior do que a minha euforia, e foi por isso que eu, mantendo uma calma aparente, engoli esse desabafo certamente injusto e apenas lhe disse:*

*Chegou a hora de cada um seguir seu próprio caminho. Não agüento mais seguir em frente, Mano. Vou me embrenhar no primeiro desvio.*

*Eu falei sem encará-lo, mas podia sentir no seu pesado silêncio uma grande estupefação.*

*Mas o Mano tinha uma intuição mais aguçada, e já devia vir preparando o espírito para um choque violento, pois foi com voz serena que ele me respondeu:*

*– Se é assim que você quer... Eu continuo sempre em frente, ao encontro do pai!*

*Nos encaramos pela primeira vez. Os olhos dele, ao contrário dos meus, estavam secos.*

*Eu pude avaliar o drama que ele vivia, perdendo comigo sua mola propulsora. Onde ele buscaria agora o impulso para seguir adiante? Mas eu sabia que nem isso e nem nada o faria mudar de rumo. Ele seguiria sempre em frente, ao longo da linha-tronco, para o leste, que era o extremo daqueles cafundós. Com suas pernas tortas, o olhar baixo, o Mano seguiria o caminho dos trilhos, irremediavelmente preso nos limites da ferrovia. (Ah, se eu possuísse o dom de dizer as coisas que ele precisava ouvir, sem tocar suas feridas, sem arranhar seu orgulho, eu gostaria de abraçá-lo fortemente, de convencê-lo a inverter os papéis e voltar comigo. Embora a essa altura eu mesmo já soubesse que*

---

<sup>240</sup> RODRIGUES, 2001: 84-85.

*não bastava girar o corpo e retroceder sobre o próprio passo, mas que era preciso se embrenhar corajosamente por todos os desvios até encontrar o verdadeiro caminho de volta).*<sup>241</sup>

Bastava ao Mano dizer que iria pensar nessa alternativa. Bastava isso. No entanto, escolher um caminho ou tomar uma decisão nunca é um ato simples, que pode ser assumido sem maiores conseqüências. Escolher envolve complicações de diversas naturezas e níveis; e, neste caso, arcar com todas as conseqüências do alterar o propósito utópico inicial, que é “encontrar o pai”.

Embora os dois meninos saibam que, em diversos momentos, a procura será interrompida:

*Me vendo lúcido de novo, antes que eu lhe cobrasse a razão do sumiço, ou fizesse qualquer outra pergunta desnecessária, com um meneio lânguido ele me mostrou a moça que se afastava. De costas, alisando a saia com as palmas da mão, me pareceu que ela voltava contente para o povoado.*

*– Mulher é uma precisão. Pena a gente não poder carregar no embornal – acompanhou a frase de um gesto malicioso, não condizente com seu comportamento habitual, tampouco com seu jeito sempre moderado de falar comigo.*<sup>242</sup>

Eles também sabem que a viagem implica em enfrentar inúmeras complicações humanas, que se manifestarão com violência e intensidade, revelando figuras humanas que somente podem pertencer ao inimigo:

*Numa tarde em que eu e o Mano garimpávamos cacos coloridos, nos arredores da pedreira, um tumulto defronte a uma vendinha chamou nossa atenção. Um negro de meia-idade havia furtado de um sarará um filão de pão. Aos gritos de “Pega ladrão!”, pedreiros que faziam ponto por ali agarraram o pobre. O negro argumentava que estava desempregado, tinha filhos passando fome e roubara por desespero. O sarará contra-argumentava indignado que também vivia o mesmo drama, e que nem por isso se tornara ladrão. Fabricava e vendia pães para sobreviver. Os pedreiros se dividiam: metade queria surrar o “negro safado”, a outra metade, compadecida do negro, taxava o padeiro de sovina, cruel e insensível.*<sup>243</sup>

Mas, nada disso – na análise do Mano – é motivo para alterar o percurso. Nada é suficientemente forte para impedir o encontro com Pai: o Mano está convicto de que seguir em frente, através dos trilhos, é a forma mais eficaz de encontrar o pai.

Além disso, há, grosso modo, três posicionamentos fundamentais e que estão escondidos no discurso, muitas vezes confuso, dos dois irmãos:

---

<sup>241</sup> RODRIGUES, 2001: 108-109.

<sup>242</sup> RODRIGUES, 2001: 46-47.

<sup>243</sup> RODRIGUES, 2001: 77-78

1. Para o irmão mais velho é doloroso aceitar que a sua experiência de vida nada vale diante da inteligência do irmão mais novo;
2. A promessa de um dia encontrar o pai não é motivo suficiente para segurar, junto do irmão mais velho, o irmão mais novo;<sup>244</sup>
3. Para o irmão mais novo, o fato de não possuir a primogenitura não o impede de buscar o esclarecimento e a discussão – ele sabe que a separação fraterna é inevitável, mas também está consciente de que é essa dolorosa separação que edificará a fraternidade.

*Nos despedimos sem um abraço, nem mesmo um aperto de mão. O meu coração estava oprimido, e eu imagino que o dele ainda mais do que o meu. Mano, Mano, meu querido Mano. Eu fiquei acompanhando seu grotesco saltitar sobre os dormentes até ele sumir na primeira curva. Que doloroso vê-lo seguir encurvado, os ombros sacudidos por tremores compassados pelo baque dos pés sobre os dormentes. Seria possível que ele soluçasse? Diante dessa possibilidade, eu tomei súbita consciência da dimensão daquele momento. De repente nós, os companheiros inseparáveis, o mestre e o pupilo, ou melhor, o mestre e sua testemunha, caminharíamos irremediavelmente sós, cada um diante de si mesmo, pelo deserto de nossa existência.*<sup>245</sup>

É a possibilidade do distanciamento físico e geográfico que une – e separa – os dois irmãos, traçando uma linha divisória entre o passado comum e o futuro projetado, entre a lucidez e a ruptura fraterna.

A história, contada pelo narrador, mais do que um momento de rememoração familiar é um ato traumático, um relato de violência que não mais pode ser silenciado: escrever é tornar público que a ilusão precisa morrer para que surja algo mais profundo.

---

<sup>244</sup> Esse discurso aparece, como um efeito especular, mas imerso nas contradições que o compõem, logo depois que os dois irmãos saíram de casa. O narrador, em um momento que o irmão mais velho se ausenta, pergunta: *Que apelo irresistível arrebatou o Mano de suas inabaláveis convicções, fazendo-o trocar a mim e a todos os seus planos por uma companhia fortuita? “O quê, Mano, me diga!” – era o grito aprisionado no meu peito. Era a inquietação, o desconsolo; era uma confusão esse meu grito surdo. “Que força é essa que te fez esqueceras tantas coisas sonhadas por nós: o encontro com o pai, a vida nova... a promessa de que haveríamos de ficar sempre juntos?* (RODRIGUES, 2001: 44). Sem obter respostas para os seus questionamentos, nada mais restará ao narrador, em tempo futuro, senão romper com o Mano.

<sup>245</sup> RODRIGUES, 2001: 109-110.

### 1.7 – Duas tardes, de João Anzanello Carrascoza.<sup>246</sup>

Depois de muitos anos de separação, os dois irmãos se reencontram, no início de uma tarde: *Lá fora, a cidade vibrava sob o sol, um redemoinho agitava a terra vermelha; na cozinha, os dois se abraçaram.*<sup>247</sup>

Como é característico da literatura de Carrascoza, esse conto procura retratar um instante de aparentes águas mansas. Enquanto Pedro é o cozinheiro de um restaurante, Antônio exerce a profissão de vendedor de ferragens.

*De pé, o cozinheiro olhou furtivamente para o irmão. Podia ler em seu silêncio a escrita das perdas. Haviam aprendido juntos a decifrá-la, desde cedo conheciam a sua gramática.*<sup>248</sup>

Mais do que um momento que reafirma a educação sentimental que margeia a fraternidade, em que as diferenças são confrontadas com o tempo pretérito, a narrativa procura refazer o passado, de uma maneira minimalista, conjugando silêncios, interstícios e catástrofes privadas. Conjugando uma “gramática das perdas”, os personagens quase não falam entre si ou sobre a vida que compartilharam outrora. Eles parecem não ter muito a dizer, a vida comum apagada pela distância, o afeto substituído pelo gesto afável.

As lembranças e as palavras sugerem uma ausência que não cumpre com a tarefa de erguer uma conexão que seja capaz de unir os dois irmãos: *Pedro surpreendeu-se não por ser descoberto naqueles confins, mas porque via no irmão seu próprio retrato quando jovem.*<sup>249</sup>

Pedro serve uma refeição para o irmão, que a devora com voracidade, como se cada garfada desse “repartir o pão” metafórico fosse uma forma de restabelecer o que desconhece ter perdido. Pedro o observa com interesse, como que a avaliar os próximos acontecimentos, talvez descobrir o porque desse reencontro tardio.

---

<sup>246</sup> CARRASCOZA, João Anzanello. *Duas tardes*. In: \_\_\_\_\_. *Duas tardes e outros encontros silenciosos*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002. p. 41-52.

<sup>247</sup> CARRASCOZA, 2002: 43.

<sup>248</sup> CARRASCOZA, 2002: 45.

<sup>249</sup> CARRASCOZA, 2002: 43.

*O cozinheiro se sentou. O irmão se pôs a comer vorazmente, um naco de pão a cada duas garfadas de comida.*

*(...)*

*O cozinheiro descansou os braços no mármore frio, inclinou-se para frente, aproximou-se do irmão que raspava o prato.*

*– Está bom?*

*– Bom demais. Você se superou.*

*– Que nada!*

*– Lembro do primeiro almoço que o mano fez.*

*– Queimou tudo.*

*– Nem os porcos quiseram.*

*Riram, cúmplices.*

*– Alguém tinha de fazer a comida.*

*– Quem diria que você ia virar um cozinheiro de mão-cheia...*

*– Quer mais um pouco?*

*– Não, obrigado – disse Antônio.*

*– Deixe de cerimônia – disse Pedro.*

*Levantou-se, renovou o prato do irmão e o levou ao forno. O outro media seus movimentos, os olhos verdes cor de garrafa brilhavam, longe.<sup>250</sup>*

Não há o que descobrir, não há segundas ou terceiras intenções. É um momento na vida de dois irmãos que a vida separou. Apenas isso. Mas, resulta pouco produtivo aceitar essa premissa como verdadeira, pois a simplicidade costuma ser confundida com a dissimulação ou com a falta de criatividade.

De qualquer forma, a ação narrativa do conto está circunscrita ao registro de um diálogo ralo, quase banal, entre os dois irmãos. Em cada frase trocada entre Pedro e Antônio há uma inquietação imprecisa, um hiato cheio de fragilidade, algo impreciso que está além das substâncias que constituem a matéria humana – provavelmente um sentimento similar à saudade – que camuflado de saudade, tenta negar que é saudade, mas que nenhum dos dois personagens quer negar. Talvez seja mais do que isso, talvez seja um sinal claro de que a noção de perda está associada com o que os une. Uma perda imprecisa, de difícil entendimento, dessas que somente são possíveis *entre pessoas solitárias que, separadas pelo silêncio e pela rotina, subitamente se encontram*.<sup>251</sup> Para tentar camuflar essa lacuna, os irmãos trocam informações pouco específicas sobre a família de cada um deles, tentando administrar uma camaradagem que beira a aflição e o medo – embora esteja pontuada por reminiscências:

---

<sup>250</sup> CARRASCOZA, 2002: 50-51.

<sup>251</sup> OLIVEIRA, Nelson. *Aumente o volume do silêncio* (Posfácil). In: CARRASCOZA, João Anzanello. *O volume do silêncio*. (seleção e posfácio de Nelson de Oliveira). São Paulo: Cosac Naify, 2006. p. 208.

*Podiam ouvir um a respiração do outro, os braços quase se tocavam, como nas noites chuvosas da infância, quando encostavam as camas e rezavam baixinho para seus anjos da guarda.*<sup>252</sup>

Poeticamente, a conversa (como resultado de um quase imperceptível movimento tangencial) desloca-se do preenchimento de vazios biográficos para o resgate das lembranças comuns e que estão perdidas no tempo, mas que constituem um elo fraterno indissolúvel: muitos anos antes, em uma tarde igual a tantas outras, Pedro, na beira do rio, ensina Antônio a pescar. De repente, quando o alforje estava cheio, a chuva. Uma tempestade. Os dois meninos voltam correndo para casa.

*Meteram-se pela vereda, assustados, Antônio com as varas, Pedro com os peixes a pulular no alforje. O rio margeando-os, como se eles rio e o rio meninos. Quando chegaram, as águas haviam arrastado quase tudo: as cercas, as tábuas do chiqueiro, as paredes da casa...*<sup>253</sup>

Tempestades repentinas destruíram a proximidade física e emocional entre os irmãos: assim como os destroços da casa vão sendo arrastados pelas águas caudalosas do rio, os irmãos também se afastaram um do outro – perdendo, ao longo da vida, a referência familiar.

Relembrar a pescaria – prazer e alimento – é uma epifania, uma travessia emocional sublime, uma viagem sentimental em que a distância afetiva sofre razoável redução: uma faísca que precipita a combustão necessária para que os dois irmãos possam reconstruir – naquele momento, antes que seja tarde – laços mais sólidos do que as lembranças que constituem a primeira tarde.

*Lá fora o vento levantou uma nuvem grossa de poeira. Pelas frestas da janela, viu o sol no horizonte ensangüentado. Apanhou a maleta, abraçou timidamente Pedro e partiu às pressas. Sem que nada mais pudessem dizer um ao outro. O cozinheiro recolheu o prato e o copo e os colocou na pia. Debruçou-se à janela e observou lá fora, os olhos borrados pelo céu em tumulto, o irmão seguindo para a estação ferroviária, como um menino rumo ao rio.*<sup>254</sup>

O que une Pedro e Antônio são os desencontros afetivos e a inutilidade das palavras como meio de unificação fraterna: *não se trata do silêncio mudo, da ausência de som típica da*

---

<sup>252</sup> CARRASCOZA, 2002: 50.

<sup>253</sup> CARRASCOZA, 2002: 43.

<sup>254</sup> CARRASCOZA, 2002: 52.

*depressão ou do vácuo. Trata-se do silêncio eloqüente que reveste o mistério de que somos feitos.*<sup>255</sup>

---

<sup>255</sup> OLIVEIRA, 2006: 210.



### 1.8 – O retrato na gaveta, de Otto Lara Resende.<sup>256</sup>

O conto *O retrato na gaveta* relata o instante em que um hiato de vinte e três anos é interrompido: o encontro entre os irmãos Joaquim e Leonardo.

Joaquim, em viagem à cidade em que mora o irmão, resolve visitá-lo sem avisar antes.

As diferenças entre um e outro são estabelecidas imediatamente: enquanto “Quincas” conseguiu estabelecer um patrimônio e uma família (cinco filhos), “Léo” é o protótipo do desajustado, que vive fugindo de alguma coisa escusa, sem substância.

*O telefone começou a tocar, mas nenhum dos dois fez menção de atendê-lo. Parou e recomeçou.*

*– Você não atende? – Joaquim perguntou.*

*– É algum chato. Ou um vigarista – disse Leonardo, enchendo o seu copo e depois o de Joaquim. Cinco, seis, sete vezes, o telefone recomeçou a tocar.<sup>257</sup>*

No princípio, o encontro parece ser constituído pelo constrangimento e pela negação familiar (sobras de uma guerra distante, perdida no tempo, presente na memória de cada um deles). Depois, evolui – junto com o índice alcoólico dos personagens: uma garrafa de uísque escocês ajuda a destravar as línguas e os sentimentos.

*– A família sumiu – disse Joaquim, de volta à poltrona, observando o volume da barriga de Leonardo.*

*– Família é pai e mãe e só até certa idade.*

*– E irmão – disse Joaquim, sorrindo forçado.<sup>258</sup>*

Em dado momento, Joaquim interrompe as amenidades e revela o motivo da visita ao irmão, pede para ver uma fotografia de família: *aquele retrato de nós juntos*.<sup>259</sup> Leonardo salta por cima da cama desarrumada e pega o porta-retrato na gaveta da mesa de cabeceira.

---

<sup>256</sup> RESENDE, Otto Lara. *O retrato na gaveta*. In: \_\_\_\_\_. *O elo partido e outras histórias*. São Paulo: Ática, 1992. p. 27-34. .

<sup>257</sup> RESENDE, 1992: 31.

<sup>258</sup> RESENDE, 1992: 30.

<sup>259</sup> RESENDE, 1992: 30.

As três pessoas que estão na fotografia nunca mais vão se reunir. A morte do pai resultou na separação dos filhos, esses mesmos que agora, através de uma imagem pouco nítida, olham para a história comum que se perdeu:

*– Desse não me lembro – disse Joaquim, limpando a boca com o lenço. – Que lugar é esse?*

*– Não está vendo este troço aqui? Na fazenda – disse Leonardo. – Mas veja bem a cara do velho – e espetou com força o dedo em cima do vidro.*

*Joaquim pegou o porta-retrato e olhou-o de perto. Leonardo retomou-o, como se fizesse questão que os dois o examinassem ao mesmo tempo. Imóveis, Joaquim e Leonardo ficaram de olhos fixos no retrato pouco nítido.*

*– Coitado do velho – disse Joaquim.*

*– Velhos somos nós hoje. Mais velhos do que ele – disse Leonardo, evitando se olhar no espelho.*

*– Morreu cedo. Agora é que a gente vê – disse Joaquim.*

*– Quis assim – murmurou Leonardo e atirou o porta-retrato em cima da cama.<sup>260</sup>*

O telefone toca mais algumas vezes, os irmãos bebem um pouco mais, diminuem as distâncias aflitivas – embora, quando falam sobre a vida pessoal, a quase totalidade das informações se refere apenas à família de Joaquim ou ao passado familiar e cada vez mais distante; Leonardo constrói silêncio em torno de sua vida pessoal.

O tempo passa, eliminando espasmos de angústia, saudades que vão desaparecendo lentamente com a tarde: o cenário pesado, que emoldura o passado, evolui para uma forma mais leve, mais sutil, como se a infância compartilhada pelos irmãos estivesse próxima, quase ao alcance da mão.

A narrativa termina com Quincas e Léo completamente bêbados. Essa “comunhão” resulta em um clima de brincadeira, de diversão; cada um dos irmãos recuperando um pouco daquilo que o tempo e as distâncias físicas e emocionais suprimiram; cada um dos irmãos gostando um pouco mais um do outro.

*Sempre rindo, Leonardo teve dificuldades para fechar a janela empenada. Joaquim quis ajudar, mas não tirava as mãos da barriga. E também não parava de rir. Leonardo, tossindo e rindo, rindo e tossindo, pegou no escuro a garrafa de uísque e o copo. Joaquim tropeçava às cegas pela sala em desordem e não conseguia encontrar o banco para se sentar. Depois de cair pesadamente na poltrona, Leonardo começou a encher o cálice. Sua mão tremia e o uísque lhe respingava nos pés descalços. Tilintando o copo contra a garrafa, tentou em vão alcançar Joaquim. Um e outro riam sem parar – e no mesmo timbre de antigamente.*

---

<sup>260</sup> RESENDE, 1992: 30-31.

## 1. 9 – O segundo tempo, de Michel Laub.<sup>261</sup>

*Aos quinze anos você tem braços e pernas, o futuro se abre em infinitas possibilidades para quem sabe o que quer, mesmo que seja algo simples como abandonar o irmão. Mesmo que seja algo fácil, e você faz isso num piscar de olhos, como esquecer que o irmão nunca vai perdô-lo. Que ele nunca deixará de ver você como agora você vê o seu pai.*<sup>262</sup>

O narrador (inominado) do romance *O segundo tempo* encontra em um jogo de futebol, o “Gre-Nal do século” (Grêmio 1 x Internacional 2, Porto Alegre, domingo, 12 de fevereiro de 1989), uma significativa metáfora para expressar os diversos elementos que compõem a crise que deságua no próprio ritual de passagem.

É nesse dia, ao final do jogo, que o narrador deve revelar para o irmão, Bruno, onze anos, que o casamento dos pais está em colapso.

*Porque não foi somente o pai que tomou a sua decisão. Eu também precisaria tomar, na arquibancada do Beira-Rio eu deveria ter essa consciência. Na segunda-feira anterior ao jogo ele disse que estava de saída para mais uma viagem. Foi na segunda à tarde, e ninguém estranhou o horário incomum. Ele me pediu que o ajudasse na garagem, era preciso tirar uma mala de ferramentas do porta-malas ou coisa do gênero, e quando entramos no elevador o tom de voz dele já era outro. Eu o acompanhei até o carro, ele terminou de me dar a notícia sentado, eu ao seu lado no banco da frente, você já está crescendo para saber.*<sup>263</sup>

Apesar de ter apenas 15 anos, o narrador precisa relatar para o irmão de 11 anos a triste história que envolve a família deles: naquele instante, o pai está conversando com a mãe, dizendo a ela que está saindo de casa, que vai morar com a amante – que está grávida. Além disso, o novo casal vai se mudar para Goiânia. A separação não será apenas emocional.

Mas, antes que a verdade surja como uma arma cruel, dessas que machucam profundamente, os irmãos precisam vencer outras barreiras, outros jogos.

*Desde muito cedo aprendi a fazer com que Bruno acreditasse em mim. Ninguém precisa ser gênio para conseguir isso de uma criança. Basta ser o único amigo que ele tem,*

---

<sup>261</sup> LAUB, Michel. *O segundo tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

<sup>262</sup> LAUB, 2006: 83.

<sup>263</sup> LAUB, 2006: 34.

*aquele que o protege e ensina, acolhe e garante, orienta e dá confiança, e seu irmão será capaz de rastejar ou se jogar da janela por você. ele engolirá qualquer coisa que você diga, mesmo que suas explicações sejam as mais bizarras, que tenham relação com uma fuga e um abandono no fim das contas inevitável. Se eu nunca precisei contar que o pai tinha motivos para ir embora, que no fundo eu entendia a atitude dele, e não era possível que eu não tivesse entendido ao longo de tanto tempo, então naquele domingo não seria diferente. Eu não tinha necessidade de prestar contas a Bruno, dizer que não fui eu que fiz a mãe tomar um vidro de remédios, não fui eu que fiz o pai deixar de gostar dela, passar a ver nela e nos filhos o obstáculo para a nova vida.*<sup>264</sup>

A força da relação fraterna vai se delineando na medida em que a narrativa se desenvolve. Esse trajeto vai sendo percorrido com uma linguagem tranqüila, sem efetuar barganhas com a emoção, acrescentando tranqüilamente os detalhes:

*Na década de 80, o centro não era muito diferente de agora. As lotéricas penduravam cartazes de zebras, os cinemas exibiam kung fu e pornô. O mercado era um pavilhão de sonâmbulos, fomos lá comprar peixe e temperos para o minimercado. Nós pusemos tudo na Kombi, uma das lanchonetes servia café de bule. Assim que sentamos, e o pai iniciou um concerto de goles barulhentos, como se estivéssemos em casa e aquela fosse uma manhã como qualquer outra, nesse momento a convidada dele chegou. O nome dela era Juliana. Era magra e tirou um pacote da bolsa, um boneco de comandos, seu pai disse que você gosta de desenho animado. Ele passa a tarde vendo isso, o pai respondeu, o que não era verdade. Eu também lia gibis, jogava botão, Bruno era pequeno e eu ajudava a cuidar dele. Juliana tinha um perfume doce, baunilha ou cacau. Eu sentia à distância: ela sentou ao lado do pai, de frente para mim.*<sup>265</sup>

O surgimento da “Outra”, da substituta da mãe, acontece sem grandes alardes, sem traumas, quase como um fato corriqueiro, um encontro entre velhos conhecidos. Provavelmente porque a dimensão cruel dessa situação já havia sido diluída anteriormente:

*Bruno talvez não tivesse nenhuma lembrança, mas a verdade é que a sombra desse passado ficou. Dava para senti-la a cada noite em que o pai chegava das viagens, em que a mãe o recebia com o forno ligado, o prato já na mesa. O pai a cumprimentava até que com boa vontade. Ela contava o dia. Primeiro era um comentário sobre o apartamento, a quantidade de pó acumulado, uma pessoa sozinha não dá conta de tudo, seria bom se alguém se desse ao trabalho de pendurar a roupa no cabide. Eu podia ver o pai sendo anestesiado, as considerações dela mudando de tom, e a memória daqueles diálogos é a de um murmúrio dando lugar a um desconforto, o humor dele se avinagrando a ponto de não tolerar nem mais uma queixa, seria bom se você prestasse mais atenção na casa, ficasse um pouco mais em casa, ao menos fingisse que tem alguma vontade de ficar em casa – eu podia sentir a impaciência no ar, ele chegava a tremer o pescoço ao se sujeitar a uma simples resposta.*<sup>266</sup>

---

<sup>264</sup> LAUB, 2006: 82-83.

<sup>265</sup> LAUB, 2006: 26.

<sup>266</sup> LAUB, 2006: 37.

As tensões se apresentam em um crescente, a atitude da mãe está ligada a uma doença, uma incompatibilidade com o mundo que a rodeia:

*(...) não foi apenas uma vez que ela disse que precisava de ajuda. Ninguém percebe o que acontece comigo. Ninguém percebe que sou assim desde que me conheço. É só você que sabe, ela dizia: ninguém percebe que não estou mais agüentando.*<sup>267</sup>

O desfecho desse mal-estar não é diferente de tantas outras histórias similares:

*A doença da mãe tem uma infinidade de formas e tratamentos – e nenhuma razão conhecida. Saber disso hoje, quando já tive oportunidade de estudá-la a fundo, é rápido e cômodo. É adulto, digamos assim. Mas era diferente quando ela se recuperava pela primeira vez. Eu a visitei no hospital com uma caixa de bombons que o pai pôs na minha mão. O quarto tinha um sofá onde ele dormiu nas primeiras noites. A mãe vestia pijama, parecia sonolenta, disse que estava feliz em me ver.*

*Depois é que o aprendizado começou, no longo período de convalescença. Primeiro é uma palavra que não pode ser dita, ninguém em casa falava em pilulas, comprimidos, remédios. Ninguém jamais mencionou a estranheza que deve ter sido ver um copo d'água ao lado da cama da mãe, com a marca dos lábios em sua borda – um copo pela metade, que ficou ali até o dia seguinte, quase até a volta dela do hospital.*<sup>268</sup>

A tentativa de suicídio da mãe resulta em graves conseqüências familiares. O copo jogado na parede, mais do que uma declaração passivo-agressiva de desconforto com a situação, caracteriza o corpo familiar fragmentado.

*É difícil aceitar que o pai tenha feito isso como parte de um programa educativo, eu aos poucos tomando ciência do problema, criando a casca que me faria entender todos os ângulos da situação. Eu juntaria as evidências em relação a Juliana, à chantagem da mãe, à perfídia dela em usar os próprios filhos e a própria vida como moeda de troca, e disso concluiria que o pai também era uma vítima. É natural que você se identifique com quem está acuado dessa forma. Você instintivamente fica ao lado de quem reage dessa forma. Com quem agüenta por tanto tempo antes de se rebelar dessa forma: a única defesa dele durante as brigas era pegar um copo, havia uma pilha de louça sobre a bancada, e toda a força que ele tinha se concentrava naquele arremesso.*

*O barulho do vidro se espatifando era como uma libertação, e eu deveria entender que aquele era o último recurso. Eu deveria me pôr no lugar do pai, me perguntar se faria o mesmo caso estivesse ali, ele diante da mãe, a um passo de fazer o que precisa ser feito. Ela insinua que a escolha é toda dele. Que ele será o responsável por uma tragédia. Que o futuro de duas crianças depende dele, e para quem está olhando de longe é apenas um passo agora. Um centímetro antes de ele tomar a atitude que se espera. Um gesto somente, e ela então vai ter o que merece. Uma pessoa assim sempre pede, sempre acaba tendo o que merece.*<sup>269</sup>

---

<sup>267</sup> LAUB, 2006: 38.

<sup>268</sup> LAUB, 2006: 43-44.

<sup>269</sup> LAUB, 2006: 59-60.

São esses os elementos que identificam a situação: a chantagem decorrente da doença da mãe, o protesto pouco efetivo do pai e que se desdobra no relacionamento extraconjugal com Juliana e a nítida simpatia que o narrador sente pela situação do pai.

De posse desses dados, o narrador precisa agir. Em primeiro lugar, precisa, de uma maneira desbastada de agressividade, repartir esse peso com o irmão. Precisa romper com a ingenuidade de um menino que passa os dias ouvindo programas esportivos, e que alimenta o sonho de ver o seu time ganhar o campeonato. Mas, sonhos são sonhos e o acordar é uma forma de estragar aquilo que parecia ser perfeito.

*Você já presenciou um desabamento assim? Bruno assistiu à corrida de Nilson, ao toque curto com o gol escancarado, Mazaropi vencido pelo ângulo aberto da jogada, e se retraiu como se antecipasse o significado daquele gol. Bruno assistiu a isso ao meu lado, a perna encostada na minha, eu podia sentir o corpo dele murchando em silêncio enquanto o resto do estádio tremia numa convulsão como nunca mais houve no Rio Grande do Sul, enquanto eu me preparava para cometer o gesto que marcaria para sempre a vida de meu irmão. Eu podia sentir o corpo frágil dele, menos de cinqüenta quilos à espera do meu gesto, eu estava a um passo disso, a uma palavra disso. Eu vi Bruno implodir quando me dei conta de que faltavam apenas vinte minutos, o resto da partida seria disputada por atletas fantasmas, visto por uma platéia de fantasmas. Oitenta mil mortos testemunhando o fim de uma semana e de um tempo que não voltariam. Eu nunca mais entraria em um estádio ao lado do meu irmão. Eu nunca mais poderia pedir nada ao meu irmão. Eu nunca mais teria a lealdade dele, a confiança dele, tudo o que eu jogaria fora ao ignorar o pedido dele, a mensagem enviada por ele enquanto se enrijecia ao meu lado, enquanto se contorcia e se imolava para não ter que derramar uma lágrima, para se manter firme enquanto Nilson se punha de joelhos pela segunda e última vez.*<sup>270</sup>

É o segundo gol do Internacional que completa o círculo. É o segundo gol que fraciona – outra vez – a história do narrador. É a imagem de decepção, estampada no rosto de Bruno, que possibilita um desfecho diferenciado para a história.

*Eu puxei Bruno pelo braço imediatamente. Eu o forcei a dar as costas ao espetáculo triste do Grêmio nos últimos minutos. Foi o maior vexame que uma equipe profissional já proporcionou, os jogadores entregues, felizes por ser esmagados, a um passo de cercar Nilson e quem sabe pedir um autógrafa, e era como se meu instinto de proteger Bruno, eu me recusando a liquidar de vez com ele, a transformar o domingo no dia da morte dele, era como se isso desse forças para que eu enfrentasse o resto.*<sup>271</sup>

No momento em que o pai comunicou que iria embora para Goiânia, na companhia de Juliana, o narrador, se sentindo na beira de um abismo, também quis abandonar o irmão e a mãe.

---

<sup>270</sup> LAUB, 2006: 86-87.

<sup>271</sup> LAUB, 2006: 86.

Foi pensando nisso que descontou os cheques que o pai havia deixado para pagar as contas da semana e começou a planejar a própria fuga:

*Eu tinha a expectativa de caminhar com Bruno, acompanhá-lo até o nosso prédio, deixá-lo na porta e seguir em frente. Era para isso que eu tinha o dinheiro no bolso. Foi por isso que fiz tudo de forma tão premeditada. Na esquina de casa havia um restaurante onde comíamos de vez em quando, no sábado pedi ao dono que guardasse uma mochila para mim. Não precisei dar motivos para ele. Dentro pus roupas, uma toalha e uma escova de dentes.*

*É fácil atribuir um plano tão grosseiro à idade que eu tinha. Só alguém de quinze anos é capaz de levar a sério a perspectiva de dormir num hotel perto da rodoviária, eu me hospedaria atrás de uma dessas portas estreitas que aceitam dinheiro vivo e uma carteira de identidade. Eu acordaria cedo na segunda-feira, compraria uma passagem de ônibus para a praia, até Tramandai ou Albatroz dá cerca de uma hora e meia de viagem, com sorte se chega lá antes do almoço.*

*O dinheiro talvez não fosse suficiente, mas eu poderia até arrumar um bico de garçom, lavar o chão de uma peixaria, trabalhar no caixa de um fliperama. Eu me via contando o dinheiro para o dono do fliperama, abrindo as máquinas para recolher as fichas, vigiando os falsários que sempre tentam jogar de graça.<sup>272</sup>*

(...) o pai e a mãe que tratassem de acertar suas contas longe, porque aquilo nada mais tinha a ver comigo<sup>273</sup>. Foi com essa percepção que o narrador levou o irmão ao jogo. O plano era simples: assistir ao jogo, contar tudo para o irmão e depois ir embora – sem arrependimento, sem lembranças de uma família que deixara de ser feliz.

*A consciência emerge como espanto, depois perplexidade, depois um incômodo que se transforma num impulso sem volta, então pela primeira vez decido fazer as coisas à minha maneira. Eu não precisava dar explicações a ninguém. Naquele dia eu deixei de obedecer ao pai. E, por não obedecer, contraditoriamente, comecei a me tornar igual a ele.<sup>274</sup>*

A consciência emerge com a duplicação do comportamento: a fuga do pai, (abandonando os filhos), a fuga do filho (abandonando o irmão). Diante do reflexo pouco glamouroso, emitido pelas ações paternas, o narrador refaz parte de seu plano.

*Eu decidi o que faria por Bruno já sabendo do preço a pagar. Para manter o meu irmão protegido, para que ele passasse com a segurança possível pela partida do pai e pela recuperação da mãe e pelo renascimento de tudo e de todos os que estavam a nossa volta, era preciso fazer um voto para que não tornasse as coisas ainda piores. Era preciso que em 1989 houvesse apenas este acidente para Bruno, um divórcio aos onze anos, um fato incorporado com tristeza mas logo adiante superado e até esquecido. É diferente de saber os detalhes do processo. É diferente de saber o que fez e deixou de*

---

<sup>272</sup> LAUB, 2006: 81-82.

<sup>273</sup> LAUB, 2006: 82.

<sup>274</sup> LAUB, 2006: 73.

*fazer cada um dos envolvidos. É diferente de confrontar e fazer o julgamento e assinar a sentença de cada um dos envolvidos.*<sup>275</sup>

E o que resulta dessa decisão? (...) *enquanto iniciávamos a caminhada de volta para casa, eu me dei conta de que ainda era capaz de fazer pelo meu irmão*<sup>276</sup>. O sentido da fraternidade, da proteção ao irmão altera o projeto de fuga e institui uma nova rota.

O desentendimento entre os pais não deve ser confundido com alguma espécie de abandono fraterno.

*Eu disse que o pai se atrasara no retorno da viagem. Eu disse que o percurso era longo, só agora ele devia ter chegado em casa. Só naquele momento, eu falei com toda a gravidade para Bruno, é que o pai está tendo sua conversa com a mãe. Ele pediu para ficar a sós com ela. Ele me encarregou de tomar conta de você enquanto isso. Era a minha tarefa até que tudo se definisse, eu ainda consegui arrematar, nem sei bem como, e tenho certeza de que tudo vai dar certo no final.*<sup>277</sup>

*Bruno me ouviu com atenção, e até hoje me impressiona que ele não tenha feito uma única pergunta.*<sup>278</sup> Silencioso, como se soubesse que esse desfecho estava previsto, Bruno ouve o que lhe é comunicado. Igualmente sem fazer nenhum comentário, acompanha o irmão, depois do término do jogo.

*Como eu havia adiantado a ele no restaurante, de acordo com um pedido que supostamente o pai fizera, de acordo com uma história que só alguém especial engoliria, nós não voltariamos para casa no domingo. A mochila era leve, e o hotel ficava perto do ponto final do ônibus. O trajeto era exatamente o que eu havia planejado, só que agora eu tinha companhia. Quase vinte anos depois, ainda lembro com nitidez da seqüência: eu falando com o rapaz da recepção, entregando o pagamento adiantado, nunca o elo entre mim e Bruno seria tão intenso, tão decisivo. Nunca mais ele seria tão fiel a mim, a ponto de levar a sério aquela cena grotesca, nós dois naquele lugar imundo, nem eu poria fê num desfecho tão implausível.*<sup>279</sup>

Os irmãos alinhavam os laços fraternos quando passam a noite fora de casa, em um hotel vagabundo, de rodoviária.

*(...) eu e Bruno entrando no quarto, o silêncio dele, uma aprovação tácita a algo que, imagino, ele pressentiu e agora tratava de pôr em prática. Não é possível que Bruno, ao deitar na cama com naturalidade, ao fechar os olhos com naturalidade, ao pegar no*

---

<sup>275</sup> LAUB, 2006: 104-105.

<sup>276</sup> LAUB, 2006: 97.

<sup>277</sup> LAUB, 2006: 110.

<sup>278</sup> LAUB, 2006: 110.

<sup>279</sup> LAUB, 2006: 110-111.



*sono em menos de dez minutos, não estivesse me dizendo que de alguma forma compreendia a minha estratégia: deixar o pai e a mãe em casa preocupados com o nosso paradeiro, até a manhã seguinte eles não falaria em separação ou não pensariam em ter mais uma briga porque os dois filhos, em meio a uma cidade entupida de comemorações, em meio a uma época de crimes e mentiras como nunca houve, estavam sozinhos e à mercê de todos os perigos.*<sup>280</sup>

Os desacertos entre os pais são contornados no momento em que os dois filhos desaparecem.

*Não sei dizer se a preocupação dos dois teve alguma influência nos meses posteriores. Se o pânico com que os dois atravessaram a noite de Domingo, ambos sem uma notícia sequer a nosso respeito, colaborou para que se chegasse a um acordo quanto a um futuro minimamente tolerável. Se na manhã de segunda, quando enfim retornamos para casa, quando abri a porta e ouvi de longe os gritos do mãe, e olhei firme para o rosto do pai, e como que desafiei os dois ao entregar Bruno são e salvo, esse acordo já estava firmado: o dinheiro que o pai mandaria sem falta, os telefonemas semanais que ele faria de Goiânia, o esforço da mãe para nunca mais entrar em colapso na nossa frente.*<sup>281</sup>

O que se segue depois de tudo isso não é em nada diferente de tantas outras situações – que se repetem a cada instante –, a separação afetiva sendo ditada por necessidades que estão fora do alcance dos envolvidos. A jornada emocional conclui da mesma maneira que todas as histórias familiares: afastamento físico e emocional. *Sai de Porto Alegre três anos depois do Gre-Nal do Século.*<sup>282</sup> A ruptura definitiva acontece: *No verão seguinte passei algumas semanas lá, a cidade continua inóspita, e ainda voltei esporadicamente antes de terminar a faculdade.*<sup>283</sup>

Mas antes disso, antes que os irmãos se separem, *Eu cuidei dele até deixar Porto Alegre, agora nos encontramos eventualmente*<sup>284</sup>, o narrador e Bruno, aparados pela fraternidade, reconhecem o meio-irmão (que se chama Marcos, o mesmo nome do pai): *Meu irmão foi apresentado a Juliana cerca de um ano depois do Gre-Nal do Século*<sup>285</sup>.

*Esse é o irmão de vocês, o pai disse antes mesmo que entrássemos no carro. Era preciso dizê-lo porque Marcos estava no banco de trás, você tem de ter cuidado ao sentar, disfarçar seu espanto ao ver o cinto ao redor da cadeirinha. Ao fazer a apresentação, o pai nos poupou desse intervalo de silêncio, em que teríamos de fingir nos acomodar um em cada janela como se nada estivesse acontecendo, e deu a senha para que também cumpríssemos nossa parte. Eu cheguei a ouvir Bruno perguntando como Marcos tinha feito a viagem. Cheguei a ouvi-lo curioso sobre o que Marcos comia, quanto pesava,*

---

<sup>280</sup> LAUB, 2006: 111.

<sup>281</sup> LAUB, 2006: 111-112.

<sup>282</sup> LAUB, 2006: 108.

<sup>283</sup> LAUB, 2006: 108.

<sup>284</sup> LAUB, 2006: 110.

<sup>285</sup> LAUB, 2006: 91.

*qual era a melhor maneira de segurá-lo no colo – ele tinha o rosto enrugado, e um cheiro de leite, e a pele era quente e rosada e macia.*<sup>286</sup>

Ter um irmão é a oportunidade de viver duas ou três histórias indeléveis, heranças de um mundo transitório – que acaba se perdendo nas banalidades que caracterizam o dia-a-dia. Por isso, antes de ser devorada pelo trivial, a fraternidade somente consegue prosperar quando supera o egoísmo. Em outras palavras, a vida – e seus tropeços – está conectada com a possibilidade de encontrar segurança, aconchego, boas lembranças e a companhia daqueles que compartilham lembranças familiares.

---

<sup>286</sup> LAUB, 2006: 95.

### 1.10 – Os dois irmãos, de Oswaldo França Júnior.<sup>287</sup>

Contrapondo o sentimentalismo e a entrega afetiva, o romance *Os dois irmãos* apresenta um enredo quase sem conflito – ao leitor, a impressão inicial é a de que os dois irmãos (homens de meia-idade) ficam amarrados ao nada, a um modo de vida que beira o estéril, “*odara*”, “*pra ficar tudo jóia rara*”<sup>288</sup> dos anos 70.<sup>289</sup>

Ambientado em um cenário rural, e com o tratamento literário de fábula,<sup>290</sup> o romance revela um quadro em que as oposições entre os irmãos (inominados, sem identificação específica além da de “homem” e “seu irmão”), adentrando no coração da miséria humana, adquirem uma dimensão filosófica, em que a soma de alguns fatos aparentemente insignificantes (o garimpo, a colheita de flores, o homem que vai para o hospital...) com diversos personagens pouco densos (o “rei das sempre-vivas”, o velho, o “rei das riquezas”, o padre,...) multiplica o afastamento existente entre os protagonistas: as reflexões do “homem” destacam a oposição crescente entre o discurso da razão utilitária e as utopias libertárias do seu irmão. E esse pensamento está relacionado com a noção de que o falso é mais freqüente do que o verdadeiro (permitindo que, no exercício diário do viver, haja maior número de erros do que de acertos).

O “homem” vê no seu irmão um constructo da inutilidade – e isso torna a amizade fraterna uma quimera.

– Para que tudo isso? – dizia o homem. – Você examina mil vezes essa bacia cheia de lama e mil vezes não encontra nada. Por que não desiste?  
O irmão permanecia calado e o homem reparava em seus dedos feridos e em sua roupa estragada. E na comida de que se servia à noite.  
– Esta comida é a mesma de que se serviu pela manhã. Não vê que tudo isto é uma perda de tempo? <sup>291</sup>

<sup>287</sup> FRANÇA JÚNIOR, Oswaldo. *Os dois irmãos*. 4. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1979.

<sup>288</sup> VELOSO, Caetano. *Caetano Veloso* (Orgs.: Paulo Elias Aliane Franchetti; Alcyr Bernardez Pécora). São Paulo: Abril Educação, 1981. (*Literatura Comentada*). p. 73.

<sup>289</sup> A primeira edição de *Os dois irmãos* é de 1976.

<sup>290</sup> O conceito de “fábula”, entre os teóricos, não é consensual. A sua utilização, neste texto, está relacionada com “conto popular” ou “causo”, pois encerra, em si, um propósito pedagógico, educativo – que está sobreposto ao ato narrativo. Para uma abordagem detalhada da questão, ver JOLLES, André. *Formas simples*: legenda, saga, mito, adivinha, ditado, caso, memorável, conto, chiste. São Paulo: Cultrix, 1976.

<sup>291</sup> FRANÇA JÚNIOR, 1979: 10.

O “homem” não consegue compreender o que irmão está procurando – porque essa procura, na visão do “homem”, está alicerçada em uma premissa (filosófica?) incorreta. Nos diálogos que trava com sua esposa, o “homem” invariavelmente recrimina os desatinos do irmão, como se tivesse o compromisso histórico de consertar a vida (que considera) irregular do irmão.

*O homem continuou o seu caminho de volta para casa com a lembrança de sua mãe acompanhando-o. Ele a via surgindo na porta, à noite, dentro de seu vestido rodado. Via seus cabelos e ouvia sua voz lhe dizendo:*

*– Eu estava esperando por teu pai.*

*Ela falava assim e ele se lembrava de como sua presença o enchia de alegria. E mais tarde quantas vezes ele não fechou os olhos para vê-la em pensamento. Vê-la andando pela sala, parando em frente à porta e prestando atenção ao barulho que a chamava lá para fora. E se lembrava e sentia o seu beijo. E ouvia o aviso:*

*– Fique quieto. E cuide de seu irmão. Eu não demoro.*

*O homem se lembrava do sinal que a chamava e dizia para si mesmo:*

*– Isto o meu irmão não lembra. Ele não se lembra como era tê-la e depois ficar só com o silêncio.<sup>292</sup>*

Há uma ausência de sincronia/sintonia entre os dois irmãos, pois são incapazes de construir afinidades comuns.

*E o homem se lembrou de uma festa em que haviam ido e que houve uma briga e o sanfoneiro saiu ferido. E mesmo ferido continuou tocando. E ele procurou o irmão e disse:*

*– O sanfoneiro se feriu e continua tocando.*

*– O que tem isso? – falou o irmão.*

*E ele insistiu:*

*– Mas está ferido, e mesmo assim continua tocando.*

*Ele deixou o irmão fora da casa, olhando a noite, e voltou para a sala. E quando o sanfoneiro caiu sobre a sanfona e a música parou e os casais pararam de dançar, ele saiu e procurou o irmão. E o encontrou deitado de costas na grama úmida.*

*– O sanfoneiro caiu – disse.*

*O irmão não se mexeu. Continuou deitado de costas com o cabelo brilhando na luz da lua.*

*– O sanfoneiro caiu sobre a sanfona e não há mais música.*

*– O que tem isso, ele não estava ferido? – respondeu o irmão.<sup>293</sup>*

E isso se acentua no caráter crescente de alienação do irmão mais novo com o mundo que o circunda (na interpretação do “homem”), que, para completo desconforto do “homem”, transforma as suas palavras em um discurso estéril, puro tempo perdido.

Em crise, o discurso dos dois personagens não apresenta uma consistência capaz de estabelecer possibilidades para o entendimento. Mesmo assim, o irmão mais velho encontra na

---

<sup>292</sup> FRANÇA JÚNIOR, 1979: 127.

<sup>293</sup> FRANÇA JÚNIOR, 1979: 123

presença do irmão mais novo um motivo para continuar a vida – referência que devolve uma imagem perdida no tempo, no sonho.

*O homem teve vontade de continuar conversando com o irmão sobre as coisas que lembrava. Sobre o tempo em que eram novos e moravam com o pai. Mas alguma coisa dentro dele o impediu. E ele pensou: “Vou voltar para casa. Vou sair daqui e voltar para minha casa”. E deixou o irmão em seu trabalho na encosta por trás da igreja e voltou para casa. E foi pensando no irmão quando ainda era pequeno. Pensando como haviam crescido juntos e como haviam tomado caminhos tão diferentes. Lembrou do irmão bem mais novo, querendo ajudá-lo. Com o rosto marcado e querendo ajudá-lo. Enfrentando ao lado dele, com seus braços pequenos e fracos, os socos e os tapas dos meninos mais fortes e mais velhos. E viu que sentia uma grande ternura por aquele irmão pequeno e fraco a ajudá-lo sempre, de qualquer maneira. E em sua lembrança o irmão aparecia se debatendo e se machucando. Ajudando-o a não aceitar os insultos que os outros meninos lhe faziam.”<sup>294</sup>*

A tristeza nessa história não reside no fato dos irmãos estarem cada vez mais distantes um do outro, mas sim no interstício emocional que se instala entre eles. Há algo de trágico e cruel em dois homens de meia-idade que se mostram incapazes de *preencher os vazios de discurso que ameaçam tornar [suas] vidas vazias de sentido* <sup>295</sup>. Nenhum dos dois é capaz de um gesto de tolerância ou de se colocar no lugar do outro, de maneira a procurar entender as razões do Outro, de maneira a tentar compreender o outro lado. E isso ocorre porque, fundamentalmente, *o lugar do outro só é aquele em que consentimos nos colocar quando ele nos parece equivalente ao nosso* <sup>296</sup>.

Os dois irmãos, em lugar de estarem unidos por interesses comuns ou pelos laços de sangue, fazem questão de se mostrarem separados por visões antagônicas do mundo. Eles são protagonistas de uma tragédia banal: a incompreensão.

*(...) o homem pensou em si e no irmão. Viu como seus caminhos haviam sido sempre tão diferentes e como nunca chegariam realmente a se encontrar. E ele disse: – Deus, o que eu faço para esquecer o meu irmão?* <sup>297</sup>

---

<sup>294</sup> FRANÇA JÚNIOR, 1979: 122-123.

<sup>295</sup> KEHL, 2002: 28.

<sup>296</sup> KEHL, 2002: 19.

<sup>297</sup> FRANÇA JÚNIOR, 1979: 130.

### 1.11 – Entre irmãos, de José J. Veiga.<sup>298</sup>

*Entre irmãos* coloca em cena um tema recorrente no contexto que envolve a fraternidade: o encontro/desencontro entre irmãos que até então não se (re)conheciam.

Na sala de espera, frente a frente, o narrador e seu irmão mais novo (dezessete anos – o mesmo tempo em que o narrador esteve ausente), aguardam notícias de alguém que está morrendo, talvez a mãe, talvez o pai. Enquanto isso, conversam.

*(...) vem-me o desejo urgente de entendê-lo e de ficar amigo, de derrubar todas as barreiras, de abrir-lhe o meu mundo e de entrar no dele. Faço-lhe perguntas e noto sua avidez em respondê-las, mas logo vejo a inutilidade de prosseguir nesse caminho, as perguntas parecem-me formais e as respostas forçadas e complacentes. Há um silêncio incômodo (...).*<sup>299</sup>

Mas é uma conversa desencontrada, constrangedora, cheia de vazios e medos.

*Ficamos novamente calados e eu procuro imaginar como será ele quando está com os amigos, quais os seus assuntos favoritos, o timbre de sua risada quando está feliz e despreocupado, a fluência de sua voz quando ele pode falar sem ter que vigiar as palavras. O telefone toca lá dentro e eu fico desejando que o chamado seja para um de nós, assim teremos um bom pretexto para interromper a conversa sem ter que inventar uma desculpa; mas passa-se muito tempo e perco a esperança, o telefone já deve até ter sido desligado. Ele também parece interessado no telefone, mas disfarça muito bem a impaciência. Agora está olhando pela janela, com certeza desejando que passe algum amigo ou conhecido que o salve do martírio, mas o sol está muito quente e ninguém quer sair à rua a essa hora do dia.*<sup>300</sup>

É uma conversa onde nenhum dos dois irmãos deseja demarcar território – convictos de que está a lhes faltar um elemento unificador, uma identidade comum:

*A princípio quero tratá-lo como um intruso, mostrar-lhe a minha hostilidade (...) De repente fere-me a idéia de que o intruso talvez seja eu, que ele tenha mais direito a hostilizar-me do que eu a ele (...). O intruso sou eu, não ele.*<sup>301</sup>

<sup>298</sup> VEIGA, José J. *Entre irmãos*. In: \_\_\_\_\_. *Melhores contos de J. J. Veiga*. (Seleção de José Aderaldo Castello). 4. ed. São Paulo: Global, 2000. p. 75-78.

<sup>299</sup> VEIGA, 2000: 76.

<sup>300</sup> VEIGA, 2000: 77.

<sup>301</sup> VEIGA, 2000: 75-76.

Mas, é exatamente essa fratura que possibilita que cada um deles se descubra no Outro: *Olhamo-nos novamente já em franco desespero, compreendemos que somos prisioneiros um do outro, mas compreendemos também que nada podemos fazer para nos libertar* <sup>302</sup>. Essa descoberta é dolorosa e constrangedora – estar acorrentado a um desconhecido, pelo resto da vida, é a renovação do castigo infligido a Sísifo.<sup>303</sup>

A cena somente se resolve quando uma vizinha entra na sala e diz, em voz baixa: *Sua mãe está pedindo um padre* <sup>304</sup>. É a morte que liberta os dois irmãos daquela situação incômoda, provavelmente mais aflitiva que a própria morte: *Levantamos os dois de um pulo, dando graças a Deus – que ele nos perdoe – pela oportunidade de escaparmos daquela câmara de suplício* <sup>305</sup>.

---

<sup>302</sup> VEIGA, 2000: 77.

<sup>303</sup> Para maiores esclarecimentos sobre o mito de Sísifo, ver GRIMAL, Pierre. *Dicionário da mitologia grega e romana*. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p. 422-423.

<sup>304</sup> VEIGA, 2000: 78.

<sup>305</sup> VEIGA, 2000: 78.

### 1.12 – De cócoras, de Silviano Santiago.<sup>306</sup>

A novela *De cócoras* está dividida em três partes (“Na cozinha”, “No alpendre”, “No quarto de dormir”), relatando o processo de decomposição afetiva e intelectual de Antônio, o protagonista.

Na primeira parte da novela e em um pequeno trecho da segunda parte<sup>307</sup> são relatadas as relações de animosidade “cordial” entre Antônio e o seu irmão mais velho:

– Estou lhe abrindo os braços, o coração e as portas do apartamento – insistia o irmão mais velho –, e você me diz que não quer vir morar comigo. – E concluía definitivamente, num estranho tom de conversa em voz alta consigo mesmo: – Não, não, ele não quer vir morar com você. Ele não quer vir lhe fazer companhia. Está vendo, não quer a sua companhia. Você oferece tudo de mão beijada e ele não quer. Não quer. Não quer. É superior. Desdenha como sempre desdenhou qualquer ajuda que você lhe oferece.<sup>308</sup>

O desencontro fraterno adquire relevante importância porque envolve dois velhos – contrariando o mito de que as pessoas de idade costumam se aproximar umas das outras (principalmente quando depositárias de uma história comum).

O contraste entre o vigor<sup>309</sup> do irmão mais velho e a falência física e intelectual<sup>310</sup> de Antônio emoldura um quadro perverso, mas que não se apresenta como violência explícita e sim como um silêncio<sup>311</sup> opressor, uma forma de representação simbólica da perversidade que existe

---

<sup>306</sup> SANTIAGO, Silviano. *De cócoras*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

<sup>307</sup> O episódio da partilha familiar é exemplar, pois destaca o fato de que Antônio está acostumado a se omitir nas questões mais relevantes da família. Assim, deixa nas mãos do irmão mais velho todos os procedimentos burocráticos referentes à herança. Apesar de entender o fundamento da reivindicação das irmãs, nada faz para modificar a situação.

<sup>308</sup> SANTIAGO, 1999: 44.

<sup>309</sup> Talvez esse “vigor” seja uma forma de compensar certas dissonâncias da vida. Em conversa com Antônio, o irmão mais velho confessa: *A frustração é a chave da minha vida* (SANTIAGO, 1999: 32). E, ao longo da narrativa, o leitor encontra vários motivos para essa frustração: esterilidade, ressentimento político, incompreensão fraterna...

<sup>310</sup> A história de Antônio, e os devaneios relatados na última parte, onde o “quarto de dormir” é a extensão da rua, dos espaços sem fronteiras, do desaparecimento do indivíduo na poeira que corrói a vida (*memento, homo, quia pulvis es et pulverem reverteris*), pode ser sintetizada em duas frases: *Não tire as vendas do coração na idade madura (...)* *Periga você ficar cego de dor* (SANTIAGO, 1999: 107).

<sup>311</sup> Sintomaticamente, é através do silêncio que Antônio escorraça as tentativas de aproximação do irmão mais velho. É no silêncio que encontra refúgio, é no silêncio que aprende a conviver com a dor. Mostrando clara inapetência para o viver, Antônio se transforma em uma metáfora inequívoca de uma vida sem objetivo, sem perspectivas.



no contexto familiar: a bondade do irmão aflige Antônio de tal maneira que causa dor. Uma dor próxima do irracional, pois Antônio considera que a companhia do irmão quebra parte do ritual que compõe o processo de envelhecimento com dignidade. Parte desse mal-estar diluir-se-ia se não houvesse a presença incômoda do irmão – que constantemente está a lhe recordar de situações e ações que não mais o interessam.

O irmão parece não entender que a mente humana é uma cidade sitiada, constantemente sob a ameaça de um inimigo – e pouco importa se essa ameaça é real ou imaginária.

### 1.13 – O cão no sótão, de Alberto Martins.<sup>312</sup>

A loucura é uma presença constante nas relações humanas. Muitas vezes, parte da herança fraterna é testemunhar a perda dos parâmetros que instituem a racionalidade. Em *O cão no sótão*, a narrativa se concentra no lento e doloroso processo de ensandecimento de um dos irmãos. O outro, como testemunha parcial, relata os acontecimentos.

Mas é um relato incompleto, truncado, porque o narrador não consegue entender a abrangência da tragédia. Tampouco consegue entender o que está acontecendo com o irmão.

Depois que a família se mudou para São Paulo, o irmão passa a viver sozinho. Primeiro, em um quarto nos fundos da casa; depois, no sótão do edifício em que se localizava o escritório em que estava trabalhando. É nesse local que tudo acontece.

*Quando finalmente o visitei no trabalho, constatei que aquela vida de escritório de fato lhe caía bem. (...) Sem me dar muita atenção, perguntou o que eu fazia ali. Eu vinha de casa. Trazia roupa lavada; podia vir algumas vezes por semana, se quisesse. O irmão hesitou um segundo mas juntou um saco de roupas sujas e me deu. O trato estava feito.<sup>313</sup>*

Também estava sendo construída a ponte que unia o passado familiar com o esquecimento afetivo. Algum tempo depois, o irmão, encastelado no sótão do prédio, sob a alegação de estar organizando o arquivo morto da empresa, passa a construir, sozinho, uma outra história – e que se confunde com aquela que o narrador está revelando para o leitor –, o irmão começa a escrever uma peça de teatro.

O narrador percebe que há algo de estranho, mas prefere o anedotário familiar:

*Desordens mentais passageiras eram quase uma norma na nossa família e nunca tinham levado ninguém ao desatino completo. Na juventude, um primo de minha mãe acreditara que era capaz de controlar o tráfego das ruas com um simples sinal de cabeça. Anos depois fez fortuna na bolsa e ninguém se lembrava disso.<sup>314</sup>*

---

<sup>312</sup> MARTINS, Alberto. *O cão no sótão*. In: \_\_\_\_\_. *A história dos ossos*. São Paulo: Editora 34, 2005. p. 11-33.

<sup>313</sup> MARTINS, 2005: 15.

<sup>314</sup> MARTINS, 2005: 17.

Nas visitas seguintes, o estranhamento aumenta. O irmão, acompanhado por um cão, começa a ampliar as distâncias emocionais.

*Na visita seguinte, o irmão estava muito ocupado. Pediu que eu deixasse as coisas ao pé da escada e fosse embora. O fato se repetiu algumas vezes e eu compreendi que ele não queria mais encontrar-se comigo.*<sup>315</sup>

Para não incomodar o irmão, o narrador mandou fazer uma cópia da chave do sótão. É nessas circunstâncias que, toda vez que vai levar alguma coisa para o irmão, ouve *aquela emaranhado de vozes indistintas*<sup>316</sup>: o irmão está ensaiando o monólogo teatral e não deseja ser incomodado.

*Com nitidez espantosa, ouvi cada sílaba que o irmão proferia, vibrando nas tábuas, saltando de degrau em degrau. No impulso, tomei o caderno de desenho que carregava comigo e, dobrando sobre o primeiro degrau, me pus a transcrever cada som, cada gesto, cada risco que saía da voz do irmão.*<sup>317</sup>

Na tarde do dia seguinte, o narrador é despertado pela mãe, que lhe dá a notícia:

*Quando cheguei, o fogo tinha consumido todo o imóvel. Começara no andar de cima, no quartinho dos papéis, em plena madrugada, e fôra rapidamente se alastrando pelas madeiras do forro, do piso, das vigas, dos caibros, do corrimão e dos degraus da escada. Até a mirrada primavera que crescia do lado de fora, junto à janela, não passava de um tufo carbonizado. De todo o escritório restava apenas o carvão – que se tornava cinza que se tornava pó que o vento soprava espalhando na calçada.*<sup>318</sup>

Entre o momento que percebe que há algo de errado com o irmão e o incêndio, o narrador recolhe trechos da peça de teatro: como se fossem diversas peças de um quebra-cabeças, esses fragmentos revelam progressivamente a perda da lucidez, a maneira com que o enlouquecimento vai progressivamente calcificando a mente do irmão, o que confirma que o desfecho não poderia ter sido outro:

*Quando eu morrer e meus ossos se esconderem numa cova sob a terra, virá um animal urinar sobre esses ossos. Mas virá um homem para espantar o animal. Virá um segundo para comer dos restos, mas virá um homem para espantar o animal. E virá um homem para colher os ossos, fazer os furos e soprar – pois bastam os furos, o cão, três ou quatro furos e a corrente do ar soprando através para que os ossos virem flauta.*

---

<sup>315</sup> MARTINS, 2005: 17.

<sup>316</sup> MARTINS, 2005: 17.

<sup>317</sup> MARTINS, 2005: 17.

<sup>318</sup> MARTINS, 2005: 33.

*Agora, cão, raspa-te daqui!*  
*Raspa – que este sótão é estreito demais para nós dois.*  
*Traz os fósforos.*<sup>319</sup>

---

<sup>319</sup> MARTINS, 2005: 30-31.

### 1.14 – Jason, de Livia Garcia-Roza.<sup>320</sup>

Em um mundo confuso, onde aceitar o esquecimento é também aceitar que as lembranças nunca podem ser abandonadas, as dificuldades decorrentes da diferença etária e da ingenuidade romântica, misturadas com um erotismo incipiente, costumam produzir cicatrizes profundas e dolorosas.

Em *Jason*, um menino inominado, com quatorze anos e meio, convida sua grande paixão, Ângela, aproximadamente a mesma idade, para visitá-lo.

*Pensei tanto em Ângela e agora ela estava ali à minha frente engolindo meus olhos. Ainda em pé, ela se dependurou em seus cabelos vermelhos com as mãos de unhas pintadas de roxo, puxando-os cada vez mais para baixo. Gosto mais de Ângela do que do meu time de botão. Do vestido curto, saíam suas pernas longas rabiscadas de corações. Seus peitos ofegantes quase pulavam do decote (correu para vir à minha casa?). Em um deles havia o desenho de uma borboleta que a todo momento ameaçava voar. Gosto mais de Ângela do que de jogar futebol! Ângela tinha anéis em todos os dedos da mão e em alguns dedos dos pés. Brincos de vários tamanhos contornavam a borda de suas orelhas, de onde exalava um perfume fodal (palavra composta por Jason).*<sup>321</sup>

Ela chega de óculos escuros, mastigando chicletes. No quarto, os dois sozinhos, Ângela trata o menino como um serviçal e olha para a porta com ansiedade: *De vez em quando, Ângela olhava para a porta. Devia estar preocupada que alguém entrasse e nos visse juntos*<sup>322</sup>.

O tempo vai passando e o casal joga um pouco de gamão. Depois, antes de ir até o banheiro, onde demora bastante, Ângela agride fisicamente o menino: desta maneira pouco sutil torna claro que não está interessada nele.

No outro lado do triângulo amoroso está Jason, o irmão mais velho do menino, dezoito anos, bonito:

*Mamãe diz que meu irmão parece artista de cinema. Diz também que o que aconteceu com Jason foi raro – obra do Criador. A beleza é algo divino, ela agradece, revirando os olhos para o alto.*<sup>323</sup>

<sup>320</sup> GARCIA-ROZA, Livia. *Jason*. In: \_\_\_\_\_. *Restou o cão e outros contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 49-52.

<sup>321</sup> GARCIA-ROZA, 2005: 50.

<sup>322</sup> GARCIA-ROZA, 2005: 49.

Jason, espichado em uma poltrona da sala, sem camisa, está esperando a inspiração para compor alguma coisa (provavelmente música).

Depois que Ângela sai do banheiro, o menino revela o motivo de tê-la convidado.

*Então eu disse para ela deitar para fazermos amor.*

*– Hein?!*

*Fazer amor, eu repeti. Ela então, me puxando pelos cabelos, virou minha cabeça pra trás, ameaçando pôr uma das pedras na minha boca para que eu engolisse a derrota.*

*Depois disse que eu era um derrotado, pirralho e burro.*<sup>324</sup>

Ângela vai embora, demonstrando indignação. O menino corre para o banheiro. No espelho, a revelação: *entre meus olhos confusos, surgiram os nomes Ângela & Jason – dentro de um coração*<sup>325</sup>.

---

<sup>323</sup> GARCIA-ROZA, 2005: 49.

<sup>324</sup> GARCIA-ROZA, 2005: 51.

<sup>325</sup> GARCIA-ROZA, 2005: 52.

### 1.15 – Irmão, de Ataíde Tartari.<sup>326</sup>

A ingenuidade muitas vezes se confunde com a admiração – uma das consequências naturais da ausência paterna é o irmão mais velho se transformar, aos olhos carentes, em um modelo a ser seguido. No conto *Irmão*, essa situação assume os contornos da tragédia.

Em um ambiente social violento, o narrador, que considera o irmão como um herói, assume responsabilidades:

*Quer dizer, tem também essa coisa de eu ser menor. O mano já tinha feito dezoito, então ele não podia mais segurar a bucha. Agora era eu, era tudo comigo, eu é que tinha que assumir a responsa.*<sup>327</sup>

Sem saída – seja porque viver na periferia, em condições sociais injustas, não é fácil; seja porque algumas pessoas, apesar da vida miserável que levam, não procuram visualizar algum tipo de mudança –, os irmãos elaboram uma rotina: assaltos, prostíbulos, álcool. E assim vão levando a vida até que um dos assaltos fracassa:

*Aí não sei direito o que aconteceu; acho que o tiozinho tinha dado algum toque pelo rádio. Só sei que a gente viu uns PMs virando a outra esquina e queimou o chão. O mano jogou o cano na minha mão, correu mais que eu e sumiu. Eu pra variar me atrapalhei com o cano e as coisas que tinha catado e fui parar na Febem.*<sup>328</sup>

Longe de constituir uma temporada de avaliação sobre o que estava errado em sua vida, o narrador aumenta o grau de admiração que sente pelo irmão – apesar de alguns avisos: *E eu também não gosto quando querem me jogar contra ele. Meu irmão sempre foi a melhor coisa da minha vida*<sup>329</sup>.

Quando recupera a liberdade, o narrador procura pelo irmão. Demora em encontrá-lo. Muitas coisas mudaram. Outras continuam iguais:

*Só sei que ele ficou, assim, superalegre de me ver. Logo de cara ele ficou falando de uns serviços que a gente podia fazer pra sair da pior. Isso que falaram de que ele só era a fim de me usar não tem nada a ver. Eu posso te falar com a maior firmeza, véio. Meu*

---

<sup>326</sup> TARTARI, Ataíde. *Irmão*. In: FERNANDES, Ribaldo de. *Contos cruéis*: as narrativas mais violentas da literatura brasileira contemporânea. São Paulo: Geração Editorial, 2006. p. 67-69.

<sup>327</sup> TARTARI, 2006: 67.

<sup>328</sup> TARTARI, 2006: 68.

<sup>329</sup> TARTARI, 2006: 68.

*irmão sempre foi o maior camarada. E dessa vez a gente nem tava morando junto: ele tava com essa mina que eu te falei, e eu tava no abrigo.*<sup>330</sup>

A periferia está cada vez mais distante, cada vez mais próxima: o irmão continua com problemas financeiros quase insolúveis. E esse fato deságua na inexistência de alguma alternativa capaz de modificar a situação: *Ele tinha, tipo, que pagar umas dívidas, tipo assim, ou paga ou morre, tá ligado? Eu tinha que dar uma força pra ele levantar essa grana*<sup>331</sup>.

Os irmãos começam a planejar outro assalto. Mas isso é pano de fundo para algo mais perverso, menos fraternal:

*Só que esse tiozinho pra quem ele tava devendo não tava nem aí, não queria esperar mais nada. Ele queria a grana ali, no ato. Foi aí que ele me catou. Foi o maior esquema de seqüestro, véio. O tiozinho me catou, assim, quando eu tava saindo da casa, indo pegar o busão. Ele e mais o outro maluco que tava com ele me jogaram na caranga e me cobriram de porrada. Na hora eu nem entendi que lance era aquele.*<sup>332</sup>

A “ficha demora a cair”. Como alguém que se perde no meio de um tiroteio, o narrador é envolvido por ilusão: escapar ileso. O problema é que a vida se comporta como se um jogo estranho, desses que ninguém quer (ou pode) explicar as regras.

*Depois eles falaram do meu irmão, que meu irmão tinha mandado eles catarem a grana comigo, esse papo todo, mas eu não acreditei. Pra que meu irmão ia fazer isso? Acho que eles mesmos descobriram quem eu era e vieram atrás. Pra ameaçar o mano, tá ligado? Fazer esquema de resgate.*<sup>333</sup>

*Eu não acreditei*<sup>334</sup>, afirma o personagem-narrador, certo de que os laços fraternos são superiores a todos os outros interesses humanos. Ele não consegue visualizar o desequilíbrio e a má fé. No leito do hospital, longe do irmão (*Ele não veio me visitar até agora pelo mesmo motivo, porque não pode mostrar a cara. Se ele pudesse, ele tava aqui do meu lado, contando piada e o cacete*<sup>335</sup>), o discurso continua imutável:

*Quando eu melhorar, quando eu puder mexer um pouco o braço e, sei lá, usar uma muleta, eu vou procurar ele. Pode crer que eu vou. E ele vai catar esse tiozinho onde ele*

---

<sup>330</sup> TARTARI, 2006: 68.

<sup>331</sup> TARTARI, 2006: 68.

<sup>332</sup> TARTARI, 2006: 69.

<sup>333</sup> TARTARI, 2006: 69.

<sup>334</sup> TARTARI, 2006: 69.

<sup>335</sup> TARTARI, 2006: 69.



*estiver. E, se eu conheço bem o mano, ele vai querer acertar uma azeitona na coluna dele do mesmo jeito que ele acertou na minha.*<sup>336</sup>

---

<sup>336</sup> TARTARI, 2006: 69.

### 1.16 – O terceiro irmão, de Ricardo Ramos.<sup>337</sup>

O mito do filho-do-meio, aquele que está emparedado entre a violência física do primogênito e o excesso de afeto destinado ao caçula, encontra representação literária no conto *O terceiro irmão*. Com uma arquitetura narrativa que tangencia a fábula surrealista, o conto mostra, durante um indeterminado tempo cronológico, as inúmeras desavenças que orientam as relações afetivas entre o primogênito e o caçula (Deus, jogar bola ou ler, música, medicina ou filosofia, monogamia ou poligamia). O terceiro irmão, que está sempre associado a um defeito físico (ausência de um olho, falta de uma perna, um só ouvido, apenas um lado do corpo – o do meio –, uma vida) aparece sempre como um ser racional, sempre disposto a contemporizar, a aparar as arestas:

*O terceiro irmão, que só tinha um olho, entrou na discussão apaziguando:*  
– Esperem aí, não é tão simples. Desde o começo os homens se dividem. Os que acreditam, os que não acreditam, foi sempre assim.<sup>338</sup>

Enquanto os irmãos que se encontram em extremidades fraternas – diferença etária de dois anos –, vão crescendo física, afetiva e intelectualmente, o terceiro irmão, que vive à margem da disputa fraticida, vai se desintegrando nesse cenário de combate e necessidades de afirmação. Isso não impede que seja a sua voz, sombra que se esconde na sombra dos irmãos, o instrumento que fornece suporte para que a situação possa ser compreendida:

*Quando fez doze anos, o irmão mais velho ganhou uma bola e jogou futebol. O irmão mais novo ganhou um livro e leu. Às vezes, um chamava o outro:*  
– Vamos jogar?  
– Você não quer ler?  
*Nenhum dos dois aceitava. O mais novo calado, abanando a cabeça. O mais velho se irritando:*  
– Você não sai, não corre, não faz exercícios.  
– Pra quê? Não tenho vontade  
*E continuava lendo. O outro xingava:*

<sup>337</sup> RAMOS, Ricardo. *O terceiro irmão*. In: \_\_\_\_\_. *Os melhores contos de Ricardo Ramos* (Seleção de Bella Josef). 2. ed. São Paulo: Global, 2001. p. 85-88.

<sup>338</sup> RAMOS, 2001: 85.

– Bicha!  
Ele respondia, sem se alterar:  
– É a mãe!  
O terceiro irmão, o que só tinha uma perna, comentava com certa alegria:  
– Vocês são diferentes como dois irmãos.<sup>339</sup>

Com o passar do tempo, o resultado da soma dos erros com o ciúme é igual ao acentuar das diferenças entre os dois irmãos. Simultaneamente, o rancor (que é um dos nomes do ressentimento) se transforma em ódio e o medo de que o outro irmão consiga se sobressair passa a determinar condutas e ações:

*Quando alcançou a maioridade, o irmão mais velho estava no fim do curso científico e ia fazer medicina. O irmão mais novo se iniciava no clássico e pensava em filosofia. O primeiro tinha uma namorada firme, o segundo tinha muitas. Um se vestia com cuidado, acertava a barba quadrada, punha água-de-colônia no lenço; o outro usava as mesmas calças desbotadas, os cabelos despenteados e compridos, os óculos redondos. Nas refeições, o mais velho comia muito e crescia, aumentava, forte e sólido, enquanto o mais moço nem tanto, esquecido, alongado, meio frágil. Talvez por isso também discutissem:*

– Quando eu for rico.  
– O negro é bonito.  
– A guerra acabou, ninguém pensa em ninguém.  
– A luta não é minha, é de todos.  
– O povo está conformado  
– Eu não sei, não vejo televisão.<sup>340</sup>

Ao terceiro irmão, observador da tragédia encenada diante dos seus olhos, poucas são as alternativas: sem saber o que fazer, sem saber o que dizer, sem entender exatamente o que estava acontecendo, adota a metáfora da morte do amor fraterno, embora essa seja uma medida extrema e pouco eficaz.

*O irmão mais velho saiu e foi denunciar o irmão mais moço.  
O irmão mais moço foi condenado à morte por crime de opinião.  
O terceiro irmão, o que só tinha uma vida, tomou o seu lugar diante do pelotão de fuzilamento. As balas todas acertaram o alvo, porque ele estava um pouco maior, não deixou bilhete, nem última vontade.  
E os irmãos sobreviventes continuaram, discordando, brigando, sorrindo, até que a cidade escureceu, o país acabou, o mundo caiu, e um grande silêncio voltou sobre todas as coisas.<sup>341</sup>*

---

<sup>339</sup> RAMOS, 2001: 86.

<sup>340</sup> RAMOS, 2001: 87.

<sup>341</sup> RAMOS, 2001: 87-88.

Embora a fábula conclua que a disputa insana entre irmãos está envolta por complicações, com se fosse um barulho quase insuportável, resta saber se a questão do sacrifício fraterno consiste em alternativa para o *grande silêncio* [que] *voltou sobre todas as coisas* <sup>342</sup>

---

<sup>342</sup> RAMOS, 2001: 88.

### 1.17 – O amor das sombras, de Ronaldo Correia de Brito.<sup>343</sup>

Seria muito simplista afirmar que o propósito do conto *O amor das sombras* está no narrar a tragédia que contorna a vida sem grandezas de Laerte Pereira, que *crescera longe dos irmãos, criado por três tias velhas* (BRITO, 2005: 112). No entanto, não é possível contornar essa possibilidade.

*Mal saíra dos quinze anos e do aconchego erótico das cabras, teve que vir morar com o irmão. Uma doença terrível acometera Lenivaldo, o mais velho do clã dos Pereiras, família que guardava um resto de sangue dos índios Pankararu, misturado ao de brancos e negros em repetidos deslizos sexuais. Parentesco desfeito quando Lenivaldo e os irmãos abandonaram o seu povo em demanda do Recife, perdendo os direitos de índios, assegurados por lei federal na delimitação de uns hectares de reserva e na prática de restos de tradição tribal.*

*Confundia-se com transe xamânicos o que Lenivaldo Pereira vinha apresentando. Por direitos hieráticos, seria o pajé do seu povo, função em que não se desenvolveu, preferindo iniciar-se em conhecimentos mais científicos* (BRITO, 2005: 110).

Laerte, de cor acobreada, cabelos pretos escorridos e uma tendência à gordura, acabou sendo confundido com um dos cinco filhos do irmão demente:

*Laerte duvidava se alguma vez o irmão o enxergara com os olhos da lucidez e se reconheceria nele o caçula da família, visto que já havia partido para o Recife quando ele nasceu temporão, filho de pais passados nos anos* (BRITO, 2005: 113).

A esta impressão estava agregada a estranha sensação que lhe causou a *maternagem da cunhada Djanira, mulher suarenta e gorda como todos os Pereira, de pele acobreada e olhar faminto* (BRITO, 2005: 113).

Na casa do irmão, Laerte realiza tarefas domésticas.

*– Vá ver seu irmão, que ele mijou nas calças.  
Ordens e mandados que não deixavam espaço para as fantasias, nem para as partidas de bola de meia, num campinho de futebol.  
– Trocou as calças dele? Agora, ensine o dever dos meninos que vou aprontar o almoço.  
Também sobrava pouco tempo para os estudos.*

---

<sup>343</sup> BRITO, Ronaldo Correia de. *O amor das sombras*. In: \_\_\_\_\_. *Livro dos homens*. São Paulo: Cosac & Naify, 2005. p. 108-123.

*Laerte ainda não precisava trabalhar fora. A aposentadoria do irmão, por invalidez, garantia o sustento da casa (BRITO, 2005: 113).*

Certo dia, a tranquilidade familiar sofreu uma transformação. Laerte estava ajudando Djanira a levar o marido para dormir: *Quando o largaram na cama, tombaram junto com ele, Djanira por cima de Lenivaldo e Laerte sobre Djanira (BRITO, 2005: 114).*

Em outras circunstâncias, esse incidente seria encarado como algo banal, sem importância. No presente caso, adquire significativas proporções:

*O rapaz pediu desculpas à cunhada, baixando os olhos encabulados, mas, à noite, sentiu nas virilhas a lembrança dos currais de vacas, na companhia das quais ia esfregar-se, até o alívio da solidão de morar sozinho com três tias velhas (BRITO, 2005: 114).*

Aos quinze anos, nada é mais difícil do que resistir aos mistérios da carne, a vontade de experimentar sensações desconhecidas, capazes de eliminar as fronteiras entre o céu e o inferno:

*– Djanira, minha cunhada, tem cheiro de vaca – constatou Laerte com um tremor no corpo. Suava quente e a dureza do membro tornou-se insuportável, levando-o à busca de um alívio. Para isso, Deus criou as mãos, o olfato e a memória (BRITO, 2005: 114-115).*

Enquanto Lenivaldo continuava habitando um outro mundo: *Mais fácil era levá-lo ao psiquiatra, que receitava a paralisia em comprimidos (BRITO, 2005: 111)*, Laerte ajudava, sem reclamar, na realização das tarefas domésticas. Uma delas era lavar o irmão – o que, em algumas circunstâncias, significava pedir ajuda à cunhada: *As mãos se cruzando, os braços se tocando, o resfôlego ritmado pelo trabalho de cuidar de um corpo de sentidos adormecidos (BRITO, 2005: 115).*

Um ambiente erótico, cheio de promessas, começa a se formar.<sup>344</sup> E se Laerte tinha dúvidas sobre o desfecho dessa situação, todas foram eliminadas na noite em que ele, depois da

---

<sup>344</sup> Atravessando fronteiras, contraponto ilustrativo para este tipo de situação (a ambigüidade das relações amorosas entre uma mulher e dois irmãos) encontra-se em *A intrusa* (BORGES, 1986: 139-143). Na metade do século XIX, moravam juntos os irmãos Cristián e Eduardo Nielsen. Valentes e farristas, *foram tropeiros, carneadores, ladrões de gado e, uma vez ou outra, trapaceiros. Tinham fama de aventurosos, salvo quando a bebida e o jogo os tornavam generosos. De seus parentes nada se sabe, nem de onde vieram* (BORGES, 1986: 140). Um dia, Cristián levou Juliana Burgos para morar com ele. Quase imediatamente, Eduardo apaixonou-se pela mulher do irmão. Certa noite, ao voltar para casa, encontrou Cristián se preparando para viajar. Antes de montar no cavalo, Cristián falou para o irmão: *Vou a uma farrá na casa dos Fárias. Aí tens Juliana; usa-a, se quiseres* (BORGES, 1986: 141). Desde então a mulher foi compartilhada. Algum tempo depois, as desavenças entre os irmãos se acentuaram. Cada um dos dois irmãos queria a posse exclusiva de Juliana Burgos e faziam desse motivo o motivo para desentendimentos constantes. *A mulher atendia aos dois com uma submissão animal, mas não podia ocultar alguma preferência, sem*

escola, foi a um comício. Voltou para casa depois das 10 horas da noite e encontrou Djanira esperando-o, sentada no batente do portão.

– *Senta aqui, não entre agora. Lá dentro está um calor de matar.*  
– *Já é tarde. Estou com fome.*  
– *Fique um pouco! Que pressa!*  
*Sentou-se em silêncio, constrangido por aquela intimidade. Era o homem vivo daquela casa. O outro era só o lugar do homem (BRITO, 2005: 116).*

*Era o homem vivo daquela casa. O outro era só o lugar do homem.* A crueldade da história de Laerte está no fato de que ele nunca deixará de ocupar um “lugar” secundário. Por maiores que sejam as suas realizações, somente a imagem do irmão está integrada ao “real” familiar. Laerte gostaria de perder a condição inferiorizada de irmão caçula e se tornar “algo mais” – é essa ambição que o impele na direção do desejo de ocupar o “lugar” do Outro, de substituí-lo como marido de Djanira.

*A estreiteza do batente obrigava-os a uma proximidade de aconchego. Laerte foi sendo tomado de um enlevo que adormecia o corpo, como se milhares de formigas o percorressem em todas as direções. Uma tontura queria desmaiá-lo e o coração se acovardava acima das cem pulsações. Lembrou-se das vacas, das cabritas e de como manejava a mão para fazê-las levantar a cauda. Alarmado, descobriu-se com os dedos entre as coxas da cunhada, procurando um sítio que só conhecia de ouvir falar. Não havia possibilidade de erro, era ali mesmo, guiava-se pelo faro e pelo instinto (BRITO, 2005: 116-117).*

Diante do corpo da cunhada, repleto de reentrâncias e promessas, Laerte, com a pujança somente possível aos dezessete anos, não consegue controlar as urgências da carne e se entrega às tiranias da libido. O inevitável se consuma e consome com os protagonistas. *De repente não queria só aquilo, esquecidos de quem eram e dos riscos que corriam (BRITO, 2005: 117).*

– *Vamos entrar! – pediu Laerte.*

---

*dúvidas, pelo mais moço, que não havia repellido a participação, mas que não a tinha proposto (BORGES, 1986: 142).* A situação estava se tornando insuportável: um dia, *sem nada explicar a ela, puseram-na na carreta e empreenderam uma silenciosa e aborrecida viagem (BORGES, 1986: 142).* Juliana foi vendida para um prostíbulo: os irmãos dividiram igualmente o dinheiro obtido. De volta para a fazenda, os Nielsen procuraram recuperar o passado: farras, jogatinas, brigas. Pouco antes do final do ano, enquanto Eduardo estava viajando, Cristián foi ao prostíbulo: *no curral da casa que sabemos, reconheceu o cavalo de Eduardo. Entrou, dentro estava o outro, esperando vez (BORGES, 1986: 143).* Compraram Juliana Burgos e, na fazenda, os dois usaram a mulher como se ela dois maridos tivesse. *Caim andava por ali, mas o carinho entre os Nielsen era muito grande – quem sabe que rigores e perigos tinham compartilhado! (BORGES, 1986: 143).* Em um domingo de março, Eduardo, ao voltar do armazém, encontrou Cristián carregando a carreta; então acompanhou o irmão na entrega de uma carga de couros. Em lugar incerto e longe da fazenda, Cristián confessa para Eduardo que tivera que matar Juliana, pois ela estava ameaçando os laços fraternos. *Abraçaram-se, quase chorando. Agora os unia outro vínculo: a mulher tristemente sacrificada e a obrigação de esquecê-la (BORGES, 1986: 143).*

- *Aqui mesmo. Continue – suplicou Djanira.*
- *Só continuo se entrar.*
- *Seu irmão está na sala, onde você o deixou.*
- *Melhor. Vamos pro seu quarto.*
- *E os meninos?*
- *Não estão dormindo?*

*A afirmação, misturada à interrogação e à negação, era o medo de que não estivessem e tudo terminasse ali. Mas Laerte acharia algum curral e conseguiria o alívio daquela vontade que o deixara esquecido de tudo, possuído da angústia de satisfazer-se. Multiplicada mil vezes quando cruzou com o irmão na sala, largado num sofá, envolto na neblina pesada dos neurolépticos, sem qualquer sonho, nem o do povo do qual era pajé por herança (BRITO, 2005: 117).*

As descobertas advindas da sexualidade revelam-se um misto de prazer e frustração. Para Laerte, diversas frustrações. A primeira ocorre na primeira vez:

*Estava para estourar-se em prazer, romper os diques das águas que nunca transbordaram dentro de mulher, habituadas ao útero incompatível de vacas e cabras. Revelado na força bruta de homem, Laerte impôs sua vontade, se abrindo em nudez. As mãos, às apalpadelas no escuro, videntes sem luz adivinhando trilhas, buscaram o sítio sonhado, êxtase e miséria de todo cavaleiro.*

*– Deitada não, que pega filho.*

*Negou-se Djanira a deitar, as coxas fechadas com determinação, só aceitando Laerte de pé, junto à parede, amante sem pêlos, índio liso com cheiro de roupa enxovalhada, tentando alcançá-la naquela posição tão incômoda (BRITO, 2005: 118).*

O gozo evapora com o incomodo da posição e *aquela pressa, os olhares inquietos para os lados, tementes da revelação de um pecado* (BRITO, 2005: 118). Laerte não obtém o prazer almejado. A frustração corroeu tudo o que sempre lhe parecera bonito, lírico e idílico. A transição entre a sua adolescência e a fase adulta ocorre como ruptura dolorosa, como queda abrupta, como quebra sentimental:

*Os olhos já não encarando com fervor aquela por quem se ardia há pouco, buscavam o portão da rua, por onde passaria correndo, Enkidu revelado ao prazer erótico da espécie humana, sem possibilidade de retorno, impregnado de um cheiro de mulher que o faria intolerável às vacas e cabras, se um dia as procurasse novamente.*

*(...) Buscou a praia, o vento úmido soprado do mar para a terra, fragrância nova para as narinas acostumadas ao ar sertanejo. Um insuportável sentimento de traição confrangia-lhe a alma. Desejou a proximidade das tias velhas, seu antigo mundo submerso nas águas da descomunal barragem (BRITO, 2005: 118-119).*

O sentimento de culpa e a perda da inocência se somam a uma segunda frustração:

*Voltou para casa de madrugada, com os mesmos olhos baixos de quando retornava das fugas para o curral de vacas, acrescido da certeza de que não era mais menino.*

*– Perdeu-se na rua? – perguntou Djanira quando lhe abriu a porta.*



*Um sono pesado, que o entorpeceu até a tarde, foi a resposta. Naquele dia, não contaram com ele para nada. Acordou apenas para jantar e voltar a dormir. Somente no café da manhã seguinte ouviria dos lábios de Djanira a sentença que haveria de persegui-lo pelo resto da vida:*

*– Seu irmão era melhor.*

*– Em que?*

*– Em tudo (BRITO, 2005: 119-120).*

As palavras de Djanira atingem o centro do alvo, sem se importar se causam (ou não) uma hemorragia: *Seu irmão era melhor*. O orgulho masculino, em conjunto com a potência sexual, desaparece quando a cunhada, sem um mínimo de piedade, castra simbolicamente Laerte.

*O que não a impedia de continuar a tentá-lo, com o seu cheiro de úbere, sempre às escondidas, como quem pratica um furto. Entre um dormir e acordar dos cinco filhos, no banheiro estreito, num canto de quintal, aos esbarrões, ligeiro, os olhos vigilantes, armadilhas montadas por todos os lugares da casa para avisá-los da proximidade de alguém, resguardando-os de verem revelada a paixão que os consumia.*

*De pé, sempre enrijecendo as panturrilhas numa contração dolorosa, exigindo um preparo acrobático para dois gordos por natureza. De pé para não engravidar. Simpatia desmascarada nos primeiros enjões de Djanira, a barriga apertada até quando não pôde disfarçar o que não era apenas gordura.*

*– Estou grávida – disse para Lúcia, outra das cunhadas.*

*– E Lenivaldo, com toda a doença, ainda funciona?*

*– Ainda. Pra isso não morreram suas forças.*

*Os irmãos acreditaram, preferindo aquela verdade a uma dívida dolorosa (BRITO, 2005: 120).*

Associado à posição de subalternidade, de eterno estepe do irmão, motivo de comparação pejorativa de uma qualidade sexual que não mais existe, uma terceira frustração corrói em definitivo a vida de Laerte:

*No batizado do menino com cara de índio, olhavam comovidos a dedicação de Laerte, assumido no papel de tio, abdicando do próprio futuro para estar junto da cunhada e do irmão enfermo.*

*– Os Pereiras não negam fogo – sentenciou o irmão Lenilton.*

*E Laerte não negaria nunca, enquanto Lenivaldo vivesse para justificar um filho a cada ano e os fugidios encontros permitissem.*

*– Que força nosso pajé tem!*

*– Imagine se gozasse saúde!*

*– Ia fazer trinta filhos.*

*Glória viril de Laerte que Lenivaldo usurpava, involuntariamente se vingando da traição sofrida. Derrotando o irmão mais novo no duelo de comparações que Djanira estabelecera entre os dois, marcado a cada dia pela sentença:*

*– Lenivaldo era melhor (BRITO, 2005: 120-121).*

*Glória viril que Lenivaldo usurpava.* Mesmo doente, eternamente dopado por estupefacientes variados, a potência sexual de Lenivaldo continua superior a de Laerte. Impedido

de assumir a paternidade dos filhos, impedido de gozar livremente do corpo de Djanira e considerado “menos” homem que o irmão, Laerte é uma sombra, uma sobra.

*Muitas vezes assomado num ódio fratricida por aquele irmão xamã a quem media, com os olhos, naquilo que todos os homens têm e cuja função é o que importa. Ao contemplá-lo despido, nos banhos diários, desejava que o objeto de orgulho de Djanira se mostrasse em sua força, para que pudesse comparar e dizer:*  
– *Sou melhor* (BRITO, 2005: 121).

A questão é que Laerte jamais consegue dizer *Sou melhor*, jamais terá a oportunidade de comparar a sua potência sexual com a do irmão. Essa possibilidade não mais existe. Laerte está à margem. Por isso, no dia em que Lenivaldo caiu de bruços e morreu, *abraçado ao chão que não era o seu, mas assim mesmo de direito, pois a terra é propriedade de todos* (BRITO, 2005: 122), a solidão de Laerte, como uma condenação por crimes imperdoáveis, em lugar de diminuir, aumentou: *Djanira correu e correram os filhos, os da semente de Lenivaldo e os da outra semente, misturados numa mesma orfandade do pai que partia* (BRITO, 2005: 122). A morte do irmão representa uma orfandade insuperável: os filhos legítimos, os ilegítimos, a esposa, o irmão adúltero, todos perdem um pouco de si mesmos com o desaparecimento de Lenivaldo.

Para Laerte, homem inscrito no mundo como um ser subserviente, como um pária, somente resta conjugar todos os tempos verbais consagrados pela gramática da dor:

*Olhava a cunhada com quem nunca viria a casar, permanecendo na casa do irmão, no quarto de rapaz solteiro, no lugar de tio generoso, ocupado em criar uma família de onze sobrinhos.*  
*Fugindo nas caladas da noite para encontros ligeiros com uma Djanira sexagenária, paixão que o impedia de conhecer o deleite de outras mulheres, escravo de um prazer que o viciou nas sombras* (BRITO, 2005: 123).

### 1.18 – Lábios que beijei, de Marçal Aquino.<sup>345</sup>

A questão amorosa, como um dos muitos temas que margeiam a fraternidade, encontra inusitada abordagem no conto *Lábios que beijei*.

Depois de algum tempo, os irmãos Ciro e Haroldo se reencontram. Confirmando a regra, *Quem por suas próprias mãos meteu o inimigo em casa, não venha depois queixar-se, avisado estava e não fez caso* (SARAMAGO, 2002: 228), esse acontecimento altera significativamente a vida do casal Ciro e Janete.

*Quando saiu da cadeia, Haroldo não tinha onde ficar. O jeito foi instalar-se no quartinho que existia nos fundos da casa em que Ciro vivia com a mulher, Janete* (AQUINO, 2003: 95).

Janete, esposa de Ciro, manifesta o seu desagrado. Por algum motivo obscuro, talvez por ter namorado Haroldo na adolescência, considera inconveniente a presença do cunhado: – *Não vai dar certo, Ciro. Pode escrever* (AQUINO, 2003: 95). O marido lembra as relações consangüíneas e que a presença do irmão não caracteriza nenhum absurdo: Haroldo é o dono da casa em que eles moram. Esses motivos não são suficientes para convencer Janete: – *Depois não diga que eu não avisei* (AQUINO, 2003: 95).

Algum tempo depois, Haroldo consegue um emprego (turno da noite) e uma namorada. A presença de Haroldo e as tórridas relações sexuais, durante a tarde, no quartinho dos fundos, estabelecem uma espécie de curto-circuito na rotina de todos os envolvidos na história.

Janete escuta os gemidos de amor do casal e quase enlouquece de desejos.

*Janete permaneceu em pé, apoiada na pia, e ouviu as vozes de Haroldo e da mulher. Depois, risadas.*  
*(...) O primeiro grito da mulher provocou um sobressalto em Janete. O segundo, prolongado, emendou-se aos gemidos de Haroldo. Janete recuou para dentro da casa, refugiou-se no quarto de costura, mas não conseguiu se concentrar no pulôver que preparava para o marido de uma vizinha.*  
*(...) Quando ouviu o som da descarga do banheiro, Janete voltou para a cozinha e teve tempo de ver Haroldo espreguiçando-se no quintal, antes de entrar e fechar a porta do quartinho. Os gritos da mulher não demoraram a recomeçar e só restou a Janete buscar*

---

<sup>345</sup> AQUINO, Marçal. *Lábios que beijei*. In: GARCIA-ROZA, Livia (Org.). *Ficções fraternas*. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 95-108.

*abrigo em seu quarto, de janelas fechadas. A enxaqueca latejava (AQUINO, 2003: 103).*

Janete nunca procurou pelo ex-namorado,<sup>346</sup> mas... modifica o seu comportamento sexual em relação ao marido: a mulher que até então caracterizava-se por ser fria e distante transforma-se em uma fêmea insaciável (como se tivesse aprendido, da noite para o dia, a pedagogia do amor). Basta Ciro colocar os pés dentro de casa e é imediatamente chamado a cumprir com os seus “deveres” de marido. As loucuras da tarde são revividas durante a noite.

*– Seu irmão recebeu uma mulher hoje.  
Ciro riu, sentou-se na beirada da cama.  
– Ele não perde tempo. Como está sua cabeça?  
– Agora melhorou um pouco.  
Ele curvou-se para beijá-la no rosto. E ia levantar-se, com intenção de voltar para a sala, mas ela segurou sua mão.  
– Deita aqui do meu lado.  
Quando percebeu o que ia acontecer – Janete desabotoava seu macacão –, Ciro disse que, antes, gostaria de tomar um banho. Ela colocou seu corpo sobre o dele, impediu que ele se levantasse.  
– Mais tarde você toma.  
Ciro gostou muito da forma como a coisa aconteceu – era raro Janete tomar a iniciativa. Ele notou que havia uma fúria diferente na mulher naquela noite. Ciro não achou ruim, principalmente porque a cena se repetiu, com a mesma intensidade, nas duas noites seguintes. Eram fases, Ciro calculou, Janete apenas interrompera um longo período de desinteresse. E não pensou mais no assunto (AQUINO, 2003: 104).*

Como a felicidade não é eterna, ocorre um assalto na padaria da esquina e os vizinhos começam a falar que Haroldo é o principal suspeito (o estigma da ficha policial). Tentando evitar problemas para o irmão, – *Sabe o que é, Ciro? Eu sempre acho que tô atrapalhando você e a Janete...* (AQUINO, 2003: 107), Haroldo resolve deixar o irmão e a cunhada e muda-se para a casa de Nice, a namorada.

Ciro, projetando o dia em que o irmão voltaria a morar com eles, amplia o quartinho dos fundos:

*Mas Haroldo nunca mais voltou para lá. Janete passou a usar as novas dependências como oficina de costura. As coisas entre ela e Ciro voltaram a esfriar. Fases de Janete, ele achou (AQUINO, 2003: 108).*

---

<sup>346</sup> Ao contrário de Nelson Rodrigues, Marçal Aquino não se interessa – pelo menos nessa narrativa – pela trivialidade do adultério. O nível é um pouco mais profundo, pois sublinha as inconstâncias do inconsciente e da transferência psíquica. Janete quer para si o que o cunhado possui – prazer. Mas, não quer ter prazer com o cunhado. Janete, é importante ressaltar, não quer o cunhado, quer “apenas” transferir para sua vida amorosa as emoções que imagina serem possíveis na vida conjugal se, em uma outra circunstância, não fosse casada com Ciro. Por isso, se deixa levar pela fantasia, por uma forma de compensação.

### 1. 19 – Os irmãos Dagobé, de João Guimarães Rosa.<sup>347</sup>

No conto *Os irmãos Dagobé*, publicado em 1962, o irmão mais velho da família Dagobé, Damastor, é morto por um vizinho, Liojorge, em uma briga.

Um suspense se adensa no velório: as regras de conduta da defesa da honra familiar mandam que uma morte deve ser “cobrada” com uma outra morte, como se somente o sangue do inimigo fosse capaz de suprir a ausência da vida perdida.

*Demos, os Dagobés, gente que não prestava. Viviam em estreita desunião, sem mulher em lar, sem mais parentes, sob a chefia despótica do recém-finado* (ROSA, 1993: 27).

Para surpresa geral, algo detém Doricão, Dismundo e Derval, os irmãos do morto.

*Depois do que muito sucedeu, porém, espantavam-se de que os irmãos não tivessem obrado a vingança. Em vez, apressaram-se de armar velório e enterro. E era mesmo estranho* (ROSA, 1993: 28).

E isso só aumenta a expectativa, o suspense. Suposições são levantadas: os Dagobé estão alimentando o ódio – ou algo pior.

*Tanto mais que aquele pobre Liojorge permanecia ainda no arraial, solitário em casa, resignado já ao péssimo, sem ânimo de nenhum movimento* (ROSA, 1993: 28).

As horas passam e nada acontece. Liojorge, sem conseguir agüentar tamanha tortura, e sentindo que *já era uma alma para sufrágios* (ROSA, 1993: 29), manda recado aos irmãos, dizendo que quer se apresentar, quer *conciliar as pazes, ou pôr urgência na maldade* (ROSA, 1993:30).

Os três irmãos reagem com indiferença.

*A gente espiava os Dagobés, aqueles três pestanejares. Só: – “Dei’stá”... – o Dismundo dizia. O Derval: – “Se esteja a gosto!” – hospedoso, a casa honrava. Severo, em si,*

---

<sup>347</sup> ROSA, João Guimarães. *Os irmãos Dagobé*. In: \_\_\_\_\_. *Primeiras histórias*. 24. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993. p. 27-31.

*enorme o Doricão. Só fez não dizer. Subiu na seriedade. De receio, os circunstantes tomavam mais cachaça-queimada. Tinha caído outra chuva* (ROSA, 1993: 29).

*O prazo de um velório, às vezes, parece muito dilatado* (ROSA, 1993: 29).

Na hora do enterro, Liojorge, *varrido de todo o atinar* (ROSA, 1993: 30), chega ao velório e, seguindo indicação dos irmãos pega na alça esquerda frontal do caixão. Os irmãos ajudam a carregar o morto. Liojorge sente que a vida está a escapar de seu corpo. A qualquer momento os irmãos hão de puxar as armas: *baixado o caixão na cova, à queima-bucha o matavam; no expirar de um credo* (ROSA, 1993: 31).

O impasse continua:

*o nenhum despedimento: ao uma-vez Dagobé, Damastor. Depositado fundo, em forma, por meio de rijas cordas. Terra em cima: pá e pá; assustava a gente, aquele som. E agora?* (ROSA, 1993: 31).

E agora, nada. Nada acontece – pelo menos com Liojorge. A cerimônia fúnebre efetiva-se como uma espécie de ritual de purificação. Os irmãos Dagobé, sobreviventes ao despotismo do irmão mais velho, quebram os grilhões e rompem com a prática milenar de reclamar a dívida de sangue: “*Moço, o senhor vá, se recolha. Sucede que o meu saudoso Irmão é que era um diabo de danado...*” (ROSA, 1993: 31). A frase é pronunciada em *baixo e mau-som* (ROSA, 1993: 31).

Logo em seguida, os irmãos agradecem aos que compareceram ao velório e, outra vez, a voz de Doricão se faz ouvir: “*A gente, vamos’embora, morar em cidade grande...*” (ROSA, 1993: 31).

A ausência da autoridade do primogênito – o irmão morto está reduzido ao corpo de um homem morto – liberta os irmãos remanescentes. O narrador, com ironia, antecipando novas tempestades, termina o seu relato: *O enterro estava acabado. E outra chuva começava* (ROSA, 1993: 31).

Em oposição/complemento ao desfecho do conto de Guimarães Rosa, onde a amizade encontra na morte uma forma de reforçar o amor fraterno, há outras incidências das questões denominadas de “defesa da honra familiar”.<sup>348</sup> De acordo com um código de honra não escrito (mas de prática habitual em locais e circunstâncias onde o ordenamento jurídico promovido pelo Estado se faz ausente), uma ofensa grave, principalmente se for de caráter sexual, exige alguma forma de reparação. “Lavar a honra com sangue” é a mais freqüente. Essa tarefa é de responsabilidade de um integrante familiar próximo: o pai, ou na sua ausência, o primogênito ou um outro irmão ou o marido.

---

<sup>348</sup> Um exemplo significativo da representação literária do ritual sangrento que caracteriza a “defesa da honra familiar” está no romance albanês *Abril despedaçado* (KADARÉ, 1991). De forma ficcional, mas escorado em uma realidade muito próxima de alguns agrupamentos sociais “menos civilizados”, o texto compõe um grande tratado sobre a liturgia que envolve a morte dos integrantes de duas famílias inimigas e que estão unidas pelo ódio; ou seja, o único propósito de existência dessas duas famílias é o extermínio mútuo. O brasileiro Walter Salles Júnior dirigiu, em 2000, uma adaptação cinematográfica de *Abril despedaçado*.

## 1.20 – Laurinha, de Rubem Fonseca.<sup>349</sup>

O narrador de *Laurinha* é um homem emotivo:

*Quando minha mulher Teresa morreu, eu chorei muito. Não me incomodo em dizer isso. Sempre que me emocionava eu chorava, até no cinema. Meu irmão Manoel também era assim, chorava por qualquer coisa. É uma característica da minha família, temos o coração mole, qualquer coisa faz nossos olhos se encherem de lágrimas, um passarinho morto, um cachorrinho abandonado, uma criança pobre pedindo esmolas, qualquer coisa (FONSECA, 2006: 90).*

*Qualquer coisa faz nossos olhos se encherem de lágrimas (...) qualquer coisa, faz questão de ressaltar o narrador, inominado, que vive com a filha, Laurinha, e o irmão, Manoel:*

*Laurinha foi crescendo e ficando cada vez mais parecida com a mãe. Com dez anos era uma mocinha linda. Era o encanto da minha vida e da do Manoel, que nunca se casara nem se casaria, ele tinha um lábio leporino que fora mal operado e o seu rosto tinha um esgar permanente muito feio, ele sabia disso, e as garotas fugiam dele. Assim, a família do Manoel éramos eu e Laurinha (FONSECA, 2006: 90-91).*

O narrador costumava encontrar com a filha todo dia, na saída da escola. No dia em que não foi, Laurinha desapareceu. O corpo da menina foi encontrado, no dia seguinte, em um terreno baldio. Havia sido estuprada.

A notícias correm e o caso é resolvido rapidamente: *Já sabemos quem fez isso, disse o tira, é um sujeito chamado Duda. Vai ser difícil pegar esse cara. Mora no morro (FONSECA, 2006: 92).*

Inconformados com os procedimentos burocráticos da polícia, o narrador e Manoel decidem resolver o caso “pelas próprias mãos”.

*Sáimos do IML, fomos ao banco e tiramos todo o dinheiro que tínhamos depositado, todo, até da poupança.  
Fomos para o morro. Paramos o carro numa rua de baixo. Uns caras mal-encarados ficaram observando a gente. Um deles se aproximou, camisa aberta, deixando ver a pistola na cintura.  
Qual é?, ele perguntou.*

---

<sup>349</sup> FONSECA, Rubem. *Laurinha*. In: \_\_\_\_\_. *Ela e outras mulheres*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 90-96.



*Não queremos pó, queremos um camarada chamado Duda. Pagamos bem. expliquei a razão.*

*Quanto?, o cara perguntou.*

*Eu disse a quantia.*

*Güenta as pontas, o cara respondeu.*

*Ficamos dentro do carro, esperando. Não demorou e o traficante apareceu com o tal de Duda. Era um sujeito gordo de bigode, uns trinta anos, com as mãos amarradas atrás das costas.*

*Foi esse cara que matou a menina, disse o traficante, a polícia sabe e já andou por aqui atrás dele.*

*Põe ele na mala do carro, eu pedi (FONSECA, 2006: 92-93).*

Como se estivessem folheando um atlas de anatomia da violência, os dois irmãos, unidos pela perda, promovem uma ressurreição da Lei de Talião, *dente por dente, olho por olho*. Embora não seja exatamente um ritual compensatório em defesa da honra ultrajada,<sup>350</sup> constitui uma espécie de analgésico contra as dores produzidas pelo viver – como que a dizer, transversalmente, que se o Estado é omissor na punição daqueles que rompem com o pacto civilizatório, cabe às vítimas efetuar os reparos necessários para que prevaleça algo próximo do que o imaginário social entende como justiça.

Em uma casa, no campo, o pai da menina morta e o estuprador conversam:

*Manoel fez um café. Quer café?*

*Sim, obrigado.*

*Enquanto ele bebia o café, perguntei, por que você fez aquilo com a menina?*

*Não sei, respondeu, foi uma loucura, quando vi ela andando na minha frente com aquela saia curtinha do colégio me deu uma coisa que eu não resisti. Mas estou arrependido. Muito arrependido.*

*Precisava ter socado a cara e o corpo dela com tanta violência?*

*Não sei o que deu em mim, disse Duda. Estou muito arrependido, Deus vai me castigar.*

*Deus que se foda, eu disse (FONSECA, 2006: 93-94).*

<sup>350</sup> Uma narrativa *standard* do que se convencionou chamar de “defesa da honra familiar” pode ser encontrada no conto *O irmão menor* (LLOSA, 1976: 147-166). Leonor, a irmã de Davi e João, diz ter sido molestada por um índio. Os irmãos, cheios de ódio, resolvem caçar o estuprador – Davi o mata, quando o índio é encontrado pelos irmãos. Neste caso, o que une os irmãos é necessidade de vingar a honra familiar – mas, isso é insuficiente para estancar as diferenças que existem entre eles. Na volta para casa, João declara que não quer mais viver na fazenda, que vai morar em Lima. A sua voz está embargada pelo peso da culpa: “*Se fico na fazenda vou terminar acreditando que é normal fazer coisas assim*” [matar]. *Ia acrescentar “como você”, mas não se atreveu* (LLOSA, 1976: 159). Quando chegam na fazenda, Leonor confessa que inventou o estupro para poder se livrar do índio, que a estava assediando. João, como um endemoninhado, começou a gritar palavrões: *chamou a irmã de puta e o irmão de canalha e déspota, deu um violento empurrão em Davi, que queria impedir-lhe a passagem, e abandonou a casa correndo, deixando um rastro de injúrias* (LLOSA, 1976: 164). Em seguida, monta em Colorado, o cavalo arisco de Leonor. Mostrando uma habilidade que aos outros era desconhecida, doma o cavalo. Apeia em frente ao *Mugre* (uma espécie de celeiro), arrebenta a pontapés o cadeado e liberta os índios que lá estavam presos. *Depois voltou à casa, caminhando lentamente. Na porta, Davi o esperava. João parecia sereno: estava empapado de suor e seus olhos mostravam orgulho. Davi aproximou-se dele e o levou para o interior da casa, agarrando-o pelo ombro. “ – Vamos” – dizia-lhe. – “ Tomaremos um gole enquanto Leonor cuida de seus joelhos”* (LLOSA, 1976: 166). João, depois desse desabafo, que equivale a um ritual de entrada no mundo adulto, ao contrário do que seria esperado, fortalece os laços fraternos – o crime une os três irmãos.

*Deus que se foda*, exclama o narrador, enquanto, com a ajuda de Manoel, despem o refém e o amarram na cama, *as pernas e os braços bem abertos* (FONSECA, 2006: 94).

*As facas estão afiadas?*  
*Pode fazer a barba com elas*, respondeu Manoel (FONSECA, 2006: 93).

A barbárie amalgama a fraternidade e reforça os sentimentos de vingança. O narrador e Manoel estão “irmanados” na tarefa pouco higiênica de “lavar a honra com sangue”.

*Colocamos as facas sobre a mesinha-de-cabeceira. O ferro de cauterização foi posto no gás acesso do fogão.*  
*Pelo amor de Deus, não façam isso comigo*, pediu Duda.  
*Tem certeza que a cauterização evita qualquer infecção? Não queremos que ele morra, queremos?*  
*De jeito nenhum*, respondeu Manoel, *queremos que ele viva.*  
*Eu corto e você cauteriza*, disse eu.  
*Pelo amor de Deus*, implorou Duda, *eu estou arrependido.*  
*Agarrei os colhões de Duda e cortei lentamente, ouvindo os gritos lancinantes dele.*  
*Peguei o saco escrotal com os dois testículos e joguei na lata de lixo.*  
*Os gritos de Duda não cessavam e aumentaram quando Manoel, com o ferro em brasa, cauterizou a ferida. Então Duda desmaiou* (FONSECA, 2006: 94).

Castrado o agressor, os irmãos exigem da vítima um pequeno acréscimo. Depois de uma semana,

*Eu e Manoel nos aproximamos da cama e eu disse para Duda, queríamos que você ficasse com a voz fininha, como se fosse uma mulherzinha* (FONSECA, 2006: 95).

O desejo dos irmãos é “feminizar” o agressor da menina. Sabem que não basta extirpar os testículos, pois a área sexual fica escondida sob as roupas. Uma punição exemplar necessita apresentar alguma característica “exterior”. Como essa proposta, que beira a insanidade, se mostra inviável, o problema é resolvido com uma nova sessão de agressões: *Como é que a gente vai fazer? Ele tem que sofrer*, eu disse (FONSECA, 2006: 95).

*Quebramos com as barras de ferro os dois tornozelos de Duda. Esperamos um pouco e quebramos os ossos da canela, aquele osso que quando a gente está jogando futebol e leva um chute dói pra caralho.*  
*Ele gritava como um louco. Mais um intervalo para ele se recuperar, não queríamos que ele desmaiasse de dor, e então esfacelamos seus dois joelhos.*  
*Ele continuava gritando e agora defecava e urinava na cama.*  
*Outro intervalo. Em seguida, com as barras de ferro, quebramos os cotovelos, depois as costelas, depois a clavícula, sempre com um intervalo entre uma coisa e outra. Com um martelo parti todos os dentes dele.*

*Então ele começou a gritar fininho, com a voz que nós queríamos que ele tivesse quando arrancamos os seus colhões. Mas agora era tarde, fazia mais de três horas que estávamos arrebetando os ossos dele.*

*O putro morreu coberto de merda, mijo e sangue (FONSECA, 2006: 96).*

Apesar de ignorar que a espiral inflacionária da violência não termina com a destruição física do corpo, os irmãos se satisfazem com essa idéia. A morte de Duda sela a amizade entre os irmãos.

*Levamos a cama para o quintal dos fundos, enchemos de gasolina e tacamos fogo.*

*Ainda tem salsicha e cerveja, disse Manoel.*

*Fomos para a sala, e comemos e bebemos.*

*Através da janela, víamos a fogueira ardendo no quintal (FONSECA, 2006: 92).*

### 1.21 – Cheio de dinheiro, de Humberto Mariotti.<sup>351</sup>

Variação importante do conceito social que legaliza a “defesa da honra familiar” está localizada no conto *Cheio de dinheiro*. A narrativa contempla um raro momento: as divisões internas da família são superadas por um “objetivo maior”, o resgate do passado através do “pagamento” de uma dívida – de maneira emblemática, em um cenário em que a violência transborda, a fraternidade se estreita: os irmãos reverenciam a memória do pai e recuperam, mesmo que seja de forma insensata, a unidade familiar.

O conto inicia quando, durante a noite, três irmãos<sup>352</sup> seqüestram Miguel, um velho agiota que mora sozinho. A vítima, que tinha como mote existencial a frase *dinheiro enche barriga!* (MARIOTTI, 2005: 395), é amarrada pelos braços e pernas, um pedaço de algodão enche sua boca e duas tiras de esparadrapo vedam qualquer som. Os irmãos carregam Miguel e o sentam no banco de trás do carro. Depois, *partiram como tinham chegado, sem ninguém perceber* (MARIOTTI, 2005: 399).

Antes, os irmãos fazem questão de esclarecer os motivos do rapto:

*O mais velho então falou: disse a seu Miguel que não tivesse um pinga de medo que eles não estavam ali para roubar o dinheiro dele. Muito pelo contrário, tinham vindo de muito longe para pagar uma dívida velha de vinte anos, não tivesse pois menor preocupação, eles tinham vindo para pagar com juros e tudo, muito dinheiro, juros de vinte anos, seu Miguel será que se lembrava? Era uma dívida ainda do finado pai deles, lembrava? Aquele seu fulano assim-assim, que apesar de ter vendido tudo o que tinha para pagar a seu Miguel não tinha conseguido pagar tudo por causa dos juros, lembra, seu Miguel? E ele então pagou o que foi possível pagar e depois se matou de pura vergonha, naquele tempo era assim, a gente era menino mas não esqueceu* (MARIOTTI, 2005: 399).

A voz segura, monocórdica, do irmão mais velho procura tranquilizar Miguel – o que não acontece, pois, aos ouvidos do velho, está pleno de ameaças:

<sup>351</sup> MARIOTTI, Humberto. *Cheio de dinheiro*. In: COSTA, Flávio Moreira da (Org.). *Crime feito em casa: contos policiais brasileiros*. Rio de Janeiro: Record, 2005. p. 395-402.

<sup>352</sup> O recurso literário que visa “apagar” a identidade de alguns personagens, denominando-os de forma genérica, encontra no conto de Mariotti um momento significativo. Os três irmãos são designados como “irmão mais velho”, “irmão do meio” e “irmão mais novo” ou “caçula”. Significativamente, como uma espécie de contraponto, como que a querer chamar atenção para o detalhe, o “inimigo” possui nome: Miguel. Ideologicamente, o autor, por vias persuasivas, mas pouco sutis, procura convencer aos leitores que o “mal”, representado pela ganância do agiota, precisa sempre ser explicitado, identificado e punido. Em oposição, a atividade incorpórea do “anjo vingador” da história, que procura e aplica a justiça entre os humanos, deve ser anônima.

*Foi isso que o irmão mais velho falou. Disse também: o que é isso, seu Miguel, pra que essa suadeira, não tenha medo não que a gente veio foi para lhe pagar aquele resto que ficou faltando e com juro e tudo, deixa desse medo besta. O irmão do meio e o caçula confirmaram tudo, rindo (MARIOTTI, 2005: 399).*

Se vinte anos é o espaço temporal que separa os dois acontecimentos na vida dos três irmãos (o suicídio do pai e o seqüestro de Miguel), é no tempo imediato da narrativa que as pontas da história são atadas. Os irmãos desejam devolver uma quantia em dinheiro que o pai ficou devendo – e pagando todos os juros!

Em lugar distante, *à porta de uma casinha isolada no meio da pradaria imensa, tudo plano em todas as direções* (MARIOTTI, 2005: 399), o carro estaciona. Descem os quatro passageiros. Miguel é conduzido para dentro da casa e, depois de ser despido, é amarrado pelos quatro membros em estacas, no chão de terra batida.

*O mais velho saiu um pouco, foi até o carro e de lá voltou com uma mala grande e muito pesada. Descansou a mala no chão, perto da cabeça do velho, e disse a ele que ali estava o dinheiro que ele ia receber. Abriu a mala e mostrou: o capital mais os juros, estava tudo ali: trinta mil cruzeiros, sendo uma parte em moedas e uma parte em notas. O mais velho continuou explicando tudo muito direitinho a seu Miguel, sabia que o velho, tão fraquinho, nunca dispensava um tostão de senhor ninguém, recebia sempre tudo até o último centavo. Por isso o irmão mais velho de vez em quando parava a explicação e dizia para os outros dois que todo cuidado era pouco, que dinheiro é coisa muito importante e – como seu Miguel mesmo não cansava de dizer – até enche barriga. Por isso o mais velho repetiu tudo outra vez, para que tudo ficasse bem claro e seu Miguel não pensasse que ia deixar de receber um único centavo do que era dele. E explicou de novo que capital mais juros de vinte anos daquela dívida dava um total de trinta mil cruzeiros e estava tudo ali naquela mala: vinte mil cruzeiros em moedas – o que dava quarenta mil moedas de cinquenta centavos; dez mil em notas – o que dava dez mil notas de um cruzeiro. Daí porque a mala, apesar de grande estava para estourar de tanto dinheiro, tudo isso para pagar ao senhor, seu Miguel, dizia o irmão mais velho (MARIOTTI, 2005: 400).*

É nesse instante que os irmãos iniciam os preparativos para efetuar o pagamento, apesar de Miguel declarar não querer receber.

*De vez em quando, o irmão mais velho interrompia e dizia a seu Miguel que absolutamente, dívida é dívida, o senhor sabe como é, eles faziam questão de pagar, não esquecendo naturalmente os juros, era obrigação (MARIOTTI, 2005: 401).*

O caçula pegou a faca e começou a cortar a barriga de Miguel: *com movimentos rápidos, foi cortando, descendo, abrindo* (MARIOTTI, 2005: 401). Os gritos do velho quebram o silêncio

da planície e inundam os ouvidos dos três irmãos, como se a crueldade fosse a única maneira possível de saciar a sede de vingança alimentada durante vinte anos:

*Os gritos começaram com um gemido cavo e raivoso, iam subindo, subindo cada vez mais, viravam urros e assim ficavam durante certo tempo, quando então se transformavam em ganidos, guinchos finos, lacrimosos, quase infantis. E o irmão mais velho sempre pedindo calma seu Miguel, vai demorar um pouco mas é por causa dos juro, mas é preciso pagar os juro, onde já se viu dispensar juro, ainda mais com o senhor que sempre fez tanta questão. E seu Miguel aos guinchos bem fininhos, bem agudinhos, que em pouco cessaram bruscamente e passaram a roncões guturais, gorgolejantes e selvagens, como os dos bichos brutos das brenhas (MARIOTTI, 2005: 401).*

No momento em que a barriga do velho ficou toda aberta, *o irmão do meio começou a despejar dentro dela o dinheiro* (MARIOTTI, 2005: 401). O pagamento começou a ser feito com as moedas, *que eram jogadas primeiro aos punhados, depois em quantidades maiores de cada vez, as duas mãos em conchas cheias* (MARIOTTI, 2005: 401). O irmão mais velho recomenda cuidado, o pagamento precisa ser total, nenhum centavo deve se perder. O dinheiro e o sangue e as vísceras se misturam. As cédulas também começam a ser introduzidas na barriga de Miguel: *o irmão mais velho recomendando que socasse bem para no fim não ficar faltando nada* (MARIOTTI, 2005: 402).

Quando a última cédula foi introduzida na barriga de Miguel, *que gemia fraquinho, num fio de voz* (MARIOTTI, 2005: 402), o caçula pegou uma agulha de coser saco e com o auxílio de um barbante grosso suturou a barriga do velho: *O caçula ia costurando, o do meio socando algum dinheiro que ameaçava sair pela parte ainda aberta do talho* (MARIOTTI, 2005: 402).

O amanhecer coincide com o término da tarefa: *Os três saíram da casa e foram para o córrego que passava nos fundos e lá se lavaram com cuidado, vestiram roupas limpas* (MARIOTTI, 2005: 402).

Esse ritual de limpeza corporal, depois do pagamento da dívida, configura uma espécie de renovação do batismo cristão, momento que separa os puros de alma dos pecadores. Como comprovam as últimas linhas da narrativa, o pagamento da dívida instaura uma espécie de leveza no comportamento dos irmãos, que a partir daquele momento estão livres do compromisso que os oprimia:

*O mais velho foi até a porta e trancou a casa, cuidadosamente. Depois, os três entraram no carro e foram embora. Dentro da casa, seu Miguel estava como sempre estivera durante toda a sua vida: cheio de dinheiro* (MARIOTTI, 2005: 402).

## 1.22 – Pedro imaginário, de Autran Dourado.<sup>353</sup>

Os irmãos Paulo e Pedro encontram-se em um tribunal, assistindo ao próprio julgamento. Todos os presentes (acusados, juiz, promotor, os agentes do aparelho judiciário, os sete jurados, público, leitores) sabem antecipadamente que os irmãos vão ser absolvidos do duplo homicídio pelo qual estão sendo acusados, porque, como compete às noções culturais e de justiça de um Estado paralelo, as mortes do Padre Joel e de Júlia (irmã de Pedro e Paulo) resultaram de um procedimento de legítima defesa dos valores familiares.<sup>354</sup>

*O coronel Justino Pessegueiro, ali sentado na primeira fila, disse que estava tudo mais ou menos acertado. Paulo perguntou se tinha certeza, o coronel fez que sim, só se um cabra safado na hora trair, não contava com isso. E o dr. Eustáquio, não vai forçar a mão no palavreado? Esse também, disse o coronel Justino (DOURADO, 1982: 96).*

Mesmo assim, mesmo todos estando cientes de que o julgamento é uma farsa, o ritual se cumpre – para que se torne público que alguns crimes não merecem perdão e que outros crimes, cometidos em represália aos primeiros, sempre serão perdoados.

*Todos de pé, gritou o oficial de justiça. O juiz tocou a campainha prolongadamente, o ódio na cara, os lábios apertados entre os dentes. As feições transtornadas, as mãos tremiam, podia-se ver pelo papel que ia ler. E eu tenho que comunicar esta porcaria, diz com ódio, com nojo, baixinho, o dr. Saturnino Bezerra. Mas havia um tal silêncio na*

---

<sup>353</sup> DOURADO, Autran. *Pedro Imaginário*. In: \_\_\_\_\_. *As imaginações pecaminosas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1982. P. 94-115.

<sup>354</sup> *O advogado sustentou a tese do homicídio em legítima defesa da honra, admitida pelo tribunal da consciência, e os gêmeos declararam no fim do julgamento que voltariam a fazer mil vezes o que fizeram pelos mesmos motivos (MÁRQUEZ, 1981: 73).* Para os gêmeos Pablo e Pedro Vicário, que mataram Santiago Nasar, no romance colombiano *Crônica de uma morte anunciada*, a honra familiar está acima da liberdade pessoal. O estopim para o homicídio de Santiago Nasar ocorre quando Bayardo San Román, na madrugada que se seguiu ao seu casamento com Ângela Vicário, devolve a esposa, alegando que ela havia sido deflorada antes do casamento. Depois de receber uma surra de sua mãe, Pura Vicário, Ângela revela para Pedro o nome daquele que havia desgraçado a família Vicário. Coube aos gêmeos Pablo e Pedro, 24 anos de idade, tomar as providências relativas ao caso: *Foi Pedro Vicário, segundo declaração própria, quem tomou a decisão de matar Santiago Nasar, e no princípio o irmão não fez senão segui-lo. Mas também foi ele quem pareceu dar por cumprido o compromisso quando o prefeito os desarmou, e então Pablo Vicário assumiu o mando (...) Pablo Vicário, entretanto, me confirmou várias vezes que não foi fácil convencer o irmão da decisão final (MÁRQUEZ, 1981: 90).* Os gêmeos saem pela cidade, procurando por Santiago: *Nunca houve uma morte mais anunciada (MÁRQUEZ, 1981: 76).* Quase todos os habitantes da cidade foram avisados, de uma maneira ou de outra, que os gêmeos, portando afiadas facas para matar porcos, estavam procurando por Santiago Nasar. Ninguém fez o mínimo gesto para impedir. A narrativa se concentra na procura e no encontro. Por fim, há o desfecho inevitável: *“Que merda, primo”, disse-me Pablo Vicário, “você não imagina como é difícil matar um homem!” (MÁRQUEZ, 1981: 174).*

*sala que, por mais baixo que ele tenha falado, pelo menos o promotor e o escrivão e eles ouviram distintamente.*

*O juiz lia a absolvição, só um voto contra. Um vozeio cresceu na assistência, gritos e aplausos. O juiz voltou a bater a campainha com fúria, como se quisesse destruí-la (DOURADO, 1982: 114-115).*

Paulo é quatro anos mais velho do que Pedro e muito mais inteligente. Ou melhor, muito mais articulado com os princípios elementares que regem o viver em sociedade. É uma dessas pessoas que sabem que os problemas somente serão resolvidos através da audácia e da criação de elementos aglutinadores entre pessoas que compartilham de interesses e valores.

*Olhou para Paulo a seu lado. Nem uma vez ao menos ele se voltou para Pedro. Paulo tinha o olhar vago e neutro pousado ora na parede, ora na mesa, ora no teto. Só uma ou outra vez prendia os olhos no juiz, no escrivão, nos jurados. Havia nos seus olhos um sorriso de confiança. Tão diferente dele, os dois unidos no mesmo jugo. Tão diferente ele olha o dr. Saturnino. Paulo parece não temer os olhos do juiz. Paulo nunca temeu ninguém, só pai às vezes, sempre assim. Tudo lhe era permitido, pelo menos ele achava, nenhuma barreira para seus gestos, seus pensamentos, seus passos, seus atos. A maneira como Paulo olhava o dr. Saturnino era muito diferente da dele. Uma vez prestou atenção, viu. Viu que Paulo fitava de cabeça levantada o juiz, cara a cara, olhos nos olhos, de um modo petulante e desafiador. Tão desafiador e petulante que o dr. Saturnino teve de abaixar os olhos. Sempre assim, Paulo sempre foi assim. Nenhuma barreira, nenhum paradeiro. Ele dormia a noite inteira, como se aquilo não tivesse se passado com ele, com eles dois. Não tocava no assunto, quando Pedro tentava lembrar, mudava ligeiro de conversa, como se ele tivesse outra culpa além da que Pedro sabia. Em nenhum momento parecia se preocupar com o que aconteceu, com o que podia acontecer. Jogava um jogo que parecia ter controle (DOURADO, 1982: 101-102).*

Pedro, também conhecido como Pedro Imaginário, é um simplório, um homem sem muitas ambições, que acredita que a felicidade pode estar em esculpir madeira, sem se preocupar com essas doenças que corroem o mundo: responsabilidades, tradições, dores e medos.

*Pensando bem, até que foi bom começarem a chamá-lo de Pedro Imaginário. Porque podiam ter cismado com Pedro Santeiro, Pedro Santeiro tinha um certo ar de riso. Já Pedro Imaginário era muito melhor, dizia bem o que ele era, o seu gratuito ofício, e parecia dizer outras coisas mais. Ele era muito imaginoso, vivia imaginando coisas, ou ele mesmo não existia, um ser vaporoso que alguém imaginou? Um dia disse à Júlia a descoberta, ela achou muita graça e carinhosa passou-lhe a mão pelos cabelos, meu Pedrinho Imaginário e Imaginoso (DOURADO, 1982: 105).*

Por isso é que, no dia-a-dia, o que Paulo decidir, está decidido pelos dois.

*Só de ouvir a voz segura e imperativa de Paulo ficava mais calmo, era a voz que importava, não o que dizia. Ganhava uma certeza que antes não tinha, antes era medo do vazio e do caos. Preferia qualquer coisa menos o vazio. Paulo pelo menos era uma ordem. Paulo sempre gostou de mandar e ele de obedecer, desde meninos. Desde menino, sempre assim. Não por ser mais velho quatro anos, mas por alguma coisa que*



*tinha nos olhos amarelos, na voz timbrada e clara, nos gestos decididos. Era assim – Paulo mandava, ele obedecia (DOURADO, 1982: 102).*

Uma noite, a tranquilidade é rompida – como uma reedição memorial daquelas tardes em que os dois irmãos espiavam a irmã, Júlia, tomar banho nas águas do poço:

*o corpo molhado e luminoso que ele não esqueceria nunca mais. Aquela nudez ele nunca mais esqueceria. E Paulo ia mostrando o que já adivinhava por ter lembrado do poço do Pinheirinho na curva do bambuzal, e não queria ver (DOURADO, 1982: 103).*

Uma noite, um dos irmãos pede ajuda ao outro.

*(...) aquela noite, tarde da noite, devia ser umas duas horas (foi o que ele disse depois que eu devia dizer, eu não sabia que horas eram ao certo, nunca soube medir direito o tempo), Paulo vindo da Confeitaria Brasil-Itália, como todas as noites bebendo, proseando vadio, lá ou na bocha. Acordou-o, Pedro tinha sempre muito sono antigamente, quer dizer – antes, por ele nem pelo pai o padre carecia de enfiar as botinas dentro dos chinelos de pano. Acordou-o e disse venha, vamos, venha ver. Você tem de ver com os seus próprios olhos, insistia Paulo. Eu não vou fazer tudo sozinho. Tudo o quê? O que tenho, o que a gente tem de fazer, disse Paulo sempre decidido (DOURADO, 1982: 102).*

Paulo não quer apenas a companhia de Pedro, quer a cumplicidade do irmão. Paulo quer resolver um assunto pendente, consertar algo que acredita estar errado.

*Lá fora Paulo perguntou se ele estava armado. Só com esse punhal, disse ele batendo a mão na cintura. Não basta, tome mais esse revólver, disse Paulo. E você? disse Pedro desconfiado. Eu estou mais do que preparado, de garrucha entrocada. Pra quê, perguntou Pedro como se não entendesse nada do que estava se passando. Pra quê? Pros dois, ora! Os dois quem, perguntou Pedro. Ora, ela e o padre! disse Paulo, quase perdendo a paciência com ele. Como é que você sabe que é o padre? disse Pedro. Você é muito bobo, disse Paulo. Será que nunca percebeu? Pedro ficou um momento calado, em suspenso, não sabia o que fazer, o que Paulo queria que ele fizesse (DOURADO, 1982: 111).*

A voz firme de Paulo (revelando os fatos, mostrando as evidências, tornando claro o que até então era obscuridade e pecado) está ancorada na tradição social, no “direito familiar”: fazer o que é preciso fazer, porque é a única coisa certa a fazer.

*Estava tão mergulhado nessas lembranças que nem reparou que o promotor já ia longe na acusação. Agora olha para os dois, aponta para eles. Pedro porém não via na sua voz nenhum ódio, falava maquinalmente. As vítimas em desigualdade de condições, surpreendidas e desarmadas, sem que pudessem manifestar a mínima defesa, dizia ele vago, a voz baixa, e ele podia ter dito que tinha sido de pura malvadeza, de covardia dos dois, mas não disse (DOURADO, 1982: 109).*

Pedro, sem pesar as conseqüências da ação que irão praticar, acompanha o irmão – nunca discutiu a solidariedade fraterna, não será agora a primeira vez.

Uma noite, como uma forma cruel de soterrar sentimentos retidos, interditos, negados, um dos irmãos pede ajuda ao outro irmão. Uma noite, como uma forma de expurgar/expulsar segredos:

*Ali na sala de jantar, diante da porta de Júlia, o olho no buraco da fechadura. Não agora, quer dizer, naquela noite da desgraça. Os dois meninos, Paulo vivia espionando-a, queria surpreendê-la na sua intimidade. Nem tudo era para contar ao pai, via pelos olhos, pela agitação, pela voz rouca e tremida de Paulo. Aquela vez no poço do Pinheirinho, o corpo nu brilhoso de água, os cabelos molhados. Havia nos olhos de Paulo um olhar canalha, um riso untuoso. Veja como ela é bonita, disse. Pedro saiu correndo, não queria mais ver, ainda hoje aquele corpo nu e brilhoso ficava bulindo com ele, doía no peito. Só muito depois, quando os dois se encontraram (Paulo esperava-o na porta da casa, com certeza tinha medo que ele falasse primeiro com o pai), foi que perguntou se ia contar ao pai o que tinha passado no poço. Pedro disse que não, viu que Paulo suspirou aliviado (DOURADO, 1982: 107).*

Uma noite e os dois irmãos invadindo o quarto da irmã. *E eram gritos, tiros, facadas, sangue* (DOURADO, 1982: 114). Impossível esquecer aquela imagem: *aconteceu uma desgraça lá em casa! foi o que ele disse a seu Machado, os olhos esbugalhados, a voz rouca, tremendo muito, quando foram bater na porta do vizinho* (DOURADO, 1982: 106).

*Toda noite, não conseguia, custava muito a dormir. As botinas do padre enfiadas nos chinelos de pano pisavam as nuvens, se sentia sufocado. Quando conseguia dormir, acordava assustado no meio do sonho repetido. As botinas nos chinelos, o punhal com a bainha incrustada de ouro, a garrucha de Paulo, trochada. Os corpos nus, o sangue pegajoso. E ele misturando as coisas, as coisas mesmo que se passaram e as que ele imaginou e foi acrescentando sempre e deformando, e ele não sabia mais qual tinha sido mais real, se a cena daquela noite de desgraça, se aquela que ele foi aos poucos se lembrando, imaginando, acrescentando, mudando, até se firmar numa visão única e imutável, parada no tempo como uma fita se interrompe e se fixa, e que agora se repetia no sonho único e angustiante. A boca, o grito do padre; a surpresa, o espanto pânico nos olhos de Júlia, as mãos e os braços procurando esconder a nudez, ela instintivamente envergonhada se protegendo inutilmente. Quando nesse ponto acordava, o coração batia descompassado e terrível no peito, nos ouvidos, na garganta. Esperava muito tempo até a névoa de chumbo passar, para tornar a contar até cem, de cem até um, tinha medo de viver de novo aquele sonho que o perseguia, ele mesmo o seu perseguidor desde aquela noite de desgraça os dois (DOURADO, 1982: 100).*

## 2. OS GÊMEOS

*Você seria sempre a minha cópia, o meu duplicado, uma imagem permanente de mim mesmo num espelho em que eu não estaria olhando, algo provavelmente insuportável.*

**José Saramago:** *O homem duplicado.*

## 2.1 – Quando o igual se apresenta como diferente

Na especial circunstância em que o embate fraterno está circunscrito ao fenômeno biológico da gemelaridade,<sup>355</sup> (instante em que a igualdade física se revela como fratura nos litígios emocionais familiares), as questões relacionadas com a perda da identidade – ciência da indeterminação individual – surgem como uma manifestação emocional complicada e de difícil entendimento.<sup>356</sup> Contrário ao senso comum, que propaga a herança genética idêntica como um momento de intersecção fraterna, o grau de afastamento afetivo dentro dessa categoria fraterna é significativo – apesar dos sinais históricos, o imaginário social sempre se surpreende quando a violência explode entre gêmeos.

O caso de Rômulo e Remo, os fundadores de Roma, por exemplo, é um claro indício de que é nas águas tranquilas de um lago que se escondem as áreas de maior profundidade. Filhos ilegítimos de Réia Silvia e do deus Marte, os gêmeos são abandonados, dentro de um cesto, no rio Tibre. Conseguem sobreviver graças a uma loba, que os alimenta. A história da infância, adolescência e vida adulta dos gêmeos é repleta de aventuras. Um dia, os gêmeos deixaram Alba, cidade que era governada por Numitor, avô dos rapazes. Com o propósito de fundarem uma nova cidade, os irmãos invocaram a proteção divina. Ao sopé do monte Palatino, os deuses favorecem Rômulo (Remo havia escolhido o Aventino). Quando o irmão começa a demarcar a cidade, Remo, movido pelo ciúme, começou a zombar da escolha de Rômulo. Em seguida, invade o espaço consagrado como perímetro da nova cidade. Rômulo, irritado com esse sacrilégio, entra em luta corporal com o irmão. Remo morre com diversos golpes de espada. Foi enterrado, algum tempo depois, no monte Aventino (em local que recebeu o nome de *Remoria* [GRIMAL, 2000: 406]).

---

<sup>355</sup> Para um entendimento técnico das possibilidades e ocorrências biológicas da gemelaridade, ver, entre outros estudos, BEIGUELMAN, Bernardo. *O estudo de gêmeos*. Disponível em <http://www.desvirtual.com/bbeiguel/ebook.htm>.

<sup>356</sup> Regras comportam exceções; exceções constituem regras. Não são poucos os casos literários em que a gemelaridade acentua a fraternidade (Castor e Pólux, os irmãos Corsos,...). Para efeitos deste estudo, a análise acentuará os casos de antagonismos – destacando a complementariedade como exceção.

A morte arquetípica de Remo encontra reflexo exponencial na história<sup>357</sup> de Roma – que está repleta de episódios sangrentos, em que irmãos matam irmãos, cometem incestos, destroem laços consanguíneos e se banham em sangue familiar:

*O relato mitológico é a expressão de fait divers imaginários destinados a encenar o desejo, no fundo de cada um, de destruir o ser que lhe é mais caro. Nos casais de gêmeos, esse ser é, evidentemente, o duplo (RUFO, 2003: 150).*

Para Rufo é importante saber distinguir o “real” do imaginário:

*Na mitologia, todas essas mortes entre irmãos são obra do “destino” imposta pelos deuses e parecem ter permitido a Roma adquirir toda a sua grandeza: os mitos fundadores das civilizações de fato costumam encenar histórias cruéis de rivalidade fraterna. Mas, no que diz respeito à psiquiatria, o destino se confunde com o inconsciente. Rômulo e Remo são frutos da violência; criados na brutalidade, só podem se tornar assassinos e criar gerações expostas às violências familiares. Felizmente, tudo isso pertence ao “mito” e não estamos completamente prisioneiros do nosso passado (RUFO, 2003: 150).*

Mas, na prática, por inúmeros motivos, tal discernimento nem sempre se realiza como consequência da sanidade mental necessária: ver no corpo do irmão a duplicação da própria imagem<sup>358</sup> constitui, em muitos casos, uma forma de agressão pessoal: *a imagem que cada um constrói de si está permanentemente confrontada com a imagem de outras pessoas* (RUFO, 2003: 155).

Para aquele que contempla a imagem especular que a presença do Outro (através de uma imagem gêmea) projeta no mundo, o medo paranóico transfere-se da esfera psíquica para o

---

<sup>357</sup> Renato Janine Ribeiro lembra que *a história tem que ser pensada como o que foi (ou é), a saber, como uma relação de violência, na qual certos grupos sociais prevaleceram sobre outros. Esse predomínio não foi inocente ou casual, mas deliberado, e resultou em chagas que tendem a se perpetuar* (RIBEIRO, 2000: 28-29).

<sup>358</sup> A relação do mundo com a gemelaridade está constituída por angústias. A questão da identidade, por exemplo, costuma ser um instante de instabilidade social, na medida em que coloca em dúvida as certezas do observador. Rufo observa que: *Nos instantes que se seguem ao nascimento dos gêmeos, os pais buscam de imediato identificar as semelhanças e as diferenças entre eles. De fato, o enorme medo que sentem, principalmente se for o caso de gêmeos univitelinos, é de confundi-los – um medo que atormenta também os mais próximos ao longo da vida, cada um temendo enganar-se ou ser enganado por uma troca.*

*Os gêmeos univitelinos, saídos do mesmo óvulo, parecem “cópias”, já que têm o mesmo sexo, o mesmo grupo sanguíneo, a mesma cor dos olhos, de cabelos e a mesma morfologia. Eles têm um patrimônio genético idêntico. No entanto, certas diferenças podem ser descobertas do ponto de vista físico, tais como a cor da pele ou o peso no nascimento, que pode variar de duzentos a trezentos gramas. Se os gêmeos bivitelinos são mais fáceis de serem distinguidos, nem sempre é o caso nas primeiras semanas de vida; as diferenças morfológicas são marcadas mais nitidamente com a idade. Só os gêmeos de sexos diferentes não trazem, é claro, nenhum problema de identificação. (...) De modo mais geral, os pais que não identificam nenhuma característica morfológica suficientemente confiável caçam as diferenças de comportamento para atribuir a seus gêmeos temperamentos originais: um sorri mais que o outro, fica mais facilmente com raiva, como com mais apetite, dorme com mais facilidade... Tudo é pretexto para descobrir diferenças reais ou imaginárias* (RUFO, 2003: 152-153).

campo da rivalidade, lugar onde a reação violenta passa a ser utilizada como uma ferramenta de conduta social: para aquele que está na posição de ataque, não há diferença entre a defesa e a agressão, pois o que importa é eliminar o inimigo.

O corpo físico – espelho e contrastante – que se apresenta como resultante da duplicação biológica, também projeta uma forma de multiplicação do ego. A questão está centrada na visão apocalíptica do fim da individualidade, que trabalha com a quebra do registro simbólico do domínio do corpo,<sup>359</sup> acentua o antagonismo fraterno e diminui as possibilidades de algum tipo de reconciliação. Para o indivíduo que se mostra incapaz de conviver pacificamente com o Outro, o traço identificador que o distingue no universo contextual se apresenta como sendo usurpado pelo duplo.<sup>360</sup>

Nesse sentido, a semelhança física se apresenta como uma forma de confrontação, gerando sofrimento:<sup>361</sup> a projeção especular idealizada no inconsciente transmuta-se simbolicamente em defeito, em imagem fraturada. Ver o reflexo produzido na/pela duplicação

---

<sup>359</sup> Algumas sociedades indígenas não aceitam a existência de gêmeos. Para esses grupos étnicos, a gemelaridade constitui algo proibido, muitas vezes uma demonstração concreta da ira divina. Nas tribos mais primitivas, usualmente, as duas crianças são sacrificadas logo após o nascimento (em alguns casos, uma das crianças é salva). A justificativa para o infanticídio está na crença de que um dos gêmeos é bom e que o outro é mau – como a semelhança física não possibilita distinguir quem é quem, as duas crianças são mortas. Em alguns casos, o pai das crianças (ou o pajé) mata somente o segundo gêmeo (o que nasceu depois), porque extinta a gemelaridade, a alma das crianças não mais precisa se dividir em duas. Betty Mindlin, em resenha a um dos livros de Darci Ribeiro, aponta um momento diferenciado: *Em muitos povos indígenas brasileiros, o nascimento de gêmeos significava maldição, resultado de uma transgressão, e uma ou as duas crianças eram mortas. Nos Kaapor, segundo o mito, parece que não só os gêmeos são bem recebidos e criados como, se meninos, serão pajés (e melhor para ser pajé o que tiver pênis pequeno)* (MINDLIN, 1998).

No romance japonês *Kyoto*, escrito por Yasunari Kawabata, as irmãs Chieko e Naeko são separadas na infância porque a gemelaridade, em uma determinada época da sociedade japonesa, também se mostra um obstáculo significativo: *Tudo havia acontecido vinte anos antes. Chieko teria sido abandonada porque, na época, Ter filhos gêmeos era considerado uma vergonha, além do que se acreditava na dificuldade de criá-los com saúde. Era possível que tivessem se preocupado também com os escassos rendimentos da família* (KAWABATA, 2006:141).

<sup>360</sup> (...) para os gêmeos que vivem naturalmente juntos, o outro quase sempre é o seu duplo. Cada um se acha diante de um ser fisicamente semelhante e, de mais a mais, tendo as mesmas preocupações. É o companheiro de cada instante, nos momentos de brincadeiras, mas também em todos os outros momentos difíceis da vida cotidiana, como as refeições ou o banho. O problema dessas crianças não é, portanto, aprender a viver juntas, como irmãos, mas ao contrário, aprender a diferenciar, compreender que cada um é um. A dificuldade é encontrar, com muita frequência, seu duplo entre si e o adulto, já que um e outro têm exatamente as mesmas necessidades vitais e as mesmas expectativas afetivas (RUFO, 2003: 156).

<sup>361</sup> Diante do duplo, o sacrifício ritual também ocorre nas sociedades consideradas “civilizadas”, embora esteja envolto em um nível de sofisticação (que, hipoteticamente, afasta a crueldade das soluções terminais propostas por alguns grupos indígenas). A visão duplicada, que amplia “a ausência de diferenças” entre cada um dos indivíduos coloca em xeque a noção de identidade, de individualidade. Esse estado de atordoamento conduz à indeterminação. Ou seja, quando a imagem especular se apresenta como complemento da imagem “idealizada”, ocorre uma fratura traumática. O Outro se apresenta como antagonico, pois revela uma imagem que o emocional deseja negar. Então, coerente com esse raciocínio, aquele que anseia recuperar o gozo identitário usualmente procura “destruir” o elemento causador da aflição.

física do corpo constitui justificativa emocional para recusar – muitas vezes com excessiva violência – quaisquer projetos de integração/identificação com o próprio corpo (a imagem do “Outro” distorce, modifica e agride a imagem proposta pelo “Eu”<sup>362</sup>). Esse sentimento conduz, muitas vezes, à infelicidade – porque interdita, mesmo que momentaneamente, o gozo provocado pela pulsão auto-erótica.<sup>363</sup>

A cultura do “Eu”, inicialmente um projeto de defesa contra a multiplicidade física e emocional, poucas vezes está atenta para a metamorfose da diferença:

*Quando os diferentes querem se apresentar e (...) se representar com toda a sua diferença, quando eles tomam “para si” sua diferença e nela se reconhecem com benevolência e auto-estima, desencadeia-se um processo que é ao mesmo tempo discursivo e material de afirmação de outras diferenças culturais já compartilhadas por indeterminado número de indivíduos, mas que eram, até então, socialmente invisíveis em seu valor (real ou imaginário) e inconcebíveis em sua legitimidade (social ou política) (PIERUCCI, 1999: 120).*

---

<sup>362</sup> Kehl efetua uma releitura de Norbert Elias: *Para Elias, o individualismo moderno funda-se no esquecimento (podemos falar em recálculo) de todas as dimensões coletivas que, ainda que negadas, determinam o sujeito. Duas separações fundamentais ocorrem nesse processo, a que Elias chamou de “civilizador”: primeiro, a separação entre cada homem e os outros homens, vivos ou mortos, dos quais depende não apenas a existência física de cada um, mas sua constituição subjetiva, seu saber, sua moralidade – sua socialização, enfim. E, segundo, a separação, instituída pelos processos civilizadores, entre cada homem e seu próprio corpo: seus impulsos, suas diversas fomes, seus processos fisiológicos e, concomitantemente, suas vontades, taras, tendências e luxúrias, cuja expressão deixou de ser admitida no espaço de convivência com os outros homens e foi apartada da cena pública, relegada ao espaço da intimidade, de uma privacidade cada vez menos compartilhada e cada vez mais compreendida como o lugar da “verdade” do indivíduo, separada do espaço público pela adoção de máscaras de recato, civilidade e cortesia. O que Norbert Elias vai chamar de “sociedade dos indivíduos” é o resultado desse processo, iniciado no fim do século XIV e que se completa nas cortes do século XVIII, ao termo do qual cada homem se considera isolado de seu corpo, seus impulsos, desejos e afetos. Um homem sujeito, portanto, a vivenciar através dos processos de pensamento seus conflitos e culpas, desconhecendo cada vez mais grande parte do que determina seus tormentos (KEHL, 2002: 61).*

<sup>363</sup> *Ao partirmos do princípio de que no início não há unidade, o corpo do indivíduo pode ser concebido como um corpo retalhado, despedaçado, fragmentado pelas pulsões auto-eróticas, as pulsões ditas parciais. A unidade do corpo é prefigurada pela imagem do outro ou pela imagem do espelho, pois ambos não se distinguem, como nos ensina Narciso. As pulsões auto-eróticas convergem para a imagem do corpo tomado por um outro: imagem com a qual o indivíduo se identifica para constituir seu eu. Essa imagem é o eu ideal formado pela imagem do outro, i(a), que dará a unidade que constitui o eu. Esta prefiguração da unidade corporal é acompanhada de uma jubilação que corresponde à satisfação narcísica de saber-se um corpo. O eu é portanto constituído por essa imagem que se corporifica: corpo unificado, corpo em sua totalidade, em suma, corpo humano. Com efeito, o eu, segundo Freud, é, antes de tudo, corporal. A percepção visual do corpo constitui a base do imaginário e da identificação especular. A unidade do eu é, portanto, imaginária. O campo visual será marcado, desde então, por esse caráter imaginário cujo protótipo (Urbild) encontramos na imagem do outro do estádio do espelho. A percepção visual é constituída do eu, sendo ele mesmo constituído pelo espelho – o que faz da visão o apanágio do registro imaginário. A imagem especular, escreve Lacan, “parece ser o limiar do mundo visível, a nos fiarmos na disposição especular apresentada na alucinação e no sonho pela imago do corpo próprio, quer se trate de seus traços individuais, quer de suas faltas de firmeza ou suas projeções objetais, ou ao observarmos o papel do aparelho especular nas aparições do duplo em que se manifestam realidades psíquicas de outro modo heterogêneas”. O mundo visual é narcísico: o espetáculo do mundo visual é o espelho do sujeito (QUINET, 2002: 128-129).*

O “Eu”, embora não possa ser utilizado como uma forma de afastamento, de negação da humanidade – porque isso significa recusar a própria existência do “Eu” –, tende a ser utilizado como uma estratégia deficitária de sobrevivência, principalmente porque almeja uma legitimidade que somente pode ser concebida – e alcançada – enquanto componente do coletivo.

*A vida cotidiana passou a pautar-se pelas estratégias de sobrevivência impostas aos que estão expostos à extrema adversidade. A apatia seletiva, o descompromisso emocional frente aos outros, a renúncia ao passado e ao futuro, a determinação de viver um dia de cada vez – tais técnicas de autogestão emocional, necessariamente levadas ao extremo em condições extremas, passaram a configurar, em formas mais moderadas, a vida das pessoas comuns em condições normais de uma sociedade burocrática, amplamente percebida como um vasto sistema de controle total.*

*Confrontadas a um meio ambiente aparentemente implacável e ingovernável, as pessoas voltaram-se para a autogestão. Com o auxílio de uma elaborada rede de profissões terapêuticas, as quais, elas próprias, abandonaram as abordagens que enfatizam as introversões introspectivas em benefício da adaptação e da modificação do comportamento, os homens e as mulheres tentam atualmente reconstituir uma tecnologia do eu, a única alternativa aparente ao colapso pessoal. (...) Por trás da injunção de “comunicar-se com seus próprios sentimentos” – um remanescente de uma anterior psicologia “profunda” – encontra-se a insistência ora familiar de que não há profundidade, não há mesmo desejo, e de que a personalidade humana é apenas uma coleção de necessidades programadas, seja pela biologia, seja pela cultura.*

*Não é provável que cheguemos a uma compreensão mais exata da cultura contemporânea enquanto se definir os pólos do debate como, por um lado, egoísmo e auto-absorção e, por outro, auto-satisfação e introspecção. Conforme Peter Clecak, o egoísmo é o “lado deficitário” da liberação cultural – um “subproduto inevitável da busca de satisfação”. É uma parte da cultura contemporânea que não pode ser confundida com o todo (LASCH, 1990: 47-48).*

Essa perspectiva acena para que os níveis de atrito entre os indivíduos e as relações sociais sejam maiores, mais abrasivos; em outras palavras, o nível de violência está diretamente relacionado com o grau de reação aos fatores (considerados) opressores.<sup>364</sup>

---

<sup>364</sup> Cada indivíduo é portador de um mecanismo emocional que separa afetos. Enquanto as amizades resultam de “afinidades eletivas”, as inimizades são produtos sentimentais gerados por um conjunto de circunstâncias difusas (disputa de território, afirmação da sexualidade, questões sociopolíticas e atrações proibidas). A reação emocional de cada indivíduo diante de determinada situação é pessoal – embora, em muitos casos, seja inversamente proporcional à atração que essa emoção desperta. Ou seja, a “formação reativa”, segundo Freud, surge como uma necessidade instintiva e psíquica de negar o estado emocional verdadeiro através da demonstração pública de um sentimento inverso ao que poderia gerar prazer no indivíduo e que é interdito no “real”. As “representações recalcadas” são momentos de sofrimento e o bloqueio emocional se manifesta como rejeição do desejo – ao mesmo tempo, como indicativo do que está sendo negado. Anna Freud lembra que *Sempre que [o ego] procura defender-se contra os impulsos instintivos, (...), é obrigado a rechaçar também os afetos associados ao processo instintivo. A natureza dos afetos em questão é imaterial: podem ser agradáveis, dolorosos ou perigosos para o ego. Não faz qualquer diferença, pois ao ego nunca é consentido experimentá-los exatamente como são. Se um afeto está associado a um processo instintivo proibido, seu destino está antecipadamente decidido. Basta o fato dele estar assim associado para colocar o ego de prevenção contra o mesmo.(...) mesmo que, em virtude da repressão de um instinto, o ego seja impelido pela ansiedade e um sentimento de culpa a defender-se contra o afeto acompanhante, podemos observar vestígios de seleção, em concordância com o princípio do prazer. E com muito mais razões estará pronto a rechaçar*



*Faz parte das características do homem a incapacidade de viver qualquer espécie de pressão sem alguma forma de reação. No que o mundo oferece a única alternativa de um universo anônimo dilacerado pelo conflito entre o eu e o outro, o choque entre o interior e o exterior, imagina-se, não se limita às esferas da introspecção; transborda, agride, contamina tudo (LINS, 1990: 51-52).*

A diferença especular, momento em que o irmão gêmeo percebe a existência física do irmão e se nega a aceitar a proximidade afetiva, implica em não reconhecer a si mesmo (apesar de saber que a semelhança física nada mais é que uma imagem aproximada de si mesmo e que, portanto, não é capaz de substituir ou permutar o que, em hipotética situação ideal, poderia substituir ou permutar). Essa atitude, por extensão, implica em negar que o coletivo configura a expressão da vida social. A necessidade de negar a divisão imagética, neste caso, é um passo na direção do fascismo egótico. E do conflito.

Para aqueles que não conseguem administrar as questões emocionais, a imagem do Outro (*o estranho que existe em nós* [KEHL, 2002: 83]) não possui um efeito catártico; muito pelo contrário, acentua as diferenças e torna mais agudas as arestas, porque enuncia características e defeitos que o observador abomina – e que estão presentes tanto no indivíduo, quanto na imagem (principalmente porque a “imagem”, teoricamente, configura algo insatisfatório<sup>365</sup>).

O Outro se expressa, nesse momento, como uma sombra que inverteu as relações de pertença e que, por motivos inomináveis, se apropriou do corpo: transformando o “um” em “dois”, apesar do “dois” apresentar inúmeras semelhanças com o “um”.

Para aquele que se sente dividido, a duplicação da imagem tende a impedir a identificação – se, em algum momento, tal distinção for possível – entre o original e a cópia. Além disso, a disputa pela propriedade – e isso quer dizer, essencialmente, deter o controle – apresenta-se como uma barreira, na medida em que “dividir” passa a ter um valor emocional superior ao de “possuir” (e o indivíduo contemporâneo prefere possuir).

Em um outro enfoque – porém complementar – pode-se dizer que o conflito inicia no momento em que uma das partes percebe que o “Eu” está separado dicotomicamente do “Outro”

---

*os afetos associados a impulsos sexuais proibidos, no caso desses afetos implicarem sofrimento, por exemplo, dor, nostalgia, mágoa (FREUD, A., 1986: 52).*

<sup>365</sup> Além das teorias psicanalíticas sobre a incompletude, é interessante considerar que, para Walter Benjamin, a repetição incessante da imagem se expressa como resultado da “perda da aura”, que é o instante em que a experiência se dissolve através da massificação. Assim, a retomada do “sempre-igual” (através da tentativa de reproduzir um “momento único”) configura o aniquilamento da diversidade e da capacidade dos indivíduos de distinguir o que é diferente. Para maiores esclarecimento sobre o tema ver: BENJAMIN, 1985: 165-196.

– instantaneamente, o “Outro” pode ser traduzido em uma entidade incorpórea que causa ameaça ao “Eu”. Diante do fantasma – e o irmão gêmeo se apresenta como uma de suas traduções –, o indivíduo se sente agredido e, como resposta instintiva para a agonia, produz diversas ações irracionais.

Tentar suprimir pela força o que agride nada mais é do que um retorno à barbárie.<sup>366</sup> Mesmo assim, as reações diante do espelho são intensas e, muitas vezes, desprovidas de sensatez. Destruir o espelho não destrói a imagem que o espelho projeta – embora o inconsciente sinta particular prazer quando argumenta que invisibilidade é um bom sinônimo para não-existência.

Na modernidade, o indivíduo ambiciona pelo reconhecimento social de suas características individuais, mesmo que esse desejo implique no anúncio público daquilo que o torna semelhante aos demais. Sintomaticamente, essa interpretação do espaço social significa que poucas vezes o Outro é aceito como um fator integrante da projeção. O Outro sempre está relacionado com a ameaça, com a perda e com o temor de que essa perda seja irreparável ou permanente. Com medo de perder o que nunca possuiu, o indivíduo recusa a possibilidade (ou que nela não mais acredita) de negociar socialmente com os “fantasmas” que o oprimem – acreditando que isso contribuirá para revelar que ele é, do ponto de vista comportamental, um fracasso humano. No momento em que adota um conjunto de ações sociais indiferentes às razões morais (ou seja, com a moral que não está compromissada com o seu desejo), aceita o império do vácuo reflexivo e abre mão de uma percepção capaz de abranger o estatuto social e as suas escalas de valores: o tudo e o nada se confundem, as nuances são eliminadas e o sempre-igual domina, cópia da cópia que copia a cópia da cópia.<sup>367</sup>

---

<sup>366</sup> Dialeleticamente, é preciso estar atento ao fato de que civilização e barbárie são faces de uma mesma moeda. E que a existência de uma é necessariamente consequência (reflexo) da outra. Na análise de Mattéi: *Não é legítimo identificar a humanidade e a barbárie fora de suas representações históricas como se a humanidade existisse antes de obedecer a suas próprias condições, por uma espécie de movimento retrógrado do humano, teria dito Bergson, em que o atual se renova no virtual, e fora das relações recíprocas do humano e do bárbaro. O bárbaro não é mais estranho ao humano do que a barbárie é estranha à civilização, ou a morte à vida: cada um dos elementos do par, sem ser semelhante ao outro, é inseparável dele, o que significa dizer que a barbárie é constitutiva da humanidade ou, em outros termos, que é interior a ela* (MATTÉI, 2002: 58).

<sup>367</sup> Kehl, defendendo que o conflito – e a alteridade e a diversidade e o contraditório e... – gera uma saúde mental menos desequilibrada, faz questão de destacar que (...) *o homem moderno, voltado para os ideais pós-revolucionários de felicidade – ou, se quisermos, para os ideais burgueses de comodidade e bem-estar –, é alguém que desaprendeu a sofrer. Não sofre com a bravura de um estoíco, com o espírito de sacrifício de um súdito leal, nem com a resignação esperançosa de um cristão* (KEHL, 2002: 81). Nessa direção, toda vez que a comodidade burguesa é alterada, a reação do indivíduo contemporâneo é desproporcional – a violência se manifesta como se fosse capaz de preencher uma falta que antecede ao momento motivador da reação. Esse descompasso entre o real e

Diante da ausência de rivalidade devido às diferenças de idade, os gêmeos encontram outras formas de expressão para o antagonismo (sendo o ciúme, a mais utilizada). Por esse motivo, urge separá-los<sup>368</sup> – para que, através da individualidade, da construção de uma identidade sem parâmetro comparativo, possam se desenvolver como dois seres singulares.

Em caso contrário, diante do Outro e da necessidade de estabelecer um nível de diálogo, de entendimento e de fraternidade, poucas vezes essa proposta se efetiva. Para o gêmeo, a reprodução física de suas deficiências precisa ser combatida, pois causa o surgimento da angústia: *Ter compartilhado a mesma gestação, às vezes a mesma placenta, autoriza todas as fantasias* (RUFO, 2003: 171).

Infelizmente, combater fantasmas é tarefa inglória e já passou o tempo em que os heróis mitológicos determinavam comportamentos. Por isso (quando uma das partes não permite o entendimento<sup>369</sup>), quando o indivíduo precisa escolher entre a fraternidade e os laços pulsionais, a racionalidade aparece como a primeira vítima.

---

o déficit emocional resulta em permanente negação do gozo, pois a violência (independente de sua intensidade) não gera compensação suficiente para suprir a falta. A estabilidade, a segurança e a eliminação das diferenças são entorpecentes e como tal, geram *um gozo mortífero que já não busca nada além de sua repetição fora do discurso* (KEHL, 2002: 82).

<sup>368</sup> *Estou convencido de que criar gêmeos é muito mais complicado que ensinar aos filhos de uma mesma fratria a viverem bem juntos. Nessa situação, os pais tentam organizar da melhor forma sua vida familiar: com muita lógica, eles colocam esses filhos na mesma creche ou na mesma escola, num lugar de vigilância única, que simplifique consideravelmente as idas e vindas. Aliás, já que essas crianças dividem tudo em casa, porque separá-las do lado de fora? Lamento lhes comunicar que essa iniciativa é um erro educativo. Aconselho-os, ao contrário, a colocarem seus gêmeos, o mais cedo possível, em duas creches, em duas escolas diferentes.*

*Os gêmeos só podem ser estáveis psiquicamente se afirmarem as suas diferenças. Estas são mais ou menos fortes, mais ou menos evidentes, mas devem imperativamente ser acentuadas. Infelizmente, a família e o ambiente educativo, seduzidos pela idéia de proximidade implicada pela semelhança, ainda agem com demasiada frequência para atenuá-las. Esses filhos “duplo” que têm uma imagem de si mesmos “em espelho” experimentam, então, as maiores dificuldades em se situar individualmente* (RUFO, 2003:159).

<sup>369</sup> Singularmente, no romance inglês *O mar* (BANVILLE, 2006), o destino dos gêmeos está de tal forma entrelaçado na fraternidade e no entendimento mútuo que a solução encontrada pelos pré-adolescentes Chloe e Myles, quando se encontram em uma encruzilhada emocional – que talvez envolva uma mistura de ciúme por um estranho relacionamento extraconjugal do pai ou da mãe e incesto (*ela não brincava, a não ser com Myles, e o que os dois faziam juntos não era exatamente brincar* [BANVILLE, 2006: 120]) –, não se apresenta como insanidade ou mal-estar causado por um mundo opressor: *Ouvi um ruído atrás de mim, e, um segundo depois, Myles passou a toda, mais parecendo que dava saltos mortais do que corria. Quando chegou onde Chloe estava, sentou-se ao seu lado, passou o braço pelos seus ombros e encostou a cabeça na sua. Rose se deteve e olhou para eles, com um ar hesitante, vendo aqueles dois ali, abraçados, de costas para o mundo. Foi então que eles se levantaram calmamente, entraram na água, aquela água lisa como óleo, que mal se moveu ao seu redor; inclinaram-se para frente em uníssono e saíram nadando bem devagar, duas cabeças subindo e descendo naquelas ondulações esbranquiçadas, cada vez mais longe, cada vez mais longe. (...) Ouviu-se um grito. Rose e eu nos viramos e vimos um homenzarrão de rosto vermelho, com cabelos grisalhos cortados bem curtos, que vinha descendo das dunas na nossa direção, alvoroçadíssimo. (...). Gritava dizendo que alguém devia chamar os salva-vidas. (...) Depois, um rapaz musculosíssimo, com um calção azul bem justo, surgiu sabe-se lá de onde, parecendo até ter se materializado do nada. Sem maiores explicações, o sujeito mergulhou no mar e saiu nadando rapidamente, com braçadas firmes de especialista. (...) Algum tempo mais tarde, o suposto salva-vidas voltou, deslizando na nossa direção pela água sem*

## 2.2 – Dois romances de Nico Horta, de Cornélio Penna.<sup>370</sup>

Em *Dois Romances de Nico Horta*, o embate fraterno entre os gêmeos Pedro e Antônio se apresenta de uma maneira emblemática, pontuando questões envoltas em uma densidade de significados/significantes pouco nítida: há muitas incidências do interdito (através do não-dito e das entrelinhas) na estrutura narrativa, permitindo leituras divergentes.

O caminho percorrido pelo inconsciente de D. Ana, quando escolhe o nome de seus filhos, é determinante para o desenrolar do romance:

*Nascidos os dois meninos, já preparados em longos panos, depois de bem lavados em grande bacia em cujo fundo reluzia a moeda de ouro destinada a dar-lhes riqueza, a ama chegou-se ao leito e perguntou a D. Ana, que se mantinha imóvel, muito pálida e calada, com as mãos agarradas às cobertas.*

*– Como se chamarão os gêmeos?*

*D. Ana murmurou secamente, sem olhar os filhos: – Pedro.*

*Mas eram dois! e a preta, vagamente assustada, não ousando insistir, não compreendendo bem o que se passava, voltou a colocá-los no berço que fora comprado para um só, e, depois de ter consultado a curiosa e as outras mulheres que tinham entrado no quarto, disse, pegando em um deles, ao acaso:*

*– Este chama-se Pedro.*

*– E o outro? – interrogaram.*

*– Chama-se Antônio – respondeu ela, apressadamente – é o nome do pai.*

*Mas logo benzeu-se, diante dos olhos parados que a fitavam, e repetiu:*

*É Pedro! Meu Deus... é Pedro! É Pedro que é o nome do pai... Antônio é o nome do outro...! (PENNA, 2000: 27).*

Neste ponto, cabe destacar a última frase da empregada: *Antônio é o nome do outro...!* Este trecho do romance está iluminado por um ato falho: a ama, quando nomeia um dos filhos da patroa, quer se referir ao nome do segundo marido de D. Ana, mas, talvez vítima da ansiedade, pronuncia o nome do primeiro. De forma inconsciente, ela enuncia o advento dos dois indivíduos. Ocorre que qualquer menção ao nome do primeiro marido está interdito pela norma social. Há um ostracismo não-nomeado em relação ao marido morto, porque evoca uma parte da história que quase todos os partícipes gostaria que não existisse. Nesse sentido, ao nomear um dos filhos com o nome proibido, a empregada projeta no presente narrativo a fertilidade familiar que D. Ana não conseguiu constituir

---

*ondas, com aquela pose de nadador, abanando a cabeça e fungando. – Nada feito – disse ele –, nada feito* (BANVILLE, 2006: 205-207).

<sup>370</sup> PENNA, Cornélio. *Dois romances de Nico Horta*. Rio de Janeiro: Artium, 2000.

com o primeiro marido. Luiz Costa Lima amplia essa análise, abordando, inclusive, outras cenas (mas que são correlatas):

*Na imaginação da mulher, portanto, o pai comum se biparte e cada filho seria descendente de um dos maridos. Sobre a sincronia “real” do nascimento projeta-se a diacronia simbólica, vivida pela mãe. Assim se cria entre os gêmeos uma diferença, que crescerá sob a forma de hostilidade. Ademais, a divisão não existe apenas para Ana. O marido a reforça, hostilizando Nico, preferindo substituir seu nome pelo epíteto de “o meu segundo filho” (...). As lembranças de infância deste reiteram a sua inferioridade. Reservava-se a Pedro o gramofone, que pertencera ao pai, sendo a ele proibido. Como a narrativa se concentra em Nico, só conhecemos o seu sentido hostil, embora a narrativa declare o mútuo antagonismo que os separa (LIMA, 1976: 79-80).*

Desta maneira, é muito tensa/densa a forma com que o texto de Cornélio Penna descreve os laços de sangue. A família se apresenta como uma projeção de uma imensa carga trágica, circunstância em que todos os seus integrantes estão condenados a serem atingidos pelos estilhaços de um afeto que nunca se concretiza – mas que dilacera a cada instante, através da ameaça que sempre se renova e atormenta. Como em todas as estruturas dramáticas, isso não significa que os esforços para contornar tal impasse sejam inúteis – apenas que resultarão em desperdício de energia (*Dois Romances de Nico Horta* é uma das expressões literárias desse desperdício).

A isso se acrescenta um particular jogo de espelhos, onde os irmãos necessitam sobreviver nas so(m)bras da paternidade/maternidade<sup>371</sup> – uma espécie de agulhão que causa, especialmente em Nico Horta, uma sensação desagradável, intensa e incessante:

*(...) o menino ficou sendo mesmo Antônio, e parecia não poder viver sob o peso do nome do primeiro marido de sua mãe. (...) e foi naturalmente que todos passaram a chamá-lo*

---

<sup>371</sup> No romance estadunidense *Vidas amargas (A leste do Éden)* (STEINBECK, 1990), o conflito entre os irmãos gêmeos Caleb e Aron Trask mostra-se de uma maneira estranha, de difícil entendimento – inclusive porque as ações que opõem os irmãos se efetuam de maneira sutil, sem violência física, sem derramamento explícito de sangue. O ciúme de Caleb (Cal), que se autodeclara “mau”, contrasta com a “bondade” e a “inocência” de Aron. A vida de Cal está projetada na busca do reconhecimento paterno – a mãe, Kate, está desaparecida –, na necessidade de chamar a atenção de Adam (o pai). Para que isso aconteça, necessário se faz minar com as resistências do irmão ou afastá-lo do campo de ação (por um período, Aron vai para a universidade). Mas isso parece ser insuficiente, pois competir com a sombra do irmão é tarefa para heróis mitológicos. Então, em momento que confunde crueldade com uma exposição da “verdade”, Cal, para atender uma demanda mesquinha, como já havia feito diversas vezes, revela para o irmão que a mãe desaparecida é uma prostituta – e isso resulta na destruição emocional do irmão, que se alista no exército americano, que está combatendo na I Guerra Mundial. *Kate não estava pensando. Sua mente vagueava entre impressões, de maneira como um morcego vagueia e ataca à noite. Ela via o rosto do rapaz louro e bonito, os olhos irados com o choque. Ouvia as palavras terríveis que ele dissera, visando não tanto a ela, mas a si mesmo. E via o irmão moreno encostado na porta, rindo...* (STEINBECK, 1990: 523). A revelação da existência de Kate, e de sua profissão, desdobra-se em diversas tragédias familiares: o suicídio de Kate, a morte de Aron em combate e, logo após, a morte de Adam. A procura pela “verdade” – que em alguns momentos se confunde com o império do “mal” – e a necessidade psicológica de procurar pelo reconhecimento paterno/materno destruiu a família Trask.

*de Nico, como era apelidado aquele que lhe dera o nome, e, para distingui-lo do morto, diziam todos: Nico Horta... (PENNA, 2000: 28).*

O enredo do romance, descartadas as diversas peripécias psicológicas<sup>372</sup> e a obsessão descritiva de Cornélio Penna (como uma câmara cinematográfica que, em “zoom”, vai se aproximando ou se afastando de cada objeto, para representar/captar a essência do que está sendo mostrado), é relativamente simples: as relações antagônicas entre os gêmeos Antônio e Pedro, frutos do segundo casamento de D. Ana.<sup>373</sup> Os demais ingredientes literários, principalmente as significativas questões do reconhecimento paterno e da proteção excessiva da mãe, estão reduzidos à condição de elementos de cena, que povoam a narrativa e servem de estruturas de dispersão para o olhar do leitor.

De qualquer forma, embora sejam em quase tudo diferentes, os irmãos disputam incessantemente a atenção do pai e da mãe:

*Enquanto seu irmão surgia para a vida entre gritos e risos, ele murchava a um canto do leito, esquecido, encolhendo-se todo enrugado, como se quisesse fugir, esconder-se de todas as enfermidades que o espreitavam, afugentadas pelas cores radiantes de seu irmão gêmeo.  
Era a presa fácil, era o resto, o reverso da vida de Pedro (PENNA, 2000: 28).*

Mas, esse esforço, para Nico Horta, está relacionado com uma intensidade maior: ele se sente diminuído pelo olhar do pai:

*Quando saía só com o pai, e ele o puxava brutalmente pelo braço, Nico Horta compreendia e explicava para si próprio a hostilidade que sentia crescer, sem remédio, no coração do velho, e o olhava em silêncio, com pena daquele estranho, que o tolerava por motivos misteriosos. (...) Quando, em visita, seu pai pousava a mão sobre a cabeça dele, e dizia com voz velada: “É o meu ‘segundo’ filho...,” sem dizer-lhe o nome, Nico*

---

<sup>372</sup> (...) me parece incontestável que Cornélio Pena (sic) trouxe ao romance brasileiro de agora uma novidade que o enriquece. Principalmente ao realismo psicológico um pouco estreito (não quero dizer superficial, mas exatamente “estrito”, em seu excesso de lógica) de que os nossos romancistas atuais tanto se agradam. Cornélio Pena (sic) traz a colaboração da gratuidade psicológica, dos mistérios irreconciliáveis da alma, e porventura mesmo do metapsíquico. Não creio seja um convite a que se lhe siga as invenções assombradas e é certo que sob o ponto de vista da verossimilhança, ele vai muito longe e todos os seus personagens nos parecem anormais ou definitivamente loucos, mas o que importa é a lição. De fato, há no anticientífico, no anti-realismo das almas criadas por Cornélio Pena (sic) uma verdade científica, um realismo transcendente bem sutil: são seres (sic) de uma vida interior prodigiosa, menos presos à sua quotidianidade afetiva que às forças permanentes das hereditariedades e passados, seres (sic) por isso movidos muitas vezes por imponderáveis e providos de uma volubilidade de ação que os liberta freqüentemente da lógica psicológica. (ANDRADE, 1972: 121).

<sup>373</sup> Independente da “verdade” textual, este tópico encerra uma interessante discordância de leitura. Mário de Andrade escreveu: *Nico e Pedro são gêmeos, nascidos do segundo casamento de D. Ana, que não teve filhos no primeiro* (ANDRADE, 1972: 122). A leitura de Luiz Costa Lima aponta em uma outra direção: *Ana tivera um primeiro marido, Antônio, que morrera deixando-a grávida. Já está pela segunda vez casada quando nascem os gêmeos. Um terá o nome do pai, o primeiro marido, o segundo, do marido atual* (LIMA, 1976: 79.).

*Horta sentia um bálsamo muito doce correr pelas suas veias, morno e vagaroso, e abaixava a cabeça, rublo de humilde contentamento...* (PENNA, 2000:28-29).

Somando alguns elementos afetivos, subtraindo outros, o fato é que o traço de união fraterna entre Pedro e Nico ocorre através da gemelaridade (apesar dos gêmeos não apresentarem muitas semelhanças físicas); o traço de desunião intensifica-se pelo fato de os dois irmãos estarem apaixonados pela mesma mulher: Maria Vitória.<sup>374</sup>

Quer dizer, Nico está realmente apaixonado:

*Nico Horta sentia arder dentro de seu corpo de vinte anos um grande fogo, que o invadia em mil chamas. O seu sangue, enlouquecido, batia-lhe nas têmporas, louco, brutal, ameaçando transbordar ou explodir sem razão. era um grande amor confuso e cego que se levantava em seu coração e pensava que havia ali excessiva alegria para ele* (PENNA, 2000:36).

Quanto aos sentimentos de Pedro, não há garantias<sup>375</sup> – confiante na beleza física, na força da masculinidade, talvez ele esteja, de forma inconsciente, apenas externando o seu antagonismo fraterno.<sup>376</sup>

*Nico Horta e Pedro não se falavam, e a angústia maligna, que tolhia os seus gestos e as suas palavras, dava aos seus rostos um fundo de imobilidade assustadora.*

---

<sup>374</sup> O tema do duplo também se apresenta, neste texto, em versão feminina, através da disputa entre Maria Vitória e Rosa, a filha do tabelião. Como essa incidência não se refere à fraternidade, aqui não será alvo de comentários.

<sup>375</sup> Nada é garantia, cabe acrescentar. Em uma narrativa de terceira pessoa, onde são raros os momentos em que é dada voz para Pedro, não seria exagerado aventar a possibilidade de que esse interesse de Pedro por Maria Vitória nada mais é do que um produto da imaginação fértil – e paranóica – de Nico Horta. Assim, o irmão se multiplica na sua posição antagonica, não é apenas o rival no amor paterno/fraterno é também aquele que quer diminuir/eliminar o desejo de Nico e que, para alcançar esse alvo, não se detém em nada: Maria Vitória é apenas o objeto dessa forma perversa de fraternidade.

<sup>376</sup> Rufo considera o ciúme como determinante nas relações afetivas que permeiam a gemelaridade: *A chegada de um intruso na dupla [os gêmeos] costuma suscitar um profundo ciúme. Sem jogar os gêmeos um contra o outro, faz do estranho um rival do amor gemelar. O gêmeo “abandonado” não pode admitir que o irmão ou a irmã se apaixone por alguém – um sentimento tanto mais forte se levarmos em consideração que quase sempre existe uma ligação sensual entre os gêmeos. A infância, e às vezes até a adolescência, foi marcada por uma proximidade corporal. Ainda que não tenham dormido na mesma cama – o que ainda é bem freqüente, principalmente para os gêmeos do mesmo sexo –, passaram o tempo a se roçar, a se cheirar, a tomar banho juntos, a se agarrar. Partilharam, é claro, como todos os irmãos de idade próxima, jogos eróticos. Uma enorme promiscuidade de vida pode até estar na origem de relações sensuais (mas não sexuais) excessivas. Para gêmeos adolescentes, a escolha do sexo do parceiro mais suscetível de favorecer uma sexualidade equilibrada parece ser mais delicada que para os outros; os gêmeos de mesmo sexo, especialmente, têm tendências mais afirmadas à homossexualidade e às relações incestuosas* (RUFO, 2003: 167). Desta maneira, quando Pedro tenta “tomar” o objeto do desejo do irmão, quer, de fato, obter a atenção de Nico Horta (que se apresenta como objeto do desejo daquele que se sente excluído no relacionamento que o irmão está mantendo com Maria Vitória). Ter o amor de Maria Vitória é, em síntese, obter o amor que Maria Vitória entregaria para o irmão. Por sua vez, somando os diversos elementos em jogo, há um propósito perverso na disputa que Pedro trava com o irmão: não podendo mais obter a atenção exclusiva do irmão (que sempre foi o gêmeo “dominado”), Pedro decide que o irmão também não terá direito a ser feliz com outra pessoa. É o direito à posse, a relação de poder, que está em jogo.

*Suspeitavam um do outro, que visitavam secretamente a hóspede.  
Tinham se tornado dois desconhecidos que se acotovelavam absortos em pensamentos iguais e ao mesmo tempo hostis, tudo ocultando, tudo pesando e medindo para a laboriosa defesa de sua solitude.  
Toda a casa se tornara um getsêmani de inquietações e remorsos (PENNA, 2000: 61).*

Em um dado momento, em cena complexa, cheia de sutilezas semânticas e de sobressaltos afetivos (onde inegavelmente a “ausência” de Pedro constitui “presença”), Nico Horta confessa o seu amor por Maria Vitória:

*Nico Horta sentou-se na grama, entre as raízes grandes de alta árvore coberta de ervas, e deixou seus braços escorrerem sobre elas. Maria Vitória, ao seu lado, esperava que ele falasse, terminando a discussão já longa e sem solução. Ao menos era preciso espalhar as idéias sombrias que tinham surgido e se aglomerado entre eles, formando barreira capaz de gelar qualquer gesto de aproximação.  
– Mas, Vitória – perguntou Nico Horta depois de muito tempo, com meio sorriso nos lábios – você me... ama?  
– Eu te amo – respondeu ela, marcando bem as sílabas, sem que qualquer músculo de seu rosto se agitasse. Apenas seus lábios se moveram, e a voz se produziu como a dos autômatos.  
– Eu te amo! Eu te amo! – repetiu Nico, maquinalmente, com surda irritação – mas você sabe o que significam essas palavras, você já compreendeu a sua verdade?  
– Eu te amo – tornou Vitória a dizer, em voz baixa, e, depois de hesitar alguns momentos, confusa, com lágrimas no rebordo das pálpebras, acrescentou ainda mais baixo: – não sei dizer de outra forma...  
– Mas você não me conhece, não sabe quem eu sou!  
– Conheço... agora – murmurou, involuntariamente, Vitória.  
– Agora! – repetiu Nico, com extrema violência – mas amanhã, e depois e depois! Você conhece apenas aquele que procurou, e por isso nos encontramos, mas como poderei prender, como poderei fixar essa figura, que você tem agora em seu poder? Quem sabe eu tenho dentro de mim, escondido por mim, pronto a irromper sem remédio, o seu inimigo! E... não fomos nós, que nos encontramos – acrescentou, pensando.  
Vitória ficou muito pálida, como se tivesse surgido diante dela uma visão triste, e, sentindo que seu gesto se tornava convencional, tirou as mãos dos ombros de Nico Horta, e colocou-as, como se fossem dois objetos, no seu próprio regaço.  
Abaixando a cabeça, ela parecia contemplar a si própria, examinando com vagar os seus segredos, que se tinham reunido em um só, por momentos, e agora voltavam a ter vida autônoma.  
– Mas... e você? Sabe quem eu sou... – disse, sem erguer os olhos.  
Era apenas uma mulher, que Nico Horta tinha diante de si, e que o interrogava (PENNA, 2000: 75-76).*

Essa cena, de certa forma, produz uma reviravolta na narrativa. As posições são invertidas: o lado mais fraco torna-se o mais forte. E o casamento de Nico Horta com Maria Vitória – intermediado pela figura materna – revela-se decisivo para aclarar o que até então era projeção e esterilidade.

*Quando Nico Horta se aproximou de Maria Vitória, em seu quarto, ela compreendeu que enfim o encontrara, e todos os anos que tinham vivido lado a lado, numa triste*



*promiscuidade de atos e gestos, caíam em pó agora por terra, afastando-se como nuvens estrangeiras tocadas por ventos repentinos.*

*A verdadeira comunhão surgia plena, absoluta, sem abalos, sem choques, sem surpresas, e seria eterna, perdurando acima de tudo, mesmo da separação e da ausência. Quando bem longe um do outro, aquela compreensão, que sentia ser total, ficaria sempre presente e companheira. Estariam sós pela distância e não pela incapacidade ou pela própria miséria.*

*Vitória ergueu-se para recebê-lo, e o seu vestido branco, caindo em grandes e rápidas dobras, tinha uma serenidade nupcial, em suas curvas sadias e férteis.*

*Caminhou como se trouxesse no seio um mundo novo, enorme, de promessas, de inícios, de primeiros passos. E quando Nico Horta segurou suas mãos, com simples gesto de posse, ela pensou com alegria no casal fundador que formavam, e a força e o orgulho fizeram com que seus olhos se tornassem profundos, para além do riso e das lágrimas. (...)*

*Nico Horta levou-a lentamente até o leito, e o seu andar fê-lo tornar-se ainda mais parecido com Pedro. Era como se conduzisse Maria Vitória para o futuro, e foi num tronco que se sentaram, olhando um para o outro, nada mais vendo além do que simbolizavam naquele instante.*

*Eram dois senhores de destinos que se uniam, que se aliavam para uma peregrinação total e pura, pelos tempos em fora... (PENNA, 2000: 208-209).*

A presença da mãe, nesse instante, confirmando proteção ao filho aparentemente mais “frágil”,<sup>377</sup> contribui para a definitiva separação fraterna: Pedro desaparece.

*– Por que chamaram o Padre Júlio? – perguntou de cenho carregado.*

*(...)*

*– Ora, é para acompanhar Pedro, que vai para a capital, agora mesmo (PENNA, 2000: 96).*

*(...) Depois, concertando-se na cadeira, ela completou o que desejava dizer:*

*– Pedro foi hoje, de volta, para a capital, e, felizmente, deixei tudo organizado em Rio Baixo, de tal forma, que não precisamos mais nos aquietar com a nossa situação.*

*Ficou por uns instantes calada e suspirou:*

*– Coitado do Pedro...*

*E foi então que Nico pegou em suas mãos e olhou-as com esquisito carinho (PENNA, 2000: 194).*

Sem explicações, sem justificativas, o personagem Pedro sai da narrativa para nunca mais voltar – exceto na cena do noivado – em que o ambiente onírico embaça um pouco mais a imagem/miragem:

*Lembrava-se, depois, de ter visto alguém que sorria para dentro, parecendo-lhe ver o reverso de sua boca, como quem guarda avaramente a sua alegria. Outro, de olhos iluminados e os lábios cheios de sombra, dissera, com afetação, sacudindo a cabeça:*

---

<sup>377</sup> A presença protetora da mãe (que, em momento impreciso, se transforma em objeto do desejo edipiano) é aqui um fator decisivo. A condição de saúde debilitada de Nico Horta faz com que a atenção da mãe negligencie o atendimento afetivo ao outro irmão. Assim, o gozo de Nico Horta se dá em dose dupla: a atenção e o amor da mãe e o afastamento de qualquer tipo de afeto materno pelo irmão (a quem resta somente o acumular do ressentimento). Idêntica situação encontramos em diversas cenas de *Dois irmãos* (HATOUM, 2000).

*que belo par! e, finalmente, Nico Horta viu Pedro diante de si, e voltou de modo brusco, à realidade, que o cercava. A alegria inquieta que sentiu, ao ver o irmão restituído à vida, fez com que o coração lhe fugisse do peito e correu a bater-lhe nos pulsos e nas fontes, em tímidas aleluias.*

*“Como estava ali?” quis perguntar, esquecido já de tudo que o rodeava. Mas nada pôde dizer, pois a idéia de que Pedro fugira e seria de novo levado para longe, se sobre ele chamasse a atenção, prendeu-lhe a voz na garganta. E quando Pedro lhe deu a mão, ao apertá-la, Nico Horta sentiu repentino alívio, como se fosse a própria humanidade que lhe tivesse dado aquele sinal amigo de solidariedade.*

*Pedro não morreria de todo... e ele via surgir em si mesmo toda uma parte de sua vida, que encerrara no recanto mais escondido de sua alma, pensando que fosse para sempre...*

*Mas Pedro dissera com um sorriso posto sobre a sua pele cor de cobre, seus traços incertos e seus olhos vagarosos:*

*– São dois irmãos... Nosso pai ficaria contente de vê-los assim reunidos... e tudo ficará bem.*

*Nico Horta voltou-se e parou diante da expressão lívida do rosto de Maria Vitória, que lhe dizia com abafada aspereza:*

*– Por que devo ouvir essas palavras?*

*Parecia pedir-lhe contas de uma afronta não castigada que sofria, e foi sem compreender que Nico os olhou por algum tempo, vacilante e confuso.*

*– Perdoe-me, Nico, uma simples reflexão minha, que deveria ter feito para mim mesmo. Perdoe-me se falei mais alto do que devia.*

*– Diga o que quiser e no tom que desejar – replicou Maria Vitória, como se Pedro a ela se tivesse dirigido, e com voz surda acrescentou: – eu não sei aceitar o meu dever... mas também não sei iludi-lo.*

*Mas D. Ana e as outras senhoras os rodearam, risonhas, maternas, e Pedro perdeu-se entre os convidados (PENNA, 2000: 183-184).*

A cena está edificada em um ângulo tal que induz o leitor à sensação de que o personagem Pedro nunca existiu.<sup>378</sup>

A essa complicação narrativa se acresce uma declaração do narrador: *A alegria inquieta que sentiu, ao ver o irmão restituído à vida, fez com que o coração lhe fugisse do peito e correu a bater-lhe nos pulsos e nas fontes, em tímidas aleluias* (PENNA, 2000: 183).

Com ou sem alegria inquieta, é difícil entender a “ressurreição” de Pedro (o irmão “pródigo”, restituído à vida). Esse recurso parece ser completamente sem propósito<sup>379</sup> – exceto criar um vínculo tardio, e inútil, entre os irmãos.

---

<sup>378</sup> Entre as múltiplas teorias possíveis para explicar esse acontecimento, uma, de particular relevância, parece indicar que o narrador (ou Cornélio Penna) percebeu que a relação fraterna entre Pedro e Nico estava de tal forma deteriorada que a única solução para o impasse era defenestrar o pobre Pedro, que por não ser de pedra, ao pó retornou – solução menos elegante, mas mais prática do que reiniciar a escritura do romance. Para Mário de Andrade, essa decisão narrativa foi um equívoco pois o tema dos gêmeos (...) era o mais palpitante do livro (ANDRADE, 1972: 123). (grifos do texto original).

<sup>379</sup> Rosset anota, em um outro contexto, mas que se adapta perfeitamente ao caso em análise, que a técnica geral da ilusão é, na verdade, transformar uma coisa em duas, exatamente como a técnica do ilusionista, que conta com o mesmo efeito de deslocamento e de duplicação da parte do espectador: enquanto se ocupa com a coisa, dirige o seu olhar para outro lugar, para lá onde nada acontece (ROSSET, 1998: 20).

Depois dessas complicações, nada mais resta senão concluir a narrativa: o final se apresenta como uma espécie de melodrama, envolto por discussões filosóficas angustiosas.<sup>380</sup>

Nico Horta é vítima da doença que carregou dentro de si, desde a infância.

*Foi então que, sacudido como um objeto, como uma carga esquecida, foi então que outro corpo se encostou ao dele, com pleno abandono.*

*Pareceu-lhe ouvir um soluço baixinho, mas não olhou, não fitou os ouvidos, nem fez um só movimento. Aquele gesto lasso e sem defesa, o calor que sentia em seu ombro e em todo o seu lado direito, transmitido sem condições e sem reservas, vinha até ele como um chamado, uma tentativa simples e serena de convívio e união.*

*Já não estava sozinho, pensava com secreta e imponderável alegria e chegou a desejar que a viagem não terminasse nunca e toda a sua vida se esgotasse naquele torpor doloroso e sacudido, onde tudo em seu corpo se entrecrocava e se fazia sentir, em apelos surdos de dor e de enorme lassidão. (...) Chegara a desejar, em meio das dores confusas e fulgurantes que dançavam em seu cérebro, que um desastre súbito, tremendo, pusesse fim a tudo aquilo, agora que se sentia amparado por aquela espádua irmã, aquele corpo inteiramente entregue ao seu, num abandono sem desejo e sem pensamento.*

*Morreria confundido com ele, e já não seria só, miseravelmente sozinho diante da vida, deixando sempre cair tudo o que dele se aproximava... Sinos longínquos, apitos perdidos lembravam que muitas etapas passavam, céleres. Mas, que importava? Não chegaria nunca, tal o desânimo, o absoluto cansaço e abatimento em que se encontrava (PENNA, 2000: 214-215).*

A duplicidade física (a imagem fraterna ou a multiplicação de si mesmo) termina em tragédia:

*D. Ana, Maria Vitória e o Sr. Andrade olharam por algum tempo para o corpo de Nico Horta, lembrando-se do que ele lhes devia dizer, das recomendações que devia fazer, e das interrogações e consultas que eles próprios não tinham feito... e o Nico Hortas que ia viver um novo e diferente romance em suas memórias ali estava, como uma figura de cera, na sua límpida imobilidade (PENNA, 2000: 217).*

---

<sup>380</sup> *Alma de colecionador, vivendo no convívio dos objetos velhos, Cornélio Pena sabe traduzir, como ninguém entre nós, o sabor da beleza misturado ao do segredo, da degeneração e mistério, que torna uma arca antiga, uma caixinha-de-música, um leque, tão evocativos, repletos de sobrevivência humana assombrada. Se sente que os seus romances são obras de um antiquário apaixonado, que em cada objeto antigo vê nascer uns dedos, uns braços, uma vida, todo um passado vivo, que a seu modo e em seu mistério ainda manda sobre nós. E tudo isso o romancista capta, evoca e desenha com raro poder dramático (ANDRADE, 1972: 124).*

### 2.3 – A trilogia Bellini, de Tony Bellotto.<sup>381</sup>

O tema do irmão ausente (cuja “presença” se renova a cada instante<sup>382</sup>), acompanhado do Complexo de Édipo,<sup>383</sup> da culpa e do luto, aparece, de forma contundente, em três romances policiais de Tony Bellotto.

Remo Bellini, personagem principal de *Bellini e a esfinge*, *Bellini e o demônio* e *Bellini e os espíritos* precisa conviver com uma particular característica: seu irmão gêmeo, Rômulo, que morreu logo depois do parto, o persegue como se fora uma sombra (ou uma cicatriz, ou uma tatuagem, ou um estigma: maneiras de preencher a ausência através da tortura resultante de um processo de luto não expiado pela morte do irmão<sup>384</sup>):

---

<sup>381</sup> BELLOTTO, Tony. *Bellini e a esfinge*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. \_\_\_\_\_. *Bellini e o demônio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. \_\_\_\_\_. *Bellini e os espíritos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

<sup>382</sup> *Ter um gêmeo é passear constantemente com um espelho diante de si. A pessoa se coloca sempre diante de você, age ao mesmo tempo que você, partilha os mesmos momentos, a mesma escolaridade, a mesma evolução, os mesmos progressos e, mais espantoso, os mesmos comportamentos, os mesmos pensamentos e os mesmos sentimentos* (RUFO, 2003: 160).

<sup>383</sup> *O Complexo de Édipo é a representação inconsciente pela qual se exprime o desejo sexual ou amoroso da criança pelo genitor do sexo oposto e sua hostilidade para com o genitor do mesmo sexo. Essa representação pode inverter-se e exprimir o amor pelo genitor do mesmo sexo e ódio pelo do sexo oposto. Chama-se Édipo à primeira representação, Édipo invertido à segunda, e Édipo completo à mescla das duas. O complexo de Édipo aparece entre os 3 e os 5 anos. Seu declínio marca a entrada num período chamado de latência, e sua resolução após a puberdade concretiza-se num novo tipo de escolha de objeto.*

*Na história da psicanálise, a palavra Édipo acabou substituindo a expressão complexo de Édipo. Nesse sentido, o Édipo designa, ao mesmo tempo, o complexo definido por Freud e o mito fundador sobre o qual repousa a doutrina psicanalítica como elucidação das relações do ser humano com as suas origens e sua genealogia familiar e histórica* (ROUDINESCO; PLON, 1998: 166).

<sup>384</sup> Colin Murray Parkes relaciona alguns componentes característicos do processo do luto. Uma análise, mesmo que superficial, das cenas em que a morte do irmão é mencionada no discurso do narrador Remo Bellini convergem para que a possibilidade do luto não seja descartada. Segundo Parkes, *há vários componentes no processo de elaboração do luto:*

1. *A pessoa ocupa-se com pensamentos sobre o ser perdido que (...) derivam da premência de procurar essa pessoa.*
2. *Há dolorosas lembranças repetidas da experiência de perda, que são equivalentes ao trabalho de elaboração da preocupação e precisa ocorrer se a perda não tiver sido totalmente aceita como irremediável.*
3. *Há a tentativa de encontrar um sentido para a perda, para encaixá-la no conjunto de crenças sobre o mundo, ou para modificá-las, se necessário* (PARKES, 1995: 100).

É significativa a forma didática com que o autor, logo a seguir, completa o seu pensamento, esclarecendo que: *Estas não são três explicações para o mesmo fenômeno, mas três componentes independentes de um mesmo quadro mais amplo. As tentativas de buscar sentido para o que aconteceu podem ser vistas como uma forma de restaurar o perdido, se for possível encaixar a ausência em um outro padrão. Estas tentativas podem ou não dar resultado. Se não derem, a preocupação aumentará e pode tornar-se uma obsessão* (PARKES, 1998: 100-101).

*Bellini.*

*Meu nome é Remo. Remo Bellini. Acontece que detesto esse nome Remo e há motivo para isso. Explico: no dia 5 de junho de 1950 fui expelido do ventre de Livia Bellini juntamente com um irmão gêmeo, Rômulo. A idéia de batizar os recém-nascidos com os nomes dos lendários gêmeos fundadores de Roma foi de Túlio Bellini, nosso pai.*

*Túlio, na época um jovem advogado criminalista em início de carreira, transbordou de orgulho paterno ao saber-se progenitor de dois seres idênticos, masculinos e primogênitos.*

*Por pouco tempo, porém. Inesperadamente, como é de seu estilo, o destino lançou sobre as cabeças de Livia e Túlio uma bomba: Rômulo, não resistindo a uma pneumonia, faleceu dois dias após o parto.*

*Começaram aí os meus problemas (BELLOTTO, 1995: 14).*

Remo Bellini (signo astrológico: gêmeos; nasceu em 05 de junho) não é apenas uma personagem que luta contra os fantasmas que o corroem emocionalmente. O que o torna emblemático é a sua visível inadequação para resolver os conflitos psíquicos causados por sentimentos contraditórios: a “presença” sempre renovada do gêmeo morto é uma armadilha que sufoca não só os dois irmãos, mas também a tranquilidade familiar.<sup>385</sup>

Por isso, muitas das ações de Remo Bellini gravitam na necessidade inconsciente com que tenta obter o amor paterno:

*Como fazia todo dia 5 de junho, minha mãe ligou.*

*– Remo, parabéns. Trinta e três anos, a idade de Cristo.*

*Livia Bellini tinha a capacidade de relacionar qualquer assunto com religião.*

*– Obrigado, mãe. Espero não ser crucificado este ano.*

*– Claro que não; mas a mãe sabe a via-crúcis que tem sido sua vida.*

*– Não tem via-crúcis nenhuma, minha vida está ótima. Estou fazendo o que gosto.*

*– Seu pai sofre tanto...*

*– Sofre porque é um egoísta que não aceita que o filho viva a própria vida.*

*– Não fala assim.*

*– Tudo bem, deixa pra lá.*

*– Você tem se alimentado? – perguntou.*

*– Tenho.*

*– Reminho, por que você não aproveita essa data e toma uma atitude digna de um Jesus Cristo?*

*– Que atitude, por exemplo? – Perguntei, prevendo a resposta.*

*– Reate a relação com seu pai. Fale com ele.*

*– Mas é ele que não quer falar comigo.*

*– Um pai é uma coisa importante na vida – afirmou.*

---

<sup>385</sup> (...) existem separações (...) mais dolorosas: todos os gêmeos que viveram a morte de seu “duplo” demonstram extrema dificuldade de superar a prova. Como nas situações de doença, o gêmeo sobrevivente pode experimentar um sentimento de culpa: por que ele, por que ela, e não eu? A atitude dos pais, valorizando em excesso o gêmeo morto e idealizando-o mais que o razoável, complica consideravelmente a violência do luto. A lembrança do ausente, então, é forte demais para permitir um desabrochar normal. Muitos gêmeos, aliás, só conseguem superar a sua dor graças ao encontro de um novo parceiro que ajude na reconstituição de um casal, contanto que a lembrança do morto tenha se atenuado um pouco (RUFO, 2003: 168).

–Eu sei. A senhora já falou isso para ele?  
 –Já. E ele perguntou a mesma coisa pra mim, se eu já tinha falado isso pra você. Vocês são tão parecidos, Remo.  
 –Não fala isso, mãe. Você ligou no dia do meu aniversário pra me ofender?  
 –Que pecado! Você sabe que eu sofro com isso.  
 –Desculpe.  
 –Deus me deu dois filhos, e um deles me tirou logo após o nascimento. Você é o único que me restou, e agora, com essa idade, tenho que sofrer essa dor de ver meu filho se recusar a falar com o próprio pai?  
 –Mas ele também se recusa a falar comigo – argumentei.  
 –Porque vocês dois são orgulhosos de cabeça dura! Se um dos dois tivesse a generosidade de se dignar a falar com outro, acabaria toda essa besteira... um pai e um filho que não se falam, que desgraça!  
 –Algum dia ele vai acabar me compreendendo e me aceitando – afirmei. – Não se preocupe. O importante é que eu estou feliz (BELLOTTO, 1995: 210-211).

Simultaneamente, como que a querer fugir daquilo que o atrai, explicita a negação dessa circunstância:

*Fiquei, então, sozinho e desamparado, ladeado por meu pai, que me imputava suas decepções, e pelo espectro silencioso de meu irmão, carregando nos ombros dois nomes ridículos que nada mais eram do que a expressão fria do pedantismo de Túlio Bellini: Rômulo e Remo (BELLOTTO, 1995: 15).*

O embate pessoal de Remo Bellini transcende ao particular. Como uma representação literária dos conflitos intrafamiliares, a luta psicológica que Remo trava com o irmão morto é a desculpa ideal para que o personagem hostilize a autoridade paterna (que se apresenta como uma espécie de “procurador” dos “interesses” do irmão) ou tente afastá-lo emocionalmente (ciente de que, intimamente, tudo faria para que essa ruptura não implicasse em outras dores).<sup>386</sup> Assim como na “vida real”, o desequilíbrio emocional é o emblema que serve de justificativa para a ruptura.

O personagem Remo Bellini – que também é o narrador – coloca na discussão da fraternidade consanguínea três problemas axiais:

<sup>386</sup> Em *Bellini e o demônio* (BELLOTTO, 1997), o reencontro com o pai ocorre em situação típica das rupturas familiares: o pai, doente (câncer de próstata), ajuda o filho, procurando, por meios transversos, estabelecer algum meio de aproximação. É a proximidade da morte do pai que produz o arrependimento mútuo e a amizade tardia – infelizmente, como é frequente nessas situações, quase nada mais pode ser feito para corrigir o desencontro pregresso. Em *Bellini e os espíritos* (BELLOTTO, 2005), o pai morto se apresenta como se fosse apenas uma lembrança fugidia, algo que marcou indelevelmente a memória, mas que não tem um significado determinante no andamento da narrativa ou no comportamento de Remo Bellini.

1. A ausência física não é determinante para que os conflitos fraternos sejam eliminados.<sup>387</sup>
2. O duplo – e, conseqüentemente, a negação do duplo – não está circunscrito apenas ao real.<sup>388</sup>

<sup>387</sup> Interessante contraponto pode ser efetuado com o romance inglês *O dom de Gabriel*, de Hanif Kureishi (publicado, na Inglaterra, em 2001 e, no Brasil, em 2002), que também trata de experiência similar, embora o irmão morto (Archie), no texto de Kureishi, se apresente como uma espécie de anjo, uma entidade espiritual que socorre Gabriel nos momentos em que isso se faz necessário: *O duplo, que desde sempre fascina, representa o companheiro ideal, aquele que entende tudo no primeiro olhar. Na verdade, essa fantasia permite que nos projetemos em outra existência. O gêmeo imaginário, à maneira de um anjo da guarda, conta a outra vida que cada um de nós sonhou* (RUFO, 2003:172).

A situação proposta nos três romances de Tony Bellotto encontra diversos paralelos (resguardando-se, naturalmente, as diferenças estruturais, estilísticas e culturais) com o romance de Hanif Kureishi:

*Ele fez o que sempre fazia em momentos como esse: consultou seu irmão gêmeo, Archie, verdadeiramente sua outra metade.*

*Haveria hoje – se o destino não tivesse roubado um deles – dois garotos idênticos sentados lado a lado nesse quarto, um nascido poucos instantes depois, segurando o calcanhar do outro. Gabriel estaria falando e olhando para alguém que era e não era ele mesmo, face a face com suas próprias feições, no rosto de outro.*

*Em vez disso, o irmão morto, existindo dentro da metade viva, tornara-se um garoto mágico, e mais sábio – o guardião ou espírito pessoal de Gabriel.*

*O pai de Gabriel ainda falava de como se sentira orgulhoso, empurrando dois filhos colina acima no carrinho de bebê duplo, com o vento no rosto, até o parque. Em todos os lugares aonde os levava, eles atraíam a atenção e provocavam comentários das pessoas. “Dois pelo preço de um”, ele dizia, recuando para que outros pudessem olhar, conversar ou fazer cócegas em seus meninos. “Fardo dobrado”, acrescentava afetuosamente.*

*Depois, aos dois anos e meio, um dos garotos morreu de meningite. Foi um milagre, disseram os médicos, o outro ter sobrevivido. (...)*

*Gabriel não se lembrava de Archie fora das muitas fotografias dos gêmeos juntos, expostas no hall, no quarto dos pais e na sala. Essas preciosas imagens emolduradas nunca eram tocadas, movidas ou comentadas, mas sempre o perturbavam por um importante motivo. Seus pais não conseguiam saber qual era um e qual era o outro. A mãe afirmava que, quando Archie era vivo, eles e só eles podiam dizer quem era quem. Mas, recentemente, o pai admitira que tinha dado uma dose de remédio duas vezes ao mesmo menino, e que às vezes eles punham um no berço do outro e só percebiam o erro na manhã seguinte.*

*Isso fazia Gabriel se perguntar se eles tinham sido permanentemente confundidos um com o outro. Talvez ele fosse Archie e Gabriel estivesse morto. Certamente, ele estava sempre consciente da ausência do irmão e toda vez que via dois gêmeos tinha vontade de correr até eles e contar, ou à mãe deles, que também havia dois dele, só que um era uma sombra. (...)*

*Se Archie estava em sua mente, Gabriel sempre tinha alguém para conversar. Juntos, os meninos podiam conspirar contra seus pais. Se Gabriel ficasse quieto e escutasse com cuidado, conseguia ouvir Archie, pois Archie prestava atenção no irmão, era sensível e sempre sabia o que fazer. Às vezes, quando se sentia atordoado, Gabriel chamava Archie cantando “Two of us”, dos Beatles.*

*Agora, Gabriel estava em silêncio para ouvir a voz do irmão cochichando em seu corpo.*

*Archie dizia para ele não ter medo; Gabriel devia continuar a desenhar. Se os objetos se tornassem reais, isso não era ruim nem magia negra, apenas um dom incomum que poderia ser útil. Quando Gabriel hesitou, Archie disse que as coisas podiam mudar, mas ele devia prosseguir para ver o que aconteceria (KUREISHI, 2002: 30-33).*

<sup>388</sup> É a partir de um mundo “paralelo” que o imaginário constrói suas negações mais significativas. *A duplicação do real (...) constitui a estrutura oracular de todo acontecimento. (...) O real imediato só é admitido e compreendido na medida em que pode ser considerado a expressão de um outro real, o único que lhe confere o seu sentido e a sua realidade* (ROSSET, 1998: 49). Para Remo e Túlio Bellini, filho e pai unidos pela tragédia familiar, em lugar de construir um arcabouço emocional capaz de contemplar as perdas mútuas, optam por instituir um “novo real”, um novo engano, onde o Outro recebe uma carga de significação negativa – visualizado como agressor, o Outro se torna agressivo para poder se contrapor ao modelo que lhe é atribuído.

*Fiquei, então, sozinho e desamparado, ladeado por meu pai, que me imputava suas decepções, e pelo espectro silencioso de meu irmão, carregando nos ombros dois nomes ridículos que nada mais eram do que a expressão fria do pedantismo de Túlio Bellini: Rômulo e Remo.*

*Aos poucos tornei-me Remo, o Dois-em-Um.*

*Isso soa estranho, engraçado até, mas expressa fielmente como me senti em grande parte de minha infância, um dois-em-um. E também explica por que, desde pequeno, toda vez que me perguntavam qual o meu nome, respondia apenas Bellini. Era uma atitude ingênua e instintiva, eu sei, mas fazia sentido. Livrando-me de Remo liberei-me também de Rômulo e assim pude viver uma vida normal com um nome normal: Bellini, apenas (BELLOTTO, 1995: 15).*

3. O rancor paterno (ou o sentimento que Remo idealiza como rancor), sem saber distinguir a diferença entre o real e o imaginário, canaliza a perda de um dos filhos para o filho sobrevivente.

*Não quero aqui me estender em questões familiares, mas para que tenha uma idéia, eu já perdera a conta de quantos anos haviam transcorrido desde que meu pai e eu trocávamos palavras pela última vez. E mesmo essas estavam longe de expressar algum carinho. Que eu me lembre, nosso derradeiro diálogo encerrara-se com uma frase proferida por um Túlio Bellini colérico: “Ponha-se daqui para fora, e aceite a compensação de que enquanto você perde um pai, eu perco mais um filho!”. A referência a Rômulo, meu irmão gêmeo morto aos dois dias de vida, não podia ter faltado. Tudo muito dramático, como convinha a um pernóstico “grande” criminalista que nunca se conformou em satisfazer suas expectativas ególatras (BELLOTTO, 1997: 192).*

Para Remo, a ausência do irmão representa uma forma inequívoca da deterioração da identidade, uma vez que a morte do irmão é, simbolicamente, parte de sua morte – e, por ter sobrevivido, Remo não consegue se eximir da culpa que sente pela morte do irmão (pouco importando se essa culpa é real ou não).

Além disso, no entender de Remo Bellini, a possibilidade de sucesso do morto ultrapassa quaisquer que sejam as realizações daquele que permanece vivo.

*O relógio que era a lembrança viva de meu pai, Túlio Bellini. O objeto, único remanescente do relacionamento pai e filho. E também de um outro filho, meu irmão gêmeo morto no parto, Rômulo, o fantasma, sempre me atormentando com as possibilidades de ser o que eu não era e nunca seria: um filho que correspondesse às expectativas do pai (BELLOTTO, 2005: 165).*

Desta forma, a presença do irmão morto, no contexto em que Remo se movimenta, configura um obstáculo quase intransponível, um peso que ele precisa carregar eternamente – e que é renovado a cada segundo pelas lembranças do irmão morto e pela presença do pai.



*No rádio, um barítono de voz empostada cantava uma ária de ópera. Cantores de ópera sempre me lembram meu pai. Por muito tempo escutei, e ainda hoje escuto, sua voz dizendo: “Se Rômulo tivesse sobrevivido, com certeza eu não teria que conviver com tantas decepções”. É claro que me responsabilizava por quase todas elas. Ou: “Se um homem prevenido vale por dois, você teria que valer por quatro. Pena que na maioria das vezes não valha nem por um!”. Frases como essas, ao mesmo tempo em que embutiam um desejo secreto de que eu pudesse redimir a ausência de Rômulo, fustigavam uma rivalidade surda entre nós (como se a morte, num terrível engano, tivesse carregado o irmão errado, o que nascera para preencher as expectativas paternas) (BELLOTTO, 1995: 15).*

Remo não sentiria tanto incômodo se o irmão vivo estivesse.

### **3. DIFERENÇAS SEXUAIS (IRMÃO X IRMÃ)**

*(...) agora que começo a escrever sobre a nossa infância, sinto falta. Nossa infância, José, nossa? Bem, irmão, é isso que os irmãos costumam ter em comum, a infância, isso você não pode mudar nem destruir. Como assim, destruir?*

**Beatriz Bracher:** *Não falei.*

### 3.1 – Fissuras entre o permitido e o proibido

Irmãos de sexos diferentes produzem conflitos fraternos com características específicas – a combinação que surge entre o afeto fraterno e a violência física produz um conjunto de situações com enormes conseqüências psicológicas.

Se, de um modo geral, a competição obsessiva entre irmãos mascara uma tensão sexual não resolvida, irmãos com interesses tão divergentes quanto aqueles que alimentam as questões de gênero (masculinidade, feminilidade) adentram em áreas conflitantes quando ocorrem algumas indeterminações sobre as relações de poder (simbólico, concreto, psicológico, afetivo).

Desde o nascimento, meninos e meninas vivem experiências diferenciadas. A constatação das diferenças sexuais, por exemplo, encaminha posturas sociais divergentes: em sociedades em que a valorização da dominação masculina é considerada um valor positivo, o feminino submerge e é dominado. De forma corrente, os agrupamentos familiares pouco ou nada fazem para impedir que essa postura ideológica predomine. Ao mesmo tempo, trabalham no sentido de negar, de todas as maneiras com que lhes for possível, o desejo do Outro – visualizado, nestas circunstâncias, como a(o) irmã(o).

A renúncia ao gozo (tabu social) sedimenta o desejo de transgressão sexual e permite que, para além da agressão física/emocional entre o(s) irmão(s) e a(s) irmã(s), haja grande probabilidade de ocorrência de situações em que, esquecidas (ou negadas) as relações consangüíneas e afetivas, um corpo encontra complementariedade erótica e sexual em outro corpo.<sup>389</sup> Isso significa, grosso modo, que a luta pela identidade familiar, em diversos casos, se

---

<sup>389</sup> A crise emocional, que mistura culpa e desejo, emerge com grande densidade, quando a vontade sexual mostra-se superior ao tabu social. Um trecho do conto *Da difícil vida das rémoras*, de Ivana Arruda Leite, descreve essa situação:

*Aos doze anos, seu corpo queimava de desejo pela irmã. Queria beijar-lhe a boca, apertar-lhe os seios em botão, enfiar os dedos no meio das pernas gordinhas. Sabia que não podia, embora fosse o que mais quisesse. Passou a ter pesadelos horríveis. A irmã lhe aparecia nua, deitava ao seu lado e se entregava a ele como mulher de verdade. Ele acordava gritando:*

*– Vai embora daqui. Sai! Sai!*

dissolve nos devaneios produzidos pelas pulsões da libido (que são alimentadas pela procura e consecução do prazer sexual).<sup>390</sup>

*Uma excessiva proximidade física e afetiva entre irmão e irmã na adolescência não é desejável. As relações incestuosas são mais freqüentes do que se imagina. Podem manifestar-se psiquicamente através de uma ligação afetiva invasora que não favorece a busca de uma “alma gêmea” – o(a) parceiro(a) com quem o rapaz ou a moça poderão viver uma sexualidade equilibrada. Esse “amor demais” às vezes leva a contatos físicos, na sua maioria carícias excessivamente insistentes que podem transformar-se em práticas masturbatórias ou, muito mais raramente e sem dúvida de maneira patológica, em verdadeiras relações sexuais. É bem provável que muitas atividades masturbatórias e descobertas sexuais aconteçam nas fratrias. São segredos de família que não competem aos psiquiatras, caso não provoquem nenhuma perturbação psíquica nos irmãos (RUFO, 2003: 88).*

O desejo sexual trabalha com a eventualidade de sedução/agressão entre os protagonistas. Poucos indivíduos conseguem

*(...) aprender a dominar o princípio do prazer e renunciar a uma satisfação próxima, porém socialmente ilícita, em favor de outra, mais distante e inclusive incerta, mas irreprochável tanto do ponto de vista psicológico como do ponto de vista moral (FREUD, Apud KEHL, 2002: 142).*

Ou seja, o encontro entre um homem e uma mulher (mesmo que mediado pela mesma origem familiar e afetiva, além da interdição decorrente do tabu cultural), em circunstâncias muito especiais, pode resultar em algum tipo de envolvimento emocional e sexual (seja por consenso ou como consequência do abuso de algum tipo de força).

*(...) há uma certa lógica em ficar apaixonado(a) pelo(a) irmã(o), já que ela ou ele se parece de maneira bem fiel com um dos pais do qual nos sentimos complementos durante toda a infância. Nas situações normais, o adolescente, para fugir de suas*

---

*A mãe vinha saber o que era, mas ele não podia contar. No dia seguinte, a irmã voltava. Ele tampava a cabeça com o travesseiro e pedia pelo amor de Deus que ela fosse embora, mas ela insistia até que ele a deixasse deitar ao seu lado.*

*– Deus tem me castigado por isso. Tenho tido furúnculos pelo corpo todo por sua causa. Por favor, não volte. Cansado de lutar, ele se deu por vencido. Perfumou-se todo e ficou sentado esperando a irmã chegar. Desde esse dia ela nunca mais apareceu. **Ele passou o resto da vida esperando** (LEITE, 2005: 27). (grifos meus).*

<sup>390</sup> Na contracorrente, em um conto de Bernardo Élis, *O caso inexplicável da orelha de Lolô*, a personagem Branca utiliza-se de uma estratégia pouco ortodoxa para tentar evitar um relacionamento amoroso:

*Anísio sentia-se disposto a tudo e propôs-lhe deixar o sítio, irem para algum lugar distante, onde não fossem conhecidos, onde ninguém soubesse de sua história.*

*– Não, Anísio, não adianta nada, – tentou ela explicar. – Nunca poderei amar você.*

*– Mas por que, Branca? Sou tão diferente dos outros assim?*

*– Eu me perdi de propósito, para não casar com você. Sonhei que era sua irmã e desde esse dia nunca mais tive sossego. Eu sei que sou sua irmã.*

*Anísio achou que aquilo era zombaria dela. Era uma desculpa para idiota, e, irado, trancou-a no calabouço da fazenda (ÉLIS, 1975: 47).*

*fantasias incestuosas, decide ficar distante dos pais e dos outros membros da família. É assim que ele se abre aos contatos sociais. Amar o irmão, ter uma paixão pela irmã, é também amar a si mesmo, adorar o próprio duplo, e, portanto, ser incapaz de se diferenciar do outro. A confusão de identidades é um distúrbio psíquico grave, do qual as manifestações incestuosas costumam ser apenas manifestações* (RUFO, 2003: 88-89).

Nessas situações, o comportamento familiar, afetivo e sexual se desloca em duas direções, mostrando de que maneiras a violência<sup>391</sup> contamina a fraternidade e institui um novo patamar nos relacionamentos intrafamiliares:

- a) A norma sociocultural (advinda dos primórdios da formação da sociedade “civilizada”) que determina que os membros de uma mesma família não devem manter relações sexuais entre si – incesto<sup>392</sup> – é quebrada (muitas vezes de forma consensual entre aqueles que estão envolvidos) no momento em que o desejo afetivo<sup>393</sup> e sexual<sup>394</sup> demarca (independente de ser

<sup>391</sup> Por “violência”, neste contexto, há que se entender, além da agressão física, formas mais sutis de manipulação afetiva: sedução, persuasão, chantagem emocional,...

<sup>392</sup> Para uma visão antropológica sobre o incesto, ver LÉVI-STRAUSS, Claude. *As estruturas elementares do parentesco*. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1982. p. 50-63; para uma visão psicanalítica, ver FREUD, Sigmund. *Totem e tabu*. Rio de Janeiro: Imago, 2005.

<sup>393</sup> Ao descobrir que a amante, Maria Eduarda Mac-Gren Castro Gomes, era sua irmã, Carlos da Maia, personagem do romance *Os Maias*, de Eça de Queiroz, entra em desespero, e sem saber que rumo tomar diante de tamanha revelação, efetua um depoimento significativo: (...) *Se ela morresse, ou eu, acabava o motivo desta paixão, restava a dor e a saudade; era outra coisa... Assim estamos vivos, mas mortos um para o outro, e viva a paixão que nos unia!... Pois tu imaginas que por me virem provar que ela é minha irmã, eu gosto menos dela do que gostava ontem, ou gosto de um modo diferente? Está claro que não! O meu amor não se vai de uma hora para a outra acomodar a novas circunstâncias e transformar-se em amizade... Nunca! Nem eu quero!* (QUEIROZ, 2001: 514-515)

<sup>394</sup> Em *Os Maias*, de Eça de Queiroz, Carlos da Maia, consciente de que estava cometendo incesto, vai procurar pela irmã para lhe contar a triste situação em que o destino os envolveu, isto é, que eram irmãos e que o amor que devotam um ao outro precisava acabar. Como Maria Eduarda já havia se recolhido à alcova, Carlos lá a encontra:

*Um movimento, entre os cortinados, fez ranger o leito.*

*– Para Santa Olávia?... Ora essa, por quê? E assim de repente... Entra!... Vem cá!*

*Então Carlos deu um passo no tapete, sem rumor. Ainda sentia o ranger mole do leito. E já todo aquele aroma dela que tão bem conhecia, esparsa na sombra tépida, o envolvia, lhe entrava na alma com uma sedução inesperada de carícia nova, que o perturbava estranhamente. Mas ia balbuciando, insistindo na sua pressa de encontrar essa noite o Vilaça.*

*– É uma maçada, por causa de uns feitores, de umas águas...*

*Tocou no leito; e sentou-se muito à beira, numa fadiga que de repente o enleara, lhe tirava a força para continuar essas invenções de águas e de feitores, como se elas fossem montanhas de ferro a mover.*

*O grande e belo corpo de Maria, embrulhado num roupão branco de seda, movia-se, espreguiçava-se languidamente, sobre o leito brando.*

*– Achei-me tão cansada, depois do jantar; veio-me uma preguiça... Mas então partires assim de repente!... Que seca! Dá cá a mão!*

*Ele tentava, procurando na brancura da roupa; encontrou um joelho a que percebia a forma e o calor suave, através da seda leve; e ali esqueceu a mão, aberta e frouxa, como morta, num entorpecimento onde toda a vontade e toda a consciência se lhe fundiam, deixando-lhe apenas a sensação daquela pele quente e macia, onde a sua palma pousava. Um suspiro, um pequenino suspiro de criança, fugiu dos lábios de Maria, morreu na sombra. Carlos sentiu a quentura do desejo que vinha dela, que o entorpecia, terrível como o bafo ardente de um abismo, escancarado na terra a seus pés. Ainda balbuciou: “Não, não...” Mas ela estendeu os braços, envolveu-lhe o pescoço, puxando-o para si, num murmúrio que era como a continuação do suspiro, e em que o nome de querido sussurrava e tremia. Sem resistência, como um corpo morto que um sopro impele, ele caiu-lhe sobre o seio. Os seus lábios secos*

unilateral ou não) as relações afetivas entre os irmãos<sup>395</sup> (mesmo nos momentos em que essa possibilidade não ultrapassa o nível do imaginário); na expressão freudiana: *o tabu traz em si um sentido de algo inabordável, sendo principalmente expresso em proibições e restrições* (FREUD, 2005: 28).

- b) Em condições ideais, o sexo é um ato prazeroso e integrador da condição humana. No entanto, quando migra para o campo da instrumentalização do poder transforma-se em uma anomalia. Nesse sentido, a libido e o gozo em lugar de constituírem uma celebração do prazer transformam-se em demonstrações de perversidade. Como a procura incansável/insaciável pela satisfação do desejo está além do que é vetado pela norma cultural, nos momentos em que a afetividade não encontra receptividade no Outro a coação física (estupro<sup>396</sup>) aparece e determina a maneira com que o poder sexual é exercido no âmbito intrafamiliar. É o controle

---

*acharam-se colados, num beijo aberto que os umedecia. E de repente, Carlos enlaçou-a furiosamente, esmagando-a e sugando-a, numa paixão e num desespero que fez tremer todo o leito* (QUEIROZ, 2001: 523-524).

<sup>395</sup> No romance inglês *Anjos e insetos* (BYATT, 1994), William encontra a sua esposa, Eugênia, tendo relações sexuais com o seu (dela) irmão, Edgar. A cena em que Eugênia tenta explicar os acontecimentos é significativa: *Sentou-se na frente do espelho e passou a escova no cabelo um par de vezes, num gesto automático. Ao fitar seu próprio rosto, algumas lágrimas escorreram pelas faces formosas. Ela permaneceu sentada, descomposta, na frente do espelho.*

*“O que vai fazer?”*

*“Não sei”, William retrucou sincero. Examinara o passado, com dificuldade. “Não creio que deva continuar mentindo para mim, Eugênia. Isso... isso vem acontecendo há muito tempo, não é? Desde que estou aqui?”*

*Ele percebeu a mentira toldando seu rosto, como as nuvens que ocultam a lua. Depois ela deu de ombros e disse: “Sim”.*

*“Há quanto tempo?”, disse William.*

*“Desde que eu era pequena. Muito pequena, sabe. Era como uma brincadeira. Não creio que possa entender”.*

*“Não, eu não posso”.*

*“No começo parecia... uma coisa isolada do resto da minha vida. Era apenas algo... secreto... como, você sabe, tantas coisas que você não deveria fazer, e faz. Como tocar seu corpo no escuro. Você não compreende.”*

*“Não, não compreendo”.*

*“E depois... depois, eu ia casar com o Capitão Hunt... e ele viu... oh, não viu o que você viu... mas viu o suficiente para desconfiar. E isso o atormentava. Eu jurei, então, que ia parar – e parei, queria me casar, e ser boa – como as outras pessoas –, e eu... eu o convenci... de que ele... estava enganado a meu respeito. Foi tão difícil, ele não conseguia discutir o que o assustava – não podia falar abertamente – e foi então que eu vi... como foi terrível... tudo... o que eu fiz.*

*Mas não conseguimos parar. Não creio que ele...”, ela engasgou com o nome de Edgar, “que ele tivesse a intenção de parar... ele... ele é forte... e, claro, o capitão Hunt... alguém o chamou para ver... ele viu... não muito... mas o suficiente. E escreveu uma carta terrível... para... para nós dois... e disse, oh...”, ela começou a chorar de repente, “que não poderia viver depois de saber, mesmo que nós pudéssemos. Foi o que disse. Em seguida, suicidou-se com um tiro. Deixou um bilhete na escrivaninha, para mim, dizendo que eu saberia o motivo de sua morte, e que esperava que eu fosse capaz de encontrar a felicidade.”*

*William observou seu choro.*

*“Mesmo depois de tudo isso, você prosseguiu.”*

*“A quem mais poderia recorrer?”*

*Ela continuou a chorar. William repassou a sua vida. Ele disse: “Você recorreu a mim. Ou me usou, tanto faz”. Ele sentia náuseas cada vez mais intensas* (BYATT, 1994:166-167).

<sup>396</sup> Para uma compreensão significativa sobre impacto cultural do estupro, ver VIGARELLO, Georges. *História do estupro: violência sexual nos séculos XVI-XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

do corpo do Outro (através do ato sexual) que reconfigura, sem o mínimo constrangimento, os relacionamentos afetivos, elaborando um mecanismo em que a opressão é confundida com amor ou afeto; ao mesmo tempo, impede que o “lado mais fraco” (frequentemente o feminino<sup>397</sup>) possa exercer algum tipo de direito de escolha. Essa situação estabelece um círculo vicioso: ciente de que entre a submissão e a revolta há algum tipo de perda, o indivíduo oprimido prefere ficar no limbo instituído pela imobilidade. Desta forma, a perda é total – embora, de forma ilusória, esteja amparada por uma falsa sensação de ganho (o indivíduo não precisou efetuar qualquer tomada de decisão; ou seja, não se expôs, não enfrentou os seus fantasmas particulares). Transitando entre a transgressão da norma sociocultural e a perversão comportamental, o incesto e o estupro<sup>398</sup> (práticas sexuais que não são raras no universo intrafamiliar<sup>399</sup>) habitam territórios muito densos, com pouca

---

<sup>397</sup> Neste sentido, é significativo o alerta que faz Elizabeth Roudinesco: reduzir os acontecimentos e os sentidos da mobilidade social implica em mascarar o papel de alguns de seus agentes, bem como de suas diversas representações. A imagem feminina (e a sua sexualidade) decompõe-se na medida em que o poder masculino, instituído pelo uso da força, migra do simbólico para o efetivo. A masculinidade se afirma como posse – e isso significa que no discurso masculino a violência está sobreposta ao respeito pela igualdade social, cultural e sexual. *Quando se considera que o sexo anatômico prevalece sobre o gênero, a unidade se esfarela e a humanidade é dividida em duas categorias imutáveis: os homens e as mulheres. As outras diferenças são abolidas. Três representações são possíveis a partir daí. Ou a diferença sexual é pensada em termos de complementariedade, e a mulher se torna um alter ego do homem, dividindo com ele um prazer carnal e um papel social; ou é inferiorizada, e a mulher é classificada em uma espécie de tipo zoológico: monstro, andrógina, lésbica, prostituta; ou é idealizada, e a mulher se torna um suplemento, heterogêneo à ordem simbólica: a louca, a mística, a virgem. Na primeira representação, a feminilidade da mulher é sempre associada à maternidade, ao passo que nas duas outras o feminino e o materno são dissociados, e a mulher é então incapaz de realizar a tarefa procriadora a ela imposta pela natureza e a cultura.*

*A partir dessas diversas representações da feminilidade foram deduzidas as posições de poder, submissão, complementariedade ou exclusão das mulheres no seio da sociedade. E, quaisquer que tenham sido as variações ligadas à primazia atribuída ao sexo ou ao gênero, percebemos sempre o traço das modificações sofridas pela família ao longo dos séculos* (ROUDINESCO, 2003: 117-118).

<sup>398</sup> Uma interessante interpretação, pelo prisma jurídico, sobre o incesto e, por extensão, o estupro é oferecida por Sônia Biehler da Rosa, evidenciando o quanto há de mascaramento no comportamento social: *No discurso que enquadra a prática do crime, as relações de parentesco entre réu e vítima não constituem ordem do discurso. O discurso do incesto é diferente do discurso jurídico, pois não tem o mesmo estatuto. No apenamento não existirá diferença para um caso de incesto ou de abuso sexual infantil intrafamiliar, praticado por alguém que esteja incumbido de cuidados da criança. O agravamento que é visível, não enuncia o foco do incesto. Há silenciamento. É a sobre-determinação do tabu que permanece.*

*O incesto não aparece no campo jurídico, que mantém o entendimento de inseri-lo na categorização dos crimes contra os costumes: estupro e atentado violento ao pudor. Na tipificação destes crimes não é tratada a violência contra a criança, especialmente aquela que acontece dentro da família, porque a visão dos crimes previstos é de afronta aos costumes, à sociedade. Não existe essa visão micro que o que acontece dentro da família é a violência que submete uma criança e que reduz o seu espaço de defesa. Para criminalizar o incesto é preciso resgatar a ordem privada para a esfera pública. Para esta publicização, é imperioso o desvencilhamento do segredo, do silenciamento que a privatização do incesto impõe* (ROSA, 2002, 132-133).

<sup>399</sup> Em alguns agrupamentos humanos, principalmente naqueles em que o excesso populacional é inversamente proporcional ao espaço habitacional, práticas sexuais primitivas como o incesto e o estupro são relativamente frequentes. Como consequência imediata da promiscuidade e de relação familiares confusas, a violência sexual

luminosidade, e que estão sob o domínio das rotinas opressivas,<sup>400</sup> formatadas principalmente pelo masculino (ou pelo discurso que fornece legitimação à voz masculina).

Como consequência imediata dessa postura, a representação literária também tem procurado, por diversos motivos, evitar que os dois temas sejam focados de uma forma mais próxima do “real”, mais expostos ao confronto e à denúncia.<sup>401</sup> É como se os escritores (através de seus narradores e personagens) preferissem ficar observando o espetáculo do lado de fora da casa, em lugar seguro, sem qualquer tipo de envolvimento, sem mostrar o que está acontecendo atrás das paredes, nas salas e nos quartos – e “lá” sempre está acontecendo alguma coisa.

---

invade o cotidiano de seus integrantes e, sem misericórdia, destrói física e psicologicamente suas vítimas. Um exemplo do horror que resulta da reunião entre violência sexual, preconceito e culpa em uma família com problemas econômicos encontra-se no conto *Lá pietá*, de Cecília Prada:

*Seu irmão. Seu próprio irmão. Não queria que casasse com preto. Nem com ninguém. Tinha ciúme, sempre tinha, de qualquer namorado. Queria ela pra ele só, pegava ela de noite quando era menina, pegava, ela tinha medo e deixava, era puta era puta tinha dormido com o próprio irmão. Deus castigava ... (...)*

*Uma vez, ela tinha onze anos. Ele pegava ela de noite ela não tinha coragem de dizer para a mãe, ele disse que matava se ela contasse. A primeira vez tinha doido muito, ela tinha sangrado. (...) Ela tinha sangrado – sentada na cama, o sangue correndo. Onze anos. O sangue era quente. Era a primeira vez que tinha pensado no sangue, como o sangue era quente, meu Deus. Não conta que eu te mato. Deixava. Puta. Um vez pensou que parece que gostava. Pensou isso e ficou batendo a cabeça na parede. Fez um galo. A mãe dizia:*

*– Essa menina é doida.*

*Só com ela acontecia, decerto. Não prestava. Uma noite ele tinha dado um pontapé nela, tava caindo de bêbado, sua puta, tinha dito. Ela tinha onze anos (PRADA, 2006: 45-46).*

<sup>400</sup> Comentando a ocorrência de “estupro conjugal” (uma das variantes mais significativa da violência no âmbito familiar, porque a sua prática serve de justificativa para diversos outros momentos de violência intramuros), Elizabeth Roudinesco estabelece que, historicamente, a violência contra as mulheres está associada com o império falocrata – ou seja, o poder masculino, por tradição cultural, incide na perpetuação de um sistema de dominação física e emocional: *A ênfase posta sobre o “estupro conjugal” era de considerável importância. Pois, além dessa violência interna, própria do casamento, e que repousava na obrigação do coito para os dois parceiros, o estupro, cometido essencialmente por homens, atingia em primeiro lugar as mulheres e as crianças. Energicamente condenado na antiga sociedade, era então considerado um desafio à autoridade monárquica. O “estupro de mulheres” atentava contra o rei, dizia-se, e destruía as famílias. Dessa forma devia ser punido com a morte e torturas múltiplas.*

*No entanto, a condenação continuava relativa e não-primordial. Pois, ao penetrar ferozmente o sexo feminino, o estuprador era reconhecido culpado acima de tudo de atentar antes contra a autoridade masculina e patriarcal do que contra o corpo da própria mulher. Daí uma gradação nas punições: deflorar uma moça virgem, futura esposa e futura mãe, destinada ao casamento, era considerado um crime bem mais grave do que constranger uma prostituta, uma cortesã ou uma vagabunda. E foi necessário uma reversão da situação, no final do século XIX, e sobretudo o reconhecimento cada vez mais consolidado do crime sexual contra as crianças, para que o estupro das mulheres fosse julgado de maneira mais incondicional (ROUDINESCO, 2003, 125).*

<sup>401</sup> O uso constante de elipses, metáforas e associações mitológicas em textos ficcionais que mencionam o estupro e o incesto reforça a tese de que o assunto comporta no escritor e/ou narrador (indivíduos representativos de um tipo específico de ação intelectual) algumas formas complicadas de bloqueio emocional e/ou comportamental. Raramente a ação é descrita com o distanciamento analítico necessário: há uma noção implícita de que a melhor atitude nessas situações está em não abordar o assunto – nos casos inevitáveis, deve-se mencioná-lo minimamente –, como se somente através desse esforço de negação se torne possível conviver com a situação. Para quem defende essa posição, pouco importa a punição da violência sexual.



A ambição de preservar a imagem da família de “certas” infelicidades<sup>402</sup> limita o campo de visão: essa atitude – que caminha paralelamente com a glamourização da atividade sexual, instituída como mercadoria pela indústria cultural<sup>403</sup> – é um dos instrumentos sociais que mascaram o preconceito que relaciona o incesto e o estupro com algum tipo de anomalia sexual ou com elementos da pornografia, proporcionando um conjunto de argumentos moralistas para o encobrimento da violência sexual doméstica, além de constituir um mecanismo que amplifica a ignorância sobre alguns aspectos elementares do funcionamento das estruturas de poder (sejam familiares ou não).

*(...) um grande número de abusos sexuais perpetuados no seio da família nunca é denunciado, pois as mães costumam proteger o marido ou companheiro, mas também as crianças, filhos e filhas mais velhos, e até tios e avós. Todas as meninas da família adotam, então, a posição da mãe, que repousa sobre a idéia primitiva de que o sexo feminino é “fraco” e que está na natureza do homem conquistar sexualmente a mulher, a qual deve aceitar essa conquista. O filho homem costuma ser também o protegido do pai; e denunciá-lo, tanto no seio da família quanto às autoridades judiciárias, corresponderia a romper com a autoridade da família, e portanto provocar sua implosão. As meninas agredidas fazem, então, a escolha do silêncio (RUFO, 2003: 95).*

Nos interstícios entre o permitido e o proibido, o vazio se instala como uma substância de preenchimento:

*Mesmo consentidas, até mesmo mutuamente desejadas, não acredito que possam existir relações incestuosas felizes, pois elas não podem desembocar nem numa vida comum socialmente reconhecida, nem na construção de uma família equilibrada. Com o tempo,*

---

<sup>402</sup> A felicidade é o objeto de “consumo” mais significativo da contemporaneidade – e a justificativa mais banal para ações egoístas ou de negação do coletivo. Como são poucos os indivíduos que cultivam virtudes como a temperança (*não se trata de desfrutar menos, mas de desfrutar melhor* [COMTE-SPONVILLE, 1995: 45]) e o humor (*o excesso de seriedade, mesmo na virtude, tem algo de suspeito e de inquietante* [COMTE-SPONVILLE, 1995: 229]), a sociedade competitiva e formatada pelos mecanismos de produção e consumo efetua uma corrida frenética pela felicidade, como se o bem-estar ou o prazer fossem sinônimos de uma sensação impossível de ser conceituada ou identificada. O consumo abusivo de substâncias que alteram os estados naturais de consciência, por exemplo, é um indicativo de que alguns indivíduos estão corroídos pela infelicidade – e que gostariam de se afastar, a cada dose ou pílula, do que lhes causa mal-estar.

<sup>403</sup> Se o hedonismo justifica o êxtase sexual e a amplificação das sensações prazerosas, também eleva socialmente o nível de alienação. O comportamento sexual, visto como mercadoria, institui um novo patamar nas relações sociais, na medida em que procura se afastar da ética e da normatização comportamental. Todas as regras se reduzem à busca incessante do prazer. E para que isso aconteça, a satisfação sexual migra do campo afetivo para as relações comerciais, onde as questões emocionais são condicionadas pelo “valor de mercado”. Colin Campbell, comentando a postura hedonista da modernidade, aponta que *o aspecto fundamental deste processo é uma inerente tendência ao despotismo. Desde que o prazer, de maneira bem-sucedida, só pode ser avaliado subjetivamente, ainda que seja uma função das sensações providas dos objetos e acontecimentos no ambiente, aquele(a) que procura o prazer será naturalmente impelido a adquirir cada vez mais controle sobre todos aqueles que o rodeiam. Tal controle não é meramente uma questão de assegurar que os outros se submetam a sua vontade, mas especialmente de possuir completo poder sobre todas as fontes de sensações, de modo que se possam fazer ajustamentos contínuos que assegurem o prazer prolongado* (CAMPBELL, 2001: 98).

*o irmão se separa da irmã, deixando para cada um o sentimento de duplo fracasso, o da relação amorosa e o da relação fraterna (RUFO, 2003:96).*

### 3.2 – Lavoura arcaica, de Raduan Nassar.<sup>404</sup>

A tragédia é um dos elementos constitutivos da memória familiar (e um dos momentos em que o presente trava diálogo com o passado, procurando projetar um futuro onde a opressão dos acontecimentos não esquecidos esteja superada).

Em *Lavoura arcaica*, a narrativa verborrágica, colérica, incansável, caudalosa, metafórica e poética de André (narrador e personagem) transforma-se em uma versão perversa da parábola do filho pródigo:

*(...) e, numa noite dessas, depois do jantar, quando as sombras já povoarem as cercanias da casa, e a quietude escura tiver tomado conta da varanda, e o pai na sua gravidade tiver se perdido nos seus pensamentos, vou caminhar na sua direção, puxar uma cadeira, me sentar bem perto dele, vou assombrá-lo ainda mais quando puxar sem constrangimento a conversa remota que nunca tivemos; e logo que eu diga “pai”, e antes que eu prossiga tranqüilo e resoluto, vou pressentir no seu rosto o júbilo mal contido vazando com a luz dos seus olhos úmidos, e a alegria de suas idéias que se arrumam pressurosas para proclamar que o filho pelo qual se temia já não causa mais temor, que aquele que preocupava já não causa mais preocupação, e, porque fez uso do verbo, aquele que tanto assustava já não causa mais susto algum; e depois de ter escutado ponto por ponto tudo o que eu tiver para lhe dizer, desfazendo pouco a pouco, através dele, as apreensões de uma família inteira, posso desde agora prever como será nossa comunhão: ele tomará primeiro meus ombros entre suas mãos, me erguerá da cadeira como ele mesmo já se erguera, tomará em seguida minha cabeça entre suas palmas, olhará com firmeza no meu rosto para redescobrir nos meus traços sua antiga imagem, e antes que eu lhe peça de olhos baixos a bênção que eu sempre quis, vou sentir na testa a carne áspera do seu beijo austero, bem no lugar onde ficava a minha cicatriz; é assim que será, e mais tudo de bom que há de vir depois,(...) (NASSAR, 1982: 110-111).*

Revoltado pela opressão familiar, André foge de casa – ambiciona atingir a “terra prometida”, um lugar onde a felicidade não esteja vinculada ao ordenamento patrilinear. Vai para longe, procurando esquecer as dores que o atormentam. Cabe a Pedro, o irmão primogênito, guiado pelos ditames da herança histórico-cultural, tentar recuperar a identidade mítica da família:

*“(...) quando entrei no teu quarto e abri o guarda-roupa e puxei as gavetas vazias, só então é que compreendi, como irmão mais velho, o alcance do que se passava: tinha começado a desunião da família” (NASSAR, 1982: 22).*

---

<sup>404</sup> NASSAR, Raduan. *Lavoura arcaica*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

Pedro vai ao encontro de André, em um quarto de pensão, com um propósito muito claro: trazer de volta ao rebanho a ovelha desgarrada.

*Era meu irmão mais velho que estava na porta; assim que ele entrou, ficamos de frente um para o outro, nossos olhos parados, era um espaço de terra seca que nos separava, tinha susto e espanto nesse pó, mas não era uma descoberta, nem sei o que era, e não nos dizíamos nada, até que ele estendeu os braços e fechou em silêncio as mãos fortes nos meus ombros e nós nos olhamos e num momento preciso nossas memórias nos assaltaram os olhos em atropelo, e eu vi de repente seus olhos se molharem, e foi então que ele me abraçou, e eu senti nos seus braços o peso dos braços encharcados da família inteira; voltamos a nos olhar e eu disse “não te esperava” foi o que eu disse confuso com o desajeito do que dizia e cheio de receio de me deixar escapar não importava com o que eu fosse lá dizer, mesmo assim eu repeti “não te esperava” foi isso o que eu disse mais uma vez e eu senti a força poderosa da família desabando sobre mim como um aguaceiro pesado enquanto ele dizia “nós te amamos muito, nós te amamos muito” e era tudo o que ele dizia enquanto me abraçava mais uma vez; ainda confuso, aturdido, mostrei-lhe a cadeira do canto, ...” (NASSAR, 1982: 8-9).*

Infelizmente, encontrar o irmão, conversar com ele, ouvir as queixas e falar sobre a intensidade da saudade que todos sentem pelo fugitivo, não constitui mecanismo suficiente para resolver o quadro dramático ou, em uma hipótese esperançosa, re-alinhar os alicerces familiares. O conflito que estrutura *Lavoura Arcaica* se mostra mais complexo – como se o alimento que Pedro oferece para André (cerimônia que transubstancia o pão e o vinho em dádiva afetiva) não fosse suficiente para saciar a fome, a sede e o medo de André. A família – e, por extensão, a fraternidade – está esgarçada, e de uma forma definitiva: é isso o que Pedro descobre diante do irmão, pouco importando quaisquer que sejam os seus esforços.

Longe de casa, desamparado pela ignorância que até então o norteava, Pedro escuta, incrédulo, o discurso histérico, insensato, rancoroso do irmão: *Eu, o filho arredio, o eterno convalescente, o filho sobre o qual pesa na família a suspeita de ser um fruto diferente* (NASSAR, 1982: 109).

As palavras de André constróem um caminho sem volta – depois da ruptura, nada mais poderá ser como antes. Prolixo, entremeado por devaneios e pela declaração de desagrado pela figura paterna, o discurso de André vai sendo composto lentamente, como se fosse um quebra-cabeças, um desses jogos de armar/amar/amarrar, uma peça que se soma a outra peça para formar um desenho, um desenho que se soma a outro desenho para formar a paisagem, uma paisagem que se soma a outra paisagem – até que o cenário completo seja revelado aos olhos incrédulos.

*(...) vá depois disso direto ao roupeiro, corra ligeiro suas portas e procure os velhos lençóis de linho ali guardados com tanta aplicação, e fique atento, fique atento, você*

*verá então que esses lençóis, até eles, como tudo em nossa casa, até esses panos tão bem lavados, alvos e dobrados, tudo, Pedro, tudo em nossa casa é morbidamente impregnado da palavra do pai; era ele, Pedro, era o pai que dizia sempre é preciso começar pela verdade e terminar do mesmo modo, era ele sempre dizendo coisas assim, eram pesados aqueles sermões de família, mas era assim que ele os começava sempre, era essa a sua palavra angular, era essa a pedra em que tropeçávamos quando crianças, essa a pedra em que nos esfolava a cada instante, vinham daí as nossas surras e as nossas marcas no corpo, veja, Pedro, veja nos meus braços, (...) era assim, Pedro, tinha corredores confusos a nossa casa, mas era assim que ele queria as coisas, ferir as mãos da família com pedras rústicas, raspar nosso sangue como se raspa uma rocha de calcário, (...) “Pedro, meu irmão, eram inconsistentes os sermões do pai” eu disse de repente com a frivolidade de quem se rebela (NASSAR, 1982: 36-41).*

André discursa e Pedro vai escoimando a ganga bruta. Ele sabe que esse declarar o ódio ao pai não assusta ninguém. De certa forma, nesse tipo de questão, Pedro entende as queixas de André. E, mais importante, sabe que esse tipo de antagonismo, independente de sua intensidade e de suas razões, nunca mudará o ordenamento do mundo – embora sempre seja algo que deve ser observado atentamente, pois beira a fragmentação definitiva dos padrões que ele, Pedro, quer recompor quando pede ao irmão que volte para casa.

O que deixa Pedro desconfortável é ouvir, pela voz do irmão, uma descrição do abominável, daquilo que nunca deveria ter sido dito, independente de um sentimento impuro estar queimando o seu corpo e a sua alma – as palavras de André carregam parte da maldição humana, o lado mais perverso dos sentimentos, o grito silencioso do desejo:

*Era Ana, era Ana, Pedro, era Ana a minha fome” explodi de repente num momento alto, expelindo num só jato violento meu carnegão maduro e pestilento, “era Ana a minha enfermidade, ela a minha loucura, ela o meu respiro, a minha lâmina, meu arrepio, meu sopro, o assédio impertinente dos meus testículos” eu gritei de boca escancarada (...) vi que meu irmão, assombrado pelo impacto de meu vento, cobria o rosto com as mãos, era impossível adivinhar que rictus lhe trincava o tijolo requemado da cara, que faísca de pedra lhe partia quem sabe os olhos, estava claro que ele Tateava à procura de um bordão, buscava com certeza a terra sólida e dura, eu podia escutar seus gemidos gritando por socorro... (NASSAR, 1982: 94-95).*

Pedro não consegue entender que, em André, *recalcado e reprimido, o corpo reclama seus direitos e exerce-os contra todas as leis, no incesto* (PERRONE-MOISÉS, 1996: 62).

*(...) e minhas mãos cheias de febre que desfaziam os botões violentos da camisa, descendo logo pela braguilha, reencontravam altivamente sua vocação primitiva, já eram as mãos remotas do assassino, revertendo com segurança as regras de um jogo imundo, liberando-se para a doçura do crime (que orgias!), vasculhando os oratórios em busca da carne e do sangue, mergulhando a hóstia anêmica no cálice do meu vinho, riscando com as unhas, nos vasos, a brandura dos lírios, imprimindo o meu dígito na castidade deste pergaminho, perseguindo nos nichos a lascívia dos santos (que recato nesta virgem com faces de carmim! que bicadas no meu fígado!), me prendendo numa*

*neblina de incenso para celebrar o demônio que eu tinha diante de mim: “tenho sede, Ana, quero beber” eu disse já coberto de queimaduras, eu era inteiro um lastro em carne viva: “não tenho culpa desta chaga, deste cancro, desta ferida, não tenho culpa deste espinho, não tenho culpa desta intumescência, deste inchaço, desta purulência, não tenho culpa deste osso túrgido, e nem da goma que vaza pelos meus poros, e nem deste visgo recôndito e maldito, (...)” e fui largando minha baba com fervor, eu que vinha correndo as mãos na minha pele exasperada, devassando meu corpo adolescente, fazendo surgir da flora meiga do púbis, num ímpeto cheio de caprichos e de engenhos, o meu falo soberbo, resoluto, e, um pouco abaixo, entre a costura das virilhas, penso, me enchendo a palma, o saco tosco do meu escroto que protegia a fonte primordial de todos os meus tormentos, enquanto ia oferecendo religiosamente para a irmã o alimento denso de seu avesso, (...) (NASSAR, 1982: 118-119).*

Segundo o pensamento de Pedro, sucumbir a esse ditame é uma aberração inominável, um desvio de conduta, o horror em sua forma mais grotesca. Educado pelos rituais civilizatórios (os *preceitos sagrados em que se apóia a lei paterna* [PERRONE-MOISÉS, 1996: 62]), Pedro não entende o desejo de André: falta-lhe entendimento dos sentimentos humanos nesse instante de reinvenção e reatualização das tragédias gregas – o que Pedro gostaria é que André manifestasse culpa e adotasse, como expiação, um gesto grandiloquente como o de Édipo, por exemplo.

*(...) e embora caído numa sanha de possesso vi que meu irmão, assombrado pelo impacto do meu vento, cobria o rosto com as mãos, era impossível adivinhar que rictus lhe trincava o tijolo requeimado da cara, que faísca de pedra lhe partia quem sabe os olhos, estava claro que ele tateava à procura de um bordão, buscava com certeza a terra sólida e dura, eu podia até escutar seus gemidos gritando por socorro (NASSAR, 1982: 95).*

André não cegou os próprios olhos: com a convicção de que o amor (um tipo específico de amor)<sup>405</sup> é também uma forma de esclarecimento, de escapar dos grilhões familiares, exclama: *Não se questiona na aresta de um instante o destino dos nossos passos* (NASSAR, 1982: 89).

---

<sup>405</sup> Relações sexuais consensuais entre irmãos constituindo um momento de superação das adversidades familiares e sociais aparecem como motivo literário no romance estadunidense *O hotel New Hampshire*, de John Irving. Os irmãos John e Franny ultrapassam todos os limites permitidos pelo comportamento convencional: *Franny me abraçou e me beijou. Ela pretendia beijar-me no rosto (como irmã), mas eu me virei para ela, embora estive tentando fugir, e os nossos lábios se encontraram* (IRVING, 1981: 308). O relacionamento fraterno e sexual vai sendo intensificado, ao longo da narrativa, através da trocas de carícias e de informações íntimas – em um enredo tumultuado, repleto de reviravoltas, de situações onde não é possível (com segurança) distinguir o que é sarcasmo e o que é humor. Em circunstâncias que muitas vezes beiram o non-sense, como é característico das narrativas de John Irving, todos os acontecimentos narrativos confluem para uma aproximação entre os irmãos: *Vou-lhe contar, guri – disse-me Franny, apertando a minha mão. – Tudo é mais seguro do que o amor* (IRVING, 1981: 309). Somente depois de manterem relações sexuais (uma espécie de maratona, como se somente a exaustão pudesse recuperar as sensações adiadas) é que eles se libertam dos inúmeros grilhões que os aprisionam: *E assim continuamos a sonhar. Assim inventamos as nossas vidas. (...) E os nossos sonhos escapam de nós quase tão vividamente quanto os podemos imaginar* (IRVING, 1981: 429): *Eu me meti na cama ao lado dela e ela me deu as costas e começou a rir. – Seus ovos estão todos molhados – disse ela.*

Trôpego com todas essas complicações, Pedro pede para que o irmão volte para casa. Quando André concorda, ele sente que os seus esforços foram compensados com essa pequena vitória: o primogênito (substituto imediato do Pai) acredita que, independente da viagem, do percurso e do afastamento geográfico, recomporá a família: *estamos indo sempre para casa* (NASSAR, 1982: 30). André concorda: *Pedro cumprira sua missão me devolvendo ao seio da família* (NASSAR, 1982: 131). Mesmo sabendo que será tratado como um ser vulnerável, André volta para casa: o filho perdido foi encontrado e a família se rejubila por esse acontecimento.

*(...) me passava também pela cabeça o esforço de Pedro para esconder de todos a sua dor, disfarçada quem sabe pelo cansaço da viagem; ele não poderia deixar transparecer, ao anunciar a minha volta, que era um possuído que retornava com ele a casa; ele precisaria dissimular muito para não estragar a alegria e o júbilo nos olhos de meu pai, que dali a pouco haveria de proclamar para os que o cercavam que "aquele que tinha se perdido tornou ao lar, aquele pelo qual chorávamos nos foi devolvido"* (NASSAR, 1982: 132).

O pai, assim como na parábola do filho pródigo, recebe André com festas e alegrias.

*(...) e eu ainda ouvia um silêncio carregado de vibrações e ressonâncias, quando a porta foi aberta, e a luz do meu quarto acesa, surgindo, em toda a sua majestade rústica, a figura de meu pai, caminhando, grave, na minha direção; já de pé, e olhando para o chão, e sofrendo a densidade de sua presença diante de mim, senti num momento suas mãos benignas sobre minha cabeça, correndo meus cabelos até a nuca, descendo*

---

– Eu me enxuguei! – disse eu.

– Esqueceu dos ovos – disse ela.

– Não há nada como ovos molhados – disse eu, e Franny e eu rimos como se estivéssemos malucos. E estávamos mesmos.

– Eu o amo – ela tentou me dizer, mas estava rindo demais.

– Eu a quero – disse eu a ela, mas eu estava rindo tanto que espirrei bem no meio da frase – e isso nos atrapalhou por mais um pouco.

Foi assim, enquanto ela ficou de costas para mim e ficamos deitados na posição estereotipada das colheres, mas quando ela se virou para mim, quando deitou em cima de mim, com os seios sobre o meu peito, quando enganchou as pernas em volta de mim – tudo mudou. Se tinha sido engraçado demais quando começamos, agora estava sério demais, e não conseguíamos parar. Da primeira vez que fizemos amor, estávamos numa posição mais ou menos convencional – “nada de muito tântrico, por favor”, pedira Franny. E quando acabou, ela disse:

– Bom, isso foi bom, não maravilhoso, mas bom, certo?

– Bem, para mim foi mais do que “bom” – disse eu. – Mas não chegou a “maravilhoso”, concordo.

– Você concorda – repetiu Franny. Ela sacudiu a cabeça e tocou em mim com os cabelos – Está bem – cochichou ela – Prepare-se para o maravilhoso

A certa altura, eu devo tê-la apertado demais. Ela disse:

– Por favor, não me machuque.

Eu disse:

– Não fique com medo.

Ela disse:

– Estou com medo, só um pouquinho.

– Pois eu estou... com muito.

É impróprio descrever o ato de amor com a própria irmã. Não basta dizer que passou a ser “maravilhoso”, e depois mais ainda? E depois ficou pior, claro – depois ficamos cansados (IRVING, 1981: 357-358).

*vagarosas pelos meus ombros, e logo seus braços poderosos me apertavam o peito contra o seu peito, me tomando depois o rosto entre suas palmas para me beijar a testa; e eu tinha outra vez os olhos no chão quando ele disse, úmido e solene:*

*– Abençoado o dia de tua volta! Nossa casa agonizava, meu filho, mas agora já se enche de novo de alegria!*

*E me olhando com ternura contida, e medindo longamente o estrago roto de meus traços, e me advertindo sobre a conversa que teríamos um pouco mais tarde, quando tudo estivesse mais tranquilo, e me lembrando ainda que meu encontro com a mãe deveria ser comedido, poupando-lhe sobretudo a memória dos dias da minha ausência, meu pai ordenou que eu lavasse do corpo o pó da estrada antes de sentar-me à mesa que a mãe me preparava (NASSAR, 1982: 133).*

Mas não se pode dizer o mesmo do irmão caçula, Lula – que, para surpresa de André, reproduz especularmente o gesto fraterno de fuga como mais uma tentativa de resolver o que não pode ser resolvido. Lula, como um redemoinho temporal, *uma água represada (que correnteza, quanto desassossego!)* (NASSAR, 1983: 159), pronuncia, diante do irmão, um discurso muito semelhante àquele que André fez para Pedro – embora um pouco mais ingênuo e menos colérico.

*– Acabo de voltar pra casa, Lula.*

*– E daí?*

*– Eu pensei que isso te deixasse contente.*

*– Contento por que?*

*– Não sei, mas pensei isso.*

*– Pensou errado.*

*– Se for pra conversar assim, a gente pára por aqui, é melhor.*

*– Você nem devia ter começado, boa-noite – e Lula puxou de novo o lençol sobre a cabeça, resguardando sua altivez, mas não ressonava e nem se mexia, aguardava com certeza uma nova iniciativa de minha parte, parecia ansioso em conversar comigo, ele, cujos olhos sempre estiveram muito perto de mim (eu não sabia), e para quem meus passos eram um mau exemplo, segundo Pedro.*

*– O que há com você, Lula? – eu disse num impulso de ternura. – Quero te falar como amigo, é tudo.*

*– O que há ... o que há... você ainda pergunta – ele disse sem descobrir a cabeça – faz mais de uma hora que estou aqui te esperando, se você quer saber. Uma hora! Agora vem você com essa de amigo...*

*– Eu não sabia, Lula.*

*– Não sabia... não sabia... onde é que eu poderia estar, se você não tinha me visto ainda? Não era no pasto, no meio dos carneiros... – e ele tentava amenizar minha recusa, mas não cedia.*

*– Está bem, Lula, então boa-noite – eu disse, e nem sequer tinha me erguido quando ele se virou intempestivo, atirando o lençol e descobrindo o peito, sentando-se apoiado na cabeceira da cama, precipitando-se com ardor numa insolente confidência:*

*– Vou sair de casa, André, amanhã, no meio da tua festa, mas isso eu só estou contando pra você.*

*– Fale baixo, Lula.*

*– Não agüento mais essa prisão, não agüento mais os sermões do pai, nem o trabalho que me dão, e nem a vigilância de Pedro em cima do que eu faço, quero ser dono dos meus próprios passos; não nasci pra viver aqui, sinto nojo dos nossos rebanhos, não gosto de trabalhar na terra, nem nos dias de sol, menos ainda nos dias de chuva, não agüento mais a vida parada desta fazenda imunda...*

*– Fale baixo, eu já disse.*



– Foi só você partir, André, e eu já vivia empoleirado lá na porteira, sonhando com estradas, esticando os olhos até onde podia, era só na tua aventura que eu pensava... Quero conhecer muitas cidades, quero correr todo este mundo, vou trocar meu embornal por uma mochila, vou me transformar num andarilho que vai de praça em praça cruzando as ruas feito vagabundo; quero conhecer também os lugares mais proibidos, desses lugares onde os ladrões se encontram, onde se joga só a dinheiro, onde se bebe muito vinho, onde se cometem todos os vícios, onde os criminosos tramam seus crimes; vou ter a companhia de mulheres, quero ser conhecido nos bordéis e nos becos onde os mendigos dormem, quero fazer coisas diferentes, ser generoso com meu próprio corpo, ter emoções que nunca tive; e quando a intimidade da noite me cansar, vou caminhar a esmo pelas ruas escuras, vou sentir o orvalho da madrugada em cima de mim, vou ver o dia amanhecendo estirado num banco de jardim; quero viver tudo isso, André, vou sair de casa para abraçar o mundo, vou partir para nunca mais voltar, não vou ceder a nenhum apelo, tenho coragem, André, não vou falhar como você... (NASSAR, 1982: 156-159).

O que Lula não sabe, desesperado com aquilo que considera uma traição do irmão, é que ele, Lula, está isento do desassossego maior, o acerto de contas com Ana: *Não tinha ainda visto Ana quando me recolhi (era fácil compreender que ela tivesse se refugiado na capela ao saber do meu retorno)* (NASSAR, 1982: 154).

Assim como um cordão de pérolas que se rompe e espalha as peças de nácar pelo chão, Ana aparece na festa comemorativa ao retorno de André para expor a fratura familiar. Dançando de forma sensual – revelando que, mais do que irmã e filha, é mulher – promove um ritual agônico, cheio de ousadia, petulância e erotismo: *com graça calculada (que demônio mais versátil!), roubou de um circundante a sua taça, logo derramando sobre os ombros nus o vinho lento* (NASSAR, 1982: 167).

É a presença de Ana (“eu”, em árabe) que renova as feridas e as dores do relacionamento amoroso.

*(...) eu que estava certo, mais certo do que nunca, de que era para mim, e só para mim, que ela dançava (que reviravoltas o tempo dava! que osso, que espinho virulento, que glória para o meu corpo!), e eu, sentado onde estava sobre uma raiz exposta, num canto do bosque mais sombrio, eu deixei que o vento que corria entre as árvores me entrasse pela camisa e me inflasse o peito, e na minha frente eu sentia a carícia livre dos meus cabelos, e nessa postura aparentemente descontraída fiquei imaginando de longe a pele fresca do seu rosto cheirando a alfazema, a boca um doce gomo, cheia de meiguice, mistério e veneno nos olhos de tâmara* (NASSAR, 1982: 168).

É a presença de Ana – dançando para André – que motiva mais uma ação de Pedro: revelar ao pai o segredo.

*(...) eu de pé vi meu irmão mais tresloucado ainda ao descobrir o pai, disparando até ele, agarrando-lhe o braço, puxando-o num arranco, sacudindo-o pelos ombros,*

*vociferando, fazendo-lhe a sombria revelação, confessando ao pai a paixão que me unia a Ana, semeando nas suas ouças uma semente insana, era a ferida de tão doída, era o grito, era sua dor que supurava (pobre irmão!)* (NASSAR, 1982: 169).

É a presença de Ana – dançando para André – que dilacera e consome, misturando revolta e cólera e impossibilitando a felicidade: *Era uma vez um faminto* (NASSAR, 1982: 67).

### 3.3 – Chuva imóvel, de Walter Campos de Carvalho.<sup>406</sup>

No romance *Chuva imóvel*, o incesto se apresenta como metáfora da ruptura familiar – mas com uma característica diferenciada: o uso do nonsense como expressão literária, como uma forma de burlar ou transformar a linguagem e obter um outro efeito que não seja o da descrição realista/naturalista. O discurso que nega a lógica (*A lógica dos lógicos não me interessa, o seu ontem e o seu hoje só me causam náuseas* [CARVALHO, 2002: 234]) e se mostra como confusão e dispersão, deságua no delírio onírico e no estranhamento:<sup>407</sup> *puxei a aba do paletó, de novo era eu dentro de mim, os olhos me vendo como dentro de uma vitrina* (CARVALHO, 2002: 224).

Em um grau de vertigem próximo da perda da razão, os irmãos gêmeos<sup>408</sup> André e Andréa se apresentam como que a confirmar que *cada fio do meu cabelo é uma verdade diferente, e todos me pertencem: respiro por todos os poros, cada um por sua vez, e só assim não morro de asfixia* (CARVALHO, 2002: 234).

A voz do narrador é clara: *Só eu sei do meu vazio*. (CARVALHO, 2002: 209). Opaco é perceber a dimensão do espaço que há para ser ocupado, um espaço “que caminha ao lado” da existência, e que se torna espesso quando o narrador anuncia: *À meia-noite viro lobisomem* (CARVALHO, 2002: 246).

---

<sup>406</sup> CARVALHO, Walter Campos de. *Chuva imóvel*. In: \_\_\_\_\_. *Obra reunida*. 3. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002. p. 221-306.

<sup>407</sup> *a literatura de Walter Campos de Carvalho é impulsionada pelo encadeamento das idéias, uma frase puxando a outra, associação de sentidos, significados, rotas e riscos: correr o risco, entender do riscado: turbilhão de imagens e pensamentos: uma prosa fluente em sua descontinuidade: forma humorística/humanística de contar/narrar o desacerto/desconcerto de algumas personagens que perambulam pelo vazio, na doce procura do nada: multiplicação de vozes, de gritos, de discursos: uma necessidade incontrolável de produzir algaravias com aquele plus que alimenta o espírito. os parágrafos se sucedem, instituindo a cena, compondo o ritmo: sequência de “n” elementos (do bizarro ao trivial – estruturas que tencionam os conflitos e causam confusão): fenda/ferida entre a certeza cartesiana e a dimensão onírica (ao leitor, cabe a tentativa de sobreviver com um espaço não delimitado entre o sonho e a lógica, entre a emoção e a razão, entre o prazer das descobertas e a dor causada pelo que se descobre)* (ARRUDA FILHO, 2003).

<sup>408</sup> Talvez André e Andréa não sejam irmãos, talvez não sejam irmãos gêmeos, talvez não existam. O discurso do narrador (que talvez não seja André) beira a alucinação. E é possível que Andréa (esse objeto do desejo, visualizado como irmã) não seja mais do que uma projeção produzida pela loucura ou pela perda da percepção entre fantasia e realidade.

O duplo, como uma estratégia de sobrevivência: *a licanthropia não me assusta mais do que meu estado de gêmeo, tanto sou eu assim como dentro de Andréa, os dois em um ou em nenhum* (CARVALHO, 2002:246).

Multiplica-se o eu, projetando o nós como um nó – os cordões narrativos se entrelaçam como se fossem partes de um brinquedo ou de um jogo ou de uma alucinação.

E então, sem precisar/revelar se o Um se desdobrou em Dois ou se o Dois é apenas Um, (...) *o mal do gêmeo é que nunca sabe se é mesmo ele ou se é outro, eu pelo menos nunca aprendi direito, ainda bem que estou de calça e de gravata* (CARVALHO, 2002: 248), a narrativa segue o seu curso, rio que deságua em outro rio: momento, na adolescência, em que a pulsão sexual se apresenta, a seta aponta para o alvo corpo da irmã:

*Quem pagou foi Andréa, descobri que também ela tinha coxas e um sexo no meio, e sobretudo assim macias, uma delícia de se tocar, nem pareciam gêmeas das minhas, e já com os seios da morte do avô, dois pomos que cabiam exatamente nas minhas mãos, nas suas, revezávamo-nos para saber onde cabiam melhor, eu alegava a minha qualidade de gêmeo, um argumento irresponsável: só que era um segredo de morte. Numa festa do Divino, nossos pais festeiros, propus tomarmos banho juntos no chuveiro do quintal, você me mostra os seios e eu mostro os meus, ela se ria arrepiada, eu tenho mesmo dois seios, dois ovos se você prefere, veja! – as coxas da idiota me deixaram ereto para sempre, outro argumento irresponsável. Não há ninguém em casa, vamos! – fomos. Essas maravilhas não há escola que ensine, a água batia-nos em cheio nas costas, no umbigo, os seios de Andréia hirtos de frio, dois pêssegos entremaduros, sexo contra sexo, de novo voltávamos ao útero, os foguetes do Divino ao longe, ríamos uma risada só, as paredes de zinco abafando os nossos gritos: atrás, não! Lá fora o domingo azul, pelas frestas se via parte do caramanchão, o mesmo de sempre, as flores sem tomar conhecimento de nada, essas coisas só me acontecem no domingo, morrerei por certo num domingo, as grandes revelações os mistérios todos, o resto da semana é apenas o resto, façam dele bom proveito os idiotas: matem-se ou deixem-se morrer pouco a pouco. Andréa agora tiritando nos meus braços, esfrego-lhe com força as nádegas e as costas para que não sinta frio, com a pressa esquecemo-nos de trazer a toalha, os dois seios gelados aos poucos se aquecem no meu peito, com a ponta do dedo corro-lhe entre as nádegas, até o sexo: aí não!... – apenas um balbúcio. E os foguetes, três quatro, agora mais perto, proclamando o nosso grande feito.*

*Enchemo-nos de coragem e saímos nus pelo jardim, um domingo é um domingo, de novo no Paraíso como devera ser sempre, o paraíso depois da morte não interessa, depois do nada, o que vale é este instante, esta eternidade. De tão puros fomos cair deitados na sala de jantar, André-Andréa, a mesma placenta de antigamente, rindo-nos de nada, e de tudo, as mãos dadas e os pés, olhando o teto e acima do teto, o coração único, sem medo, sem medo, o sangue correndo de um para o outro, simples vasos comunicantes, nada mais do que isso, André-Andréa-André* (CARVALHO, 2002: 263-264).

André encontra no deslumbramento o desejo – e no desejo, o gozo: essa morte miudinha que alimenta a vida.

Depois, alguns anos mais tarde, o noivado da irmã: *e o irmão morrendo como um passarinho* (CARVALHO, 2002: 265). Morte metafórica, circunstancial, uma parte do corpo que

se desprende, roída pelo ciúme: *ninguém morreu tanto por tão pouco, aquilo não era uma vida, nem mesmo um arremedo de vida* (CARVALHO, 2002: 265-266).

O tempo e as múltiplas atividades humanas concorrem para que a culpa seja sobreposta pelo esquecimento. O longe se aproxima e, ao se aproximar, se afasta:

*Nunca mais readquiri o equilíbrio, nem de muletas, quando quebrei a perna e tive que passar dois meses sem horizonte, pensando em Clara para não ter que pensar em Andréa* (CARVALHO, 2002: 267).

O que era certeza, certeza se desfaz: a névoa afetiva dissipando o afeto, instaurando o instável: entre tantos elementos, o incesto pretende ser uma declaração de amor:

*Triste coisa o amor, Andréa, quando não se pode amar nem mesmo a uma irmã de carne, e, mais do que de carne, de placenta, quase que a mesma criatura, a mesma criatura, como se me houvessem feito hermafrodita, e é o que sou, e é o que somos, você tanto como eu, inútil fingir que não sente o que eu sinto, que não sou também uma parte sua, a metade, exatamente a metade que lhe falta, como me falta a minha metade. (...) não posso amar-me sendo apenas a minha metade, sem o seu amor, não este amor de irmã mas o outro, mesmo que já pareça muito tarde, nunca é tarde para começar tudo de novo* (CARVALHO, 2002: 267-268).

*A verdade é que já nascemos órfãos, todos: mas isso eu não digo* (CARVALHO, 2002: 272). Não diz, mas tem vontade, vontade de dizer muitas coisas, esse alvoroço que sufoca e machuca. E ao enumerar as outras mulheres que passam por sua vida (Clara e Dolores), acaba dizendo – apesar de “não dizer” – que gostaria de padecer nos braços de Andréa, embora saiba que não é possível dizer isso, embora saiba que não é possível que isso aconteça, pois já nasceu órfão: o amor, para poder existir, necessita de paternidade e de maternidade – e André, sem laços com o passado, sem perspectivas, é um homem solitário, como compete àquele que chora suas dores.

André, como um profeta bíblico, proclama os pecados do mundo – e, ao mesmo tempo, se confessa um pecador. Em seguida, fruto e semente do delírio, morre mais uma vez; em seguida, osso e sangue sagrados/consagrados, renasce mais uma vez.

*O fato de eu ser André Medeiros apenas significa que vou ser André Medeiros ou já fui, André e não mais Andréa, enfim eu e apenas eu, mesmo que esteja nascendo pela primeira vez, às vésperas do meu nascimento, com essa memória que pode ser uma memória ou apenas alucinação, como são e serão esses bulldozers e esses elefantes, esses transeuntes caminhando nos meus olhos e nas minhas veias – esses antepassados* (CARVALHO, 2002: 293).

E assim, como lhe compete, André vai morrendo mais um pouco, como se nada mais pudesse fazer, senão morrer em ritmo de contagem regressiva.<sup>409</sup>

*No princípio era o Caos, e está sendo o Caos* (CARVALHO, 2002: 294). Na cena final, a tempestade já perdeu parte de sua força e as sombras das sobras sobraram/soçobraram como uma metáfora envelhecida: alguém pastoreia os sonhos de André: *o que fizeram de mim está feito* (CARVALHO, 2002: 306), diz o personagem, sem rancor, certo de que contar a sua história é contar a história de um cadáver:

*Levarão séculos para me içar, se é que estão realmente içando, e enquanto dure esta longa ascensão do meu cadáver, mas também do que está dentro dele, eu e não ele – continuarei minuto a minuto a cuspir-lhe do fundo da minha consciência, com esta corda no pescoço mas cusindo, em sinal de protesto e sobretudo de nojo – por mim e por todos aqueles que morreram nos meus testículos, que morreram ou que estão morrendo, juntamente comigo morrendo, nesta matança dos inocentes* (CARVALHO, 2002: 306).

André, o iconoclasta indignado, e a chuva são complementares: *mesmo morto continuarei dando meu testemunho de morto. Esta chuva imóvel serei eu que estarei cusindo* (CARVALHO, 2002: 306).

---

<sup>409</sup> O romance *Chuva imóvel* está dividido em três partes. A terceira parte (“Zona de treva”) é dividida em nove segmentos, que estão numerados em ordem inversa (nove!, oito!, sete! ...).

### 3.4 – Os gêmeos, de Autran Dourado.<sup>410</sup>

Em muitas narrativas o incesto é velado, como que a querer esconder a tragédia, como a querer dar-lhe um nível tão sutil que a negação apresenta-se como estratégia literária.

O tom teatral – especialmente aquele que potencializa o drama<sup>411</sup> e procura esconder a farsa – é uma das características da relação fraterna e, por extensão, da atividade humana. No conto *Os gêmeos*, através de uma linguagem característica da dramaturgia, essa tese é levada às últimas consequências. Guiada por um narrador quase inexistente, que somente se manifesta através de didascálias, o discurso da personagem Cora estabelece uma cadência particular para explicar/justificar o afeto que oferece a Josias, o irmão gêmeo.

O texto está dividido em duas partes que, em lugar de estabelecerem algum nível de complementariedade, multiplicam as diferenças. O tom didático do monólogo inicial mostra-se desconexo com o diálogo final, como se fossem dois pedaços desiguais de textos distintos. As conexões somente podem ser percebidas exteriormente: é o leitor que soma os pedaços desiguais da trama, que multiplica as alusões.

No monólogo inicial, Cora relembra a infância e as delícias da transgressão,

*Eu e Josias, meninos, ali sentadinhos, quietos. (Pausa.) Ele, os cabelos encaracolados, como os meus, compridos – cabelos de menina, como se usava então. (Pausa.) Engraçado, mamãe fazia muita questão de vestir a gente igualzinho: o mesmo pano, a mesma cor, o mesmo modelo e feitiço – só que um de saia, o outro de calça. (Pausa.) Gêmeos deviam vestir assim, uma delicadeza, ela achava (Pausa.) (...) “Homem não usa dessas coisas!” Papai e seu código de honra. (Pausa.) Tudo proibido, tudo ordenado. (Pausa.) Pra Josias, em quem ele mais mandava. Eu ficava era por conta de mamãe, ela é quem ditava as ordens pra mim. (Pausa.) Às vezes hoje eu fico pensando como foi que ele deixou a gente se vestir igual, os cabelos iguaizinhos, louros e encaracolados. Porque Josias se parecia então uma menina, sem tirar nem pôr – não fossem as calças. (Pausa.) Uma vez, aquela vez. Aquela vez na cachoeira. (Pausa.) Eu é quem tive a idéia, as idéias partiam sempre de mim; as brincadeiras, ele sempre submisso, delicado. (Pausa. Voz abemolada, imitativa.) “Um amor de criança”. (Pausa.) Aquela vez, ele não queria, eu é que fiz ele querer. (Pausa. Voz do pai.) “Pra menina ela é muito autoritária”. (Pausa.) Foi tão emocionante... Até hoje, só de pensar, eu me arrepio toda,*

<sup>410</sup> DOURADO, Autran. *Os gêmeos*. In: \_\_\_\_\_. *As imaginações pecaminosas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1982. p. 81-93.

<sup>411</sup> Muitas vezes o drama é utilizado como uma estratégia literária de dispersão: o óbvio é transformado em complicação. Precisando enfrentar a areia movediça da ficção, o leitor se deixa guiar pelo caminho seguro proposto pelo narrador – desta forma os interstícios que sedimentam a narrativa se transformam em perdas irreparáveis.

*o coração dispara. (Pausa.) O medo, uma sensação esquisita de coisa proibida, de pecado. Mesmo não fazendo parte do código de papai (ele não sabia), a gente sabia que era proibido, nem carecia de dizer. (Pausa.) Certas coisas não carecem de dizer, a gente sabe que é proibido, é pecado. (Pausa.) Tudo só foi possível porque a gente se parecia muito, demais até: se não fossem a roupa de menino e a roupa de menina, era difícil alguém dizer qual era um, qual era o outro. (Pausa.) Na janela, então, não tinha um que não errasse e chamasse um pelo nome do outro. (Pausa.) A gente ria e guardava, era um prazer tão bom. (Pausa. Voz de homem.) “Gêmeos univitelinos”. (Pausa.) Eu não sabia o que era mas achava bonito: u-ni-vi-te-li-nos. (Pausa.) A gente estava na cachoeira, sozinhos; a família na casa-grande, dando festa. (Pausa.) A gente ficava num pocinho longe da água caindo. Pra não molhar o cabelo e denunciar que a gente esteve sozinho na cachoeira, agora era proibido. (Pausa. Voz do pai.) “Eles já estão crescidos, não fica bem”. Foi o que ele disse uma vez, e daí em diante passou a ser proibido e tínhamos de fazer escondido. (Pausa.) Daí a gente mesmo achou que era pecado ficar os dois juntos pelados. (Pausa.) Daí passamos a fazer assim: primeiro um entrava nágua e o outro ficava escondido detrás duma touceira alta de capim; depois era a vez do outro. (Pausa. Risinho rápido, de boca fechada.) Eu não sei se ele me via, eu sempre vi. (Pausa.) (DOURADO, 1982: 81-83).*

Nesse momento, em que o jogo lúdico – e erótico – alcança um grau particularmente perigoso, onde a identidade e a representação assumem contornos ambíguos (confusão entre o objeto e a imagem), há uma espécie de exercício ingênuo da transgressão. Depois, alimento da perversão, fornece excitação – mesmo quando está impossibilitada para distinguir entre o proibido e o pecado, Cora sente uma vertigem de prazer quando corrompe Josias e os dois irmãos trocam de roupa e de identidade sexual.

*Fui eu quem tive a idéia, ele até que não queria. (Pausa. Vozes de menina e menino.) “Vamos, deixe de ser bobo. Vai ser bom a gente lograr todo mundo, melhor do que na janela”. “Não, fica ruim pra mim. E depois, se papai descobre, eu estou perdido”. “Nós somos iguaizinhos, ninguém vai desconfiar”. (Pausa.) Ele acabou aceitando. (Pausa. Riso.) Eu é que estranhei um pouco as calças dele, muito justas. (Pausa. Vozes de menina e menino.) “Assim não, você tem que se fingir de menina, mais delicado. Me imite, veja como eu faço, como eu ando e sorrio, como faço assim com os braços”. “Desse jeito também não, fica até parecendo outra coisa”. (Pausa. Riso malicioso de menina.) Como é que ninguém desconfiou? (Pausa.) Um dia papai foi e cismou de levar Josias pra cortar o cabelo. (Pausa.) Nunca mais foi possível repetir aquele brinquedo maluco e perigoso. (Pausa.) Eu jamais fiquei sabendo se papai desconfiou de alguma coisa de errado. Porque, que eu era Josias e Josias era eu, isso eu garanto que ele, ninguém desconfiou. Se nem mesmo mamãe... (DOURADO, 1982: 83-84).*

Diante desse embaralhamento de papéis identitários, a simetria física é rompida. O pai, lembrando as estruturas patrilineares, impõe para Josias uma postura masculina (“*Eu vou é levar esse menino pra fazenda. Lidar com cavalo, ver os camaradas na capina, na colheita do café. Um dia quem vai me substituir mesmo no mando é ele*” [DOURADO, 1982: 84]). O dano é permanente: a queda do cavalo, a perna fraturada, o defeito físico.



*Veio um camarada na frente, a cavalo... (Pausa.) Avisar mamãe, diminuir a quantidade de susto. (Pausa.) No carro vinha papai, amparando Josias no peito. (Pausa.) Na perna, uma fratura feia. (Pausa.) A chegada, o resto eu nem gosto de lembrar, só me assalta de vez em quando. (Pausa.) Ninguém, médico nenhum foi capaz de dar jeito na perna de Josias. (Pausa. A voz do pai.) “O cavalo era brabo, não me disseram, recém-amansado” (DOURADO, 1982: 84).*

A simetria emocional também se rompe. O homem que Cora escolheu como namorado é recusado pelo pai. O dano é permanente: a solidão, o orgulho fraturado, o defeito afetivo.

*Mas o senhor não permitiu, não foi, papai? (Pausa. Voz do pai.) “Não conheço, ninguém sabe de onde veio, quem é. Basta!” (Pausa.) Bastou, papai, bastou. (Pausa.) Eu sei que vocês dois tiveram uma conversa de homem pra homem e Domingos nunca mais me procurou. (Pausa.) Não sei o que você prometeu a ele, você e seus capangas. (Pausa. Voz úmida) E só então ele foi se meter com a pior gente da cidade, na jogatina. (Pausa.) Não me venha dizer agora que tinha razão, que ele não prestava! (Pausa. Fungar de lágrimas.) Antes da conversa que tiveram, ele era bom, delicado, fino. (Pausa.) Nunca ninguém tinha ouvido falar isso aqui dele, o senhor mesmo dizia. (Pausa. Voz do pai) “Não sei nada dele, só sei que é um estranho. E de um estranho tudo se espera. Ninguém o conhece, pode ser até um espertalhão, um assassino. Ninguém aparece, sem quê nem pra quê, de repente, numa cidade, bem vestido, na gastança, sem fazer nada”. (Pausa.) E ele acabou como era previsto, como no fundo papai previa, devia querer. Se não foi coisa do... (Pausa.) No peito, um tiro no peito, vieram me contar. (Pausa.) (DOURADO, 1982: 85-86).*

O que restou foi apenas os destroços de duas pessoas, dois irmãos, a imagem patética de dois velhos que vivem na mesma casa, amparados por suas perdas:

*Você nunca podia imaginar, hein, papai? Você queria nos separar e ficamos cada vez mais juntos, mais gêmeos, como no ventre de mamãe. (Pausa.) Cada vez mais velhos, mais gêmeos (Pausa.) na morte (DOURADO, 1982: 84).*

São esses dois espectros que conversam na parte final do conto. As rubricas, as falas marcadas, indicam o desencontro que se esconde em cada uma das vozes. Cora e Josias são retratos pálidos de duas pessoas que foram tragadas por um mundo que gostaria de usar do passado (suspensão na memória afetiva) para preencher as lacunas do presente – *a vida inteira que podia ter sido e que não foi* (BANDEIRA, 1991: 97).

*JOSIAS (a voz mais baixa, terna) – É o meu jeito, você sabe. Não fiz de propósito, nada pra magoá-la, Cora. Você sabe que temos que ser amigos. (Pausa) Afinal somos sozinhos demais nesta casa, no mundo. Não temos mais nenhum parente. (Pausa.) Se um de nós morrer, o outro fica sozinho, sozinho... semente chocha (DOURADO, 1982: 87).*

E isso, de certa forma, explica a conversa sem profundidade que os dois irmãos travam na sala da casa (referências sobre as partidas de damas, a perna estropiada, a parte menos dolorosa

das perdas). Ao mesmo tempo, margeando esse processo de negação, os dois irmãos descobrem que *qualquer história que a gente inventa acaba sempre por se encharcar de vida, de alma, de lembrança* (DOURADO, 1982: 92).

Nada está incólume ao peso da vida.

### 3.5 – Composição I, de Sergio Sant’Anna.<sup>412</sup>

O irmão e a irmã, envolvidos pela chuva e pelo som de uma caixinha de música (como se fossem partes de uma pintura serena, talvez um Hopper, um desses artistas que preferem esquecer que alguma coisa está acontecendo nas sombras), compõem uma situação em que é possível *As pernas e os pés confundidos, como se um corpo pudesse penetrar no outro* (SANT’ANNA, 2005: 145). E nesse entrelaçar – dádiva e alegria contra as adversidades exteriores – as nuances são muito sutis, gotas que celebram as possibilidades oferecidas pelo prazer.

Cena 1: na sala de jantar, a família aguarda o jantar ser servido: o pai faz comentários vagos sobre o trabalho ou sobre a situação econômica e política. A mãe chama a empregada com a campainha (*Benedita, a empregada, achava que campainha servia era para chamar cachorro e vinha de má vontade* [SANT’ANNA, 2005:145]), a refeição é servida. Os pés dos irmãos se tocam embaixo da mesa:

*um certo sinal que temos, em segredo. E depois que Benedita sai, os pés continuam juntos, sem que a gente preste muita atenção nisso. Isto é, a gente sabe que os pés se encostam, mas o percebe secundariamente* (SANT’ANNA, 2005: 139).

Refeições em família implicam em regras de etiqueta. Lia transgride: com a mão, agarra algumas batatas fritas. O pai, rápido, segura a mão da filha – que se recusa a largar as batatas, que vão sendo esmagadas lentamente dentro de sua mão. É um jogo de poder. As lágrimas começam a escorrer no rosto da menina. Debaixo da mesa, os pés dos irmãos ainda estão se tocando.

*As lágrimas que começam a pingar na toalha e ficam ali, algumas manchas a mais entre as outras do pano. E as pernas de Lia me apertando tanto que eu sei que o fim se aproxima; que não poderemos suportar a pressão e a dor. As pernas de Lia que apertam ainda mais, num último esforço e, de repente, estão inteiramente frouxas, num arranco de alguém que tentou o máximo e logo depois entregou os pontos, como numa luta, ou, como mais tarde poderemos entender, um orgasmo* (SANT’ANNA, 2005: 147)

Derrotada, Lia abre a mão, “entrega os pontos”.

---

<sup>412</sup> SANT’ANNA, Sergio. *Composição I*. In: SANCHES NETO, Miguel. *Contos para ler ouvindo música*. Rio de Janeiro: Record, 2005. p. 133-149.

*(...) aquela pasta agarrada à mão e que não se desprende facilmente. E Lia é obrigada, agora que papai soltou seu pulso, a esfregar a mão na toalha, deixando ali aquela mancha gordurosa, que permanecerá durante vários dias, até que se mudem os panos da mesa* (SANT'ANNA, 2005: 148).

A refeição termina, mas a mancha gordurosa *permanecerá vários dias, até que se mudem os panos da mesa*, espécie de testemunho mudo de que houve uma mudança significativa no cenário: os objetos continuam no mesmo lugar, a luz não foi alterada, os personagens são os mesmos, mas *talvez o pintor tenha errado no pincel ou, impaciente e cansado, haja ali espirrado tinta* (SANT'ANNA, 2005: 149).

Cena 2: no quarto, a caixa de música. Basta dar corda e o casal de bonecos, de mãos dadas, começa a dançar um minueto. A música traz alguns lembranças:

*No quarto que ainda partilhávamos, porque não havia outro sobrando ou porque eles, papai e mamãe, talvez ainda não se tivessem dado conta de que um outro ano passara e crescêramos mais um pouco* (SANT'ANNA, 2005: 137).

Noite de verão, *estava tão quente e sufocante que a gente sentia a necessidade de chuva* (SANT'ANNA, 2005: 137), Lia estava deitada, como se dormisse; o rapaz também estava deitado, sem o paletó do pijama. De repente, Lia se levanta, vai até a janela e fica olhando a tempestade que está se formando lá fora.

*Lia estava tremendo. Talvez por causa do vento batendo na sua pele; talvez por causa do medo da tempestade ou pela lembrança dos acontecimentos do jantar* (SANT'ANNA, 2005: 140).

Lia fecha a janela e volta para a cama. Antes, dá corda na caixinha de música: *as notas começaram a pingar, uma a uma, juntamente com a chuva* (SANT'ANNA, 2005: 141). Os dois bonecos dançam de mãos dadas: *E Lia me estendera a mão e eu a segurava, na pequena distância separando as duas camas* (SANT'ANNA, 2005: 143). A música e a chuva imitam o andamento orquestral, música tema dessa pintura que vai se desenvolvendo em velocidade vertiginosa, talvez 24 quadros por segundo, talvez o ingrediente necessário para o alumbramento: *de repente, durante um clarão mais forte, eu vi que Lia tinha a parte superior do pijama aberta* (SANT'ANNA, 2005: 144). Os corpos vão se aproximando, adeus às distâncias, nada mais impede que a barreira seja ultrapassada, *como se ocupássemos, talvez, a mesma cama* (SANT'ANNA, 2005: 145). O real amalgamado ao imaginário, introduzindo uma nova gama de significados/significantes à narrativa.

*O ritmo dos nossos corpos e a chuva batendo na janela e os relâmpagos e os trovões e as notas da caixa de música, que ainda julgávamos ouvir, embora fosse impossível que durasse tanto tempo; as notas saídas da caixa de música e a pressão dos corpos, de modo que não distinguíamos onde terminava um corpo e começava outro (SANT'ANNA, 2005: 145-146).*

Um olhar surge para devassar a cena, interromper os compassos, os corpos rodopiando, enquanto o minueto vai se espalhando pelo quarto. O rapaz sente que alguém está a observar os corpos que se procuram por uma posição em que o encaixe seja perfeito.

*Eu tinha receio de que alguém entrasse no quarto e me arrancasse dali, no exato momento em que estremecíamos ainda mais. E eu precisava continuar, eu queria mais do que qualquer outra coisa e apesar de todos os castigos ou desgraças que pudessem depois acontecer, até mesmo a morte. Os castigos que nos pudessem infligir por causa daquele olhar fixo em nós lá na porta; aquele olhar fascinado e que não ousava interferir e que, portanto, se real, deveria ser o de minha mãe (SANT'ANNA, 2005: 146-147).*

A presença do olhar materno desfaz a tensão erótica; a culpa se instala, interditando o gozo – ou uma parte. O casal, mesmo assim, não consegue se conter, a música continua tocando:

*As convulsões nos engolem. As pernas e o corpo de Lia que me apertam ainda mais, num último esforço e, de repente, os corpos se soltam e estão inteiramente frouxos, num arranco de alguém que procurou atingir o máximo e logo depois entregou os pontos (SANT'ANNA, 2005: 147).*

No jogo de forças, em algum momento, alguém precisa entregar os pontos, aceitar que foi vencido, que a partida terminou, que a ordem foi restabelecida e que o mundo está, mais uma vez, dividido em duas partes.

*Nossos corpos úmidos e eu já podia diferenciar quais as partes do meu corpo e quais as de Lia e perceber que a chuva passara e não havia mais relâmpagos e que a caixa de música voltara ao silêncio e ninguém olhava da porta, como se nada, talvez, tivesse acontecido. Naquele quarto em que se divisavam todas as sombras e contornos, em seus lugares próprios e iguais a sempre, com as duas camas, lado a lado, e nós, as crianças, dormindo tranqüilamente (SANT'ANNA, 2005: 149).*

Coda: na cena 1, o andamento narrativo é direto, prático, inequívoco; na cena 2, o uso dos verbos no modo condicional e de expressões ambíguas como “se”, “talvez”, “de modo que”, adicionam uma névoa sobre o que está sendo narrado – a música é interrompida pela informação de que são apenas *as crianças, dormindo tranqüilamente*.

### 3.6 – Janelas, de João Anzanello Carrascoza.<sup>413</sup>

A fraternidade não está impune às influências das discussões estéticas – que, em especiais circunstâncias, aparecem como uma estrutura de ligação transcendente entre o passado e o presente, entre a imagem idealizada e o desconforto de quem presencia acontecimentos que estão aquém do seu poder de intervenção. A percepção de que a ação do tempo nos indivíduos causa algumas mudanças físicas surge no conto *Janelas* como uma amostra de que as ilusões esvanecem através dos dias.

*Irmão e irmã. Na mesma cidade moravam, mas como se não, com se em países longínquos. Poucos se viam, frente a frente, olhos fugindo dos olhos, braços que mal se tocavam e já se afastavam, embora cada um, em seu canto, estivesse sempre a reconstruir a face do outro nos desvãos da memória. De repente, desprendendo-se das tarefas mundanas, lembravam-se de quanto se queriam, e então se viam, trêmulos, um dentro do outro, como nuvens a se mover acima de um espelho líquido (CARRASCOZA, 2006: 163).*

*Uma vez expulsos da infância* (CARRASCOZA, 2006: 163), os irmãos seguiram por caminhos diversos. Como consequência, na idade adulta, por alguma razão pouco clara, perderam a intimidade,

*(...) embora sempre que se falavam ao telefone, soubessem pelo timbre de voz, quando as palavras ditas, até mesmo de maneira casual, eram em letras maiúsculas, em itálico, ou entre aspas (CARRASCOZA, 2006: 163).*

Na tentativa de diminuir a sensação desagradável de que a amizade fraterna está deteriorada, o irmão resolve visitá-la.

*Eis que, nessa tarde de sábado, ele sentiu vontade de vê-la, e achou que não deveria telefonar para avisá-la, como sempre fazia; corria o risco, sim, de não a encontrar em casa, mas o efeito da surpresa, se ela estivesse lá, compensaria. Assim o fizera em tantas ocasiões, quando menino, de súbito, aparecia às costas dela, garota distraída, e dava-lhe um susto, saindo, em seguida, às carreiras, para fugir dos objetos que ela lhe atirava antes de perceber, aliviada, que era apenas uma brincadeira (CARRASCOZA, 2006: 164).*

---

<sup>413</sup> CARRASCOZA, João Anzanello. *Janelas*. In: \_\_\_\_\_. *O volume do silêncio*. São Paulo: Cosac & Naify, 2006. p. 163-171.

Apenas uma brincadeira, pensa o personagem, enquanto atravessa a cidade, uma hora de ônibus, até o bairro em que mora a irmã – professora em uma escola da periferia.

*... o olhar aos pouco se esvaziando dos prédios do caminho e enchendo-se, como uma bilha d'água, das casinhas típicas de periferia, sem garagem e jardins, a porta a dar na rua, as paredes descascadas, o telhado lodoso, os raios de sol ricocheteando nas antenas de TV (CARRASCOZA, 2006: 164-165).*

Certo de que será um encontro alegre, o irmão, *Logo que chegou ao ponto final, desceu do ônibus e seguiu em direção à casa da irmã* (CARRASCOZA, 2006: 165). Caminha sem pressa pela rua estreita. Fica com vontade de parar no meio do caminho, absorto pelo prazer de ver alguns meninos jogando futebol com uma bola furada. Quase ao mesmo tempo, lamenta não ter trazido algum presente para a irmã

*(...) nem se lembrara de comprar algo para alegrá-la, uma garrafa daquele vinho que ela apreciava, uma caixa de doces, um pão de torresmo, não tinha nada a oferecer-lhe senão a sua própria presença viva (CARRASCOZA, 2006: 165).*

Depois de atravessar várias vielas, dobrar algumas esquinas, encontra a rua em que mora a irmã. Diante da casa, bate à porta. Precisa bater três vezes para ser atendido.

*(...) ao ouvir que batiam, ela tirou os óculos, colocou-os sobre a mesa entre os diários de classe, levantou-se sem pressa, tão solitárias eram suas tardes, nem imaginava quem poderia ser, talvez a vizinha a lhe pedir uma xícara de açúcar, uma caixa de fósforo. E, como pelo olho mágico não via com nitidez lá fora, foi direto à chave, girou-a, depois a maçaneta, e abriu a porta, assim, despreparada (CARRASCOZA, 2006: 165).*

Se despreparada estava, a irmã não conseguiu esconder a surpresa ao ver quem a estava visitando. Reencontros fornecem continuidade às histórias interrompidas.

*Você, aqui!, foi o que lhe saiu, Pois é, ele disse, Vim te ver, e ela, então, tentando se recompor, Entre, entre, e, uma vez na sala, deram-se um beijo no rosto, assim sempre o faziam, cada um logo recolheu seu corpo, como se fosse proibido avançarem num abraço, ou tocaram-se carinhosamente. Sentaram-se no sofá de tecido florido, fora de moda, de onde ele viu os papéis sobre a mesa e perguntou, Estava preparando aula?, ao que ela respondeu, Não, corrigindo umas provas, e ele, Não vou te atrapalhar, vou?, e ela, mentindo, Claro que não, já estou terminando, quando, na realidade, apenas começara um trabalho que lhe roubaria o resto da tarde e, com a presença dele, se espicharia até a noite (CARRASCOZA, 2006: 166).*

Alguma coisa está incomodando a irmã, percebe o irmão: *sua expressão estava séria demais, como se um motivo oculto a impedisse de ser quem ela era* (CARRASCOZA, 2006: 166). Na procura de uma explicação, ele continua conversando, como se através desse proceder fosse possível desvendar o que até então estava encoberto.

*Mas em vez de ela dizer, Que bom que você veio, sou tão sozinha, e ele, O que você está escondendo?, deram para falar dos outros, era um subterfúgio, uma forma indireta de falarem de si, (...) (CARRASCOZA, 2006: 167).*

Foi no meio desse diálogo entre surdos, em que a conversa, de forma aleatória, vai preenchendo a ausência imprecisa que se instalou entre eles, que o irmão se dá conta que o tempo vai escavando a vida e produzindo grandes mudanças:

*(...) ao erguê-los [os olhos], não viu a menina com quem passava tardes brincando à sombra das videiras, mas uma mulher com rugas despontando, uns cabelos brancos na raiz que nem a tintura ocultava, as sardas nas mãos, os lábios contraídos (CARRASCOZA, 2006: 168).*

Diante do espelho em que se transformou o rosto da irmã, o irmão percebe que ele também envelheceu. É uma sensação desconfortável, inesperada, indesejada – e à qual ele gostaria de estar imune. No momento em que tenta contornar essa situação, percebe mais um detalhe desagradável: *foi então que ele descobriu o que ela escondia: faltava-lhe dois dentes da frente* (CARRASCOZA, 2006: 168).

*Foi o segundo susto que levava, embora não fosse difícil constatar que esse era semente do primeiro, e ambos frutos de um susto maior, o de sentir nas mãos a água de um rio que desce as corredeiras e que jamais tornará a tocar (CARRASCOZA, 2006: 168).*

Esse segundo susto fornece contornos definitivos ao mal-estar. Mas pouco adianta a irmã informar que vai colocar implante. Nada consegue apagar a imagem de pesar que a figura decadente da irmã fornece aos seus olhos (espelho que capta a própria decadência, momento que poucos estão preparados para enfrentar).

Para diminuir o desconforto que a situação causa nos dois irmãos, a irmã sai da sala, vai até a cozinha fazer café.

Quando ela volta à sala,

*Mirou-a e logo desviou o olhar, pousando-o num vaso de plantas que cresciam tão vistosas e, inesperadamente, disse, Estão lindas essas samambaias, e a irmã, quando*



*notou que ele poderia atribuir tanta beleza aos cuidados dela, apressou-se a transferi-la para a própria natureza, Ali bate sol e vem vento da janela, é um estufa perfeita pra elas, como se as samambaias, semoventes, tivessem experimentado todos os cantos da sala até escolherem aquele onde cresciam, escandalosamente, tanto quanto a sua imagem sem dois dentes crescia, faminta, na realidade dele. E ela, presa a um fio de pudor, disse, esforçando-se para esconder com a mão em concha a falha na boca, a gengiva obscena, A água vai ferver, você não quer vir na cozinha?, e ele ergueu-se, pronto para segui-la, igual faziam em criança, ela sempre à frente, arrastando-o (CARRASCOZA, 2006: 170).*

O restante do conto se concentra na comprovação inequívoca do desamparo: *a mente se enredava numa teia cada vez maior de certezas, que a falta daqueles dois dentes inaugurara* (CARRASCOZA, 2006: 170).

A única alternativa possível para diminuir a aflição é negar os acontecimentos, a imagem degradante, a decrepitude produzida pela velhice e a vida medíocre. Por isso, o conto se encerra na rememorando, na celebração da infância perdida (tempo mítico em que as dores do mundo estão ausentes).

*Aos poucos, sem que percebessem , puseram-se a falar do calor, do país, das crianças felizes lá fora, do espanto delas ao aprenderem as primeiras letras. E, então, de repente, ele viu-se, garoto, outra vez, no quintal da casa, à sombra das videiras, brincando com a irmã: também àquela época faltavam-lhe uns dentes, mas ela, alheia às ciladas do futuro, sorria, sorria, aberta para a vida (CARRASCOZA, 2006: 171).*

#### **4. FRATERNIDADE FEMININA**

*A inveja não pode se dar entre pessoas que mal se conhecem. Não se invejam pessoas de outras terras nem de outras épocas. Não se invejam os forasteiros, e sim os da mesma aldeia; não os de mais idade, os da outra geração, e sim os contemporâneos, os camaradas. E a maior inveja se dá entre irmãos. Não é à toa que existe a lenda de Caim e Abel...*

**Miguel de Unamuno:** *Abel Sanchez.*

*Devia ter aprendido a lição. Irmãs nunca se afastam uma da outra. Ao contrário dos homens, que se afastam com muita facilidade.*

**J. M. Coetzee:** *Elizabeth Costello.*

#### 4.1 – Entre a cumplicidade e a inveja

O olhar feminino sobre a fratria, embora não esteja isento de violência, demanda por questões diferenciadas. Edificada em um nível intenso de sutilezas não específicas, escorada no poder incansável da memória e sedimentada em um universo paralelo ao do mundo real, a fraternidade feminina procura resolver as questões mais agudas com elementos diversos daqueles que a masculinidade adota como estratégia de luta.

Nessa perspectiva, resulta significativo efetuar algumas perguntas: será que o amor fraterno entre as mulheres se apresenta de forma diferente do amor fraterno exercido entre/pelos homens? Ou seja, o conceito afetivo oferecido pela *sisterhood*<sup>414</sup> é diferente do que é produzido pelo *manhood*? O ódio fraterno entre as mulheres é diferente do ódio fraterno exercido entre/pelos homens? Em caso afirmativo, como essa diferença se afirma no contexto social e, por extensão, literário? Amor e ódio são sentimentos que merecem ser considerados como uma das formas distintivas de gênero? As mulheres sentem e relatam o conflito fraterno de forma diferenciada daquela que é sentida e relatada pelos homens? E, por fim, as noções de sensibilidade, delicadeza e carinho (qualidades atribuídas ao feminino) constituem condições/empecilhos capazes de alterar a (des)ordem do mundo dos conflitos fraternos?<sup>415</sup>

---

<sup>414</sup> A tradução da expressão *sisterhood* implica em dificuldades. A língua portuguesa ainda não conseguiu encontrar o equivalente adequado. PIERUCCI lembra que *Os tradutores franceses adotaram o neologismo sororite (de soror, em latim, que significa irmã, distinto de frater, irmão). A palavra fraternidade, que nas línguas latinas abrange homens e mulheres, acha-se constitutivamente minada de masculinidade, de valor masculino. Até o momento, os tradutores brasileiros têm resistido à tentação de usar sororidade, vocábulo que, de fato, soa muito estranho aos nossos ouvidos, soa distante demais do uso comum, e eles e elas têm preferido outras soluções indiretas, tortuosas, não monovoculares, como, por exemplo, a saída encontrada pela socióloga e tradutora Vera Pereira para dizer sisterhood em português: irmandade de mulheres (...). Há quem não goste, mas qual a solução alternativa? Womanhood é outro nó: a tradução informalmente convencionada entre as feministas brasileiras para o nome womanhood, me parece, é o sintagma condição de mulher. Nem sempre funciona* (PIERUCCI, 2000:126, nota 13).

<sup>415</sup> A maneira com que o romance japonês *Kyoto* (KAWABATA, 2006) aborda a fraternidade mostra que grandes rupturas também podem ser abordadas com delicadeza. As irmãs gêmeas Chieko e Naeko são separadas na infância (talvez por problemas econômicos, talvez porque, no Japão do início do século XX, ter filhos gêmeos fosse algo socialmente constrangedor). A vida de cada uma delas é marcada, então, pela disparidade socioeconômica: Chieko é criada por um casal que possui uma loja que vende artigos de vestuário; Naeko vive com várias famílias pobres e aprende desde cedo a trabalhar no campo. Separadas durante toda a infância e a adolescência, as jovens se encontram um dia, quando Chieko, na companhia de sua amiga Massako, vai até uma aldeia próxima de Kyoto, para contemplar

Todas essas perguntas se perdem na contextualização social, uma vez que cada situação específica demanda por uma solução particular: não existem respostas-imagens capazes de se encaixarem “cientificamente” ao problema-objeto.

Contemporaneamente, aceita-se como característica hegemônica da masculinidade, a ausência de afeto entre alguns irmãos, ou melhor, a violência fraterna.<sup>416</sup> No entanto, em

---

os cedros de Kitayama. Olhar para a irmã apenas de relance equivale a uma fagulha que desaparece no meio da escuridão. Por isso, Chieko passa a procurar por Naeko. Elas se encontram algum tempo depois no santuário Yasakajinja, durante o festival Gion. Mas o que deveria ser aproximação se revela como barreira: *Nossa semelhança deve ser apenas casual. Somos estranhas uma à outra* (KAWABATA, 2006:126). Chieko, mais sensível sobre o problema de sua origem familiar, tudo faz para diminuir a distância emocional: a amizade da irmã é uma forma de recuperar psicologicamente o seu lugar no mundo. Naeko, mais preocupada com a sobrevivência física, se mostra receptiva, apesar de não alimentar ilusões: conhece o valor do trabalho e da própria condição social. Diante de Chieko, que estudou, que se veste com bom gosto e que nunca precisou trabalhar, Naeko sabe que pouco ou nada representa. As irmãs se encontram diversas vezes. Infelizmente a aproximação também se apresenta como afastamento: Hideo, um pretendente de Chieko, encontra Naeko no santuário Yasakajinja e a confunde com a irmã (ao longe, os irmãos Shin'ichi e Ryūsuke Mizuki também fazem a mesma confusão). Embora Chieko tenha desfeito o equívoco na primeira oportunidade, as seqüelas são intensas. Uma delas é significativa: Hideo, ao perceber que não contava com a estima de Chieko, pede Naeko em casamento. A reação de Naeko é proporcional ao choque causado pelo pedido:

– *Ele me confundiu com a senhorita – continuou – agora já não se trata mais de confusão, mas tenho certeza de que, bem no fundo do coração, lá nas profundezas do coração de Hideo, é Chieko quem está guardada.*

– *Não é nada disso!*

– *É, sim! Eu sei muito bem... Mesmo não nos confundindo mais, seria um casamento com uma substituta. Hideo vê em mim um espectro seu* (KAWABATA, 2006: 233).

É a noção especular que fratura esta fraternidade. Naeko, amparada na perspectiva de que a história pessoal, fruto de um constructo muito particular, é que determina as relações entre os indivíduos e o mundo concreto, nega a possibilidade de “substituir” a irmã. E, baseada nesse entendimento, nada mais lhe resta senão ir embora, carregando consigo (como se fosse um caracol, que não pode se separar de sua concha) o destino que lhe foi reservado pelos deuses ou pelos homens:

*Na manhã seguinte, Naeko levantou ainda de madrugada, sacudindo Chieko para acordá-la.*

– *Senhorita, esse foi o acontecimento mais feliz de minha vida. Deixe-me ir embora, antes que as pessoas me vejam.*

*Como Naeko dissera na noite anterior, a neve fina como pó tinha caído e cessado durante a noite, e agora caía apenas uma neve esparsa. Era uma manhã gelada.*

*Chieko levantou-se.*

– *Naeko, não veio preparada para a chuva, não é mesmo? Espere. – Chieko preparou o seu melhor casaco de veludo, o guarda-chuva dobrável e os tamancos de dentes altos.*

– *São presentes meus para você. Venha me ver mais vezes.*

*Naeko meneou a cabeça, negativamente. Agarrada às grades bengara, Chieko acompanhou-a com o olhar enquanto ela se afastava, demoradamente. Naeko não se voltou nenhuma vez. Um pouco de neve fina caía e logo se dissolvia na franja do cabelo de Chieko. A cidade ainda estava adormecida* (KAWABATA, 2006: 251-252).

<sup>416</sup> Há um elo indissolúvel, instituído pela história cultural, pelo imaginário social e pela insegurança emocional masculina, entre violência e virilidade – *Observando o comportamento e a trajetória dos homens veremos que, durante a socialização dos meninos, estes serão alimentados por fantasias de onipotência e senhorilidade, que posteriormente deixarão de ser apenas traços da subjetividade masculina para se transformarem em cenas do cotidiano. Os homens crescem tomando a fantasia por realidade e o poder que socialmente lhes é conferido viabiliza este movimento* (NOLASCO, 1993: 73-74). Nesse sentido, torna-se importante ressaltar que, entre o exercício do poder e a dissimulação de deficiências emocionais, a masculinidade tende à negação da igualdade política. No entendimento de Bourdieu, *as divisões constitutivas da ordem social e, mais precisamente, as relações sociais de dominação e de exploração que estão instituídas entre os gêneros se inscrevem, assim, progressivamente em duas classes de habitus diferentes, sob a forma de hebis corporais opostos e complementares e de princípios de visão e de divisão, que levam a classificar todas as coisas do mundo e todas as práticas segundo distinções redutíveis à*

situações que envolvem as relações amorosas, por exemplo, a dinâmica da fraternidade feminina freqüentemente paira sobre um campo minado: o medo da perda e o delírio da posse do objeto do desejo induzem cada uma das partes a visualizar a outra como rival, como obstáculo capaz de corroer ou suprimir o ideal de felicidade. E isso significa que, em algumas ocasiões, o desejo afetivo e sexual multiplica-se na medida em que nega o usufruto ao Outro. O ciúme lentamente vai sendo transformado em um sentimento mais perigoso, o rancor – *que é pior do que o ódio, porque é um ódio em conta-gotas* (SEIXAS, 2003b: 29).

Qualquer análise precisa estar atenta ao fato de que, em alguns momentos, a fraternidade feminina, amparada em clichês que perpetuam as desavenças femininas e glorificam a solidariedade masculina, serve como um referencial a respeito das inúmeras armadilhas resultantes das relações de poder. Cada nova situação exige estar atento aos valores que constituem a diferença (que, no mínimo, propõe um olhar “diferente” sobre as relações de poder social). A visibilidade da história das mulheres – e a forma com que as mulheres se relacionam com o mundo objetivo<sup>417</sup> – realça esse enfoque, destacando novas fronteiras sobre *o passado das*

---

*oposição entre o masculino e o feminino* (BOURDIEU, 1999: 41). Além disso, *são os homens que se sentem compelidos a competir por recursos, por status, pelo domínio e controle de parceiras sexuais, estando dispostos a empregar a violência contra outros homens para assegurar o sucesso na competição* (NOLASCO, 2001: 118). Para poder desempenhar o papel ativo (ou que nega a submissão) que a ideologia masculina destinou aos homens – o que implica, perversamente, em ignorar as complexas implicações resultantes das relações interpessoais e o respeito pelos direitos/necessidades do Outro –, a violência masculina tem sido utilizada, ao longo da história, como um instrumento de dominação e controle sobre os mais fracos (e a “fraqueza” se revela em várias modalidades). De forma explícita ou disfarçada, seja como exercício semântico ou como ato concreto, revelando que são atores sexualizados (mas inseguros quanto à sua própria identidade sexual) e que interagem com as próprias representações de masculinidade, é através de agressões físicas e verbais, *ameaças, intimidação, abuso emocional, abuso econômico, desvalorização e culpabilização, isolamento e manipulação dos filhos* (MUSZBAT, 2001: 216) que os homens afirmam a virilidade. Entre o exercício do poder e a dissimulação de deficiências emocionais, a masculinidade costuma escolher opções que negam parâmetros políticos capazes de colocar em discussão as posições defendidas pelo autoritarismo.

<sup>417</sup> De maneira singular, no conto uruguaio *As gêmeas*, de Juan Carlos Onetti, as irmãs, designadas como primeira e segunda gêmea, não entram em atrito por causa de um homem específico; o que as coloca em conflito são os assuntos econômicos e a interpretação do mundo. Exercendo a prostituição, as gêmeas atravessam as noites em bares e restaurantes procurando por clientes ou se embriagando. A diferença entre uma e outra está na forma com que mercantilizam os serviços que oferecem ao mercado consumidor:

– *Porque com esta aqui não adianta dar conselhos e eu até já pensei em deixar que ela se vire sozinha – disse a segunda Gêmea diante do sorriso envergonhado, zombeteiro da outra. – Você não vai acreditar se eu lhe disser que há noites em que ela trabalha mais do que eu, tem mais sorte, ou então só de vê-la já percebem, e, no entanto, três meus contra cinco dela, eu tenho meus trinta pesos na carteira e ela nada. E é mais alta; mais magra e, mesmo assim, mais bonita. E sabe que desde que resolvemos ser independentes precisamos trabalhar; mas também receber.*  
– *Eu trabalho – disse, desafiante e enfarruscada a verdadeira Gêmea, e depois sorriu feito criança, pedindo meu apoio. – Nós duas combinamos de trabalhar, e eu trabalho, e você acabou de dizer que às vezes mais do que você.*  
– *Está vendo? – disse-me, conformada e queixosa, a segunda Gêmea. – Foi o que eu acabei de dizer. Trabalhar e receber. Porque o senhor sabe que a gente não vive do que trabalha, mas do que recebe. É um negócio, uma coisa pela outra, e se a gente fizer grátis, daí sim, seria imoral.*  
– *E eu não tenho culpa.*

*mulheres, sujeitos até então invisíveis da história, protagonistas emudecidas de suas próprias histórias* (PIERUCCI, 2000: 125).

Mesmo em momentos em que a fraternidade feminina está contaminada pela agressividade – e, nos moldes da masculinidade, rompe com qualquer possibilidade de coerência afetiva ou racional – urge perceber que o feminino, quando está envolvido no conflito, não se manifesta da mesma maneira que o masculino.

---

– Comigo acontece a mesma coisa, mas só um par de vezes, no começo. E eu não precisei de mais do que isso para cobrar antes, e se não vinham primeiro os dez pesos, nada feito. cheguei a dar meia-volta da própria porta.  
– Eu não tenho culpa. Eu trabalho, e mais do que você, porque eles me chateiam ou me dão nojo, e não fico como esta aí, conversando horas quando eles me vêm sentar à mesa do café. Às vezes começo a rir e não consigo parar; mas não fico de papo. Não tenho culpa se me dizem “depois”, se me olham como se fosse eu que estivesse tentando enganá-los. E se depois dou uma de enérgica quando estão se vestindo, são eles que acham graça. Não consigo cobrar de ninguém, e acabo rindo também. Tenho culpa? (ONETTI, 2006: 321-322).

#### 4.2 – O amor semeia frutos que não colhe, de Ivana Arruda Leite.<sup>418</sup>

No conto *O amor semeia frutos que não colhe*, através de uma dinâmica afetiva muito particular, as dificuldades emocionais são superadas em um ambiente marcado pelas desigualdades sócio-econômicas: *Tomar sopa rala com pão amanhecido e ouvir a barriga gritando: quero chocolate, quero coca-cola, quero bombom sonho de valsa* (LEITE, 2003: 58).

Com uma linguagem pungente, o conto retrata um ambiente familiar desfavorável, onde as duas irmãs – ou melhor, os seis irmãos – são presas fáceis das miragens capitalistas. Diante da ausência de alternativas para alterar a situação de extrema carência familiar, a marginalidade social surge como resposta.

A vida das duas irmãs complementa, de forma circular, um destino traçado pela exclusão capitalista. O reencontro ocorre em local emblemático: a cela de uma prisão (*Somos dez nesta cela, mas já fomos vinte e duas. Somadas nossas penas, dá pena pruma vida inteira* [LEITE, 2003: 59]):

*Da Dioclécia, minha irmã caçula, eu não tinha notícia, até que um dia ela chegou pra cumprir pena por assassinato. Desde pequena era ciumenta como o cão. Acabou matando o marido com sete facadas* (LEITE, 2003: 59).

As irmãs aproveitam o instante em que estão juntas para dialogar com o passado, entender o presente e projetar o futuro. E isso ocorre no momento em que contemplam um retorno à gênese da situação que elas estão vivendo (a prisão). Na infância paupérrima, marcada por fantasmas sedutores (na forma de produtos de consumo), que sugerem os prazeres de uma vida mais confortável, frutificou o sentimento da revolta contra um mundo adverso e injusto: *E pensar que amaldiçoávamos tanto o ventre que nos pariu, o peito que nos alimentou. Tamanha era a miséria* (LEITE, 2003: 58).

---

<sup>418</sup> LEITE, Ivana Arruda. *O amor semeia frutos que não colhe*. In: GARCIA-ROZA, Livia (Org.). *Ficções fraternas*. Rio de Janeiro, Record: 2003. p. 57-60.

Embora sinalizem para uma tentativa (pífia, patética, estéril) de procurar no Outro<sup>419</sup> o que são incapazes de encontrar em si mesmas – tarefa desde sempre impossível, pois implica em superar as diferenças que as distinguem dos demais habitantes do mundo e que foram produzidas pelos processos de exclusão social derivados do capitalismo predatório – as irmãs celebram o reencontro como uma benção. Talvez uma benção paterna.

Simbolicamente, a figura paterna desempenha um papel privilegiado (mesmo quando aparentemente invisível) nas relações afetivas entre as irmãs.<sup>420</sup> Conjugando as funções de herói, anjo protetor e executor da autoridade, o pai atua no imaginário das filhas como se fosse capaz de prevenir as adversidades e garantir proteção para todos aqueles que gravitam ao seu redor.

No plano concreto, como uma sombra sem corpo, o pai pouco ou nada consegue fazer pelos filhos. Sua única manifestação em favor de alguma mudança está no momento da oração, antes das escassas refeições, quando, amparado pela fé religiosa, procura amenizar o destino que sabe ser amargo e irreversível.

Ironicamente, esse instante caracteriza um elemento unificador da família – que o tempo e as adversidades não serão suficientes para apagar.

- *Que história é essa de você ser santa? – ela me perguntou assustada.*
- *É que eu rezo com elas toda noite e elas acham bonito. Dizem que faz bem. Por isso me chamam de santa. É bobagem dessas meninas.*
- *É a reza do pai?*
- *É.*

---

<sup>419</sup> O “Outro”, neste contexto, deve ser entendido como uma espécie de projeção de um mundo imaginário que, embora distante da realidade das duas irmãs, configura a idealização do desejo.

<sup>420</sup> No conto inglês *As filhas do falecido coronel* (MANSFIELD, 2005: 233-257), a relação com a paternidade é de ordem emocional: as irmãs solteironas Constantia (“Connie”) e Josephine (“Jug”) Pinner são dependentes – em diversos níveis – do pai. A ausência de uma figura masculina (a morte paterna e a ausência do irmão – que está no Ceilão) institui uma imensa crise na vida das irmãs. Despreparadas para resolver tantas coisas ao mesmo tempo – nascidas em uma sociedade que excluía as mulheres dos atos decisórios – entram em aguda crise existencial. Protagonistas da indeterminação, como se viver fosse apenas o adiamento da tomada de decisão, as irmãs encontram dificuldades a todo instante. Mesmo quando *Experimentara[m] a extraordinária sensação de ter[em] acabado de escapar de algo simplesmente terrível* (MANSFIELD, 2005: 243) não se sentem libertas. Prisioneiras da onipresente figura paterna, as irmãs são corroídas em cada ato da vida familiar pelo fantasma da autoridade masculina: *Bem, de qualquer modo, toda aquela parte terminara, embora nenhuma das duas conseguisse acreditar que o pai não voltaria mais. Josephine teve um momento de absoluto terror no cemitério, enquanto o caixão descia, ao pensar que ela e Constantia tinham feito aquilo sem pedir permissão a ele. O que o pai diria quando descobrisse? Pois cedo ou tarde ele acabaria descobrindo. Ele sempre descobria. “Vocês duas mandaram me enterrar!” Ela ouviu a bengala dele bater. Oh, o que elas diriam? Que desculpas poderiam dar? Parecia algo de uma crueldade estarrecedora. Ardilosamente tirar vantagem de alguém só porque a pessoa não pode reagir no momento. As outras pessoas pareciam encarar tudo aquilo com naturalidade. Eram estranhos; não poderiam entender que o pai era a última pessoa a quem tal coisa poderia acontecer. Não toda a culpa por tudo aquilo recairia sobre ela e Constantia. E as despesas, pensou, subindo no tilburi. Quando tivesse de mostrar as contas para ele... O que ele diria então? Ouviu-o totalmente enfurecido: “E vocês esperam que eu pague por essa extravagância que vocês inventaram?”.* (MANSFIELD, 2005: 240).



– *Você pede pra que elas tenham amor no coração que bem maior não existe não?*  
– *Peço.*  
– *Sabe que eu nunca dormi uma noite sem lembrar dessa oração? Chego a sentir a mão do pai na minha cabeça.*  
– *Que bom, filhinha – eu disse apertando-a contra o peito.*  
*Choramos feito duas santinhas* (LEITE, 2003: 60).

Diante do passado e prevendo um futuro menos opressor, as irmãs, mesmo que vagamente, como uma forma de reatualizar/ritualizar a tragédia humana, sentem que podem suportar as adversidades (como uma forma de anteceder a aquisição da sabedoria): é nos braços da irmã que a outra irmã encontra amparo.

#### 4.3 – Escorpião, de Ivana Arruda Leite.<sup>421</sup>

Ivana Arruda Leite, como se quisesse alertar que as relações femininas também contemplam a amargura e o patológico, em um outro conto, *Escorpião*, propõe um destino ainda mais trágico para suas personagens – embora o elemento motivador seja diferente e o desfecho contemple o desencontro.

A inveja e a crueldade são descritas em poucas linhas, como se fossem metonímias de um mundo combalido, prestes a se transformar em escombros e dor:

*As duas irmãs dormiam no mesmo quarto. A mais velha tinha os cabelos curtos e negros, expressão grave e sofria com a gordura que lhe avantajava o corpo. A caçula, muito meiga, tinha olhos rasos e azuis como piscinas infantis. Certa noite, pé ante pé, a mais velha levantou-se, abriu a cesta de costuras e apanhou a tesourinha de bico curvo. Sem fazer barulho algum, cortou os longos cabelos da irmã, frágeis linhas amarelas que nem pra bordar serviam mais. Depois enterrou a tesoura nos olhos da boneca (LEITE, 2002: 17).*

A irmã mais velha tem medo, não da irmã mais nova, mas da projeção que faz sobre o futuro mútuo – momento em que a irmã caçula será um paradigma de beleza, opondo-se à expressão grave e à *gordura que lhe avantajava o corpo* (LEITE, 2002: 17).

Essa visão deprimente, alimentada pela inveja, não pode ser permitida – pensa a irmã mais velha. Por isso, constrói um arcabouço intelectual suficiente para justificar as suas ações (cortar o cabelo da irmã, enterrar a tesoura nos olhos da boneca) e, conseqüentemente, romper com os fios que ligam afetivamente as irmãs.

A última frase da narrativa, *Depois enterrou a tesoura nos olhos da boneca* (LEITE, 2002: 17), acrescida do título do conto (*Escorpião*, que remete a um animal venenoso), adiciona um significado ambíguo e estarrecedor. Segundo o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, o substantivo “boneca”, entre diversos significados, também é sinônimo de:

2. *Fig.* Mulher excessivamente enfeitada e/ou de corpo pequeno e bem-feito. 3. Mulher charmosa e bonita (FERREIRA, 1986: 273).

<sup>421</sup> LEITE, Ivana Arruda. *Escorpião*. In: \_\_\_\_\_. *Falo de mulher*. Cotia: Ateliê, 2002. p. 17.

Considerando-se que não existe, na narrativa, nenhuma menção anterior a uma boneca, descartar a possibilidade de que a tesoura tenha sido enterrada nos olhos da irmã mais moça (uma “boneca” aos olhos da irmã mais velha) é estarrecedora: ato que encontra justificativa na eliminação da única testemunha de um crime “menor” (cortar o cabelo da irmã). Essa possibilidade, que tangencia o patológico, complementa, de forma extrema, o grau de ódio que alimenta a relação fraterna não-resolvida.

De qualquer forma, mesmo que a crueldade da irmã mais velha esteja restrita ao cortar o cabelo da irmã, é impossível deixar de anotar que “cegar” a boneca também é, assim como o corte de cabelo, uma forma simbólica de “matar” a irmã.

#### 4.4 – Onde os oceanos se encontram, de Marina Colasanti.<sup>422</sup>

O conto *Onde os oceanos se encontram* se concentra na rivalidade amorosa como elemento desagregador da fraternidade feminina.

Relatada pelo olhar feminino, e construída como fábula, de maneira que o onírico surge como representação de um mundo particular – descolado do real –, a narrativa aponta para uma solução que não seria estranha ao comportamento masculino: a violência como reflexo de conflitos amorosos mal resolvidos.

As ninfas Lânia e Lisíope habitam uma pequena ilha, no meio do oceano. Lá, se dedicam, dia após dia, à tarefa de sepultar os corpos dos naufragos no fundo do mar.

Certo dia, Lânia encontra na praia o corpo de um homem muito bonito – imediatamente se apaixona. Procura pela Morte e faz um pacto:

– Morte – disse Lânia em ânsia –, desde sempre aceito tudo o que você me traz, e trabalho sem nada pedir. Mas hoje, em troca de tantos que lhe devolvi, peço que seja generosa, e me dê o único que meu coração escolheu (COLASANTI, 2003: 70).

Desta forma, a vida volta a percorrer o corpo do homem. Lânia exulta. Mas é por pouco tempo: o homem não se submete ao amor de Lânia; ele se apaixona por Lisíope.

*Mas em vez de sorrir só para ela que o amava tanto, desde logo sorriu mais para Lisíope, e só para Lisíope parecia ter olhos. De nada adiantavam as insistências de Lânia, as desculpas com que tentava afastá-lo da irmã. De nada adiantava enfeitar-se, cantar mais alto do que as ondas. Quanto mais exigia, menos conseguia. Quanto mais o buscava para si, mais à outra ele pertencia* (COLASANTI, 2003: 70).

E isso Lânia não pode perdoar. Corroída pelo ódio, sem poder satisfazer o desejo e enlouquecida pelo ciúme, confunde o arbítrio do homem com a rivalidade fraterna.

Chama pela Morte outra vez e, sem piedade, faz mais um pedido: *Levasse a irmã. E mais nada quereria* (COLASANTI, 2003: 70).

Lânia e a Morte traçam um plano – que resulta em dor:

---

<sup>422</sup> COLASANTI, Marina. *Onde os oceanos se encontram*. In: STRAUSZ, Rosa Amanda. *13 dos melhores contos de amor da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003. p. 67-71.

*– A Morte fez o combinado – pensou, descendo para correr ao encontro do moço. Mas não correu muito. Diante de seus passos, estampada na areia, deparou-se com a forma de dois corpos deitados lado a lado. A maré já havia apagado os pés, breve chegaria à cintura. Mas na areia molhada a marca das mãos se mantinha unida, como se à espera das ondas que subiam (COLASANTI, 2003: 70).*

A dupla perda identifica o destino de Lânia: a morte da irmã também significa a morte do homem amado. Não é possível trocar um amor por outro, sem que o dano seja definitivo.

#### 4.5 – Irmãs, de Levi Bucalem Ferrari.<sup>423</sup>

No conto erótico *Irmãs*, que descreve a rivalidade amorosa,<sup>424</sup> a narrativa está dividida em dois focos narrativos e dois momentos temporais: Marta e Rodrigo se alternam na descrição dos acontecimentos. Enquanto Marta se refere ao tempo presente, Rodrigo lembra do passado. A intersecção dos fragmentos forma o enredo.

No primeiro fragmento, Marta se surpreende quando encontra, em um barracão afastado da casa, a irmã, Míriam, tendo relações sexuais com o pai de Rodrigo, namorado de Marta. Como uma *voyeur*, Marta, incapaz de reagir à cena, fica, do lado de fora do barracão, a observar o casal:

*Mesmo chocada com o que vejo não me afasto, a cena prende a espectadora: na verdade o filme me excita, quero certificar-me, quero usufruir cada detalhe desse insólito acontecimento, sinto como se fosse em minha própria carne a pressão daquelas mãos que tantas vezes eu sentira a apertar as minhas com paternal afeto nos cumprimentos corriqueiros* (FERRARI, 2001: 26).

---

<sup>423</sup> FERRARI, Levi Bucalem. *Irmãs*. In: DANTAS, Audálio *et alii*. *Corpos: contos eróticos*. São Paulo: Limiar, 2001. p. 25-34.

<sup>424</sup> O olhar masculino sobre a rivalidade fraterna feminina se apresenta de uma forma muito particular no conto *A outra* (UPDIKE, 1988: 146-164). Priscila Hunter conta para o seu namorado, depois marido, Hank Arnold, que é gêmea de Susan. A intensidade dessa informação (apesar de Priscila ter esclarecido que “*No fim, nada disso tem importância. Suzie e eu sempre soubemos que uma não era a outra e que levaríamos vidas diferentes. Quando estamos juntas percebemos que não precisamos explicar muito*” [UPDIKE, 1988: 148]) somente pode ser confirmada no dia do casamento, quando Hank, pela primeira vez, vê juntas a esposa e a cunhada. É um momento de revelação, pois Hank (que é filho único – e, portanto, não consegue entender certos aspectos que configuram a fraternidade) *não conseguiu esquecer, nem perdoar. Filtrou-se em sua mente a idéia monstruosa de que Priscila era metade de uma pessoa, de que havia alguma coisa secreta, algo vazio e pequeno na figura dela* (UPDIKE, 1988: 148-149). No dia do casamento, Susan aprova o cunhado – isso não impede (ao contrário, estimula) que Hank inicie um processo compulsivo de comparação entre as duas mulheres (como se somente a “outra” fosse capaz de preencher o interstício produzido pela duplicidade). Uma paixão platônica vai sendo alimentada. A narrativa prossegue, agora em ritmo mais acelerado, engolindo o tempo e revelando fatos esparsos sobre a vida de cada um dos personagens: o marido pouco simpático de Susan, os filhos que nascem e crescem, as notícias sobre o colapso do casamento de Susan, o rompimento de Hank e Priscila. Depois de muito tempo, a única coisa que parece ser permanente é o desejo reprimido (tangente ao incesto, ao proibido) que Hank sente pelo corpo da cunhada. Um dia, muitos anos depois, em um tempo de quase velhice, Hank e Susan se encontram, reacendem as lembranças e deixam escorrer pelos lábios as palavras que ainda não haviam pronunciado. O medo se instala e rapidamente desaparece. Há uma promessa e uma nova revelação: *A espera imposta por Susan, as distâncias entre eles, que não podiam ser alteradas rapidamente, o ajudaram a compreender a abençoada verdade de que ela era apenas outra mulher* (UPDIKE, 1988: 164). Hank descobre, da forma mais difícil, que o mistério da sedução não estava na duplicidade física das gêmeas e sim nas diferenças. Ele queria outra mulher – e somente descobriu isso quando pode se apaixonar (sem culpa) pela Outra.

A visão do coito excita Marta, que não consegue se controlar e se masturba:

*Não sei quanto tempo eles ficaram assim, tão próximos que pareciam grudados, fazendo movimentos tão lentos como se estivessem a massagear-se com os corpos; eu já excitadíssima a fazer em mim mesma, com as próprias mãos, as carícias que meu corpo exigia (FERRARI, 2001: 27).*

Poucos segundos depois que o casal termina a cópula (*Ele a aperta ainda, suas mãos nos ombros dela e agora um ou outro têm frêmitos não-concomitantes enquanto os rostos se aproximam para mais um beijo, beijo na face, delicado, carinhoso, agradecido* [FERRARI, 2001:27]), Marta percebe que alguém está se aproximando. Instintivamente, bate forte na parede, como que a avisar os amantes que eles correm perigo, *e sai correndo na direção contrária à dos passos que julgara ter ouvido* (FERRARI, 2001: 28). Depois, quando está em lugar seguro, Marta tenta explicar sua atitude: *Talvez um súbito ataque de solidariedade, talvez um longínquo, atávico instinto de sobrevivência gregária, éramos irmãs, afinal; aliás, somos* (FERRARI, 2001: 28).

*Éramos irmãs, afinal; aliás, somos.* O uso quase simultâneo de dois tempos verbais revela um movimento de afastamento emocional. Inconscientemente, em algum momento, Marta se separou afetivamente de Míriam. E o seu relato é uma prova da existência do ressentimento, da sensação de que foi ludibriada pelo destino:

*Sim, somos irmãs apesar de diferentes em tudo, eu, mais velha, mais magra, mais feia, mais recatada e mais cobrada neste e em qualquer outro sentido por meus pais: com quem você vai sair? Não volte tarde! Cuidado com os homens! Por que o Rodrigo não aparece mais, ele é ou não é seu namorado? Quando papai nos telefonava de Brasília, do Mato Grosso, do Acre, sei lá de onde, depois de falar sobre as coisas da casa com mamãe e cumprimentar-me quase que protocolarmente, gastava os minutos restantes com ela, contavam-se episódios que lhes haviam ocorrido, em detalhes, sem pressa. (...). Sou alta e magra e se isso hoje é vantajoso para quem vai ser modelo, atriz, aeromoça, não era assim no meu tempo de adolescente; ao contrário, até os quinze anos eu mais parecia um menino que menina, uma tábua de passar roupa de um metro e setenta e pouco enquanto minha irmã, mais nova e ligeiramente mais baixa, logo no início da puberdade já apresentava traços tipicamente femininos, seios, nádegas e coxas que iriam causar inveja a mim e a quase todas as amigas de infância. Linda, precocemente sensual, atrairia as atenções da maioria dos rapazes, alguns dos quais, que ódio, fingiam-se meus amigos apenas para se aproximarem dela (FERRARI, 2001: 28-29).*

No fragmento seguinte, instituindo o contraponto, o narrador é Rodrigo, namorado de Marta:

*Confesso que só me aproximei de Marta por causa de Miriam, sua irmã; afinal, a primeira era minha colega de classe, portanto mais acessível além de ter mais ou menos a minha idade; era uma pessoa amigável, gostosa de se conversar enquanto a outra, a que realmente me interessava, além de mais nova, estava à época saindo com outro cara, um ricoço metido a conquistador. Como éramos também quase vizinhos, passei a freqüentar-lhes a casa com a desculpa de fazermos, Marta e eu, trabalhos escolares. Como seu pai viajasse muito, viagens longas que às vezes duravam meses e sua mãe, nessas ocasiões, quase não parasse em casa, ficávamos muito à vontade, os três, embora Miriam, para meu desgosto, não me desse a atenção que eu esperava (FERRARI, 2001: 29).*

Um dia, estando na casa das irmãs, ouve a voz de Miriam, dentro de um dos quartos. Ao telefone, vestindo apenas a calcinha, a garota fala com o namorado:

*“imagine o que estou fazendo...”, enquanto os dedos, abandonado o sutiã, avançavam suavemente sob a calcinha e se estreitam, se esfregam sobre o que ela ainda escondia... sua voz restringia-se agora a gemidos somente (FERRARI, 2001: 30).*

Marta, que estava na cozinha, fazendo café, volta para a sala e surpreende Rodrigo: *O mútuo constrangimento impediu-nos de dizer um ao outro qualquer coisa, principalmente a mim de balbuciar algum pedido de desculpas (FERRARI, 2001: 30).*

Visivelmente abalada com a cena, Marta tenta manter o controle emocional:

*Só consegui sentir o quanto aquilo a perturbava quando ela, ao servir-me o café, o derramou, tremendo, sobre o pires; e que mais a magoara quando lhe percebi lágrimas que logo tratou de disfarçar passando sobre os olhos as costas do punho fechado sem conseguir evitar, entretanto, que uma delas caísse sobre o livro que tentávamos interpretar, Esaú e Jacó. Incontinenti, pediu licença e retirou-se em direção ao banheiro... hoje me parece que, apesar da porta fechada e de todo seu esforço para manter-se discreta, ainda lhe ouço os soluços sufocados (FERRARI, 2001: 30-31).*

A menção ao livro que os estudantes estão tentando interpretar é significativa, pois também se trata de um triângulo amoroso: os irmãos Pedro e Paulo tudo fazem para conquistar o amor de Flora.

No terceiro fragmento, Marta narra os acontecimentos que se seguiram ao momento em que ela avisou aos amantes da chegada de alguém:

*Era minha mãe quem, caminhando, quebrava os gravetos cujos ruídos me levaram a bater na tábua do depósito de ferramentas, sementes e mudas onde o pai de meu namorado copulava com minha irmã. Creio que, graças a meu aviso assustado, tiveram tempo de vestir-se e disfarçar, ofício no qual eram ambos mestres (FERRARI, 2001: 31).*



(...) e o que vi foi minha mãe entrando, quedando-se os três por lá algum tempo até que minha irmã saísse só (FERRARI, 2001: 31). Movida pela curiosidade, Marta se aproxima sorrateiramente, do depósito e ouve um intenso interrogatório. A mãe, ruborizada, quer saber o que o homem estava fazendo ali com Míriam. O homem nega qualquer envolvimento com a moça. E para ratificar sua inocência,

*(...) ele a segura pela cintura, puxa-a contra si, a beija e, afastando-lhe a cabeça, diz que ela deixasse de pensar em bobagens, afinal só amo você, você sabe disso, agora sintá... beija-a novamente, beijo demorado, abraço certamente apertado e a mão que desce da cintura para as sempre invejáveis nádegas de minha mãe e as acariciam, comprimem (FERRARI, 2001: 31).*

O que se segue é uma nova cena de sexo – e com grande intensidade.

No quarto fragmento, Rodrigo acrescenta novos detalhes à história:

*Saí da casa de Marta sem a intenção de me despedir ou sequer de olhar pela porta ainda entreaberta do quarto da irmã, só percebendo que Míriam se levantava assustada e vinha, ainda seminua, em direção da porta, achei que para fechá-la, mas não, porque, à saída, ainda a ouvi perguntar-me, quase gritando, se eu já ia embora; nem lhe respondi (FERRARI, 2001: 32).*

Incapaz de se aproximar de Marta, para lhe pedir desculpas, Rodrigo começa a prestar mais atenção na amiga. O olhar que antes somente se concentrava em Míriam, desloca-se para Marta e, surpreso, descobre elementos que antes lhe eram totalmente despercebidos:

*Constato ainda as sutis mudanças que nesse curto período a natureza ia fazendo em seu já admirável perfil, o esguio a ganhar suaves, precisas curvas, à privilegiada altura se adequando e somando as características típicas do sexo, seios e quadris em harmonia com a fina cintura; Marta tardiamente desabrochava, mais linda do que poderia supor pouco tempo depois (FERRARI, 2001: 32).*

Simultaneamente, Rodrigo consegue resolver sua paixão por Míriam: *Não foi nada difícil, saímos algumas vezes, trepamos, fizemos tudo que o vigor biológico dos jovens permite e exige (FERRARI, 2001: 32).* Mas, desse relacionamento, saciada a sede de ambos, nada restou<sup>425</sup> de

---

<sup>425</sup> Dizer que nada restou do relacionamento entre Rodrigo e Míriam é impreciso. De qualquer forma, não é possível ignorar uma observação típica da masculinidade, proferida por Rodrigo a respeito de Míriam: *(...) ela era muito volúvel, volta e meia demonstrava interesse por outros, às vezes acintosamente; hoje não duvido que tenha me traído. E mais de uma vez, talvez muitas. Também paradoxalmente, não lamento; desfrutei-a bem e bastante como, creio, poderia fazê-lo até hoje, a qualquer momento, oportunidades não faltam, não faltarão se um dia, quem sabe... (FERRARI, 2001: 33).*

significativo: *e livre-me em tempo de me envolver mais com alguém que a cada vez menos me interessava* (FERRARI, 2001: 33).

Em uma festa, Rodrigo se reaproxima de Marta.

*(...) observei que Marta estava só e parecia aborrecida. Sentei-me a seu lado, disse um tímido como vai e ali fiquei alguns eternos minutos sem nada dizer; tudo o que eu ensaiara me parecia então inadequado, senão ridículo. Foi ela quem puxou assunto, perguntou-me como andava de leituras; que estava lendo o nosso velho querido Machado de Assis: Esaú e Jacó, dando singela ênfase. Mesmo assim, demorei alguns segundos para entender o recado e, logo em seguida, convidá-la para passearmos um pouco pelos jardins da casa. Mas, balbuciou ela olhando na direção da irmã, ao que respondi com outra pergunta, você se importa, e com uma afirmação, nem eu* (FERRARI, 2001: 33).

O casal encontra na literatura o reflexo invertido da situação que estão vivendo:

*Esaú e Jacó foi a primeira coisa que dissemos um ao outro concomitantemente, tão logo nos vimos sós. Rimos da coincidência e, após outros mais segundos lhe disse, veja como são engraçadas as coisas, você e sua irmã têm tão pouco em comum. Aliás, nada, respondeu-me; e nem você é uma donzela que se deixaria definhar em dúvidas quanto a uma de nós... Senti o rancor, a emoção, quicá o desafio que me fora lançado...* (FERRARI, 2001: 33).

Rodrigo aceita o desafio e o que se segue dispensa maiores comentários: Marta e Rodrigo iniciam um namoro e depois de algum tempo, apesar da objeção do pai de Rodrigo, eles se casam.

No último fragmento, Marta encerra a narrativa. Mas antes faz questão de assinalar que:

*O tempo tudo altera, feridas cicatriza, muda vontades, vaidades, ajuda-nos até a cumprir o preceito bíblico de perdoar ofensas. Perdoar mas não esquecer... assim é como o gosto do primeiro doce; ou, mais do que ele, o do manjar que se desejou e não foi degustado... Ocorre o mesmo com certas imagens que, captadas em algum impreciso momento, por mais antigas, gastas, carcomidas, afogadas no tempo, insistem em se fazer a tona* (FERRARI, 2001: 34).

O círculo narrativo se completa quando Marta tem a oportunidade de concretizar a imagem que a atormenta:

*Amo Rodrigo e sei que sou amada por ele. Somos felizes e acabamos de jantar. Nesse momento, ele se balança suavemente na rede da varanda, tem entre suas mãos um livro aberto mas já cochila. Impressiona-me com que facilidade se deixa relaxar quando estamos no sítio de seu pai. Meu sogro me convida para darmos uma volta, quer mostrar-me algumas mudas de flores que estão no depósito pouco distante da casa; traz consigo um lampião a querosene e eu sei o que ele quer. Acho que também quero* (FERRARI, 2001: 34).

#### 4.6 – Pérolas absolutas, de Heloísa Seixas.<sup>426</sup>

O romance *Pérolas absolutas* propõe uma categoria fraterna diferenciada. No entender da narradora, mulheres que compartilham da cama e do corpo de um mesmo homem são *irmãs de sêmen*<sup>427</sup> e possuem um “laço inquebrantável” (SEIXAS, 2003b: 139).

*Duas mulheres que dividem o mesmo homem são irmãs de sêmen. Duas mulheres que amam o mesmo homem – morto – são irmãs de sêmen e sangue. Irmãs no amor e na morte* (SEIXAS, 2003b: 233).

Ou seja, segundo essa teoria, as regras de conduta que norteiam a relação fraterna (cumplicidade, afeto, ódio, ciúme, inveja etc.) também possuem as condições adequadas para serem aplicadas aos relacionamentos que envolvem *irmãs de sêmen*.

Mas, independente do fato de que irmãs de sangue e sêmen estarem competindo pelo mesmo homem, o que surpreende no romance de Heloísa Seixas é o uso de uma técnica narrativa que explora até a exaustão a imagem especular, o fenômeno da multiplicação das mulheres.

Quando a narradora convence o leitor de que as irmãs Sofia e Lídice marcam o antagonismo narrativo, Lídia e Isabel se apresentam; quando o leitor está quase convicto de que Sofia e Lídice podem ser irmãs gêmeas, surge a informação de que Isabel é a irmã gêmea e desaparecida de Sofia.

A isso se acresce que a utilização de uma espécie de névoa literária, que encobre os relacionamentos afetivos e o andamento da narrativa de forma proposital, dificulta a percepção do leitor (inclusive no que se refere aos conflitos – existentes ou não – entre as irmãs):

<sup>426</sup> SEIXAS, Heloísa. *Pérolas absolutas*. Rio de Janeiro: Record, 2003b.

<sup>427</sup> Esse conceito aparece com o sinal trocado no “road movie” mexicano: *Y tu mamá también* (Dir. Alfonso Cuarón. 2001. Título brasileiro: “*E sua mãe também*”). Os personagens Tenoch Iturbide (interpretado por Diego Luna) e Júlio Zapata (interpretado por Gael García Bernal) são grandes amigos, apesar das diferenças socioeconômicas em favor de Tenoch. Em dado momento, cada um dos amigos admite ter praticado sexo com a namorada do outro. Essa constatação faz com que, sobre a influência de grande embriaguez, Tenoch diga para Júlio: *¿Te hay dado cuenta de que somos hermanitos de leche?* Nesse contexto, a expressão “hermanitos de leche” está estruturada na ambigüidade e comporta vários sentidos semânticos: ao mesmo tempo que propõe crianças alimentadas por uma “ama de leite” (“irmãozinhos de leite, irmãozinhos de peito”, irmãos colaços), o que acentua os laços de amizade entre eles, também se refere a um aspecto mais chulo, menos educado e com uma conotação sexual muito bem definida (próxima da homossexualidade), pois os amigos, de uma forma ou de outra, como um ingrediente ritual para sedimentar a “fraternidade”, trocaram sêmen – através do uso intermediário das vaginas das namoradas.

*As horas passam, lentas como tartarugas, enquanto a mulher espera, trancada no quarto. Através da porta, ouve a mãe conversando com Isabel. É outra pessoa, tem outra voz. Ela finge, é tudo mentira. Tenho certeza. Sua fala é articulada, as frases se encadeiam com perfeição. Ela pensa que eu saí, é por isso que falam assim. Aposto que, se eu fizer barulho, se mexer no trinco, vai imediatamente alterar a voz, começar as perguntas. Não é hoje que sua irmã vem? Tenho de ficar quieta, não posso fazer ruído. Esperar em silêncio a hora, a hora de Sofia. Eu sou uma velha, você tem de me respeitar. Não importa a espera, não importa o tempo, as horas que se arrastam sobre a areia com patas preguiçosas, patas como barbatanas. Preciso resistir (SEIXAS, 2003b: 112).*

As informações são confusas, escondidas entre inúmeras pistas falsas. As frases avançam pela narrativa como se fossem ventos fortes, desses que arrasam/arrastam os obstáculos e modificam a paisagem e instituem novas fronteiras. Fica difícil perceber a “verdade”, pois essas mulheres todas, margeando a loucura, entrando e saindo da narrativa, como se fossem peças de um quebra-cabeças, acrescentam e eliminam elementos:

*Meu nome é Lídia. Ou Lídice, não sei. Não importa – você vai saber. Talvez já saiba por que estou aqui, qual a minha missão, o meu fim. O fim que é também o começo, a ruptura, o esgarçar de fronteiras. Olho meu rosto no espelho e já não sei onde termina o real, onde o reflexo. Sei apenas que tenho olhos azuis, vazados. Olhos de berilo. É o silicato de alumínio, um cristal sem cor. Mas quando os átomos impuros penetram no berilo ele se transforma em água-marinha. Meus olhos são como essas pedras – o resultado de uma contaminação (SEIXAS, 2003b: 135).*

Quando o leitor está próximo de acreditar ter captado com nitidez as relações familiares, Lídia e Isabel desaparecem (como se fossem objetos que o contra-regras teatral eliminou de cena, talvez por acreditar que eram elementos excessivos). Nesse momento, as irmãs não são mais irmãs, as gêmeas não existem mais. Confrontando o igual e o Outro somente restaram duas mulheres envolvidas na disputa por um mesmo homem: *irmãs de sêmen*.

A situação se complica quando, quebrando a coerência narrativa, o leitor, em algum lugar, em alguma parte do romance, fica com a sensação de que, por um surto esquizofrênico, Sofia e Lídice podem ser a mesma mulher.

*Quem são essas mulheres – quem são? De que região provêm, em que limbo flutuam seus ossos de vidro, por que paredes etéreas ecoam seus gritos atormentados? Ouço-lhes as vozes, é tudo. Desde pequena sou assim. Brotam em minha mente, a princípio fluidas, fugazes, sussurros apenas, ecos distantes. Depois, aos poucos, vão-se encorpando, ganhando substância. E se transformam em presença (SEIXAS, 2003b: 39-40).*

Mas não é somente isso, independente da versão que o leitor escolha como a mais adequada, *Pérolas Absolutas* está alicerçado na violência. Uma revisitação nos dramas que envolvem a família, misturando o amor e o sangue da parte mais fraca. Lídice, a “outra”, a amante, faz de sua narrativa um inventário do fracasso – sob o ponto de vista do irmão que foi rebaixado pelo talento ou pelo senso de oportunidade do outro irmão.

*Marcados somos todos nós – essa imensa confraria de anônimos e esquecidos – que ficamos em segundo. Alguns estiveram perto, tão perto que chegaram a arrancar a história com seus nomes. Há muitos anos coleciono suas vidas, numa caixa que mantenho no fundo do guarda-roupa. É meu segredo, meu orgulho e minha herança. Quando abro a tampa, quase posso ver os fantasmas esvoaçando, deslizando junto às paredes, tocando-me de leve a pele do rosto. São muitos. Mas é uma coleção difícil. Preciso garimpar para encontrar alguma coisa sobre eles. A história não registra os fracassados. (...) Eu os amo, a todos. Às mulheres, como Camille ou Zelda, porque enlouqueceram. Mas há também os irmãos que quase chegaram juntos, que disputaram espaço, que fingiram e sofreram, muitas vezes imitando um sorriso de desdém quando na verdade se afogavam em mágoa – mas que sempre, sempre, saíram perdendo. Heinrich, Gerald, Tiago. Todos devem ter guardado, em algum ponto recôndito de suas almas, a marca do rancor. O rancor que se vai sedimentando aos poucos, que é como um câncer, silencioso e traiçoeiro. O rancor que é pior do que o ódio, porque é um ódio em conta-gotas (SEIXAS, 2003b: 28-29).*

Para Lídice estar nessa posição é algo desagradável. A irmã já não é mais apenas aquela que detém os direitos sobre o homem amado, é a inimiga.

Sofia também nega qualquer gesto de misericórdia: honra se lava com sangue e pouco importa se a amante do seu marido é a irmã ou uma desconhecida.

O impasse somente se resolve com a morte de Anatole: *morto o homem, cessa o desejo pelo homem, mas não cessa o desejo da mulher* (ARRUDA FILHO, 2004). As duas mulheres se encontram em um restaurante, conversam, lembram do passado e do amante morto.

*Pedem comida, pratos iguais, pratos gêmeos e, simbolicamente, comem a carne do morto. Anatole é o laço de sangue que as une. A esposa e a amante se descobrem irmãs porque veneraram, amaram e odiaram um mesmo homem (ARRUDA FILHO, 2004).*

A partir desse momento, as duas mulheres constroem um outro tipo de relação, o ódio não mais existe, o afeto se efetiva porque a presença simbólica do homem morto serve de argamassa.

Nessa paisagem, como uma passagem que se abre para outros horizontes, o onírico, elemento constante na narrativa, encobre tudo, descobre tudo, confunde tudo.

#### 4. 7 – A vida como ela é..., de Nelson Rodrigues.<sup>428</sup>

Uma visão particular sobre as relações fraternas está expressa em diversas histórias da coletânea *A vida como ela é...*, originalmente publicadas em uma coluna no jornal *Última Hora*, no Rio de Janeiro.

*E o que escrevia Nelson, e para quem escrevia? Escrevia contos de carregação, sob o título geral de A vida como ela é..., título que por si já define uma intenção de fazer, no clima carioca, exatamente aquilo que o Daily Mail pregava: literatura rápida, para gente ocupada, com matérias de interesse humano que, mesmo sendo ficcionais, semelhavam reportagens, retratos da vida como ela é. E o fazia com consciência. Ao rememorar os dez anos em que escreveu os contos, Nelson observou: E o leitor era fascinado. Comprava a Última Hora para conhecer a adúltera do dia. Claro que, na minha coluna, também os homens traíam. Mas o que o público exigia era mesmo a infidelidade feminina – como a demonstrar exatamente o atendimento das expectativas do leitor trivial (FISCHER, 2001: 98).*

Ignorando os litígios masculinos e amparado em afirmações misóginas (entre outras: “O sujeito que trata bem mulher está desgraçado! Está frito!” [RODRIGUES, 2006: 101], a tenacidade de mulher que odeia outra mulher [RODRIGUES, 2006: 596]), Nelson Rodrigues, em significativas variações sobre o mesmo tema, retrata em *A vida como ela é...*, cinco conflitos fraternos femininos.

Tomando como referencial as demandas amorosas, Nelson Rodrigues defende, nesse conjunto de contos – escritos como se fossem crônicas –, a tese de que as fêmeas estão condenadas a gravitar em torno dos machos. Então, elas tudo fazem (baseadas na regra não escrita de que no amor todas as armas são válidas) para poder desfrutar da exclusividade daquele que escolheram como parceiro afetivo e sexual. E, no contexto especial da fraternidade feminina, as irmãs, motivadas pelo ciúme, pela inveja e pelo ódio, mais do que quererem a posse do homem, também querem destruir a rival – com o agravante de que aquele que é agredido habita o mesmo território que o agressor.

Por isso, todas as narrativas terminam em tragédia<sup>429</sup> – ou seja, em comédia suburbana. O ridículo se mostra pleno, como se fosse uma das principais características humanas –

---

<sup>428</sup> RODRIGUES, Nelson. *A vida como ela é...* Rio de Janeiro: Agir, 2006.

características essas que são edulcoradas pela estética burguesa e que Nelson Rodrigues, propositalmente, as exagera, seja para fornecer um realismo melodramático, seja para esgrachar com uma mentalidade que ele considerava hipócrita.<sup>430</sup>

---

<sup>429</sup> (...) Nelson fez (...) tragédia, no sentido de que discutiu as condições de individualização, no plano da classe média carioca e, genericamente, brasileira (FISCHER, 2001: 88).

<sup>430</sup> Escrevia contos e crônicas para deleite da massa mas considerava a opinião pública uma débil mental de babar na gravata (FISCHER, 2001: 99).

#### 4.7.1 – Ódio de cunhada, de Nelson Rodrigues.<sup>431</sup>

Orlando caracteriza o cafajeste,<sup>432</sup> o homem com diversos defeitos de caráter: machista, violento, desses que tomam “*dinheiro em bruto*” de *meia dúzia de infelizes* (RODRIGUES, 2006: 102) e que escorado na beleza (ou em alguma característica atrativa para as mulheres) encontra justificativa para se sobrepor aos demais seres humanos.

Um dia, próximo de sua casa, Orlando encontra as irmãs Lúcia e Margô – que até então eram inseparáveis. Convida Lúcia para ir ao cinema e sugere que a irmã vá junto: *Suas conquistas eram assim, fulminantes. Sem o menor tato, a menor paciência, ia avisando: “Lero-lero comigo, não. O negócio tem que ser rápido, senão chateia* (RODRIGUES, 2006: 103). Margô recusa a oferta.

Alguma coisa acontece no cinema.: o narrador não esclarece, mas foi o suficiente para que Lúcia inicie namoro com Orlando. Em consequência desse fato, modifica o seu comportamento familiar. Margô tenta alertar que “*Ele não serve, não presta, não vale nada!*” (RODRIGUES, 2006: 103). Apaixonada, Lúcia ignora todos os conselhos – e ameaça os familiares, dizendo que vai se suicidar se houver interferências. Diante de tamanha obstinação, o pai declarou: – *Deus me livre! Não quero ver a minha filha morta! Se ela quer casar, paciência* (RODRIGUES, 2006: 104).

*Casaram-se, um dia. Margô compareceu às duas cerimônias, no civil e no religioso, beijou a irmã, mas foi incapaz de um cumprimento banal para o cunhado. Tomara-se de ódio por esse homem; era uma raiva, como só as mulheres sabem ter, que a ralava, que a consumia, como um fogo interior inextinguível* (RODRIGUES, 2006: 104).

---

<sup>431</sup> RODRIGUES, Nelson. *Ódio de cunhada*. In: \_\_\_\_\_. *A vida como ela é...* Rio de Janeiro: Agir, 2006. p. 100-105.

<sup>432</sup> A figura do “cafajeste”, protótipo do anti-herói, é uma marca registrada na prosa de Nelson Rodrigues. Segundo Aleixo S. Guedes: *A circulação desses tipos pelas casas de família, repartições públicas, bares, redações de jornais e pelas ruas do Rio de Janeiro, enfim, é o que imprime às narrativas de Nelson Rodrigues o que ele chamaria de seu “tônus vital”, ou seja, é a partir da atuação (...) do cafajeste que os outros personagens ganham vida e que o arco do enredo ficcional é tensionado. Em outras palavras, pode-se afirmar que o antagonismo a essas figuras é que faz girar o mecanismo da prosa rodrigueana* (GUEDES, 2000: 53).



Convicta de que Orlando está destruindo a vida da irmã e contaminada pela necessidade de desmascarar o cunhado, Margô *já não ia mais ao cinema, a lugar nenhum, pois precisava se dedicar a esse sentimento, entregar-se a essa obsessão* (RODRIGUES, 2006: 104).

A situação torna-se tão absurda que, quando vê os noivos partirem para a lua-de-mel, Margô passa a imaginar *que aquele cínico ia macular a irmã com não sei que carícias inimagináveis* (RODRIGUES, 2006: 104).<sup>433</sup>

Depois que os recém-casados regressam, alguém toca a campainha do apartamento de Lúcia e Orlando. Ao abrir a porta, a dona da casa *viu-se diante daquela criatura, de nariz adunco e voz de bruxa* (RODRIGUES, 2006: 104). Era “a velha”, a tal que, segundo os maledicentes, *sustentava Orlando* (RODRIGUES, 2006: 104). O motivo da visita era simples: por caridade cristã, estava avisando Lúcia da doença que adquirira dois anos antes e que havia transmitido para Orlando.

Lúcia, desesperada, correu para a casa dos pais e, nos braços da irmã, teve uma crise nervosa.<sup>434</sup> O medo de ter sido contaminada pelo marido fornece o motivo “justo” para o fim do casamento.

De repente, Orlando se viu sozinho no mundo. Fragilizado, enclausurou-se no quarto e, dominado pela idéia de que estava doente, *passava horas, de busto nu, procurando manchas nos braços, no peito e sentindo todos os sintomas possíveis e imagináveis* (RODRIGUES, 2006: 105).

O desfecho do drama ocorre alguns dias depois, quando Orlando escuta batidas na porta:

*Abriu a porta. E viu entrar, no quarto, sua cunhada Margô. Durante alguns instantes, olharam-se, apenas. E como ele, trancando os lábios começasse a chorar, ela disse apenas:*

*– Fugi de casa, vim ficar contigo.*

*Ele não fez um gesto, não disse uma palavra. Então, Margô o beijou, nos lábios, muitas vezes* (RODRIGUES, 2006: 105).

---

<sup>433</sup> Maria Rita Kehl anota que *para o humano, o sentido de suas demandas é emitido não a partir delas mesmas, mas do lugar do Outro* (KEHL, 2002:117). Como constata o final da narrativa, Margô, nesse momento, mesmo sem ter consciência de seu desejo, desqualifica a possibilidade de felicidade da Lúcia porque não alcança os prazeres que a irmã – e não ela – vai desfrutar.

<sup>434</sup> São os momentos de crise que determinam a intensidade da fraternidade – também são esses momentos que motivam a ruptura. Entender a fragilidade do Outro significa superar a própria fragilidade: o traço unificador somente aparece quando o coletivo, simbolizado pelos laços de sangue, se torna significativo. O império do egoísmo é igual à ruptura.

Finalmente, o desejo pode ser nomeado: com o fim do casamento da irmã, Margô joga-se nos braços daquele que até então a havia feito sofrer. Desse momento em diante, o sofrimento será outro: mais agônico, por certo; mais prazeroso, com certeza.

#### 4.7.2 – Noiva para sempre, de Nelson Rodrigues.<sup>435</sup>

Maurício está indeciso entre Dorinha e Elena. Maciel, o pai das moças, interpela o rapaz: – *Sinto muito, mas dou-lhe 24 horas para você se decidir. Ou uma ou outra. Do contrário, você deve se afastar da minha casa* (RODRIGUES, 2006: 126).

Desesperado, Maurício procura por Alípio, seu melhor amigo e confidente. Depois de quarenta minutos, Alípio faz uma profecia: *De qualquer maneira, ficarás com as duas. Uma será a tua esposa. E a outra dará em cima de ti, mais cedo ou mais tarde. Toma nota* (RODRIGUES, 2006: 127).<sup>436</sup>

No dia seguinte, Maurício pronuncia para Maciel o primeiro nome que lhe ocorreu: Elena. No início da noite, quando visitou a namorada, Maurício notou a ausência de Dorinha. Mas a maior surpresa foi um pedido que Elena lhe fez: *Se tiveres de me trair, algum dia, escolha qualquer mulher. Menos uma: Dorinha* (RODRIGUES, 2006: 128).

As duas irmãs tomaram rumos diferentes: enquanto Elena se preparava para o casamento, Dorinha mergulhava na introspecção: *Emagrecera, tornara-se mais fina e mais frágil, e tinha, quase sempre, um olhar de sonho* (RODRIGUES, 2006: 128). Esse desânimo perdurou até a véspera do casamento da irmã, quando Dorinha comunicou ao pai: *“Eu não vou a este casamento. E não me pergunte porquê”* (RODRIGUES, 2006: 128).

Não houve incidentes na cerimônia de casamento. No início da noite, os noivos partiram *para uma pequena casa, lírica e discreta, na Tijuca* (RODRIGUES, 2006: 128), onde ocorreria a lua-de-mel.

*Finalmente, chegam. Descem. De braço, entram. No meio do jardim, ele a carrega no colo. Há um beijo selvagem. Estão na varanda e Maurício abre a porta. Novo e mais desesperado beijo. Ele a carrega, outra vez. E, assim, entra no quarto ainda escuro. Aninhada nos braços do ser amado, Elena acende a luz e...* (RODRIGUES, 2006: 129).

---

<sup>435</sup> RODRIGUES, Nelson. *Noiva para sempre*. In: \_\_\_\_\_. *A vida como ela é...* Rio de Janeiro: Agir, 2006. p. 124-129.

<sup>436</sup> O mito da paixão carnal, recorrente na literatura “realista”, é explorado por Nelson Rodrigues com o cinismo da filosofia machista. O que Alípio recomenda, nas entrelinhas, para Maurício é casar “com as duas”, constituir um harém. Para que isso aconteça, Maurício deve deixar de “lero-lero”, vencer os escrúpulos da moralidade burguesa e aproveitar a oportunidade sexual proporcionada por duas mulheres.

As frases curtas, quase telegráficas, que anunciam uma noite de prazeres inigualáveis, também anunciam a tragédia.

*Havia alguém no leito nupcial. Uma mulher, vestida de noiva, antecipara-se. Estava deitada, ali. Cortara os pulsos, morrera docemente, com os braços em cruz. Era Dorinha. Na parede estava escrito a lápis, com a letra da que morrera, aquela maldição: “Nem meu, nem teu” (RODRIGUES, 2006: 129).*

O drama termina com o enlouquecimento de Elena e o enterro de Dorinha: *por vontade da família, Dorinha foi vestida como para um fantástico casamento. Enterrada de branco. Noiva para sempre* (RODRIGUES, 2006: 129).

#### 4.7.3 – Pecadora, de Nelson Rodrigues.<sup>437</sup>

Chagas encontra Armando, um amigo de infância. Depois de vários copos de chope, Chagas faz uma confissão: está mantendo um relacionamento extraconjugal. Armando, incrédulo, sem entender nada, afinal o amigo é recém-casado, *num riso pesado e sórdido de ébrio*, respondeu: – *Manda pra mim! Manda pra mim!* (RODRIGUES, 2006: 138).

No dia seguinte, Chagas convida Armando para jantar. Armando recusa, mas é convencido por Chagas: – *Podes, como não? Já avisei à minha mulher. Quero te apresentar à minha cunhada* (RODRIGUES, 2006: 138).

Sem conseguir somar o relacionamento extraconjugal de Chagas com a cunhada, Armando passa a cultivar uma amizade por Lucila, a cunhada. Apesar da pouca probabilidade de sucesso desse *romance meio a muque* (RODRIGUES, 2006: 139), Chagas freqüentemente convidava o amigo para jantar. Nessas ocasiões, Lucila também comparecia.

Um dia, Lucila perdeu a paciência. Como não está gostando da situação, foi até o escritório de Chagas pedir explicações: *Que negócio é esse? (...) O que é que você está tramando?* (RODRIGUES, 2006: 139). O cunhado fecha a porta com a chave e se senta ao lado da moça. Com ternura e cuidado, explicou: – *Presta atenção: não percebeste, ainda, que teu casamento é um grande golpe, um golpe espetacular? Pensa um pouco, pensa!* (RODRIGUES, 2006: 139). E, para vencer todas as barreiras, argumentou que Armando era um bom sujeito. Não bastasse isso, completou, cínico:

– *Pelo amor de Deus! Não faça esse juízo de mim!* – baixou a voz: – *Tu sabes, não sabes? Que és tudo para mim?* – repetiu, com os olhos marejados: – *Tudo!* (RODRIGUES, 2006: 140)

*Sem querer, sem sentir, Armando foi envolvido* (RODRIGUES, 2006: 140). Sem ter certeza de que estava amando Lucila, Armando procura por Chagas e expõe o seu drama. Como retribuição para sua sinceridade, recebe um conselho despudorado:

---

<sup>437</sup> RODRIGUES, Nelson. *Pecadora*. In: \_\_\_\_\_. *A vida como ela é...* Rio de Janeiro: Agir, 2006. p. 136-141.

*Se isso é ou não é amor, só Deus sabe. Mas uma coisa te digo: casamento não tem nada a ver com amor. E nem se deve amar a própria esposa. Não é negócio e só dá dor de cabeça. Compreendeste?* (RODRIGUES, 2006: 140).

Armando, cada vez mais confuso, não sabe que decisão tomar. Enquanto isso, Chagas faz projetos para Lucila: *Que vontade de chupar esses peitinhos!* (RODRIGUES, 2006: 140).

Finalmente, Armando rompe o bloqueio e acreditando-se apaixonado, faz o pedido oficial. Ato contínuo, vira-se para o amigo: *Eu e Lucila fazemos questão que tu sejas o nosso padrinho* (RODRIGUES, 2006: 140).

Às vésperas do casamento, Lucila começou a ficar triste. Cultivando uma crise, misto de arrependimento e culpa, um dia, sozinha com Chagas, explode: – *Acho horroroso trair um homem!* (RODRIGUES, 2006: 141). Chagas, diante de tantos escrúpulos, e não querendo entender porque Lucila estava lhe negando as delícias de desfrutar de uma mulher casada,<sup>438</sup> exclama: *Trair o marido não é pior do que trair a irmã!* (RODRIGUES, 2006: 141). Recebe como resposta um julgamento moral: *O marido não me interessa! O que eu não queria era trair você!* (RODRIGUES, 2006: 141). Diante de um patamar afetivo, Chagas, que pensa no sexo como solução para quaisquer problemas, balbucia, quase desesperado: *É preciso! É preciso!* – e argumentou: – *É para nosso bem!* (RODRIGUES, 2006: 141).

O casamento acontece. Quando os noivos ficaram a sós, Armando quis beijá-la. Lucila recuou, gritando:<sup>439</sup> – *Não me toque! Não me toque!* – torcendo e destorcendo as mãos, dizia: – *Eu quis ser de dois, mas não posso, não está em mim!* (RODRIGUES, 2006: 141).

Armando, sem saber o que fazer diante da inusitada situação e sem conseguir entender os gritos de *Eu quis ser de dois, mas não posso, não está em mim!*, chamou os padrinhos Chagas e Dora.

*Lucila, é claro, escondia, ferozmente, a identidade do outro. Trancaram-se as irmãs numa sala. E vendo que não extorquia o nome, Dora deu-se por satisfeita:*

– *Eu não te condeno! Tua atitude é linda!* – repetiu: – *Linda!*

*(RODRIGUES, 2006: 141).*

---

<sup>438</sup> A visão do adultério como um estimulante sexual remete à excitação decorrente do proibido. Chagas, sem escrúpulos, arma um esquema onde somente há um ganhador: ele. Infelizmente, os demais participantes do seu jogo de poder, são envolvidos por crises morais e afetivas. Armando, apaixonado, sonha com uma esposa virginal, carinhosa e perfeita. Lucila quer aquilo que a irmã possui: um marido, mas não “um marido qualquer”. Ela deseja o marido da irmã.

<sup>439</sup> Quando o indivíduo é tomado pela noção da culpa, suas ações migram para a ruptura. Essa colisão, carregada de raiva e frustração, determina o fim da dissimulação – e o conseqüente surgimento da “verdade”. O equilíbrio é destruído e, para as partes envolvidas, não mais é possível conviver com a situação anterior.

*Eu não te condeno*, exclama Dora, diante da negação do nome do amante da irmã. Essa afirmação migra para três interpretações divergentes. A primeira, mais trivial, está relacionada com o medo de que o nome do marido seja pronunciado – Dora não se importa que a irmã destrua o próprio casamento, mas exige que a vida familiar dos outros seja preservada. A segunda refere-se à noção de fidelidade durante a infidelidade: só há compromisso de fidelidade com o amante; o marido, desde sempre, é um ignorante. Terceira: trair o marido é uma opção válida para qualquer esposa oprimida. Dora não quer descartar para si mesma essa possibilidade – no inconsciente, ela sabe que é traída pelo marido e, em momento de crise conjugal, em uma sociedade pequeno-burguesa como a do Rio de Janeiro, nos anos 50, que reprimia a separação conjugal, um amante significa a maior vingança que uma mulher pode oferecer contra o marido. Assim, omitir o nome do amante é permitir que outros nomes ocupem um lugar na cama (na própria e na da irmã).

#### 4.7.4 – A úlcera, de Nelson Rodrigues.<sup>440</sup>

A vida de Dagmar foi marcada pela doença: *Tinha azias tremendas, golfadas secas e ardentes, dessas que queimam a garganta* (RODRIGUES, 2006: 390). O casamento e a lua-de-mel foram horríveis: talvez o casamento não tenha sido “consumado”. O marido, compreensivo, foi aceitando que a doença da esposa fazia parte das obrigações conjugais. Em contrapartida, *A irmã, Verinha, de 17 anos, muito bonitinha e viva, vivia dizendo: – Se eu fosse você entrava logo na faca e liquidava o assunto!* (RODRIGUES, 2006: 390).

Dagmar tinha medo de hospitais e de doenças – principalmente de úlcera. Um dia não foi mais possível impedir o internamento hospitalar: um exame radiológico constatou a úlcera. A cirurgia foi marcada.

*Naquela noite, quando marido e mulher fecharam a porta do quarto, ele, tirando a gravata e desabotoando a camisa, teve o desabafo:*

*– Foi bom assim, foi ótimo. Você faz logo essa operação e acaba com isso.*

*Dagmar que, diante do espelho, desprendia os brincos, sugeriu:*

*– Posso morrer, sim, por que não? Posso, até, ficar na mesa. Mas não interessa – e baixando a voz, debruçada no ombro do marido, com humildade: – Se eu morrer, você casa outra vez, casa?*

*– Não amola!*

*E ela, numa surda irritação que gradualmente a foi dominando:*

*– Você se casa, sim, que eu sei. Eu conheço os homens. E é natural. Mas só uma coisa eu quero de ti: que te cases com qualquer mulher, menos uma: Verinha. Com minha irmã, não, ouviste? Nunca!*

*E ele, pálido, o lábio trêmulo:*

*– Oh, Dag! (RODRIGUES, 2006: 391).*

A distância entre a culpa e a curiosidade é bastante flexível quando recebe a adição do proibido: *Sempre achei indecente o casamento de um viúvo com a irmã da mulher* (RODRIGUES, 2006: 391). As irmãs, que aparentam ser inseparáveis, como se a amizade fraterna fosse um elo inquebrável, mostram que, nas relações fraternas, freqüentemente os rancores não explícitos se manifestam com intensidade.<sup>441</sup>

<sup>440</sup> RODRIGUES, Nelson. *A úlcera*. In: \_\_\_\_\_. *A vida como ela é...* Rio de Janeiro: Agir, 2006. p. 388-393.

<sup>441</sup> Independente da discussão sobre a tentativa de impedir que a irmã possa obter com o seu marido os prazeres que ela mesma não conseguiu, caracterizando uma forma perversa de inveja, necessário se faz assinalar que o comportamento fraterno está demarcado pela divisão territorial: cada uma das partes administra o seu quinhão, possibilitando, ou não, o desfrute mútuo. O marido de Dagmar, tratado pela esposa enferma como se fosse um objeto



No dia da operação, Oliveira, o marido, resolve ficar em casa. Dagmar, antes de ir ao hospital, vaticina: *Tenho certeza que Verinha deseja a minha morte. Mas Deus é grande!* (RODRIGUES, 2006: 392).

*Oliveira ficou em casa, fumando um cigarro atrás do outro. Ao seu lado, Verinha. E uma coisa não lhe saía da cabeça: o pedido estranho e fúnebre que lhe fizera a esposa. E esse pedido era tanto mais estranho quando as duas irmãs tinham, uma recíproca atração. Na expectativa de uma notícia e saturado dessa espera, ele se afundou na poltrona, fechou os olhos. E, de repente, sentiu que uma mão pousava na sua. Abriu os olhos: era, e só podia ser, Verinha. Ele não se mexeu, deixou, até, de respirar. Olharam-se apenas, como pessoas que se vêem pela primeira vez* (RODRIGUES, 2006: 392).

O que poderia ser um momento decisivo na vida de Oliveira e Verinha foi interrompido pelo telefone – notícias da cirurgia. O esposo e a cunhada vão para o hospital. Oliveira, ao conversar com o médico, recebe a trágica notícia: Dagmar está com câncer.

Sem entender as razões de tamanho castigo divino, Oliveira se desesperou. Dagmar, acreditando estar em processo de cura, quer recuperar o que momentaneamente havia deixado de lado: – *Quer dizer que agora eu vou poder comer de tudo?* (RODRIGUES, 2006: 392). O médico dissimula e diz: “*Mais tarde, mais tarde* (RODRIGUES, 2006: 393).

*Certa noite, em que Oliveira e Verinha tomavam conta da moribunda, esta passou pior. Febril e sem ver as duas testemunhas do seu delírio, Dagmar chamava a irmã de “indecente”, de “cínica”. Debatia-se, gritando: “Tu casa com qualquer uma... Menos com essa desgraçada”. Oliveira, de lado, apavorado, pedia a Deus que a fizesse calar. Quanto à Verinha, ouvia só, com o rosto impassível, inescrutável. Parecia saturar-se do ódio da outra* (RODRIGUES, 2006: 393).

(Verinha) *Parecia saturar-se do ódio da outra*, expressa o narrador, fazendo referência a sentimentos pouco claros, a ressentimentos que deveriam estar soterrados. O desfecho não poderia ser diferente:

*E quando, enfim, Dag emudeceu, talvez para sempre, Verinha, que estava do outro lado da cama, fez a volta, em passos lentos e firmes. Diante do cunhado, curvou-se rápida; imobilizou o seu rosto entre as mãos e o beijou longamente na boca. Depois, voltou para o seu lugar, sentou-se e pôs-se a rezar. A irmã morreu ao amanhecer* (RODRIGUES, 2006: 393).

---

de consumo, configura uma interdição ao desejo de Verinha: o pedido de Dagmar encontra justificação no direito capitalista da posse.

Somente a morte – quando os direitos de propriedade cessam – é que permite que os sentimentos aflorem. Dagmar, ao morrer, liberta a irmã e o marido, esvanecendo o interdito, o pecado e a posse exclusiva.

#### 4.7.5 – Diabólica, de Nelson Rodrigues.<sup>442</sup>

Muitas vezes o ódio fraterno feminino se apresenta em bruto, na fórmula mais explícita – e isso significa dizer: como uma manifestação agressiva irracional.

Na cena inicial de *Diabólica*, Dagmar<sup>443</sup> e Geraldo estão conversando:

– *Está vendo a minha irmã?*

*E Geraldo, baixo e doce:*

– *Por que?*

*Dagmar vacila. Finalmente, tomando coragem, indica com o olhar:*

– *Está vendo minha irmã?*

– *Estou.*

*Durante alguns momentos, olharam, em silêncio, a pequena Alicinha, de 13 anos, que, na ocasião, apanhava uma flor, no jarro, para dar não sei a quem. Dagmar pergunta: “Bonita, não é?” Geraldo concorda: “Linda!” Então, pousando a mão no braço do noivo, a pequena continua:*

– *Por enquanto, Alicinha é criança. Mas daqui a um ano, dois, vai ser uma mulher e tanto.*

– *Um espetáculo!*

*Sorriu, triste:*

– *Um espetáculo, sim! – Pausa e, súbito, tem uma sinceridade heróica: Há de ser mais bonita do que eu.*

*Geraldo interrompeu:*

– *Protesto!*

*Foi quase grosseira:*

– *Não me põe máscara, não! Eu tenho espelho, ouviu?! Agora, que eu sou tua noiva, quero te dizer o seguinte.*

– *Fala.*

*E ela:*

– *Você é homem e eu sei que esse negócio de homem fiel é bobagem. Mas toma nota: se você tiver que me trair, que não seja nem com vizinha, nem com amiga, nem com parente. Você percebeu?*

*Surpreso e divertido, exclama:*

– *Você é de morte, hein? (RODRIGUES, 2006: 425-426).*

<sup>442</sup> RODRIGUES, Nelson. *Diabólica*. In: \_\_\_\_\_. *A vida como ela é...* Rio de Janeiro: Agir, 2006. p. 424-429.

<sup>443</sup> O nome da protagonista desta narrativa, Dagmar, é idêntico ao da protagonista de *A úlcera*. As diversas semelhanças entre cada uma das histórias (que diferem no desfecho) podem ser consequência do fato de que todas as narrativas que constituem o conjunto denominado *A vida como ela é* terem sido publicadas, originalmente, em uma coluna de crônicas de jornal. Então, há a possibilidade de que essa coincidência não seja proposital ou esteja ligada a algum propósito não declarado na tessitura narrativa – cada uma das versões da narrativa derivaria do desenvolvimento do tema básico: em uma, a amante vence; na outra, perde. Segundo Fernando Marques, essas experiências obsessivas com variações sobre um mesmo tema marcariam, para além de uma característica básica de sua obra, um propósito maior: *As histórias de “A vida como ela é...” influíram sobre o teatro do autor, redirecionando-o. Nelas, chegou a testar situações e personagens depois aproveitados nas peças (...)* (MARQUES, 2000: 47).

O tom de voz de Dagmar (*Foi quase grosseira*), fornecendo um aval para a infidelidade do futuro marido,<sup>444</sup> não deixa dúvidas: *que não seja nem com vizinha, nem com amiga, nem com parente*. No entanto, considerando que as palavras somente adquirem valor de referência a partir da cadeia de eventos em que estão inseridas, necessário se faz sublinhar a última parte do contrato tácito que os noivos estão “assinando”: *nem com parente*. Em outras palavras, há perdão para tudo, exceto para qualquer tipo de relacionamento com a irmã.

O que Dagmar ignora é que os atos preventivos costumam se transformar nas ações que deveriam conter:

*Havia entre as duas uma diferença de quatro anos; Dagmar tinha 17, Alicinha 13. Até então, Geraldo via a cunhada como uma menina irremediável. No fundo, talvez imaginasse que ela seria para sempre assim, criança, criança. A observação da noiva o apanhou desprevenido. Pouco depois, olhava, para Alicinha, com uma nova e dissimulada curiosidade. Sentiu que a mulher, ainda contida na menina, começava a desabrochar. Esta constatação o perturbou, deu-lhe uma espécie de vertigem (RODRIGUES, 2006: 426).*

A reação dos pais de Dagmar, quando ela lhes contou sobre a advertência que fizera ao noivo, foi a pior possível: *“Você pôs maldade onde não havia! Despertou a idéia do seu noivo!* (RODRIGUES, 2006: 427).

O pai, escorado nos tradicionais valores do moralismo familiar, fez questão de ressaltar:

*– E agora com que cara o teu noivo vai olhar pra tua irmã? Vocês, mulheres, enchem! E, além disso, parta do seguinte princípio: uma irmã está acima de qualquer suspeita! Família é família, ora, bolas! (RODRIGUES, 2006: 427).*

Dagmar, em defesa daquilo que não considera uma hipótese remota, mas uma ameaça bastante próxima, declara: *Meu pai, gosto muito de Alicinha. É uma pequena ótima, formidável e outros bichos. Mas intimidade de irmã bonita com cunhado não! Nunca!* (RODRIGUES, 2006: 427).

---

<sup>444</sup> Implodir com os valores burgueses – que ressaltam a importância das aparências – constituem um dos principais temas de Nelson Rodrigues. Ciente de que o marido lhe será infiel, mais cedo ou mais tarde, Dagmar considera que a amante é um acessório (válvula de escape) da sexualidade do marido. E, por isso, por ser algo transitório, descartável, não estabelece uma ameaça ou um perigo “real” ao casamento: os homens são assim e cabe aceitar essa situação, desde que não ultrapassem certos limites – principalmente, a obediência a uma “cláusula pétrea”: a família deve ser preservada.

Diante dessa situação, como uma rachadura que aparece de repente em uma parede, a família de Dagmar e Alicinha entrou em polvorosa: até um psiquiatra foi consultado. Nada parecia resolver a questão. Nem mesmo declarações do noivo: – *Você não precisa ter medo de mulher nenhuma. Pra mim, não existe no mundo mulher mais bonita do que você. Palavra de honra!* (RODRIGUES, 2006: 427).

Diante de tamanho alvoroço, Alicinha se sentia no direito de ignorar tudo o que estava acontecendo ao seu redor.

*Tratava a irmã e o cunhado com a mesma naturalidade. E era tão sem maldade, tão inocente, que, certa vez, comprou um maio fabulosíssimo e apareceu com ele, na sala, diante de Dagmar e do Geraldo. Foi uma situação pânica. Por um momento, o embaixado cunhado não soube o que dizer, o que pensar. Empalidecera e... Girando como um modelo profissional, Alicinha perguntava:*

*– Que tal?*

*Por uma fração de segundo, Dagmar pensou em explodir. Mas convencera-se de que precisava reeducar-se; dominou o próprio impulso. Com um máximo de naturalidade, admitiu: “Bonito”. O atônito, o ofuscado, o desgovernado Geraldo, gemeu: “Infernal!” Mas quando deixou a casa da noiva, nesse dia, ia numa impressão profunda. Mais tarde, no bilhar, com uns amigos, fez o seguinte jogo de palavras:*

*– Não há mulher mais bonita que uma cunhada bonita!* (RODRIGUES, 2006: 428).

Para completar a aflição de Geraldo, *No dia seguinte, Alicinha passa por ele e pisca o olho: “Deixei de ser criança! Já não sou mais criança!”* (RODRIGUES, 2006: 428).

Diversas oportunidades se apresentam para atormentar Geraldo – e em todas a tentação se chama Alicinha:

*Mais dois ou três dias, e Alicinha vai procurá-lo no escritório. Senta-se a seu lado; diz: “Você tem medo de mim?” O pobre-diabo gaguejou: “Por que?” E ela, com um olhar intenso, não de criança, mas de mulher: “Tem, sim, tem!” Parece divertida. E, subitamente, séria, ergue-se e aproxima-se. Estavam no gabinete de Geraldo. Alicinha inclina-se, pede:*

*– Um beijo.*

*Lívido, obedeceu. Roçou, de leve, a face da pequena. Ela insistiu: “Isso não é beijo. Quero um beijo de verdade.” Geraldo levanta-se. Recua, apavorado como se aquela garota representasse uma ameaça hedionda. Numa espécie de soluço, diz: “Eu amo minha noiva! Amo tua irmã!” E ela, diante dele: “Só um!” Petrificado, deixou-se beijar uma vez, muitas vezes. E não podia compreender a determinação implacável de uma menina de 13 anos* (RODRIGUES, 2006: 428).

Incapaz de reagir diante do turbilhão, Geraldo ainda precisou ouvir uma ameaça:

*Antes de sair, ela diria: “Você é meu também!” E o ameaçou, segura de si e da própria maldade: “Vou te avisando: se começares com coisa, eu direi a todo mundo que houve o diabo entre nós!” Geraldo arriou na cadeira; uivou:*

*– Demônio! Demônio!* (RODRIGUES, 2006: 428).

Impotente, Geraldo tornou-se um escravo de Alicinha. Castrado, Geraldo percebe que perdeu a sua identidade de macho caçador. Como uma presa acuada, Geraldo percebeu que *era um fraco, um indefeso, um derrotado* (RODRIGUES, 2006: 429). Sem ânimo, passou a nutrir sentimentos contraditórios: *ao mesmo tempo que se sentia atraído, tinha-lhe ódio* (RODRIGUES, 2006: 429).

Como o pecado somente é considerado como quebra da Lei quando carrega dentro de si a noção de culpa, uma tarde, Geraldo entra em uma delegacia e, soluçando, confessa ter matado a cunhada. A reação de Dagmar é significativa:

(Dagmar) *Passara pelo lugar em que Alicinha fora assassinada; vira a irmã, de braços, com o cabo do punhal emergindo das costas. Então fora de si, correu para a Delegacia. E houve uma cena que ninguém pôde prever. Avançou, apanhou entre as mãos o rosto do noivo e o beijava, na boca, com loucura. Foi agarrada, arrastada. Debatia-se nos braços dos investigadores. Gritava:*  
– *Oh, graças! Graças!...* (RODRIGUES, 2006: 429).

Para Dagmar, a morte de Alicinha simboliza uma prova do amor. Para Geraldo, matar a cunhada caracteriza a superação emocional – ironicamente, é atrás das grades de uma prisão que ele se sente livre.

## 5. O MEIO-IRMÃO

*Medo: não de tua lâmina nem de teu revolver  
nem de tua manha nem de teu olhar.  
Medo de que sintas que sou culpado  
e culpados somos de pouca irmandade.  
Custa ser irmão,  
custa abandonar nossos privilégios  
e traçar a planta  
da justa igualdade.*

**Carlos Drummond de Andrade:** “*Favelário Nacional*”.

## 5.1 – O intruso

A sociedade grega antiga não era democrática. A população era dividida em diversos extratos sociais. Entre os cidadãos (que usufruíam de todos os privilégios inerentes aos gregos) e os escravos (que não possuíam direitos), um grupo intermediário se destacava: os *métoikos* (no original grego, *aqueles que mudam de casa*).

Os metecos eram os estrangeiros domiciliados nas Cidades-Estados (principalmente em Atenas)<sup>445</sup> e que aderiam à religião grega.<sup>446</sup>

Destituídos da condição de bárbaros (literalmente, aqueles que não integravam a sociedade grega, aqueles que nasceram fora dos limites geográficos da civilização grega), mas

---

<sup>445</sup> *Da massa bárbara se destacará o estrangeiro domiciliado na Grécia. Encontramos essa distinção entre estrangeiros estabelecidos e estrangeiros de passagem no início do segundo milênio, na Mesopotâmia, no império de Hamurabi: a classe social dos muskênu, os ‘mesquinhos’, era composta por estrangeiros mais ou menos fixados e que possuíam certos direitos, enquanto que estrangeiros de passagem estavam desprovidos de qualquer um.*

*O meteco dos gregos entra em relação contratual com a cidade. De que maneira? Marie-Françoise Baslez o chama, com propriedade de homo economicus da cidade grega. por oposição ao homem político e guerreiro – que é o cidadão – e sem ser o que hoje chamamos de trabalhador imigrado, o meteco é “aquele que habita com”, “aquele que mudou de domicílio”. Ele paga uma taxa de moradia que equivale a uma jornada de trabalho por mês. Inferior ao cidadão, contudo, ele não é escravo, conforme dão a entender espíritos aristocráticos como Platão ou pseudo-Xenofonte. Artesãos, de preferência, mas também agricultores, os metecos são igualmente banqueiros, detentores de capital mobiliário, armadores. Em Atenas, alguns se tornam verdadeiros capitalistas (Lampis de Egina) ou ilustres intelectuais (Lísias, Iseu e, o mais célebre, Aristóteles). Como com os bárbaros, distinguem-se os bons (por exemplo, Kéfalo, o pai do orador Lisias, que “arma a resistência democrática com escudos” e em cuja morada Platão situa o seu diálogo A República), que, a rigor, podem obter a igualdade fiscal com os cidadãos, mas nunca a propriedade dos seus bens; e os maus (como Atenógenes, escroque, covarde e traidor, a serviço das mulheres e dos tiranos). Atenas fixa cada vez mais os encargos financeiros dos metecos. Desde 378, um imposto extraordinário de repartição onera os domiciliados em um sexto; eles participam, mas discriminadamente, dos pesados encargos honoríficos das liturgias. Em compensação, os metecos podem, somente de forma excepcional, tomar parte nas competições, nos coros e na defesa nacional (quando uma guerra se alonga muito ou se trata da “salvação do povo e de todos aqueles que vivem no país”). Em caso de usurpação da cidadania, o meteco é rebaixado ao grau de escravo. Platão (As Leis, 915 b) recomenda expulsar da cidade os metecos cujo capital atinge o dos proprietários exploradores. Entretanto, menos por reconhecimento do que para se mostrarem fiéis à mentalidade esbanjadora dos gregos, impunham-se como generosos benfeitores da cidade. Sem serem adeptos liberais da democracia ateniense – como pensaram, a partir de outros exemplos, alguns estrangeiros – os metecos se infiltravam, sem se integrarem, em todas as cidades que tinham necessidade de seu apoio econômico. Somente a xenelasia de Esparta, constituindo exceção à regra, rejeitava qualquer participação estrangeira. Definitivamente, percebe-se que a instituição dos metecos era concebida como uma medida política e demográfica conciliatória, evitando tanto o cosmopolitismo quanto a xenofobia (KRISTEVA, 1994: 59-60).*

<sup>446</sup> (...) estrangeiro é aquele que não tem acesso ao culto, a quem os deuses da cidade não protegem e que nem sequer tem o direito de invocá-los. Esses deuses nacionais, como só querem receber orações e oferendas do cidadão, repelem todo homem estrangeiro: a entrada do estrangeiro nos templos não é permitida e sua presença durante as cerimônias de um sacrifício era considerada sacrilégio (COULANGES, 1999: 135).



sem constituírem a população grega “legítima”, os metecos eram indivíduos que viviam uma condição sociopolítica imprecisa, híbrida e que precisavam equilibrar-se em fio muito tênue, sempre correndo o risco de caírem no chão ou de serem trespassados pela espada de um grego *xenóforo*.<sup>447</sup>

Contemporaneamente, as relações entre filhos de diferentes agrupamentos sexuais e familiares mostram-se similares à situação dos metecos. Com a permeabilização dos costumes, a fragmentação das estruturas sociais e a pulverização do afeto, o elemento unificador entre indivíduos que compartilham laços de sangue decorre da aceitação tácita de que a família adquiriu uma nova identidade.<sup>448</sup> A estrutura delimitada por figuras emblemáticas (pai, mãe, irmãos consangüíneos) abriu espaço para a convivência social com indivíduo(s) que não estava(m) relacionado(s) no contexto petrificado pelas relações sociais, jurídicas e religiosas. Ou seja, as famílias polinucleadas passam a constituir a regra e não mais a exceção.

Desafortunadamente, muitas dessas mudanças familiares esbarram em diversos elementos complicadores, principalmente os de ordem emocional, que geram sentimentos de difícil manejo como o ciúme, o egoísmo, a pertença, a identidade...

Para o filho “legítimo”,<sup>449</sup> a existência – e a aceitação – do meio-irmão, fruto de um outro relacionamento familiar, produz um curto-circuito psicológico de grande intensidade. A reação mais freqüente é tratar o “intruso” como indesejável. Visualizado como um usurpador, pois “rouba” o afeto e o patrimônio familiar, a presença física e psicológica do meio-irmão modifica uma situação “estável”. Ou seja, que, para uma das partes, já estava “resolvida”.

---

<sup>447</sup> **Xenofobia:** do grego *xénos*, estrangeiro, e *phobein*, odiar; ou *phóbos*, medo (SILVA, 2002: 469).

<sup>448</sup> João Carlos Petrini, escorado em pensamento sociológico, faz algumas considerações significativas sobre as mudanças ocorridas contemporaneamente com a família e a sexualidade: *O entrelaçamento de amor, sexualidade e fecundidade que, tradicionalmente, constituiu o núcleo do matrimônio e da família, nestas últimas décadas foi rompido, podendo-se viver a sexualidade sem a fecundidade, a sexualidade sem amor, a fecundidade sem sexualidade. Estes três elementos se distanciaram, cada um percorrendo um itinerário próprio, distinto dos outros, com conseqüências importantes. A dimensão lúdica parece esgotar o significado da sexualidade humana, que não encontra mais limites, podendo-se eliminar dela qualquer responsabilidade ou vínculo que estenda seus efeitos para além do momento em que se realiza como jogo.*

*De forma análoga, a procriação separada do exercício da sexualidade e do amor aproxima-se da atividade produtiva, segundo a lógica do mercado capitalista, incluindo a avaliação de custos e benefícios. Nesse ambiente, é fácil que o amor seja vivido como sentimento efêmero ou paixão, perdendo aquela riqueza de experiência e de humanidade, que a literatura mundial de todos os tempos documenta amplamente. As novas tecnologias de fecundação artificial, clonagem e manipulação genética apresentam novas questões, ainda em debate. Com efeito, parece próxima a possibilidade de procriar sem o exercício da sexualidade. A fecundidade desligada de uma relação de amor aparece agora como definida pela decisão individual e pelo acesso à tecnologia sofisticada* PETRINI, 2005: 41-42).

<sup>449</sup> Independente do livre arbítrio das partes envolvidas, cabe ressaltar que a legitimidade familiar (constituída pelo cônjuge, pelos filhos e pelas relações econômicas) está condicionada ao estatuto jurídico, que ratifica os direitos (sociais, legais e econômicos).

A presença pulsante do meio-irmão impele os acontecimentos em uma direção imprevista, impedindo que haja um retorno ao momento anterior – que, mesmo distante do ideal, representa uma ilusão confortadora. Por isso, a sua existência constitui uma imagem desarticulada da representação familiar: um ser híbrido, indeterminado, sem identidade, habitante de um não-lugar<sup>450</sup> e cuja origem será sempre questionada.

Mas a questão não está restrita apenas à representação da quebra de um agrupamento social que parecia impermeável a qualquer contágio com o que se encontra fora do domicílio familiar: como na Grécia antiga, todos os “estrangeiros” estão impedidos de freqüentar o templo: o meio-irmão raramente tem acesso à família do Outro, raramente permite acesso à sua família.

A angústia do indivíduo que se sente ameaçado pelo outro, pelo meio-irmão, não está em saber que as ligações de sangue (o pai comum, a substituta da mãe; a mãe comum, o substituto do pai) pedem complemento, simetria ou negação.

O ponto central dessa situação está localizado na condição de que nenhum meio-irmão vê no outro meio-irmão um elemento integrador: não há como recuperar a totalidade do que foi perdido no instante em que o pai e/ou a mãe decidiram constituir uma nova família ou ter relacionamentos sexuais extraconjugais. É esse sentimento de perda imprecisa, onde a ausência não pode ser quantificada ou qualificada, que produz a ruptura, a sensação de desconforto e a necessidade psicológica de reagir contra.

As lembranças produzidas pela imagem primeva (uma ou duas ou várias famílias desfeitas) se sobrepõem à possibilidade do exercício da amizade fraterna. E essas lembranças, metáforas da infelicidade, acenam inapelavelmente para a desagregação.

O meio-irmão, porque nunca está integrado ao projeto familiar inicial, é visualizado, em alguns casos, como um “falso irmão” ou então como uma espécie de ladrão do afeto familiar. E a situação se torna problemática no momento em que esse “estranho” se apresenta como uma intimidação potencial importante. O que o torna perigoso é a ameaça de que poderá, mais cedo ou mais tarde, se tornar um irmão “por inteiro” e, desta maneira, modificar o estatuto que aquele que se julga prejudicado imagina ser o agrupamento familiar.

A possibilidade concreta de, a médio e/ou a longo prazo, haver uma ruptura na ordem instaurada perturba a todos os envolvidos, possibilitando ações beligerantes. Nesse sentido, todos aqueles que se sentem ameaçados podem optar por combater imediatamente o meio-irmão,

---

<sup>450</sup> Entenda-se aqui que a expressão “não-lugar” está oposta ao espaço físico em que se movimenta a família, que é “o” lugar.

procurando evitar o risco de contaminar uma estrutura que, na visão deles, se apresenta (se apresentava como) sólida e exata.

Esse cenário, reprodução das disputas políticas que são travadas no núcleo familiar, revela uma ferida crucial: muitas das desavenças fraternas ambicionam o reconhecimento de uma identidade sem concorrência – que, por extensão, se alimenta da recusa em aceitar a existência do Outro.<sup>451</sup>

---

<sup>451</sup> No romance estadunidense *Vidas Amargas (A leste do Éden)*, as desavenças que permeiam o afeto (ou a ausência de) entre os meio-irmãos Adam e Charles (filhos de mães diferentes, mas criados juntos) decorrem da competição pelo amor paterno. Charles (um ano mais moço que Adam) utiliza-se da violência como um elemento determinante na sua busca insana pelo reconhecimento junto ao pai. No final adolescência, ele tenta eliminar Adam (ato que, se concretizado, provavelmente o afastaria ainda mais do pai) como uma forma de satisfação egótica, independente de sua correção ou coerência:

*Os dois rapazes foram andando pela estrada esburacada, mergulhada na escuridão. Podiam divisar à frente algumas luzes esparsas, onde ficava a aldeia.*

*– Quer ver se alguma coisa está acontecendo na estalagem? – perguntou Charles.*

*– Não era nisso que eu estava pensando.*

*– Então por que diabo resolveu sair de noite?*

*– Você não precisava me acompanhar.*

*Charles chegou mais perto do irmão.*

*– O que ele lhe disse esta tarde? Vi os dois andando juntos. O que ele disse?*

*– Falou apenas sobre o exército... como sempre.*

*– Não foi isso o que me pareceu – comentou Charles, desconfiado. – Vi-o se inclinar para você, do jeito que fala com os homens... não dizendo coisas, mas conversando.*

*– Ele estava apenas me dizendo coisas.*

*Adam falou pacientemente, fazendo um esforço para controlar a respiração, pois sentia que algum medo começava a lhe comprimir o estômago. Respirou tão fundo quanto podia, prendendo o ar nos pulmões para reprimir o medo.*

*– E o que ele disse?*

*– Falou do exército e como é ser um soldado.*

*– Não acredito. Acho que você não passa de um maldito mentiroso. O que está tentando esconder?*

*– Nada.*

*Charles disse, brutalmente:*

*– Sua mãe doida se afogou. Talvez tenha sido porque ela deu uma olhada em você. Isso seria suficiente.*

*Adam deixou escapar o ar suavemente, reprimindo o medo horrível. Permaneceu em silêncio.*

*– Está tentando afastá-lo de mim – gritou Charles. – Só não sei como pretende fazê-lo. O que pensa que está fazendo?*

*– Nada.*

*Charles pulou para a frente do irmão e Adam teve de parar, o peito quase encostado no outro. Adam recuou, mas cuidadosamente, como se recua diante de uma cobra.*

*– Está lembrando do aniversário dele? – gritou Charles. – Comprei um canivete fabricado na Alemanha... três lâminas e um saca-rolhas, cabo de madreperla. Onde está esse canivete? Já o viu usá-lo alguma vez? Ou ele deu para você? Nunca o vi sequer afiar as lâminas. Está com o canivete em seu bolso? O que ele fez com o canivete? Disse apenas “obrigado” e nada mais. e foi essa a última vez que ouvi falar de um canivete alemão de cabo de madreperla que me custou 12 centavos!*

*A voz estava impregnada de raiva e Adam sentia o medo insinuante. Mas sabia que ainda lhe restava um momento. Vira por muitas vezes a máquina destrutiva que arrasava tudo o que se interpunha em seu caminho. A raiva surgia primeiro, depois uma frieza extrema, como se fosse uma possessão, olhos neutros, um sorriso satisfeito, a voz se reduzindo a mero sussurro. Quando isso acontecia, a morte estava a caminho, mas uma morte fria, hábil, por mãos que operavam delicadamente, com precisão. Adam engoliu saliva para umedecer a garganta ressequida. Não podia pensar em nada para dizer, pois o irmão, dominado pela raiva, não prestava atenção a coisa alguma, nem sequer*

Em alguns momentos, um dos irmãos (significativamente, um integrante do bloco familiar “legítimo” e que, portanto, se opõe ao “invasor”<sup>452</sup> da exclusividade parental), independente do que o possa motivar (herança, raiva, inveja, despeito, represaria contra alguém,...), adotará

---

*ouvira. Ele assomava diante de Adam, mais baixo, mais largo, mais corpulento, mas ainda não meio agachado. À luz das estrelas, os lábios brilhavam de umidade. Mas ainda não havia sorriso, a voz continuava furiosa.*

*– O que fez no aniversário dele? Pensa que não sei? Gastou algum dinheiro? Levou para ele um filhote de vira-lata que encontrou no bosque. Você ri como um idiota e disse que daria um bom cão passarinho. O tal cachorro dorme no quarto dele. E ele fica afagando o bicho enquanto está lendo. Treinou o bicho. E onde está o canivete? “Obrigado”, disse ele, apenas “Obrigado”.*

*Charles falava agora aos sussurros, os ombros vergando. Adam deu um pulo desesperado para trás e levantou as mãos, a fim de proteger o rosto. O irmão avançou com precisão, cada pé plantado firmemente no chão. Um punho foi arremessado delicadamente para avaliar a distância e depois começou o castigo implacável... um soco na barriga e Adam baixou as mãos, depois quatro socos na cabeça. Adam sentiu que o osso e cartilagem do nariz se esmigalhavam. Tornou a levantar as mãos e Charles acertou em seu coração. Durante todo esse tempo, Adam olhava para o irmão com a expressão de um condenado irremediável e perplexo a fitar o carrasco.*

*Subitamente, para sua própria surpresa, Adam desferiu um golpe frenético, mas inofensivo, sem força nem direção. Charles esquivou-se e arremeteu para baixo para atingir o pescoço. Adam passou os braços em torno do corpo do irmão e agarrou-se a ele, chorando. Sentia os punhos vigorosos provocando náuseas em seu estômago, mas mesmo assim continuou a se agarrar a Charles. O tempo parecia estar mais lento. Com o corpo, sentiu o irmão deslocar-se para o lado, a fim de forçar suas pernas a se entreabrirem. E sentiu o joelho subir, passando por seus próprios joelhos, roçando as coxas, até se chocar contra seus testículos, provocando uma dor intensa que se espalhou por todo o corpo. Os braços largaram Charles. Ele se dobrou e vomitou, enquanto o castigo implacável continuava.*

*Adam sentia os socos nas têmporas, faces, olhos. Sentiu os lábios racharem e sangrarem por cima dos dentes, mas a pele parecia engrossada e dormente, como se estivesse envolta por uma camada de borracha. Atordoado, ele se perguntava por que as pernas não vergavam, por que não caía, por que a inconsciência não o invadia. Os socos continuavam, eternamente. Podia ouvir o irmão ofegando, com a respiração rápida e explosiva de um homem a manejar uma marreta. Na semi-escurecida sinistra podia divisar o irmão, através das lágrimas e do sangue que escorriam de seus olhos. Viu os olhos inocentes e neutros de Charles, o leve sorriso nos lábios úmidos. E no instante em que viu essas coisas houve um relâmpago de claridade ofuscante e depois a escuridão total.*

*Charles ficou parado por cima dele, arquejando como um cachorro extenuado. E depois ele se afastou e seguiu rapidamente para casa, massageando as mãos.*

*Adam recuperou os sentidos muito depressa, de maneira assustadora. A mente turbilhonava num nevoeiro doloroso. O corpo parecia muito pesado, latejando de tanta dor. Mas quase que no mesmo instante esqueceu a dor. Ouviu passos rápidos pela estrada. Foi dominado pelo medo instintivo e a fúria de um rato. Ergueu-se de joelhos e arrastou-se para a vala que drenava a estrada. Havia um palmo de água na vala, um mato alto crescia nos lados. Adam rastejou cuidadosamente para o fundo da vala, esforçando-se em não fazer qualquer barulho.*

*Os passos se aproximaram, ficaram mais devagar, afastaram-se para um lado, depois voltaram. De seu esconderijo, Adam podia ver apenas uma sombra escura na escuridão. E depois um fósforo foi riscado, uma pequena chama azul ardendo, até que a madeira pegou fogo, iluminando o rosto do irmão, grotescamente distorcido lá de baixo. Charles ergueu o fósforo e olhou ao redor. Adam pôde ver a machadinha que ele empunhava na mão direita.*

*Quando o fósforo se apagou, a noite ficou ainda mais escura do que antes. Charles afastou-se, lentamente, riscou outro fósforo, depois outro e mais outro. Vascularizou a estrada à procura de sinais. Acabou desistindo. A mão direita se levantou e a machadinha foi arremessada para o campo. Ele se encaminhou apressadamente para as luzes dispersas da aldeia (STEINBECK, 1990: 30-32).*

<sup>452</sup> Todo aquele que “quebra a ordem”, que rasga com a tradição, seja transfigurado no “anjo da anunciação”, seja em um dos “cavaleiros do apocalipse”, institui, no campo familiar, um novo conjunto de relações afetivas – essa situação, que rompe com a inércia instituída pelo bom comportamento e pelas barreiras sociais, usualmente resulta em conflito. Na história da literatura, muitos são os exemplos significativos desse tema, destacando-se o romance italiano *Teorema* (PASOLINI, 1984): a chegada de um “hóspede” subverte a estrutura familiar. Diversos desejos reprimidos afloram. Entre a entrega (no seu sentido mais amplo) e a redenção (como manifestação religiosa), é no rapaz, ou no que ele – como “estranho”, como libertador – representa, que todos os envolvidos encontram alguma alternativa para romper com as amarras comportamentais. Quando o rapaz vai embora, há destroços por todo lado, mas o inominável não mais pode ser considerado um sinônimo do medo.

medidas preventivas para evitar o reconhecimento da existência de novos laços sanguíneos – e impedir que o meio-irmão seja aceito como um integrante da família. Ou seja, como alguém que compete pelo alimento, pelo afeto e pela proteção familiar.

Em função dessa situação conflituosa, resulta incompleto o entendimento de que a paternidade em relações conjugais, extraconjugais ou esporádicas encontra solução na regularização jurídica: poucos pais estão atentos ao fato de que perfilhar o fruto de uma outra relação afetiva, seja filho legítimo, seja bastardo,<sup>453</sup> produz um curto-circuito emocional no ambiente intrafamiliar – que é o território em que as demandas mais significativas pelo afeto procuram algum alívio.

*(...) os pais que fundam uma nova família estão convencidos de que os filhos vão amar a pessoa por quem eles mesmo estão apaixonados e por quem romperam a primeira união. Sem contar que também pedem a si mesmos, como se isso fosse fácil, para amar da mesma maneira os filhos desse novo cônjuge, com os quais vive permanentemente, enquanto os seus próprios filhos só podem ser vistos por ele durante o tempo de visitas. A ilusão desses pais é enorme, e tenho que lhes revelar o que pensa, por exemplo, um filho separado de seu pai pelo divórcio: “Papai cria um menino da minha idade que ele vê todos os dias, mas a mim ele vê tão pouco, e eu teria que gostar desse garoto!” Tais situações criam inevitavelmente modelos de rivalidade (RUFO, 2003: 228).*

A imposição da fraternidade estabelece um argumento sólido para que os filhos construam algum tipo de escudo compensatório para o que julgam ser uma forma de abandono afetivo: é difícil aceitar que foram “trocados” por outro(s); é difícil, para o “novo” filho, entender que faz

---

<sup>453</sup> O adjetivo “bastardo” encontra a sua origem etimológica no grego *bassara*, *meretriz*, passando pelo francês *bâtard*, com o sentido de *filho ilegítimo*, como no português (SILVA, 2002: 59). Significativamente, o adjetivo “bastardo” praticamente desapareceu do vocabulário ofensivo brasileiro. Talvez esse fenômeno esteja vinculado com alguns “avanços” da moralidade burguesa masculina, que, desaparecidos os laços de indissociabilidade do casamento (... até que a morte nos separe...), incentiva uma vida sexual intensa para os homens e o celibato para “suas” mulheres (momento em que a vida sexual feminina fica restrita ao casamento). Aquele que espalhou a sua descendência em diversos relacionamentos afetivos – inclusive fora do casamento, porque a pulverização da afetividade vai de encontro aos anseios masculinos de promiscuidade – embora tenha transgredido significativa norma social, fez isso por uma boa causa: provou, principalmente para a comunidade masculina, a sua potência sexual. Na definição do *Dicionário brasileiro de insultos*, bastardo é: *Aquele que nasceu fora do matrimônio, consequência de alguma relação pouco ortodoxa do pai ou da mãe. Ilegítimo, degenerado. “O bastardinho quer a herança do pai”* (ARANHA, 2002: 51).

Como contraponto, cabe ressaltar que o mesmo dicionário, corroborando a interpretação acima (que enaltece a masculinidade e rebaixa o feminino), define “filho da puta” da seguinte maneira: *é o insulto mais usual da língua portuguesa, presente no cotidiano do brasileiro. É um clássico e serve para quase todas as situações. Usa-se para um presidente da República do qual se até discorda, até para o engraxate que suja a meia do cliente* (ARANHA, 2002: 154). O adjetivo sofre variação significativa com a expressão “filho da mãe”: *as pessoas mais finas que jamais chamariam alguém de filho da puta, num momento de fúria, contidamente, usariam o “da mãe”, ainda que, de maneira implícita, estivesse presente o “da puta”*. Mãe, no caso, é *eufemismo de puta* (ARANHA, 2002: 154). Entre o quase total desaparecimento do adjetivação negativa “bastardo” e a “democratização” do qualificativo “filho da puta”, uma amostra do comportamento contemporâneo de exclusão afetiva nas relações sexuais.

parte de “outra” família. Por isso, para o “bastardo”, ingressar em um novo agrupamento familiar exige um esforço suplementar emocional – o novo é sempre assustador, é sempre um indicador do medo. O mesmo sentimento se apresenta com os filhos “legítimos”, que utilizam do argumento do abandono emocional para justificar suas perdas pessoais.

E como poucos filhos estão preparados para enfrentar esse tipo de situação, superando seus impasses e suas novas formas de representação – que muitas vezes abalam com o que parecia adquirido (RUFO, 2003: 229) – a recomposição da fratria esbarra no compartilhar de elementos parciais, determinados pela história dos pais.

*Os adultos sempre acham que os filhos devem aceitar suas maneiras de pensar e suas posições; eles não vêem que os filhos estão em construção, e não em reconstrução do ponto de vista familiar, como eles (RUFO, 2003: 228).*

Diante dessa situação, na medida em que uma das partes se sente ameaçada, nada mais lhe resta senão desenvolver ações bélicas contra aquele(s) que representa(m) o perigo. Ao perceber que o inimigo avança suas tropas (pouco importa se imaginárias ou reais) pela espaço territorial que é o afeto familiar (pai, mãe, irmãos), cabe desenvolver estratégias que assegurem a manutenção da segurança. Urge impedir que a cidadela desprotegida seja invadida pelo bárbaro travestido de meteco, de meio-irmão. E muitas vezes esse propósito somente é possível através da violência.

Em outras palavras, a violência aparece, mais uma vez, como elemento constituinte de questões não-resolvidas na relação fraterna. Todas as ocasiões em que houver necessidade de escolha entre a civilização e a barbárie, o conflito entre irmãos (independente da extensão dos laços de sangue) usualmente se mostrará mais confortável ao lado da violência – que não precisa, necessariamente, ser a física (embora, essa modalidade seja a preferida para a resolução dos conflitos). Independente da gravidade da situação ou do que estiver em disputa, a possibilidade ordinária de solução pacífica para as demandas familiares está excluída, pois um dos lados – usualmente, ambos – exige a totalidade do objeto em disputa e não se satisfaz com menos.

Historicamente, o impasse social, causado pela existência do meio-irmão, apresentava-se como uma anomalia, pois as relações familiares (mesmo aquelas que, por alguma razão, estavam em ruínas) caracterizavam-se pela estabilidade e pela longevidade.

O “bastardo”, na modernidade, deixou de ser discriminado socialmente. Com o advento das famílias polinucleadas, a existência do meio-irmão (seja ele fruto da constituição de uma

nova família ou de um relacionamento circunstancial) tornou-se mais freqüente e menos traumática, apesar de ainda apresentar problemas de reconhecimento.

Por esse conjunto de razões, o meio-irmão é um exilado, um ser híbrido desprovido de territorialidade. Ciente de seu “não-lugar” na nova família, o meio-irmão é constantemente lembrado que não possui raízes históricas e culturais – e que não vai tê-las se não for aceito na nova fratria (o que é raro dentro dos agrupamentos familiares recompostos).

*O vínculo biológico entre crianças provoca reações fundamentalmente diferentes. Aceitar os filhos do padrasto ou da madrasta, com os quais não existe vínculo algum de sangue, é incontestavelmente mais fácil do que partilhar a vida com um ou vários filhos oriundos do mesmo pai ou da mesma mãe. As rivalidades com os “falsos irmãos” não se comparam àquelas que opõem os meio-irmãos! (RUFO, 2003: 236).*

Somente no momento em que os dois agrupamentos se unificarem, aceitando e convivendo com suas diferenças, será possível compreender a totalidade emocional que envolve a família fragmentada em diversos núcleos afetivos. A fratria precisa ser recomposta, assim como o foi a vida dos pais.

## 5.2 – Herança, de Maria Rita Kehl.<sup>454</sup>

No início do conto, o protagonista (inominado) está no meio de um sonho ruim:

*Quando o ônibus sai da estrada ele acorda no mesmo sobressalto de todas as vezes: o motorista dormiu no volante, despencamos por um barranco dentro de um rio qualquer (KEHL, 2003: 131).*

É com essa metáfora quase banal que o enredo de *Herança* está edificado: a morte do motorista do ônibus<sup>455</sup> implica em desastre emocional. Simultaneamente, o narrador, que conta a história de uma forma objetiva e linear, típica de quem detém o conhecimento de todos os fatos, quer deixar claro para o leitor que acordar do pesadelo não é uma redenção; muito pelo contrário, é ter que encarar os destroços de uma vida que parecia seguir calma e tranqüila pela rodovia que liga “o” pai à felicidade.

A tristeza que está encoberta pela parte inicial da narrativa sai do nível subjetivo das entrelinhas e avança para a claridade proposta pelos afetos (ou pela falta deles) no momento em que o protagonista descobre que o seu pai não era o “grande” motorista que ele (o filho) imaginava ser: o pai era um homem comum, cheio de defeitos e que, ao volante do caminhão, viajava por pistas duplas, fazendo manobras perigosas, construindo uma rota particular, dessas que alguns indivíduos não gostam de dividir com as pessoas que dizem amar.

Quando o imaginário encontra o real (a morte efetiva, definitiva, do pai), o protagonista percebe que houve um acidente (uma espécie de fatalidade irremediável), um acidente de beira de estrada, com perda total para todos os envolvidos: a existência de um irmão mais novo e até então desconhecido está revestida do valor simbólico de uma segunda morte para o Pai.

*Foi a mãe quem lhe contou, logo depois do enterro, ansiosa para se livrar finalmente de um segredo antigo, já azedado pelo tempo e pela raiva: meu filho, você tem um irmão. Em Cascavel, Paraná. Seu pai não me contou, foi a mãe da criança que descobriu nosso*

---

<sup>454</sup> KEHL, Maria Rita. *Herança*. In: GARCIA-ROZA, Livia. *Ficções fraternas*. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 131-135.

<sup>455</sup> Embora pareça uma interpretação “rasteira”, cabe relacionar o motorista do ônibus com “o” pai e, por extensão, com o pai do protagonista da narrativa. Essa tese encontra reforço na profissão do pai do protagonista: motorista (de caminhão).



*endereço e me escreveu. Amante antiga, das primeiras viagens dele. Pouco mais novo que você. Chamado Cesar (KEHL, 2003: 133).*

Em *Herança*, o tempo narrativo está quase todo concentrado nos acontecimentos anteriores ao encontro entre os irmãos: instante em que os dois estranhos precisarão inventar um parentesco, um passado, uma história comum que não só permita aos dois homens adultos suportar a violência daquela herança tardia (KEHL, 2003: 135), como também possa vislumbrar um futuro comum.<sup>456</sup>

---

<sup>456</sup> Particularmente interessante, como exemplo desse recomeço de uma “nova” vida em que filhos de diferentes relacionamentos confluem para a construção das “amarras” que constituem uma história comum, desvendando ligações de parentesco que até estavam dispersas, o romance russo *A verdadeira vida de Sebastião Knight*, escrito por Vladimir Nabokov, representa uma elegia póstuma ao meio-irmão morto. Assim como nos romances ingleses “*O dom de Gabriel*”, de Hanif Kureish (2002), e “*A casa de encontros*”, de Martin Amis (2007), bem como na trilogia policial brasileira de Tony Bellotto (*Bellini e a esfinge*, 1995; *Bellini e o demônio*, 1997; *Bellini e os espíritos*, 2005), a presença do irmão morto aflige de tal modo aquele que “sobreviveu” que não lhe resta nenhuma opção exceto reverenciar a memória do morto através de um texto que, longe de ser um ajuste de contas, é uma forma de declarar a admiração que não foi verbalizada enquanto o irmão estava vivo.

O propósito narrativo de *A verdadeira vida de Sebastião Knight*, encontra a sua síntese nas palavras de Michel Schneider: *Os mortos são sempre pessoas desconhecidas. As pessoas dizem “até logo” acreditando que vão se reencontrar, mas não se revêem. Ele mudou, eu mudei; ninguém é a pessoa que se busca* (SCHNEIDER, 2005: 279). O narrador de *A verdadeira vida de Sebastião Knight*, identificado como V, reconstrói parte da vida de seu meio-irmão (*Tinhamos o mesmo pai: ele tornara a casar, logo após ter-se divorciado da mãe de Sebastião* [NABOKOV, 1981: 2]), que morreu algum tempo depois de escrever uma obra-prima, o romance *O asfodelo duvidoso*. Ao investigar a forma com que o meio-irmão maneja a carpintaria literária, matéria-prima que entrelaça e confunde o real e a ficção, V também investiga a essência do relacionamento que o unia com o meio-irmão e estruturava a sua família. Michel Schneider, relacionando a morte de Nabokov com o desfecho de *A verdadeira vida de Sebastião Knight* anota que: *Um escritor que morre é um homem que se torna livre. O leitor não saberá quem é o homem que morre e onde está erguido, ou flutua, seu leito de morte, e até mesmo se é um leito. É mais fácil escrever e pensar sobre o sentido de uma morte? A morte de alguém é como uma viagem. Acompanhamos quem parte até a plataforma; agitam-se os lenços e lágrimas furtivas desaparecem dentro deles. Separação e dor para os que ficam: imagens e palavras filmadas pela câmera das lembranças. Mas a mirada oposta, a plataforma que se distancia, o lado das coisas que o viajante leva no fundo dos olhos nem ele nem nós veremos, jamais conheceremos isso. “Os mortos têm pressa”, dizia Alexandre Dumas constatando as ausências nas fileiras de amigos literatos. Têm pressa, mas nunca chegam. Escritor ou não, o homem é um nó. E a ilusão das última verba é que o nó irá se desatar. Sim, só que no vazio, em um silêncio para sempre desatado. É a moral da história* (SCHNEIDER, 2005: 283).

Utilizando-se do formato romance dentro do romance, que parodia vegetais em que o cerne somente se revela depois que são removidas inúmeras folhas protetoras, *A verdadeira vida de Sebastião Knight* comprova que todo o esforço para localizar uma explicação para as ações humanas apenas ratifica o que era sabido anteriormente: *E, assim, afinal de contas, não vi Sebastião – ou, pelo menos, não o vi vivo. Mas aqueles poucos minutos, que passei ouvindo o que julguei ser a sua respiração, mudou tão completamente a minha vida como ela teria mudado se Sebastião tivesse falado comigo antes de morrer. Qualquer que pudesse ter sido o seu segredo, eu também aprendi um outro, isto é, que qualquer alma pode ser nossa, se descobrirmos e seguirmos suas ondulações. O além talvez não seja senão a plena habilidade de se viver conscientemente numa determinada alma, em qualquer número de almas, todas elas inconscientes de seu fardo intermutável. Assim... eu sou Sebastião Knight. Sinto-me como se o estivesse personificado num palco iluminado, com as pessoas que ele conheceu a entrar e a sair de cena – as figuras vagas dos poucos amigos que ele tinha, o erudito e o poeta, e o pintor, a prestar-lhe suave e silenciosamente o seu gracioso tributo... E aí está Goodman, o bufão de pé chato, com seu peitilho falso a sair fora do colete; e, acolá, está o pálido resplendor da cabeça inclinada de Clare, ao afastar-se, a chorar, conduzida por uma donzela amiga. movem-se em torno de mim... em torno de mim, que estou representando o papel de Sebastião – e o velho prestidigitador aguarda a sua vez nos bastidores, com a sua lebre oculta; e Nina acha-se sentada a uma mesa no*

Enquanto o ônibus avança pela estrada, focalizando apenas um dos lados do conflito, percebe-se que a narrativa foi construída na contramão: é o filho “legítimo”, é o primogênito, que migra para o não-lugar em que reside o meio-irmão. Ao deixar o território familiar, e se deslocar de uma posição segura para uma região que pode lhe ser hostil, o protagonista mostra que está preocupado em entender o desenraizamento.

*Pensa, com uma espécie de espanto, que a cidade para onde está indo também não existia para ele até um ano atrás, nem no mapa. Os moradores também não existiam. Um ano atrás ainda existia o pai, o caminhar do pai, as longas viagens do pai pelo país afora (KEHL, 2003: 132).*

Amparado pela necessidade de não ter os seus sentimentos invalidados pelo tédio ou pelo ódio, o protagonista quer encontrar no rosto do irmão desconhecido parte da história – igualmente desconhecida – do pai morto. Mesmo sabendo que essa atitude implica em perder uma parte de si mesmo (toda descoberta implica em mudança irreversível), viaja, de ônibus, para a cidade onde mora o meio-irmão. Sua procura – e o encontro com o passado do pai – está parcialmente escorada nessa viga: quer compreender/conhecer (e da melhor forma que lhe for possível) o homem que muitas vezes chamou de pai. No entanto, antes que essa premissa se cumpra, precisa conhecer o meio-irmão, precisa reconhecer o irmão. Então, despido do medo que o aconselha a ignorar o “intruso”, mostra interesse na transposição das angústias imaginárias para o mundo concreto. Em lugar de fugir do encontro, dá o primeiro passo em direção à fraternidade. Depois, somente depois disso, é que ele poderá perdoar ou esquecer: *só que ainda não é hora de esquecer* (KEHL, 2003: 133).

Por isso, o protagonista não poupa energias para cruzar o abismo da incomunicabilidade e superar as urgências das subjetividades. A rememoração, a ansiedade e o medo (*Calcula com alívio que nenhum desses caipiras cansados poderia ser seu irmão* [KEHL, 2003: 134]) precedem, antes de qualquer agressão ou afeto, o encontro com o meio-irmão. Quer vê-lo pelo menos uma vez, confirmar suspeitas, diminuir a fúria ou externar o amor fraterno: *precisava encontrar o irmão, pelo menos uma vez. Havia uma certa herança, uma bobagem, e ele, o mais*

---

*canto mais iluminado do palco, diante de um copo de água fucsina, debaixo de uma palmeira pintada. E então, a pantomina chega ao fim. Enquanto as luzes se dissipam suavemente, o ponto, um homem calvo, fecha o seu livro. Fim, fim. Todos eles voltam para as suas vidas cotidianas (Clare volta para o seu túmulo) – mas o herói continua, pois, por mais que tente, não consigo sair de meu papel: a máscara de Sebastião cola-se-me ao rosto, a semelhança não se dissipará. Sou Sebastião, ou Sebastião não é outro senão eu, ou, talvez, somos alguém que nenhum de nós conhece (NABOKOV, 1981: 148).*

velho... (KEHL, 2003: 133). É por isso que desembarca na rodoviária de uma cidade interiorana do Paraná:

*Nesse momento ele vê confusamente, no meio das pessoas, saindo das mangas de um paletó barato, as mãos do pai. Sente um soco na barriga, antes mesmo de decifrar a visão das mãos grosseiras, de dedos largos e curtos. As mãos de seu pai: um pouco machucadas em volta das unhas, o encardido de graxa permanente de tanto mexer no motor do caminhão. E essas mãos aqui, no que trabalham? Onde se feriram? Demora alguns segundos para tomar coragem e subir com os olhos até o rosto de César, até os olhos do estranho que também acabam de encontrar os seus. Os dois se encaram com a mesma mistura de enternecimento e ódio, o mesmo espanto, a mesma recusa impotente e já resignada a aceitar a idéia de que o outro existe, desde sempre existiu. O reconhecimento dura alguns segundos (KEHL, 2003: 134-135).*

Somente após esse ritual de avaliação de forças e de aceitação mútua de uma história comum, é que os irmãos (principalmente o filho “legítimo”) aceitam estabelecer um parâmetro afetivo preliminar:

*Agora vai começar a história oficial. Um curto aceno educado com a cabeça, depois o aperto de mãos – as mãos grossas de César apertando as dele –, o embarço, o convite para um café no bar da rodoviária (KEHL, 2003: 135).*

Para o filho “legítimo”, aceitar o meio-irmão, integrando-o como se fosse um irmão “por inteiro”, tem valor emocional igual a um reatamento com o pai. Ao apertar a mão de Cesar, o protagonista perdoa a dupla traição do pai (constituir uma segunda família e, quase ao mesmo tempo, dividir o amor paterno com um Outro).

Cesar, ao apertar a mão do irmão, encontra reconhecimento e aceitação – que embora não constituam a integralidade das aspirações de um irmão que quer ser legitimado como integrante da família, no mínimo acenam para que a relação fraterna possa prosperar.

### 5.3 – Mongólia, de Bernardo Carvalho.<sup>457</sup>

O tema do encontro/desencontro fraterno recebe um tratamento bastante sutil – e inusitado – no romance *Mongólia*.

A carpintaria literária utilizada em *Mongólia* deságua em uma narrativa complexa, que utiliza diversos níveis do discurso literário (relato de viagens?, diário pessoal?, ficção?). Evitando o domínio de uma voz unilateral (característica do narrador não-confiável), o romance está edificado em três relatos (Embaixador, Vice-Cônsul e rapaz): é através do relato escrito<sup>458</sup> desses três personagens (que travam um diálogo entre si, embora sustentem visões segmentadas<sup>459</sup>) que o a história por detrás da história adquire visibilidade: decompostos alguns mecanismos de camuflagem, essa tessitura, fruto do entrecruzamento de recordações que não encontram um território físico onde possam se situar com segurança, termina em fratria.

A embaixada do Brasil na China recebe ordens de encontrar um brasileiro que está perdido no interior da Mongólia. O Embaixador interino<sup>460</sup> convoca o Vice-Cônsul de Xangai

---

<sup>457</sup> CARVALHO, Bernardo. *Mongólia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

<sup>458</sup> *Mongólia* está estruturado em um nível de complexidade muito significativa: *Para não fazer relato unilateral, unívoco, sem gradação, [Bernardo Carvalho] divide o romance em três pontos de vista, para dar conta das próprias contradições que devem ter batido em saraivada em sua mente. Comporta-se como Fernando Pessoa que, para extravasar a multiplicidade de visões que se confrangiam em sua mente, cria os famosos heterônimos. (...) As três vozes se trançam com outras e serão enriquecidas por digressões de ordem política, artística, religiosa, abrindo o flanco para histórias paralelas que são retomadas em outro enfoque, repetidas com outros detalhes e nisto Mongólia é coerente com a prosaica romanesca, na arquitetura representativa de dialetos sociais e gêneros intercalados enformando seu hibridismo. Dá cobertura ao conglomerado de discursos da sociedade que são examinados, sopesados, exumados muitas vezes sob a lente da ironia, no intuito de oferecer guarida a uma maior democracia de acolhimentos das línguas sociais, já que criticar os totalitarismos é uma das vertentes desta metralhadora giratória, lançando turbulências que se aliam a outras, na série inconclusa de tons e semitons a tornar a leitura verdadeira travessia por enigmas postos desde o início. E o final é apenas delineado, cabendo ao leitor o trabalho da concatenação lógica para o mosaico* (VENTURELLI, 2004: 3).

<sup>459</sup> Venturelli aborda esse aspecto da narrativa anotando que *E o diplomata é a voz motriz a conduzir o romance, ao organizá-lo, obviamente coloca nas páginas aquilo que lhe interessa e, ao desfazer já como ponto de partida a maneira do Ocidental pensar e agir, traz à tela seus ideologemas como chaves que pretendem fazer-nos desacreditar daqueles discursos irascíveis que marcarão sua jornada pelas regiões desoladas da Mongólia. Sem esquecermos que a toda hora o diplomata deixa de lado o relato de seu subordinado, assume a palavra, e traz os fatos segundo a sua ótica, sonogando-nos o contato direto com a palavra do Ocidental* (VENTURELLI, 2004: 3).

<sup>460</sup> O Embaixador titular precisou voltar para o Brasil, por motivos particulares. Foi substituído, no tempo da ação narrativa, pelo Cônsul em Pequim.

(também denominado na narrativa de Ocidental<sup>461</sup>) para realizar a missão. Algum tempo depois, o Vice-Cônsul pede para ser dispensado do encargo:

*No meio da tarde, ele foi à minha sala, com a expressão transtornada e o dossiê na mão. Eu estava ao telefone. Pedi que entrasse e sentasse. Ele estava nervoso. Não conseguia parar quieto. Achei que tinha acontecido alguma coisa terrível. Alguma coisa com a família no Brasil. Me preparei para o pior. Quando desliguei, ele me encarou e disse que não podia cumprir a missão, pedia desculpas, mas não estava em condições de ir à Mongólia. (...) O assunto era sério e excepcional. Ele não estava entendendo. Tentei ser paciente. Perguntei o que era, o que tinha mudado. Ele balançava a cabeça. Estava alterado. Disse que não era nada. Era ele. Não podia ir (CARVALHO, 2003: 15).*

O Embaixador interino confunde a rejeição com uma tentativa de quebra da autoridade e ordena o cumprimento da tarefa. Sem alternativa, mas com manifesta resistência, o Ocidental vai à Mongólia e, depois de intensa procura, encontra o brasileiro desaparecido (*Burru nomton*) e o traz de volta “à civilização” – em poucas palavras essa é a história que podemos ler em *Mongólia*, e que ocorre em um desses países exóticos do Oriente. Mas, atrás de qualquer história há uma outra história – a história que estava encoberta somente aparece nas últimas páginas do texto, fornecendo a chave explicativa para uma série de (inform)ações que até então pareciam pouco compromissadas com a tessitura da narrativa.<sup>462</sup>

*Perguntei ao diplomata quem era o homem do lado direito da viúva.  
“É o irmão mais moço dele”, respondeu.  
“Não sabia que ele tinha irmãos.”  
“Na verdade, é meio-irmão. Não eram filhos da mesma mãe.”  
Fiquei cismado, em silêncio. Na China, ele nunca tinha falado de irmão nenhum (CARVALHO, 2003: 183).*

Durante os funerais do Ocidental, alguns anos depois da expedição de resgate do brasileiro desconhecido, o Embaixador precisa rever a sua versão dos fatos, pois é surpreendido com uma série de revelações:

---

<sup>461</sup> É significativa a maneira com que os personagens são nomeados na narrativa. O Vice-Cônsul é chamado de “Ocidental” pelos nômades mongóis, que não conseguem pronunciar o seu nome (CARVALHO, 2003: 9). A forma com que o jovem desaparecido é denominado está relacionada com características pessoais. O motorista o apelida de “Burru nomton”: *aquele que não segue os costumes e não cumpre as regras, o que vocês chamam de desajustado no Ocidente* (CARVALHO, 2003: 61).

<sup>462</sup> *Mongólia* está estruturado em uma ordem hierárquica: o espaço ocupado pelas três vozes está diretamente relacionado com a importância de cada personagem no contexto objetivo da narrativa. O discurso do embaixador, que organiza a narrativa, prevalece sobre as outras vozes. Significativamente, as últimas páginas do romance alteram esse andamento. Na leitura de Venturelli: (...) *o final inesperado, quando o rapaz é encontrado e temos a revelação de sua real identidade, dilui em muito a corrosão do diplomata, dando mais peso e consistência ao que lemos no texto do vice-cônsul* (VENTURELLI, 2004: 3).

(...) o diplomata continuou a falar, espontaneamente: “Achei que você soubesse. Ele não conhecia o pai. E foi procurá-lo pela primeira vez quando tinha dezesseis anos, para lhe dizer que a mãe tinha morrido. A gente estudava no mesmo colégio. Acho que o pai e a mãe dele tiveram uma relação passageira, mais nada. Ele nunca o tinha visto. Mesmo assim, tomou coragem e foi procurá-lo quando a mãe morreu, porque já não tinha ninguém no mundo. E o pai não o recebeu, é claro. Botou ele para fora do escritório. Nunca mais se viram”.

(...) O diplomata prosseguiu: “justo no dia em que ele foi procurar pelo pai no escritório, o irmão menor, filho da mulher com quem o pai tinha casado, estava sentado numa poltrona, na sala de espera, ao lado da secretária. Era um menino de cinco anos, que estava desenhando e sorriu para ele quando o viu passar, escoraçado, sem entender que era o irmão mais velho, nem que estava sendo expulso do escritório pelo pai. Na verdade, só veio a saber que tinha um irmão mais velho há seis anos”.

(...) “Pensei que você soubesse. Achei que também estivesse em Pequim na época. Devo ter me confundido. Não estou no melhor dos meus dias. O fato é que, por uma coincidência espantosa, os dois irmãos só foram se encontrar vinte anos depois, na Mongólia, veja só. O mundo dá voltas” (CARVALHO, 2003: 184-185).

Para surpresa do Embaixador, o brasileiro desaparecido no interior da Mongólia reaparece ajudando a carregar o caixão do irmão morto. Nesse momento, seja para o Embaixador, seja para o leitor, fica claro que a resistência do Vice-Cônsul em ir procurar pelo desaparecido era também uma recusa em reencontrar com o próprio passado, que estava ressurgindo, de maneira intermitente, como um objeto que se desloca dezenas de vezes pelo perímetro de um círculo.

Nesse sentido, *Mongólia* propõe uma tese singular: estamos sempre querendo habitar um lugar ideal,<sup>463</sup> onde gostaríamos que fosse possível esconder os nossos medos. Mas, ironicamente, esse esconderijo – se existisse – não seria suficiente para negar a identidade e a identificação (que atuam no indivíduo como se fosse uma espécie de castigo de Sísifo<sup>464</sup>):

*Da janela, ao meu lado, Buruu nomton acompanha toda a cena em silêncio. Nossos olhares se cruzam e, pela primeira vez, ele sorri. Como na primeira e única vez que o vi antes desta viagem, quando ele tinha apenas cinco anos e não podia entender quem eu era nem o que estava fazendo ali* (CARVALHO, 2003: 181).

A história narrada em *Mongólia* acena na direção de uma desconstrução da parábola do filho pródigo. Ciente de que, no mito bíblico, a tolerância do pai se impõe ao rancor do irmão mais velho (que se sente traído pelo pai e pelo irmão), o *Ocidental*, em determinado momento, cercado pela imensidão geográfica que compõe a aridez do interior da Mongólia, sente que a sua

---

<sup>463</sup> Mongólia, Pasárgada, Atlântida, Shangri-la, Terra do Nunca – dentro do espelho literário, uma nova geografia. Migrar do “real” para uma outra dimensão ou mundo paralelo implica em trafegar em direção contrária ao princípio de que dois corpos não podem ocupar um mesmo espaço. Com uma outra lógica, o psiquismo humano – de acordo com determinadas necessidades (psicológicas, políticas, econômicas,...) – reparte o espaço em público e imaginário. Muitas vezes como consequência de uma estratégia de defesa contra o contexto opressivo, o ficcional transforma-se no território para onde as demandas reprimidas são transferidas. Nesse novo local, o indivíduo projeta o gozo, na medida em que, no plano mental, elimina o que oprime. A literatura é um dos suportes utilizados para “dar vida” a esse tipo de construção.

<sup>464</sup> Para informações sobre Sísifo, ver GRIMAL, 2000: 422-423.

relação com o meio-irmão não pode ser tratada como apenas mais uma reprodução banal do poder inscrito na figura paterna – ou em qualquer emblema da autoridade.

Por isso, depois de vencer todas as barreiras emocionais, o *Ocidental* aceita o fardo atávico (*tu estás sempre comigo, e tudo o que é meu é teu* [Lc., 15: 31]) que o destino e o desamparo impuseram aos seus ombros – por mais que tente, não consegue fugir da responsabilidade que sobrecarrega os seus ombros de irmão. É a possibilidade de ajuda fraterna que possibilita a aproximação entre os dois homens – é a ausência/presença do pai que os torna irmãos.<sup>465</sup>

---

<sup>465</sup> Interessante demonstração das sutilezas que envolvem as relações entre meio-irmãos está no romance inglês *Casa de Encontros* (AMIS, 2007). Um narrador inominado vai relatando para sua sobrinha, Vênus, o encontro, no final dos anos 40, em um campo de trabalhos forçados na Sibéria (Gulag), com o seu meio-irmão Liev Dmitrievitch. Unidos por uma mãe comum (quatro filhos – o narrador e Kitty, do primeiro casamento, os gêmeos Liev e Vadim, do segundo), mas com histórias diversas, os dois homens, em um ambiente hostil e perigoso, precisam inventar táticas de sobrevivência. O narrador, que combateu na Segunda Guerra Mundial, logo depois da guerra caiu em “desgraça”. Liev, ao contrário, é um menino frágil, um poeta, que foi atropelado pelas trapaças da política partidária (seu irmão, Vadim, ao contrário, é um “soldado do partido” – morreu espancado ao tentar suprimir greves e motins em Berlim Oriental, em 1953): *O primeiro dia de Liev (...). Aproximei-me dele por trás, no pátio. Liev estava sentado numa mureta de pedras no lugar onde antes ficava o poço, os joelhos bem juntos, os ombros inclinados para frente. Fazia carinhos em seus óculos quebrados e tentava acreditar em seus olhos. (...) Eu falei: Não se vire, Dmitriko. Nunca mais o chamaria desse modo. Não era ocasião para usar diminutivos. Nunca era ocasião... Um administrador de campo que permitisse que dois membros da mesma família pusessem os olhos um no outro, muito menos que se encontrassem e conversassem (muito menos que coabitassem, durante quase dez anos), seria castigado por leniência criminosa. Por outro lado, não precisávamos ser mestres do disfarce, eu creio, para evitar o desmascaramento. Éramos meio-irmãos com sobrenomes distintos e éramos radicalmente diferentes. Para ser breve. Meu pai, Válieri, era um cossaco (devidamente descossaquizado em 1920, quando eu tinha um ano). O pai de Liev, Dmitri, era um camponês próspero, ou kulak (devidamente deskulakizado em 1932, quando Liev tinha três anos). Os genes dos pais predominaram: eu tinha um metro e oitenta e dois, cabelo preto e espesso e feições direitas, ao passo que Liev... (AMIS, 2007: 32-33). O encontro dos dois meio-irmãos se prolonga através dos anos, mesmo depois que eles deixam a prisão. Liev, carregando as dores do mundo, não consegue superar suas dificuldades – ao contrário do narrador, que é um homem com poucos escrúpulos. Sempre protegendo o irmão – na medida do possível – o narrador vai contando uma história triste (como são as histórias russas). Além da ligação consanguínea, Liev e o narrador estão ligados pela atração que sentem por Zóia. Para surpresa de todos, a mulher escolhe casar com Liev, que é gago, míope, magricela, melancólico e inteligente – características que raramente são capazes de despertar a atenção de algumas mulheres: *Zóia não era um gosto adquirido. Seu rosto era original (mais turco do que judeu, o nariz apontando para baixo, não para frente, a boca inesperadamente larga, toda vez que ria ou chorava), mas a sua figura era banal – alta e larga, cintura de vespa. Todo homem estava condenado a receber sua mensagem* (AMIS, 2007: 41). Parte da proteção que o narrador oferece a Liev – que reflete, muitas vezes, uma compensação por eles serem integrantes de uma família fragmentada – é uma forma transversa de aproximação com Zóia. Mas, esse esforço, bem sucedido em relação ao irmão, mostra-se ineficiente em relação à cunhada, pois Zóia somente tem interesse em Liev – mesmo quando o abandona, em 1962, não é nos braços do narrador que vai encontrar abrigo. Depois que Zóia abandona Liev, ele se casa com Lídia (Artiom, o filho dessa união, morre na invasão russa ao Afeganistão, em novembro de 1982). Enquanto o narrador vai descrevendo as inúmeras reviravoltas da história russa e da própria história como empreendedor (alguma vezes, em áreas pouco éticas), também descreve a decadência de Liev, que vai perdendo as forças – depois de vários instantes de resistência, Liev desiste de tudo e mergulha no imobilismo. Sua morte, uma semana depois da morte do filho, coloca fim em uma vida repleta de infelicidade e fracassos. No entanto, mesmo nesse ambiente trágico, em que personagens autodestrutivos são uma constante, a dissolução das perdas, angústias e conflitos emerge na forma da reconciliação familiar. Um pouco antes de sua morte, em julho de 1982, Liev escreveu uma carta ao narrador, agradecendo a generosidade fraterna: *Desde que eu nasci, você foi o defensor dos meus direitos. O defensor dos meus defeitos. Você se erguia como um deus – você**

A viagem e o horizonte sem fim (que nega a existência dos oásis afetivos) produzem uma transformação significativa: o *Ocidental*, assim como o pai do filho pródigo, recupera – para si mesmo, para o coletivo familiar – o irmão mais novo.

Nesse sentido, a procura e o encontro são etapas de um instante maior, onde o primogênito – apesar dos precários laços de sangue – reconhece o caçula como um ser humano, como um irmão. A identidade familiar que os une está sustentada nas diversas forças que oprimem os dois irmãos e que, simultaneamente, os libertam.

*Em alguns segundos, ouvimos novos passos chapinhando na lama, e o homem passa de novo pela janela, sem se dar conta da nossa presença no interior da casa. Todos os olhos estão voltados para fora, e quando me viro, também vejo o seu vulto na soleira da porta. É uma sensação estranha. Não era o que eu esperava. Não era o que tinha imaginado. Não era assim que eu o via. Estou há dias sem me ver, há dias sem me olhar no espelho, e, de repente, é como se me visse sujo, magro, barbado, com o cabelo comprido, esfarrapado. Sou eu na porta, fora de mim. É o meu rosto em um outro corpo, que se assusta ao nos ver. (...) Temos algo em comum além da aparência, porque, como ele, também demoro a entender o que estou vendo. Mas, ao contrário de mim, ele não me reconhece. Reconhece apenas Purevbaatar. Não sabe quem eu sou, nem que vim buscá-lo (CARVALHO, 2003: 176).*

A recusa inicial, o mergulhar no interior da Mongólia, as muitas noites vagando pelo deserto e a procura são fragmentos de um aprendizado afetivo entre iguais – o gesto unilateral, solitário, do recusar estender a mão em direção do Outro é substituído pelo gesto civilizado, solidário, que é o estender da mão para que o Outro possa compreender que não está sozinho.<sup>466</sup> Ao mesmo tempo, como se fosse um bônus, junto com a mão estendida, o *Ocidental* oferece o amor fraterno – possibilitando um desses momentos raros em que a violência é destruída pelo afeto.

Depois de todas as angústias, de todos os percalços, o *Ocidental* compreende que a viagem pelo interior da Mongólia não foi um reencontro com o passado opressor (e que lhe é impossível esquecer). Foi uma reconciliação com tudo aquilo que está expresso na figura do irmão; isto é, com a ausência paterna e com a possibilidade de contrastar suas próprias posições com as do Outro (o irmão) e, conseqüentemente, com a história dolorosa em que estavam

---

*cruzava o oceano, enchia o céu inteiro. E ainda sinto isso. Ter você como irmão era ter cem irmãos. E assim há de ser sempre. Liev (AMIS, 2007: 228).*

<sup>466</sup> *A força que a amizade encerra torna-se inteiramente clara para o espírito se considerarmos o seguinte: em meio à infinita sociedade do gênero humano, que a própria natureza dispôs, um vínculo é contraído e cerrado tão intimamente que a afeição se acha unicamente condensada entre duas pessoas, ou raramente mais de duas (CÍCERO, 1999: 85).*



inscrites todas as suas perdas emocionais. “Velar por teu sono, por teus sonhos, pelos nossos sonhos”: talvez sejam essas as palavras que o *Ocidental* quase pronuncia.

*Purevbaatar e Bauaa ficam em um quarto. Eu e ele, em outro. Não consigo mais me separar dele. Está sob a minha responsabilidade. Tenho medo que alguma coisa aconteça. Não o deixo por um minuto. (...) Empresto-lhe as minhas roupas. Ofereço-lhe a minha bolsa de toalete, e ele mesmo toma a iniciativa de se barbear e aparar o cabelo. Continua sem dizer uma palavra. (...) Jantamos no hotel e nos deitamos cedo. Acordo no meio da noite com alguém esmurando a nossa porta. Olho para a cama ao lado e me acalmo ao vê-lo dormindo a sono solto, a despeito do barulho. Está exausto (CARVALHO, 2003: 179).*

A Mongólia (essa estranha metonímia da solidão humana) se desfaz, como um torrão de terra que se esfarela entre os vãos dos dedos que o apertam, no momento em que o *Ocidental* escreve a última frase do seu relato: *Estamos voltando para casa*<sup>467</sup> (CARVALHO, 2003: 181). É a perspectiva de obter compensações físicas e psicológicas, através de um território demarcado como seguro, que solidifica os laços de sangue que unem os meio-irmãos – e que lhes possibilita

---

<sup>467</sup> O mito do regresso à segurança familiar (que encontra na odisséia de Ulisses e no mito do filho pródigo os seus mais significativos protagonistas) possibilita interessante contraste: um dos capítulos de *Lavoura arcaica*, embora trate de situação diferente, também termina com uma frase semelhante. Como curiosidade, cabe acrescentar que idêntica incidência também pode ser encontrada no verso final da letra da música *Por enquanto*, composta por Renato Russo.

*Para variar, o avião é um Antonov, o indefectível turboélice russo, de quarenta lugares, que nos leva até Altai. Purevbaatar senta uma fila à nossa frente e dorme praticamente durante toda a viagem. Depois de decolarmos, como já não há risco de perdê-lo, aproveito para ir ao banheiro. Há cinzas de cigarro na pia. Provavelmente, o co-piloto ou a aeromoça estiveram fumando. Quando volto, ele continua em silêncio, olhando pela janela. Fazemos uma escala em Tosontsengel, no aimag de Zavkhan, a meio caminho de UB. Os mongóis vendem peixes na pista do aeroporto. São taimens, primos siberianos do salmão, peixes enormes de até cinquenta quilos, conhecidos como as “trutas gigantes da Ásia” ou os “reis dos rios mongóis”. Os passageiros aproveitam a escala para comprá-los e trazê-los em sacos plásticos para o avião. O cheiro é pestilencial. Faz um calor terrível na cabine. O primeiro passageiro a voltar da pista com seu peixe debaixo do braço vai raspando o saco furado pelos encostos das poltronas conforme avança para o seu lugar. Vai raspando a cabeça do peixe na cabeça dos passageiros que não desceram. Estamos sentados no fundo, eu no corredor, e quando o homem com o peixe entra no avião, sou a primeira vítima. Da janela, ao meu lado, Buruu nomton acompanha toda a cena em silêncio. Nossos olhares se cruzam e, pela primeira vez, ele sorri. Como na primeira e única vez que o vi antes dessa viagem, quando ele tinha apenas cinco anos e não podia entender quem eu era nem o que estava fazendo ali. **Estamos voltando para casa** (CARVALHO, 2003: 180-181). (grifo meu).*

*Desde minha fuga, era calando minha revolta (tinha contundência o meu silêncio! tinha textura a minha raiva!) que eu, a cada passo, me distanciava lá da fazenda, e se acaso distraído eu perguntasse “para onde estamos indo?” – não importava que eu, erguendo os olhos, alcançasse paisagens muito novas, quem sabe menos ásperas, não importava que eu, caminhando, me conduzisse para regiões cada vez mais afastadas, pois haveria de ouvir claramente de meus anseios um juízo rígido, era um cascalho, um osso rigoroso, desprovido de qualquer ubiquidade: **“estamos indo sempre para casa”** (NASSAR, 1982:30). (grifo meu).*

*Mudaram as estações e nada mudou / Mas eu sei que alguma coisa aconteceu / Está tudo assim tão diferente / Se lembra quando a gente chegou um dia a acreditar / Que tudo era pra sempre / Sem saber / Que o pra sempre, sempre acaba / Mas nada vai conseguir mudar o que ficou / Quando penso em alguém / Só penso em você / E aí então estamos bem / Mesmo com tantos motivos pra deixar tudo como está / E nem desistir, nem tentar / Agora tanto faz / **Estamos indo de volta pra casa** (Disponível em <http://letras.terra.com.br/renato-russo/243674/>). (grifo meu).*

entender e aceitar que estão ligados por uma identidade comum: *porque este teu irmão estava morto e tornou a viver, estava perdido e foi encontrado* (Lc., 15: 32).

Na história que une o *Ocidental* e *Buruu nomton*, marcas invisíveis travam um diálogo entre mundos desiguais – em algum momento a janela do desengano se fecha; em algum momento, a porta da fraternidade se abre para o reconhecimento:

*Na saída, antes de entrarmos no jipe, o Ogro segura o rapaz pela mão e lhe cheira o rosto, como um pai ao se despedir do filho. É um costume da região, sejam cazaques ou mongóis. Depois, para minha surpresa, me chama com a mão, me pede o rosto e também cheira minhas faces* (CARVALHO, 2003: 177).

### CAPÍTULO III

#### TRÊS ROMANCES, TRÊS HISTÓRIAS, TRÊS DESENCONTROS

*As aparências enganam  
Aos que odeiam e aos que amam  
Por que o amor e o ódio se irmanam  
Na fogueira das paixões.*

**Tunai:** “As aparências enganam”.

Conto isso só para mostrar que as pessoas, em toda parte, podem criar suas próprias armadilhas, suas próprias prisões. Nem sempre é necessária a orquestração do Estado.

**Martin Amis:** “Casa de encontros”.

Para que a tarefa de análise literária possa ser realizada com um mínimo de substância, necessário se faz construir a geografia de seu percurso. Ou melhor, urge delimitar o espaço físico e psicológico por onde personagens, narradores, leitores e críticos literários passarão, passearão pelos “bosques da ficção”, segundo expressão consagrada de Umberto Eco: *Há duas maneiras de percorrer um bosque. A primeira é experimentar um ou vários caminhos (...); a segunda é andar para ver como é o bosque e descobrir por que algumas trilhas são acessíveis e outras não* (ECO, 1994: 33).

Escolher um caminho, qualquer que seja esse caminho, qualquer que seja o bosque, implica em aceitar que essa aventura envolve o entrelaçamento do prazer com o perigo, como se fossem irmãos de sangue – a existência de um intimamente ligada com a existência do outro, apesar de seguirem em direções opostas.

Desvendar significados ocultos, percorrer um itinerário capaz de deslumbrar com novos aspectos da paisagem, encenar um roteiro que maneje a possibilidade, simultânea, de abrir compartimentos (caixas e cofres) e iluminar aposentos e cantos – a luz, através de portas e janelas, viola ações sigilosas e redime verdades –, o que a análise de um (ou de vários) texto(s), propõe (entre tantas possibilidades resultantes de uma escolha) é, pretensiosamente, revelar um percurso que atravesse a imensidão narrativa (ou parte desse continente) e aponte para alguma direção que seja (ou deveria ser) comum a todos os envolvidos no processo literário. Obviamente, isso não significa esclarecimento ou a garantia de consulta em um mapa completo sobre os perigos que espreitam aqueles que ousam desvendar os mistérios e os segredos que estão escondidos atrás de uma narrativa. Ou seja, no embate resultante do *chiaroscuro* produzido entre o aparente e a essência, entre o interior e o exterior, entre o imaginário e o real, a ação narrativa se desenvolve: a existência de um livro (de uma história, de um texto) está condicionada à participação exterior (autor, leitor, crítica).

Ultrapassar essa barreira e mergulhar no objeto de estudo implica em novos desafios. Por exemplo, no universo intrafamiliar, inúmeras são as abordagens possíveis. Um recorte possível: a fraternidade. Considerando que um estudo sobre os inúmeros aspectos desse recorte (diferenças de idade, diferenças de gênero, diferenças na estrutura familiar) implicam em extrapolar os limites

restritivos deste trabalho, um novo recorte se impõe. E assim, como se estivesse sobre a ação de um bisturi, o tema vai sendo reduzido até algo que esteja próximo da essência, um recorte no recorte, a extensão vai sendo minimizada, embora o contexto psicológico se amplie. Evidentemente esse processo implica em fabricar cicatrizes – fraturas que, ao deixar para trás a parte rejeitada, denunciarão a violência do método e a crueldade da vida (seja literária, seja “real”).

Dentre todas as ocorrências relacionadas com as relações fraternas, a gemelaridade destaca-se de forma particular. O jogo especular (em algumas de suas variantes mais significativas: duplo, sósia, representação, afirmação da identidade, usurpação da identidade, ciúme, inveja, cobiça, amor e ódio), em conjunto com a diluição das disputas advindas da progenitura (a igualdade etária elimina a verticalidade autoritária instituída pela ordem de nascimento), produz um cenário particularmente interessante para a análise.

Os romances *Esau e Jacó* (Machado de Assis),<sup>468</sup> *Pedro e Paula* (Helder Macedo)<sup>469</sup> e *Dois irmãos* (Milton Hatoum)<sup>470</sup> possuem diversas características em comum. Além de abordarem a hostilidade fraterna gemelar, em seus aspectos mais significativos, também travam, em diferentes níveis, um interessante diálogo entre si – e que é atualizado, na medida em que as relações intertextuais vão sendo desvendadas.

O conflito entre Pedro e Paulo Santos, no texto machadiano, além de ser uma das narrativas precursoras do tema na literatura de língua portuguesa, contamina os outros dois romances, como que a sua publicação, no distante ano de 1904, estivesse a exigir complementos ou versões. A indeterminação, ou melhor, a falta de resolução do conflito fraterno em *Esau e Jacó* constitui uma situação modelar, principalmente no que se refere à importância dos mecanismos de contenção (tarefa concretizada por Natividade, Flora e o conselheiro Aires). Nesses termos, a projeção simbólica do relacionamento fraturado entre os gêmeos – exceto em alguns episódios exemplares na infância, quando eles descobrem que a desavença é proveitosa – expõe irmãos muito comportados, que, nas situações mais agudas, optam por soluções que adiam o confronto. Em outras palavras, para poder continuar a arrecadar o lucro, fruto da economia afetiva, Pedro e Paulo se recusam a sujar as mãos com sangue. .

De certa forma, descontadas as inevitáveis exceções, a literatura portuguesa tem sido tratada no Brasil como um irmão bastardo, alguém de quem não se pode negar a existência, mas

---

<sup>468</sup> ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Esau e Jacó*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1990.

<sup>469</sup> MACEDO, Helder. *Pedro e Paula*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

<sup>470</sup> HATOUM, Milton. *Dois irmãos*. São Paulo: companhia das Letras, 2000.

que – para salvaguardar a integridade física das partes – sempre se preferiu manter razoável distância. Ao travar um diálogo muito amistoso com o texto machadiano, *Pedro e Paula* rompe com esse acordo tácito e flerta com a questão do reconhecimento familiar. Ou melhor, traça (mais) uma ponte imaginária entre o Brasil e Portugal, entre literaturas separadas pelo Oceano Atlântico. Ao mesmo tempo que estende uma mão para Machado de Assis, Helder Macedo aproveita a oportunidade para divergir frontalmente com a dissimulação – o enredo de *Pedro e Paula* rompe com comportamentos “educados”, “civilizados”, hipócritas. Acreditando que parte dos conflitos familiares envolvem tensões sexuais não-resolvidas, o romance português amplia a discussão iniciada por Machado de Assis, possibilitando um desfecho, uma ruptura que o escritor brasileiro não foi capaz de produzir.

Tendo como cenário a cidade de Manaus – que é também, no contexto da federação brasileira, uma metáfora da fraternidade exilada –, *Dois irmãos*, de Milton Hatoum, descreve os dois lados de uma guerra civil. Em um combate onde a necessidade de visualizar o inimigo vertendo sangue é imperativa, o relacionamento agressivo dos irmãos Yaqub e Omar rompe com a noção utópica de que a fraternidade precisa ser preservada como um símbolo da unidade familiar. Em oposição ao comedimento de *Esau e Jacó*, *Dois irmãos* destaca personagens que anseiam pelo destruição física do irmão, momento em que a barbárie se apresenta em seu estado natural – sem a necessidade de burlar os limites éticos ou morais

Paralelo ao conflito fraterno, os três romances estão situados em momentos históricos limítrofes. As questões políticas são visualizadas como elementos indissociáveis da ruptura que identifica o contexto narrativo. A queda do Império e a Proclamação da República (em *Esau e Jacó*), a revolução de 25 de abril de 1975 (em *Pedro e Paula*) e o golpe militar de 1º de abril de 1964 (em *Dois irmãos*) caracterizam a fragmentação social no Brasil e em Portugal. São famílias e irmãos que perdem as referências civilizatórias e mergulham na luta fratricida.

Ou seja, esses textos estão edificadas na noção de que existem dois espaços opostos. A interação entre o dentro (vida pessoal) e o fora (vida política) é realimentada por inúmeros pontos de contato, onde se destacam a violência pessoal (individualismo) em confronto com a violência social, a trajetória dos personagens e o desenrolar histórico. Nesse cenário de sangue o mundo político se apresenta como imagem especular da rivalidade fraterna, divisão entre aquele que possui poder e aquele a quem se exige submissão. Em um sentido mais amplo, mais próximo do

real, a dicotomia se apresenta literariamente como uma ruptura das barreiras relativas à acomodação familiar.

Outro fator divergente está no fato de que a predominância de triângulos amorosos não se verifica nos três romances. Em *Esau e Jacó*, Pedro e Paulo se declaram apaixonados por Flora – embora a moça não consiga se decidir por um deles. Em *Pedro e Paula*, o triângulo é escaleno, desigual: Pedro ama Paula, que ama Gabriel – que talvez seja pai de Pedro e Paula. Em *Dois irmãos*, o conflito fraterno não está mediado pela relação amorosa exclusiva.<sup>471</sup> Yaqub e Omar se detestam por razões diversas: poder, ciúme, ódio.

Desta forma, o percurso histórico – que inicia em 1904, com a publicação de *Esau e Jacó* – encontra no final do século XX um ponto de reflexão sobre a questão fraterna. As publicações de *Pedro e Paula*, em 1999, e *Dois irmãos*, em 2000, complementam um diálogo que parecia estar perdido. Ou, pelo menos, que estava em hibernação. Mas, ironicamente, os livros de Helder Macedo e Milton Hatoum não esgotam o assunto – muito pelo contrário, acrescentam uma nova série de problemas, de questões que merecem uma reflexão mais aprofundada.

O instinto fratricida, desde os primórdios civilizatórios, na Grécia antiga, costuma reiterar as mesmas queixas, os mesmos ressentimentos, a eterna dor de competir contra um adversário que se esconde nos sentimentos repetitivos que motivam a rivalidade. Infelizmente, não é possível ser bem sucedido quando o inimigo é visualizado na imagem refletida pela lâmina do espelho. E isso significa que há mais convergência emocional do que ódio entre Pedro e Paulo Santos, entre Pedro e Paula, entre Yaqub e Omar. Em alguns momentos, vítimas de uma lucidez que nunca é intencional, os irmãos percebem que destruir o inimigo é destruir a si mesmo (e é para esse desfecho que confluem os personagens de *Dois Irmão*). Ao mesmo tempo, qualquer instante de dúvida é um instante de fraqueza: a proximidade afetiva, o gravitar emocional também é motivo para afastar os irmãos.

Simultaneamente, há os fatores externos. Poucos estudiosos das relações familiares percebem que na modernidade capitalista, onde o sucesso se impõe como razão da existência humana, o êxito (que não precisa ser financeiro) de um dos irmãos sempre causa alguma espécie de desequilíbrio familiar. E esse momento de fratura da unidade gera ressentimento, ciúme, inveja, ódio e acirramento das rivalidades latentes (que estavam esperando um momento apropriado para aflorarem).

---

<sup>471</sup> Livia (que se torna esposa de Yaqub) é um dos motivos de desentendimento entre os irmãos. No entanto, a sua participação na trama não é decisiva para aclarar o conflito.

A tragédia fratricida muitas vezes resulta da disputa por mesquinharias – que, em dado momento, não foram distribuídas eqüitativamente por quem de direito. Enquanto essas questiúnculas não forem resolvidas, no plano concreto, a literatura sobre a fraternidade estará longe de se esgotar, pois continuará escorada na mesma rivalidade que separa de forma maniqueísta o bem do mal, um irmão de outro irmão.



## **ESAÚ E JACÓ**

*Não esqueçamos o que dizia um antigo, que “a guerra é a mãe de todas as cousas”.*

**Machado de Assis:** “Esaú e Jacó”.

*[como se] a coisa toda fosse estranhamente doméstica – como um irmão reclamando do outro.*

**Paula Fox:** “Desesperados”.

### a) Pedro e Paulo

Sob o signo das mitologias grega e cristã,<sup>472</sup> a história dos gêmeos<sup>473</sup> Pedro e Paulo,<sup>474</sup> filhos de Agostinho José dos Santos e Natividade,<sup>475</sup> nascidos no mesmo dia em que o primeiro imperador do Brasil, D. Pedro I, abdicou do trono, sete de abril de 1870, se desenvolve na direção das oposições fraternas.

Irreconciliáveis desde o ventre materno, Pedro e Paulo se defrontam com um problema crucial: eles são dois – jamais um. E isso significa que os irmãos estão atrelados a um jogo

---

<sup>472</sup> Para uma descrição bastante detalhada sobre o tema, ver o interessante ensaio de Eugênio Gomes *O testamento estético de Machado de Assis*. In: GOMES, 1958: 175- 215.

<sup>473</sup> *Natividade queria um filho, Santos uma filha, e cada um pleiteava a sua escolha com tão boas razões, que acabavam trocando de parecer. Então ela ficava com a filha, e vestia-lhe as melhores rendas e cambraias, enquanto ele enfiava uma beca no jovem advogado, dava-lhe um lugar no parlamento, outro no ministério. Também lhe ensinava a enriquecer depressa; e ajudá-lo-ia começando por uma caderneta na Caixa Econômica, desde o dia que nascesse até os vinte e um anos. Alguma vez, às noites, se estavam sós, Santos pegava de um lápis e desenhava a figura do filho, com bigodes, – ou então riscava uma menina vaporosa.*

– Deixa, Agostinho, disse-lhe a mulher uma noite; você sempre há de ser criança.

*E pouco depois, deu por si a desenhar de palavras a figura do filho ou filha, e ambos escolhiam a cor dos olhos, os cabelos, a tez, a estatura. Vês que também ela era criança. A maternidade tem dessas incoerências, a felicidade também, e por fim a esperança, que é a meninice do mundo.*

*A perfeição seria nascer um casal. Assim os desejos do pai e da mãe ficariam satisfeitos* (ASSIS, 1990: 20-21).

*Tudo esperavam, menos os dois gêmeos, e nem por ser o espanto grande, foi menor o amor. Entende-se isto sem ser preciso insistir, assim como se entende que a mãe desse aos dois filhos aquele pão inteiro e dividido do poeta; eu acrescento que o pai fazia a mesma cousa. Viveu os primeiros tempos a contemplar os meninos, a compará-los, a medi-los, a pesá-los. Tinham o mesmo peso e cresciam por igual medida. A mudança ia-se fazendo por um só teor. O rosto comprido, cabelos castanhos, dedos finos e tais que, cruzados os da mão direita de um com os da esquerda de outro, não se podia saber que eram de duas pessoas. Viriam a ter gênio diferente, mas por ora eram os mesmos estranhões. Começaram a sorrir no mesmo dia. O mesmo dia os viu batizar* (ASSIS, 1990: 21).

<sup>474</sup> *Antes do parto, tinham combinado de dar o nome do pai ou da mãe, segundo fosse o sexo da criança. Sendo um par de rapazes, e não havendo forma masculina do nome materno, não quis o pai que figurasse só o dele, e meteram-se a catar outros. A mãe propunha franceses e ingleses, conforme os romances que lia. Algumas novelas russas em moda sugeriram nomes eslavos. O pai aceitava uns e outros, mas consultava a terceiros, e não acertava uma opinião definitiva. Geralmente, os consultados trariam outro nome, que não era aceito em casa. Também veio a antiga onomástica lusitana, mas sem melhor fortuna. Um dia, estando Perpétua à missa, rezou o Credo, advertiu nas palavras: “... os santos apóstolos S. Pedro e S. Paulo”, e mal pôde acabar a oração. Tinha descoberto os nomes; eram simples e gêmeos. Os pais concordaram com ela e a pendência acabou* (ASSIS, 1990: 21-22).

<sup>475</sup> Gilberto Pinheiro Passos chama a atenção para a intertextualidade que liga o nome de alguns dos personagens de *Esau e Jacó*. Destaca alguns significados ocultos, principalmente os de cunho religioso: *Do mesmo modo que o nome Natividade lembra a figura da virgem (Nossa Senhora da Natividade, celebrada a 8 de setembro), o de seu marido e filhos tem a marca religiosa como base: Pedro e Paulo (de per si já sugestivos) são cognominados Esau e Jacó, e o sobrenome Santos reafirma a relação entre todos. Fazendo-se a inversão do nome do pai, temos Santo(s) Agostinho, o que reforça a constante religiosa. Acrescente-se a isto o nome do diplomata (José) e teremos mais um dado intertextual a distanciá-lo da consumação carnal com Natividade* (PASSOS, 1996: 85).

especular que oscila, de maneira pendular, entre simetrias e oposições.<sup>476</sup> Ou seja, em *Esaú e Jacó*, a complementariedade fraterna está condicionada ao antagonismo: quanto maior for o grau de animosidade ou de afastamento afetivo mais os irmãos se assemelham e se completam; nos momentos de calma eles se mostram diferentes, como se alguma coisa estivesse em falta.

Entretanto, o conflito entre os irmãos jamais se realiza como expressão absoluta da violência fraterna. Nenhuma das questões que são caras aos gêmeos (exceto Flora e a oposição entre o Império e a República) transcende a banalidade ou o superficial, pois *nenhum personagem tem papel preponderante nos acontecimentos da nação* (PASSOS, 1996: 17). Nos momentos mais dramáticos, quando a ruptura parece ser iminente – estando os antagonistas próximos da borda do abismo e sem outra alternativa além da agressão –, o que parecia ser o anúncio de um drama soçobra diante de alguma espécie indefinida de intervenção ou de “humour”, que talvez nem mesmo seja humour, e que se apresenta como filtro ou impedimento. A tragédia se transforma em anedota ou caso pitoresco.<sup>477</sup> A diluição do conflito resulta em sensaboria narrativa.

Simultaneamente, o narrador, tomado pela volúpia da incompletude, como que a querer que nada tenha definição, prolonga o seu relato através da dispersão.<sup>478</sup> Ou seja, o uso abusivo de

---

<sup>476</sup> Alfredo Bosi confirma esse pensamento, anotando que [o] *romance dos gêmeos* [é uma] *estranha história em que tudo é dobra ou cisão* (BOSI, 1999: 130).

<sup>477</sup> Gilberto Pinheiro Passos observa que *ninguém morre pela causa que abraça, além de se aclimatarem, cada um à sua maneira, aos novos tempos republicanos* (PASSOS, 1996: 67). O que deveria constituir conteúdo *trágico se minimiza e se molda à brasileira* (PASSOS, 1996: 67). De fato, a rivalidade fraterna é real, assim como também é real a forma com que essa rivalidade se apresenta aos demais personagens – e, por extensão, aos leitores –, mas como defende Manuel Cavalcanti Proença, *Machado de Assis nem sequer permite que o leitor dramatize e se emocione; serenamente conta, conta como leitor inteligente; e antes que o leitor penetre no clima perigoso do sentimento, ele intervém com uma ironia, obriga um sorriso* (PROENÇA, 1975: 129). Ou seja, existe um pouco de teatro (beirando a comédia mal feita) entremeando as atitudes agressivas dos irmãos. Educados na escola da dissimulação, onde a farsa assume o lugar do drama, os irmãos sabem que, independente das atitudes violentas que adotarem um contra o outro, existem vários amortecedores (Natividade, Aires, Flora) para diminuir o impacto entre o ato agressivo e o corpo que é atingido. Convictos que agem impunemente, os gêmeos testam limites, derrubam resistências e disseminam a intranquilidade – mas, antecipadamente, todas essas ações estão centradas em uma estratégia mútua: ao menor sinal de perigo, recuam – sabem que, muitas vezes, para poder avançar, necessário se faz recuar.

<sup>478</sup> Sobre essa estrutura narrativa, Massaud Moisés anota: *O romance tem ainda outros pontos altos, e resumem-se no fato de Machado de Assis ser, em Esaú e Jacó, mais escritor que romancista. Já sabemos que a obra, vista do lado do romance, deixa a desejar. Vista apenas do lado da prosa, significa algo muito importante em sua trajetória artística. Com efeito, a linguagem mostra-se no melhor de suas possibilidades, enxuta de qualquer excesso, simplificada ao máximo, a ponto de ganhar, aqui mais do que noutro romance, qualquer coisa de clássico, graças ao vigor e à naturalidade presentes. A história, que ocupa mais espaço que as obras anteriores, flui de modo já conhecido, mas aqui acrescida do fato de ser pouca ou nenhuma a trama dos acontecimentos, todos eles arrumados numa ordem que lhes tira o poder de atrair a atenção do leitor apenas pela intriga. E o leitor agarra a história e vai até o fim levado pelo escritor que recheia a narrativa de suas contínuas e peculiares reflexões, e pelo modo como o mesmo joga com os pormenores das situações. O estilo de quem não quer, agora, fazer mais estilo, e só narrar sua história, é das forças maiores da obra; bastaria esse aspecto para dar interesse ao romance. Nesse sentido, as citações, outro vez de seu caráter, assumem aqui uma postura diferente, aderem mais, justificam-se mais do que antes, pois acabam sendo o depuramento, pela memória, dum hábito de longa data. Tem-se a impressão de que o homem de letras, já no*

narrativas paralelas<sup>479</sup> indica uma estratégia de fuga, como se o escrever uma história significasse compromisso com a extensão e não com a intensidade. Nestes termos, em *Esau e Jacó*, diante da tragédia a farsa predomina.

O responsável por esse tipo particular de ordenamento narrativo é José da Costa Marcondes Aires, também conhecido como o conselheiro Aires,<sup>480</sup> cuja idade, no início do texto, é *de cerca de quarenta anos* (ASSIS, 1990: 27).

Aires ocupa na narrativa a múltipla função de narrador, personagem e narrador-personagem (referindo-se a si mesmo em terceira pessoa – o que evidencia um distanciamento pouco confiável).<sup>481</sup> Travestido de narrador, constrói o outro em si mesmo. Simultaneamente, através do ato narrativo, de forma panorâmica, englobando ações públicas e privadas, carrega um tempo

---

*ápice de sua carreira, está preocupado com escrever apenas voltado para dentro de si próprio: a obra resultante é um trecho de memórias jamais escritas, ou uma forma de debruçar-se na própria alma, onde as imagens literárias ocupavam importantíssimo espaço* (MOISÉS, 1966: 15-16).

<sup>479</sup> (...) a participação do autor se acusa de modo evidente, seja por intermitência, ou por procuração, isto é, o autor interrompe de quando em quando o fio objetivo da narrativa e fala diretamente ao leitor; o autor delega plenos poderes a uma personagem para representá-lo, e, metido na pele do Conselheiro Aires, consegue restabelecer um sistema de vasos comunicantes com o desafio subjetivo (MEYER, 1982: 357).

<sup>480</sup> O conselheiro José da Costa Marcondes Aires, diplomata por profissão, viúvo por força do destino, *Apesar dos quarenta anos, ou quarenta e dois, e talvez por isso mesmo, era um belo tipo de homem* (ASSIS, 1990: 27). *Gostava assaz de mulheres e ainda mais se eram bonitas. A questão para ele é que nem as queria à força, nem curava de as persuadir* (ASSIS, 1990: 27). *No rosto barbeado, destaque para o bigode. O cabelo, vagamente grisalho, apartado no centro. No início da cabeça havia um início de calva* (ASSIS, 1990: 27). *Carregando o sorriso aprovador, a fala branda e cautelosa, o ar de ocasião, a expressão adequada* (ASSIS, 1990: 27), Aires se torna conhecido por ser um especialista em evitar confrontos, em contornar as situações que exigem uma posição firme ou uma opinião definitiva: *ele usava sempre concordar com o interlocutor, não por desdém da pessoa, mas para não dissentir nem brigar* (ASSIS, 1990: 119). Qualquer embate exige de Aires uma força física e mental que ele não possui. Em *Esau e Jacó*, Aires personagem não diz tudo o que pensa, por “tédio à controvérsia”: *ouve mais do que fala e concilia o quanto pode* (BOSI, 1999: 130).

<sup>481</sup> A narrativa do romance *Esau e Jacó* se submete à visão de mundo do Conselheiro Aires. Os fatos falam através de seu ponto de vista. O seu discurso, que o narrador assume, passando a mero intermediário, é a *maquillage* da realidade da matéria narrada. No prefácio, o autor diz que encontrou entre os manuscritos de Aires, um diário – o Memorial – e uma narrativa com o título *Último*. Esta é que o autor aproveita, denominando-a *Esau e Jacó*. Temos, portanto, uma narrativa em 3ª pessoa, em que o “ele” é o “eu” do Conselheiro, para exprimir um conjunto de idéias e imagens por ele associadas, matéria vivida, que chega realmente a existir porque, no real pensado, passa a ser conscientizado na *durée* do velho diplomata aposentado.

Aires representa alguém que ironicamente possui a verdade, ou sobre ela reflete. É a sua posição ideológica que fundamenta a narrativa, reforçada pelo seu discurso direto como personagem. A narrativa se constrói com a palavra do narrador sobre a palavra de um personagem – a palavra de Aires, o seu sistema de valores, a sua atitude diante dos valores humanos, a sua consciência reflexiva (todo sistema de valores exige que a literatura o substitua). Aires é um personagem criado pelo narrador para servir de paradigma à sua própria criação. Ele é que esclarece os “como” e os “porquê” de situações e procedimentos dos personagens. Ele é que opina sobre a significação da matéria narrada, mesmo que não possa esclarecer todos os enigmas (RIEDEL, 1990: 5).

pretérito – e que teria sido preterido se José Maria Machado de Assis não o houvesse resgatado do esquecimento através da “publicação” de seus escritos.<sup>482</sup>

Com pretensões literárias,<sup>483</sup> o conselheiro Aires deixou, ao falecer, sete cadernos manuscritos. Esses cadernos eram compostos por notas autobiográficas, projetando, no seu devido tempo, as “Memórias póstumas do conselheiro Aires” – que são frustradas, porque outras póstumas memórias já haviam sido escritas e publicadas.

Na impossibilidade desse projeto “autobiográfico” se concretizar, Machado de Assis, na especial condição de “editor” do espólio literário do conselheiro Aires, desmembrou os cadernos em dois romances. O sétimo caderno, que trazia a inscrição *Último*, ganhou edição em 1904 sob o título de *Esaú e Jacó*.<sup>484</sup> Os seis primeiros cadernos foram publicados em 1908, com o título de *Memorial de Aires*.

A estrutura narrativa de *Esaú e Jacó* é fragmentada: a narrativa é composta por 121 capítulos, sendo que a ordem cronológica sofre pouca dispersão. Concentrada em diversos personagens (todos dispostos ao redor do conselheiro Aires), o romance se caracteriza pelos interstícios e elipses. Contrastando minúcias e omissões, *Esaú e Jacó* descreve com ironia e humor de fina extração<sup>485</sup> (não poupando o uso de metáforas, de pensamentos filosóficos, de citações

---

<sup>482</sup> O relato, que constitui *Esaú e Jacó*, somente vem à público após a “morte” do Conselheiro Aires. O romance está edificado sob o olhar e a vigilância de um escritor morto. Ou melhor, de “um aprendiz de morto”, segundo a clássica definição de José Paulo Paes. Em outras palavras, o romance está edificado no jogo dialético entre a transitoriedade da vida e a putrefação da matéria. Desta forma, muitas vezes travestido de personagem, o conselheiro Aires ocupa, em *Esaú e Jacó*, um lugar “fora do jogo social”, conforme explica Katia Muricy (reportando-se a um outro morto com veleidades literárias, Brás Cubas): *O lugar do morto é, nesse aspecto, o lugar privilegiado para desvendar o verdadeiro sentido dos atos humanos* (MURICY, 1988: 101), inclusive porque *Pode também dispensar a série de estratégias que os vivos usam para conciliar seus desejos e ambições com as leis de convivência social e os preceitos morais* (MURICY, 1988: 101). Evidentemente, a narrativa não se situa exatamente nesse patamar, inclusive porque o conselheiro Aires não é Brás Cubas e *Esaú e Jacó* está minado pela interdição, pelos vazios e por uma vocação pudica pela contenção com a intimidade.

<sup>483</sup> *Eis-nos diante de um escritor arredo, cujo talento só foi “reconhecido” graças a Joaquim Maria Machado de Assis, que envidou esforços para lhe publicar os originais, “revelando” ao público leitor toda a arte oculta na apagada figura do Conselheiro José da Costa Marcondes Aires, diplomata aposentado, sem descendência e conviva intensamente requestado pela sociedade fluminense, já que tudo indica (haja vista a sua profissão, nível de relações e cultura) ter pertencido à elite da época, freqüentando banqueiros, magistrados, ministros e latifundiários. Quem poderia supor esconder-se, por trás do “sorriso aprovador, a fala branda e cautelosa” (...), um cronista atilado, quase inconveniente, na sua perquirição psicológica, índice de uma curiosidade cortês, mas não menos inquietante, a se perguntar por motivos recônditos, embora sob a aparência de uma bonomia exemplar?* (PASSOS, 1996: 9-10).

<sup>484</sup> O título do romance está justificado na *Advertência*, que é uma espécie de introdução à narrativa: *Quanto ao título, foram lembrados vários, em que o assunto se pudesse resumir. Ab ovo, por exemplo, apesar do latim, venceu, porém, a idéia de lhe dar estes dois nomes que o próprio Aires citou uma vez: ESAÚ E JACÓ* (ASSIS, 1990: 9).

<sup>485</sup> Não é coisa rara encontrar-se em Machado de Assis o emprego de uma influência às avessas, por forma que os reflexos do pensamento grego em “*Esaú e Jacó*” adquirem, às vezes, um sentido entre irônico e humorístico, mas com tão extraordinária finura que nem sempre podem ser notados facilmente.

literárias<sup>486</sup> – o que resulta em inúmeras ramificações narrativas), o percurso da inimizade entre os irmãos gêmeos Pedro e Paulo; em paralelo, constrói uma crônica de costumes a respeito de um segmento muito específico da sociedade carioca – a aristocracia intermediária, resultante da ascensão dos novos-ricos –, durante a transição entre o Império e a República.

Na cena inicial, as irmãs Natividade e Perpétua se deslocam ao morro do Castelo, onde visitam Bárbara, também conhecida como “a cabocla do Castelo”. Natividade é a mãe de Pedro e Paulo, e quer saber o que o “destino” reservou aos seus filhos. Embora as mulheres sejam advertidas de *hão de ouvir muito disparate* (ASSIS, 1990: 10), seguem em frente, dispostas a aceitarem como verdadeiros os sortilégios proferidos pela cabocla.

*Bárbara interrogou-as; Natividade disse ao que vinha e entregou-lhe os retratos dos filhos e os cabelos cortados, por lhe haverem dito que bastava.*  
– Basta, confirmou Bárbara. Os meninos são seus filhos?  
– São.  
– Cara de um é cara de outro.  
– São gêmeos; nasceram há pouco mais de um ano (ASSIS, 1990: 11).

A cabocla, encarnando a *persona* de sacerdotisa grega, estabelece – através de sua atividade de porta-voz das divindades – contato entre o mundo humano e as revelações do oráculo. E, para dar maior credibilidade ao seu ofício, encena um pequeno ritual advinhatório: acende um cigarro,

---

*Em consequência, será lícito afirmar que o romance envolve uma sátira sutil, mas sátira, à preamar de idéias, imagens e comparações gregas com que a nossa literatura foi inundada no começo deste século?*

*Que “Esaú e Jacó”, apesar da gravidade do tema e da estrutura formal, dá a impressão de um “divertimento”, não há dúvida. Em que consistiu? “O divertimento”, núcleo do livro, conforme Barreto Filho, é montado sobre a oposição de caracteres dos dois gêmeos Pedro e Paulo, que já vimos definido por Homero, filhos de Natividade, uma antiga influência sentimental do Conselheiro. A tessitura do livro consiste em contrastar os dois caracteres e as suas reações respectivas, perante situações variadas e acontecimentos históricos diversos, como a emancipação dos escravos e a proclamação da República. Realmente, a frenética oposição desses caracteres criando a perturbadora situação de Flora, indecisa entre os dois gêmeos, vista por um lado parece apenas um divertimento retórico, derivando às vezes para a tautologia e refletindo-se até no título de certos capítulos: “Há contradições explicáveis” (V); “Desacordo no acordo” (XXXVII); “Fusão, difusão, confusão” (LXXIX); “Transfusão, enfim” (LXXX); “Não ata nem desata” (XCIII) e “Gestos opostos” (XCIV).*

*Há, em suma, um sentido puramente lúdico nesse entrelaço de contrastes, tão utilizado pelos românticos, e que o virtualismo verbal pode entreter interminavelmente. Foi nisso porventura que o romancista procurou centralizar o interesse da narrativa? (GOMES, 1958: 180-181).*

<sup>486</sup> *As citações e alusão eruditas que afluem no desenrolar da narrativa deixam claramente entrever os contactos que o escritor estabelecera, quando absorvido na sua ideação romanesca, distinguindo-se, entre as principais fontes, assim reveladas, a Bíblia, os gregos, com Homero, Ésquilo e Xenofonte, Dante, Shakespeare e Goethe. Há, porém, em qualquer escritor de grande categoria intelectual, fontes subterrâneas que não se deixam descobrir senão a custo de prolongada investigação, e neste caso está o nosso Machado de Assis.*

*Como quer que seja, pode-se perceber que, em maior ou menor grau, aquelas constelações de primeira grandeza influíram sobre o “pensamento interior e único”, que presidiu à elaboração de “Esaú e Jacó”. Nesse processo, refletiu-se de modo particularmente expressivo a “Íliada”, cujo interesse, como é sabido, assenta no espetáculo da violenta disputa entre dois homens, sendo característico da atmosfera dessa famosa epopéia a pintura de ódio em suas formas mais enérgicas e desapoderadas (GOMES, 1958: 178-179).*

fica a ouvir uma canção que seu pai murmura lá fora, olha para os retratos, acaricia as madeixas dos meninos. Depois de algum tempo, surpreende as duas mulheres: *pergunta se os meninos tinham brigado antes de nascer* (ASSIS, 1990: 12).

*Natividade que não tivera a gestação sossegada, respondeu que efetivamente sentira movimentos extraordinários, repetidos, e dores, e insônias... Mas então que era? Brigariam por quê? A cabocla não respondeu. Ergueu-se pouco depois, e andou à volta da mesa, lenta, como sonâmbula, os olhos abertos e fixos; depois entrou a dividi-los novamente entre a mãe e os retratos. Agitava-se agora mais, respirando grosso. Toda ela, caras e braços, ombros e pernas, toda era pouca para arrancar a palavra ao Destino. Enfim, parou, sentou-se exausta, até que se ergueu de um salto e foi ter com as duas, tão radiante, os olhos tão vivos e cálidos, que a mãe ficou pendente deles, e não se pôde ter que lhe não pegasse das mãos e lhe perguntasse ansiosa:*

– Então? Diga, posso ouvir tudo.

*Bárbara, cheia de alma e riso, deu um respiro de gosto. A primeira palavra parece que lhe chegou à boca, mas recolheu-se ao coração, virgem dos lábios dela e de alheios ouvidos. Natividade instou pela resposta, que lhe dissesse tudo, sem falta...*

– Causas futuras! murmurou finalmente a cabocla.

– Mas, causas feias?

– Oh! não! não! Causas bonitas, causas futuras!

– Mas isso não basta; diga-me o resto. Esta senhora é minha irmã e de segredo, mas se é preciso sair, ela sai; eu fico, diga-me a mim só... Serão felizes?

– Sim.

– Serão grandes?

– Serão grandes, oh! grandes! Deus há de dar-lhes muitos benefícios. Eles hão de subir, subir, subir... Brigaram no ventre de sua mãe, que tem? Cá fora também se briga. Seus filhos serão gloriosos. É só o que digo. Quanto à qualidade da glória, causas futuras! (ASSIS, 1990: 12).

A fonte matricial de *Esaú e Jacó* é de fácil identificação: a mitologia judaico-cristã,<sup>487</sup> que rapidamente se mistura com o helenismo pagão, constituindo um imenso painel histórico-cultural. A utilização de elementos híbridos, em *Esaú e Jacó*, caracteriza uma estratégia narrativa sutil.<sup>488</sup>

<sup>487</sup> Manuel Cavalcanti Proença lembra que desde o título, há simbolismo na animadversão fraterna, os nomes evocando os filhos de Isaac, que, ainda no ventre materno, já disputavam a primogenitura (PROENÇA, 1974: 129). Luiz Costa Lima concorda com essa linha analítica e acrescenta: Rebeca, mulher de Isaac, estava grávida e os gêmeos “brigavam dentro dela” (Gn, III, 21). Consultado, Javé prognostica: “Há duas nações em teu seio, dois povos, saídos de ti, separar-se-ão, um povo dominará um povo” (Gn, III, 23). Em Machado a consulta muda de tempo e figura. De tempo, pois os gêmeos já cumpriram um ano quando Natividade sobe o morro do Castelo. De figura, pois o consultado não é Javé, o Deus da comunidade, mas Bárbara, a cabocla, cujo prestígio popular exigia das senhoras da sociedade, como o são Natividade e Perpétua, que disfarçassem sua presença e interesse (LIMA, 1981: 102).

<sup>488</sup> No entender de Affonso Romano de Sant’Anna: *Além dos suportes míticos e históricos reagenciados por Machado, sua narrativa articula alguns encaixes, que, tendo autonomia, funcionam como parábolas que exemplificam a duplicidade, alternância e integração dos elementos. Quer dizer, em vez de se ater somente a referentes externos da narrativa (mito/história) tradicionalmente aceitos, cria pequenas estórias, anedotas e parábolas que reduplicam os modelos centrais* (SANT’ANNA, 1990: 113).

Completando esse pensamento, Gilberto Pinheiro Passos destaca a importância da intertextualidade na construção narrativa: *Desse modo, em EJ, pode-se articular a tragédia (...), [a] Bíblia e à mitologia romana, proporcionando-lhe uma visão particular e renovadora. Uma vez repertório de possíveis, a tradição carece de um elemento fundamental para retirá-la do estado de soma de informações eruditas: a reorganização intertextual, que não chega a suprimir o*

A gemelidade fraterna reaparece a cada instante, sob a forma da duplicação. Cada episódio (algumas vezes, capítulos) da narrativa encontra eco e imagem especular em algum lugar do texto. Nesse sentido, a presença da “pitonisa”, entidade mí(s)tica capaz de *arrancar a palavra ao Destino*, remete à Grécia antiga, quando a vida dos homens se confundia com a dos deuses; mas também se refere a um tempo pré-industrial em que o progresso ainda não estava totalmente isento das crendices adivinhatórias sobre o futuro. Um outro exemplo está no fato de que, no imaginário cultural, Pedro e Paulo percorrem o mesmo caminho que foi trilhado por alguns personagens fraternos da mitologia grega: *Castor e Pólux foram os nomes que um deputado pôs aos dois gêmeos, quando eles retornaram à Câmara* (ASSIS, 1990: 154).<sup>489</sup> A divisão política do Brasil em Império e República também dicotomiza a narrativa, fornecendo elementos para que o antagonismo fraterno se projete com maior intensidade.

Asseguradas as “cousas futuras”, os gêmeos, *não tendo que fazer, iam mamando* (ASSIS, 1990: 33).

*Ei-os que vêm crescendo. A semelhança, sem os confundir já, continuava a ser grande. Os mesmos olhos claros e atentos, a mesma boca cheia de graça, as mãos finas, e uma cor viva nas faces que as fazia crer pintadas de sangue. Eram sadios; excetuada a crise dos dentes, não tiveram moléstia alguma, porque eu não conto uma ou outra indigestão de doces, que os pais lhes davam, ou eles tiravam às escondidas. Eram ambos gulosos, Pedro mais do que Paulo, e Paulo mais que ninguém.*

*Aos sete anos eram duas obras-primas, ou antes uma só em dois volumes, como quiseses. Em verdade, não havia por toda aquela praia, nem por Flamengos ou Glórias, Cajus e outras redondezas, não havia uma, quanto mais duas crianças tão graciosas. Nota que eram também robustos. Pedro com um murro derrubava Paulo; em compensação, Paulo*

---

*tempo, mas permite olvidar, momentaneamente, seu fluxo, fazendo coexistir textos que, de outro modo, ficariam para sempre isolados em manuais de história literária, presos apenas a um direcionamento único* (PASSOS, 1996: 112).

<sup>489</sup> Affonso Romano de Sant’Anna reage enfaticamente contra o uso de imagens especulares fraternas na análise da narrativa: *Examinemos inicialmente o suporte mítico. Teríamos aí duas fontes mitológicas: uma de inspiração bíblico-cristã e outra clássico-pagã. Na primeira (bíblico-cristã) encontramos o título do livro referenciando a estória dos filhos de Isaac. A construção da estória bíblica, no entanto, é bem diversa da estória machadiana. Enquanto na Bíblia os irmãos se separam depois que Jacó usurpa o direito de progeneração de Esaú, e entre eles se desenvolve uma rivalidade por vários anos, no final resolvida com uma reconciliação* (Gênesis, cap. 27 a 33), *no romance de Machado a rivalidade entre os gêmeos Pedro e Paulo jamais é sanada. Há pausas., mas nunca o término do conflito. E é em aberto que a estória termina, cada um seguindo sua linha numa descrição paralela do trajeto desses elementos.*

*Quanto à segunda matriz (clássico-pagã) o confronto poderia ser estabelecido talvez entre Pedro e Paulo e Castor e Pólux, referidos no último capítulo do livro. No entanto, ainda aí sucede uma divergência. O mito de Castor e Pólux (filhos de Júpiter e Leda) também difere da estória de Pedro e Paulo, pois na lenda pagã, fraternalmente, Pólux reparte com Castor a imortalidade concedida por Júpiter, enquanto em Machado os dois irmãos seguem em sua oposição sistemática.*

*É mais acertado convir que em Machado aqueles mitos exercem função aspectual. O mito de Esaú e Jacó, por exemplo, serve para introduzir a estória ao enfatizar que a rivalidade entre Pedro e Paulo havia, como na narrativa bíblica, se iniciado no ventre da mãe. Já Castor e Pólux apenas ilustram o último capítulo do livro. Colocados os dois mitos, um no princípio e outro no fim não bastam, contudo, para decidir a estrutura do livro* (SANT’ANNA, 1990: 104-105).



*com um pontapé deitava Pedro ao chão. Corriam muito na chácara por aposta. Alguma vez quiseram trepar às árvores, mas a mãe não consentia; não era bonito. Contentavam-se de espiar cá de baixo a fruta (ASSIS, 1990: 34).*

A voz do narrador, como tantas se repetirá no transcorrer do relato, emerge com força (*porque “eu” não conto uma e outra...*). No entanto, nesta situação, o narrador se mostra pouco verossímil: detalhes sobre a vida dos gêmeos só os poderia ter tomado conhecimento através de outras vozes, haja visto que, diplomata, transitou entre o Brasil, Europa e América do Sul e, nessa condição não acompanhou o crescimento dos meninos – pelo menos, de parte desse crescimento.<sup>490</sup> Nesses termos, não lhe cabe efetuar afirmações taxativas – mesmo quando indica a fonte, cabe suspeição.

Distante fisicamente dos acontecimentos, mas próximo na condição de narrador, Aires não se furta a uma profecia: *Contentavam-se de espiar cá de baixo a fruta*. Ao explicar que o exercício da vida está regulamentada pelo impedimento social, também está prevendo que, em algumas circunstâncias, se deve “espiar cá de baixo”, mantendo uma distância “respeitável” com o objeto do desejo. Evidentemente, esse vaticínio refletirá, no seu devido tempo, nas ações perpetuadas pelos gêmeos.

Por enquanto,

*Pedro era mais agressivo, Paulo mais dissimulado, e, como ambos acabavam por comer a fruta das árvores, era um moleque que a ia buscar acima, fosse a cascudo de um ou com promessa de outro. A promessa não se cumpria nunca; o cascudo, por ser antecipado, cumpria-se sempre, e às vezes com repetição depois do serviço. Não digo com isso que um e outro dos gêmeos não soubessem agredir e dissimular; a diferença é que cada um sabia melhor o seu gosto, cousa tão óbvia que custa escrever (ASSIS, 1990: 34).*

Entre a agressividade do primeiro e a dissimulação do segundo, que o Outro faça o serviço, seja a custa de cascudo ou de mentiras, afinal *a mentira é alguma vez meia virtude* (ASSIS, 1990: 34). De acordo com os valores de classe da época, ou seja, que a autoridade emana dos proprietários, os gêmeos impõem suas vontades sobre os empregados e, como se não pudesse ser diferente, se deliciam, por fim, *por comer a fruta da árvore*.

---

<sup>490</sup> Em uma narrativa que trabalha com a temporalidade linear, necessário se faz levar em consideração o cap. XXXII, apropriadamente intitulado “O aposentado”: *Já então, este ex-ministro estava aposentado. Regressou ao Rio de Janeiro, depois de um último olhar às cousas vistas, para aqui viver o resto de seus dias. Podia fazê-lo em qualquer cidade, era homem de todos os climas, mas tinha particular amor à sua terra, e porventura estava cansado de outras* (ASSIS, 1990: 50). Como esse trecho encontra-se depois do aparecimento de Flora (cap. XXVIII, XXIX, XXX e XXXI), então é provável que, durante parte da infância e pré-adolescência dos gêmeos, Aires estivesse desempenhando as suas funções de diplomata em terras estrangeiras.

Nessa toada, Natividade<sup>491</sup> também presta serviços aos caprichos dos gêmeos:

*Não sabendo mais que razão dessem, um deles, creio que Pedro, resolveu acusar o irmão:*

*– Foi ele, mamãe!*

*– Eu? redargüiu Paulo. Foi ele, mamãe, ele é que não disse nada.*

*– Foi você!*

*– Foi você! não minta!*

*– Mentiroso é ele!*

*Cresceram um para o outro. Natividade acudiu prestamente, não tanto que impedisse a troca dos primeiros murros. Segurou-lhes os braços a tempo de evitar outros, e, em vez de os castigar ou ameaçar, beijou-os com tamanha ternura que eles não acharam melhor ocasião de lhe pedir doce. Tiveram doce; tiveram também um passeio, à tarde, no carrinho do pai.*

*Na volta estavam amigos ou reconciliados. Contaram à mãe o passeio, a gente da rua, as outras crianças que olhavam para eles com inveja, uma que metia o dedo na boca, outra no nariz, e as moças que estavam às janelas, algumas que os acharam bonitos. Neste último ponto divergiam, porque cada um deles tomava para si só as admirações, mas a mãe interveio:*

*– Foi para ambos. Vocês são tão parecidos, que não podiam ser senão para ambos. E sabem por que as moças elogiaram vocês? Foi por ver que iam amigos, chegadinhos um ao outro. Meninos bonitos não brigam, ainda menos sendo irmãos. Quero vê-los quietos e amigos, brincando juntos sem rusga nem nada. Estão entendendo? (ASSIS, 1990: 35).*

Entendimento é questão particular, interpretação diversa de diversa circunstância – tanto que Natividade não houve por entender/interpretar o que estava a se passar com os seus rebentos. Os meninos, no entanto, estavam um passo à frente da mãe, o que os incentiva a elaborarem uma estratégia oportunista:

*De noite, na alcova, cada um deles concluiu para si que devia os obséquios daquela tarde, o doce, os beijos e o carro, à briga que tiveram, e que outra briga podia render tanto ou mais. Sem palavras, como um romance ao piano, resolveram ir à cara um do outro, na primeira ocasião. Isto que devia ser um laço armado à ternura da mãe, trouxe ao coração de ambos uma sensação particular, que não era só consolo e desforra do soco recebido naquele dia, mas também satisfação de um desejo íntimo, profundo, necessário (ASSIS, 1990: 35).*

*Satisfação de um desejo íntimo, profundo, necessário.*<sup>492</sup> É com esse objetivo perverso, embora sintomático, que os gêmeos planejam se impor afetivamente aos mais fracos: *Sem ódio*,

<sup>491</sup> Katia Muricy apresenta Natividade como a personagem maternal por excelência da ficção machadiana. Seu nome já indica a importância dada à função materna que terá na trama da narrativa. É no seu ventre que os gêmeos brigam pela primeira vez, tecendo, antes mesmo do nascimento, a desavença que será tema do romance (MURICY, 1988: 83). Mais adiante, Muricy faz questão de ressaltar que sua [de Natividade] preocupação com os filhos é tão constantemente ressaltada quanto são as escaramuças dos gêmeos (MURICY, 1988: 34).

<sup>492</sup> Como observa Luiz Costa Lima, *As brigas trazem vantagens!* (LIMA, 1981: 104). E o bônus principal está na aquisição da diferença, ou seja, na pertença de uma identidade que não esteja atrelada à simetria gemelar. Portanto, brigar por alguma coisa é, antes de tudo, estabelecer uma posição em relação ao irmão – opondo-se à simetria. Luiz Costa Lima, teorizando sobre esse ângulo analítico, assinala que os gêmeos necessitam de uma marca diferencial

*disseram ainda algumas palavras de cama a cama, riram de uma ou outra lembrança da rua, até que o sono entrou com os seus pés de lã e bico calado, e tomou conta da alcova inteira* (ASSIS, 1990: 35). A tranquilidade dos gêmeos, embalados pelo sono, refletirá, ao longo da história, na inquietação daqueles que os cercam. Egoístas e ególatras, os gêmeos não conseguem visualizar nada que esteja além da territorialidade emocional em que estão inseridos.

*Um dos meus propósitos neste livro é não lhe pôr lágrimas* (ASSIS, 1990: 35), afirma o narrador, pretendendo esclarecer que este não é um relato romântico ou comprometido com sentimentalismos de gosto popular. Em seguida, para não deixar dúvidas sobre o quanto essa proposta é frágil, faz alguns comentários sobre os sofrimentos de Natividade, que vê os filhos brigarem a toda hora e por questiúnculas.

*Em verdade, qualquer outra viveria a tremer pela sorte dos filhos, uma vez que houvera a rixa anterior e interior. Agora as lutas eram mais freqüentes, as mãos cada vez mais aptas, e tudo fazia recear que eles acabassem estripando-se um ao outro... Mas aqui surgia a idéia da grandeza e da prosperidade – cousas futuras! – e esta esperança era como um lenço que enxugasse os olhos da bela senhora. As Sibilas não terão dito só do mal, nem os Profetas, mas ainda do bem, e principalmente dele* (ASSIS, 1990: 36).

Natividade encontra consolo na filosofia estoica (uma das fontes de inspiração para o Romantismo) de que é preciso suportar algumas provações para poder alcançar o paraíso. Melhor seria se os gêmeos fossem mais pacíficos, mais cordatos; mas é impossível negar que os conflitos os agradam; parecem se divertir divergindo. E isso causa intensa/imensa aflição em Natividade. Por outro lado, se é assim que as coisas precisam acontecer para que o sortilégio (“Cousas futuras!”) se cumpra, então Natividade, com o coração ferido, acaba por aceitar como parte de sua “provação terrena” de mãe.

---

*porque sua crescente semelhança ameaçava o princípio mesmo de identidade da sociedade em que viviam. Uma sociedade centrada no indivíduo, como é a ocidental pelo mesmo (sic) desde o racionalismo, não poderia tolerar pessoas tão gêmeas que se parecessem desde as maneiras, passando pelo trato social, até as idéias. Tal identidade os anularia como pessoas. O critério básico de uma sociedade fundada na individualização de seus membros não poderia tolerar que Pedro diferisse de Paulo apenas pelo nome. Se “nome não dá, recebe” (Guimarães Rosa), como esses nomes poderiam provocar respostas diferenciadas de seus detentores fossem em tudo semelhantes? Se nas sociedades iletradas, os gêmeos constituem um problema desde logo quanto ao critério de classificação (cf. Turner, Victor: 1969), na nossa, onde o nome próprio a priori é imotivado – o bebê, em princípio, pode receber qualquer nome – a diferenciação se fará, não pela atribuição do nome, mas pela conduta de seu portador. Assim considerando, não importa que esta informação não traga a chancela do texto machadiano, pois sobre esta se imprime a letra maior da norma da sociedade em que foi cunhado. Prosseguindo então: uma sociedade que realça o indivíduo, e não sua identidade grupal, cria sobre ele uma pressão constante e não declarada – forçar sua individualização* (LIMA, 1981: 104-105). **(grifo meu)**.

Como se fosse uma compensação para espairecer dos sofrimentos e das privações que precisa suportar, Natividade, quando completou 41 anos, recebeu dois presentes do marido: a notícia de que a família havia sido agraciada por S. M. o Imperador com o Baronato de Santos e um broche de brilhantes.

O broche serviu para tornar mais bela uma bela mulher, mas títulos nobiliárquicos, ao mesmo tempo que costumavam trazer prestígio às famílias que assim eram agraciadas, também implicavam em compromissos sociais. Por exemplo, a família Santos passou a reunir alguns amigos na casa de Botafogo.<sup>493</sup> Em uma dessas ocasiões, a banalidade serve de suporte para que as contradições aflorem:

*Naquele ano, uma noite de agosto, como estivessem algumas pessoas na casa de Botafogo, sucedeu que uma delas, não sei se homem ou mulher, perguntou aos dois irmãos que idade tinham.*

*Paulo respondeu:*

*– Nasci no aniversário do dia em que D. Pedro I caiu do trono.*

*E Pedro:*

*– Nasci no aniversário do dia em que Sua Majestade subiu ao trono.*

*As respostas eram simultâneas, não sucessivas, tanto que a pessoa pediu-lhes que falassem cada um por vez. A mãe explicou:*

*– Nasceram no dia 7 de abril de 1870.*

*Pedro repetiu vagarosamente:*

*– Nasci no dia em Sua Majestade subiu ao trono.*

*E Paulo, em seguida:*

*– Nasci no dia em que Pedro I caiu do trono.*

*Natividade repreendeu a Paulo a sua resposta subversiva. Paulo explicou-se, Pedro contestou a explicação e deu outra, e a sala viraria clube, se a mãe não os acomodasse por esta maneira:*

*– Isso hão de ser grupos de colégio; vocês não estão em idade de falar de política. Quando tiverem barbas (ASSIS, 1990: 40).*

*Quando tiverem barbas*, diz a mãe de rapazes com 16 anos (o episódio ocorre em 1886), lembrando-lhes que há limites para certas coisas.<sup>494</sup> Seguindo sua incansável política de apaziguamento, Natividade prefere, em lugar de algum castigo, advertir os filhos. Como sempre,

---

<sup>493</sup> Analisando as mudanças de comportamento cultural da sociedade brasileira, no século XIX, Katia Muricy lança mão de um argumento significativo: *Uma nova sociabilidade – a das festas particulares, a dos salões do império – será dada à família brasileira, alterando-lhe profundamente a identidade, determinando-lhe um novo modelo de organização* (MURICY, 1988: 53).

<sup>494</sup> Como mais tarde se verifica, Natividade é monarquista: *Anda cá, Pedro. Não penses que eu desaprovo as tuas opiniões políticas. Até gosto; são as minhas, são as nossas* (ASSIS: 1990: 45). E nem poderia ser diferente, já que o título de Baronesa de Santos tanto a encantou. Por isso, repreende suavemente Paulo, por *sua resposta subversiva*. Não há impedimentos para que o filho defenda posições políticas divergentes das que são defendidas pelo pai, pela mãe ou pelo irmão, o que eles pedem a Paulo é que o rapaz se abstenha de fazer essas declarações em público – o que, evidentemente, configura uma situação desagradável para a família, além de revelar uma desunião incômoda.

independente da correção dos argumentos maternos, eles não a ouvem. Como sempre, diante de uma nova crise, Natividade se prepara para agir através da contenção.

De qualquer forma, *as barbas é que não queriam vir* (ASSIS, 1990: 40). E os gêmeos se impacientaram com a natureza, que não lhes fornece o símbolo da masculinidade – entendida como uma comporta que separa a puberdade da vida adulta.

Não podendo ostentar pêlos faciais naturais, os irmãos não se furtam a usar “barbas postiças” – ou seja, a tentativa patética de demonstrar que possuem consciência política nada mais é do que uma ferramenta psicológica para “corrigir” a maturidade atrasada:

*Iam descendo pela Rua da Carioca. Havia ali uma loja de vidraceiro, com espelhos de vários tamanhos, e, mais que espelhos, também tinha retratos velhos e gravuras baratas, com e sem caixilho. Pararam alguns instantes, olhando à toa. Logo depois, Pedro viu pendurado um retrato de Luis XVI, entrou e comprou-o por oitocentos réis; era uma simples gravura atada ao mostrador por um barbante. Paulo quis ter igual fortuna, adequada às suas opiniões, e descobriu um Robespierre. Como o lojista pedisse por este mil e duzentos, Pedro exaltou-se um pouco.*

*– Então o senhor vende mais barato um rei, e um rei mártir?*

*– Há de perdoar, mas é que esta outra gravura custou-me mais caro, redargüiu o velho lojista. Nós vendemos conforme o preço de compra. Veja; está mais nova.*

*– Lá isso, não, acudiu Paulo. São do mesmo tempo; mas é que este vale mais que aquele.*

*– Ouvi dizer que também era rei...*

*– Qual rei! responderam os dois.*

*– Ou quis sê-lo, não sei bem... Que eu de histórias, apenas conheço a dos mouros que aprendi na minha terra com a avó, alguns bocados em versos. (...) (ASSIS, 1990: 41-42).*

Estava formada a confusão. Cada um dos irmãos, tão logo chegou em casa, pregou a gravura respectiva na cabeceira de sua respectiva cama. Com o passar do tempo, e a necessidade incontrolável de um aborrecer ao outro, Pedro e Paulo não mediram esforços em relação às gravuras: insultos, orelhas de burro, desenhos de animais, *até que um dia Paulo rasgou a de Pedro, e Pedro a de Paulo* (ASSIS, 1990: 44). A falta de maturidade para aceitar a divergência política e de pensamento resulta – como complemento natural desse conjunto de atitudes – em agressão física: *a mãe ouviu o rumor e subiu apressada. Conteve os filhos, mas já os achou arranhados* (ASSIS, 1990: 44).

Analisando esse episódio, Natividade não consegue ignorar a pergunta crucial: *Nunca mais acabaria aquela maldição de rivalidade?* (ASSIS, 1990: 44). Sem resposta, atirou-se à cama, *a cara metida no travesseiro, que desta vez ficou seco, mas a alma chorou* (ASSIS, 1990: 44). O que ela não percebe – jamais perceberá – é que todos os conflitos em que os gêmeos se envolvem são fogos de artifício, espetáculos pirotécnicos visando a diversão de seus protagonistas.

Como espectadora, Natividade não consegue alcançar essa interpretação e considera que todas as colisões em que estão envolvidos os seus filhos são provas mais do que significativas da rivalidade, da hostilidade fraterna.

*Natividade confiava na educação, mas a educação, por mais que ela a apurasse, apenas quebrava as arestas ao caráter dos pequenos, o essencial ficava; as paixões embrionárias trabalhavam por viver, crescer, romper, tais quais ela sentira os dois no próprio seio, durante a gestação... (ASSIS, 1990: 44).*

Mais uma vez o vaticínio – *cousas futuras!* – serve de anestésico para as aflições da mãe dos gêmeos. Natividade tolera todos os aborrecimentos causados pelos filhos porque acredita que aos gêmeos estão reservadas as maiores realizações possíveis. Embalada por essa utopia, a mãe dos gêmeos não consegue perceber que a realidade se contrapõe ao imaginário:

*Natividade sorriu, ergueu-se, foi à porta, deu com o filho, Pedro, que vinha explicar-se:*  
– Mamãe, Paulo é mau. Se mamãe ouvisse os horrores que ele solta pela boca fora, mamãe morria de medo. Custa-me muito não ir à cara dele; ainda não lhe tirei um olho...  
– Meu filho, não fale assim, é teu irmão.  
– Pois que não se meta comigo, não me aborreça. Que blasfêmias que ele dizia! Como eu rezava por alma de Luis XVI, ele, para machucar-me bem, rezava a Robespierre; compôs uma ladainha chamando santo ao outro, e cantarolava baixinho para que papai nem mamãe ouvissem. Eu sempre lhe dei uns cascudos...  
– Ai está!  
– Mas é que ele é que me dava primeiro, porque eu punha orelha de burro em Robespierre... Então eu havia de apanhar calado?  
– Nem calado, nem falando.  
– Então, como? Apanhar sempre, não é?  
– Não senhor; não quero pancadas; o melhor é que esqueçam tudo e se queiram bem. Você não vê como seus pais se querem? As brigas acabaram de todo. Não quero ouvir rugas nem queixas. Afinal que têm vocês com um sujeito mau que morreu há tantos anos?  
– É o que eu digo, mas ele não se emenda.  
– Há que emendar-se; os estudos fazem esquecer criancices. Você também quando for médico tem muito que brigar com as moléstias e a morte; é melhor que andar dando pancadas em seu irmão... Que é lá isso? Não quero arremessos, Pedro! Sossegue, ouça-me.  
– Mamãe é sempre contra mim.  
– Não sou contra nenhum, sou por ambos, ambos são meus filhos. E demais gêmeos. Anda cá, Pedro. Não penses que eu desaprovo as tuas opiniões políticas. Até gosto; são as minhas, são as nossas. Paulo há de tê-las também. Na idade dele aceita-se quanta tolice há, mas o tempo corrige. Olha, Pedro, a minha esperança é que vocês sejam grandes homens, mas com a condição de serem também grandes amigos.  
– Eu estou pronto a ser grande homem, assentiu Pedro com ingenuidade, quase com resignação.  
– E grande amigo, também.  
– Se ele for, serei.  
– Grandes homens! exclamou Natividade, dando-lhe dois abraços, um para ele, outro para o irmão quando viesse.

*Mas Paulo logo veio, e recebeu o abraço inteiro e de verdade. Vinha também queixar-se, e sempre resmungou alguma coisa, mas a mãe não quis ouvi-lo, e falou outra vez a linguagem das grandezas. Paulo consentiu também em ser grande.*

*– Você será médico, disse Natividade a Pedro, e você advogado. Quero ver quem faz as melhores curas, e ganha as piores demandas.*

*– Eu, disseram ambos a um tempo.*

*– Patetas! Cada um terá a sua carreira especial, a sua ciência diferente. Já estão curados do nariz? Já; não há mais sangue. Agora o primeiro a ferir o irmão será degradado (ASSIS, 1990: 44-45).*

Os irmãos não se queixam de injustiça ou de problemas sem solução; eles se queixam é da presença do irmão. *Mamãe é sempre contra mim*, diz Pedro, como se estivesse a falar: *Mamãe é a favor de Paulo*. Por outro lado, se a cena se tivesse passado com Paulo, provavelmente seu comportamento em nada diferiria do de Pedro. Todas as vezes que os irmãos se manifestam como antagônicos, as suas ações são simétricas. Por isso, pouco importa se Natividade quer se manter neutra – não estar do lado de um é estar ao lado do outro. E o “outro” se projeta como agressão – que exige revide.

Natividade, cansada de uma situação que se apresenta pouco propensa a se equacionar e sem vontade de adotar uma atitude extrema, imagina uma solução para o seu problema:

*Foi um recurso hábil separá-los; um ficava no Rio, estudando Medicina, outro ia para S. Paulo, estudar Direito. O tempo faria o resto, não contando que cada um casava e iria com a mulher para o seu lado. Era a paz perpétua; mais tarde viria a perpétua amizade (ASSIS, 1990: 45).*

A ingenuidade é o alimento dos espíritos simplórios. E o narrador, cumprindo com as suas funções de se intrometer no pensamento do leitor, estraga imediatamente quaisquer sonhos que por ventura Natividade houvesse alimentado em suas noites de insônia.

*Eis aqui entra uma reflexão da leitora: “Mas se duas velhas gravuras os levam a murros e sangue; contentar-se-ão eles com a sua esposa? Não quererão a mesma e única mulher? O que a senhora deseja, amiga minha, é chegar já ao capítulo do amor ou dos amores, que é o seu interesse particular nos livros. Daí a habilidade da pergunta, como se dissesse: “Olhe que o senhor ainda nos não mostrou a dama ou damas que têm de ser amadas ou pleiteadas por estes dois jovens inimigos. Já estou cansada de saber que os rapazes não se dão ou se dão mal; é a segunda ou terceira vez que assisto às blandícias da mãe ou aos seus ralhos amigos. Vamos depressa ao amor, às duas, se não é uma só a pessoa...” (ASSIS, 1990: 45).*

A menção ao futuro amoroso de Pedro e Paulo, embora aborreça ao narrador (*Francamente, eu não gosto de gente que venha adivinhando e compondo um livro que está sendo escrito com método* [ASSIS, 1990: 46]), deve ser considerada como oportuna para estabelecer uma

nova dimensão aos acontecimentos que descrevem a história dos gêmeos: *Já estou cansada de saber que os rapazes não se dão ou se dão mal; é a segunda ou terceira vez que assisto às blandícias da mãe ou aos seus ralhos amigos.* Portanto, é chegada a hora de expandir os horizontes, de incluir novos personagens na narrativa, de compor novas situações.

Sem mais protelações, o início da vida amorosa dos gêmeos se torna público:

*Sim, houve uma pessoa, mais moça que eles, um ou dois anos, que os agrilhoou, à força de costume ou de natureza, se não foi de ambas as cousas. Antes dessa, pode ser que houvesse outras e mais velhas que eles, mas de tais não rezam as notas que servem a este livro. Se brigaram por elas, não ficou memória disso, mas é possível, dado que tivessem tido as mesmas preferências; em caso contrário também, como sucedia aos cavaleiros que defendiam a sua dama.*

*Conjeturas tudo. Era natural que, assim bonitos, iguais, elegantes, dados à vida e ao passeio, à conversação e à dança, finalmente herdeiros, era natural que mais de uma menina gostasse deles (ASSIS, 1990: 46).*

Tapas e socos temperaram a estréia amorosa de Pedro e Paulo, se o leitor acreditar no relato titubeante do narrador que, pontuando conjecturas e indefinições, nada esclarece – afinal, os meninos, nessa época, tinham menos de 16 anos e possivelmente nada havia para ser conjecturado ou esclarecido. Isso significa que esses primeiros namoricos, longe de se transformarem em tempestade, nunca passaram de risível chuva de verão – dessas que caem por dez minutos ao final da tarde e logo são esquecidas.

Diante de tamanha esterilidade, a filha única de Batista<sup>495</sup> e Cláudia<sup>496</sup> abre todo um universo de delícias (composto por luz e escuridão) na vida dos gêmeos.

---

<sup>495</sup> (...) era homem de quarenta e tantos anos, advogado do cível, ex-presidente de província e membro do partido conservador. (...) Apesar de ter amigos no governo, não alcançara nada, nem deputação, nem presidência. Interrompera a carreira desde que foi exonerado daquele cargo “a pedido”, disse o decreto, mas as queixas do exonerado fariam crer outra coisa. De fato, perdera as eleições, e atribuía a esse desastre político a demissão do cargo (...)

Batista dizia que por causa das eleições perdera a presidência, mas corria outra versão, um negócio de águas, concessão feita a um espanhol, a pedido do irmão da esposa do presidente. O pedido era verdadeiro, a imputação de sócio é que era falsa. Não importa; tanto bastou para que a folha da oposição dissesse que houve naquilo um bom “arranjo de família”, acrescentando que, como era de águas, devia ser negócio limpo (ASSIS, 1990: 47).

Era alto, e o ar sossegado dava um bom aspecto de governo. Só lhe faltava a ação, mas a mulher podia inspirar-lhe; nunca deixou de consultá-la nas crises da presidência. Agora mesmo, se lhe desse ouvidos, já teria ido pedir alguma coisa ao governo, mas neste ponto era firme, de uma firmeza que nascia da franqueza: “Hão de chamar-me, deixa estar”, dizia ele a D. Cláudia, quando aparecia alguma vaga de governo provincial. Certo é que ele sentia a necessidade de tornar à vida ativa. Nele a Política era menos uma opinião que uma sarna; precisava coçar-se a miúdo e com força (ASSIS, 1990: 48).

<sup>496</sup> D. Cláudia era uma criatura feliz. A viveza das palavras e das maneiras, os olhos que pareciam não ver nada à força de não pararem nunca, e o sorriso benévolo, e a admiração constante, tudo nela era ajustado a curar as



*A gente Batista conheceu a gente Santos em não sei que fazenda da província do Rio. Não foi Maricá, embora ali tivesse nascido o pai dos gêmeos; seria em qualquer outro município. Fosse qual fosse, ali é que se conheceram as duas famílias, e como morassem próximas em Botafogo, a assiduidade e a simpatia vieram ajudando o caso fortuito (ASSIS, 1990: 47).*

Morando na Rua de São Clemente, Flora, nascida em 1871, possuía os olhos grandes e claros, menos sabedores, mas dotados de um mover particular, que não era o espalhado da mãe, nem o apagado do pai, antes mavioso e pensativo, tão cheio de graça que faria amável a cara de um avaro (ASSIS, 1990: 49). A sua aparência possibilitava uma imagem frágil, *Quem a conhecesse por esses dias, poderia compará-la a um vaso quebradiço ou à flor de uma só manhã* (ASSIS, 1990: 49), como se estivesse sempre abatida, a requerer proteção ou carinho.

Para completar o perfil da moça, há que se lhe acrescentar mais umas características físicas: *Põe-lhe um nariz aquilino, rasga-lhe a boca meio risonha, formando tudo um rosto comprido, alisa-lhe os cabelos ruivos, e aí tens a moça Flora* (ASSIS, 1990: 49).<sup>497</sup>

*Era retraída e modesta, avessa a festas públicas, e dificilmente consentiu em aprender a dançar. Gostava de música, e mais de piano que do canto. Ao piano, entregue a si mesma, era capaz de não comer um dia inteiro. (...).*

*Até aqui nada há que extraordinariamente distinga esta moça das outras, suas contemporâneas, desde que a modéstia vai com a graça, e em certa idade é tão natural o devaneio como a travessura. Flora, aos quinze anos, dava-lhe para se meter consigo. Aires, que a conheceu por esse tempo, em casa de Natividade, acreditava que a moça viria a ser uma inexplicável.*

– Como diz? inquiriu a mãe.

– Verdadeiramente, não digo nada, emendou Aires; mas, se me permite dizer alguma coisa, direi que esta moça resume as raras prendas de sua mãe.

– Mas eu não sou inexplicável, replicou D. Cláudia sorrindo.

– Ao contrário, minha senhora. Tudo está, porém, na definição que dermos a esta palavra. Talvez não haja nenhuma certa (ASSIS, 1990: 49).

Talvez a língua portuguesa não disponha de palavras ou conceitos capazes de definir Flora, que, aos 15 anos de idade, fascina a todos:

---

*melancolias alheias. Quando beijava ou mirava as amigas era como se as quisesse comer vivas, comer de amor, não de ódio, metê-las em si, muito em si, no mais fundo de si* (ASSIS, 1990: 48).

<sup>497</sup> Ingrid Stein, inspirada em referências do Romantismo, caracteriza Flora como uma personagem delicada, e afirma que *Na literatura do final do século XIX encontra-se com frequência um tipo de figura feminino caracterizado exteriormente pela suavidade, beleza, alvura, quase transparência. Trata-se de um ser frágil, lânguido, melancólico, doentio, necessitado de repouso e com a força de vontade um tanto paralisada, incapaz para a vida e vindo geralmente a sucumbir a ela: uma figura diáfana, etérea, em relação à qual igualmente não se fazem alusões à sexualidade – questão por demais real ao seu delicado mundo. (...) este tipo de personagem foi denominado femme fragile – em oposição a outro, muito difundido na literatura européia do século passado, a femme fatale, este ligado à vida, aquele mais à morte* (STEIN, 1984: 112).

*Flora contém em si o inexplicável, o inumano e o cruel de “sua fatalidade”, o que a distingue das outras jovens, pelo compósito do seu universo ficcional, onde se misturam tragédias clássicas, mitos primevos, política rasteira e saraus do Segundo Império (PASSOS, 1996: 71).*

De qualquer forma, Flora, que possivelmente a nenhuma pessoa é capaz de retribuir o amor que lhe devotam, não ficou contente em ser classificada como “inexplicável” e, na primeira oportunidade, ao conselheiro Aires, *pediu-lhe familiarmente o obséquio de uma definição mais desenvolvida* (ASSIS, 1990: 52).

*– Inexplicável é o nome que podemos dar aos artistas que pintam sem acabar de pintar. Botam tinta, mais tinta, outra tinta, muita tinta, pouca tinta, nova tinta, e nunca lhes parece que a árvore é árvore, nem a choupana choupana. Se se trata então de gente, adeus. Por mais que os olhos da figura falem, sempre esses pintores cuidam que eles não dizem nada. E retocam com tanta paciência, que alguns morrem entre dois olhos, outros matam-se de desespero* (ASSIS, 1990: 52).

*Flora achou a explicação obscura* (ASSIS, 1990: 52). E, para não precisar mais se comprometer, Aires, sem perder tempo ou permitir alguma contestação, *bateu paternalmente na palma da mão de Flora, e perguntou pelos estudos* (ASSIS, 1990: 53).

Paternalmente: é assim que Aires visualiza Flora; paternalmente também trata aos gêmeos. No segundo caso, nada de muito complicado, pois *tempo houve em que também ele gostou de Natividade. Não foi propriamente paixão; não era homem disso*.<sup>498</sup> *Gostou dela, como de outras jóias e raridades, mas tão depressa viu que não era aceito, trocou de conversação* (ASSIS, 1990: 27). E se considerarmos que sentimentos e ações se unem, nada há o que contestar em homem que não tendo filhos e vendo que os gêmeos estavam a se apaixonar por Flora, simbolicamente a adota como se, em tempo não muito longínquo, ela à família fosse se integrar.

Quanto aos gêmeos: Paulo estava em São Paulo, cursando direito; Pedro estudava medicina no Rio de Janeiro. Apesar da distância física, a animosidade fraterna continuava; apesar

---

<sup>498</sup> *Esse “flerte”, exemplo das ações platônicas que norteiam o proceder amoroso de Aires, encontra o seu duplo no momento em que Santos pensou em arranjar uma nova esposa para o amigo: Santos pensou em casá-lo com a cunhada, recentemente viúva. Esta pareceu que queria. Natividade opôs-se, nunca se soube por quê. Não eram ciúmes; invejas não creio que fossem. O simples desejo de o não ver entrar na família pela porta lateral é apenas uma figura, que vale qualquer das primeiras hipóteses negadas. O desgosto de cedê-lo a outra, ou tê-los felizes ao pé de si, não podia ser, posto que o coração seja o abismo dos abismos. Suponhamos que era com o fim de o punir por havê-la amado* (ASSIS, 1990: 27-28). *Katia Muricy, em sintonia com o constrangimento que as ações amorosas causam na vida de Aires, anota que Aires, que alimentou um certo “gosto” em relação a Natividade, (...) não se deixa, em nenhum momento, perturbar por esse sentimento, de resto sepultado no passado. Mesmo porque “não era propriamente paixão; não era homem disso”* (MURICY, 1988: 79).

de saberem que *não era tanta a política que os fizesse esquecer Flora, nem tanta Flora que os fizesse esquecer a política. Também não eram tais as duas que prejudicassem estudos e recreios* (ASSIS, 1990: 53).

*Lá que viessem a amar a pequena com igual força é o que se podia admitir desde já, sem ser preciso que ela os atraísse de vontade. Ao contrário, Flora ria com ambos, sem rejeitar nem aceitar especialmente nenhum; pode ser até que nem percebesse nada. Paulo vivia mais tempo ausente. Quanto tornava pelas férias, como que a achava mais cheia de graça. Era então que Pedro multiplicava as suas finezas para não se deixar vencer pelo irmão, que vinha pródigo delas. E Flora recebi-as todas com o mesmo rosto amigo.*

*Note-se – e este ponto deve ser tirado à luz, – note-se que os dois gêmeos continuavam a ser parecidos e eram cada vez mais esbeltos. Talvez perdessem estando juntos, porque a semelhança diminuía em cada um deles a feição pessoal. Demais, Flora simulava às vezes confundi-los, para rir de ambos. E dizia a Pedro:*

*– Dr. Paulo!*

*E dizia a Paulo:*

*– Dr. Pedro!*

*Em vão eles mudavam da esquerda para a direita e da direita para a esquerda. Flora mudava os nomes também, e os três acabavam rindo. A familiaridade desculpava a ação e crescia com ela. Paulo gostava mais de conversa que de piano; Flora conversava. Pedro ia mais com o piano que com a conversa; Flora tocava. Ou então fazia ambas as cousas, e tocava falando, soltando a rédea aos dedos e à língua.*

*Tais artes, postas ao serviço de tais graças, eram realmente de acender os gêmeos, e foi o que sucedeu pouco a pouco. A mãe dela, cuidando que percebeu alguma cousa; mas a princípio não lhe deu grande cuidado. Também ela foi menina e moça, também se dividiu a si sem se dar nada a ninguém. Pode ser até que, a seu parecer, fosse um exercício necessário aos olhos do espírito e da cara. A questão é que estes se não correspondessem, nem se deixassem ir atrás de cantigas, como diz o povo, que assim exprime os feitiços de Orfeu. Ao contrário, Flora é que se fazia de Orfeu, ela é que era a cantiga. Oportunamente, escolheria a um deles, pensava a mãe.*

*A intimidade tinha intervalos grandes, além das ausências obrigadas de Paulo. Apesar de não sair, Pedro não a buscava sempre, nem ela ia muita vez à casa da praia. Não se viam dias e dias. Que pensassem um no outro, é possível; mas não possuo o menor documento disso. A verdade é que Pedro tinha os seus companheiros de escola, os namoros de rua e de aventuras, os partidos de teatro, os passeios à Tijuca e outros arrabaldes. Ao demais, os dois gêmeos estavam ainda no ponto de falar dela nas cartas, louvã-la, descrevê-la, dizer mil cousas doces, sem ciúme (ASSIS, 1990: 53-54).*

Encantados pelos encantos de Flora, Pedro e Paulo vão edificando o altar em que, mais dias menos dias, se ajoelharão, implorando por migalhas afetivas. Ao mesmo tempo, assim como o conselheiro Aires, os gêmeos sabem que, nessa etapa do ritual de namoro, não é a mulher que distribui o amor que realmente importa; de significado capital é a dor que o preterido precisará ostentar, diante daquele que, nos braços de Flora, colherá o mel da dupla felicidade: a conquista da mulher e o rebaixamento do irmão. Se, como escreveu Aires, *não era ainda o amor o que sentiam* (ASSIS, 1990: 54), provavelmente era o ciúme<sup>499</sup> que alimentava o coração dos gêmeos.

<sup>499</sup> Analisando a obra machadiana, Luiz Costa Lima observa (em relação a um outro contexto) que a temática do ciúme é freqüente nos romances da época (*Madame Bovary, O primo Basílio, La regenta, Effi Briest...*) e que embora as

Comprovando que não consegue fugir de si mesmo, homem que escolheu a temperança como condição de vida, o narrador assinala que *A discórdia não é tão feia como se pinta* (ASSIS, 1990: 54). Logo em seguida complementa: *Nem feia, nem estéril* (ASSIS, 1990: 54). Omitindo (mas não muito) que a discórdia, em movimento dialético, pode ser bonita e produtiva, faz questão de mencionar que *Conta só os livros que tem produzido, desde Homero até cá, sem excluir... Sem excluir qual? Ia dizer que este, mas a Modéstia acena-me de longe que pare aqui. Paro aqui* (ASSIS, 1990: 54). Como se tivesse percebido que está a ultrapassar uma linha muito tênue, retém a análise, *Paro aqui*, embora não pare, pois pela primeira vez percebe que está surgindo no horizonte algo mais do que o apenas impedir que o Outro obtenha o que deseja.

*Custeavam a praia, calados, pensando só até, que ambos como se falassem para si, soltaram esta frase única:*  
– *Está ficando bem bonita.*  
*E voltando-se um para o outro:*  
– *Quem?*  
*Ambos sorriram; acharam pico ao simultâneo da reflexão e da pergunta* (ASSIS, 1990: 54).

*Quem?*, perguntam os gêmeos, sabendo que um nome não pronunciado é mais sonoro do que a voz de dois homens que estão se apaixonando pela mesma mulher.

O que se segue é semelhante ao administrar uma trégua:

*Cada um expôs a sua opinião acerca das graças da pequena, o gesto, a voz, os olhos e as mãos, tudo com tão boa sombra, que excluía a idéia de rivalidade. Quando muito, divergiam na escolha da melhor prenda, que para Pedro eram os olhos, e para Paulo a figura; mas como acabavam achando um total harmônico, era visto que não brigavam por isso. Nenhum deles atribuía ao outro a cousa vaga ou o que quer que era que principiavam a sentir e mais pareciam estetas que enamorados. Aliás, a mesma política os deixou em paz essa noite: não brigaram por ela* (ASSIS, 1990: 54-55).

---

razões literárias de Machado de Assis sejam outras, para muitos personagens *o ciúme era a maneira de investir no corpo enquanto eros e não como portador de um investimento social* (LIMA, 1981: 70). Neste sentido, em *Esaú e Jacó*, Pedro e Paulo canalizam a energia sexual que ainda não liberaram/libertaram para uma posse imaginária: é a possibilidade de um relacionamento amoroso estável que proporciona o que, mais tarde, o narrador vai denominar ironicamente de *o gozo exclusivo ao pé da porta* (ASSIS, 1990: 86). Considerando que os gêmeos (seja pela pouca idade, seja pelas convenções puritanas do narrador) não sabem fruir adequadamente esse “gozo exclusivo”, é o ciúme que se manifesta como desejo de afastamento daquele que poderia obter igual sensação. A perspectiva de um *menage à trois* não os alegra; muito pelo contrário: Pedro e Paulo querem alimentar a libido com a exclusividade. E isso significa que tudo farão para se desfazer dos vínculos excedentes. Ou seja, eliminar do relacionamento um dos irmãos é uma possibilidade concreta, potencial, porque o gozo somente será pleno quando houver certeza de que o Outro nunca o obterá.

Como afirma a sabedoria popular, águas tranquilas escondem profundezas perigosas – e foi em 1888 que o equilíbrio se rompeu. Os irmãos concordam em discordar sobre a questão da emancipação dos escravos: *Estavam então longe um do outro, mas a opinião uniu-os* (ASSIS, 1990: 55).

*A diferença única entre eles dizia respeito à significação da reforma, que para Pedro era um ato de justiça, e para Paulo era o início da revolução. Ele mesmo o disse, concluindo um discurso em S. Paulo, no dia 29 de maio: “A abolição é a aurora da liberdade: esperemos o sol, emancipando o preto, resta emancipar o branco”* (ASSIS, 1990: 55).

Em uma sociedade monarquista e, até então, escravocrata, declarações deste teor resultam em complicações. O que está em jogo na frase de Paulo não é a perspectiva da política de Estado; mas, a da política social, que não acredita em obstáculos quando se trata de desmascarar comportamentos dissimulados, preconceitos instituídos e certezas que todos sabem serem duvidosas.

Preocupada com o futuro do filho, Natividade repreende maternalmente Paulo. O rapaz, que não se curva ao conservadorismo de sua família, respondeu-lhe que *tudo lhe poderia sacrificar, inclusive a vida e até a honra; as opiniões é que não. “Não, mamãe, as opiniões é que não”* (ASSIS, 1990: 56).

Natividade, escandalizada, não consegue entender exatamente quais são as razões dessa guinada política de Paulo. Ao mesmo tempo, foi tomada por um sentimento análogo ao medo, pois percebeu que o seu filho acolhia idéias que se opunham frontalmente às normas de conduta da família Santos:

*Natividade não acabava de entender os sentimentos do filho, ela que sacrificara as opiniões aos princípios, como no caso de Aires,<sup>500</sup> e continuou a viver sem mácula. Como então não sacrificar...? Não, não achava explicação. Relia a carta e a do discurso; tinha medo de o ver perder a carreira política, se era a política que o faria grande homem. “Emancipado o preto, resta emancipar o branco”, era uma ameaça ao imperador e ao império* (ASSIS, 1990: 56).

---

<sup>500</sup> “Como no caso de Aires”. Esta frase está carregada de ambigüidade. Embora o fórum adequado para discuti-la não o seja aqui, cabe ressaltar que não está claro ao que está Natividade se referindo. Será que foi Aires que sacrificou “as opiniões aos princípios”, ou foi Natividade que assim o fez? Ou, ainda, será que Natividade não está sacrificando, em relação a Aires, algo mais do que opiniões e princípios, o que lhe garantiria “viver sem mácula”?

São frases como essa (“*Emancipado o preto, resta emancipar o branco*”) que estabelecem marcos divisórios, separando o antes e o depois. O narrador, exercendo as suas funções de intrometido, não perde a oportunidade para um exercício retórico, explicando que Natividade:

*Não atinou que a frase do discurso não era propriamente do filho; não era de ninguém. Alguém a proferiu um dia, em discurso ou conversa, em gazeta ou em viagem de terra ou de mar. Outrem a repetiu, até que muita gente a fez sua. Era nova, era enérgica, era expressiva, ficou sendo patrimônio comum.*  
*Há frases assim felizes. Nascem modestamente, como a gente pobre; quando menos pensam, estão governando o mundo, à semelhança das idéias. As próprias idéias nem sempre conservam o nome do pai; muitas aparecem órfãs, nascidas de nada e de ninguém. Cada um pega delas, verte-as como pode, e vai levá-las à feira, onde todos as têm por suas* (ASSIS, 1990: 56).

Esvaziando o conteúdo do discurso de Paulo, o narrador procura contornar as áreas de atrito, desviando o assunto para a autoria da frase.<sup>501</sup> Ação estéril, evidentemente, porque em nada modifica o comportamento revolucionário de Paulo, mas que tem o efeito de introduzir o periférico no lugar do principal. E assim, sem precisar opinar sobre a questão em debate, a narrativa avança.

Natividade, ainda muito impressionada com a frase do filho, e ruminando idéias, saiu, para compras, na tarde do dia seguinte. Coincidentemente, encontra Aires (“... *chegou a propósito. – Chego sempre a propósito* [ASSIS, 1990: 56]<sup>502</sup>). Conversam. Natividade fala-lhe de seus medos, em relação ao futuro dos gêmeos. Aires desarma as suas apreensões e pede-lhe atenção para outros assuntos: *Pensem em outra coisa, e deixe lá o Paulo pedir a república* (ASSIS, 1990: 58).

Ciente de que está com um grande problema para resolver, Natividade, apesar do que Aires lhe disse, pede ao amigo um favor:

*– Mas, a senhora ainda me não disse o que queria de mim, além do conselho. Ou não quer mais nada?*

<sup>501</sup> Raymundo Faoro, sempre atento aos movimentos subterrâneos produzidos pela articulação do discurso narrativo com o pensamento do conselheiro Aires, expõe o artificialismo da situação: *O republicano Paulo comemora a abolição com uma nova esperança*: “A abolição é a aurora da liberdade; esperemos o sol; emancipado o preto, resta emancipar o branco” (E.J., XXXVII). *Natividade, atônita e preocupada, não atinou* – “nem sempre as mães atinam” – *que havia, na proposição, incandescente, apenas uma frase, uma frase de ninguém e de toda gente*. “Alguém a proferiu um dia, em discurso ou conversa, em gazeta ou em viagem de terra ou de mar. Outrem a repetiu, até que muita gente a fez sua. Era nova, era enérgica, era expressiva, ficou sendo patrimônio comum”. *Este é um mundo governado pela frase – a frase feliz, sem pai, bem cunhada, com alguma sombra de idéias. Política e frase, opinião pública e frase, pensamento e frase – tudo será frase. É a frase que traduz a alma exterior das coisas, da realidade* (FAORO, 2001: 193)

<sup>502</sup> Nada mais apropriado para um narrador “intrometido” do que garantir para os personagens – e para o leitor – a sua onipresença, que é uma forma de dizer que os acontecimentos narrativos são gestados à partir de um ponto de vista específico (seja o do narrador, seja o de seu heterônimo, o conselheiro Aires), que sempre chega a propósito, na hora exata. Evidentemente, muitas das situações não registradas também influenciarão no andamento narrativo, mas o que o narrador quer é assegurar que o foco principal está no seu narrar – e não nos acontecimentos que o narrador omite.

– *Custa-me pedir-lhe.*  
 – *Peça sempre.*  
 – *Sabe que os meus dois gêmeos não combinam em nada, ou só um pouco, por mais esforços que eu tenha feito para os trazer a certa harmonia. Agostinho não me ajuda; tem outros cuidados. Eu mesma já não me sinto com forças, e então pensei que um amigo, um homem moderado, um homem de sociedade, hábil, fino, cauteloso, inteligente, instruído...*  
 – *Eu, em suma?* <sup>503</sup>  
 – *Adivinhou.*  
 – *Não adivinhei; é o meu retrato em pessoa. Mas então que lhe parece que possa fazer?*  
 – *Pode corrigi-los por boas maneiras, fazê-los unidos, ainda quando discordem, e que discordem pouco ou nada. Não imagina; parece até propósito. Não discordam da cor da lua, por exemplo, mas aos onze anos Pedro descobriu que as sombras da lua eram nuvens, e Paulo que eram falhas da nossa vista, e atracaram-se; eu é que os separei. Imagine em política...*  
 – *Imagine em amores, diga logo; mas não é propriamente para este caso...*  
 – *Oh! não!*  
 – *Para os outros é igualmente inútil, mas eu nasci para servir, ainda inutilmente. Baronesa, o seu pedido equívale a nomear-me aio ou preceptor... Não faça gestos; não me dou por diminuído. Contanto que me pague os ordenados...* <sup>504</sup> *E não se assuste; peço pouco, pague-me em palavras; as suas palavras são de ouro. Já lhe disse que toda minha ação é inútil.*  
 – *Por quê?*  
 – *É inútil.*  
 – *Uma pessoa de autoridade, como o senhor, pode muito, contanto que os ame, porque eles são bons, creia. Conhece-os bem?*  
 – *Pouco.*  
 – *Conheça-os mais e verá.*  
*Aires concordou rindo. Para Natividade valia por uma tentativa nova. Confiava na ação do conselheiro (ASSIS, 1990: 58).*

E assim, estabelece-se, por vias transversas à consangüinidade, um compromisso familiar.<sup>505</sup>  
 Aires perfilha simbolicamente os gêmeos,<sup>506</sup> assumindo o lugar do Barão Agostinho José dos

<sup>503</sup> Esse momento de “humildade” do conselheiro Aires destoa do seu comportamento recatado e pouco afeito às vaidades mundanas. No entanto, diante de seu grande amor platônico, feito um pavão que se exhibe para a fêmea antes do acasalamento, Aires não se constrange em transgredir com as regras que instituiu como fundamentais para escapar ileso de todas as situações que o possam comprometer.

<sup>504</sup> *Contanto que me pague os ordenados...*, deixa escapar o conselheiro, como se as palavras pudessem, cheias de graça, amainar propósitos pouco nítidos: Aires está a insinuar que já está a merecer alguma paga por seus serviços “desinteressados”. E, para que não reste dúvidas sobre suas intenções, complementa: *E não se assuste; peço pouco, pague-me em palavras; as suas palavras são de ouro*, permitindo o necessário interstício para que Natividade pronuncie as palavras áureas, aquelas mesmas que ele, batêia na mão, está a procurar nessa mina, quiçá o filão que o fará milionário. Ou que permitir-lhe-ia algumas horas de amor – esperança que não se dissipa nunca.

<sup>505</sup> E, como que a acrescentar mais um ingrediente à narrativa, o narrador faz mais uma observação relacionada com afetos implícitos e nunca clarificados: (...) *e para dizer tudo... Não sei se diga... Digo. Natividade contava com a antiga inclinação do velho diplomata. As cãs não lhe tirariam o desejo de a servir. Não sei quem me lê nesta ocasião. Se é homem, talvez não entenda, logo, mas se é mulher creio que entenderá. Se ninguém entender, paciência; baste saber que ele prometeu o que ela quis, e também prometeu calar-se; foi a condição que a outra lhe pôs. Tudo isso polido, sincero e incrédulo* (ASSIS, 1990: 58-59). Incrédulo fica o leitor ao ler que Natividade não se constrange em manipular o conselheiro; incrédulo fica o leitor ao perceber que Aires fará tudo o que essa mulher lhe pedir.

<sup>506</sup> Manuel Cavalcanti Proença, seguidor da escola de que o texto reflete a vida do autor, não se furta à lembrança de que Machado de Assis, apesar da felicidade de seu casamento com D. Carolina, não teve filhos, como Aguiar e D. Carmo, do Memorial de Aires; em Memórias póstumas de Brás Cubas e em Esaú e Jacó, também se apresenta o

Santos – que, como todo pai ausente, desaparece de cena nos momentos em que se faz necessária a sua presença. Em lugar de ajudar na administração educacional dos gêmeos, o barão *tem outros cuidados*.

Algum tempo depois, quando Paulo volta de São Paulo, ainda é o discurso que determina o andamento da ação narrativa:

*Paulo tinha talento. O discurso daquele dia podia pecar aqui ou ali por alguma ênfasis, e uma ou outra idéia vulgar e exausta. Tinha talento o Paulo. Em suma, o discurso era bom. Santos achou-o excelente, leu-o aos amigos e resolveu transcrevê-lo nos jornais. Natividade não se opôs, mas entendia que algumas palavras deviam ser cortadas.*

*– Cortadas, por quê? perguntou Santos; e ficou esperando a resposta.*

*– Pois você não vê, Agostinho? Estas palavras têm sentido republicano, explicou ela, relendo a frase que a afligira.*

*Santos ouviu-as ler, leu-as para si, e não deixou de lhe achar razão. Entretanto, não havia de as suprimir.*

*– Pois não se transcreve o discurso.*

*– Ah! isso não! O discurso é magnífico, e não há de morrer em S. Paulo; é preciso que a Corte o leia, e as províncias também, e até não se me daria fazê-lo traduzir em francês. Em francês, pode ser que fique ainda melhor.*

*– Mas, Agostinho, isso pode fazer mal à carreira do rapaz; o Imperador pode ser que não goste...*

*Pedro, que assistia desde alguns instantes ao debate, interveio docemente para dizer que os receios da mãe não tinham base; era bom pôr a frase toda, e, a rigor, não diferia muito do que os liberais diziam em 1848.*

*– Um monarquista liberal pode muito bem assinar este trecho, concluiu ele depois de reler as palavras do irmão.*

*– Justamente! assentiu o pai.*

*Natividade, que em tudo via a inimizade dos gêmeos, suspeitou que o intuito de Pedro fosse justamente comprometer Paulo. (ASSIS, 1990: 62).*

*Natividade, que em tudo via a inimizade dos gêmeos*, sabia que a situação era delicada, um passo em falso poderia resultar em fratura muito perigosa. Nas relações fraternas, que se caracterizam pelas ações perversas, por trás de uma demonstração de “apoio”, muitas vezes pode estar escondida alguma crueldade ainda não identificada.

O narrador, seguindo a sua vocação cordata, faz questão de amenizar a situação, esclarecendo que este não é um caso patológico:

*Olhou para ele a ver se lhe descobria essa intenção torcida, mas a cara do filho tinha então o aspecto do entusiasmo. Pedro lia trechos do discurso, acentuando as belezas,*

---

*problema do homem sem descendência. Neste romance, é o conselheiro que, ao receber de Natividade a incumbência de orientar e conciliar os gêmeos, busca investir-se da paternidade que não conheceu: “Aires queria cumprir deveras o ofício que aceitara de Natividade. Quem sabe se a idéia de pai espiritual dos gêmeos, pai de desejo somente, pai que não foi, que teria sido, não lhe dava uma afeição particular e um dever mais alto que o de simples amigo?” Como no verso de Manuel Bandeira, a vida que podia ter sido e que não foi. Para o conselheiro. Para o romancista, quem sabe? (PROENÇA, 1974: 133)*



*repetindo as frases mais novas, cantando as mais redondas, revolvendo-as na boca, tudo com tão boa sombra que a mãe perdeu a suspeita, e a reimpressão do discurso foi resolvida. Também se tirou uma edição em folheto, e o pai mandou encadernar ricamente sete exemplares, que levou aos ministros, e um ainda mais rico para a Regente.*

*– Você diga-lhe, aconselhou Natividade, que o nosso Paulo é liberal ardente...*

*– Liberal de 1848, completou Santos lembrando as palavras de Pedro.*<sup>507</sup>

*Santos cumpriu tudo à risca. A entrega se fez naturalmente, e, no palácio Isabel, a definição de “liberal de 1848” saiu mais viva que as outras palavras, ou para diminuir o cheiro revolucionário da frase condenada pela mulher, ou porque trazia valor histórico. Quando ele voltou a casa, a primeira coisa que lhe disse foi que a Regente perguntara por ela, mas apesar de lisonjeada com a lembrança, Natividade quis saber da impressão que lhe fizera o discurso, se já o lera.*

*– Parece-me que foi boa. Disse-me que já havia lido o discurso. Nem por isso deixei de lhe dizer que os sentimentos de Paulo eram bons; que se lhes notávamos certo ardor, compreendíamos sempre que eles eram os de um liberal de 1848...*

*– Papai disse isso? perguntou Pedro.*

*– Por que não, se é verdade? Paulo é o que se pode chamar de um liberal de 1848, repetiu Santos querendo convencer o filho (ASSIS, 1990: 62-63).*

À solução apresentada pelo pai e pelo irmão, *liberal de 1848*,<sup>508</sup> Paulo somente tomou conhecimento quando regressou ao Rio, em férias. Reagiu com intensidade, esclarecendo que os seus ideais haviam sido corrompidos, *Protestou contra ela, em casa; quis fazê-lo em público.*

---

<sup>507</sup> John Gledson destaca que *mal se poderia esperar que Santos, o homem de negócios com os olhos fixos no presente, tenha grandes concepções do passado: ele não tem nenhuma idéia do significado da frase “liberal de 1848”, que Pedro usa para descrever um discurso de Paulo e simplesmente lança mão da designação “ou para diminuir o cheiro revolucionário da frase condenada pela mulher, ou porque trazia valor histórico” (GLEDSON, 1986: 192).* Pelo significado imposto pela interpretação de Pedro – e acatado por Agostinho –, o conteúdo do discurso de Paulo é dissociado de seu contexto histórico: *O “valor” é simplesmente o de seu uso por Santos, completamente divorciado de seu significado (GLEDSON, 1986: 192).*

<sup>508</sup> O parlamentarismo monárquico, no 2º Reinado, oscilava entre os partidos Liberal e Conservador – embora alguns analistas não consigam distinguir, em determinados momentos, quais eram as diferenças ideológicas significativas que os distinguiam. Por força de resultados eleitorais e de crises políticas, a alternância de poder impedia uma estabilidade governamental significativa. Uma exceção ocorreu no chamado “quinquênio liberal” (1844-1848). Através de cinco ministérios, o Partido Liberal governou o Brasil – a mais significativa proposta desse período foi a de constituição de um terceiro partido político, abrigando liberais e conservadores, em uma conciliação interpartidária nacional (que foi amplamente rejeitada, exceto no período chamado “pequena conciliação”). Em 1848, o gabinete Paula Souza, vulnerável às críticas dos adversários e sem conseguir superar grave crise interna, renuncia e é substituído pelo Visconde de Olinda, do partido Conservador.

Uma das principais discussões do ministério Paula Souza refere-se à repressão do tráfico escravocrata. Segundo Paula Beiguelman, (...) *uma vez evidenciada a queda da situação liberal, o gabinete Paula Souza, numa tentativa para compensar o passivo partidário representado pelo Bill Aberdeen, fizera retomar a discussão de um projeto de lei nacional que consignava a pesquisa de indícios na repressão ao tráfico. Embora na condução dos debates ficasse explícito o sentido antes político que técnico dessa providência do governo (o qual, no encaminhamento da questão, empresta ao projeto um caráter anódino e mesmo o inutilizava como recurso para aliviar a tensão anglo-brasileira) resultava, entretanto, que o Partido Liberal no ostracismo passava a competir desvantajosamente com o Partido Conservador, identificado com uma defesa intransigente do status quo escravista.*

*Por outro lado, a substituição de um gabinete que apresentara um projeto de lei sobre o tráfico, por um outro conservador, integrado por Paulino de Souza na pasta de Estrangeiros [que se destacava na resistência à Inglaterra no que se referia à repressão ao tráfico], assumia toda a aparência de um recuo brasileiro na questão do tráfico e acarretava uma deterioração nas relações com a Inglaterra, motivando a atividade dos cruzeiros ingleses em águas territoriais brasileiras (BEIGUELMAN, 1973: 76-77).*

Ao tomar conhecimento do destempero de Paulo, Aires, cumprindo com suas funções de “pai espiritual” dos gêmeos, agiu prontamente e para evitar novas crises convidou os irmãos a um almoço, *Beberemos certo vinho que me deu o ministro da Alemanha...* (ASSIS, 1990: 64).

*No domingo foram os dois ao Catete, menos pelo almoço que pelo anfitrião. Aires era amado dos dois; gostavam de ouvi-lo, de interrogá-lo, pediam-lhe anedotas políticas de outro tempo, descrição de festas, notícias de sociedade.*

*(...) Pedro estava alegre, Paulo preocupado. Depois das primeiras saudações e notícias, Aires notou essa diferença, e achou que era bom para tirar a monotonia da semelhança; mas, enfim, não queria caras fechadas, e indagou do estudante de Direito o que é que ele tinha.*

*– Nada.*

*– Não pode ser; acho-lhe um ar meio sorumbático. Pois eu acordei disposto a rir, e desejo que ambos riam comigo.*

*Paulo rosnou uma palavra que nenhum deles entendeu e sacou do bolso um maço de folhas de papel. Era um artigo... (ASSIS, 1990: 64).*

Pois Paulo, com ares de quem não haveria de sossegar enquanto suas idéias não recebessem o tratamento que considerava adequado, havia escrito na noite anterior um artigo, onde, em respeito à mãe, não atacava o Imperador, *mas com o princípio e o pessoal era violento e áspero* (ASSIS, 1990: 64). Fez questão de o ler, para, em seguida, ouvir a opinião de Aires.

*Quando Paulo acabou, Pedro disse com ar de mofa:*

*– Conheço tudo isso, são idéias paulistas.*

*– As tuas são idéias coloniais, replicou Paulo.*

*Deste intróito podiam nascer piores palavras, mas felizmente um criado chegou à porta anunciando que o almoço estava na mesa. Aires ergueu-se e disse que à mesa daria sua opinião.*

*– Primeiro o almoço, tanto mais que temos um salmão, cousa especial. Vamos a ele (ASSIS, 1990: 64).*

---

Astrojildo Pereira, no estudo clássico *Romancista do Segundo Reinado*, escreve que *Machado de Assis não via na escravidão apenas o aspecto sentimental, mas sim o fenômeno social em seu conjunto – e sobre este fenômeno é que incita a sua lente de analista, servindo-se dos indivíduos como componentes, e como expressão de um todo complexo* (PEREIRA, 1959: 26). No mesmo texto, Astrojildo Pereira nada menciona sobre os protestos de Paulo, o que talvez seja uma omissão significativa.

A reclamação veemente de Paulo, ao ser associado aos *Liberais de 1848*, é importante, pois o seu discurso foi forjado no espírito libertário daqueles que acreditam que as lutas políticas pelas liberdades individuais são contínuas e constantes. Guiado pelo espírito “jacobino”, Paulo quer resolver o problema escravocrata com a energia dos que não se submetem aos rituais da negociação. Em oposição, o esforço “girondino” dos liberais de 1848, em favor do controle do tráfico de escravos, estava escorado em lentas maquinações políticas, frutos de um ministério que estava em processo de esgotamento. Para Raymundo Faoro, *Não tinha a oratória do republicano mero sentido político, que se poderia filiar aos liberais de 1848 – Paulo protesta contra esta interpretação, cioso do conteúdo carbonário de sua frase* (FAORO, 2001: 361). Ou seja, ao ser associado com os liberais de 1848, o conteúdo revolucionário do discurso (e da frase) foi diluído pela moderação, pelo assentamento de discussões que eram consideradas perigosas; a peça política, que colocava em xeque a estrutura social do Brasil, sofre uma leitura açucarada – que, embora marque uma posição, esta não corresponde à intenção inicial proposta por Paulo.

Aires cuidou que os rapazes, durante a refeição, digerissem o mal-estar e esquecessem os atritos. Os fez comer e beber. Escutou-os cautelosamente sobre diversos assuntos: *Aires estudava os dois rapazes e suas opiniões. Talvez estas não passassem de uma erupção de pele da idade* (ASSIS, 1990: 65). Enfim,

*A política veio morrendo. Na verdade, Paulo ainda se declarou capaz de derribar a monarquia com dez homens, e Pedro de extirpar o gérmen republicano com um decreto. Mas o ex-ministro, sem mais decreto que uma caçarola, nem mais homens que o seu cozinheiro, envolveu os dois regimens no mesmo salmão delicioso* (ASSIS, 1990: 65).

O salmão como elo da conciliação.<sup>509</sup> É através dessa panacéia (*envolveu os dois regimens no mesmo salmão delicioso*) que o conselheiro Aires institui o apaziguamento. O tom revolucionário de Paulo e o conservadorismo de Pedro se perdem entre a comida e o vinho alemão – o que parece agradar a todos.

Ao final da refeição, Aires, atando a ação com a palavra, contemplou os irmãos com duas citações de Homero:

*Paulo no começo da Iliada:*

– *Musa, canto a cólera de Aquiles, filho de Peleu, cólera funesta aos gregos, que precipitou à estância de Plutão tantas almas válidas de heróis, entregues os corpos às aves e aos cães...*

*Pedro estava no começo da Odisséia:*

– *“Musa, canta aquele herói astuto, que errou por tantos tempos, depois de destruída a santa Ílion...”*

*Era um modo de definir o caráter dos gêmeos, e nenhum deles levou mal a aplicação. Ao contrário, a citação poética, valia por um diploma particular* (ASSIS, 1990: 65).

Aires repetiu a citação no original grego, e os dois gêmeos sentiram-se ainda mais épicos (ASSIS, 1990: 65). Significativamente, os rapazes consideraram que estavam sendo elogiados. E não é exatamente o que Aires quis transmitir aos gêmeos: Pedro foi comparado com Odisseus, santo de devoção dos trapaceiros; Aquiles, cujas ações eram condicionadas pela cólera e pela insensatez, foi a imagem cotejada para Paulo.

---

<sup>509</sup> Astrojildo Pereira, comenta esse episódio, em conjunto com o famoso “*tédio à controvérsia*”: *O capítulo XLIV do Esaú e Jacó intitulado “O salmão”, oferece-nos excelente amostra da maneira como o velho Aires – esse “alter ego” de Machado de Assis – encarava essa questão do tédio à controvérsia* (PEREIRA, 1959: 101). Unindo literatura e vida privada, Astrojildo Pereira ressalta que o *tédio à controvérsia* não quer dizer ausência de idéias nem fuga a sustentar uma opinião. Aires, na frase citada, expôs a teoria que Machado de Assis praticava em sua atividade de escritor e jornalista. Não o seduzia o debate pelo debate; mas externava livremente o seu pensamento crítico sobre os homens e as coisas, sem se afligir com as interpretações que lhe pudessem dar (PEREIRA, 1959: 101-102).

Os gêmeos – mestres na arte de atacar um ao outro –, em lugar de interpretarem a sutil ironia, retiraram de tamanha erudição um efeito diverso:

*O que eles fizeram foi dar um sentido deprimente ao que era aplicável ao irmão:*

*– Tem razão, Sr. conselheiro, – disse Paulo, – Pedro é um velhaco...*

*– E você é um furioso...*

*– Em grego, meninos, em grego e em verso, que é melhor que a nossa língua e a prosa do nosso tempo (ASSIS, 1990: 65).*

*Em grego, meninos, em grego e em verso*, solicita o conselheiro, sem perceber que agora foi ele quem caiu na armadilha. Falta-lhe sensibilidade para perceber que está em contradição: em grego e em versos os conflitos não perdem a sua periculosidade, também não adquirem um aura mais brilhante, mais interessante, mais bonita – o que, de uma forma escapista, significa ignorar a possibilidade de que o sangue que escorreu nas páginas de Homero talvez venha a escorrer em *Esau e Jacó*.<sup>510</sup>

*Aqueles almoços repetiram-se, os passaram, vieram férias, acabaram-se férias* (ASSIS, 1990: 66). E, nesse clima de amenidades, onde tudo caminha para a almejada tranquilidade, onde nada acontece e tudo resulta na aparência de paz e harmonia, o tempo foi passando lentamente, assim como a areia que escorre na ampulheta.

Essa rotina só era interrompida por algum evento social.

Na noite do dia 9 de novembro de 1889, D. Pedro II ofereceu um baile aos oficiais da marinha chilena – que estavam em visita ao Brasil.<sup>511</sup>

---

<sup>510</sup> Poder-se-ia argumentar que o conselheiro Aires e o narrador são a mesma pessoa e que a onisciência narrativa permite algumas liberdades quanto às características e às ações do personagem. Nesse sentido, o seu incorrigível senso de apascentamento social encontra nesta cena lugar privilegiado para se manifestar, embora ele saiba, de antemão, que os irmãos nunca irão até as últimas conseqüências – como são complementares, jamais poderão conviver com a falta. Enfim, jogos de cena narrativos. No entanto, mesmo que isso seja verdadeiro, o que transparece em particular, nessa cena, é a necessidade de apresentar a dissimulação como ferramenta do convívio social. É a arte de “dourar a pílula” que faz a riqueza dos farmacêuticos.

<sup>511</sup> O baile da ilha Fiscal, no entender de alguns historiadores, foi o “*canto do cisne*” do governo imperial. A homenagem aos chilenos possibilitou para aqueles que freqüentavam a Corte, e, por extensão, todos os brasileiros, que pudessem ver, mais uma vez, uma imagem pouco lisonjeira do país. Como um espetáculo operístico, o baile apresentou um cenário grandioso, enredo trágico, música e vozes troantes. *Há um eflúvio mágico nesse cenário noturno que empolga a todos os presentes. Santos, a quem já não bastavam os rendosos negócios particulares, sonha tornar-se um outro Barão de Mauá; Natividade, embevecida no mito da grandeza, quedara-se, em certo momento, extasiada, com “os olhos pelo tempo adiante, descontando no presente a felicidade futura, caso viesse a morrer antes das profecias”. E aqui o romancista interfere com uma imagem admirável: “Tinha a mesma sensação que ora lhe dava aquela cesta de luzes no meio da escuridão tranqüila do mar”* (GOMES, 1958: 187). Simultaneamente, o baile da ilha Fiscal também mostrou que o cenário era feito de papelão pintado, os cantores eram desafinados e a música... plágio. Aliás, tudo era plágio de uma outra tragédia, provavelmente grega, porque foram os Helenos quem primeiro conseguiram identificar esse tipo de insanidade social. E talvez seja por isso que quase todas as figuras significativas do Brasil se fizeram presentes no baile, como um presságio de que aquela era a última vez que se poderia ver o

[Flora] foi ao baile da ilha Fiscal com a mãe e o pai. Assim também Natividade, o marido e Pedro, assim Aires, assim a demais gente convidada para a grande festa. Foi uma bela idéia do governo, leitor. Dentro e fora, do mar e da terra, era como um sonho veneziano; toda aquela sociedade viveu algumas horas suntuosas, novas para uns, saudosas para outros, e de futuro para todos (ASSIS, 1990: 71).

Paulo, republicano e morando em São Paulo, não pode valsar com Flora. Não fez falta. Aliás, se Pedro estivesse ausente também não conseguiria alterar o rota do universo. Para Flora, *Não lhe faltaram pares, nem conversação, nem alegria alheia e própria. Toda ela compartia da felicidade dos outros* (ASSIS, 1990: 72).

Enfim, Flora podia viver sem eles. Quer dizer, nem que tenha sido apenas por um momento, ela acreditou que sim. E assim convicta se divertiu pelo resto da noite. Depois da festa, *Toda a gente voltou da ilha com o baile na cabeça, muita sonhou com ele, alguma dormiu mal ou nada* (ASSIS, 1990: 72). De qualquer forma, depois do baile, depois do sonho e do sono, há o acordar – e a responsabilidade de estar acordado.

No dia seguinte, perto das nove horas da noite, Aires, que se encontrava visitando a família Santos, em Botafogo, presenciou a chegada de Batista e Cláudia, acompanhados de Pedro e Flora:

– *Vimos trazer o seu menino, disse Batista a Natividade.*  
– *Obrigado doutor, acudiu Santos, mas ele já não está em idade de se perder por essas ruas e, se se perder, acha-se logo, acrescentou sorrindo* (ASSIS, 1990: 75).

*Natividade não gostou da graça* (ASSIS, 1990: 75), sabe que o seu filho ainda não possui maturidade suficiente para exercer “certas” atividades noturnas; mas isso é apenas um aperitivo ao prato principal, que Aires prontamente detecta:

[Pedro] interrompera a conversa que trazia com Flora, e trocadas algumas palavras, os dois foram reatar o fio a um canto. Aires reparou na atitude de ambos; ninguém mais lhes prestava atenção. Ao cabo, a conversa era em voz surda; não os poderiam ouvir. Ela escutava, ele falava; depois era o contrário, ela é que falava, ele é que ouvia, tão absortos que pareciam não atender a ninguém, mas atendiam. Possuíam o sexto sentido dos

---

esplendor do Império. Eugênio Gomes, ciente de quão importante é a caracterização dos atores que adentram no prosscênio, faz um comentário ácido: *No “Esaú e Jacó”, onde fervilha o arrivismo social estimulado pela preamar de dinheiro do encilhamento, o romancista deixa apenas entrever as galas da sociedade elegante. E, pormenor significativo, no capítulo “Terpsícore”, dedicado ao baile da ilha Fiscal, às vésperas da queda do trono monárquico, nem uma palavra do romancista sobre as vestes dos convidados que selecionou para dar uma idéia da grandeza do célebre e aristocrático sarau* (GOMES, 1958: 80-81). Quando a cortina desceu e a aristocracia se retirou da ilha, ao findar o baile, o descompasso se mostrou em toda a sua plenitude: o que ficou na memória da sociedade brasileira foi o exagero, o esbanjamento, o fora de propósito. Nas ruas, uma realidade diferente estava se apresentando. Uma realidade que exigia mudanças – e essas mudanças resultaram no advento da República, alguns dias após.

*conspiradores e dos namorados. Que conversassem de amores, é possível; mas que conspiravam, é certo. Quanto à matéria da conspiração, podereis sabê-la depois, brevemente. (...) O próprio Aires não descobriu nada, por mais que quisesse faltar os olhos naquele diálogo de mistérios. Persuadiu-se que não era grave, porque eles sorriam com frequência; mas podia ser íntimo, escondido, pessoal, e acaso estranho. Supõe um fio de anedotas ou uma história comprida, coisa alheia; ainda assim podia ser deles somente, porque há estados da alma em que a matéria da narração é nada, o gosto de a fazer e de a ouvir é que é tudo. Também podia ser isto (ASSIS, 1990: 75).*

*A matéria da narração é nada, o gosto de a fazer e de a ouvir é que é tudo*, comenta o narrador, fazendo significativas considerações sobre a teoria da literatura e a difícil arte de construir uma narrativa que não deve se restringir à passividade linear dos acontecimentos e das emoções. No entanto, não é possível ignorar que esse discurso, esse exercício de linguagem, também tem o propósito de encobrir uma estratégia narrativa, baseada na postergação do que deve ser acrescentado ou revelado.

De conhecimento do narrador, a mudança radical de rumos na conversa entre Flora e Pedro. O que, à distância, parecia tão doce, tão bonito e tão misterioso, de repente enveredou para um desentendimento:

*A causa foi uma carta de Paulo, escrita ao irmão, e que este se lembrou de mostrar à Flora, dizendo-lhe que também mostrara à mãe, e a mãe se zangara muito.*

– Com o senhor?

– Com Paulo.

– Mas que dizia a carta?

*Paulo leu-lhe o ponto principal, que era toda a carta; falava da questão militar. Já havia a “questão militar”, um conflito de generais e ministros, e a linguagem de Paulo era contra os ministros.*

– Mas por que é que o senhor foi mostrar essa carta a sua mãe?

– Mamãe quis saber o que é que ele me dizia.

– E sua mãe zangou-se, aí está; vai talvez repreendê-lo.

– Tanto melhor; Paulo precisa ser emendado; mas, diga-me, por que a senhora defende sempre o meu irmão?

– Para ter o direito de defender também ao senhor (ASSIS, 1990: 76).

Flora, perplexa, sem entender a estranha lógica que determina as ações antagônicas dos gêmeos, mostra-se zangada com Pedro;<sup>512</sup> parece-lhe uma grande perversidade mostrar à mãe uma

---

<sup>512</sup> Luiz Costa Lima observa que Flora é incapaz de entender o comportamento antagônico de Pedro e Paulo: *o que para os gêmeos era prova suficiente de diferenciação – sua identidade conflitiva –, para Flora não possuía o mesmo significado. Distintos o eram, mas, por assim dizer, do ponto de vista da sociedade. De acordo com a imagem interna de Flora, Pedro chama-se Paulo e Paulo chama-se Pedro. A “troca” é bem clara para que levantemos mais do que uns poucos exemplos. Assim, as cenas em que os irmãos conversam com Flora são absolutamente simétricas: “Ela escutava, ele falava; depois era o contrário, ela é que falava, ele é que ouvia, tão absortos que pareciam não atender a ninguém, mas atendiam” (...). “Tudo valia para os dois interlocutores. A rua ajudava aquela absorção recíproca”*

carta particular, onde irmãos compartilham idéias e segredos pessoais. Parece-lhe que houve uma quebra de compromisso, a traição de uma amizade. E essa impressão fica ainda maior porque percebe que o único propósito do ato de Pedro se resume ao obter uma duvidosa satisfação pessoal: *Veio a zanga. Flora não replicou nada, e, por seu gosto, não teria jantado, a tal ponto sentia piedade do outro*<sup>513</sup> (ASSIS, 1990: 76).

Ao perceber que está perdendo terreno, que a sombra do irmão ameaça estragar o que até então era-lhe agradável deleite, Pedro contra-ataca:

*– Então ele já lhe tem falado mal de mim?*

*Flora quis dizer que sim, depois que não, afinal calou. Desconversou, perguntando por que eles se davam mal. Pedro negou que se dessem mal. Ao contrário, viviam bem.*<sup>514</sup> *Não teriam as mesmas opiniões, e também podia ser que tivessem o mesmo gosto... Daqui a dizer que ambos a amavam era uma vírgula; Pedro pingou o ponto final. Esse astuto era também tímido. Mais tarde, compreendeu que, calando, andou melhor, e deu a si mesmo o aplauso da escolha; mas era falso, não escolhera nada* (ASSIS, 1990: 76).

Tratando de salvar o que lhe é possível, Pedro, com “graça, brandura e adoração”, consegue descongelar o mau humor de Flora. *Bem-aventurados os que ficam, porque eles serão compensados* (ASSIS, 1990: 76), afirma o narrador, imaginando que, para aquele que está enamorado, um pouco de atenção da mulher que ama equivale ao encontrar um tesouro.

O narrador, nas páginas seguintes, revela retroativamente ao leitor o tema que motivou o início da conversa entre Flora e Pedro, a “conspiração”:

*Eis agora a matéria da conspiração. Na rua, ao virem de S. Clemente, foi que Pedro, gastando o melhor do tempo com a carta e o jantar, pôde revelar à moça um segredo:*

*– Titia disse lá em casa que D. Cláudia lhe contara em segredo (não diga nada) que seu pai vai ser nomeado presidente de província* (ASSIS, 1990: 76).

---

(...). *Passagens tão simétricas que não importava a primeira cena referir-se a Pedro e a segunda a Paulo* (LIMA, 1981: 105).

<sup>513</sup> Sentimento análogo, porém intenso, também havia sido detectado, por um breve instante, no baile da Ilha Fiscal: *Mas donde viria o tédio a Flora, se viesse? Com Pedro no baile, não; este era, como sabes, um dos dois que lhe queriam bem. Salvo se ela queria principalmente ao que estava em S. Paulo. Conclusão duvidosa, pois não é certo que preferisse um ao outro. Se já a vimos falar a ambos com a mesma simpatia, o que fazia agora a Pedro na ausência de Paulo, e faria a Paulo na ausência de Pedro, não me faltará leitora que presuma um terceiro... um terceiro explicaria tudo, um terceiro que não fosse ao baile, algum estudante pobre, sem outro amigo nem mais casaca que o coração verde e quente. Pois nem esse, leitora curiosa, nem terceiro, nem quarto, nem quinto, ninguém mais* (ASSIS, 1990: 71) (**grifo meu**).

<sup>514</sup> “...viviam bem”, afirma Pedro, sem medo de errar, sem temer que o olhar daqueles que não comungam do sistema que estabeleceu com o irmão visualize imagem diferente. Ao mesmo tempo, não é possível ignorar que Pedro é – entre os gêmeos – aquele que melhor se aproxima das idéias de Aires. Ou seja, aquele que melhor administra a dissimulação como estratégia decisória em suas ações. De qualquer forma, mesmo que Pedro esteja seguindo a lição proposta pelo “mestre”, é preciso considerar que Paulo, diante de Flora, provavelmente agiria da mesma maneira, protestando de forma veemente contra aqueles que imaginam haver algum tipo de desavença entre os irmãos.

Perplexa, Flora se recusa a acreditar. Seu pai, Batista, sempre foi um político conservador; e eram os liberais que estavam no poder. Que trapalhada era aquela? E a sua surpresa foi maior, como se isso fosse possível, quando a conversa assumiu um rumo inusitado:

*De repente, Pedro, quase estacando o passo:*  
– Se ele for, eu peço ao governo o lugar de secretário e vou também (ASSIS, 1990: 77).

Em outras circunstâncias, seria uma declaração de amor; e, possivelmente, mereceria atenção; mas, naquele momento,...

*Sentia-se que o coração de Flora devia estar batendo muito. Em breve, porém, começou ela a pensar em outra coisa. Natividade não consentiria nunca; depois, um estudante... Não podia ser. Pensou em algum escândalo. Que ele fugisse, embarcasse, fosse atrás dela... (ASSIS, 1990: 77).*

Em conjunto com esse amontoado de sensações, onde a delícia e a contenção amalgamam-se, um pensamento, vindo lentamente dos umbrais do inconsciente, aumenta ainda mais a excitação de Pedro:

*Ao pé dela, Pedro ia naturalmente cuidando com os olhos nos pés, e os pés nas nuvens. Não sabia que dissesse no meio de tão longo silêncio. Entretanto, a solução parecia-lhe única. Já não pensava na presidência do Rio. Queria-se com ela, no ponto mais remoto do império, sem o irmão. A esperança de se desterrarem assim de Paulo verdejou na alma de Pedro. Sim, Paulo não iria também; a mãe não se deixaria ficar desamparada. Que perdesse um filho, vá; mas ambos... (ASSIS, 1990: 77).*

Finalmente, Pedro fornece visibilidade à questão incontornável: a fraternidade como obstáculo para a aquisição da individualidade. Conquistar Flora é mais do que um ideal a ser perseguido; quando isso se tornar efetivo também significará a superação do irmão, da imagem especular que se apresenta como seu gêmeo: *Queria-se com ela, no ponto mais remoto do império, sem o irmão*. E, misturando astúcia e egoísmo,<sup>515</sup> sem o menor escrúpulo, imagina que o amor

---

<sup>515</sup> O narrador, que sente prazer em tudo perdoar, pois nada considera como errado, manifesta solidariedade a Pedro, e, querendo desculpar qualquer mal-entendido, faz questão de amenizar a cena: *A quem quer que este final de monólogo pareça egoísta, peço-lhe pelas almas dos seus parentes e amigos, que estão no céu, peço-lhe que considere bem as causas. Considere o estado de alma do rapaz, a contigüidade da moça, as raízes e as flores da paixão, a própria idade de Pedro, o mal da terra, o bem da mesma terra. Considere mais a vontade do céu, que vela por todas as criaturas que se querem, salvo se uma só é que quer a outra, porque então o céu é um abismo de iniquidades, e não lhe importe esta imagem. Considere tudo, amigo; deixe-me ir contando só e contando mal o que se passou (ASSIS, 1990: 77).* Evidentemente esse *contando só e contando mal o que se passou* merece uma análise mais demorada, pois o narrador



materno como um instrumento para afastar o irmão: *a mãe não se deixaria ficar desamparada. Que perdesse um filho, vá; mas ambos...* Evidentemente, dentro deste raciocínio, ele já se considera “perdido”. No mínimo, perdido de amores.

Quando eles chegaram à casa da família Santos, em Botafogo, a conversa continuou e foi isso a matéria do colóquio que despertou a curiosidade de Aires.

Na manhã do dia seguinte, provavelmente 14 de novembro,<sup>516</sup> Paulo, tão logo desembarcou do trem, pôs-se a procurar por Flora – que estava na companhia de Cláudia, em uma loja de chapéus, na Rua do Ouvidor.

– O senhor! exclamaram.

– Cheguei esta manhã.

*Flora tinha-se levantado, com o alvoroço que lhe deu a vista inesperada de Paulo. Ele correu a elas, apertou-lhes as mãos, indagou da saúde, e reconheceu que pareciam vender saúde e alegria. A impressão era exata; Flora tinha agora uma agitação (...) e um riso que a fazia alegre.*

– Tive sempre notícias das senhoras, que mamãe me dava, e Pedro também, às vezes. Da senhora, continuou ele falando a D. Cláudia, recebi duas cartas. Como vai o doutor?

– Bem.

– Ora, enfim, cá estou!

*E Paulo dividia os olhos com as duas, mas a melhor parte ia naturalmente para a filha. Pouco depois era todo e pouco para esta. D. Cláudia voltara à escolha dos chapéus, e Flora, que até então opinava de cabeça, perdeu este último gesto. Paulo sentou-se na cadeira que um empregado lhe trouxe, e ficou a olhar para a moça; falava de coisas mínimas, alheias ou próprias, tudo o que bastasse para os reter disfarçadamente na contemplação um do outro. Paulo viera o mesmo que fora, o mesmo que Pedro, sempre com alguma nota particular, que ela não podia achar claramente, menos definir. Era um mistério; Pedro teria o seu.*

*D. Cláudia interrompia-os, de vez em quando, a propósito da escolha; mas, tudo acaba, até a escolha dos chapéus. Foram dali aos vestidos. Paulo, não sabendo da presidência, estimou esta casualidade para as acompanhar de loja em loja. Contava anedotas de S. Paulo, sem grande interesse para Flora; as notícias que ela lhe dava acerca das amigas, eram mais ou menos dispensáveis. Tudo valia pelos dois interlocutores. (...) As digressões entraram a dar as mãos ao silêncio, e os dois seguiam com os olhos espalhados e a cabeça alta, ele mais que ela, porque uma pontinha de melancolia começava a espancar do rosto da moça a alegria da hora recente (ASSIS, 1990: 84).*

---

faz questão, outra vez, de negar o que está ocorrendo em cena. Sua técnica de deslocar o olhar do leitor para o outro lado da cena, toda vez que o conflito fraterno atinge um ponto crucial, está caracterizado na desculpa de “somente contar” e “contar mal”, como se fosse possível enganar ao leitor – e a si mesmo –, porque a tarefa de um narrador se resume a apenas isso: contar, contar apenas, e, se não for possível coisa melhor, contar mal. Para um “narrador intrometido”, essa mentira torna-se significativa, pois omite que o texto é constituído por um recorte, onde somente são incluídos os ingredientes que o narrador escolhe. “Contar mal” uma história ou aceitar uma história mal contada é confessar incompetência no manejo do material narrativo – e essa acusação jamais poderá ser imputada ao “narrador” ou ao conselheiro Aires. De forma que essa falsa modéstia não passa de um ardis para subtrair do leitor uma série de informações que, por razões diversas, não estão incluídas na exposição textual.

<sup>516</sup> Embora o narrador faça questão de apresentar os acontecimentos em ordem cronológica, a ocupação do espaço temporal entre os dias 09 e 14 de novembro não está clara, em virtude de várias elipses narrativas, que subtraem as referências para uma datação exata.

Flora, imersa em sentimentos contraditórios, *frágil demais para resistir a um vendaval de competições ferozes* (GOMES, 1958: 186), sem saber de quem gostar, se de Pedro ou de Paulo, sente que *uma pontinha de melancolia começava a espancar do [seu] rosto (...) a alegria*.<sup>517</sup>

Paulo, por sua vez, encantado com a companhia de Flora, *sentia ímpetos de lhe perguntar, ao ouvido, na rua, se pensava nele, ou, ao menos, sonhara com ele algumas noites* (ASSIS, 1990: 84).

*(...) a despeito da melancolia da moça, os olhos que ela erguia para ele eram de quem sonhou e pensou muito na pessoa, e agora cuida de descobrir se é a mesma do sonho e do pensamento. Assim lhe parecia ao estudante de Direito; pelo que, quando ele desviava o rosto, era para repetir a experiência e tornar a ver-lhe os olhos aguçados do mesmo espírito crítico e de livre exame* (ASSIS, 1990: 84).

Apaixonado. Paulo estava apaixonado por Flora. E embora a moça não tenha dito nada, ou demonstrado alguma coisa, Paulo sentiu que era correspondido – tanto que, em um lance de ousadia, disse-lhe: *A senhora enfeitou muito* (ASSIS, 1990: 85), como que a dizer que o verbo “enfeitar” comporta entre os seus diversos significados uma declaração de amor.

Vítima dessa miragem que é ver em um o que era o outro, Flora *calou impressão* (ASSIS, 1990: 85). A presença de Paulo ao seu lado lhe causava prazer – apreciaria o mesmo sentimento se estivesse com Pedro. Mas, desta vez, era Paulo que ali estava e Flora quis aproveitar o momento para fruir da companhia daquele que estava estudando em São Paulo. Assim, a pretexto de matar saudades, Flora foi deixando que o carretel das emoções fosse sendo desenrolado, fios desconstruídos que se unem em um novelo sem uniformidade. No meio da maçaroca, houve um momento em que Paulo quis pegar-lhe a mão: *Não acabou o gesto, não o começou sequer; abriu e fechou os dedos apenas, enquanto Flora sorria para sacudir tristeza, e deixou-se estar a matar saudades* (ASSIS, 1990: 85).

---

<sup>517</sup> Flora oscila entre Pedro e Paulo, de uma forma complicada, como se estivesse a buscar no irmão ausente as qualidades que não encontra naquele que com ela está. Flora sente especial agrado pela audácia de Paulo e pela sensatez de Pedro, pelo exercício da medicina por Pedro e pela exaltação jurídica de Paulo – e essas características se destacam exatamente quando contrastadas, a figura de Pedro se sobrepõe quando Paulo está em São Paulo; quando está no Rio de Janeiro, a figura de Paulo se destaca no imaginário de Flora. O grande problema é o da escolha, pois quando os três estão juntos sempre há diversão e prazer. Affonso Romano de Sant’Anna destaca essa característica (essa indecisão) de Flora: *(...) o relacionamento de Flora com Pedro e Paulo parece ter passado por dois estágios. No primeiro ela se deixa ludicamente entre um e outro sem sentir nenhuma exigência de maior escolha e opção. Há uma série de jogos que exprimem essa fase. Ela chama Paulo de Pedro e vice-versa: “em vão eles mudam da esquerda para a direita e da direita para a esquerda. Flora mudava os nomes também e os três acabavam rindo”* (cap. 35). *Não havendo nenhuma premência de escolha, ela no princípio mantém com ambos uma relação idêntica: “Flora recebeu o irmão de Pedro tal qual recebia o irmão de Paulo”* (cap. 57) (SANT’ANNA, 1990: 121-122).

À noite, na casa da família Santos, em Botafogo, Batista conta aos amigos que a sua nomeação à presidência de uma província nortista está prestes a se confirmar: *Já não havia segredos que calar* (ASSIS, 1990: 85).

*Paulo soube então tudo, e Pedro, que conhecia alguns preliminares, acabou sabendo o resto. Ambos naturalmente sentiram a separação próxima. A dor os fez amigos por instantes; é uma das vantagens dessa grande e nobre sensação. Já me não lembra que afirmava, ao contrário, que um ódio comum é o que mais liga duas pessoas.<sup>518</sup> Creio que sim, mas não descreio do meu postulado, por esta razão que uma cousa não tolhe a outra, e ambas podem ser verdadeiras.*

*Demais, a dor não era ainda o desespero. Havia até uma consolação para os dois gêmeos: é que a moça ficaria longe de ambos. Nenhum deles teria o gozo exclusivo ao pé da porta. Não há mal que não traga um pouco de bem, e por isso é que o mal é útil, muita vez indispensável, alguma vez delicioso* (ASSIS, 1990: 85-86).

*Nenhum deles teria o gozo exclusivo ao pé da porta.* Parte da perda é compensada pelo fato de que o irmão também não desfrutará da presença da mulher amada. Aos egoístas e aos ciumentos não basta estar privado de um benefício; é necessário que o Outro também não o desfrute. Assim, a ausência de Flora não resulta em perda do gozo; muito pelo contrário, Pedro e Paulo se sentem mutuamente satisfeitos, porque cada um transfere a sua dor para o Outro.

*Os dois quiseram falar a amiguinha, em particular, para sondá-la acerca daquela separação, já agora certa, mas nenhum conseguiu este desejo, vigiavam-se, isto sim. Quando lhe falavam, era sempre juntos, e de cousas familiares e ordinárias. O gesto de Flora não traduzia o estado da alma; este podia ser lépido, melancólico ou indiferente, não vinha cá fora. Em verdade, ela falava pouco. Os olhos também não diziam muito. Mais de uma vez, Pedro deu com ela fitando Paulo, e gemeu com a preferência, mas também ele era o preferido depois, e achava compensação; Paulo então é que rangia os dentes, figuradamente. Natividade, toda entregue à sua recepção, que era a última do ano, não acompanhou de perto as agitações morais daquele trio. Quando deu por elas, chegou a senti-las também* (ASSIS, 1990: 86).

Como botânicos, Pedro e Paulo se mostram incompetentes. Nenhum deles está munido de coragem suficiente para mergulhar na mata virgem e explorar a flora; ou melhor, eles não estão preparados para encontrar o Paraíso, local mítico de onde os homens e as mulheres estão exilados.

---

<sup>518</sup> “... um ódio comum é o que mais liga duas pessoas”, escreve o narrador, contrapondo-se a Pedro, que anteriormente afirmara, com ênfase, que os gêmeos “...viviam bem”. Viviam bem ou se odiavam com intensidade? Nenhuma das afirmações parece ser um resposta aceitável, embora as duas alternativas combinadas também pareçam estar corretas. De qualquer forma, esse jogo de contradições e simetrias invertidas – em que espelhos refletem imagens invertidas –, é uma constante na tessitura narrativa de *Esau e Jacó*. Basta lembrar, por exemplo, que Pedro estuda no Rio de Janeiro e Paulo em São Paulo; que Pedro conversou bastante com Flora naquele jantar ocorrido na casa da família Santos – Pedro esteve com Flora na loja de chapéus; nos bailes, Pedro foi ao da ilha Fiscal e Paulo ao primeiro da República.

Contentam-se na vigília mútua para que o Outro não obtenha algum progresso – e, como sabem de antemão, nenhum deles se atreverá a mergulhar no desconhecido, para provar de segredos e sabores que ainda ignoram. A coragem (ou o desespero) é um atributo dos heróis – e, seja por força dos impecílios familiares, seja porque o heroísmo está “fora de moda” na civilização burguesa, Pedro e Paulo nunca se mostram capazes de “grandes gestos”. Por isso, é estéril a preocupação de Natividade, que em conversa reservada com Aires, ao final da noite, lhe confessou *receio acerca do amor dos filhos, e ao mesmo tempo o prazer que lhe trazia a esperança de uma longa separação de Flora* (ASSIS, 1990: 86).

No dia seguinte, 15 de novembro, o Império é substituído, com extrema facilidade, pela República. O abismo entre os irmãos aumenta – sedimentado pela nova situação política.

Alguns dias mais tarde, Flora encontrou-se com Paulo em um baile, o primeiro da República e o último do ano. Pedro recebeu convite, mas fiel à monarquia, se recusou a comparecer.<sup>519</sup>

– *Por que é que seu irmão não veio? perguntou ela.*

*Paulo enfiou; depois de alguns instantes:*

– *Pedro é teimoso, disse. Teimou em recusar o convite. Crê naturalmente que a monarquia levou a arte de dançar. Não faça caso; é um lunático.*

– *Não diga isso.*

– *Acha também que a dança se foi com o império?*

– *Não, a prova é que estamos dançando. Não, digo que lhe não chame nomes feios.*

– *Parece-lhe então que Pedro é um rapaz de juízo?*

– *Certamente, como o senhor.*

– *Mas...*

*Paulo ia a perguntar-lhe qual deles, tendo ela de jurar por um ou por outro, lhe merecia o juramento; mas recuou a tempo* (ASSIS, 1990: 100).

A dinâmica que orienta o triângulo amoroso que envolve Pedro, Flora e Paulo está centrada em limites complicados e significativamente nebulosos. Por exemplo, nenhum dos rapazes se declara abertamente, nenhum deles possui coragem suficiente para falar com Flora sobre o amor que sente – ou pensa sentir; Flora, por sua vez, *não conhecia as doçuras do namoro* (ASSIS, 1990: 101), e, talvez por esse motivo, em nenhum momento mostra preferência por algum dos gêmeos – embora a presença de um lhe faça ter mais ternura por aquele que está ausente.

*Em verdade, Paulo tinha agora um ar brilhante e petulante, olhava por cima, firme em que os seus escritos de um ano é que haviam feito a República, posto que incompleta, sem*

---

<sup>519</sup> Luiz Costa Lima observa que *O regime vigente identifica sempre o gêmeo que falta. Não que Paulo, por conta de ser republicano, não tivesse direito de entrada no baile da Ilha Fiscal ou que Pedro, porque monarquista, fosse impedido de participar do primeiro da República* (LIMA, 1981: 105). A ausência de um dos irmãos se confirma com a presença do outro, como que a *destrinchar a diferença que os gêmeos entre si se fabricam* (LIMA, 1981: 106).

*certas idéias que expusera e defendera, e teriam de vir um dia, breve. Tal ia dizendo à moça, e ela escutava com prazer, sem opinião; era só o gosto de o escutar. Quando a lembrança de Pedro surgia na cabeça da moça, a tristeza empanava a alegria, mas a alegria vencia depressa a outra, e assim acabou o baile. Entre as duas, tristeza e alegria, agasalharam-se no coração de Flora, como as suas gêmeas que eram (ASSIS, 1990: 100).*

[Flora] *Viveu alguns meses de 1891, com o pai e a mãe* (ASSIS, 1990: 101). A passagem do tempo, um ano, é anunciada em meio de inúmeras divagações pouco consistentes para o enredo, mas significativas para o método adotado como estratégia narrativa. O fato é que durante esse ano Flora e os gêmeos estiveram separados. Batista recebeu uma comissão, e, na companhia da esposa e da filha, mudou-se para lugar incerto. O narrador, ansioso para desfazer qualquer vínculo com a tal “comissão”, rapidamente esclarece que *da qual não sei nada (...) Negócio reservado* (ASSIS, 1990: 101).

A tal *comissão de confiança para fins nobremente políticos* (ASSIS, 1990: 101) afastou Flora, Pedro e Paulo por um ano. Felizmente – ou infelizmente – mais uma vez vítima das complicações políticas, Batista precisou regressar ao Rio de Janeiro, a contragosto, quando Floriano Peixoto assumiu o poder.<sup>520</sup>

Na distância, Flora somente sonhou com os gêmeos:

*Ninguém alcançou o menor dos seus olhares amigos ou sequer complacentes. Mais de um rapaz consumiu o tempo em se fazer visto e atraído dela. Mais de uma gravata, mais de uma bengala, mais de uma luneta levaram-lhe as cores, os gestos e os vidros, sem obter outra coisa que a atenção cortês e acaso uma palavra sem valor. Flora só se lembrava dos gêmeos. Se nenhum deles a esqueceu, ela não os perdeu de memória. Ao contrário, escrevia por todos os correios a Natividade para se fazer lembrada de ambos. As cartas falavam pouco da terra ou da gente, e não diziam mal nem*

<sup>520</sup> O governo republicano do Generalíssimo Manuel Deodoro da Fonseca, que iniciou como Governo Provisório, se caracterizou pela instabilidade e por diversas crises internas. O clima de conspiração, na época, era denso e constante. A oposição a Deodoro se organiza no parlamento (Assembléia Constituinte) e na vida civil (principalmente entre os paulistas). A possibilidade de uma guerra civil pairava no ar. Os governistas conseguem contornar a crise e, na primeira eleição presidencial, em 25 de março de 1891, Deodoro recebeu 127 votos a favor (Prudente de Moraes, o segundo colocado, recebeu 97 votos) e foi eleito. Seu vice, o Marechal Floriano Peixoto, concorreu na chapa de oposição. Integravam o colégio eleitoral todos os membros da Assembléia Constituinte (Assis Brasil, denunciando fraude, fez declaração de voto, onde afirma não haver votado em Deodoro – logo depois, renuncia ao mandato de deputado, em protesto). Em 03 de novembro de 1891, exortado pelo Barão de Lucena, líder do governo, Deodoro dissolve o Congresso e institui o estado de sítio. A ditadura se instala e, ao mesmo tempo, amplia a oposição ao governo. *A polícia efetuou prisões de todos os oposicionistas destacados que não puderam fugir em tempo. Prudente de Moraes, Campos Sales, Bernardino de Campos, Adolfo Gordo, Carlos Garcia, Alfredo Ellis e outros paulistas, iludindo a vigilância, conseguiram embarcar em Cascadura e outras estações mais afastadas* (SILVA, 1972: 165). Guarnições militares no Rio Grande do Sul sublevam-se. Floriano Peixoto alia-se aos paulistas em uma conspiração para substituir Deodoro da Fonseca. O contra-almirante Custódio de Melo, à bordo do encouraçado *Riachuelo*, rebelou-se contra o governo. Os operários da Estrada de Ferro Central entram em greve. Em 23 de novembro de 1891, Deodoro da Fonseca, visualizando nova possibilidade de uma guerra civil, e sem contar com o apoio dos militares (que estavam do lado Floriano Peixoto), renunciou.

*bem. Usavam muito a palavra saudades, que cada um dos dois gêmeos lia para si. Também eles a escreviam nas cartas que mandavam a D. Cláudia e a Batista, com a mesma intenção duplicada e misteriosa, que ela entendia muito bem. Tais eram de longe, ela e eles. A rixa velha, que os desunia na vida, continuava a desuni-los no amor. Podiam amar cada um a sua moça, casar com ela e ter os seus filhos, mas preferiam amar a mesma, a não ver o mundo por outros olhos, nem ouvir melhor verbo, nem diversa música, antes, durante e depois da comissão do Batista (ASSIS, 1990: 101).*

*A volta ao Rio de Janeiro foi breve e triste (...) Só uma pessoa vinha alegre, a filha, que rezara todas as noites pela terminação daquele exílio (ASSIS, 1990: 103). Tão logo o paquete atracou no porto do Rio de Janeiro, os gêmeos se apresentaram a bordo. Não foram em duas lanchas, foram na mesma, e saltaram com tal presteza para a escada que escaparam de cair ao mar (ASSIS, 1990: 103). Ansiosos por prestar vassalagem à senhora de seus corações, os irmãos tudo fizeram para estar com Flora: aposta de amor, que ainda uma vez os igualou na alma dela (ASSIS, 1990: 104).*

A família Batista hospedou-se, até vagar a casa da Rua de São Clemente, na casa de Santos e Natividade, em Botafogo. Batista mostrou-se ligeiramente contrariado; D. Cláudia resignou-se ao que não lhe parecia ter solução.

*Flora não disse nada, mas sentia o contrário do pai e da mãe. Pensar, não pensou; ia tão absorta com a vista dos rapazes que as idéias não se enfileiraram naquela forma lógica do pensamento. A própria sensação não era nítida. Era uma mistura de opressivo e delicioso, de turvo e claro, uma felicidade truncada, uma aflição consoladora, e o mais que pudessem achar no capítulo das contradições. Eu nada mais lhe ponho. Nem ela saberia dizer o que sentia. Teve alucinações extraordinárias (ASSIS, 1990: 109).*

*Teve alucinações extraordinárias*, afirma o narrador, que, ao longe,<sup>521</sup> tenta fornecer alguma explicação para essa *mistura de opressivo e delicioso, de turvo e claro, uma felicidade truncada, uma aflição consoladora*. Trabalho em vão, pois não há como fornecer sentido para esse amálgama de turbilhões sensitivos, de delírios d'amor e da lenta erupção da doença que, mais tarde, há de consumir com toda a chama que alimenta o corpo delicado de Flora.

Por ocasião do regresso da moça, Pedro e Paulo já haviam concluído os estudos, mas não exerciam as profissões de médico e advogado, respectivamente:<sup>522</sup> *Viviam do amor da mãe e da bolsa do pai, inesgotáveis ambos (ASSIS, 1990: 109).*<sup>523</sup>

<sup>521</sup> Mais uma vez o narrador se reporta a acontecimentos que não presenciou. Como não enuncia a fonte desse conhecimento, esse é mais um interregno na tessitura narrativa, mais um ponto obscuro que coloca em xeque a onipresença de um narrador que finge ser onisciente.

<sup>522</sup> Na análise política de Raymundo Faoro, a profissão dos gêmeos (Paulo, advogado; Pedro, médico) corresponde ao espírito “bacharelesco” da época, e, marcadamente, da classe social a que os gêmeos pertencem: *De modo diferente da*

*(...) os dois gêmeos eram belos e continuavam parecidos; por esse lado não supunham ter motivo de inveja entre si. Ao contrário, um e outro achavam em si qualquer coisa que acentuava, se não melhorava, as graças comuns. Não era verdade, mas não é a verdade que vence, é a convicção (ASSIS, 1990: 119).*

Foram eles que propuseram hospedar a família Batista.

*(...) os gêmeos insistiram pelo obséquio, a tal ponto que a mãe contente de os ver de acordo, saiu do silêncio e concordou com eles. A idéia de ter a pequena ao pé de si, por alguns dias, e discernir qual era o melhor aceito, e o que deveras a amava, pode ser que também influísse na adoção do voto, mas não afirmo nada a tal respeito. Também não asseguro que tivesse grande gosto em agasalhar a mãe e o pai de Flora. Não obstante, o encontro foi cordial de parte a parte. Foi um abraçar, um beijar, um perguntar, um trocar de mimos que não acabava mais. Todos estavam mais gordos, outra cor, outro ar. Flora era um encanto para Natividade e Perpétua; nenhuma destas sabia onde iria parar aquela moça tão senhoril, tão esbelta, tão...*  
– Não digam o resto, interrompeu a moça sorrindo; eu tenho a mesma opinião (ASSIS, 1990: 109).

Que não se diga o resto, ou melhor, que se diga que as tais alucinações de Flora voltaram a acontecer.

*Em caminho, depois do desembarque, não obstante virem os gêmeos separados e sós, cada um no seu coupé, cismou que os ouvia falar; primeira parte da alucinação. Segunda parte: as duas vozes confundiam-se, de tão iguais que eram, e acabaram sendo uma só. Afinal, a imaginação fez dos dois moços uma pessoa única. Esse fenômeno não creio que possa ser comum. Ao contrário, não faltará quem absolutamente me não creia, e suponha invenção pura o que é verdade puríssima. Ora, é de saber que, durante a comissão do pai, Flora ouviu mais de uma vez as duas vozes que se fundiam na mesma voz e mesma criatura. E agora, na casa de Botafogo, repetia-se o fenômeno. Quando ouvia os dois, sem os ver, a imaginação acabava a fusão do ouvido pela da vista, e um só homem lhe dizia palavras extraordinárias (ASSIS, 1990: 111).*

E, assim, colecionando alucinações, Flora começou a se sentir adoentada. De início não deu muita atenção aos sintomas, embora as noites fossem difíceis de serem transpostas, com sonhos

---

*classe média da sociedade industrial, murada nos seus limites, a classe média dos bacharéis e funcionários, na sua camada superior, transita livremente nas classes superiores, pelo casamento e pela carreira política. O bacharel, mais símbolo de profissão liberal do que advogado, absorve o panorama. Os médicos que circulam na obra de Machado de Assis se equiparam ao advogado com banca, sem os fumos políticos, inerentes ao bacharel, reflexo de um mundo, cujas portas lhe estão, senão franqueadas, pelo menos entreabertas.*

*O bacharel está por toda parte: político, jornalista, orador, advogado profissional, empregado público. Domina-o uma auréola superior, de aspirante credenciado à mão de uma herdeira rica ou de uma cadeira no parlamento (FAORO, 2001: 326).*

<sup>523</sup> Essa afirmação nada mais é do que uma confirmação da história de Pedro e Paulo: na infância, os gêmeos, não tendo que fazer, iam mamando (ASSIS, 1990: 33).

ruins e despertares angustiosos. Por razões não descritas (sequer comentadas) pelo narrador, a enferma não procurou pelo auxílio médico de Pedro.<sup>524</sup>

Os Batistas, depois de algumas semanas, tornaram à casa, na Rua de São Clemente: *a gente Batista levou promessa de que a gente Santos iria vê-la daí a poucos dias* (ASSIS, 1990: 113).

*Os gêmeos cumpriram cedo a promessa. Um deles, parece que Paulo, foi lá nessa mesma noite com recado da mãe para saber se tinham chegado bem. Disseram-lhe que sim, acrescentando Batista, para abreviar a visita, que estavam bastante cansados. Os olhos de Flora desmentiram esta afirmação; mas dentro em pouco achavam-se não menos tristes que alegres. A alegria vinha da prontidão de Paulo, a tristeza da ausência de Pedro. Quisera-os ambos naturalmente; mas como é que as duas sensações se mostravam a um tempo, eis o que não entenderás bem nem mal. Certamente, os olhos iam diversas vezes para a porta, e uma vez pareceu à moça ouvir rumor na escada; tudo ilusão. Mas estes gestos, que Paulo não viu, tão contente estava de se haver adiantado ao irmão, não eram tais que a fizessem esquecer o irmão ausente.*

*Paulo saiu tarde, não só para o fim de aproveitar a ausência de Pedro, mas ainda porque Flora o fazia demorar, com o intuito de ver se o outro chegava. Assim que, a mesma dualidade de sensação enchia os olhos da moça, até a hora da despedida, em que a parte triste foi maior que a alegre, pois que eram duas ausências, em vez de uma. Conclui o que quiseses, minha dona; ela recolheu-se para dormir, e reconheceu que, se se não dorme com uma tristeza na alma, muito menos com duas* (ASSIS, 1990: 113-114).

*Há muito remédio contra a insônia* (ASSIS, 1990: 114). Flora, por sua vez, preferiu passar a noite velando pelos gêmeos, *à janela ou sentada, a recordar e a pensar, a cotejar e a completar, metida no roupão de linho, com os cabelos atados para dormir* (ASSIS, 1990: 114).

*Agora, pensando em Paulo, queria saber por que é que o não escolhia para noivo. Tinha uma qualidade a mais, a nota aventureira do caráter, e esta feição não lhe desprazia. Inexplicável ou não, deixava-se levar pelos ímpetos do rapaz, que queria trocar o mundo e o tempo por outros mais puros e felizes. Aquela cabeça, apenas masculina, era destinada a mudar a marcha do Sol, que andava errado. A Lua também. A Lua pedia um contacto mais frequente com os homens, menos quartos, não descendo o minguante de metade. Visível todas as noites, sem que isso acarretasse a decadência das estrelas, continuaria modestamente o ofício do Sol, e faria sonhar os olhos insones ou só cansados de dormir. Tudo isso cumpriria a alma de Paulo, faminta de perfeição. Era um bom marido, em suma. Flora cerrou as pálpebras, para vê-lo melhor, e achou-o aos seus pés, com as mãos dela entre as suas, risonho e estático.*

*– Paulo! meu querido Paulo!* (ASSIS, 1990: 114-115).

Confundindo o real com o imaginário, Flora delira. Os irmãos, convertidos em espectros, visitam o quarto de dormir da moça e se apresentam como candidatos – Flora, infelizmente, não

---

<sup>524</sup> Pedro e Paulo eram relapsos como profissionais. Nem o advogado, nem o médico se esforçam para exercer condignamente as profissões que escolheram (ou que o pai e a mãe escolheram para eles). Aliás, o que eles, legítimos filhos de uma classe abastada, queriam era continuar vivendo *do amor da mãe e da bolsa do pai, inesgotáveis ambos* (ASSIS, 1990: 109). De forma que o atendimento da doença de Flora é feito por um médico com mais experiência, menos vínculo emocional e, obviamente, capaz de salvar a doente (embora não a salve).



consegue se decidir: *Pedro aproximou-se, a passo lento, ajoelhou-se também e tomou as mãos que Paulo apertava entre as suas. Paulo ergueu-se e sumiu-se pela outra porta* (ASSIS, 1990: 115).

[Pedro tinha] os olhos tão extáticos como os do irmão. Não eram tais que saíssem, como os deste, às aventuras. Tinham a quietação de quem não queria mais sol nem lua que esses que andam aí, que se contenta de ambos e, se os acha divinos, não cuida de os trocar por novos. Era a ordem, se queres, a estabilidade, o acordo entre si e as cousas, não menos simpáticos ao coração da moça, ou por trazerem a idéia de perpétua ventura, ou por darem a sensação de uma alma capaz de resistir. Nem por isso os olhos de Flora deixaram de penetrar os de Pedro, até chegar à alma do rapaz. (...) O gosto de fitar os olhos de Pedro era tão natural que não exigia intenção particular nenhuma, e bastava fitá-los para escorregar e cair dentro da alma namorada (ASSIS, 1990: 115).

E assim, oscilando entre um e outro, a saber que cada ação *Era gêmea da outra; não lhe viu mais nem menos que nesta* (ASSIS, 1990: 115), Flora atravessou a noite, pensando com a sua incapacidade de escolher. Melhor seria se tivesse os dois, lado a lado, a segurar suas mãos, a lhe dar o que decerto não sabia que estava a querer. Mas, a lamparina apagou-se, a fantasmagoria extinguiu-se e um galo cantou. Flora meteu-se na cama e procurou dormir; *não tardou a estar com os anjos* (ASSIS, 1990: 116).

Algum tempo depois, quando foi promulgada a primeira constituição republicana,<sup>525</sup> os irmãos voltaram a entrar em conflito, através de palavras – e que eram atiradas mutuamente, como se fossem pancadas.

*A constituição, se fosse gente viva, e estivesse ao pé deles, ouviria os ditos mais contrários deste mundo, porque Pedro ia ao ponto de a achar um poço de iniquidade, e Paulo a própria Minerva nascida da cabeça de Jove. Falo por metáforas para não descair do estilo. Em verdade, eles empregavam palavras menos nobres e mais enfáticas, e acabavam trocando as palavras entre si. Na rua, onde o encontro de manifestações políticas era comum, e as notícias à porta dos jornais freqüentes, tudo era ocasião de debate* (ASSIS, 1990: 118).

O debate somente esmorecia quando, por um momento, lembravam de Flora – *mas as injúrias continuavam e até cresciam, sem confissão do novo motivo, que era ainda maior que o primeiro* (ASSIS, 1990: 118). Por fim, mesmo contra a vontade, os irmãos acordavam que, pela

---

<sup>525</sup> A primeira Constituição republicana, depois de algumas discussões e várias emendas, foi promulgada em 24 de fevereiro de 1891. O texto original foi redigido por uma comissão de cinco deputados e revisada por Rui Barbosa. *Com a Constituinte de 1891, realizava o Brasil, enfim, os seus sonhos republicanos e federalistas. O projeto apresentado pelo governo modulava-se pela Constituição dos Estados Unidos. Vivas eram as influências argentinas, e muito mais atenuadas as da Confederação suíça. Em vez de doutrinários franceses e ingleses de outrora, os publicistas norte-americanos* (BELLO, 1972: 72).

exclusividade do amor de Flora, trocariam todas as constituições do mundo, inclusive a imperial e a republicana: *Cada um faria com ela a sua constituição, melhor que outra qualquer deste mundo* (ASSIS, 1990: 118). Cada um deles constituiria um reino ou uma república onde Flora seria cultivada, incensada, pajeada, mimada, amada – e, sobretudo, onde seria colocada a salvo do Outro, do irmão preterido.

Alguns dias depois, Aires esteve com os gêmeos no teatro. Depois do espetáculo, foram a um restaurante. Ao final da noite, quando as resistências estavam desarmadas, *o diplomata achou meio de saltar ao presente e particularmente a Flora, que louvou como uma bela criatura. Os olhos de ambos concordaram que era belíssima* (ASSIS, 1990: 121).

Os irmãos somente perceberam o quanto estavam enredados em uma sutil armadilha, quando ouviram as palavras que estavam evitando a muito tempo serem pronunciadas pela boca do conselheiro:

– *Quanto a mim, um de vocês gosta dela, senão ambos, disse Aires.*

*Pedro mordeu os beiços, Paulo consultou o relógio; iam já na rua. Aires concluiu o que sabia, que sim, que ambos, e não trepidou em dizê-lo, acrescentando que a moça não era como a República, que um podia defender e outro atacar; cumpria ganhá-la ou perdê-la de vez. Que fariam eles, dada a escolha? Ou já estava feita a escolha, e o preterido teimava em a torcer para si?*

*Nenhum falou logo, posto que ambos sentissem necessidade de explicar alguma coisa. Tinham que a escolha não era clara ou decisiva. Outrossim, que lhes cabia o direito de esperar a preferência, e fariam o diabo para alcançá-la. Tais e outras idéias vagavam silenciosamente neles, sem sair cá fora. A razão percebe-se, e devia ser mais de uma, – primeiro, a matéria da conversação, – depois, a gravidade do interlocutor. Por mais que Aires abrisse as portas à franqueza dos rapazes, estes eram rapazes e ele velho. Mas o assunto em si era tão sedutor, o coração, apesar de tudo, tão indiscreto, que não houve remédio senão falar, mas falar negando.*

– *Não me neguem, interrompeu Aires; a gente madura sabe as manhas da gente nova, e adivinha com facilidade o que ela faz. Não é preciso adivinhar; basta ver e ouvir. Vocês gostam dela.*

*Eles sorriam, mas já agora com tal amargor e acanhamento que mostravam o desgosto da rivalidade, aliás sabida deles. Tal rivalidade era também sabida de outros, devia sê-lo de Flora, e a situação lhes parecia agora mais complicada e fechada que dantes* (ASSIS, 1990: 122).

Sentimentos represados resultam em incômodos públicos. Os irmãos, embaraçados com a conversa, gostariam de mudar de assunto. No largo da Carioca, uma vitória os espera. Embarcam os três no veículo e Aires, sabendo que este é um momento importante para que a situação tome um rumo, continua insistindo:

– Bem, continuou Aires, é certo que vocês gostam dela, e igualmente certo que ela ainda não escolheu entre os dois. Provavelmente, não sabe que faça. Um terceiro resolveria a crise, porque vocês se consolariam depressa; também eu me consolei em rapaz. Não havendo terceiro, e não podendo prolongar a situação, por que é que vocês não combinam alguma coisa?

– Combinar quê? perguntou Pedro sorrindo.

– Qualquer coisa. Combinem um modo de cortar esse nó górdio. Cada um que siga a sua vocação. Você, Pedro, tentará primeiro desatá-lo; se ele não puder, Paulo, você pegue a espada de Alexandre, e dê o golpe. Fica tudo feito e acabado. Então o destino, que os espera, com duas belas criaturas, virá trazê-las pela mão a um e a outro, e tudo se compõe na terra como no céu.

Aires disse mais coisas antes de apeiar à porta da casa. Apeado, ainda perguntou:

– Estamos de acordo?

Os dois responderam de cabeça afirmativamente, e, ficando sós, não disseram nada (ASSIS, 1990: 122-123).

Aires, com habilidade diplomática, conduz os gêmeos para uma situação em que não há como fugir: precisam encarar o fato de que desejam a mesma mulher – e o que dela desejam. Nesses termos, e seguindo os preceitos da honra cavalheiresca, o preterido aceitará a decisão de Flora com estoicismo e dignidade; aliás, segundo este ângulo, dependendo do desenrolar dos acontecimentos, manter a altivez na derrota constitui uma atitude mais nobre do que vencer.<sup>526</sup> Embora Pedro e Paulo sejam *simples burgueses nobilitados pelo Imperador* (PASSOS, 1996: 67), as regras da respeitabilidade moral e ética possuem grande significação para eles – e, por extensão, para o conselheiro Aires. Respeitar o acordo significa manter um laço com as regras civilizatórias – dissimulados, sim; canalhas, jamais.

Por isso, os irmãos, ao chegarem em casa, subindo a escada do jardim, sem saber se estavam constrangidos ou aliviados por haverem esclarecido a situação que, de certa forma, os oprimia, obrigando-os a direcionar ao irmão todas as frustrações,

*falaram da temperatura, que Pedro achava deliciosa e Paulo abominável, mas não disseram assim para não irritar um ao outro. A esperança do ajuste é que os levava à moderação relativa e passageira* (ASSIS, 1990: 123).

---

<sup>526</sup> Apesar do caráter temporal (o que significa estar “fora de moda” pelos padrões contemporâneos) de questões que envolvem a honra, é necessário destacar que, de acordo com um conjunto de normas não escritas da fidalguia, mas que determinam o grau de civilidade de um cavaleiro, cujo ideal é poder contemplar seus pares com a altivez dos heróis, o cumprimento de alguns rituais se faz necessário. O sucesso está intimamente ligado ao caráter, ao decoro e à honra do vencedor. Ou seja, colher os louros da vitória é consequência da coragem, da decência e do valor da causa. Nesse sentido, o “fracasso heróico” é louvado como se uma vitória fosse (esse caráter romântico das lutas pela causas perdidas, consagrado pelo romance *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes Saavedra, encontra na literatura portuguesa um bom exemplo na novela *A morte do lidador*, de Alexandre Herculano). Aquele que é superado na contenda pela qualidade de seu rival precisa saber carregar o estandarte da dignidade, respeitando a si mesmo, como guerreiro, e ao adversário. Seguindo essa orientação, para quem quer conservar a sua reputação de cavaleiro, mister faz-se evitar o sucesso sem honra, que não produz glória e equivale à iniquidade ética e moral.

No quarto, encontram um bilhete de Natividade, convidando-os para a missa, na manhã seguinte.<sup>527</sup>

*Pedro e Paulo riram do convite e da forma, e um deles propôs que, para agradar a mãe, fossem ambos à missa. A aceitação da proposta veio pronta; já não era harmonia, era uma espécie de diálogo na mesma pessoa. O céu parecia escrever o tratado de paz que ambos teriam de assinar; ou, se preferes, a natureza corrigia as índoles, e os dois rixosos começaram a ajustar o ser e o parecer. Também não juro isto, digo o que se pode crer só pelo aspecto das cousas.*

*– Vamos à missa, repetiram.*

*Seguiu-se um grande silêncio. Cada um ruminava o ajuste e o modo de o propor. Enfim, de cama a cama, disseram o que lhes parecia melhor, propuseram, discutiram, emendaram e concluíram sem escritura de tabelião, apenas por aceitação de palavra. Poucas cláusulas. Confessando que não podiam assegurar a escolha de Flora, concordaram em esperar por ela durante um prazo curto; três meses. Dada a escolha, o rejeitado obrigava-se a não tentar mais nada. Como tivessem a certeza final da escolha, o acordo foi fácil; cada um não faria mais que excluir o outro. não obstante, se ao fim do prazo, nenhuma escolha houvesse, cumpria adotar uma cláusula última. A primeira que acudiu foi deixarem ambos o campo, mas não os seduziu. Lembrou-lhes recorrer à sorte, e aquele que fosse designado por ela, deixaria o campo para o rival. Assim passou uma hora de conversação, após a qual, cuidaram de dormir (ASSIS, 1990: 123).*

É no quarto dos gêmeos que ocorrem algumas das cenas mais significativas do romance; é no quarto que os irmãos realizam o experimento alquímico, efetuando a passagem da utopia para a realidade: o compromisso cavalheiresco transforma-se na disputa de um troféu sexual, exposto na vitrina dos sentimentos. Não são mais dois jovens enamorados, que mantêm uma respeitável distância de uma mulher bonita; são dois machos excitados pela possibilidade de desfrutar de uma fêmea indefesa. O acordo revela-se uma forma “civilizada” de ultrapassar a fase platônica e ingressar na sexualidade ativa; fauna e flora interligadas pelo desejo.

No dia seguinte, os gêmeos não acordaram em tempo; não foram à missa. Natividade, prevendo tempestades, *refletiu que, se Flora tivesse feito algum pedido, eles acordariam cedo, por mais tarde que deitassem; a memória serviria de despertador* (ASSIS, 1990: 124). Foi com esse pensamento, aliado ao instinto de mãe, que Natividade propôs aos filhos viajarem, na primeira semana de janeiro: *para os trazer a outras seduções e separá-los da guerra ante a bela Flora, que a mãe teimou em levar os filhos para Petrópolis* (ASSIS, 1990: 124). Sua tese era que *Em cima*

---

<sup>527</sup> Natividade conta que os filhos entendam o que há de particular em ir à missa, na sua companhia. Afinal, significa mais do que um compromisso social, é um gesto em favor do entrelaçamento familiar: *A missa era aniversária, como dizia o bilhete. Uso velho; o pai tinha a sua missa, a mãe outra, os irmãos e parentes outras. Não lhe esqueciam datas obituárias, como não lhe esqueciam natalícias, quaisquer que fossem, amigas ou parentas; trazias todas de cor. Doce memória! Há pessoas a quem não ajudas, e chegam a brigar consigo e com outros por abandono teu. Felizes os que tu proteges; esses sabem o que é 24 de março, 10 de agosto, 2 de abril, 7 e 31 de outubro, 10 de novembro, o ano todo, suas tristezas e alegrias particulares* (ASSIS, 1990: 124).

*achariam visitas, música, bailes, mil cousas belas, sem contar as manhãs, a temperatura e os domingos* (ASSIS, 1990: 125). Os rapazes, consoante com alvo outro que não aquele que a mãe lhes apontava, colocaram impedimentos diversos, outros projetos, Paulo precisava consultar documentos na Biblioteca Nacional para um livro que pretendia escrever, Pedro alegou estudos de clínica na Santa Casa. *Nada era verdade, mas nem só a verdade se deve dizer às mães* (ASSIS, 1990: 125).

Selaram um acordo: para Petrópolis, *Eles subiriam aos sábados e desceriam às segundas; o mesmo por ocasião de dias santos e festas de gala* (ASSIS, 1990: 125). Quando estavam na casa da serra, os gêmeos “faziam rumor”: *Além do mais, tinham a semelhança e a graça* (ASSIS, 1990: 125). Encantavam mães e filhas e despertavam curiosidades sobre o que faziam no Rio de Janeiro, longe dos pais.

*Podia ser invenção dos rapazes; naturalmente, iriam às moças* (ASSIS, 1990: 125). Considerando que na vida dos gêmeos não existia “moças” em quantidade suficiente para justificar um plural (e se as havia, encobertas estavam pela descrição do narrador, que, por pudor, decoro ou mesmo ignorância de suas existências, preferiu deixá-las fora da narrativa), reformula-se a sentença, dando-lhe outro sentido, mas conservando o veículo na mesma estrada: os gêmeos iam à moça, e a moça ia aos rapazes, para escândalo daqueles que não conseguiam esconder *o seu espanto ao saber que os dois irmãos combinavam num ponto que faria romper os maiores amigos deste mundo* (ASSIS, 1990: 126).

*Um secretário de legação insinuou que podia ser brincadeira dos dois.  
– Ou dos três, acrescentou outra veranista* (ASSIS, 1990: 126).

Ou dos quatro.<sup>528</sup> Aires, de uma forma ou de outra, não deve ser excluído desse romance pouco ortodoxo. Ele se sente bem na companhia dos rapazes e da moça, filhos que não teve – e é

---

<sup>528</sup> Ou dos cinco. Pois, como noticia o narrador, Flora, além dos gêmeos, teve outro fervoroso admirador. Coisa miúda, obviamente, mas mesmo assim não cabe dar-lhe inexistência. *Aquele era oficial de secretaria. Geralmente os empregados de secretaria casam cedo. Gouveia era solteiro, andava às moças. Um domingo, à missa, reparou na filha do ex-presidente, e saiu da igreja tão apaixonado que não quis outra promoção. Tinha gostado de muitas, acompanhou algumas, esta foi a primeira que o feriu deveras. Pensava nela dia e noite. A Rua de S. Clemente era o caminho que o levava e trazia da repartição. Se a via, olhava muito para ela, detinha-se à distância, à porta de uma casa, ou então fingia acompanhar com os olhos um carro que passava, e tirava-os do carro para a moça. (...) Uma vez deu-lhe na cabeça mandar uma declaração de amor. Paixão concebe despropósitos. (...) Não foi só o texto diverso e contrário, foi principalmente a falta de autorização que o levou a rasgar as cartas. Flora não o conhecia; quando menos, fugia de o conhecer. Os olhos dela, se encontravam os dele, retiravam-se logo indiferentes.* (ASSIS, 1990: 129-130).

exatamente por isso que quer dar um termo a esse ramerrão sem fim, onde cada um dos gêmeos, aliados à indecisão de Flora, se recusa a dar o passo decisivo na direção da ruptura.

*Assim se passaram algumas semanas* (ASSIS, 1990: 127). Aires visitou Flora várias vezes. Invariavelmente a encontrava melancólica, como se não pudesse continuar a suportar a tarefa de ter que escolher um entre os dois irmãos. Sem conseguir encontrar uma saída para esse dilema, Flora pensou em deixá-los. E essa idéia a martirizou – como se estivesse com agulhões mergulhados no seu corpo, a extrair a dor da alma.

*Tudo estava acabado. Era só escrever no coração as palavras do espírito, para que lhe servissem de lembrança. Flora escreveu-as, com a mão trêmula e a vista turva; logo que acabou, viu que as palavras não combinavam, as letras confundiam-se, depois iam morrendo, não todas, mas salteadamente até que o músculo as lançou de si. No valor e no ímpeto podia comparecer o coração ao gêmeo Paulo; o espírito pela arte e sutileza, seria o gêmeo Pedro. Foi o que ela achou no fim de algum tempo, e com isso explicou o inexplicável* (ASSIS, 1990: 127).

Certo dia, os Batistas pretendiam ir ao teatro. Flora, alegando dor de cabeça, abortou o plano. Quando os gêmeos estiveram na casa da Rua de São Clemente, a moça não apareceu para recebê-los.

*(...) no dia seguinte duas cartinhas perguntavam a D. Cláudia como passara a filha. A mãe respondeu que bem. Nem por isso Flora os recebeu com a alegria de costume. Tinha alguma cousa que a fazia falar pouco. Pediram-lhe música, tocou; foi bem porque era um meio de se meter consigo. Não respondeu aos apertos de mão, como eles supunham que fazia até há pouco. Assim foi essa noite, assim foram as outras. Ora um, ora outro chegava primeiro, imaginando que a presença do rival é que tolhia a moça; mas a precedência não valia nada* (ASSIS, 1990: 131).

E, nesse ritmo, a angústia de Flora chegou a tal ponto de desespero que ela

---

Ou dos seis. Nóbrega (personagem que aparece rapidamente no início do romance) também se deixou levar pelos eflúvios de amor que despendiam de tão adorada criatura. Cansado de ser *mais (...) um namorado, incógnito, que suspirava por ela* (ASSIS, 1990: 136), o capitalista pensou “*A esposa há de ser esta*” (ASSIS, 1990: 136). D. Rita, que hospedava Flora, percebeu o interesse e começou a conjecturar sobre a melhor maneira de aproximar o casal: *Todas as incertezas, angústias e melancolias vinham acabar nos braços de um ricoço, estimado, respeitado, dentro de um palacete com uma carruagem às ordens... ela mesma [D. Rita] punha em relevo este prêmio grande da loteria de Espanha* (ASSIS, 1990: 137). Como Nóbrega *sabia pouca ortografia, nenhuma sintaxe* (ASSIS, 1990: 137), o seu secretário *redigiu com a melhor linguagem que possuía uma carta em que o capitalista pedia a D. Rita o favor de consultar a moça amada* (ASSIS, 1990: 137). A carta foi entregue. D. Rita ficou feliz, mas aguardou 24 horas. *Na manhã seguinte, depois de almoçadas, leu a carta à moça* (ASSIS, 1990: 137). Flora riu. E, depois, despachou o pretendente: *Não nego as qualidades daquele homem, parece bom, e trata-me bem, mas eu não quero casar* (ASSIS, 1990: 138). Nóbrega ficou espantado com a recusa, mas soube suportar a “ingratidão”, nas palavras de seu secretário.

*acabou pedindo ao seu Cristo um lugar de governador para o pai – ou qualquer comissão fora daqui. Jesus Cristo não distribui os governos deste mundo. O povo é que os entrega a quem merece, por meio de cédulas fechadas, metidas dentro de uma urna de madeira, contadas, abertas, lidas, somadas e multiplicadas (ASSIS, 1990: 131).*

Se Jesus Cristo não distribui os governos deste mundo, Flora tinha o equivalente a um título de eleitor e poderia eleger novo governo, se assim o quisesse. No entanto, copiando o estilo Poncio Pilatos, gostaria de transferir a decisão para outrem. Como não encontrou quem por ela pudesse sufragar “um justo”, quem *a livrasse daquela complicação de sentimentos* (ASSIS, 1990: 131), foi sendo tragada por uma espiral de desânimo: *padecia de vertigens e esquecimentos* (ASSIS, 1990: 132).

Aires tentou ajudar, solicitando à sua irmã, D. Rita, que morava no Andaraí, abrigo para a moça – que para lá foi, aclimatou-se bem, remoeu e continuou a viver, respirando um pouco melhor pois por um tempo não contou com a companhia constante, sufocante, dos gêmeos.

Os rapazes, por sua vez,

*não contavam as semanas de interrupção, uma vez que a escolha não se dava, e eles podiam trazer da consulta o contrário da inclinação definitiva da moça. Reflexão justa, posto que interessada. Cada um deles não queria mais que prolongar a batalha, esperando vencê-la. Entretanto, não confiavam um do outro, este pensamento gêmeo, como eles. Ambos se iam sentindo exclusivos, a afeição tinha agora o seu pudor e necessidade de calar. Já não falavam de Flora.*

*Nem só de Flora. Crescendo a oposição, recorriam ao silêncio. Evitavam-se; se podiam, não comiam juntos; se comiam juntos, diziam pouco ou nada. Às vezes, falavam para tirar aos criados qualquer suspeita, mas não advertiam que falavam mal e forçadamente, e que os criados iam comentar as palavras e a expressão deles na copa. A satisfação com que estes comunicavam os seus achados e conclusões é das poucas que adoçam o serviço doméstico, geralmente rude. Não chegavam, porém, ao ponto de concluir tudo o que os ia tornando cada vez mais avessos, a ponta de ódio que crescia com a ausência da mãe. Era mais que Flora, como sabeis; eram as próprias pessoas inconciliáveis. Um dia houve na copa e na cozinha grande novidade. Pedro, a pretexto de sentir mais calor que Paulo, mudou de quarto e foi dormir mal em outro não menos quente que o primeiro (ASSIS, 1990: 135).*

Sem a presença apaziguadora da mãe e sem a necessidade de dissimular sentimentos por causa de Flora, os gêmeos – que não estão procurando pela ruptura definitiva – estabelecem um redimensionamento em seus objetivos (*Crescendo a oposição, recorriam ao silêncio. Evitavam-se; se podiam, não comiam juntos; se comiam juntos, diziam pouco ou nada*). Por isso, evitam-se. Pedro, que é mais calmo, mais ponderado, torna público o que os criados já sabiam de antemão, e que os dois irmãos desejavam a muito tempo: *a pretexto de sentir mais calor que Paulo, mudou de quarto e foi dormir mal em outro não menos quente que o primeiro.*

Se a separação física estabelece a quebra do compromisso familiar, também demarca a necessidade de cada um deles procurar por um elemento identitário e diferenciador da gemelaridade. O rompimento de uma amizade aparente, superficial, identifica essa situação; e, de certa forma, possui mais valor afetivo do que uma luta corporal – inclusive porque estão conscientes de que a platéia ideal para assistir aos seus arrufos está ausente.

Quando Flora adoeceu, D. Rita imediatamente chamou os pais da moça. Logo em seguida, Aires se apresentou. *Também os gêmeos lá iam saber da enferma* (ASSIS, 1990: 139). Pedro, lembrando as lições de medicina, inquiria a doente com mais autoridade, *mas as esperanças e os receios eram de ambos* (ASSIS, 1990: 140). Enfim, todos se reuniram em torno da mulher (ac)amada; inclusive Natividade, que, a pedido de Flora, ficou alguns dias.

– *Só a senhora me pode curar, disse Flora; não creio nos remédios que me dão. As suas palavras é que são boas, e os seus carinhos... Mamãe também, e D. Rita, mas não sei, há uma diferença, uma cousa... Veja; parece-me que até já rio.*

– *Já, já; ria mais.*

*Flora sorriu, ainda que daquele sorriso descorado que aparece na boca do enfermo, quando a moléstia, consente, ou ele força a seriedade própria da dor* (ASSIS, 1990: 139).

A maternidade exasperada da mãe de Pedro e Paulo faz bem à Flora. No inconsciente da moribunda, Natividade se apresenta como o modelo de mãe que Flora idealizou e que gostaria de ter tido.<sup>529</sup> A probabilidade de que Natividade possa (caso supere a doença) ser sua sogra – uma espécie de prótese materna – realça esse sentimento:

*Flora ia assim passando os dias. Queria Natividade sempre ao pé de si, pela razão que já se deu, e por outra que não disse, nem porventura soube, mas podemos suspeitá-la e imprimir. Estava ali o ventre abençoado que gerara os dois gêmeos. De instinto, achava nela algo particular. Quanto ao influxo que exercia nela, por essa ou qualquer outra causa, não o sabia Natividade; contentava-se em ver que, ainda agora, e em tal crise, Flora não perdera a amizade que lhe tinha* (ASSIS, 1990: 140).

*O mais que se passou valia a pena de um livro. Não foi logo, gastou longas horas e alguns dias* (ASSIS, 1990: 140). E enquanto o desenlace não se cumpria, e os dias se arrastavam como se

---

<sup>529</sup> Flora não percebe – seja por causa da doença, seja porque o narrador não a registra fazendo uma reflexão significativa sobre o assunto – que “desejar” uma outra mãe implica em rebaixar D. Cláudia. De qualquer forma, cabe observar que a relação familiar que deveria unir Flora e D. Cláudia se mostra esgaçada, com pouca intimidade. As constantes mudanças políticas de Batista – todas impulsionadas pela ambição de D. Cláudia – contribuem para a filha se sinta distante daqueles que a geraram. Significativamente, a morte da moça ocorre na casa de “estranhos”, ou seja na casa de D. Rita, irmã do conselheiro Aires, que mora no Andaraí.



não tivessem fim, todos aqueles que estavam ao redor de Flora procuraram esconder o medo e conter as lágrimas.

*Quando Pedro e Paulo voltaram ao Andaraí, a enferma estava acordada, e o médico, sem dar grandes esperanças mandou fazer aplicações que declarou enérgicas. Todos tinham sinais de lágrimas. De noite, Aires apareceu trazendo notícias de agitação na cidade.*

– *Que é?*

– *Não sei; uns falam de manifestações ao Marechal Deodoro, outros de conspiração contra o Marechal Floriano. Há alguma coisa* (ASSIS, 1990: 141).

Que há alguma coisa não há dúvidas; a cidade está agitada, os boatos circulam com intensidade, o clima conspiratório é intenso.<sup>530</sup> O que surpreende é que o portador dessas notícias seja Aires, que nunca se mostrou a pessoa indicada para “trazer notícias de agitação”. De qualquer forma, a superficialidade da informação, como se fosse um caso banal, restitui parte da credibilidade narrativa.

*Natividade pediu aos filhos que não se metessem em barulhos; ambos prometeram e cumpriram. Ao ver o aspecto de algumas ruas, grupos, patrulhas, armas, duas metralhadoras, Itamarati iluminado, tiveram a curiosidade de saber o que houve e havia; vaga sugestão, que não durou dois minutos. Correram a meter-se em casa, e a dormir mal a noite. Na manhã seguinte os criados levaram os jornais com as notícias da véspera.*

– *Veio algum recado do Andaraí?* perguntou um.

– *Não, senhor.*

*Ainda quiseram ler, por alto, alguma coisa. Não puderam; estavam ansiosos de sair de casa e saber notícias da noite. Posto levassem os jornais consigo, não leram claramente nem seguidamente. Viram nomes de pessoas presas, um decreto, movimento de gente e de tropas, tão confuso tudo, que deram por si na casa de D. Rita, antes de entender o que houvera* (ASSIS, 1990: 141).

Mais uma vez as questões de foro íntimo suplantam os acontecimentos políticos. A república ainda tinha problemas internos não solucionados. A disputa pelo poder mostra seus sinais

---

<sup>530</sup> O governo Floriano Peixoto não foi tranqüilo, pontuado por revoltas, conspirações e o arbítrio. Floriano estava disposto a impor o regime republicano ao Brasil pela força das armas. E isso lhe trouxe muitos inimigos. A revolta da Esquadra e a Revolução Federalista são os dois acontecimentos mais importantes do período. Entre os grupos conhecidos que fizeram oposição ao governo estavam os partidários de Deodoro da Fonseca (enfermo, o Generalíssimo morreu em agosto de 1892), que jamais perdoaram a ambição de Floriano Peixoto. Além desses, ainda havia os partidários do governo que estavam descontentes: [Custódio José de Melo] *Principal autor da reação de 23 de novembro, que determinara a renúncia de Deodoro, não se conformara jamais com situação secundária. Os seus inimigos afirmavam que se revoltara apenas para fazer substituir a ditadura de Floriano pela própria. Saldanha da Gama, embora se resignasse com os fatos de 15 de novembro, não abjurara de sua fé monárquica. Deodoro conseguiu atraí-lo pela estima e confiança que lhe dedicava. (...) Floriano, homem de outro pólo, despertava-lhe instintiva antipatia e certo receio. Custódio afigurava-se-lhe um inquieto, arrebatado e inconseqüente “fazedor de legalidade”...* (BELLO, 1972: 118).

nas ruas do Rio de Janeiro. Os gêmeos, consumidos pela lenta agonia de Flora, passam ao largo de toda essa confusão política.

Pedro e Paulo, incapazes de amenizar o sofrimento de Flora, incapazes de fazer alguma coisa em favor da vida, da vida de Flora, se conscientizam da esterilidade resultante de um, ou melhor, de dois relacionamentos que não se cumpriram. O *menage a trois* se transforma em uma impossibilidade, porque: 1) a moça prefere ficar sozinha a tê-los ao mesmo tempo; 2) nenhum dos dois irmãos quer dividi-la – ou compartilhá-la – com o outro. E isto significa que todo esforço promovido pelos três personagens deságua em um impasse.

Diante da perspectiva de que a morte de Flora está próxima, os gêmeos alimentam um sentimento que beira a necrofilia: *um e outro queriam assistir ao passamento de Flora, se tinha que vir. A mãe que os ouvia, saiu à sala, e, sabendo o que era, respondeu negativamente. Não podiam entrar; era melhor que fossem chamar o médico* (ASSIS, 1990: 141).

– *Quem é?* perguntou Flora, ao vê-la entrar no quarto.

– *São os meus filhos, que queriam entrar ambos.*

– *Ambos quais?* perguntou Flora.

*Esta palavra fez crer que era o delírio que começava, se não é que acabava, porque em verdade, Flora não proferiu mais nada. Natividade ia pelo delírio. Aires, quando lhe repetiram o diálogo, rejeitou o delírio.*

*A morte não tardou. Veio mais depressa do que se receava agora. Todas e o pai acudiram a rodear o leito, onde os sinais da agonia se precipitavam. Flora acabou como uma dessas tardes rápidas, não tanto que não façam ir doendo as saudades do dia; acabou tão serenamente que a expressão do rosto, quando lhe fecharam os olhos, era menos de defunta que de escultura. As janelas, escancaradas, deixavam entrar o sol e o céu* (ASSIS, 1990: 142).

Em uma tarde rápida, dessas que perdem o contato com a noite – momento em que os lampiões são acesos como uma tentativa inútil de prolongar a luz matutina –, a escuridão, em tom elegíaco, tomou conta do corpo de Flora.<sup>531</sup> *um ente mítico, uma ninfa assustadiça e esquiva, que*

---

<sup>531</sup> Para Massaud Moisés, a morte de Flora é a oportunidade ideal para esclarecer alguns pontos obscuros do estatuto narrativo de *Esau e Jacó*, além de fazer um balanço da obra machadiana, mostrando o quanto a “história dos gêmeos” está contaminada pelos romances anteriores: *como a equação dramática só podia apresentar duas soluções, o talento inventivo de Machado de Assis ficou cerceado pela raiz, pois a coerência interna da obra e o pendor para a análise íntima de psicologias enfermas o obrigaram a optar por uma delas, caso não quisesse incidir nos erros dos primeiros romances. Entretanto, é necessário ponderar que a única saída para o problema acabou por ser uma encruzilhada, e, ao fim, ou destruía o romance, ou aceitava o imperativo das circunstâncias, ou mudava radicalmente seu núcleo dramático, isto é, escrevia outro romance. A escolher um dos caminhos possíveis, Machado de Assis arriscou-se, porque assim tinha de ser, a cair num abismo; e se não caiu, é pela presença de suas grandes qualidades de prosador e dos recantos psicológicos que vai revelando ao longo do romance, sem contar o interesse natural provocado por algumas personagens, inclusive, ou especialmente, o trio central. O fim do dilema, com a morte da protagonista, resulta em ser, igualmente, um imperativo limitador de suas possibilidades de romancista, o que o arrastou a qualquer coisa como retrocesso, em face do caminho andado nos romances desde Memórias Póstumas de Brás Cubas.*

*passeou pela terra a sua alma remota sem se deixar prender às suas solicitações* (GOMES, 1958: 186). Nos rostos de cada um de seus familiares e amigos ficou estampado que já estavam *doendo as saudades do dia*.

*Não há novidades em enterros. Aquele teve a circunstância de percorrer as ruas em estado de sítio. Bem pensado, a morte não é outra coisa mais que a cessação da liberdade de viver, cessação perpétua, ao passo que o decreto daquele dia valeu só por 72 horas. Ao cabo de 72 horas, todas as liberdades seriam restauradas, menos a de reviver. Quem morreu, morreu. Era o caso de Flora* (ASSIS, 1990: 142).

*Não há novidade em enterros*, anota o narrador, como se estivesse tentando se conformar com o inevitável, *Láquesis* cumprindo com a sua tarefa derradeira – cortar o fio da vida.

Na frase seguinte, uma contradição. Embora esteja situada em outro contexto, há uma grande novidade: o estado de sítio.<sup>532</sup>

O contraste entre o mundo interno, familiar, e o mundo externo, político, edifica o cenário que emoldura a morte de Flora. Mas não é somente isso: entre um e outro acontecimento há uma grande diferença. Nas palavras do narrador, a morte é “a cessação da liberdade de viver”. Enquanto os arrufos políticos cessam em 72 horas, *Quem morreu, morreu*. O raciocínio do narrador está

---

*A morte de Flora, que é, diga-se logo, das cenas mais comoventes e poéticas de quantas saíram da pena de Machado, foi o caminho escolhido e, ao mesmo tempo, uma involuntária volta ao passado, pois é preciso não esquecer que Flora é moça, virgem, e morre de doença estranha, mal de sentimento ou coisa parecida. Morre adolescente e de repente, tragada por uma doença da alma, muito semelhante à Helena, que também morre de amor impossível. Machado de Assis encaminhava-se inconscientemente para fechar o ciclo iniciado em Ressurreição, e preparava-se para o Memorial de Aires, já aqui enunciado como escrito. De uma forma ou de outra, o desenlace imperioso e coerente, muito embora a diáfana e límpida beleza da cena final, é um ponto vulnerável na ossatura toda da história, menos negativo, porém, que qualquer outro final possível, seja o casamento com um dos dois, seja a morte de um deles para desfazer o dilema.*

*Mais ainda: é preciso levar em conta que Flora, apesar de adolescente, ou muito por isso, apresenta certa complexidade interior, um mistério de personalidade que a aproxima, pouco mais, pouco menos, de Capitu. Criaturas tão vizinhas no tempo acabariam por se assemelhar, naturalmente. No entanto, falta a Flora toda a riqueza interior e de caráter da outra, ficando num plano mais tênue, mais delicado, graças a uma debilidade geral que a faz viver de leve e morrer de leve, sem perturbar ninguém com sua presença, como se não tivesse direito à vida, ou se sua presença fosse o motivo da discórdia entre os dois irmãos. Nela há o imponderável e o mistério das criaturas que, por muito delicadas, não resistem ao embate diário, onde a inteligência e a sagacidade são valores permanentes e imprescindíveis. Por pouco é uma heroína romântica, não fosse haver no todo de sua personalidade um grão de mistério para além dos problemas de ordem amorosa. Quase um vulto, uma sombra, e não uma pessoa física, Flora não chega a ser símbolo de nada e nem a ser uma personagem de carne e osso que se imponha por um problema de angustiante força, capaz, sozinho, de justificar uma vida e um comportamento perante ela* (MOISÉS, 1966: 10-11).

<sup>532</sup> Sobre esses acontecimentos, John Gledson esclarece: *Há um contexto político mais imediato que o leitor também deve estar ciente: muitos opositores do vice-presidente, então chefe efetivo do país, Floriano Peixoto, tentavam removê-lo desde o golpe de 23 de novembro de 1891, e, em 6 de abril, treze militares de alta patente publicaram uma carta em que defendiam eleições presidenciais, tal como (argumentavam) a Constituição exigia. No dia seguinte, Floriano os exonerou e publicou o seu próprio Manifesto à nação. Três dias depois, em 10 de abril, a oposição organizou um protesto contra Floriano, com o pretexto de homenagear Deodoro – em resposta, Floriano declarou estado de sítio por 72 horas e prendeu vários políticos importantes. Em 12 de abril, foi publicado um decreto que exilava muitos deles para partes longínquas do Brasil* (GLEDSON, 2006: 190).

focado na dimensão transitória dos acontecimentos: enquanto a política se amolda às circunstâncias, impossível preencher a deterioração afetiva causada pela perda de uma vida.

Enterros anunciam o fim de um ciclo e o início de outro: Pedro e Paulo, ao pé da cova de Flora, depois que todos partiram, tiveram uma conversa particular – um desses momentos raros em que os ressentimentos são colocados de lado, como se nunca tivessem existido.

*Nenhum deles contou o tempo gasto naquele lugar. Sabem só que foi de silêncio, de contemplação e de saudade. Não digo, para os não vexar agora, mas é possível que chorassem também. Tinham um lenço na mão, enxugavam os olhos; depois com os braços caídos, as mãos prendendo o chapéu, olhavam aparentemente para as flores que cobriam a sepultura, mas na realidade para a criatura que lá estava embaixo.*

*Enfim, cuidaram de arrancar-se dali, e despedir-se da defunta, não se sabe com que palavras, nem se eram as mesmas; o sentido seria igual. Como estivessem defronte um do outro, acudiu-lhes a idéia de um aperto de mão em cima da cova. Era uma promessa, um juramento. Juntaram-se e vieram descendo, calados. Antes de chegar ao portão, reduziram à palavra o gesto das mãos feito sobre a cova. Que juravam a conciliação perpétua.*

*– Ela nos separou, disse Pedro; agora, que desapareceu, que nos una.*

*– Talvez morresse para isso mesmo, acrescentou.*

*Depois, abraçaram-se. Gesto nem palavra traziam ênfase ou afetação; eram simples e sinceros. A sombra de Flora decerto os viu, ouviu e inscreveu aquela promessa de reconciliação nas tábuas da eternidade. Ambos, por um impulso comum, voltaram os olhos para ver ainda uma vez a cova de Flora (ASSIS, 1990: 144).*

Inscriver promessas nas tábuas da eternidade é tarefa mitológica – e Pedro e Paulo, lídimos descendentes daqueles que foram expulsos do Paraíso ou do Olimpo, assim como qualquer mortal, não estão capacitados para suportar o mundo sobre os ombros. Atos heróicos não combinam com as personalidades dos filhos do banqueiro Santos; eles, no máximo, combatem moinhos de vento (isso se o irmão estiver defendendo posição oposta).

Mas o narrador, fazendo o seu interminável jogo de dissimulação, encharca o texto com um romantismo passadista. Ou seja, tenta incutir a idéia de que, depois da morte de Flora, pouco restou que fosse suficiente para desunir os gêmeos (*– Ela nos separou, disse Pedro; agora, que desapareceu, que nos una; – Talvez morresse para isso mesmo, acrescentou*). Ignorando que a inimizade fraterna transcende a perda imediata, e que uma vez superado o mal-estar, aflorarão com intensidade os ressentimentos, o ciúme, a inveja, a cobiça e a antipatia mútua, o narrador utiliza-se de um provérbio patético, *Quando um não quer, dois não brigam* (ASSIS, 1990: 145), para tentar camuflar o óbvio: os dois rapazes querem, almejam, desejam brigar um com o outro, porque são incapazes de acumular desejos não manifestos. Alimentados pela solidariedade típica de veteranos de guerra, somente na desunião – e pouco importa o motivo – é que estão unidos.

Em outras palavras, é a comoção temporária e a falta de perspectiva para enfrentar o mundo – agora sem a presença de Flora – que faz com que os irmãos, por um instante, sejam mutuamente solidários. A dor que cada um deles está sentindo também é a dor do outro – a perda os atinge por igual.

*Naturalmente os atos do governo eram aprovados e desaprovados, mas a certeza de que podiam acender-lhes os ódios fazia com que as opiniões de Pedro e Paulo ficassem entre os seus amigos pessoais. Não pensavam nada à vista um do outro. Divergências de teatro ou de rua, eram sopitadas logo, por mais que lhes doesse o silêncio. Não doeria tanto a Pedro, como a Paulo, mas sempre era padecer alguma cousa (ASSIS, 1990: 145).*

A promessa de união durou pouco: *Na véspera do dia em que se completou o primeiro mês da morte de Flora, Pedro teve uma idéia, que não comunicou ao irmão. Não perderia nada em fazê-lo, porque Paulo teve a mesma idéia, e também a calou (ASSIS, 1990: 145).*

*A pretexto de ir visitar um doente, Pedro saiu de casa, antes das sete horas. Paulo saiu pouco depois, sem pretexto algum. Pia leitora, adivinhas que ambos foram ao cemitério; não adivinhas, nem é fácil adivinhar que cada um deles levava uma grinalda. Não digo que fossem as mesmas flores, não só para respeitar a verdade, senão também para afastar qualquer idéia intencional de simetria na ação e no acaso. Uma era de miosótis, outra creio que de perpétuas. Qual fosse a de um, qual a de outro, não se sabe nem interessa à narração. Nenhuma tinha letreiro.*

*Quando Paulo chegou ao cemitério, e viu de longe o irmão, teve a sensação de pessoa roubada. Cuidava ser único e era último. A presunção, porém, de que Pedro não levava nada, uma folha sequer, consolou-o da antecipação da visita. Esperou alguns instantes; advertindo que podia ser visto, desviou-se do caminho, meteu-se por entre sepulturas, até ir colocar-se atrás daquela. Aí esperou cerca de um quarto de hora. Pedro não se queria arrancar dali; parecia falar e escutar. Enfim, despediu-se e desceu.*

*Paulo, vagarosamente, caminhou para a sepultura. Indo a depositar a grinalda, viu ali outra posta de fresco, e entendendo que era do irmão, teve ímpeto de ir atrás dele e pedir-lhe contas da lembrança e da visita. Não lhe leves a mal o ímpeto; passou imediatamente. O que ele fez foi colocar a coroa que levava no lado correspondente aos pés da defunta, para não a irmanar com a outra, que estava do lado da cabeça.*

*Não viu, não adivinhou sequer que Pedro naturalmente pararia um instante, para voltar a cara e mandar um derradeiro olhar à moça enterrada. Assim foi, mas quando Pedro deu com o irmão, no mesmo lugar que ele, os olhos no chão, teve também o seu impulso de ir buscá-lo e trazê-lo daquela cova sagrada. Preferiu esconder-se e esperar. Os gestos de piedade, quaisquer que fossem, ele os deu primeiro à querida comum. Foi o primeiro em evocar a sombra de Flora, falar-lhe, ouvi-la, gemer com ela a separação eterna. Viera adiante do outro; lembrara-se dela mais cedo.*

*Assim consolado, podia seguir caminho; Paulo, se saísse atrás dele, e o visse, entenderia que fizera a sua visita em segundo lugar, e receberia um golpe grande. Deu alguns passos na direção do portão, estacou, recuou e novamente se escondeu. Queria ver os gestos dele, ver se rezava, se se benzia, para desmenti-lo quando lhe ouvisse mofar das cerimônias eclesíásticas. Logo sentiu que era um erro; não iria confessar a ninguém que o vira rezando ao pé da cova de Flora. Ao contrário, era capaz de o desmentir, – ou, quando menos, fazer um gesto de incredulidade... (ASSIS, 1990: 146).*

A forma com que os irmãos se comportam no cemitério beira o patético; ao mesmo tempo, essa cena comprova que eles nunca estiveram tão distantes um do outro, tão amargamente separados. Escondidos, envenenados pelo ciúme, Pedro e Paulo se sentem donos de um afeto que nunca tiveram. A indecisão de Flora, em lugar de significar que ambos foram rejeitados, os faz se sentirem acima de julgamentos morais. Cada um deles nutre a ilusão romântica de que o grau de intensidade da paixão amorosa é determinado pela volúpia da entrega. E, desaparecido o objeto do desejo, nada é mais veemente do que a adoração incondicional pela imagem idealizada. Quando Paulo *teve a sensação de pessoa roubada*, ou Pedro atribui a si a primazia nos *gestos de piedade, quaisquer que fossem*, nada mais estão fazendo do que ignorar a afeição do Outro. Cada um deles quer convencer a si mesmo de que o seu amor pela moça morta é maior do que qualquer dilaceramento que o irmão possa estar sofrendo. Ou seja, a impostura se infiltra nas relações fraternas, mascarando fraquezas que não devem ser reveladas ao inimigo.

*Enquanto estas imaginações lhe passavam pela cabeça, desfazendo-se umas às outras, discursando sem palavras, aceitando, repelindo, esperando, os olhos não se retiravam do irmão, nem este da sepultura. Paulo não fazia gesto, não mexia os lábios, tinha os braços cruzados, o chapéu na mão. Não obstante, podia estar rezando. Também podia falar calado, para a sombra ou para a memória da defunta. A verdade é que não saiu do lugar. Então Pedro viu que a conversação, evocação, adoração, o que quer que fosse que atava Paulo era já maior. Descontando a impaciência, que sempre faz crescer os minutos, ainda assim parecia certo que Paulo gastava mais saudades que ele. Deste modo, ganhava na extensão da visita o que perdera na chega do cemitério. Pedro à sua vez, achou-se roubado.*

*Quis sair; mas, uma força, que ele não sabia explicar, não lhe consentiu levantar os pés, nem tirar os olhos do gêmeo (ASSIS, 1990: 146-147).*

*Descontando a impaciência, que sempre faz crescer os minutos, ainda assim parecia certo que Paulo gastava mais saudades que ele.* O ridículo, esse momento em que todos os parâmetros da sensatez se perdem, atinge o seu ápice quando *Pedro, à sua vez, achou-se roubado*. Ignorando que o amor não está condicionado pela correspondência, Pedro sente-se corroído pelo ciúme. Intimamente, está consciente de que não teve o amor de Flora, mas isso não é suficiente para o satisfazer – quer que Paulo também tenha a circulação sangüínea envenenada pelo desespero.

Em outras palavras, para Pedro (ou para Paulo, que o nome de um não invalida a ação do outro) não basta a dor que sente por estar sem o amor da moça que torturou os dois irmãos com promessas (imaginárias) de felicidade – ele precisa ter certeza absoluta de que as lembranças que o irmão amealhou, quando estava com Flora, não são melhores ou mais significativas do que as suas.

A vaga noção de que um deles desfrutou um pouco mais do que o outro garante o desequilíbrio – e é essa suspeita que produz mais um degrau de afastamento fraterno.

*Não esqueças que foi ao pé daquela mesma campa que os dois fizeram as pazes eternas e, posto não lhas desfizesse a campa, é certo que acendeu um pouco da ira antiga* (ASSIS, 1990: 147). Tendo como combustível o espírito antagônico, os gêmeos seguiram com suas vidas, cada um exercendo a sua profissão, Pedro clinicando, Paulo advogando, cada um isolando o irmão de suas relações sociais particulares: *Desta maneira, a profissão torceu-lhes o caminho e dividiu as relações dos dois* (ASSIS, 1990: 148).

*No meio dos sucessos do tempo, entre os quais avultavam a rebelião da esquadra e os combates do sul, a fuzilaria contra a cidade, os discursos inflamados, prisões, músicas e outros rumores, não lhes faltava campo em que divergissem. Nem era preciso política. Cresciam agora mais em número as ocasiões e as matérias. Ainda quando combinassem de acaso e de aparência, era para discordar logo e de vez, não deliberadamente, mas por não poder ser de outro modo* (ASSIS, 1990: 148).

*Tinham perdido o acordo, feito pela razão, jurado pelo amor, em honra da moça defunta e da mãe viva* (ASSIS, 1990: 148). Tinham perdido a sobriedade, o discernimento e a afeto fraterno (se é que, em algum momento, este existiu). Tinham perdido a relação significativa entre o indivíduo e o tempo em que viviam (*a rebelião da esquadra e os combates do sul, a fuzilaria contra a cidade, os discursos inflamados, prisões*), como se somente estar em oposição ao irmão importasse.

Natividade continuou com a sua missão inglória de querer apascentar os filhos. Santos, que sempre esteve emocionalmente longe de Pedro e Paulo, satisfazia-se com o sucesso profissional dos rapazes – *só receava que Paulo, dada a inclinação partidária, buscasse noiva jacobina* (ASSIS, 1990: 148), o que seria, no seu entendimento, uma desgraça para a família e, por extensão, para o grupo social de que faziam parte. Um revolucionário era a cota máxima que a família podia aceitar: *Não ousando dizer-lhe [para Paulo] nada a tal respeito, refugiava-se na religião, e não ouvia missa que lhe não metesse uma oração particular e secreta, para obter a proteção do céu* (ASSIS, 1990: 148).

Em dado momento, como que a confirmar suspeitas de que o mundo muitas vezes se apresenta de forma oposta à sua essência, afinal *nada mais parecido com um conservador que um*

liberal, e vice-versa (ASSIS, 1990: 68),<sup>533</sup> ocorreu uma rotação posicional no comportamento político dos irmãos: *Paulo entrou a fazer oposição ao governo, ao passo que Pedro moderava o tom e o sentido, e acabava aceitando o regímen republicano, objeto de tantas desavenças* (ASSIS, 1990: 148).<sup>534</sup>

*Pedro (...) não se dava todo, restringia alguma coisa às pessoas e ao sistema, mas aceitava o princípio, e bastava (...)*

*A oposição de Paulo não era ao princípio, mas à execução. Não era esta a república dos meus sonhos, dizia ele; e dispunha-se a reformá-la em três tempos, com a fina flor das instituições humanas, não presentes nem passadas, mas futuras. Quando falava delas, via-se-lhe a convicção nos lábios e nos olhos, estes alongados, como alma de profeta* (ASSIS, 1990: 148).

D. Cláudia, que via o conflito fraterno com as lentes da distância física e afetiva, diagnosticou que esse deslocamento de posições e opiniões *era cálculo de ambos para se não*

---

<sup>533</sup> O pai de Flora, Batista, também mudou de posição política – embora o tenha feito por oportunismo. A posição de Batista tem sido alvo de inúmeras análises, principalmente aquelas que destacam a caricatura de um personagem que faz da política uma razão de viver: *Nele a Política era menos uma opinião que uma sarna; precisava coçar-se a miúdo e com força* (ASSIS, 1990: 48). Para John Gledson, Batista, então, é simplesmente o último representante daquela “conciliação” corrupta que foi a força mas, também no fim, a fraqueza fatal do Império. Ele é, por natureza, um homem moderado, até mesmo hesitante, e deve sua relativa falta de sucesso político (e, inversamente, sua facilidade em se transferir para o partido adversário, e finalmente para o novo regime) a essa qualidade (GLEDSON, 1986: 195).

<sup>534</sup> Maria Antonieta Pereira assinala que, na obra machadiana, a História do país é narrada por meio de conflitos do cotidiano. Assim, os confrontos entre os gêmeos – Pedro é monarquista e Paulo, republicano – depois da Proclamação, transformam-se em refregas políticas entre um deputado situacionista e outro da oposição. Mudando de discurso como de casaca, e ao mesmo tempo mantendo certas características básicas quanto à rivalidade e às divergências político-pessoais, as personagens de Machado também revelam uma espécie de “dialética da malandragem”. (...) A oscilação entre os pólos da ordem e da desordem também funcionam como um importante elemento (...) debatendo-se entre a certeza e a dúvida, elaboram sob novas formas os conflitos entre identidade/alteridade, espelhamento/distanciamento, cooperação/oposição, dualidades que parecem organizar, de alguma forma, o que de fato se dissemina quase incontrolavelmente enquanto multiplicidade discursiva típica da malandragem (PEREIRA, 2000: 133). Embora a argumentação de Maria Antonieta Pereira possua correção, há que se considerar que o uso do conceito elaborado por Antonio Candido, “dialética da malandragem”, anula toda e qualquer análise que considere como fator interpretativo a personalidade não-conformista de Paulo. Pedro é personagem mais “maleável”, mais propício à adaptação – Paulo, ao contrário, carrega em si a inquietação. As primeiras administrações políticas republicanas do Brasil se assemelham mais com ditaduras do que com governos democráticos. Paulo, bacharel em direito, graduado em São Paulo – foco da oposição aos primeiros governos republicanos –, conhecedor (pelo menos dos rudimentos) da teoria política, defensor incansável dos conceitos democráticos, tem como inspiração política um governo “ideal”, e, portanto, diferente da situação “concreta”: *A oposição de Paulo não era ao princípio, mas à execução. Não era esta a república dos meus sonhos, dizia ele* (ASSIS, 1990: 148). Os governos autoritários de Deodoro da Fonseca e de Floriano Peixoto estão muito abaixo de suas expectativas. Nesses termos, a guinada de Paulo para a oposição é um movimento de coerência política, gerado pelo seu caráter contestador, e não por ser favorável à “adaptação” ou à “malandragem”, como sustenta Pereira. Ao mesmo tempo, é preciso considerar que se Paulo está sempre procurando pelo “novo”, Pedro é um pragmático, alguém que procura extrair o máximo de proveito de uma situação dada. Pouco lhe importam as oscilações políticas ou conceitos vagos como democracia ou justiça; o que ele deseja é a estabilidade, é a segurança. E, segundo esse conceito, nada é mais estável, nada é mais seguro do que o governo constituído. A rotação de posições se não se dá pela “troca de casacas”, mas sim porque esta é a natureza de cada um dos personagens.



*juntarem nunca* (ASSIS, 1990: 148). Natividade, próxima de aceitar a opinião de D. Cláudia, foi dissuadida por Aires.

– Não, baronesa, disse ele, não creia em propósitos.

– Mas que pode ser então?

*Aires gastou algum tempo na escolha das palavras, a fim de lhe não saírem pedantescas nem insignificantes; queria dizer o que pensava. Às vezes, falar não custa menos que pensar. Ao fim de três minutos, segredou a Natividade:*

– *A razão parece-me ser que o espírito de inquietação reside em Paulo, e o de conservação em Pedro. Um já se contenta do que está, outro acha que é pouco e pouquíssimo, e quisera ir ao ponto a que não foram homens. Em suma, não lhes importam formas de governo, contanto que a sociedade fique firme ou se atire para diante. Se não concorda comigo, concorde com D. Cláudia* (ASSIS, 1990: 149).

O homem que “queria dizer o que pensava” precisou de uma pausa de três minutos para expressar o óbvio. Aires sempre teve problemas em administrar o peso das palavras; e, no caso específico dos gêmeos, emitir uma opinião é ainda mais problemático. Sabe que seus comentários são respeitados por Natividade, porque escorados em cautela e ponderação. No seu entendimento, o fato dos rapazes estarem em situações opostas não implica em antagonismo fraterno; o que os motiva são idiossincrasias específicas, modos diferentes de ver e interpretar o mundo.

Natividade (que Aires, extemporaneamente, chama de “baronesa”) não procurou por outra explicação; aliás, nem esta lhe serve. Depois de mais de vinte anos de maternidade, ela está convicta de que *Nem por isso a discórdia morreria entre eles, que apenas trocavam de armas para continuar o mesmo duelo* (ASSIS, 1990: 149).

Então, depois de muitos meses, com armas diferentes, os irmãos travaram uma nova batalha: por partidos contrários, Pedro e Paulo foram eleitos deputados.<sup>535</sup>

Aires, que regressava da Europa, onde fora se tratar,<sup>536</sup> apresentou-se para, na companhia de Natividade e Perpétua, assistir à cerimônia de posse. *Amam-se finalmente?*, pergunta Aires,

---

<sup>535</sup> Para Raimundo Magalhães Júnior, *A deputação é um símbolo de vitória social em quase todos os seus livros. Não basta ser rico, não basta ser amado, ou ter os dons da inteligência e da simpatia. É necessário que a tudo isso venham juntar-se as galas de uma deputação. E na realidade não era assim? Mesmo o Barão de Mauá não se satisfaz com seus negócios e seus bancos. Também quer vir deputado. E vem. Há de acabar, depois, feito visconde.*

*Os personagens de Machado de Assis são aquinhoados com cadeiras de deputados como se tirassem prêmios lotéricos, em eleições que correm às vezes à sua inteira revelia* (MAGALHÃES JÚNIOR, 1971: 82-83).

Complementando esse pensamento, Raymundo Faoro, à respeito do sistema eletivo que vigorou no Brasil, entre o Império e o início da República, anota que *Machado de Assis, preocupado em estilizar a sociedade sem a fidelidade histórica, põe a nu o fenômeno da influência política. Não se poupa a insinuar o estreito gargalo que isso significa, elegendo alguns e repelindo a maioria. Mostra a relação de família, que acabava participando do mecanismo, desvirtuando-o hereditariamente, com a nota da rigidez. (...) Apresenta, com desencanto, o poder do dinheiro, no fim do Império, para a conquista de uma cadeira, cada vez mais acessível aos homens abastados ([...] Pedro e Paulo, filhos de um homem rico, ganham assento no Congresso republicano)* (FAORO, 2001: 120).

sabendo de antemão qual será a resposta. E mesmo assim, faz questão de insistir no tema, como se fosse assunto corriqueiro, como se fosse complemento da conversa que tiveram um ano antes:

*Natividade não quis confessar que a ciência não bastava. A glória científica parecia-lhe comparativamente obscura; era calada, de gabinete, entendida por poucos. Política, não. Quisera só a política, mas que não brigassem, que se amassem, que subissem de mãos dadas... Assim ia pensando consigo, enquanto Aires, abrindo mão da ciência, acabou declarando que, sem amor, não se faria nada.*

– Paixão, disse ele, é meio caminho andado.

– A política é a paixão deles; paixão e ambição. Talvez já pensem na presidência da República.

– Já?

– Não... isto é, sim; guarde segredo. Interroguei-os separadamente; confessaram-me que este era o seu sonho imperial. Resta saber o que fará um, se o outro subir primeiro.

– Derrubá-lo-á, naturalmente.

– Não gracieje, conselheiro.

– Não é gracejo, baronesa. A senhora cuida que a política os desune; francamente, não. A política é um incidente, como a moça Flora foi outro...

– Ainda se lembram dela.

– Ainda?

– Foram à missa aniversária, e desconfio que foram também ao cemitério, não juntos, nem à mesma hora. Se foram, é que verdadeiramente gostavam dela; logo, não foi um incidente.

*Sem embargo do que Natividade lhe merecia, Aires não insistiu na opinião, antes deu mais relevo à dela, com o próprio fato da visita ao cemitério.*

– Não sei se foram, emendou Natividade; desconfio.

– Devem ter ido; eles gostavam realmente da pequena. Também ela gostava deles; a diferença é que, não alcançando unificá-los, como os via em si, preferiu fechar os olhos. Não lhe importe o mistério. Há outros mais escuros (ASSIS, 1990: 151).

Há outros mistérios – e seguramente mais escuros. Mas, esses, obviamente, o narrador não possui interesse em divulgar, visto que deseja continuar manipulando o leitor, através do eterno jogo de “descobrir e encobrir”. Afinal, para Aires e para o seu porta-voz, o narrador, *Toda a diplomacia está nestes dois verbos parentes* (ASSIS, 1990: 133).<sup>537</sup>

---

<sup>536</sup> Aires, remanescente de uma aristocracia em extinção, não esconde que ainda conserva hábitos característicos de um passado que se perdeu no fluxo histórico: *Aires voltara da Europa, aonde fora com promessa de ficar seis meses apenas. Enganou-se; gastou onze. Natividade é que lhe pôs um ano para arredondar a ausência (...). Ele fora a pretexto de águas, e, por mais que lhe recomendassem as do Brasil, não as quis experimentar. Não estava acostumado às denominações locais. Tinha essa impressão que as águas de Carlsbad ou Vichy, sem estes nomes, não curariam tanto* (ASSIS, 1990: 150).

<sup>537</sup> José Paulo Paes, comentando a intersecção entre *Esau e Jacó* e *Memorial de Aires*, estabelece a importância dos verbos descobrir e encobrir no contexto narrativo: *A ocultação é, aliás, um pendor de espírito que calha à personalidade do autor do livro, cujos trinta e tantos anos de carreira diplomática deixaram-lhe na alma o “calo do ofício”. A despeito de sua aparente “falta de vocação”, que o teria levado ao exercício de uma diplomacia apenas “decorativa”, mais acomodada “às melodias de sala ou de gabinete” que à celebração de importantes “tratados de comércio” ou “alianças de guerra”, o Conselheiro – conforme diz o Machado ortônimo desse seu heterônimo – fora “diplomata excelente”, com aguçada “vocação de descobrir e encobrir”, “verbos parentes” em que se contém “toda a diplomacia”. Pois são precisamente esses dois verbos que presidem a estilística do Memorial, onde o explícito só serve como indício do implícito e o encobrimento diplomático quase leva o leitor a esquecer o fato essencial de o livro*

A rivalidade entre Pedro e Paulo sofreu uma ruptura, um momento de reconciliação, algum tempo depois, quando Natividade, no leito de morte, fez questão de uma conferência particular com os dois filhos:

*Tão secreta foi a conferência dela e dos filhos que estes não quiseram contá-la a ninguém, salvo ao Conselheiro Aires, que a adivinhou em parte. Pedro e Paulo confessaram a outra parte, pedindo-lhe silêncio.*

– Não juraram calar?

– Positivamente, não, disse um.

– Juramos só o que ela nos pediu, explicou o outro.

– Pois então podem contá-lo a mim. Eu serei discreto como um túmulo.

*Aires sabia que os túmulos não são discretos. Se não dizem nada, é porque diriam sempre a mesma história; daí a fama de discrição. Não é virtude, é falta de novidade.*

*Ora, o que a mãe fez, quando eles entraram e fecharam a porta do quarto, foi pedir-lhes que ficasse cada um do lado da cama e lhe estendessem a destra. Juntou-as sem força e fechou-as nas suas mãos ardentes. Depois, com a voz expirante e os olhos acesos apenas de febre, pediu-lhes um favor grande e único. Eles iam chorando e calando, porventura adivinhando o favor.*

– Um favor derradeiro, insistiu ela.

– Diga, mamãe.

– Vocês vão ser amigos. Sua mãe padecerá no outro mundo, se os não vir amigos neste. Peço pouco; a vossa vida custou-me muito, a criação também, e a minha esperança era vê-los grandes homens. Deus não quer, paciência. Eu é que quero saber que não deixo dois ingratos. Anda, Pedro, anda, Paulo, jurem que serão amigos.

*Os moços choravam. Se não falavam, é porque a voz não lhes queria sair da garganta. Quando pôde, saiu trêmula, mas clara e forte:*

– Juro, mamãe!

– Juro, mamãe!

– Amigos para todo sempre?

– Sim.

– Não quero outras saudades. Estas somente, a amizade verdadeira, e que não se quebre nunca mais.

*Natividade ainda conservou as mãos deles presas, sentiu-as trêmulas de comoção, e esteve calada alguns instantes.*

– Posso morrer tranqüila.

– Não, mamãe, não morre, interromperam ambos (ASSIS, 1990: 153-154).

Natividade impõe aos filhos uma amizade “verdadeira”, como se a bonomia fosse capaz de impedir a erosão afetiva e se impor como ideal de felicidade. Sentindo os estertores da morte, a matriarca da família Santos quis, como última vontade, como o sagrado desejo de moribundo, consertar artificialmente o que, em vida, sempre soçobrou. Somente o delírio explica tamanha insensatez. Somente a possibilidade de dar um fio de esperança à mãe justifica o acordo que os gêmeos firmam – e que, obviamente, não cumprirão.

---

*ser mesmo, no fim das contas, um diário que, por indiretas vias, nos diz tanto acerca de quem o escreve como daqueles a quem descreve (PAES, 1985: 15).*

*Castor e Pólux foram os nomes que um deputado pôs aos dois gêmeos, quando eles tornaram à Câmara, depois da missa de sétimo dia. Tal era a união, que parecia aposta. Entravam juntos, andavam juntos, saíam juntos. Duas ou três vezes votaram juntos, com grande escândalo dos respectivos amigos políticos. Tinham sido eleitos para se baterem, e acabavam traindo os eleitores. Ouviram nomes duros, repreensões acerbas. Quiseram renunciar ao cargo; Pedro, entretanto, achou um meio conciliatório.*

*– O nosso dever político é votar com os amigos, disse ele ao irmão. Votemos com eles. Mamãe só nos pediu concórdia pessoal. Na tribuna, sim, ninguém nos levará a atacar um ao outro; no debate e no voto podemos e devemos dissentir.*

*– Apoiado; mas se você um dia achar que deve vir para os meus arraiais, venha. Você nem eu hipotecaremos o juízo.*

*– Apoiado (ASSIS, 1990: 154-155).*

Carregando a utopia, os irmãos imaginaram que não estariam traindo a promessa feita à mãe quando divergissem nas questões políticas (*no debate e no voto podemos e devemos dissentir*). Ou seja, o compromisso fraterno não envolvia os interesses externos que eles na Câmara representavam. Desafortunadamente, todo planejamento resulta em decepção: ao estabelecerem um acordo que possibilita a tomada de posição política antagônica, os gêmeos abriram uma brecha para que a distância afetiva pudesse surgir novamente.

*A Câmara terminou os seus trabalhos em dezembro. Quando tornou em maio seguinte, só Pedro apareceu. Paulo tinha ido a Minas, uns diziam que a ver a noiva, outros que a catar diamantes, mas parece que foi só a passeio. Pouco depois regressou, entrando na Câmara sozinho, ao contrário do ano anterior em que os dois irmãos subiam as escadas juntos, quase pegados. O olho dos amigos não tardou em descobrir que não viviam bem, pouco depois que se detestavam. Não faltou indiscreto que lhes perguntasse a um e a outro, o que houvera no intervalo das duas sessões; nenhum respondia nada. O presidente da Câmara, a conselho do líder, nomeou-os para a mesma comissão. Pedro e Paulo, cada um por sua vez, foram pedir-lhe que os dispensasse.*

*– São outros, disse o presidente na sala do café.*

*– Totalmente outros, confirmaram os deputados presentes (ASSIS, 1990: 155).*

Em almoço com um amigo deputado, Aires soube as últimas notícias sobre o que estava ocorrendo com os rapazes:

*Nada era novidade para o conselheiro, que assistira à ligação e desligação dos dois gêmeos. Enquanto o outro falava, ele ia remontando os tempos e a vida deles, recompondo as lutas, os contrastes, a aversão recíproca, apenas disfarçada, apenas interrompida por algum motivo mais forte, mais persistente no sangue, como necessidade virtual. Não lhe esqueceram os pedidos da mãe, nem a ambição desta em os ver grandes homens (ASSIS, 1990: 155).*

Com o desaparecimento das duas principais comportas de contenção sexual dos irmãos, Flora e Natividade, o cordão umbilical que os ligava “uterinamente” se rompeu. Dissipada a

ligação com o objeto do desejo – mesmo quando restrito apenas ao seu aspecto simbólico –, nada mais restou aos irmãos que pudessem compartilhar.<sup>538</sup>

– O senhor que se dá com eles diga-me o que é que os fez mudar, concluiu o amigo.

– Mudar? Não mudaram nada; são os mesmos.

– Os mesmos?

– Sim, são os mesmos.

– Não é possível.

*Tinham acabado o almoço. O deputado subiu ao quarto para se compor de todo. Aires foi esperá-lo à porta da rua. Quando o deputado desceu, vinha com um achado nos olhos.*

– Ora, espere, não será... Quem sabe se não será a herança da mãe que os mudou? Pode ter sido a herança, questões de inventário...

*Aires sabia que não era a herança, mas não quis repetir que eles eram os mesmos, desde o útero. Preferiu aceitar a hipótese, para evitar debate, e saiu apalpando a botoeira, onde viçava a mesma flor eterna (ASSIS, 1990: 155).*

Para o conselheiro Aires, Pedro e Paulo continuam iguais aos meninos que brigavam por mesquinhas. Sem fazer qualquer tipo de análise que leve em consideração ações diferentes aos atos corriqueiros de Pedro e Paulo, Aires considera que eles já nasceram desunidos – ou melhor, unidos pela desunião. Mais do que simples vítimas do determinismo que os faz agir como se fossem inimigos, Aires olha para os irmãos convicto de que nada os faria mudar.

Seguramente, José da Costa Marcondes Aires também não mudou:<sup>539</sup> continua impondo um “olhar” muito pessoal sobre a história que, travestido de narrador, está contando – e que muitas vezes não é a história dos gêmeos;<sup>540</sup> tampouco uma crítica velada sobre a sociedade carioca (e, por extensão, brasileira) nos últimos dias do Império e nos primeiros da República. De fato, Aires

---

<sup>538</sup> Como lembra John Gledson, *O consenso crítico sobre a obra de Machado como um todo mudou muito, durante os últimos cem anos* (GLEDSON, 1986: 27). Nestes termos, é preciso destacar que alguns segmentos literários (destaque para John Gledson, Millor Fernandes, Domingos Pellegrini Júnior, Carlos Heitor Cony, Daniel Piza, entre outros) efetuaram uma revisão na obra de Machado de Assis, principalmente em *Dom Casmurro*, apontando para a importância da questão homoerótica como elemento de composição literária. Em *Esau e Jacó* não há indícios textuais relevantes sobre o tema; no entanto, não é possível ignorar que, à luz de uma interpretação mais ligada aos aspectos da (repressão da) sexualidade ou da psicanálise, o amor que os gêmeos devotam à Flora (que, assim como uma vestal, é uma mulher com visíveis dificuldades para administrar sua intimidade, o que a torna, de certa forma, assexuada) ou à Natividade (que é uma mulher que esbanja charme e sensualidade – e que deveria, aos olhos dos filhos, ser vista como assexuada) revela-se problemático. A isso se acresce o fato de que a narrativa termina sem que a situação amorosa e sexual dos gêmeos seja esclarecida.

<sup>539</sup> Embora se refira a um outro contexto, Alfredo Bosi elaborou um perfil do conselheiro Aires e que se mostra adequado à última cena de *Esau e Jacó*: *Neste último horizonte, que se curva e se fecha para melhor esconder os conflitos remanescentes da paixão e do interesse, o papel do nosso caro Conselheiro é o de compor com a prosa do cotidiano ao menos o efeito de uma clássica harmonia: sofrer estoicamente as diferenças, conviver humoristicamente com a máscara e, sempre que possível, conciliar diplomaticamente as oposições* (BOSI, 1999: 148).

<sup>540</sup> Uma, entre muitas vertentes interpretativas, está na forma com que Pedro e Paulo muitas vezes constituem a desculpa ideal para que Aires se aproxime de Natividade, ministrando em si mesmo uma dose renovadora de amor platônico. A presença da mulher que ele não pode amar (porque casada), consoante com o romantismo *fin-de-siècle*, fornece estímulo suficiente para que esse amor se projete com maior intensidade.

escava mais fundo – embora, nesse caso, não faça a mínima questão de chamar a atenção para aquilo que objetiva atingir, pois, como trabalha o tempo todo com o subtexto, não sente prazer em revelar os mecanismos que possibilitam a ilusão da prestidigitação (de uma forma ou de outra, escrever é “produzir” truques com as mãos, vários truques).

Responsável pelo fluxo narrativo, seja como narrador, seja como personagem que transita entre os demais personagens, Aires procura, de forma sibilina, muitas vezes cabotina, convencer (talvez convencer a si mesmo) que o ordenamento temático do romance é a história de Pedro e Paulo – e que sem a sua interferência, sem a sua intermediação, esse recorte não teria o mesmo significado ou interesse.

As palavras do conselheiro, que nada mais são do que conselhos sobre como proceder em situações de conflito,<sup>541</sup> vão contaminando a narrativa, acrescentando detalhes aqui e ali, omitindo

---

<sup>541</sup> Uma leitura contemporânea de *Esau e Jacó* não pode ignorar a tese de que escrever um, ou melhor, dois romances (sete cadernos manuscritos) pode ser um pretexto para passar adiante algum tipo de ensinamento moral. Como o conselheiro Aires é um “cavalheiro” do século XIX, educado pela égide da fidalguia e do refinamento proporcionado pelo cânone literário ocidental (antes de atender Custódio está lendo Xenofonte; quando almoça com os gêmeos, cita a *Iliada* e a *Odisséia* – no original). Como ele viveu parte significativa de sua vida sobre o emblema monárquico, uma interpretação menos dogmática precisa incluir a possibilidade de que alimenta, entre os seus propósitos de vida, uma perspectiva moralista – e que *alimenta as expectativas do leitor de encontrar personagens “reais” e auto-suficientes, correspondendo, portanto (se estou certo em interpretar assim o que está longe de ser dito “mais claramente”), a personificações do bem e do mal porque, para além do nosso desejo superficial de nos convenceremos da realidade de que lemos, está a de satisfazer nosso senso moral* (GLEDSON, 1986: 166). Neste sentido, escrever estabelece um liame entre a experiência e o aprendizado – e que se projeta no compromisso social que é transmitir (mesmo que ficcionalmente) uma leitura com fins pedagógicos. Erros de julgamento, contradições, conflitos, paixões equivocadas, a luta pela sobrevivência: esses (entre tantos outros) elementos dramáticos precisam de um intérprete e o conselheiro Aires, movido pelo espírito romântico, pois *a vaidade não fazia parte dos seus defeitos* (ASSIS, 1990: 9, “Advertência”), encampa a tarefa de legar às próximas gerações um retrato ameno (que procura, na medida do possível, mascarar alguns acontecimentos, sem perceber que é justamente esse procedimento que os fazem ressaltarem) de alguns acontecimentos que presenciou nas poucas vezes em que foi chamado ao prosaeterno – e, conseqüentemente, foi iluminado pelos holofotes que separam os talentosos dos medíocres.

Em *Esau e Jacó*, a inadequação do mundo – momento em que o contexto social se mostra incapaz de reconhecer os esforços humanos – é compensada pelo poder moderador (não por acaso uma das quatro divisões políticas do Império e que era exercida pelo monarca) do conselheiro Aires, que paira sobre a narrativa como se fosse uma armadura protetora contra tudo o que é hostil. No entanto, o conselheiro Aires, seja por “tédio à controvérsia”, seja porque falta-lhe energia para empreender um projeto que se adapte ao realismo ou ao naturalismo (que são escolas literárias mais agressivas), prefere (assim como outro morto ilustre e com pretensões literárias, Brás Cubas) exercer o seu domínio através da “pena da galhofa e [d]a tinta da melancolia”. É a sua maneira de compor um cenário mais tranquilo, menos ameaçador. Essa estratégia, que prefere utilizar-se da ironia e de um *humour* sutil (muito aquém do entendimento daqueles que deveriam ser os seus interlocutores) resulta em uma narrativa composta por “*páginas mortas ou escuras*” (ASSIS, 1990: 9, “Advertência”); ou seja, entrecortada por capítulos inconclusos, divagações filosóficas, episódios desencontrados, contínuas e estranhas reflexões, conexões que poucos estão capacitados para entender, anedotas pitorescas e uma erudição aristocrática e de cunho europeizante.

Por esses motivos (e alguns outros), escrever um romance, *Esau e Jacó*, que se contrapõe frontalmente à figura do herói (aquele que se sacrifica por uma causa, que se identifica com a comunidade), e que advoga a dissimulação como regra de sobrevivência em um ambiente agressivo, próximo da selvageria primitiva, no entender de José Paulo Paes (que se refere ao contexto do manuscrito gêmeo de *Esau e Jacó*, *Memorial de Aires*) *quadra bem no diário de um saudosista que forceja para não se deixar desligar inteiramente do presente, por não perder de vista “a gente que*

referências acolá e aquém (cada um dos atritos produzidos pelos gêmeos é identificado e catalogado, como se fosse algum objeto de coleção, um novo selo, um espécime desconhecido de inseto ou uma raridade bibliográfica). Muitos leitores, embriagados por uma narrativa que mistura filosofia de algibeira e o relato da crueldade que (des)une os gêmeos, perdem o entendimento de que *Esau e Jacó* também está contando outras histórias, muitas delas escondidas por uma camada de dissimulação muito rica, potencialmente mais complexa do que as imagens que “afloram” na superfície.

Centralizando a história em torno de si mesmo – porque seu relato está necessariamente ancorado em inúmeros episódios que supostamente presenciou ou interferiu – Aires, na cena final, desfaz-se da presença física dos irmãos, enfim reduzidos a personagens pitorescos de uma história banal, ou seja, tantas vezes repetidas, sobre o antagonismo fraterno. Uma vez que Pedro e Paulo se mostram incorrigíveis, nada há para ser acrescentado. Diante da repetição inesgotável, o conselheiro apalpa a botoeira, fica feliz em constatar que com ele ainda viceja a mesma flor eterna, e, seguro que o trivial triunfou sobre a tragédia, transforma os gêmeos em uma lembrança que vai se distanciando no tempo narrativo, como se fossem nuvens que o vento empurra para longe.

---

fica” (PAES, 1985: 36). Ou seja, uma leitura possível para *Esau e Jacó* remete ao propósito inconsciente de que o romance configura, pretensiosamente, uma “lição de vida”, um modelo de comportamento, um legado às próximas gerações.

## **b) Do Império à República.**

Na manhã do dia 15 de novembro de 1889, o conselheiro José da Costa Marcondes Aires saiu cedo de casa e foi, como de costume, ao Passeio Público para espairecer. *Chegou às sete horas e meia, entrou, subiu ao terraço e olhou para o mar. O mar estava crespo*<sup>542</sup> (ASSIS, 1990: 87). Passeou um pouco, ficou a ouvir as ondas e, de quando em quando, chegava até à borda para vê-las. Durante algum tempo foi isso o que fez, a compor cena digna de figurar em alguma estampa – dessas que, depois de enquadrada, pendura-se na parede, seja para fornecer algum colorido à sala, seja para esconder alguma mancha indesejada.

Depois, *cansou-se e desceu, foi-se ao lago, ao arvoredo, e passeou à toa, revivendo homens e cousas, até que se sentou em um banco* (ASSIS, 1990: 88). Sem muitas preocupações, sem compromissos, lá ficou algum tempo, sem deixar de escutar partes de alguns pronunciamentos exaltados.

*Notou que a pouca gente que havia ali não estava sentada, como de costume, olhando à toa, lendo as gazetas ou cochilando a vigília de uma noite sem cama. Estava de pé, falando entre si, e a outra que entrava ia pegando na conversação sem conhecer os interlocutores; assim lhe pareceu, ao menos. Ouviu umas palavras soltas, Deodoro, batalhões, campo, ministério etc. Algumas ditas em tom alto, vinham acaso para ele, a ver se lhe espertavam a curiosidade, e se obtinham mais uma orelha às notícias. Não juro que assim fosse, porque o dia vai longe, e as pessoas não eram conhecidas. O próprio Aires, se tal cousa suspeitou, não o disse a ninguém; também não afiou o ouvido para alcançar o resto. Ao contrário, lembrando-lhe algo particular, escreveu a lápis uma nota na carteira. Tanto bastou para que os curiosos se dispersassem, não sem algum epíteto de louvor, uns ao governo, outros ao exército: podia ser amigo de um ou de outro* (ASSIS, 1990: 88).

---

<sup>542</sup> Eugênio Gomes, no ensaio *O testamento estético de Machado de Assis*, desenvolve a tese de que *O mar aí figura principalmente como um símbolo do mal, semelhante à serpente* (GOMES, 1958: 188). E complemento o seu pensamento afirmando que *A vida como um nó de víboras, eis o sentido da metáfora, inspirada pelo mesmo mar de que surgiu o símbolo de Laocoonte. O mar será também uma imagem da alma ou da consciência humana, com o interminável vaivém de suas impulsões, freqüentemente chocando-se entre si, por efeito do dualismo eterno* (GOMES, 1958: 189). Independente da correção desse pensamento, a presença do mar em *Esau e Jacó* não constitui elemento significativo o suficiente para que essa aliteração metafórica (mar/mal) componha parte da gramática narrativa do romance.



O burburinho é intenso, opiniões diversas tentam se sobressair em diversos tons de voz. Seguindo a conduta que norteia a sua vida, Aires, inclusive porque *tinha horror à multidão* (ASSIS, 1990: 59), não mostra vontade em colocar as suas orelhas à disposição de qualquer assunto que implique em comprometimento.

Além disso – ou talvez por isso – *o pequeno filósofo José da Costa Marcondes Aires, inimigo nato de “verdades absolutas”, compreendia bem o que há de relativo em tudo isso – e em tudo o mais* (PEREIRA, 1959: 175).

As intrigas políticas paroquiais entediavam Aires.<sup>543</sup> Funcionário público de carreira, conhece os meandros do Estado e sabe que, no Brasil, a troca de governo é uma eventualidade histórica – os administradores públicos vivem a brigar entre si, disputando alguma fatia do patrimônio público, sem se importar com o pensamento da população – as crises políticas estão, habitualmente, escoradas na substituição do principal pelo periférico, momento em que o “novo” governo ignora pontos fundamentais e incentiva a mediocridade e o apadrinhamento político.<sup>544</sup>

Em contrapartida – ou seja, contraditoriamente – o conselheiro Aires nunca mostrou aborrecimento com notícias sobre os últimos acontecimentos políticos em França ou na Inglaterra.<sup>545</sup>

---

<sup>543</sup> O comportamento “apolítico” do conselheiro Aires (personagem ficcional e, provavelmente, especular do “autor”, Machado de Assis) entra em choque com o comprometimento político da classe intelectual brasileira (Rui Barbosa, Joaquim Nabuco, Euclides da Cunha, Lima Barreto,...) no final do século XIX e início do século XX. Segundo Nicolau Sevcenko, em um estudo clássico sobre a primeira República (e que praticamente ignora Machado de Assis), *toda essa elite europeizada esteve envolvida e foi diretamente responsável pelos fatos que mudaram o cenário político, econômico e social brasileiro: eram todos abolicionistas, todos liberais democratas e praticamente todos republicanos* (SEVCENKO, 1989: 79). De qualquer forma, as posições políticas de Machado de Assis, funcionário público federal, sempre estiveram atreladas às questões particulares, íntimas – embora, como faz questão de destacar Raimundo Magalhães Júnior, Machado de Assis foi um moralista que *deixou em sua obra elementos para a reconstituição do quadro medíocre da vida pública brasileira dos tempos do Império, com as suas mentiras eleitorais, seus vícios, violências, facilidades, nepotismos, mesquinhas e vulgaridades* (MAGALHÃES JÚNIOR, 1971: 87).

<sup>544</sup> Para o conselheiro Aires, não existe oposição entre a ação política e falta de comprometimento em situações de crise. Inclusive porque é um homem sem ambições. Aires, todas as vezes em que precisou decidir por alguma coisa, não se escusou de usar sua arma favorita: a protelação. No seu entendimento, duas normas de conduta são fundamentais: a ) tomar decisões é para outrem; b) mesmo nas maiores convulsões, tudo assentará naturalmente. No entender de John Gledson, *Aires é menos idealista, porém não chega a ser prático: sua reação aos acontecimentos de 15 de novembro é ler uma passagem de Xenofonte sobre a dificuldade de governar o homem e a frequência com que os regimes são instalados e destruídos* (GLEDSON, 1987: 175). Em lugar de sair às ruas e tomar um posicionamento diante dos fatos históricos, Aires prefere se ausentar: toma assento em seu gabinete e “migra” para o mundo analisado por Xenofonte.

<sup>545</sup> Katia Muricy detecta essa característica quando assinala que *A condição para introduzir-se junto à aristocracia era aristocratizar-se, isto é, elevar o modus vivendi da família pela adoção dos costumes e dos valores europeus, exigência indispensável para se obter um título nobiliárquico. Para as elites brasileiras, enobrecer-se era um imperativo. Questão de poderio político e econômico, a introdução na aristocracia abria-lhes a máquina dos privilégios do Estado.*

Como acredita que *toda opinião pública cresce de dois terços, ao menos* (ASSIS, 1990: 89), Aires conscientemente procura diminuir a importância das informações que acaba de receber.

Quando Aires saiu do Passeio Público, suspeitava alguma coisa, e seguiu até o largo da Carioca. Poucas palavras e sumidas, gente parada, caras espantadas, vultos que arrepiavam caminho, mas nenhuma notícia clara nem completa. Na Rua do Ouvidor, soube que os militares tinham feito uma revolução, ouviu descrições da marcha e das pessoas, e notícias desencontradas. Voltou ao largo, onde três tálburis o disputaram; ele entrou no que lhe ficou mais à mão, e mandou tocar para o Catete. Não perguntou nada ao cocheiro; este é que lhe disse tudo e o resto. Falou de uma revolução, de dois ministros mortos, um fugido, os demais presos. O Imperador, capturado em Petrópolis, vinha descendo a serra (ASSIS, 1990: 88).

De qualquer forma, se aconteceu alguma coisa diferente do habitual, Aires sabe que muitas informações desencontradas irão se somar com outros boatos igualmente pouco críveis – como se fossem figuras sobrepostas de um quebra-cabeças e que não permitem inicialmente a formação de um desenho compreensível.

*Subindo a escada, ia naturalmente pensando nos acontecimentos possíveis. No alto achou o criado que sabia tudo, e lhe perguntou se era certo...*

*– O que é que não é certo, José? É mais que certo.*

*– Que mataram três ministros?*

*– Não; há só um ferido.*

*– Eu ouvi que mais gente também, falaram em dez mortos...*

*– A morte é um fenômeno igual à vida; talvez os mortos vivam. Em todo caso, não lhes rezes pela alma, porque não és bom católico, José* (ASSIS, 1990: 88-89).

Sabedor que também não era um bom católico, Aires não rezou pela morte do Império. Aliás, cultivando o seu ceticismo, nem sequer acreditou no óbito.

*Pouco depois passava pela Rua do Catete a padiola que levava um ministro, ferido. Sabendo que os outros estavam vivos e sãos e o Imperador era esperado de Petrópolis, não acreditou na mudança de regime que ouvira ao cocheiro de tálburi e ao criado José. Reduziu tudo a um movimento que ia acabar com a simples mudança de pessoal.*

*– Temos gabinete novo, disse consigo.*<sup>546</sup>

---

*A europeização da vida social impunha-se às elites brasileiras como condição para a manutenção do seu prestígio* (MURICY, 1988: 53).

Com o mesmo sentido de compreensão, José Paulo Paes, nos seus comentários sobre o *Memorial de Aires*, assinala que: *o Aires sexagenário diz ter voltado à pátria para nela morrer. O aqui se polariza, assim, como o próprio locus do passado, da velhice, da morte. Por oposição, o lá, isto é, a Europa, se marca, na semântica do Memorial, como o locus da vida* (PAES, 1985: 27).

<sup>546</sup> Aires, lembrando de sua própria experiência como diplomata, sabe que muitas vezes a troca de governos é um fato circunstancial, corriqueiro. *Para mudar as regras é preciso alguma coisa a mais que veleidades pessoais. Sendo assim, as mudanças do regime, as “revoluções” brasileiras não passam de um jogo personalista, cuja finalidade maior é substituir as pessoas no poder, gerando uma espécie de rotatividade entre amigos, até que todos cheguem ao mando, de feição sul-americana, o que era o grande horror de Machado de Assis* (GARBUGLIO, 1982: 475). Nesses termos, raras são as ocasiões em que esses arrufos políticos merecem atenção. Por isso, para o conselheiro Aires é

*Almoçou tranqüilo, lendo Xenofonte (ASSIS, 1990: 89).*

O contraste é visível: refugiado em Xenofonte, que lê em grego, embriagado pelo bolor heróico que viceja no passado estratificado pelos clássicos, Aires é o típico representante de *uma sociedade que, em alto grau, perdeu seu senso histórico e, assim, é incapaz de compreender o presente ou de distinguir a superfície da substância* (GLEDSON, 1986: 190). Ou seja, Aires não está interessado nos fatos que estão ocorrendo ao seu redor.

Confirmando a alienação e a relação vertical (em uma sociedade classista e aristocrática como a do Império) que separa os abastados e o povo, Aires tampouco percebe que são os trabalhadores (o cocheiro, o criado) que primeiro identificam as mudanças que estão ocorrendo na capital federal, e, por extensão, no Brasil.

De fato, Aires, restrito às imagens que povoam o seu mundo mental,<sup>547</sup> prefere se afastar dos acontecimentos e das pessoas, como se o tempo presente não lhe importasse ou não fosse digno de merecer atenção.

Em oposição, enquanto o conselheiro Aires se concentra com torneios intelectuais, porque *Pensar sobre o mundo que o envolvia não é por certo especificidade machadiana. Criar ficcionalmente, contudo, a partir desta reflexão, parece-nos sua singularidade* (COSTA, 1981: 57), no mundo exterior, ou seja, no mundo “concreto”, Aristides Lobo, um dos mais ferrenhos defensores do movimento republicano, imediatamente após a Proclamação da República, publica o seu desapontamento ideológico a respeito da maneira com que o país trocou o sistema imperial pelo republicano. *Segundo ele, o povo, que pelo ideário republicano deveria ter sido o*

---

inevitável associar, carregado de ironia, as notícias sobre a queda do Império com uma situação ocorrida em outros tempos – comprovando que o passado, como se fosse Sísifo a cumprir o seu castigo eterno, vive a se repetir (insinuando, através da reatualização, que esta pode ser uma de suas funções). Estava Aires em Caracas, na casa de uma atriz, quando ouviram um clamor grande, vozes tumultuosas, vibrantes e crescentes...

– *Que rumor é este, Cármem? Perguntou ele entre duas carícias.*

– *Não se assuste, amigo meu; é o governo que cai.*

– *Mas eu ouço aclamações...*

– *Então é o governo que sobe. Não se assuste. Amanhã é tempo de ir cumprimentá-lo* (ASSIS, 1990: 60).

<sup>547</sup> O conselheiro Aires (Esaú e Jacó e Memorial de Aires) assiste, como silenciosa e cética testemunha, ao acaso dos “bons e velhos tempos”, saudosista inconfessado, sebastianista encoberto. Ele é a consciência melancólica do fim dos tempos. Vê o abolicionismo, a República e o encilhamento, sem se engajar em nada, incapaz de se associar aos acontecimentos, identificado, para comodidade do papel, a um diplomata que perdeu a noção da realidade brasileira. Há, no funcionário aposentado, rico e despreocupado, viúvo e sem amores, o esboço de uma consciência trágica: o mundo está vazio de interesse, distante de seus valores, mudo às suas paixões, indiferente à sua vontade. Mas tudo fica no esboço – o desencanto cede lugar ao sentimento de impotência, o pitoresco irônico cobre as coisas, as coisas mudas e frias, sem penetrar na chaga que revolta a alma (FAORO, 2001: 390).

*protagonista dos acontecimentos, assistira a tudo bestializado, sem compreender o que se passava, julgando ver talvez uma parada militar* (CARVALHO, 1987: 9).

Ironicamente, não é como um *continuum* histórico que Aristides Lobo vê a queda do Império e a proclamação da República, mas sim como uma representação teatral, encenada à céu aberto.<sup>548</sup> No momento em que os revoltosos festejam a conquista na Praça da Aclamação (mais tarde denominada Praça da República), o povo, que deveria atuar como uma das forças motrizes do movimento republicano, se comporta como uma massa estática, composta por figurantes passivos e que aplaudem os militares – sem saber exatamente porque estão fazendo isso.

E isso é, no mínimo, um comportamento contraditório; no imaginário do povo, a figura do Imperador se confundia com a de um “Pai” bondoso, capaz de generosamente atender todas as carências de seus “filhos”. Portanto, um movimento político para substituí-lo deveria estar embasado no consentimento substantivo da população brasileira. Isso nunca ocorreu, inclusive porque, entre a população negra, escravos e descendentes de escravos, por exemplo, as diversas etapas do longo caminho de lutas antiescravagistas, que levaram à abolição da escravatura, contribuíram para o endeusamento da família imperial. No entendimento dos despossuídos, o

---

<sup>548</sup> Aristides Lobo, que não dominava a arte da dissimulação, tinha como norma esclarecer prontamente o que entendia como obscuro – e a discordância sobre a forma com que a massa popular se comportou durante a sedição militar comprova esse comportamento. Machado de Assis, por sua vez, preferia percorrer caminhos menos pedregosos. Aliás, a analogia teatral (que contrasta bastidores e prosscênio, verdade encenada e verdade omitida, realidade e ficção) encontra na obra de Machado vários exemplos de norma de comportamento (ver, por exemplo, o conto “Teoria do medalhão”). Em *Esau e Jacó*, o narrador faz um pequeno discurso de defesa de um procedimento que seja capaz de omitir que os remendos de bastidores resultam nas sedas que os atores vestem quando estão em cena. O romance, guardada as devidas proporções, é comparado com uma peça de teatro, submetida à apreciação do leitor. Por isso, a narrativa não esconde que o que é encenado está distante da realidade: *Enquanto os meses passam, faz de conta que estás no teatro, entre um ato e outro, conversando. Lá dentro preparam a cena, e os artistas mudam de roupa. Não vás lá; deixa que a dama, no camarim, ria com os seus amigos o que chorou cá fora com os espectadores. Quanto ao jardim que se está fazendo, não te exponhas a vê-lo pelas costas; é pura lona velha sem pintura, porque só a parte do espectador é que tem verdes e flores. Deixa-te estar cá fora no camarote desta senhora. Examina-lhe os olhos; têm ainda as lágrimas que lhe arrancou a dama da peça. Fala-lhe da peça e dos artistas. Que é obscura. Que não sabem os papéis. Ou então que é tudo sublime. Depois percorre os camarotes com o binóculo, distribui justiça, chama belas às belas e feias às feias, e não te esqueças de contar anedotas que desfeiem as belas, e virtudes que componham as feias. As virtudes devem ser grandes e as anedotas engraçadas. Também as há banais, mas a mesma banalidade na boca de um bom narrador faz-se rara e preciosa. E verás como as lágrimas secam inteiramente, e a realidade substitui a ficção. Falo por imagens; sabes que tudo aqui é verdade pura e sem choro* (ASSIS, 1990: 66). Considerando-se que a *banalidade na boca de um bom narrador faz-se rara e preciosa*, e que o conselheiro Aires é um narrador exemplar, capaz de – nos momentos cruciais – tergiversar de forma exasperante e, ao mesmo tempo, manter o foco narrativo, embora distorça o que está narrando. Então, ciente desse proceder, cabe ao leitor/espectador não se deixar distrair por esses momentos de prestidigitação, em que a atenção é desviada para um determinado ponto no cenário, enquanto a ação “real” se desenvolve em outro local. Na vida, assim como na literatura, nada é simples, nada está isento de sutilezas e de surpresas.

Imperador e a Princesa Isabel (e somente eles) eram os responsáveis pela concretização de algo que antes era apenas um sonho: a liberdade.<sup>549</sup>

Consoante com esse pensamento, o movimento republicano brasileiro, no século XIX – especificamente na década de 80 –, contava com significativos índices de rejeição – principalmente no interior do país<sup>550</sup> e entre a população mais pobre (os negros) que vivia nas áreas metropolitanas. Para esses segmentos populacionais, a República não era visualizada como um instrumento capaz de distribuir justiça social, democracia e/ou justiça, mas sim como o seu oposto, na medida em que propunha substituir o Imperador por alguém que era estranho às necessidades do povo.

Esse pensamento permite que alguns historiadores menos comprometidos com a “historiografia oficial” defendam a tese de que a proclamação da República está mais conectada

---

<sup>549</sup> Sobre essa questão, significativa é a leitura que José Murilo de Carvalho faz sobre os primeiros anos da República, enfatizando a luta de classes como um marco divisor entre o Império e a República: *A reação negativa da população negra à República manifestou-se antes mesmo da proclamação, através da Guarda Negra, organizada por José do Patrocínio. Vários incidentes verificaram-se entre os propagandistas e a Guarda. O mais sério de todos deu-se com a interrupção de uma conferência de Silva Jardim, em dezembro de 1888, na Sociedade Francesa de Ginástica. Dizer que se tratava apenas de capoeiras baderneiros manipulados pela polícia, como o fizeram os republicanos e até mesmo Rui Barbosa, não basta. Permanece o fato de que os republicanos não conseguiram a adesão do setor pobre da população, sobretudo dos negros. O próprio Silva Jardim, ao acompanhar o conde d’Eu em sua viagem ao norte do país em 1889, experimentaria mais uma vez, em Salvador, a ira da população negra. Por ele e pela República manifestaram-se apenas os estudantes da Faculdade de Medicina local. A simpatia dos negros pela Monarquia reflete-se na conhecida ojeriza que Lima Barreto alimentava pela República. Neto de escravos, filho de um protegido do visconde de Ouro Preto, o romancista assistira, emocionado, aos sete anos, às comemorações da abolição e às festas promovidas por ocasião do regresso do imperador de sua viagem à Europa, também em 1888. Em contraste, vira no ano seguinte seu pai, operário da Tipografia Nacional, ser demitido pela política republicana. Irritava-o, particularmente, a postura do barão do Rio Branco, a quem acusava de renegar a parcela negra da população brasileira.*

*Em termos concretos, a prevenção republicana contra pobres e negros manifestou-se na perseguição promovida por Sampaio Ferraz contra os capoeiras, na luta contra os bicheiros, na destruição, pelo prefeito florianista Barata Ribeiro, do mais famoso cortiço do Rio, a Cabeça de Porco, em 1892. Não por acaso, Barata Ribeiro também comparecera à conferência dissolvida de Silva Jardim. Não seria, a meu ver, exagerado supor que a reação popular a certas medidas da administração republicana, mesmo que tecnicamente benéficas, como a vacina obrigatória, tenha sido em parte alicerçada na antipatia pelo novo regime. Mais ou menos à época da Revolta da Vacina, por exemplo, João do Rio verificou, ao visitar a Casa de Detenção, que “Com raríssimas exceções, que talvez não existam, todos os presos são radicalmente monarquistas. Passadores de moedas falsas, incendiários, assassinos, gatunos, capoeiras, mulheres abjetas, são ferventes adeptos da restauração”. Eram monarquistas e liam romances de cavalaria. Esta extraordinária revelação confirma o abismo existente entre os pobres e a República e abre fecundas pistas de investigação sobre um mundo de valores e idéias radicalmente distinto de um mundo das elites e do mundo dos setores intermediários (CARVALHO, 1987: 29-31).*

<sup>550</sup> *Para comprovar a verdadeira situação de receptividade à propaganda republicana no interior, vale recordar que um de seus mais corajosos propagandistas, Silva Jardim, pouco antes do 15 de novembro não conseguiu realizar sua conferência em São João Del-Rei. Uma multidão exaltada cercou-o até o hotel, em que se hospedara, vaiando o tribuno e tentando incendiar o imóvel com panos embebidos em querosene. Isto só não aconteceu pela intervenção corajosa de um sacerdote de grande prestígio, o padre João de Castro (SILVA, 1972: 104).*

com a questão militar <sup>551</sup> do que com os fundamentos democráticos, defendidos por republicanos históricos como Aristides Lobo, Saldanha Marinho, Ferreira Viana, Quintino Bocaiúva, Lopes Trovão, Silva Jardim, entre outros.

Também é necessário assinalar que o Estado brasileiro estava atravessando, na época, uma série de problemas conjunturais, <sup>552</sup> e que contribuíram para a aceleração do processo de implantação do regime republicano: a abolição da escravidão, a questão religiosa, as doenças prolongadas do Imperador (que implicaram em seu afastamento gradual da gerência do Estado), o predomínio das novas regiões cafeeiras paulistas (que contribuíram para refletir a discrepância entre o desenvolvimento econômico-social e o sistema político monárquico), as influências políticas decorrentes do Positivismo (principalmente no Exército), o ideal federativo (descentralização e autonomia das províncias), e a possibilidade de um terceiro reinado, com a ascensão ao trono da Princesa Isabel (e de seu marido, o Conde d'Eu, que não contava nem com a aprovação popular, nem com a simpatia do Exército).

---

<sup>551</sup> João Pandiá Calógeras faz um significativo resumo da questão, mostrando, inclusive, o envolvimento do general (monarquista) Manuel Deodoro da Fonseca, que, nos bastidores, apoiou os insubordinados: (...) *em 1885, o ministro da Guerra teve de punir um oficial, o tenente-coronel Cunha Matos, que, em uma folha diária, discutindo com um deputado que o havia ofendido, proferira o conceito de que a causa de toda a discussão fora um erro praticado pelo ministro. Tal censura foi bastante para ser tida por uma injúria irrogada a toda a classe militar; [Visconde de] Pelotas, no Senado, tomou a defesa de seus irmãos de armas, com a lei ou sem ela, dizia ele.*

*Pouco antes, questão semelhante fora suscitada pelo major Sena Madureira, com o mesmo resultado de ser punido esse oficial. O ponto de partida fora o abolicionismo. Mas nesse fato inicial, o oficial punido não se conformou com a censura; possuindo prestígio na classe, serviu-se dele e, de seu caso pessoal, deu origem a um movimento coletivo no Exército.*

*Tal já progredira a indisciplina que Deodoro, comandante das armas na província do Rio Grande do Sul, na guarnição da qual o incidente ocorrera, formou ao lado dessa agitação, em 1886, e prestigiou seu subordinado. Mais uma vez [o Senador] Pelotas no Senado chefio o ataque contra o gabinete.*

*Começaram no Rio Grande meetings de oficiais, aprovados por Deodoro por forma ofensiva. Tentou o governo abrir os olhos ao general sobre as conseqüências de tais atos de indisciplina: foi mal sucedido. Não era tolerável semelhante situação, e o general teve de ser demitido de seu comando, recebendo ordens para se recolher à capital do Império. Aqui, os meetings continuaram, com crescentes intensidade e significação, no ano de 1887, sempre chefiados por Deodoro, a quem Madureira insubordinado e faccioso servia de secretário.*

*De guarnição em guarnição, de corpo a corpo, inaugurou-se uma correspondência tendente a se nomear a Deodoro como representante geral da classe, com os devidos poderes para lhes defender os interesses e os sentimentos de honra (CALÓGERAS, 1980: 285-286).*

<sup>552</sup> Para uma visualização dos acontecimentos políticos que culminaram com a Proclamação da República, ver, entre outros, CALÓGERAS, João Pandiá. *Formação Histórica do Brasil*. 8. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1980; FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Edusp/FDE, 1995; IGLÉSIAS, Francisco. *Trajetória política do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001; SILVA, Hélio. *1889: a República não esperou o amanhecer*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972; SODRÉ, Nelson Werneck. *Formação Histórica do Brasil*. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

Muitos desses problemas foram agravados pela intransigência dos partidos políticos (Liberal e Conservador) que – sem atinar para a complexidade da situação ou, talvez, imaginando lucros advindos da mudança de regime – queriam tirar algum proveito da situação.<sup>553</sup>

Desta forma, independente de quem fornece os referenciais de análise histórica, há consenso entre os estudiosos que não foi apenas o descontentamento com o governo imperial,<sup>554</sup> especialmente com o gabinete de Afonso Celso de Assis Figueiredo, o Visconde de Ouro Preto, que deflagram a República.

O Império foi derrubado por um conjunto de interesses e motivos, inclusive as reivindicações específicas da caserna – fato comprovado pela sedição militar.<sup>555</sup>

---

<sup>553</sup> *Já por si mesma, tal situação [a questão militar] era revolucionária. Dela procuraram tirar partido os republicanos, com o fito de extremar posição entre a tropa e o governo. Os liberais, igualmente, haviam seguido a mesma política de hostilidade ao ministro conservador, como prova de oposição partidária; seus chefes, no Senado, perceberam afinal que tais fatos poderia surgir sua própria ascensão ao poder através de um pronunciamento militar, e quiseram evitar tão incômoda situação; apertaram os freios, a fim de evitar-se uma entrada no governo tão espúria, e procuraram lançar uma ponte sobre a fissura que já se abria entre o Exército e as instituições.*

*Nenhum dúvida pode existir quanto a ter sido essa chamada questão militar um pródromo e um aviso da ruína do governo imperial. O próprio [Barão de] Cotegipe, presidente do Conselho, confessaria mais tarde que o gabinete tinha saído diminuído da contenda e arranhado em seu prestígio (CALÓGERAS, 1980: 286).*

<sup>554</sup> Fernando Henrique Cardoso tem opinião divergente, embora não negue o quanto há de circunstancial na motivação dos revoltosos: *De fato, mesmo ao nível imediato da percepção, quase ao sabor da crônica dos acontecimentos, o 15 de novembro aparece como um movimento “superficial”. Por outro lado, na expressão consagrada de Aristides Lobo, o povo teria assistido “bestificado” à parada militar da Praça da Aclamação. Dentro do Exército, a articulação faz-se por intermédio de um punhado de oficiais jovens de baixa patente que, se estavam isolados da soldadesca – que parece não ter-se dado conta do alcance de seus atos mesmo quando reunida em frente ao Ministério da Guerra no dia 15 – também não se havia articulado, se não muito parcialmente e à última hora, com os oficiais superiores. A restringir a observação a este tipo de registro anedótico dos acontecimentos, a ordem republicana ter-se-ia instaurado por intermédio de um putsch militar cujo êxito pareceria repousar apenas na audácia dos jovens oficiais radicalizados e na incapacidade momentânea de reação dos condestáveis da ordem monárquica que detinham, numericamente, esmagadora maioria em comparação com os revoltosos.*

*Entretanto, não somente a revolta fez-se vitoriosa como, ao derrubar a ordem imperial, os jovens oficiais (aos quais a Corporação Militar aderira simbolizada por Deodoro e, de fato, articulada no plano ideológico por Benjamin Constant e no plano interno do exército pelo Ajudante-General de então, Floriano Peixoto) abriram passo à reorganização da ordem política brasileira. Em síntese, nem a República foi mera quartelada, nem se tratou “apenas” – como se estas não importassem... – de uma mudança ao nível das instituições que de monárquicas passaram a republicanas, mas houve, de fato, uma mudança nas bases e nas forças sociais que articulavam o sistema de dominação no Brasil (CARDOSO, 1985: 15-16).*

<sup>555</sup> Nelson Werneck Sodré faz um breve resumo da história do exército, esclarecendo em que condições a ascensão das forças militares como um grupo político capaz de contemplar as demandas da sociedade brasileira foi facilitada pela ausência de entendimento das classes dirigentes brasileiras: *A questão militar, depois, cujo último episódio é a própria mudança de regime, coloca de maneira claríssima o papel de outro importante grupo de classe média. Desde que empresara a autonomia, a classe senhorial articulava o seu sistema de força militar em três suportes principais: a Marinha, a Guarda Nacional e a tropa mercenária. Criada em 1831, quando o primeiro imperador foi dispensado das funções, a Guarda Nacional era o poder específico da classe senhorial. Sua organização regional, seu processo de recrutamento, confundindo no titular do comando o titular da propriedade, suas missões taxativas, caracterizavam a instituição. Ela se destinava a manter os privilégios da classe dominante e era diretamente acionada pelos seus elementos. O poder militar era assumido, assim, em cada propriedade, pelo detentor do poder econômico diretamente. Nenhuma outra instituição caracterizava tão claramente a situação de servidão ou semi-servidão em que*

---

*permaneciam amplas áreas brasileiras, umas há muito, outras de tempos recentes. Enquanto o Império pôde valer-se desse instrumento eficiente, tudo correu sem maiores perturbações.*

*A questão platina foi enfrentada, na área pastoril, pelos seus elementos, quando o estancieiro era o chefe militar nato, habituado ao mister da guerra e do uso do comando, lançando-se à campanha em atividades guerreira proveitosa para a disputa do gado e das pastagens. O conflito contra Lópes, (...), altera essa tradição e exige tropas especiais e um prolongamento e generalizado esforço, em que as populações pastoris já não são as únicas a concorrer. Só uma força militar específica, profissional, atende às necessidades daquele conflito. E essa força militar deve ser recrutada, quanto aos quadros, na classe média, emergindo, plenamente construída, em 1870, quando a guerra chega ao fim. Ocupa, agora, um lugar que se torna cada vez mais importante. Não tivera a classe dominante necessidade de utilizá-la, como ao clero, para manter-se no poder, uma vez que esse direito não lhe era contestado e a Guarda Nacional lhe era suficiente para a defesa de seus interesses. Tendia ao desaparecimento, e a guerra com o Paraguai assinalou o seu fim, a tropa mercenária. O Exército, pouco a pouco, reduz a Guarda Nacional a uma posição inexpressiva, como força militar. Seus comandantes passaram a ser apenas os “coronéis” que tanto relevo ganham nas lutas eleitorais.*

*Recrutados na classe média, pela sua desimportância, o Exército oferecia, como o clero, uma saída honrosa aos elementos dela que disputavam um lugar ao sol: era a profissão dos desprotegidos, por excelência. Nesse tempo, esposando a classe média as idéias liberais que a classe senhorial abandonara por inúteis aos seus propósitos e até mesmo prejudiciais, infiltrou-se em suas fileiras o Positivismo, que permitia aos seus elementos letrados esposar princípios reformadores sem romper com valores éticos tradicionais. O Exército passa, daí por diante, a representar um problema, na vida política brasileira. Esse problema, no fim do século, torna-se crítico com a Questão Militar. Vista em superfície, ela não é mais do que uma sucessão de casos disciplinares que colocam em campos opostos oficiais do Exército e políticos civis. Parece, vista assim, uma questão limitada a pundonores profissionais feridos, cujo revide se transforma em caso político. Em profundidade, os aspectos eram outros, entretanto. Os oficiais feridos em seus pundonores refletiam uma posição cara à classe média; os políticos que os encaravam como indisciplinados e, no fundo, os desprezavam, refletiam uma posição própria da classe senhorial (SODRÉ, 1990: 272-274).*

*No entendimento de Raymundo Faoro, a ascensão política do Exército está baseada em um complexo fenômeno, urdido em vinte anos de expansão, preparado com cinquenta anos de ressentimentos e trabalhos, que explica o gesto, espada desembainhada, olhos em desafio, porte viril, do 15 de novembro (FAORO, 2001: 391-392). O processo de “absorver, assimilar e cunhar”, que havia cooptado Caxias e Osório, fazendo-os esquecer “o vínculo de solidariedade” com as origens, falha com a nova geração militar, que não está interessada em títulos nobiliárquicos, condecorações ou cadeiras no parlamento. Entre uma e outra geração, mudou o Império e mudou o próprio Exército (FAORO, 2001: 393). E essas mudanças (que não são acompanhadas pela Marinha, tradicionalmente ao lado do Império e do Imperador) estão expressas significativamente nos oficiais egressos da Escola Militar (espelhados nos ideais do positivismo), que forjam na elite do Exército uma mentalidade diferenciada dos militares da “velha escola”, que se orientam pelos princípios da hierarquia e da “obediência devida”. Essa tese está esboçada longamente em FAORO, 2001: 391-414.*

*Boris Fausto, complementando esse pensamento, faz uma interessante análise: Outro setor importante da República nascente foi o dos militares. O marechal Deodoro da Fonseca tornou-se chefe do governo provisório e algumas dezenas de oficiais foram eleitos para o Congresso Constituinte. Mas eles não constituíam um grupo homogêneo. Havia rivalidade entre o Exército e a Marinha; enquanto o Exército tinha sido o artífice do novo regime, a Marinha era vista como ligada à Monarquia.*

*Existiam ainda diferenças pessoais e de concepção, separando os partidários de Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto. Em torno do velho marechal, reuniam-se os chamados tarimbeiros, quase todos veteranos da Guerra do Paraguai. Muitos desses oficiais não havia freqüentado a Escola Militar e distanciavam-se das idéias positivistas. Eles tinham ajudado a derrubar a Monarquia para salvar a honra do Exército e não possuíam uma visão elaborada da República, a não ser de que o Exército deveria ter um papel maior do que o desempenhado no Império.*

*Embora Floriano não fosse positivista e tivesse participado também da Guerra do Paraguai, os oficiais que se reuniam à sua volta possuíam outras características. Eram jovens que haviam freqüentado a Escola Militar e recebido a influência do positivismo. Concebiam sua inserção na sociedade como soldados-cidadãos, com a missão de dar um sentido aos rumos do país. A República deveria ter ordem e também progresso. Progresso significava (...) a modernização da sociedade através da ampliação dos conhecimentos técnicos, do crescimento da indústria, da expansão das comunicações.*

*Apesar da profunda rivalidade existente entre os grupos no interior do Exército, eles se aproximavam em um ponto fundamental. Não expressavam os interesses de uma classe social, como era o caso dos defensores da República liberal. Eram sim, antes de mais nada, os porta-vozes de uma instituição – o Exército – que era parte do aparelho do*



*Como episódio, a passagem do Império para a República foi quase um passeio* (FAUSTO, 1995: 245). No entanto, é necessário ressaltar que *Não faltou grandeza ao 15 de novembro* (SILVA, 1972: 107). Mesmo assim, para alguns historiadores mais críticos, muitos dos acontecimentos foram edulcorados: isso se deve aos *quadros e [às] estátuas alegóricas [que] vestiram os fatos e os heróis com palavras e trajes mais convenientes* (SILVA, 1972: 107).

Na manhã de 15 de novembro de 1889, por força de um golpe de Estado, a República foi proclamada. Como consta no primeiro decreto firmado pelo Governo Provisório, a República foi proclamada *provisoriamente*.<sup>556</sup> Somente no curso dos acontecimentos dos dias 16 e 17 de

---

*Estado. Pela natureza de suas funções, pelo tipo de cultura desenvolvida no interior da instituição, os oficiais do Exército, positivistas ou não, posicionavam-se como adversários do liberalismo.*

*Para eles, a República deveria ser dotada de um Poder Executivo forte, ou passar por uma fase mais ou menos prolongada de ditadura. A autonomia das províncias tinha um sentido suspeito, não só por servir aos interesses dos grandes proprietários rurais como por incorrer no risco de fragmentar o país. Lembremos que, durante a Primeira República, só muito excepcionalmente os chefes militares provinham das duas regiões de maior importância política: São Paulo e Minas Gerais* (FAUSTO, 1995: 247-248).

<sup>556</sup> Significativamente, o Governo Provisório, temeroso de alguma surpresa de última hora, procura forçar o embarque do Imperador. Sabiam que enquanto Sua Majestade estivesse em solo brasileiro, todos os atos do novo governo seriam “provisórios”: *Premeu era o embarque; a qualquer preço!* (CALMON, 1975: 1624). Por isso, foi constituída uma comissão que levou um ultimato ao Imperador D. Pedro II. A Princesa Isabel, em seus apontamentos, faz a seguinte anotação:

*“Às duas horas [do dia 16] finalmente chegou a tal comissão do Governo Provisório que anunciavam desde a véspera, com uma mensagem a Papai exigindo sua retirada para fora do país. Compunha-se do Major Sólón e outros oficiais subalternos. Por sua atitude respeitosa pareciam ir cumprir uma missão ordinária. O Major Sólón mostrava-se tão perturbado que ao entregar o papel a Papai deu-lhe o tratamento de Vossa Excelência, Vossa Alteza e finalmente Vossa Majestade. Entregando-o a Papai o Major Sólón disse: Venho da parte do Governo Provisório entregar mui respeitosamente a V. M. esta mensagem.*

*– Não tem V. M. uma resposta a dar? – disse ele.*

*– Por ora não, respondeu Papai.*

*– Então posso retirar-me? – disse Sólón.*

*– Sim, respondeu Papai.*

*O ofício lembrava “o primeiro Imperador em 7 de abril de 1831”.*

*Pedia-lhe que embarcasse com a família, “no mais breve tempo possível”* (Apud CALMON, 1975: 1616-1617).

O desdobramento desse episódio, ou melhor, o seu desfecho, ocorre algumas horas depois, quando todas as barreiras são vencidas e Pedro II, cansado com toda aquele celeuma, decide “voluntariamente” abandonar o país que governou entre 23 de julho de 1840 e 15 de novembro de 1889.

*Foi nesse instante que, ao lado do médico, surgiu o imperador, de sobrecasaca abotoada e cartola na mão. Estava pronto! Mas relutava em obedecer, não atinava com a precipitação, achava absurdo que o fizessem viajar assim; e deitando-lhes um olhar repreensivo – interrogou:*

*– Que significa isso? Vou então partir a essa hora da noite?*

*Mallet adiantou-se, respeitoso:*

*– O governo pede que Vossa Majestade embarque antes do dia. Isso é necessário.*

*– Que governo?*

*– O governo da República.*

*– E está nisso o Deodoro?*

*– Sim, senhor. É o chefe do governo.*

*– Então estão todos doidos!*

*E resolutivo:*

*– Não sou negro fugido. Não embarco nesta hora!*

*Era o que Mallet receava. Tornou-se persuasivo.*

novembro, principalmente o exílio “voluntário” de D. Pedro II, é que o Governo Provisório, *simples agente temporário da soberania nacional* (SILVA, 1972: 135), consolidou-se como elemento definitivo de transição entre o Império e a República.<sup>557</sup>

Para chefiar o Governo Provisório, os revoltosos (entre eles, Benjamin Constant e Deodoro da Fonseca) chamaram o Marechal Manuel Deodoro da Fonseca,<sup>558</sup> que era, na época, a maior patente militar do Exército Brasileiro.

Providencialmente, Deodoro sofria de duas doenças graves: dispnéia<sup>559</sup> e vaidade exacerbada. A primeira, em alguns momentos, foi considerada a sua maior qualidade (permitia que seus assessores exercessem a administração do Estado, sem a sua ingerência).

A transição entre os governos foi efetuada sem derramamento de sangue,<sup>560</sup> exceto o do Ministro da Marinha (José da Costa Azevedo, Barão de Ladário), que reagiu à voz de prisão.<sup>561</sup>

---

– *Teme-se manifestações inconvenientes, e as precauções tomadas são em favor da segurança da família imperial!*

– Que manifestações?

*Intervio a essa altura Jaceguai, que fora para testemunhar os propósitos honestos do governo; e a sua ansiedade!*

– *Sim, senhor, Vossa Majestade deve embarcar. Temem-se realmente manifestações desagradáveis da parte dos estudantes.*

– Quem dá importância a estudantes?

*Entrou a imperatriz, amparada por suas velhas damas* (CALMON, 1975: 1625-1626).

<sup>557</sup> Hélio Silva lembra que o nascimento da República está edificado em significativas contradições: *A forma, porém, por que foi implantada a República, não pelos republicanos mas pelos monarquistas, e a consequência do governo ser, inicialmente, exercido pelos dois generais que haviam chefiado o pronunciamento militar, como que criou condições quase insuperáveis para uma vacilante vida republicana* (SILVA, 1972: 94).

<sup>558</sup> *Era o marechal Deodoro da Fonseca uma alma nobilíssima e um valente soldado; como político, entretanto, era inexistente. Facilmente influenciado pela roda que o cercava, ia e vinha, obedecendo ao último conselho dado. Poderia ter sido o chefe vitorioso de uma revolução, nunca a cabeça de um governo real, inspirado em forças conservadoras e almejando progressos para a nação. Ademais, era impulsivo, movido por seus sentimentos ocasionais, sempre cheio de dignidade e de honra, mas pessoal, tomando os acontecimentos e as opiniões como manifestações favoráveis ou hostis a sua própria pessoa.*

*Não era, pois, de admirar que se sentisse cada vez mais emaranhado na teia de competições partidárias, de baixa inspiração e egoístas; cada vez mais torturado por uma real angústia por voltar à vida privada, onde pudesse morrer em paz, tão acabrunhado e doente se sentia. Não lho podiam consentir seus falsos amigos, que o exploravam e viviam a repetir ser sua presença necessária à frente do governo, enquanto, de fato, o que visavam era tirar proveito de suas intimidades com o nobre soldado, e nunca cessaram de o aconselhar no rumo das direções que lhes eram vantajosas, pouco se incomodando com o país* (CALÓGERAS, 1980: 302-303).

<sup>559</sup> *Deodoro, na véspera, era um moribundo. Conta [Francisco] Glicério que, estando em companhia de Aristides Lobo, encontrou Benjamin Constant, em um bonde: “Venho da casa de Deodoro. Creio que ele não amanhece e se morrer a revolução está gorada. Os senhores civis podem salvar-se; nós, militares, arrostaremos as consequências das nossas responsabilidades”.*

*De manhã, o moribundo da véspera, aos olhos de Glicério era um redivivo. Foi esse redivivo, cheio de cataplasmas entre o peito arquejante e a túnica vestida às pressas, vencendo antes uma dispnéia para depois derrubar um Império, que desmontou do cavalo entre alas da tropa reunida para lhe resistir e que, no entanto, o saudava com vivas palmas, para entrar, como um triunfador, no salão amplo e severo tornado a câmara ardente de um regime* (SILVA, 1972: 107-108).

<sup>560</sup> O historiador Pedro Calmon, escrevendo sobre a vida de D. Pedro II, observa, com ironia, que não houve reações à transição política: *a república foi aceita pacificamente; sem incidentes; como antigamente as províncias recebiam as mudanças de gabinete. (...) Em São Paulo, no Paraná, em Santa Catarina, no Rio Grande, em Minas, a monarquia*

Imediatamente, a família real teve os seus direitos de integridade física garantidos. No dia 17 de novembro, Sua Majestade Imperial, D. Pedro II, partiu para o exílio na Europa – onde morreu dois anos depois –, deixando para trás um país apático, bestificado.

Detalhes do cenário histórico não estão contemplados em *Esau e Jacó* – e o leitor desavisado não há de sentir falta do que não foi mencionado, inclusive porque a lembrança (e a omissão) dos acontecimentos (principalmente os ficcionais) é uma prerrogativa de quem controla o relato. Em outras palavras, *como a estória de Machado não visa ilustrar a História do Brasil, mas esta é que serve para ilustrar a sua estória* (SANT’ANNA, 1990: 113), referências históricas são marcos da gramática textual,<sup>562</sup> mas não constituem a substância narrativa.

No texto ficcional, menções sobre ocorrências históricas resultam de uma das necessidades de fornecer verossimilhança ao que está sendo descrito, inserindo-o em um conjunto de

---

*deu lugar à república federal como em junho o partido conservador deu lugar ao liberal; até com certo requinte de cortesia* (CALMON, 1975: 1620).

<sup>561</sup> Uma visão interessante – e rica em detalhes – dos acontecimentos ocorridos entre os dias 15, 16 e 17 de novembro de 1889 pode ser encontrada no diário de Bernardina Constant de Magalhães Serejo – filha de Benjamin Constant e mãe de Benjamin Constant Neto –, que, na época, tinha 15 anos: “*Acordei hoje ao toque das trombetas dos soldados e, assustada, levantei-me; soube, por mamãe, que vieram de madrugada alguns oficiais para irem com papai para o Quartel-General, pois receavam que o movimento pela República rebentasse hoje. Com efeito: pelo meio do dia o Exército em peso, ligado à Armada, à Polícia da Corte e de Niterói e reunido no quartel do Campo de Santana, prenderam os ministros em reunião do conselho e proclamou-se a República Brasileira pacificamente e de um modo nobre. Papai declarou que a família imperial seria garantida e protegida pelo Exército; disse ao Ministro do Império, Barão de Loreto, que podia retirar-se porque era um homem virtuoso. Disse também que o Exército não devia se fiar no Ouro Preto nem no Cândido de Oliveira; o Gen. Deodoro [da Fonseca] deu-lhe ordem de liberdade. O Ladário (Ministro da Marinha) foi ferido pelo Alferes-aluno Peña, em defesa própria. Tendo o Barão de Ladário querido atirar sobre Deodoro, o aluno deu-lhe ordem de prisão, ao que ele não quis se sujeitar, apontando o revolver para o moço; então este deu-lhe seis tiros. Por muita felicidade não aconteceu nada a papai; apenas tem uma arranhadura na sobrancelha, coisa leve. Papai, depois do movimento acabado, andou em uma marcha pelas ruas da cidade com o Sr. Quintino [Bocaiúva] e todo o Exército, Armada, etc.*

*Depois ele veio para casa muito suado e cansado e nós todas fomos recebê-lo com flores. Antes da marcha ele passou por cá, a fim de abraçar mamãe, e a nós. Estiveram aqui diversas pessoas que vieram cumprimentar papai. O Sr. Rui Barbosa esteve aqui à espera que papai tomasse banho e comesse alguma coisa, para depois ir à casa do General Deodoro e lá tratassem das bases do novo governo. À noite vieram para cá e com o Sr. Quintino e mais alguns senhores estiveram trabalhando. Estiveram aqui de noite os Srs. Serzedelo [Corrêa] e Jaime Benévolo e muitos oficiais e civis. Mais tarde souberam que Ouro Preto estava conspirando contra o Exército, então prenderam-no outra vez, e andam à procura de Cândido de Oliveira para fazer o mesmo. O Paço, onde estão o Imperador e a Imperatriz, foi cercado. Como espalhou-se a notícia de que a Guarda Nacional ia fazer resistência ao Exército, papai foi passar a noite no Quartel-General.”*

[Em 17.11.1889]: “*O Imperador embarcou hoje com toda a sua família; ele partiu voluntariamente, porque os militares fizeram-lhe ver que a sua estada aqui poderia provocar uma guerra civil. Consta que ele manifestou desejo de falar com papai, porém ele não foi porque ficaria muito comovido*” (Apud SILVA, 1972: 127-129).

<sup>562</sup> John Gledson, referindo-se ao *Dom Casmurro*, entende que a análise de um texto não pode ignorar as múltiplas referências à história e à política, principalmente porque *a ficção de Machado de Assis contém uma visão bastante coerente da história brasileira do século XIX, com certas constantes* (GLEDSON, 1991: 86). Para Gledson, em algumas narrativas machadianas, *Acontecimentos e questões políticas são ignorados, mas não estão ausentes* (GLEDSON, 1991: 86). Isso significa que as inúmeras menções a acontecimentos “reais” implicam em estabelecer conexões com o passado do Brasil – revelando, por vias transversas, uma conexão entre história, política e literatura.

circunstâncias que permitam – ao leitor – estabelecer contato entre o mundo ficcional e o mundo “real”. Simultaneamente, mas se opondo imediatamente ao postulado anterior, há que se respeitar o preceito básico de que inexistente compromisso entre a ficção e a história, embora, em muitos casos, elas se entrelacem.

*A historicidade em que se inscreve uma obra de ficção traz em si dimensões da imaginação, da memória e do juízo crítico. Valores culturais e estilos de pensar configuram a visão do mundo do romancista, e esta pode ora coincidir com a ideologia dominante no seu meio, ora afastar-se dela e julgá-la. Objeto de olhar e modo de ver são fenômenos de qualidade diversa; é o segundo que dá forma e sentido ao primeiro (BOSI, 1999: 12).*

Corroborando esse pensamento, Astrogildo Pereira, *avant la lettre* de análises mais contemporâneas, anota que, em *Esaú e Jacó*, o registro dos fatos ocorridos em 15 de novembro de 1889 está cheio de desencantada indiferença, tão cara ao Conselheiro Aires (PEREIRA, 1959: 39).<sup>563</sup>

A desencantada indiferença desencadeia em um episódio com características anedóticas; a conversa entre Aires e Custódio sobre a tabuleta da confeitaria constitui uma forma dissimulada de travar a discussão histórica.<sup>564</sup>

Entre “prender”, “unir”, “urdir”, “entrelaçar”, “obstruir”, “ocupar”, “causar desgosto ou dissabor” e “tolher os movimentos”, conforme os diversos significados que o Novo Dicionário Aurélio (FERREIRA, 1986: 1707) conjuga com o verbo “travar”, a presença de Custódio,

---

<sup>563</sup> A proclamação da República encontra-se registrada num capítulo do *Esaú e Jacó*; mas é um registro cheio de desencantada indiferença, tão cara ao Conselheiro Aires. Cabe aqui observar que na realidade Machado de Assis se mostrou sempre mais ou menos insensível à propaganda republicana. Ele era um liberal confesso, militante das hostes liberais nos seus primeiros tempos de jornalismo, seguindo um rumo lógico e natural na sua condição e na sua formação; mas, fosse por insuficiência de visão ou antes de temperamento, ou fosse mesmo por conveniência e comodismo, o caso é que ele nunca tomou partido, pelo menos no que deixou escrito, entre a Monarquia e a República (PEREIRA, 1959: 39-40).

<sup>564</sup> Na análise de John Gledson, que entende *Esaú e Jacó*, às vezes, como “um romance muito difícil, com trechos e capítulos que parecem calculados para confundir o leitor mais determinado (GLEDSON, 1986: 164), alguns elementos substanciais desse episódio merecem ser destacados: No momento crucial da mudança de regime, somos afastados não apenas dos acontecimentos dramáticos de 15 de novembro de 1889, mas até mesmo dos próprios personagens simbólicos, para ver as coisas através do olhar “inocente” do dono de uma confeitaria. Claro que é uma *reductio ad absurdum*, a redução final, talvez, dos princípios às coisas, no caso da tabuleta. Até mesmo a espécie de loja – uma confeitaria – indica a superficialidade da mudança: é simplesmente um lugar onde as coisas são enfeitadas e se tornam atraentes ao olhar. Cada regime, pelo que parece, é um produto artificial, com pouca ligação substantiva com a realidade que pretende representar (GLEDSON, 1986: 173-174). Gledson se pergunta se não é possível fazer uma comparação entre a troca de tabuletas e a queda do Império, que exteriormente ainda era o mesmo (de modo que tantos, inclusive Custódio, surpreendem-se profundamente quando ele desaba), mas por dentro estava deteriorado, incapaz de renovação? Menos que uma condenação moral do regime, parece ser seu julgamento histórico: os regimes, como as pessoas e os organismos, chegam ao fim de suas vidas úteis (GLEDSON, 1986: 174).

proprietário da Confeitaria, solicitando uma “palavrinha” com o conselheiro Aires, é a fórmula com que o narrador interrompe o tempo narrativo, estabelecendo uma parede divisória entre o mundo exterior (a proclamação da República) e a intimidade social (o gabinete de trabalho de Aires – que, de certa forma, representa uma estrutura que, atrelada ao passado e à glorificação da cultura humanística, fundamenta-se em valores conservadores).

Ironicamente, a cena é apresentada, inicialmente, como um desassossego para o conselheiro Aires, que é impedido – como um sofisticado representante da classe dominante da época – de *saborear o charuto depois do almoço, sem interrupção* (ASSIS, 1990: 89-90).

Por analogia, a República e as demais implicações decorrentes da mudança de regime político nada mais são do que uma interrupção nos rituais que caracterizam as diferenças de nível social entre aqueles que lêem Xenofonte durante o almoço e aqueles que precisam trabalhar durante o dia inteiro.<sup>565</sup>

Como uma comprovação dessa tese – que o refinamento intelectual e social está conectado com a luta de classes –, Aires recebe o comerciante com uma alegria forjada, e que pode ser traduzida nas duas perguntas que dispara contra o convidado: “– *Que é isso, Sr. Custódio? Disse-lhe Aires. O senhor anda a fazer revoluções?*” (ASSIS, 1990: 90). Sabedor de que Custódio jamais promoveria algum distúrbio na ordem pública, o tom jocoso da segunda pergunta de Aires deliberadamente esconde o aborrecimento causado pela quebra da rotina, e, simultaneamente, esgarça a seriedade condizente com o tempo em que os personagens estão vivendo.

Custódio, que não possui humor e/ou inteligência cultural para entender a anedota do conselheiro Aires – provavelmente, como homem prático que é, tampouco quer a entender –, vai

---

<sup>565</sup> De forma surpreendente, porque foge de uma perspectiva histórica e política, John Gledson alerta que, em *Esau e Jacó*, o material histórico do romance (que é, naturalmente, considerável) não possa ser minimizado como mero cenário, é necessário ter cuidado com o papel preciso da História e da política no romance, porque existe uma considerável tentação de ser excessivamente exclusivista ao interpretar o romance nesse nível (GLEDSON, 1986: 168). Evidentemente, essa não é uma opinião consensual. O próprio Gledson, alguns parágrafos mais tarde, faz questão de a rebater, escrevendo que *Até certo ponto, desejo defender uma interpretação detalhada e consistente da massa de material histórico tão claramente presente no romance, e que os críticos (reagindo a certos aspectos da obra, mas, creio eu, avaliando-os de maneira equivocada) consideraram demasiado superficial ou trivial para ter grande substância significativa* (GLEDSON, 1986: 169). Enfim, os acontecimentos políticos e a posição de inúmeros personagens diante do momento histórico não devem ser desprezados ou minimizados. Em um autor que se caracteriza pelo afastamento “mimético” dos temas mais significativos em sua época, preferindo um aporte tangencial (alegórico), discussões mais comprometidas com a realidade “concreta” são oportunidades raras – apesar da *superficialidade da abordagem histórica (que não pode ser negada e, às vezes, desce ao nível de ópera cômica)* (GLEDSON, 1986: 169). Nesse sentido, tanta a proclamação da República quanto o comportamento de aristocrata decadente – migrando para um aburguesamento abjeto – do conselheiro Aires precisam ser abordados e esmiuçados, possibilitando um viés analítico significativo das posições políticas adotadas pela sociedade refletida na gramática textual de *Esau e Jacó*.

logo esclarecendo que está preocupado com a maneira com que os acontecimentos políticos estão interferindo em seus negócios.

Mandara pintar uma tabuleta nova para o seu estabelecimento comercial.<sup>566</sup>

*Tanto me aconselharam que fizesse reformar a tabuleta que afinal consenti, e fi-la tirar por dois empregados (...) Já tinha falado a um pintor da Rua da Assembléia; não ajustei o preço porque ele queria ver primeiro a obra. Ontem, à tarde, lá foi um caixeiro e sabe V. Ex.<sup>a</sup>; o que me mandou dizer o pintor? Que a tábua está velha, e precisa outra; a madeira não agüenta tinta. Lá fui às carreiras: Não pude convencê-lo de pintar na mesma madeira; mostrou-me que estava rachada e comida de bichos. Pois cá de baixo não se via. Teimei que pintasse assim mesmo; respondeu-me que era artista e não faria obra que se estragasse logo (ASSIS, 1990: 73).*

Ocorre que, naquela manhã, ao tomar conhecimento de que a República havia sido proclamada, Custódio imediatamente percebeu que a inscrição da tabuleta, *Confeitaria do Império*, não era apropriada. No mínimo, lhe causaria prejuízos financeiros e políticos.<sup>567</sup>

Custódio, que não passava, na sua própria avaliação, de *um simples fabricante e vendedor de doces, estimado, afreguesado, respeitado, e principalmente respeitador da ordem pública...*(ASSIS, 1990: 91), rapidamente mandou um bilhete ao pintor, pedindo-lhe para suspender o trabalho.

Quando o portador voltou trouxe a notícia de que a tabuleta estava pronta.

– *Você viu-a pronta?*

– *Vi, patrão.*

– *Tinha escrito o nome antigo?*

– *Tinha, sim, senhor: “Confeitaria do Império”.*

---

<sup>566</sup> O historiador Hélio Silva, ao comentar que Machado de Assis registrou, em *Esau e Jacó*, a Proclamação da República, acrescenta uma variante pitoresca ao “caso da tabuleta”: *Houve algo parecido que Machado de Assis aproveitou, mascarando o episódio para não criar problemas ao comerciante nele envolvido.*

*Nem foi na Rua do Catete, mas na Rua da Passagem, com o prédio de nº 131, onde permanece a Padaria – Cruzeiro – Confeitaria.*

*A fachada de cantaria ostenta esse dístico, em letras bem visíveis, esculpidas na pedra. Na cimalha, o escudo com as armas do Império, tudo bem trabalhado. A Proclamação da República surpreendeu o comerciante. Receoso das conseqüências daquela solidariedade ao regime deposto, tardia e, por isso, perigosa, teria determinado o recurso heróico. Não era possível destruir a fachada, nem a cimalha. Mandou amputar a coroa que completava o escudo. Lá está, até hoje, a prova de que Machado de Assis denunciou, registrando a ocorrência e alterando os detalhes.*

*Esta, a versão de alguns historiadores e que ouvimos de Américo Jacobina Lacombe. O machadiano Plínio Doyle, consultado, disse desconhecer o fato, aconselhando, porém, a sua divulgação, como a melhor maneira de testar sua veracidade (SILVA, 1972: 143).*

<sup>567</sup> Gilberto Pinheiro Passos, comentando o posicionamento de Custódio, entende que (...) *o interesse comercial sobreleva ao político-ideológico. O valor de troca acaba por dotar a sociedade (...) de uma coloração utilitária e mensurável monetariamente* (PASSOS, 1996: 94-95). Entre a República e o Império, Custódio não precisa escolher, porque isso não o interessa. Custódio quer saber se vai poder continuar com o seu comércio ou não. A razão econômica lhe é mais importante que uma posição política.

*Custódio enfiou um casaco de alpaca e voou à Rua da Assembléia. Lá estava a tabuleta, por sinal que coberta com um pedaço de chita: alguns rapazes que a tinham visto, ao passar na rua, quiseram rasgá-la; o pintor, depois de a defender com boas palavras, achou mais eficaz cobri-la. Levantada a cortina, Custódio leu “Confeitaria do Império”. Era o nome antigo, o próprio, o célebre, mas era a destruição agora; não podia conservar um dia a tabuleta, ainda que fosse em beco escuro, quanto mais na Rua do Catete...*

*– O senhor vai despintar tudo isso, disse ele.*

*– Não entendo. Quer dizer que o senhor paga primeiro a despesa. Depois, pinto outra cousa.*

*– Mas que perde o senhor em substituir a última palavra por outra? A primeira pode ficar, e mesmo o d... Não leu o meu bilhete?*

*– Chegou tarde.*

*– E por que pintou, depois de tão graves acontecimentos?*

*– O senhor tinha pressa, e eu acordei às cinco e meia para servi-lo. Quando me deram as notícias, a tabuleta estava pronta. Não me disse que queria pendurá-la domingo? Tive que pôr muito secante na tinta, e, além da tinta, gastei tempo e trabalho.*

*Custódio quis repudiar a obra, mas o pintor ameaçou de pôr o número da confeitaria e o nome do dono na tabuleta, e expô-la assim, para que os revolucionários lhe fossem quebrar as vidraças do Catete. Não teve remédio senão capitular. Que esperasse; ia pensar na substituição; em todo caso, pedia algum abate no preço. Alcançou a promessa de abate e voltou para casa. Em caminho, pensou no que perdia mudando de título, – uma casa tão conhecida, desde anos e anos! Diabos levassem a revolução! Que nome lhe poria agora? Nisso lembrou-lhe o vizinho Aires e correu a ouvi-lo (ASSIS, 1990: 90-91).*

Eis o problema. Mas, qual seria a solução? Custódio espera que o conselheiro Aires a possa lhe indicar.

No entanto, há que se convir que, principalmente no caso específico do conselheiro Aires, sinceridade é uma moeda rara no comércio das opiniões. E Aires costuma ser parcimonioso todas as vezes que precisa gastar esse “tostão”. Prefere – antes de ministrar a mezinha ao doente – elaborar alguma manobra evasiva, que contorne as dificuldades, que dissimule as cartas que estão em seu poder: afinal, *a droga amarga engole-se com açúcar* (ASSIS, 1990: 28). Isso não quer dizer que seja um péssimo jogador, apenas que lhe apraz mais o movimento do jogo do que o seu arremate.

*– Mas o que é que há? perguntou Aires.*

*– A república está proclamada.*

*– Já há governo?*

*– Penso que já; mas diga-me V. Ex.<sup>a</sup>: ouviu alguém acusar-me jamais de atacar o governo? Ninguém. Entretanto... Uma fatalidade! Venha em meu socorro, excelentíssimo. Ajude-me a sair desse embaraço. A tabuleta está pronta, o nome todo pintado – “Confeitaria do Império”, a tinta é viva e bonita. O pintor teima em que lhe pague o trabalho, para então fazer outro. Eu, se a obra não estivesse acabada, mudava o título, por mais que me custasse, mas hei de perder o dinheiro que gastei? V. Ex.<sup>a</sup> crê que, se ficar “Império”, venham quebrar-me as vidraças? (ASSIS, 1990: 91).*

O conselheiro escuta pacientemente o comerciante, embora se mostre incrédulo sobre a mudança de regime político: *Vira nascer e morrer muito boato falso* (ASSIS, 1990: 93).

Indiferente aos acontecimentos do mundo exterior, o que causa maior preocupação em Aires é ouvir a obstinação de Custódio, que oscila entre a avareza (não quer gastar um pouco mais, mandando confeccionar uma outra tabuleta) e a alienação política <sup>568</sup> (pouco lhe importa se o regime político é o Império ou a República, desde que não interfira nos negócios).

– *Mas pode pôr “Confeitaria da República”...*

– Lembrei-me disso, em caminho, mas também me lembrou que, se daqui a um ou dois meses, houver nova reviravolta, fico no ponto em que estou hoje e perco outra vez o dinheiro.

– *Tem razão... Sente-se.*

– *Estou bem.*

– *Sente-se e fume um charuto*

*Custódio recusou o charuto, não fumava. Aceitou a cadeira. Estava no gabinete de trabalho, em que algumas curiosidades lhe chamariam a atenção, se não fosse o atordoamento do espírito. Continuou a implorar o socorro do vizinho. S. Ex.<sup>a</sup>, com a grande inteligência que Deus lhe dera, podia salvá-lo. Aires propôs-lhe um meio-termo, um título que iria com ambas as hipóteses – “Confeitaria do Governo”*

– *Tanto serve para um regime como para outro.*

– *Não digo que não, e, a não ser a despesa perdida... Há, porém, uma razão contra. V. Ex.<sup>a</sup> sabe que nenhum governo deixa de ter oposição. As oposições, quando descerem à rua, podem implicar comigo, imaginar que as desafio, e quebrarem-me a tabuleta; entretanto, o que procuro é o respeito de todos.*

*Aires compreendeu bem que o terror ia com a avareza. Certo, o vizinho não queria barulho à porta, nem malquerenças gratuitas, nem ódios de quem quer que fosse; mas, não o afligia menos a despesa que teria de fazer de quando em quando, se não achasse um título definitivo, popular e imparcial. Perdendo o que tinha, já perdia a celebridade, além de perder a pintura e pagar mais dinheiro. Ninguém lhe compraria uma tabuleta condenada* (ASSIS, 1990: 91-92).

---

<sup>568</sup> A análise de Raymundo Faoro, que coloca o ideológico como primado de qualquer entendimento, detecta que parte da sociedade brasileira conduz suas ações em função de uma imprecisa microfísica do poder: a necessidade de se conformar a determinado “modelo sócio-político” é maior do que a sua reação ao que oprime: *A anedota de Custódio revela o apólogo de uma camada social, bloqueada no alto pela tirania dos comandos transcendentais, obscuramente visualizados como algo invencível. Para todos os que partilham da mesma situação, reduzidos a fios inertes de uma trama, prende-os no chão de sua impotência o conformismo da cartada já jogada, sem a intervenção de quem participa. Dessa fonte nasce o conservadorismo, cuja alma se forma e plasma no medo ao mundo social, o mesmo medo do agricultor primitivo encadeado às incompreensíveis mutações atmosféricas. Custódio tem seu negócio, a Confeitaria do Império, fundada há trinta anos. Ele ama seus cabedais, forrado de avareza, o sono intranquilo com o advento da República. A política, com suas reviravoltas súbitas, pode castigá-lo, sem que lhe dê nenhuma recompensa. Preocupa-o apenas o “respeito de todos”, isto é, a afeição da clientela, como clientela que compra e paga. Ele queria ser o que era: “fabricante e vendedor de doces, estimado, afreguesado, respeitado, e principalmente respeitador da ordem pública”. A ordem pública vela por ele, nela está a garantia de seu pacífico comércio. O centro de seu conservadorismo está aí: a ordem pública elevada a tabu, seja qual for sua natureza, ordem pública estranha à sua vontade, às suas decisões, soberanamente superior. A política, para a gente Custódio, será um jogo inacessível aos seus meios, misterioso, sinistro e perigoso. Dela ele não participa* (FAORO, 2001: 312-313).



Pouco afeito às decisões mais elaboradas, Custódio se impacienta; ao mesmo tempo, quer conservar o conteúdo da carteira intacto e dar um término rápido para aquela aflição. Aires, depois de um tempo de reflexão, sugere duas outras alternativas: deixar a tabuleta como está, *Confeitaria do Império*, e escrever, como um elemento informativo sobre a data em que surgiu o estabelecimento comercial, “Fundada em 1860”; ou, então, acrescentar, embaixo, no centro, a expressão “das leis”. *Olhe, assim, concluiu Aires, sentando-se à secretária, e escrevendo em uma tira de papel o que dizia* (ASSIS, 1990: 92). Custódio, sem muita reflexão, recusou as duas propostas: entende que a adoção de qualquer uma deles implicaria em ignorar o problema que causou o “embaraço”.

Sem saber mais o que sugerir, e convicto de que Custódio está a dar muita importância ao nome inscrito na tabuleta, pois nada é capaz de alterar o propósito comercial do estabelecimento (negociar e lucrar com pães e doces), Aires aventou a hipótese de utilizar o nome da rua: *Confeitaria do Catete*. Essa idéia também gorou, pois já havia um outro estabelecimento com essa nomenclatura.

Uma última proposta, antes de dar por esgotadas as possibilidades:

*Disse-lhe então que o melhor seria pagar a despesa feita e não pôr nada, a não ser que preferisse o seu próprio nome: “Confeitaria do Custódio”. Muita gente certamente lhe não conhecia a casa por outra designação. Um nome, o próprio nome do dono, não tinha significação política ou figuração histórica, ódio nem amor, nada que chamasse a atenção dos dois regimens, e conseqüentemente que pusesse em perigo os seus empregados. Por que não adotava esse alvitre?* <sup>569</sup> *Gastava alguma coisa com a troca de uma palavra por outra, Custódio em vez de Império, mas as revoluções sempre trazem despesas* (ASSIS, 1990: 93).

*As revoluções sempre trazem despesas*, afirma Aires, deixando espaço semântico para que o seu interlocutor entenda que, em muitas ocasiões – inclusive aquela que eles estavam protagonizando –, a melhor alternativa está em aceitar estoicamente o que, aos humanos, foi

---

<sup>569</sup> Luiz Costa Lima, comentando a passagem, faz interessante observação: *O leitor machadiano costuma rir do conselho, intimamente louvando a habilidade deste avatar da intelligentsia tropical. Mas, independente da bonomia conformista do Conselheiro, que dizem suas palavras, senão que a indecisão, a ambigüidade, a ausência de escolha levam por fim ao círculo vicioso em que o que se diz apenas confirma o que já era sabido antes de se dizer? Custódio não pode indicar que alguma coisa sua é senão sua. Custódio, proprietário da “confeitaria do Custódio”. Sem sofrer, portanto, da inibição de Bentinho, Custódio é obrigado a entrar na mesma estreiteza de limitar-se aos fatos. O nome não nomeia porque, neste circuito, toda nomeação é uma escolha e escolher significa riscos. Neste quadro, o nome não pode conter senão redundância* (LIMA, 1981: 108). Como Custódio escolhe não escolher, pois ainda quer ver em que param as modas, prevalece a orientação imobilista do conselheiro Aires.

destinado pelas Meras.<sup>570</sup> Em outras palavras, é como se o conselheiro Aires dissesse – e de certa forma o diz – que os regimes políticos são perecíveis. Também carece de importância gastar alguns trocados com uma placa, pois se o que importa é a segurança do estabelecimento e de seu proprietário, a despesa extra é um investimento. Em oposição, existem outros valores, questões mais significativas. Então, diante da avalanche, é preciso ter paciência e não ter medo de se desfazer do desnecessário – somente sobrevivem às tempestades humanas aqueles que não se deixam arrastar pelas paixões.<sup>571</sup>

Custódio, acostumado às nuances do mundo dos negócios, e revelando haver apre(ce)ndido alguma coisa com a política de contemporização de Aires, diz que *talvez convenha esperar um ou dois dias, a ver em que param as modas* (ASSIS, 1990: 93). Em seguida, agradece a conversa, as sugestões e vai embora.

Com a saída de Custódio, a suspensão temporal termina. Os acontecimentos históricos exteriores – que estavam, de certa forma, congelados – encontram as portas da casa de Aires abertas e adentram com vigor.

Só às duas horas da tarde, quando Santos lhe entrou em casa, acreditou na queda do Império.  
– É verdade, conselheiro, vi descer as tropas pela Rua do Ouvidor, ouvi as aclamações à República. As lojas estão fechadas, os bancos também, e o pior é se se não abrem mais, se vamos cair na desordem pública; é uma calamidade (ASSIS, 1990: 93).

---

<sup>570</sup> As Meras [ou Moiras – “Parcas” é o equivalente latino] são a personificação do destino de cada ser humano, do quinhão que lhes cabe neste mundo. Na origem, cada um tem a sua “mera”, o que significa a sua parte (de vida, de felicidade, de desgraça, etc.). depois, essa abstração tornou-se rapidamente uma divindade e tendeu a assemelhar-se à Cere [não confundir com Ceres, a deusa romana da agricultura], sem nunca se tornar, todavia, um gênio violento e sanguinário. Impessoal, a Mera é tão inflexível como o destino: encarna uma lei que os próprios deuses não podem transgredir sem pôr em perigo a ordem do mundo. É a Mera que impede esta ou aquela divindade de levar ajuda a determinado herói, no campo de batalha, quando a sua “hora” chegou.  
A pouco e pouco, parece ter-se desenvolvido a idéia de uma Mera universal que dominava o destino de todos os seres humanos e, sobretudo, depois das epopéias homéricas, de três Meras, as três irmãs, Átropo, Cloto e Láquesis, que, para cada um dos mortais, regulavam a duração da vida desde o nascimento até a morte, com a ajuda de um fio que a primeira fiava, a segunda enrolava e a terceira cortava, quando a vida correspondente acabava. (...)  
As Meras não têm lenda propriamente dita. Não são mais que a simbolização de uma concepção do mundo semifilosófica, semi-religiosa (GRIMAL, 2000: 306).

<sup>571</sup> Gilberto Pinheiro Passos, contrariando a “sabedoria” do conselheiro Aires, detecta nesse comportamento um grau acentuado de conservadorismo e de negação de um procedimento político mais enérgico. Para Aires *As mudanças políticas (...) devem, na medida do possível, resguardar o máximo do status quo vigente, fazendo as alterações imprescindíveis* (PASSOS, 1996: 95). Essa atitude implica em um efeito de minimização dos conflitos de origem político-social [e] encontra seu correspondente em meras despesas com inscrições de tabuletas de confeitarias ou na comezinha discussão do preço de gravuras. Afinal de contas, com *Monarquia ou República, “Comércio é Preciso. Os bancos são indispensáveis”* (PASSOS, 1996: 95). Aires, fiel a sua política pessoal de não se envolver em qualquer situação de conflito, procura contaminar todos aqueles que gravitam ao seu redor com essa filosofia. Embora os conselhos e opiniões de Aires sejam solicitados a todo instante, muitos deles não são aceitos (Pedro e Paulo, por exemplo, jamais se deixam contaminar pela “neutralidade” – talvez, “nulidade” – do pensamento de Aires).

Novamente é a preocupação de ordem econômica que fornece o tom à conversa dos personagens.<sup>572</sup> Para um homem que valoriza a cultura e o conhecimento, surpreende que Aires receba em sua casa, em um dia particularmente importante para a História do Brasil, dois homens que somente se interessam por dinheiro (Custódio e Santos). E, mais do que isso, Aires os recebe e os aconselha.<sup>573</sup>

O banqueiro<sup>574</sup> Agostinho José dos Santos, Barão de Santos, apavorado com a possibilidade de seus negócios, ou melhor, o seu dinheiro ser carregado pela tempestade política, espera que o conselheiro – mestre na arte de desarmar conflitos<sup>575</sup> – possa amainar suas preocupações. Aires não o desaponta:

Aires quis aquietar-lhe o coração. Nada se mudaria; o regimen, sim, era possível, mas também se muda de roupa sem trocar de pele. Comércio é preciso. Os bancos são indispensáveis. No sábado, ou quando muito na segunda-feira, tudo voltaria ao que era na véspera, menos a constituição (ASSIS, 1990: 93).

Para aliviar as tensões e tranquilizar Santos, Aires coloca em jogo a sua intuição diplomática e acalma o amigo: *Comércio é preciso. Os bancos são indispensáveis*. Antecipando o liberalismo econômico – que caracterizará os séculos XX e XXI –, Aires verbaliza a questão primordial em qualquer mudança de regime: a prevalência da estabilidade capitalista.

Obviamente, consoante com o espírito da época (*zeitgeist*) e da classe social que representa, Aires jamais se rebaixaria ao nível de ter que se preocupar com finanças ou com tolices correlatas.

---

<sup>572</sup> No entendimento de Gilberto Pinheiro Passos, Custódio e Santos representam uma *redução ao comezinho, ao individual, ou seja, à preponderância do interesse de cada um sobre o movimento da sociedade como um todo ou ao menos a sua rápida adequação – ainda que mantida a tensão entre eles* (PASSOS, 1996: 95-96). A proclamação da República – e a mudança de governo como uma proposta de transformação política – nada representa para esses personagens se não estiver relacionada com a manutenção do *status quo*. Ou melhor, a troca de regime político somente adquire significação para estes personagens porque pode invalidar seus negócios.

<sup>573</sup> Na verdade, os “conselhos” de Aires para Custódio e Santos não são exatamente conselhos. No máximo, são conversas, pois seus interlocutores não modificam suas condutas depois de ouvirem o “conselheiro”. A filosofia de Aires sempre foi a do não-envolvimento, a da adoção de idéias “médias”, conciliatórias. Custódio, depois de ouvir as sugestões sobre a inscrição na tabuleta, nada resolve. Volta para a confeitaria com as dúvidas que o levaram a procurar Aires. Para Santos, Aires recomenda que retorne para casa e tranquilize a baronesa. E é o que Santos acaba por fazer. Mas isso ele já queria fazer, antes mesmo de ir até a casa de Aires.

<sup>574</sup> *No Esaú e Jacó não existem mais os homens que vivem de rendas, salvo o conselheiro Aires, mais funcionário público aposentado do que capitalista. É a vez, no fim do Império e começo da República, dos homens que lidam com ações e títulos, para revendê-los, ciosos do aumento dos lucros* (FAORO, 2001: 262).

<sup>575</sup> Comentando a estratégia de fuga ao comprometimento de Aires, Affonso Romano de Sant’Anna identifica Aires como *o homem dos circunlóquios, da pílula com açúcar, arredondando o pensamento, procurando derrogar as controvérsias e chegar a um acordo através de uma opinião dúbia e média, como de resto é natural a um diplomata ou a um narrador como Machado interessado em desenvolver ao máximo o aspecto lúdico da composição* (SANT’ANNA, 1990: 124).

A sua intenção é mais imediata e mais simples: suavizar as preocupações de Santos. E é isso o que faz.

A ironia está no fato de que Aires utiliza-se de argumentos em que não acredita – ignorando a sua formação “ilustrada”. Essa posição contraditória, por sua vez, confirma uma posição coerente: Aires, exemplo de cavalheiro do século XVIII, se recusa a perceber que o mundo aristocrático está migrando para a profanação, na medida em que os “valores” são transformados em mercadorias, em objetos descartáveis (restritos ao consumo imediato). Prefere acreditar que a moral e a ética governam o mundo. Então, na tentativa inútil de compor uma síntese entre o mundo “ideal” e as relações sociais decorrentes do mundo “real”, opta por fazer algumas concessões. Aliviar a ansiedade do amigo é uma delas.

O banqueiro, ao contrário, como todo capitalista emergente (*nouveau riche*),<sup>576</sup> somente se preocupa com dinheiro. É a perspectiva de perder o que amealhou com a política financeira (*encilhamento*) que o faz ficar apreensivo.

Santos ainda reluta um pouco, antes de aceitar os argumentos de Aires: a vida é permanente; as convulsões políticas são provisórias. Ou seja, que Santos descansasse, visto que *Tudo voltaria ao que era na véspera*.

– Não sei, tenho medo, conselheiro.

– Não tenha medo. A baronesa já sabe o que há?

– Quando saí de casa, não sabia, mas agora é provável.

– Pois vá tranquilizá-la; naturalmente está aflita.

Santos receava os fuzilamentos; por exemplo se fuzilassem o imperador, e com ele as pessoas de sociedade? Recordou que o Terror...<sup>577</sup> Aires tirou-lhe o Terror da cabeça. As ocasiões fazem as revoluções, disse ele, sem intenção de rimar, mas gostou que rimasse, para dar forma fixa à idéia. Depois, lembrou a índole branda do povo. O povo mudaria de governo, sem tocar nas pessoas. Haveria lances de generosidade (ASSIS, 1990: 94).

---

<sup>576</sup> Também ele [Santos] foi pobre; também ele nasceu em Maricá. Vindo para o Rio de Janeiro, por ocasião da febre das ações (1855), dizem que revelou grandes qualidades para ganhar dinheiro depressa. Ganhou logo muito, e fê-lo perder a outros. Casou em 1859 com esta Natividade, que ia então nos vinte anos e não tinha dinheiro, mas era bela e amava apaixonadamente. A Fortuna os abençoou com a riqueza. Anos depois tinham eles uma casa nobre, carruagem, cavalos e relações novas e distintas (ASSIS, 1990: 16). Astrojildo Pereira anota sobre Santos: *Aí temos o tipo situado no tempo e qualificado como perito na especulação* (PEREIRA, 1959: 35).

<sup>577</sup> As referências ao Terror, famoso período sanguinário da Revolução Francesa, onde parte significativa da nobreza foi guilhotinada, não são despropositadas. Havia uma ameaça no ar. Por exemplo, enquanto o *Alagoas* cruzava o Oceano Atlântico, levando a família real para o exílio, na Bahia houve um princípio de resistência – que rapidamente foi debelado. No momento em que a República foi proclamada na Bahia, três gritos foram lançados: *Viva a República brasileira! Viva os Estados Unidos do Brasil! Viva o Estado da Bahia!* Em seguida, em lugar do hino brasileiro, a banda tocou a *Marselhesa* (hino dos revolucionários franceses). Ver CALMON, 1975: 1640-1641.

Aires, talvez para distraí-lo, ou para distrair a si mesmo, conta uma história – que parece não possuir sentido.

*Nenhuma feição de Santos mostrou apreciar ou entender aquele rasgo anônimo. Ao contrário, todo ele parecia entregue ao presente, ao momento, ao comércio fechado, aos bancos sem operações, ao receio de uma suspensão total de negócios, durante prazo indeterminado. Cruzava e descruzava as pernas. Afinal ergueu-se e suspirou.*

*– Então, parece-lhe...?*

*– Que descanse.*

*Santos aceitou o conselho, mas vai muito do aceitar ao cumprir, e a aparência era mui diversa do coração. O coração batia-lhe. A cabeça via esboroar-se tudo. Quis despedir-se, mas fez duas ou três investidas antes de pousar o pé fora do gabinete e caminhar pela escada. Instava pela certeza. Conquanto tivesse visto e ouvido a república, podia ser... Em todo caso, a paz é que era necessária, e haveria paz? Aires inclinava-se a crer que sim, e novamente o convidou a descansar.*

*– Até logo, concluiu (ASSIS, 1990: 94).*

A hesitação do banqueiro tem a sua razão de ser. Os interesses que estão em jogo são imensos, toda uma vida de trabalho que pode ser desfeita por força de um golpe de espada ou de um momento de furor político – e Santos não possui qualquer garantia de que as “mudanças” foram apenas um reajuste na posição de algumas peças que estavam mal colocadas no tabuleiro de xadrez que é a política. É isso que o inquieta, espectador de acontecimentos que não controla.

Neste ponto, o processo de composição narrativa, lembrando as estruturas cinematográficas, abandona o “primeiro plano”,<sup>578</sup> a concentração na figura do conselheiro Aires,<sup>579</sup> e movimenta-se para uma espécie de “plano seqüência”,<sup>580</sup> instituindo um encadeamento de acontecimentos, modificando a relação entre o relato e o que, sutilmente, vai sendo deixado fora-de-campo.<sup>581</sup>

---

<sup>578</sup> O primeiro plano é um dos termos da escala dos planos, que corresponde a uma posição da câmera bem próximo do objeto filmado. Essa definição [é] bem empírica (um plano mais aproximado, “maior” que os outros) (AUMONT; MARIE, 2006: 241).

<sup>579</sup> Gilberto Pinheiro Passos entende que esse procedimento narrativo em ponto pequeno (PASSOS, 1996: 17), reflete uma das características mais expressivas do conselheiro Aires: *Escrever sobre si e seus circundantes é, no caso, mais uma forma de representação do Brasil, diferenciando-se em alguns pontos da profissional, exercida por mais de trinta anos no exterior. Trata-se de algo novo, pois a pátria é vista do seu interior e, mais ainda, do núcleo de pequenos conflitos que funcionam como mínimos círculos de luz incidentes sobre personagens dispostas num palco cujo pano de fundo compreende o país em suas transformações econômicas, políticas e socioculturais* (PASSOS, 1996: 18).

<sup>580</sup> Como o termo indica, trata-se de um plano bastante longo e articulado para representar o equivalente de uma seqüência. Em princípio, conviria, portanto, distingui-lo de planos longos, mas onde nenhuma sucessão de acontecimentos é representada (AUMONT; MARIE, 2006: 231).

<sup>581</sup> O campo definido por um plano de filme é delimitado pelo quadro, mas acontece, freqüentemente, que elementos não vistos (situados fora do quadro), estejam, imaginariamente, ligados ao campo, por um vínculo sonoro, narrativo e até visual (AUMONT; MARIE, 2006: 132).

Como se estivesse de posse de uma câmera, o narrador modifica o foco do relato, incluindo na estrutura narrativa uma série de cenas mais comprometidas com a movimentação que passa a adotar no andamento da história que está manipulando. As imagens capturadas pela “lente” e impressas na “película”, à partir do momento em que Santos deixa a casa de Aires, se deslocam através de outros personagens mostrando um panorama narrativo mais disperso, ou seja, menos concentrado. Parte do mundo externo à casa do conselheiro vai sendo revelada ao leitor, embora com parcimônia – provavelmente, porque as cenas são descritas com maior economia de linguagem, com poucos detalhes.

Simultaneamente, a narrativa se torna onisciente e onipresente: inicia acompanhando Santos, focaliza a família do Barão (especialmente Paulo) e, por fim, como se fosse o objetivo primordial de todo esse *tour* emocional, concentra-se outra vez no plano fechado: Flora.

Ao sair da casa de Aires, no Catete, o banqueiro toma o carro, que estava a esperá-lo, e vai estar com os seus.

*Quando Santos chegou em casa, Natividade estava inquieta, sem notícia exata e definitiva dos acontecimentos. Não sabia da república. Não sabia do marido nem dos filhos. Aquele saíra antes dos primeiros rumores, estes iam fazer a mesma coisa, logo que os boatos chegaram. O primeiro gesto da mãe foi para impedir que os filhos saíssem, mas não pôde, era tarde. Não os podendo reter, pegou-se com a Virgem Maria, a fim de que os poupasse, e esperou (ASSIS, 1990: 95).*

Foi com essa intranquilidade, com esse peso no coração, que a esposa recebeu o marido: *Natividade acudiu ao patamar da escada. Santos subiu, e as mãos de ambos estenderam-se e agarraram-se (ASSIS, 1990: 95).* As mãos unidas simbolizam a união familiar, a superação das adversidades e a preocupação com o futuro dos filhos – ao mesmo tempo, Natividade e Santos procuram agregar forças porque estão cientes de que a luta política está, lentamente, movendo-se para dentro da família: Pedro e Paulo são antagonistas em diversas questões e, no caso específico, a “vitória” do republicano implica na “derrota” do monarquista.

*Natividade perguntou pelos filhos. Santos opinou que não tivesse medo. Não havia nada; tudo parecia estar como no dia anterior, as ruas sossegadas, as caras mudas. Não correria sangue, o comércio ia continuar. Toda a animação de Aires tinha agora brotado nele, com a mesma verdura e o mesmo estilo (ASSIS, 1990: 95).*

A resposta de Santos à pergunta sobre os filhos é ambígua. Embora ele se reporte aos acontecimentos externos, certamente a abrangência de suas palavras ultrapassa esses limites. As

expressões que utiliza parecem ter sido escolhidas inconscientemente para mascarar a crise que se avizinha: “*não tivesse medo*”, “*não havia nada*”, “*não correria sangue*”. Essa redundância em destacar a “normalidade” é sintomática, pois expressa uma situação em que ele intimamente não acredita. Nem o país, nem os pais estão a salvo: essa é a mensagem que Santos está emitindo (por vias transversas), enquanto teme pela integridade física dos filhos. A forma como a mudança de regime afetará os negócios também o assusta, pois sabe que, em tempos de crise política, a pobreza é uma ameaça palpável.

Pedro e Paulo, que sempre concordaram que política é poder, chegam tarde em casa – e por motivos opostos. Enquanto o republicano Paulo comemora nas ruas, o monarquista Pedro, visivelmente abatido, não acredita no que está acontecendo. Por isso, prefere voltar para casa um pouco mais cedo do que o irmão. Talvez para tentar fugir do confronto com Paulo – que sabia ser inevitável, mas que, se as peças de uma hipotética partida de xadrez fossem movidas com um pouco de estratégia, poderia ser postergado, eliminando a possibilidade de uma humilhação imediata.

Ao jantar, falaram pouco. Paulo referia os sucessos amorosamente. Conversara com alguns correligionários e soube do que se passara à noite e de manhã, a marcha e a reunião dos batalhões no campo, as palavras de Ouro Preto ao Marechal Floriano, a resposta deste,<sup>582</sup> a aclamação da República. A família ouvia e perguntava, não discutia, e esta moderação contrastava com a glória de Paulo. O silêncio de Pedro principalmente era como um desafio. Não sabia Paulo que a própria mãe é que o pedira ao irmão com muitos beijos, motivo que em tal momento, ia com o aperto do coração do rapaz. O coração de Paulo, ao contrário, era livre, deixava circular o sangue, como a felicidade. Os sentimentos republicanos, em que os princípios se incrustavam, viviam ali tão fortes e quentes, que mal deixavam ver o abatimento de Pedro e o acanhamento da outra gente sua. Ao fim do jantar, bebeu à República, mas calado, sem ostentação, olhando para o teto, e levantando o copo um tantinho mais que de costume. Ninguém replicou por outro gesto ou palavra (ASSIS, 1990: 95-96).

---

<sup>582</sup> Benjamin Constant Neto relata que o ministério Ouro Preto, em reunião, decide resistir aos insurreitos, apesar da tropa estar cercando o Quartel-General. Ouro Preto, a exigir um atitude mais enérgica, chama o Ajudante-General do Exército, General Floriano Peixoto, e pergunta:

– *General: o senhor que tanta bravura mostrou nos campos do Paraguai, por que não manda atacar os rebeldes?*

– *No Paraguai lutávamos com inimigos, responde Floriano [Peixoto]; e naquela tropa que ali está eu vejo a mocidade militar guiada pelo Mestre – que foi também o meu Mestre.*

*E em resposta a uma maior invectiva de Ouro Preto:*

– *Tenho a lhe dizer que estes bordados que trago nos punhos ganhei-os ao serviço da Pátria e não ao serviço de ministros* (Apud SILVA, 1972: 125).

Pedro (monarquista) e Paulo (republicano) não professam convicções políticas “verdadeiras”,<sup>583</sup> mas adotam rótulos antagônicos porque assim podem expressar, ao Outro, a posição que ocupam (ou querem ocupar) no mundo.

Natividade, exercendo as suas funções de matriarca e, simultaneamente, responsável pela administração dos conflitos familiares, pede aos filhos que cada um deles represente o papel que lhes foi designado pela farsa familiar.<sup>584</sup> Aliás, não somente os quer comportados, ou seja, dissimulados, como quer que eles ignorem os fatores que os fazem ser diferentes: para a mãe, que cultiva com ingenuidade o amor maternal, os filhos são iguais, metades de um objeto indissolúvel.

Os irmãos, atendendo aos anseios da mãe, controlam os instintos e compactuam na montagem artificial da harmonia: Paulo gostaria de bradar, em alto e bom tom, a vitória política,<sup>585</sup> Pedro ficaria feliz se pudesse calar eternamente o irmão.<sup>586</sup>

---

<sup>583</sup> No entender de Luiz Costa Lima, *republicanismo e monarquismo não indicavam verdadeiras escolhas políticas; eram termos reversíveis, funcionais, apenas enquanto promoviam a diferenciação das individualidades* (LIMA, 1981: 109).

<sup>584</sup> Astrojildo Pereira, apontando para as questões políticas intrafamiliares, anota que *É coisa mais que sabida que a família, seja qual for a sua forma, constitui sempre o centro e a base da vida em sociedade. Ora, quem diz família diz casamento, e quem diz casamento diz amor, e quem diz amor diz complicação* – “complicação do natural com o social”. *É nos conflitos suscitados por esta complicação que Machado de Assis vai buscar os elementos necessários à tessitura de quase toda a sua obra de ficção. Eterna complicação, conflitos eternos. Sem dúvida; mas as criaturas envolvidas na complicação e nos conflitos, que ele explorou nos seus livros, são a réplica literária de outras criaturas de carne e osso, que viveram em dado momento histórico num dado meio social. Criaturas humanas, na realidade e na ficção, de essência igual a todas as criaturas humanas de todas as épocas e de todos os quadrantes da terra, mas ao mesmo tempo criaturas brasileiras que viveram durante um determinado período da história brasileira. Daí por que a vida criada pelo ficcionista espelha, nas páginas dos seus livros, com igual intensidade e de modo inseparável, o humano e o brasileiro, o natural e o social, o permanente e o contingente. Ainda neste ponto encontramos Machado de Assis realizando, com arte suprema, uma harmoniosa conjunção de contrastes* (PEREIRA, 1959: 18).

<sup>585</sup> Mais do que a proclamação da República, Paulo quer celebrar a “derrota” de Pedro. Esse episódio está sob a intermediação edulcorada do narrador, digo, do conselheiro Aires, que procura suavizar os acontecimentos. No entanto, contemporaneamente, seria muito ingênuo acreditar que os ideais civilizatórios consigam conter o dilaceramento advindo da provocação entre irmãos. Em outras palavras, a possibilidade de um dos irmãos conseguir algum tipo de vantagem sobre o outro é, na dinâmica fraterna, motivo para manter em efervescência a disputa. O lado em desvantagem se ressentido – e, na primeira oportunidade, procurará recuperar o terreno perdido. Isso significa que a espiral inflacionária da agressão, uma vez deflagrada, somente encontrará um fim quando houver o predomínio incontestado de uma das partes (o que significa a subjugar a outra parte) ou ocorrer extermínio mútuo. Raras são as possibilidades de acordo ou trégua, pois o elemento primevo, gerador do conflito, usualmente se perde no passado, esquecido entre tantas outras mesquinharias que, de acordo com a necessidade momentânea, foram utilizadas para agredir o Outro.

<sup>586</sup> Pedro se sente uma vítima da História. Mas também é vítima de suas próprias escolhas. Quando se declarou pela monarquia, o fez para se colocar em franco confronto com os ideais republicanos do irmão (o contrário também é verdadeiro). Nesse sentido, o advento do Governo Provisório, que substituiu D. Pedro II, equivale a uma derrota pessoal. Por contingências históricas, Pedro se sente inferiorizado diante do irmão. Por isso, conscientiza-se de que apenas duas alternativas lhe são possíveis: aceitar provisoriamente a derrota e, conseqüentemente, aguardar por um momento posterior para reverter a situação, ou contra-atacar. Os ideais edificados na coragem e na luta pela glória (características de um romantismo que está sendo ultrapassado por formas de agressão mais sutis) o mandam enveredar pela segunda opção. O instinto de autopreservação adverte que a cólera é sempre má conselheira. É a



Sob a égide do conceito romântico de “civilização”, que advoga que qualquer demonstração pública de agressividade (e, de certa forma, de afeto) constitui um rebaixamento social, os gêmeos – contrariando os seus desejos mais íntimos – procuram emascular as emoções.

Nesse clima dramático, a um passo da tragédia mitológica,<sup>587</sup> qualquer faísca pode deflagrar a crise. Todos os envolvidos (Santos, Natividade, o narrador, Pedro e Paulo) sabem que, em determinada circunstância, haverá significativo rompimento na represa social. Momentaneamente, os irmãos estão guardando forças para uma ocasião mais significativa – onde não serão barrados por qualquer tipo de impedimento (moral, ético, político, social) para o exercício, em sua forma bruta, selvagem, atávica, da purgação purificadora: o aniquilamento do inimigo.

Impedido de externar no âmbito familiar a conquista política (que também é emocional), *Paulo saiu, logo depois do jantar, prometendo vir cedo* (ASSIS, 1990: 96). Natividade faz-lhe objeções, não o queria fora de casa, em momento de crise política, *mas outro receio fê-la consentir, e este era que os dois irmãos brigassem finalmente* (ASSIS, 1990: 96).

Visualizando o assustador e, portanto, indesejado espectro da perversidade fraterna, Natividade precisa escolher entre dois males: a contragosto, consente que Paulo vá às ruas, e exerça, entre amigos, a fruição pública de um prazer que não deve ser expresso dentro de casa, sob risco de criar um ciclo irreversível de hostilidades.

Saindo de casa, Paulo foi à de um amigo, e os dois entraram a buscar outros da mesma idade e igual intimidade. Foram aos jornais, ao quartel do Campo, e passaram algum tempo diante da casa de Deodoro. Gostavam de ver os soldados, a pé ou a cavalo, pediam licença, falavam-lhes, ofereciam cigarros, era a única concessão destes; nenhum lhes contou o que se passara, nem todos saberiam nada.

*Não importa, iam cheios de si. Paulo era o mais entusiasmado e convicto. Aos outros valia só a mocidade, que é um programa, mas o filho de Santos tinha frescas todas as idéias do novo regimen, e possuía ainda outras que não via aceitar; bater-se-ia por elas. Trazia até o desejo de achar alguém na rua, que soltasse um grito, já agora sedicioso, para lhe quebrar a cabeça com a bengala. Não deu por falta dela; se desse, bastavam-lhe os braços e as mãos.*

*Propôs cantarem a Marselhesa; os outros não quiseram ir tão longe, não por medo, senão de cansados* (ASSIS, 1990: 96-97).

---

presença conciliadora da mãe que possibilita equacionar o conflito, transferindo-o, estrategicamente, para outra oportunidade.

<sup>587</sup> Em *Dois irmãos*, de Milton Hatoum, Yaquib ao advertir a mãe sobre a possibilidade de um conflito físico com o seu irmão, Omar, aventa a possibilidade de uma cena bíblica: “*Oxalá seja resolvido com civilidade; se houver violência, será uma cena bíblica*” (HATOUM, 2000: 228).

Paulo volta para casa, às duas da manhã do dia 16 de novembro. Acordada, a mãe o aguardava: *Natividade confessou que não teria sono, antes de o saber em casa são e salvo* (ASSIS, 1990: 97). Ao ver o rapaz intacto, exalando energia por todos os poros, faz um pedido aparentemente singelo ao filho: – *Olha, disse Natividade, se achares Pedro acordado não lhe contes nem lhe perguntes nada; dorme e amanhã saberemos tudo e o mais que se passou esta noite* (ASSIS, 1990: 97).

Preocupada que mais um desentendimento possa ocorrer entre Pedro e Paulo, Natividade, *que buscava todas as ocasiões e meios de os fazer andar juntos e familiares* (ASSIS, 1990: 122), acredita que sua solicitação será fácil de ser atendida pelo filho: quer que Paulo, antes de dormir, evite qualquer demonstração excessiva de alegria, o que caracterizaria ofensa ao irmão.

O que Natividade não percebe é que, no inconsciente, está postulando uma demanda que não possui valor. Como se as barreiras que teoricamente separam a barbárie da civilização fossem um impedimento, Natividade faz questão de ignorar o fato de que os mecanismos emocionais estão aquém da racionalidade. O que ela quer é que Paulo troque o prazer primitivo, imediato, pela gozo superior, postergado.

Paulo entra no quarto, pé ante pé:

*Obedecendo aos conselhos da mãe, Paulo não quis saber se Pedro dormia, posto desconfiasse que não. Efetivamente, não. Pedro viu as cautelas de Paulo, e cumpriu também os conselhos da mãe; fingiu que não via nada. Até aí os conselhos; mas um pouco de glória fez com que Paulo cantarolasse entre os dentes, baixinho, para si, a primeira estrofe da Marselhesa que os amigos tinham recusado fora:*

Allons, enfants de la patrie,  
Le jour de gloire est arrivé!

*Pedro percebeu antes pela toada que pela letra, e concluiu que a intenção do outro era afligi-lo. Não era, mas podia ser. Vacilou entre a réplica e o silêncio, até que uma idéia fantástica lhe atravessou o cérebro, cantarolar, também baixinho, a Segunda parte da estrofe : Entendez-vous dans vos campagnes...”, que alude às tropas estrangeiras, mas desviadas do natural sentido histórico, para restringi-la às tropas nacionais. Era um desforço vago, a idéia passou depressa. Pedro contentou-se de simular a indiferença suprema do sono. Paulo não acabou a estrofe; despiu-se agitado, sem tirar o pensamento de vitória dos seus sonhos políticos. Não se meteu logo na cama; foi primeiro à do irmão, a ver se dormia. Pedro respirava tão naturalmente, como se não perdera nada. Teve ímpeto de acordá-lo, bradar-lhe que perdera tudo, se alguma cousa era a instituição derribada. Recuou a tempo e foi meter-se entre os lençóis* (ASSIS, 1990: 97-98).

Os primeiros versos da *Marselhesa*<sup>588</sup> expressam o advento de outros tempos, a monarquia substituída pela república. O triunfo de uma nova ordem política reflete o passado histórico. Através do hino de França, Paulo utiliza-se de terrorismo psicológico. Sua voz, entoando os versos que celebram o 14 de julho de 1789, quer, sem muitas sutilezas, lembrar ao irmão que algum tempo depois da tomada da Bastilha, França viveu um período denominado *Terror* – momento em que parte significativa do *ancien régime* (ou seja, da nobreza francesa) foi guilhotinada. “Avante, filhos da pátria, o dia de glória chegou”, canta o republicano Paulo, ameaçando simbolicamente a integridade física do monarquista Pedro.

Pedro, por sua vez, adota uma posição passivo-agressiva cantando baixinho a segunda parte da estrofe: *Entendez-vous dans vos campagnes* (“ouvi, em vossos campos...”). A idéia por trás desse complicado processo mental é transpor as tropas estrangeiras aludidas no verso do hino francês para uma situação doméstica.<sup>589</sup> Pedro visualiza o inimigo na República e em Paulo – e convence a si mesmo que eles devem ser combatidos para que o país – ou seja, ele, Pedro – possa superar as suas adversidades e avançar em direção às promessas de prosperidade que o futuro oferece.

Nesse instante, marco familiar divisório entre a civilização e a barbárie, o embate atinge o seu limiar, colocando em xeque a efemeridade da vida. Seja por sensatez, seja por medo, Pedro retrocede, percebe que toda e qualquer reação, naquele momento, *Era um esforço vago, [e] a idéia*

---

<sup>588</sup> Analisando a influência de França na literatura de Machado de Assis, Gilberto Pinheiro Passos assinala que *Dos gêmeos é Paulo, evidentemente, o mais ligado ao papel que a França, dentre outras nações, exerce como libertadora dos oprimidos* (PASSOS, 1996: 97). Em seguida, aponta para a contaminação cultural, que se manifesta como ação política: *a França acena com seus modelos e símbolos, não podendo faltar a Marselhesa. Logo após a proclamação, instados por Paulo a entoarem o hino francês, seus companheiros se recusam, o que não arrefece o entusiasmo do rapaz. Volta à casa de madrugada (...). Paulo, entre dentes, canta, então, a primeira estrofe, para marcar definitivamente a vitória de seus ideais ligados à cultura que lhe fornece elementos básicos de corporificação: palavras de ordem, cânticos, imagens* (PASSOS, 1996: 97). A *Marselhesa* representa os diversos ideais libertários, propostos pela Revolução Francesa, e que ecoam na mente do jovem estudante de Direito como se fossem marcos a serem seguidos. Distribuir justiça, democracia e liberdade o contaminam como se, em terras brasileiras, fosse sua tarefa (e de outros patriotas, obviamente) evocar esses valores e os implantar. Apesar desse entusiasmo, *A relação assimétrica, do ponto de vista da importância política dos elementos geográficos, não deixa de apontar para um sorriso de ironia do narrador. Pedro e Paulo, por sua vez, jamais chegam a ter importância no desenrolar dos acontecimentos que culminam com a República, sendo meros espectadores a contemplar, de longe, a glória dos grandes agentes políticos* (PASSOS, 1996: 97).

<sup>589</sup> Gilberto Pinheiro Passos observa que *as significações divergentes do mesmo verso* (“*Entendez-vous dans vos campagnes*”) *mostra que o estrangeiro em relação aos franceses (os exércitos europeus) se torna nacional em relação aos brasileiros, embora expresso em francês. Na Marselhesa, o inimigo está fora do país, não se caracterizando pela fraternidade pátria. Em EJ, o inimigo está dentro de casa, no próprio país, representado pelo irmão* (PASSOS, 1996: 98).

passou depressa. Então, para que a tempestade passasse ao largo, contentou-se de simular a indiferença suprema do sono.<sup>590</sup>

*Nenhum dormia. Enquanto o sono não chegava, iam pensando nos acontecimentos do dia, ambos espantados de como foram fáceis e rápidos. Depois cogitaram no dia seguinte e nos efeitos ulteriores. (...)*

*A reticência final nos discursos de ambos quer dizer que as idéias se iam tornando esgarçadas, nevoentas e repetidas, até que se perderam e eles dormiram. Durante o sono, cessou a revolução e a contra-revolução, não houve monarquia nem república, D. Pedro II nem Marechal Deodoro, nada que cheirasse a política. Um e outro sonharam com a bela enseada de Botafogo, um céu claro, uma tarde clara e uma só pessoa: Flora (ASSIS, 1990: 98).*

Mais uma vez, comprovando que a inimizade de Pedro e Paulo beira o farsesco, a decisiva ruptura é adiada. Assim como a proclamação da República não encontrou resistência significativa por parte dos monarquistas, os gêmeos não se enfrentam, não se agredem “fisicamente”, não derramam o sangue familiar – talvez por alimentarem a esperança de que, nesse campo de batalha, mortos e feridos não são consequência direta de tiros e canhonaços.

Por fim, enfiados entre as cobertas, Pedro e Paulo conseguem contornar os fantasmas que os assombram – e, sufocando a excitação sexual que está mascarada nos assuntos políticos, dormem. Dormindo, Pedro e Paulo transferem as divergências que nutrem para um terreno um pouco menos sangrento, muito mais doce, embora igualmente antagônico: Flora.

---

<sup>590</sup> No romance *Dois irmãos*, de Milton Hatoum, embora com outra intensidade e diferente contorno dramático, há uma cena especular à retratada em *Esau e Jacó*. A soma desses dois momentos permite uma visualização parcial – ou insuficiente para caracterizar a rivalidade consanguínea – de um momento singular característico da perversidade fraterna: *O baile dos jovens havia começado antes do anoitecer. Às dez horas os adultos entraram fantasiados na sala do casarão, cantando, pulando e enxotando a garotada. Yaqub quis ficar até meia-noite, porque uma sobrinha dos Reinosos, a menina aloirada, corpo alto de moça, também ia brincar até a manhã da Quarta-Feira de Cinzas. Seria a primeira noite de Livia na festa dos adultos, a primeira noite que ele, Yaqub, viu-a com os lábios pintados, os olhos contornados por linhas pretas, as tranças salpicadas de lantejoulas que brilhavam nos ombros bronzeados. Queria ficar para pular abraçado com ela, sentir-se quase adulto como ela. Já pensava em se aproximar de Livia quando a voz de Zana ordenou: “Leva tua irmã para casa. Podes voltar depois”. Ele obedeceu. Acompanhou Rânia até o quarto, esperou-a dormir e voltou correndo ao casarão dos Benemou. A sala fervilhava de foliões, e no meio das tantas cores e das máscaras ele viu as tranças brilhantes e os lábios pintados, e logo ficou trêmulo ao reconhecer o cabelo e o rosto semelhantes ao dele, pertinho do rosto que admirava.*

*Livia e o irmão dançavam num canto da sala. Dançavam quietos, enroscados, movidos por um ritmo só deles, que não era carnavalesco. Quando os foliões esbarravam no par, os dois rostos se encontravam e, aí sim, davam gargalhadas de Carnaval. Yaqub ensombreceu. Não teve coragem de ir falar com ela. Odiou o baile, “odiei as músicas daquela noite, os mascarados, e odiei a noite”, contou Yaqub a Domingas na tarde da Quarta-Feira de Cinzas. Foi uma noite insone. Ele fingia dormir quando o irmão entrou no quarto dele naquela madrugada, quando o som das marchinhas carnavalescas e a gritaria dos bêbados enchiam a atmosfera de Manaus. De olhos fechados, sentiu o cheiro de lança-perfume e suor, o odor de dois corpos entrelaçados, e percebeu que o irmão estava sentado no assoalho e olhava para ele. Yaqub permaneceu quieto, apreensivo, derrotado. Notou o irmão sair lentamente do quarto, o cabelo e a camisa cheios de confete e serpentina, o rosto sorridente e cheio de prazer (HATOUM, 2000: 18-20).*

Na ficção machadiana, *os grandes eventos da História são tratados (...) através das histórias do cotidiano* (PEREIRA, 2000: 134), inclusive porque a literatura é uma espécie de espelho: *Os olhos do romancista refletem os objetos da sua observação* (BOSI, 1999: 14). E, nesses termos, qualquer leitura sobre os romances de Machado de Assis precisa estar atenta que

*Ficcinar o Brasil real é (...) uma forma de representá-lo. (...) ou seja, criar a partir de um modelo real, um outro, que deveria ser o verdadeiro, aos olhos do público nacional e estrangeiro* (PASSOS, 1996: 129).

Entre o Brasil “representado” (*um outro, que deveria ser verdadeiro*) e o Brasil “real”, são os olhos do conselheiro José da Costa Marcondes Aires<sup>591</sup> que imprimem as imagens que o leitor recebe: *o narrador sabe que a todos interessa edulcorar o pesado fardo da vida* (PASSOS, 1996: 130). Então, seguindo o princípio da economia das trocas simbólicas, quando o real é substituído pelo verossímil (que é uma forma de articular “diplomaticamente” o real), o verossímil (que jamais substituirá o real) se adapta melhor à representação do real e passa a ser celebrado como se fosse o real:

*o real choca, desagrada, ao passo que o verossímil possibilita o encanto do ouvinte ou do espectador: a atividade diplomática deve privilegiar um Brasil idealizado, cujas inconvenientes febres malignas só fariam realçar a imperfeição da realidade histórica* (PASSOS, 1996: 130).

Nesse jogo, em que as aparências procuram encobrir o real, ao mesmo tempo que subtraem o que deveriam mostrar, o enredo se revela em sua integridade: a dissimulação é uma arte que não se satisfaz em apenas enganar o leitor, faz-se necessário que o conjunto narrativo esteja impregnado dessa atmosfera, onde o real se apresenta cada vez mais distante do verossímil, embora ambos sejam dependentes da mesma mentira.

Para os irmãos Pedro e Paulo Santos, o dia 15 de novembro de 1889 termina na madrugada do dia 16 – analogamente a monarquia também finda na madrugada seguinte, a do dia 17, quando Pedro II aceita o exílio para si e para a família real. Nos dois casos, a crueldade das questões

---

<sup>591</sup> No jogo especular que institui a gramática narrativa de *Esau e Jacó*, o conselheiro Aires finge ser o narrador, enquanto o narrador finge ser o conselheiro Aires – ao longe, o escritor e o “editor” Machado de Assis contempla os dois, sem saber se a diversão está na duplicação das funções ou no truque narrativo.

políticas (o real) vai sendo lentamente trocada pela contenção proposta pela política familiar (o verossímil) – o adensamento do mundo exterior se esvai, se esvazia, perde a substância.<sup>592</sup>

---

<sup>592</sup> Uma análise famosa sobre *Esaú e Jacó* foi feita por Astrojildo Pereira, que afirma: *Com Esaú e Jacó entramos no limiar de um mundo diferente, de configuração ainda indecisa, onde a contradição entre o velho e o novo domina a situação; mas trata-se realmente de um mundo diverso, que se vai levantando em meio aos destroços do mundo antigo arrasado. Não é por acaso que a ação de Esaú e Jacó começa na monarquia e só termina nos primeiros anos da República. Com este romance o escritor faz a liquidação dos saldos do Segundo Reinado e estabelece o divisor das águas entre o tipo patriarcal e o tipo burguês de civilização, representados no terreno da organização política respectivamente pela Monarquia e pela República.*

Embora a opinião de Astrojildo Pereira tenha sido consagrada como um momento de lucidez analítica, cabe reparos. Por exemplo, qual é a definição de *um mundo diverso, que se vai levantando em meio aos destroços do mundo antigo arrasado*? Como defendem alguns historiadores mais críticos, o advento da República, e a conseqüente superação do *ancien régime*, não alterou em essência o Brasil. O regime republicano constitui, em essência, apenas uma troca dos operadores simbólicos do poder – apesar da vaidade excessiva do Marechal Deodoro da Fonseca e do despotismo pouco esclarecido do Marechal Floriano Peixoto. Resolvida a questão elementar, que é assentar interesses e contemplar os descontentes com o governo anterior, os “donos do poder”, na expressão consagrada por Raymundo Faoro, continuaram os mesmos. Aqueles que eram proprietários continuaram gerindo os negócios do país. O que ocorreu foi uma migração das correlações políticas, que se adaptaram – rapidamente – à nova situação, ou seja, à República. Nesse sentido, uma lição clássica sobre a transitoriedade de algumas ações políticas que parecem ser revolucionárias na forma, mas que conservam o conteúdo que dizem combater – mas que não combatem –, está retratada em uma cena emblemática do romance italiano *O Leopardo*, de Giuseppe Tomasi di Lampedusa. O Príncipe de Salina, Fabrizio Corbera, está conversando com o seu sobrinho Tancredi sobre o movimento de unificação italiana. Em dado momento, é surpreendido com o seguinte comentário: *Se nós não estivermos lá, eles fazem uma república. Se queremos que tudo fique como está é preciso que tudo mude. Expliquei-me bem?* (LAMPEDUSA, 1963: 32). Didaticamente, Tancredi, mostrando uma sabedoria política desproporcional à sua pouca idade, explica ao tio as regras básicas da sobrevivência política. Por analogia, poder-se-ia dizer que, no Brasil, entre o Império e a República, tudo mudou para que nada mudasse.

## **PEDRO E PAULA**

*Os dois eram gêmeos. Nunca tinha visto gêmeos antes, em carne e osso, e achei aquilo tudo fascinante, mas, ao mesmo tempo, ligeiramente repulsivo. Parecia alguma coisa quase indecente nessas circunstâncias. Na verdade, como eram um menino e uma menina, não podiam ser idênticos – a simples idéia de gêmeos idênticos provocou um arrepio de excitação secreta e misteriosa na minha espinha –; mesmo assim, deve haver entre ambos uma intimidade incrivelmente profunda. Como seria isso? Seria como ter uma mente e dois corpos? Se fosse assim, pensar nisso chegava a ser repugnante. Imaginem só conhecer intimamente, por dentro, por assim dizer, como é um outro corpo, com todas as suas necessidades... Como era possível? Fiquei louco para saber.*

**John Banville:** “O mar”.

A história dos gêmeos Pedro e Paula, cadenciada por um narrador intrometido, está conectada com muitos rumos e nenhum prumo: rumores.<sup>593</sup> Talvez, quem sabe, é possível, provavelmente, se assim lhe parece, pois é... Nessa história, onde o *talvez* e o *pois é* são estrelas candentes, há uma visível cadência no interromper as frases, deixando a indeterminação aparecer/se parecer como uma vaga brisa fraca, dessas que pretendem refrescar, mas que produzem mais calor, mais abafamento, aquecimento climático e, quiçá, algumas dúvidas (a)pós-modernas.

Passeando ao largo, como uma benfazeja sombra, essa sobra malévola dos indivíduos, a diversão favorita de nove entre dez estrelas de cinema: ficar *procurando no mundo em redor as palavras que (...) recuperassem do silêncio* (MACEDO, 1999: 44) a sensação de que o inimigo é um dos integrantes da família, o ódio escrito nos olhos do irmão, maldição atávica de quem somente consegue se identificar com a História no momento em que percebe que se tornou o oposto do Outro. Tarefa inglória, mas que (em dadas circunstâncias, quando o mundo perde a graça e ganha a inadequada seriedade) confirma prenúncios e delírios, embaralha as cartas em uma partida pendular, dessas em que o perdedor vence, o vencedor perde, o leitor ganha e perde, tudo é muito mais, às vezes demais, menos não é o nada: há que nadar nesse oceano, procurar por alguma praia, contemplar os destroços e estabelecer algum parâmetro que diminua o medo, embora o novo tenha o poder de atuar como um anestésico, para o naufrago qualquer tábua é cais, o entendimento é um exercício de cartografia, a paisagem domada, a confiança restabelecida, todas as imperfeições do terreno mapeadas – inclusive quando a certeza é apenas uma ilusão –, urge baixar âncora: suspeita-se que no meio do nevoeiro existam outros fantasmas. Parece pouco? Parece muito? *O que certamente não aconteceu foi o seguinte* (MACEDO, 1999: 11):

---

<sup>593</sup> É quase consensual entre os leitores de *Pedro e Paula* que o deslocamento (geográfico, político-ideológico, social) dos personagens estabelece parte significativa do cadenciamento narrativo. Lisboa (espargida pelo conservadorismo salazarista) é o ponto axial, o lugar para onde todos retornam, depois de mudanças e exílios, como típicos filhos pródigos. Pedro, Paula, Gabriel, José Pedro, Ana Paula e Fernanda transitam entre Lourenço Marques, Londres, Paris, Algarve, Johannesburgo – identificando, através do não-lugar, a inquietação e as angústias características do romance: *Pedro e Paula, segundo romance de Helder Macedo, pode ser lido como uma narrativa de peregrinações. Suas personagens procuram em diferentes tempos e espaços um sentido para suas vidas. As trajetórias dos protagonistas fundamentam a narrativa, cada uma emblemática das contradições e das transformações que moldaram o Ocidente na segunda metade do século XX. Para citar algumas: o feminismo, a queda do muro de Berlim, o desvio do foco da utopia de uma noção de “igualdade” para a de “pluralidade”, uma certa liberalização dos costumes de par com a sobrevivência de valores que aparentemente teriam sido ultrapassados* (SILVA, 1999).



Pedro e Paula são filhos gêmeos de José Pedro Montês e Ana Paula Freire. Retificando, ratificando: Ana Paula é a mãe: a maternidade é um fato, a paternidade – antes dos exames de DNA – sempre constituiu uma presunção (não é possível ignorar que em outros tempos, vez ou outra, alguns deuses ou demônios, usurpadores da identidade, invadiram leitos conjugais que não lhes pertenciam). Em outras palavras: esse é um terreno com areia movediça e o bom senso recomenda que não é salutar contrariar o macho que chancela o nome de família à criança registrada em cartório. Em caso de dúvida, melhor silenciar.

Apesar desses cuidados, antes de resumir o enredo desta farsa, cabe menção à importância no desenrolar da história do padrinho das crianças, também chamado de *demônio tutelar da família* (MACEDO, 1999: 38), Gabriel Afonso Roriz de Ayres e Vasconcellos, nome pomposo, insinuando relações nobiliárquicas, em que se destaca esse machadiano Ayres, e que, seguindo o exemplo pouco exemplar do Conselheiro,<sup>594</sup> dissimula a sua participação nos eventos, na medida em que a tragédia familiar desponta/desperta, *contando-me coisas que eu já conhecia de modo a ficar a conhecê-las mais incertamente, ou seja, com maior veracidade* (MACEDO, 1999: 173).

Gabriel aparece nos primeiros momentos da narrativa como uma espécie de “anjo da anunciação” – ou em versão intelectualmente mais pop: Humphrey Bogart fora de foco, fazendo pose de Richard “Rick” Blaine, que faz pose de “bad guy”, enquanto os olhos embaçados acompanham a decolagem do avião no aeroporto de Casablanca: *You must remember this / A kiss is still a kiss / A sigh is just a sigh / The fundamental things apply / As time goes bye.*<sup>595</sup> Depois, ao final da novela ou no início de um novo capítulo, quando o créditos começam a escorrer como uma inundação sobre a tela – que vai se alastrando por todos os cômodos da narrativa, inclusive nos trechos amorosos, com direito a usurpada trilha sonora (“*Play it again, Sam*”),<sup>596</sup> imaginam todos

---

<sup>594</sup> José da Costa Marcondes Aires, o Conselheiro Aires – personagem e narrador dos romances *Esau e Jacó* e *Memorial de Aires*, escritos por Machado de Assis, em 1904 e 1908, respectivamente.

<sup>595</sup> *As time goes bye*, música composta por H. Hupfeld, é o tema do filme *Casablanca* (dirigido por Michael Curtis, em 1942 – o roteiro foi adaptado por Howard Koch, Julius Epstein e Philip Epstein da peça “Everybody comes to Rick’s”, de Murray Burnett e Joan Alison).

<sup>596</sup> A frase *Play it again, Sam* não consta do filme *Casablanca*. A fala que mais se aproxima disso é a proferida por Ilze Lund: *Play it, Sam. Play “As time goes bye”*. Algumas cenas depois, Richard “Rick” Blaine também pronuncia frase similar: *You played for her, you can play it for me!*. Como recurso metalingüístico, “*Play it again, Sam*”, foi utilizada pela primeira vez no filme *A night in Casablanca* (no Brasil, *Uma noite em Casablanca*), dirigido por Archie Mayo, em 1946, e protagonizado pelos irmãos Marx. Reatualizando o tema do homem apaixonado que não consegue conquistar a sua amada, Woody Allen escreveu a peça de teatro “*Play it again, Sam*” (transformada mais tarde, no script do filme “*Sonhos de um sedutor*”, de 1972, e dirigido por Herbert Ross). Em contexto mais elaborado, uma variação da frase aparece em *Pedro e Paula*, quando a imagem residual (produzida pelo filme *Casablanca*) transforma-se em ferramenta literária: “*E temos aí um novo pianista, o Samuel, queria que ele tocasse A Portuguesa*

aqueles que viveram um fracasso amoroso) –, o leitor começa a suspeitar que Gabriel, como todo aquele que defende a dissimulação como conduta social, contribuiu significativamente na formação do triângulo escaleno que resultou no nascimento dos gêmeos.<sup>597</sup> Mas, mencionar o assunto nesse momento é “*uma indelicadeza, invasão de uma área que é melhor manter privada*” (MACEDO, 1999: 38), inclusive porque a narrativa vai nos mostrar, muitas páginas depois, outros desdobramentos, outras situações mal resolvidas sobre a paternidade dos irmãos – a indeterminação é de tal ordem que Gabriel e José Pedro se aproximam e se afastam de suas mulheres, deixando em cada uma delas um rastro de violência e sêmen. Enfim, ainda é cedo para especular com assuntos escabrosos como o incesto: “*Gabriel, há alguma possibilidade de que eu seja sua filha?*” (MACEDO, 1999: 36), pergunta Paula, logo depois de encontrar o futuro amante, em Londres – talvez pensando em uma velha história da mitologia familiar:

*E a jovem mãe, um dia, como a coisa mais natural do mundo, ouviu-se a dizer para os dois amigos depois de ter atentamente inspecionado os olhos ainda indefinidos dos gêmeos: “Engraçado, o Pedro tem os olhos do pai e a Paula do padrinho”*<sup>598</sup> (MACEDO, 1999: 29).

A pergunta formulada por Paula não pretende brincar de esconde-esconde; muito pelo contrário: torna pública segundas, terceiras e múltiplas vontades, inclusive um suave e gozoso complexo de Electra. A resposta de Gabriel é um contragolpe ou uma manobra evasiva sobre o que realmente aconteceu em outros tempos, em outros encontros de alcova: “*E nesse caso o Pedro*

---

*no salão e que toda a gente cantasse em coro”, o senhor doutor estava a ver, o pianista é um homem de cor, estrangeiro, (...) (MACEDO, 1999: 135).*

<sup>597</sup> Porque esse romance, para além de um pouco de tudo isso, é também uma história de amor, casualmente triangular – como quase todas as boas histórias de amor, necessariamente triangular para inserir um terceiro termo, uma terceira via, uma terceira margem não apenas nas opções afetivas, mas também ideológica e metafísicas. O duplo que se adivinhava na escolha dos gêmeos, na verdade, problematiza a sua evidente polaridade ao ver intervir na trama uma necessária terceira voz que com ele dialoga, disputa, ama, trama, luta. Não apenas Esaú e Jacó, mas a intermediação necessária de Isaac, mais consciente que logrado. E os triângulos se multiplicam. Triângulos amorosos que incluem sempre necessariamente Gabriel, que tem o nome e função de arcanjo, e que, não por acaso, é também Ayres (embora não utilize esse sobrenome), como certo autor de um Memorial oitocentista. Triângulos de amores incestuosos e de paixões clandestinas, triângulos de desejos escusos e de seduções insidiosas, de pérfidos acordos e temíveis traições. Enfim, dramas humanos: falências, fraquezas... e finalmente amores, desses que são inteiros e valem as dores porque ganham delas (CERDEIRA, 1998: 336).

<sup>598</sup> Maria Lúcia Dal Farra, destacando entrecruzamentos entre Helder Macedo e Machado de Assis, lembra que (...) aqui, uma outra dimensão machadiana tem lugar (...). Porque, reparem, Ana insiste em dizer, como num bordão que se repetirá no transcorrer do romance, que, engraçado, “o Pedro tem os olhos do pai e a Paula do padrinho”, o que é em absoluto improvável enquanto fato real, mas não enquanto dado intertextual. Os olhos sempre mutáveis de Paula, esse “perigoso fascínio daqueles olhos nunca os mesmos”, lembram, em muito, os olhos de ressaca de Capitu. Por sua vez, e de um outro ponto de vista, Paula ocupa, nesse novo contexto, o lugar de Ezequiel que, sendo filho de Bentinho, é a cara de Escobar. E, dessa maneira, atravessamos, ao que tudo indica, o limiar do universo casmurra (DAL FARRA, 2002).

*também? Ele não continua parecido com o pai?”* (MACEDO, 1999: 36). Como um gentleman ou um devasso, talvez sem saber qual papel desempenharia melhor, e fingindo ignorar sutilezas genéticas,<sup>599</sup> Gabriel omite detalhes sobre o que realmente aconteceu entre ele e Ana Paula – não há porque descartar a hipótese de Gabriel ter especulado sobre o custo/benefício de certas informações/interpretações, que poderiam comprometer futuros encontros amorosos com Paula.

O narrador, sem perder a chance de emitir um palpite, comenta a situação:

*E digam-me cá, acreditam mesmo que Gabriel não foi para a cama com a Ana, naquela noite? Antes certamente que não, mas naquela noite do véu. Eu palavra que não sei, mas tenho as minhas dúvidas. Sabem como é, ele tinha dito à Paula que não quando lhe perguntou logo à cabeça, é perfeitamente natural que nessa fase ainda indefinida da sua relação estivesse a ser apenas o cavalheiro discreto que lhe cumpria, (...), não revelando à filha as fadas da mãe* (MACEDO, 1999: 224).

A situação é perigosa, terreno minado, e por mais atraente que possa parecer o desassossego alheio – quem é que não quer olhar através do buraco da fechadura? – essas histórias, confirmadas ou inventadas, de traições conjugais, encontros furtivos e filhos ilegítimos, *É porque aqui [em Portugal] somos todos primos e primas. Ou irmãos e irmãs. Mas a gente disfarça* (MACEDO, 1999: 87), há que seguir outros caminhos, procurar por novas diversões trágicas, porque todo drama é em essência comédia, e se o interessado em assistir ao espetáculo não chegar no horário estipulado a bilheteria vende o ingresso para outro espectador.

Então, ciente de que *isso são ainda outras histórias que logo se vê* (MACEDO, 1999: 58), cabe deixar o assunto em suspenso. E na ausência de aquilatar com exatidão quem dormiu com quem, quem contribuiu com o que na fecundação dos gêmeos, basta conhecer o básico: há um rumor no ar, um desses momentos corriqueiros que surgem no imaginário popular sob a forma de conversas que ficcionalizam a verdade, que se sustentam ao beirar a mentira. Apenas uma dessas

---

<sup>599</sup> Beiguelman, discorrendo sobre particularidades da gemelaridade, afirma que *um parto múltiplo pode ser o resultado da fertilização de dois ou mais ovócitos expelidos simultaneamente, mas pode resultar, também, da superfecundação, isto é, da fecundação de ovócitos emitidos em ovulações sucessivas durante um único ciclo menstrual. No caso de mulheres monogâmicas é impossível saber se um parto múltiplo resultou de poliovulação ou de superfecundação. Sabe-se, porém, que a superfecundação existe, em decorrência de observações sobre superfecundação heteropaterna, isto é, casos de mulheres com mais de um parceiro sexual, as quais geraram gêmeos com pais diferentes, isto é, gêmeos dizigóticos que eram, de fato, meio-irmãos. Apesar de esses casos serem pouco mencionados na literatura pertinente (Sorgo, 1973; Terasaki et al., 1978; Spielmann & Kühml, 1980; Phelan et al., 1982; Wenk et al., 1986, 1992), é possível que sua frequência esteja em ascensão nas sociedades modernas, que propiciam aumento na frequência de parceria sexual múltipla e concomitante, como conseqüente aumento da frequência de coitos, que parecem induzir ovulação secundária (James, 1984; Forrest e Singh, 1990) (BEIGUELMAN, s/d: 24).*

tolices sem ética, que difamam as melhores famílias e que muitas vezes são alimentadas pela inveja ou pelo tédio.

Incapaz economicamente de manter a família em Lisboa, aquele com a posse dos papéis que asseguram-lhe a paternidade oficial dos gêmeos, José Pedro Montês, aceita trabalhar na representação diplomática de Ultramar, em Lourenço Marques,<sup>600</sup> capital de Moçambique, e carrega consigo a família para a África. Apoiado pela vaidade pessoal, *Ao menos começo por cima e não a carregar malas*” (MACEDO, 1999: 31), José Pedro lá vai oprimir, sob o nome do governo português, os negros e os degredados. Se sabia – ou não – que não há recompensa sem castigo, pouco importa, o fato é que trabalha em conjunto com a Polícia Internacional de Defesa do Estado (PIDE), ajudando na gloriosa tarefa de identificar os comunistas, os nacionalistas e todos aqueles que, irracionalmente, ousavam se opor ao jugo português. É essa a parte da tarefa “diplomática” de José Pedro Montês, como o narrador se encarrega de revelar quando declara que a dor é um instrumento pedagógico antigo, mas que nunca perdeu o prazo de validade – principalmente para o colonialismo português, que poucas vezes primou pela sutileza ou pela moderação na necessidade intrínseca de divulgar as qualidades do humanismo luso, mesmo nos momentos pouco grandiosos em que precisou recuperar a fraternidade insurreta para a sociedade portuguesa:

*E prontamente exhibia um grupo de terroristas recuperados, gratos, sadios, bem alimentados, prontos a irem dar as boas novas às populações de onde havia emanado – e essa era a grande vantagem em relação à política dos aldeamentos – logo que tivesse sido cumprido o último ritual simbólico da sua metamorfose. O qual consistia em que voluntariamente se deixasse marcar no ombro esquerdo – o lado subversivo – com o desenho de uma borboleta, no que todos prontamente concordavam, homens, mulheres, velhos, crianças com mais de cinco anos. José era todo a favor de símbolos, mas de início levantara uma objeção:*

*“O ferro em brasa não os magoa muito, Senhor Inspetor?”*

*“Ó Senhor Diretor, essa gente é muito dura, não sente como nós, isto para eles é até um alívio.*

*E explicou também as vantagens funcionais das marcas e de serem feitas nos ombros: por um lado, permitiam futuros controles, dificultando reincidências; e, por outro, se fosse, por exemplo, num braço ou numa perna, sabe-se lá se os terroristas não lhes cortariam depois, como vingança ou contrapropaganda.*

*“Acredite, Senhor Diretor, são capazes de tudo. Sendo nos ombros teriam de matá-los, e isso não lhes convém.”*

*Sabendo embora que todo o idealismo, para vingar, tem de ser pragmático, não ser simplesmente utópico, afirmar-se pelos resultados, e estes estava visto que eram positivos, José preferia em todo caso não assistir à implantação das insígnias, limitando-se a sublinhar o simbolismo da metamorfose da borboleta no seu discurso de despedida aos recuperados:*

---

<sup>600</sup> A feitoria de Lourenço Marques foi fundada em 1782. Com a independência da República de Moçambique, em 1975, a cidade passou a ser chamada de Maputo.

*“Vocês dantes eram vermes que se arrastavam no chão do terrorismo. Agora estão livres para voar. Podem ir”* (MACEDO, 1999: 97-98).

E assim, através da didática, faz-se a educação. O bom senso, como lição histórica, estava em não desafiar o poder central. Em caso contrário, nem tudo estava perdido, havia a hipótese do arrependimento: a borboleta gravada no ombro esquerdo era uma clara demonstração de afeto da Pátria para com os filhos – ou irmãos – pródigos ou desgarrados.

Felicidade é um intervalo entre duas tempestades: mudanças são efetuadas na paisagem, como se um elemento fosse inesperadamente acrescentado na pintura que durante anos decorou a parede do mundo – ou daquilo que, na falta de melhor expressão, é chamado de mundo. E como ninguém consegue escapar dos sortilégios da política, ou melhor, da História, Portugal precisou atravessar muitas complicações para, entre 1945 e 1997 (tempo que a narrativa devora famelicamente<sup>601</sup>), sobreviver a uma revolução, derrubar um governo decadente, estabelecer um pouco de (des)ordem na bagunça, os capitães, os soldados e parte do povo saíram às ruas em 25 de abril de 1974,<sup>602</sup> *rumo ao futuro e a Europa conosco, porque somos todos brancos e os pretinhos que se lixem* (MACEDO, 1999: 119). Então, adeus África, adeus amores que ficam, partir é sempre um momento lírico, escutem a canção tema (*It's still the same old story / A fight for love and glory / A case of do or die / The world will always welcome lovers / As time goes bye*) enquanto a tela em que está sendo projetada o filme é invadida por um colossal “The end”. Quer dizer, fim mesmo não há, porque todas as histórias são continuacões de outras histórias, de outros dramas, de outras comédias.

Ou na versão do cineclubista, um dos amigos de Pedro: *“É tudo uma grande foda”* (MACEDO, 1999: 116). Ou em uma outra (a)versão: *“... festa é festa, e essa já ninguém nos tira”* (MACEDO, 1999: 118). Sim, disse o brasileiro, *foi bonita a festa, pá*.<sup>603</sup> Por certo, foi bonita. Mas,

---

<sup>601</sup> (...) Pedro e Paula é também uma boa história da História. De 45 a 97 são 52 anos de história política, de opções frustradas, de festas traídas – mas “festa é festa”, mesmo que o apocalipse da revolução tenha chegado ao fim. E se Lisboa é Casablanca nos anos 40, Lourenço Marques é também a Casablanca nos anos 70, com direito a avionetes, pilotos, jogos de poker, gente falida, traições e até mesmo a um pianista, também Samuel, a tocar um só aparentemente extemporâneo *As time goes bye* nas noites do Hotel Polana, de frente para o mar africano (CERDEIRA, 1998: 337).

<sup>602</sup> Para um entendimento dos desdobramentos políticos, sociais e culturais da revolução de 25 de abril de 1974, ver, entre outros, MAXWELL, Kenneth. *O império derrotado: revolução e democracia em Portugal*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

<sup>603</sup> Inspirado na aventura portuguesa de 25 de abril de 1974, o compositor brasileiro Chico Buarque de Hollanda fez interessante reflexão na canção *Tanto mar*, de 1975: *“Foi bonita a festa, pá / Fiquei contente / E inda guardo, renitente / Um velho cravo para mim // Já murcharam tua festa, pá / Mas certamente / esqueceram uma semente / Nalgum canto de jardim // Sei que há léguas a nos separar / Tanto mar, tanto mar / Sei também quanto é preciso, pá /*

todo mudança enseja um novo olhar e por trás da alegria, do cheiro de rosas, cravos e alecrim, espargidos sobre Portugal e suas colônia de Ultramar, um novo dia raiou e a ressaca festiva pelo regime deposto prometia a volta da democracia em Portugal, a descolonização de África e outros pequenos/grandes acontecimentos dignos de ser retratados em um fado. Prometia um pouco mais. Faltou com a palavra: pois é, nenhuma novidade, política é a arte da decepção. Então, apesar do mapa estar aparentemente confuso, como se o narrador do romance houvesse errado em algum momento, difícil contar uma história tão complicada e optar por algo diferente do recomendado pelo manual de instruções. A questão é que toda escolha incide em significativa ruptura. Então, para evitar especulações e dissipar rumores, cabe retomar o curso da nave e acrescentar um pouco da história de Pedro e Paula, integrando-os à paisagem modificada, encaixando-os no enredo, *dramatis personae* que, por um instante, estavam na margem,<sup>604</sup> como que a observar a paisagem, sem muitos compromissos com o que lhes cabia no desenrolar dessa história.

Pedro e Paula nasceram na capital portuguesa, Lisboa, em 1945, no final de uma guerra – que, como é conhecimento dos mais antigos, é sempre o início de outra guerra – e passaram a infância e a adolescência em Lourenço Marques.

*“Tu és José Pedro, você é Ana Paula. Preenche-se assim o coeficiente narcísico dos pais, respeita-se a identidade própria dos filhos, tira-se a média, dá Pedro e Paula. Tem as conotações espirituais devidas: a pedra e o templo, a fundação e a invenção.”*  
*Coisas futuras? Mas assim ficaram, sem tempo para mais argumentos entre duas súbitas e simultâneas mudanças de fraldas* (MACEDO, 1999: 22).

---

*Navegar, navegar // Canta a primavera, pá / cá estou carente / Manda novamente / Algum cheirinho de alecrim.”* (HOLLANDA, 2006: 222).

<sup>604</sup> Mas, não em qualquer margem, esclarece Teresa Cristina Cerdeira – que mergulha no oceano que é o dissipar das alusões que encobrem/revelam os nomes dos personagens: *Pois é, o leitor sagaz há de evocar logo suas reminiscências bíblicas, encontrará os apóstolos e acreditará que encontrou a chave e o segredo. Não estará de todo errado, pode até ter certa razão, mas vai logo perceber que esse título [Pedro e Paula], já assim traidoramente em vertente feminina, tem mais a oferecer e se recusará a deixar-se enredar em desconfortáveis verdades unívocas. É então que, imbuído daquela “proverbial perspicácia” com que o narrador machadiano já o concebera, decide-se a evocar terrenos menos etéreos que os da palavra divina e descobre os gêmeos do seu autor de inspiração, que são também Pedro e Paulo, duplamente nascidos do fundo bíblico que os remete dos apóstolos aos imemoriais hebreus – também gêmeos – Esaú e Jacó. Deu um grande salto, esse leitor atento! E é bem capaz de, por essas virtuosas vias, descobrir que está no caminho certo para ir ao encontro desse casal de gêmeos nascidos em bom estilo nas comemorações do fim da Segunda Grande Guerra, na Lisboa de 45* (CERDEIRA, 1998: 335).

Coisas futuras?<sup>605</sup> Pois é, foi em paisagem tropical que os filhos de José Pedro Montês e Ana Paula Freire, desde o início, mostraram-se contrários no entendimento que estenderam sobre o mundo:

*Se um elefante mete medo a muita gente, dois elefantes metem medo a muito mais. Que é como se diz, irmãos é complicado mas gêmeos nem é bom pensar. Mesmo se, ou talvez ainda mais, quando biovulares e não idênticos como estes tinham de ser para darem menino e menina, ela de olhos verdes e ele castanhos, ela magrita e ele gorducho, ela frugal no seio esquerdo e ele imperioso no direito (MACEDO, 1999: 21).*

Os dias se prolongaram em calor e falta de afeto. Todas as histórias fraternas se parecem entre si na medida em que divergem em detalhes e acontecimentos. Essa não é uma exceção. Cientes de que *do que era importante geralmente não era preciso falarem* (MACEDO, 1999: 79), Pedro e Paula ambicionam por questões e respostas diferentes – e a trajetória dessas personagens confirma a expectativa: *Paula começou a falar antes de Pedro, como cumpre às meninas, Pedro começou a andar antes de Paula, como convém aos rapazes* (MACEDO, 1999: 29).

Nesse sentido, é preciso ouvir uma confissão do Narrador – que, em um primeiro instante, segreda aos olhos e ouvidos do leitor um “distanciamento” dos eventos narrativos, sua preocupação consiste em enumerar os fatos, no estilo “não tenho nada a ver com isso”. Patética mentira, visto que, a folhas tantas, deixar “escapar”, diante dos olhos atônitos do leitor que conhece o valor de uma opereta: escrever é mostrar um dos lados, aquele que agrada.

*“...tomei partido: gosto de Paula, apetece-me Paula, não teria tido os escrúpulos de Gabriel. É certo que também não teria razão para os ter tido, não sou padrinho nem fui amigo dos pais ou hipoteticamente amante da mãe, se é que são boas razões e não reincidentes hipocrisias de “logo se vê”. (...) “A contrapartida, em todo o caso, é que estou de má vontade com Pedro” (MACEDO, 1999: 54-55).*

Na medida em que os acontecimentos se desenvolvem, o leitor é convidado a igualmente mostrar má vontade com Pedro. Imagem da beleza, da coragem e da falta de desprendimento com

---

<sup>605</sup> Trechos de *Esau e Jacó* ecoam aqui e ali em *Pedro e Paula*, embora com prosódia, semântica, dicção e tom de voz diferenciado. A questão da expressão *Cousas futuras* é significativa. No texto machadiano, seguindo a regra da dissimulação, é pela voz da pitonisa que o vaticínio *Cousas futuras!* é pronunciado, antecipando que *Deus há de dar-lhes muitos benefícios. (...) Seus filhos serão gloriosos. É só o que lhe digo. Quanto à qualidade da glória, cousas futuras!* (ASSIS, 1990: 12). Ou seja, a profecia está edificada na afirmação, na garantia de que o futuro será inquestionavelmente “glorioso”. Em Helder Macedo, *Coisas futuras?* está sob o signo da dúvida, interrogando a condição de narração onisciência do enredo – como se o escorrer da narrativa fosse consequência de um impreciso livre arbítrio para o destino dos personagens. No entanto, a discordância decorrente da troca de sinais gráficos ao final da frase não modifica a riqueza do discurso intertextual, pois o texto de Macedo rende homenagem ao Mestre, dando-lhe uma nova estrutura semântica, mas conservando a indeterminação expressa na imaterialidade das “coisas futuras”.

as responsabilidades burguesas, Paula aparece como um símbolo positivo da independência feminina.<sup>606</sup> Pedro, ao contrário, evoca a imagem de irresponsável, bêbado e carente afetivo – isso se, em tom condescendente, não lhe for imputada toda a culpa pelas desgraças do mundo. Pedro não desmente as acusações – várias são verdadeiras –, mas... “*nem sempre o que dá jeito acontece e se tudo fosse só simetrias onde estaria a dialética*”? (MACEDO, 1999: 124), pergunta o narrador, referindo-se, é claro, a assunto diverso.<sup>607</sup> E esse método dissimulado, como que a copiar o do Conselheiro Aires, segue sua caminhada na direção planejada previamente de enaltecer Paula e denegrir Pedro.

Paula arruma as malas e ganha o mundo<sup>608</sup> – e isso não é metáfora desgastada e reciclada por escritor sem imaginação. Bonita, inteligente e determinada, o que poderia impedir a felicidade de Paula? Gabriel? Gabriel, certamente não. Basta lembrar de uma conversa entre os dois, em Londres:

*Sorriu como se para confirmar que assim era apesar das dúvidas legítimas que pudesse haver. “Imenso tempo, mais espaço do que preciso. Até um quarto livre, como se tivesse estado à tua espera.”*

*“O quarto destinado à filha que não tem?”*

*Ele hesitou um momento. Mas a provocação não era hostil. “És uma pérfida”, respondeu. “Vais dar cabo do meu sossego”* (MACEDO, 1999: 40).

---

<sup>606</sup> A propósito do seu relacionamento com as mulheres que são personagens de seus romances, o narrador, tendo por base a conversa que teve com uma leitora brasileira de seus livros, faz o seguinte comentário: *uma jovem universitária de lá que leu o meu último romance disse-me há tempos qualquer coisa do gênero de que nele eu trato as mulheres “bem demais”. Dadas as diferenças entre o português de cá e lá isto pode significar duas coisas: ou simpaticamente que sou um escritor que até dá gosto no tratamento das personagens femininas (sentido brasileiro) ou, a gozar-me imenso, que sou um parvo dum sentimentalão (sentido português). Devia ter esclarecido na altura. Outra dúvida que vai ficar sem resposta. E no entanto se assim fosse (em ambos os sentidos) até seria justo. Afinal devo-lhes tudo: nascer, comer, falar, andar, amar, e assim por diante até poder ir morrer um dia destes tendo gostado de viver. Acresce (e posso dizê-lo porque este livro não é dirigido ao mercado americano, onde gostar de mulheres é antifeminismo) acresce que como design não conheço nada mais completo nem mais interessante. De modo que obrigadinho e desculpem* (MACEDO, 1999: 216).

<sup>607</sup> Dissimulado e tagarela, irônico e bem-humorado, eis o narrador de Pedro e Paula. Aliás, mais do que narrador, personagem. Mais do que um personagem que fornece inúmeras opiniões sobre os acontecimentos, ainda faz pequenas aparições aqui e ali, como se necessário fosse insuflar um pouco mais de vento para que as velas do seu barco possa navegar por águas confiáveis – apesar de ele mesmo considerar que todo o seu esforço é fruto da invenção. Bem, invenção sim, mas não muito, pois não é possível separar isso e aquilo ou verdade e mentira – elementos que muitas vezes se confundem, cada um se transformando no outro, conforme a necessidade ou a circunstância. O fato é que o narrador, consciente de sua tarefa, manipula os fatos, através de comentários espirituosos ou de manobras dispersivas, visando obter maior efeito narrativo ou abrir vazios reflexivos.

<sup>608</sup> *Essa mulher inaugura um novo tempo, é a mulher da geração das que trabalham fora e, portanto, assumiram a rua como espaço também possível. Paula é uma transeunte, uma pedestre por excelência que se atreve, rejeitando séculos de submissão, a dominar o espaço e a querer mais do que o abrigo de uma casa* (FIGUEIREDO, 2002).



Perder o sossego, ganhar uma namorada: não parece ser um drama muito consistente – o amor é uma farsa, mas todos gostariam de estar no palco, interpretando a si mesmos, colhendo os aplausos.

Retomando o fio da meada: Paula saiu de Moçambique, deixou a família para trás, esqueceu histórias aborrecidas, acrescentou elementos ao seu currículo, meia dúzia de experiências, dessas que dariam para escrever um livro – outro livro, pois *Pedro e Paula* está em patamar diverso.<sup>609</sup>

Pois é, Paula, seguindo as regras da emancipação burguesa, fez a sua revolução particular, guilhotinou valores, elegeu novos ídolos e promoveu inúmeras festas.<sup>610</sup> Na bagagem, como um inventário de suas aventuras, esteve em alguns lugares significativos da história cultural europeia, carregou um amante com idade para ser seu pai (e há probabilidades que o seja), um incesto/estupro perpetuado pelo irmão e, não menos importante, criou uma filha, Filipa.

O círculo projetado para concluir a narrativa resulta em decepção: as extremidades não se encontram, não há intersecção. As dúvidas, como muitas vezes acontece em novelas com temas que tangenciam as relações afetivas, são maiores do que as respostas. Então, na tentativa de encontrar algum sentido ou explicação para as 236 páginas de narrativa *Pedro e Paula*, necessário se faz voltar um pouco no texto e esclarecer um par de coisas sobre Pedro. Segundo o Narrador,

*Até porque Pedro, bom, Pedro desde sempre manifestou uma invulgar inteligência, liceu brilhante, o aluno mais novo do curso de Medicina aos dezessete anos, vasta leitura, filosofia, ciências, os clássicos antigos e modernos, planos de investigação na área das neurologias, em música um pouco de Wagner a mais para o meu gosto mas isso era capaz de ser congênito. E também porventura demasiado crítico para se poder aventurar em precárias criatividades próprias, que aliás como diria a Paula não são obrigatórias, mas em todo caso sempre capaz de apreciar com intelecto o que lhe escapasse dos sentidos. Assim também seria nas relações humanas se uma mais funda compulsão o não impelisse por vezes a querer querer o que não queria por vontade de querer ou, o que não é a mesma coisa mas não deixa de estar relacionado, a confundir o desejo de ser querido com o desejo de querer. De querer só, sem desejar. E nisto, como em tanto mais, seria o oposto da irmã, o reverso geminado da moeda (MACEDO, 1999: 55).*

---

<sup>609</sup> (...) nota-se (...) um trânsito entre três espaços que chamaremos extremos, nacionais, visitados pelos personagens: Londres, Lisboa e Lourenço Marques. Cada uma dessas cidades em “L” funcionará na narrativa como fulcro simbólico de uma busca, consciente ou não, de valores e de chances de realização pessoal. E há também a dualidade do espaço regional, contrapondo Lisboa e a província (...) (SILVA, 1999).

<sup>610</sup> Mesmo para aqueles que consideram que o comportamento de Paula segue o instinto de uma mulher inconformada com a forma com que é tratada no universo masculino, há que se considerar que esse conjunto de atitudes não está formatado no romantismo heróico de quem acredita que pode mudar o mundo através do entusiasmo. Paula quer mudar a si mesma, mas esse ritual de passagem não pode ser efetivado como um ato unilateral. Toda ação está representada na linha do tempo histórico e Paula está consciente de qual o papel que está a representar no teatro das liberdades individuais. Por isso, não se furta ao desfrutar do prazer.

Argumentos fortes, sem dúvida, embora não sejam suficientes para justificar a antipatia do Narrador. Mas, a folhas tantas, não há como deixar de perceber a seguinte declaração: *o perigo vem de Pedro, Pedro é que é o meu rival no destino de Paula* (MACEDO, 1999: 54). Essas frases em primeira pessoa, que pululam aqui e acolá, intrigam. O complicado torna-se mais complicado quando encontra alguém que deveria estar fora da narrativa referir-se ao “meu rival”. Será que o Narrador armou paixão por Paula ao ponto de a proteger até contra os personagens que ele inventou? Ou, em tese ainda mais absurda, não será Gabriel o nome do Narrador? Dúvidas imensas, dívidas incomensuráveis, posto que as respostas podem estar fora da narrativa, como se não importassem à resolução do enigma. De qualquer forma, em tom condescendente, a respeito de Pedro esclarece o Narrador:

*(...) eu teria dado ao rapaz todas as boas razões para ter problemas, excelentes desculpas, um pretexto (e julgo que digo bem) comprovativo da sua prelapsária inocência face a predeterminações arbitrárias e fora do seu controle, responsabilidades alheias, sebastianismos a justificarem reclinções psiquiátricas num desperdício de chaises-longues* (MACEDO, 1999: 54).

Confuso, sem saber a que santo acender a vela da vez, o Narrador, para compensar essa deficiência de raciocínio e sem poder acrescentar graves defeitos em Pedro, continua a descrição do perfil:

*Já se viu e recordou que, quando bebês de mama, Pedro queria todo para ele, era tudo dele, o que, vendo também as coisas da sua perspectiva, como agora me cumpre, teria tornado a inoportuna irmã numa inadmissível intrusa que mal lhe havia dado tempo e espaço para nascer à vontade, uma malevolente usurpadora dos seus direitos naturais que era forçoso neutralizar. A probabilidade seria que Pedro crescesse triunfantemente grande e feio, dominador, irascível, um tirano. Mas nada é assim tão simples. Não era gordo nem magro, nem feio nem bonito, mais baixo do que alto, e se tinha os seus momentos de saturninas exigências também tinha riso fácil de boca inteira, inesperado, contagioso, com lágrimas nos grandes olhos castanhos de miope a embaciar-lhe os óculos* (MACEDO, 1999: 55-56).

O que o Narrador não pode negar é que sem a ajuda de Pedro não seria possível retirar Paula de Lourenço Marques e a instalar em Lisboa – e depois em Paris e depois em Londres. Sem Pedro a narrativa não seria narrativa, apenas um punhado de areia a escapar pelo vão dos dedos.

*A verdade é que depois de estabelecidos os seus direitos, depois de universalmente aceito que seus eram e devidos lhe tinham sido, Pedro até gostava de ser generoso. O que talvez também não deixasse de ser um progresso em relação ao temperamento confusamente idealista do pai, com quem já se viu que até era fisicamente parecido, uma modulação*

*mais sutil do mesmo desejo de não terem precisado de ninguém. Nessa modulação Pedro precisava que precisassem de si. E assim foi outorgando a Paula, em precoce capitalismo esclarecido, tudo aquilo que ela sozinha talvez nunca tivesse conseguido, que talvez nem soubesse que poderia ser legítimo querer ou só o viria a saber tarde demais, como a mãe, e como mesmo já na geração de Paula ainda era o destino mais favorecido para as mulheres pelos homens mais compadecidos.*

*Pedro compadeceu-se, mas fez mais.*

*Era domingo, calor pesado, corpos úmidos, fim de manhã. Paula na praia, como sempre. Pedro era mais raro, mas tinha ido. Viu-a de longe, a afastar-se de um grupo de rapazes, daqueles que fazem o pino e o pau de bandeira quando em calção de banho e tilintam as chaves do carro no bolso esquerdo das calças quando entram nos cafés. Eles a rir, olhando para a Paula a afastar-se. Pedro a notar que ela estava a chorar, ao vê-la a aproximar-se sem o ter visto.*

*“Paula! Olá! Então? O que foi?”*

*“Não quero, Pedro, não quero...”, foi só o que ela disse. E então chorou tudo, abraçada ao irmão.*

*“Vá... Vá... Vamos lá, Paula... Põe a saia e vamos.”*

*Subiram a rampa, seguiram depois pela Duques de Connaught a caminho de casa, pelo caril do domingo. Janelas abertas ao longo da rua, exalando as variantes do caril dos outros, camarão, caranguejo, galinha, coco em todos, e de todas as janelas a mesma canção: “Adeus, cidade.../ não te esqueças que parti/ e onde eu estiver há-de-estar/ alguém/ chorando/ por ti.” Depois o xilofone a dizer que já era uma hora: “Aqui Lourenço Marques, Rádio Clube de Moçambique.”*

*“O que foi, Paula?” Mas Pedro sabia o que teria sido. Deu-lhe a mão, seguiram assim sem que ela precisasse responder. “Tu sabes que és uma menina muito frágil... É diferente... És a minha irmãzinha... Vá, Paula. Cara alegre. Isso mesmo!”*

*Ou seja: foi Pedro quem a desafiou a ir com ele para Lisboa quando entrou na Faculdade de Medicina e ela ainda só contemplava angústias e impossibilidades nas ondas gradeadas da praia da Polana, a imaginar o que poderia haver do outro lado da rede protetora. Foi ele quem conseguiu apaziguar as legítimas, previsíveis e naturalíssimas objeções do pai, argumentando a perfeita lógica e boa economia de irem ficar os dois a viver no apartamento que tinha tido de ficar vazio na Padre António Vieira para se evitarem inquilinos de quem mais tarde se não conseguissem libertar, como era a lei salazarista do tempo, ou sequer aumentar a renda. Que, tendo estabelecido o argumento financeiro, acentuou junto à mãe o estímulo intelectual de que a sonhadora filha tanto carecia. Que exortou ambos a acreditarem no que muito gravemente asseverou ser a genuína vocação artística de Paula lembrando o piano que ela tocava desde pequena, a pintura em que agora passava ainda mais tempo do que passava na praia: “bem sabem que não me considero estúpido, mas a Paula nasceu a saber o que eu tenho de aprender”. E como Paula, mesmo só com o curso geral dos liceus e sem disposição para os adicionais dois anos pré-universitários, já podia entrar na Escola de Belas-Artes que (e Pedro riu) certamente não era o antro de perdição moral que em Lourenço Marques se imaginava, sossegassem, confiassem nele, tomaria conta de tudo, desde a moral às finanças, controlaria a mesada de ambos, lá o teriam a protegê-la, a encorajá-la, a ser o seu irmão mais velho (riu de novo), pois não fora para isso mesmo que tinha nascido cinco minutos antes dela? Confiavam ou não na sua sensatez, na sua maturidade? Confiar, confiavam. Mesmo assim não estava a ser fácil. Mas o argumento sentimental que guardara para o fim teve o seu devido efeito: pois não viam que a irmã seria para ele a única companhia capaz de o compensar de ter de ir viver tão longe dos pais? (MACEDO, 1999: 56-58).*

Pedro foi para Lisboa estudar medicina<sup>611</sup> e levou Paula consigo, como que a lhe assegurar defesa contra o *que poderia haver do outro lado da rede protetora* (MACEDO, 1999: 57). O que aconteceu, estando os dois em Lisboa, foi o contrário: *porque sim e porque não, Pedro dera a Paula as fundações da sua liberdade* (MACEDO, 1999: 59). Generoso, Pedro deixou a irmã partir para outras terras, viver outras aventuras, aprender a distinguir entre o certo e o errado (sem que alguém, escorado no autoritarismo da experiência familiar, pudesse protegê-la de más escolhas). Então, sozinho, na capital do império colonial, Pedro encontrou alívio, bons camaradas, álcool, tranqüilizantes químicos e mulheres. Dessas últimas não era exatamente um assíduo freqüentador:

*E os amores, Pedro não os tinha? Amores amores não teve, e também não era muito adepto das excursões semanais ao Bairro Alto com os colegas, honra lhe seja, só uma ou outra das terapêuticas enfermeiras de libido fácil em que ocasionalmente tropeçava. Até que teve, quando julgou que ia ser uma dessas e depois percebeu que não, que era uma indefesa virgem de província com tendências esquerdistas e recém-chegada a Lisboa. Pequenita, cara bonitinha, um sorriso lindo, olhos muito atentos, peito cheio, pernas curtas e ancas sólidas prenunciando futuras expansões, mas tão radiosamente jovem e aberta e confiante que dava logo vontade de protegê-la. Ou deu a Pedro, pelo menos por uns tempos. Mas foi precisamente por aí que surgiu o seu primeiro problema porque, não sei se já deu para entender, ele sempre tinha tido uma certa dificuldade em reconciliar afetos simultâneos mesmo quando funcionassem em registros diferentes como pai e mãe, irmã e namorada, e a pobre moça de fato não teve uma chance. Chamava-se Fernanda* (MACEDO, 1999: 59-60).

Mas, as outras parcelas – os bons camaradas, o álcool e as drogas químicas – foram contempladas com grande esmero:

*O que entretanto aconteceu foi que na timorata Lisboa universitária do início dos anos 60 não havia muitos estudantes com casa própria, a hospitalidade de Pedro tornou-se lendária, o whisky, os Lucky Strike de contrabando, o bridge até altas horas, a sua cultura também, livros, discos, jornais e revistas estrangeiras, uma elaboradíssima alta-fidelidade, até o piano embora ele não tocasse e fosse um presente da mãe para Paula. Provocou as necessárias invejas para criar admirações, amizades talvez menos. Mas em todo caso criou uma pequena corte à sua volta, sempre em terreno próprio, recostado na poltrona, entre paredes, estudando, lendo, ouvindo música, falando para e sendo ouvido por quem o visitasse* (MACEDO, 1999: 59).

---

<sup>611</sup> Se todo texto está contaminado, sob diversas formas e circunstâncias, *pela soma de relações de contato entre um emissor e um receptor* (NITRINI, 1997: 127), advindas das influências de textos preexistentes, numa relação dinâmica de intertextualidade, então resulta interessante ouvir a voz firme (misturando sabedoria e blague) de Afonso da Maia: “Num país [Portugal] em que a ocupação geral é estar doente, o maior serviço patriótico é incontestavelmente saber curar” (QUEIROZ, 2001: 73).

Pois é, muitas coisas aconteceram em Lisboa, como Pedro relatou nas duas cartas que (não) enviou para Lourenço Marques.

*Sim, acabei tudo com a Fernanda. Eliminei-a da minha vida. Segui os vossos bons conselhos. Não amarrei o meu futuro a uma provinciana convencional e gananciosa de africanistas benesses que nunca me poderia acompanhar nos meus sublimes vôos. Mas a provinciana tinha desprezado as convenções. Ficou grávida. Insisti num aborto. Fiz-lhe promessas. Chamou-me de assassino. Fiz-lhe mais promessas. Casamento logo que acabasse o curso. Entretanto chegaram vossas cartas. Os bons conselhos mais o cheque da mesada. Tirei o resto da mesada da Paula. Que não fez perguntas. Mas deixou. Aceita sempre tudo. Não quer saber de nada. Foi o suficiente para pagar um aborto semiprofissional. Nem sequer a acompanhei. Por medo da Ordem dos Médicos. A que talvez nunca venha a pertencer.*

*E o pior vem a seguir.*

*Escrevi-lhe. Uma carta muito clínica a explicar que o filho nunca poderia ter sido meu. Por esterilidade comprovável com certificados médicos. O dinheiro para o aborto fora um gesto final de compaixão. Uma despedida triste. Decepcionada. Definitiva. Fui firme. Fui generoso. Não fiz julgamentos morais. Fui magnânimo. Sou isso (MACEDO, 1999: 62-63).*

Sim, Pedro é isso. Mas também é um pouco menos, o veneno escorrendo pelo canto da boca, quando, nesta mesma carta, deixa escapar uma frase perversa, fruto do ressentimento: (...) *que até a puta da Paula decidiu ir (...) (MACEDO, 1999: 63).* Puta é um adjetivo grosseiro, extemporâneo, tradução de um sentimento latente que germinava como uma doença, dessas que irrompem abruptamente – mas que estava a se desenvolver desde longa data. Pela primeira vez, o conflito fraterno entre Pedro e Paula estabelece uma linha divisória, porque embora Paula aceite certas situações, *Tirei o resto da mesada de Paula. Que não fez perguntas. Mas deixou. Aceita sempre tudo. Não quer saber de nada (MACEDO, 1999: 62)*, há um limite para algumas coisas, momento em que a derradeira gota se transforma em ruptura das barragens emocionais.

Mas, em uma outra carta – que foi enviada, relata o narrador, em 30 de novembro de 1967, para Lourenço Marques –, Pedro revela que o mundo de Paula está aquém das quatro paredes do apartamento em que ela e o irmão estão habitando:

*Estive adoentado mas sosseguem, nada de grave. Apenas uma gripe. Talvez excesso de trabalho, o corpo a pedir descanso. Dormi três dias de seguida, aproveitando a ida de Paula ao Porto, com uns colegas. Uma exposição coletiva em que tem dois quadros. Um deles francamente bom, com o Matisse menos visível. A nossa artista faz progressos! (MACEDO, 1999: 63).*

É difícil entender essa mistura de elogio e crítica (*o Matisse menos visível*), em que Pedro associa o cansaço e o alívio com a ausência de Paula (*Dormi três dias de seguida*). Ao mesmo

tempo, nas entrelinhas, Pedro envia para os pais um aviso velado sobre as futuras peripécias de Paula (*ida de Paula ao Porto*). Pedro pressente que no instante em que Paula se libertar das amarras familiares criará um vazio na sua vida. Ele não pode suportar que as pessoas não dependam dele. Por isso se ressentido quando ela encontra abrigo em outros amigos, em corpos diferentes do dele.

Em outro trecho dessa mesma carta, Pedro torna claro algumas questões relevantes do relacionamento fraterno:

*Aliás devo dizer-vos (e certamente já perceberam) que tenho andado muito preocupado com a Paula. Não vos quero alarmar. Tenho certeza de que nada de grave lhe poderá acontecer. Hesitei mesmo se vos devia dizer alguma coisa. Mas acho que devo. Estou longe de ser um puritano. Não costumo fazer julgamentos morais. Mas ela exagera. E arranhou uma médica que também não ajuda. Que faz tudo o que ela pede. Que até lhe dá pílulas anticoncepcionais clandestinas. O lado positivo da questão é que pelo menos não corre o risco de ficar grávida, de ter que fazer um desses terríveis abortos clandestinos que cada vez há mais por aí. Mas a Paula mudou muito. E não só em relação a mim. Nunca me esqueço daquela inexplicável confrontação com o Papá, quando vieram de férias no ano passado, na véspera do vosso regresso a Moçambique. Já nessa altura senti que eu é que não tinha correspondido à vossa confiança em mim. Que nunca a deveria ter encorajado a vir para Lisboa comigo. Ela é que vive “à experiência”. Como se não houvesse limites naturais. Como se todas as regras morais fossem um desafio. Só servissem para serem violadas. E depois sai do lado de lá, sempre com aquele aspecto inocente de gata muito limpinha, passinhos de veludo e ares superiores. A não precisar de nada. De ninguém. O meu receio é que alguém um dia a magoe. Ficaria tão espantada que talvez nunca conseguisse recuperar. Seja como for, podem estar certos de que continuarei sempre a fazer tudo o que puder para a proteger. Posso é cada vez menos. Ela já não deixa. Mas os gêmeos (vem dos livros) têm estranhas telepatias entre si. Certamente saberei logo se ela de fato alguma vez voltar a precisar de mim (MACEDO, 1999: 66).*

*Paula mudou muito*, escreve Pedro – em tom magoado. E complementa: (...) *nunca a deveria ter encorajado a vir para Lisboa comigo*. E assim, acrescentando um pouco aqui, mais um pouco ali, Pedro vai construindo um discurso insuflado por uma sensação de abandono.<sup>612</sup> Pedro queria que Paula sempre estivesse ao seu alcance, a ajudá-lo a resolver essas complicações em que os homens vivem atolados, o nome de Fernanda, apesar de não pronunciado neste trecho, aparecendo no horizonte, farol que escurece o horizonte como uma cicatriz. Contrariando as expectativas do irmão, Paula quer singrar em outros mares, como que determinada a descobrir novas terras, novos continentes. Essa pequena oposição “geopolítica” institui um impasse: apesar de afirmar que não é um puritano, Pedro fica escandalizado ao saber que Paula desfruta de uma

---

<sup>612</sup> *Linguagem e inconsciente não se separam. O inconsciente e sua força produtiva estão no discurso, o constituem e aí se dizem sempre* (BRANDÃO, 1996: 80).

vida sexual ativa. A noção de pertença se esvai quando o indivíduo desejante entende que o objeto desejado usufrui de outros desejos, de outros gozos, de outras sensações. A perda é sinônimo de vazio. E esse vazio gera uma necessidade de preenchimento,<sup>613</sup> seja como negação, seja como sublimação.<sup>614</sup>

*E depois sai do lado de lá, sempre com aquele aspecto inocente de gata muito limpinha, passinhos de veludo e ares superiores* (MACEDO, 1999: 66): Paula é uma dissimulada, afirma Pedro, querendo negar que é ele que dissimula, que é ele que gostaria de fazer pose de *gato com passinhos de veludo e ares superiores*. Pedro quer atenção exclusiva e o que agrava suas queixas está no fato de que Paula fugiu de seu controle. A aflição devora Pedro, porque ele não consegue entender porque perdeu as duas mulheres mais significativas de sua vida – a irmã e a amante. Em outras palavras, as relação afetivas de Pedro entram em colapso.

Nesse momento, a sensatez aparece nas palavras de uma terceira mulher, a mãe. Em resposta à carta de Pedro, Ana Paula escreve, em 11 de dezembro de 1967:

*Não se pode, não se deve amar só por amizade, por compaixão, apenas por nos amarem. Seria a pior das traições, é a pior crueldade que se pode fazer a alguém de quem se gostou, é trair um afeto verdadeiro com um falso sentimento* (MACEDO, 1999: 68).

As palavras de Ana Paula, embora direcionadas ao relacionamento de Pedro e Fernanda, servem para identificar o problema de Pedro com Paula. Aquele que ama com intensidade também permite que hajam separações intensas, desconectadas com a mesquinha da posse, da acumulação afetiva.

E a escrita de Ana Paula continua esclarecendo alguns dos inúmeros pontos obscuros que margeiam a fraternidade:

*Quanto ao que dizes sobre a Paulinha, talvez te choque e julgues que é a nossa “habitual conspiração de mulheres” (lembras-te como ficavas zangado?), mas fiquei mais inquieta por ti do que por ela. Tanta agressividade! Tanto ressentimento! Não será que ela tinha alguma razão, se era isso que estava a sugerir quando se propôs a sair de casa para poderes viver lá com a Fernanda, que a presença dela junto a ti poderá ter contribuído*

---

<sup>613</sup> A linguagem se constitui como contornando um vazio, às bordas de um real que não se diz, sempre apontando ou encobrindo o não-todo de uma verdade que está sempre se construindo (BRANDÃO, 1996: 72).

<sup>614</sup> Termo derivado das belas-artes (sublime), da química (sublimar) e da psicologia (subliminar) para designar ora uma elevação do senso estético, ora uma passagem do estado sólido para o estado gasoso, ora, ainda, um mais-além da consciência.

Sigmund Freud conceituou o termo em 1905 para dar conta de um tipo particular de atividade humana (criação literária, artística, intelectual) que não tem nenhuma relação aparente com a sexualidade, mas que extrai a sua força da pulsão sexual, na medida em que esta se desloca para um alvo não sexual, investindo objetos socialmente valorizados (ROUDINESCO; PLON, 1998: 734).

*para as tuas dívidas? Ou, pelo contrário, para te teres sentido atraído por alguém tão diferente dela? Os comentários que nos fazias sobre a Fernanda eram sempre em contraste com a tua irmã...O que é natural, a Paulinha é a rapariga que conheces melhor, a única rapariga que realmente conhecias. O modelo feminino, para os rapazes, costuma ser a mãe, mas bem sei, e acredito que não tenho ciúme, pelo menos já não tenho, já me habituei, o teu tornou-se a Paulinha. E ela está consciente disso (MACEDO, 1999: 69).*

Para o gêmeo, o duplo se confunde com a imagem especular. É no Outro que ele se projeta. Ana Paula enfatiza essa circunstância: *O modelo feminino, para os rapazes, costuma ser a mãe, mas bem sei, (...) o teu tornou-se a Paulinha (MACEDO, 1999: 69).*

Diante da mediocridade em que se tornou sua vida, as aulas, o fracasso amoroso, o consumo excessivo de álcool, Pedro vê a vida social intensa de Paula, as viagens, os inúmeros namorados, a alegria radiante. Dilacerante é a dor da impotência.

Os irmãos são opostos: enquanto Paula é áläcre, Pedro é macambúzio. Paula simboliza manhãs de sol – Pedro se esconde em noites chuvosas. E como todo bom ressentido, Pedro coloca os seus sentimentos em conserva, deixando o tempo fazer o trabalho de maceração. Somente quando o fel e a bÍlis estiverem destilados, somente quando o processo químico se completar e a substância resultante comprovar um grau de pureza absoluta é que haverá a explosão emocional – momento em que não mais poderá haver retorno ou negociação.

Enfim, Pedro deseja para Paula uma vida tão medÍocre quanto a dele.

A solidariedade masculina, por outro lado, se apresenta na carta, datada de 12 de dezembro de 1967, que lhe é enviada pelo pai.

*Estou indignado com o comportamento da tua irmã. A culpa porém não é tua. É dela, que devia saber portar-se como uma mulher honesta. E se a culpa é de mais alguém então é nossa, minha e de vossa mãe, por não a termos sabido disciplinar, por a termos deixado sair do nosso controle. A responsabilidade de ela ter ido tão nova para a metrópole também não foi tua. Foi de vossa mãe, que lhe meteu idéias na cabeça desde pequena, e minha, que permiti. Como se uma rapariga pudesse ter o teu sentido de responsabilidade. Tu fizeste o que podias para ajudar a tua irmã e mais não poderias ter feito. Mas tenho de desabafar contigo. Faz-me vergonha sabê-la assim, a entregar-se a qualquer. Não foi para isso que a criamos. E agora escreveu à vossa mãe a dizer que quer ir para Paris por causa da pintura. Da pintura que põe na cara para atrair os homens? O melhor seria que viesse para aqui. Mas não a posso forçar porque já atingiu a maioridade. Só poderia cortar-lhe as mesadas. É tão irresponsável que disse que se lhe pagássemos a ida a Paris depois prescindia do nosso apoio financeiro. Deus sabe as poucas-vergonhas que faria sem dinheiro, que tenciona fazer para o obter. Se quer tanto ser independente, aqui teria a possibilidade de ensinar no liceu, de trabalhar honestamente. De se tornar numa mulher respeitável. De se casar, se algum homem honrado ainda a quisesse como esposa. Mas a vossa mãe encoraja-a em todas as loucuras, aceita todas as vergonhas. Até já me tentou convencer de que Paris seria uma possibilidade a considerar. Como se mesmo financeiramente fosse fácil, para não falar no resto. Como se eu catasse dinheiro na carapinha dos pretos. Vive num mundo irreal, a vossa mãe. Não é controlável e por vezes*



*faz-me aceitar o inaceitável só para a pacificar. Tu, que praticamente já és médico, poderás entender como é difícil. O meu receio é que a filha tenha herdado o desequilíbrio da mãe. Mas não falemos mais disso. Quero só que me comuniqués o nome e o endereço da tal médica. A Ordem dos Médicos deve ser informada do seu procedimento* (MACEDO, 1999: 71-72).

*Estou indignado com o comportamento da tua irmã*, exclama o pai, em uma carta que deveria apoiar o filho, mas que se perde ao revelar uma política de submissão para o comportamento das mulheres. O pai deseja para a filha um destino “comportado”, repleto de pequenas hipocrisias pequeno-burguesas: (...) *de trabalhar honestamente. De se tornar numa mulher respeitável. De se casar, se algum homem honrado ainda a quisesse como esposa* (MACEDO, 1999: 72). Entorpecido pelo que considera desobediência aos “valores familiares”, o pai ignora o que verdadeiramente está ocorrendo com os filhos e, na contramão da sensatez, fomenta o sentido da perda de Pedro. De uma maneira ou de outra, o desejo do pai é o de trancafiar a filha em uma cela – e, dependendo do comportamento futuro, marcá-la com o ferro em brasa da submissão.<sup>615</sup>

Mais perto do real, Paula, em Londres, lá pela segunda metade do emblemático ano de 1968, depois de passar uma temporada em Paris (onde respirou os ventos que foram soprados pelo segundo mês mais cruel do ano, maio, aquele mesmo que, para surpresa dos burgueses surpresos, exigia que a imaginação tomasse o poder ou alguma coisa de idêntico calibre<sup>616</sup>), recebe uma carta de um dos amigos de Pedro:

*“Aquele carta... Tenho de ir amanhã para Lisboa. O Pedro precisa de mim.” O silêncio de Gabriel fê-la dizer como que a desculpar-se. “É tudo quanto sei...” Tirou a carta da bolsa. É de um amigo dele, de um colega. Mais colega do que amigo, julgo eu. Mas ao menos escreveu. Nem vale a pena ler, faz muitos rodeios, não diz nada de concreto. Mas termina mais ou menos assim: o Pedro precisa urgentemente de ter junto dele alguém em quem confie e, de preferência, alguém que o ame.” Paula abriu a carta e leu o resto: “Pensei em escrever aos vossos pais, mas creio que você é a única pessoa que reúne as*

<sup>615</sup> A generosidade que Paula dispensará à mãe e ao irmão, mesmo após ter seu corpo invadido pelos dois, não se estende ao pai. José Pedro é exemplarmente punido pela filha que lhe dedica o mais profundo silêncio desde que deixa Lourenço Marques e o passado colonial que ele representa. Parece que a “política dos espíritos” não consegue “pacificar” Paula, que se recusa a seguir o destino previsto pelo pai que a quer “ensinando no liceu” e “trabalhando honestamente”. Para José Pedro, a filha tem em África a possibilidade de se tornar “numa mulher responsável, de se casar se algum homem honrado ainda a quisesse como esposa”.

Ironia da narrativa. Paula tem a borboleta gravada não no ombro, a ferro quente, como o pai permitiu que fizessem aos africanos que tencionava “recuperar”. Paula tem borboletas com asas enormes na alma, por isso, rompe com o pai, porque não pode lhe perdoar um pecado infinitamente maior. José Pedro permitiu que para além do corpo de Paula, todo o corpo social fosse atingido, compactuando com um regime de opressão e tortura (FIGUEIREDO, 2002).

<sup>616</sup> Para uma interpretação literária do contexto parisiense em maio de 1968, ver ROLIN, Olivier. *Tigre de papel*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

*duas condições.” E a carta já foi escrita há mais de uma semana, Gabriel. De modo que está a ver, tenho de ir amanhã (MACEDO, 1999: 49-50).*

Ciente de que não pode fugir do destino, Paula abandonou Londres (e Gabriel), voltou para Lisboa:

*Paula foi encontrar o apartamento sem gás nem eletricidade, telefone cortado, mulher-a-dias desaparecida, só havia água porque Pedro talvez se tivesse esquecido de não pagar a conta. Colchão na sala, encostado aos alto-falantes, um de cada lado, gramofone toscamente ligado a uma bateria de automóveis a produzir um Wagner ondulante e retardado, tubos de Pervitin, garrafas vazias de whisky, cinzeiros a transbordar, restos de espagete embutidos em pratos e panelas, fragmentos de pão duro, laivos verdes de fiambre, o cheiro de poeiras e tabaco flutuando sobre outros, mais acerbos (MACEDO, 1999: 75).*

Paula, sem muitas surpresas, encontra Pedro nesse cenário de destruição – resultado de alguma catástrofe, quiçá um furacão ou um terremoto ou, em caso mais próximo do real, uma vida degradada.

*O primeiro impulso de Pedro, barba de dias e cabelo gorduroso colado à cabeça, havia sido correr para a irmã. Mas parara antes de chegar ao esboçado abraço, deixara-se ficar hesitante, com um riso nervoso, entre solícito e agressivo, assustado, forçando uma naturalidade incongruente. Começou em vez a mexer nos controles do gramofone. “Excelente gravação. Solti. Pena o som. A bateria está descarregada. Desculpa lá.” Ouvir música juntos sempre fora o seu código de intimidade. “Amanhã. Ouviremos amanhã. Agora desliga.” Paula levou a mochila e a mala adicional com os presentes londrinos para o seu antigo quarto, que ao menos parecia estar como o deixara. Foi verificar os estragos no resto do apartamento, voltou à sala, desligou ela o gramofone, com o Pedro ainda a rondar, tenso, aguardando inquisições. Mas ela aproximou-se, passou-lhe a mão na cara. “Pois é. Pareces um cineclubista. Vá, duche de água fria e barba feita. Para dar as boas-vindas à sua irmã.” Pedro foi, aliviado pelo adiamento, com um “está bem” de criança dócil (MACEDO, 1999: 75-76).*

Como uma criança dócil, prestes a ser repreendida depois de uma travessura. É assim que Pedro se apresenta para a irmã – fingindo, através de um dos muitos truques da dissimulação, que a imagem corresponde ao objeto refletido. Como acontece habitualmente, a máscara não foi corretamente afixada ao rosto do péssimo ator – mas isso pouco importa nesse momento, Paula veio socorrer Pedro, como se, em um daqueles filmes de outrora, ambientados no velho oeste estadunidense, a cavalaria chegasse no último minuto para socorrer as carroças cercadas pelos índios sanguinários.

Depois de fazer uma faxina rápida no apartamento, Paula começa a estabelecer uma ordem na desordem emocional do irmão:

*Foi para a sala e quando Pedro voltou, atabalhoadamente vestido, cabelo úmido, mas a cheirar a lavado, fez-se uma grande festa de aprovação:*

*“Bravo, isso mesmo! Agora já podemos ir à rua despejar o lixo e comprar velas, antes que anoiteça.”*

*“À rua? Não posso! Podem estar à minha espera!”*

*“E também fruta”, continuou Paula como se não tivesse ouvido, “queijo, leite e pão. E flores. Depois ponho a mesa como dantes e fazemos um piquenique à luz da vela. Tens de me ajudar, Pedro, não consigo carregar tudo sozinha. Tu sabes que preciso sempre da tua ajuda, sou uma menina muito frágil, não te lembras?” E depois de uma pausa, como se ele hesitasse: “Não estava ninguém lá fora quando cheguei.”*

*Isso pareceu sossegar Pedro, era como se ela já soubesse de tudo, se como tantas vezes não precisasse de dizer o que estava a pensar para ela saber.*

*“Está bem...” (MACEDO, 1999: 76-77).*

*Sou uma menina muito frágil:* Paula sabe a importância de determinadas palavras pronunciadas em ouvidos sequiosos por agrados. Olhando para Pedro, que está tomado por um surto paranóico, Paula adoça o impulso destrutivo do irmão deixando-o ouvir que ela (a irmã, a mulher, o complemento físico e emocional) depende dele – manobra psicológica que sutilmente mascara um fato primário: Pedro depende de Paula (e a presença da irmã é a prova efetiva dessa necessidade).

Paula, ciente de que a aflição que corrói Pedro não pode ser superada apenas com a sua presença, elimina riscos desnecessários e estabelece um novo ordenamento à cena: *“Amanhã contas-me tu as tuas aventuras. Ou quando quiseres. Se quiseres. O importante é que estou aqui”* (MACEDO, 1999: 77). Para Paula, o irmão precisa – em um primeiro momento – ser agasalhado com carinho e compreensão:

*(...) o sorriso de Pedro descontraiu-se, os olhos começaram a fechar-se, murmurou qualquer coisa sobre Pervitins e precisar de não adormecer, Paula levou-o para o quarto, ajudou-o a despir-se, ajudou-o a deitar-se, tapou-o, aconchegou-o, beijou-o na testa, apagou a vela e saiu, podendo finalmente deixar as lágrimas correr (MACEDO, 1999: 77).*

As relações fraternas estão edificadas em diversos graus de dificuldades – para que as áreas de atrito não se transformem em conflitos irreversíveis, em muitas situações, quando não surge a possibilidade de um acordo que contemple adequadamente as demandas de cada uma das partes, cabe àquele que estiver imbuído de um espírito mais altruísta esquecer questões menores ou idiossincráticas. Paula aceita esse pacto, mesmo sabendo que esse tipo de atitude resulte em perdas

pessoais significativas: muitas vezes a fraternidade é uma relação de mão única, em que um dos integrantes precisa atender as sensibilidades do outro, ignorando as próprias. A intenção de Paula é estabelecer um elemento civilizador nas disputas que trava com seu irmão. No íntimo, ela sabe que essa é uma avaliação equivocada. Provavelmente, a médio e a longo prazos irá colher os frutos da ingratidão – pois é, a natureza humana jamais perdoa as boas ações.

Lutando contra a barbárie, que instiga a violência, Paula utiliza-se da delicadeza para contornar a violência, prefere a suavidade como método preventivo contra a agressão – que está engatilhada, pronta para disparar contra todos aqueles que se colocarem na linha de tiro.

Ou seja, a presença de Paula em Lisboa é um indicativo de suas intenções: quer, de alguma maneira, ajudar o irmão:

*Os fatos afinal eram simples e algo caricatos: Pedro tinha faltado aos exames finais e informara aos pais, telegrama e carta cheia de pormenores, que tinham sido brilhantes, com cumprimentos do júri. Quanto a causas, Paula já sabia que as mesmas podem dar para assim ou para assado – amores felizes e infelizes, papás e mamãs, desejos e medos, ambições e decepções – de modo que o melhor era saltar logo para as conseqüências. Ou tão logo quando Pedro pudesse lidar com elas, porque a prioridade era que dormisse, que desintoxicasse o corpo dos Pervitins sem cair numa depressão mais profunda. As conseqüências? O que era grave não era os exames em si, se não faz agora faria mais tarde, ter mentido aos pais era chato, mas o que era mesmo grave, pensou Paula, é que estava agora em riscos de ter de fazer tropa regular e não como médico, ter de ir para África dar tiros às pessoas. A menos que tudo aquilo se tornasse no prelúdio de não fazer tropa nem guerra nenhuma, que era o que ela sempre suspeitara que seria a opção mais decente (MACEDO, 1999: 78).*

Paula visualiza a possibilidade do irmão, fardado, ser jogado no meio da selva, como um mísero soldado sem graduação, fuzil na mão, e a obedecer as ordens de um sargento ignorante, desses que não conseguem distinguir o óbvio do ridículo. Paula vê o irmão a reprimir aqueles que lutam pela liberdade – que, neste caso, significa lutar pelo fim do jugo português. É uma imagem horrível, inconcebível.<sup>617</sup> É por esse motivo que, ao verificar a soma das coisas que estava

---

<sup>617</sup> Em 1974, um de cada quatro homens em idade militar estava nas forças armadas. O número de militares por mil habitantes (30,83, em estimativa conservadora), somente superado em Israel (40,09) e Vietnã do Norte e do Sul (31,66 e 55,36 respectivamente), era cinco vezes maior do que o do Reino Unido e três vezes o dos Estados Unidos e o da Espanha. O orçamento militar representava pelo menos 7% do PNB, uma porcentagem maior que a dos Estados Unidos. Com renda per capita pouco superior a mil dólares, a despesa militar per capita de Portugal era no mínimo 63,27 dólares, e isso apesar do soldo irrisório dos oficiais, do qual eram feitas deduções para fardas, alimentação e outros serviços. Era um exército quase sem unidades totalmente profissionais; muitos dos soldados rasos eram analfabetos, mal treinados e por vezes pouco disciplinados. O corpo de oficiais consistia em um grupo de generais idosos, a “brigada do reumático”, como eram rancorosamente chamados pelos soldados em campo, além de uma elite segregada de oficiais do Estado-Maior recrutados nas classes superiores da sociedade portuguesa, exclusivamente dedicados à administração e eximidos da participação em combates, e de um grupo reduzido de oficiais de baixo e médio escalão, homens na casa dos trinta e dos quarenta, que haviam passado boa parte da vida

deixando para trás e os benefícios que não teria, Paula conclui – estoicamente – que *O preço a pagar era enorme, mas sempre era melhor pagá-lo em vidas adiadas do que em vidas destruídas* (MACEDO, 1999: 78).

*Mas não era fácil. A menos que fingisse que não tinha nada a ver com o assunto, o que seria pior. Aquilo eram problemas que ela desde há muito se recusara a ter, no que lhe dizia respeito. Como tê-los agora em relação a outro? Sim, mas também como não tê-los se o outro era o Pedro, era o irmão. Desde pequena, se calhar desde antes de nascerem, que a sua lealdade tinha ido para ele, a sua própria existência confundia-se com a dele, era a mesma existência por diferentes que fossem um do outro. Que eram e não eram, porque de outro modo seria tudo muito mais fácil* (MACEDO, 1999: 81).

De sua parte, pouco se importando com as dúvidas existenciais da irmã, Pedro estabelece moradia em uma redoma de vidro, lugar imaginário que o protege da realidade. O efeito atarácico, produzido pelo álcool e pelo Pervitin, foi substituído pela alienação; ou melhor, foi sobreposto por uma “falsa realidade”, por um mundo de faz-de-conta.

*E com o Pedro também estava a ser difícil falar. Até porque de fato nunca falavam muito, exceto sobre coisas: quadros, livros, discos, coisas. Ouviam música. Do que era importante geralmente não era preciso falarem. Mas o Pedro estava agora imobilizado por dentro, acordara de um sono de vinte e quatro horas a querer só que nada tivesse acontecido como aconteceu e que tivesse acontecido como disse aos pais que tinha acontecido. Mostrara a Paula o recorte de uma notícia local do Notícias de Lourenço Marques a anunciar o brilho da formatura, a dar “aos felizes pais do jovem médico moçambicano e estimados assinantes do nosso jornal os mais sinceros parabéns.” “E agora”, dizia Pedro, “e agora?”* (MACEDO, 1999: 79).

O recorte de jornal foi enviado pelo José Pedro, que, como todo pai orgulhoso, não mede esforços para dar destaque às glórias da prole. Na mesma carta, o pai informa ao filho que *ia lá aparecer um senhor que trabalhara com ele nos antiterrorismos e estaria durante uns dias em Lisboa para consultas, o inspetor Ricardo Vale* (MACEDO, 1999: 79-80).

A pergunta de Pedro e a presença de Ricardo Vale em Lisboa resultam em mais problemas e, contraditoriamente, em solução – mas essa última parte somente se concretizará mais tarde.

---

*profissional no ultramar. Os generais eram promovidos pelo Conselho de Ministros e escolhidos pela confiabilidade política. Revezavam-se nos cargos importantes das diretorias de empresas estatais e privadas. Os oficiais do Estado-Maior, quando apareciam para trabalhar, raramente chegavam antes do final da tarde; somente nos meses finais do governo de [Marcelo] Caetano um ministro civil da Defesa fez questão de que o trabalho começasse às nove da manhã. O Ministério da Defesa não passava de uma agência controladora, malquista pelos militares, e a autoridade do comando conjunto nunca foi reconhecida pela Marinha. A corrupção era tamanha que a guerra em Angola tornou-se conhecida como “a guerra dos arranha-céus” depois das gordas propinas investidas no florescente mercado imobiliário de Lisboa* (MAXWELL, 2006: 60-61).

Urge, naquele momento, solucionar a inquietação maior: *E agora? Inspetor, antiterrorismo, um pide, só podia ser um pide, ia-se descobrir tudo!* (MACEDO, 1999: 80).

Evidentemente, esse “tudo” é quase nada, apenas o desvelamento da mentira praticada por Pedro.<sup>618</sup> Mas, enfrentar a verdade resulta em uma tarefa que muitos não conseguem realizar, pois ou a julgam demasiadamente cruel ou acreditam que o tempo dos heróis se perdeu nas curvas do tempo. Pedro, embriagado pelo escapismo, está convicto de que cada crise deve ser combatida com um coquetel de whisky e Pervitin.

*A função dos esgotamentos nervosos, se é isso o que Pedro estava a ter, é darem direito a incoerências e a injustiças, pois de outro modo não valeria a pena tê-los. Conseqüentemente, quando Paula ponderou que mais exame menos exame não tinha importância nenhuma, que em todo caso não era segredo que se pudesse guardar, que nem segredo era porque na Faculdade sabiam perfeitamente quem se tinha formado ou não, que o melhor era ser ele a dizer a verdade aos pais antes que soubessem por outras vias, seria difícil, de acordo, “mas Pedro, tens estado doente, essa é uma boa razão!”, ele ficou ainda mais apavorado.*

*“Vais-lhes dizer! Vais-me denunciar!” Seria o fim de tudo entre eles. Nunca lhe perdoaria. Pois então ela era tão leviana e tão irresponsável que não percebia que os pais nunca mais acreditariam nele? Que lhe perderiam para sempre todo o respeito? Falou em suicídio, declarou que já tinha estado quase a ser capaz quando ela veio intrrometer-se na sua vida, que era uma ingrata depois de tudo o que ele tinha feito por ela, so tinha vindo estragar tudo, “estragas sempre tudo!” O que ela queria é tomar o seu lugar no afeto dos pais, que julgassem que ele se portava ainda pior do que ela, era o que tinha sempre querido, e tudo para o deixar outra vez, para ali abandonado, e ela a ir pôr-se debaixo dos franceses porque os portugueses já não lhe chegavam, “e Londres, e o tal Gabriel de Vasconcelos, até desvias os olhos quando falas dele, julgas que não sei, que me podes esconder alguma coisa?” (MACEDO, 1999: 80).*

O comportamento ciclotímico de Pedro, alternando momentos tranquilos com explosões verborrágicas, demanda por tratamento médico. Mas essa é uma possibilidade fora de cogitação: médicos (ou quase médicos) não ficam doentes. A doença é sempre um atributo do Outro. Mesmo assim, é preciso estar alerta aos sinais que, como se fossem pegadas, indicam o caminho para dentro dessa floresta que é composta por melancolia, frustração, inveja e rancor. Como complemento, Pedro cultivava um ressentimento muito grande, *O que ela queria é tomar o seu lugar no afeto dos pais, que julgassem que ele se portava ainda pior do que ela, era o que tinha sempre querido* (MACEDO, 1999: 80), algo que é difícil de ser transposto, pois advém de um conjunto de fatores não-resolvidos.

---

<sup>618</sup> Entre o concreto e o imaginário, Pedro aposta suas fichas no segundo, imaginando que, ao cultivar o mundo do faz-de-contas, poderá escapar da culpa e da condenação. É a presença de Paula que recupera o real e a necessidade de uma política pessoal de enfrentamento com o que o oprime. É através da presença diáfana da irmã – que se opõe ao senso prático, e, portanto, brutal, de Ricardo Vale – que Pedro consegue visualizar uma possibilidade de salvação.

Pedro não conjuga a simplicidade estampada em olhares, gestos e intenções – como Paula. Suas atitudes precisam ser focadas sob uma outra perspectiva. E, nesse sentido, o afastamento afetivo e amoroso de Fernanda resulta na ampliação de um conjunto de carências que sempre foram intensas. Como médico, ele está ciente de que crises emocionais estão conectadas com a subtração do visível, com a negação de emancipação sobre o ilusório, com a quebra das resistências ao silêncio, com a perda de referências com a objetividade social. Todos esses ingredientes movem-se em direção contrária à indiferença, que é uma maneira recalcada de bloquear os caminhos que levam à liberdade (momento em que o sintoma migra para a cura, rompendo com a negação e com a transferência de responsabilidade). Pedro nunca conseguiu manejar com perícia as comportas que deságuam no narcisismo. Por isso, é provável que a questão basilar seja o desejo atávico pela igualdade, pela ausência de diferenças – instante em que objeto e imagem se fundem em uma ilusão. Em lugar de entender que as diferenças projetam a complementariedade, Pedro quer eliminar a falta e o vazio. Mas, para que isso aconteça, elimina também a resistência à integração. O mundo de Pedro é unilateral. Por isso, quando a insanidade se estabelece como premissa mesquinha, como um desdobramento do que já se imaginava ser possível, isto é, como um momento de barbárie sem perdão, nada mais resta senão assistir ao espetáculo infame.

Mas, antes que ocorra a catarse – que libera a violência tantas vezes reprimida –, antes que Pedro consiga alforriar e condenar a si mesmo, necessita alimentar outras mentiras.

A principal está relacionada com a volta à África e a prestação de serviço militar. Mas, para que isso se concretize, volta à cena Ricardo Vale, aquele que nada vale. Gabriel, que havia regressado para Portugal, depois de quase dez anos de ausência, ouve o relato da aflita Paula:

*O que havia de novo, e ainda bem que Gabriel tinha vindo, o que a deixara agora sem saber o que fazer, o que pensar, sem que ninguém a pudesse ajudar, talvez nem mesmo o Gabriel, era a visita do pido ultramarino, nessa manhã.*

*“E isto é que é o mais horrível, Gabriel. O homem...”*

*O homem até não se podia dizer que tivesse sido especialmente agressivo. Só o bastante para entrar no assunto, à chegada, quando perguntou ao Pedro se era o Dr. Pedro Freire Montês e se de fato lhe podia chamar de doutor. Mas fora o bastante.*

*“O Pedro fez o resto. E se calhar eu também. Quis deixá-los sós, mas ele insistiu em que eu ficasse, que o assunto também era comigo. Falava sempre no plural, para os dois. Às vezes a dizer coisas ao Pedro e a olhar para mim.”*

*Explicou que trabalhava com o pai deles em Moçambique, que quando chegara a Lisboa tinha tentado várias vezes entrar em contato como prometera ao pai que estava preocupado com a falta de notícias. O telefone parecia estar avariado. Fora lá a casa e também não houve resposta. Decidira então passar pela Faculdade de Medicina, para obter informações. Foi à Secretaria e obteve as que não esperava. O que é que*

*tencionavam fazer agora? Pedro começou a gaguejar qualquer incongruência sobre o serviço militar mas o homem travou-o: “Deixemos isso para depois. Por enquanto estou a falar de terem enganado o vosso pai.”*

*Outra vez no plural. E o pior, Gabriel, é que senti que tinha que me justificar, dizer que não sabia de nada, que tinha acabado de chegar do estrangeiro. Percebe? Como se estivesse a atirar as culpas para o Pedro. Apanhou-me. Ele era o juiz e eu tinha de lhe dar explicações, provar inocência, dizer não fui eu foi o Pedro. (MACEDO, 1999: 87-88).*

Ricardo Vale, usando de técnicas policiais, como uma aranha faminta, vai tecendo a teia, enredando lentamente a vítima, sufocando quaisquer reações:

*Nessa altura senti qualquer coisa terrível no olhar dele, na maneira como me olhava. Não sei, não era bem uma coisa sexual, ou se era, não era à espera uma resposta sexual minha. Era mais uma agressão. Não sei, mas senti medo, uma sensação estranha, uma espécie de dor a espalhar-se pelo corpo. Ou talvez tenha sido apenas eu a imaginar-lhe intenções, a dar-lhe poderes. Senti-me nua sem querer estar, como se todos estes anos tivessem sido inúteis, como quando era pequena e tinha medo. Mas consegui travar-me a tempo. Não disse nada. Ao menos isso... Deixei de o ouvir. Notei que tinha um dente de ouro, um pré-molar, de cima, do lado esquerdo. Concentrei-me no dente. Depois no cabelo rebrilhando brylcreems, nas unhas envernizadas. Quando o ouvi de novo ele estava a fazer considerações sobre honra e lealdade, a traição daqueles que eram fáceis de trair por acreditarem em nós, um pide!, descreveu a alegria dos nossos pais quando receberam as boas notícias, imaginou como se iriam sentir agora. E repetia, e agora senhor doutor?, várias vezes, acentuando o doutor (MACEDO, 1999: 88).*

Paula, ratificando suas qualidades de artista plástica, descreve o torturador com pinceladas rápidas e visível asco. Como se tivesse a estampar o vilão em uma charge, destaca os elementos que a afrontam (o dente de ouro, o cabelo engordurado, as unhas bem cuidadas). Mas enquanto retrata a crueldade, perde o foco no que é realmente importante e deixa desprotegidos o irmão e a si mesma:

*Mas só percebi que de fato tinha estado a ouvi-lo quando de repente o Pedro colapsou. Está muito vulnerável. Aos soluços. Já lhe tinha acontecido ontem, comigo. O homem é um bom profissional, tocou-lhe na ferida que mais doía. A imagem de Pedro junto dos pais. E sei lá, do mundo. E eu com vontade de sacudir o Pedro, de lhe dizer que mandasse tudo e todos à merda. E o pide com um ar superior, cheio de desprezo, e depois a olhar para mim, a saborear, a fazer guerra psicológica, a torturar de mãos limpas, por uma boa causa. A ter razão. Está a ver, Gabriel, é horrível. A ter razão. nessa altura saí, deixei-os a sós, fui para o quarto. Furiosa comigo por não ter saído antes. Por ter obedecido ao pide. E também eu desatei a chorar, feito uma parva. Mas de raiva. Por não ter saído antes. Por ter sido uma menina obediente. Pois é, Gabriel. É muito difícil não ser. Mas depois percebi que assim ele também tinha tido poder sobre mim. Que nada que eu fizesse estava certo. E sabe o que é que eu fiz? Tirei os blue jeans, os mesmos de Londres. E vesti-me assim, de boa menina. Parva! E voltei para a sala. E fiquei até ao fim. Como uma boa menina” (MACEDO, 1999: 88).*



Sob a influência das ações canalhas de Ricardo Vale, há uma guinada na vida dos gêmeos. A liberdade se transforma em asfixia e dependência: “*Por que o resto*”, disse Paula forçando um tom irônico, “*o resto é um happy end*” (MACEDO, 1999: 88).

*O pide saíra deixando o Pedro felicíssimo, grato, aliviado, com tudo resolvido. Até com uma cláusula moral para facilitar. Como havia poucos médicos e por isso eram ainda mais importantes para o esforço de pacificação – foi a palavra que usou – do que os oficiais e os praças, ia conseguir que Pedro fizesse a recruta num regime especial que lhe desse a possibilidade de estudar e de fato fazer os exames a que faltara. Já tinha havido um ou dois casos semelhantes, para serviços especializados lá no setor dele. E depois, pronto, iria para África. Mas já formado. Como médico. Os pais nunca precisariam de saber do pequeno deslize, tudo viria a ser como Pedro lhes tinha dito que era. Deixaria de ter sido uma mentira, passaria apenas a ser uma verdade adiada. E o que aconteceria ficaria um segredo entre os três* (MACEDO, 1999: 90).

Com final feliz, ou não, o discurso do pide envolve momentos complexos, cheios de artimanhas e armadilhas. Ricardo Vale, mestre dos truques psicológicos, utiliza-se propositalmente de expressões-chaves: “esforço de pacificação”, “pequeno deslize” e “verdade adiada”. O pide sabe que tem o controle da situação, que está com o palito de fósforo na mão, próximo do pavio que detonará o explosivo. É por isso que, como um segundo instante de terror, faz questão de sublinhar que *Já tinha havido um ou dois casos semelhantes, para serviços especializados lá no setor dele*. Ou seja, Ricardo Vale conhece os meandros da estrutura estatal, pois integra a polícia política. Se alguém poderia dar uma solução ao problema do apavorado Pedro Freire Montês, ele o faria, afinal já havia resolvido situações idênticas. Mas para que todos sejam beneficiados desse arranjo, Ricardo Vale determina que a nova mentira *ficaria um segredo entre os três*. Depois do esforço para encontrar a vítima ideal, o pide não pode correr nenhum risco com Paula: a simples menção de que ela é cúmplice nessa situação, que o futuro do irmão depende de seu silêncio, garante, para Ricardo Vale, um longo e significativo futuro.

*“Mas repare, Gabriel, tudo isso que ele dizia ao Pedro era dito a olhar para mim. Como se eu não existisse. Não, como se o Pedro não existisse. Não sei explicar, como se o Pedro só existisse em mim. Por exemplo, disse o seguinte, a olhar para mim: “Talvez assim a sua irmã entenda que vim para bem””.*

*“Hum...”, fez Gabriel.*

*“Mas ouça, não é tudo. Disse também que não tinha dúvidas de que conseguiria que ele fosse para Moçambique, onde certamente se voltaria a se encontrar. E lembre-se que ele tinha dito que as soluções semelhantes à que ia arranjar para o Pedro tinham sido para os serviços especializados no setor dele. Ou seja... Tenho medo do que estou a pensar, Gabriel! Do preço a pagar”* (MACEDO, 1999: 90).

O que antes aparentava ser apenas um pequeno deslize de um aluno irresponsável, que faltou a uns exames escolares e mentiu aos pais sobre isso, por um conjunto de situações pouco favoráveis, transforma-se em uma crise política. Paula, filha de um funcionário do Estado salazarista, e que provavelmente viu amigos serem presos sob as acusações mais esdrúxulas não pode se dar ao luxo de ser ingênua: desconfiada das artimanhas ideológicas dos aparelhos ideológicos do Estado,<sup>619</sup> vê nesse episódio um momento de perigo. “*E achas que o teu irmão pagaria esse preço? Que seria capaz disso?*” (MACEDO, 1999: 90), pergunta Gabriel, receoso que a resposta confirme o que todos temem.

*Mas sabe, essas coisas, se calhar essas coisas não acontecem de repente, vão acontecendo até ser tarde demais para não terem acontecido. E mesmo que aconteça, ou que não aconteça, talvez nunca se possa saber se aconteceu ou não. Isso é que é o pior, Gabriel. E não vê que eu também estou contaminada? Primeiro o meu pai, agora o meu irmão. E eu, Gabriel? E eu no meio disso? O que eu faço? Guardo segredo? Não o dos exames, que era só um disparate. Mas este? Fiz bem em contar-lhe? Aviso toda a gente? Deixo de ter irmão?* (MACEDO, 1999: 91).

*Deixo de ter irmão?*, interroga Paula. Mas é uma pergunta retórica. Qualquer resposta não responde. Porque Paula não perguntou o que parece ter sido perguntado. Além disso, a pergunta também não foi endereçada a Gabriel – ele somente estava ali, da mesma forma que um vaso de flores está em cima da mesa da sala. *Deixo de ter irmão?* Não, ela sabe que não é possível deixar os irmãos pelo meio do caminho, como se fossem uma peça de roupa que se despe do corpo e é abandonada no chão da casa. Deixo de gostar de meu irmão? Não, Paula sabe que gostar não é um ato circunscrito à vontade ou à moda. Então, o que é que Paula precisa abandonar? Como é freqüente em *Pedro e Paula*, a indeterminação se estabelece outra vez. Não percam o próximo capítulo dessa empolgante novela!, parece anunciar, embora não o faça, o Narrador – que, como todos os dissimulados, prefere insinuar a dizer, mostrando preferências em brincadeiras de códigos e segredos, como se esse “chove mas não molha” fosse capaz de introduzir sabores novos e surpreendentes em verdades antigas.

---

<sup>619</sup> O livro clássico sobre o tema, *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado*, de Louis Althusser, foi escrito entre janeiro e abril de 1969 e publicado alguns meses depois. No entanto, é fato que Paula possui uma formação humanista, calcada nos conceitos libertários. Como era habitual naqueles tempos, Paula e seus amigos devem, muitas vezes, ter explorado intelectualmente as relações entre a opressão do Estado e as liberdades individuais. Afinal, a esse momento reflexivo se somam os fatos de que Paula é portuguesa e o Portugal que ela conhece está sobre o domínio salazarista. Na confluência entre política e filosofia, ver ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado*. 3. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1980; MAXWELL, Kenneth. *O império derrotado: revolução e democracia em Portugal*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006 (especialmente os capítulos 1 e 2, que tratam da história portuguesa e do significado político do “Estado Novo”).

Pois é, será que Pedro tornou-se um delator? Ou melhor, um traidor?

É difícil imaginar que Pedro tenha enveredado por labirintos intrincados, resultantes da troca da ética pela iniquidade. Mas, isso pouco importa. Como o Narrador já declarou favoritismos, basta a suspeita de que ele foi seduzido pelo apocalipse.

Enquanto isso, José Pedro Montês *foi nomeado governador de qualquer distrito de Moçambique* (MACEDO, 1999: 93). E foi nessa condição privilegiada que recebeu, de braços abertos o filho:

*Pedro chegou a Moçambique como médico militar e acontece também que foi logo colocado a prestar serviço no hospital central porque forças influentes consideraram que os seus inegáveis talentos poderiam ser assim melhor aproveitados do que nas zonas de guerra* (MACEDO, 1999: 101).

E, inevitavelmente, demanda do filho uma posição de auxílio no amargo processo de “civilizar” a colônia. África, ou melhor, as colônias de ultramar se tornaram um problema difícil de administrar, e os muitos nativos – esses ingratos – parecem estar sempre em guerra contra aqueles que só lhes querem fazer o bem.

*O teor das primeiras conversas entre pai e filho seria em todo o caso o mesmo, ou equivalente, com inevitável referência ao inspetor Ricardo Vale, à eficiente e leal colaboração que estava a prestar a José e à contribuição que teria feito para a colocação de Pedro em Moçambique. E a reação de Pedro teria também sido certamente a mesma, ou seja, algo reticente. Sim, recordava-se de fato da visita do inspetor, perfeitamente simpático e muito prestável, poucos dias depois de Paula ter regressado a Lisboa. Mas se o homem tinha tido alguma influência na sua colocação em Moçambique, ou em que tivesse ficado a prestar serviço em Lourenço Marques, enfim Pedro sabia que lhe devia ficar grato, mas para ser sincero teria preferido não ter sido posto nessa situação, que o pai perdoasse a franqueza, não gostava de tratamentos especiais, sempre o dissera. E finalmente quanto à possibilidade que José lhe sugerisse de os acompanhar quando pudesse aos núcleos de recuperação de terroristas, que o pai o não entendesse mal, mas não podia.*

*“A sua situação é diferente da minha, papá. Não estou a criticá-lo, sei como ninguém que as suas motivações são as melhores. Acredito que os resultados estejam a ser extremamente positivos. Nem outra coisa seria de esperar de si. Mas o papá é um governante, tem suas responsabilidades. Eu sou um subalterno, um miliciano, um médico recém-formado. A minha reputação seria afetada. Já pensou no que diriam de mim? Consigo é diferente, é o papá quem manda na polícia, que usa a polícia para servir os seus ideais. É normal. É justo. Está certo. É necessário. Mas eu seria visto apenas como um colaborador da polícia política, não posso, perdoe.”*

*“Como meu colaborador. Como colaborador do teu pai.”*

*“E também da polícia, papá. Perdoe. Não posso.”*

*Foi um momento difícil, que ambos desejaram que passasse depressa. José ainda disse qualquer coisa no sentido de que as coisas em África eram diferentes do que eram na metrópole, que a atitude em relação à polícia também tinha de ser diferente – tudo, enfim,*

*que tantas vezes já tinha dito à mulher – mas não insistiu mais. até porque Pedro concordou que de fato assim seria, e para que o pai ficasse com a certeza absoluta de que o não estava a criticar, a julgá-lo negativamente, se prontificou em todo o caso a ajudá-lo no que pudesse, mas privadamente, como filho. Ao ter assim de se render às razões de Pedro, José ficou ao menos satisfeito por o não ter alienado, como alienara a mulher, a saber que o não ia perder, como tinha perdido a filha.*  
“*Quem me dera que a tua irmã tivesse o teu carácter!*” (MACEDO, 1999: 102-103).

Enfim, essa cena satisfaz a todos os envolvidos. Pedro declara respeito às atividades do pai, mas faz objeções e termina dizendo não; José Pedro, por sua vez, sabe que não pode forçar a situação e, depois de alguma resistência, aceita que o filho siga o seu próprio caminho. Mais um final feliz? Talvez, talvez. De qualquer forma, o inimigo dos dois homens, pai e filho, foi nomeado com todas as letras, sem que haja a mínima possibilidade de equívoco. Tanto que José Pedro, um pouco depois, ao comentar a ligação de Paula com Gabriel, em um desses rompantes típicos de mentalidade atrasada, afirma que *para ele a filha estava morta. Poderia perfeitamente saber onde ela estava mas não queria. Morta* (MACEDO, 1999: 104).

Pedro, por sua vez, quer manter a ligação afetiva, quer continuar a dissimular, como um aprendiz na arte de dizer menos, ou melhor, de não dizer o que está a lhe corroer as entranhas.

*O hospital central era uma fábrica de improvisações e de últimas esperanças, com os poucos médicos que havia a terem de lidar à sobreposse com o que ainda sobrasse dos corpos explodidos e das amputações de emergência nas zonas de guerra, bilharzioses, esgotamentos nervosos, paludismos, estupefacientes, suicídios falhados. Pedro fez cirurgia plástica e psiquiatria, medicina interna e desintoxicação de drogados, como experiência para um jovem médico não se podia ambicionar mais, aprendeu o que nenhum curso lhe poderia ter ensinado. Pouco depois estava já a treinar os colegas recém-chegados a estabelecerem as prioridades possíveis nas situações desesperantemente impossíveis para que tinham sido atirados sem preparação prévia. Sempre gostara de ensinar, era para ele uma forma sutil de sedução, de deixar que a sua natural superioridade emergisse através do reconhecimento que no entanto nunca mostrava esperar que fosse devido. Tão eficiente se revelou no treino dos colegas que também foi convidado para dar aulas nalguns cursos para que ainda não havia professor na Faculdade de Medicina. E, além de nunca faltar ao caril dos domingos em casa dos pais, conseguiu ainda organizar o tempo que não tinha mas que parecia chegar-lhe para tudo de modo a recriar um pouco a sua vida lisboeta, até mesmo de um modo mais ativo e participante. Ia aos concertos do Círculo no Gil Vicente, ajudou a escolher alguns filmes para o cineclube, demonstrou com a admiração geral dos associados que a 2001: Odisséia no Espaço do Kubrick tinha alguma coisa a ver com a Odisséia de Homero, deixou que o seu nome figurasse no conselho de leitura de uma revista literária, tornou-se, em suma, uma presença imprescindível no meio intelectual laurentino, sempre encorajando a criatividade dos outros, bem informado, didático, elogiado por todos, não competindo com ninguém pela fama e glória, com uma energia sem limites. E quando finalmente ficou livre das obrigações militares abriu consultório próprio, continuou a dar aulas na Faculdade, passou a ser médico da moda e o favorito genro potencial de toda a cidade. Foi-se portanto deixando ficar em Lourenço Marques, finalmente desvanecido o pesadelo distante dos seus últimos tempos de Lisboa, a sentir-se realizado* (MACEDO, 1999: 106-107).

Se o gajo estava a sentir-se realizado, a se deixar ficar em Moçambique, há que se entender que isso significa, de certa forma, que tudo estava certo, tudo resolvido, a Paula em Lisboa, Pedro em Lourenço Marques? Provavelmente não, inclusive porque Pedro estava a acumular dentro de si um imenso/intenso complexo por ter faltado<sup>620</sup> aos exames derradeiros.<sup>621</sup> Mas, como é de conhecimento popular, a distância costuma agir como um poderoso anestésico e se Paula estava, lá na metrópole, a rolar entre lençóis com Gabriel, Pedro somente não fazia o mesmo, em ultramar, com alguma rapariga de excelente família portuguesa, porque não o queria ou porque, em hipótese de um viés sebastianista, estava a sonhar com as doçuras proporcionadas anteriormente por Fernanda – que, neste período, trabalhava de sol a sol, lá pelos lados de Borba, no Alentejo, para poder criar sozinha o filho do casal, Elmano – mais tarde perfilhado como Rogério Freire Montês.<sup>622</sup>

De qualquer forma, os problemas entre Pedro e Paula foram momentaneamente interrompidos por um período de trégua – mas essa calma aparente não prometia nada de bom. Como a maldade espreita, cavilosa, em cada canto de *Pedro e Paula*, alguma coisa estava prestes a desabar.

E desabou.

Foi mais ou menos assim:

*(...) o que viria a ser o Movimento das Forças Armadas começou gradualmente a tomar forma entre aqueles militares cuja experiência de uma guerra em que se começaram a sentir como injustiçados inimigos de causas que deveriam partilhar os forçou a pensarem impensáveis recusas no modo afirmativo que transformasse a sua profissão de morte numa afirmação de vida, a guerra em paz, a opressão em liberdade, o fim do império em um novo recomeço. Porque essas teriam sido de fato as paradoxais intenções da*

<sup>620</sup> A distância semântica entre as palavras “faltado” e “falhado” não existe no inconsciente, visto que a qualquer momento, uma pode ser trocada pela outra. Ou pior, uma pode ser sinônimo da outra.

<sup>621</sup> *Lisboa, onde os colegas da Faculdade e a irmã sabiam a verdade, é o lugar da vergonha, espaço onde a “superioridade” encontrada na colônia se desfaz para dar lugar à consciência da sua dependência do pacto de silêncio implicitamente celebrado com os ex-colegas (através do esquecimento) e abertamente celebrado com Paula através da afetividade. Na colônia, onde não se soubera da falha, a mentira dos exames bem-sucedidos pode ser vivida e dar início a uma existência “venturosa”* (SILVA, 1999).

<sup>622</sup> *Pedro recebeu em Lisboa, por correio registrado, uma cópia autenticada da certidão de nascimento do menino acompanhada de uma declaração assinada Fernanda Rogério. A primeira coisa que Pedro verificou, com uma expressão de não é possível, é que o infeliz se chamava Elmano. Mas pensou que ao menos também Rogério, que de sobrenome poderia perfeitamente passar a ser usado como nome próprio uma vez que lhe fossem acrescentados os outros que de momento não tinha porque na rubrica Nome do Pai vinha lá escarrapachado com todas as letras Incógnito* (MACEDO, 1999: 156).

*O firme desprezo de Fernanda triunfou e algum terá sobrado para uso futuro. Casaram-se daí a três meses, com o Elmano devidamente perfilhado e engrandecido como Rogério Freire Montês, que até não soava mal.*

*“Rogério é nome de herói”, explicou-lhe Pedro para compensar da identidade obliterada* (MACEDO, 1999: 157).

*revolução que em breve fariam. E mais não se pode exigir a quem a fez para que outros pudessem executar a utopia (MACEDO, 1999: 108).*

Ou, em outras palavras, a História, assim como os deuses, não costuma demonstrar piedade para com aqueles que a utilizam com propósitos nefastos. Mas, isso pouco importa para o narrador: entre a verdade nua e crua e uma meia dúzia de conceitos ambíguos (injustiça, impensável, modo afirmativo, opressão, liberdade e utopia) ele, o Narrador, eternamente comprometido consigo mesmo, mais uma vez dissimula os acontecimentos, escondendo atrás das reticências ou de palavras “neutras” o quanto foi patético o desmoronamento do “Estado Novo” português, fundado por António de Oliveira Salazar e, naquele instante, 25 de abril de 1974, chefiado pelo presidente Américo Tomás e pelo primeiro-ministro Marcello Caetano.

A ação militar dos jovens oficiais revoltosos, integrantes do Movimento das Forças Armadas (MFA),<sup>623</sup> foi rápida, quase indolor.

Em poucas horas, os herdeiros do salazarismo entregaram o poder para o novo governo, chefiado pelo General António de Spínola.<sup>624</sup>

---

<sup>623</sup> *De início o movimento dos capitães compôs-se exclusivamente de capitães e majores do quadro efetivo. Depois, alguns oficiais mais graduados, de confiança, foram incorporados ou, mais freqüentemente, foram mantidos informados sobre a situação. Era um grupo pequeno e compacto, com estreitas relações interpessoais, com participação de menos de duzentos homens de um corpo de 1600 oficiais de escalão intermediário. Seus membros distribuíam-se pela maioria das unidades, e o MFA era especialmente forte em Guiné e Moçambique. Após 1º de dezembro de 1973, o movimento dos capitães manteve-se coeso no centro graças a um comitê coordenador de quinze homens, subdividido em um comitê militar encarregado de planejar minuciosamente o levante e um comitê político incumbido de formular o programa para a situação pós-golpe. (...) O movimento como um todo, porém, compunha-se de homens com opiniões políticas divergentes. Sua aglutinação não era resultado de nenhum objetivo conspiratório uniforme, e sim uma convergência de ressentimentos, uma perda do sentimento de utilidade e um afastamento emocional e intelectual em relação às longas guerras coloniais. Ao contrário do que em geral se pensava, o trabalho dos jovens oficiais tinha de ser liberalizante e libertador. A intransigência do regime português e seu comprometimento com as guerras tornara isso inevitável. “A Revolução veio da esquerda”, comentou um oficial em abril de 1974. “Depois de cinquenta anos de ditadura de direita, de onde mais poderia ter vindo?” (MAXWELL, 2006: 63-64).*

<sup>624</sup> *Oitenta quilômetros a nordeste de Lisboa, em Santarém, num penhasco escarpado que se ergue sobre o rio Tejo, dez veículos blindados da Escola Prática de Cavalaria estavam preparados. Às três da manhã seguiram pela rodovia rumo a Lisboa, a sessenta quilômetros por hora. Ao amanhecer a coluna chegou ao centro da capital sem encontrar resistência. Enquanto isso, por todo o país eclodiam levantes de unidades das forças armadas. Rio acima, a ponte mais próxima de Lisboa foi tomada, e a ponte Salazar, que ligava Lisboa ao sul de Portugal, foi dominada. Às oito da manhã, oito tanques dos quartéis da sétima Cavalaria surgiram na praça do Comércio. Renderam-se ao capitão [Salgueiro] Maia, de 29 anos, comandante do destacamento de Santarém. Mais tanques chegaram do Oeste, avançando fragorosamente pelas ruas de paralelepípedos que margeiam o rio. Seu comandante, brigadeiro Reis, ordenou que atirassem. Mas os soldados se recusaram. O impasse continuou até as onze horas, quando o capitão Salgueiro Maia persuadiu o brigadeiro a render-se. A essa altura uma multidão congestionava as ruas, e o capitão Maia e seus tanques avançaram com dificuldades pelas vielas lisboenses até o quartel do Carmo, sede da Guarda Nacional Republicana, para onde Marcello Caetano e vários de seus ministros haviam fugido.*  
**É preciso oponentes para fazer uma revolução sangrenta, mas em 25 de abril de 1974 a vontade de resistir a um golpe não existia. Apenas a polícia secreta, entocada em sua sede com metralhadoras, opôs-se ao golpe, e seus breves disparos causaram as únicas baixas. Marcello Caetano, desamparado, sentado numa saleta nos fundos do**

A Revolução de 25 de abril de 1974 possibilitou uma nova geografia humana para Portugal. E, claro, nos momentos seguintes, nas províncias de ultramar. Os movimentos de independência africanos, que eram intensos e violentos, iniciaram o processo de negociação para que a descolonização ocorresse e, conseqüentemente, o estabelecimento de novas repúblicas em África. A independência de Moçambique, na esteira das conquistas dos “capitães de abril”, resultou em perigo de vida para os funcionários do governo colonial português. Muitos precisaram fugir na calada da noite, certos de que o tempo de vingança daqueles que até então tinham sido oprimidos estava a chegar, cheio de vontade para ceifar as cabeças dos antigos opressores.

Ricardo Vale, como tantos portugueses ligados ao governo deposto, fugiu e, algum tempo depois, encontrou abrigo no Brasil.<sup>625</sup> Sobre os acontecimentos que o “pide” (travestido momentaneamente de narrador) presenciou em Lourenço Marques, o narrador relata:

*Conseguiu sair de Moçambique por um triz depois de se ter metido na revolta de 7 de setembro contra as pernas pra que te quero das gloriosas forças armadas, descolonização uma ova, rumo ao socialismo os tomates, que lhe saíssem mas é da frente, capados de merda. Só que o 7 de setembro não tinha funcionado, o que deveria ter sido um levantamento dos brancos quase se tornou num massacre dos brancos pelos pretos, e os militares a cortá-las, a deixarem andar, um banho de sangue, casas incendiadas, crianças violadas, canibalismo, não chegou a haver mas poderia perfeitamente ter havido, não foi graças aos militares que não houve, foi só porque os pretos ainda nos respeitavam, eram mais gratos do que esses traidores que no fundo tudo o que queriam era impedir os milicianos de terem acesso aos quadros permanentes num caso clássico de não fode nem sai de cima, de modo que quando finalmente saíram já nem sequer estava lá alguém com quem foder (MACEDO, 1999: 121).*

---

*quartel do Carmo, desconfiava que o fim estava próximo desde fevereiro, quando lera o livro do general [António de] Spíndola. Concordeu em render-se, mas só a Spíndola. Este, enquanto isso, concordou em assumir o poder, porém se lhe garantissem o apoio total do MFA e se essa garantia viesse de um oficial de patente superior à de tenente-coronel. Ironicamente, o único oficial nesse grau hierárquico no comitê coordenador do MFA era o coronel Vasco Gonçalves, partidário dos comunistas.*

*O general Spíndola, de pingalim e monóculo, chegou ao quartel do Carmo às 5h45 da tarde. Dez mil pessoas agora se apinhavam na estreita praça defronte à sede da Guarda Nacional Republicana. Spíndola foi conduzido à sala onde Caetano o aguardava, e o primeiro-ministro rendeu-se. [Marcello] Caetano foi levado rapidamente em um carro blindado com outros membros de seu governo deposto e mantidos até o dia seguinte no quartel de engenharia em Pontinha, nos arredores de Lisboa, de onde o major Otelo Saraiva de Carvalho dirigira o golpe. Às oito horas da manhã seguinte [Marcello] Caetano e [Américo] Tomás foram mandados para exílio temporário na ilha da Madeira. Estava feito. Com rapidez extraordinária, e sem oferecer resistência séria, um regime que governara Portugal desde fins da década de 1920 fora derrubado sem esforço. Em 26 de abril de 1974 uma multidão eufórica saiu às ruas. O programa do MFA foi afixado em muros e suas promessas democráticas foram lidas com avidez. O Avante!, jornal do Partido Comunista que desde sua fundação fora impresso na clandestinidade, passou de imediato a ser publicado abertamente. Viam-se rosas e cravos vermelhos por toda parte (MAXWELL, 2006: 90-91). (grifo meu).*

<sup>625</sup> *E assim lá foi o ex-inspetor de salto em salto e de país em país, África do Sul, Malawi, complicações no aeroporto de Londres, um trânsito rápido em Espanha para ainda cheirar um arzinho vindo de Portugal, até que chegou no ano seguinte à Zona Norte do Rio. Porque aquilo lá também não era tudo Leblons e Ipanemas, mas do mal o menos, também não era favela. E começou por gostar, achou que o Brasil era assim uma espécie de Portugal e colônias num só país (MACEDO, 1999: 121).*

*“A aventura é ficar”, tinha escrito um poeta* (MACEDO, 1999: 109), ignorando que, em tempos de luta armada, os poetas se confundem com os profetas, e, como tais, sem que uma mísera lágrima seja derramada, são os primeiros a serem sacrificados.

Pedro não é poeta – Ricardo Vale também não. Pois é, Portugal se tornou sinônimo do futuro e lá foi Pedro para longe de uma tempestade que não considerava sua. Em oposição, seu pai, José Pedro, preferiu ficar – para sempre.<sup>626</sup>

*José Pedro Montês só tinha usado uma bala. Ana dormia profundamente. O médico chamado pela polícia dera-lhe uma injeção, só acordaria no dia seguinte. “Mas quanto ao seu pai, colega, lastimo, não há nada a fazer. Suicídio. Tem que haver um inquérito.” E o médico acrescentou, filosófico e profético: “Vítimas da revolução. Vai haver mais”* (MACEDO, 1999: 136).

*A experiência africana da família Montês estava a chegar ao fim* (MACEDO, 1999: 136). Pedro ainda tentou ficar em Moçambique mais um pouco, depois que mandou a mãe para Lisboa. Mostrando preocupação com a família, escreveu a Gabriel pedindo ajuda para convencer Paula de que Ana Paula estava necessitando de ajuda psiquiátrica.

No fim de julho de 1975, todas as esperanças desapareceram: Pedro encontrou o consultório fechado, com dois guardas da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) à porta

*a dizer que não podia entrar porque a medicina agora era do povo. Meteu-se no carro, guiou sem problemas até Joanesburgo porque burguês só viaja de avião, e de lá seguiu no da TAP que vinha de Lourenço Marques, julgo que já Maputo, rumo à Lisboa* (MACEDO, 1999: 137).

Passadas todas essas complicações, todos esses anos de amarguras e de situações que nunca caminharam para uma solução, finalmente o Narrador, que se apresentava como uma voz distante, embora intrometida, assume uma participação mais ativa, quer dizer...<sup>627</sup>

---

<sup>626</sup> Em meio a uma das múltiplas crises políticas, Ricardo Vale vai até a casa de José Pedro Montês, e quando o encontrou de pijamas, entregou-lhe uma pistola, um tambor de balas e um conselho prático: *“Para o Senhor Diretor se proteger”. Mas acrescentou: “Aconselho que a primeira seja para a sua mulher. E se chegar à última que seja para si. Mas tire-me lá esse pijama, Senhor Diretor, seja homem!”* (MACEDO, 1999: 123).

<sup>627</sup> O narrador-autor de Pedro e Paula, uma das mais consistentes personagens do romance, move-se no interior da narrativa com muita naturalidade, desenhando a imagem de um comentarista, de um agradável palrador, um causeur cheio de urbanidades, com quem a gente se entretém, e que faz considerações, dá palpites, corrige-se, remete-se ao leitor, cavaqueando alentada mas discretamente. Analisa conosco os problemas a enfrentar na sua história, discute alternativas, questões de verossimilhança, pendências a respeito do procedimento ficcional, fatos relativos à teoria do romance. Vê-se, assim, que a presença desse vivente nos interstícios da narrativa imprime a este romance um outro ritmo de leitura: devido à sua prosódia oral e descontraída, à pontuação coloquial, à intimidade com que nos fala em



*Porque a partir de agora posso deixar de ser o cauteloso inventor de probabilidades para me tornar no confiante cronista de incertezas, pois foi quando finalmente conheci os gêmeos. Ou, mais propriamente, que vou dizer que conheci um rapaz e uma rapariga que depois me disseram que eram gêmeos mas não pareciam nada (MACEDO, 1999: 139).*

E, para perturbar um pouco mais a narrativa ou para se isentar de algumas responsabilidades ou para fingir que está no controle de alguma coisa, põe-se a fazer considerações sobre a teoria da literatura:

*Já o disse: problemas do chamado livre-arbítrio, ou seja, das aparências do que foi no que poderia ter sido. E se não disse digo agora para talvez dizer outra coisa: nos romances, como na vida, a certa altura o autor deixa de poder fingir que tem escolha, mesmo aqueles autores que fingem até o fim. Mas mesmo esses, quero crer, sabem perfeitamente que a certa altura as personagens passam a inventar o seu autor, não menos personagem do que elas. A colaborar ou a recusar se o autor as quer obrigar a ser o que não são, a irem logo fazer queixinhas ao leitor da falta de respeito do autor. Não é que gostem sempre do autor, mesmo quando colaboram, algumas teriam preferido outro destino. Mas isso é ainda outra coisa, outras histórias de livre-arbítrio.*

*Para o aqui e agora deste livro, direi portanto apenas que foi agora e aqui que as minhas personagens se confrontaram como se vindas do terem existido antes dos nomes e destinos em que os estou a inventar. Que é também um modo de dizer que eu também lá estive, a testemunhar (MACEDO, 1999: 139-140).*

*Eu também lá estive, a testemunhar.* Com essa frase o Narrador, travestido de personagem, quebra – mais uma vez, pois o seu procedimento está consoante com o prazer em ouvir a própria voz quando emite opiniões e comentários – o pacto da distância narrativa e, sem maiores delongas, sem se ater à impossibilidade de sua proposta, proclama a verossimilhança do texto, ultrapassando o estágio da “invenção” narrativa para o relato vívido, próximo, “real”: *quem tenha feito o favor de me ter lido até aqui tem uma distinta vantagem sobre mim: conhece fatos que eu nesta altura ainda não imaginara e partilhou de hipóteses que eu ainda não pudera formular. Privilégios de gente culta* (MACEDO, 1999: 142). Descontada a ironia desses *Privilégios de gente culta*, pois não há garantias de que o leitor tenha cultura, ainda há essa proposição despropositada de ignorar a onisciência do narrador, como se o texto precisasse estar delimitado em duas partes, sendo que a primeira, apesar da presença da escrita do Narrador, tivesse sido escrito até então por outro, talvez aquele que assina o nome na capa do livro, e que deve ser tratado como uma entidade separada totalmente de quem, na posição oficial de narrador, narra. Enfim, o Narrador quer convencer que

---

*direto, ele fica de cara com o leitor, sem outra mediação que a sua própria mente. Por isso mesmo, a ficção se revela como o lugar da fala sem segredos, como a região do desfingimento, da sociedade exercida como um possível (DAL FARRA, 2002).*

há diferenças entre a ficção e a história, apesar de saber que a narrativa se constrói na junção entre as duas e que querer separar é também uma forma de mentir. Nada muito estranho, quando se considera a dissimulação e todas aquelas associações literárias, a começar com “o poeta é um fingidor” etc e tal.

É no verão quente de 1975, na tasca Solar dos Presuntos, em Lisboa, que acontece o encontro entre os principais personagens do romance: Pedro, Paula, Gabriel, o narrador (que estava na companhia de cinco militares, corroborando a idéia de que ele, Narrador, é, no mínimo, amigo dos “capitães de abril”). Diante da beleza de Paula, *de perto a menina ia ficando cada vez mais linda* (MACEDO, 1999: 141), emite, em tom amargo e invejoso, mais uma prova de que, independente da correção das idéias de Pedro e Paula, ele, o narrador, sempre esteve ao lado de Paula: *(...) já agora aproveito para esclarecer que Gabriel tem pelo menos mais quinze anos do que eu e que se houvesse justiça neste mundo não seria ele quem teria tido direito às preferências da Paula* (MACEDO, 1999: 141).

Como as relações humanas não estão escoradas na “justiça”, dois fatos significativos precisam ser destacados nesse encontro. O primeiro é que Pedro está de volta a Lisboa, a reiniciar sua vida, seja como médico, seja como irmã de Paula; o segundo é mais trivial: Gabriel, que estava em processo de reintegração à carreira diplomática, acabara de ser eleito deputado constituinte. E nessa função faz de tudo o que lhe é possível fazer em favor de Portugal: *[trabalhou pela] unidade da esquerda, [pelo] fim das guerras coloniais, [para construir] um país finalmente livre de tarrafais e de caxias* (MACEDO, 1999: 149). Ao mesmo tempo, continuou a cultivar sua paixão por Paula – que a rapariga correspondia com idêntica paixão:

*E Paula? E os deslumbramentos que ela teria desejado? Ah, mas desejou-os, e alcançou-os como de outro modo não teria podido, e não só porque a aparente passividade da sua entrega de si a Gabriel estivesse já a ser um modo ativo de alcançá-los. Talvez também porque tivesse assim podido vir a permitir-se saber o que as mulheres sempre souberam e desaprendem com os homens, e que com aquele homem Paula finalmente pôde permitir-se: a total sexualidade de ser mulher, quando numa noite, de repente, se encontraram olhos nos olhos do outro lado de todos os disfarces, pois já não era ela que estava a ser penetrada por ele, mas ela que o estava a envolver, a incorporar em si como só uma mulher pode porque para isso foram feitos os órgãos de que é feita* (MACEDO, 1999: 145).

*Mas como a vida tem muitas esquinas* (MACEDO, 1999: 143), necessário se faz prosseguir a narrativa e invocar o passado: três anos antes, em 1972, na “Vigília pela paz”, realizada na Capela do Rato, Paula acompanha Gabriel, quando

*(...) uma jovem mulher de aspecto decidido se pôs à frente deles com um rapazito pela mão e com a outra lhe agarrava a manga do casaco:*

*“Eu sei muito bem quem você é, este é o seu sobrinho, agora sou delegada regional, então não se lembra de mim, eu sou a Fernanda, nem tenho com quem deixá-lo, até na cadeia já esteve comigo.”*

*Parecia que ia ser uma peixeirada mas afinal não foi porque a militante tinha a sua dignidade e não queria nada a ver com canalhas, “você para estar aqui deve ser diferente, quando a vi não resisti, queria só que soubesse”. E sumiu. Paula não percebeu patavina dessa história de ser tia assim de repente na capela como uma colateral Virgem Maria, mencionou a Gabriel o pouco que se recordava dos inconclusivos amores do irmão antes da grande crise, Gabriel sugeriu que a rapariga teria dito tia no amplo sentido faz-de-conta do termo, ainda a procuraram vagamente, e é claro que quando o incontactado irmão reapareceu na sua vida três anos depois não era a primeira coisa de que se iria lembrar (MACEDO, 1999: 149-150).*

Pois é, o que tinha tudo para parecer apenas mais uma ponta de barbante, dessas que aparecem de repente, sem compromissos com o que possivelmente poderiam atar, se revela decisivo, mais tarde, no ano de 1975, quando Pedro acompanha Paula em um comício político e a irmã, como que a querer reconstruir um pedaço obscuro da história familiar, pergunta ao irmão: *Ouve lá, tens um filho?* (MACEDO, 1999: 151).

Pedro não entendeu a pergunta como se fosse uma brincadeira ou uma curiosidade familiar. Como todo paranóico, considerou uma agressão despropositada,

*A abusar de sua temporária situação de dependência, ter de estar a dormir no estúdio dela, a achar que agora o podia achincalhar como quisesse! E que ele agüentaria tudo! Pedro nunca tinha falado à irmã do aborto que impusera à antiga namorada, dissera-lhe apenas que se tinham afastado naturalmente, deixando implícito que os preconceitos dos pais teriam contribuído para isso mas sem insistir demais em causas ou culpas. Pensou agora que a Paula afinal sempre soubera, a sonsa, como tantas vezes sabia o que ele procurasse ocultar-lhe, e que aquela era uma das suas provocações à maneira antiga. Jam ter a sua primeira briga desde o reencontro (MACEDO, 1999: 151).*

E tiveram a primeira grande briga. E Pedro, movido por um ódio que estava hibernando em suas entranhas, e pela situação econômica desfavorável que estava vivendo, precisou deixar todos os bens para trás, lá em Moçambique, pronunciou palavras pesadas como pedras: *“Por quê? És contra o aborto? Nunca fizestes? Tu? Ou só tu tens direito, como em tudo? Ou julgas que lá porque agora estou sem nada me podes tratar assim? É indigno! É miserável!* (MACEDO, 1999: 152). E arrematou sua indignação com uma pergunta inominável: *“Ou levas habitualmente no cu para evitar?”* (MACEDO, 1999: 152).

Certa de que, no meio da multidão, não era o lugar adequado para acertar desacertos familiares, Paula fez um gesto vago, desses que neutralizam as agressões: *“Pois é”, disse ela apenas. “Pois é” (...) “Deixa lá, Pedro. Pois é”* (MACEDO, 1999: 152).

Passada a tormenta, Pedro recupera o senso: *“Paula, não sei o que me está a acontecer. Desculpa, desculpa. Será que eu também sou doido? Como a mãe? Como o pai? Ajuda-me, Paula. Só tu podes. Ajuda-me. Desculpa.”* (MACEDO, 1999: 153).

Sem dizer uma palavra, *Paula deu-lhe a mão, como quando eram pequenos, como quando era para ele a proteger a ela, e foram subindo a Avenida de mãos dadas* (MACEDO, 1999: 153). Estrategicamente, Paula faz pose de protetora, mas como não está satisfeita com a virulência do irmão, volta, logo depois, cautelosamente, ao assunto. Conta o encontro com Fernanda e faz as perguntas que ansiava perguntar. Desta vez, a reação de Pedro é passiva:

*Mas foi apenas assombro, exacerbada culpabilidade, compungida admiração pela pobre moça que ele tão mal tratara e afinal tão digna, tão corajosa, logo seguida de inquietas dúvidas a fazê-lo contar pelos dedos os meses e os anos porque afinal nem sabia que idade teria a criança, oh, e sim, em que dia teria nascido, que nome lhe teriam dado e, finalmente, como encontrá-lo* (MACEDO, 1999: 154).

Inaugura-se assim um novo período na vida de Pedro: ele sai a procurar pela Fernanda e pelo filho. Não foi difícil encontrá-los. Mas, ... bem, *como há muitas formas de vingança, a da Fernanda foi não querer nada de Pedro até ter tudo* (MACEDO, 1999: 155). E teve o que tantos anos esteve a esperar. Três meses depois de Pedro ter encontrado Fernanda, o casamento.

*Pedro, mulher e filho estavam encafuados numas águas-furtadas com paredes oblíquas de madeira num prédio decrepito para os lados da Penha de França, seis andares sem elevador, nenhuma vista exceto da cozinha para uma espécie de capoeira flutuante ao nível do telhado do prédio atrás, onde um galo ralo e solitário tinha perdido a noção do tempo e mandava toda a vizinhança acordar ao meio-dia, às três da tarde e, vingativo, a noite toda de hora em meia hora a partir das duas, para ter a certeza. Rogério tapou os ouvidos com as mãozitas, não podia mais.*

*“Ó mãe! Venha praqui! Ó minha mãe! Venha lá!” Ela foi, estremunhada, como tantas vezes no passado, deitou-se como conseguiu caber ao lado do filho, aconchegando-o ao peito. Mas ele: “Cheiras mal! Cheiras a ele!”*

*não seria, cheiraria apenas ao perfume que Pedro lhe oferecera e passara a usar. Em todo caso a Fernanda achou que era a altura de levar até o fim a difícil conversa que já várias vezes tinha iniciado com o filho:*

*“Ouve, Elminho” – tinha passado a ser o seu nome secreto, só para a mãe – “ouve, meu filho. Vamos conversar. Já te disse muitas vezes que aquele senhor é o teu pai. Foi ele quem pôs na barriga da tua mãe a semente para tu nasceres.”*

*“Então pronto”, resmungou Rogério com um sentido prático rabugento. “O que é que ele quer mais?”* (MACEDO, 1999: 158).

No jogo familiar, que constantemente se repete (seja como tragédia, seja como comédia), embora atualizado pelo ciclo da vida – que lhe dá uma nova embalagem, sem modificar o conteúdo –, Rogério (nascido Elmano) reclama pela exclusividade do amor materno – não deixando dúvidas que a presença do pai configura uma invasão em território demarcado pelo amor filial.

Em oposição, Pedro, que nunca se preparou para esse tipo de disputa interna, até porque nunca imaginou que ser pai fosse sinônimo de rivalidade, encontra no filho mais uma barreira afetiva, ampliação dos obstáculos que lhe são aflitivos.

Mas, essa é uma dificuldade menor, se comparada com a mudança estrutural que se estabelece no comportamento de Fernanda, que, depois de exercer com fervor a militância política de esquerda, se tornou exemplar capitalista predatória.<sup>628</sup>

*Mas talvez que nós também a não devamos criticar demasiadamente, pelo menos à partida, não rir demais da caricatura inimiga de si própria em que a tenaz militante porventura se irá tornar se ou quando vestir a pele do inimigo, a imitar o inimigo para melhor se vingar dele, até que a imitação se tornasse em natureza e a pele postiça na que já outra não pudesse ser a menos se esfolada o que, convenhamos, sempre aleija. São reconstruções plásticas que se calhar, de início, nem muito reconstruídas pareceriam a quem, como seria o caso, nelas julgasse estar apenas a reconstruir as dialéticas de anteriores militâncias em registros mais tangíveis e imediatos. A ex-delegada regional Fernanda Rogério terá porventura feito algumas contas adicionais às que fizera dos dias e dos meses entre o aborto que recusara e o filho que decidira ter sozinha: quantos proletários que conhecesse haviam melhorado o seu aqui e agora em pura luta de classes? E terá talvez concluído que só os burgueses beneficiários de herdadas mais-valias se podem dar ao luxo de ser consistentemente revolucionários (MACEDO, 1999: 163).*

Descontada a ironia do narrador, que não possui compromissos com a imparcialidade e vai desconstruindo com o gume cortante do humor os personagens que não lhe são simpáticos, o que merece destaque é o fato de que Fernanda<sup>629</sup> fez em sua prática cotidiana o inverso do que defendia em teoria, nas intermináveis reuniões do conselho político regional.

---

<sup>628</sup> A dureza das situações que Fernanda teve de enfrentar é apenas mencionada pela narrativa; seu regresso à província vai, simbolicamente, dirigi-la às próprias raízes. Essa jovem socialista que prega a reforma agrária irá, assim que tiver oportunidade, transformar-se em aquisidora de bens imóveis, numa perversão do sentimento de amor pela terra. O regresso a Lisboa, pela mão de Pedro, com quem se casa, é a “volta por cima”. Sua primeira ida a Lisboa foi, a um só tempo, um fracasso (gravidez, abandono) e a semente de seu triunfo futuro (Casamento, domínio sobre o marido, enriquecimento). Os anos no Alentejo são, simbolicamente, os anos de germinação dessa Fernanda implacável e obstinada (...).

A segunda ida a Lisboa permite que essa Fernanda se realize em relativamente pouco tempo (SILVA, 1999).

<sup>629</sup> Fernanda é ainda aquela que anseia por pequenos domínios, amealhar, contar, recontar, cobiçar heranças e mobílias é a memória que conservou (FIGUEIREDO, 2002).

*E quando ao fim de algum tempo Pedro lhe anunciou muito contente que já tinham o suficiente para alugarem um apartamento melhor, a Fernanda opôs-se com um triplo não irresponsável:*

*“Não não não!” Tinha estado a verificar, havia por ali umas casas à venda baratíssimas, com velhos lá dentro, casas às vezes enormes que ninguém queria comprar. O plano era economizar para o depósito, pedir o resto ao banco, ir amortizando, pedir outro depósito, e ir comprando. “Eu quero”, resumiu, peremptória.*

*“Mas se estão habitadas”, protestou Pedro, “para que é que servem? Onde é que nós moramos? No galinheiro?”*

*Mas a Fernanda queria:*

*“Calma. Os velhos morrem, é só esperar um pouco. Morre um velho, a gente muda-se. Vão morrendo outros, e estamos ricos. Ainda somos novos. Ou achas que também não temos o direito? A democracia é ou não é para todos?” (MACEDO, 1999: 164).*

A síndrome da acumulação caracteriza-se pelo inesgotável e insaciável amealhar de mercadorias. Essa ação compulsiva, como uma malha que é arremessada em torno dos objetos – tentando produzir alguma forma de cerceamento, de ataraxia, que impeça a reflexão e a crítica –, corresponde a uma proclamação pública de que o amor se complementa através da união entre posse e propriedade – apesar dessa tese contrariar Proudhon.

*(...) estamos já de novo no tempo dos comícios, e Paula decidiu levar Pedro a um para ele ver como era aquele canto coral de bandeiras desfraldadas enquanto Gabriel estava constituindo rumo ao socialismo no Palácio de São Bento. Aquele era sobre a reforma agrária, com o Rossio cheio de alentejanos, bandeiras, e o PCP insistindo nos megafones que a terra é de quem a trabalha. O que, como a memória de quem se ama se torna memória própria, levou Paula a comentar para o irmão um comentário de Gabriel inspirado por conversas com os pais antes de os dois sequer terem sido concebidos:*

*“Proudhonismo.”*

*“O que?”*

*“A terra é de quem a trabalha. A propriedade é um roubo, a posse é um direito. Se me posso atrever a uma comparação, o marido é o proprietário, o amante o possuidor (MACEDO, 1999: 150).*

Embora a acumulação não se mostre suficiente para preencher o que se apresenta como falta, como demanda reprimida, equivale a um gozo transversal que, além de não gerar satisfação total, sublima dores imprecisas – cuja presença e ação são negadas como sintomas patológicos. Desta maneira, o indivíduo, medicando-se com paliativos, segue o caminho do auto-engano e, conseqüentemente, da infelicidade (que se espalha, contaminando o entorno).

*O Pedro e a Fernanda continuaram a viver como imigrantes no seu próprio país até decidirem que já podiam regressar aonde estavam graças às mais-valias mortuárias das casas com velhos lá dentro. Pela mesma altura Pedro duplicou os preços das consultas, o que por sua vez duplicou o número de doentes porque quanto mais caro mais se quer. O sucesso clínico do marido interessava à Fernanda, é claro, mas não lhe dava exagerada importância porque o que ela gostava mesmo era de ir visitar o seu crescente império*

*imobiliário, de bairro popular em bairro já assim-assim, ainda mais interessada em verificar diretamente a saúde dos inquilinos, esmoler, garrida, apreciada por todos, levando-lhes pastéis de nata e uma colherzinha plástica para poderem beneficiar do centro cremoso sem empancamentos de dentes postiços nas rijezas circundantes (MACEDO, 1999: 174-175).*

Fernanda alimenta a falsa imagem de pessoa caridosa, extremamente preocupada com o bem-estar daqueles que habitam as casas que comprou. Parte dessa fantasia desmorona quando, movida pela ganância, pela vontade voraz de possuir mais, propõe para o marido (defendendo os interesses familiares, ou seja, a possível herança que ela e Pedro deixarão ao filho) a interdição judicial da sogra – instante em que o discurso do ressentimento (manifesto na ação corrosiva das pequenas vinganças) encontra eco nas carências, igualmente ressentidas, de Pedro:

*Porque a senhora era mesmo louca. Um perigo para os outros e para si própria. Matara o marido, tinha certeza de que o pai se suicidara em grande parte por causa dela. Molestara sexualmente o neto, o seu filho!<sup>630</sup> E a Paula a deixar, a achar tudo muito bem. Ela e o amante geriátrico. E que ajudas lhe tinham dado, afinal? Uma dúzia de contos de réis? Nem dois meses no estúdio, como se não pudesse ir pintar noutro sítio? Uma casa de campo que nem sequer podia usar em vez do apartamento que sempre fora seu na Padre António Vieira? E que lhe tinham tirado? A ter que morar numas águas-furtadas miseráveis por causa da mãe louca e da puta da irmã? A irmã que sempre fizera tudo para o prejudicar? Que acabava sempre por beneficiar de tudo? E queriam gratidões? Não, nunca esqueceria as humilhações que o tinham feito passar (MACEDO, 1999: 189).*

Pedro, incapaz – por diversos motivos – de ver o que se movimenta por trás das ações de Fernanda, poucas vezes consegue administrar o seu próprio desejo:

*Como já disse e julgo que agora já deu para entender, o Pedro desde sempre tinha tido dificuldade em amar duas pessoas ao mesmo tempo, mesmo quando fossem ou devessem ser amadas em registos afetivos diferentes: em pequeno, a mãe e a irmã; na grande crise, a irmã e a namorada; e agora de novo a mesma namorada recuperada como mulher e irmã. A Fernanda estava na mó de cima (MACEDO, 1999: 189).*

---

<sup>630</sup> É que a Ana, no meio de uma história de quando os filhos eram pequeninos, dissera ao neto:

“Sabes, mamavam os dois ao mesmo tempo das maminhas da vovó! Queres provar? Queres? Se queres eu deixo.” Desnudou os seios ainda firmes de mulher magra, e deixou.

O menino contou à mãe, muito confuso, pressentindo que qualquer coisa não estava certa. A Fernanda contou ao Pedro (...).

“Percebes agora? Vês por que é que eu não quero que o meu filho caia sob a influência dessa mulher? Por que sempre quis que ela fosse mandada para um asilo?”

A Fernanda ficou a pensar.

“Mas a casa também é nossa”, ponderou finalmente. “Será da tua irmã e nossa. Se tu e a tua irmã quisessem... Eu quero.” E foi falar com a Paula.

Mas a Paula não quis. Já tinha dito ao irmão, asilos nem pensar nisso. E nem sequer se mostrou muito impressionada com a história das maminhas.

“Coitadita”, disse apenas (MACEDO, 1999: 168-169).

E a tarefa primeva da mó (seja em cima, seja em baixo) é triturar, esfarinhar, reduzir ao pó o que antes se apresentava como inteiriço. Por isso, como que a complementar o processo de moagem, ninguém estranhou quando Ricardo Vale reapareceu, estava a fazer falta – algumas reações químicas não são possíveis sem a presença de um catalisador: *quando o ex-pide Ricardo Vale daí a pouco efetivamente regressou a Portugal, o problema de ele ficar ou não em casa da Ana nem sequer se pôs* <sup>631</sup> (MACEDO, 1999: 184).

Ou talvez tenha sido posto no dia em que Ricardo, Pedro, Fernanda e Rogério foram a um restaurante – mas de maneira tão sutil que é difícil saber quem ludibriou quem.

*Depois de outra visita ao consultório de Pedro mas desta vez a queixar-se do lumbago, Ricardo Vale propôs num gesto de gratidão pela consulta e medicamentos gratuitos que fossem mas é todos aí a uma almoçarada.*

*“Ó Doutor, traga também o guri, venha também com a Dona Fernanda, sei aí dum sítio onde se come uma cabeça de pescada como já não há!”*

*E foi a arte de comer cabeças de pescada que levou ao resto.*

*“Ah, já vi que também sabes!”, disse a Fernanda que era mestra no assunto e nunca conseguira persuadir o marido a sequer tentar as, para ele repugnantes, sutilezas acastanhadas das bochechas, o nojento veludo gelatinoso dos olhos, as imundas volúpias das cartilagens quebradiças.*

*Ricardo Vale, pelo contrário, era todo ele atenção meticulosa, manobrando os talheres com os seus hábeis dedos papudos de unhas reluzentes, enquanto o marido, com aquela mania de que era fino, se limitava às mariquices de uma posta do meio e o filho, aliás muito embirrento desde a visita à bruxa da avó, tinha insistido em bife e batatas fritas num restaurante de peixinho tão bom.*

*“Coitado”, disse no entanto Fernanda para Pedro, referindo-se depois ao prazer gastronómico do ex-inspetor. “Gostou. Eu também” (MACEDO, 1999: 187).*

Esse encontro resultou em outros, ratificados em uma carta que Pedro enviou a Ricardo Vale, onde, além de garantir atendimento médico gratuito – *o que em Portugal é sempre um excelente lubrificante de lealdades renitentes porque o rumo do socialismo mudou de rumo e não chegou lá* (MACEDO, 1999: 190) –, ainda cometeu um complicado ato falho: *“É evidente que não nutro ressentimentos nem rancores contra si pois sei muito bem que todas as suas atitudes foram instigadas por minha irmã”* (MACEDO, 1999: 190).

---

<sup>631</sup> *Nem o homem teria passado pela cabeça que pudesse ser uma real opção. Ficou primeiro num antro de retornados no Poço do Bispo, arranjou depois um quarto mais permanente já mais para os lados de Xabregas, e só semanas depois se meteu na camioneta da carreira para ir cumprimentar a Senhora Dona Ana Paula Freire Montês em Azeitão, muito respeitador e tão respeitável quanto conseguira. A única roupa formal escuro que ainda tinha estava-lhe apertada, um excesso de chopes a fermentar o feijão e farinha da sua apesar de tudo abundante miséria brasileira teria tido alguma culpa, mas trazia as unhas de novo envernizadas, os restos grisalhos do cabelo convenientemente apomados, um raminho de flores e o dente de ouro a reluzir num grande sorriso feliz por voltar a vê-la (MACEDO, 1999: 184-185).*



Em uma frase, uma única frase, Pedro torna público para quem o ressentimento e os rancores são endereçados:

*Teria certamente querido escrever “instigadas pela minha mãe” e terá sido isso que julgou que escreveu. Mas não, há uma fotocópia da carta, está lá “pela minha irmã”. Freud explica (MACEDO, 1999: 190).*

Freud explica? Inegavelmente é a história de Pedro, pontuada por insegurança e por sentimentos não-nomeados, pelo medo patológico de encarar os próprios abismos que fornece sentido a toda essa retenção emocional – e que vai sendo liberada aos poucos, gota a gota, mágoa que se soma a outra mágoa, infelicidade constante. É pela própria mão – instrumento que fornece visibilidade ao desejo – que Pedro expressa o pânico advindo da impotência e/ou da castração. É a escrita, traço memorial que imprime no texto o que até então estava reprimido, que projeta as lacunas substantivas e potencializa a ignomínia. E a ignomínia não se esconde atrás de reticências ou de dissimulações. Quando ela se apresenta invariavelmente está associada ao horror. Mas isso pouco importa, pois Pedro, privado de sentidos e conjugando as ruínas do inumano, não se detém diante da possibilidade de cometer uma blasfêmia.

Os acontecimentos seguem um fluxo histórico. Voltando no tempo, foi durante a “grande crise”, quando Paula deixou Londres e voltou para Lisboa para socorrer Pedro, que ocorreu um pequeno incidente:

*Mas depois, de repente, agarrou-se à irmã a pedir desculpa, a acariciar-lhe o cabelo, a puxá-la para si num gesto trapalhão que lhe tocou nos seios e, por um momento, pareceu a Paula, a querer beijá-la nos lábios, respirando fundo, segurando-a pelos quadris contra o seu corpo, todo a tremer e, finalmente, quebrando em fundos soluços de choro. E de novo pediu desculpa, afastou-se, confuso, tapando os olhos com as mãos como se apenas para enxugar as lágrimas.  
E ela: “Ai Pedro Pedro. Como tu estás!... Meu querido irmão...” (MACEDO, 1999: 80-81).*

O tempo sedimenta as tolices e institui tolerância às pequenas iniquidades – embora, os maus presságios despontassem no horizonte. Independente de quaisquer justificativas que possam haver ou amenizar algum desdobramento indesejável, o incesto não é uma alternativa válida. Mas Pedro é Pedro. E como se isso não bastasse, é atrás desse estatuto que se esconde a dissimulação afetiva.

É então que o ciclo da degradação se completa através da perversidade. Paula *tinha feito uma pausa para o requieirão e fruta que era o seu habitual almoço de trabalho e decidira ir ver*

*primeiro se havia algum correio* (MACEDO, 1999: 202). Havia. Apenso a um cartão, uma fotocópia da carta que Pedro havia remetido a Ricardo Vale.

*O que estava a acontecer agora era o Pedro ter escrito aquela carta. Ter dito o que lá dizia. Não era a mãe que era louca, aquilo é que era loucura. Pior. Muito pior. Aquilo era o impensável a acontecer. Alguém que ela amava, não, mais, o irmão, o seu gêmeo, o quase ela própria, a odiá-la, a querer destruir tudo o que ela fosse. E no entanto o Pedro... O seu Pedro!* (MACEDO, 1999: 203).

Paula estava enganada: o impensável ainda estava para acontecer, esse foi apenas um aviso, um sinal de que a tempestade ainda não havia atingido o continente e que depois de sua passagem somente seria possível contemplar a terra devastada.

*Percebeu que ia vomitar, correu a casa de banho, ficou curvada sobre o lavatório, o estômago a contrair-se em espasmos, a sentir um suor frio a cobrir-lhe o rosto, os cabelos a caírem-lhe sobre a boca, a ficarem empastados de cuspido porque nem vomitar conseguia, mal tinha comido. Não lhe acontecera assim desde pequena, uma náusea assim, sem pré-aviso, sem controle, desde que eram os dois pequenos, e estava a sentir agora o que então sentia e se esquecera quando era excluída dele, dos jogos dele, dos brinquedos que havia começado por ser dela, e que depois lhe dava voluntariamente, para o aplacar, e ele já não queria. Teve o mesmo movimento infantil de querer aplacar o irmão, pedir-lhe ela desculpa, fazer de conta que nada do que tinha acontecido acontecera* (MACEDO, 1999: 203).

A reação orgânica produzida pelo corpo de Paula (motivada pelo fato de que ela foi traída pelo irmão – pouco importa se isso ocorreu de maneira inconsciente) surge como uma forma de expulsar do corpo afetivo aquilo que lhe causa repulsa: depois de passar toda a sua vida gestando uma gravidez afetiva, o vômito é uma forma psíquica de dar à luz ao espanto e abortar a ilusão fraterna. Ou melhor, de esterilizar a fratria (útero do amor entre irmãos).

Simultaneamente, aquele com quem Paula compartilhava alguns de seus segredos mais significativos emerge da obscuridade (lugar que Paula nunca compartilhou com Pedro) como representação do inimigo.

Foi a necessidade de estabelecer essa dolorosa certeza que levou Paula ao telefone. Pedro não estava no consultório. Sentindo-se cansada, Paula deitou um pouco e, ao som de “Kegelstatt”, de Mozart, adormeceu. No final do dia, ligou mais uma vez para o irmão:

*“Paula! Olá! Então como estás?”  
“Li a carta.”  
Silêncio.  
“Que carta?”*

*“Ao pede. A tua carta.” Citou, já sabia de cor: “‘Sei muito bem que todas as tuas atitudes foram instigadas pela minha irmã.’ Essa carta.”*

*O resto do diálogo teria dado para farsa de enganos, se pudesse dar. Pedro tinha escrito aquela frase pensando que em relação à mãe, o que aliás moralmente não seria melhor, e foi por aí que quis começar a defender-se. Mas a Paula sabia, porque tinha ali a fotocópia, que se referia a ela, irmã. Cena a precisar da crueldade bem-disposta de um Feydeau. Aqui vai só o fim do diálogo.*

*Pedro gaguejando, mas ainda no ataque: “E então não foram? E não o convidou agora para ficar lá em casa?” Irritado: “Olha, tenho mais que fazer!” Solene: “Vidas a salvar!” Arrumando-a: “É para isso que me telefonas? Julgas que não tenho mais que fazer do que aturar os teus idióticos sentimentalismos?”*

*E Paula, de novo mais calma (...):*

*“Tenho aqui a carta. A tua carta para o pede. A carta que escreveste ao pede. É melhor falarmos. Fico a tua espera. Estou no estúdio.” (MACEDO, 1999: 204-205).*

Paula solicita a presença de Pedro: ele aceita ir conversar com a irmã e vai até o estúdio à noitinha, depois de atender os últimos pacientes: *Em espírito de confrontação, mas ainda assim a ver por que lado lhe ia pegar* (MACEDO, 1999: 205). Com a fotocópia da carta, Pedro lê o que escreveu:

(...) tendo notado o erro, embarcou na agressiva defesa dessa frase ou, porventura melhor dito, na justificação da subliminal veracidade dos sentimentos que nela por lapso traduzira. Algumas das acusações já haviam sido feitas em querelas anteriores, outras ainda não tinha tido ocasião de fazer, uma ou duas pensou-as ali mesmo. Por exemplo, a Paula tinha-lhe roubado a casa da Padre António Vieira. Aproveitando a altura em que ele estava mais vulnerável, dependente de todos, pela única vez na vida a precisar que ela o ajudasse. Não teria sido a única vez mas dava jeito para a retórica da culpabilização, logo reforçada:

*“Durante toda a vida só tenho recebido de ti palavreado grandiloquente e deslealdades mesquinhas. De cada vez que estive em aflição encontrei-te distraída a olhar ostensivamente para outro lado.”* Glosa do que teria escrito na carta que nunca enviara aos pais no tempo da grande crise do aborto que a futura mulher afinal não havia feito. Mas que Paula ouviu como uma acusação original (MACEDO, 1999: 205-206).

No jogo pouco racional que é o somar dos medos a melhor arma é atacar qualquer coisa que se desloque no horizonte. Raramente o alvo é atingido, mas essa ação contribui para distrair a atenção da defesa inimiga, ao mesmo tempo que mantém o controle do campo de batalha. Pedro, movido pelas suas inseguranças, encontra em Paula um motivo para centrar o fogo da artilharia.

*“Como é que pudestes escrever esta carta ao pede?”*

*Mas ele respondeu ao que ela não tinha dito:*

*“A casa é minha!”*

*A da Padre António Vieira? A de Azeitão? Desta vez Paula tentou argumentar:*

*“Não, nem minha. Era dos pais. É da mãe.”*

*E Pedro seguiu na via do sarcasmo:*

*“As tuas razões são sempre de um altruísmo tocante. Mas os benefícios são também sempre em teu proveito exclusivo!”*

*“Quais benefícios? Mas por que isto agora? Na altura...”*

“Na altura? Na altura? A deixarem-me ir viver como um indigente? Numas águas-furtadas de paredes bolorentas? Sem os meus livros? Sem os meus discos? Vê lá se tu não trouxestes para aqui o piano? Tendo já outro na casa do teu amante. E a cama.  
 “Mas Pedro, para que tanto ressentimento, eu e o Gabriel procuramos ajudar a mãe...”  
 “Impedindo que ela se tratasse? Ou agora também sabes de medicina, tu e o teu amante geriátrico? Impedindo que a minha mãe fosse internada para poder ser tratada?”  
 “Mas também te procuramos ajudar a ti ... Também ficaste com a mobília que quiseste... Ficaste aqui o tempo que quiseste...”  
 “É à Fernanda que devo tudo. Exclusivamente.”<sup>632</sup> A mais ninguém. E não te esqueças de que tenho um filho. A minha família é só essa. Só eles me interessam. A casa era minha! Portanto a outra também!”  
 “Mas Pedro, para que esta briga?”  
 “É estranho, este teu novo horror a brigas. Desde a infância sempre as aproveitaste e acirraste, sempre foste exímia em extorquir delas o máximo proveito pessoal.”  
 “Isso é falso, isso é falso”, murmurou Paula, “isso é tão injusto. Ó Pedro, ó meu Pedro...” As lágrimas vieram, que ela não procurou evitar nem enxugar, olhando ainda o irmão, incrédula, suplicante. “Por que tanto ressentimento?” (MACEDO, 1999: 206-207).

As acusações se sucedem com a vertigem da insensatez. Guiado pela paranóia e pela vontade de recuperar as pequenas derrotas que julga ter acumulado com a vida familiar, Pedro ambiciona demolir com todos os obstáculos que o impedem de alcançar um mundo particular, onde a felicidade se encontra ao seu dispor. Como isso não é possível, Pedro ataca indiscriminadamente, *embalado na retórica falsa dos ressentimentos verdadeiros que nada precisavam de ter a ver com a veracidade* (MACEDO, 1999: 207).

No meio da briga, algumas frases se destacam: *Gostava de ti como uma filha, muito mais do que como uma irmã. Para acabar descobrindo que nem uma amiga leal me eras* (MACEDO, 1999: 207). “Gostava de ti como uma filha”, afirma Pedro sem entender que os papéis que cada um dos personagens interpreta no teatro familiar não podem ser trocados ou negados: ou é irmã ou é filha – há impossibilidade na ação simultânea. E essa discrepância é reforçada pela frase seguinte: “*muito mais do que como uma irmã*”. Como não é possível determinar se um amor é mais intenso do que o outro, Pedro mostra o quanto está confuso, agregando ao seu discurso mais uma categoria afetiva: *Para acabar descobrindo que nem uma amiga leal me eras*. Enfim, Paula

<sup>632</sup> No confronto final com Paula, ele [Pedro] afirma: “É a Fernanda que devo tudo. Exclusivamente.” Da ótica da evolução da personagem, essas palavras são exatas. A mulher é quem proporciona a Pedro a vitória do ponto de vista material, e o naufrágio de seus valores humanos.

Se pensarmos em tudo isso como metáfora, poderíamos dizer que, contrariando Freud, nem sempre o resgate do passado significa a solução da neurose. Poderíamos inclusive fazer um parêntese relacionando a predileção de Pedro por Wagner e seus heróis míticos predestinados a falhar (pensemos em Sigmundo e sua peregrinação em busca do próprio passado e da própria identidade, cuja tentativa de resgate leva-o à destruição), e ecos do nazismo (discutivelmente) renunciado na mitologia wagneriana (SILVA, 1999).

não se enquadra em nenhuma classificação amorosa: não é filha, irmã ou amiga. No máximo, um objeto, desses que devem ser usados e depois afastados para o mais longe que for possível.

Nesse instante, o Narrador, que até então estava a se conter para não contaminar o texto com suas opiniões, rompe com o silêncio e fornece um comentário sobre a cena:

*Se eu fosse dado às psicologias teríamos aqui pano que até sobrava para as vastas mangas de um colete-de-forças. Mas quem é médico e deve saber dessas alfaiatarias é o Pedro, não sou eu, que sou apenas o perplexo autor desta história. E, como autor, julgo que o máximo que me compete é tentar abstrair desta exemplificativa lição privada a sucinta lição pública que a todos nós diz respeito. A qual, salvo erro e mesmo que pareça vir a despropósito, é que o Proudhon é muito perigoso. Perigosíssimo (...) “A propriedade é um roubo!” “A terra é de quem a trabalha.” A mesma utopia (MACEDO, 1999: 207).*

Mostrando que os dois assuntos (a atitude de Pedro e as questões da posse material) não estão tão afastados quanto poderiam parecer a um primeiro olhar, o Narrador coloca os atores sob a luz dos holofotes, indicando que um desfecho trágico se aproxima.

*A Paula, lembrem-se, estava a chorar. Enxugou as lágrimas com os dedos. Passou as costas da mão direita pelo nariz, também umedecido, deixando nele uma risca de tinta vermelha, de quando lavara os pincéis antes de telefonar ao irmão. O qual agora lhe estava a dizer, angustiado, comovido consigo próprio: “E eu que gostava tanto de ti!... gostava tanto de ti!...” fez um movimento para ela, para a ir abraçar (MACEDO, 1999: 208).*

A tentativa de carinho do irmão, repetição do que aconteceu após outros momentos de crise, ecoa em Paula como algo insuportável, talvez a reprise de uma história medíocre – onde, depois da convulsão emocional, todos os pecados são perdoados. Não é o caso:

*(...) finalmente qualquer coisa de fundamental quebrara mesmo em Paula em relação ao irmão. Estava livre dele. Afinal era dele que tinha andado a querer libertar-se todos aqueles anos. Foi o que finalmente percebeu (MACEDO, 1999: 208-209).*

Infelizmente, a consciência da liberdade está longe de ser o exercício da liberdade. Paula, quando percebe que estava livre, torna-se prisioneira de Pedro:

*“Tudo para mim começava e acabava em ti!...”, dizia no entanto ainda Pedro, a afagar-lhe os cabelos, a querer beijá-la, a prendê-la nos seus braços, ele próprio quase em lágrimas, comovido com a sua própria comoção. “Perdoa-me, perdoa-me...” Paula procurou afastá-lo, arrancar do seu corpo as mãos com que ele agora a segurava pela cintura, a puxarem-na para ele, a descenderem pelas nádegas. Sacudiu-o bruscamente. Afastou-se. Olhou-o com repulsa.*

*“Sabes o que é que eu não consigo mesmo perdoar-te, Pedro? É que afinal tu és irremediavelmente, irrecuperavelmente menor. Apenas um pobre-diabo...” (MACEDO, 1999: 209).*

E o pobre-diabo, que nunca soube aceitar a rejeição, sucumbe à pressão e cruza a linha da insanidade, desrespeitando a irmã, a amiga, a pretensa filha.

*E então... Bom, o resto foi rápido e brutal.*

*Pedro avançou para a irmã de punho erguido, empurrou-a, ela caiu, ele caiu sobre ela, rasgou-lhe a camiseta, comprimiu-lhe os seios, bateu-lhe várias vezes com a nuca no chão, hesitou por um brevíssimo momento quando a percebeu atordoada, levantou-lhe a saia sobre o ventre, quebrou o elástico das calcinhas de seda, baixou-as até conseguir desembaraça-las dos pés, abriu a braguilha, tirou das calças o pênis erecto, afastou-lhes as coxas com ambas as mãos, penetrou-a com um orgasmo imediato, que esfriou rapidamente, viscoso, em parte derramado sobre a vagina contraída.*

*Depois andou atarantado pelo estúdio, à procura dos óculos. Que estavam caídos no chão, perto de Paula. Apanhou-os, correu para a porta, saiu sem a fechar (MACEDO, 1999: 209-210).*

O estupro incestuoso<sup>633</sup> confirma o que até então se apresentava como uma suspeita: a anatomia do desastre. A fratura (que, se tomados os cuidados necessários, eventualmente, pode calcificar) transformou-se em amputação.<sup>634</sup>

Com o estupro incestuoso, não sobra espaço para outra coisa senão o silêncio, instante em que Paula nada mais tem a dizer àqueles que integram essa ilusão social que, na falta de expressão mais qualificada, é denominada de família.

Pedro e Paula extirparam os laços fraternos, o cordão umbilical que ainda os unia – ironicamente, contra todas as expectativas, os irmãos se tornam dois corpos envolvidos pela dor, caminhando em direções divergentes, separados por um ato covarde.

---

<sup>633</sup> (...) a brutalidade do estupro incestuoso, várias vezes antes ensaiado por Pedro contra a irmã, e por fim executado na dimensão dessa agressividade sem peias, só pode ser entendido à luz da sua perda de ascendência sobre ela que, em definitivo, se alforriara da proteção e do jugo do seu gêmeo. E, segundo sua própria tese a respeito da vida, Pedro macula a irmã naquilo que ele mesmo considera os dois atos biológicos fundamentais para a sobrevivência da humanidade: a ingestão e a expulsão, o sêmen e o parto – e, por isso mesmo, essa ação, dita de vida e da preservação da espécie humana, se transmuta, pelas mãos de Pedro contra Paula, em ato de morte (DAL FARRA, 2002).

<sup>634</sup> (...) Pedro, esse duplo de Paula desde o nascimento tão dela distanciado. Com ecos bíblicos e machadianos, a narrativa recupera os gêmeos que brigam desde o seio da mãe. Pedro é talvez aquele que de Paula está mais longe, aquele que impossibilitado pela ausência de uma fala própria, vê na irmã o outro que tanto o ameaça. Amor e ódio, solidariedade e rivalidade, desejo e indiferença, admiração e inveja estão duplamente inscritos na relação dos gêmeos e Pedro é infantilmente incapaz de lidar com a diferença que ele não entende como acréscimo, mas antes como ameaça. Para que ele exista em segurança é preciso que Paula morra e é sobre o corpo de Paula (que também é Paula) que desaba o ódio do irmão através do estupro, tentativa primitiva de tomar o outro à força e para quem do desejo. (FIGUEIREDO, 2002).

Toda essa tragédia – com contornos operísticos<sup>635</sup> – deságua em uma outra suspeita, uma nova ambigüidade: os mitos gregos sempre aparecem por trás das ações humanas, povoando a insensatez e a repetir as lições que ninguém quer aprender.

*E também há outra coisa que te quero perguntar.”*

*(...)*

*“O Gabriel” – continuava a usar por vezes, além do tu e do você, essa forma peculiarmente portuguesa de distanciador tratamento na terceira pessoa, que no entanto agora também servia para acrescentar um sutil picante à total intimidade física que se deleitava de fruir com o seu amado amigo – “o Gabriel não teve filhos porque a sua mulher não queria, ou não podia? Ou o Gabriel não queria? Ou não podia...?”*

*“Não faço a menor idéia. Nunca pensei nisso. Mas como sabes ela casou-se outra vez para celebrar o 25 de Abril e não tem filhos. O que não quer dizer nada na idade dela. Por quê?”*

*“Deixei de tomar a pílula. Acha bem?”*

*Enorme sorriso de Gabriel, a dizer tudo. E olhou-a com uma atenção muito especial, como se ela já trouxesse em si uma vida também sua (MACEDO, 1999: 183-184).*

---

<sup>635</sup> As referências musicais aparecem em todo o livro. Composições de Wagner e Mozart, por exemplo, são citadas várias vezes. No entanto, duas composições são significativas no “andamento” da narrativa: “Noite transfigurada” (*Verklärte Nacht*), de Arnold Schoenberg (1874-1951), que é uma peça de grande carga emocional e que foi composta originalmente para sexteto de cordas (mais tarde recebeu orquestração para grandes grupos sinfônicos), e a ópera *Pelléas et Mélisande*, musicada por Claude Debussy (1862-1918), libreto de Maurice Maeterlinck (1862-1949), e que estreou em Paris, em 1902. A reunião dessas duas peças musicais constitui, de forma oblíqua, uma representação sinfônica da intensidade do ciúme que Pedro – como uma espécie imaginária de marido traído – sente por Gabriel.

O libreto de *Pelléas et Mélisande* pode ser resumido da seguinte forma: O príncipe Golaud é casado com Mélisande. Pelléas, meio-irmão de Golaud, se apaixona por Mélisande. Enciumado, Golaud aprisiona Pelléas nos subterrâneos do castelo. Pelléas se encontra com Mélisande e declara o seu amor. Ao saber da infidelidade, Golaud fica furioso e surpreende o casal. Depois de ferir Pelléas com a espada, Golaud persegue Mélisande pela floresta. Mélisande dá à luz uma menina e morre. Golaud não tem coragem para perguntar à moribunda sobre a paternidade da criança.

“Noite transfigurada” e *Pelléas et Mélisande* aparecem de maneira particularmente significativa na seguinte cena: *Quando [Paula] trabalhava assim, obsessiva, ia muitas vezes procurar na música o estímulo para as soluções visuais que não conseguisse encontrar logo, achava que o efeito que neste caso procurava estaria algures entre Debussy e Schoenberg, ouvia disco após disco enquanto pintava e às vezes, quando o pincel ainda assim não chegasse lá, ia dedilhar no piano as notas que lhe faltavam, de pé, como agora.*

*De Schoenberg, Paula sabia que queria as reversões regeneradoras da Verklärte Nacht e em Debussy achava que encontraria as notas certas nas encantatórias irradiações do interlúdio que precede a cena em que Pelléas se embriaga de amor com os cabelos de Mélisande. Tocou duas ou três notas de Schoenberg, mas as que tocou de Debussy eram afinal da cena seguinte à dos cabelos, quando Golaud força Pelléas a contemplar o cheiro da morte no subterrâneo do castelo. Inverteu-lhes a ordem, transpôs notas de um para outro, alterou-as de novo, desistiu, exasperada, a ter de aceitar que nessa tarde já não ia conseguir. Pôs o disco na última cena da ópera, recostou-se no leito das contemplanções, como Gabriel chamava à cama de solteira que trouxera da Padre António Vieira para o estúdio, deixou-se ficar a ouvir até o fim, quando o velho cego Arkel, que logo tinha dito que não vemos senão o reverso dos destinos, diz já não para Mélisande mas para a filha de quem só Deus sabe qual dos dois irmãos era o pai: “Maintenant... C’est le tour de la pauvre petite...” Mas a sua reação não foi a habitual, em vez de devidamente comovida deu-lhe vontade de rir porque só então reparou que a história implícita da Noite Transfigurada metia dois papás, o que engravidara a senhora e o amante que diz que não tem importância nenhuma, que a criatura que ela traz no ventre passou a ser dele. Pois é, nunca tinha dado por isso. A mesma triangulação, o reverso dos destinos. (...) E o mais curioso é que o Schoenberg também havia escrito um Pelléas. Antes ou depois? O Gabriel devia saber (MACEDO, 1999: 194-195).*

Pois é, Paula se preparava para ter um filho de Gabriel quando Pedro, em um momento de insanidade, ultrapassou todos os limites do bom-senso. Por uma dessas coincidências estranhas, que somente o acaso é capaz de fornecer explicações, na noite anterior ao estupro, Gabriel e Paula haviam tido relações sexuais.<sup>636</sup>

*Quando regressaram à casa da Lapa estavam talvez um pouco mais tímidos um do outro do que costumavam, foram-se deitar talvez receando que pudesse haver uma primeira vez em que, deitados juntos, os seus corpos pudessem adormecer sem se terem encontrado um dentro do outro. Como também nessa noite afinal se encontraram. E depois Paula disse: “Não, fica assim. Não saias de dentro de mim.” Tratando-o por tu. Abraçados como estavam, Gabriel não ouviu bem quando ela murmurou também: “Maintenant, c’est le tour de la pauvre petite.” (MACEDO, 1999: 201).*

E então, quando Paula, alguns meses depois dá a luz a uma menina, Filipa,<sup>637</sup> surgem dúvidas sobre a paternidade da menina.<sup>638</sup>

*O que não sei é se terá herdado da mãe a vocação visual como herdou a da música. Os olhos, sem dúvida. Parecidíssimos, mesmo que vejam diferente, como lhes cumpre. E portanto também a lembrarem os de Gabriel, que era onde ele e a Paula tinham mais um ar de família do que a Paula e o irmão gêmeo. O que me traz de novo à tal pergunta impossível. Que como é preciso fazê-la, aqui fica: o pai de Filipa. O Gabriel? O Pedro? Se calhar a resposta é que é impossível, nas circunstâncias. Ou que não fosse – hoje em dia há testes genéticos que se podem fazer para casos semelhantes – é talvez melhor deixar que seja. Deixemos portanto que aqui fique, como uma pergunta sem resposta (MACEDO, 1999: 215-216).*

---

<sup>636</sup> No dia seguinte, de novo a batalhar no quadro que finalmente começava a sair certo, Paula encontrou-se a pensar por que razão automaticamente presumira que, se tivesse uma criança, seria uma filha e não um filho. Gostando tanto de Gabriel como gostava, não seria mais natural imaginar-se a reconstruí-lo em si, a transformar-se nele dessa maneira? O que não teria nada a ver com a realidade do filho ou da filha que eventualmente produzisse, é claro, isso seria certamente outro assunto que teria sobretudo a ver com a realidade própria da pessoa que dela nascesse, assim esperava que fosse, só assim devia ser. Mas era agora, antes de poder sequer saber se estava ou viria a estar grávida que o desejo de que fosse um ele Gabriel ou uma ela própria podia ser significativo. Por virtude do muito imaginar. Estranho, como nos últimos dias se tinha estado a lembrar ainda mais vezes do que sempre se lembrava das conversas que tinham tido em Londres, quando lá fora procurá-lo por virtude de tanto o ter imaginado. Bom sinal, ou mau sinal? Expectativas de gravidez, era o que era. Sinal apenas disso (MACEDO, 1999: 201-202).

<sup>637</sup> Por seu turno, o tal simbolismo, que a narrativa gosta de nomear como uma de suas atividades e que fica patente nas atribuições bíblicas (...), se torna enriquecido quando a ambigüidade existente na ação geminar se asila na filha de Paula. Falamos, pois, de “filipa”, o nome dado à criança de origem enigmática, quando topamos com sementes grudadas uma na outra, quando se trata de frutas incochas, quando queremos nos referir a frutas que nascem pegadas uma na outra ou, então, a coisas muito ligadas entre si. Neste sentido, Filipa guarda, desde o batismo, o liame da origem gêmea da mãe, ao mesmo tempo em que prevê, na sua etimologia, a crucial pergunta casmurra sobre a filiação: Pedro ou Gabriel? (DAL FARRA, 2002).

<sup>638</sup> A história de Filipa segue o velho jargão marxista, que vaticinou a repetição da história: a primeira vez como tragédia, a segunda como farsa. Caberia então rever o incesto (os incestos), sob um novo enfoque, para que todas as dúvidas sejam esclarecidas e que Filipa possa se apoderar de sua identidade – mas quem quer encontrar a verdade? O Narrador certamente não, pois construiu um texto que nega todas as situações esclarecedoras. Paula e Pedro também não querem revolver o passado, pois isso somente faria com que as mágoas aflorassem outra vez. Então,... Pois é, que o leitor fique assim, macerado em dúvidas.



Mais uma vez a indeterminação, como compete a um texto fornecido por um narrador dissimulado, que sente grande prazer em manipular os fatos e colocar dúvidas para o leitor ao mesmo tempo em que se exime da responsabilidade: *Deixemos portanto que aqui fique, como uma pergunta sem resposta.*

É esse mesmo narrador que aparece outra vez a nos fornecer o desfecho para o drama de Paula, depois da ignomínia cometida por Pedro: *E acho que aqui devo dar duas escolhas ao leitor* (MACEDO, 1999: 210).

*A versão mais sucinta seria assim:*

*Pedro meteu-se no carro, foi à vida, e quando Gabriel veio pouco depois buscar Paula para o jantar (tarde, como na véspera, para ela ter podido aproveitar melhor o dia de trabalho) encontrou tudo normal, entrou, e o resto nem seria necessário contar gênero seco e eficiente, à maneira dos clássicos, a deixar a tragédia reverberar fora de cena* (MACEDO, 1999: 210).

Fiel ao seu ofício, o narrador prefere a versão longa – *mesmo quando arrisca-se a estragar tudo pelo grotesco* (MACEDO, 1999: 210).

*Ao sair Pedro viu na rua, saltitando absurdamente, a querer espreitar pela janela do estúdio, numa grande aflição, o vulto que logo reconheceu de Ricardo Vale. E também avançou de punho erguido, como avançara para a irmã, mas agora aos berros:*

*“Traidor! Canalha! Este é da Pide! Traidor! É da Pide! É da Pide!”*

*Só que o pide era um profissional das violências, fez uma finta mais ágil do que competia ao seu corpo engrossado e atarracado, e o braço de Pedro ficou no gancho de uma dolorosa torção policial atrás das costas antes que tivesse conseguido agredi-lo.*

*Hábitos antigos: “Quer que eu parta?”, e dava mais uma torção, “é só dizer”, uma dor mais intensa”, “quer mesmo que eu parta?”, mais uma torção, dor aguda, insuportável, “para mim é igual, veja lá, já está quase partidinho, só mais uma vez, está bem?”*

*Foi quando Gabriel chegou. Já estava escuro, ouviu gemidos, olhou melhor, viu que era Pedro. A ser assaltado. E havia também mais algumas pessoas, só a quererem ver, sem ideologias, murmurando curiosidades passivas a uma distância prudente.*

*“Pedro”, chamou Gabriel. E para o outro, que não conhecia: “Largue-o já!”*

*o que Ricardo Vale fez imediatamente. E quando Gabriel esperava que este fugisse, foi Pedro quem correu para o carro, segurando o braço. O outro ficara à espera, a ver também o carro a arrancar com um guincho de pneus, rua adiante.*

*E disse:*

*“A Paulinha, Senhor Doutor. A sua Paulinha. Não cheguei a tempo. Não consegui protegê-la. Vá, Senhor Doutor, vá depressa. Eu fico aqui.”* (MACEDO, 1999: 211)

Para a ignomínia não há explicações, mas precisando competir com Gabriel, Pedro se contorce em ciúme. Gabriel, amante generoso, também se desdobra na função de irmão “ideal”. Ou melhor, na representação de um pai amoroso (fornecendo o afeto que José Pedro negou à filha). E, ao desempenhar essa tripla função, esse deslocamento incestuoso (que talvez nada tenha de

incestuoso, mas que se apresenta sob o signo dessa suspeita), Gabriel forneceu mais um motivo mesquinho para que Pedro exerça a violência. Mais do que punir Paula, Pedro também quer causar dor em Gabriel – o homem que mantém relações sexuais com Paula. Pedro, primogênito e herdeiro de José Pedro, sabe que o poder da autoridade está amalgamado com a potência sexual masculina (e o estupro é uma tentativa pífia de provar o que não pode ser provado).

E a história aqui poderia também ficar, deixando o leitor horrorizado com o relato cruel de uma história fraterna. Não fica. Prossegue. O narrador ainda acredita ser necessário esclarecer um par de coisas, como que a colocar imaginários pingos em “is” inexistentes.

Por exemplo, que o narrador se cansou de ser “apenas” o narrador e, seguindo narrativas modernas, dessas que preferem misturar os gêneros narrativos e entrecruzar as fronteiras entre o real e o imaginário, subverte a hierarquia ficcional e migra para a condição de personagem-narrador, com uma voz que se confunde com a do autor (o nome na capa do livro):<sup>639</sup>

*E direi eu, que preferia não ter de te explicar tudo: o tempo passa, o tempo passou. E à parte os mais ou menos implícitos ou explícitos simbolismos que já cantam, passou o tempo suficiente para a filha que terá resultado ou não dessas maldades já poder estar daqui a pouco em idade universitária, o Gabriel morto, a Ana confinada, o Pedro a passar saudáveis finais de semana na sua casa de Azeitão com a mulher, o filho a não ter dado para universidades mas também não era preciso para nada porque está a ganhar até dizer basta na indústria imobiliária. E a Paula, bom, mas já disse, já devia ter dado para entender, a Paula a deixar que eu me escreva no que ela fosse. Ah, e o ex-pide Ricardo Vale, ou alguém igual a ele, apareceu há dias na televisão portuguesa, com o entrevistador muito mesuras a tratá-lo por Senhor Inspetor como no antigamente, a mandar vir sobre como as coisas realmente se passaram (MACEDO, 1999: 216-217).*

Voltando um pouco: *E a Paula, bom, mas já disse, já devia ter dado para entender, a Paula a deixar que eu me escreva no que ela fosse*. O narrador escreve, como se fosse uma frase banal, “*A deixar que eu me escreva no que ela fosse*”, ignorando que está introduzindo no texto uma nova ambigüidade, mais um detalhe confuso que se agrega à narrativa.<sup>640</sup>

---

<sup>639</sup> (...) a narrativa desde o início se assume como produto de ficção, o que é ratificado por um discurso no condicional que surge desde o primeiro capítulo. Assim, em vários momentos, o trabalho da escrita é posto diante dos olhos do leitor, instigando a sua condição de espectador, mas também de testemunha. Ao colar, enviezadamente, à figura do narrador-autor, a condição civil do cidadão Helder Macedo (com sua família, seu trabalho, sua moradia, sua ocupação e sua produção literária) garante-se a legitimidade ao escrito. Digo legitimidade e não veracidade, porque afinal qualquer discurso será sempre a construção de uma ficção, mesmo quando esta vem marcada pela condição autobiográfica (FIGUEIREDO, 2002).

<sup>640</sup> Um parágrafo solto no meio do texto não é um parágrafo solto no meio do texto. Mas, a não ser que surjam teses absurdas, fica difícil entender a que se refere esse parágrafo: *E o livro estaria terminado, ainda tinha uns dias de férias, e escusaria de levar a Paula comigo para o Brasil, a interferir nos cursos que lá vou dar em setembro. Fico assim obsessivo, quando escrevo* (MACEDO, 1999: 216). Paula é o livro? O romance? Paula é a personagem ou a

Pois é, no meio dessa confusão, a voz desalentada do Narrador continua o relato:

*A Paula tinha toda a razão, muita sorte tivemos nós em ter sido jovens nos anos 60, quando havia o ensaio geral da utopia, a sífilis acabara, e Deus já não se lembrava se era menino ou menina. Anos esses 60 que como toda a gente sabe começaram em Londres em 1963 porque assim o disse o poeta Philip Larkin a queixar-se de que para ele era tarde demais e que, como sabe quem sabe, terminaram em Lisboa lá para os fins de novembro de 1975. E mais tarde vieram a aids e o monetarismo. Que é onde estamos todos (MACEDO, 1999: 219).*

(...) *muita sorte tivemos nós em ter sido jovens nos anos 60*. Pois é, esse “nós” surge diante dos olhos do leitor como um nó. Ou uma brincadeira, um desses jogos de armar que desarmam o leitor a cada tentativa de decifrá-los. Não satisfeito em ser um intrómito, cheio de teorias e sarcasmo, o narrador, nas páginas derradeiras, introduz um novo mistério.<sup>641</sup>

*O que me faz decidir (informações fundamentais) que afinal preciso mesmo de pensar no que a Paula me teria a dizer antes de poder terminar o livro. Vou tratar disso amanhã, talvez depois do jantar. Aliás, até seria divertido, se ela pudesse cá vir jantar, porque já é para vir uma outra Paula também pintora (e essa não há como ocultar-lhe o nome mesmo*

---

companhia (amiga, amante) do narrador, digo, do autor, Helder Macedo? *Paula c'est moi?* Difícil responder essas questões, mas nas páginas finais do romance (romance?) há um longo diálogo entre o Narrador e Paula (p. 228-236), onde não escrupulos em tornar pública a intimidade entre os dois. De qualquer maneira, as questões essenciais estão colocadas em poucas frases, entre as páginas 229 e 230, misturadas a uma miríade de detalhes, é necessário usar lupa para descobrir o que realmente importa no meio de tantas frases.

*“(...) Ainda bem que decidi... que deixei que a Filipa nascesse.”*

*“Mudou muito a vossa relação?”*

*E a Paula, que é fina e me topou logo:*

*“Achas que até a Filipa nascer a filha era eu? Pareces a minha mãe. Desculpa decepcionar-te mas não, não foi incesto.”*

*Horrível provocação. A pôr-me no meu lugar. Se eu fosse parvo, e por um momento quase fui, Ter-me-ia saído com qualquer coisa no gênero de “não esse”. Que noutra ocasião e noutro contexto a própria Paula poderia perfeitamente Ter dito, como desafio profilático aos olhares desviados de quem soubesse da história, como bizarramente parece que houve logo, ou que constou. Ou mesmo rido se eu o tivesse dito para me mostrar que estava perfeitamente de acordo que só com coisas sérias é que se brinca, como eu prefiro. Mas não naquele contexto e naquela ocasião, por íntimo e agradável que fosse podermos estar ali na esplanada do Regent's Park apesar do vinho branco venenoso que nos serviram porque era o único que havia. Londres nisso melhorou, mas ainda depende muito. E o chá a que nos resignamos depois era também péssimo, uma tintura de terebintina. Portanto, se foi um teste acho que não me saí mal (MACEDO, 1999: 229-230).*

De qualquer maneira, essa história de *só com coisas sérias é que se brinca, como eu prefiro*, não parece ser brincadeira, tampouco coisa séria, pois tomar chá no Regent's Park, em Londres, está muito além da ficção e muito próximo da realidade. Que o Narrador e Paula tenham se encontrado e que Paula tenha com ele feito confidências, o relato de uma vida, parece ser plausível. Igualmente verossímil é a possibilidade de escrever um texto contando as desventuras de Paula, a tragédia que é conviver com a inveja, o ressentimento e a loucura fraterna. O que causa estranheza é o tom pessoal que o Narrador utiliza na parte final do texto, abandonando em definitivo a terceira pessoa. Insatisfeito em estar fora do ângulo focal, rompe com o pacto narrativo e, docemente constrangido, assume um lugar diante dos holofotes. Em tom de brincadeira, mascara as questões mais importantes (os incestos) com anedotas insalubres, porque esta parece ser sua função: entreter.

<sup>641</sup> Marisa Corrêa Silva adverte que *Essa mistura propositada entre ficção e realidade é, também, uma clara advertência ao leitor de que as fronteiras não importam dentro desta obra* (SILVA, 1999).

*sem o dizer) além de outra amiga também chamada Paula que é historiadora de arte em Lisboa e me explicou tudo sobre os prazeres dos cemitérios. E mais uns ingleses, a quem vou dizer que Paula em português não é nome, é profissão. O que não sei é se esse fato poderá ajudar a Paula do meu livro a conseguir uma galeria em Londres, que é sempre uma grande complicação. Seja como for: mesmo que o jantar não dê para verificar os pormenores fundadores de que ainda preciso e tenha que ficar para outro dia, pelo menos já irei preparando o terreno*

Pois é, as Paulas se multiplicaram.<sup>642</sup> Como os fragmentos de um espelho quebrado – que refletem mil imagens, sem destacar nenhuma.

Mas, há outras imagens a ser esclarecidas. E o final da narrativa implica em estabelecer uma contabilidade ficcional: Gabriel morreu contente com a paternidade extemporânea,<sup>643</sup> Ricardo Vale conseguiu ganhar uma pensão estatal,<sup>644</sup> Ana foi para um asilo,<sup>645</sup> Fernanda contrariando o passado acumulou um pouco mais<sup>646</sup> e teve um outro filho.<sup>647</sup>

---

<sup>642</sup> O milagre da multiplicação das Paulas está identificado na dedicatória do “escritor” de *Pedro e Paula*: “Para a S. no tudo que é tudo (e para as Paulas). O uso do plural, e para as Paulas, apesar do parênteses, indica ressonâncias, duplos, cópias, o uno multiplicado em suas dores, atravessando a História como uma repetição incessante da tragédia familiar, esse momento em que todos se reconhecem no reflexo cultural. A certeza de que existem muitas Paulas espalhadas/espelhadas no universo real/ficcional retoma o compromisso ético de apoiar todos os que são/foram oprimidos. Ao mesmo tempo, quebra o pacto literário de que o nome na capa do livro é diferente do nome do narrador, que, por sua vez, é diferente do nome do personagem – cada qual em sua função, a nomenclatura é para impedir que essas confusões aconteçam, é preciso manter a ordem na casa, cada objeto em seu lugar. Propositamente, a dedicatória não faz menção à existência de algum Pedro, de alguns Pedros. Talvez essa omissão resulte da ciência de que um nome nunca é apenas um nome, quiçá o nome Pedro esconda alguma coisa. Ou, em hipótese muito menos sofisticada, seja sinônimo de Helder, Gabriel, Rogério, Ricardo,... Espelho, espelho teu, diga-me se existe alguém mais dissimulado do que o narrador?”

<sup>643</sup> “O Gabriel adorava a Filipa... Via-se logo. Tinha imenso orgulho nela...”

“Ah, sim. E ela nele. Aos cinco anos queria levá-la para a escola. Que ficasse lá com ela. Exibi-lo às amiguinhas. Foi um caso de amor à primeira vista. De parte a parte. Quando ela nasceu foi ele que quis levá-la para a Assembléia da República, exibi-la aos deputados. Nasceu para ser pai. Não saberia, mas deve ter sido o que sempre quis. Tu sabes, sim, acho que sabes, ele era muito mais sensível, muito mais vulnerável do que a sua imagem pública (MACEDO, 1999: 229).

<sup>644</sup> (...) eventualmente foi para o raio que o parta proteger quem não entre neste livro. Porque lá isso certamente foi. Já se sabe, polícia é polícia (MACEDO, 1999: 222).

<sup>645</sup> Que não era bem asilo nem de loucos, mas um daqueles lares campestres perfeitamente confortáveis que há para o entre o lusco e o fusco dos que já não querem nada. A Paula e o Gabriel continuavam contra, são personagens consistentes, e propuseram em vez uma governanta e até enfermeiras que eles pagariam, porque a saúde física de Ana se tinha de fato deteriorado. Mas em vez, foi o Pedro quem pagou tudo, e gabava-se muito da despesa que estava a fazer com a mãe. Mais a assistência médica gratuita que lhe dera, aquilo tudo somado era como se fossem milhares de contos. Portanto tinha direito à casa e ao recheio. A Paula deixou, tudo através de advogados. Mas o que teria sido um gesto de desprezo por parte dela foi entendido pelo irmão como uma confissão de culpabilidades, um reconhecimento de legítimos direitos. O Pedro sempre a faturar (MACEDO, 1999: 225).

<sup>646</sup> [Fernanda] Teve saudades de Borba, lembrou-se dos antigos camaradas que mal vira desde que casara. Então teve uma idéia e foi vê-los, com uma proposta de sociedade: eles averiguavam que mobílias antigas ou mesmo apenas regionais houvesse potencialmente compráveis por aqueles montes e ela trataria da comercialização de tudo em Lisboa: trinta e cinco por cento para os camaradas, sessenta e cinco para ela. Mas eles ficaram a olhar para ela muito deprimidos e ela regressou a Lisboa ainda mais deprimida porque assim é que eles nunca mais saíam daquela miséria, percebe? Não sabiam nada de mais-valias, nunca tinham conseguido comercializar os produtos das terras

*Decidiu portanto que o queria mesmo era ter também uma filha, se a Paula tinha ela também queria. O Pedro andava todo influenciado com a sua recuperada silhueta, aproveitou-lhe os entusiasmos, mas ao fim dos nove meses não era filha, era outro filho. Quem não achou graça nenhuma foi o Rogério, ainda por cima a darem ao mal-vindo o nome do pai, Pedro, de hierarquia indubitavelmente superior ao seu, que nem de nome servia (MACEDO, 1999: 227)*

*Rogério antevê no irmão, o mal-vindo, uma nova batalha fraterna: ainda por cima a darem ao mal-vindo o nome do pai, Pedro, de hierarquia indubitavelmente superior ao seu, que nem de nome servia. Mas esse conflito, que se projeta no futuro ficcional, se esvai na urgência da narrativa, que está centrada em Pedro e Paula.*

*E o Pedro? Pois é, o Pedro, quando termina a narrativa, está feliz. Sim, feliz à sua maneira: preso a reprodutibilidade técnica de uma medicina que perdeu a função social e se quis arremedo estético (FIGUEIREDO, 2002).*

*O que ainda não disse foi que entrou de sociedade com uns sul-africanos, parece que são os melhores, numa clínica em Carcavelos de reconstruções plásticas, lipoaspiração, narizes, rugas, mamas porque pequenas ou grandes, tudo. A experiência das guerras de África sempre lhe serviu para alguma coisa. Pessoal especializado, última tecnologia, quartos luxuosos, um sucesso. Também entre os homens, sobretudo aqueles que depois dos cinquenta ou lá o que é ficam muito inquietos com as potências e em compensação lhes dá para crescerem mamas próprias. Alguns casos a dar pra rir, a Fernanda achou. Como o de um que entrou na clínica cheio de rugas e que quando saiu sem elas teve de passar a fazer a barba detrás das orelhas porque a pele esticada não sabia que lá não era costume. E outro a quem resolveram a impotência com silicone mas depois andava sempre de pixa ao alto e nem mijar conseguia (MACEDO, 1999: 225).*

No mundo de Pedro não há lugar para o arrependimento, o tempo escoimando as dores, como se fossem montes de pó que vão sendo espalhados pelo terreno através da ação do vento.

*Lisboa ainda não é assim tão grande e, ou concertos na Gulbenkian, ou ópera no São Carlos, até uma vez no teatro da Maria do Céu Guerra, além é claro volta e meia na Buchholz porque desde a clínica das plásticas se sentia de novo com direito a tudo isso e até Wagner em casa mas sozinho, era impossível que não encontrasse a irmã com ou sem Gabriel. Disfarçava, mas com um semi-sorriso magoado de quem lhe deixasse a iniciativa de uma reaproximação que ela, **e tem todo o meu apoio**,<sup>648</sup> não tomou. Acompanhou pelos jornais a exposição de Paula, a dos quadros que ela estava a pintar naquela tarde com*

---

*ocupadas, os patrões voltaram, era inevitável. O pior é que tinham alguma razão, mesmo não tendo. E eram tão bonzinhos, os camaradas, sim, gostava, coitados (MACEDO, 1999: 226).*

<sup>647</sup> [Fernanda] *Não sendo capaz de construir para si seus próprios desejos, também quer uma filha: “se Paula tinha ela também queria”. Mas a narrativa lhe devolve outro filho, que como Rogério, o primeiro, será ensinado a desejar o que é do outro, condenado a viver sempre com a memória dos espaços ocupados (FIGUEIREDO, 2002).*

<sup>648</sup> *E tem todo o meu apoio:* a voz do narrador, mais uma vez, interfere no discurso narrativo, induzindo o olhar especular que, propositalmente, confunde as distâncias entre personagens e narrador.

*alguma da tinta vermelha que lhe fizera um risco no nariz e que era quase só do que ele se lembrava, além dos olhos, da expressão dela. (...) e foi por uma fotografia no Expresso que Pedro percebeu que a irmã estava grávida. Chegou a pensar em escrever-lhe a dar os parabéns. Mas depois houve, em vez, as tais comunicações através dos advogados, por causa da mãe (MACEDO, 1999: 227-228). (grifo meu).*

Pois é, a história chegou ao final. Resta apenas que o Narrador forneça um norte para o destino de Paula,<sup>649</sup> embora esclarecido esteja que ela se tornou mãe afetuosa e talentosa artista plástica:

*E como agora eu tinha ficado calado, a pensar nisto tudo que acabei de escrever, com uma contribuição audível para a conversa só ao nível do “este chá realmente consegue ser ainda pior do que o vinho”, a Paula voltou à carga:*

*“Ou achas que foi?”*

*“Que foi o quê?”*

*“Incesto. Eu e Gabriel. E se foi, faz mal?”*

*“Bah...”*

*“Tu sabes como é que ele morreu, não sabes?”*

*“Não. Sim, ataque cardíaco. A Filipa estava de férias no Algarve, já me contaste, vocês estavam sozinhos. Encontrei-o morto. Tarde demais para chamar uma ambulância. Acho que foi isso que me contaste.”*

*“Não foi nada assim. À parte a Filipa estar de férias e nós sozinhos.” (MACEDO, 1999: 232).*

É a voz do narrador que pontua os acontecimentos derradeiros, como uma homenagem aos dois amigos (Paula e Gabriel): *o que vou contar é baseado no que só a Paula me poderia ter contado. Que é o seguinte* (MACEDO, 1999: 233). Gabriel, que tinha aproximados setenta anos, se sentiu mal no trabalho, uma dor aguda no peito e depois no braço. Quando passou a dor, Gabriel dispensou ambulância, visita ao médico e todas as profilaxias necessárias em situações similares. Foi para casa, garantindo que de lá chamaria um médico. Quando encontrou Paula, nada lhe disse sobre o que havia acontecido. *Colocou um blanc de noirs para gelar e pediu para que Paula se arrumasse. Paula tomou um chuveiro rápido, maquilou-se, perfumou-se* (MACEDO, 1999: 234). Como uma coisa leva a outra, o champanhe ajudando um pouco, não foi preciso muito esforço para que o vestido ficasse pelas escadas e ao chegarem ao quarto, ele atirou-a sobre a cama com um

---

<sup>649</sup> Maria Lúcia Dal Farra ressalta que o romance, nessa altura, mudou de foco narrativo: *Rui, assim, o “bosque de ficções” de que ele [o narrador] se achava proprietário; em compensação, ele vai poder conhecer, com maior veracidade (e, todavia, cada vez mais incertamente), os fatos que narra. Porque Paula, ascendendo em definitivo à vida dos comuns mortais, torna-se sua amiga, nesta altura da narrativa com 50 anos de idade, vivendo em Londres, vizinha de bairro. Assim, já de todo transformado em “perplexo autor desta história”, nosso Autor não tem mais como conduzir sozinho a narrativa. Seus personagens são, agora, suas testemunhas: é preciso consultá-los sobre suas versões, escrevendo, a partir de então, a restante história a quatro, a tantas mãos, ouvindo deles parte do que ele próprio iria narrar e constatando que eles até lhe permitem, por um ato amoroso de respeito pela sua liberdade, que se escreva naquilo que são* (DAL FARRA, 2002).

triumfante Ahh! num excesso de espasmos de que tudo nos dois corpos fossem as entradas e saídas (MACEDO, 1999: 234). Resultado: “*Estava dentro de mim quando morreu. É o que ele deve ter querido. Foi para isso que veio para casa. E eu*” – Paula hesitou à procura de palavra justa – “*eu a integrá-lo dentro de mim.*” (MACEDO, 1999: 234-235).

Caminhando pelo parque, Paula, com os sapatos na mão, acrescenta os últimos detalhes na história que o narrador está a contar:

“Sabes”, disse a Paula, “quando vim a primeira vez a Londres estava à procura de um pai. Nunca tinha tido. Só irmão. Faz falta. Não se pode ser mulher, sem pai. É muito difícil. E portei-me horrivelmente, provoqueei Gabriel até ele ficar zozinho... Mas tudo isso tu já sabes.” E a Paula teria feito aqui uma pequena pausa, entre coquete e nostálgica: “Parece que eu era bonita, sabes? As pessoas achavam.” Gesto meu, de quem diz que o óbvio não é necessário dizer. “Mas julgo que o que ele ficou a lembrar-se mais é que eu também lhe disse que tinha ido para aprender com ele a minha liberdade. Linguagem dos vinte e três anos. L’imagination au pouvoir. Tinha ido a Londres de Paris, do maio de 68. Eu sei que foi isso que ele me quis dar. Que deu, naquela despedida, naquela última tarde. Tirar para sempre de dentro de mim o sabor a morte que o meu irmão lá tinha metido. Dar-me de novo, olha, a vida. Ser finalmente meu pai? Meu querido amigo... De modo que estás a ver, meu caro senhor escritor, andas há dias a querer perguntar-me e não consegues: a Filipa só pode ser filha dele.”  
E fui eu que disse:  
“Pois é.” (MACEDO, 1999: 235-236).

Pois é, as últimas palavras, aquelas que encerram o romance, são do narrador, embora o que há de significativo neste último parágrafo seja Paula reconhecer que Gabriel queria *Tirar para sempre de dentro de mim o sabor a morte que o meu irmão lá tinha metido*. Por mecanismos psíquicos de grande complexidade, Gabriel perfilhou Paula e, através desse incesto simbólico, a libertou das amarras familiares.<sup>650</sup>

A conversa final entre Paula e o Narrador reverbera a última cena de Casablanca: sob o céu plúmbeo de Londres, Paula e Narrador se abraçam metaforicamente – como que a dizer, enquanto toca “As time goes bye”: *Acho que este é o início de uma bela amizade*.<sup>651</sup>

---

<sup>650</sup> O libertar das amarras familiares, promovido por Gabriel, não se refere ao mero substituir de uma família por outra, de uma opressão grave por uma mais suave. Trata sim de estabelecer a oposição entre os vínculos de sangue e as afinidades eletivas advindas da amizade. Gabriel sabedor que a generosidade é uma virtude análoga à justiça, pois consiste em oferecer ao outro *o que não é seu, o que é de quem oferece e que lhe falta* (COMTE-SPONVILLE, 1996: 97), entrega à Paula a possibilidade de escolha familiar. A missão de Gabriel, arcanjo da anunciação, é mostrar para a amante que é possível amar o amor, amar aqueles que merecem receber o amor.

<sup>651</sup> Na cena final de *Casablanca*, Rick Blaine, com a ajuda do Cap. Louis Renault (que representa – mas não muito – o governo colaboracionista de Vichy), não mede esforços para tornar possível a fuga de Ilze Lund e Victor Laszlo. Enquanto o avião decola do aeroporto, rumo à Lisboa, rumo à liberdade, Rick, talvez para tentar disfarçar a perda da mulher amada, abraça Renault e diz: *Acho que este é o início de uma bela amizade*.

## DOIS IRMÃOS

- Está aí uma coisa que posso compreender. Deve ser difícil matar um homem a quem não se conhece e não se odeia.*
- Talvez isso torne a coisa mais fácil – sugeriu Louis.*
- É um argumento, Louis. Mas alguns homens são amigos do mundo inteiro em seus corações e há outros que odeiam a si mesmos e espalham seu ódio ao redor como manteiga no pão quente.*

**John Steinbeck:** *“Vidas amargas”*



**a) AS MARCAS DA DIFERENÇA.**

Estava chovendo. Como era de costume em todos os últimos sábados de cada mês, as crianças da vizinhança foram reunidas para ver um filme na casa dos Reinoso: projetavam na parede branca do porão uma aventura ou um romance – imagens que prometiam, durante uma hora ou duas, um pouco de felicidade e emoção, como se as crianças, antes de ingressarem na vida adulta, precisassem, por alguns instantes, serem afastadas de si mesmas.

Aos 13 anos, os gêmeos Yaqub e Omar<sup>652</sup> estavam bem-arrumados, penteados, cheirosos. Domingas, de braços dados com os meninos, um de cada lado, os levou até a casa dos vizinhos.

*O Caçula se desgarrava, corria, era o primeiro a beijar o rosto de Estelita e entregar-lhe um buquê de flores. Na sala, Zahia e Nahda Talib conversavam com Livia, a menina aloirada, sobrinha dos Reinoso; dois curumins de uma família que morava no Seringal Mirim serviam guaraná e biscoitos de castanha aos convidados. Esperavam o cinematógrafo, e cada minuto passava com lentidão porque estavam ansiosos (HATOUM, 2000: 26).*

No momento em que a chuva ameaçou transformar a luz do dia em trevas, o gerador elétrico foi ligado. As cores do ambiente foram modificadas pela artificialidade da pouca voltagem que alimentava as lâmpadas. O porão foi invadido por uma multidão de sombras. Enquanto esperavam pelo homem responsável pela projeção do filme, as crianças, entre gritos e risadas, brincavam, conversavam, tomavam guaraná.

*Na sala iluminada um batalhão de soldadinhos foi ordenado sobre a mesa, e selos de outros países passaram de mão em mão, como diminutas vinhetas de paisagens, rostos e bandeiras longínquas. A meninona loira apreciava um selo raro, e seus braços roçavam*

---

<sup>652</sup> Omar era chamado de “Caçula” porque nasceu depois de Yaqub. Ao contrário do imaginado pelo senso comum, a expressão “Caçula” não era interpretada por Omar como um adjetivo depreciativo. Carregava esse epíteto como uma medalha, um elemento distintivo de sua identidade, de seu lugar no mundo – que, obviamente, implicava em rebaixar Yaqub (que havia nascido antes, mas que, na opinião de Omar, era “fraco” demais para exercer a primogenitura). Em momentos especiais, como que a inverter a ordem do nascimento gemelar proposta pelo mito católico de Esaú e Jacó (*O primeiro saiu todo ruivo, peludo como um manto de pele, e foi chamado Esaú*, [Gen. 25: 25]), Zana também costuma denominar Omar, em momento especiais, de “Peludinho”: “*Meu mico-preto, meu peludinho*”, Zana dizia a Omar (HATOUM, 2000: 71).

Significativamente, tangenciando inúmeras sutilezas e ironias, o nome Omar também é um anagrama de “amor”. Evidentemente, uma espécie rara de amor, repleta de características peculiares, pois não está voltada para a complementariedade, mas para o próprio prazer – todos os procedimentos, todas as ações de Omar visam obter o exercício pleno do egoísmo hedonista.

*os dos gêmeos. Alisava o selo com o indicador, os outros meninos se entretinham com o batalhão verde, e ela parecia atraída pelo aroma que exalava dos gêmeos. Livia sorria para um, depois para outro, e dessa vez foi o Caçula quem ficou enciumado, disse Domingas. O Caçula fez cara feia, tirou a gravatinha-borboleta, desabotoou a gola e arregaçou as mangas da camisa. Bufou, se esforçou para ser dócil. Balbuciou: “Vamos dar uma volta no quintal?”, e ela, olhando o selo: “Mas vai chover, Omar. Escute só as trovoadas”. (HATOUM, 2000: 26).*

Entre os muitos brinquedos disponíveis, Omar, armado pela prepotência daqueles que sempre obtém o que querem, fixa – mais uma vez <sup>653</sup> – o olhar concupiscente na *menina aloirada, sobrinha dos Reinoso*. Enquanto Livia se diverte espalhando a sua beleza pelo ambiente, examinando selos raros e imaginando países e culturas longínquas, Omar, embriagado pela possibilidade de obter prazer, <sup>654</sup> pergunta à menina: *Vamos dar uma volta no quintal?*

---

<sup>653</sup> A disputa fraterna pela atenção e carinho de Livia está alicerçada em um episódio precedente: o baile de carnaval, ocorrido alguns dias antes da sessão de cinema:

*O baile dos jovens havia começado antes do anoitecer. Às dez horas os adultos entraram fantasiados na sala do casarão, cantando, pulando e enxotando a garotada. Yaqub quis ficar até meia-noite, porque uma sobrinha dos Reinosos, a menina aloirada, corpo alto de moça, também ia brincar até a manhã da Quarta-Feira de Cinzas. Seria a primeira noite de Livia na festa dos adultos, a primeira noite que ele, Yaqub, viu-a com os lábios pintados, os olhos contornados por linhas pretas, as tranças salpicadas de lantejoulas que brilhavam nos ombros bronzeados. Queria ficar para pular abraçado com ela, sentir-se quase adulto como ela. Já pensava em se aproximar de Livia quando a voz de Zana ordenou: “Leva tua irmã para casa. Podes voltar depois”. Ele obedeceu. Acompanhou Rânia até o quarto, esperou-a dormir e voltou correndo ao casarão dos Benemou. A sala fervilhava de foliões, e no meio das tantas cores e das máscaras ele viu as tranças brilhantes e os lábios pintados, e logo ficou trêmulo ao reconhecer o cabelo e o rosto semelhantes ao dele, pertinho do rosto que admirava.*

*Livia e o irmão dançavam num canto da sala. Dançavam quietos, enroscados, movidos por um ritmo só deles, que não era carnavalesco. Quando os foliões esbarravam no par, os dois rostos se encontravam e, aí sim, davam gargalhadas de Carnaval. Yaqub ensombreceu. Não teve coragem de ir falar com ela. Odiou o baile, “odiei as músicas daquela noite, os mascarados, e odiei a noite”, contou Yaqub a Domingas na tarde da Quarta-Feira de Cinzas. Foi uma noite insone. Ele fingia dormir quando o irmão entrou no quarto dele naquela madrugada, quando o som das marchinhas carnavalescas e a gritaria dos bêbados enchiam a atmosfera de Manaus. De olhos fechados, sentiu o cheiro de lança-perfume e suor, o odor de dois corpos entrelaçados, e percebeu que o irmão estava sentado no assoalho e olhava para ele. Yaqub permaneceu quieto, apreensivo, derrotado. Notou o irmão sair lentamente do quarto, o cabelo e a camisa cheios de confete e serpentina, o rosto sorridente e cheio de prazer (HATOUM, 2000: 18-20).*

Ciente de que Yaqub ficou bastante magoado quando o viu dançando com a menina, Omar insiste em impedir que Yaqub se aproxime de Livia. As suas ações não estão ancoradas em uma disputa amorosa: Omar ama a si mesmo – e a mais ninguém. O que o motiva é o prazer perverso de interpretar as relações humanas como se fossem mercadorias, cuja aquisição está mais relacionada com ações economicamente agressivas por parte dos compradores do que com a paridade de ofertas nos mercados consumidores. Nesses termos, Omar quer impedir que Yaqub obtenha alguma coisa que não lhe tenha pertencido antes. O privilégio da posse supera a sinceridade afetiva.

<sup>654</sup> O prazer que Omar antevê junto de Livia não se restringe à sua fruição elementar: há um acréscimo relacionado com o exibicionismo. Consoante que *o desejo não tem porto definitivo, mas se ancora em provisórios objetos* (BRANDÃO, 1996: 18), a qualidade e a quantidade do seu prazer estão conectadas com o ato de impor ao irmão o conhecimento de que é ele, Omar, quem detém a posse. Em outras palavras, por uma necessidade de afirmação psicológica, nitidamente perversa, Omar não se satisfaz em proclamar que o irmão “não possui”, necessita comprovar que – além de efetivamente não possuir – o Outro está ciente de que “não possui”.

A resposta de Livia o surpreende. A palavra “não”, apesar de não ter sido pronunciada, ecoa com dolorosa ênfase nos ouvidos do menino mimado: “*Mas vai chover, Omar. Escute só as trovoadas*”.

*Então ela tirou um selo do álbum e ofereceu-o para Yaqub. O Caçula detestou isso, disse Domingas; detestou ver os dedos do irmão brincarem de minhoca louca com os dedos de Livia. Não era sonsa, era uma mocinha apresentada, que sorria sem malícia e atraía os gêmeos e todos os meninos da vizinhança quando trepava na mangueira, e em redor do tronco um enxame de moleques erguia a cabeça e seguia com o olhar a ondulação do short vermelho. Mas ela gostava mesmo era dos gêmeos; olhava dengosa para os dois; às vezes se distraía, olhava para Yaqub como se visse nele alguma coisa que o outro não tinha. Yaqub, meio acanhado, percebia?* (HATOUM, 2000: 27).

O Caçula é surpreendido pelo *insight*. Estupefato por não haver percebido antes algo que naquele momento se mostrava tão evidente, compreende a razão de ter sido recusado por Livia. Como se estivesse sob efeito de amavios, a menina *Olhava para Yaqub como se visse nele alguma coisa que o outro não tinha*.<sup>655</sup> E, para que não houvesse nenhuma dúvida, Omar [viu] *os dedos do irmão brincarem de minhoca louca com os dedos de Livia*.

Então era isso? Livia e o irmão? *Dessa vez foi o Caçula quem ficou enciumado* (HATOUM, 2000: 26). Corroído pela impotência, pela momentânea impossibilidade de impedir qualquer tipo de relacionamento entre Yaqub e Livia, Omar precisou controlar o mal-estar. O homem que iria projetar o filme havia chegado: *Selos, soldados e canhões foram esquecidos. O chorinho da vitrola, apagado. Um relógio antigo bateu quatro vezes* (HATOUM, 2000: 27).

*Uma correria pela escada de madeira estremeceu a casa e em pouco tempo o porão foi povoado de gritos, as cadeiras da primeira fila foram disputadas. Yaqub reservou uma cadeira para Livia e o Caçula desaprovou esse gesto polido* (HATOUM, 2000: 28).

No escurinho do cinema há espaço para que algumas questões sejam esclarecidas. O brilho das imagens lançadas sobre a parede branca também iluminam alguns sentimentos que, subitamente livres das amarras que compõem a claridade dos espaços públicos, vão aflorando sob a intimidade que acompanha o ruído monótono do projetor. Simultaneamente, em Omar ocorre um

---

<sup>655</sup> Yaqub, de certa forma, era diferente. Diante dos dois irmãos as mulheres reagem de forma oposta: enquanto a selvageria de Omar causa um impacto imediato, excitante, a suavidade de Yaqub promete uma relação duradoura: *Mas era também alvo de olhares femininos. E olhar Yaqub sabia. De frente, como um destemido, arqueando a sobrancelha esquerda: um tímido que podia passar por conquistador. Sorria e dava uma risada gostosa no momento certo: o momento em que as meninas das praças, dos bailes e dos arraiais suspiravam. Na casa, Zana foi a primeira a notar esse pendor do filho para o galanteio. Domingas também se deixava encantar por aquele olhar. Dizia: “Esse gêmeo tem olho de boto; se deixar, ele leva todo mundo para o fundo do rio”* (HATOUM, 2000: 30).

macerar da raiva, que vai se acumulando na medida em que as cenas do filme vão sendo projetadas na parede. Omar, vítima da falta de entendimento típica da mentalidade machista, se recusa a acreditar que a menina adotou uma posição ativa sobre a vida amorosa: Livia não aceita ser escolhida; quer escolher. Movida por uma filosofia feminista precoce, que anula indeterminações adolescentes, rituais de acasalamento, jogos de poder e o protelar de prazeres que gostaria de desfrutar imediatamente, Livia faz questão de esclarecer, através de seus atos, que não aceita ser tratada como um objeto à disposição do poder masculino.<sup>656</sup>

*Da escuridão surgiram cenas em preto-e-branco e o ruído monótono do projetor aumentou o silêncio da tarde. Nesse momento Domingas despediu-se dos Reinoso. A magia do porão escuro demorou uns vinte minutos. Uma pane no gerador apagou as imagens (HATOUM, 2000: 28).*

Oposto a qualquer situação que não lhe traga benefícios imediatos, pois se recusa a aceitar que haja possibilidades de ser contrariado, Omar é um vaga-lume, desses que não toleram outra luz que não seja a própria.

Movido pelo sensação da “perda”, o Caçula transgride o contexto lúdico da sessão cinematográfica e, como se estivesse açodado por um conjunto de alucinações, altera de forma definitiva a relação fraterna:

*(...) alguém abriu uma janela e a platéia viu os lábios de Livia grudados no rosto de Yaqub. Depois, o barulho de cadeiras atiradas no chão e o estouro de uma garrafa estilhaçada, e a estocada certa, rápida e furiosa do Caçula. O silêncio durou uns segundos. E então o grito de pânico de Livia ao olhar o rosto rasgado de Yaqub. Os Reinoso desceram ao porão, a voz de Abelardo abafou o alvoroço. O Caçula, apoiado na parede branca, ofegava, o caco de vidro escuro na mão direita, o olhar aceso no rosto ensangüentado do irmão (HATOUM, 2000: 28).*

*O silêncio durou uns segundos*, tempo suficiente para que todos pudessem constatar que o vermelho é a cor da violência: *a estocada certa, rápida e furiosa do Caçula*. E será esta mesma cor, será este mesmo derramar de sangue, expresso na espessura do *grito de pânico de Livia* que

---

<sup>656</sup> Ao contrário de Flora, personagem do romance *Esau e Jacó*, de Machado de Assis, que foi incapaz de escolher entre os gêmeos Pedro e Paulo e morreu sem desfrutar do amor que os rapazes lhe dedicaram, Livia decide rapidamente. Consciente de que, em muitos aspectos, Yaqub é diferente de Omar, Livia prefere a timidez do primogênito – essa decisão, em parte, contribui para que o ressentimento se instale e as relações fraternas se esgarcem ainda mais. Yaqub, mais do que o irmão que compete com Omar pela atenção familiar, pelo amor da mãe, torna-se um rival amoroso, alguém que subtraiu uma “propriedade” de Omar. Provavelmente, uma das razões que justificaram a escolha de Livia foi a percepção desse egoísmo, dessa vontade insaciável de possuir pessoas como se fossem objetos – e que perdem o valor logo depois que são utilizados.

vai acompanhar o restante da história conturbada dos irmãos Yaqub e Omar (filhos de Halim e Zana, irmãos de Rânia).

A violência extrema perpetuada por Omar garante que as disparidades existentes entre os irmãos sejam seladas pela cicatriz que Yaqub carregará pelo resto de seus dias. A agressividade de Omar, que procura destruir o rosto que foi beijado por Livia, equivale a estabelecer – pela mão humana – uma ruptura na igualdade gemelar. Mais do que a comprovação de que as desavenças fraternas e a guerra civil familiar são sinônimos, o rosto desfigurado do irmão mais velho fornece visibilidade à individualidade e à diferença. Depois da cicatriz os irmãos estão separados fisicamente, ampliando as distinções emocionais, intelectuais e afetivas que os caracterizavam mesmo antes da briga.

Desde o nascimento, os gêmeos receberam tratamento diferenciado.<sup>657</sup>

*Yaqub e Omar nasceram dois anos depois da chegada de Domingas à casa. Halim se assustou ao ver os dois dedos da parteira anunciando gêmeos. Nasceram em casa, e Omar uns poucos minutos depois. O Caçula. O que adoeceu muito nos primeiros meses de vida. E também um pouco mais escuro e cabeludo que o outro. cresceu cercado de um zelo excessivo, um mimo doentio da mãe, que via na compleição frágil do filho a morte iminente. Zana não despregava dele, e o outro ficava aos cuidados de Domingas (HATOUM, 2000: 66-67).*

Zana se dedica exclusivamente a Omar,<sup>658</sup> protegendo-o contra a doença e as adversidades da vida. Cega pela sua devoção em salvar o filho mais moço, constrói uma redoma protetora ao

---

<sup>657</sup> Interessante coincidência temática ocorre no romance inglês *Dentes brancos*, escrito por Zadie Smith, e publicado no Brasil em 2003: os irmãos gêmeos Magid e Millat, filhos de Samad Miah Iqbal e Alsana Begume, são separados na infância. Semelhante ao enredo de *Dois irmãos*, os gêmeos também recebem tratamento familiar diferenciado. Magid, o irmão mais velho dois minutos, que possui dons intelectuais, é mandado na pré-adolescência para Bangladesh para aprender as tradições culturais dos ancestrais muçulmanos e, consequentemente, escapar da corrupção ocidental: *os pecados do pai oriental haverão de punir os filhos ocidentais* (SMITH, 2001: 161). Enquanto isso, Millat, que é anarquista e irresponsável, permanece morando com a família, em Londres.

O comportamento dos gêmeos, a partir da adolescência e início da idade adulta, desvia-se do projetado por Samad Iqbal de uma forma irônica: Millat toma contato com extremistas religiosos e se converte em um muçulmano militante; Magid coloca a sua inteligência a serviço da ciência (ignorando as discussões políticas) e adota o comportamento de um inglês caricatural.

Vítimas da desterritorialização afetiva, política e histórica, os gêmeos procuram construir suas identidades à partir da migração cultural cruzada. Enquanto Magid vive no presente – desempenhando um papel duplo (vítima e algoz) na geografia (pouco) humana da globalização –, o destino de Millat está conectado com o retorno às raízes ancestrais, ao comprometimento com a moral religiosa. Nenhum dos dois consegue alcançar o Paraíso.

E isso significa que há uma importante diferença entre *Dentes brancos* e *Dois irmãos*: enquanto no segundo o ódio atávico (e religioso) amarga o relacionamento fraterno (similar ao mito de Esaú e Jacó), o que motiva o embate entre os irmãos Magid e Millat, no romance inglês, é a discordância ideológica, motivada pelo multiculturalismo e pelas forças de atração geradas pelo consumo capitalista. Evidentemente, a rivalidade fraterna também existe (e de forma acentuada), mas constitui tema secundário.

redor do Caçula. Ao mesmo tempo, faz questão de ignorar, entre outras coisas, as necessidades afetivas do marido, Halim,<sup>659</sup> e dos filhos Yaqub e Rânia. Em outras palavras, ao escolher proteger a vida do Caçula, Zana decide caminhar na direção do artificialismo emocional, do distanciamento afetivo e do esfrelamento familiar.

Dissimulado, Omar se aproveita do fato de estar sempre sobre a proteção da mãe<sup>660</sup> – ou seja, impune – para obter benefícios que aos seus irmãos – e ao pai – são negados.

Yaqub, impedido de desfrutar dos mistérios gozosos do corpo materno e vítima da política de segregação fraterna, procura contornar – na medida do possível – a falta de vínculo afetivo com a estrutura familiar. Enquanto a mãe devota toda a sua energia e amor para Omar, o pai, Halim, preocupa-se com outras questões (a loja, os amigos, o impedimento da satisfação sexual imposta pelo nascimento dos filhos), sem esconder que nutre uma forte mágoa contra os três filhos.<sup>661</sup>

---

<sup>658</sup> Halim, percebendo o quanto as relações fraternas entre Yaqub e Omar estão sendo construídas na desigualdade, adverte Zana: “(...) tu tratas o Omar como se ele fosse nosso único filho” (HATOUM, 2000: 28).

<sup>659</sup> Um tema paralelo, mas de importância vital para aclarar a substância afetiva que (des)une o pai e os filhos, está no comportamento de Zana com Halim: a maternidade a torna temporariamente assexuada. E o marido não consegue compreender essa mudança: *Quando os meninos nasceram, Halim passou dois meses sem poder tocar no corpo de Zana. Ele me contou como sofreu: achava um absurdo o período de resguardo* (HATOUM, 2000: 68).

<sup>660</sup> A proteção materna se desdobra em duas frentes. Na primeira, o afastamento do pai, indivíduo repressor que, em determinadas circunstâncias, poderia “castrar” algumas iniciativas de Omar. Na segunda, a anulação do irmão como alguém capaz de competir com ele. Assim, ciente de que conta com uma “rede de proteção”, Omar não encontra impedimentos para concretizar todos os seus desejos.

<sup>661</sup> *Não queria três filhos; aliás, se dependesse da vontade dele, não teria nenhum. Repetiu isso várias vezes, irritado, mordendo o bico do narguilé. Podiam viver sem chateação, sem preocupação, porque um casal enamorado, sem filhos, pode resistir à penúria e a todas as adversidades. No entanto, teve que ceder ao silêncio da esposa e ao tom imperativo da frase posterior ao silêncio. Ela sabia insistir, sem estardalhaço:*

*“Quer dizer que vamos passar a vida sozinhos neste casarão? Nós dois e essa indiazinha no quintal? Quanto egoísmo, Halim!”*

*“Um filho é um desmancha-prazer”, dizia ele, sério.*

*“Três, querido. Três filhos, nem mais nem menos”, ela insistia, manhosa, armando a rede no quarto, espalhando as almofadas no chão, como ele gostava* (HATOUM, 2000: 66).

*Quando os meninos nasceram, Halim passou dois meses sem poder tocar no corpo da Zana. Ele me contou como sofreu: achava um absurdo o período de resguardo, e mais absurda a devoção louca da esposa pelo Caçula. Ele passava os dias na loja, entretido com os fregueses e os vadios que perambulavam pelos arredores do porto, ensinando-os a jogar gamão, bebendo arak no gargalo, como nos tempos da conquista amorosa, da recitação dos gazais de Abbas. As vezes voltava alegre, o bafo de anis na boca, e um ou dois dísticos na ponta da língua, quem sabe assim ela não saía do resguardo. Por fim, convencido de que o nascimento dos filhos havia interferido em suas noites de amor tanto quanto a morte de Galib, lançou mão da mesma manha, dos mesmos galanteios que tinha usado quando da morte do sogro. Reconquistou Zana, mas deu adeus ao tempo em que se arrepiava de prazer em qualquer canto da casa ou do quintal* (HATOUM, 2000: 68-69).

*Halim perdeu o sossego logo que os filhos começaram a andar. Mexiam no tabaco do narguilé, traziam calangos mortos para dentro de casa, enchiam as redes de urtiga e gafanhotos. Omar era o mais ousado: entrava nos quartos dos pais durante a sesta e dava cambalhotas na cama até expulsar Halim. Só aquietava quando Zana saía do quarto para brincar com ele no quintal* (HATOUM, 2000: 69).

*Quando Rânia nasceu, Halim já se conformara com o espaço limitado da alcova. Nas raras visitas de Zana à loja, ele mandava embora os fregueses e os jogadores, trancava as portas e subia com ela para o pequeno depósito, onde uma janelinha dá para o rio Negro. Passavam horas ali, longe dos três filhos e da órfã que os pajeava, longe das manhas e*

Relegado à condição permanente de filho postiço de Domingas, a *cunhantã mirrada, meio escrava, meio ama*<sup>662</sup> (HATOUM, 2000: 67), Yaqub, como uma dessas pessoas que não se sentem seguras em suas próprias peles, se esforça para superar emocionalmente o ambiente familiar hostil, que o trata como um estrangeiro.<sup>663</sup>

---

*intromissões. Os dois a sós, como ele gostava. Uma brisa soprava do rio, trazendo o pitiu de peixe, o cheiro de frutas e pimenta. Ele gostava desse cheiro, que se misturava com outros: o suor dos corpos, o mofo dos tecidos encharcados, das sandálias de couro, das redes de algodão, dos rolos de tabaco em corda. Ao reabrir a loja, comemorava o encontro fazendo uma liquidação das tralhas todas espalhadas no cubículo. Era uma festa, cada vez mais rara* (HATOUM, 2000: 70-71).

*Os filhos haviam se intrometido na vida de Halim, e ele nunca se conformou com isso. No entanto, eram filhos, e conviveu com eles, contava-lhes histórias, cuidava deles em momentos esparsos. Levava-os para pescar no lago de Puraquecoara, e remava no paraná do Cambixe, onde Halim conhecia criadores de gado, donos de fazendas. Foi o que se poderia chamar de pai, só que um pai consciente de que os filhos tinham lhe roubado um bom pedaço de privacidade e prazer. Anos depois, iriam roubar-lhe a serenidade e o bom humor* (HATOUM, 2000: 71).

<sup>662</sup> Maria Zilda Ferreira Cury, comentando as figuras femininas na literatura de Milton Hatoum, aponta para um elemento peculiar: *a estas mães dominadoras, proprietárias soberanas, contrapõem-se as figuras das empregadas domésticas, “crias da casa”, que servem vidas inteiras em troca de alimentos.*

*Como tantas outras agregadas, tão típica do contexto social brasileiro, Domingas vive uma vida de servidão, entre a fronteira mal definida da sujeição e do afeto* (CURY, 2002: 315).

A forma com que Domingas se integra à família de Halim e Zana é emblemática, porque explicita as relações econômicas que separam as classes sociais no Brasil, na segunda metade do século XX. Para aqueles que nasceram na pobreza, a bondade de algumas famílias, que as acolhiam, possibilitando uma vida “melhor”, deveria ser “paga” com a devoção de uma vida inteira de serviços e abnegação: *Na época em que abriram a loja, uma freira, Irmãzinha de Jesus, ofereceu-lhes uma órfã, já batizada e alfabetizada. Domingas, uma beleza de cunhantã, cresceu nos fundos da casa, onde havia dois quartos, separados por árvores e palmeiras.*

*“Uma menina mirrada, que chegou com a cabeça cheia de piolhos e rezas cristãs”, lembrou Halim. “Andava descalça e toma a benção da gente. Parecia uma menina de boas maneiras e bom humor: nem melancólica, nem apresentada. Durante um tempinho, ela nos deu um trabalho danado, mas Zana gostou dela. As duas rezavam juntas as orações que uma aprendeu em Biblos e a outra no orfanato das freiras, aqui em Manaus.” Halim sorriu ao comentar a aproximação da esposa com a índia. “O que a religião é capaz de fazer”, ele disse. “Pode aproximar os opostos, o céu e a terra, a empregada e a patroa.”* (HATOUM, 2000: 64-65).

<sup>663</sup> Na análise de Julia Kristeva, que trabalhou conceitualmente a condição de “estrangeiro”, há uma série de dificuldades legais (que o Estado – amparado na primazia da propriedade – considera superiores ao deslocamento emocional) a serem superadas:

*Quem é estrangeiro?*

*Aquele que não faz parte do grupo, aquele que não “é dele”, o outro.*

*Do estrangeiro, em geral se notou isso, somente existe definição negativa.*

*Negativa de quê? Outro do qual grupo?*

*Se voltarmos no tempo e nas estruturas sociais, o estrangeiro é o outro da família, do clã, da tribo. Inicialmente, ele se confunde com o inimigo. Exterior à minha religião também, ele pode ser o infiel, o herético. Não tendo prestado fidelidade ao meu senhor, ele é nativo de outra terra, estranho ao reino e ao império.*

*O estrangeiro se define principalmente segundo dois regimes jurídicos: jus solis e jus sanguinis, o direito segundo a terra e o direito segundo o sangue. Consideraremos portanto como sendo do mesmo grupo aqueles que nasceram no mesmo solo (esse regime perdura no direito dos Estados Unidos, que confere nacionalidade americana a toda criança nascida em solo americano); ou, então, às crianças nascidas de pais nativos (aqui a patrilinearidade ou a matrilinearidade disputam entre si a primazia, segundo as civilizações, para conferir o direito de cidadania). Com a formação dos Estados-nações, chegamos a única definição moderna aceitável de estrangeiro: o estrangeiro é aquele que não pertence à nação em que estamos, aquele que não tem a mesma nacionalidade.*

*Se o estrangeiro condensa em si a fascinação e a abjeção que a alteridade suscita, não é toda diferença, contudo, que confere uma dimensão de condição de estrangeiro. Diferenças de sexo, de idade, de profissão, de credo, podem contribuir com o estado de estrangeiro, dividi-lo ou nele se integrar, mas não podem se confundir com ele. O grupo do qual o estrangeiro não faz parte deve ser um grupo social estruturado em torno de um certo poder político.*

Ou seja, como um intruso, como alguém que, apesar de possuir o direito instituído pelo sangue (*jus sanguinis*), não pode usufruir do amor familiar.

Através do bom desempenho escolar, do desenvolvimento de suas habilidades intelectuais, Yaqub sublima a carência afetiva e a pulsão sexual.<sup>664</sup> Entende que a sanidade de sua psique está condicionada ao deslizar silencioso e solitário dentro da família. Evitando ser notado, se afasta de qualquer situação que o coloque em destaque.

Essa estratégia de negação da própria identidade falha quando os lábios de Livia rompem com as paredes que represavam o desejo e o conduzem para uma situação em que não mais é possível escapar incólume. Ao ser visualizado – por Omar – como um indivíduo sexuado, Yaqub muda da categoria de irmão anódino para a de concorrente desleal (porque até então camuflado na posição “pouco viril” de estudante exemplar). Na ótica linear de Omar, o que era até então um “inofensivo” jogo pelo poder transforma-se na representação darwiniana de dois machos que lutam pela posse da fêmea – o que justifica o uso desproporcional da violência.

*Treze pontos. O fio preto da costura parecia uma pata de caranguejo. Yaqub, calado, matutava. Evitava falar com o outro. Desprezava-o? remoía, mudo a humilhação? “Cara de lacrau”, diziam-lhe na escola. “Bochecha de foice”. Os apelidos, muitos, todas as manhãs. Ele engolia os insultos. Não reagia. Os pais tiveram que conviver com um filho silencioso (HATOUM, 2000: 28).*

Sem perceber (ou entender) que a personalidade recatada de Yaqub era oposta à expansividade de Omar,<sup>665</sup> Halim e Zana, acreditando que a hostilidade fraterna se dissolverá no tempo, optam por punir a vítima em um julgamento canhestro.<sup>666</sup>

---

*Inicialmente, o estrangeiro é situado como benéfico ou maléfico para esse grupo social e para o seu poder e, por essa razão, ele deve ser assimilado ou rejeitado. Seja rechtlos – sem nenhum direito – seja beneficiário de certos direitos que o poder político – do qual ele é excluído – concorda em conceder, o estrangeiro é pensado em termos de poder político e de direitos legais (KRISTEVA, 1994: 100-101).*

<sup>664</sup> O comportamento de Yaqub no âmbito familiar é indicativo do medo da castração (imposta emocionalmente como uma intimidação conseqüente ao amor que não recebe da mãe e do pai). Por isso, como que a querer evitar que o imaginário se transforme em real, Yaqub adota uma espécie de recalque psíquico: anula a si mesmo, ou melhor, promove a auto-mutilação simbólica. Temeroso que a ameaça se cumpra, Yaqub limita a sua identidade, sufoca o desejo. Na condição de vítima, sustenta a *persona* carente que forjou para si mesmo. A forma silenciosa, ressentida, que adota como estratégia de sobrevivência psíquica está sempre a gritar sobre o que está em falta, porque a linguagem e o inconsciente não se separam. O seu silêncio está repleto de palavras (e de sentimentos) que não circulam livremente entre os protagonistas, criando um interstício difícil de ser preenchido porque aponta para uma necessidade que ele mesmo criou: (...) o que não fala, é falado pelo seu discurso e aí acaba se desvelando, com imprevistas roupagens.

*Alienado de seu próprio desejo, esse eu construído, através mesmo de seus fantasmas, pode-se recapturar e ver sua vera face: por lampejos. Efeitos de sentido (BRANDÃO, 1996: 44).*

<sup>665</sup> Em diversos momentos os dois irmãos comprovam o antagonismo nas ações e formas de compreensão do mundo. Provavelmente o mais expressivo desses exemplos ocorre na infância: *Quando chovia, os dois trepavam na*



*Temiam a reação de Yaqub, temiam o pior: a violência dentro de casa. Então Halim decidiu: a viagem, a separação. A distância que promete apagar o ódio, o ciúme e o ato que os engendrou (HATOUM, 2000: 28-29).*

Quase dois meses depois de ter sido agredido por Omar, *Yaqub partiu para o Líbano com os amigos do pai e regressou a Manaus cinco anos depois. Sozinho* (HATOUM, 2000: 29). Yaqub foi para o Líbano sozinho e, depois de cinco anos, como um órfão, sozinho voltou: *Yaqub abriu o farnel e tirou um embrulho, e o pai viu pães embolorados e uma caixa de figos secos. Só isso trouxera do Líbano? Nenhuma carta? Nenhum presente? Não, não havia mais nada no farnel, nem roupa nem presente, nada!* (HATOUM, 2000: 14). O resultado da viagem de Yaqub ao Líbano está retratada na incompreensão de Halim: como é possível que o filho tenha voltado da terra de seus ancestrais como um pária? Como é possível que não tenha trazido nada? Falta-lhe entendimento para compreender tamanha esterilidade.

De qualquer forma, pouco se sabe sobre o que aconteceu com Yaqub, no período em que o exílio emocional se somou ao exílio físico.<sup>667</sup> Ele sempre procurou proteger a temporada em que morou no Líbano com camadas espessas de silêncio.<sup>668</sup> Silêncio e ressentimento.<sup>669</sup>

---

*seringueira do quintal da casa, e o Caçula trepava mais alto, se arriscava, mangava do irmão, que se equilibrava no meio da árvore, escondido na folhagem, agarrado ao galho mais grosso, temendo perder o equilíbrio. A voz de Omar, o Caçula: “Daqui de cima eu posso enxergar tudo, sobe, sobe”. Yaqub não se mexia, nem olhava para o alto: descia com gestos meticulosos e esperava o irmão, sempre o esperava, não gostava de ser repreendido sozinho. Detestava os ralhos de Zana quando fugiam nas manhãs de chuva torrencial e o Caçula, só de calção, enlameado, se atirava no igarapé perto do presidio. Eles viam as mãos e a silhueta dos detentos, e ele ouvia o irmão xingar e vaiar, sem saber quem eram, os insultados: se os detentos ou os curumins que ajudavam as mães, tias ou avós a retirar as roupas de um trançado de fios nas estacas das palafitas.*

*Não, fôlego ele não tinha para acompanhar o irmão. Nem coragem. Sentia raiva, de si próprio e do outro, quando via o braço do Caçula enroscado no pescoço de um curumim do cortiço que havia nos fundos da casa. sentia raiva de sua impotência e tremia de medo, acovardado, ao ver o Caçula desafiar três ou quatro moleques parrudos, agüentar o cerco e os socos deles e revidar com fúria e palavrões. Yaqub se escondia, mas não deixava de admirar a coragem de Omar. Queria brigar como ele, sentir o rosto inchado, o gosto de sangue na boca, a ardência no lábio estriado, na testa e na cabeça cheia de calombos; queria correr descalço, sem medo de queimar os pés nas ruas de macadame aquecidas pelo sol forte da tarde, e saltar para pegar a linha ou a rabiola de um papagaio que planava lentamente, em círculos, solto no espaço. O Caçula tomava impulso, pulava, rodopiava no ar como um acrobata e caía de pé, soltando um grito de guerra e mostrando as mão estriadas. Yaqub recuava ao ver as mãos do irmão cheias de sangue, cortadas pelo vidro do cerol* (HATOUM, 2000: 17-18).

<sup>666</sup> *Aconteceu um ano antes da Segunda Guerra, quando os gêmeos completaram treze anos de idade. Halim queria mandar os dois para o sul do Líbano. Zana relutou, e conseguiu persuadir o marido a mandar apenas Yaqub. Durante anos Omar foi tratado como filho único, o único menino* (HATOUM, 2000: 15).

*Quis mandar os gêmeos para o Líbano, eles iam conhecer outro país, falar outra língua... Era o que eu mais queria... Falei isso para a Zana, ela ficou doente, me disse que Omar ia se perder longe dela. Não deu certo... nem para o que foi nem para o outro que ficou aqui* (HATOUM, 2000: 180).

<sup>667</sup> As sensações de abandono, desterritorialização e solidão são absolutas no exílio. A viagem ao Líbano, somada ao abandono familiar, inscrevem outra cicatriz na face de Yaqub. Para Edward Said, *O exílio nos compele estranhamente a pensar sobre ele, mas é terrível de experienciar. Ele é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal,*

No período em que Yaqub pagava no Líbano por pecados que não cometeu, em Manaus, Zana, corroída pela culpa atávica e sem fazer uma análise dos motivos que a levaram a excluir um dos filhos do convívio familiar, se lastima:

*Ela tentou esquecer a cicatriz do filho, mas a distância trazia para mais perto ainda o rosto de Yaqub. As cartas que ela escreveu! Dezenas? Centenas, talvez. Cinco anos de palavras. Nenhuma resposta. As raras notícias sobre a vida de Yaqub eram transmitidas por amigos ou conhecidos que voltavam do Líbano. Um primo de Talib que visitara a família de Halim avistara Yaqub no porão de uma casa. Estava sozinho e lia um livro sentado no chão, onde havia um monte de figos secos. O rapaz tentou falar com ele, em árabe e português, mas Yaqub o ignorou (HATOUM, 2000: 29).*

---

*entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada. E, embora seja verdade que a literatura e a história contêm episódios heróicos, românticos, gloriosos e até triunfais da vida de um exilado, eles não são mais do que esforços para superar a dor mutiladora da separação. As realizações do exílio são permanentemente minadas pela perda de algo deixado para trás para sempre (SAID, 2003: 46). (grifo meu).*

<sup>668</sup> Yaqub quase nada revelava sobre a sua vida no sul do Líbano. Rânia, impaciente com o silêncio do irmão, com o pedaço do passado soterrado, espicaçava-o com perguntas. Ele disfarçava. Ou dizia, lacônico: “Eu cuidava do rebanho. Eu, o responsável pelo rebanho. Só isso”. Quando Rânia insistia, ele se tornava áspero, quase intratável, contrariando a candura dos gestos e a altivez e aderindo talvez à rudeza que cultivara na aldeia. No entanto, havia acontecido alguma coisa naquele tempo de pastor. Talvez Halim soubesse, mas ninguém, nem mesmo Zana, arrancou do filho esse segredo. Não, de Yaqub não saía nada. Ele se retraía, encasulava-se no momento certo (HATOUM, 2000: 38-39).

<sup>669</sup> De acordo com Maria Rita Kehl, *O ressentido*, escreve Nietzsche, sofre de uma memória reiterada, de um impedimento a esquecer. O que ele não pode esquecer? O agravo. Por isso, não pode entregar-se ao fluxo da vida presente (KEHL, 2004: 27). Nesse sentido, em uma de suas visitas a Manaus, Yaqub participa de um almoço com Halim, Zana, Rânia, Nael, Talib e suas duas filhas (Zahia e Nahda). Quando Talib, imigrante saudosos, pergunta para Yaqub sobre o Líbano, a reação do rapaz é desproporcional, visivelmente conectada com questões não resolvidas:

*Talib, voz grossa e troante, triscou no assunto:*

*“Não sente saudades do Líbano?”*

*Yaqub ficou pálido e demorou a responder. Não respondeu, perguntou:*

*“Que Líbano?”*

*Halim tomou mais um gole de café, franziu a testa, olhou sério para o filho. Zana mordeu os lábios, Rânia seguiu com os olhos, até encontrar o japiim-vermelho que piava num galho de seringueira, perto de mim.*

*“Por enquanto, só há um Líbano”, respondeu Talib. “Quer dizer, há muitos, e aqui dentro cabe um.” Ele apontou para o coração.*

*Zahia se levantou, Talib fez um gesto, ela tornou a sentar, quieta. Nahda não sabia onde pôr os olhos, e ninguém sabia o que dizer.*

*“Não morei no Líbano, seu Talib.” A voz começou mansa e monótona, mas prometia subir de tom. E subiu tanto que as palavras seguintes assustaram: “Me mandaram para uma aldeia no sul, e o tempo que passei lá, esqueci. É isso mesmo, já esqueci quase tudo: a aldeia, as pessoas, o nome da aldeia e o nome dos parentes. Só não esqueci a língua...”*

*“Talib, não vamos falar...”*

*“Não pude esquecer outra coisa”, Yaqub interrompeu o pai, exaltado. “Não pude esquecer...”, ele repetiu, reticente, e se calou.*

*Zana convidou os vizinhos a tomar licor na sala, mas Talib agradeceu, disse que ia fazer a sesta, sentia dor de cabeça. Ele e as filhas se despediram, e logo depois os da família se encafuaram. Só Yaqub permaneceu debaixo da seringueira. Ele e sua frase incompleta. A reticência. O ruído de sua vida. Yaqub, encurralado, parecia mais humano, ou menos perfeito, mais inacabado. Percebi que estava nervoso, fumava com ânsia, os olhos fixos no chão. Eu não me aproximei dele, não tive coragem. Estava transfigurado, parecia trincar os dentes até a alma (HATOUM, 2000: 118-119).*

Como se não mais tivesse afinidades com a família, Yaqub continuou silencioso. Todos os assuntos que se referiam ao território que lhe foi usurpado pelos pais e pelo irmão não mais o interessavam. As palavras se tornaram inúteis.

Zana, ciente de que a distância estava afastando ainda mais os filhos, ou melhor, que a distância estava afastando-a cada vez mais dos filhos, se deixa contaminar pela culpa cristã – a mãe que abandona o filho – e rompe o pacto que havia feito com o marido: *ameaçou viajar para Líbano durante a guerra. Então ele [Halim] escreveu aos parentes e mandou o dinheiro da passagem de Yaqub* (HATOUM, 2000: 29).

*Quando Yaqub chegou do Líbano, o pai foi buscá-lo no Rio de Janeiro. O cais Pharoux estava apinhado de parentes de pracinhas e oficiais que regressavam da Itália. Bandeiras brasileiras enfeitavam o balcão e a varanda dos apartamentos da Glória, rojões espocavam no céu, e para onde o pai olhava havia sinais de vitória. Ele avistou o filho no portaló do navio que acabara de chegar de Marselha. Não era mais o menino, mas o rapaz que passara cinco dos seus dezoito anos no sul do Líbano. O andar era o mesmo: passos rápidos e firmes que davam ao corpo um senso de equilíbrio e uma rigidez impensável no andar do outro filho, o Caçula.*

*Yaqub havia esticado alguns palmos. E à medida que se aproximava do cais, o pai comparava o corpo do filho recém-chegado com a imagem que construía durante os anos de separação. Ele carregava um farnel de lona cinza, surrado, e debaixo do boné verde os olhos graúdos arregalavam com o vivas e a choradeira dos militares da Força Expedicionária Brasileira. Halim acenou com as duas mãos, mas o filho demorou a reconhecer aquele homem vestido de branco, um pouco mais baixo que ele. Por pouco não esquecera o rosto do pai, os olhos do pai e o pai por inteiro. Apreensivo, ele se aproximou do moço, os dois se entreolharam e ele, o filho, perguntou: “Baba?”. E depois os quatro beijos no rosto, o abraço demorado, as saudações em árabe. Saíram do cais abraçados, atravessaram a praça Paris e a rua do Catete e foram até a Cinelândia* (HATOUM, 2000: 13-14).

Findos os rituais do reconhecimento entre o pai e o filho, iniciaram-se os rituais de estranhamento: *o pai comparava o corpo do filho recém-chegado com a imagem que construía durante os anos de separação*. Yaqub mudou, mudou muito – essa foi a primeira impressão de Halim, quando viu o filho.

Ao mesmo tempo em que contemplava o rapaz que lhe era difícil reconhecer com o filho que mandou para o Líbano cinco anos antes,<sup>670</sup> Halim precisou admitir o quanto estava correto o

---

<sup>670</sup> Embora jamais tenha demonstrado algum tipo de afinidade com os filhos, Halim se decepciona com Yaqub: não era esse o filho que ele esperava encontrar no cais. Depois de cinco anos de separação, a imagem produzida pela expectativa se dissipa quando é confrontada com a imagem real. Halim ansiava encontrar um filho que fosse capaz de corresponder a uma projeção inconsciente: uma reprodução de si mesmo. Quando viu Yaqub mal trajado, falando pouco – como se tivesse medo das palavras ou, pior, medo do pai –, com hábitos pouco “civilizados”, e fisicamente semelhante a Omar (apesar da cicatriz na face esquerda), sentiu que o encontro com o primogênito comprovava que os filhos eram uma prova de que a sua (dele) vida estava povoada por reveses.

vatícinio proferido por Zana: “*Meu filho vai voltar um matuto, um pastor, um ra’i. Vai esquecer o português e não vai pisar em escola porque não tem escola lá na aldeia da tua família* (HATOUM, 2000: 15).

*O filho falou da viagem e o pai lamentou a penúria em Manaus, a penúria e a fome durante os anos de guerra. Na Cinelândia sentaram-se à mesa de um bar, e no meio do burburinho Yaqub abriu o farnel e tirou um embrulho, e o pai viu pães embolorados e uma caixa de figos secos. Só isso trouxera do Líbano? Nenhuma carta? Nenhum presente? Não, não havia mais nada no farnel, nem roupa nem presente, nada! Então Yaqub explicou em árabe que o tio, o irmão do pai, não queria que ele voltasse para o Brasil.*

*Calou. Halim baixou a cabeça, pensou em falar do outro filho, hesitou. Disse: “Tua mãe...”, e também calou. Viu o rosto crispado de Yaqub, viu o filho levantar-se, aperreado, arriar a calça e mijar de frente para parede do bar em plena Cinelândia. Mijou durante alguns minutos, o rosto agora aliviado, indiferente às gargalhadas dos que passavam por ali. Halim ainda gritou, “Não, tu não deves fazer isso...”, mas o filho não entendeu ou fingiu não entender o pedido do pai.*

*Ele teve que engolir o vexame. Esse e outros... (HATOUM, 2000: 14).*

Yaqub também não se sente confortável: *Por pouco não esquecera o rosto do pai, os olhos do pai e o pai por inteiro.* Por pouco não esquecera dos demais integrantes da família. Diante dos olhos do pai – que transitam entre a incompreensão e a repressão –, Yaqub percebe que, apesar de estar sendo recebido de volta à família, ainda está exilado.<sup>671</sup>

Amedrontado, o rapaz descobre que precisa ter habilidade para contornar a ameaça latente de castração – ser mandado de volta ao Líbano. Dócil, promete ao pai modificar imediatamente alguns hábitos culturais adquiridos nos cinco anos em que viveu no Líbano (*não se deve mijar na rua, nem comer como uma anta, nem cuspir no chão*).

*No centro do Rio, Halim comprou roupas e um par de sapatos para Yaqub. Na viagem de volta a Manaus, fez um longo sermão sobre educação doméstica: que não se deve mijar na rua, nem comer como uma anta, nem cuspir no chão, e Yaqub, sim, Baba, a cabeça baixa, vomitando quando o bimotor chacoalhava, os olhos fundos no rosto pálido, a expressão de pânico toda vez que o avião decolava ou aterrissava nas seis escadas entre o Rio de Janeiro e Manaus (HATOUM, 2000: 15).*

Depois de cinco anos de ausência, Yaqub precisa se adaptar a uma nova situação: o Líbano (mundo primitivo) foi substituído pelo Brasil (mundo moderno). Confirmando essa visão, para

---

<sup>671</sup> *O exílio jamais se configura como o estado de estar satisfeito, plácido ou seguro. Nas palavras de Wallace Stevens, o exílio é “uma mente de inverno” em que o páthos do verão e do outono, assim como o potencial da primavera, estão por perto, mas são inatingíveis. Talvez essa seja uma outra maneira de dizer que a vida do exilado anda segundo um calendário diferente e é menos sazonal e estabelecida do que a vida em casa. O exílio é a vida levada fora da ordem habitual. É nômade, descentrada, contrapontística, mas, assim que nos acostumamos a ela, sua força desestabilizadora entra em erupção novamente (SAID, 2003: 60).*

Halim o passado não está em condições de competir com o presente, nem tampouco com o futuro. Por isso, acredita que receber o filho exilado equivale a apagar as lembranças de um período que foi difícil para todos os envolvidos.<sup>672</sup>

*Zana os esperava no aeroporto desde o começo da tarde. Ela estacionou o Land Rover verde, foi até a varanda e ficou olhando para o leste. Quando viu o bimotor prateado aproximar-se da cabeceira da pista, desceu correndo, atravessou a sala de desembarque, subornou um funcionário, caminhou altiva até o avião, subiu a escada e irrompeu na cabine. Levava um buquê de helicôneas que deixou cair ao abraçar o filho ainda lívido de pavor, dizendo-lhe, “Meu querido, meus olhos, minha vida”, chorando, “Por que tanta demora? O que fizeram contigo?”, beijando-lhe o rosto, o pescoço, a cabeça, sob o olhar incrédulo de tripulantes e passageiros, até que Halim disse, “Chega! Agora vamos descer, o Yaqub não parou de provocar, só faltou pôr as tripas para fora”. Mas ela não cessou os afagos, e saiu do avião abraçada ao filho, e assim desceu a escada e caminhou até a sala de desembarque, radiante, cheia de si, como se enfim tivesse reconquistado uma parte de sua própria vida: o gêmeo que se ausentara por capricho ou teimosia de Halim. E ela permitira por alguma razão incompreensível, por alguma coisa que parecia insensatez ou paixão, devoção cega e irrefreável, ou tudo isso junto, e que ela não quis ou nunca soube nomear (HATOUM, 2000: 15-16).*

Patética, Zana recebe Yaqub, como se ele fosse uma versão moderna do filho pródigo.<sup>673</sup> “Meu querido, meus olhos, minha vida”, chorando, “Por que tanta demora? O que fizeram contigo?” Yaqub não se deixa enredar por esse entusiasmo que beira o artificialismo. E, controlando os sentimentos e as mágoas, não se expõe, não entrega informações para quem pode usá-las contra ele mais tarde.

De volta ao mundo familiar, que comprova ser tão asfixiante quanto uma prisão, Yaqub necessita conviver com aqueles que – agora – dizem amá-lo:

*Agora ele estava de volta: um rapaz tão vistoso e alto quanto o outro filho, o Caçula. Tinham o mesmo rosto anguloso, os mesmos olhos castanhos e graúdos, o mesmo cabelo ondulado e preto, a mesmíssima altura. Yaqub dava um suspiro depois do riso, igualzinho ao outro. A distância não dissipara certos tiques e atitudes comuns, mas a separação fizera Yaqub esquecer certas palavras da língua portuguesa. Ele falava pouco, pronunciando monossílabos ou frases curtas: calava quando podia, e, às vezes, quando não devia. Zana logo percebeu. Via o filho sorrir, suspirar e evitar as palavras, como se um silêncio paralisante o envolvesse (HATOUM, 2000: 16).*

<sup>672</sup> Halim é um adepto das teses escapistas, porque falta-lhe uma melhor compreensão dos fatos e da paternidade. Suas ações nunca estão voltadas para o entendimento das concessões que ter filhos implica. Yaqub e Omar sempre são visualizados por ele como impecilhos na construção da felicidade.

<sup>673</sup> Inconscientemente, Zana inverteu os sinais sobre o significado da fábula do filho pródigo. No texto bíblico, depois de exigir a parcela que lhe cabia no patrimônio familiar, o rapaz vai conhecer o mundo e a si mesmo. Esbanja os bens familiares e retorna à casa paterna, arrependido por ter procedido mal. A história de Yaqub é diferente: ele foi expulso de casa, sob a alegação de que esse gesto incidiria na paz doméstica. Somente regressa quando recebe permissão da conjunção de forças que o exilou.

Além da imagem visualizada por aqueles que integram a sua família, Yaqub adquiriu no Oriente Médio algumas particularidades idiossincráticas menos perceptíveis, mais profundas. Os dias intermináveis em que, sob o sol do sul do Líbano, pastoreou ovelhas, sedimentaram o caráter de um homem que além de se descobrir um filho enjeitado, ainda aprendeu através do sofrimento o significado do conceito “família”: um amontoado de palavras despidas de sentido. Os olhos de Zana, Halim, Omar e Rânia não compartilharam dessa experiência, nunca estiveram preparados para entender essas nuances.

*Zana desceu do jipe e procurou em vão Omar. Rânia estava no alpendre, alinhada perfumada.*

*“Ele chegou? Meu irmão chegou?” Correu para a porta, de onde avistou um rapaz tímido, mais alto que o pai, segurando o farnel surrado e agora olhando para ela com o olhar de alguém que vê pela primeira vez a moça, e não a menina mirrada que abraçara no cais do Manaus Harbour. Ele não sabia o que dizer: largou o farnel e abriu os braços para enlaçar o corpo esbelto, alongado por uma pose altiva, o queixo levemente empinado, que lhe dava um ar autoconfiante e talvez antipático ou alheio. Rânia hipnotizava-se com a presença do irmão: uma réplica quase perfeita do outro, sem ser o outro. ela o observava, queria notar alguma coisa que o diferenciasse do Caçula. Olhou-o de perto, de muito perto, de vários ângulos; percebeu que a maior diferença estava no silêncio do irmão recém-chegado (HATOUM, 2000: 21).*

Yaqub abraça Rânia como um prelúdio para outros abraços: a reconstrução emocional se efetiva quando o passado, emoldurado no presente, se apresenta como afeto, dádiva e carinho. Encontrar-se com as mulheres que precisou abandonar cinco anos antes é o primeiro passo para retornar para a vida que lhe foi tomada à força.

*No entanto, ela ouviu a voz grave perguntar “Onde está Domingas?”, e viu o irmão caminhar até o quintal e abraçar a mulher que o esperava. Entraram no quartinho onde Domingas e Yaqub haviam brincado. Ele observou os desenhos de sua infância colados na parede: as casas, os edifícios e as pontes coloridas, e viu o lápis de sua primeira caligrafia e o caderno amarelado que Domingas guardara e agora lhe entregava como se ela fosse sua mãe e não a empregada (HATOUM, 2000: 21).*

*Como se ela fosse sua mãe e não a empregada, Yaqub abraça amorosamente Domingas.* Ao contrário do encontro com Zana, onde o constrangimento e o mal-estar da viagem impediram qualquer manifestação mais profunda de carinho, o abraço com Domingas e os instantes em que estiveram juntos no quarto comprovam que a distância temporal não está conectada com a distância afetiva: entre nós não houve ruptura, sinaliza Yaqub ao *caminhar até o quintal e abraçar a mulher que o esperava.*

Inicialmente, é nos braços de Rânia e Domingas que Yaqub encontra sustentação e coragem no seu retorno à Manaus. São essas duas mulheres, envoltas em dignidade, ternura e amor, que o recebem e o protegem contra as adversidades familiares.

“O Omar vai chegar de noitinha, ele prometeu jantar conosco” (HATOUM, 2000: 22), afirma Zana, como se estivesse a justificar a injustificável ausência do Caçula na chegada do irmão.

Durante a ceia, Yaqub se sente incomodado por não conseguir se expressar corretamente. As dificuldades do idioma o atormentam.<sup>674</sup>

*Yaqub, calado, prestava atenção, tamborilava na madeira, assentindo com a cabeça, feliz por entender as palavras, as frases, as histórias contadas pela mãe, pelo pai, uma ou outra observação de Rânia. Yaqub entendia. As palavras, a sintaxe, a melodia da língua, tudo parecia ressurgir. Ele bebia, comia e escutava, atento; entregava-se à reconciliação com a família, mas certas palavras em português lhe faltavam. E sentiu a falta quando os vizinhos vieram vê-lo. Yaqub foi beijado por Sultana, por Talib e suas duas filhas, por Estelita Reinoso (HATOUM, 2000: 23).*

Sob o signo da contenção, do lento assimilar da intensidade com que algumas particularidades e detalhes estão se apresentando, Yaqub absorve os efeitos imediatos do contraste entre a frugalidade do Líbano e a fartura de Manaus. Mas não se trata apenas da comida ou da forma alegre e expansiva com que todas aquelas pessoas o estão tratando. Yaqub percebe que falta algum tipo de encaixe que seja capaz de clarear as brumas que interligam a memória e o esquecimento.

*Ele sorriu, e desta vez a hesitação da fala, o esquecimento da língua e o receio de dizer uma asneira foram providenciais. Desembrulhou os presentes, viu as roupas vistosas, o cinturão de couro, a carteira com as iniciais prateadas. Manuseou a carteira e a enfiou no bolso da calça que Halim lhe comprara no Rio (HATOUM, 2000: 23).*

Depois do jantar, todos os convidados se mostram felizes com o regresso do primogênito de Halim e Zana. A sensação que estava incomodando o recém-chegado quase desaparece. Enredado pelo clima festivo, Yaqub não sente necessidade de se opor ao contentamento daqueles que

---

<sup>674</sup> A linguagem é sempre uma barreira no processo de comunicação. Sem conseguir dominar a terminologia do grupo social em que está inserido, Yaqub se retrai, não desfruta da intimidade proposta por aqueles que estão com ele compartilhando a refeição: *Tinha vergonha de falar: trocava o pé pelo bê (Não bossô, babai! Buxa vida!), e era alvo de chacotas dos colegas e de certos mestres que o tinham como rapaz rude, esquisito: vaso mal moldado (HATOUM, 2000: 30).*

compartilharam a refeição com ele e, por alguns momentos, sem se sentir pressionado pelas quantidade de coisas novas que estavam acontecendo em sua vida, não teve saudades do Líbano.

No entanto, essa sensação de segurança, de bem-estar, se mostrou passageira. Como bem comprovou o primogênito na hora em que *o rosto de Zana se iluminou ao ouvir um assobio prolongado* (HATOUM, 2000: 24).

O que se seguiu foi uma série inesquecível de constrangimentos.

*Era quase meia-noite quando o Caçula entrou na sala. Vestia calça branca de linho e camisa azul, manchada de suor no peito e nas axilas. Omar se dirigiu à mãe, abriu os braços para ela, como se fosse ele o filho ausente, e ela o recebeu com uma efusão que parecia contrariar a homenagem a Yaqub. Ficaram juntos, os braços dela enroscados no pescoço do Caçula, ambos entregues a uma cumplicidade que provocou ciúme em Yaqub e inquietação em Halim* (HATOUM, 2000: 24).

Como se estivesse esperando pelo convidado de honra, *Ela o recebeu com uma efusão que parecia contrariar a homenagem a Yaqub*. Para embaraço do verdadeiro homenageado, que vê se materializarem – mais uma vez – todos os fantasmas que sempre o atormentaram, o entre Zana e Omar é marcado por regozijo e entusiasmo.

A roupa que o Caçula estava vestindo quando entrou em casa compõe um figurino significativo: *calça branca de linho e camisa azul, manchada de suor no peito e nas axilas*. Aparentando, através do desleixo de suas roupas, o cansaço de um herói que combateu inimigos poderosos durante a noite, o Caçula quer esconder (e, ao mesmo tempo, cheio de deboche, revelar) que esteve a beber e a farrear com prostitutas. Enquanto a família reverencia o retorno de Yaqub, Omar distribui “amor” nos lupanares.

Além disso, com o nítido propósito de afrontar o irmão, o Caçula emoldura no rosto o fastio e o ar de moleque prestes a cometer mais uma traquinagem.

Todos esses elementos – que em outros personagens produziriam uma imagem inapropriada – são itens constitutivos de uma *performance* teatral<sup>675</sup> cuidadosamente elaborada para receber/ofender o seu duplo. Omar se considera o senhor absoluto do território familiar –

---

<sup>675</sup> O teatro, neste caso, deve ser entendido não como o local da representação dramática, mas sim como o espaço em que a imagem e o logro trabalham conjuntamente para forjar um jogo especular, constituído simetricamente pelo dentro e pelo fora, pelo original e pela cópia, pela realidade e pela ficção. Os efeitos pirotécnicos produzidos pela ilusão da linguagem – criada nos bastidores e representada no prosaetrio – tecem ao redor da verdade uma rede encantatória, possibilitando que o não-desejo (escondido sob o signo da trapaça) contamine a identidade do sujeito – que, ao se sentir desamparado, sem as referências que o mantinham consciente, mergulha em um espaço imaginário (que se propõe real, embora não o seja). Nesse não-lugar, o espectador (algum personagem da narrativa, o leitor) toma como seu o desejo de um Outro.



muito antes de aceitar a gemelaridade com Yaqub. E isso significa apenas uma coisa: intrusos devem ser repelidos, seja de forma sutil, seja à força.

Coerente com a dramaturgia da hostilidade, o Caçula não comparece ao jantar de recepção do irmão.<sup>676</sup> Ignorando propositadamente uma importante tradição cristã:<sup>677</sup> a eucaristia.<sup>678</sup> Ou seja, recusa o compartilhar das refeições, momento em que “repartir o pão e o vinho” simbolizam a união familiar. Com essa atitude o Caçula inverte as relações de pertença e se apresenta para a mãe (aquela a quem realmente interessa chamar a atenção) *como se fosse ele o filho ausente*, o filho pródigo, filhote desgarrado que volta ao lar depois de peregrinar por terras estranhas e perigosas.<sup>679</sup>

---

<sup>676</sup> Alguns anos depois, quando Yaqub parte para São Paulo, Omar repete o gesto e se ausenta no jantar de despedida do irmão. Nos dois momentos, ao usar esse estratagema, Omar desloca para si todos os olhares – que deveriam se concentrar no irmão –, impondo aos espectadores (a família) um novo foco de atenção.

<sup>677</sup> A família de Yaqub e Omar é maronita (libaneses cristãos).

<sup>678</sup> A Eucaristia é um dos sete sacramentos da Igreja Católica. Segunda a crença religiosa, Jesus Cristo encontra-se presente nas refeições sob as aparências do pão e do vinho, que simbolizam o corpo (sangue) e alma (divindade). Na análise de Northrop Frye, *O rito da Eucaristia, identificando o pão e o vinho do mundo vegetal com o corpo e o sangue do mundo animal, e ambos com o corpo de Cristo, se estabelece no começo da Paixão* (Mateus, 26:26-29 e em outras passagens). *Os evangelhos sinóticos* (isto é, os três primeiros, de Mateus, Marcos e Lucas – N. T.) representam Jesus falando de beber um “novo vinho” em seu reino, e a imagem de um novo vinho aparece no relato das bodas de Caná, em João, 2. João não inclui o relato da instituição da Eucaristia na Última Ceia, mas o discurso de Jesus aqui inclui a afirmação de que ele é a “verdadeira vinha”. Entre outras coisas a Eucaristia é o antitipo da aliança de sangue entre Israel e Deus (Êxodo, 24:6-8), e da provisão de maná no deserto (ver João, 6:49-50). A identificação do vinho com sangue unifica os mundos animal e vegetal; e a do vinho com a água (João, 2:9), ou a do sangue com a água, identifica aqueles dois mundos com o Paraíso (FRYE, 2004: 187-188).

<sup>679</sup> Contextualmente, a maneira efusiva com que Zana recebe Omar pouco difere da situação relatada na “Parábola do filho pródigo”. Independente do esforço que Yaqub faça para se mostrar digno da atenção materna, Omar sempre roubará a cena, sempre será atendido prioritariamente em suas demandas. Zana somente consegue visualizar Omar como um indivíduo que precisa de ajuda para poder vencer as dificuldades que o mundo impõe aos mais “fracos”, desprotegidos e doentes. Independente do filho mais velho ter passado cinco anos fora de casa, Zana sempre o considera como um filho presente. Com Omar, é o contrário: há sempre o perigo dele se perder. “Filho, tu estás sempre comigo, e tudo o que é meu é teu”, parece querer dizer Zana para Yaqub, como que a compensá-lo por algo que somente pode ser recompensado com amor e carinho.

*O filho mais velho estava no campo. Ao voltar, já perto de casa, ouviu música e barulho de dança. Então chamou um dos criados e perguntou o que estava acontecendo. Ele respondeu: “É teu irmão que voltou. Teu pai matou o novilho gordo, porque recuperou seu filho são e salvo. Mas ele ficou com raiva e não queria entrar. O pai, saindo, insistiu com ele. Ele porém, respondeu ao pai: “Eu trabalho para ti há tantos anos, jamais desobedeci ordem tua. E nunca me deste um cabrito para eu festejar com meus amigos. Mas quando chegou esse teu filho, que esbanjou teus bens com as prostitutas, matas para ele o novilho gordo”. Então o pai lhe disse: “Filho, tu estás sempre comigo, e tudo o que é meu é teu. Mas era preciso festejar e alegrar-nos, porque este teu irmão estava morto e tornou a viver, estava perdido e foi encontrado* (Lc., 15: 25-32).

Se o filho pródigo estava perdido e foi encontrado, o filho “presente” não estará sendo abandonado nesse instante? Para a mitologia católica o arrependimento é fundamental, mas há que se perguntar se a valorização da culpa não implica em cometer injustiças: “Eu trabalho para ti há tantos anos, jamais desobedeci ordem tua. E nunca me deste um cabrito para eu festejar com meus amigos. Mas quando chegou esse teu filho, que esbanjou teus bens com as prostitutas, matas para ele o novilho gordo”. Se o conceito de justiça supõe equilíbrio, isonomia, então a parábola do Filho pródigo é injusta.

Essa pantomima obtém resultado imediato: Yaqub se sente vítima, mais uma vez, da rejeição familiar. Tratado como uma visita inoportuna, ele não consegue entender o porque de sua mãe oferecer tanto carinho para o irmão – carinho autêntico que ele, Yaqub, nunca recebeu.

Então, depois de muita protelação, os olhares dos dois irmãos se encontram.<sup>680</sup>

---

<sup>680</sup> No romance inglês *Dentes Brancos* (SMITH, 2003), o reencontro entre os irmãos somente ocorreu quando não mais é possível evitar (Magid estava em Londres a algum tempo). Conscientes de que a crise fraterna está prestes a ser deflagrada (nas palavras de Samad: *Magid, você está num curso de colisão direta com seu irmão* [SMITH, 2003: 437]), os gêmeos protelam o instante em que os desentendimentos consolidarão o afastamento familiar. O motivo mais forte (mas não o único, embora, talvez, seja o mais importante) para essa beligerância está em um dogma religioso. Magid participa de um experimento com células embrionárias em camundongos. Millat, que adotou radicalmente a fé muçulmana, é contrário a toda e qualquer pesquisa genética. Ou seja, como se integrassem exércitos opostos, Magid e Millat eliminam a fratria como elemento de unidade social.

*Três horas da tarde, 5 de novembro de 1992. Os irmãos se encontram (até que enfim) numa sala vazia depois de um intervalo de oito anos e descobrem que seus genes, os profetas do futuro, chegaram a conclusões diferentes. Millat se estarrece com as diferenças. O nariz, o contorno do queixo, os olhos, o cabelo. O irmão é um estranho para ele e é isso o que lhe diz.*

*– Só porque você quer que eu seja – retruca Magid com um olhar matreiro.*

*Mas Millat é bronco, sem interesses em enigmas, e num único jorro pergunta e responde sua própria pergunta.*

*– Então vai seguir em frente com esse negócio, é?*

*Magid encolhe os ombros.*

*– Não é meu para eu parar ou começar, irmão, mas, sim, pretendo ajudar no que puder. É um grande projeto.*

*– É uma abominação – (panfleto: A santidade da Criação).*

*Millat puxa a cadeira de uma das escrivaninhas e senta nela com o recosto virado para a frente, feito um caranguejo numa armadilha, as pernas e os braços largados nos lados.*

*– Vejo mais como uma correção dos erros do Criador.*

*– O Criador não comete erros.*

*– Então pensa em continuar?*

*– Pode crer.*

*– E eu também.*

*– Pois, então é isso, né? Já tá resolvido. O GENIV vai fazer o que for necessário para parar você e os de sua laia. E esse é o fim dessa porra.*

*No entanto, ao contrário do que Millat pensa, não se trata de um filme e essa porra não tem fim, assim como essa porra não tem começo. Os irmãos começam a discutir. A discussão esquentada em segundos e ambos zombam dessa idéia, a de um lugar neutro; em vez disso, encham a sala de história – história passada, presente e futura (porque isso existe) –, pegam o que era vazio e abarrotam e borram com a fétida merda do passado, como crianças excitáveis e excrementícias. Forram esta sala neutra com eles mesmos. Todas as dores intestinais, as principais recordações, todos os princípios questionáveis, todas as crenças contestadas (SMITH, 2003: 445-446).*

*Em que resulta tamanho esforço? Para o narrador, em nada, Porque se podemos dividir a realidade inexaurivelmente em partes, como os irmãos o fizeram na sala, o resultado é um paradoxo insuportável. Estamos sempre parados, não vamos a lugar algum, não há avanço (SMITH, 2003: 448). Os irmãos (e os imigrantes) são aqueles que utilizam-se do auto-engano para criar *Um mapa de uma pátria imaginária* (SMITH, 2003: 493), porque acreditam na possibilidade de se apossarem de terras que não lhes pertencem (Millat quer a Inglaterra e a religião muçulmana; Magid quer a Inglaterra e a glória proporcionada pela ciência). Os gêmeos procuram ignorar que a fraternidade oscila constantemente entre a perda e o exílio. Envolvidos pela aventura da conquista (disputas territoriais, confrontos físicos e a superação das adversidades), Magid e Millat insistem em dissolver a fraternidade:*

*Por que muitas vezes imaginamos os imigrantes em constante movimento, livres, capazes de mudar de curso a qualquer momento, capazes de empregar a lendária habilidade a cada passo. Ouvimos falar da habilidade do sr. Schmutters, da liberdade do sr. Banajii, que desembarcaram na ilha de Ellis, Dover ou Calais e invadem terras estrangeiras como pessoas em branco, sem bagagem, felizes e dispostas a deixar as diferenças nas docas e a se aventurar nesse novo lugar, fundindo-se com a unicidade dessa aprazível libertária terra verdedosemancipados.*

*Qualquer rua que surja à frente, eles a tomam, e se acontecer de ela não ter saída, bem, então o sr. Schmutters e o sr. Banajii percorrerão alegremente uma outra, avançando por caminhos sinuosos na Feliz Terra Multicultural. Bem,*

“Obrigado pela festa”, disse ele, com um quê de cinismo na voz. “Sobrou comida para mim?”

“Meu Omar é brincalhão”, Zana tentou corrigir, beijando os olhos do filho. “Yaqub, vem cá, vem abraçar o teu irmão.”

Os dois se olharam. Yaqub tomou a iniciativa: levantou, sorriu sem vontade e na face esquerda a cicatriz alterou-lhe a expressão. Não se abraçaram. Do cabelo cacheado de Yaqub despontava uma pequena mecha cinzenta, marca de nascença, mas o que o realmente os distinguia era a cicatriz pálida e em meia-lua na face esquerda de Yaqub. Os dois irmãos se encararam. Yaqub avançou um passo, Halim disfarçou, falou do cansaço da viagem, dos anos de separação, mas de agora em diante a vida ia melhorar. Tudo melhora depois de uma guerra.

Talib concordou, Sultana e Estelita propuseram um brinde ao fim da guerra e à chegada de Yaqub. Nenhum dos dois brindou: os cristais tilintando e uma euforia contida não animaram os gêmeos. Yaqub apenas estendeu a mão direita e cumprimentou o irmão. Pouco falaram, e isso era tanto mais estranho porque, juntos, pareciam a mesma pessoa (HATOUM, 2000: 24-25).

Como se fosse o protagonista do espetáculo, Omar toma conta do proscênio e inibe a atuação dos demais atores. A frase “*Obrigado pela festa*”, fundada na precariedade da verdade, inverte no plano real as relações de pertença, ao mesmo tempo em que traça uma linha imaginária no território familiar, demarcando a propriedade e estabelecendo uma posição de superioridade. Na disputa pelo poder, antes que Yaqub reivindique algum direito – que, independente de sua legitimidade, Omar prontamente negará –, o Caçula se apressa em “colocar o irmão em seu devido lugar”.<sup>681</sup> Por isso a encenação explícita de afeto com a mãe; por isso a pouca vontade em permitir que a fraternidade seja escorada na isonomia dos direitos familiares.

Como se estivesse aplaudindo a *performance* do filho mais novo, Zana não esquece que também está em cena e pronuncia a frase que está no *script*: *Meu Omar é um brincalhão*. Todos aqueles que participaram desse momento, perceberam a acentuada ênfase com que é pronunciado o pronome possessivo “meu”.<sup>682</sup>

---

sorte deles. Magid e Millat, porém, não conseguiram. Deixaram a sala neutra tal como quando nela entraram: oprimidos, sobrecarregados, incapazes de se afastar de seu curso ou de algum modo mudarem suas perigosas trajetórias separadas. Pareciam não fazer progresso. O cético diria que não se movimentavam de modo algum – que Magid e Millat são duas das flechas de Zeno de cabeça fundida, ocupando um espaço a altura deles mesmos e, o mais alarmante, à altura de Mangal Pande, à altura de Samad Iqbal. Dois irmãos apanhados em armadilha no instante temporal. Dois irmãos que pervertem todas as tentativas de datar essa história, de seguir a pista desses camaradas, de apresentar horas e dias, porque não há, não houve e jamais haverá nenhuma duração. Com efeito, nada se movimenta. Nada muda, eles estão correndo parados. O paradoxo de Zeno (SMITH, 2003: 447).

<sup>681</sup> E logo adiante da fronteira entre “nós” e os “outros” está o perigoso território do não-pertencer, para o qual, em tempos primitivos, as pessoas eram banidas e onde, na era moderna, imensos agregados de humanidade permanecem como refugiados e pessoas deslocadas (SAID, 2003: 50).

<sup>682</sup> O discurso da posse implica no império do não-compartilhamento. A propriedade demarca o conteúdo, o que lhe exterior e o que não está contido no conjunto de pertença. Quando Zana escolhe usar (e pouco importa se essa decisão é consciente ou não) o pronome possessivo “meu”, ela está esclarecendo que não quer dividir o que se encontra (ou que ela acredita que se encontrar) sob o seu domínio. Ao mesmo tempo, fixa a exclusão, pois o “não é teu” – que se

Em seguida, como se o absurdo estivesse completamente ausente da cena, Zana tenta contornar a situação com mais um pedido injusto: *Yaqub, vem cá, vem abraçar o teu irmão*. Outra vez, como se as imagens estivessem sobre a influência de um espelho, a demarcação territorial é invertida. Zana trata Yaqub como residente e Omar como recém-chegado (e, portanto, digno de todas as honras). E isso, de certa forma, configura um desgaste que caberia à Zana e Halim evitar. Sintomaticamente, ninguém coíbe a empáfia de Omar, ninguém defende Yaqub.

Desta forma, vítima de desnível afetivo, Yaqub precisa escolher entre romper frontalmente com o irmão ou, a contragosto, fazer algum tipo de reverência ao despotismo de Omar. Opta, estrategicamente, pela segunda opção. Esse procedimento, sintomaticamente, é interpretado por Omar como um ato de covardia.<sup>683</sup> Prepotente, imune à contaminação mundana, o Caçula assume uma posição majestática.

Então, como se estivesse a prestar vassalagem ao proprietário absoluto da Capitania e contrariando o bom-senso e as regras de comportamento social relativas àqueles que chegam de viagem, cabe a Yaqub todas as ações de aproximação: *Yaqub tomou a iniciativa: levantou, sorriu sem vontade; (...) Yaqub avançou um passo*. Mais tarde, durante o brinde (do qual os irmãos se abstêm, pois brindar significa reconhecer a existência e o poder do Outro), Omar se mantém impassível. Mais uma vez o recém-chegado toma a iniciativa: *Yaqub apenas estendeu a mão direita e cumprimentou o irmão*.

Para Yaqub, cumprimentar o irmão não tem nenhum significado específico, é apenas um gesto protocolar. Infelizmente, o Caçula não pensa assim, pois entende que sua superioridade está em forçar que Yaqub lhe estenda a mão, mostrando para todos que o irmão está desarmado, à mercê de sua “bondade”. Em outras palavras, na visão de Omar, Yaqub, ao estender a mão, está se comprometendo publicamente em não agredi-lo.

Nos meses seguintes, os rapazes freqüentam o colégio dos padres salesianos.

*Os dois saíam cedo para o colégio; quem de longe, os olhasse caminhar, juntos, vestindo a farda engomada por Domingas, teria a impressão de ver os dois irmãos conciliados para sempre. Yaqub, que perdera alguns anos de escola no Líbano, era um varapau numa sala de baixotes. Zana temia que ele mijasse no pátio do colégio, comesse com as mãos no*

---

encontra fora do quadro de referência do discurso – adquire visibilidade e, através da força unilateral, impede o diálogo.

<sup>683</sup> E, de certa forma, Omar está com a razão. Ser mandado outra vez ao Líbano é uma ameaça que Yaqub ainda precisa contornar. Enfrentar Omar um dia depois de retornar a Manaus é insensato, seja porque ainda é cedo para assumir posições mais enérgicas, seja porque desconhece o conjunto de forças que sustentam o irmão. Seja por prudência, seja por medo, Yaqub prefere contemporizar. Infelizmente essa posição passiva não o ajudará no futuro.

*refeitório ou matasse um cabrito e o trouxesse para casa. Nada disso aconteceu. Era um tímido, e talvez por isso passasse por covarde (HATOUM, 2000: 30).*

Determinado a esquecer o tempo em que passou no Líbano, acumulando ignorância e solidão, Yaqub começa a obter resultados escolares surpreendentes:

*Varava noites estudando a gramática portuguesa; repetia mil vezes as palavras malpronunciadas: atônito, em vez de atônito. A acentuação tônica... um drama e tanto para Yaqub. Mas ele foi aprendendo, soletrando, cantando as palavras, até que o sons de nossos peixes, plantas e frutas, todo esse tupi esquecido não embolava mais na língua. Mesmo assim, nunca foi tagarela. Era o mais silencioso da casa e da rua, reticente ao extremo. Nesse gêmeo lacônico, carente de prosa, crescia um matemático. O que lhe faltava no manejo do idioma sobrava-lhe no poder de abstrair, calcular, operar com números.*

*“E para isso”, dizia o pai, orgulhoso, “não é preciso língua, só cabeça. Yaqub tem de sobra o que falta no outro”.*

*Omar ouvia essa frase e tornou a ouvi-la anos depois, quando Yaqub, em São Paulo, comunicou à família que havia ingressado na Escola Politécnica (em “brimeiro lugar, babai”, escreveu ele, brincando). Zana sorriu triunfante, enquanto Halim repetia: “Eu não disse? Só cabeça, só inteligência, e isso o nosso Yaqub tem de sobra” (HATOUM, 2000: 31).*

Estudar foi a maneira pragmática com que Yaqub se reintegrou ao Brasil, ao mundo familiar e ao mundo social (a escola). Ao mesmo tempo, mergulhar nos livros nada mais é do que repetir a estratégia passiva que o levou ao exílio no Líbano. De qualquer forma, o estudo é um mecanismo de defesa que lhe permite erguer diversas paredes emocionais – para esconder deficiências, temores, medos.

*O matemático, e também o rapaz altivo e circunspecto que não dava bola para ninguém; o enxadrista que no sexto lance decidia a partida e assobiava sem vontade um soprinho de passarinho rouco, antevendo o rei acuado. Derrotava o adversário emitindo esse assobio meio irritante, anúncio do inevitável xeque-mate. Dias e noites no quarto, sem dar um mergulho nos igarapés, nem mesmo aos domingos, quando os manauaras saem ao sol e a cidade se concilia com o rio Negro. Zana preocupava-se com esse bicho escondido. Por que não ia aos bailes? “Olha só, Halim, esse teu filho vive enfurnado na toca. Parece um amarelão mofando na vida.” O pai tampouco entendia por que ele renunciava à juventude, ao barulho festivo e às serenatas que povoavam de sons as noites de Manaus (HATOUM, 2000: 31-32).*

A falta de sintonia familiar se manifesta novamente quando Zana, se referindo a Yaqub, diz para Halim: *Esse teu filho vive enfurnado na toca*. Halim ouviu a frase, como se a esposa estivesse escandindo a acusação: “Esse teu filho”.<sup>684</sup>

---

<sup>684</sup> Mais uma vez, como se isso fosse necessário, Zana reitera, sem nenhuma possibilidade de estar cometendo um equívoco, o que é de conhecimento público. Embora ninguém ouça o som de sua voz, a mãe dos gêmeos exclama: esse

Embora fique perplexo com o procedimento da esposa, que manifesta conscientemente – com a violência mundana daqueles que deserdam a prole – querer manter a distância emocional com o primogênito, Halim não reage. E esse procedimento, de certa forma, concorda que Yaqub destoa do comportamento que ele(s) gostaria(m) que o filho adotasse.

Na disputa por uma filiação que nem o pai nem a mãe querem reconhecer, Yaqub se sente deserdado, ou melhor, deslocado familiarmente – obrigado a habitar um não-lugar simbólico: aos olhos dos pais, Yaqub é apenas *um amarelão mofado na vida*.

*Que noites, que nada! Ele desprezava, altivo em sua solidão, os bailes carnavalescos, ainda mais animados no anos pós-guerra, com os corsos e suas colombinas que saíam da praça da Saudade e desciam a avenida num frenesi louco até o Mercado Municipal; desprezava as festas juninas, a dança do tipiti, os campeonatos de remo, os bailes a bordo dos navios italianos e os jogos de futebol no Parque Amazonense. Trancava-se no quarto, o egoísta radical, e vivia o mundo dele, e de mais ninguém. O pastor, o aldeão apavorado na cidade? Talvez isso, ou pouco mais: o montanhês rústico que urdia um futuro triunfante.*

*Esse Yaqub, que embranquecia feito osga em parede úmida, compensava a ausência de gozos do sol e do corpo aguçando a capacidade de calcular, de equacionar. No colégio dos padres ele encontrava sempre, antes de qualquer um, o valor de um z, y ou x. Surpreendia os professores: a chave da mais complexa equação se armava na cabeça de Yaqub, para quem o giz e o quadro-negro eram inúteis (HATOUM, 2000: 32).*

Ciente de que a felicidade não estava em Manaus, pois o grupo familiar insistia em não o reconhecer como integrante legítimo (filho, irmão), Yaqub, identifica a si mesmo como próximo da condição de “estrangeiro” em território consagrado como familiar.

Nada mais lhe resta senão reagrupar as peças no tabuleiro. Por isso, como se não tivesse outra alternativa a não ser a de procurar por um lugar <sup>685</sup> em que lhe fosse possível se reconhecer

---

*filho que não é meu*. Ou melhor, embora ela empregue outras palavras, dessas que escondem a amargura da rejeição, Zana pronuncia: *o meu filho é Omar*. Ou melhor ainda, aos ouvidos de Halim a frase que sai da boca de sua esposa é a seguinte: *o teu filho é Yaqub*. Paradoxalmente, algum tempo depois, talvez motivado pelo distanciamento ostensivo que mantém com Omar, talvez corroído pela culpa porque percebeu que havia cometido um erro quando enviou Yaqub ao Líbano, Halim – que sempre esteve distante dos filhos, porque atrapalhavam sua vida sexual – decide “adotar” o filho que havia deserdando. Mas, mesmo assim, é um relacionamento à distância, sem grandes manifestações afetivas.

<sup>685</sup> Caso esse lugar não exista, cabe construí-lo (física ou imaginariamente). E, aparentemente, ninguém é melhor habilitado para isso que um futuro engenheiro. No entanto, São Paulo é múltipla e comporta espaço(s) para todos aqueles que lá aportam. Yaqub consegue facilmente se estabelecer na metrópole. Esse esforço implica em trafegar perigosamente entre a realidade e a loucura – porque não há possibilidade de retorno à condição inicial, visto que o exílio voluntário também é sinônimo de fuga. Refugiado em lugar seguro, distante física e emocionalmente da família, Yaqub altera a demanda psíquica e em lugar de procurar acumular forças para uma futura retomada do que lhe foi espoliado se declara rei de seu próprio território. Ou seja, se revela tão egoísta quando o irmão. Ao escapar de todos os símbolos da autoridade, ao eliminar os efeitos castradores das divisões fraternas, ao instituir uma ordem pessoal para as prioridades, Yaqub, feito um Robinson Crusoe extemporâneo, constrói um mundo emocional fictício em que não há espaço para as negociações afetivas ou o exercício da complementariedade.

como ser humano, como indivíduo integrante de um grupo social, Yaqub decide partir – desta vez – voluntariamente, para o exílio.

*O corpo é flexível. Inflexível foi o próprio Yaqub, que enfrentou a resistência da mãe quando informou, no Natal de 1949, que ia embora de Manaus. Disse isso à queimadura, como quem transforma em ato uma idéia ruminada até a exaustão. Ninguém desconfiava de seus planos (HATOUM, 2000: 38).*

Foi a voz do padre Bolislau que Yaqub ouviu na hora da decisão: “*Vá embora de Manaus*”, dissera o professor de matemática. “*Se ficares aqui, serás derrotado pela província e devorado pelo teu irmão*” (HATOUM, 2000: 40-41).

Paradoxalmente, como se não conseguisse entender o porque de Yaqub ter se decidido a ir morar em São Paulo, Zana ficou estarrecida. Para ela, o primogênito estava renegando a família. Provavelmente um pouco mais do que isso: como todo filho ingrato, estava prestes a cometer uma incoerência, um sacrilégio. Talvez seja essa a inspiração para um de seus sortilégios: Zana dizia que o filho que parte pela segunda vez não volta mais a casa (HATOUM, 2000: 45).<sup>686</sup>

Halim, cada vez mais distante de Omar, cada vez mais irritado com a vida promíscua do Caçula,<sup>687</sup> descobre na inteligência de Yaqub um motivo de orgulho familiar. Pela primeira vez, um dos filhos lhe fornece uma alegria, um motivo para regozijo.<sup>688</sup> Por isso, apoiou a viagem: estimulou o filho a ir morar em São Paulo, e ainda lhe prometeu uma parca mesada (HATOUM, 2000: 41).

---

<sup>686</sup> O lamento de Zana é profético: depois que foi para São Paulo, Yaqub nunca mais quis morar em Manaus. Sintomaticamente, o antagonismo fraterno entra em uma espiral de violência sem retorno. Todas as vezes que Yaqub voltou para Manaus foi para atingir o irmão, para devolver todas as ofensas e agressões que precisou suportar na infância, na adolescência e na vida adulta. Como se fosse impulsionado por desejo acima de sua vontade, como se estivesse acima do bem e do mal, Yaqub encarna a figura do vingador, que é aquele que cobra com violência as dívidas não saldadas.

<sup>687</sup> Num dia em que o Caçula passou a tarde toda de cueca deitado na rede, o pai o cutucou e disse, com a voz abafada: “Não tens vergonha de viver assim? Vais passar a vida nessa rede imunda, com essa cara?”. Halim preparava uma reação, uma punição exemplar, mas a audácia do Caçula crescia diante do pai. Não se vexava, parecia um filho sem culpa, livre da cruz. Mas não da espada. Foi reprovado dois anos seguidos no colégio dos padres. O pai o repreendia, dava o exemplo do outro filho, e Omar, mesmo calado, parecia dizer: Dane-se! Danem-se todos, vivo a minha vida como quero (HATOUM, 2000: 33).

<sup>688</sup> Rânia também, ao seu devido tempo, proporciona alegria para Halim: Abandonou a universidade no primeiro semestre e pediu ao pai para trabalhar na loja. Halim consentiu. O que ele esperava de Omar, veio de Rânia, e da expectativa invertida nasceu uma águia nos negócios. Em pouco tempo, Rânia começou a vender, comprar e trocar mercadorias. Conheceu os regatões mais poderosos e, sem sair de Manaus, sem mesmo sair da rua dos Barés, soube quem vendia roupa aos povoados mais distantes. Fez um acordo com esses regatões, que no início a desprezavam; depois, acreditaram ou fingiram acreditar que Halim se escondia por trás da negociante astuta. Não era raro vê-la exibir para os fregueses o sorriso quase instantâneo de uma falsa simpatia. Sabia atraí-los, lançando-lhes um olhar lânguido, demorado e cativante que contrastava com os gestos rápidos e prestativos de vendedora exímia (HATOUM, 2000: 94-95).

Antes de partir, Yaqub participou do desfile do dia da Independência. *Numa manhã de agosto de 1949, dia do aniversário dos gêmeos, o Caçula pediu dinheiro e uma bicicleta nova* (HATOUM, 2000: 39).

*Yaqub recusou o dinheiro e a bicicleta. Pediu uma farda de gala para desfilar no dia da Independência. Era o seu último ano no colégio dos padres e agora ia desfilar como espadachim. Já era garboso à paisana, imagine de farda branca com botões dourados, a ombreira enfeitada de estrelas, o cinturão de couro com fecho prateado, a polaina, a luva branca, a espada reluzente que ele empunhou diante do espelho da sala. A mãe, com o olhar maravilhado, não sabia se mirava o filho ou a imagem dele. Talvez tivesse olhos para mirar os dois, ou os três, pois do alpendre o Caçula espiava a cena sentado na bicicleta, a cara meio alesada com um sorriso esquisito, vá saber se de despeito ou irisão. Ele ignorou o desfile e a Independência. (...)*

*As mulheres da casa se assanharam para admirar o espadachim. Madrugaram na avenida para conseguir um lugar próximo à passagem das bandas e pelotões. Levaram chapéu de palha, suco de abacaxi e uma sacola cheia de tucumãs. Esperaram três horas sob o sol forte de setembro. Viram o desfile do Batalhão de Caçadores do Exército, com seus blindados, bazucas e baionetas e sua coreografia de onças-pintadas que esturravam sob o sol a pino. Logo depois, o alto-falante anunciou o desfile do colégio dos padres. Ouviram o rufar dos tambores e a harmonia dos metais num crescente impressionante; a banda, ainda invisível, emitia sons cada vez mais graves, estrondos cadenciados ecoando no centro de Manaus. A multidão voltou-se para o topo da avenida. Zana foi a primeira a divisar uma figura de branco, ostentando uma lâmina reluzente. A figura avançou, devagar; os passos ritmados pela cadência dividiam a avenida. O espadachim marchava à frente da banda e dos oito pelotões, sozinho, recebendo aplausos e assobios. Jogavam-lhe açucenas-brancas e flores do mato, que ele pisava sem pena, concentrado na cadência da marcha, sem dar bola aos beijos e gracejos que vinham da mulherada, sem nem mesmo piscar para Rânia. Ele não olhou para ninguém: desfilou com um ar de filho único que não era. Yaqub, que pouco falava, deixou a aparência falar por ele. A aparência e a imprensa: no dia seguinte um jornal publicou a fotografia dele, com dois dedos de elogios* (HATOUM, 2000: 39-40).

*Desfilou com um ar de filho único.* Ao vestir o uniforme, ao empunhar a espada, ao atrair a atenção de todos (especialmente a da mãe), Yaqub projeta em si, como que a suprimir o que considera falta, a personalidade do Outro. Contaminado pelo exibicionismo que caracteriza tudo aquilo que abomina e combate, Yaqub *deixou a aparência falar por ele*.<sup>689</sup> O uso orgulhoso da farda,<sup>690</sup> o desfile marcial e o recorte do jornal consagram uma demonstração artificial de vaidade, uma forma menor de auto-engano, de declarar a todos (ou seja, à família) que ele, Yaqub, nunca havia perdido a auto-estima.

<sup>689</sup> *Durante meses Zana mostrou aos vizinhos o parágrafo a respeito do belo espadachim que ela havia parido. A espada cintilava no jornal, mas o tempo tratou de esmaecer o brilho metálico; no entanto, ficou a imagem da arma com sua forma pontiaguda. As palavras elogiosas ao filho bem poderiam ter sumido, porque a mãe já as havia memorizado* (HATOUM, 2000: 40).

<sup>690</sup> *Cresci vendo as fotos de Yaqub e ouvindo a mãe dele ler suas cartas. Numa das fotos, posou com a farda do exército; outra vez uma espada, só que a arma de dois gumes dava mais poder ao corpo do oficial da reserva. Durante anos, essa imagem do galã fardado me impressionou. Um oficial do Exército, e futuro engenheiro da Escola Politécnica...* (HATOUM, 2000: 61).



Infelizmente, esse proceder também é uma maneira de anunciar, nas entrelinhas, que o ovo da serpente está sendo chocado.<sup>691</sup>

*No colégio dos padres prestaram-lhe uma homenagem. Ganhou duas medalhas e dez minutos de elogios, e ainda foi louvado por latinistas e matemáticos. Os religiosos sabiam que o ex-aluno tinha futuro; naquela época, Yaqub e o Brasil inteiro pareciam ter um futuro promissor (HATOUM, 2000: 41).*

Opondo-se a um mundo que se recusa a estimular determinados valores humanísticos (honra, virtude, inteligência, justiça, tenacidade, entre outros) por considerá-los iníquos ou pouco afeitos às necessidades da vida moderna, Yaqub entende que o percurso intelectual que escolheu para si mesmo contrapõe-se a um contexto degradado pela barbárie (cujo maior símbolo é o irmão, Omar).

Por isso, aceita participar da cerimônia anacrônica que premiou aquele que jamais negou apego aos estudos, ao bom comportamento e à curiosidade intelectual. Sua presença na honraria constitui uma forma de encorajar as melhores qualidades dos alunos que, assim como ele, precisam superar a superficialidade intelectual. Apesar disso, Yaqub (assim como aqueles que patrocinam o evento) está consciente de que a premiação não passa de um estímulo momentâneo, circunstancial, que não perdura – assim como as medalhas de lata, que, evanescentes, serão soterradas no *continuum* histórico.

O segundo exílio de Yaqub inicia em janeiro de 1950:

*Omar faltou ao jantar de despedida do irmão. Chegou de madrugada, no fim da festa, quando só os da família, exaustos, se despediam da última noite com Yaqub. Halim estava orgulhoso: o filho ia morar sozinho do outro lado do país, mas ia precisar de dinheiro, não podia viajar assim... Por um momento a voz de Yaqub ressoou na casa, uma voz já de homem, cheia de decisão, dizendo “Não, baba, eu não vou precisar de nada... Desta vez*

---

<sup>691</sup> *Na primeira foto que enviou. Trajava paletó e gravata e tinha o ar posado que lembrava o espadachim no desfile da Independência.*

*“Como está diferente daquele montanhês que vi no Rio”, comentou Halim, mirando a imagem do filho.*

*“O montanhês é o teu filho”, disse Zana. “O meu é outro, é esse futuro doutor em frente do Teatro Municipal.”*

*Um outro Yaqub, usando a máscara do que havia de mais moderno no outro lado do Brasil. Ele se sofisticava, preparando-se para dar o bote: minhoca que se quer serpente, algo assim. Conseguiu. Deslizou em silêncio sob a folhagem.*

*Por fora, era realmente outro. por dentro, um mistério e tanto: um ser calado que nunca pensava em voz alta (HATOUM, 2000: 61).*

Em relação aos gêmeos o comportamento de Nael é ambíguo, muitas vezes contraditório. Alguns trechos da narrativa, principalmente naqueles em que Nael não consegue esconder que é um narrador onisciente, manifestam visível má vontade com Yaqub: *Ele se sofisticava, preparando-se para dar o bote: minhoca que se quer serpente, algo assim. Conseguiu. Deslizou em silêncio sob a folhagem.* Embora relate com relativa isenção a história dos gêmeos, Nael, precisando escolher um pai entre os dois irmãos, prefere Omar.

*quem quis ir embora fui eu”. Halim abraçou o filho, chorou como havia chorado na manhã em que Yaqub partira para o Líbano. Zana ainda insistiu: que lhe mandaria uma mesada, que ele não ia ter tempo para trabalhar. “Teus estudos...”, acrescentou. “Nem um centavo”, ele disse olhando para a mãe (HATOUM, 2000: 42).*

*Desta vez quem quis ir embora fui eu*, afirma um Yaqub ressentido, mostrando que a ruptura trafega em mão dupla. Ao escolher ir *morar sozinho do outro lado do país*, Yaqub revela que jamais esqueceu o passado.<sup>692</sup>

Como um personagem anacrônico, fora de moda, desses que emergem de um romance de capa-e-espada movidos pela santidade de quem escolheu cumprir com uma missão heróica, Yaqub não se intimida com o futuro, não se preocupa com lastros econômicos, nem com a mundanidade da sobrevivência.

Tomado pela convicção de que vencer a luta não é fundamental, pois o que importa é o princípio, é “estar do lado certo” da justa, Yaqub não se deixa levar pelo sentimentalismo típico da classe média e se separa – mais uma vez – de sua família. Ao declarar-se emancipado, liberto dos laços familiares, Yaqub, que quer parecer diferente do irmão, recusa toda e qualquer ajuda: *Nem um centavo*.<sup>693</sup> Não quer ficar amarrado a um cordão umbilical simbólico que, ao mesmo tempo que fornece os nutrientes necessários para o desenvolvimento do filho, suga-lhe a energia vital e a independência.

Na manhã seguinte,

*[Omar] Só se levantou depois do almoço, e não quis a comida fria. Estava atento aos movimentos da mãe, que só tinha olhos para o viajante. Halim ainda estava no quarto, Domingas arrumava na mala pacotes de farinha e mantas de pirarucu seco. O Caçula não moveu uma palha: continuou sentado à mesa, quieto diante do prato intocado, o*

<sup>692</sup> A memória de Yaqub está tomada pela lembrança de que foi obrigado a cumprir um exílio involuntário no Líbano, quando tinha 13 anos. A viagem para São Paulo é, de certa forma, uma repetição desse mesmo exílio – a sensação de abandono emocional é tão intensa quando da primeira viagem. Ao perceber que a família sempre o tratou com indiferença, como se – simbolicamente – ele ainda estivesse no Líbano, nada mais lhe resta senão procurar, longe de Manaus, por um lugar em que a sensação de pertença também esteja acompanhada da de reconhecimento. Nesse sentido, a ruptura está conectada com a dor da perda das referências históricas: Yaqub, como se fosse um de seus ancestrais, que imigraram do Líbano para o Brasil, nos séculos XIX e XX, precisa inventar uma identidade que consiga abranger o despatriamento e a cultura que lhe é desconhecida. Desse híbrido, há que renascer, messianicamente, um novo Yaqub.

<sup>693</sup> O ressentimento de Yaqub com a questão financeira, com o cortar alguns laços familiares resulta em uma falsa declaração de independência. Ao adotar uma imagem de trabalhador (diferente do comportamento do irmão que não trabalha e vive a dilapidar o patrimônio familiar), Yaqub procura – inutilmente – se separar dos laços de sangue, projetando um independência econômica. Como tantas vezes mais tarde comprovará ao retornar a Manaus, é impossível abandonar os vínculos genéticos. No entanto, impressiona a força que Yaqub investe nessa idéia: algum tempo depois, quando está instalado na capital paulista, *Os pais mandaram-lhe dinheiro e um telegrama; ele agradeceu as belas palavras e devolveu o dinheiro. Entenderam que o filho nunca mais precisaria de um vintém. Mesmo se precisasse, não lhes pediria* (HATOUM, 2000: 60).

*olhar desviando furtivamente para o rosto do irmão. Sofria com a decisão de Yaqub. Ele, o Caçula, ia permanecer ali, reinar em casa, nas ruas, na cidade, mas o outro tivera a coragem de partir. O destemido, o indômito na infância estava murcho, ferido. “Ele queria sair da sala, mas não conseguia”, disse-me Domingas. Não queria ver o irmão altivo, sereno, ouvindo a mãe pedir a Yaqub que lhe escrevesse uma carta por semana, nem pensasse em deixá-la sem notícias, preocupada aqui neste fim de mundo. Rânia rondava o viajante, e ajoelhava-se para murmurar palavras que só ele escutava. Domingas não tirava os olhos dele, e anos depois ela me contou que estava nervosa com a viagem de Yaqub. Nem Zana podia impedi-lo de partir (HATOUM, 2000: 42-43).*

*O olhar desviando furtivamente para o rosto do irmão. Sofria com a decisão de Yaqub.* Sentindo-se derrotado por Yaqub, que se recusou a ficar atrelado aos escombros familiares – em gesto de astúcia que o Caçula jamais imaginou que o irmão fosse capaz –, Omar percebe que está perdendo alguma coisa com o segundo exílio do irmão: no mínimo, um pedaço de si mesmo.

Para ampliar o mal-estar, o som da campainha anuncia uma outra perda. E esta é ainda mais dolorosa, porque atinge um lugar vulnerável: o ego.

*(...) a campainha tocou com insistência e Omar se adiantou, correu para a porta de entrada e todos ouviram palavras atropeladas.  
“Quem é, Omar?”, perguntou a mãe, e logo depois um bate-boca, e o estalo da porta que se fecha e mais uma vez o som da campainha.  
“Por onde o Omar se meteu?”, perguntou Zana. “Domingas, vai lá ver o que está acontecendo.”  
Domingas fechou a mala e foi apressada até a porta. Depois a voz dela, alta, num tom petulante:  
“Ele vai viajar daqui a pouquinho” (HATOUM, 2000: 43).*

Omar troca várias palavras ásperas com quem tocou a campainha. Logo depois fecha a porta, impedindo a entrada da pessoa com quem discutiu. Essa atitude intempestiva identifica o desconforto causado pela presença inesperada.

Mas não é somente Omar que fica pasmado com a visita: Zana e Domingas também são surpreendidas (em diferentes níveis) pelo passado, que – mais uma vez – ressurge das ruínas domésticas.

*Estalos de salto alto ecoaram no corredor. Zana lançou um olhar perplexo e depois desdenhoso para a mulher que entrava na sala procurando Yaqub com os olhos. Ninguém ouvira falar dela desde aquela tarde em que o Caçula rasgara o rosto do irmão no porão dos Reinoso. Zana atribuía a cicatriz no rosto de Yaqub ao demônio da sedução daquela menina aloirada. Mesmo quando o filho estava no Líbano, ela dizia a Domingas: “Não entendo como a tal grandalhona pôde enfeitiçar meu filho”. Às vezes refazia a frase e dizia: “Não entendo como o meu Yaqub se deixou enfeitiçar por aquela osga”.*

*“Parecia a mesma meninona, só que naquela visita mostrava uma parte dos peitos e das coxas”, disse-me Domingas.*

*O resto do corpo de Livia foi esquadrinhado pelos olhos arregalados de Zana, que lhe perguntou com uma voz maliciosa: “A querida veio se despedir do meu galã?” (HATOUM, 2000: 43-44).*

*A querida veio se despedir do meu galã?*, pergunta Zana, com a voz cheia de ironia e despeito: *Zana atribuía a cicatriz no rosto de Yaqub ao demônio da sedução daquela menina aloirada.* Enquanto procura por defeitos e “esquadrinha” o corpo da mulher, “aquela” mulher, a “osga”, a rival, a sedutora,<sup>694</sup> Zana quase sente dores físicas, enlouquecida de ciúme: *“Não entendo como a tal grandalhona pôde enfeitiçar meu filho”*.<sup>695</sup>

O “galã”, relegado momentaneamente à condição de figurante, de objeto de uma disputa amorosa, observa a densa e sutil troca de ofensas entre aquela que Zana, cheia de ironia, chamou de “querida” e a única mulher por quem se apaixonou. O confronto entre as duas mulheres, ou melhor, entre as três mulheres, pois Domingas também está presente na sala (cumprindo com o seu papel de empregada submissa, sem voz, que precisa se controlar para não expressar publicamente a sua dor pela “perda” de Yaqub), produz um momento de tensão. As mulheres que povoam e oprimem a vida de Yaqub exigem uma decisão.

---

<sup>694</sup> O nome de Livia jamais é mencionado no período em que Yaqub frequenta o colégio dos padres salesianos (*Ninguém ouvira falar dela desde aquela tarde em que o Caçula rasgava o rosto do irmão no porão dos Reinoso* [HATOUM, 2000: 43]). No entanto, seria ingenuidade acreditar que eles somente se reencontraram no dia em que Yaqub partiu para São Paulo. Provavelmente eles já haviam conversado, namorado antes (talvez várias vezes) em algum lugar que a ambos era comum (no colégio, na rua, na casa dos Reinoso): *O que me lembro, muito bem, é da pergunta que Domingas fez quando soube que ele ia morar em São Paulo: Vais levar aquela moça contigo?, perguntou várias vezes minha mãe. Ele não respondeu, saiu do quarto sem dizer nada. Anos depois, minha mãe me revelou quem era a moça e me contou que Omar tinha cortado o rosto do irmão por causa dela* (HATOUM, 2000: 112). A relação afetiva e sexual entre Livia e Yaqub não têm consistência se for medida apenas como consequência de ações furtivas e circunstanciais.

<sup>695</sup> *“Não entendo como a tal grandalhona pôde enfeitiçar meu filho”*. Às vezes refazia a frase e dizia: *“Não entendo como o meu Yaqub se deixou enfeitiçar por aquela osga”*, afirma Zana, acentuando o pronome possessivo “meu”, antes do qualificativo “filho”. “Esquecida” das muitas vezes que renegou o filho, Zana, diante da ameaça externa, não se escora na reflexão crítica. A possibilidade de perda da “posse” filial de Yaqub para a “osga” a induz ao ciúme e à intolerância com a possibilidade de um dos filhos possa ser feliz emocionalmente. Alguns anos mais tarde, próxima da morte, Zana ainda alimentava o rancor: *Quando Estelita Reinoso entrou na sala para contar vantagem, Zana não esperou a vizinha sentar-se, foi logo dizendo: “Aquela tua sobrinha assanhada sempre rondou minha casa atrás dos meus filhos”*.

*Estelita recuou, assustada.*

*“Ela mesma, a Livia, filha da tua irmã... Sabes muito bem com quem se casou... Pescou meu filho num daqueles cineminhas do teu porão. Yaqub se casou como um cardeal, sem conhecer mulher. Casou escondido em São Paulo, longe da família, que nem bicho...”* (HATOUM, 2000: 249).

Como que a exigir a exclusividade na vida amorosa dos filhos, Zana mais tarde repetirá esse procedimento obsessivo com várias das namoradas de Omar.

Entre a mãe ciumenta que sempre o preteriu, a mãe postiça por quem sente afeto (mas não amor) e Livia, qualquer escolha, se não for feita com um pouco de diplomacia, demandará por dores futuras.

Como na guerra, nenhuma arma é excessiva, Yaqub rapidamente encontrou suficiente compensação para superar os tormentos que o afligem:

*Livia se afastou e saiu da sala, atraindo Yaqub para o quintal. Sussurraram com muitos risinhos e logo sumiram no matagal dos fundos. Demoraram o tempo da sobremesa, do café espesso e da sesta. Zana, inquieta, fez um sinal a Domingas, que os encontrou perto da cerca. Estavam espichados no mato, e Yaqub acariciava o ventre e os seios da mulher, adiando a despedida. Domingas ficou calada, ofegante; agachou-se, balançou as folhas e torceu com raiva os galhos da fruta-pão. Observou a cena, boquiaberta, e se retirou com a boca seca, com sede daquela água (HATOUM, 2000: 44).*

A surpreendente presença de Livia no momento que antecede a partida de Yaqub reatualiza/ritualiza o mito do “anjo da anunciação”.<sup>696</sup> Similar à fábula cristã, Livia desestabiliza o ambiente: Omar se retira furioso, sem entender o porquê de ter sido preterido;<sup>697</sup> Zana, possessiva, se recusa a dividir o que não lhe pertence; e Domingas fica com *a boca seca, com sede daquela água*.<sup>698</sup>

*Livia não apareceu, deve ter saído pela ruela dos fundos. Depois Yaqub entrou sozinho na sala, o pescoço com arranhões e marcas de mordidas, a expressão ainda incendiada. Viajou assim mesmo: a roupa amarrotada, o rosto úmido, o cabelo aninhando talos, folhinhas e fios de cabelo amarelados. Viajou calado, deixando a casa que ele ocupara com parcimônia e discrição. Era pouco mais do que uma sombra habitando um lugar. Deixou na casa a lembrança forte de duas cenas ousadas: o desfile com farda de gala e o encontro com a mulher que ele amava (HATOUM, 2000: 44-45).*

---

<sup>696</sup> A mensagem que Livia entrega para a família de Yaqub – e que nenhum dos presentes consegue ler – não é benfazeja. A forma altiva com que Livia desafia Zana e Domingas e o desprezo ostensivo que manifesta por Omar significam que não mais será possível a união familiar: os filhos de Halim e Zana estão definitivamente separados.

<sup>697</sup> Evidentemente, a narrativa não menciona qualquer tipo de ligação (afetiva, sexual) entre Omar e Livia no período em que Yaqub está no Líbano. A sensação desagradável de estar perdendo alguma coisa somente se torna palpável no momento em que Omar percebe que Livia está interessada em Yaqub.

<sup>698</sup> De todos as personagens que integram *Dois irmãos*, Domingas é a que apresenta maior contenção amorosa e sexual. São poucas as referências sobre a presença masculina na vida da mãe de Nael. Somente Halim e os gêmeos Yaqub e Omar são citados de forma significativa – como que a excluir de sua vida o restante da população masculina de Manaus. Essa lacuna abriga um enigma importante: a identidade do pai de Nael. Reeditando o mito católico da Virgem Maria, Domingas, sempre que colocada em xeque, se recusa a nomear o nome do homem com quem compartilhou a concepção de Nael. O seu apego tenaz a esse segredo é comovente – nas poucas vezes em que o assunto é retomado, há a impressão antecipada de que, para não revelar o nome do pai de Nael, ela evocará alguma divindade (o Divino Espírito Santo, o Boto ou Zeus). Como isso não acontece, sobra ao leitor uma leitura pelo viés realista: em diversos trechos do romance há menções veladas sobre a paternidade de Nael – todas confluindo para Yaqub ou Omar.

Não se deve julgar a paixão dos amantes. Isso não significa ignorar que Livia aparece na narrativa como um divisor de águas. Sob a beleza expansiva do dia, Yaqub, o estudante tímido, que constrói a sua vida na sombras, omitindo tudo o que possa indicar que possui uma vida íntima, sem nenhum aviso prévio revela (para a família, para o leitor) ter ultrapassado a adolescência e ingressando na vida adulta: “o jardim perfumado do xeque Yaqub”<sup>699</sup> é revelado pelos arranhões e mordidas no pescoço do rapaz.

Além dos fatos relatados superficialmente por um narrador que se mostra pouco preciso sobre os acontecimentos daquela manhã, porque todas as informações que está transmitindo são de segunda ou terceira mão,<sup>700</sup> projeta-se, como um acorde musical inesperado, a forma límpida com que Livia se mostra imune aos truques de sedução de Omar – que jamais a perdoará por ter sido desprezado.

Para aflição de Omar e gozo de Yaqub, Livia é uma mulher independente, descolada dos estereótipos que povoam o imaginário do Caçula. Pelos olhos de Nael, o narrador, a misoginia de Omar se apresenta como uma constante, como uma marca indelével de seu caráter.

Acostumado com mulheres submissas aos seus desejos, o Caçula divide as mulheres entre aquelas que são domesticadas pelo casamento (Zana), as que são submissas ao masculino (Domingas), aquelas que trocam afeto por dinheiro (as prostitutas) ou aquelas que se deixam dominar pelas neuroses familiares e sucumbem às fantasias<sup>701</sup> e ao castramento afetivo (Rânia).<sup>702</sup>

---

<sup>699</sup> *O jardim perfumado do xeque Nefzaui* é o mais famoso manual erótico árabe. Foi copilado pelo erudito inglês Richard Burton e publicado pela primeira vez em 1886. Muitas vezes comparado com o *Kama Sutra* indiano, o texto árabe elucida um pouco da cultura e da sexualidade islâmica (que o imaginário coletivo ocidental, muito mal informado, considera tímida e recatada). Com propósito didático, *O jardim perfumado do xeque Nefzaui* descreve posições sexuais, procedimentos amorosos, medicamentos para provocar aborto e fornece conselhos para a manutenção da unidade familiar.

<sup>700</sup> O narrador, Nael, ainda não havia nascido quando estes fatos ocorreram. A totalidade das informações que utiliza são baseadas em testemunhos, em lembranças pouco precisas e que podem estar distorcidas por interesses que estão aquém da compreensão do narrador. A reunião desses relatos – e suas versões – resulta em uma reconstrução precária dos acontecimentos: como muitas vezes acontece em casos de narrativas fragmentadas, onde o subentendido predomina, a veracidade do episódio pode estar comprometida por omissões, enganos, juízos de valor, discordâncias e má-fé.

<sup>701</sup> A vida sexual de Rânia caracteriza-se pela complexidade e pelo acobertamento do desejo – que várias vezes tangencia o proibido. Variando entre o quase celibato e várias insinuações de incesto com os irmãos, Rânia jamais superou o interdito.

*No aniversário de Zana, os vasos da sala amanheciam com flores e bilhetinhos amorosos do Caçula, flores e palavras que despertavam em Rânia uma paixão nunca vivida. Por um momento, naquela única manhã do ano, Rânia esquecia o farrista cheio de escárnio e via no gesto nobre do irmão o fantasma de um noivo sonhado. Ela o abraçava e beijava, mas afagos em fantasmas são passageiros, e Omar reaparecia, de carne e osso, sorrindo cinicamente para a irmã. Sorria, fazia-lhe cócegas nos quadris, nas nádegas, uma das mãos tateava-lhe o vão das pernas. Rânia suava, se eriçava e se afastava do irmão, chispando para o quarto. Antes do jantar, quando os vizinhos já conversavam e bebiam na sala, ela reaparecia. Era a mais alinhada da noite, quase mais bela que a mãe, e os vizinhos a olhavam sem entender por que aquela mulher teimava em dormir sozinha em uma cama estreita. Rânia podia frequentar os*

---

arraiais, as festas juninas, os bailes carnavalescos, as festinhas no parque aquático do Atlético Rio Negro Clube, mas evitava tudo isso. Nas poucas vezes que apareceu na festa dos Benemou, ficou arredia, bela e admirada, recebendo chuvas de confete e serpentina de rapazes imberbes e homens grisalhos. Muito mocinha, Rânia se retraiu, emburrou a cara. Domingas, que a viu nascer e crescer, lembrava-se da tarde em que a mãe e a filha se estranharam. Os buques de flores com mensagens para Rânia murcharam na sala até exalar um cheiro de luto. Minha mãe nunca soube o que aconteceu, e eu só viria a saber alguma coisa anos depois, **num encontro inesperado e memorável**. Era uma menina alegre e apresentada, contou Domingas, mas desde aquele dia **Rânia só tocou em dois homens: os gêmeos**. Não foi mais aos salões dançantes da cidade; parou de passear pelas praças onde encontrava veteranos do Ginásio Amazonense para ir às matinês do Odeon, do Guarany, do Polytheama; aderiu à reclusão, à solidão noturna do quarto fechado. Ninguém soube o que fazia entre quatro paredes. Rânia foi esse ser enclausurado, e aí de quem a molestasse depois das oito, quando se resguardava do mundo. Saía do quarto na noite do aniversário da mãe e nas ceias natalinas (HATOUM, 2000: 93-94). (grifos meus).

**Ela mimava os gêmeos e se deixava acariciar por eles, como naquela manhã em que Yaqub a recebeu no colo. as Pernas dela, morenas e rijas, roçavam as do irmão; ela acariciava-lhe o rosto com a ponta dos dedos, e Yaqub, embevecido, ficava menos sisudo. Como ela se tornava sensual na presença de um irmão! Com esse ou com o outro, formava um par promissor.**

Nos quatro dias da visita ela se empeteceu como nunca, e parecia que toda a sua sensualidade, represada por tanto tempo, jorrava de uma só vez sobre o irmão visitante. Rânia, não a mãe, ganhou os melhores presentes dele: um colar de pérolas e um bracelete de prata, que ela nunca usou na nossa frente.

**Ainda chovia muito quando a vi subir a escada, de mãos dadas com Yaqub; entraram no quarto dela, alguém fechou a porta e nesse momento minha imaginação correu solta. Só desceram para comer** (HATOUM, 2000: 117). (grifos meus).

<sup>702</sup> Um dos raros momentos em que a sexualidade de Rânia se projeta com intensidade ocorre quando ela atrai o narrador, Nael, e o seduz. É com o sobrinho que torna possível o interdito incestuoso: *Na tarde de um sábado, quando eu me distraía com os movimentos de Omar, Rânia me mandou um recado: que eu passasse na loja para ajudá-la a empilhar caixas de mercadorias no depósito.*

Havia pouca gente na rua dos Barés, o alto-falante da Voz da Amazônia tocava um bolero famoso, e nós dois, dentro da loja, escutávamos o eco da canção. Ela trancou as portas para ninguém nos importunasse. Suávamos muito, ela mais do que eu, e quase não nos falávamos. Carreguei tanta caixa que o andar de cima ficou atulhado. Não cabia mais nada no refúgio de Halim. Rânia acendeu a luz, deu uma olhada naquela bagunça e mudou de idéia: cismou em arrumar toda a loja e quis começar pelo depósito. O rosto, o pescoço e os ombros dela brilhavam de tanto suor. Desci com as caixas, depois ela decidiu jogar fora a lataria velha, malhadeiras apodrecidas, anzóis enferrujados, rolos de tabaco, fitas métricas, porongas. Desvencilhou-se de toda a quinquilharia do pai, jogando no lixo até os objetos de outro século, como o narguilé em miniatura que pertencera ao tio de Halim. Não teve pena de jogar nada fora. Agia com uma determinação feroz, consciente de que estava enterrando um passado. Já era tarde da noite quando começamos a faxina no depósito. Varremos e passamos o escovão no assoalho, retiramos as prateleiras antigas e limpamos as paredes. Ela estava exausta, ensopada, mas ainda quis conferir as mercadorias. Quando se curvou para abrir uma caixa de lençóis, vi os seios dela, morenos e suados, soltos na blusa branca sem mangas. Rânia demorou nessa posição, e eu fiquei paralisado ao vê-la assim, recurvada, os ombros, os seios e os braços nus. Quando ela se ergueu, me olhou uns segundos. os lábios se moveram e a voz manhosa sussurrou, lentamente: “Vamos parar?”.

Ela ofegava. E não se esquivou do meu corpo nem evitou meu abraço, meus afagos, os beijos que eu desejava fazia muito tempo. **Pedi que eu apagasse a luz, e passamos horas juntos naquele suadouro.** Aquela noite foi uma das mais desejadas da minha vida. Depois ela falou um pouco, se ânsia, olhando só para mim, com aqueles olhos amendoados e graúdos. O aniversário de quinze anos, a festança que não aconteceu. Ia ser no casarão dos Benemou, Talib ia tocar alaúde, Estelita ia emprestar taças de cristal. Mas Zana cancelou a festa na última hora. “Ninguém entendeu por quê, só eu e minha mãe sabíamos o motivo”, disse Rânia. “Zana conhecia o meu namorado, o homem que eu amava... Eu queria viver com ele. Minha mãe implicou, se enfezou, dizia que a filha dela não ia conviver com um homem daquela laia... não ia permitir que ele fosse à minha festa. Me ameaçou, ia fazer um escândalo se me visse com ele... ‘Com tantos advogados e médicos interessados em ti, e escolhes um pé-rapado...’. Meu pai ainda tentou me ajudar, fez de tudo, implorou para que Zana cedesse, aceitasse, mas não adiantou. Ela era mais forte, enfeitiçou meu pai até o fim. Desprezei todos aqueles pretendentes... alguns até hoje aparecem aqui, fingem que querem comprar e acabam comprando as porcarias encalhadas... os restos... tudo o que eu não vendo durante o ano. Agora é esse o meu mundo... sou dona de tudo isso”, ela disse, olhando as paredes da loja. Permanecemos em silêncio, na penumbra; com a luz fraca do depósito, mal dava para ver o rosto dela. Ela me pediu que fosse embora, queria ficar sozinha, talvez dormisse na loja. Eram mais de duas da madrugada, e eu sabia que não ia pegar no sono. Só pensava em

Sem medo de recriminações e ciente de que *masculino e feminino são posições, lugares onde e de onde se fala* (BRANDÃO, 1996: 69), Livia administra a sua sexualidade através de uma dicção particular sobre a paixão amorosa. Sem *deixar-se alienar pelo desejo alheio e delegar sua voz a um outro que, como Narciso, só é capaz de mirar-se a si mesmo nos objetos que contempla* (BRANDÃO, 1996: 69), Livia ignora o poder do falo – e as falácias masculinas. É ela quem escolhe o parceiro e o seduz.<sup>703</sup>

---

*Rânia, na voz dela, na beleza que vi de perto, muito perto, como ninguém talvez tivesse visto. Aquele homem, por quem ela se apaixonou, eu nunca soube quem era. Gostaria de ter passado muitos sábados ajudando-a na loja, mas ela não me pediu mais* (HATOUM, 2000: 205-207). **(grifos meus).**

<sup>703</sup> Enquanto Flora, personagem de *Esau e Jacó*, de Machado de Assis, morre em meio a delírios esquizofrênicos, porque não consegue resolver sua vida amorosa e sexual, no romance inglês *Dentes brancos* (SMITH, 2003), a personagem Irie Ambrosia Jones, de ascendência afro-caribenha, filha de Alfred Archibald Jones, o melhor amigo de Samad Iqbal, transita entre os dois irmãos gêmeos, Magid e Millat, promovendo confusões e desentendimentos (inclusive para si mesma). Inicialmente apaixonada por Millat, Irie sofre com os inúmeros problemas decorrentes da puberdade e do racismo – além do esforço que precisa fazer para ignorar a paixão que lhe devota Joshua, o filho de Joyce e Marcus Chalfen (cientista que trabalha com Magid no projeto de pesquisa com os camundongos). Como o hiper-sexuado Millat durante muito tempo não manifesta nenhum interesse por Irie, por considerá-la uma espécie de irmã postiça, o relacionamento não se concretiza. Esse impasse impulsiona Irie para uma decisão radical:

*Rápida e tranqüilamente, ela lhe falou do lugar neutro, da sala, da data e da hora. Apresentou seu próprio comprometimento com a conciliação, a paz e a prudência (todo mundo o fazia) e, em seguida, aproximou-se e pôs a chave fria na mão quente dele. Quase sem querer, tocou-lhe o tórax. Bem no ponto entre os dois cintos onde o coração, apertado pelo couro, batia tão forte que ela o sentiu nos ouvidos. Sem experiências nesse campo, era natural que Irie tomasse as pulsações oriundas da restrição sangüínea por uma paixão latente. Quanto a Millat, fazia muito tempo que ninguém o tocava ou que ele não tocava ninguém. Acrescente-se a isso o toque da recordação, o toque de dez anos de amor não correspondido, o toque de uma longa, longa história – o resultado era inevitável.*

*Em breve, seus braços estavam envolvidos, as pernas estavam envolvidas, os lábios estavam envolvidos, e eles estavam rolando no soalho, envolvidos nas virilhas (difícil estar mais envolvido do que isso), fazendo sexo no tapete de orações. Mas, em seguida, tão repentina quanto febrilmente começara, estava acabado; desprenderam-se horrorizados por motivos diferentes, Irie recuando num salto para um canto vazio junto da porta, desconcertada e envergonhada porque percebia o quanto ele lamentava o ocorrido; e Millat agarrando o tapete de orações e apontando na direção da Caaba, certificando-se de que o tapete não estivesse acima do nível do piso, sobre um livro ou um sapato, os dedos fechados e apontando para o qibla em linha com as orelhas, certificando-se de que a testa e o nariz tocassem o piso, com os dois pés bem firmados no chão, mas certificando-se de que os dedos dos pés não estivessem dobrados, prostrando-se na direção da Caaba, mas não para a Caaba, apenas para Allahu ta'ala. Certificou-se de fazer todas essas coisas corretamente, enquanto Irie chorava, vestia-se e partia (SMITH, 2003: 443). O que se segue rompe com qualquer estrutura lógica, apesar de ou por causa de não constituir quebra da racionalidade. No entanto, a forma com que Irie dispõe os termos da equação padece de uma superficialidade emocional, como se não lhe restasse opções:*

*Irie saiu da casa dos Iqbal com o rosto afogueado e rumou direto para a casa dos Chalfen, tendo a vingança no pensamento. Mas não contra Millat. Mais exatamente, em defesa de Millat, porque sempre fora defensora dele, a cavaleira branca-negra dele. Pois então, Millat não a amava. E ela achava que Millat não a amava porque ele não tinha condições para isso. Achava que ele fora tão danificado que não tinha mais condições para amar qualquer pessoa. Ela queria descobrir quem o danificara desse jeito, quem o danificara tão terrivelmente; queria descobrir quem o incapacitara para amá-la.*

*O mundo moderno tem desta coisa esquisita. A gente ouve as garotas nos banheiros dizerem: “É, ele me comeu e se mandou. Não me amava. Simplesmente não era capaz de encarar o amor. Estava danificado demais para saber como me amar”.*

*(...) Millat não amava Irie e Irie tinha certeza de que deveria haver alguém responsável por isso. Sua cabeça começou a funcionar com vagar. Qual era a raiz disso? O sentimento de inadequabilidade de Millat. Qual era a raiz do*



É com Yaqub – e não com Omar – que Livia decide compartilhar o seu afeto e a sua vida sexual.

A intimidade que os amantes compartilharam nos fundos do quintal haure do passado o beijo interrompido na sessão de cinema. A história represada pelo exílio de Yaqub enfim cumpre com o seu designio: unir aqueles que foram separados pela força.

Como os finais felizes estão restritos à ideologia do capitalismo (que promete o ingresso ao Paraíso através do consumo), alguns elementos da tragédia (grega e cristã) se acrescentam ao enredo, mostrando que, embora pontuada por intervalos pacíficos, a luta fraterna somente cessa quando um dos adversários é atingido mortalmente.<sup>704</sup>

---

*sentimento de inadequabilidade de Millat? Magid. Ele nasceu como o segundo por causa de Magid. Era o filho menos importante por causa de Magid.*

*Joyce abriu a porta para ela e Irie foi direto para o andar de cima, diabolicamente resolvida a tornar Magid o segundo filho de uma vez, dessa vez por vinte e cinco minutos. Ela o agarrou, ela o beijou e com ele fez sexo raivosamente, furiosamente, sem conversa ou carinho. Ela o fez rolar, ela lhe puxou o cabelo com força, ela lhe enterrou as unhas nas costas e, quando ele gozou, sentiu-se satisfeita ao notar que ele o fizera com um breve suspiro, como se algo tivesse sido arrancado dele. Mas se enganava ao considerar isso uma vitória. Era simplesmente porque ele percebera, de imediato, o motivo pelo qual estava ali, e isso de repente o entristeceu. Por um tempo bastante longo, permaneceram deitados um ao lado do outro em silêncio, nus, a luz outonal sumindo do quarto a cada minuto que passava.*

*– Me parece – falou Magid por fim, enquanto a Lua se tornava mais nítida que o Sol – que você tentou amar um homem como se ele fosse uma ilha e você estivesse naufragada e pudesse se apossar da ilha marcando-a com um xis. Me parece que é tarde demais para isso.*

*Em seguida lhe deu beijo na testa que lembrava um batismo e ela chorou feito um bebê (SMITH, 2003: 444-445).*

Infelizmente, tomar uma decisão não significa encontrar as diferenças entre o certo e o errado, tampouco significa salvar as almas perdidas (Irie, Millat, Magid). Muito pelo contrário. E é isso que Irie percebe, quando o inevitável se cumpre, como se fosse a comprovação de uma profecia que ninguém teve coragem de formular:

*O enorme fluxo de adrenalina que emanou dessa extraordinária explosão se avolumou no corpo de Irie, aumentou a pulsação para um galope e fez cócegas nos terminais nervosos do bebê não nascido, porque Irie estava grávida há oito semanas e sabia disso. O que ela não sabia, e o que ela compreendia que talvez jamais soubesse (na mesma hora em que viu as fantasmagóricas linhas azul-claras se formarem no teste caseiro, como o rosto da madona na berinjela de uma dona de casa italiana), era a identidade do pai. Nenhum teste na face da terra o revelaria. O mesmo cabelo preto e grosso. Os mesmos olhos cintilantes. O mesmo hábito de mastigar a extremidade da caneta. O mesmo número de calçados. O mesmo ácido desoxirribonucleico. Não havia como saber da decisão de seu corpo, que escolha ele fizera, na corrida pelo gameta, entre o salvo e o não-salvo. Não havia como saber se a escolha faria alguma diferença. Porque, qualquer que fosse o irmão, seria também o outro. Ela jamais saberia (SMITH, 2003: 393).*

Irie não quer saber quem é o pai de Hortence, isso não é importante para um mulher que, senhora de seu destino, senhora de sua sexualidade, ao final da narrativa, desfruta da vida sem olhar para o passado, porque sabe que nada fez de errado: (...) Irie, Joshua e Hortence sentados numa praia do Caribe (porque Irie e Joshua acabaram se tornando amantes; a gente só consegue evitar a sina por pouco tempo), enquanto a filhinha sem pai de Irie escreve cartões-postais para o Mau Tio Millat e o Bom Tio Magid (SMITH, 2003: 517).

<sup>704</sup> O enlevo sexual resulta no entorpecimento de emoções exteriores. Quando Yaqub optou pelo auto-exílio em São Paulo já havia concluído que a melhor solução para os seus problemas era abandonar o conflito fraterno e seguir um caminho distante do contexto familiar. Ao contrário do mito do filho pródigo, deveria construir a experiência sem a possibilidade de se arrepender e ter que voltar – por isso é que precisa recusar o dinheiro familiar. A ruptura proposta por Yaqub deveria ser completa, irreversível. Infelizmente, esse raciocínio está envolto na ingenuidade: nenhuma ruptura é completa (porque é impossível eliminar da História a história daquele que abandonou as suas raízes). Além disso, a fraternidade não está escorada na unilateralidade. Para resolver os conflitos e as afinidades existentes entre irmãos não basta que um dos contendores abandone o campo de combate. Ou seja, não basta que um dos lados

Algum tempo depois,<sup>705</sup> morando em São Paulo, Yaqub mandou para a família, em Manaus, um telegrama anunciando que havia se casado. Mas, para surpresa de todos, não revela o nome da esposa. Zana, enciumada, se sente duplamente traída: pelo filho (que havia se casado sem a sua permissão) e pela Outra (aquela mulher que a substituiu como objeto do desejo): *Zana mordeu os lábios. Para ela, um filho casado era um filho perdido ou seqüestrado* (HATOUM, 2000: 93).<sup>706</sup>

Freqüentemente, Yaqub envia fotografias para Manaus. O propósito dessas imagens está em fornecer luz a uma competição inconsciente, tola, supérflua: *o engenheiro se engrandecia, endinheirado. E o outro gêmeo não precisava de dinheiro para ser o que era, para fazer o que fez* (HATOUM, 2000: 126).

*Yaqub já morava em São Paulo havia uns seis anos, cada vez mais orgulhoso de si próprio, cada vez mais genial. Mas ele não se elogiava; deixava transparecer certas linhas de conduta, e não eram tortas. No fim de cada linha havia um flecha apontando um destino glorioso, e o casamento fazia parte desse destino* (HATOUM, 2000: 91).

As fotografias omitem propositalmente aquilo que os ansiosos familiares gostariam de conhecer. Simultaneamente, revelam a sublimação de uma vida emocional frustrada:

*Ele mudara de endereço, e o novo bairro paulistano onde morava dizia muito. O bairro e o apartamento, porque as fotografias enviadas por Yaqub revelavam interiores tão imponentes que os corpos diminuía, tendiam a desaparecer. Rânia reclamava disso: “Querem mostrar a decoração e se esquecem de mostrar o rosto”, dizia. Realmente, os rostos do casal Yaqub se afastaram da lente do fotografo. A mulher dele, que só existia na minha imaginação, agora aparecia nas imagens como um corpo alto e delgado, mais fino que lâmina. (...) Mesmo assim, Rânia emoldurava as fotografias e a mãe as mostrava às amigas* (HATOUM, 2000: 126-127).

---

proponha o armistício. Mesmo nos casos em que há consenso entre as partes, em que as arestas não são utilizadas como armas, a ameaça de restauração do conflito está latente.

<sup>705</sup> Uma das características mais relevantes de *Dois irmãos* é a imprecisão temporal e a acronia. Como o relato é constituído por lembranças e por narrativas paralelas (embora entrelaçadas), a cronologia não pode ser definida com exatidão. A maioria dos acontecimentos ocorre na idade adulta dos gêmeos, mas a recordação do tempo em que eles eram adolescentes é recorrente e, muitas vezes, embaralha a definição temporal.

<sup>706</sup> Em um outro texto, de caráter autobiográfico, *Conversa com a matriarca*, Milton Hatoum mimetiza a realidade com a ficção e relembra sua avó, Samara. Desta forma, revela a fonte de onde extraiu algumas das características da personagem Zana:

*Quando os seis homens da casa se atracavam como gladiadores e berravam como camelôs em pânico, bastava um olhar da matriarca para que os vozeirões de trovoadas se rebaixassem a miados de angorá. Podiam brigar por dinheiro, futebol ou política, mas nunca por amor a uma mulher, já que a única mulher na vida deles era ela mesma. É que Samara tinha ciúme até da sombra dos filhos, desde que fossem sombras femininas. Não de todos os “meninos”, só de dois, seus eternos cativos* (HATOUM, 2006: 27).

O mistério sobre a identidade da esposa de Yaqub perdura por cinco ou seis anos – acentuando a curiosidade de Zana, Rânia e Domingas. E somente é esclarecido quando Yaqub foi visitar pela primeira vez os pais em Manaus:

*Zana lhe perguntou por que a esposa não tinha vindo a Manaus, e ele apenas olhou para a mãe, altaneiro, sabendo que podia irritá-la com o silêncio.  
“Quer dizer que não vou conhecer minha nora?”, insistiu a mãe. “Ela está com medo do calor ou pensa que somos bichos?”  
“O outro filho vai te dar uma nora e tanto”, disse Yaqub, secamente. “Uma nora tão exemplar quanto ele.”  
Zana preferiu não responder (HATOUM, 2000: 113).*

O tom pouco amistoso, beirando a agressão, com que Yaqub contesta a pergunta da mãe (*Quer dizer que não vou conhecer minha nora?*) e encerra o assunto (*“O outro filho vai te dar uma nora e tanto”*). *“Uma nora tão exemplar quanto ele.”*) caracteriza uma significativa mudança no comportamento do primogênito: o silêncio, a resignação e a dissimulação dos sentimentos são substituídos pela raiva, pelo ataque direto e pela violência verbal. Se Zana se mostra incapaz de perceber que ele, Yaqub, está divorciado da família, então que entenda o óbvio: Omar é o inimigo.<sup>707</sup>

O que o motiva em toda essa hostilidade? *À noite ele quis conversar com Halim; os dois saíram para jantar e voltaram tarde* (HATOUM, 2000: 119).

---

<sup>707</sup> A inversão se completa. Cansado de negar a si mesmo, Yaqub, movido pela própria falta, promove Omar à condição de o Outro, o inimigo, o indivíduo que precisa ser eliminado para que o discurso bélico adquira sustentação. Desafortunadamente, o discurso do ódio não rompe com a continuidade histórica, não estabelece um limiar entre o antes e o depois. Ou seja, mesmo com a eliminação física do Outro, o que significa a destituição de sua grandeza e a exposição de sua vilania, o discurso do antagonismo ainda se faz representar no imaginário daquele que acredita ter vencido a contenda. Assim como o amor, o ódio é sempre transferência – a unilateralidade resulta em fratura e dor, jamais em superação. E aquele que devota parte de sua vida preocupado em destruir o “inimigo”, nunca atingirá a origem, a fonte, a verdade, porque o conhecimento e a sabedoria são complementares e não unilaterais. Desta forma, eliminar o adversário implica em jamais recuperar a totalidade constituída pelas partes que se perdem na luta. Na economia de guerra, alguns destroços desaparecem entre uma ação e outra, como se fossem objetos subtraídos de cena por algum *deus ex machina*.

E isso significa, grosso modo, que Yaqub, mesmo escorado pelo testemunho favorável do passado, acumula mais uma derrota: o inimigo não é o irmão; nunca foi. Mas, em algumas oportunidades, o fervor “religioso” que caracteriza certas ações, não possui senso crítico suficiente para alterar rotas de colisão. O processo de vingança, movido por Yaqub, não permite correção no itinerário. O ódio, que é o oposto da complacência e do humanismo, envolto pela precariedade e pela urgência, somente pode ser saciado através da destruição e das ruínas.

Além disso, no caso específico da hostilidade gemelar, esse proceder encontra vários obstáculos, desde as implicações morais até a dor especular, pois “matar” o duplo (único sujeito capaz de enunciar/anunciar as diferenças entre o semelhante e o diferente, entre o original e a cópia) resulta em querer destruir a si mesmo, na medida em que a imagem do Outro, esse ser que multiplica o horror da existência, constitui um reflexo especular do medo que o indivíduo devota às suas deficiências.

*Então Yaqub revelou a verdade, na versão dele. Contou só para o pai, que deixou o outro desabafar. O engenheiro, lacônico, desta vez desandou a falar mal do irmão: “Um mal-agradecido, um primitivo, um irracional, estragado até o tutano. Fez pouco de mim e da minha mulher” (HATOUM, 2000: 122).*

*Então Yaqub revelou a verdade, na versão dele.* Yaqub não esconde que a sua cólera (um sentimento característico no irmão) está relacionada com uma decisão familiar anterior: cansados das confusões de Omar, Halim e Zana “deportaram” o Caçula para São Paulo. Omar deveria terminar os estudos secundários na capital paulista. Ingenuamente, ou talvez porque não mais agüentavam a presença do filho farrista em Manaus, Halim e Zana imaginaram que o exemplo de Yaqub (um engenheiro bem sucedido) seria motivação suficiente para romper com a inércia de Omar.

*Então Zana fez de tudo para convencer o filho doutor a hospedar o filho farrista. “Ele quer se enganchar com uma sirigaita da Maloca, uma dançarina que se exibiu na noite do meu aniversário. Se ele não passar um tempo em São Paulo, vai abandonar tudo: os estudos, a casa, a família”, escreveu ao engenheiro (HATOUM, 2000: 104).*

O que Halim e Zana omitiram – como se estivessem cegos ao que estava acontecendo no ambiente familiar – foi que, ao diminuir a distância física entre os irmãos, haviam aumentado a animosidade, haviam incrementado o ódio.

*Yaqub negou abrigo ao irmão. Escreveu à mãe que podia alugar um quarto numa pensão para Omar e matriculá-lo num colégio particular. Podia enviar notícias sobre a vida dele em São Paulo, mas não ia permitir que o irmão dormisse sob o seu teto. “Que ele encontre o caminho dele, mas longe de mim, muito longe da minha seara (HATOUM, 2000: 104).*

Quando Omar soube do plano do pai e da reação de Yaqub, *passou vários dias sem aparecer em casa. Dormia e comia fora, e mandou um bilhete desaforado, xingando o irmão de “fresco, pulha e falso” (HATOUM, 2000: 104).* Por fim, quando se esgotaram todas as formas de protesto, rendeu-se ao inevitável e acatou a decisão de seus pais: *Ele viajou dando coices no ar, rebelde, enraivecido (HATOUM, 2000: 106).*

Na capital paulista, como fosse outro, alguém que ninguém conhecia, surpreendeu a todos com um comportamento exemplar.

*Passaram meses acreditando nas cartas de Omar: que ia bem, que no início estranhara o frio mas já estava estudando, madrugava para ir ao colégio, jantava na pensão Tamandaré, quase não saía do quarto. Era um outro Caçula, compenetrado, não gazeava,*

*apenas sentia-se meio deslocado entre os alunos, porque já era um marmanjo* (HATOUM, 2000: 108).

Influenciado pelo bom comportamento de Omar, Yaqub baixou a guarda e, em função desse procedimento, cometeu um grave erro: para evitar encontrar-se com o irmão, ordena que a empregada vá até a pensão onde ele mora e lhe entregue uma encomenda de Zana.

*No último sábado de agosto, a empregada de Yaqub fez uma visita à pensão de Omar para entregar-lhe roupa e doces enviados por Zana. Dois casacos, um pulôver e uma calça de veludo para que o Peludinho não sofresse com a garoa e o frio. Uma lata cheia de doces árabes, assim ele se lembraria da mãe dele. Omar agradeceu com um bilhete: “Muito obrigado, mano. Desde que cheguei a São Paulo é a primeira vez que como com prazer. E só a minha mãe me daria tanto prazer”. Yaqub permaneceu mudo quando a empregada lhe disse que Omar, sentado na cama, devorou os doces* (HATOUM, 2000: 108).

Em retribuição à entrega das roupas e dos doces, Omar agradece ao irmão com um bilhete venenoso. Quando lê o texto, Yaqub somente consegue traduzir o insulto: *“Muito obrigado, mano. Desde que cheguei a São Paulo é a primeira vez que como com prazer. E só a minha mãe me daria tanto prazer”*. A referência ao lugar que o irmão escolheu para viver (*Desde que cheguei a São Paulo*) está contraposta ao elogio que faz à mãe (*só a minha mãe me daria tanto prazer*). Sem se perder na esterilidade de uma provocação inofensiva, Omar ataca no ponto fraco do irmão: a forma diferenciada com que Zana trata os filhos. Em outras palavras, o Caçula reordena o seu desterro particular, reatualizando/ritualizando a relação afetiva familiar. Com crueldade, Omar destaca que, ao contrário do irmão, as agruras da distância não eliminaram o amparo materno. As roupas e os doces são a expressão dessa proteção.

Yaqub, abalado com a perversidade psicológica do irmão, que não perde nenhuma oportunidade para expressar a sua crença de que está acima do Bem e do Mal (porque protegido pela mãe), depois de ler o bilhete do irmão, fica estático, sem fôlego (como se tivesse levado um soco no estômago). Sua única reação consiste em remoer o abandono materno – em silêncio.

Com esse golpe cuidadosamente elaborado, o Caçula desvia a atenção do irmão de um detalhe elementar: a ponta fraca na distância que Yaqub deseja manter em relação ao Omar é a empregada.

No feriado de 15 de novembro,<sup>708</sup> Yaqub e a esposa viajam para Santos.

*“Durante cem dias o teu filho foi disciplinado como não tinha sido em quase trinta anos, mas foram cem dias de farsa”, disse Yaqub ao pai. “Ele roubou meu passaporte, uma gravata de seda e duas camisas de linho irlandês!” (HATOUM, 2000: 123).*

Com o gosto de vingança temperando os seus lábios, Yaqub se deixa contaminar pela ira e a sua voz soa com força e indignação nos ouvidos de Halim, relacionando os objetos roubados, esmiuçando as perdas, apresentando-as como se fossem partes de um corpo dilacerado pela barbárie: *meu passaporte, uma gravata de seda e duas camisas de linho irlandês!*

Esse apego aos bens materiais, aparentemente incompatível com a história de um adolescente que – no passado – conheceu a privação material no sul do Líbano, revela que, na sua ânsia atávica para superar o irmão – que muitas vezes se apresenta como um objetivo inatingível – Yaqub insiste em destacar obliquamente o seu bom desempenho profissional, a independência financeira, a acumulação de um patrimônio.<sup>709</sup>

A forma patética com que Yaqub reclama de Omar assemelha-se a de um estudante inconformado por ter sido preterido por outro aluno – com médias escolares inferiores a sua. No

---

<sup>708</sup> A menção ao dia da Proclamação da República é simbólica para ressaltar o assalto praticado por Omar. Como um dos aventureiros que “roubaram” o trono imperial, o Caçula, mesmo sem ter assumido o poder, consegue perturbar a ordem estabelecida.

<sup>709</sup> O ressentimento de Yaqub está escorado no fato de que sempre se sentiu preterido pela mãe. O filho preferido de Zana é Omar – o preguiçoso, o boêmio, o alcoólatra. Opondo-se ao irmão, Yaqub faz questão de ostentar um orgulho ingênuo. Movido por uma força que está acima de sua compreensão consciente, Yaqub precisa afirmar – toda vez que isso for possível – que o seu sucesso resulta do esforço individual, de um talento que o irmão não possui. Esse truque psicológico procura suprimir, ou melhor, esconder a carência afetiva. Acumular bens materiais constitui a forma mais ostensiva possível de mostrar a sua competência profissional – embora ele não desfrute nem dos bens, nem do sucesso, pois está atrelado a uma dependência psíquica que, provavelmente, nunca será sanada. O resultado dessa patologia (ligada a problemas de retenção física) se verifica na forma pouco sutil com que Yaqub, na vida adulta, procura trocar afeto e atenção por produtos de consumo, imaginando que a introdução de utensílios modernos na casa dos pais significa uma forma de se destacar – e, ao mesmo tempo, rebaixar o irmão (que, ao contrário de Yaqub, o bem-comportado, troca o amor que lhe devotam por incômodos e confusões):

*Na breve visita que fez a Manaus, deve ter notado e anotado todas as carências da casa, dos parentes e empregados. O homem que havia estrebuchado por oitocentos e vinte dólares e uns poucos pertences transformou a nossa casa. Halim não teve tempo de recusar a ajuda providencial. Uma boa amostra da indústria e do progresso estacionou diante da casa. Os vizinhos se aproximaram para ver o caminhão cheio de caixas de madeira lacradas; a palavra frágil, pintada de vermelho em um dos lados, saltava aos olhos. Vimos, como dádiva divina, os utensílios domésticos novinhos em folha, esmaltados, enfileirados na sala. Se a inauguração de Brasília havia causado euforia nacional, a chegada daqueles objetos foi o grande evento na nossa casa. O maior problema era o corte quase diário de energia, de modo que Zana decidiu manter ligada a geladeira a querosene. Domingas, no fim da tarde, antes do blecaute, tirava tudo da geladeira nova e transferia para a velha. Tudo o que era novo, mesmo de uso limitado, impressionava. Yaqub surpreendeu ainda mais: mandou dinheiro para restaurar a casa e pintar a loja. Então, uma aparência moderna lustrou o nosso teto (HATOUM, 2000: 129).*

entanto, há mais do que isso. A indignação de Yaqub está relacionada com um ato abjeto praticado por Omar.

[Yaqub] *Já havia expulsado a empregada, porque ela levava Omar para o apartamento quando ele e a esposa estavam em Santos no feriado de 15 de novembro. A empregada havia confessado quase tudo: Omar a levava passear no Trianon e no Jardim da Luz; tinham almoçado no Brás e nos restaurantes do centro* (HATOUM, 2000: 123).

Omar, sempre atento à alguma maneira de incomodar o irmão, efetua uma manobra tática que não havia sido prevista por Yaqub: seduz a empregada. Em seguida, aproveitando-se de que Yaqub e a esposa estavam em Santos, comete mais um ato de vilania: entra no apartamento do irmão, vasculha os pertences do casal e confirma o que mais temia: *A empregada já tinha contado para Omar quem era a esposa de Yaqub* (HATOUM, 2000: 124).

Além da gravata, das camisas e do passaporte, provavelmente como uma forma de indenização pelo que considerou uma traição imperdoável, o Caçula levou dinheiro:

*Depois Yaqub se lembrou dos dois volumes velhos e empoeirados de cálculo integral e diferencial, livros que comprara por uma pechincha num sebo da rua Aurora. Abriu os livros com o pressentimento de que fora aviltado. Rangia os dentes, as mãos trêmulas mal conseguiam folhear o primeiro volume, onde tinham sido enfiadas várias cédulas de um dólar; no outro volume guardara as notas de vinte. Folheou os dois livros, página por página, depois chacoalhou-os, e caíram cédulas de um dólar. O patife! Muito bem, que o pulha levasse o passaporte, a gravata de seda, as camisas de linho, mas dinheiro... “Deixou a mixaria, deixou o que ele é. Esse é o teu filho. Um harami, um ladrão!”* (HATOUM, 2000: 123).

Profundamente ofendido, sem explicar se a sua indignação se refere a invasão do apartamento ou ao roubo dos dólares, Yaqub gritou “ladrão” várias vezes. Halim ouviu tudo em silêncio, ciente de que Omar não tinha defesa.

*Yaqub passou da acusação à cobrança. Não ia sossegar enquanto o irmão não lhe devolvesse os oitocentos e vinte dólares roubados. Uma fortuna! A poupança de um ano de trabalho. Um ano calculando estruturas de casas e edifícios na capital e no interior. Um ano vistoriando obras. Zana devia conhecer essa história, e aí sim, ela ia entender o verdadeiro caráter do caçulinha dela, o peludinho frágil. Mimem esse crápula até ele acabar com vocês! Vendam a loja e a casa! vendam a Domingas, vendam tudo para estimular a safadeza dele!*  
*“Ele não parava, não conseguia parar de xingar o filho mimado de minha mulher. Parece que o diabo torce para que uma mãe escolha um filho...” Halim me encarou: os olhos embaciados pareciam querer dizer mais* (HATOUM, 2000: 124).

Halim sabia que a história não estava completa. Algo mais sórdido, mais significativo do que dinheiro ou roupas atormentava Yaqub. Aos gritos, como se fosse possível retirar toda a carne que envolve as palavras e triturar violentamente os ossos que constituem esse esqueleto que algumas pessoas na falta de melhor definição chamam de família, Yaqub, movido por desespero, fúria e ódio, contou ao pai o que Omar havia feito:

*“Não estava furioso só por causa dos dólares. (...) Ficou irado porque o Caçula entrou no apartamento dele e vasculhou tudo, encontrou as fotos do casamento, das viagens, e deve ter visto outras coisas. Só eu sabia que Livia, a primeira namorada de Yaqub, tinha viajado para São Paulo a pedido dele. Ele queria manter esse segredo, mas Omar acabou sabendo. Não sei qual dos dois ficou mais enciumado, mas a verdade é que Yaqub não perdoou os desenhos obscenos que Omar fez nas fotos de casamento...”*  
*Halim pôs as mãos na cabeça, confirmou: “Isso mesmo: Omar encheu o rosto de Livia de obscenidades, cobriu as fotografias do álbum de casamento com palavrões e desenhos... Yaqub ficou louco... Não tinha perdoado a agressão do irmão na infância, a cicatriz... isso nunca tinha saído da cabeça dele. Jurou que um dia ia se vingar”* (HATOUM, 2000: 124-125).

A rivalidade fraterna é cingida pela iniquidade, pela mesquinharia e pelo prazer fugaz de causar dor no Outro: diante do pai, com a face avermelhada pelo esforço e pela indignação, Yaqub projeta o futuro: *Jurou que um dia ia se vingar*.

Mas enquanto isso não acontece, Omar, ciente de que a insegurança de Yaqub o impedia de apresentar Livia como sua esposa para a família,<sup>710</sup> procura agredir o casal em pontos vitais: nas lembranças pessoais e na retenção econômica. Obtém sucesso nos dois itens – que são reavivados pelas letras de uma *escrita que se faz cicatriz, grafia da dor* (BRANDÃO, 1996: 97): não é suficiente violar a intimidade do irmão; não basta escrever obscenidades sobre as fotos do casamento; ineficaz é roubar o dinheiro. O golpe mais doloroso – porque certo –, envolto no escárnio, na zombaria e na provocação, Yaqub recebe pelo correio: um cartão postal.

*“Queridos mano e cunhada, Louisiana é a América em estado bruto e mesmo brutal, e o Mississippi é o Amazonas desta paragem. Por que não dão uma voltinha por aqui? Mesmo selvagem, Louisiana é mais civilizada que vocês dois juntos. Se vierem, tratem de pintar o cabelo de loiro, assim vão ser superiores em tudo. Mano, a tua mulher já foi bonita, pode rejuvenescer com o cabelo dourado. E tu podes enriquecer muito, aqui na América. Abraços do mano e cunhado Omar”* (HATOUM, 2000: 122-123).

---

<sup>710</sup> Apaixonado, Yaqub procura proteger a esposa – e a si mesmo – de todas as agressões familiares. Sabe que Zana desaprova Livia, que considera responsável pela inimizade entre os irmãos. Ou melhor, sabe que o desejo da mãe é contrário a que os irmãos namorem e, eventualmente, se casem. Além disso, há Omar, um mulhereengo convicto, um rival permanente, desses que são capazes de cometer as maiores ignomínias para ferir o irmão. Manter Livia afastada da família é também uma forma de se preservar contra as agressões familiares.



Utilizando-se do passaporte do irmão, Omar foi para os Estados Unidos, mais especificamente para a Louisiana. Enquanto gastava o dinheiro de Yaqub, Omar não se esqueceu do irmão e a cunhada.

No texto do cartão postal, enumera os desencontros que caracterizam a relação fraterna: o despeito por Livia ter escolhido Yaqub<sup>711</sup> (*Mano, a tua mulher já foi bonita, pode rejuvenescer com o cabelo dourado*), a referência à ganância econômica de Yaqub, que Omar vê como um defeito grave (*E tu podes enriquecer muito, aqui na América*) e, de maneira destacada, a afronta pessoal (*Louisiana é mais civilizada que vocês dois juntos*). Um acréscimo especial, desses que atingem o centro do alvo, está na menção proposital de um assunto delicado: o racismo advindo da negação das origens libanesas de Yaqub (*tratem de pintar o cabelo de loiro, assim vão ser superiores em tudo*). Omar certamente soube através da empregada que o casal, para ser aceito na sociedade paulista “quatrocentona”, deve ter omitido as origens étnicas de Yaqub.

Ironicamente, é “o irmão iletrado”<sup>712</sup> que maneja com habilidade os campos semânticos, transformando os signos gráficos em armas de ataque.

Ciente de que algumas palavras – quando empregadas corretamente e no momento oportuno – ferem com maior profundidade que o pedaço da garrafa que atingiu o rosto de Yaqub, Omar obriga o irmão a caminhar por um campo minado, esforçando-se para desviar dos artefatos que explodem a todo instante: o bilhete de agradecimento que enviou pela empregada; as obscenidades que escreveu sobre as fotos do casamento; o texto do cartão postal.<sup>713</sup>

---

<sup>711</sup> O ódio que Omar sente por Livia e pelo irmão, acompanha o Caçula por toda a narrativa. Em um dos seus ataques de fúria, o Caçula exclama, aos gritos: “*Ele é o culpado... Ele e o meu pai... Por onde andar o velho? Está escondido naquele depósito imundo? Por que não aparece para elogiar o engenheiro... o gênio, o cabeça da família, o filho exemplar... a senhora também é culpada... vocês deixaram ele fazer o que queria... casar com aquela mulher... dois idiotas...*” (HATOUM, 2000: 172). Em outra ocasião, ao mesmo tempo em que semeia o veneno, Omar colhe o prazer de vaticinar que o ovo da serpente está sendo chocado: *Omar dissera que a mulher arrastava Yaqub para os clubes grã-finos, onde ele conhecia clientes e fechava negócios. “Ela não pode ter filhos”, contou Omar, cruamente. “Mas as crias daqueles dois serão outras, vocês vão ver.”* (HATOUM, 2000: 127).

<sup>712</sup> A expressão “o irmão iletrado” é uma visível injustiça à capacidade intelectual de Omar. Leitor dos livros que Laval lhe emprestava, organizador da homenagem ao amigo morto, escritor de um manifesto contra o golpe militar (HATOUM, 2000: 203), o Caçula manejava com grande intimidade as sutilezas da linguagem (talvez até com maior competência que o irmão, que frequentou um curso de graduação e ganhou o direito de ser chamado de “doutor”).

<sup>713</sup> O único inconveniente dessa série de gestos calculados com a eficiência de uma equação matemática (invertendo a relação de pertença) está em não poder ver o rosto do irmão e da cunhada. Omar pagaria uma fortuna para presenciar a indignação do casal quando enviou o bilhete, quando eles descobriram que a intimidade havia sido devastada, quando encontraram as obscenidades escritas sobre as fotos. A mesma sensação motiva o envio do cartão postal, cheio de palavras ásperas e contundentes, escritas para produzirem feridas e dores.

*“Sabes o que fiz depois dessas acusações?” ele parecia agitado, meio bêbado, sei lá. “Sabe o que a gente deve fazer quando um filho, um parente ou um fulano qualquer estrebucha por causa de dinheiro? Sabes?”*

*“Não”, eu disse, quase sem perceber.*

*“Pois bem. Deixei o Yaqub terminar. Estava alterado, nunca tinha visto meu filho assim. Depois do desabafo, ele foi murchando, virou mururé fora d’água. Então eu disse: ‘Está bem, vou dar um jeito nisso’. Pensou que eu ia sair atrás do irmão dele, ou que eu ia contar tudo para Zana. Me levantei, voltei para casa, enchi de orquídeas os vasos do quarto, armei a rede e gritei o nome de minha mulher... Filhos! Por Deus, eu tinha que esquecer todas essas porcarias, os oitocentos e vinte dólares, o passaporte, a gravata, as camisas, a droga de Louisiana... Zana entrou no quarto e me viu nu na rede. Me viu e entendeu. Declamei umas palavras de Abbas... era a senha...” (HATOUM, 2000: 125-126).*

Mais uma vez Yaqub se sente prejudicado, mais uma vez reclama. Halim despreza as acusações contra Omar – e, assim como Zana, adota um comportamento complacente com as transgressões do Caçula. Sem fazer esforço para prever a tempestade que se aproxima (*Filhos! Por Deus, eu tinha que esquecer todas essas porcarias, os oitocentos e vinte dólares, o passaporte, a gravata, as camisas, a droga de Louisiana...*), Halim não toma nenhuma medida para punir a profanação da intimidade de Yaqub e Livia.

E Yaqub acrescenta mais uma cicatriz em sua coleção.

## b) RUÍNAS DE OUTRA ORDEM

O tempo narrativo em que *Dois irmãos* está situado abrange uma das épocas mais complexas da história brasileira: começa no governo autoritário de Getúlio Vargas, em 1945,<sup>714</sup> e termina durante a ditadura militar,<sup>715</sup> provavelmente em data próxima de 1970.<sup>716</sup> Enquanto o governo ditatorial de Vargas é praticamente ignorado pelo narrador (que descreve Manaus, nesse período, como uma espécie de paraíso perdido no meio da selva amazônica), os episódios mais significativos do romance ocorrem nas décadas de 1940, 1950 e 1960.

Mas os acontecimentos mais importantes da narrativa gravitam em torno do período mais cruel da ditadura militar, que se instalou no Brasil a partir de 1º de abril de 1964. Isso significa que

---

<sup>714</sup> Para informações sobre o governo Getúlio Vargas, ver, entre outros: D'ARAÚJO, Maria Celina Soares. *O Estado Novo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000; FARIA, Antonio Augusto da Costa; BARROS, Edgard L. *Getúlio Vargas e sua época*. 9. ed. São Paulo: Global Editora, 1988; FAUSTO, Boris. *Getúlio Vargas: o poder e o sorriso*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006; SZMRECSANYI, Tamas; GRANZIERA, Rui Guilherme. *Getúlio Vargas e a economia contemporânea*. 2. ed. São Paulo/ Campinas: Hucitec/Unicamp, 2005; VERGARA, Luiz. *Getúlio Vargas passo a passo: 1928-1945*. Porto Alegre: Age Editora, 2000.

<sup>715</sup> Boas fontes de consulta sobre os acontecimentos políticos que ocorreram nesse período histórico são FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1995; SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Getúlio a Castelo*. (1930-1964). 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982; SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Castelo a Tancredo* (1964-1985). 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

Especificamente sobre o governo militar, ver GASPARI, Elio. *A ditadura envergonhada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002; \_\_\_\_\_. *A ditadura escancarada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002; \_\_\_\_\_. *A ditadura derrotada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003; \_\_\_\_\_. *A ditadura encurralada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Também são importantes alguns dos depoimentos autobiográficos de alguns protagonistas dos movimentos políticos contrários ao governo militar: GABEIRA, Fernando. *O que é isso, companheiro?* 18. ed. Rio de Janeiro: Codecri, 1980; SIRKIS, Alfredo. *Os carbonários: memórias da guerrilha perdida*. 3. ed. São Paulo: Global Editora, 1980.

<sup>716</sup> A cena final de *Dois irmãos*, ocorre algum tempo depois de Omar ter sido libertado da prisão: *Omar foi condenado a dois anos e sete meses de reclusão* (HATOUM, 2000: 261). Como ele foi preso *alguns anos depois* (HATOUM, 2000: 259) [de 1964] e *deixou o presídio um pouco antes de cumprir a pena* (HATOUM, 2000: 262), qualquer cálculo cronológico deve tolerar uma pequena margem de erro. Ou seja, 1970 é uma data aproximada. De qualquer maneira, a questão cronológica é de difícil precisão pois Nael escreve o seu relato em data muito posterior, como indica a seguinte passagem: *Nas cartas que Yaqub me enviou, nunca falava do irmão nem de Rânia, sequer resvalou no assunto. Eram cartas breves e esparsas, em que sempre me pedia que cobrisse de flores o túmulo de Halim e o de minha mãe. Perguntava se eu necessitava de alguma coisa e quando ia visitá-lo em São Paulo. Por mais de vinte anos adiei a visita. (...) Mas bem antes de sua morte, há uns cinco ou seis anos, a vontade de me distanciar dos dois irmãos foi muito mais forte do que essas lembranças* (HATOUM, 2000: 263). (**grifos meus**).

as questões políticas relativas à década de 1960 estão presentes no texto de forma inequívoca,<sup>717</sup> embora não caracterizem o tema principal. Enquanto o espinha dorsal do romance se concentra em revirar o baú de miudezas familiares, recuperando episódios da história brutal que une/desune Yaqub e Omar, é possível ler paralelamente uma segunda narrativa, como se fosse uma história dentro da história, metonímia da maldição *bíblica* que atinge os filhos de Halim e Zana. Esse “parênteses” histórico, cumprindo função pedagógica, pois está impregnado de história política, recorta um período significativo da História republicana e denuncia a maneira violenta e abrupta com que ocorreu o esgaçamento dos princípios democráticos no Brasil.

Pela visão do narrador, pode-se comparar o autoritarismo militar com uma doença incontrolável, que vai se espalhando silenciosamente pelo corpo do país, dissolvendo a esperança e implantando o terror. Os seus sintomas mais nocivos, mais dolorosos, são a lentidão (que raras vezes procura esconder as suas semelhanças com a tortura), a voracidade (que, como um monstro mitológico insaciável, a tudo ambiciona devorar) e a falta de julgamento crítico sobre as suas ações (que criam condições ideais para que o autoritarismo prolifere e a ausência de justiça se transforme em uma constante).

Entre o final da II Guerra Mundial e a década de 60, a história brasileira foi rica em acontecimentos políticos, tumultos nos bastidores, ascensão e queda de vários “impérios” econômicos e a movimentação incessante de um poder que se esconde por trás do poder. O resultado da ação dessas “forças ocultas”, conforme declaração folclórica de Jânio da Silva Quadros (que ocupou a presidência da República por apenas seis meses e 25 dias em 1961), pode ser observado através do movimento sistêmico e gradual de expansão da pequena burguesia,<sup>718</sup> que se apegava com entusiasmo às quimeras de desenvolvimento econômico geradas pelo governo Juscelino Kubitschek de Oliveira,<sup>719</sup> que defendia entusiasticamente a rápida transição de uma sociedade agrária para uma sociedade industrial.

---

<sup>717</sup> Essa posição não é consensual, pois há outras interpretações para a forma com que a questão política é abordada em *Dois irmãos*. Logo após o lançamento do romance, Leyla Perrone-Moisés escreveu que *A visada política não é direta, explícita, mas assume a via indireta, que é a da literatura* (PERRONE-MOISÉS, 2000: 7). Nesse sentido, a leitura do texto ocorre em uma perspectiva voltada especificamente aos conflitos familiares, sem se deter na possibilidade de que a ruptura fraterna também possa ser visualizada através de um efeito alegórico, ou seja, como representação de uma degradação mais abrangente, mais contextual, mais política.

<sup>718</sup> Para uma perspectiva histórica da movimentação social ocorrida nesse período histórico, bem como diversas análises políticas e econômicas, ver SODRÉ, Nelson Werneck. *História da burguesia brasileira*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1983, principalmente nas p. 274-335.

<sup>719</sup> Para maiores informações sobre o governo Juscelino Kubitschek de Oliveira (1956-1961), ver, entre outros, BERTOLLI FILHO, Cláudio. *De Getúlio a Juscelino*. São Paulo: Ática, 2002; COHEN, Marleine. *Juscelino*

A possibilidade de rápido e incessante ganho financeiro e político imediato resultou, no imaginário coletivo brasileiro, em momentos de entorpecimento social e em cooptação eleitoral. O advento do populismo (que representava parte significativa da classe dirigente brasileira e de seus interesses) e a “era desenvolvimentista”<sup>720</sup> manipularam a opinião pública, induzindo a noção de que a solução para os males econômicos brasileiros estava no desenvolvimento industrial (o que significa, grosso modo, que o Brasil eliminou várias etapas do processo embrionário de implantação do capitalismo). As consagradas eleições de Juscelino Kubitschek de Oliveira e Jânio da Silva Quadros, dois defensores dessa perspectiva político-econômica, indicam que o país estava iludido pela euforia causada pela perspectiva de ingressar na modernidade capitalista.

A classe política, escorada em milhares de votos e interesses “técnicos”, ignorou – ou fingiu ignorar – uma das principais lições da endogenia econômica: independente de estar integrada ou não ao mercado de consumo, a periferia do capitalismo não possui voz ou força para modificar o controle dos meios de produção.

Em outras palavras, o processo de industrialização praticado no Brasil está intimamente conectado com duas características: o fornecimento em larga escala de matéria-prima de boa qualidade e a mão-de-obra barata (abaixo dos custos praticados na Europa e nos EUA). Em contrapartida, a transferência de tecnologia (que era praticamente inexistente no Brasil) foi feita por empresas internacionais de grande poder econômico – que, de posse do saber tecnológico, rapidamente tomaram conta do mercado, transformando os investimentos iniciais em lucros incessantes.

---

Kubitschek, *o presidente bossa nova*. Rio de Janeiro: Globo Editora, 2005; PIRES, Lucas Rodrigues de Mota. *O Brasil de Juscelino Kubitschek*. São Paulo: Landy, 2006.

<sup>720</sup> O governo Juscelino Kubitschek de Oliveira implantou um novo modelo econômico para o Brasil. Esse período, denominado por alguns historiadores econômicos e políticos como “era desenvolvimentista”, estava condensado no Plano de Metas (projeto em que eram definidas as prioridades econômicas do governo).

*O Plano de Metas definia seis grandes objetivos econômico-sociais que deveriam ser alcançados no governo JK: energia, transportes, alimentação, indústrias de base, educação e a construção de Brasília. As metas relativas à alimentação e à educação foram relegadas a segundo plano, pois não dependiam só do governo: a primeira, porque a importação de trigo consumia parte das reservas cambiais e continuou sujeita aos preços internacionais; a segunda dependia de mudanças administrativas que não saíram do papel.*

*As metas econômicas (e a construção da capital) foram cumpridas. Entre 1955 e 1961, a produção de aço cresceu 100%; a das indústrias mecânicas, 125%; a das elétricas e de comunicações, 380%; e das indústrias de equipamentos de transporte, 600%. A produção industrial como um todo cresceu 100%, a taxa de crescimento real foi de cerca de 7% ao ano, e a renda per capita aumentou 4% ao ano.*

*O ponto fraco desse programa econômico era o financiamento. Como previsto, foram contratados empréstimos de fontes públicas externas, mas logo surgiram sinais de desequilíbrio financeiro e aumento da inflação (CALDEIRA, 1999: 295)*

Simultaneamente, como que atendendo as ilusões do progresso – que acenava com a possibilidade de “acesso democrático” aos confortos e benesses produzidos pela modernidade – e, consequentemente, uma melhoria na qualidade de vida, parte significativa do campesinato (ou seja, a população mais pobre do país), iludida com a possibilidade de obter uma vida melhor, abandonou a vida rural e migrou para as cidades <sup>721</sup> – que passaram a abrigar essa massa populacional em condições subumanas, inclusive porque, historicamente, os complexos urbanos sempre foram incapazes de cumprir com as promessas capitalistas.

Esse fenômeno também se apresenta em Manaus, que não “planejou” um estágio preparatório que contemplasse a transição de um centro de extrativismo vegetal para uma cidade industrial (a “zona franca” foi criada por decreto em 1967).

Desde o início do século, o crescimento urbano nas cidades brasileiras não foi acompanhado por uma política social de atendimento às demandas conseqüentes à expansão física e ao aumento populacional. Como se fossem sobras de uma sociedade que qualifica os seus integrantes pelas possibilidades que eles dispõem de ser explorados, a população “menos capacitada” para trabalhar nas áreas de produção instituídas pela modernidade resulta “amontoadada” nas periferias urbanas como se fossem detritos, como se fossem sobras de um processo industrial.<sup>722</sup>

---

<sup>721</sup> *A estrutura montada a partir da década de 1930 deu bons resultados econômicos. Desde o final da Segunda Guerra, a economia brasileira cresceu a uma média de 6% anuais. Este êxito alimentava um projeto social: o Brasil agrário e antigo fornecia as matérias-primas que, exportadas, pagavam as máquinas e indústrias que construíam o país urbano e industrializado.*

*Para os cidadãos mais pobres, passar de um mundo para outro significava um passaporte para o futuro. Esse sonho dava sentido à migração do Brasil rural para o urbano. Essa mudança exigiu um grande esforço: todos aqueles que queriam um lugar no país moderno tinham de abandonar sua formação original.*

*A afirmação de novo modelo se fazia em contraposição ao passado. Valorizavam-se as conquistas da vida urbana, os novos produtos da indústria, as diferenças de vida social, o maior acesso à educação e a cultura de massa. E desvalorizava-se o isolamento, o analfabetismo, o artesanato, a dependência da natureza, a lentidão do meio rural, a antiga ordenação social (CALDEIRA, 1999: 297).*

<sup>722</sup> Manaus, a capital do estado do Amazonas, está situada nas margens do rio Negro e longe da civilização (leia-se, longe do eixo político e econômico Rio de Janeiro – São Paulo). Engastada na floresta, como se fosse uma anomalia física, Manaus é o *locus* em que os personagens de *Dois irmãos* realizam o embate entre a cidade que perdeu a sua identidade primeva (vinculada ao extrativismo vegetal e às relações fraternas que vigoravam entre as famílias e os vizinhos) e a cidade que se dissolve no labirinto pornográfico do consumo capitalista.

Descrições sobre os contrastes sócio-econômicos que estruturam o mundo urbano de Manaus podem ser localizadas em várias trechos de *Dois irmãos*:

*(...) perambulava nas áreas margeadas por igarapés, os bairros que se expandiam àquela época, cercando o centro de Manaus. Via um outro mundo naqueles recantos, a cidade que não vemos, ou não queremos ver. Um mundo escondido, ocultado, cheio de seres que improvisam tudo para sobreviver, alguns vegetando, feito a cachorrada esquelada que rondava os pilares das palafitas. Via mulheres cujos rostos e gestos lembravam os de minha mãe, via crianças que um dia seriam levadas para o orfanato que Domingas odiava (HATOUM, 2000: 80-81).*

Centralizando os seus interesses na avidez com que se apegava à posse e ao lucro, o que comprova a capacidade de cooptação do capitalismo, a burguesia ascendente, motivada pelo fluxo econômico e pela acumulação financeira, estabeleceu – como espécie de defesa preventiva contra uma provável agressão da população carente – uma série de condições favoráveis para que os partidários de um pensamento mais reacionário, em conjunto com os militares, obtivessem suporte para a concretização de suas (da burguesia, dos militares) ambições políticas. Sob o escudo do emergente e inevitável advento do capitalismo, o Estado é tomado de assalto por predadores inescrupulosos que, alegando o advento da redenção econômica, procuram favorecer interesses específicos – e que são contrários à democracia, na medida em que tolhem as liberdades individuais, não favorecem uma melhor distribuição das riquezas e rompem com o compromisso sócio-político que une o povo e o Estado.

No plano específico dos acontecimentos políticos, *Dois irmãos* não focaliza no relato alguns dos momentos mais significativos dos anos 50 e 60 do século XX: o suicídio de Getúlio Vargas, o golpe de Estado contra João Café Filho, os “50 anos em 5” de Juscelino Kubitschek de Oliveira, a curta passagem de Jânio da Silva Quadra pela presidência da República, as crises que geraram a implantação e o fracasso do parlamentarismo, a volta ao presidencialismo, o golpe militar de 1º de abril de 1964 e os diversos Atos Institucionais.

Todos esses fatos cruciais, relacionados com o deslocamento/desmoronamento da estrutura sócio-político-econômica brasileira, ficam restritos à alusão,<sup>723</sup> às entrelinhas do texto ou à

---

*Ele me levava para um boteco na ponta da Cidade Flutuante. Dali podíamos ver os barracos dos Educandos, o imenso igarapé que separava o bairro anfíbio do centro de Manaus. Era a hora do alvoreço. O labirinto de casas erguidas sobre troncos fervilhava: um enxame de canoas navegava ao redor das casas flutuantes, os moradores chegavam do trabalho, caminhavam em fila sobre as tábuas estreitas, que formavam uma teia de circulação. Os mais ousados carregavam um botijão, uma criança, sacos de farinha; se não fossem equilibristas, caíam no Negro. Um e outro sumia na escuridão do rio e virava notícia (HATOUM, 2000: 120).*

*Agora ouvíamos a barulheira dos que zanzavam carregando tralhas, o grito dos catraieiros, grunhidos de porcos, as vozes vizinhas, choro de crianças, a algaravia do anoitecer (HATOUM, 2000: 121).*

*A praia do pequeno porto cheirava a detritos e a combustível. A brisa do fim da noite trazia o cheiro da floresta, ainda sombria na outra margem do rio. (...) Ninguém entendeu a presença dela, tão cedo, naquele lugar cheio de gente humilde: catraieiros à espera da primeira travessia, carregadores seminus, garapeiros e vendedores de frutas que armavam a tendinha de lona (HATOUM, 2000: 175).*

<sup>723</sup> Leyla Perrone-Moisés sintetiza a estrutura histórica e política do romance anotando: *Transcorrendo entre o período da Segunda Guerra até os anos da ditadura militar, a história dos dois irmãos conta, em filigrana, a história da Amazônia e do Brasil. As peripécias existenciais de suas personagens têm como pano de fundo ativo e influente as mudanças por que passa Manaus: as privações da cidade, já decadente, durante a guerra; a fundação de Brasília vista de longe; a ocupação da cidade pelos militares, “monstro verde” mais assustador que a floresta; a repressão e a violência; o progresso duvidoso, porque desigual. As transformações do comércio, desde a lojinha modesta do antigo mascate, passando pela imitação do “milagre econômico” do sul, até a proliferação dos badulaques globalizados e a compra da loja por um indiano inescrupuloso, vão sendo discretamente registrados pelo narrador, como um subtema musical numa melodia sabiamente orquestrada (PERRONE-MOISÉS, 2000: 7).*

pesquisa histórica de algum leitor curioso com o painel histórico que se esconde no relato de Nael. Como se fossem peças de uma ficção paralela, um livro que – embora esteja depositado na estante – jamais será aberto, a conexão entre narrativa e história política está interrompida em *Dois irmãos*. O que, de certa forma, se justifica porque não é propósito do relato de Nael esmiuçar as hostilidades que caracterizam as lutas internas do Estado brasileiro.

Por outro lado, a história republicana brasileira, com suas referências aos golpes políticos e econômicos, ao preconceito econômico (que separa pobres e negros de brancos e ricos), ao uso inconseqüente – embora eficiente – de um populismo primitivo (baseado em mentiras desconcertantes e sempre repetidas e assimiladas como um novo capítulo da novela das oito) e do uso reiterado de um autoritarismo estatal próximos da barbárie permitem uma leitura alegórica da história de Yaqub e Omar.

Nesse sentido, ou melhor, em sentido oposto, como que a querer negar o entrecruzamento entre narrativa e história, é significativo que no momento narrativo em que o texto se concentra no relato das consequências mais agudas da ditadura militar, em 1964,<sup>724</sup> ou seja, a ocupação pelas

---

<sup>724</sup> Segunda-feira, 30 de março, a data da derrubada de Jango [João Goulart, presidente da República, 1961-1964] era de conhecimento até do CGT, cuja diretoria emitiu uma denúncia do “golpe” marcado para 2 de abril. Mas o dispositivo militar de Jango deixara de funcionar. Até o destino parecia ter-se aliado à conspiração contra o presidente. Seu Ministro da Guerra, General Jair Dantas Ribeiro, estava imobilizado em um leito de hospital em consequência de uma operação intestinal durante toda a crise. O Exército era então um “corpo sem cabeça”, fato da maior importância, pois o Ministro da Guerra era uma figura que ainda merecia considerável respeito da parte de muitos oficiais centristas.

Como para dar a seus inimigos uma justificativa final, o presidente concordou em comparecer a uma reunião de sargentos no Automóvel Clube, Domingo à noite, dia 30 de março. Foi uma decisão que correspondeu praticamente a um suicídio político. Deixando de lado o texto preparado de seu discurso, recusou-se a fugir à responsabilidade dos ataques à disciplina militar. O tom com que discursou foi o de uma beligerante oração de despedida. Mesmo o General Assis Brasil, até então uma voz a incentivar a permanência de Jango, compreendeu que este fôra longe demais.

O discurso de Jango foi transmitido pela televisão. Um dos espectadores, conspirador militar antigo, achou que chegara a hora de agir. O General Mourão Filho, o homem que forneceu o infame Plano Cohen em outubro de 1937, mobilizou suas tropas em Juiz de Fora (parte do Primeiro Exército, com sede em Minas Gerais). Ao alvorecer, disse a seus comandados que marchariam sobre o Rio. O Governador Magalhães Pinto, de Minas Gerais, já expedira um manifesto no dia 30 de março convocando os mineiros “para restauração da ordem constitucional comprometida nesta hora”. Os conspiradores haviam combinado antes que a revolta devia começar em Minas, não em São Paulo. “Nós a começamos em 1932”, disseram os paulistas, lembrando que Minas deixara de ajudar a Revolução Constitucionalista, “agora é a vez de vocês”.

Enquanto as tropas de Mourão Filho se deslocavam para o Rio, onde se esperava resistência do Primeiro Exército sob o comando do General Âncora, os conspiradores aguardavam ansiosos a confirmação de São Paulo de que o General Kruel também aderisse à revolta. Por todo o domingo, 29 de março, esperaram pela decisão. De duas uma; ou Kruel mudara novamente de idéia ou eles estavam mal informados. Certo é que, durante a terça-feira, Kruel ainda fazia repetidos apelos por telefone a Jango insistindo para que renunciasse ao CGT comunista. Se fizesse isso, dizia Kruel, podia ainda “salvar o seu mandato”. Mas Jango não podia voltar atrás. Respondeu por fim:

– Não posso também deixar de lado as forças populares que me apoiam.

Essa recusa terminante veio aliviar afinal a consciência de Kruel:

– Então, Presidente – disse ele – nada podemos fazer.



tropas militares do espaço urbano, a perseguição e o uso institucional da tortura praticada contra os

---

*Na tarde de 31 de março, Kruel finalmente deu ordens para que seus tanques se deslocassem rumo ao Rio. Essa manobra era essencial para a revolta, devido à importância estratégica do Vale do Paraíba em caso de uma guerra civil.*

*Entrementes, no Rio, o Governador Carlos Lacerda, que mantinha estranho silêncio em torno do tenso fim da Semana Santa, entrincheirara-se em palácio. Dera ordens para que os caminhões de lixo do Estado, de cor cinza e laranja, formassem barricadas na avenida ornada de palmeiras que dá acesso ao palácio do Governo. Lá dentro, Lacerda estava vestido com um blusão de couro e armado de duas metralhadoras portáteis e uma pistola. Não parava de telefonar para os postos de polícia da cidade aguardando confirmação dos boatos de que os fuzileiros navais do Almirante Aragão estavam prestes a atacar o palácio.*

*Jango começou a saber quão desastrosamente as esquerdas radicais e seus conselheiros militares haviam superestimado sua força real. O CGT convocara uma greve geral para o dia 30 de março, mas os trabalhadores não atenderam. Trens e ônibus trafegaram normalmente no dia 31, só se registrando um retardamento nos serviços no dia 1º de abril, quando as notícias sobre a movimentação de tropas se tornara de conhecimento geral. O dispositivo sindical ficou de fato paralisado porque o punhado de líderes sindicais da esquerda radical havia sido preso no dia 30 de março pela polícia política de Lacerda (a DOPS) ou estava foragido. O abismo entre os líderes excessivamente confiantes e seus liderados passivos, tanto em questão de comando como em sentimento político, era de uma dolorosa evidência. Na manhã de 1º de abril, o Ministro da Justiça, Abelardo Jurema, assumiu o comando da estação de rádio do Governo e começou a transmitir desvairados apelos ao “povo” para que saísse às ruas e lutasse contra os golpistas. Muitos cariocas estavam de fato nas ruas, mas levados pela curiosidade. Em seus aparelhos de rádio de pilha ouviam passivamente as súplicas de Jurema.*

*Tudo o que restava era saber a posição de comando do 1º Exército, sediado no Rio. As tropas que no dia 31 de março Jango enviara do Rio para “esmagar” a “insignificante rebelião” de Minas Gerais mostravam-se curiosamente incapazes de encontrar seus inimigos. Altas horas da manhã de 1º de abril, Jango viu que sua posição era desesperadora. Ao meio-dia, voou para Brasília onde esperava oferecer resistência. O General Âncora, do 1º Exército, telefonou para o palácio presidencial em busca de instruções, e descobriu que o presidente se evadira. Pós-se, entretanto, em contato com o General Assis Brasil, que se furtou a qualquer responsabilidade de falar pelo presidente, mas informou a Âncora que Jango deixara dito que não queria choque militar. Aquilo encerrava a questão. Imediatamente o Primeiro e o Segundo Exército confraternizaram, conjurando qualquer perigo de luta armada. As unidades legalistas enviadas para conter a marcha de Mourão Filho contra o Rio já haviam passado para as fileiras dos rebeldes. Nas mãos destes estava, com toda segurança, a região centro-sul do Brasil.*

*Jango viu que a situação em Brasília era igualmente desesperadora. Na noite de 1º de abril, poucas horas depois de ter deixado o Rio, continuou sua fuga rumo a Porto Alegre. Naquela mesma noite, em Brasília, o presidente do Senado, Auro de Moura Andrade, declarou vaga a presidência. Não havia base constitucional para esse ato unilateral, conquanto oferecesse uma solução lógica da crise ora ditada pela pressão da rebelião militar. Os adversários de Jango no Congresso sabiam, havia muito, que não contavam com os votos necessários para o impeachment do Presidente (nos termos dos Artigos 88 e 89), e os líderes congressistas não estavam dispostos a esperar que ele saísse para fora do país (com isso violando o Artigo 66, que exigia aprovação do Congresso para qualquer viagem do Presidente ao exterior).*

*Auro de Moura Andrade., ao declarar vago o cargo, seguiu a prática constitucional empossando como Presidente em exercício Ranieri Mazzili que, como Presidente da Câmara dos Deputados, era o substituto natural do Chefe de Governo, nos termos do Artigo 79.*

*Ao chegar a Porto Alegre, Jango encontrou seu cunhado Brizola a exigir uma última cartada decisiva. O General Ladário Teles, comandante do Terceiro Exército, estava oferecendo uma resistência Ambígua. O Governador Meneghetti, um conspirador indeciso, que temia a guerra civil em sua capital, fugira para o interior. Brizola discutiu violentamente com seu cunhado, chegando a chorar para convencê-lo de que o Rio Grande do Sul poderia resistir; mas Jango se recusou a aprovar qualquer resistência.*

*No dia seguinte, Brizola apareceu na sacada da Prefeitura concitando seus irmãos gaúchos a pegarem em armas. Seguiram-se apenas agitações sem maiores consequências. E antes de terminado o dia 2 de abril, o Terceiro Exército em peso aderira à revolta. Jango fugiu para o interior do Rio Grande do Sul com Assis Brasil e ambos se refugiaram nas fazendas do primeiro, perto da fronteira. No dia 4 de abril, Assis Brasil finalmente convenceu o ex-Presidente a pedir asilo político ao Uruguai. Como para dar mostras de sua coragem e independência, Brizola despistou seus perseguidores deslocando-se pelas fazendas da faixa de fronteira, sob o maior mistério, até fins de abril, quando tomou, com relutância, o caminho do Uruguai (SKIDMORE, 2000a: 362-366).*

“inimigos” do novo regime, o narrador adote um ponto de vista histórico distanciado, como se o assim proceder tivesse a sua explicação no fato de ainda não dispor elementos e/ou afastamento crítico para perceber o desdobrar político da época em que estava vivendo e narrando. Considerando a onisciência com que o romance está estruturado, pois o seu esqueleto narrativo consiste de uma coletânea de depoimentos e de vozes, reunidas e publicadas vários anos depois por Nael <sup>725</sup> (que “recortou” entre tantos fragmentos as partes que lhe pareceram significativas para a coerência do seu relato), essa “neutralidade” se aproxima do artificialismo.

O narrador, quando “passa a limpo” o material com que está trabalhando, evita tornar público “juízos de valores”, como se não quisesse influenciar o julgamento do leitor sobre os acontecimentos. Significativamente, essa abordagem implica em um ângulo problemático: a formação de uma voz lacunar, que somente se projeta nas entrelinhas, e que não se compromete com fatos que sabe serem desprezíveis e condenáveis. <sup>726</sup>

Mesmo com esse comedimento, especificamente os relativos aos acontecimentos ocorridos no início da década de 1960, o narrador dessas ruínas, <sup>727</sup> que *são ruínas de outra ordem, que*

---

<sup>725</sup> Entre os últimos acontecimentos (a agressão física de Omar contra Yaqub, a prisão de Omar, as mortes de Domingas e Zana) e a publicação do manuscrito de Nael há uma distância temporal de quase 30 anos (*Nas cartas que Yaqub me enviou, nunca falava do irmão nem de Rânia, sequer resvalou no assunto. Eram cartas breves e esparsas, em que sempre me pedia que cobrisse de flores o túmulo de Halim e o de minha mãe. Perguntava se eu necessitava de alguma coisa e quando ia visitá-lo em São Paulo. Por mais de vinte anos adiei a visita* [HATOUM, 2000: 263]). Esse espaço temporal deveria ser mais do que suficiente para o amadurecimento de um ponto de vista crítico. (**grifo meu**).

<sup>726</sup> Flora Süssekind, em um ensaio que analisa as estratégias literárias da década de 1960, focaliza uma nuance importante: *A censura tem sido uma espécie de rua de mão única, explicação privilegiada para os que analisam a literatura brasileira dessas duas décadas que se seguiram ao golpe militar. Realismo mágico, alegorias, parábolas, ego-trips poéticas? Tudo se explica em função do aparato repressivo do Estado autoritário. Seja a preferências por parábolas ou por uma literatura centrada em viagens biográficas, a chave estaria ou no desvio estilístico ou no desbunde individual como respostas indiretas à impossibilidade de uma expressão artística sem as barreiras censórias. Romance-reportagem, conto-notícia, depoimentos de políticos, presos, exilados? Tais opções literárias também estariam ancoradas em uma resposta à censura. Só que direta. Se nos jornais e meios de comunicação de massa a informação era controlada, cabia à literatura exercer uma função parajornalística. Respostas diretas (naturalismo) ou indiretas (parábolas), trata-se a produção literária como se seu grande interlocutor fosse efetivamente a censura. Esquece-se assim do diálogo que ao mesmo tempo mantém com a tradição e com seu público* (SÜSSEKIND, 1985: 10). Apesar de ter sido publicado em 2000, ou seja, razoavelmente distante dos “anos de chumbo”, *Dois irmãos* adota a alegoria como estatuto narrativo: *uma literatura superpovoada de pistas alegóricas e obcecada pela referencialidade, e não por uma linguagem menos “figurada” e mais ficcional, mais seca e cujas elipses poderiam responder de modo talvez mais crítico aos silêncios impostos pelo regime autoritário* (SÜSSEKIND, 1985: 11). Essa estratégia de se concentrar sobre a dissolução familiar (reatualização dos mitos católicos de Caim e Abel, Esaú e Jacó, o filho pródigo), mas lançando um olhar “distante” sobre a situação política brasileira das décadas de 1960 e 1970, permite que o narrador sussurre algumas observações sobre assuntos que poderiam causar incômodos se fossem tratados em primeiro plano. Nesse percurso, o silêncio de Nael, o narrador, sobre questões mais específicas da política brasileira, não configura exatamente uma fuga, mas sim um método dissimulado de evitar o comprometimento.

<sup>727</sup> O conceito de ruína, expresso por Flávio R. Kothe, que expande o pensamento de Walter Benjamin, lembra o laço inalienável entre obra de arte, narrativa e História. Nesses termos, a narrativa – que consegue unir fragmentos para

*também deixam seqüelas de outra ordem* (NESTROVSKI, 2000: 23), sabe que também está relatando acontecimentos importantes, quiçá decisivos para que se possa compreender a história do país.

*Ele sabia que Manaus se tornara uma cidade ocupada. As escolas e os cinemas tinham sido fechados, lanchas da Marinha patrulhavam a baía do Negro, e as estações de rádio transmitiam comunicados do Comando Militar da Amazônia. Rânia teve que fechar a loja porque a greve dos portuários terminara num confronto com a polícia do Exército* (HATOUM, 2000: 198).

A cidade sitiada reflete um desses momentos críticos em que a razão sucumbe diante da barbárie. Presenciar a transição entre o “Estado de direito” e o “Estado de exceção”, apesar da prudência e da hesitação do narrador, permite (em alguns instantes) um olhar mais crítico, mais objetivo, menos comprometido com questões pessoais ou com compromissos ideológicos. Nesse sentido, *[Dois irmãos] quer narrar, nas entrelinhas que seja, uma outra história brasileira, que se cruza com as tragédias da família* (NESTROVSKI, 2000: 22).

Duas cenas exemplificam esse proceder: a prisão e a morte do professor Antenor Laval e a maneira com que Yaqub rompe com o estatuto familiar e implode com as relações fraternas.

---

reinventar algo que se aproxima da totalidade – projeta as possibilidades que se complementam e se transformam na História.

*Tanto como ruína quanto como alegoria, a obra de arte participa duplamente da história social, e duas vezes dela também se afasta. Em sua época de gênese, a obra, sendo o outro, o outro que poderia ter sido e não foi, mostra o sido como mera ruína das potencialidades não concretizadas pela e na História. A obra de arte é, então, a alegoria que mostra a História como ruína. Depois, no tempo de leitura, em relação a seu tempo de gênese, a obra também testemunha o sido, como resto e legado do que foi. Ela é, então, a ruína em que a História aparece como seu outro alegórico-fático.*

*Como ruína alegórica, a obra testemunha o sido e o não-sido: enquanto apenas ruína, o sido é documentado na obra e pela obra como um monumento com valor estético; enquanto apenas alegoria, o que poderia ter sido e não foi (e não foi por causa do sido ter sido) é indiciado pela e na obra, opondo-se por natureza à História (a História da Literatura não pode e não deve, portanto, ser reduzida a uma parte da História de um país ou de uma cultura.*

*Mas a própria História é uma ruína alegórica: ruína enquanto resto das possibilidades possíveis (e, talvez, desejáveis), das quais ela só concretizou uma; nessa concretização, porém, se encontra o índice das outras Histórias possíveis. Precisamente daí surge a possibilidade antológica do encontro da obra de arte com a História.*

*A obra de arte é, portanto: 1) a ruína de uma ruína, a ruína da História enquanto ruína de suas concretizações possíveis; 2) a alegoria de uma ruína, ao apontar para outras Histórias que, mesmo fictícias, poderiam ter sido e não foram (e isso não tanto pelo nível do conteúdo, mas da forma); 3) a ruína de uma alegoria, ao tornar ainda mais estática a própria rigidez da História, que se mostra pouco flexível ao concretizar quase nada de suas potencialidades; 4) a alegoria de uma alegoria, ao dizer o outro de todos os outros possíveis à História, tornando “possíveis” até mesmo os impossíveis à História* (KOTHE, 1976: 47-48).

A morte de Antenor Laval<sup>728</sup> é relatada por Nael em primeiro plano, como um misto de documento de época e indignação pela violação dos direitos humanos fundamentais, enfatizando a violência praticada pelos aparelhos de repressão do Estado<sup>729</sup> e a falta de respeito com a vida humana.<sup>730</sup>

*Só um zunzum corria nos corredores do liceu, dois dedos de mexerico da vida alheia, dele, Laval. Um: que fora militante vermelho, dos mais afoitos, chefe dos chefes, com passagem por Moscou. Ele não negava, tampouco aprovava. Calava quando a curiosidade se alastrava em alaridos. O outro rumor, bem mais triste. Diz que havia muito tempo o jovem advogado Laval vivia com uma moça do interior. Líder e orador nato, ele fora convocado para uma reunião secreta, no Rio. Levou a amante e voltou a Manaus sozinho. Falou-se de traição e abandono. Versões desiguais, palavras desencontradas e afins... Conjecturas (HATOUM, 2000: 192).*

Por não desmentir ou confirmar os boatos sobre as suas posições políticas, Laval foi preso e morto pelos militares que, nas salas de tortura, exerciam, sem muitos escrúpulos ou hesitação, o

---

<sup>728</sup> Em texto de contornos autobiográficos (*Um jovem, o Velho e um livro*), Milton Hatoum relembra dois amigos que o tempo carregou e que, de certa forma, projetam a matriz que resultou no personagem Antenor Laval: Alex, vulgo Minhoca, que foi executado covardemente numa das celas sujas do subsolo da cidade, e o “Velho”, uma espécie de mentor de um grupo de jovens amazonenses: *ter escutado essas histórias antes de ler o livro me parecia um milagre. Até o dia – era meio-dia e nossas sombras pediam trégua – em que ele trouxe o livro e ofereceu-o ao grupo de ginásianos.*

*Quanto tempo, Velho. Você não foi meu professor, mas lançou ao ar palavras que nos atraíram para sempre. No centro da praça e na hora mais escaldante, você estava lá, suportando olhares e comentários: Vai ver que está biruta ou senil, vai ver as duas coisas. E você nem ligava.*

*“Querem saber mais do Graciliano? Leiam Angústia. Assim, de memória só sei pedaços de Infância. De tanto ler, de tanto viver... Porque vim de lá, sou de lá. Fui aquele menino.”*

*(...) Ainda fiquei espreitando o silêncio, à espera da manhã, a voz de minha tia ecoando no meio das imagens, o tempo galopando de 1964 até 73 e as duas figuras misturando-se na minha memória: o jovem Alex tombado para frente e o Velho no velório em Manaus (HATOUM, 2002: 27). (grifo meu).*

<sup>729</sup> *O emprego sistemático da tortura foi peça essencial da engrenagem repressiva posta em movimento pelo Regime Militar que se implantou em 1964. Foi, também, parte integrante, vital, dos procedimentos pretensamente jurídicos de formação de culpa dos acusados.*

*A Justiça Militar brasileira (...) tinha plena consciência da aplicação rotineira de sevícias durante os inquéritos, e ainda assim atribuía validade aos resultados destes, apoiando neles seus julgamentos. (...) essa foi a postura quase invariável do Judiciário nos processos por crimes políticos, das auditorias ao STM [Supremo Tribunal Militar], havendo episódios em que o próprio STM se subjugou com atitudes omissas e até mesmo coniventes (ARNS, POTTER, 1986: 203)*

<sup>730</sup> *Um dos primeiros atos do novo regime político foi a utilização de uma série de decretos, denominados Atos Institucionais (AI). O AI nº 1, de 09 de abril de 1964, entre outras medidas, criou as bases para a instalação dos Inquéritos Policial-Militares (IPMs), a que ficariam sujeitos os responsáveis “pela prática de crime contra o Estado ou seu patrimônio e a ordem política e social ou por atos de guerra revolucionária”. A partir desses poderes excepcionais, desencadearam-se perseguições aos adversários do regime, envolvendo prisões e torturas (FAUSTO, 1995: 467).*

poder de decidir quem era inocente e quem era culpado da irresponsável acusação de conspirar contra o Estado.

Em função de sua falta de maleabilidade política, Antenor Laval ficou sem espaço para efetuar as necessárias manobras de sobrevivência e, na hora em que o novo regime político precisa mostrar força, o professor de francês acaba integrando a lista “dos suspeitos de sempre”.<sup>731</sup>

Laval, *um excêntrico, um dândi deslocado na província, recitador de simbolistas, palhaço da própria excentricidade* (HATOUM, 2000: 35), era professor de francês<sup>732</sup> no Liceu Rui Barbosa, popularmente denominado de “O Galinheiro dos Vândalos”.<sup>733</sup> Quando Omar foi expulso do colégio dos padres salesianos, foi estudar no Rui Barbosa: *Foi esse mestre, Antenor Laval, o primeiro a saudar o recém-chegado expulso do colégio dos padres. Ele, o Laval, regozijado, quis saber a causa da expulsão sumária*<sup>734</sup> (HATOUM, 2000: 36).

A empatia entre Omar e Laval foi instantânea. Omar, que sempre teve maior interesse no desempenho sexual do que nos vínculos afetivos, descobriu, pela primeira vez, o valor da amizade:<sup>735</sup> *Antenor Laval, mais que Chico Keller, fora amigo do Caçula. Uma amizade meio*

---

<sup>731</sup> Na cena final do filme *Casablanca* (Michael Curtis, 1942), o capitão francês Louis Renault, amigo de Richard “Rick” Blaine, procurando desviar as atenções sobre a morte do Major Heinrich Strasser, pronuncia uma das falas mais conhecidas da história do cinema: “Round up the usual suspects” (premam os suspeitos de sempre).

<sup>732</sup> *Carregava a pasta surrada em que guardava livros e papéis, a mesma pasta, os mesmos livros; os papeis é que podiam ser diferentes, porque continham as garatujas dele. Laval escrevia um poema e distribuía aos estudantes. Ele mesmo não guardava o que escrevia. Dizia: “um verso de um grande simbolista ou romântico vale mais do que uma tonelada de retórica – dessa minha inútil e miserável retórica”, acentuava* (HATOUM, 2000: 189).

<sup>733</sup> Omar e Nael estudaram no Liceu Rui Barbosa, uma escola de péssima reputação e que era denominada pelos alunos de “O Galinheiro dos Vândalos”. *Hoje penso que o apelido era inadequado e um tanto quanto preconceituoso. No Liceu, que não era totalmente desprezível, reinava a liberdade de gestos ousados, a liberdade que faz estremecer convenções e normas. A escória de Manaus o freqüentava, e eu me deixei arrastar pela torrente dos insensatos. Ninguém ali era “très raisonnable”, como dizia o mestre de francês* (HATOUM, 2000: 35).

<sup>734</sup> *O Caçula não escondia de ninguém a versão verdadeira: o ato mais insubordinado, mais infame da história da catequese dos salesianos na Amazônia, dizia ele. Contava a história para todo mundo. Contou-a diante dos alunos do Galinheiro dos Vândalos, em voz alta, rindo ao dizer que o padre polonês que o humilhou só podia tomar sopa, nunca mais ia mastigar comida. Tinha acontecido na aula desse professor de matemática, o Bolislau, gigante de tez vermelha, carnadura atlética, sempre de batina preta, sebeta de tanto suor. Os olhos dele, de castigador que procura cobaia, focaram o Caçula. Bolislau fez a pergunta difícilima, e, em resposta ao silêncio do aluno, zombou. O Caçula se levantou, caminhou para o quadro-negro, parou cabisbaixo diante do gigante Bolislau, deu-lhe um soco no queixo e um chute no saco: um petardo tão violento que o pobre Bolislau se agachou, muito corcunda, e rodopiou como um pião bambo. Não gritou: grunhiu. E na lividez do rosto os olhos claros saltaram, molhados. Houve um tumulto na sala, risos nervosos e risos de prazer, antes do silêncio, antes da chegada do irmão diretor escoltado pela matilha de bedéis* (HATOUM, 2000: 36-37).

<sup>735</sup> Na avaliação de Francisco Ortega, *A amizade representa uma relação com o outro que não tem a forma, nem de unanimidade consensual, nem de violência direta. Trata-se de uma relação agonística, oposta a um antagonismo essencial, uma “relação que é ao mesmo tempo incitação recíproca e luta, tratando-se não tanto de uma oposição frente a frente quanto de uma provocação permanente”. Relações agonísticas são relações livres que apontam para o desafio e para a incitação recíproca e não para a submissão ao outro. O poder é um jogo estratégico. A nova ética da amizade procura jogar dentro das relações de poder com um mínimo de dominação e criar um tipo de relacionamento intenso e móvel que não permita que as relações de poder se transformem em estados de dominação. Precisamente*

*clandestina, como acontecera com os dois amores de Omar ou com tudo o que lhe dava prazer, desejo e confiança* (HATOUM, 2000: 203).

Além disso, há as compensações psicológicas: Omar fantasiava no professor o irmão (mais velho) que gostaria de amar; Laval, de maneira enviesada, se extasiava com a independência irresponsável do filho que não teve.

O professor de francês vivia sozinho na “caverna” – denominação adotada por Laval para identificar o porão da pensão em que morava, no Igarapé de Manaus. Nesse local, nos momentos em que conseguia vencer a depressão, costumava reunir os alunos e alguns amigos para leituras de poesia.<sup>736</sup>

*Pensava em Laval, nas conversas noturnas em sua caverna, como ele chamava o porão onde morava sozinho. Pouca coisa sabíamos dele: ao meio-dia e às seis a dona da casa deixava um prato feito na entrada da caverna. Fazia isso todos os dias, mesmo aos domingos, quando eu passava na calçada da pensão e enxergava o prato de comida na soleira da porta, onde fervilhavam formigas-de-fogo e a gataria do Igarapé de Manaus. Eu via a silhueta de Laval através do óculo redondo do porão. A luz solar pouco aclarava a caverna, e uma lâmpada que pendia do teto iluminava a cabeça do mestre. Ele movia nervosamente as mãos para fumar, escrever ou virar as páginas de um livro. Raramente comia à noite: começava a beber depois do almoço, entrava na sala do liceu ainda sóbrio, mas animado. Os alunos do período noturno sentiam à distância o bafo azedo do sangue-de-boi. Expelia pelos poros esse vinagre insuportável. Suava. No entanto, não perdia a compostura nem o humor. Quando faltava luz, acendia um lampião e muitas velas. Nunca deixava de ler um poema e comentá-lo com entusiasmo. Compenetrava-se, circunspecto, assim de repente, no meio de uma lição. Podia ser o silêncio de um intervalo, uma reflexão, pausa que a memória pede e a voz cumpre. Ou seria o efeito do vinho, a caída no abismo? Talvez isso: alguma coisa inexplicável. Porque de sua vida ninguém tinha notícias claras: um caracolzinho entre pedregulhos* (HATOUM, 2000: 191-192).

Nos anos seguintes, Omar e Antenor provavelmente freqüentaram juntos os bailes do Atlético Rio Negro Clube, beberam em todos os botecos da Cidade Flutuante, dançaram nos clubes

---

*esse jogo com o poder (entendido como possibilidade de dirigir e mudar o comportamento do outro) torna a amizade algo fascinante. Falar de amizade é falar de pluralidade, experimentação, liberdade, desterritorialização. (...) Desigualdade, hierarquia e ruptura são componentes importantes da amizade. A amizade caracterizar-se-ia pelo seu caráter eletivo, aristocrático e anti-social, acentuando assim a sua natureza desigual e hierárquica. A amizade opõe-se aos princípios democráticos que conduziram à sua codificação. Ela encontra-se além do direito, das leis, da família e das instâncias sociais, representando uma alternativa às formas de relacionamento prescritas e institucionalizadas. A amizade, esse “egoísmo a dois”, como pensava Benjamin Constant, devido ao seu caráter afetivo, representa uma ameaça ao funcionamento harmônico de uma ordem social dada* (ORTEGA, 2000: 89).

<sup>736</sup> *Quando eu ia atrás de Halim, passava pela pensão do Laval, mas não o via no subsolo. Estava totalmente escuro e a rua deserta dava um pouco de medo. Lembrava-me das poucas vezes que havia participado das leituras no porão. Pilhas de papel cercavam a rede onde ele dormia. Do teto pendiam esculturas, móveis e objetos de papel. Talvez nunca tivesse jogado fora uma só folha. Devia guardar tudo: bilhetes, poemas e inúmeras anotações de aula rabiscadas em folhas de papel enroladas, dobradas, ou soltas, espalhadas no chão sujo. Nos cantos escuros amontoavam-se garrafas vazias de vinho, e no piso cimentado restos de comida ressequida se misturavam a asas de barata. “Este caos é mais infecto que um pesadelo, mas é o meu alimento”, dizia Laval aos alunos. Saíamos do porão carregando livros e apostilas velhas que ele nos presenteava. Ele permanecia lá dentro, fumando, bebendo e traduzindo poemas franceses durante a noite* (HATOUM, 2000: 187-188).

noturnos do centro e do subúrbio, o Acapulco Night Club, a Maloca dos Barés, e, claro, foram clientes assíduos dos prostíbulos, especialmente no Shangri-Lá e no Verônica (*um colosso de balneário-lupanar, cheio de lâmpadas cobertas de papel de seda lilás* [HATOUM, 2000: 158]). Emendando a noite com o dia, embebedando-se até a exaustão, e, namorando mulheres que em nome do amor ofereciam sexo (e eram recompensadas com algum dinheiro), o professor e o aluno construíram uma amizade duradoura:

*Eu me lembrei da voz de Omar recitando um poema do morto, da época em que os dois, aluno e professor, saíam juntos depois da aula e se embrenhavam no matagal nos arredores da rua Frei José dos Inocentes, onde as putas os esperavam* (HATOUM, 2000: 194).

O professor e o aluno tinham muitas afinidades – e, de qualquer forma, enfrentavam o mundo de maneira quixotesca, sem vínculos com um modelo de comportamento considerado educado ou aceito como adequado. E assim, de farra em farra, como se não existisse o amanhã, os dois amigos iam enganando a vida:

*Naquele ano, 1956, o Caçula já tinha abandonado o Galinheiro dos Vândalos, e nem falava em estudo, diploma, nada disso. Antenor Laval trazia-lhe livros e o convidava a ler poemas na pensão onde morava. Admirava a entonação da voz de Omar, que, depois de recitar um poema do amigo, dizia: “Esta é a voz do teu único leitor”. Os dois não demoravam em casa, o Caçula esvaziava a bolsa da mãe e arrastava Laval para a calçada do Café Mocambo, por onde passavam veteranas e calouras do Liceu Rui Barbosa* (HATOUM, 2000: 91).

Os ventos políticos, nos primeiros dias de 1964, começaram a anunciar tempestades. Omar, que nunca possuiu consciência política, um tema que estava além de sua compreensão, acreditava estar imune a essas trapalhadas de crianças grandes, que trocam murros e pirulitos com a mesma desfaçatez com que pretendem “consertar” as desigualdades sócio-econômicas que os ajudaram a ficar ainda mais ricos. Laval, ao contrário, como bom leitor dos poetas franceses, sabia da precariedade humana – e, por isso mesmo, temia os destemperos, a ausência de humor de todos aqueles indivíduos que, para compensar “pequenas” deficiências físicas e psicológicas, usam fardas vistosas, carros possantes e armas de grande calibre. Enfim, estava consciente da existência do império da iniquidade, da barbárie e da vilania.<sup>737</sup>

---

<sup>737</sup> *Várias vezes foi encontrado no canto da caverna, quieto e emudecido, o rosto cadavérico, a barba espessa que ele conservaria até a imolação. Não era greve de fome nem inapetência. Talvez desespero. Seus poemas, cheios de palavras raras, insinuavam noites aflitas, mundos soterrados, vidas sem saída ou escape. Às Sextas-feiras distribuía-os aos alunos, pensando que ninguém os leria, pensando sempre o pior. Lá no íntimo era um pessimista, um*

*Na primeira semana de janeiro de 1964 Antenor Laval passou em casa para conversar com Omar. O professor de francês estava afobado, me perguntou se eu havia lido os livros que me emprestara e me lembrou, com uma voz abafada: as aulas do liceu começam logo depois do Carnaval. Falava como autômato, sem a calma e as pausas do professor em sala de aula, sem o humor que nos mantinha acesos quando ele traduzia e comentava um poema. Minha mãe se assustou ao vê-lo tão abatido, um morto-vivo, a expressão aflitiva de um homem encurralado. Recusou café e guaraná, fumou vários cigarros enquanto tentava convencer Omar a participar de uma leitura de poesia, mas o Caçula primeiro fez uma careta de desgosto, depois brincou: se fosse no Shangri-Lá, eu ainda topava. Para Laval não era dia de chacotas: fechou a cara, calou, pigarreou, mas logo tornou a pedir, a implorar que Omar fosse com ele até o porão onde ele morava. Laval ainda teve que esperar o amigo tomar um banho para tirar a ressaca. Os dois saíram apressados e Omar só voltou na madrugada do dia seguinte, quando Zana estranhou a sobriedade do filho, alguma coisa que ele escondia ou o inquietava. Bombardeou-o com perguntas, mas ele desconversou (HATOUM, 2000: 185-186).*

No início de 1964 aconteceu alguma coisa envolvendo Laval. O ânimo do professor desaparece e ele se torna nervoso, disperso, mal-humorado. O motivo desse comportamento errático a narrativa não esclarece. Provavelmente era resultado de alguma complicação política, pois o alcoolismo não costuma estar acompanhado de bom-senso. Como acontece com aqueles que sentem prazer em caminhar nas fronteiras comportamentais, Laval cultivava um hábito pouco saudável em momentos de crise política: desafiar a “ordem constituída” e seus representantes, através de piadas e escárnio.<sup>738</sup>

Talvez tenha sido o desespero que acionou o instinto de sobrevivência do professor, quando ele procurou ajuda com Omar – que não era a pessoa ideal para socorrer os necessitados; ou melhor, qualquer necessitado. Contrariando as expectativas, o Caçula tenta fazer o que está ao seu alcance: no dia seguinte, pede uma grande quantia em dinheiro à Rânia, que gerenciava os negócios da família.

*Antes do almoço, pediu dinheiro à irmã. Era bem mais do que costumava pedir, um dinheirão que Rânia se recusou a dar: “De jeito nenhum, mano, não há farra que custe essa fortuna”. Ele ainda insistiu, sem o cinismo habitual, sem os gestos de sedução que a desmanchavam. Insistiu com o rosto tenso, a voz grave, o olhar sincero. Zana, desconfiada, interpelou a filha: que desse um pouco do dinheiro ou um pouquinho, Omar talvez quisesse pagar uma dívida. (...)*

---

*desencantado, e tentava compensar esse desencanto por meio da aparência, com seu jeito de dândi. Refutava o rótulo de poeta, mas não se incomodava quando o chamavam de excêntrico ou afetado. Não sei qual dos dois atributos o definia melhor. Nenhum, talvez. Mas foi um mestre. E também um atormentado que escrevia, sabendo que não publicaria nada. Seus poemas repousam por aí, em gavetas esquecidas ou na memória de ex-alunos (HATOUM, 2000: 192-193).*

<sup>738</sup> *Detestava a pompa, ria dos políticos da província, espicaçava-os durante os intervalos, mas recusava-se a falar sobre o assunto no meio de uma aula. Dizia: “Política é conversa de recreio. Aqui na sala, o tema é muito mais elevado. Voltemos à nossa outra noite...” (HATOUM, 2000: 190).*



*Rânia não cedeu* (HATOUM, 2000: 186).

Enquanto isso, enquanto aguarda alguma solução milagrosa para o que o está oprimindo, Laval decepçiona os alunos do Liceu Rui Barbosa. Ansiosos pelas aulas do mestre, os estudantes são surpreendidos por um professor muito diferente daquele que eles conheciam:

*Depois, em março, ele faltou às primeiras aulas e só apareceu na terceira semana do mês. Entrou na sala com uma expressão mais abatida do que quando o vira em casa, o paletó branco cheio de nódoas, os dedos da mão esquerda e os dentes amarelados de tanto fumar. “Desculpem-me, estou muito indisposto”, disse em francês. “Aliás, muita gente está indisposta”, murmurou agora em português. Mal se equilibrava de pé. A mão direita, trêmula, segurava um pedaço de giz, a outra um cigarro* (HATOUM, 2000: 188).

*Aliás, muita gente está indisposta*, murmurou em português o professor de francês,<sup>739</sup> antevendo que a sua vida e o Brasil estavam ameaçados por inimigos que, por motivos escusos, estavam se mostrando cada vez mais “indispostos”.

*Mas naquela manhã ele não fez nada disso, não conseguia falar, estava engasgado, que droga, parecia sufocado. Estávamos boquiabertos, nem os mais ousados e rebeldes conseguiam provocá-lo fazendo uma careta medonha por causa do bafo dele. “Vamos ver... vamos... ler alguma coisa... traduzir...”. A mão trêmula começou a escrever um poema no quadro-negro, o giz desenhava rabiscos que lembravam arabescos, só foi possível ler o último verso, que eu copiei: “Je dis: Que cherchent-ils au Ciel, tous ces aveugles?”. O resto era ilegível, ele se esquecera do título, e por um momento nos lançou um olhar estranho. Depois largou o giz e saiu sem dizer palavra. O professor de francês não voltou mais ao liceu, até que numa manhã de abril nós presenciamos sua prisão* (HATOUM, 2000: 189).

O professor de francês, acusado de professar o comunismo, de ensinar a subversão, de “corromper” a juventude, foi reprovado na aula prática ministrada pelos militares:

*Foi humilhado no centro da praça das Acácias, esbofeteado como se fosse um cão vadio à mercê da sanha de uma gangue feroz. Seu paletó branco explodiu de vermelho e ele rodopiou no centro do coreto, as mãos cegas procurando um apoio, o rosto inchado voltado para o sol, o corpo girando sem rumo, cambaleando, tropeçando nos degraus da escada até tombar na beira do lago da praça. Os pássaros, os jaburus e as seriemas fugiram. A vaia e os protestos de estudantes e professores do liceu não intimidaram os policiais. Laval foi arrastado para um veículo do Exército, e logo depois as portas do Café Mocambo foram fechadas. Muitas portas foram fechadas quando dois dias depois*

---

<sup>739</sup> Esperávamos a “preleção” de costume, uns cinqüenta minutos que dedicava ao mundo que envolvia o poeta. Tinha sido sempre assim: primeiro o cerco histórico, ele dizia, depois uma conversa, por fim a obra. Era o momento em que ele falava em francês, e nos provocava, nos estimulava, fazia perguntas, queria que falássemos uma frase, que ninguém ficasse calado, nem os mais tímidos, nada de passividade, isso nunca. Queria discussão, opiniões diferentes, opostas, ele seguia todas as vozes, e no fim falava ele, argumentando animado, lembrando-se de tudo, de cada absurdo ou intuição ou dúvida (HATOUM, 2000: 188-189).

*soubemos que Antenor Laval estava morto. Tudo isso em abril, nos primeiros dias de abril* (HATOUM, 2000: 189-190).

Ao tomar conhecimento de que a barbárie havia atingido o amigo, Omar sente o impacto e perde a auto-suficiência. Ou melhor, diante da transitoriedade da vida e da inexorabilidade da morte, o Caçula descobre que não mais controla as referências que sempre o guiaram pelo caminho da expansão exponencial dos prazeres e do triunfo da posse transitória.<sup>740</sup>

A morte do amigo o confronta com uma fratura que, embora existisse anteriormente, somente nesse instante torna-se visível: nada é mais assustador para um hedonista do que perceber que o prazer é finito, limitado, temporário. Essa sensação, associada ao pessimismo e a melancolia do/pelo amigo recém-morto, possibilita um momento em que o vínculo afetivo e o sentimento da amizade se colocam acima do perigo e da turbulência política.

*Choveu muito, um toró dos diabos, no dia de sua morte. Mesmo assim, alunos e ex-alunos de Laval se reuniram no coreto, acenderam tochas, e todos tínhamos pelo menos um poema escrito pelo mestre. O coreto estava cheio, iluminado por um círculo de fogo. Alguém sugeriu um minuto de silêncio em homenagem ao mestre imolado. Depois, um ex-aluno do liceu começou a ler em voz alta um poema de Laval. Omar foi o último a recitar. Estava emocionado e triste, o Caçula. A chuva acentuava a tristeza, mas acendia a revolta. No chão do coreto, manchas de sangue. Omar escreveu com tinta vermelha um verso de Laval, e por muito tempo, as palavras permaneceram ali, legíveis e firmes, oferecidas à memória de um, talvez de muitos* (HATOUM, 2000: 190-191).

Nael, espectador furtivo,<sup>741</sup> assistiu a homenagem ao professor morto e, ao ver o rosto emocionado de Omar, declamando os poemas do amigo, rompe com o distanciamento narrativo e

---

<sup>740</sup> Nesse sentido, Omar é um defensor intransigente da falta de responsabilidade moral com as relações sociais da modernidade predatória capitalista. Quase todas as suas relações afetivas são descartáveis, perecíveis, temporárias. “Usuário” dos produtos fornecidos pela prostituição, o seu interesse pelo ser humano, especialmente pelas mulheres, está na diversificação proporcionada pelo “mercado” e pelo “consumo”. Aplicando as regras da “economia de mercado” à sua vida privada, Omar considera que as pessoas, especialmente as mulheres, são “objetos” (ou “coisas”) que devem ser desfrutados intensamente – que devem ser substituídos na medida em que surge o fastio causado pelo uso. Esse estatuto predador, que confunde as relações humanas com o comércio, está consoante com a “modernidade” e serve de argumento contra quaisquer críticas que possam ser feitas à misoginia. Assim, um objeto é substituído por outro objeto, independente de suas características ou qualidades. A ânsia pelo novo – que é a forma com que o velho se apresenta travestido como mercadoria – em lugar de aplacar uma necessidade vital, apenas substitui aquilo que o “mercado” indica como falta, mas que, por isso mesmo, não constitui a supressão dessa falta, apenas a adoção do provisório como estratégia de satisfação de um comportamento provisório.

<sup>741</sup> Nael poucas vezes se apresenta como figura central da narrativa. Controlando o fluxo narrativo, prefere estar presente, mas de uma forma discreta, como um figurante ou um espectador. No entanto, para dar unidade a determinados elementos que poderiam parecer dispersos na narrativa ou para preencher lacunas geradas pelas “outras” vozes, há alguns poucos em momentos em que a narrador em primeira pessoa se confunde com o personagem: *Na manhã da caçada ao mestre eu apanhei a pasta surrada, perdida na beira do lago. Dentro da pasta, os livros e as folhas com poemas, cheias de manchas* (HATOUM, 2000: 190). O momento mais significativo dessa estratégia narrativa está representado na cena em que observa Omar homenagear Antenor Laval.

faz um comentário pessoal, relacionando outras perdas, outras histórias que, através da morte de Laval, afloram na forma de lembranças:

*Por uma vez, uma só, não hostilizei o Caçula, não pude odiá-lo naquela tarde chuvosa, nossos rostos iluminados por tochas, nossos ouvidos atentos às palavras de um morto, nosso olhar na fachada do Liceu, na tarja preta que descia do beiral à soleira da porta. Um liceu enlutado, um mestre assassinado: assim começou aquele abril para mim, para muitos de nós.*

*Não pude odiar o Caçula. Pensei: se toda a nossa vida se resumisse àquela tarde, então estaríamos quites. Mas não era, não foi assim. Foi só naquela tarde*<sup>742</sup> (HATOUM, 2000: 191).

Ao final da cerimônia, muito abatido, ainda sem conseguir atinar sobre os motivos que poderiam justificar a selvageria que vitimou Laval, o Caçula voltou para casa: *entrou na sala, ensopado, descalço, a roupa colada no corpo. Parecia febril, e no rosto dele ainda era visível o luto por Laval* (HATOUM, 2000: 194).

Ao entrar na sala, Omar encontrou Yaqub (que havia chegado de São Paulo) conversando com Domingas.

*O rosto crispado de Yaqub voltou-se para o irmão. Talvez fosse o momento oportuno para se engalfinharem, se esfolarem, os dois em carne viva nas nossas ventas, a minha e a de Domingas. Yaqub balbuciou umas palavras, mas Omar não o encarou: ignorou-o e subiu a escada, apoiando-se no corrimão. A tosse e os passos pesados ecoaram na casa* (HATOUM, 2000: 194).

Seja porque a morte de Laval o abalou profundamente, seja porque queria evitar – naquele momento – o confronto com Yaqub, Omar passou vários dias trancado do quarto, gemendo, gritando, recebendo a atenção de Zana: *“Omar pegou chuva, adoeceu por causa do Laval, aquele poeta doido”* (HATOUM, 2000: 196).

[Omar] *Não esqueceu Laval e continuou confinado mesmo depois da partida do irmão. Havia sinceridade na sua reclusão. Escreveu um “Manifesto contra os golpistas” e o leu em voz alta. Foi um ato corajoso, e deu pena desperdiçar tanta coragem em uma sala quase vazia, porque só eu ouvi as frases ousadas, com tantas palavras duras* (HATOUM, 2000: 203).

---

<sup>742</sup> Não foi só naquela tarde – inclusive porque a vida não se resume àquela tarde. Embora, em várias ocasiões, Nael faça questão de dizer o contrário, ele sempre se condeou pelo Caçula – precisando escolher entre os gêmeos, Nael se identifica mais com a “ovelha negra” do que com o pragmatismo do primogênito.

Nael também sofreu com a morte do professor e, se “irmãna” com Omar no sentimento de perda: *A morte de Laval foi, para Omar e para mim, um golpe. Os gemidos e a reação violenta pareciam exagerados, mas ele sentira a morte do mestre* (HATOUM, 2000: 203).

Nael também sente uma tristeza imensa. Ciente de que a morte de Laval significa algo mais profundo do que o desaparecimento de um professor, Nael é tomado por um profundo mal-estar, de caráter somático. Seja em função da mistura de vários sentimentos dolorosos, seja pela visão impactante da ocupação militar, o filho de Domingas torna-se vítima de alucinações:

*Na tarde em que saímos para fotografar edifícios e monumentos da área central, nós paramos na praça da Matriz e eu me lembrei da missa em memória de Laval, a missa proibida. Enquanto Yaqub fotografava e fazia anotações eu percorri os caminhos da praça, sentei num banco de pedra enredado pelas raízes grossas de um apuizeiro. O calor da tarde me deu tontura, senti a boca seca, os lábios grudados. Não jorrava água da boca dos anjos de bronze da fonte. Perto da igreja, parei para descansar e admirar os pássaros do aviário. Percebi que estavam assustados, voavam enlouquecidos para todo lado, mas logo um zunido de varejeiras me incomodou, um som grave e monótono que foi aumentando, e quando desviei os olhos para a rua, fiquei gelado ao ver um jipe apinhado de baionetas. Pensei em Laval, seu corpo sendo espancado e pisoteado no coreto, e arrastado até a beira do lago. Esperei o veículo desaparecer, mas logo veio outro, e mais outro. muitos, e sons de trovoadas. Os soldados gritavam, davam vivas, uma barulheira de vozes e buzinas alarmou a praça da Matriz. Era um comboio de caminhões que vinha da praça General Osório e ia na direção do roadway. Acompanhei com o rabo do olho a trepidação daquele monstro verde na rua de pedras, senti um mal-estar, uma pontada na cabeça e logo uma ânsia de vômito ao perceber a fila de veículos verdes que parecia não ter fim. O chão trepidava cada vez mais, agora eram sirenes e urros que zuniam na minha cabeça, e baionetas que apontavam para a porta da igreja, onde os meus colegas do liceu erguiam os braços, se atiravam no chão ou caíam, e depois apontavam para Laval, que se contorcia no aviário cheio de pássaros mortos, a mão direita segurando sua pasta surrada, a esquerda tentando agarrar as folhas de papel que queimavam no ar. Eu quis entrar no aviário, mas estava trancado, e ainda pude ver Laval bem perto de mim, o rosto rasgado de dor, o colarinho cheio de sangue, o olhar triste e a boca aberta, incapaz de falar. Ele desapareceu na noite súbita e eu comecei a gritar por Yaqub, gritei como um louco* (HATOUM, 2000: 199-200).

Como o horror não se restringe ao mundo paralelo dos delírios, nem às agruras da realidade, o que há de comovente na indisposição mental e física de Nael é a maneira com que ele, ou melhor, a sua família se julgava imune aos acontecimentos externos.<sup>743</sup> A maneira alienada com que todos se comportam nesse momento delicado da vida brasileira deságua, mais uma vez, na

---

<sup>743</sup> Artur Nestrovski, atento ao caráter alegórico de *Dois irmãos*, destaca uma leitura mais ampla, mais voltada a um entendimento do romance (desse romance em particular) como uma forma sofisticada de depoimento – ficcional – de uma época que se perdeu nas voragens da modernidade: *Que o sol e o calor e a chuva e o cheiro das metáforas se colem ao sol e calor e chuva e cheiro da cidade dá a medida do controle do autor, que se mexe sempre com naturalidade, até no que tem de mais artificial. A ficção seduz primeiro; depois, distancia, com suas repetições e constrangimentos. Os dois irmãos começam a soar como alegorias, emblemas de outras divisões que são tanto universais como muito especificamente nacionais* (NESTROVSKI, 2000: 23).

dicotomia fraterna: enquanto Omar repudia o governo que mandou prender (e depois matar) Laval, Yaqub utiliza suas relações político-militares (“*Já fui militar, sou oficial da reserva*”, *me disse orgulhoso* [HATOUM, 2000: 199]) para obter vantagens e benefícios com a “nova ordem” política.

Situados em pontos extremos, os irmãos, mais uma vez, caminham em direções opostas. No centro, como se não tivessem quaisquer responsabilidades sobre os acontecimentos – e seus desdobramentos – Halim, Zana e Domingas observam a paisagem com olhos de turistas.<sup>744</sup>

*(...) vi minha mãe diante de mim, as mãos no meu rosto quente, os olhos dela arregalados, acesos e tensos. Halim e Yaqub estavam atrás dela e me olhavam assustados. Eu tremia de febre, suave, estava ensopado. Quis saber sobre a missa do mestre, eles desconversaram. Minha mãe não saiu de perto de mim, foi a única vez que a vi noite e dia ao meu lado. Abandonou tudo, toda a labuta diária, nem subiu para ver o Caçula* (HATOUM, 2000: 200).

O delírio de Nael, em parte causado pela morte de Laval, deságua em um detalhe de sua vida pessoal: a maioridade do narrador. A celebração dos dezoito anos de Nael em abril de 1964 aponta, simbolicamente, para um país – gerenciado por pais fracos<sup>745</sup> – que estava momentaneamente doente. A passagem da menoridade à maioridade (ou da doença à vida saudável), intermediada pela presença protetora do engenheiro Yaqub, indica que esse “salto qualitativo” não é circunstancial ou fortuito.

*Nos últimos dias que ficou em Manaus Yaqub me visitou várias vezes. Sentava num tamborete, passava a mão no meu braço e na minha testa, dizia que eu tinha um pouco de febre. Ainda me lembro do seu rosto preocupado, da voz que queria chamar um médico, ele pagaria tudo. Domingas não aceitou, ela confiava no bálsamo de copaíba, nas ervas medicinais. Passei alguns dias deitado, e me alegrou saber que Halim dera mais atenção ao neto bastardo que ao filho legítimo. Ele sequer pisou na soleira da porta do Caçula.*

<sup>744</sup> Para o turista (estereótipo daquele que adota o consumo das imagens como justificativa para o deslocamento geográfico), a singularidade das formas e a beleza de cada paisagem remete a um grau de deslumbramento que anula quaisquer possibilidades de crítica. A profusão do fragmento, multiplicado na avidez do olhar e pela falta de conexões com a história ou o afeto, incentiva a substituição do único pelo múltiplo, gerando a alienação, o descartável e os invólucros do vazio (que se sustentam na aparência de proteger o que não contém).

<sup>745</sup> A metáfora paterna, ao mesmo tempo que está se referindo ao péssimo relacionamento de Halim com Yaqub e Omar ou à maneira com que Nael administra a ausência de seu pai, também pode ser estendida, como interpretação política, aos três Presidentes da República anteriores ao golpe militar de 1964: Juscelino Kubitschek de Oliveira é o típico “pai amigo”, complacente e simpático, para não ser incomodado na sua obsessão pelo progresso deixa o(s) filho(s) fazer(em) tudo o que quer(em); Jânio da Silva Quadros é o “pai carente”, capaz de simular uma renúncia para “voltar carregado nos braços dos filhos”; João Goulart é o “pai sem autoridade”, pois, nos momentos de crise, em lugar de tomar alguma atitude enérgica, aceita negociar com os filhos insurretos (que sempre querem mais do que lhes é ofertado).

Para uma interpretação mais aprofundada da “metáfora fraterna”, ver, entre outros, AZEVEDO, Ana Vicentini de. *A metáfora fraterna na psicanálise e na literatura*. Brasília/ São Paulo: Edunb/Imprensa Oficial do Estado, 2001.

*No meu quarto entrou várias vezes, e numa delas me deu uma caneta-tinteiro, toda prateada, presente dos meus dezoito anos. Nem Yaqub se lembrava da data, mas o que ele não gastou com médico, ofereceu a Domingas, e dessa vez ela aceitou. Foi um aniversário inesquecível, com minha mãe, Halim e Yaqub ao lado da minha cama, todos falando de mim, da minha febre e do meu futuro. (...) [Halim] Ergueu a cabeça quando Yaqub, pronto para partir, entrou no meu quarto. Eu não sabia se ia vê-lo de novo. Ele não gostava de prolongar a despedida; segurou minhas mãos e disse que ia me escrever e enviar livros. Depois apertou a mão do pai, disse que tinha pressa, mas Halim o abraçou com força e começou a chorar, o corpo encurvado, a cabeça apoiada ao ombro de Yaqub, a voz entrecortada balbuciando: “Esta é a tua casa, filho...” (HATOUM, 2000: 200-201).*

A forma carinhosa com que Yaqub cuida de Nael (*passava a mão no meu braço e na minha testa, dizia que eu tinha um pouco de febre. Ainda me lembro do seu rosto preocupado*) projeta, mais uma vez, a questão da paternidade e da filiação: o afeto entre o rapaz sem pai e o homem que “não teve filhos” traça um patamar de intimidade familiar em que as carências latentes de Yaqub e Nael se anulam na medida em que cada um deles oferece ao outro o que a eles se apresenta como falta: *segurou minhas mãos e disse que ia me escrever e enviar livros.*

O relato não esclarece se o bem-estar que Yaqub e Nael causam um ao outro nesse instante estava escorado em questões reais. O filho bastardo, que vive à procura do pai ideal, não perde a oportunidade para tentar esclarecer suas dúvidas com Domingas:

*Tive coragem de lhe perguntar se Yaqub era o meu pai. Eu não suportava o Caçula, tudo o que via e sentia, tudo o que Halim havia me contado bastava para me fazer detestar Omar. Não entendia por que minha mãe não o destratava de vez, ou pelo menos não se afastava dele. Por que tinha que aturar tanta humilhação? Ela pediu que eu descansasse: devia aproveitar esses dias para repousar e ler na cama. “Estás magro, amarelo...”, disse ela, as mãos no meu rosto (HATOUM, 2000: 202-203).*

Sem resposta conclusiva, Nael continua sua procura através do relato. Inclusive porque a partida de Yaqub, o pronto restabelecimento de Nael e o novo ordenamento político do Brasil são prenúncios de que as mudanças serão definitivas e afetarão a todos.

Yaqub, o engenheiro calculista<sup>746</sup> formado na Escola Politécnica da Universidade de São Paulo,<sup>747</sup> alimenta o entendimento de que o Brasil não pode ignorar o crescimento econômico: *Depois me contou sobre o seu trabalho; ia duas vezes por mês ao litoral de São Paulo, onde construía edifícios* (HATOUM, 2000: 197-198). Se houver um preço para que tal perspectiva se concretize, Yaqub não se importa que “progresso” e governo militar possuam uma identidade comum.

Partidário de um tipo de pensamento que se caracteriza por advogar a “neutralidade” do saber técnico,<sup>748</sup> Yaqub não possui interesse na aplicação de programas e projetos públicos voltados para o desenvolvimento social. Em outras palavras, no seu entendimento, não é tarefa do técnico (profissional que “domina um saber específico”, mas não o administra criticamente) defender posições sobre questões subjetivas como a distribuição de renda, assistência de saúde, desemprego ou carência de habitação para as classes trabalhadoras. Ele, o técnico, apenas “executa” o que for decidido em outra esfera, a do poder. Assim, a ciência anula a sua voz no

---

<sup>746</sup> Neste contexto, a expressão “calculista” enseja um trocadilho involuntário. Sabedor de que a aplicação de um material está intimamente relacionada com a sua fadiga, o engenheiro que calcula os limites de resistência das estruturas dos prédios que ajuda a construir, também calcula a forma e o conteúdo da vingança que promoverá contra o irmão – obtendo uma compensação sem substância para os agravos que sofreu ao longo de sua vida. Para Luiz Costa Lima, *Yaqub é a instrumentalidade da razão calculadora que vigia o alegre cemitério dos mortos da terra sem raízes* (LIMA, 2002: 320). Com a mudança política, em 1964, Yaqub não mais precisa efetuar cálculos ou projetos de vingança: o advento do governo militar lhe proporciona as condições ideais para que a armadilha seja a(r)mada e a presa capturada/torturada.

<sup>747</sup> Arthur Nestrovski destaca a relação de Yaqub com o governo militar e o ordenamento ideológico inerente à sua escolha profissional: *O ódio entre os dois reencena lutas arquetípicas; e sugere, a seu modo, a reposição de dominações maiores que um e outro. Yaqub, por certo, não é o único descendente de libaneses formado na Escola Politécnica da USP, com vínculos com a ditadura e fazendo negócios escusos com empreiteiros* (NESTROVSKI, 2000: 23). Sem citar nomes, mas se referindo a um político paulista famoso na história da ditadura militar, aluno de graduação da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, Nestrovski convoca o depoimento da História para confirmar a ficção.

<sup>748</sup> A razão instrumental, que defende soluções “técnicas” para obter uma melhor resolução dos problemas, está situada em posição antagônica a uma postura crítica capaz de analisar as diferenças geradas pelos diversos interesses em cena. Sob as rubricas da “eficiência”, da “produtividade” e da “adoção de políticas de alto rendimento”, tentando se manter a margem de discussões mais comprometidas com questões pouco práticas (leia-se: as relações sociais), os defensores da “instrumentalidade” costumam invocar, como um escudo protetor, a “neutralidade da ciência”. No entanto, como em toda estratégia dissimulada, omitem que, para obterem algumas condições de trabalho, precisam “retribuir a gentileza” não interferindo com o processo decisório (e em suas consequências). Em outras palavras, os técnicos usualmente efetuam uma aliança tácita (ratificando e justificando decisões políticas) com quem administra o poder, independente de posição político-ideológica.

processo social e político e se coloca à disposição de outros “técnicos”: os profissionais da política.<sup>749</sup>

Esse tipo de raciocínio se alimenta de “novos” fantasmas: nas entrelinhas do romance não seria despropositado ler que o caminho escolhido por Yaqub implica em defender todas as decisões do governo militar. Por entender que havia a necessidade de “colocar um pouco de ordem” em um Brasil que, como expressavam as correntes políticas mais reacionárias da época, caminhava em direção ao comunismo (sic), o primogênito de Halim e Zana defende a tese de que qualquer tipo de desenvolvimento econômico precisa ignorar, em primeira instância, as questões sociais, na medida em que o desenvolvimento precisa ser constantemente realimentado por medidas que proporcionem maior empuxo aos programas de expansão dos novos mercados e dos novos investimentos; e isso significa dizer que o atendimento de questões “menores” implica na “fuga de capital”. Assim, utilizando-se de uma visão capitalista predatória, onde a produção e o imediato consumo se apresentam como miragens do bem-estar, da democracia de acesso aos bens de consumo e das liberdades individuais, Yaqub prefere omitir os aspectos negativos causados pelas transformações econômicas que estavam ocorrendo no Brasil e abraça a noção de progresso com a mesma felicidade religiosa de quem acredita estar ingressando no Paraíso.

Coerente com essa postura, Yaqub é um utilitarista; ou seja, suas posturas estão estruturadas na razão normatizadora, monológica: a do sujeito que calcula, classifica e subjuga. Por isso, ele não vê nenhuma incongruência na ocupação física da cidade pelo militares, em abril de 1964. Aliás, esse acontecimento o deixa feliz.

*O pai reclamava que a cidade estava inundada, que havia correria e confusão no centro, que a Cidade Flutuante estava cercada de militares.*

*“Eles estão por toda parte”, disse, abraçando o filho. “Até nas árvores dos terrenos baldios a gente vê uma penca de soldados...”*

*“É que os terrenos do centro pedem para ser ocupados”, sorriu Yaqub. “Manaus está pronta para crescer” (HATOUM, 2000: 196).*

---

<sup>749</sup> Jean-Pierre Dupuy argumenta criticamente contra esse método de ação da ciência, pois implica no abandono de uma postura política como ferramenta capaz de propor modificações nas relações sociais. Ao mesmo tempo, alerta sobre a falácia que eleva a técnica a um parâmetro catastrófico: *A presunção fatal consiste em acreditar que a técnica, que destronou o sagrado, o teatro e a democracia, poderá desempenhar o papel que estes tinham quando a capacidade de agir só dizia respeito às relações humanas. Acreditar nisso é ficar prisioneiro de uma concepção da técnica que vê nessa uma atividade racional, submetida à lógica instrumental, ao cálculo dos meios e dos fins. Mas a técnica é hoje, precisamente, essa capacidade de desencadear processos sem retorno. Ela pertence mais ao domínio da ação do que ao da fabricação. Abandonar-se ao otimismo cientista, que conta unicamente com a técnica para nos tirar dos impasses em que ela nos colocou, é correr o risco de engendrar monstros que nos irão devorar (DUPUY, 2007: 428).*



Enquanto as forças militares paralisam a cidade, Yaqub efetua, como se tivesse cansado de esconder seus verdadeiros interesses, a subtração de duas f(r)ases emblemáticas. A noção de coletivo (*Manaus está pronta para crescer*) fica em segundo plano quando comparada com interesses específicos (*os terrenos do centro pedem para ser ocupados*).<sup>750</sup> Associando o “progresso” e o controle territorial, Yaqub identifica comprometimento profissional e ideológico com o capitalismo predatório. “Ocupar” é a palavra-chave, ferramenta que determina o comportamento voraz daqueles que dividirão entre si o que, em momento anterior, era propriedade de outros.

Simultaneamente, Yaqub toma consciência de que, pela primeira vez em sua vida, está ao lado daqueles que ditam as regras e fazem-nas serem cumpridas: “*Yaqub não se intimidou com os veículos verdes que cercavam as praças e o Manaus Harbour, com os homens de verde que ocupavam as avenidas e o aeroporto. Nem mesmo um diabo verde o teria intimidado*” (HATOUM, 2000: 198-199).

Também não houve nada que fosse capaz de o intimidar quando ele se intrometeu nas negociações entre Omar e Rochiram.

*Então, num sábado, pouco depois do anoitecer, o Caçula entrou em casa acompanhado por um homem. Todo mundo escutou a voz de Omar. Zana foi atraída por um sotaque estranho. O filho, tão cedo em casa, e com um desconhecido! A conversa entre os dois foi se prolongando, até que Zana desceu, cumprimentou a visita e foi ao quintal: queria que minha mãe a ajudasse a preparar um lanche. Domingas sentia-se indisposta e implicou com o visitante desde que o viu sentado no sofá cinzento, o olhar ávido no rosto plácido. Ela não gostou de ver um intruso sentar-se no lugar de Halim. E a birra de Domingas me pareceu uma premonição.*

*Rochiram, o visitante, era um indiano que falava devagar, sussurrando em inglês e espanhol as frases que pensava dizer em português. Quando abria a boca, dava a impressão de que ia contar um grande segredo. O Caçula se encontrara com ele no bar do Hotel Amazonas, onde os músicos do Trio Uirapuru tocavam boleros e mambos aos sábados. Reparei com curiosidade no homenzinho moreno, nariz de filhote de tucano, calça, camisa e sapatos ordinários. Mas o anel de ouro e rubi na mão direita valia mais que uma década de labuta de um homem comum. No rosto surgia um sorriso pensado,*

<sup>750</sup> A “ocupação dos espaços” em Manaus (um eufemismo para o crescimento desordenado da cidade, que vai acumulando destroços e ruínas pelas ruas que vão sendo construídas em espaços que antes constituíam a floresta), aparece de forma fragmentada em diversas passagens de *Dois irmãos*. Mas, contrariando o *chiaroscuro* da diluição e da dispersão proposta pela narrador, que parece considerar a demografia e o urbanismo assuntos secundários, embora eles sejam citados várias vezes, há um trecho emblemático, onde se misturam um protesto tímido contra a usurpação territorial e um pouco de saudosismo por um tempo que não mais pode ser recuperado, exceto como produto da memória: *Na noite da inauguração da Casa Rochiram, um carnaval de quinquilharias importadas de Miami e do Panamá encheu as vitrines. Foi uma festa de estrondo, e na rua uma fila de carros pretos despejava políticos e militares de alta patente. Diz que veio gente importante de Brasília e de outras cidades, íntimos de Rochiram. Do lado de fora, a multidão boquiaberta admirava as silhuetas brindando nas salas fosforescentes. Muitos permaneceram no sereno, esperaram o amanhecer e abocanharam as sobras da festança. Manaus crescia muito e aquela noite foi um dos marcos do fausto que se anunciava* (HATOUM, 2000: 255-256).

*maquinal, e quase tudo no seu corpo contrariava a espontaneidade. Esse homem de gestos ensaiados, observou a casa e seus recantos; notou que estava cativando Zana, e que uma confiança mútua era possível. Então passou a freqüentar a casa, sempre acompanhado por Omar. Trazia presentes para Zana: vasos chineses, bandejas de prata, estatuetas indianas. Minha mãe, mal-humorada, servia guaraná e logo se afastava do intruso (HATOUM, 2000: 225-226).*

A antipatia que Rochiram causou em Domingas (*implicou com o visitante desde que o viu sentado no sofá cinzento*) não é levada em consideração pelos donos da casa. Assim como Cassandra,<sup>751</sup> Domingas prevê o futuro – mas não consegue convencer os envolvidos da correção de sua previsão. Nael é o único a lhe dar algum crédito: *Ela não gostou de ver um intruso sentar-se no lugar de Halim. E a birra de Domingas me pareceu uma premonição*. O fato concreto é que a opinião da empregada não possui consistência no ordenamento geral da rede que começa a ser armada em torno de interesses comerciais.

*Aos poucos, Zana saiu da clausura, destravou a língua, se interessou pelo amigo do filho. Quando o Caçula não estava por perto, ela mencionou o nome do outro, mostrava as fotografias de Yaqub: “É um grande engenheiro, um dos maiores calculistas do Brasil”. Sempre disfarçava ao escutar os passos de Omar na escada: “Meu filho está menos desleixado... Olha só o que uma amizade pode fazer” (HATOUM, 2000: 226).*

*Quando o Caçula não estava por perto, ela mencionou o nome do outro*. Mencionou o nome do outro e fez elogios à capacidade profissional de Yaqub. Essa cena anacrônica, aparentemente fora de propósito, enseja várias perguntas:

- 1) Acaso Zana se esqueceu que os gêmeos administravam, com tréguas que duram intervalos imprecisos, uma espécie de “guerra civil” particular?

---

<sup>751</sup> Cassandra é uma das mais famosas profetizas da Grécia Antiga. Filha de Príamo e de Hécuba, últimos reis de Tróia, é irmã gêmea de Heleno. Entre os seus inúmeros irmãos também estão Heitor (provavelmente o maior herói da Guerra de Tróia) e Páris (que foi o causador da Guerra, quando raptou Helena, esposa de Menelau, rei de Esparta).

Uma lenda muito difundida conta que, logo depois do nascimento de Cassandra e Heleno, os gêmeos foram esquecidos durante uma noite no templo de Apolo Timbreu (que ficava fora das muralhas de Tróia). Na manhã do dia seguinte, as crianças foram encontradas dormindo, enquanto eram lambidas por duas serpentes. Posteriormente, os gêmeos revelaram o dom da profecia (Cassandra fazia previsões, Heleno interpretava aves e sinais exteriores).

Uma das versões mais populares sobre a forma com que Cassandra tornou-se uma grande profetiza é um pouco diferente. Apolo, apaixonado por Cassandra, prometeu lhe ensinar as ciências adivinhatórias se ela cedesse aos seus desejos. Cassandra aceitou a proposta, mas depois que dominou o saber, se recusou a cumprir com a sua parte no acordo. Apolo, furioso, cuspiu em sua boca, retirando-lhe não o dom da profecia, mas o da persuasão. Ou seja, independente do que previsse, ninguém acreditaria nela. Com o saque de Tróia, Cassandra foi entregue, como escrava, para Agamémnon – que também se apaixonou furiosamente por ela. Foi morta em Micenas por Clitemnestra (esposa de Agamémnon e irmã “gêmea” de Helena, Castor e Pólux). Para maiores informações, ver, entre outros, GRIMAL, Pierre. *Dicionário de mitologia grega e romana*. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2000, p. 76-77.

- 2) Por vias pouco claras, completamente equivocadas, talvez fruto do remorso, Zana estava planejando alguma tentativa de reconciliação entre os irmãos?
- 3) Ou, pior ainda, Zana não confia na capacidade de trabalho de Omar e, pressentindo o futuro, solicita, de maneira velada, a interferência do gêmeo “inteligente”?

Se qualquer uma dessas hipóteses estiver remotamente próxima da verdade, então se justificam as apreensões de Omar:

*(...) tinha pressa de ir embora com Rochiram. Zana insistia para que ficassem mais um pouco, Omar recusava, ele e o indiano tinham que ir a vários lugares. Quais? Ele não revelava. Ficou pálido na manhã em que Rânia convidou Rochiram a almoçar em casa. durante o almoço, ele esfregava as mãos, nervoso, temendo que a mãe mencionasse o nome de Yaqub. Rânia tentou distraí-lo, e ele chegou a ser áspero com a irmã e reticente com Rochiram. Só falou, sem disfarçar o mau humor, no fim da refeição, quando o visitante comentou que queria construir um hotel em Manaus. “Estou ajudando o seu Rochiram a encontrar um terreno perto do rio”, Omar disse antes de sair da mesa, seco (HATOUM, 2000: 226-227).*

Domingas se recusa a participar do almoço. De uma maneira muito pessoal protesta contra a presença do indiano dentro da casa. E, conversando com Nael, faz mais um vaticínio: “*O Caçula nem parece ser ele mesmo. Está enroscado, não sabe para onde ir...*” (HATOUM, 2000: 227).

Omar, quando percebe a ausência de Domingas, vai falar com ela.

*Perguntou-lhe se ela estava desconfiada de alguma coisa. Minha mãe não lhe revelou nada. Disse: “Não gosto do teu amigo. Na primeira vez que ele veio aqui, eu sonhei com Halim”. Omar não quis ouvir, fugia da sombra do pai, evitava o encontro até nos sonhos dos outros. Não trouxe mais Rochiram para dentro de casa: esperava-o na calçada e saía às pressas. Escondia-se com o indiano, vivia desconfiado, olhando de esguelha para a mãe, seguindo-lhe os passos, amoitando-se para escutar algum segredo. Mais tarde eu soube do que Omar desconfiava (HATOUM, 2000: 227).*

Por fim, as palavras de Domingas começam a fazer sentido. Rochiram, mais do que simbolizar a discórdia, é o instrumento que a possibilita. E a mão que instrumentaliza mais uma etapa da tragédia fraterna é a da mãe dos gêmeos.

Zana me pediu que datilografasse uma carta para Yaqub. Trouxe uma máquina de escrever para o meu quarto e começou a dizer o que tinha em mente. Falou do amigo de Omar, um magnata indiano que pretendia construir um hotel em Manaus. Os dois filhos podiam trabalhar juntos: Yaqub faria os cálculos do edifício, Omar poderia ajudar o indiano em Manaus. Ela mesma já havia conversado com Rochiram, pedira-lhe segredo sobre o assunto. O seu grande sonho era ver

os filhos reconciliados. Ela só pensava nisso, e desde a morte de Halim acordava no meio da noite, assustada. Quem ia entender a falta que Halim lhe fazia? A dor que ele deixou. Não queria morrer vendo os gêmeos se odiarem como dois inimigos. Não era a mãe de Caim e Abel. Ninguém havia conseguido apaziguá-los, nem Halim, nem as orações, nem mesmo Deus. Então que Yaqub refletisse, ele era instruído, cheio de sabedoria. Ele tinha realizado grandes feitos na vida. Que a perdoasse por tê-lo deixado viajar sozinho para o Líbano. Ela não deixou Omar ir embora, pensava que longe dela ele morreria.

*Zana insistiu no assunto, recorrendo a circunlóquios e reticências. Eu ouvia a voz da mãe culpada, cheia de remorsos, e escrevia. Às vezes ela me perguntava se as palavras não a estavam traindo. Em êxtase de mea-culpa, me olhava como se estivesse na presença de Yaqub. E durante uma pausa, parecia esperar uma resposta, temendo que o filho silenciasse (HATOUM, 2000: 227-228).*

A ingenuidade (ou o início da senilidade) de Zana é assustadora. Completamente ausente da realidade objetiva, a matriarca insiste em imaginar um mundo paralelo, onde o bom-senso e a lealdade familiar são virtudes consagradas. Ao dizer que *Não era a mãe de Caim e Abel*, Zana se omite da responsabilidade de ter incentivado uma versão patética da história de Esaú e Jacó. Por isso, não é capaz de entender que está em contradição quando solicita ao primogênito (*que Yaqub refletisse, ele era instruído, cheio de sabedoria*) algo que está fora do alcance de Yaqub: esquecer todo um passado repleto de ofensas e humilhações.

*Assinou o nome em árabe, enviou a carta e passou os dias seguintes remoendo cada linha que havia ditado. Duvidava das próprias palavras, não sabia se havia descaso ou exagero no teor da carta, se o filho ia entender o que ela havia lhe pedido: perdão. Dei-lhe o esboço do manuscrito, que ela lia em voz baixa. Numa tarde, sozinha na sala, eu a vi lendo a carta para um Halim imaginário. Depois da leitura, perguntou: Yaqub vai entender? Vai perdoar a mãe dele? (HATOUM, 2000: 228).*

Abertas as comportas da represa, segue-se a inundação da planície. Zana somente percebe o quanto estavam equivocadas as suas “boas intenções” no momento em que recebe a resposta de Yaqub.

*Então, quase um mês depois, Rânia entregou à mãe um envelope que Yaqub enviara à loja. Era uma carta de poucas linhas. Ele não aceitou nem recusou qualquer perdão. Escreveu que o atrito entre ele e Omar era um assunto dos dois, e acrescentou: “Oxalá seja resolvido com civilidade; se houver violência, será uma cena bíblica”. Mas Terminou a carta com um abraço, sem adjetivo ou aumentativo. A mãe leu em voz alta essa palavra*

e murmurou: “Eu peço perdão e ele se despede com abraço” (HATOUM, 2000: 228-229).

“Eu peço perdão e ele se despede com abraço”, murmura Zana, decepcionada com o fecho pouco amistoso da carta de Yaqub. Suas esperanças de recompor o mundo familiar, de acabar com o atrito entre os filhos se transformam em fumaça. Mas não são as palavras pouco afetivas de Yaqub que a incomodam – a relação entre a mãe e o filho nunca foi calorosa. Perturbadora é a ameaça explícita de violência física: *Escreveu que o atrito entre ele e Omar era um assunto dos dois, e acrescentou: “Oxalá seja resolvido com civilidade; se houver violência, será uma cena bíblica”*.

Talvez para compensar o fracasso causado por sua carta, Zana toma providências para tentar prevenir a ameaça:

*No entanto, a menção da Bíblia deixou-a mais preocupada. Ela percebeu que Omar havia afastado Rochiram da casa, percebeu a suspeita do filho, sempre à espreita, rondando mãe e filha. Pediu a Rânia que contasse tudo ao Caçula. A irmã mostrou-lhe a carta de Yaqub: não era uma trama da mãe, mas uma tentativa de unir os filhos. Omar leu a carta e começou a rir como se estivesse caçoando de todos. Mas o tom de zombaria se desfez: “O que o sabichão quer dizer com cena bíblica, hein, Rânia? O que o teu irmão entende de civilidade?” (HATOUM, 2000: 229).*

Ao enunciar uma “cena bíblica”,<sup>752</sup> Yaqub, condescendente, antevê a tragédia como figura alegórica, como lição a ser ensinada. O primogênito, fazendo uso da investidura cultural de representante vivo do pai morto, convoca para si a responsabilidade de gerenciar o universo familiar de acordo com a sua vontade. E espera que todos se submetem ao seu mando. É isso o que sugere quando responde sucintamente a carta da mãe. É isso que proclama quando encerra a carta sem qualquer intimidade (*Terminou a carta com um abraço, sem adjetivo ou aumentativo*).

Em contrapartida, ao perguntar “O que o sabichão quer dizer com cena bíblica, hein, Rânia? O que o teu irmão entende de civilidade?”, Omar zomba dos valores de Yaqub, pois se recusa a acreditar que o irmão – que sempre “fugiu” de todos os embates – seja capaz de uma atitude “masculina”.<sup>753</sup> Pelo olhar de Omar, Yaqub jamais será capaz de sujar as próprias mãos com o sangue necessário em uma encenação “bíblica” (Caim e Abel, Esaú e Jacó).

---

<sup>752</sup> Embora o nome de quase todos os personagens de *Dois irmãos* indiquem procedência árabe (Halim, Zana, Yaqub, Omar, Rânia), há inúmeras referências à religião católica. As raízes maronitas (libaneses católicos) da família são recuperadas com citações sobre Abel e Caim, Esaú e Jacó e o “filho pródigo”, entre outros mitos judaico-cristãos.

<sup>753</sup> O masculino e o feminino, principalmente quando tomados em seus aspectos mais irrelevantes, estão sempre presentes nos embates fraternos. Para Omar, cuja “masculinidade” está à flor da pele (dezenas de amantes, consumo

Em oposição à inteligência matemática de Yaqub, apesar do desconhecimento das sutilezas bíblicas que os dois irmãos apresentam, Omar possui um entendimento prático da vida <sup>754</sup> – e isso significa que, para poder sobreviver no espaço social, precisa se opor a quaisquer propostas (de conciliação, de parceria econômica) que envolvam o irmão. Além disso, no caso de um choque fraterno imediato, o Caçula está convicto de estar do lado vencedor em uma reinterpretação do mito de Esaú e Jacó, pois conta com a proteção da mãe.

*(...) “Não sei”, disse ela. “Sei que vocês podem trabalhar juntos numa construtora...”.*  
*“Construtora?”*, Omar interrompeu, enfezado, dizendo, aos berros, que ele conhecera Rochiram, ele trouxera o indiano para casa e fora atrás de um terreno para o hotel. Parecia irritado com a insistência da irmã, aferrada à idéia de que poderia apaziguar os gêmeos (HATOUM, 2000: 229).

Seja por inocência, ingenuidade ou distração, seja porque a presença simultânea dos dois irmãos lhe causa uma estranha forma de prazer (flertando com a excitação causada pela possibilidade de burlar o interdito sexual), seja porque omite (consciente ou inconscientemente) os interesses fraternos e econômicos que estão em jogo, Rânia, assim como Zana, gostaria que os irmãos se reconcilhassem:

*Rânia queria os irmãos perto dela, desejava a intimidade de ambos. A intimidade e a compulsão pelo trabalho dariam muito mais sentido à sua vida. Todo o seu empenho para acalmar Omar foi em vão. Ela pensava que cedo ou tarde ele ia cair de beijo nos braços morenos e roliços; que os dois iam se aninhar na rede como amantes depois de uma discussão. Ele não cedeu ao feitiço* (HATOUM, 2000: 229).

Além de resistir aos encantos da irmã, Omar retorna aos velhos hábitos: transgride as regras sociais, ofende as pessoas, ignora responsabilidades, volta a freqüentar prostíbulos e, para incômodo geral, esbanja dinheiro. Como um autista emocional, todas as suas ações nesse momento

---

maciço de álcool, desapego material, ausência de sofisticação social), a forma com que o irmão se comporta está atrelada a aspectos femininos (amor aos livros e ao estudo, casamento estéril, ganância econômica, ascensão social).

<sup>754</sup> Falta de estudos acadêmicos não implica em anti-intelectualismo ou em ignorância. Omar é, ao seu modo, um homem instruído, capaz de efetuar uma “leitura” empírica dos avanços da barbárie (que travestida de “progresso”, procura destruir tudo o que possa lhe parecer oposição). Ao contrário de Yaqub, que se coloca a serviço da eficiência do “mercado”, Omar faz questão de explicitar a sua inadequação ao mundo competitivo. *Flâneur* fora de moda, *voyer* e crítico (na medida em que nega legitimar um estilo de vida que se opõe a sua natureza) da mediocridade consumista, Omar desliza pelas ruínas do capitalismo, desviando dos escombros, tentando se manter à margem da destruição progressiva proposta pelo desenvolvimento econômico. Provavelmente essa é a sua desgraça e a sua condenação, pois no entendimento de Artur Nestrovski, *Omar (convenientemente anagramático de “amor”) é o homem que “quer sentir emoção em cada instante da vida”, pouco a pouco reduzido a um boneco de paixões negativas e um emblema da falta de propósitos* (NESTROVSKI, 2000: 23).

visam obter, de forma absolutamente egoísta e imediatista, a fruição do prazer – inclusive o prazer de negar prazer aos outros.

*Nós o víamos esbanjar o dinheiro que ganhara com a comissão de venda do terreno do hotel. As garrafas de bebida cara que ele entornava e depois jogava no quintal e no piso do alpendre! Os presentes que comprava para namoradas e deixava em qualquer lugar, esquecidos, como se fossem inúteis ou como se nada disso tivesse mais importância. O vestido de linho e as duas blusas de seda chinesa que deu a Domingas, dizendo-lhe: “Agora podes jogar no lixo os trapos que te mandaram de São Paulo”. Não se dirigia às outras mulheres, e, sem mais nem menos, na presença da mãe, explodia, colérico: “Uma cena bíblica, não é? Então vamos ver se o sabichão conhece mesmo a Bíblia?” (HATOUM, 2000: 229-230).*

Algum tempo mais tarde, comprovando o desmoronamento do que até então era contenção, a segunda ameaça expressa na carta de Yaqub (*ele se interessou pela construção do hotel, ignorando a participação do irmão*) perde o caráter abstrato da intimidação e adquire as formas tangíveis que caracterizam o medo:

*Eu estava alheio ao que vinha acontecendo nas últimas semanas, não conseguia escutar os cochichos entre Zana e Rânia, nem decifrar os gestos e olhares que trocavam, mas escutei o nome de Yaqub e do hotel em que ele estava. Estranhei que se hospedasse num lugar tão modesto, na verdade uma casa malconservada numa das áreas mais antigas de Manaus. (...) O hotel, escondido no fim de uma rua estreita, parecia longe da multidão e da zoadada do centro, agora cheio de lojas que abriam da noite para o dia. Yaqub estava ali, naquela rua pacata e sinuosa, tão anônimo quanto seus moradores assustados com a azáfama da cidade (HATOUM, 2000: 230).*

A presença de Yaqub em Manaus está contraposta a uma informação geopolítica significativa: o primogênito prefere, estrategicamente, se hospedar em uma pensão, longe da casa familiar. Yaqub, com intenções bélicas e preparado para o combate decisivo, adota um procedimento militar básico: estabelece a sua base de operações em local independente, onde a mobilidade de suas forças não será tolhida por sentimentos ou pela proximidade das tropas inimigas.

*Todos na casa pareciam tomados por um mal-estar. Zana e Rânia só discutiam a portas fechadas; perto de mim, trocavam palavras com sussurros suaves, de voo de borboleta. Foram cinco ou seis dias assim, e me lembro que numa quinta-feira choveu a noite toda, e a casa amanheceu com goteiras. Do teto da sala escorriam fios grossos de água suja, e o quintal transformou-se num aguaceiro (HATOUM, 2000: 231).*

O narrador, que em vários trechos do romance mostra simpatias pelo estilo barroco, não resiste ao uso abusivo das figuras de linguagem e, colando uma imagem na outra, adverte aos leitores: a tempestade climática antecipa a tempestade familiar.

*No meio da manhã um sol fraco aclarou a cidade, a folhagem esverdeou com mais brilho e uma aragem morna movia as folhas graúdas da fruta-pão. Na casa, silêncio: Zana tinha ido confidenciar com a filha na loja. Domingas foi mudar de roupa. Ao sair do quarto, usava um vestido novo, estava perfumada, os lábios pintados de batom vermelho. O olhar não escondia sua apreensão. Vi seu rosto crispado voltado para a sala: Omar acabara de descer e tomava um copo de café. Era raro vê-lo de pé tão cedo. Não tocou no manjar preparado todas as manhãs para ele. Rondou a sala, subiu estabonado e bateu com força na porta do quarto de Zana. Quando desceu, nem olhou para Domingas: avisou que não voltaria para o almoço. Saiu despenteado, malvestido, carrancudo. Minha mãe seguiu com o olhar aquele corpo cambaleante que pisava o assoalho como se desse patadas. Ela ficou entre o quarto e a cozinha, indecisa, até erguer a cabeça e dizer: “Esse tempo ainda está feio” (HATOUM, 2000: 231-232).*

*Esse tempo ainda está feio*, balbucia Domingas. Assim como Zana e Rânia, Domingas também gostaria que os irmãos fizessem as pazes; assim como Zana e Rânia, Domingas se sente incapaz de impedir o confronto entre Yaqub e Omar. Sem poder fazer nada, exceto esperar, Domingas adota uma estratégia analgésica: esconde o nervosismo com observações triviais.

*Antes das onze Yaqub apareceu: não ia demorar, só uma visitinha para matar a saudade e rever a casa antes de voltar para São Paulo. Vestia uma roupa comum. O cabelo preto penteado para trás, o corpo ereto e a expressão saudável o faziam bem menos envelhecido que o Caçula. Trouxera livros de matemática para mim e roupa para Domingas. Não perguntou por Zana. Disse: “Passei no cemitério, fui ver o túmulo...”. não terminou a frase. Disfarçou, olhou para mesa cheia de frutas e quitutes do café da manhã e perguntou com uma ponta de ironia: “Tudo isso só para mim?”. Sentou-se, comeu o que o irmão deixara intocado (HATOUM, 2000: 232).*

Ao pisar no território do “inimigo”, Yaqub pergunta, *com uma ponta de ironia*: “Tudo isso só para mim? Mostrando estar corroído pelo ressentimento,<sup>755</sup> Yaqub se refere a uma cena especular ocorrida 20 anos antes, que embora esteja perdida no passado daqueles que a

---

<sup>755</sup> O ressentimento (...) é uma cobrança indireta de um bem cedido ao outro por submissão ou covardia. Instalado no lugar do queixoso, o ressentido (...) acusa. Sua reivindicação não é clara: ele não luta para recuperar aquilo que cedeu e sim para que o outro reconheça o mal que lhe fez. No entanto, não espera reparação: o que ele quer é uma espécie de vingança. Uma vingança imaginária, escreve Nietzsche. Uma vingança sempre adiada, que ele prefere gozar na fantasia a executar.

O aspecto clínico do ressentimento articula-se a um aspecto ético, que Freud batizou de “covardia moral”. O ressentido seria aquele que renuncia a seu desejo em nome da submissão a um outro (identificado desde o lugar do supereu), mas depois vem cobrar, insistentemente, pelo desejo negado. Ele não se arrepende – ele acusa. O afeto do ressentido, mantido laboriosamente pelo sujeito, faz função de resistência, a um só tempo: 1. Contra o desejo recusado; 2. Contra o arrependimento ou outra expressão da responsabilidade do sujeito pela recusa; 3. Contra os “maus sentimentos” vingativos que o ressentido, que se imagina melhor que os demais, não quer admitir – aqui se encontra o elemento narcísico do ressentimento (KEHL, 2004: 19-20).



presenciaram, sempre esteve presente na sua lembrança (*“Obrigado pela festa”, disse ele [Omar], com um quê de cinismo na voz. “Sobrou comida para mim?”*[HATOUM, 2000: 24]). Depois, sem deixar espaço para qualquer resposta, transformando um questionamento despropositado em pergunta retórica, realiza uma ação de rapina alimentar: *Sentou-se, comeu o que o irmão deixara intocado.*

*(...) depois me chamou, abriu uma pasta e estendeu sobre a mesa folhas de papel com desenhos de vigas, colunas e malhas de ferro. (...) Disse que havia esboçado os cálculos da estrutura de um grande edifício que seria construído em Manaus (HATOUM, 2000: 232-233).*

Domingas, ao longe, se alegra ao ver que Yaqub e Nael estão conversando, estabelecendo vínculos. Por isso se aproxima dos dois homens: agrada-lhe ver o desenvolvimento da amizade entre os seus dois “filhos”, agrada-lhe ver que o filho adotivo nutre bons sentimentos pelo filho biológico. Ao mesmo tempo, como o mistério da paternidade de Nael jamais será esclarecido integralmente, há a possibilidade de que lhe agrade ver o pai e o filho conversarem.

Essa alegria se transforma em apreensão quando, mais tarde, Yaqub revela para Domingas as suas últimas ações. Domingas percebe que, mais uma vez, o equilíbrio fraterno foi rompido. Pede para que Yaqub vá embora imediatamente – e com a veemência de quem pede a ingestão de algum remédio segundos antes da doença se manifestar:

*Os dois foram para o quintal e enquanto conversavam ele acariciava uma fruta-pão. A mão ia da fruta esférica ao queixo de Domingas, ele ria com vontade, com ar de triunfo, e naquele momento eu o vi mais íntimo de minha mãe. Quando a enlaçou, Domingas não disfarçou a apreensão: disse que ele devia ir embora. Yaqub franziu a testa: “Estou na minha casa, não vou fugir...”. Minha mãe implorou: que saíssem juntos, dessem uma volta. Ele sentou na rede, chamou-a para junto dele, ela não quis. Agora parecia aflita, não tirava os olhos da sala, do corredor. Não falaram mais nada (HATOUM, 2000: 233).*

Para algumas situações não existem antídotos. A “doença” chegou célere, furiosa, devastadora. Omar anunciou que a trégua havia acabado e que ninguém, desta vez, conseguiria evitar que ele, o Caçula, promovesse a “cena bíblica”.

*Então eu o avistei: mais alto que a cerca, o corpo crescendo, se agigantando, a mão fechada que nem martelo, o olhar alucinado no rosto irado. Arfava, apressando o passo. Quando gritei, Omar deu um salto, ergueu a rede e começou a socar Yaqub no rosto, nas costas, no corpo todo. Corri para cima do Caçula, tentando segurá-lo. Ele chutava e esmurrava o irmão, xingando-o de traidor, de covarde. Alguns moradores do cortiço encheram o quintal e se aproximaram do alpendre. Com um gesto brusco eu agarrei a*

*mão de Omar. Ele conseguiu se livrar de mim. Percebeu que estava cercado por vários homens e foi se afastando devagar, de olho na rede vermelha. Ainda o vi correr até a sala e rasgar com fúria as folhas do projeto; rasgou todos os desenhos, jogou a louça no assoalho e desabalou pelo corredor (HATOUM, 2000: 233-234).*

O Caçula nunca foi homem de meios-termos ou de sutilezas: a mão pesada de Omar atinge Yaqub, cobrando em sangue a afronta. Causar dor física é o único remédio capaz de aplacar o ódio que ele sente pelo irmão. Surpreso com a violência e a força do Caçula, Yaqub não consegue reagir. Se não fosse a intervenção de Nael e dos vizinhos, provavelmente haveria uma repetição do desfecho do conflito entre Caim e Abel.

*Yaqub se contorcia na rede, não conseguia levantar. O rosto dele inchou, a boca não parava de sangrar, os lábios cheios de estrias e caroços. Ele gemia, apalpando com a mão direita a testa, as costas e os ombros. Eu e dois moradores do cortiço ajudamos a tirá-lo da rede, ele mal conseguia andar. Dois dedos de sua mão esquerda pareciam ganchos, e o corpo, curvado, tremia. Domingas o acompanhou a um hospital, e antes de sair me pediu para limpar a mesa, jogar no lixo a louça quebrada e pôr a rede de molho no tanque. Escondi no meu quarto as folhas rasgadas do projeto de Yaqub. Quando minha mãe voltou, se apressou para enxagüar a rede e estendê-la no quarto dela. Abandonou a cozinha, não quis preparar o almoço. Disse que o estado de Yaqub não era grave: a mão esquerda, sim, em frangalhos, dois dedos fraturados. Ia perder uns três dentes, o rosto estava irreconhecível, ele sentia dores terríveis nas costas e nos ombros. Pedira a Domingas que calasse o bico, que inventasse, dissesse a Zana: “O teu filho teve que viajar às pressas para São Paulo” (HATOUM, 2000: 234).*

Zana não acreditou na viagem repentina de Yaqub. *Teve que viajar às pressas? Por quê? Zana repetia a pergunta, como se da repetição fosse surgir uma resposta. Ela perguntava por Yaqub, mas buscava Omar (HATOUM, 2000: 235).* Procurava pelo Caçula, pelo menino doente, pelo filho que precisava de proteção, de muita proteção materna. Além disso, Zana estava consciente de que, por sua causa, Omar havia perdido a cabeça, espancado Yaqub – e agora estava em dificuldades.

*O sonho de Zana, desfeito: ver os filhos juntos, numa harmonia impossível. Ela relembrava o seu plano, minucioso e sagaz. “Meus filhos iam abrir uma construtora, o Caçula ia ter uma ocupação, um trabalho, eu tinha certeza...” Chamava minha mãe para perto dela, dizia: “O Omar perdeu a cabeça, foi traído pelo irmão. Sei de tudo, Domingas... ignorou o meu Caçula, estragou tudo...”. Domingas ouvia e se afastava, deixava a outra sozinha, maldizendo a trama de Yaqub (HATOUM, 2000: 236).*

Omar nunca mediu as suas ações pelas escalas da prudência e da sensatez. Por isso, não ficou satisfeito em espancar o irmão gêmeo pela manhã. Consoante com o comportamento dos

coléricos – que nunca consideram limites para a prática da fúria –, Omar, no meio da tarde invadiu o hospital em que Yaqub havia sido internado. Possivelmente queria tomar satisfações, ou, quiçá, agredir um pouco mais o irmão.

*Depois Rânia soube que Yaqub, no dia que havia sido espancado, ia passar uma noite no hospital em Manaus. Esteve lá, mas foi obrigado a viajar de volta para São Paulo. Saiu para o aeroporto na boca da noite, escondido, acompanhado por um médico. É que no meio da tarde daquele mesmo dia, o Caçula irrompeu no hospital e por pouco não agrediu outra vez o irmão. Yaqub gritou ao ver o irmão na enfermaria. O Caçula foi expulso do hospital, arrastaram-no na marra até a rua, e ele saiu cambaleando no mormaço. Ainda o viram entrar na Cabacense para tomar um trago. Contou numa roda de homens a recente façanha, contou com voz de escárnio, embrutecida. Depois desapareceu (HATOUM, 2000: 257).*

Dois dos vórtices expressivos da vida de Omar foram resolvidos de forma violenta. Assim como havia agredido Bolislau, o professor de matemática, também arrebentou com Yaqub, o seu discípulo favorito; assim como contou para Antenor Laval o motivo de sua expulsão do colégio salesiano, também contou – para quem quisesse ouvir – na Cabacense o que havia feito ao irmão. Para Omar, não basta produzir a dor, é necessário ouvir os gemidos. É a repercussão de suas façanhas que o estimula para produzir novas agressões.

Entretanto, essas aventuras audaciosas, muito semelhantes a conquistas infanto-juvenis, seja na literatura, seja na vida objetiva, independente de quem esteja com a razão, nunca foram bem aceitas pelos deuses (cristões ou pagãos) ou por seus representantes. Na luta entre Aquiles e Odisseus, o segundo sempre leva vantagem.

Por isso, Omar se torna um foragido. A polícia o procurou por toda a Manaus: *e só não o agarraram por que Rânia agiu. Subornou policiais e delegados, ofereceu-lhes cédulas em envelopes lacrados, dizendo: que deixassem Omar em paz, livre. Que o deixassem escapar* (HATOUM, 2000: 257). E, durante um tempo, ele escapa. Enquanto isso, os amigos da família procuram ajudar como podem:

*Cid Tannus e Talib enviaram cartas a Yaqub, pediram-lhe que perdoasse Omar, ou pelo menos esquecesse tudo. Yaqub não respondeu a ninguém. Rânia logo percebeu que o irmão, em São Paulo, contratara advogados e coordenava a perseguição ao Caçula. Havia testemunhas de sobra: médicos e enfermeiras que evitaram a agressão no hospital. E também o exame de corpo de delito a que Yaqub foi submetido antes de viajar para São Paulo (HATOUM, 2000: 257).*

Um breve olhar para o passado é suficiente para confirmar que Omar extrapolou – muitas vezes – com as regras de civilidade. Como um copo d’água que transborda a cada instante e inunda o mundo comportado, Omar procurou humilhar Yaqub em todas as oportunidades que estiveram ao seu alcance. O Caçula sempre esteve disposto a riscar a face do irmão com novas cicatrizes. Em contrapartida, o que impressiona – quando se compara o antes e o depois – é a forma banal, trivial, mesquinha com que Yaqub efetua o “salto qualitativo”, passando de oprimido a opressor. Sabendo que está protegido pelas “instituições representativas dos interesses mais legítimos da sociedade” (inclusive o governo militar), Yaqub torna públicos os seus piores sentimentos, aqueles que ele sempre dissimulou: a maldade e a covardia. A grandiosidade ética, intimamente ligada ao estoicismo – construído no silêncio e na solidão –, de seu passado se dissolve na mediocridade insana e fútil da vingança.<sup>756</sup>

*Aos poucos, ela [Rânia] foi descobrindo que o irmão distante havia calculado o momento adequado para agir. Yaqub esperou a mãe morrer. Então, com truz de pantera, atacou. A fuga foi pior para Omar. Agora ele não tentava escapar às garras da mãe, mas ao cerco de um oficial da polícia. Pulava de jirau em jirau, pernoitando em diferentes abrigos, tetos de amigos de farra. Sabia que ia chover fogo, sabia-se emparedado. O que lhe dera na telha? Sem mais nem menos ele abandonava o esconderijo e se aventurava por aí. Cid Tannus o viu num bar no alto da Colina, aonde costumava ir com a Pau-Mulato. Depois soube que ele se hospedara na Pensão dos Navegantes, dando festinhas para meninas do interior. Rânia começou a receber visitas de donos de pousadas e pensões. Visitas e ameaças. As dívidas de Omar, a algazarra que fez, diziam. Ele chegava de madrugada, entrava com uma menina no colo, os dois zurravam até o amanhecer, tiravam o sono dos hóspedes. Da próxima vez, chamariam a polícia. Sumiu da Pensão dos Navegantes, sumiu de todos os tugúrios. Rânia perdeu a pista do irmão, pensou que ele podia estar em alguma praia ou lago, aquietado, esperando que ela limpasse o seu nome. Agora era procurado por vários delitos, choviam queixas contra ele, porque Rânia não podia quitar todas as dívidas do irmão. Ela sabia: tinha que poupar dinheiro para o que viria depois (HATOUM, 2000: 258).*

Em oposição ao ressentimento de Yaqub (que é amenizado pela execução de uma vingança premeditada), Omar – como um apóstolo do hedonismo – jamais deixou de ser Omar. Mesmo na adversidade, jamais foi contaminado pela sensaboria de uma vida medíocre, regrada pelas estruturas do bom comportamento burguês. Oposto em tudo a Yaqub, Omar procura desfrutar dos últimos momentos de liberdade arrancando da vida o máximo de prazer que lhe é possível:

<sup>756</sup> Depois da prisão de Omar, Rânia escreveu a Yaqub o que ninguém ousara dizer. **Lembrou-lhe que a vingança é mais patética do que o perdão. Já não se vingara ao soterrar o sonho da mãe? Não a viu morrer, não sabia, nunca saberia. Zana havia morrido com o sonho dela soterrado, com o pesadelo de uma culpa. Escreveu que ele, Yaqub, o ressentido, o rejeitado, era também o mais bruto, o mais violento, e por isso podia ser julgado. Ameaçou desprezá-lo para sempre, queimar todas as suas fotografias e devolver as jóias e roupas que ganhara, caso ele não renunciasse à perseguição de Omar. Cumpriu à risca as ameaças, porque Yaqub calculou que o silêncio seria mais eficaz do que uma resposta escrita (HATOUM, 2000: 261-262). (grifos meus).**

*Cedo ou tarde, o tempo e o acaso acabam por alcançar a todos. O tempo não apagava um verso de Laval pintado no piso do coreto da praça das Acácias. Alguns anos depois, num dos primeiros dias de abril, um lance do acaso uniu o destino de Laval ao de Omar. Eu havia prometido entregar a Rânia um trabalho maçante que ela havia encomendado. Encontrei a loja fechada, ninguém soube me dizer por onde ela andava. Nos últimos dias, fechava a loja na hora do almoço e saía em busca do irmão. Naquela tarde de abril já chuviscava quando Rânia o avistou na praça das Acácias. Ficou paralisada. Estava magro, meio amarelão, barba de uma semana, o cabelo crespo com jeito de juba. Os braços cheios de arranhões, a testa avolumada por calombos. Os olhos fundos e acesos davam a impressão de um ser à deriva, mesmo sem ter perdido totalmente a vontade ou a força de recuperar uma coisa perdida. Rânia não teve tempo de se aproximar dele. Ouviu estampidos, viu pessoas correrem, largando guarda-chuvas que quicavam nos caminhos da praça. Eram três policiais, e logo cinco, muitos. Uma caçada. Viu o Caçula agachado, atrás do tronco de um mulateiro. Os policiais farejavam por ali, todos de arma em punho. Os tiros cessaram. Queriam matá-lo ou só lhe dar um susto? Agora ventava com rajadas de chuva, e a praça das Acácias era um palco só. Sabiam que Omar podia reagir. E reagiu, à sua maneira: deu uma risada na cara dos meganhas. A coronhada que levou no rosto antecipou sua entrada no inferno. Caiu de costas e foi puxado, arrastado até a viatura. Rânia correu ao encontro do irmão, viu no rosto dele um fio vermelho e grosso que a água não apagava. Discutiu com os policiais, quis saber aonde iam levá-lo, foi repelida brutalmente. No presídio, ele passou algumas semanas incomunicável. Ela e um advogado tentaram falar com Omar, mas a violência foi implacável. Enviava sacolas de presentes aos carcereiros, pedia notícias do irmão e suplicava que não o torturassem (HATOUM, 2000: 259-260).*

*Alguns anos depois, num dos primeiros dias de abril, um lance do acaso uniu o destino de Laval ao de Omar. Em abril, the cruellest month,<sup>757</sup> Omar foi arrastado aos infernos da prisão. Precisando manter a sanidade em condições insalubres e desumanas, o Caçula precisou explicar às autoridades militares parte de seu passado: Então ela [Rânia] soube que o irmão passara uns dias encarcerado no Comando Militar, e eu intuí que a sua amizade com Laval era uma forma de condenação política (HATOUM, 2000: 260).*

*Na manhã que ele saiu para o Tribunal, escoltado por policiais à paisana, Rânia percebeu que estava sozinha. Não pôde abraçá-lo no Tribunal, mas o ouviu relatar uma brusca descida ao inferno. Os dias eram como as noites, cada dia era a extensão mais sombria da noite. Quando chovia muito, as celas inundavam. Omar cochilava de pé, a água suja cobria-lhe os joelhos, e os muços, ao lhe roçarem as pernas, davam-lhe mais*

---

<sup>757</sup> *April is the cruellest month, breeding  
Lilacs out the dead land, mixing  
Memory and desire, stirring  
Dull roots with spring rain.*

ELIOT, Thomas Stearns. *The waste land*. Disponível em <http://hps.infolink.com.br/peco/libraria/L00012d.htm>. Acesso em 23. Out. 2007.

*Abril é o mais cruel dos meses, germina  
Lilases da terra morta, mistura  
Memória e desejo, aviva  
Agônicas raízes com a chuva da primavera.*

ELIOT, T. S. *Poesia*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981. p. 89. (Tradução de Ivan Junqueira).

*asco do que medo. Sentia repugnância da pele viscosa dessas enguias-d'água-doce, pardas, cobertas de lodo, que serpenteavam no piso da cela quando a água escoava. Ainda bem que não enxergava nada nos dias escuros. Às vezes, na janelinha que rasga a parede, a palma de um açazeiro balançava e ele imaginava o céu e suas cores, o rio Negro, a vastidão do horizonte, a liberdade, a vida. Tapava os ouvidos, era insuportável ouvir o zumbido dos insetos, os gritos dos detentos, tudo não parecia ter fim nem começo. Ela não imaginava como o irmão vivia numa cela sórdida daquele presídio que ela costuma olhar, quase por distração, quando atravessava as pontes metálicas para vender sandálias e roupas aos atacadistas dos bairros mais populosos de Manaus (HATOUM, 2000: 260-261).*

Além da fuga dos irmãos (Yaqub lambendo as feridas em São Paulo, Omar se escondendo da polícia em Manaus), a luta corporal entre eles causou outros prejuízos, que começaram a ser contabilizados.

*(...) Rochiram foi à loja conversar com Rânia. Parecia um estranho, contou Rânia depois do encontro. Foi breve, seco, sequer mencionou o nome dos gêmeos. Disse em espanhol: “Trouxe uma proposta para encerrar o assunto”. Entregou um envelope lacrado e se despediu. Ela intuiu o teor do documento; mesmo assim, quando leu a carta diante de mim, empalideceu. Rochiram exigia uma fortuna em troca do que havia pagado a Yaqub pela execução dos projetos de engenharia e, a Omar, pela comissão do terreno. Além disso, perdera muito tempo com esse negócio. Ameaçou-a com um processo, escreveu que já conhecia pessoas influentes, “as mais poderosas da cidade”. Rânia pediu um prazo: “Alguns meses para arrumarmos a nossa vida”. Contou à mãe a exigência de Rochiram. Disse que faria tudo para evitar um processo de Yaqub contra Omar. “Esse indiano é um aventureiro”, disse Zana. “Um sanguessuga! A comida que eu preparei para esse ingrato... Só faltei dar na boca desse parasita amarelo! Acabou com o futuro do meu filho!” (HATOUM, 2000: 236).*

O desfecho do confronto entre os irmãos é nefasto para todos: Omar precisou fugir indefinidamente; Rânia, ligada perpetuamente ao destino do Caçula, gastou a sua vida e uma pequena fortuna para protegê-lo – não foi o suficiente: ele acabou sendo preso e *foi condenado a dois anos e sete meses de reclusão* (HATOUM, 2000: 261); Yaqub amargou inúmeros machucados físicos – e, de certa forma, o exílio emocional definitivo; Zana sucumbiu ao pesadelo e definhou aos poucos, incapaz de compreender as razões daquele desfecho;<sup>758</sup> Domingas<sup>759</sup> e

---

<sup>758</sup> Quando silenciou, notei que a vontade de sobreviver na velhice sem o filho querido parecia dissipar-se. “Omar, ele não vai voltar?”, ela perguntava com ar de súplica, como se eu fosse capaz de dar vida ao seu sonho, antes do fim. As tardes inteiras que passou deitada na rede do filho. Ela assava peixe no fogareiro, beijava a fotografia de Omar, dizia: “Por que essa demora, querido? Por quê? Os outros já foram embora, agora só estamos nós em casa, nós dois...”. Levava a rede para o quarto dele, e durante a noite uma voz abafada enchia a casa de dor. Ela chorava tanto, as mãos na cabeça, o rosto todo molhado, que eu prendia a respiração, pensava que ela ia morrer a qualquer momento. Não abria mais as janelas dos quartos, nem me mandava limpar o quintal nem o piso do alpendre. Osgas e besouros mortos cobriam o pequeno altar empoeirado, os azulejos da fachada estavam encardidos, a imagem da

Nael, os agregados, aqueles que ninguém consegue identificar se são parentes ou empregados, foram carregados pela enxurrada, incapazes de se desvencilhar de uma família problemática.

Como uma metáfora grotesca da geografia da dispersão, os filhos de Halim e Zana desrespeitam o último totem familiar:

*A casa foi se esvaziando e em pouco tempo envelheceu. Rânia comprara um bangalô num dos bairros construídos nas áreas desmatadas ao norte de Manaus. Disse à mãe que a mudança era inevitável. Não revelou por quê, mas Zana increpou: nunca sairia da casa dela, nem morta deixaria as plantas, a sala com o altar da santa, o passeio matutino pelo quintal. Não queria abandonar o bairro, a rua, a paisagem que contemplava do balcão do quarto. Como ia deixar de ouvir a voz dos peixeiros, carvoeiros, cascalheiros e vendedores de frutas? A voz das pessoas que contavam histórias logo ao amanhecer: fulano estava acamado, tal político, ainda ontem um pé-rapado qualquer, enriquecera da noite para o dia, um grã-fino surrupiara estátuas de bronze da praça da Saudade, o filho daquele figurão da Justiça estuprara uma cunhantã, notícias que não saíam nos jornais e*

---

*santa padroeira, amarelada. Cinco semanas assim, o tempo que bastou para ofuscar a casa, para dar um ar de abandono (HATOUM, 2000: 251).*

<sup>759</sup> *Eu via Domingas esmorecer, cada vez mais apática ao ritmo da casa, indiferente às orquídeas que antes borrifava com delicadeza, aos pássaros que contemplava nas copas e palmas e depois esculpia. As mãos mal conseguiam tirar lascas da madeira dura, e ela nem se animava a fazer trançados com fios de palmeira. Os últimos animais que havia esculpido lembravam pequenos seres inacabados, fósseis de outras eras. Não parecia tão velha como tantas empregadas, que aos cinquenta e poucos já estão acabadas. Eu lhe pedia que repousasse, mas ela só se deitava à noite; tombava na rede, queria apenas a minha presença. Não abria mais o livro muito antigo que Halim lhe dera, um livro grosso e encapado, com gravuras de animais e plantas cujos nomes ela sabia de cor: palavras em tupi que repetira para Yaqub nas noites em que os dois ficavam sozinhos na umidade do quarto dela.*

*Nossas conversas rareavam e, quando ela folgava, sentava no chão ou deitava na rede, inerte.*

*(...) Passei a rondar a rede em que minha mãe dormia.*

*(...) Era quase meio-dia, e minha mãe não estava na cozinha. Eu a encontrei enrolada na rede de Omar, que ela armara em seu quartinho. A rede perdera a cor original e o vermelho, sem vibração, tornara-se apenas um hábito antigo do olhar. Vi os lábios dela ressequidos, o olho direito fechado, o outro coberto por uma mecha grisalha. Afastei a mecha, vi o outro olho fechado. Balancei a rede, minha mãe não se mexeu. Ela não dormia. Vi o corpo que oscilava lentamente, comecei a chorar. Sentei no chão ao lado dela e fiquei ali, aturdido, sufocado. Durante o tempo que a contemplei, no vaivém da rede, rememorei as noites que dormimos abraçados no mesmo quartinho que fedía a barata. Agora, outro cheiro, de madeira e resina de jatobá, era mais forte. Os bichinhos esculpidos em muirapiranga estavam arrumados na prateleira. Lustrados, luziam ali os pássaros e as serpentes. O bestiário de minha mãe: miniaturas que as mãos dela haviam forjado durante noites e noites à luz de um aladim. As asas finas de um saracuí, o pássaro mais belo, empoleirado num galho de verdade, enterrado numa bacia de latão. Asas bem abertas, peito esguio, bico para o alto, ave que deseja voar. Toda a fibra e o ímpeto da minha mãe tinha servido os outros. Guardou até o fim aquelas palavras, mas não morreu com o segredo que tanto me exasperava. Eu olhava o rosto de minha mãe e me lembrava da brutalidade do Caçula.*

*(...) Parei de balançar a rede e acariciei as mãos calosas de minha mãe. Depois a voz de Zana chamando Domingas, três, quatro gritos que vinham do alto da casa, e em seguida um barulho na escada, os passos cada vez mais próximos, na sala, na cozinha, o ruído de folhas no quintal, os olhos assustados de Zana no rosto de olhos fechados. Ela chacoalhou a rede, e, de joelhos, abraçou Domingas.*

*(...)*

*Eu não conseguia sair de perto de Domingas. Um curumim do cortiço foi entregar um bilhete a Rânia. Escrevi: “Minha mãe acabou de morrer”.*

*(...) Pedi a Rânia que minha mãe fosse enterrada no jazigo da família, ao lado de Halim. Ela concordou, pagou tudo sem reclamar, e eu nunca soube quanta cumplicidade havia num ato tão generoso. Minha mãe e meu avô, lado a lado, debaixo da terra, haviam encontrado um destino comum. Eles que vieram de tão longe para morrer aqui. Hoje, tantos anos depois, ainda visito o túmulo dos dois (HATOUM, 2000: 239-245).*

*que as vozes da manhã iam contando de porta em porta, até que a cidade toda soubesse. Quando Rânia chegava da loja, a mão se precipitava em dizer: “Podes ir para o teu bangalô, eu não arredo o pé daqui” (HATOUM, 2000: 247-248).*

Infelizmente Zana não consegue cumprir com a promessa de não arredar o pé da casa: *Levou para o bangalô da filha a rede e todos os objetos de Omar, a fotografia do pai e a mobília do aposento. Deixou apenas a roupa de Halim pendurada numa arara de metal enferrujado (HATOUM, 2000: 252-253).* Deixou para trás as recordações do homem que amou – que lhe recitava gazais nos momentos de paixão – e com quem teve três filhos. Também deixou para trás o filho mais velho, aquele que, vítima da ambição e da necessidade de vingança, se recusou a perdoá-la.

Rânia, apesar de suas inúmeras – e inúteis – tentativas para manter o único vínculo físico que os irmãos possuíam, não consegue resistir e sucumbe à pressão imposta por Rochiram e manipulada obliquamente por Yaqub – que procura impedir que a mãe e os irmãos possam obter algo que sempre lhe foi negado. A história de destruição, protagonizada por Yaqub e Omar, resulta na perda da territorialidade familiar. Nada mais resta senão entregar a casa ao representante da barbárie capitalista.

*Então, numa tarde de março (havia chovido muito e Rânia me chamara para desentupir uma boca-de-lobo), um homem encapotado parou diante da vitrine, observou o interior da loja iluminada e entrou lentamente, deixando um rastro de lama no chão. Era Rochiram. O cabelo empastado e penteado para trás dava um ar mais sério ao rosto, agora ornado por óculos de armação dourada. As lentes esverdeadas escondiam os olhos, e esta era a grande novidade no rosto dele. Rânia ouviu as palavras que esperava: a dívida dos dois irmãos em troca da casa de Zana. No entanto, surpreendeu-se quando ele acrescentou: “Seu irmão, o engenheiro, está plenamente de acordo”.<sup>760</sup>*

*Poucos dias depois, um caminhão estacionou em frente da casa e os carregadores fizeram a mudança para o bangalô de Rânia. Zana passou a chave na porta do quarto, e do balcão ela viu a lona verde que cobria os móveis de sua intimidade. Viu o altar e a santa de suas noites devotas, e viu todos os objetos de sua vida, antes e depois do casamento com Halim. Nada restou na cozinha nem na sala. Quando ela desceu, a casa parecia um abismo. Caminhou pela sala vazia e pendurou a fotografia de Galib na parede marcada pela forma do altar. Nas paredes nuas, manchas claras assinalavam as coisas ausentes (HATOUM, 2000: 252).*

---

<sup>760</sup> *Ele havia escrito uma carta para Zana, revelando que sentira muito a morte de Domingas, a única pessoa a quem confiara certos segredos, a única que não se separara dele durante a infância. Na vida dos dois havia coisas em comum que Zana teimou em ignorar. Ele não explicou por que falhara a construção do hotel, apenas escreveu que agora era sensato vender a casa e uma boa parte do terreno a Rochiram. Se isso não fosse feito, Omar sofreria as consequências.*

*Rânia não mostrou a carta à mãe. Ela não sabia, nunca soube se havia um acordo entre Yaqub e Rochiram. Entendeu que a venda da casa pouparia Omar (HATOUM, 2000: 256).*



Zana, se sentindo mais leve, sem precisar carregar alguns pedaços da história de uma família que se odiava, enlouquece progressivamente e deixa a sua mente ser carregada por um tempo pretérito, por uma espécie de reino utópico (onde nunca conseguiu morar):

*Ela se ausentou por mais de uma semana; reapareceu bem cedinho num domingo, o braço esquerdo outra vez engessado. Rânia me pediu que cuidasse da mãe enquanto ia ao mercado. “Chama um dessas meninas do cortiço para fazer a faxina e não deixe Zana ficar sozinha”, ela disse.*

*Não chamei ninguém, Zana não queria estranhos na casa. Subiu, arejou o quarto dela, pegou as calças do finado Halim e as pendurou na tipóia. Eu a vi ajoelhada, no meio do quarto de Omar, suplicando que o filho voltasse. Orando, em êxtase de fervor, para que Omar não morresse. Vi o contorno escuro nos olhos embaciados, alongados pelas sobranceiras. O sofrimento de tanta saudade de Halim e do Caçula diluía a beleza do rosto dela. Não a ouvi pronunciar o nome de Yaqub. o filho distante, que abraçara um destino glorioso, fora banido de sua fala. Depois recusou minha ajuda para descer, disse que queria ficar sozinha no alpendre, que eu não me preocupasse com ela. Entrei no meu quarto, a leitura de um livro me distraiu. Quando vi o rosto de Rânia na janela, percebi que Zana havia sumido. Vasculhei a casa toda, arrombei a porta do quarto e só fui encontrá-la num lugar esquecido do quintal: o antigo galinheiro, onde Galib engordara as aves do cardápio do Biblos. Zana estava deitada sobre folhas secas, o corpo coberto com a roupa de Halim, a mão do braço engessado já arroxeadada. Pedi ajuda aos vizinhos para carregá-la na minha rede. Ela esperneava, gritava: “Não quero sair daqui, Rânia... Não adianta, não vou vender minha casa, sua ingrata... Meu filho vai voltar”. Não parou de esgoelar, irritada com a mudez da filha, furiosa com a única frase que Rânia disse com calma: “A senhora vai se acostumar com a minha casa, mãe”.*

*Ah, foi pior. Tentou se soltar de mim, por pouco não caiu da rede, e foi um deus-nos-acuda até conseguirmos colocá-la dentro do carro. Ela chorou, como se sentisse uma dor terrível. Nunca mais voltou. Deitou-se em outro quarto, longe do porto, do lar que não era para ela.*

*Depois eu soube da hemorragia interna, e ainda a visitei numa clínica no bairro de Rânia. Ela me reconheceu, ficou me olhando. Então soprou nomes e palavras em árabe que eu conhecia: a vida, Halim, meus filhos, Omar. Notei no seu rosto o esforço, a força para murmurar uma frase em português, como se a partir daquele momento apenas a língua materna fosse sobreviver. Mas quando Zana procurou minhas mãos, conseguiu balbuciar: Nael... querido... (HATOUM, 2000: 253-254).*

Nael não viu a morte de Zana, mas relata as últimas palavras de sua avó, como se estivesse fazendo uma síntese da história familiar. A morte da matriarca e a sua última pergunta (que faz em árabe, procurando reunir em um único fragmento a origem e o fim) são marcos divisórios que, além de configurarem fronteiras emocionais, constatarem que não há mais possibilidade de reverter os acontecimentos, nem de curar as feridas:

*Eu não a vi morrer, eu não quis vê-la morrer. Mas alguns dias antes de sua morte, ela deitada na cama de uma clínica, soube que ergueu a cabeça e perguntou em árabe para que só a filha e a amiga quase centenária entendessem (e para que ela não se traisse): “Meus filhos já fizeram as pazes?”. Repetiu a pergunta com a força que lhe restava, com a coragem que mãe aflita encontra na hora da morte.*

*Ninguém respondeu. Então o rosto quase sem rugas de Zana desvaneceu; ela ainda virou a cabeça para o lado, à procura da única janelinha na parede cinzenta, onde se apagava um pedaço do céu crepuscular (HATOUM, 2000: 12).*

Quando a situação se acalma, quando ruínas e destroços se acumulam no vazio resultante da história de dois irmãos que se uniram através da destruição mútua (*“Meus filhos já fizeram as pazes?”*), insiste em perguntar Zana, sentindo a proximidade da morte), somente o relato que Nael escreveu é capaz de fornecer alguma coerência aos acontecimentos.

### c) PROCURANDO PELO PAI.

Alguns dos elementos que ajudam na (re)construção de uma história de família são fornecidos pelos interregnos compostos pelo lento esquecimento que o tempo insere na vida de seus integrantes. Oscilando entre a negação do real e a impossibilidade de obter as benesses propostas por um mundo que somente existe como construção ficcional, inexoravelmente, em algum momento imprevisto, aquele que – por algum motivo – anseia esquecer, se encontra com uma série de lembranças (perturbadoras ou não) que avivam uma área que até então se encontrava em estado letárgico. Nesses termos, o esquecimento (ou a não-lembrança) não pode ser considerado como um demérito; no máximo, um anestésico de curta duração.

Em caminho oposto, aquele que conta uma história escava a periferia da verdade (incansável procura por uma imagem fugaz), impulsionado pela utopia de que um dia vai conseguir se aproximar do momento em que o seu relato será capaz de contemplar a totalidade, incluindo todos aqueles detalhes que usualmente são descartados por narradores menos obsessivos. Convicto de que as respostas à sua aflição estão escondidas no passado (ou naquilo que ele imagina ser o passado), faz de seu relato uma forma de transformar recordações e pensamentos em uma ilha contígua ao mundo ordenado pelas palavras. Para aqueles que estão cientes de que o futuro se constrói como resultado presente das ruínas do passado, porque *nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história* (BENJAMIN, 1985: 223), a possibilidade de ultrapassar o presente, e migrar na direção do passado, implica na interpretação de uma quantidade significativa de histórias que se perderam (ou se desviaram) da trajetória “oficial”. Ou seja, no caso do narrador participante da história que está a relatar, é através da rememoração de uma história particular, de cunho ficcional,<sup>761</sup> que o tríplice encontro entre passado, presente e

---

<sup>761</sup> “História particular, de cunho ficcional” não é exatamente um conceito teórico – nem pretende sê-lo. Quando muito é uma impressão, uma observação. Decorre da necessidade de se referir a uma situação fluida e que tanto pode se referir à História, quanto à história ou à ficção. Em alguns momentos, por motivos diversos, é difícil distinguir a articulação entre o real que se mistura com a ficção, o real que se confunde com a ficção, a ficção pura e a ficção baseada no real. De qualquer maneira, uma das tarefas do narrador que escora a sua ficção em pontos históricos é “inventar o passado” e transcrevê-lo em forma de ficção. Ou seja, precisa estabelecer o *locus* em que está assentada a matéria narrativa. Uma história (ficcional ou não), na tentativa de ser aceita como verossímil ou próxima da verdade,

futuro adquire significado. Ao fornecer unidade à articulação entre um “relampejar no momento de perigo”<sup>762</sup> com a angústia de conhecer/desvendar a história que está relatando, o narrador trabalha com algo que não é necessariamente verdadeiro, mas que tangencia (e que muitas vezes se confunde com) a verdade ficcional. Ou seja, relatar uma história familiar – muitas vezes – se aproxima da montagem de um quebra-cabeça. Para que a unidade narrativa possa ter algum significado é fundamental que a disposição escolhida para as peças forme um “desenho” ou um sentido de interpretação. Por isso, parte da tarefa do narrador (que muitas vezes se confunde com um historiador – e que pouco faz para dissolver esse impasse conceitual) está em tentar fornecer lógica à imagem que se esconde na descontinuidade. Ou seja, embora não seja obrigatório revelar “o desenho no tapete”,<sup>763</sup> o narrador possui um compromisso com a coerência interna, pois a função narrativa está atrelada ao entendimento. Não é tarefa de fácil execução. Inclusive porque alguns “memorialistas” ficcionais negam a lição histórica, na medida em que acreditam que o passado não tem nenhum peso e que, por isso mesmo, a narrativa se constrói na tessitura, no momento em que é elaborada como obra de ficção. Ou seja, o relato em si seria a recuperação dessas histórias. Recusando a tese de que os que *num momento dado são os herdeiros de todos os que venceram antes* (BENJAMIN, 1985: 225) e que, portanto, estão compromissados com a

---

necessita estar conectada com elementos que a aproximem do “passado real” (mesmo quando o “passado” resulta de ficção “ad hoc”), possibilitando que o leitor estabeleça pontos de convergência entre a história narrada e o real.

<sup>762</sup> No entendimento de Walter Benjamin, cada fragmento histórico corre perigo de desaparecer entre as ruínas da modernidade – marco cronológico que se torna contraditório quando avança na direção da barbárie. Ao se ater ao momento vivido (presente), sem dar a devida atenção ao momento histórico (passado) que a possibilitou, a modernidade se recusa a entender a própria existência. Ao mesmo tempo, nega o desvelamento de parte da História. Por isso, a tarefa do narrador/historiador está revestida de uma preocupação significativa: *Articular historicamente o passado não significa recuperá-lo “como ele foi”. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo.* (BENJAMIN, 1985: 224). (**grifo meu**). E isso significa que o narrador (na medida em que, arqueologicamente, escava a matéria narrativa e separa o material que lhe interessa da ganga bruta) contribui para impedir que o esquecimento se torne a característica mais significativa da modernidade.

<sup>763</sup> Henry James, no conto *The figure in the carpet*, publicado em 1896, sustenta a tese de que todo texto (ou obra literária) possui um sentido oculto e que quase ninguém consegue perceber – o desenho no tapete. Cabe ao receptor do texto (leitor e/ou crítico), através da interpretação literária, elaborar mentalmente uma imagem que se aproxime desse propósito – embora raramente isso aconteça. Quando o texto é decifrado, ou seja, quando alguém consegue captar algo muito fluido e que talvez seja a sua essência, o prazer de compartilhar desse segredo constitui a garantia de que a leitura não foi em vão. Essa tese romântica, desafortunadamente, é rejeitada pelo protagonista de *The figure in the carpet*, o escritor Hugo Vereker. Cheio de ironia, ele emite um comentário pouco otimista sobre aqueles que planejam seguir o caminho da análise literária ou da leitura descompromissada: *Nunca leio as coisas que saem nos jornais a menos que alguém me obrigue a lê-las; e é sempre o nosso melhor amigo que o faz! Mas antes eu lia, às vezes... dez anos atrás. Eu diria que, de modo geral, eram bem mais obtusas antigamente que agora; seja como for, sempre me surpreendi de constatar que elas distorciam minha desprestigiada intenção com uma perfeição admirável, que eram absolutamente idênticas tanto quando me davam um tapinha nas costas como quando me chutavam as canelas. Desde então, sempre que dou uma olhada nessas resenhas constato que elas continuam com a mesma pontaria de antes: ou seja, sempre errando o alvo, de modo delicioso* (JAMES, 1993: 150).

perpetuação de um sistema de dominação, ignoram a história que corre paralela aos acontecimentos nomeados por aquele que é responsável pela narrativa.

Nael, o filho bastardo de Domingas, a empregada,<sup>764</sup> migra da condição de agregado para a de um intelectual que expõe em livro as vísceras familiares (*Eu acabara de dar a minha primeira aula no liceu onde havia estudado* [HATOUM, 2000: 264]). Ou melhor, as vísceras da família que ele acredita ser a sua. Comprometido com a história de Manaus e das pessoas que ama, Nael adota o procedimento de se apegar ao registro histórico “real” quando assume a tarefa de relatar em primeira pessoa a história fratricida dos irmãos gêmeos Yaqub e Omar em *Dois irmãos*. Conjugando a história de seu pai e de seu tio, Nael ambiciona – como se fosse possível eliminar a distância abismal entre o real e o imaginado – (re)construir um painel histórico que de outra forma ficaria obscurecido pela intensidade com que se movimentam os personagens.<sup>765</sup> Através de uma voz que tangencia o coloquial, momento em que o fluir (sem interdições) dos acontecimentos é mais significativo do que uma elaboração literária sofisticada, Nael deseja, a sua maneira, “*intercambiar experiências*” (BENJAMIN, 1985: 198), pois está ciente de que *o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência de seus ouvintes* (BENJAMIN, 1985: 201).

Em um plano paralelo, o relato de Nael também anseia pela tentativa quase irracional de desvelar uma paternidade que lhe é negada em todas as páginas do romance. Nesse sentido, *Dois irmãos* está intimamente ligado ao propósito de posicionar Nael como indivíduo e como integrante de um grupo social: *Narrar não serve para recordar, mas para tornar visível. Para tornar visível as conexões, os gestos, os lugares, a disposição dos corpos* (PIGLIA, 2006: 51). O livro que Nael escreveu quer tornar pública a sua procura por uma identidade familiar, por um lugar demarcado – e reconhecido – entre aqueles que constituem o seu grupo social familiar. Ou seja, a sua narrativa ambiciona esclarecer (para si mesmo, para o pai, para os tios, para os avós, para os leitores) que a condição de agregado não será mais ser tolerada.

---

<sup>764</sup> Embora o eixo narrativo *Dois irmãos* contemple as ações dos gêmeos Yaqub e Omar como elementos axiais, a união estrutural do romance seria impossível sem a presença de duas personagens que pertencem à classe econômica “baixa”. Como agregados – pessoas que vivem “de favor” no entorno de uma família abastada – Domingas e Nael “pagam” a bondade daqueles que os acolheram com trabalho. No funcionamento da estrutura doméstica, Domingas e Nael, mas eles sempre estão à margem, fora da casa: não possuem os direitos inerentes aos que “oficialmente” fazem parte da família.

<sup>765</sup> Correndo paralela à História, existe a história dos personagens que, sem poder contribuir no processo decisório, são carregados pela voragem dos grandes acontecimentos. Nesse sentido, ao narrar esses fragmentos da História, a ficção ocupa um espaço que a historiografia oficial não está interessada em preencher. Sob o olhar de Nael, que está à margem dos acontecimentos políticos ocorridos em 1964, o processo de destruição familiar adquire uma intensidade emocional que não seria possível em outro suporte.

*Eu não sabia nada de mim, como vim ao mundo, de onde tinha vindo. A origem: as origens. Meu passado, de alguma forma palpitando na vida de meus antepassados, nada disso eu sabia. Minha infância, sem nenhum sinal da origem. É como esquecer uma criança dentro de um barco<sup>766</sup> num rio deserto, até que uma das margens a acolhe. Anos depois, desconfiei: um dos gêmeos era meu pai. Domingas disfarçava quando eu tocava no assunto; deixava-me cheio de dúvidas, talvez pensando que um dia eu pudesse descobrir a verdade (HATOUM, 2000: 73).*

É através do paciente exercício da conversa e da escrita que Nael vai haurindo do passado um pedaço de sua identidade – projeção onírica que jamais será contemplada integralmente: mesmo depois de 266 páginas, onde Nael relata inúmeros episódios da história familiar, a sua paternidade continuará incógnita, mistério sem solução.

O problema maior do relato de Nael está na natureza fluida do material com que ele trabalha: lembranças. E as lembranças são peças muito frágeis, susceptíveis a deformações e distorções. Em alguns momentos, elas enganam, induzem o pensamento por veredas pouco confiáveis, becos sem saída. Em alguns momentos, elas são aceitas como substitutas naturais para imagens pouco agradáveis.

Como Nael não presenciou parte dos acontecimentos que está relatando, a aproximação com o passado ocorre na medida em que evoca, de forma incessante, as vozes dos vários personagens que participaram dos eventos<sup>767</sup> – pouco se importando se esses depoimentos acrescentarão (ou não) detalhes ao já sabido.

---

<sup>766</sup> Educado na fé católica, Nael não se constrange e associa a sua própria vida ao mito de Moisés. Nos tempos bíblicos, em que os hebreus viviam no Egito, o faraó ordenou: *Lançai ao rio Nilo todos os meninos hebreus recém-nascidos, mas poupai a vida das meninas* (Ex.2, 1: 22). Por isso, *Um homem da casa de Levi casou-se com uma mulher de seu clã. A mulher concebeu e deu à luz um filho. Ao ver que era um belo menino, manteve-o escondido durante três meses. Não podendo escondê-lo por mais tempo, pegou uma cesta de papiro, calafetou-a com betume e piche, pôs dentro dela o menino e deixou-o entre os juncos na margem do rio Nilo. A irmã do menino ficou parada, a distância, para ver o que ia acontecer. A filha do faraó desceu para se banhar no rio, enquanto suas companheiras passeavam na margem. Ela viu a cesta no meio dos juncos e mandou que uma criada a apanhasse. Quando abriu a cesta, viu a criança: era um menino, que chorava. Ficou com pena dele e disse: “É uma das crianças dos hebreus”. A irmã do menino disse, então, à filha do faraó: “Queres que eu vá chamar uma mulher hebréia, que possa alimentar o menino?” – “Vai”, respondeu-lhe a filha do faraó. E a menina foi chamar a mãe do menino. A filha do faraó disse à mulher: “Leva este menino, amamenta-o para mim, e eu te pagarei o teu salário”. A mulher levou o menino e o criou. Quando o menino estava crescendo, levou-o à filha do faraó, que o adotou como filho. Ela deu-lhe o nome de Moisés, porque, disse ela “eu o tirei das águas”. (Ex. 2, 2: 1-10).*

Essa associação com o mito de Moisés não é despropositada. Semelhante ao profeta, a paternidade de Nael não pode ser revelada, e ele e sua mãe são sustentados pela bondade daqueles que os acolhem como agregados (Zana simboliza, de certa forma, a filha do faraó).

<sup>767</sup> Embora o narrador afirme que (...) *muita coisa do que aconteceu eu mesmo vi, porque enxerguei de fora aquele pequeno mundo. Sim, de fora e às vezes distante. Mas fui o observador desse jogo e presenciei muitas cartadas, até o lance final* (HATOUM, 2000: 29), são inúmeras as passagens em que a narrativa aponta para uma voz diferente da do narrador e que se mistura no jogo narrativo, inferindo um timbre diferente do de Nael. Por exemplo:

*Foi Domingas que me contou a história da cicatriz no rosto de Yaqub* (HATOUM, 2000: 25).

Utilizando-se de uma economia narrativa generosa, que não se furta em registrar os excessos<sup>768</sup> (o que assegura um sabor inesperado à inflexão narrativa) e repetir alguns dos fatos anteriormente narrados<sup>769</sup> (como se o narrador, em momentos imprecisos, fosse acometido de lapsos da memória), Nael faz comentários e formula hipóteses para explicar alguns episódios da tragédia familiar<sup>770</sup> - e que, de certa forma, também é a sua.

A função de Nael, como historiador familiar, é a de recuperar alguns episódios que, de outra maneira, estavam destinados ao esquecimento. Por isso, ao estruturar um relato que não está escorado na onisciência (porque parte significativa dos acontecimentos ocorreu em tempo que é anterior a compreensão ou nascimento do narrador), apesar de comprometido com o desvelamento e a sinceridade, procura estabelecer um ordenamento para os acontecimentos, fornecendo estrutura,

---

*Isso Domingas me contou* (HATOUM, 2000: 29).

*O que me dava um pouco de folga e certo prazer era uma tarefa que não chegava a ser um trabalho de verdade. Quando as casas da rua explodiam de gritos, Zana me mandava zarelhar pela vizinhança, eu cascavilhava tudo, roía os ossos apodrecidos dos vizinhos. Era cobra nisso. Memorizava as cenas, depois contava tudo para Zana, que se deliciava, os olhos saltando de tanta curiosidade: “Conta logo, menino, mas devagar... sem pressa”. Eu me esmerava nos detalhes, inventava, fazia uma pausa, absorto, como se me esforçasse para lembrar, até dar o estalo: ...* (HATOUM, 2000: 86).

*“Nem nesse galinheiro meu filho quis estudar”, Halim se queixou* (HATOUM, 2000: 180).

*Aos poucos, Zana me contou coisas que talvez poucos soubessem ...* (HATOUM, 2000: 250).

Esse efeito polifônico, intermediado pelo narrador – que ordena a sequência com que os acontecimentos são apresentados ao leitor, possibilita o contraste entre diversas perspectivas para uma única cena, como também aceita a repetição como um efeito narrativo natural.

<sup>768</sup> Ao adotar uma forma helicoidal de contar a história dos gêmeos – e a própria – Nael entende ser possível retornar mais de uma vez, ao mesmo ponto da floresta proposta pela linguagem – embora essa perspectiva ocorra em um outro plano, sob o olhar de uma outra voz. Nael, ao escrever, está convicto de que se o passado tende a se dissolver no *continuum histórico*, o que distancia os acontecimentos e seus protagonistas nunca é uma impossibilidade emocional. Aquele que narra o que o Outro viveu, acredita que o seu relato se completa através de outros pontos de vista.

<sup>769</sup> A grande acusação contra a estrutura literária adotada por Milton Hatoum está centrada exatamente nesse ponto. Rosane Pavan anota: *A carpintaria de Hatoum soçobra diante da vontade do narrador. Ele mais narra do que enxuga, compõe ou encaixa. Sua lida com as palavras sofre tropeços e repetições*. E, no parágrafo seguinte, explica a importância dessa “carpintaria do excesso”: *Hatoum não maneja as palavras como quem recebe, delas, uma iluminação. Sua trama é anterior a qualquer lavra, não nasce do simples lidar com as concretudes do papel. Ele é místico, pastor, um Abel literário, mas não se parece com um poeta, desses capazes de compor um verso ao ouvir o tilintar dos sons banais dos fonemas. Jamais usará a palavra indevida, somente para que se faça música com ela, por pura marcenaria que seja. Vê-se desde a abertura do livro que ele não se importará com o rigor das pontuações, que fará dois pontos brilharem duplamente numa frase, porque, no seu âmago de escritor, e contrariamente a todo o tempo que gestou o livro, ele tem pressa de contar* (PAVAN, 2000).

<sup>770</sup> Segundo Leyla Perrone-Moisés a estrutura narrativa de *Dois irmãos* está alicerçada na dualidade segredo e anúncio. Essa conflito gera uma tensão significativa, baseada na promessa e no adiamento: o anúncio atravessa a narrativa como um elemento potencial para esclarecer o segredo; ao mesmo tempo, para que a narrativa se sustente, o segredo jamais é revelado: *Outra qualidade do romance é a construção da narrativa, esteada no segredo e no anúncio. O leitor tem sua atenção presa, ao longo de todo o relato, a um segredo lentamente desvendado, e a um desastre final, várias vezes anunciado e sempre adiado. O narrador é o detentor do segredo, parte integrante dele, e testemunha de uma história que implica todas as personagens* (PERRONE-MOISES, 2000: 7). Enquanto o segredo se dilui na soma das mortes daqueles que participaram de sua construção, “a tragédia bíblica” surge como desfecho “quase que natural” de um antagonismo macerado pela competição, pela inveja, pela autodestruição e pela carência afetiva. O conflito entre Yaqub e Omar também se refere à paternidade de Nael, mas nenhum dos envolvidos (inclusive Nael) assume que a ameaça de revelar esse “segredo” constitui um acréscimo ao ódio que converge sobre as relações fraternas.

coerência e unidade à narração – e isso implica, na medida do possível, em aceitar que o fluxo de lembranças substitui a linha cronológica <sup>771</sup> para que as muitas histórias que ouviu e os poucos fatos que presenciou <sup>772</sup> possam fluir sem censura ou impedimentos.

Através do uso abusivo de analepses e prolepses em relação ao presente narrativo, maneira canhestra com que descortina conexões, Nael convoca o passado e emenda uma história em outra história, <sup>773</sup> estendendo o caudal narrativo até que se complete o relatar dos acontecimentos ou a exaustão se estabeleça.

Consciente de parte de sua tarefa é costurar as versões, eliminar as divergências entre cada depoimento e construir uma linha narrativa que procure estabelecer um encadeamento para os acontecimentos, Nael, como todo memorialista, quer, de forma obsessiva, incansável, beirando o barroco, reconstruir a história, a “sua” história. Mas, a memória de Nael, ao contrário da memória proustiana, não está procurando por um tempo perdido. *A procura é de uma outra ordem: um conjunto de explicações para a angústia emocional que o corrói* (ARRUDA FILHO, 2004). Seu maior temor está no risco de que as imagens resultantes da recuperação parcial do passado se extingam se não forem alimentadas continuamente pelas palavras. Os acontecimentos narrados, nesse percurso em que os interesses familiares mascaram a força erosiva da crueldade, estão consoante com um pensamento de origem benjaminiana: *não devemos hesitar em convocar o passado para depor, no processo que o futuro move contra o presente* (ROUANET, 1987: 36).

Perseguido pelo propósito moral de revelar a verdade ou o que acredita ser a verdade sobre a tragédia familiar, em seu relato Nael mistura encanto e dor, melancolia e reminiscência, impotência e desespero (consistências emocionais somente possíveis/passíveis em quem aprendeu as diversas formas com que é possível conjugar o verbo sofrer). E toda essa agonia refere-se à

---

<sup>771</sup> Uma das principais características de *Dois irmãos* é a acronia sistemática – como a narrativa não está estruturada na ordem direta dos acontecimentos, o tempo se torna refém do encadeamento das lembranças, deslizando pelo texto como se fosse uma personagem.

<sup>772</sup> Na interpretação de Artur Nastrovski, o narrador, quando recupera “ficcionalmente” a história de uma família, revela a escrita, ou seja, a palavra como ferramenta da memória, como intermediação entre o que está relatando e o que o tempo soterrou: *O tempo “faz alguém se tornar humilde, cínico ou cético”, comenta o narrador. Testemunha e coadjuvante do passado, esse narrador não é (pelo menos não agora, no presente do texto) nem humilde nem cético nem muito menos cínico. É um escritor: alguém capaz de transformar vivência em experiência, pelas vias da memória e da palavra.* (NESTROVSKI, 2000: 23).

<sup>773</sup> *A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas por inúmeros narradores anônimos* (BENJAMIN, 1985: 198).



necessidade psicológica vital de esclarecer o que o motiva escrever: a questão da identidade e da diferença.<sup>774</sup>

Para Nael, encontrar um nome para o pai que o gerou significa assumir uma identidade que historicamente lhe foi negada. Ser um filho sem pai é o que o torna diferente no mundo em que se movimenta (*Para Zana eu só existia como rastro dos filhos dela* [HATOUM, 2000: 35]). Nesse sentido, a ausência paterna<sup>775</sup> é um imperativo categórico para que trechos do seu relato oscilem entre a miopia afetiva e o ódio edipiano. O Pai (que não é necessariamente aquele que “gerou” o filho) é o suporte que ajuda na transposição psíquica da criança à maturidade – é a sua ausência, simbólica ou efetiva, que institui a dor.<sup>776</sup>

Nael não compreende o porquê da sua condição de não ter pai. O propósito principal de sua narrativa é estabelecer as conexões necessárias para a sua identidade seja esclarecida e ele possa eliminar a diferença entre aqueles que habitam a casa e aqueles que estão fora dela. Ciente de que habita um não-lugar, Nael quer estabelecer uma relação de pertença com a família, com o seu pai – situação somente possível quando for reconhecido como integrante do grupo social consanguíneo. Antes disso não será possível reelaborar o seu lugar histórico como um indivíduo amado pelo pai, pelos tios, pelos avós, pela família.

Sem a percepção de que esse pedido está aquém da realização prática, Nael, o bastardo, quando olha para o passado, somente consegue projetar o futuro, instante que imagina ser capaz de responder a todas as perguntas, solucionar todos os mistérios, apontar para uma vida menos

---

<sup>774</sup> Para um entendimento dos conceitos *Identidade* e *Diferença*, além de suas implicações na sociedade contemporânea, ver, entre outros: ANTELO, Raúl (Org.). *Identidade e Representação*. Florianópolis: UFSC/Pós-Graduação em Letras/Literatura, 1994; BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001., principalmente nos capítulos II e III (p. 70-104 e 105-128); GARCIA CANCLINI, Néstor. *Diferentes, desiguais e desconectados*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005; LANDOWSKI, Eric. *Presenças do Outro: ensaios de sociossemiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2002; PIERUCCI, Antônio Flávio. *Ciladas da Diferença*. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2000.

<sup>775</sup> Para uma análise mais detalhada do tema, ver: DOR, Joël. *O Pai e sua Função em Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991; e AZEVEDO, Ana Vicentini de. *A Metáfora Paterna na Psicanálise e na Literatura*. Brasília/ São Paulo: UnB/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2001.

<sup>776</sup> Na interpretação “lacaniana” de Ana Vicentini de Azevedo, *A noção freudiana do pai foi desdobrada em termos de uma figura de três faces esculpidas em uma seqüência cronológica: o pai obsceno, ou père-jouissance (na terminologia de Silvestre; 1991: 91), é assassinado por seus filhos e faz surgir uma versão idealizada do pai, que sustenta a identidade daqueles como indivíduos e membros de uma comunidade (uma fratria). Além de revelar que o “pai” é obviamente uma questão de filhos, a constituição dessa fratria expõe a violência na qual ela se assenta, ou, nos termos mais genéricos empregados por René Girardi, a violência implícita no sagrado (1979). A combinação dessas duas facetas do pai, por sua vez, produz uma terceira figura – a do pai morto – que se torna o agente e representante da lei. Em minha leitura do pai freudiano, indiquei também que o que acontece a cada uma dessas figuras informa as três ordens lacanianas – o Real, o Imaginário e o Simbólico, respectivamente. Essas são definidas por Françoise Hurstel como “os três planos ou registros que determinam os possíveis modos de relação do sujeito com o mundo (AZEVEDO, 2001: 63-64).*

angustiante. Por isso, para suprir a lacuna que dilacera a sua vida, para abrir o horizonte na direção da superação, decide relatar a história daqueles que, mesmo tendo pai, gostariam de ser órfãos.

Nesses termos, o relato de Nael, centrado na luta inglória que Yaqub e Omar (gêmeos idênticos aprisionados em uma armadilha que a ambos sufoca) travam para se destruir mutuamente, tangencia a destruição de Halim – o Pai.<sup>777</sup>

Esse combate contra o poder paterno está alicerçada em impasse substancial: a origem do conflito contra a paternidade está na comprovação de que a existência de um “pai ausente” não implica na sua substituição. Similar ao parricídio freudiano, nenhum dos filhos consegue assumir o lugar do pai imolado. A imagem residual, determinada pela ausência física do indivíduo odiado, institui o interdito e materializa-se diante dos gêmeos como um guardião do segredo mais poderoso do núcleo familiar: o Pai, Halim, é “o único homem capaz de satisfazer a mãe”.

Na mesma vertente, Nael está posicionado entre Yaqub e Omar, incapaz de apontar para um ou para o outro e dizer: “Você é o meu pai”. Sua luta não é contra o poder de um pai mítico, mas sim pelo preenchimento de um vazio existencial. Como se alguma barreira o estivesse impedindo de acertar as contas com aquele que um dia, na companhia de Domingas, foi o

---

<sup>777</sup> Depois que Yaqub voltou ao Brasil e começou a se destacar na escola, chamando a atenção para suas habilidades matemáticas, as relações entre Halim e o primogênito melhoraram muito – Halim sente orgulho do sucesso de Yaqub. No entanto, qualquer análise sobre essa ligação afetiva precisa considerar que Yaqub é um ressentido, um homem que está impossibilitado de ser feliz. Embora o texto nada mencione sobre essa tese, há a possibilidade de que Yaqub jamais tenha perdoado o pai por tê-lo mandado para o sul do Líbano. No terreno da especulação, isso pode significar, nos moldes da dissimulação, que Yaqub acumulava uma grande mágoa contra a passividade paterna – que resultou da proteção do Caçula e na punição do primogênito.

Por outro lado, Halim jamais aceitou o ímpeto desenfreado de Omar. As relações entre o pai e o Caçula sempre foram explícitas, violentas, marcadas pela disputa territorial: [Omar] *Gandaiava como nunca, e certa noite entrou em casa com uma caloura, uma moça do cortiço da rua dos fundos, irmã do Calisto. Fizeram uma festinha a dois: dançaram ao redor do altar, fumaram narguilé e beberam à vontade. De manhãzinha, do alto da escada, Halim sentiu o cheiro de pupunha cozida e jaca; viu garrafas de arak e roupas espalhadas no assoalho, caroços e casca de frutas sobre a Bíblia aberta no tapete em frente ao altar, e viu o filho e a moça, nus, dormindo no sofá cinzento. O pai desceu lentamente, a moça despertou, assustada, envergonhada, e Halim, no meio da escada, esperou que ela se vestisse e fosse embora. Depois se aproximou do filho, que fingia dormir, ergueu-o pelo cabelo, arrastou-o até a borda da mesa e então eu vi o Omar, já homem feito, levar uma bofetada, uma só, a mãozorra do pai girando e caindo pesada como um remo no rosto do filho. Todos os pedidos que Halim lhe fizera em vão, todas as palavras rudes estavam concentradas naquele tabefe. Foi um estalo de martelada em pau oco. Que mão! E que pontaria!*

*O valentão, o notívago, o conquistador de putas estatelado sobre o tapete. O Caçula não se levantou. O pai o acorrentou na maçaneta do cofre de aço, sentou-se uns minutos no sofá cinzento, tomou fôlego e saiu de casa. sumiu por dois dias* (HATOUM, 2000: 91-92).

Outros confrontos, outras cenas se repetiram até a morte de Halim. O pai e o filho viveram em extremidades opostas, disputando entre si o amor de Zana. Ao fundo, a sombra de Yaqub estava espreitando, esperando pela ocasião adequada para atacar: *Omar foi ao enterro [de Halim] mas permaneceu distante, tão distante que o irmão, mesmo ausente, parecia mais próximo da despedida ao pai. Yaqub mandara entregar no cemitério uma coroa de flores e um epitáfio, que Talib traduziu e leu em voz alta: Saudades do meu pai, que mesmo a distância sempre esteve presente. Os amigos de Halim se emocionaram. Omar, ao ver o choro da mãe, se afastou do túmulo do pai* (HATOUM, 2000: 220).

responsável pelo ato de sua concepção, Nael precisa superar a ausência – que se apresenta materializada como um Outro. Infelizmente, Nael jamais conseguirá superar essa falta – porque o nome (o nome do pai) não é capaz de preencher o vazio, embora o aumente. Domingas escondeu a identidade do homem que a ajudou a gerar Nael até o momento de sua morte. No entanto, sempre expressou nítido carinho para com Yaqub<sup>778</sup> – que, ao contrário de Omar, jamais a tratou como empregada. Mas essa demonstração de afeto não possui substância para revelar o que Nael está procurando.

A dualidade se apresenta como confusão mental nos momentos em que Nael confessa sua preferência por um dos gêmeos. Quando Omar promove alguma ação egoísta ou volta para casa depois da farra, Nael, como se estivesse impossibilitado de escolher, aceita que Yaqub possa ser o seu pai. Em outras oportunidades, como se estivesse repelindo a face insidiosa de Yaqub, nega essa possibilidade: *Hoje, penso: sou e não sou filho de Yaqub, e talvez ele tenha compartilhado comigo essa dúvida* (HATOUM, 2000: 264).

*[Yaqub] Observou meu corpo sujo de terra e demorou o olhar em minhas mãos. O olhar dele não me intimidou, mas não sei se eram olhos de um pai. Ele nunca respondeu ao meu olhar. Talvez sua ambição reiterasse a minha dúvida, ou a ambição, enorme, desmedida, não lhe permitisse olhar para mim com franqueza* (HATOUM, 2000: 232-233).

---

<sup>778</sup> A ligação afetiva entre Domingas e Yaqub inicia na infância dele, quando Omar adoece e Zana se dedica integralmente ao Caçula. Cabe à Domingas tomar conta do primogênito: *Domingas ficava com Yaqub, brincava com ele, diminuída, regredindo à infância que passara à margem de um rio, longe de Manaus. Ela o levava para outros lugares: praias formadas pela vazante, onde entravam nos barcos encalhados, abandonados na beira de um barranco. Passeavam também pela cidade, indo de praça em praça até chegar à ilha de São Vicente, onde Yaqub contemplava o Forte, trepava nos canhões, imitava a pose das sentinelas. Quando chovia, os dois se escondiam nos barcos de bronze da praça São Sebastião, contava Domingas, depois iam ver os animais e peixes na praça das Acácias* (HATOUM, 2000: 68).

Quando ele regressou do Líbano, uma de suas primeiras perguntas é: *“Onde está Domingas?”* (HATOUM, 2000: 21). Depois de se abraçarem, Domingas o acolhe em seu quarto: *viu o lápis de sua primeira caligrafia e o caderno amarelado que Domingas guardara e agora lhe entregava como se ela fosse a mãe e não a empregada* (HATOUM, 2000: 21).

Depois, Yaqub foi morar em São Paulo, mas todas as vezes que visitava Manaus, havia uma espécie de reencontro entre o menino carente e a mulher que substituíra a sua mãe biológica: *Domingas largou o ferro e foi acolher o recém-chegado. Abraçou-o, e foi o abraço mais demorado que ela deu num homem da casa. Depois serviu-lhe suco de jambo, armou a rede no alpendre e pôs ali uma mesinha com pupunhas cozidas e um bule de chá. Ele deitou na rede e, com um gesto, pediu que minha mãe ficasse junto dele.*

*Eu me aproximei do alpendre para ouvir a voz de Yaqub: uma voz grave que pronunciou várias vezes o meu nome. Minha mãe apontou os fundos do quintal. Notei que alguma coisa nele havia mudado, pois na outra visita não ficara tão perto de Domingas. Agora os dois pareciam mais íntimos, confabulavam à vontade. Quando a rede se aproximava de minha mãe, Yaqub passava-lhe a mão no cabelo, na nuca. Ele só parou de rir quando Domingas, por distração, roçou-lhe a cicatriz com os dedos. O rosto corado de Yaqub se fechou, ele pôs os pés no chão, interrompeu o balanço da rede e acendeu outro cigarro* (HATOUM, 2000: 194).

Corroído pela dúvida, Nael ainda acrescenta como elemento de afastamento da paternidade um outro fator contra Yaqub: a esterilidade de seu casamento com Livia.

Mas, a maior complicação advém de uma confissão feita por Domingas:

*(...) murmurou que gostava tanto do Yaqub... Desde o tempo em que brincavam, passeavam. Omar ficava enciumado quando via os dois juntos, no quarto, logo que o irmão voltou do Líbano. “Com o Omar eu não queria... Uma noite ele entrou no meu quarto, fazendo aquela algazarra, bêbado, abrutalhado... Ele me agarrou com força de homem. Nunca me pediu perdão.” (HATOUM, 2000: 241).*

Domingas, visivelmente incomodada em abordar esse assunto, se utiliza de um conjunto de palavras ambíguas, reticentes. Procurando reter o máximo de informações possíveis, Domingas não percebe que esse seu procedimento amplia o grau de especulações sobre os acontecimentos.

A frase: *Com o Omar eu não queria...*, onde as palavras evitam expressar a intensidade da ação, possibilita, no mínimo, duas observações:

- a) É possível que Domingas costumasse ter relações sexuais consensuais com Yaqub (*os dois juntos no quarto*) – o que causava ciúme em Omar;
- b) Domingas, uma noite, foi estuprada por Omar (*Ele me agarrou com força de homem. Nunca me pediu perdão*).

O nascimento de Nael, em 1946,<sup>779</sup> aproximadamente dois anos depois da volta de Yaqub ao Brasil, talvez decorra de um desses fatos, embora o narrador (vários anos depois dos acontecimentos, escorado no distanciamento histórico e afetivo) resista a essa possibilidade quando escreve: *O que Halim havia desejado com tanto ardor, os dois irmãos realizaram: nenhum teve filhos* (HATOUM, 2000: 264). Como estivesse a se desmentir, Nael acrescenta logo em seguida: *Alguns dos nossos desejos só se cumprem no outro, os pesadelos pertencem a nós mesmos* (HATOUM, 2000: 264). Procurar pelo pai desconhecido é, simultaneamente, o desejo e o pesadelo de Nael.

De qualquer forma, no plano prático a ausência de referências sobre namorado(s) ou amante(s) eventual(eventuais) de Domingas, reduz aos gêmeos quaisquer especulações sobre a

---

<sup>779</sup> Em um dos poucos momentos em que o narrador faz questão de estar atento à cronologia, a idade de Nael pode ser calculada porque o aniversário de Nael (18 anos) ocorre alguns dias depois da morte de Antenor Laval: *Passai alguns dias deitado, e me alegrou saber que Halim dera mais atenção ao neto bastardo que ao filho legítimo. Ele sequer pisou na soleira da porta do Caçula. No meu quarto entrou várias vezes, e numa delas me deu uma caneta-tinteiro, toda prateada, presente dos meus dezoito anos. Nem Yaqub se lembrara da data, mas o que ele não gastou com médico, ofereceu a Domingas, e dessa vez ela aceitou. Foi um aniversário inesquecível, com minha mãe, Halim e Yaqub ao lado da minha cama, todos falando de mim, da minha febre e do meu futuro* (HATOUM, 2000: 200-201).

identidade do pai de Nael. Depois de uma conversa com Halim, a voz do narrador repete a angústia:

*Adiei a pergunta sobre o meu nascimento. Meu pai. Sempre adiaría, talvez por medo. Eu me enredava em conjecturas, matutava, desconfiava de Omar, dizia a mim mesmo: Yaqub é o meu pai, mas também pode ser o Caçula, ele me provoca, se entrega com o olhar, com o escárnio dele. Halim nunca quis falar disso, nem insinuou nada (HATOUM, 2000: 133-134).*

Todos aqueles que poderiam ajudar na elucidação da paternidade de Nael se unem na recusa de fornecer informações. Os interstícios entre as palavras, que sempre estão intermediados pelas situações, se multiplicam – e nunca significam o que se supõe significarem. Talvez o momento mais próximo de uma resposta para a procura do narrador esteja no instante da morte de Domingas, em que Nael – com os braços em torno do corpo da mãe – afirma que ela *não morreu com o segredo que tanto me exasperava. Eu olhava o rosto de minha mãe e me lembrava da brutalidade do Caçula* (HATOUM, 2000: 244). Mas será possível entender que a impressão circunstancial, provavelmente fruto de uma miragem emocional, “*me lembrava da brutalidade do Caçula*”, significa a extinção do enigma? Provavelmente não. Porque descartar Yaqub é uma hipótese prematura. A herança que o primogênito destina para Nael, quando a família precisa entregar a casa para Rochiram, lembra, em um primeiro momento, a preocupação genuína de um pai em relação ao futuro do filho:

*No projeto de reforma, o arquiteto deixou uma passagem lateral, um corredorzinho que conduz aos fundos da casa. A área que me coube, pequena, colada ao cortiço, é este quadrado no quintal.  
“Tua herança”, murmurou Rânia.  
A bondade tarda mas não falha? Soube depois que Yaqub quis assim; quis facilitar minha vida, como quis arruinar a do irmão (HATOUM, 2000: 256).*

Se é possível acreditar na bondade humana, então a bondade – embora tarde – não falha. Infelizmente, Yaqub é um adepto da dissimulação. E a sua preocupação em prover o futuro de Nael, em declarar que o rapaz é o herdeiro dos destroços familiares, também pode significar uma forma de agressão oblíqua contra Omar, na medida em que “usurpa a paternidade” do Caçula. Será essa a justificativa para a herança?

Como o destino reserva à história humana o velamento épico, são as minúcias que determinam as revelações. Todas as hipóteses sobre a paternidade de Nael, todos os desvios especulativos perdem o sentido no momento em que, logo após ser libertado da prisão, Omar

procura por Nael. O espaço físico exíguo que o rapaz recebeu como “herança” serve de cenário para uma cena de nítido contorno edipiano.

Esse encontro está marcado pela ausência das palavras e envolve os dois homens de uma forma mais significativa do que todas as páginas anteriores da história que Nael escreveu:

*Ainda chovia, com trovoadas, quando Omar invadiu o meu refúgio. Aproximou-se do meu quarto devagar, um vulto. Avançou mais um pouco e estacou bem perto da velha seringueira, diminuído pela grandeza da árvore. Não pude ver com nitidez o seu rosto. Ele ergueu a cabeça para a copa que cobria o quintal. Depois virou o corpo, olhou para trás: não havia mais alpendre, a rede vermelha não o esperava. Um muro alto e sólido separava o meu canto da Casa Rochiram. Ele ousou e veio avançando, os pés descalços no aguçal. Um homem de meia-idade, o Caçula. E já quase velho. Ele me encarou. Eu esperei. Queria que ele confessasse a desonra, a humilhação. Uma palavra bastava, uma só. O perdão.*

*Omar titubeou. Olhou para mim, emudecido. Assim ficou por um tempo, o olhar cortando a chuva e a janela, para além de qualquer ângulo ou ponto fixo. Era um olhar à deriva. Depois recuou lentamente, deu as costas e foi embora* (HATOUM, 2000: 265-266)

*Olhou para mim, emudecido*, afirma aquele que *Queria que [Omar] confessasse a desonra, a humilhação*. Toda a procura de Nael, toda a justificativa para o seu relato deveria encontrar um desfecho no instante em que *Omar invadiu o meu refúgio*. Mas não é assim, como um conto de fadas extemporâneo, que a história termina. E confirmando que o uso de pronomes possessivos demarca territórios (“meu” refúgio), Nael acrescenta na frase um verbo particularmente emblemático: invadir. Como estivesse visualizando o encontro com um bárbaro,<sup>780</sup> pois não mais se considera um excluído social,<sup>781</sup> Nael quase escreve que a visita de Omar profana o território imaculado, lugar onde as lembranças são conjugadas como versos idílicos, como momentos (con)sagrados.<sup>782</sup>

---

<sup>780</sup> O homem que Nael visualiza naquela noite de chuva está muito longe da imagem paterna idealizada (*um vulto, não pude ver com nitidez o seu rosto, os pés descalços, um homem de meia-idade, e já quase velho*). Nael faz uma descrição pouco afetiva, como se fosse uma figura bárbara, talvez um mendigo. O menino, que cresceu órfão, inconscientemente recusa um pai alquebrado. O parricídio muitas vezes surge como uma estratégia oblíqua para superar a presença castradora instituída pela paternidade.

<sup>781</sup> Uma das formas que Nael utilizou para construir simbolicamente a sua identidade, eliminando o exílio social a que estava submetido por não ter pai, foi a história que escreveu – circunstância que o prepara, na idade adulta, para a carreira de professor (profissão que apenas ratifica a sua vocação de transmitir o conhecimento). O conjunto de acontecimentos que constituem a sua identidade de escritor, de professor, de filho de Domingas, são os “documentos” que o legitimam como ser humano, como indivíduo integrante de lugar e espaço. A revelação do nome do homem que lhe assegurará a paternidade (Yaqub ou Omar) é mera formalidade jurídica.

<sup>782</sup> O agregado, que antes olhava para todos os acontecimentos “do lado de fora” da casa, entra no mundo adulto quando precisa conviver com o desconforto de encontrar o seu reflexo invertido: a conclusão do ritual de passagem, quando o menino se transforma em homem, ocorre quando Nael percebe que Omar não mais exerce a posse material da casa, não mais habita a vida de cada um das pessoas que ele (Omar) enredou em um turbilhão de desassossegos. É a percepção da “morte do pai” que liberta Nael. Ao mesmo tempo, como que a confirmar que os excluídos de hoje serão

Omar, negando compartilhar o idioma dos “civilizados”, fica em silêncio. Não emite sequer aquela palavra que – presa na garganta e jamais pronunciada anteriormente – alteraria as posições dos personagens, instituindo em Nael a paternidade e em Omar a filiação.<sup>783</sup> Bastam algumas sílabas e o mundo estará recomposto. Como o patético é uma espécie de irmão gêmeo da tragédia, Omar prefere o silêncio<sup>784</sup> – que é a maneira eloqüente com que declara que nenhuma ação conseguirá preencher o vazio.<sup>785</sup> Ao eliminar a intermediação das palavras, substituindo-as pelo desamparo e por um olhar à deriva, o Caçula não permite espaço para o perdão que Nael está a lhe oferecer.<sup>786</sup>

Em troca, o silêncio que Omar oferece como uma dádiva ao “filho” impressiona – o contraste entre a grandeza que emana da ausência sonora e o ruído causado pelos escombros familiares (que a narrativa de Nael evitou serem soterrados pelo tempo) resulta na serenidade de um homem que volta as costas para uma história que deixou de lhe pertencer, e, com os pés

---

os incluídos de amanhã, Nael somente consegue visualizar Omar como alguém que, com a implosão familiar, perdeu as referências e que está destinado a viver à deriva pelas ruas de Manaus.

<sup>783</sup> Repetindo (como se estivesse diante de um espelho – que inverte as imagens) o mito do filho pródigo, Nael se comporta, nas linhas finais de *Dois irmãos*, como um pai que espera pelo filho desgarrado. Mas, ao contrário do pai bíblico, que encontra regozijo na volta do filho (*este teu irmão estava morto e tornou a viver, estava perdido e foi encontrado* [Lc., 15: 32]), Nael, como todo parricida, deseja um pouco mais: que Omar confesse – arrependido – a culpa, as inúmeras iniquidades que cometeu contra os integrantes da família. O Caçula, que não se enquadra nos estereótipos da redenção cristã, nem nos das utopias sebastianistas, prefere o silêncio – e não o gesto grandioso daqueles que, escandindo os fonemas, se jogam no chão em convulsão contrita. Omar se recusa a assumir uma posição tão indigna para um homem que sempre esteve procurando pela liberdade (mesmo quando essa liberdade não foi capaz de o libertar).

<sup>784</sup> O silêncio é uma arma que Yaqub utiliza várias vezes. Ressentido, quando estava exilado no Líbano, se recusou a responder as cartas da mãe, como se abominasse momentos de sinceridade; depois da prisão de Omar, Yaqub recebe uma carta de Rânia que não responde, pois *calculou que o silêncio era mais eficaz do que uma resposta escrita* (HATOUM, 2000: 262).

<sup>785</sup> Omar também é tomado pelo silêncio, quando encontra Nael pela última vez. Embora seja partidário da cólera, da explosão emocional como método primário de ação, o Caçula, como se tivesse aprendido a enfrentar as contrariedades com calma, parece estar consciente de que a retomada do passado não corrige o presente, por mais eficaz que seja esse momento. Mesmo que esteja amargurado pelos dois anos que passou preso, o emudecimento de Omar, enquanto olha para Nael, não caracteriza algum tipo de dificuldade para verbalizar os sentimentos; é apenas uma forma diferenciada de realizar um ajuste de contas pessoal e recuperar das profundezas do esquecimento o filho que nunca reconheceu; é o que lhe basta. Nenhuma palavra pronunciada (ou omitida) substituirá essa imagem.

<sup>786</sup> Guardadas as devidas proporções trágicas, o silêncio de Omar – que acena para a inutilidade das palavras em exprimir os sentimentos – lembra, entre diversos exemplos literários, o imobilista “*Eu preferia não fazê-lo*”, constantemente repetido pelo escrivão Bartleby (MELVILLE, 1982). Da mesma forma que o personagem de Herman Melville, Omar parece não estar preocupado com as futuras agressões que lhe serão dirigidas por um mundo hostil. A paralisia retratada no *olhar cortando a chuva e a janela, para além de qualquer ângulo ou ponto fixo* caracteriza uma postura pouco usual em momentos decisivos, em situações em que se espera uma posição mais ativa, e, portanto, mais adequada à ansiedade da modernidade. Ao preferir não responder à inquietação de Nael sobre a paternidade, que é uma forma de silenciar as próprias inquietações, Omar deixa visível o seu cansaço com a falta de consistência emocional humana (que exige explicações “lógicas” para tudo).

descalços no aguaçal, despido da materialidade capitalista, mergulha na chuva que, simbolicamente, lava todos os pecados.

A história que Nael queria contar em *Dois irmãos* termina no momento em que Omar recuou lentamente, deu as costas e foi embora. Nesse momento, *Nada mais une esses dois estranhos que, em momento impreciso, partilharam uma história comum* (ARRUDA FILHO, 2004). O narrador conclui que a distância afetiva não é suficiente para mensurar quem é bom e quem é mau, quem tem culpa e quem é inocente na história que acabou de relatar. Diante da última página de seu manuscrito, sem poder decompor a dupla articulação em que está escorada a sua paternidade (Omar ou Yaqub), Nael estabelece na visita do Caçula um ponto de término para a história que estava narrando (que, de certa maneira, também relata uma parcela de suas experiências pessoais). Ao mesmo tempo, apesar de todos os seus esforços para recuperar as ruínas familiares, esse também é um ponto de (re)começo, situação em que os rastros do passado (que sempre assombram o presente e o futuro) se dissolvem no estatuto ficcional.

Diante da última página, nada mais resta para Nael, antes que as palavras atinjam um ponto de perda absoluta de sentido, que migrar do passado para o futuro, da condição de narrador para a de leitor (aquele que garimpa na imensidão do texto a intensidade dos sentimentos), como uma dessas viagens em que o viajante (na medida em que a distância se amplia) percebe que alguém está anunciando a proximidade.

*Talvez seja agora a hora de ver em Omar um homem quase sem valores afetivos, cujo coração batia errado, e que, ao voltar as costas para os escombros da casa, abandonando as imagens presas na memória parcial de Nael, decide manter intocado o segredo que talvez pudesse fornecer a chave que desvende os mistérios que foram soterrados pelo ódio fraterno. Talvez seja agora a hora de ver que somente se liberta da casa (e da família e dos segredos) aquele que, de posse de uma consciência que nega as ruínas da dor, enfrenta sem medo a imensidão da rua.*

*Talvez seja agora a hora de ver Nael como alguém que, prisioneiro de suas angústias pessoais, inventou um pai para justificar a inércia e o desperdício de sua própria vida. Sem poder diminuir a extensão dessa dor, sem poder fornecer um nome para essa sombra sem corpo que é a paternidade, preencheu páginas e mais páginas de um manuscrito, contando uma história de destruição familiar. Nael, mais do que testemunha do ódio fraterno, é aquele que, não podendo viver intensamente as emoções do mundo, conta a vida do Outro – e se realiza através do narrar de vidas que não são a sua. Escrevendo sobre Marcel Proust, Samuel Beckett observa que um clima de segunda-mão é melhor do que nada (BECKETT, 2003: 31) (ARRUDA FILHO, 2004).*



**O QUE AINDA NÃO FOI DITO**  
**(ou as Considerações Finais**  
**– dessas que nada consideram, tampouco são finais)**

*Não me interessa por irmãos. Meu irmão mais velho teima em não morrer e meus irmãos mais novos parecem querer imitá-lo.*

**Oscar Wilde:** “*O retrato de Dorian Grey*”.

*Tenho você, Júlio. Um irmão a gente nem sabe como esquecer! Nem que quisesse!*

**Bernardo Ajzenberg:** “*A gaiola de Faraday*”.

*Talvez fosse melhor medir as distâncias de outra maneira. Não por espaço e tempo, como se faz até agora. Mas pelo que se aprende no caminho.*

**João Anzanello Carrascoza:** “*Caçador de vidro*”.

Se *As relações familiares são os lugares privilegiados da tragédia*, como afirma Jean-François Lyotard (*apud* GUMBRECHT, 2001: 11), cabe margear o pensamento que envolve este estudo com duas perguntas. Se os conflitos intrafamiliares, principalmente aqueles que possuem poucas possibilidades de resolução, constituem a matéria-prima fundamental para a compreensão social, então por que prevalece no inconsciente coletivo da sociedade contemporânea a mitologia apaziguadora de que os relacionamentos entre aqueles que estão “unidos por laços de sangue” são nivelados por conceitos pouco espessos<sup>787</sup> como igualdade, família e fraternidade?

E, como corolário da pergunta anterior, por que, nos estudos literários, o afeto (ou o ódio) fraterno, não costuma obter visibilidade suficiente para explicitar as suas mais significativas contradições internas?

Karl Ludwig Pfeiffer, discorrendo sobre o trágico, afirma que:

*(...) chama a atenção o fato de que na literatura européia desde o século XIX quase não há mais formas de catástrofes e de fracasso que se designariam de trágicas. A literatura tem grande dificuldade de conferir grandeza e inexorabilidade a conflitos entre indivíduos e a sociedade. Talvez a literatura que conhecemos em forma de livro não seja, per definitionem, uma mídia para a tragicidade. Talvez ela utilize a forma do trágico para sugerir perspectivas da complexidade cognitiva e emocional pela qual somos assoberbados no cotidiano* (PFEIFFER, 2001: 62).

Nesses termos, independente de concordar ou não com Pfeiffer, constata-se que a literatura (sem se ater a um período histórico ou aos seus compromissos ideológicos), desde os seus primórdios, contemplou com grande quantidade de narrativas as representação dos

---

<sup>787</sup> A “espessura” filosófica e política de um conceito está relacionada com a ausência de flexibilidade de seus usos e interpretações. O constante emprego de um tipo de “lógica fraca”, que não consegue atender as nuances e sutilezas de uma situação concreta, mas a anestesia ou a dissimula, se explica pelo fato de que as relações humanas são administradas por circunstâncias específicas e pouco preocupadas com um contexto mais amplo. Nesse sentido, por exemplo, igualdade (e seu reflexo complementar, a desigualdade), que é um conceito político, depende de critérios de mensuração que nem sempre são consensuais. O mesmo se pode dizer sobre a família e, especificamente, a fraternidade, que muitas vezes unificam sobre a mesma definição dois entendimentos distintos: as “relações consanguíneas” e as relações decorrentes da amizade. Desta forma, para que se possa obter um razoável nível de entendimento sobre a fragilidade do emprego conceitual, necessário se faz entender que igualdade, família e fraternidade são elementos fluidos, passíveis de emprego em situações distintas e com significados que – muitas vezes – se opõem.

relacionamentos familiares e fraternos. Seja destacando em primeiro plano o turbilhão emocional que caracteriza o tema; seja como elemento complementar, integrado a um contexto maior.

De qualquer maneira, todos os textos que abordam as relações fraternas caracterizam-se por uma visível falta de sintonia com o todo: há a predominância de determinadas questões ou situações no interior de uma família<sup>788</sup> e que se mostram insuficientes para diagnosticar toda a complexidade dos conflitos. Por um efeito mimético pouco elaborado e recorrente quando necessita enfrentar o tema fraterno, a prática literária consiste na construção de um arcabouço dissimulativo, que visa o cerceamento de toda e qualquer manifestação pública de alguns sentimentos. Esse “realismo funcional”, muitas vezes construído *ad hoc*, propõe que somente sejam considerados como significativos os fatos enunciados. Sem se importar com o fato de que as fratrias caracterizam parte das ruínas emocionais que corroem a razão, todos aqueles que gravitam em torno dos vínculos emocionais entre irmãos (principalmente os pais, as mães e/ou outros irmãos) preferem acreditar em discursos vazios, frutos de uma realidade construída como ausência da realidade. O império da retórica do apaziguamento<sup>789</sup> propõe a dissimulação advinda de tréguas e/ou acertos que são anunciados – mas que não se concretizam – como capazes de contemplar todas as exigências que alimentam a discórdia.

Como viga mestra dessa utopia, a mimesis familiar – imitação banalizada do universo que representa –, sem o menor escrúpulo, sem considerar o alcance malévolo das palavras que são pronunciadas diante de testemunhas, costuma confirmar inúmeros estereótipos sociais, principalmente aquele que proclama que o amor familiar (regido pela parceria paterno/materno) é dividido “irmanamente” entre os componentes da fratria. Esta fantasia edulcorada, que poderia ser chamada de afeto isonômico, não se sustenta na prática social e é desmascarada instantaneamente, pois pais e mães costumam adotar um comportamento sem muitas variações:

---

<sup>788</sup> O interior intrafamiliar abriga um conjunto complexo de problemas – e que poucas vezes são reconhecidos como “problemas”. Isso significa que, embora a negligência seja um componente significativo, muitas vezes o motivo fundamental para que os conflitos fraternos sejam ignorados (ou esquecidos) está na urgência de atendimento em inúmeras outras frentes de batalha: problemas conjugais, relação paterna, relação materna, conflitos com os diversos parentes consangüíneos e contraparentes, traições extraconjugais, reconhecimento de paternidade, relações de trabalho,...

<sup>789</sup> Nos conflitos familiares, especialmente nos fraternos, a retórica do apaziguamento costuma ser aceita de forma instantânea. Para aqueles que precisam mediar algum tipo de embate – independente de seu(s) motivo(s) ou prolongamento(s) – qualquer possibilidade capaz de transferir confrontos intrafamiliares é acolhida como “solução”. O medo de esclarecer alguns “pequenos” problemas é maior do que os riscos advindos do adiamento. Um exemplo elementar ocorre quando as demandas de alguns setores não acolhidas pelos encarregados de promover o bem-estar familiar. Decidir com equanimidade implica em aceitar algum tipo de prejuízo (que o patriarcado/matriarcado não deseja assumir). Por isso, a forma insidiosa com que a microquímica da agressividade vai corroendo o tecido fraterno raras vezes é detectada por quem de direito.

mostram ostensivamente preferências por este ou aquele filho,<sup>790</sup> incentivam a rivalidade (sob a alegação sempre suspeita de que os filhos precisam ser preparados para enfrentar o mundo externo, que é hostil), ignoram ou fingem ignorar alguns atritos, comentem injustiças e, por motivos alheios à lógica,<sup>791</sup> atendem reivindicações que extrapolam o bom senso e o equilíbrio familiar.

A reação dos filhos preteridos, desamparados<sup>792</sup> por aqueles que os deveriam proteger, oscila entre aceitar (sublimar) ou se rebelar contra o determinismo que impõe um filho como “o” escolhido e o(s) outro(s) como normal(is).<sup>793</sup> Essa divisão polarizada, instituída pela *suave violência sacrossanta do pátrio poder*,<sup>794</sup> implica em aceitar que o mundo familiar está dividido em grupos distintos: os que estão “a favor” e os que estão “contra”, os que estão sob proteção do pai ou da mãe (ou de ambos) e os que estão fadados ao desamparo, os que aderem incondicionalmente (sem efetuar qualquer reflexão crítica) e os que se rebelam. Por isso, em momentos de crise, quando as negociações falham e a voz do agressor – calcada em fatos “objetivos” – soa mais alto, o resultado obtido reverbera o império da intolerância.

Nesses termos, fraternidade rima com tragicidade – e não é mais possível negá-la. Diante da impossibilidade de ignorar que compromissos não resolvidos em seu devido tempo, independente da distância temporal, serão cobrados pela parte excluída nos benefícios, o trágico surge como um dos elementos essenciais para o estudo da fraternidade – apesar da prática social contemporânea se caracterizar pelo desaparecimento das idéias e pela polarização egocêntrica em torno de questões elementares, pouco afeitas a um contexto mais abrangente.

---

<sup>790</sup> Mesmo nos casos em que um dos filhos se mostra mais necessitado do que o(s) outro(s) de proteção ou de auxílio emocional, a(s) parte(s) não atendida(s) costuma(m) acumular mágoa(s), respondendo às suas carências com a agressividade. Por outro lado, essas reações são incentivadas pelo poder paterno/materno – sempre exercido ditatorialmente – que raras vezes se preocupa em dar satisfação de seus atos. A soma desses dois fatores costuma gerar desequilíbrio afetivo na prole.

<sup>791</sup> A lógica paterno/materno é “outra” – e raramente está conectada com as demandas dos filhos. Ao manifestarem o amor explícito por um filho, os pais acreditam que não estão prejudicando o(s) outro(s). Somente a história daqueles que estão envolvidos nesse tipo de situação consegue provar se essa avaliação está equivocada ou não. Enquanto isso, enquanto não há definição, os pais se deixam levar pelo delírio de que o tempo (que produz novas sensações e situações) é capaz de sedimentar os conflitos.

<sup>792</sup> *O desamparo, sinal ostensivo da fragilidade humana (em face às inesgotáveis fontes de sofrimento vindas de si mesmo, do outro e do mundo) é um marco da experiência contemporânea. Num mundo sem garantias e sem certezas asseguradas, a existência torna-se para o sujeito uma aventura de riscos insuportáveis e as soluções construídas para enfrentar o mal-estar, sempre provisórias, não eliminam a ameaça de desamparo* (CAVALCANTI, CARDOSO, ROCHA, 2000: 124) .

<sup>793</sup> A simetria com os mitos gregos (Herácles e Ificles, Castor e Pólux) e judaicos (Caim e Abel, Esaú e Jacó) não deve ser desprezada. Enquanto um dos filhos recebe a proteção do pai (Abel, Herácles, Pólux) ou da mãe (Esaú), o outro, aquele que está desprotegido, precisa superar – além do déficit emocional – todas as dificuldades advindas da “mortalidade” ou de uma vida ordinária.

<sup>794</sup> ECO, Umberto. *Carta ao meu filho*. In: \_\_\_\_\_. *Diário mínimo*. São Paulo: Difel, 1985. p. 121.

Historicamente, a reação adequada à afronta e à humilhação não é o acordo ou o adiamento do conflito – é a revolta, a quebra de todas as normas morais e éticas, e, em casos extremos, a loucura. Aquele(s) que, no interior das relações familiares, se sente(m) prejudicado(s) utiliza(m)-se do ressentimento, da mágoa e da cólera como justificativas para o uso da violência – independente desse proceder assemelhar-se ao daquele que é considerado o opressor.

Movida pela sedução do apocalipse, ou seja, pela indignação, pela injustiça ou pelo desespero, a parte ofendida<sup>795</sup> estabelece a quebra de quaisquer regras que constituam o Estatuto da Hostilidade: a violência das idéias se transforma em violência física. Por isso, a parte ofendida, quando procura reverter uma situação adversa, usualmente não mede as consequências e adota atitudes que não possibilitam a conciliação. Em outras palavras, como a determinada ação corresponde uma reação (raramente de força igual, mas sempre de sentido contrário), cada golpe passa a ser acompanhado de um contragolpe – até que ocorra um empuxo decisivo ou as duas forças se anulem mutuamente. E isso significa, grosso modo, que todos aqueles que estão próximos (comprometidos ou não com o contexto) serão arrastados para dentro desse turbilhão ensandecido.

Nesses termos, no caso específico das relações fraternas, constata-se que a literatura poucas vezes consegue retratar os conflitos intrafamiliares com organicidade. Na visão de Marthe Robert, *o romance não age a despeito das “histórias” que conta, mas em função delas, em função precisamente de seu caráter tendencioso e da falsidade de que ele se faz agente* (ROBERT, 2007: 28). Ou seja, para conservar as suas características narrativas, a literatura ficcional, diante da possibilidade de romper o pacto ficcional, prefere alimentá-lo – o que, entre outras coisas, significa que existem muitas dificuldades para avançar na direção das descobertas ou dos desvelamentos.

Embora a bibliografia sobre os conflitos e atrações da fraternidade (romances, novelas e contos) seja substancial, poucos são os estudos teóricos que se aventuraram no desbravamento de alguns aspectos menos visíveis desse terreno movediço. Provavelmente a instituição família está envolvida por um conceito ideológico tão forte que o perigo de infringir alguma lei não escrita

---

<sup>795</sup> Independente de fatores externos, que poderiam explicar de outra maneira determinados comportamentos, é preciso considerar que a parte ofendida ou injustiçada, no âmbito das relações sociais, principalmente as familiares fraternas, se torna perigosa, pois, como uma evidência de que é possível sobreviver ao sofrimento, se deixa tomar pelo ressentimento e pela necessidade psicológica de revidar a agressão sofrida.

sobre os relacionamentos intrafamiliares impede (consciente ou inconscientemente) a heresia de uma abordagem crítica.

Apesar disso, ou talvez por isso, foram publicados, ao longo da história da literatura, excelentes textos analíticos sobre romances, novelas e contos que abordam os conteúdos familiares. Romances como *Irmãos Karamazov* (Fiodor Dostoiévski), *Os Thibault* (Roger Martin Du Gard), *Os Buddenbrook* (Thomas Mann), por exemplo, possuem uma fortuna crítica excepcional – mas a tônica desses estudos usualmente está voltada para algumas de suas características técnicas, ignorando as particularidades que constituem as relações afetivas entre os irmãos.

Isso significa que são raros os estudos literários específicos sobre os elementos psicológicos e políticos que constituem a fraternidade.<sup>796</sup> Para preencher esse hiato, uma coletânea essencial para um melhor entendimento sobre o tema, onde a psicanálise é colocada em xeque como ferramenta de interpretação das fratrias,<sup>797</sup> foi organizada por Maria Rita Kehl: *Função fraterna* (KEHL, 2000). Apesar de não constituir, por excelência, uma proposta de análise e interpretação literária, os textos reunidos por Kehl fornecem inúmeros e valiosos subsídios para a discussão do tema.<sup>798</sup>

---

<sup>796</sup> Uma exceção sobre os temas ligados à fraternidade consanguínea está relacionado com a morbidez com que determinados autores (principalmente os que estão ligados às áreas de sociologia, antropologia e direito) se debruçam na investigação de determinados interditos sexuais, como o incesto e o estupro.

<sup>797</sup> Na coletânea organizada por Maria Rita Kehl predomina o entendimento de que o conceito de fraternidade não se restringe aos laços de sangue. Ou seja, também abriga as relações de amizade (que não constituem o interesse deste estudo).

<sup>798</sup> Contrapondo-se e complementando a abordagem teórica, uma outra psicanalista, Livia Garcia-Roza, organizou um volume com *Ficções fraternas* (GARCIA-ROZA, 2003) reúne dezessete narrativas ficcionais sobre a fraternidade – destacando variações significativas sobre os interesses que margeiam a fraternidade.

Ao contrastar e comparar três romances sobre a fraternidade, *Esau e Jacó*, *Pedro e Paula* e *Dois irmãos*, escritos, respectivamente, por Machado de Assis, Helder Macedo e Milton Hatoum, este estudo procurou sublinhar a existência de algumas conexões comuns aos três textos:

1) A rivalidade muitas vezes exagerada entre irmãos é a representação metonímica de uma sociedade guerreira que ainda não conseguiu superar as suas raízes históricas – está fundamentada no estatuto da competição, da hostilidade, da afirmação do domínio territorial e da ausência de compreensão com dois dos mais importantes direitos do Outro: a existência e a diversidade. Através da dissimulação, o artifício favorito daqueles que procuram evitar o enfrentamento, o verniz civilizatório (que sustenta uma suposta superioridade do refinamento intelectual proposto pela ética, pela moral e pelo compromisso histórico – expresso na trilogia do ideal burguês: igualdade, liberdade e fraternidade) procura encobrir as ações predatórias, típicas de uma tribalização bárbara que jamais foi (e provavelmente nunca será) superada pelo *continuum histórico*.<sup>799</sup> No entendimento de Walter Benjamin, *a luta de classes, que um historiador educado por Marx jamais perde de vista, é uma luta pelas coisas brutas e materiais, sem as quais não existem as refinadas e espirituais* (BENJAMIN, 1985: 223). Considerando que o império das coisas brutas ainda não foi superado na/pela modernidade, o indivíduo encontra no desamparo a explicação para o seu mal-estar e a justificativa para impor a violência como estratégia de sobrevivência. A política, entendida como uma ferramenta social para superar o embate entre propostas divergentes, é constantemente omitida ou superada pela “lei do mais forte”.

---

<sup>799</sup> Essa olhar pessimista sobre a sociedade contemporânea é compartilhado por diversos estudiosos da violência, destacando-se Jean-François Mattéi: *Nenhuma revolução conseguirá salvar as sociedades da barbárie, pois elas estão todas condenadas à força, à violência e à cupidez. A civilização, portanto, destruir-se-á novamente, à imagem do homem carrasco de si mesmo, de Baudelaire, no retorno incansável de seu próprio tormento, para renascer em seguida de suas cinzas e recomeçar ad nauseam, sendo a civilização e a barbárie as duas máscaras, adversárias e cúmplices, de uma mesma e única humanidade* (MATTÉI, 2002: 47)

2) A idiotia da destruição mutuamente assegurada e protagonizada por irmãos gêmeos constitui um importante elemento de reflexão sobre as relações sociais contemporâneas: na sociedade do espetáculo, conforme célebre expressão de Guy Debord, onde a homogeneização proposta pelo predomínio da globalização (que pulveriza as fronteiras políticas, econômicas e ideológicas),<sup>800</sup> nada é mais diferente (e assustador) do que o igual. A imagem especular – que não foi idealizada ou desejada (porque o egoísmo contemporâneo não consegue comungar as próprias necessidades com a do Outro) – revela o que há de mais perturbador no indivíduo (e que ele gostaria de esconder, muitas vezes de si mesmo). Quando o uno e o Outro são contrastados, o exercício da banalização das prioridades, da omissão do coletivo e, conseqüentemente, da negação da alteridade tomam a forma de um fetiche que a todos seduz,<sup>801</sup> porque escorada na defesa da territorialidade emocional.<sup>802</sup> Agredir é uma forma de se defender, diz o agressor.

Os conflitos advindos da gemelaridade (que, em tese, deveriam consagrar o “sempre igual”) estabelecem que a vida social contemporânea está assentada em paradoxos. Gêmeos (indiferentemente do fato de serem univitelinos ou bivitelinos), embora procurem por um destino comum, costumam escolher percursos pessoais diferentes: apesar (ou talvez por causa da) semelhança física, gêmeos não são iguais. O óbvio e o oculto se revelam como elementos contrastantes entre imagens especulares, porque incapazes de enunciar as diferenças entre o original e a cópia. Em síntese: os atritos mais freqüentes entre gêmeos ocorrem exatamente como resultado desse (des)encontro.

---

<sup>800</sup> No processo de transformação do “sempre igual” em mercadoria, a globalização capitalista se utiliza de várias ferramentas: o achatamento intelectual expresso pelo “pensamento único” (que elimina a subjetividade), a ausência da ética e da moral (justificativa para a legitimação do processo predatório e a conseqüente multiplicação das aquisições econômicas) e a anulação das diferenças regionais (sob a égide de que em uma sociedade competitiva o regionalismo precisa ser substituído pela eficiência dos “valores” “universais”). No entendimento de Guy Debord, *A produção capitalista unificou o espaço, que já não é limitado por sociedades externas. Essa unificação é ao mesmo tempo um processo extensivo e intensivo de banalização. A acumulação das mercadorias produzidas em série para o espaço abstrato do mercado, assim como devia romper as barreiras regionais e legais e todas as restrições corporativas da Idade Média que mantinham a qualidade da produção artesanal, devia também dissolver a autonomia e a qualidade dos lugares. Essa força de homogeneização é a artilharia pesada que fez cair todas as muralhas da China* (DEBORD, 1997: 111).

<sup>801</sup> *A trivialização da crise, ao mesmo tempo que testemunha um difuso sentimento de perigo – uma percepção de que nada, sequer um simples detalhe doméstico, pode ser visto como garantido – também serve como uma estratégia de sobrevivência em si. Quando a impiedosa retórica da sobrevivência invade a vida cotidiana, ela intensifica e libera, simultaneamente, o terror do desastre* (LASCH, 1990: 53).

<sup>802</sup> *A sociedade que modela tudo o que a cerca construiu uma técnica especial para agir sobre o que dá sustentação a essas tarefas: o próprio território. O urbanismo é a tomada de posse do ambiente natural e humano pelo capitalismo que, ao desenvolver a sua lógica de dominação absoluta, pode e deve agora refazer a totalidade do espaço como seu próprio cenário* (DEBORD, 1997: 112).



3) Através da revitalização de alguns mitos religiosos (especialmente os gregos e judaicos), a literatura encontra maneiras de reencenar (com pequenas mudanças contextuais) as lições históricas e culturais. Sem se ater ao tempo e ao lugar originais, o passado mítico ressurge como elemento aglutinador e verossímil da experiência humana.

Em relação aos afetos fraternos, figuras como Caim e Abel, Esaú e Jacó, o filho pródigo, Castor e Pólux, Herácles e Ificles, apesar de serem reintroduzidas na modernidade através de novas roupagens, são facilmente identificadas pelo/no imaginário coletivo: as características essenciais do mito “original” raramente são alteradas ou camufladas porque a intenção literária é a de insistir em um modelo atemporal. Assim, trabalhando sobre uma base histórica e literária solidificada, a representação dos afetos fraternos se desenvolve e se multiplica, permitindo o acréscimo à estrutura original de uma série de detalhes, variações, versões, corruptelas e modificações. O estudo desse percurso histórico possibilita o contraste e a comparação.

A inclusão de múltiplas referências de fácil identificação é um estratagema que permite o acréscimo de detalhes históricos, religiosos e literários como elementos reatualizadores da verossimilhança literária. Em outras palavras, o “antigo” torna-se “moderno”, porque encoberto por uma linguagem que lhe permite estar no mesmo nível dos demais elementos que compõem a narrativa. Entre os inúmeros exemplos, cabe destacar três:

- a) como representante de uma determinada classe social,<sup>803</sup> o conselheiro Aires, em momento de pretensiosa erudição (*Em grego, meninos, em grego e em verso, que é melhor que a nossa língua e a prosa do nosso tempo* [ASSIS, 1999: 65]), compara os gêmeos Pedro e Paulo e os heróis gregos Aquiles e Odisseus.<sup>804</sup> O antagonismo dos

---

<sup>803</sup> Não é objetivo deste estudo se ater às representações da luta de classes no texto machadiano. No entanto, não deixa de ser surpreendente o esforço do narrador de *Esaú e Jacó* em enaltecer um determinado círculo social, composto por intelectuais, banqueiros, políticos e comerciantes. Esse deslizar narrativo mostra a forma abrupta com que a classe social da “nobreza” (tantas vezes enaltizada pelas vozes românticas) perde a sua importância referencial como padrão social e cai no vazio de conteúdo em que o “ter” supera o “ser” (confirmando que naqueles tempos já havia uma preocupação com a lógica do mercado capitalista). O conselheiro Aires, nesse aspecto, retrata um mundo em transformação: querer que os gêmeos saibam grego e métrica poética, morando em um país que, na época, apresentava índices de analfabetismo assustadores, é uma ironia insuperável.

<sup>804</sup> *No fim do almoço, Aires deu-lhes uma citação de Homero, aliás duas, uma para cada um, dizendo-lhes que o velho poeta as cantara separadamente, Paulo no começo da Ilíada:*

– “Musa, canto a cólera de Aquiles, filho de Peleu, cólera funesta aos gregos, que precipitou à estância de Plutão tantas almas válidas de heróis, entregues os corpos às aves e aos cães...”

*Pedro estava no começo da Odisséia:*

– “Musa, canta aquele herói astuto, que errou por tantos tempos, depois de destruída a santa Ílion...”

*Era um modo de definir o caráter de ambos, e nenhum deles levou a mal a aplicação. Ao contrário, a citação poética valia por um diploma particular. O fato é que ambos sorriram de fê, de aceitação, de agradecimento, sem que achassem uma palavra ou sílaba com que desmentissem o adequado dos versos. Que ele, o conselheiro, depois*

heróis homéricos serve de fundação para um raciocínio que se escora na hostilidade e na superficialidade dos estereótipos, mas que faz questão de ostentar o “verniz civilizatório” da “alta” cultura européia;

- b) o encontro improvável entre Édipo e Gabriel (o “anjo da anunciação”) ocorre nos acordes musicais e mitológicos<sup>805</sup> de Debussy e Schoenberg (especialmente em *Pélleas e Mélisande*) e Wagner. A harmonia resultante desse constructo orquestral está relatado nas páginas de *Pedro e Paula*,<sup>806</sup>
- c) Yaqub não consegue fugir de suas origens maronitas (cristãos libaneses) no momento em que, conjugando o terrorismo psicológico com a tradição religiosa, escreve para a

---

de os citar em prosa nossa, repetiu-os no próprio texto grego e os dois gêmeos sentiram-se ainda mais épicos, tão certo é que traduções não valem originais. O que eles fizeram foi dar um sentido deprimente ao que era aplicável ao irmão:

– Tem razão, Sr. conselheiro, – disse Paulo, – Pedro é um velhaco...

– E você é um furioso...

– Em grego, meninos, em grego e em verso, que é melhor que a nossa língua e a prosa do nosso tempo (ASSIS, 1990: 65).

<sup>805</sup> A voz de Paula, tomando a palavra dos leitores, que talvez tenham algumas dificuldades para entender as pequenas nuances que estão amalgamadas nesse diálogo (música e mitologia), vai logo, com falsa modéstia e forte ironia, pedindo desculpas, que, claro, não são desculpas, pois cada palavra, cada nota musical, pretende seduzir, semelhante a uma aranha que vai tecendo devagar a sua teia ao redor da vítima: “Passo a vida a fazer perguntas dessas. Sobre quem é pai de quem... Pois é, édipos complicados. Ou para as mulheres não é Édipo, é Electra. Ou Antígona. **A minha mitologia é péssima, sempre o disseste**” (MACEDO, 1999: 151). (**grifo meu**). Através desse ardil, percebe-se que a mitologia de Paula é excelente, pouco importa se ela sabe o nome correto deste ou daquele personagem, porque a evocação possui coerência e atinge o efeito desejado.

<sup>806</sup> Quando trabalhava assim, obsessiva, ia muitas vezes procurar na música o estímulo para as soluções visuais que não conseguisse encontrar logo, achava que o efeito que neste caso procurava estaria algures entre Debussy e Schoenberg, ouvia disco após disco enquanto pintava e às vezes, quando o pincel ainda assim não chegasse lá, ia dedilhar no piano as notas que lhe faltavam, de pé, como agora.

De Schoenberg, Paula sabia que queria as reversões regeneradoras da Verklärte Nacht e em Debussy achava que encontraria as notas certas nas encantatórias irradiações do interlúdio que precede a cena em que Pelléas se embriaga de amor com os cabelos de Mélisande. Tocou duas ou três notas de Schoenberg, mas as que tocou de Debussy eram afinal da cena seguinte à dos cabelos, quando Golaud força Pelléas a contemplar o cheiro da morte no subterrâneo do castelo. Inverteu-lhes a ordem, transpôs notas de um para outro, alterou-as de novo, desistiu, exasperada, a ter de aceitar que nessa tarde não ia conseguir. Pôs o disco na última cena da ópera, recostou-se no leito das contemplações, como Gabriel chamava à cama de solteira que trouxera da Padre António Vieira para o estúdio, deixou-se ficar a ouvir até o fim, quando o velho cego Arkel, que logo tinha dito que não vemos senão o reverso do destino, diz já não para Mélisande mas para a filha de quem só Deus sabe qual dos dois irmãos era o pai: “Maintenant... C’est le tour de la pauvre petite...” Mas a sua reação não foi a habitual, em vez de devidamente comovida deu-lhe vontade de rir porque só então reparou que também a história implícita da Noite Transfigurada metia dois papás, o que engravidara a senhora e o amante que diz que não tem importância nenhuma, que a criatura que ela traz no ventre passou a ser dele. Pois é, nunca tinha dado por isso. A mesma triangulação, no reverso dos destinos. O Gabriel, é claro, é que iria logo topar tudo, gozá-la imenso com a sua escolha de inspiração pictórica: “Gabriel, há alguma possibilidade de que eu seja sua filha?” E o mais curioso é que Schoenberg também havia escrito um Pelléas. Antes ou depois? Gabriel devia saber (MACEDO, 1999: 194-195).

mãe anunciando que o seu desentendimento com o irmão pode terminar na reprodução de uma “cena bíblica”.<sup>807</sup>

4) Os conflitos resultantes entre os interesses divergentes da paternidade e da filiação e as dificuldades do primogênito para se afirmar como representante, ou melhor, como sucessor da autoridade paterna são dois dos subtemas imprescindíveis para estabelecer um parâmetro de análise sobre a fraternidade.

A ausência (em alguns casos, a presença) de uma figura “forte” (pelos padrões freudianos, o Pai<sup>808</sup>) nas relações intrafamiliares incide na multiplicação das carências afetivas e na luta tribal pela ocupação desse posto de poder – gerando personalidades distorcidas, ambiciosas e pouco afeita ao reconhecimento das diversidades.

Embora estejam sob a proteção apaziguadora de um substituto oficial da autoridade paterna, o “padrinho”,<sup>809</sup> parte das ações dos irmãos Pedro e Paulo (em *Esau e Jacó*), se devem ao fato de que, conforme Natividade confessa para Aires, o barão *Agostinho não me ajuda, tem*

---

<sup>807</sup> Então, quase um mês depois, Rânia entregou à mãe um envelope que Yaqub enviara à loja. Era uma carta com poucas linhas. Ele não aceitou nem recusou qualquer perdão. Escreveu que o atrito entre ele e Omar era um assunto dos dois, e acrescentou: “Oxalá seja resolvido com civilidade; se houver violência, será uma cena bíblica” (HATOUM, 2000: 228).

<sup>808</sup> Houve um tempo, o de Freud, no qual o mito da fundação da cultura e as teorias genéticas do psiquismo coincidiam com o efetivo desenvolvimento psicológico das crianças e adultos, no interior da família patriarcal e nuclear. Pelo menos na maioria dos fatos e na maioria dos casos, era fácil explicar sintomas e quadros clínicos como compromissos, desvios, transgressões, regressões, fixações, desafios, recusas, negações ou forclusões que tinham como referência o pai. No imaginário cultural havia uma sintonia quase perfeita entre o modo concreto de subjetivação dos indivíduos e a ação física e simbólica do nome do pai. Deus, professor, governante, sacerdotes, chefes militares, médicos, artistas, cientistas, psiquiatras, psicanalistas – todos pareciam encarnar os signos da potência paterna masculina. A função paterna podia ser, então, abstraída e postulada como tipo lógico do qual derivavam as diversas instanciações empíricas. Cada pai real ou seu substituto ilustrava a ocorrência particular de um caso ou função geral – a função paterna.

Essa função abstrata, no entanto, só era plausível, do ponto de vista teórico, por estar ancorada no poder concreto, imediato, psicologicamente eficaz do pai de família. Ou seja, aceitamos a existência teórica da função paterna porque o pai visível era uma realidade simbólica, real e imaginária incontestável. Era ele que estava no início mitológico do mundo e das regras simbólicas que ordenavam a família, a religião, a política, a economia ou outras instituições primárias formadoras de tribos, culturas, sociedades, nações, cidades, estados etc. (COSTA, 2000: 11-12).

<sup>809</sup> Padrinho e madrinha são aqueles que levam o batizando à fonte batismal e, em nome dele, fazem a abjuração e a profissão de fé exigida pela igreja, e que se comprometem a zelar pela educação cristã do batizando (afilhado). Esses termos são continuação do lat. *patrinus* e *matrinas*, de criação ecles.; não existiam no lat. clássico. Pode-se interpretá-los como “semelhante ao pai, à mãe”, que fazem o papel, respectivamente do pai e da mãe (pais espirituais).

A exigência de fiadores do batismo é dos primórdios do Cristianismo, pois está documentado, p. ex., na obra *De baptismo* de Tertuliano (155?–220?), onde se faz referência a *sponsors*, “padrinhos e madrinhas”.

*Patrinus* e *matrina* se acham, outrossim, em *Atas do Concílio de Arles* (ano 314).

O afilhado, pessoa em relação ao padrinho, parece formado de *afilhar*, que, por sua vez, deve ter vindo de “*affiliare*”, “*adotar como filho, ser padrinho ou madrinha*”. Na linguagem ecles., todavia, acha-se documentado *filius ex baptismo*, *filia ex baptismo*, assim como *filius*, *filia* de baptismo, p. ex., no *Liber pontificalis*, onde há notícias biográficas de papas, a começar do séc. 6 (GUÉRIOS, 1979: 146).

*outros cuidados* (ASSIS, 1990: 58). E assim, sem a presença daquele que deveria ajudar no equacionamento das tensões,<sup>810</sup> Pedro e Paulo vão construindo a inimizade, vão perdendo os laços fraternos. Salvo raras e esporádicas tréguas, o distanciamento se revela inevitável.

Em 15 de novembro de 1889, com a ascensão do Marechal Manuel Deodoro da Fonseca e a conseqüente deposição do Imperador D. Pedro II, o monarquista Pedro perde a sua primogenitura para o republicano Paulo. A nova ordem política pouco difere da anterior, mas é o efeito de mudança das relações de poder que amplia o distanciamento entre Paulo e Pedro.

Os filhos de José Pedro Montês e Ana Paula Freire cresceram à margem do pai e da mãe (eternamente preocupados com a carreira burocrática e com a vida social, respectivamente). Esse fator ajuda na compreensão do motivo que levou à procura de Paula pelo afeto e pelo amor em Gabriel, um homem muito mais velho, com a mesma idade de seu pai “legal”; é esse detalhe que ajuda a compreender o amor possessivo que Pedro nutre por Paula (mais do que o irmão mais velho, que precisa reforçar a progenitura a cada instante, Pedro acredita que Paula lhe pertence). O equilíbrio fraterno (que nunca foi equilíbrio) desaparece entre os lençóis de Paula e a Revolução dos Cravos (25 de abril de 1974), quando o “padrinho” dos gêmeos reaparece na figura dupla de amante apaixonado e pai desaparecido: similar ao anjo da anunciação, Gabriel coloca sob suspeita a paternidade dos gêmeos: *é perfeitamente natural que [Gabriel] nessa fase ainda indefinida da sua relação estivesse a ser apenas o cavalheiro discreto que lhe cumpria, (...), não revelando à filha as fadas da mãe* (MACEDO, 1999: 224). No embate entre o público e o privado, entre o desejo de uns e o gozo de outros, a elucidação da identidade biológica dos gêmeos (que depois reverbera especularmente na paternidade de Filipa) esvaece, como uma folha que cai da árvore, no início do outono – e que é sepultada por inúmeras outras camadas de outras folhas que vão caindo no mesmo lugar, conforme o tempo passa.

Yaqub e Omar são filhos naturais de Halim e Zana, mas estão ligados pela orfandade de Nael, o narrador bastardo, que faz uma ponte entre a história que relata e a procura obsessiva pelo “Nome-do-Pai”.<sup>811</sup> Ao se mover entre os destroços produzidos por um mundo em ruínas,

---

<sup>810</sup> O conselheiro Aires, cumprindo com uma promessa que fez à Natividade, faz uma tentativa “paterna” significativa quando os confronta e elimina qualquer possibilidade de negação para um dos motivos que alimenta a rivalidade fraterna: – *Quanto a mim, um de vocês gosta dela, senão ambos, disse Aires* (ASSIS, 1990: 122). Mas a solução que apresenta (Pedro e Paulo combinam “fazer a corte” de forma alternada) é pouco proveitosa e resulta em fracasso absoluto.

<sup>811</sup> Conceito criado em 1953, por Jacques Lacan, e que designa o significante da função paterna.: (...) *se a sociedade humana, como sublinha Lacan, é dominada pelo primado da linguagem, isso quer dizer que a função paterna não é*

procurando saber se é filho de Yaqub ou de Omar, Nael não se furta em lembrar que Omar é filho favorito de Zana (como uma versão contemporânea de Jacó) e que Yaqub, por vários motivos, se mostra incapaz de exercer a primogenitura: somente com o advento do golpe militar de 1964 é que, pelo uso da força, Yaqub torna-se o “irmão mais velho”, ou seja, aquele que exerce a autoridade paterna.

5) A fraternidade consanguínea, a complexidade narrativa e o herói trágico constituem uma trilogia capaz de fornecer visibilidade a alguns elementos obscuros dos afetos entre irmãos: a família constitui uma metáfora da subtração, onde as arestas – toda vez que entram em contato – ampliam as áreas de atrito. Em um contexto repleto de armadilhas e poucas verdades, cada história fraterna está relacionada com sentimentos divergentes: amizade, amor, ódio, rancor, inveja... No momento do acerto de contas, poucos possuem a coragem de separar o real do conveniente.

Em *Esau e Jacó*, embora o narrador advirta que *Não esqueçamos o que dizia um antigo, que “a guerra é a mãe de todas as cousas”* (ASSIS, 1990: 30), percebe-se que as ações belicosas mais agressivas foram possivelmente omitidas pelo narrador, que se contenta em retratar as divergências entre Pedro e Paulo de forma “educada”, edulcorada. A proposta de manter a simetria (porque *a mentira é alguma vez meia virtude* [ASSIS, 1990: 34]) impede que um dos gêmeos se destaque ou que apresente um mínimo de personalidade capaz de o diferir do irmão. Quando o narrador lembra que *não é preciso ter as mesmas idéias para dançar a mesma quadrilha* (ASSIS, 1990: 70) ratifica a tese de que, apesar das divergência de “idéias”, o que deve prevalecer são as convenções sociais (“a mesma quadrilha”). O momento raro em que Pedro, alegando calor, mudou de quarto, rompendo a simetria, confirma a regra: todo desentendimento entre os irmãos resulta de pequenas tolices.

Com pensamento completamente divergente do conselheiro Aires, o narrador inominado de *Pedro e Paula* mostra seus personagens como elementos contrastantes: o comportamento de Pedro se ajusta ao *establishment*, mas ele é apresentado como um estereótipo do antagonista, pois transgride as regras de comportamento moral (cujo ápice é o momento em que efetiva o desejo reprimido desde que descobriu a sexualidade); Paula também contraria o padrão burguês, mas a sua transgressão é “aceitável” e o narrador, sem esconder a suas parcialidade afetiva por

---

*outra coisa senão o exercício de uma nomeação que permite à criança adquirir sua identidade* (ROUDINESCO; PLON, 1998: 542).

Paula, a envolve em uma aura de santidade,<sup>812</sup> onde cada ato seu (dela) está conectado com uma posição política de esquerda. A tragédia que resulta do embate entre as forças dicotômicas possui uma inflexão que mistura a ironia pós-romântica de Machado de Assis e o realismo pré-capitalista de Eça de Queirós. Embora seus personagens sejam trágicos, sem melancolia e com excelente senso de humor o narrador se contorce em risos e galhofas.

Nael, o narrador de *Dois irmãos*, apresenta os gêmeos como figuras exemplares do antagonismo fraterno. Em uma narrativa realista, que descarta os atos heróicos remanescentes do pensamento romântico, Omar é apresentado como o protótipo do anti-herói trágico.<sup>813</sup> Ou seja, todas as suas ações abusivas (as iniquidades contra o irmão, o álcool, a dilapidação do patrimônio familiar, o comportamento misógino...), pelas quais jamais mostrou algum tipo de arrependimento, desaparecem diante do ato de redenção que lhe foi imposto pela vingança executada pelo irmão mais velho. Por sua vez, Yaqub, que se apresenta ao longo do texto como o irmão humilhado pela prepotência do Outro, deixa-se contaminar pela perversidade e une a violência e a ignomínia como justificativas para a barbárie.

6) O poder documental da literatura aparece nos três romances analisados como uma estrutura de denúncia da hostilidade exterior ao *topos* familiar, resultantes de ações políticas violentas: a passagem brasileira do Império para a República, a deposição do governo salazarista em Portugal e o golpe militar brasileiro de 1964. Todos esses três momentos históricos estão em perfeita sintonia com as rupturas fraternas que emolduram. Em outras palavras, a nação dividida é a metáfora que consagra a representação literária da fraternidade.

---

<sup>812</sup> Retratada por um narrador que vive a lhe prestar a mais irrestrita devoção, Paula é perdoada em todas as suas infrações. E isso ocorre, em parte, porque ela é uma personagem “politicamente correta”, cuja luta se caracteriza por ser sempre contra valores opressores: a repressão sexual, as lutas em favor dos direitos da mulher, o posicionamento político de esquerda e as ações afirmativas. Com uma personalidade “bem resolvida”, ao contrário de Pedro, Paula não se deixa contaminar por emoções “menores” ou por sentimentos sexuais reprimidos (os fantasmas do passado são esquecidos quando aceita Gabriel como amante).

<sup>813</sup> *A tragédia só pode existir se o herói trágico não possuir a possibilidade de desculpar-se pelo seu erro (ou pelo seu diferendo com as demandas da ordem objetiva), mediante a alegação de que seu erro não correspondeu a suas intenções. O mesmo deve ser verdade com respeito a potenciais desculpas fundadas em princípios éticos ou em uma meta de redenção. Em outras palavras: não será permitido ao herói trágico tornar-se a perfeita incorporação de algum valor positivo (ou seja, ele não aparecerá como vítima inteiramente inocente), nem ele pode tornar-se um salvador. Por conseguinte, nem o principal protagonista das “Tragédias” esclarecidas de Voltaire nem os mártires cristãos – os quais reivindicam superiores a suas torturas por as considerar forças e agentes do mal, são caracteres trágicos; nem tampouco o é Jesus Cristo, cuja morte é tida como responsável por redimir a humanidade do Pecado Original. Finalmente – e obviamente –, um herói realmente trágico não pode dispor da possibilidade de proteger-se do perigo – e, finalmente, do evento – de uma morte violenta proveniente de seu erro, de seu pecado contra uma ordem objetiva. É essa, ainda, outra razão por que a concepção de agência no centro do gênero trágico deve incluir o corpo do agente. Pois aquilo que Bertold Brecht certa vez disse sobre o boxe, i.e., que esse esporte não existiria sem a possibilidade de um knockout, aplica-se, mutatis mutandis, ao gênero da tragédia: não há tragédia sem a presença ameaçadora da morte (GUMBRECHT, 2001: 11).*

As desavenças de Pedro e Paulo (em *Esau e Jacó*) são similares as que desunem monarquistas e republicanos: pouco importa quem vença, não haverá diferença entre um governo e outro, porque a classe familiar continuará no poder.

Em *Pedro e Paula*, a descrição da sociedade portuguesa indica que ela estava carcomida pela corrupção, pelo desprezo aos direitos elementares dos cidadãos e pela fadiga do governo salazarista. A nova ordem, simbolizada por Paula e Gabriel (síntese do encontro entre o passado e o presente), substitui (mas sem exageros) um governo que, embora ainda fosse capaz de praticar atos violentos, não conseguia mais se sustentar como gerente do Estado: o “novo” se apresenta como complemento, como elemento sequencial.

A barbárie sem máscaras (descompromissada com o passado, despreocupada com o futuro) emerge das sombras no golpe militar de 1964 e é retratada (marginalmente) em *Dois irmãos*: é a cooperação “educada”, inteligente, de Yaqub que viola com as normas mais elementares da condição humana; Omar, o “selvagem”, simboliza aqueles que são espoliados por um irmão sem escrúpulos, vingativo e amargurado.

Embora em *Esau e Jacó*, *Pedro e Paula* e *Dois irmãos* não haja compromissos com o verossímil ou com a correção histórica, a forma ficcional com que a fraternidade gemelar é abordada em três momentos históricos diferentes fala diretamente à época em que estamos vivendo.

7) Um narrador “intrusivo”, em terceira pessoa, que interrompe a ação narrativa para tecer comentários sobre os acontecimentos ou para emitir opiniões é uma das características que une os três romances em estudo. Além disso, *Pedro e Paula* e *Dois irmãos* travam um diálogo incessante com *Esau e Jacó*. A figura do conselheiro Aires (mimetizada pelo narrador de *Pedro e Paula* e, de certa maneira, por vias oblíquas, refletida na procura obsessiva que Nael promove para esclarecer os detalhes que envolvem a luta fratricida entre seu pai e seu tio) é fundamental para estabelecer uma leitura mais coerente com a dicotomia gemelar, fraterna, política, econômica e social que os três romances, cada um a sua maneira, procuram retratar.

A presença “opressora”<sup>814</sup> de quem quer que se esconda sob a rubrica de “narrador”), em *Esau e Jacó*, consoante com a defesa de uma série de valores burgueses emergentes, procura

---

<sup>814</sup> Embora não seja consensual, alguns interpretes da obra de Machado de Assis consideram que o conselheiro Aires conjuga as funções de narrador e personagem. E isso ocorre com tal intensidade que parece estar relatando a própria história – sendo que as desavenças de Pedro e Paulo constituem apenas um pretexto para que os leitores possam usufruir de uma pequena tragédia burguesa, de contornos românticos. O amor impossível pela mãe dos gêmeos, e que sempre lhe foi inacessível como mulher, é o verdadeiro “mote” para a sua escrita.

estabelecer uma distância imprecisa entre as histórias de desavença entre Pedro e Paulo e o contexto histórico de um período em que a política e a economia estão em transformação. Embora a mistura de ficção e a História constituam o contexto narrativo, são os fogos de artifício lançados pelo narrador em cada página do seu relato que distraem o olhar do leitor e o conduzem na direção que mais agrada o narrador – com a proposta de “corrigir” qualquer desvio do rumo traçado, o narrador isola determinados aspectos dos acontecimentos narrativos através de pequenas lições morais, de citações intelectuais ou de um escapismo trivial.

O irônico, bem-humorado e onisciente narrador de *Pedro e Paula*, moldado no conselheiro Aires, também é personagem atuante de sua narrativa. Utilizando um discurso mais direto, ou seja, com menor dose de dissimulação, o narrador procura manter distância da ação principal, embora apareça em cena toda vez que lhe é possível. Ao mesmo tempo, como se fosse vítima de alguma verborragia incontrolável, não perde uma única oportunidade para incluir uma piada, uma ironia ou formular hipóteses. Muitas vezes abre espaços para, nos moldes do conselheiro Aires, efetuar algumas divagações, especulações filosóficas ou para formular frases de efeito.

A voz sem humor, desamparada, beirando o ressentimento, e estruturada na falta de onisciência do narrador de *Dois irmãos*, vai sendo impregnada, na medida em que o romance se desenvolve, com os depoimentos de vários personagens (Halim, Zana, Domingas, Rânia, Yaqub...). Esse mosaico polifônico, apesar de repetitivo em alguns momentos, permite que o melancólico Nael organize o seu relato: a história violenta da destruição de sua família.

8) Na grande maioria das histórias fraternas, o intolerável e o inominável mostram as suas faces. É a percepção do descompasso entre a civilização e a barbárie que aproxima a ficção da realidade (momento em que o humano projeta-se como parâmetro).

Historicamente, a família e as relações fraternas são espaços dilacerados pelo autoritarismo, pela rivalidade competitiva, pelo acumular de ressentimentos e pela falta de diálogo. A visita do “mal”, que jamais se furtou em adentrar pela porta da frente da “casa familiar”, é uma das conseqüências geradas por um mundo artificial criado em torno de uma unidade que nunca existiu.

Negar que a família é uma representação do campo de batalha (e que utiliza-se, nos momentos de crise, da artilharia pesada), não constitui uma solução psíquica sadia para o



crescimento emocional. Não é a felicidade que torna as pessoas mais humanas, mas o conjunto de experiências que precisam superar.

Em oposição direta a Yaqub e Omar estão Pedro e Paulo. Enquanto os personagens de Milton Hatoum travam uma luta sem quartel pela destruição mútua, os embates dos gêmeos machadianos estão escondidos nas sutilezas propostas pela linguagem do narrador – que revela apenas o imprescindível para movimentar a sua engrenagem narrativa.

O desejo de destruir o objeto do afeto, manifesto por Pedro, esbarra na docilidade de Paula (que apenas corta as relações com o irmão, mas não revida a agressão sofrida).

As três narrativas se complementam como imagens de um poder mutante: o mal. E que vai corroendo sutilmente as relações fraternas. Seja como uma doença terminal ou um ácido poderoso, o mal – independente de se apresentar com a face humana – precisa ser reconhecido e denunciado.

9) Por fim, todas as histórias de ódio (e, conseqüentemente, de amor) são histórias de frustração ou de insatisfação sexual – o contexto fraterno não constitui exceção.

A insatisfação sexual que Pedro e Paulo obtêm com o relacionamento com Flora acentua a impotência dos filhos de Santos e Natividade para superar a devastadora confusão originária do sofrimento causado pela possibilidade de romper com a “virgindade” da mulher que dizem amar. Como dois onanistas que temem avançar para o próximo estágio da sexualidade, o coito, Pedro e Paulo não rompem o hímen de Flora – em alguns momentos, sequer tentam concretizar esse objetivo.

Pedro e Paulo não levam em consideração o prazer que o ato sexual possibilita porque estão preocupados com o que ocorrerá quando essa etapa do relacionamento fraterno for superada: o privilégio do intercuro primevo está ao alcance de apenas um dos irmãos. É o medo de romper com a simetria gemelar – o que corresponde a obter ciência da impossibilidade de retorno ao paraíso idílico da fraternidade – que potencializa os conflitos que Pedro e Paulo não conseguem resolver emocionalmente. As ações agressivas e conflitantes entre os irmãos surgem como consequência direta da ausência do gozo, alívio sexual que eles não conseguem obter com Flora – e nem mesmo um com o outro.<sup>815</sup>

---

<sup>815</sup> A questão do homossexualismo entre irmãos é um tabu familiar e literário. Embora existam estudos científicos publicados sobre probabilidades de ocorrência de homoafetividade entre irmãos gêmeos, o número de vozes discordantes sufoca a possível (in)correção dessa idéia. Raras são as incidências literárias sobre o assunto. Uma exceção encontra-se no romance inglês *Colina negra* (CHATWIN, 2005).

---

Os irmãos gêmeos Lewis e Benjamin, apóstolos do imobilismo, viveram mais de 80 anos e morreram, nos limites de uma propriedade rural, chamada Visão, na região de Radnorshire (País de Gales) – raras foram as vezes que atravessaram as fronteiras do condado. Apresentavam uma ligação “especial”: cada um deles sente uma dor dilacerante toda vez que o outro irmão está em perigo (*Um mês depois, Lewis sentiu no corpo alguns sinais de que o Exército desistira de treinar seu irmão e passara a usar a força. A dor no cóccix indicava a Lewis quando obrigaram Benjamin a saltar feito uma rã no pátio do quartel. A dor nos pulsos, quando o amarraram ao estrado da cama. Um eczema no peito era sinal de que tinham passado soda nos mamilos de Benjamin. Certa manhã, o nariz de Lewis começou a sangrar e ficou sangrando até o pôr-do-sol: foi o dia em que puseram Benjamin em um ringue de boxe e esmurraram-lhe o rosto* [CHATWIN, 2005: 146]). Essa “conexão físico-espiritual” entre os gêmeos (na infância e na adolescência eles são inseparáveis) resulta em complicações incestuosas. É o irmão “mais velho”, Lewis, que procura fugir das amarras impostas pela gemelidade e pelo desejo homoafetivo. Enquanto Benjamin mostra apatia (*Benjamin amava sua mãe e seu irmão, e não gostava de moças* [CHATWIN, 2005: 117]), Lewis manifesta genuíno interesse por mulheres: *Rosie os levava a esconderijos secretos no mato. Nunca tomou um pelo outro, ainda que os irmãos a provocassem. Ela preferia ficar com Lewis. Aproximava-se dele devagarinho e sussurrava doces bobagens no seu ouvido.*

*Rosie arrancava as pétalas de uma margarida gritando: “Ele me ama, ele não me ama! Ele me ama! Ele não me ama!” – sempre reservando a última pétala para “Ele não me ama!”.*

*“Mas eu amo você, Rosie!”*

*“Prove!”*

*“Como?”*

*“Ande nessas urtigas, e eu deixo você beijar minha mão.” Certa tarde, ela pôs a mão em concha no ouvido dele e sussurrou: “Sei onde tem uma enotera. Vamos embora sem Benjamin”.*

*“Vamos.”*

*Ela avançou por entre as aveleiras, e os dois chegaram a uma clareira banhada de sol. Ela soltou as alças do vestido e deixou-o cair em volta da cintura.*

*“Pode passar a mão neles”, disse ela.*

*Devagar, ele apertou o bico do seio esquerdo entre os dedos – então ela saiu em disparada novamente, um lampejo verde e dourado, visto e entrevisto em meio às folhas trêmulas* (CHATWIN, 2005: 80).

Durante a adolescência e o início da vida adulta, apesar de inúmeras oportunidades (*Às vezes a senhora Musker tentava levá-lo ao quarto, no pavimento de cima, mas ele nunca ia até lá, preferindo ficar sentado em sua bela cozinha e ouvir as suas histórias* [CHATWIN, 2005: 226]), Lewis vai controlando, por algum motivo incompreensível e com admirável estoicismo, o desejo sexual. Somente depois dos quarenta anos é que ele sucumbe às artimanhas da sedução:

*Ele arfava ao lado dela, sentindo calor sob a capa de chuva. Ela arrancou a casca da árvore com as unhas e ficou com um pedaço dela na mão. uma pequena centopéia fugiu procurando escapar. Achando que chegara a hora esperada, ela tirou os dedos da árvore e encostou no rosto dele.*

*Estava escuro quando ela entrou pela porta da casa, e encontrou Nigel cochilando junto à lareira. Ela bateu com o chicote de montaria na mesa. Seus calções estavam com manchas de musgo: “Perdeu a aposta, queridinho. Você me deve uma garrafa de Gordon’s”.*

*“Você transou com ele?”*

*“Embaixo de um velho pinheiro! Muito romântico! Muito úmido!”* (CHATWIN, 2005: 245).

O que causa espanto, nesse episódio, não é a perda tardia da virgindade de Lewis, nem tampouco que tenha resultado de forças externas ao núcleo familiar (uma aposta). Anacrônico é o seu comportamento diante de Benjamin, como se os seus últimos atos configurassem uma espécie de traição emocional ao amor que o irmão lhe oferece:

*Quando Lewis pôs os pés em casa, Mary percebeu exatamente o que se passara.*

*Ele estava andando de um jeito diferente. Os olhos examinavam a sala como se ela lhe fosse estranha. Ele olhava para ela como se ela também fosse uma estranha. Com as mãos trêmulas, Mary lhe serviu uma torta de miúdos. A colher de prata reluzia. Subiu um pouco de vapor do prato. Ele continuou a examinar tudo como se nunca tivesse sentado ali para jantar.*

*Ela brincava com a própria comida, mas não conseguia forçar-se a comer. Estava esperando que Benjamin explodisse.*

*Benjamin fingia nada notar. Cortou um pedaço de pão e começou a limpar o molho do prato. Depois disse com voz rouca: “O que é isso em seu rosto?”.*

Em *Pedro e Paula*, a personalidade distorcida de Pedro, fruto da pobreza emocional, evidencia a possibilidade de que os conflitos não-resolvidos entre irmãos e irmãs podem resultar em violência sexual. Incapaz de canalizar a energia libidinal em seu casamento com Fernanda, Pedro, recordando os momentos em que na adolescência (como um amante carinhoso) protegeu a “honra” da irmã de alguns namorados afoitos, não consegue reprimir a expressão de um desejo que se encontrava latente e utiliza-se do pênis como uma arma – para constranger, para se impor, para exigir o que acredita lhe ser de direito. Ao perder o controle sobre sentimentos e desejos, confundindo o interdito social com a posse de um objeto que (imaginariamente) lhe pertencia, Pedro também perde a lucidez e comete o ato bárbaro: o estupro. A posse física do corpo da irmã elimina a intermediação do imaginário, barreira que impedia a dissolução das diferenças entre o desejo e o gozo. Depois do estupro, Pedro, como se estivesse a substituir e a combater esse ser híbrido que é o amante da irmã e o Pai (as suspeitas sobre o possível relacionamento anterior de Gabriel com Ana confundem qualquer raciocínio lógico), não se deixa corroer pela culpa, porque psiquicamente entende que não transgrediu nenhuma regra: Paula é parte do seu desejo e a união sexual é apenas a concretização de um prazer que estava sendo constantemente adiado.<sup>816</sup>

---

*“Nada”, falou Lewis hesitante, procurando um guardanapo para limpar a marca de batom, mas Benjamin já contornava a mesa e olhava o rosto do outro de perto.*

*Lewis entrou em pânico. Seu punho direito golpeou os dentes do irmão, e ele saiu correndo de casa.* (CHATWIN, 2005: 245-246).

A agressão física resulta em afastamento físico: Lewis, primeiro, vai trabalhar em outra propriedade, em Herefordshire; depois, vai para Rhulen. A reconciliação ocorre vários meses depois, quando adoece Mary. Junto do corpo da mãe a amizade fraterna se renova. Resignado com o destino, na noite seguinte ao funeral, como que a cumprir o inevitável, Lewis vê acontecer pela primeira vez a cena que se repetirá até a sua morte, quarenta e dois anos depois:

*Lewis se enxugou e viu, estendidos na mesa, imaculados, dois camisões brancos, de calicô, que pertenceram ao pai deles.*

*Eles os vestiram.*

*Benjamin acendera a lâmpada no quarto de seus pais. Ele disse: “Me ajude a arrumar a cama”.*

*Tiraram da cômoda um par de lençóis de linho novos e os desdobraram. Sementes de alfazema caíram aos pés de Lewis. Fizeram a cama e alisaram a colcha de retalhos. Benjamin sacudiu os travesseiros. Uma pena que escapara através da fronha flutuou em direção à lâmpada.*

*Deitaram na cama.*

*“Bom, boa noite!”*

*“Boa noite!”* (CHATWIN, 2005: 250).

O reconhecimento físico e a satisfação emocional se dá através do contato com o corpo do irmão. A problemática situação compactuada por Lewis e Benjamin (dormir juntos na cama que originalmente abrigou o pai e a mãe e, mais recentemente, apenas a mãe), acrescida de um contexto visivelmente homoafetivo, compõe um quadro raro, de difícil diagnóstico. No entanto, independente do que possa ser considerado transgressão às regras comportamentais, é através do reflexo especular (que institui a igualdade, apesar de apresentar posições invertidas) que os irmãos aceitam e assumem a diferença – e esse processo, que os leva na direção da ambicionada amizade fraterna, muitas vezes somente se efetiva depois de muito tempo, depois de muita dor.

<sup>816</sup> Depois do estupro, como se tivesse se libertado de um peso opressor, Pedro passou a usufruir da vida cultural lisboeta: *Lisboa ainda não é assim tão grande e, ou concertos na Gulbenkian, ou ópera no São Carlos, até uma vez*

As relações sexuais que desunem Yaqub e Omar são mais complexas e envolvem diversos elementos, a começar pela impotência seqüencial que Livia promove nos gêmeos: a frustração de Yaqub quando vê Livia dançar agarrada com Omar, no baile de carnaval, equivale a um ritual simbólico de castração – o sofrimento da vítima é potencializado pouco tempo depois quando Omar vai ao quarto do irmão, em ritual de exibição viril; Omar também se sente castrado quando, alguns anos depois, Livia se entrega de forma tempestuosa para Yaqub, no quintal familiar. Essa mesma sensação se repete quando a mulher que estimula a competição entre os irmãos<sup>817</sup> acaba escolhendo Yaqub como marido. Em cada um desses instantes, o irmão que é impedido de desfrutar os prazeres proporcionados por Livia se sente como se o Outro houvesse lhe suprimido o pênis, expressão primitiva da masculinidade.

Omar, *O valentão, o notívago, o conquistador de putas* (HATOUM, 2000: 92), não suporta perder uma mulher para o irmão, mesmo que seja uma mulher por quem não sinta algum tipo de afeto, exceto desprezo. A possibilidade de ver o irmão ao lado da mulher que o rejeitou constitui uma espécie de fracasso sexual – o que Omar considera inadmissível. Para afastar quaisquer dúvidas sobre a sua potência sexual, o Caçula promove uma série de retaliações sexuais contra o irmão. Por exemplo: estupra Domingas, que é ligada afetivamente a Yaqub. Essa ignomínia esconde o desejo subliminar, estratificado no âmago mais primitivo, de estuprar Yaqub – que é uma das formas de impor a força física e psicológica àquele a quem está oferecendo o desprezo (e, muitas vezes, o amor). Em outra ocasião, invade o apartamento do irmão (também

---

*no teatro da Maria do Céu Guerra, além é claro volta e meia no Buchholz porque desde a clínica de plásticas que Pedro se sentia de novo com direito a tudo isso e até Wagner em casa mas sozinho, era impossível que não encontrasse a irmã com ou sem Gabriel. Disfarçava, mas com um semi-sorriso magoado de quem lhe deixasse a iniciativa de uma reaproximação que ela (...) não tomou. Acompanhou pelos jornais a exposição de Paula, a dos quadros que ela estava a pintar naquela tarde com alguma da tinta vermelha que lhe fizera um risco no nariz e que era quase só do que ele se lembrava, além dos olhos, da expressão dela* (MACEDO, 1999: 227).

Ao reter apenas a imagem da tinta que o manchara, “além dos olhos, da expressão dela”, Pedro mostra que a culpa nunca o afligiu. Sem muito escrúpulo, eliminou da mente todas as imagens que poderiam resultar em dor. Por isso, sem atinar nas consequências do ato abominável que havia praticado na irmã, fica surpreso ao saber que ela estava grávida: *A exposição teve algum sucesso, até houve um crítico menos distraído que topou as sugestões de figuras combinatórias que tanto trabalho haviam dado. Mas ficara atrasada de vários meses. E foi por uma fotografia no Expresso que Pedro percebeu que a irmã estava grávida. Chegou a pensar em escrever-lhe a dar os parabéns. Mas depois houve, em vez, as tais comunicações através de advogados, por causa da mãe* (MACEDO, 1999: 227-228). **(grifos meus).**

<sup>817</sup> Ninguém é inocente, inclusive aqueles que se recusam a participar. Livia não pode alegar isenção sobre a violência promovida pelos irmãos, inclusive porque escolheu Yaqub, o que deveria terminar com a competição. Essa visão ingênua somente incentiva o conflito. Nesse tipo de situação, a parte desprezada sempre vai procurar reverter o resultado que lhe é desfavorável. Independente de uma interpretação romântica, onde conceitos e palavras como amor, paixão e desejo imperam, cabe considerar que o aspecto prático que emoldura o conflito fraterno: os irmãos não lutam por Livia, eles lutam apesar de Livia. Situada no meio do conflito, Livia não é o conflito, é apenas o troféu que um deles exibirá toda vez que quiser causar desconforto no outro.

uma forma simbólica de violação sexual) e escreve as palavras mais horríveis que conhece nas fotos de casamento de Yaqub e Livia, numa clara demonstração de inquietação pelo irmão haver conseguido superá-lo em algumas questões. Omar somente encontra algum alívio na sua clara “inveja peniana” quando toma conhecimento de uma significativa vitória: o irmão (ou a cunhada) é estéril, não pode procriar.

Especularmente, Yaqub também não consegue transcender o embate sexual. O casamento com Livia ocorre em segredo porque o primogênito se sente inseguro diante da possibilidade de perder sexualmente a mulher para o irmão “mulherengo”. Esse medo pânico de ser “castrado” pela potência sexual do irmão é constantemente reforçado pelas ameaças físicas e psicológicas que o Caçula inflige ao primogênito. Para tentar reverter as agressões simbólicas, Yaqub procura apadrinhar Nael – suspeitando que ele é filho do irmão. Agindo de forma compensatória, Yaqub quer superar a “virilidade” do irmão, usurpando-lhe a paternidade. Como o rapaz reluta em nomeá-lo pai, novas ações bélicas são promovidas contra Omar: os eletrodomésticos e o dinheiro que manda para a família e a forma agressiva com que tenta atrapalhar as negociações entre Omar e Rochiram. Por meios pouco claros, Yaqub ambiciona substituir o irmão no contexto familiar. Ou seja, obliquamente a frustração de Omar se traduz no gozo de Yaqub – o contrário também é verdadeiro: Omar sente prazer toda vez que descobre que Yaqub “falhou”.

No momento em que Omar agride fisicamente Yaqub, os irmãos encenam um novo ritual de castração – com requintes de perversidade sadomasoquista. A troca de socos ritualiza o embate primitivo dos machos que imaginam assegurar o domínio territorial e a posse das fêmeas e o poder tribal através de ações agressivas. Aquele que é derrotado na contenda, deve se retirar de cena, pois perdeu todos os direitos. É por esse motivo que Omar invade o hospital onde o irmão foi internado: para concluir o ritual de supremacia física que impôs ao irmão.

Recuperado das agressões – e em segurança – Yaqub reverte as posições e, usando de suas relações políticas, consegue que Omar seja encarcerado: por cerca de dois anos Omar é impedido de “agredir” o mundo exterior. Para Yaqub, o cerceamento da liberdade física do irmão significa a recuperação de sua potência sexual.

Preso o agressor físico e psicológico, é hora de recuperar os afetos perdidos – deve ter pensado o primogênito. Caminhar se esquivando dos pedaços das coisas partidas não é tão fácil quanto parece. Sem poder ter filhos e sem o apoio familiar – todos o condenam pela prisão de Omar –, Yaqub não encontra compensação ou prazer em seus atos: a esterilidade (uma forma de

impotência) é uma constante. Condenado – mais uma vez – a um novo exílio, ou melhor, a uma nova castração, somente resta para Yaqub assistir à redenção do Caçula, que, ao contrário do primogênito, exhibe a exuberância de sua potência sexual ao se libertar do horror que é combater a sombra fraterna: *Depois recuou lentamente, deu as costas e foi embora* (HATOUM, 2000: 266).

Uma pergunta final: é possível transformar os conflitos fraternos em relações de amizade? Se a representação literária for coerente com o “real” em que se espelha, então a resposta exigirá algo mais do que um sim. Irmãos inventam o inimigo dentro de casa, transferindo todos os seus temores para uma ameaça próxima (a violência perde o seu caráter genérico, exterior, e se embrenha nas relações particulares, interiores). Isso significa que o pai e o(s) irmão(s) sempre estão sob a mira.

No cenário seguinte, que deveria ser o da superação paterna, os irmãos são oprimidos pela progenitura: *refazer um percurso desejado e temido por quase todos, o percurso do pai* (COSTA, 2000: 8). Diante da tarefa de substituir aquele que é insubstituível, os fragmentos da fraternidade espalham-se pelo chão familiar. A luta pelo poder, que caminha paralelamente com a “banalidade do mal” e o “vazio do pensamento”,<sup>818</sup> sempre conduz à inimizade. No mundo familiar o uso da violência como arma de ataque ou como instrumento de defesa preventiva define o lugar de cada um de seus integrantes – que assim imaginam estar se inscrevendo no mundo, tentativa pífia de iludir o deserto afetivo em que estão situados.

Compartilhar é um processo que evidencia o progresso humano, mas somente ocorre depois de um doloroso processo de aprendizado: transbordam os obstáculos no percurso que transforma o irmão no fluxo vital que alimenta o outro irmão. A bondade em estado puro não passa de uma utopia romântica, inexistente no mundo concreto. É necessário superar as inúmeras provações/provocações, inclusive os mitos fundadores da violência, para que o ideal e o possível se aproximem, ultrapassando a barbárie. A isso algumas pessoas chamam de política, outras de civilização. Em outras palavras, a fraternidade e a amizade se apresentam como opções na superação de um legado de opressões, agressividades e frustrações. Substituir o Pai pelo irmão em uma “relação afetiva” baseada na confiança e na divisão de tarefas é admitir que é possível viver politicamente em um ritmo menos angustiante, menos violento, mais prazeroso:

*A lei, nessa cultura, não é a emanção de “um outro” além do tempo e dos espaços culturais; é o conjunto de regras contingentes e experimentais, feitas e refeitas pelos*

---

<sup>818</sup> Para um aprofundamento desses dois conceitos e as suas aplicações específicas, ver ARENDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

*interessados em alcançarem metas com que sonharam ou poderão vir a sonhar. A cultura é o espaço transicional dos irmãos que se reconhecem como artífices do próprio destino (COSTA, 2000: 26).*



## **BIBLIOGRAFIA**

## 1. Ficção

AJZENBERG, Bernardo. *A gaiola de Faraday*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

AMIS, Martin. *Casa de encontros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

ANDRADE, Mário de. *Caim, Caim e o resto*. In: \_\_\_\_\_. *Os melhores contos de Mário de Andrade*. (Seleção de Telê Ancora Lopez). 5. ed. São Paulo: Global, 1988.

AQUINO, Marçal. *Lábios que beijei*. In: GARCIA-ROZA, Livia (Org.). *Ficções fraternas*. Rio de Janeiro, Record, 2003.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Esau e Jacó*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1990.

\_\_\_\_\_. *Contos: uma antologia*. (Seleção de John Gledson). 2. ed.; 2.v.; São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

AUSTER, Paul. *Desvarios no Brooklyn*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

AZEVEDO, Álvares. *Noite na Taverna e Macário*. São Paulo: Martin Claret, 2003.

BANVILLE, John. *O mar*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

BARRIE, James. *Peter Pan*. 14. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002. (Adaptação: Paulo Mendes Campos).

BELLOTTO, Tony. *Bellini e a esfinge*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_. *Bellini e o demônio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

\_\_\_\_\_. *Bellini e os espíritos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BERGER, John. *O dia do casamento*. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

BLANKENSHIP, William D. *Amor fraterno*. Rio de Janeiro: Record, 1981.

BOCCACCIO, Giovanni. *Decamerão*. São Paulo: Abril Cultural, 1971.

BORGES, Jorge Luis. *A intrusa*. In: \_\_\_\_\_. *O Aleph*. Rio de Janeiro: Globo, 1986.

BRACHER, Beatriz. *Não falei*. São Paulo: Editora 34, 2004.

BRANCO, Camilo Castelo. *Maria Moisés*. 3. ed. Lisboa: Editorial Verbo, s/d. (Grandes da literatura moderna).

BRANDÃO, Ignácio de Loyola. *O anônimo célebre*. 2. ed. São Paulo: Global, 2002.

BRITO, Ronaldo Correia. *O amor das sombras*. In: \_\_\_\_\_. *Livro dos homens*. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

BYATT, Antonia Susan. *Anjos e insetos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CALVINO, Italo (Org.). *Contos fantásticos do século XIX: o fantástico visionário e o fantástico cotidiano*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CARRASCOZA, João Anzanello. *Duas tardes*. In: \_\_\_\_\_. *Duas tardes e outros encontros silenciosos*. São Paulo: Boitempo, 2002.

\_\_\_\_\_. *Janelas*. In: \_\_\_\_\_. *O volume do silêncio*. (Seleção e posfácio de Nelson Oliveira). São Paulo: Cosac Naify, 2006.

CARRERO, Raimundo. *Sombra severa*. São Paulo: Iluminuras, 2001.

CARROLL, Lewis. *Alice*: edição comentada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

CARTANO, Tony. *Milonga*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

CARVALHO, Bernardo. *Mongólia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CARVALHO, Walter Campos de. *Chuva imóvel*. In: \_\_\_\_\_. *Obra reunida*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

CHATWIN, Bruce. *Colina negra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

CHEN, Da. *A montanha e o rio*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

CHRISTENSEN, Lars Saabye. *O meio-irmão*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

COLASANTI, Marina. *Onde os oceanos se encontram*. In: STRAUSS, Rosa Amanda (Org.). *13 dos melhores contos de amor*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

COSTA, Flávio Moreira da (Org.). *Crime feito em casa: contos policiais brasileiros*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

COSTA, Flávio Moreira da (Org.). *Os melhores contos fantásticos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

DANTAS, Audálio et alii. *Corpos: contos eróticos*. São Paulo: Limiar, 2001.

DENSER, Márcia. *Diana caçadora & Tango fantasma: duas prosas reunidas*. Cotia: Ateliê Editorial, 2003.

\_\_\_\_\_. *Caim: sagrados laços frouxos*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

DOSTOIEVSKI, Fiodor Mikhailovitch. *O sócio*. In: \_\_\_\_\_. *O ladrão honrado* (várias histórias). Rio de Janeiro: José Olympio, 1960.

\_\_\_\_\_. *Os irmãos Karamázov*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

DOURADO, Autran. *Pedro Imaginário*. In: \_\_\_\_\_. *As imaginações pecaminosas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1982.

\_\_\_\_\_. *Os gêmeos*. In: \_\_\_\_\_. *As imaginações pecaminosas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1982

DUMAS, Alexandre. *Os irmãos Corsos*. São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Adaptação: Míriam Campeio).

\_\_\_\_\_. *O máscara de ferro*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003. (Adaptação: Carlos Heitor Cony).

DURAS, Marguerite. *O amante*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

EDWARDS, Kim. *O guardião da memória*. Rio de Janeiro: sextante, 2007.

ÉLIS, Bernardo. *O caso inexplicável da orelha de Lolô*. In: \_\_\_\_\_. *Caminhos dos gerais*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

FERNANDES, Ribaldo de. *Contos cruéis: as narrativas mais violentas da literatura brasileira contemporânea*. São Paulo: Geração Editorial, 2006.

FERRARI, Levi Bucalem. *Irmãs*. In: DANTAS, Audálio *et alii*. *Corpos: contos eróticos*. São Paulo: Limiar, 2001.

FERREIRA, Ana. *Amadora*. São Paulo: Geração Editorial, 2002.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda; RONAI, Paulo. *Mar de histórias*. v. 3; 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

FLAUBERT, Gustave. *Madame Bovary*. São Paulo: Abril Cultural, 1981.

FONSECA, Rubem. *Laurinha*. In: \_\_\_\_\_. *Ela e outras mulheres*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

FRANÇA JÚNIOR, Oswaldo. *Os dois irmãos*. 4. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1979.

GALLAND, Antoine (Org.). *As mil e uma noites*. 23. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

GARCIA-ROZA, Livia. *Jason*. In: \_\_\_\_\_. *Restou o cão e outros contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

GARCIA-ROZA, Livia (Org.). *Ficções fraternas*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

GARD, Roger Martin du. *Os Thibault*. 5. v.; 4. ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1986.

HATOUM, Milton. *Relato de um certo oriente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

\_\_\_\_\_. *Dois irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

\_\_\_\_\_. *Um jovem, o Velho e um livro*. **EntreLivros**. n° 13, maio 2006, p.26-27.

\_\_\_\_\_. *Conversa com a matriarca*. **EntreLivros**. n° 15, jul. 2006, p.26-27.

HERCULANO, Alexandre. *Lendas e narrativas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1970 (Clássicos Jackson, vol. XVIII).

HIGHSMITH, Patrícia. *O sol por testemunha*. São Paulo: Nova Cultural, 1986.

HOMERO. *Odisséia*. São Paulo: Abril Cultural, 1981.

\_\_\_\_\_. *Iliada*. São Paulo: Martin Claret, 2003.

HOPE HAWKINS, Anthony. *O prisioneiro de Zenda*. São Paulo: Tecnoprint, s/d.

IRVING, John. *O hotel New Hampshire*. Rio de Janeiro: Record, 1981 (?).

JAMES, Henry. *O desenho do tapete*. In: \_\_\_\_\_. *A morte do leão: histórias de artistas e escritores*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

KADARÉ, Ismail. *Abril despedaçado*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

KAWABATA, Yasunari. *Kyoto*. São Paulo: Estação Liberdade, 2006.

KEHL, Maria Rita. *Herança*. In: GARCIA-ROZA, Livia (Org.). *Ficções fraternas*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

KUREISHI, Hanif. *O dom de Gabriel*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

\_\_\_\_\_. *O corpo e outras histórias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

LAMB, Charles; LAMB, Mary. *Contos de Shakespeare*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

LAMPEDUSA, Giuseppe Tomasi di. *O leopardo*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1963.

LAUB, Michel. *O segundo tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LEITE, Ivana Arruda. *Escorpião*. In: \_\_\_\_\_. *Falo de mulher*. Cotia: Ateliê Editorial, 2002.

\_\_\_\_\_. *O amor semeia frutos que não colhe*. In: GARCIA-ROZA, Livia (Org.). *Ficções fraternas*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

\_\_\_\_\_. *Da difícil vida das rêmoras*. In: \_\_\_\_\_. *Ao homem que não me quis*. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

LESSING, Doris. *As avós*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MACEDO, Helder. *Pedro e Paula*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

MANN, Thomas. *Os Buddenbrooks*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

\_\_\_\_\_. *José e seus irmãos*. 2. ed., 3.v.. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

MANSFIELD, Katherine. *As filhas do falecido coronel*. In: \_\_\_\_\_. *Contos*. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

MARIOTTI, Humberto. *Cheio de dinheiro*. In: COSTA, Flávio Moreira da (Org.). *Crime feito em casa: contos policiais brasileiros*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

MÁRQUEZ, Gabriel Garcia. *Crônica de uma morte anunciada*. Rio de Janeiro: Record, 1981.

MARTINS, Alberto. *A história dos ossos*. São Paulo: Editora 34, 2005.

MELVILLE, Herman. *Bartleby, o escrivão*. Rio de Janeiro, Record, 1982.

MORICONI, Ítalo (Org.). *Os cem melhores contos brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

NABOKOV, Vladimir. *A verdadeira vida de Sebastião Knight*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.

\_\_\_\_\_. *Ada ou ardor: crônica de uma família*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NASSAR, Raduan. *Lavoura arcaica*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

NIN, Anaïs. *A casa do incesto & outras histórias*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1991.

OLIVEIRA, Nelson (Org.). *Cenas da favela: as melhores histórias da periferia brasileira*. Rio de Janeiro: Geração Editorial/Ediouro, 2007.

ONETTI, Juan Carlos. *As gêmeas*. In: \_\_\_\_\_. *47 contos de Juan Carlos Onetti*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

PADILLA, Ignácio. *Amphitryon*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

PASOLINI, Pier Paolo. *Teorema*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

PENNA, Cornélio. *Dois romances de Nico Horta*. Rio de Janeiro: Artium, 2000.

PEPETELA (Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos). *Parábola do cágado velho*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

PIÑON, Néida. *Oriente próximo*. In: \_\_\_\_\_. *Sala de armas*. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

PIROLI, Wander. *Por causa de um par de tênis branco*. In: \_\_\_\_\_. *É proibido comer as grama*. Belo Horizonte: Leitura, 2006.

POE, Edgar Allan. *William Wilson*. In: \_\_\_\_\_. *A carta roubada e outras histórias de crime e mistério*. Porto Alegre: L&PM, 2003.

PRADA, Cecília. *La pietá*. In: OLIVEIRA, Nelson (Org.). *Cenas da favela: as melhores histórias da periferia brasileira*. Rio de Janeiro: Geração Editorial/Ediouro, 2007.

QUEIROZ, José Maria Eça de. *Os Maias: episódios da vida romântica*. São Paulo: Landy, 2001.

RAMOS, Ricardo. *O terceiro irmão*. In: \_\_\_\_\_. *Melhores contos de Ricardo Ramos*. (Seleção de Bella Josef). 2. ed. São Paulo: Global, 2001.

RESENDE, Otto Lara. *O retrato na gaveta*. In: \_\_\_\_\_. *O elo perdido e outras histórias*. São Paulo: Ática, 1992.

ROA BASTOS, Augusto. *Lucha hasta el alba*. Disponível em <http://www.romanistik.uni-mainz.de/hisp/roa/lucha.html>. Acesso em 02. jul. 2007.

RODRIGUES, Nelson. *A vida como ela é*. 2. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2006.

RODRIGUES, Paulo dos Santos. *À margem da linha*. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.

ROSA, João Guimarães. *Os irmãos Dagobé*. In: \_\_\_\_\_. *Primeiras estórias*. 24. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

ROTH, Philip. *Homem comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

RUSHDIE, Salman. *Os filhos da meia-noite*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

ROY, Arundhati. *O deus das pequenas coisas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SANCHES NETO, Miguel. *Contos para ler ouvindo música*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

SAND, George. *Os gêmeos*. São Paulo: Saraiva, 1953.

SANT'ANNA, Sérgio. *Composição I*. In: SANCHES NETO, Miguel. *Contos para ler ouvindo música*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

SANTIAGO, Silviano. *De cócoras*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

SARAIVA, HELOISA. *Na estrada*. In: COSTA, Flávio Moreira da (Org.). *Crime feito em casa: contos policiais brasileiros*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

SARAMAGO, José. *O homem duplicado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SEIXAS, Heloísa. *Assombração*. In: VIANNA, Lúcia Helena; GUIDIN, Márcia Lígia. *Contos de escritoras brasileiras*. São Paulo: Martins Fontes, 2003a.

\_\_\_\_\_. *Pérolas absolutas*. Rio de Janeiro: Record, 2003b.

SOUZA, Márcio. *A resistível ascensão do Boto Tucuxi*: folhetim. São Paulo: Marco Zero, 1982.

STEINBECK, John. *Vidas amargas* (A leste do Éden). 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1990.

STRAUSZ, Rosa Amanda (Org.). *13 dos melhores contos de amor da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

SHAKESPEARE, William. *The tragedy of Hamlet prince of Denmark*. In: *Harvard Classics: Elizabethan Drama*. 15. ed. v. 1. New York: P. F. Collier & Son Corporation, 1956.

\_\_\_\_\_. *Complete Works of Shakespeare: The comedy of errors*. 2. ed. Waltham, Massachusetts: Blaisdell Publishing Company, 1966.

\_\_\_\_\_. *Twelfth night or what you will*. 2. ed. Waltham, Massachusetts: Blaisdell Publishing Company, 1966.

SHELLEY, Mary Wollstonecraft; STOKER, Bram; STEVENSON, Robert Louis. *Frankenstein, Drácula e O médico e o monstro*. 3. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

SMITH, Zadie. *Dentes brancos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

TANIZAKI, Jun'ichiro. *As irmãs Makioka*. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

TARTARI, Ataíde. *Irmão*. In: FERNANDES, Rinaldo de. *Contos cruéis: as narrativas mais violentas da literatura brasileira contemporânea*. São Paulo: Geração Editorial, 2006.

TORRES, Antônio. *Essa terra*. 9. ed. São Paulo: Ática, 1991.

TWAIN, Mark. *O príncipe e o mendigo*. Rio de Janeiro: Record, s/d.

UNAMUNO, Miguel de. *Abel Sánchez: uma história de paixão*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

UPDIKE, John. *A outra*. In: \_\_\_\_\_. *Confie em mim*. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

\_\_\_\_\_. *Gertrudes e Cláudio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

VARGAS LLOSA, Mário. *O irmão menor*. In: \_\_\_\_\_. *Os chefes*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1976.

\_\_\_\_\_. *Travessuras da menina má*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2006.

VEIGA, José J. *Entre irmãos*. In: \_\_\_\_\_. *Melhores contos de J. J. Veiga*. (Seleção de José Aderaldo Castello). 4. ed. São Paulo: Global, 2000.

VERISSIMO, Luís Fernando. *A décima segunda noite*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

VIANNA, Lúcia Helena; GUIDIN, Márcia Lígia. *Contos de escritoras brasileiras*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.



## 2. Bibliografia geral

- ABDALA JR., Benjamin; CAMPEDELLI, Samira Youssef. *Tempos da literatura brasileira*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2001.
- ADORNO, Theodor. *Mínima moralia*. São Paulo: Ática, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Posição do narrador no romance contemporâneo*. In: \_\_\_\_\_. *Notas de literatura I*. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2003.
- AGOSTINHO, Marcelo Lábaki; SANCHEZ, Tatiana Maria (Orgs.). *Família: conflitos, reflexões e intervenções*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.
- AGUIAR e SILVA, Vitor Manuel. *A estrutura do romance*. Coimbra: Almedina, 1974.
- ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado*. 3. ed. Lisboa: editorial Presença, 1980.
- ANDRADE, Mário de. *O empalhador de passarinhos*. Brasília, Martins, 1972
- ANTELO, Raúl (Org.). *Identidade e representação*. Florianópolis: UFSC, 1994.
- ARMSTRONG, Karen. *Breve história do mito*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- ARANHA, Altair J. *Dicionário brasileiro de insultos*. Cotia: Ateliê Editorial, 2002.
- ARENDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- ARNS, Paulo Evaristo; POTTER, Philip. *Brasil: nunca mais*. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.
- ARILHA, Margareth; UNBEHAUM, Sandra G.; MEDRADO, Benedito (Orgs.). *Homens e masculinidade: outras palavras*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2001.
- ARRIGUCCI Jr., Davi. *Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Achados e perdidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- ARRUDA, Angela (Org.). *Representando a alteridade*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- ARRUDA FILHO, Raul José Matos de. *Campos de Carvalho: o absurdo da existência*. (Texto apresentado na disciplina *Nonsense e Onirismo – aspectos da literatura do século XX*, do Curso de Pós-Graduação em Letras – Literatura Brasileira e Teoria Literária. Florianópolis: UFSC, 2003). Inédito.

\_\_\_\_\_. *Algumas anotações sobre a fraternidade consangüínea na literatura brasileira*. V Seminário Internacional de História da Literatura. Porto Alegre, PUCRS, outubro de 2003. CD-ROM.

\_\_\_\_\_. *Pelos olhos de Nael: entre o exílio e a ruína*. IX Congresso Internacional ABRALIC (Travessias). Porto Alegre, UFRGS, julho de 2004. CD-ROM.

\_\_\_\_\_. *Pérolas absolutas, conchas relativas*. (Texto apresentado na forma de “comunicação” no Encontro Internacional “Fazendo Gênero” 6. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, agosto de 2004). Inédito.

AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. *Dicionário teórico e crítico de cinema*. Campinas: Papirus, 2003.

AZEVEDO, Ana Vicentini de. *A metáfora paterna na psicanálise e na literatura*. Brasília/São Paulo: Edunb/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2001.

AUERBACH, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BALDINI, Massimo (Org.). *Amizade e filósofos*. Bauru: EDUSC, 2000.

BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira: poesias reunidas*. 28. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

BARASH, David P.; BARASH, Nanelle R.. *Os ovários de Madame Bovary: um olhar darwiniano sobre a literatura*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006.

BARROWS, Kate. *Inveja*. Rio de Janeiro/ São Paulo: Relume Dumará, Ediouro/ Segmento-Duetto, 2005. (Conceitos de Psicanálise, v. 19).

BARTHES, Roland. *Mitologias*. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1989.

\_\_\_\_\_. *O grau zero da escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BAUDRILLARD, Jean. *Da sedução*. Campinas: Papirus, 1991.

\_\_\_\_\_. *A transparência do mal: ensaios sobre fenômenos extremos*. São Paulo: Papirus, 1992.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

\_\_\_\_\_. *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

BECKETT, Samuel. *Proust*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

BECKSON, Karl (Org.). *O melhor de Oscar Wilde*. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

BEIGUELMAN, Bernardo. *O estudo de gêmeos*. In: <http://www.desvirtual.com/bbeiguel/ebook.htm>.

BEIGUELMAN, Paula. *Pequenos estudos de ciência política*. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1973.

BELLO, José Maria. *História da República*. 6. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1972.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. v. 1. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BERNARD, Philippe J. *Perversões da utopia moderna*. Bauru: Edusc, 2000.

BERLIN, Isaiah. *Estudos sobre a humanidade: uma antologia de ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

\_\_\_\_\_. *A força das idéias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BERTOLLI FILHO, Cláudio. *De Getúlio a Juscelino*. São Paulo: Ática, 2002.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

BÍBLIA Sagrada. (Tradução da CNBB). São Paulo: Loyola, 2001.

BIRMAN, Joel. *Insuficientes, um esforço a mais para sermos irmãos!* In: KEHL, Maria Rita (Org.). *Função fraterna*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

\_\_\_\_\_. *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BOSI, Alfredo. *Machado de Assis: o enigma do olhar*. São Paulo: Ática, 1999.

\_\_\_\_\_. *História concisa da literatura brasileira*. 38 ed. São Paulo: Cultrix, 2001.

BOSI, Alfredo; GARBUGLIO, José Carlos; CURVELO, Mário; FACIOLI, Valentim. *Machado de Assis*. São Paulo: Ática, 1982.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

\_\_\_\_\_. *A economia das trocas simbólicas*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia grega*. v.1; 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

\_\_\_\_\_. *Mitologia grega*. v. 2. Petrópolis: Vozes, 1987.

BRANDÃO, Ruth Silviano. *Literatura e psicanálise*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1996.

BRICOUT, Bernardette (Org.). *O olhar de Orfeu: os mitos literários do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

BRUNEL, Pierre (Org.). *Dicionário de mitos literários*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

BULFINCH, Thomas. *O livro de ouro da mitologia: histórias de deuses e heróis*. 21. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

BURTON, Richard (Org.). *O jardim perfumado do xequê Nefzaui*: manual erótico árabe. Rio de Janeiro: Record, 2002.

CALASSO, Roberto. *A literatura e os deuses*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CALMON, Pedro. *História de D. Pedro II*. v. 4 (a abolição e a República, 1887-1889). Rio de Janeiro/Brasília: José Olympio/INL, 1975. (Documentos Brasileiros, n. 165).

CALDEIRA, Jorge *et alii*. *História do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

CALÓGERAS, João Pandiá. *Formação histórica do Brasil*. 8. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1980. (Brasiliana).

CAMPBELL, Colin. *A ética romântica e o espírito do consumismo moderno*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

CANEVACCI, Massimo. *Dialética da família*: gênese, estrutura e dinâmica de uma instituição repressiva. São Paulo: Brasiliense, 1985.

CANDIDO, Antonio *et alii*. *A personagem de ficção*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1972.

CARDOSO, Fernando Henrique. *Dos governos militares a Prudente – Campos Sales*. In: FAUSTO, Boris (Org.). *História geral da civilização brasileira*. Tomo III – O Brasil Republicano (2º vol. – Sociedade e instituições). 3. ed. São Paulo: Difel, 1985.

CARNEIRO, Flávio. *No país do presente*: ficção brasileira no início do século XXI. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

CARONE, Edgard. *A quarta república (1945-1964)*. São Paulo: Difel, 1980.

CARPINEJAR, Fabrício. Um velho tango 78 rotações. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 03 dez. 2006. **Cultura**, p. D5.

CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados*: o Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CARVALHO, Napoleão de. *O que pensou e disse Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Dublin/ Sette Letras, 2004.

CARVALHO, Sílvia Maria Schmuziger de. *Jurupari*: estudos de mitologia brasileira. São Paulo: Ática, 1979.

CASSIN, Barbara; LORAUX, Nicole; PESCHANSKI, Catherine. *Gregos, bárbaros, estrangeiros*: a cidade e seus outros. São Paulo: Editora 34, 1993.

CASSIRER, Ernest. *Linguagem e mito*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

- CAVALCANTI, Ana Elisabeth; CARDOSO, Cármen; ROCHA, Paulina Schmidtbauer. “Reflexões sobre a instituição psicanalítica na contemporaneidade”. In: KEHL, Maria Rita (Org.). *Função fraterna*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- CERDEIRA, Teresa Cristina. *Casablanca, Lisboa, Londres, Paris, Joanesburgo, o mundo... Scripta*. v.1., n. 2. Belo Horizonte, 1º sem. 1998. p. 335-337.
- CICERO, Marco Túlio. *Saber envelhecer; Lélío, ou a amizade*. Porto Alegre: L&PM, 1999.
- CLASTRES, Pierre. *Liberdade, mau encontro, inominável*. In: LA BOÉTIE, Etienne de. *Discurso da servidão voluntária*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- COHEN, Marleine. *Juscelino Kubitschek, o presidente bossa nova*. Rio de Janeiro: Globo editora, 2005.
- COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.
- COMTE-SPONVILLE, André. *Pequeno tratado das grandes virtudes*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- COSTA, Jurandir Freire. *Violência e psicanálise*. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- \_\_\_\_\_. *A ética e o espelho da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Playdoier pelos irmãos*. In: KEHL, Maria Rita (Org.). *Função fraterna*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- CROMBERG, Renata Udler. *Cena incestuosa*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.
- COULANGES, Fustel de. *A cidade antiga: estudo sobre o culto, o direito, as instituições da Grécia e de Roma*. 8. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.
- cummings, e. e. *Select poems: 1923-1958*. London (Great Britain): Faber and Faber, 1988.
- CURY, Maria Zilda Ferreira. *Imigrantes e agregados: personagens femininas na ficção de Milton Hatoum*. In: DUARTE, Constância Lima; DUARTE, Eduardo Assis; BEZERRA, Kátia da Costa. *Gênero e representação na literatura brasileira*. Belo Horizonte: UFMG (pós-graduação em Letras, Estudos Literários), 2002. (Coleção Mulher e Literatura, v. II.).
- DAL FARRA, Maria Lúcia. *De Pedro a Paula: um caso de amor de Helder Macedo*. In: [http://www.geocities.com/ail\\_br/depedroapaula.htm](http://www.geocities.com/ail_br/depedroapaula.htm). Acesso: 05 mar. 2002.
- D’ARAÚJO, Maria Celina Soares. *O Estado Novo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DONNE, John. *To Mr. T. W.* In: [www.luminarium.org/sevenlit/donne/tomrtw.htm](http://www.luminarium.org/sevenlit/donne/tomrtw.htm). Acesso em...

DOR, Jöel. *O pai e a sua função em psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

DUARTE, Constância Lima; DUARTE, Eduardo Assis; BEZERRA, Kátia da Costa. *Gênero e representação na literatura brasileira*. Belo Horizonte: UFMG (pós-graduação em Letras, Estudos Literários), 2002. (Coleção Mulher e Literatura, v. II.).

DUMOULIÉ, Camille. *O desejo*. Petrópolis: Vozes, 2005.

DUPUY, Jean-Pierre. *A catástrofe, o império da técnica e o desaparecimento da natureza: a tentação de apagar a política com a técnica*. In: NOVAES, Adauto. *O esquecimento da política*. Rio de Janeiro: Agir, 2007.

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

\_\_\_\_\_. *Seis propostas para o próximo milênio*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ELIOT, Thomas Stearns. *The waste land*. Disponível em:  
<http://hps.infolink.com.br/peco/libraria/L00012d.htm>. Acesso em 23. Out. 2007.

ELIOT, T. S. *Poesia*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981. (Tradução de Ivan Junqueira).

FAORO, Raymundo. *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio*. 4. ed. São Paulo: Globo, 2001.

FARIA, Antonio Augusto da Costa; BARROS, Edgard L. *Getúlio Vargas e sua época*. 9. ed. São Paulo: Global Editora, 1988.

FAUSTO, Boris (Org.). *História geral da civilização brasileira*. Tomo III – O Brasil Republicano (1º vol. – Estrutura de poder e economia). 4 ed. São Paulo: Difel, 1985.

\_\_\_\_\_. *História geral da civilização brasileira*. Tomo III – O Brasil Republicano (2º vol. – Sociedade e instituições). 3. ed. São Paulo: Difel, 1985.

\_\_\_\_\_. *História do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Edusp/Fundação para o Desenvolvimento da Educação, 1995.

\_\_\_\_\_. *Getúlio Vargas: o poder e o sorriso*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

FENELON, Dea Ribeiro (Org.). *50 textos de história do Brasil*. São Paulo: Hucitec, 1986.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda (org.). *Novo dicionário da língua portuguesa*. 24. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FIGUEIREDO, Luís Cláudio. *Sobre pais e irmãos: mazelas da democracia no Brasil*. In:

- KEHL, Maria Rita (Org.). *Função fraterna*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- FIGUEIREDO, Mônica do Nascimento. *O corpo, esta casa no mundo* (A propósito de *Pedro e Paula*, de Helder Macedo). In: [http://www.geocities.com/ail\\_br/ocorpoestaemcasanomundo.htm](http://www.geocities.com/ail_br/ocorpoestaemcasanomundo.htm). Acesso em 05 mar. 2002.
- FISCHER, Luis Augusto. *Indivíduo contra massa: Nelson Rodrigues trágico*. In: ROSENFELD, Kathrin Holzermayr; MARSHAL, Francisco (Orgs.). *Filosofia e literatura: o trágico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. (Filosofia Política. Série III; n. 1).
- FORSTER, Edward Morgan. *Aspectos do romance*. Porto Alegre: Globo, 1974.
- FRANCHINI, A. S.; SEGANFREDO, Carmen. *As 100 melhores histórias da mitologia: deuses, heróis, monstros e guerras da tradição greco-romana*. Porto Alegre: L&PM, 2003.
- FRANCONI, Rodolfo A. *Erotismo e poder na ficção brasileira contemporânea*. São Paulo: Annablume, 1997.
- FREITAS, Luiz Alberto Pinheiro de. *Freud e Machado de Assis: uma interseção entre psicanálise e literatura*. 2. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.
- FREUD, Anna. *O ego e os mecanismos de defesa*. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.
- FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Totem e tabu*. Rio de Janeiro: Imago, 2005.
- FURLAN, Stélio. *Machado de Assis, o crítico: enigmas de um rio sem margens*. Florianópolis: Momento Atual, 2003.
- FRYE, Northrop. *O código dos códigos: a bíblia e a literatura*. São Paulo: Boitempo, 2004.
- GABEIRA, Fernando. *O que é isso, companheiro?* 18. ed. Rio de Janeiro: Codecri, 1980.
- GARBUGLIO, José Carlos. *A linguagem política de Machado de Assis*. In: BOSI, Alfredo; GARBUGLIO, José Carlos; CURVELO, Mário; FACIOLI, Valentim. *Machado de Assis*. São Paulo: Ática, 1982.
- GARCIA CANCLINI, Néstor. *Diferentes, desiguais e desconectados*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4. Ed. São Paulo: Edusp, 2006.

- GARFINKEL, Perry. *No mundo dos homens: pais, filhos, irmãos, amigos e outros papéis que os homens desempenham*. São Paulo: Melhoramentos, 1988.
- GASPARI, Elio. *A ditadura envergonhada* (as ilusões armadas). São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- \_\_\_\_\_. *A ditadura escancarada* (as ilusões armadas). São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- \_\_\_\_\_. *A ditadura derrotada* (o sacerdote e o feiticeiro). São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- \_\_\_\_\_. *A ditadura encurralada* (o sacerdote e o feiticeiro). São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- GLEDSON, John. *Machado de Assis: ficção e história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- \_\_\_\_\_. *Machado de Assis: impostura e realismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Por um novo Machado de Assis: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- GOLDBERG, Jacob Pinheiro. *Cultura da agressividade*. 3. ed. São Paulo: Landy, 2004.
- GOLDMANN, Lucien. *Sociologia do romance*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- GOMES, Eugênio. *Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1958.
- GOMES, Marcelo Bolshaw. *O Espelho no tempo: representação signica & imaginação simbólica*. In: [www.facom.ufba.br/pretextos/bolshaw1.html](http://www.facom.ufba.br/pretextos/bolshaw1.html). Acesso em 09 fev. 2003.
- GREIMAS, Algirdas Julien; FONTANILLE, Jacques. *Semiótica das paixões*. São Paulo: Ática, 1993.
- GUEDES, Aleixo S. *O cafajeste dionisiaco*. **Cult**, São Paulo, n. 41, dez. 2000.
- GUÉIROS, Rosário Farâni Mansur. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. São Paulo/ Curitiba: Companhia Editora Nacional/ Editora da Universidade Federal do Paraná, 1979.
- GUERRIERO, Silas (Org.). *Antropos e psique: o Outro e sua subjetividade*. São Paulo: Olho d'Água, 2000.
- GUIDIN, Márcia Lígia. *Armário de vidro: velhice em Machado de Assis*. São Paulo: Nova Alexandria, 2000.
- GUIMARÃES, Ruth. *Dicionário de mitologia grega*. São Paulo: Cultrix, 1983.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Os Lugares da Tragédia*. In: ROSENFELD, Kathrin Holzermayr. MARSHALL, Francisco (Orgs.). *Filosofia e Literatura: O Trágico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. (Filosofia Política. Série III; n. 1). p. 9-19.
- HAUG, Wolfgang Fritz. *Crítica da estética da mercadoria*. São Paulo: Editora da Unesp, 1997.



- HOLANDA, Sergio Buarque. *História geral da civilização brasileira*. Tomo II – O Brasil Monárquico (2º vol. – Dispersão e unidade). São Paulo: Difel, 1985.
- HOLLANDA, Chico Buarque. *Chico Buarque, tantas palavras*: todas as letras & reportagem bibliográfica de Humberto Werneck. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). *Pós-modernismo e política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.
- HOSSNE, Andrea Saad. *Bovarismo e romance* (Madame Bovary e Lady Oracle). Cotia: Ateliê Editorial, 2000.
- IMBASCIATI, Antonio. *Afeto e representação*: para uma psicanálise dos processos cognitivos. São Paulo: Editora 34, 1998.
- IGLÉSIAS, Francisco. *Trajectoria política do Brasil: 1500-1964*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- JAMESON, Fredrik. *O inconsciente político*: a narrativa como um ato socialmente simbólico. São Paulo: Ática, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1997.
- JOBIM, José Luís (Org.). *Palavras da crítica*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- JOFFE, Hélène. *Degradação, desejo e “o outro”*. In: ARRUDA, Angela (Org.). *Representando a alteridade*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- JOLLES, André. *Formas simples*: legenda, saga, mito, adivinha, ditado, caso, memorável, conto, chiste. São Paulo: Cultrix, 1976.
- KEHL, Maria Rita. *Sobre ética e psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Ressentimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- KEHL, Maria Rita (Org.). *Função fraterna*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- KEMP, Kênia. *Identidade cultural*. In: GUERRIERO, Silas (Org.). *Antropos e psique: o Outro e sua subjetividade*. São Paulo: Olho d'Água, 2000.
- KILEY, Dan. *Síndrome de Peter Pan*. 20. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1987.
- KING, Stephen. *Introdução*. In: SHELLEY, Mary Wollstonecraft; STOKER, Bram; STEVENSON, Robert Louis. *Frankenstein, Drácula e O médico e o monstro*. 3. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.
- KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- KOTHE, Flávio René. *Para ler Benjamin*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.
- LA BOÉTIE, Etienne de. *Discurso da servidão voluntária*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

- LAFETÁ, João Luiz. *A dimensão da noite e outros ensaios*. (Org. Antonio Armoni Prado). São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2004.
- LAJONQUIÈRE, Leandro de. *Psicanálise, modernidade e fraternidade* – notas introdutórias. In: KEHL, Maria Rita (Org.). *Função fraterna*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- LANSOWSKI, Eric. *Presenças do outro: ensaios de sociossemiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- LA ROCHEFOUCAULD, François, Duc de. *Máximas e reflexões*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.
- LASCH, Christopher. *A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- \_\_\_\_\_. *O mínimo eu: sobrevivência psíquica em tempos difíceis*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- LEENHARDT, Jacques. *O que se pode dizer da violência?* (Prefácio). In: LINS, Ronaldo Lima. *Violência e literatura*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.
- LEENHARDT, Jacques; PESAVENTO, Sandra Jatahy (Orgs.). *Discurso histórico e narrativa literária*. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.
- LEVINAS, Emmanuel. *El tiempo y el otro*. Barcelona: Paidós, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Entre nós: ensaios sobre a alteridade*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *As estruturas elementares do parentesco*. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1982.
- LIMA, Luiz Costa. *A perversão do trapezista: o romance em Cornélio Penna*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- \_\_\_\_\_. *Dispersa demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.
- \_\_\_\_\_. *Vida e mimesis*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Mimesis: desafio ao pensamento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Intervenções*. São Paulo: Edusp, 2002.
- LINS, Ronaldo Lima. *Violência e literatura*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.
- LIPOVETSKY, Gilles. *A era do vazio: ensaio sobre o individualismo contemporâneo*. Lisboa: Relógio d'Água Editores, 1989.
- LLOSA, Mário Vargas. *Orgia perpétua: Flaubert e Madame Bovary*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.
- LOBO, Luiza (Org.). *Globalização e literatura*. v. 1. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

- LOPES, Lúcia Leite Ribeiro Prado. *Machado de A a X* – um dicionário de citações. São Paulo: Editora 34, 2001.
- LUKÁCS, Georg. *Teoria do romance*. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2000.
- MAAS, Wilma Patrícia Marzari Dinardo. *O cânone mínimo: o bildungsroman na história da literatura*. São Paulo: Unesp, 2000.
- MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. *Machado de Assis e a política*. In: \_\_\_\_\_. *Machado de Assis desconhecido*. São Paulo: Livros Irradianes S. A. (LISA), 1971.
- \_\_\_\_\_. *Vida e obra de Machado de Assis*. 5. v. Rio de Janeiro/Brasília: Civilização Brasileira/INL, 1981.
- MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da obra literária*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- MANGUEL, Alberto. *Os livros e os dias: um ano de leituras prazerosas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- \_\_\_\_\_. *A biblioteca à noite*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- MARQUES, Fernando. *Um teatro hiperbólico*. **Cult**, São Paulo, n. 41, dez. 2000.
- MASINA, Léa; CARDONI, Vera. *Literatura comparada e psicanálise: interdisciplinaridade, interdiscursividade*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2002.
- MATTÉI, Jean-François. *A barbárie interior: ensaio sobre o i-mundo moderno*. São Paulo: Unesp, 2002.
- MAXWELL, Kenneth. *O império derrotado: revolução e democracia em Portugal*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- MEYER, Augusto. *O romance machadiano: o homem subterrâneo*. In: BOSI, Alfredo; GARBUGLIO, José Carlos; CURVELO, Mário; FACIOLI, Valentim. *Machado de Assis*. São Paulo: Ática, 1982.
- MEZAN, Renato. *Freud, pensador da cultura*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- \_\_\_\_\_. *A sombra de Don Juan e outros ensaios*. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- MELETÍNSKI, Eleazar Mosseievitch. *Os arquétipos literários*. 2. ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2002.
- MINDLIN, Betty. *Diários índios: os Urubus-Kaapor*. **Rev. Bras. Ci. Soc.**, São Paulo, v. 13, n. 36, 1998. Disponível em: [www.scielo.br/scielo.php?](http://www.scielo.br/scielo.php?). Acesso em 27. set. 2006.
- MOISÉS, Massaud. “Nota Preliminar”. In: ASSIS, Machado de. *Esau e Jacó*. 4. Ed. São Paulo: Cultrix, 1966.
- \_\_\_\_\_. *Dicionário de termos literários*. 6. ed. São Paulo: Cultrix, 1992.

- MUIR, Edwin. *A estrutura do romance*. Porto Alegre: Globo, s/d.
- MULLAHY, Patrick. *Édipo: mito e complexo – uma crítica da teoria psicanalítica*. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- MURICY, Katia. *A razão crítica: Machado de Assis e as questões de seu tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- MUSZBAT, Malvina Ester. *Violência de gênero e paternidade*. In: ARILHA, Margareth; UNBEHAUM, Sandra G.; MEDRADO, Benedito (Orgs.). *Homens e masculinidade: outras palavras*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2001.
- NESTROVSKI, Artur. *Uma Outra História*. **Folha de São Paulo**. 11 jun. 2000. Mais!, p. 22-23.
- NITRINI, Sandra. *Literatura comparada: história, teoria e crítica*. São Paulo: Edusp, 1997.
- NOLASCO, Sócrates. *O mito da masculinidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- \_\_\_\_\_. *De Tarzan a Homer Simpson: banalização e violência masculina em sociedades contemporâneas ocidentais*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- \_\_\_\_\_. *O primeiro sexo e outras mentiras sobre o segundo: as questões que mais estão mexendo com a cabeça dos homens*. Rio de Janeiro: Best Seller, 2006.
- NOVAES, Adauto (Org.). *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- \_\_\_\_\_. *O desejo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Ética*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- \_\_\_\_\_. *A crise da razão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Civilização e barbárie*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- \_\_\_\_\_. *O esquecimento da política*. Rio de Janeiro: Agir, 2007.
- OLIVEIRA, Nelson de. *Aumente o volume do silêncio* (posfácio). In: CARASCOZA, João Anzanello. *O volume do silêncio*. (Seleção e posfácio de Nelson de Oliveira). São Paulo: Cosac Naify, 2006.
- ORICO, Osvaldo. *Mitos ameríndios e credences amazônicas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.
- ORTEGA, Francisco. *Por uma política da amizade: Arendt, Derrida, Foucault*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Genealogias da amizade*. São Paulo: Iluminuras, 2002.

- PAES, José Paulo. *Um aprendiz de morto*. In: \_\_\_\_\_. *Gregos e baianos: ensaios*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- PARKES, Colin Murray. *Luto: estudos sobre a perda na vida adulta*. São Paulo: Summus, 1998.
- PASSOS, Gilberto Pinheiro. *As sugestões do Conselheiro: a França em Machado de Assis: Esaú e Jacó e Memorial de Aires*. São Paulo: Ática, 1996.
- PEIXOTO, Nelson Bissac. *A sedução da barbárie: o marxismo na modernidade*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- PEREIRA, Astrojildo. *Machado de Assis: ensaios e apontamentos avulsos*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1959.
- PEREIRA, Maria Antonieta. *Reflexões sobre a República, em Machado de Assis*. **Scripta**. v.3., n. 6. Belo Horizonte, 1º sem. 2000. p. 129-136.
- PETRINI, João Carlos; CAVALCANTI, Vanessa Ribeiro Simon (Orgs.). *Família, sociedade e subjetividades: uma perspectiva multidisciplinar*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- PETRINI, João Carlos. *Mudanças sociais e mudanças familiares*. In: PETRINI, João Carlos; CAVALCANTI, Vanessa Ribeiro Simon (Orgs.). *Família, sociedade e subjetividades: uma perspectiva multidisciplinar*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. *A Cidade Flutuante*. **Folha de São Paulo**. 12 ago. 2000. Jornal de Resenhas. p. 7.
- PETRINI, João Carlos; CAVALCANTI, Vanessa Ribeiro Simon (Orgs.). *Família, sociedade e subjetividades: uma perspectiva multidisciplinar*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- PFEIFFER, Karl Ludwig. *Tragicidade: significado existencial ou performance irresistível, conflito normativo ou efeito midiático?* In: ROSENFELD, Kathrin Holzermayr; MARSHAL, Francisco (Orgs.). *Filosofia e literatura: o trágico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. (Filosofia Política. Série III; n. 1).
- PIERUCCI, Antônio Flávio. *Ciladas da diferença*. São Paulo: Editora 34, 1999.
- PIGLIA, Ricardo. *O último leitor*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- PIRES, Lucas Rodrigues de Mota. *O Brasil de Juscelino Kubitschek*. São Paulo: Landy, 2006.
- PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Aforismos sem juízo*. **Estado de São Paulo**, 07. jan. 2007. Caderno 2 (Cultura), p. D-3.
- PONTES, Eloy. *A vida contraditória de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1939.

- POUILLON, Jean. *O tempo no romance*. São Paulo: Cultrix, 1974.
- PROENÇA, Manuel Cavalcanti. *Estudos literários*. 2. ed. Rio de Janeiro/Brasília: José Olympio/INL, 1974.
- QUINET, Antonio. *Um olhar a mais: ver e ser visto em psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M.. *Dicionário de teoria da narrativa*. São Paulo: Ática, 1988.
- RIBEIRO, Renato Janine. *A sociedade contra o social: o alto custo da vida pública no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- RICOUER, Paul. *O mal: um desafio à filosofia e à teologia*. Campinas: Papirus, 1988.
- RIEDEL, Dirce Cortes. *Um romance "histórico"*. In: ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Esau e Jacó*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1990.
- ROBERT, Marthe. *Romance das origens, origens do romance*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- ROLIN, Olivier. *Tigre de papel*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.
- ROSA, Sônia Biehler. *O julgamento do abuso sexual incestuoso na jurisprudência do Tribunal de Justiça do Estado de Santa Catarina: uma questão além do jurídico*. [Dissertação de Mestrado]. Florianópolis: CFCH/UFSC, 2002.
- ROSENFELD, Kathrin Holtermayr; MARSHAL, Francisco (Orgs.). *Filosofia e literatura: o trágico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. (Filosofia Política. Série III; n. 1).
- ROSOLATO, Guy. *A força do desejo: o âmago da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
- ROSSET, Clément. *O real e seu duplo*. Porto Alegre: L&PM, 1998.
- ROUANET, Sérgio Paulo. *As razões do iluminismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- ROUDINESCO, Elizabeth. *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- ROUDINESCO, Elizabeth; PLON, Michel. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- RUFO, Marcel. *Irmãos: como entender essa relação*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.
- RUSSO, Renato. *Por enquanto*. Disponível em <http://letras.terra.com/renato-russo/243674/>.
- SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: companhia das Letras, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003a.
- \_\_\_\_\_. *Cultura e política*. São Paulo: Boitempo, 2003b.

- \_\_\_\_\_. *Cultura e resistência* (entrevistas com David Barsamian). Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Análise estrutural de romances brasileiros*. 7. ed. São Paulo: Ática, 1990.
- SCANTIMBURGO, João de. *A crise da república presidencial: do Marechal Deodoro ao Marechal Castelo Branco*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1969.
- SCHNEIDER, Michel. *Mortes imaginárias*. São Paulo: A Girafa, 2005.
- SCHOLES, Robert; KELLOGG, Robert. *A natureza da narrativa*. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1977.
- SCHÜLER, Donaldo. *Teoria do romance*. São Paulo: Ática, 1989.
- SCHWARZ, Roberto (Org.). *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- SCHWARZ, Roberto. *Que horas são?: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. 2 ed. São Paulo: Duas Cidades, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Ao vencedor as batatas*. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Seqüências brasileiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *A diversidade como destino*. **Estado de São Paulo**, 12 fev. 2006. Caderno 2 (Cultura), p. D-9.
- SZMRECSANYI, Tamas; GRANZIERA, Rui Guilherme. *Getúlio Vargas e a economia contemporânea*. 2. ed. São Paulo/ Campinas: Hucitec/Unicamp, 2005.
- SEGANFREDO, Carmen; FRANCHINI, A. S.. *As melhores histórias da mitologia egípcia*. Porto Alegre: L&PM, 2006.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira República*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- SILVA, Deonísio da. *A vida íntima das palavras: origens e curiosidades da língua portuguesa*. São Paulo: Arx, 2002.
- SILVA, Francisco de Assis; BASTOS, Pedro Ivo de Assis. *História do Brasil: colônia, império e república*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1983.
- SILVA, Hélio. *1889: a República não esperou o amanhecer*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.
- SILVA, Marisa Corrêa. *A viagem em Pedro e Paula, de Helder Macedo*. In: [http://www.geocities.com/ail\\_br/aviagemempedroepaula.html](http://www.geocities.com/ail_br/aviagemempedroepaula.html). Acesso em 28 jan. 1999.

- SKIDMORE, Thomas E. *Brasil: de Getúlio a Castelo* (1930-1964). 12. ed. Rio de Janeiro, 2000a.
- \_\_\_\_\_. *Brasil: de Castelo a Tancredo* (1964-1985). 7. ed. Rio de Janeiro, 2000b.
- \_\_\_\_\_. *Uma história do Brasil*. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000c.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da burguesia brasileira*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Formação histórica do Brasil*. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- SONTAG, Susan. *A doença como metáfora*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- \_\_\_\_\_. *Contra a interpretação*. Porto Alegre: LP&M, 1987a.
- \_\_\_\_\_. *A vontade radical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987b.
- \_\_\_\_\_. *Aids e suas metáforas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Questão de ênfase: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- SOUZA, Maria Salete Daros de. *Desamores: a destruição do idílio familiar na ficção contemporânea*. Florianópolis/São Paulo: Editora da UFSC/EDUSP, 2005.
- STEIN, Ingrid. *Figuras femininas em Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- SUHAMI, Jeanne. *Guia da ópera: 60 óperas célebres resumidas e comentadas*. Porto Alegre: L&PM, 1997.
- SÜSSEKIND, Flora. *Tal Brasil, qual romance?* Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.
- \_\_\_\_\_. *Literatura e vida literária: polêmicas, diários & retratos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- SYRKIS, Alfredo. *Os carbonários: memórias da guerrilha perdida*. 3. ed. São Paulo: Global Editora, 1980.
- THE CONCISE OXFORD DICTIONARY. 7. ed. (reimpressão). Avon (Great Britain): The Bath Press, 1989.
- THOREAU, Henry David. *Desobediência civil*. Porto Alegre: L&PM, 2002.
- TOVAR, Paco. “*Lucha hasta el alba*”, de Augusto Roa Bastos. *Fábula restaurada de un texto recuperado*. Disponível em <http://web.udl.es/dept/filcef/scriptura/tovarroa.html>. Acesso em 02. jul. 2007.
- VALAS, Patrick. *As dimensões do gozo: do mito da pulsão à deriva do gozo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- VELOSO, Caetano. *Caetano Veloso*. (Orgs.: Paulo Elias Aliane Franchetti; Alcyr Bernardez Pécora). São Paulo: Abril Educação, 1981. (*Literatura Comentada*).
- VENTURA, Zuenir. *Mal secreto*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.



- VENTURELLI, Paulo. *Caleidoscópio em movimento*. **Rascunho**, Curitiba, jan. 2004. n° 45, a. 4, p. 3.
- VERGARA, Luiz. *Getúlio Vargas passo a passo: 1928-1945*. Porto Alegre: Age Editora, 2000.
- VERNANT, Jean-Pierre; VIDAL-NAQUET, Pierre. *Mito e tragédia na Grécia antiga*. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- VIANA FILHO, Luiz. *A vida de Machado de Assis*. São Paulo/Brasília: Martins/INL, 1974.
- VIGARELLO, Georges. *História do estupro: violência sexual nos séculos XVI-XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- VILLAS BOAS, Orlando; VILLAS BOAS, Cláudio. *Xingu: os índios, os mitos*. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1976.
- ZIZEK, Slavoj. Sensibilidade para a inércia. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 08 fev. 2004. **Mais!**, p. 4-6.
- WATT, Ian. *A ascensão do romance*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Mitos do individualismo moderno: Fausto, Dom Quixote, Dom Juan, Robinson Crusoe*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- WOLFF, Francis. *Quem é bárbaro?* In: NOVAES, Adauto. *Civilização e barbárie*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- WOLFF, Tobias. *Meus dias de escritor*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- YEATS, William Butler. *Poemas*. (Tradução de Paulo Vizioli). São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- YOUNG, Jordan M. *Brasil 1954-1964: fim de um ciclo civil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1974.